

BOX DIGITAL

NEIL GAIMAN

intrínseca



DEUSES LUGAR OS FILHOS
AMERICANOS NENHUM ANANSI



DESIGN DE CAPA
Antonio Rhoden

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
Houston Trueblood

E-ISBN
978-65-5560-086-5

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Créditos do box

Mídias sociais

Deuses americanos

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Uma introdução a esta edição

Um comentário sobre o texto

Uma advertência e um alerta para os viajantes

Epígrafe

Parte Um

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Parte Dois

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Parte Três

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Parte Quatro

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Posfácio

Agradecimentos

Apêndice

Extras

Notas do tradutor

Uma entrevista com Neil Gaiman

Como você ousa?

Lugar Nenhum

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Mapa

Introdução a esta edição

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Umas coisinhas a mais...

Um prólogo completamente diferente, quatrocentos anos antes

Como o marquês recuperou seu casaco

Agradecimentos

Os filhos de Anansi

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo Um, que discorre principalmente sobre nomes e relações familiares

Capítulo Dois, que discorre principalmente sobre as coisas que acontecem depois dos funerais

Capítulo Três, no qual há uma reunião de família

Capítulo Quatro, que termina com uma noite de vinho, mulheres e música

Capítulo Cinco, no qual examinamos as muitas consequências da manhã seguinte

Capítulo Seis, no qual Fat Charlie não consegue chegar em casa nem de táxi

Capítulo Sete, no qual Fat Charlie faz uma longa viagem

Capítulo Oito, no qual um bule de café acaba sendo bastante útil

Capítulo Nove, no qual Fat Charlie atende à porta e Spider encontra flamingos

Capítulo Dez, no qual Fat Charlie vê o mundo e Maeve Livingstone fica irritada

Capítulo Onze, no qual Rosie aprende a dizer não para estranhos e Fat Charlie ganha um limão

Capítulo Doze, no qual Fat Charlie faz várias coisas pela primeira vez

Capítulo Treze, que acaba sendo desfavorável para alguns

Capítulo Catorze, que chega a várias conclusões

Uma cena cortada e duas questões

As aventuras de Spider

Como você ousa?

De onde você tira suas ideias?

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

Leia também

NEIL
GAIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



DEUSES
AMERICANOS

EDIÇÃO PREFERIDA DO AUTOR

intrínseca



NEIL
GAIMAN
DEUSES
AMERICANOS

Tradução de Leonardo Alves



Copyright © 2011 by Neil Gaiman.
Copyright da edição original © 2001 by Neil Gaiman.

Todos os esforços foram empenhados para localizar e notificar os detentores dos direitos dos materiais reproduzidos neste livro. Quaisquer omissões que forem identificadas serão corrigidas em edições posteriores. Agradecemos a permissão para usar os seguintes materiais neste livro:

Trecho de “The Witch of Coos”, de “Two Witches”, em *The Poetry of Robert Frost*, editado por Edward Connery Lathem. © 1951 by Robert Frost, © 1923, 1969 by Henry Holt and Co.

Reproduzido com permissão de Henry Holt and Company, LLC.

“Tango Till They’re Sore”, de Tom Waits. Copyright © 1985 by JALMA Music. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

“Old Friends”, melodia e letra de Stephen Sondheim. Copyright © 1981 Riling Music, Inc. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

“In the Dark with You”, de Greg Brown. Copyright © 1985 by Hacklebarney Music/ ASCAP.

Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Versos de “in just—”. Copyright 1923, 1951, © 1991 by Administradores do Fundo E.E. Cummings.

Copyright © 1976 by George James Firmage, de *Complete Poems 1904–1962*, de E.E. Cummings, editado por George J. Firmage. Usado com permissão da Liveright Publishing Corporation.

“Don’t Let Me Be Misunderstood”, de Bennie Benjamin, Sol Marcus e Gloria Caldwell. © 1964 by Bennie Benjamin Music Inc. © renovado, transferido para WB Music Corp., Bennie Benjamin Music, Inc. e Chris-N-Jen Music. Todos os direitos em nome de Bennie Benjamin Music Inc. administrados por Chappell & Co. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

Trechos de “A segunda vinda” (capítulo 14, 1 e 2), de W.B. Yeats, foram retirados de *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, tradução de Paulo Vizioli.

Trechos das epígrafes utilizados em tradução livre.

TÍTULO ORIGINAL
American Gods

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Rayana Faria
Ulisses Teixeira

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING E ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA 1
ô de casa / Antonio Rhoden

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Houston Trueblood

REVISÃO DE E-BOOK
Rodrigo Rosa
Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para os amigos ausentes, Kathy Acker e
Roger Zelazny, e todos os pontos no meio.

UMA INTRODUÇÃO A ESTA EDIÇÃO

NÃO SEI COMO é a experiência de ler este livro. Só sei como foi viver a escrita dele.

Eu me mudei para os Estados Unidos em 1992. Algo nasceu, então, num recanto da minha mente. Havia algumas ideias isoladas que eu sabia que eram importantes, mas que não pareciam ter qualquer relação entre si: dois homens que se conhecem em um avião; o carro no gelo; a relevância dos truques com moedas e, sobretudo, os Estados Unidos — aquele lugar estranho e imenso onde eu agora estava morando, e que eu sabia que não compreendia. No entanto, queria compreendê-lo. Mais do que isso: queria descrevê-lo.

Foi durante uma breve estadia na Islândia, em que fiquei observando uma maquete sobre as viagens de Leif Erickson, que tudo se encaixou. Escrevi uma carta para meu agente e minha editora explicando qual seria a história do livro. Anotei “Deuses americanos” no topo da carta, confiante de que chegaria a um título melhor.

Algumas semanas depois, minha editora me enviou um esboço da capa. Era uma estrada com um raio caindo bem no meio, e no alto dizia “Deuses americanos”. Parecia a capa do livro que eu tinha pensado em escrever.

Foi ao mesmo tempo desconcertante e eletrizante ver a capa antes do livro. Eu a pendurei na parede e olhei para ela, intimidado, e qualquer possibilidade de pensar em outro título sumiu para sempre. Aquela era a capa do livro. Aquele era o livro.

Eu só precisava escrevê-lo.

Terminei o primeiro capítulo durante uma viagem de trem de Chicago a San Diego. E continuei viajando, e continuei escrevendo. Dirigi de Minneapolis à Flórida por estradas secundárias, percorrendo caminhos que imaginei que Shadow faria no livro. Eu escrevia e, às vezes, quando empacava, pegava a estrada. Comi *pasties* na Península Superior do Michigan e *hushpuppies* em Cairo, Illinois. Tentei ao máximo não escrever sobre nenhum lugar pelo qual eu não tivesse passado.

Escrevi meu livro em muitos lugares — casas na Flórida, uma cabana em um lago do Wisconsin, um quarto de hotel em Las Vegas.

Minha narrativa acompanhava a jornada de Shadow, e, quando eu não sabia onde ele havia se enfiado, escrevia uma história sobre a “Vinda à América”, e, quando acabava, já tinha descoberto o paradeiro de Shadow,

então voltava para ele. Queria escrever duas mil palavras por dia, mas me dava por satisfeito com mil.

Lembro que, ao terminar o primeiro rascunho do livro, falei com Gene Wolfe — o escritor mais sábio que conheço e com mais romances excelentes do que qualquer outro com quem já conversei — que eu achava que finalmente havia aprendido a escrever romances. Ele me encarou e deu um sorriso gentil. “Ninguém aprende a escrever romances”, explicou. “Nós só aprendemos a escrever o romance em que estamos trabalhando.”

Ele tinha razão. Eu havia aprendido a escrever o romance em que estava trabalhando, e mais nada. Contudo, foi um romance bom e estranho de se aprender a escrever. Sempre tive consciência de que a história estava muito aquém do livro lindo, dourado, reluzente e perfeito que havia na minha cabeça, mas, mesmo assim, fiquei feliz.

Deixei a barba crescer e não cortei o cabelo enquanto escrevia este livro, e muitas pessoas me acharam um tanto quanto peculiar (mas não os suecos, que expressaram sua aprovação e me disseram que um de seus reis tinha feito algo muito parecido, só que não por causa de um romance). Raspei a barba após concluir o primeiro rascunho e me liberei do cabelo comprido e impraticável pouco tempo depois.

O segundo rascunho foi, sobretudo, um processo de escavação e esclarecimento. Momentos que precisavam crescer cresceram, e momentos que precisavam encolher encolheram.

Eu queria que o livro fosse uma série de coisas. Queria escrever uma história que fosse grandiosa, excêntrica e sinuosa, e escrevi, e ela era. Queria escrever uma história que incluísse todas as partes dos Estados Unidos pelas quais eu estava obcecado e encantado, que costumavam ser os pedaços que nunca apareciam nos filmes e nas séries de tevê.

Quando terminei o livro e o entreguei, senti certo alento ao lembrar o velho ditado que diz que a melhor forma de definir um romance é como uma prosa longa em que algo deu errado — e eu estava plenamente convencido de que havia escrito um desses.

Minha editora ficou preocupada com o livro que eu tinha entregado, achou que estava um pouco grandioso e sinuoso demais (a parte da excentricidade não a incomodou) e pediu que eu desse uma reduzida, e eu o fiz. Creio que sua intuição estava correta, pois o livro definitivamente fez sucesso — vendeu muitos exemplares e teve a felicidade de vencer alguns prêmios, incluindo o Nebula e o Hugo (como ficção científica, principalmente), o Bram Stoker (como horror) e o Locus (como fantasia), o que demonstrou que se tratava de um romance um bocado excêntrico e que, apesar de muito apreciado, ninguém sabia muito bem em que categoria encaixá-lo.

Mas isso só aconteceria no futuro: primeiro, o livro precisava ser publicado. Eu achava o processo editorial fascinante, então o documentei na

internet, em um blog que criei especificamente para este fim (e que existe até hoje). Quando o livro foi publicado, saí em turnê pelos Estados Unidos, depois pelo Reino Unido e pelo Canadá, até enfim voltar para casa. Minha primeira sessão de autógrafos foi em junho de 2001, na Border Books do World Trade Center. Alguns dias depois de eu voltar para casa, em 11 de setembro de 2001, já não existiam mais nem a livraria nem o World Trade Center.

A recepção do livro me surpreendeu.

Eu estava acostumado a contar histórias que as pessoas apreciavam, ou que elas não liam. Nunca havia escrito nada controverso. Mas este livro foi um caso de amor ou ódio. As pessoas que odiaram, mesmo as que gostavam de meus outros trabalhos, odiaram *de verdade*. Algumas reclamaram que o livro não era americano o bastante; outras, que era americano demais; que Shadow não era cativante; que eu não tinha compreendido que a verdadeira religião dos Estados Unidos era o esporte, e por aí vai. Todas eram, sem dúvida, críticas válidas. Mas, no fim das contas, de um modo geral, o livro encontrou seu público. Acho que posso dizer que a maioria das pessoas o amou, e ainda o ama.

Espero que algum dia eu volte àquela história. Afinal, Shadow está dez anos mais velho. E os Estados Unidos também. E os deuses estão esperando.

Neil Gaiman
setembro de 2010

UM COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

O LIVRO QUE está em suas mãos é um pouco diferente da versão publicada nos Estados Unidos em 2001.

Pouco depois do lançamento, Pete Atkins e Peter Schneider, os dois sócios da Hill House Publishers, uma pequena editora (que, infelizmente, não existe mais), negociaram com meus editores dos Estados Unidos uma edição especial de *Deuses americanos*. Enquanto descreviam as maravilhosas inovações planejadas para essa nova edição — algo que se pretendia um milagre da arte da produção de livros —, comecei a me sentir cada vez menos à vontade com o texto que seria usado.

Indaguei, um tanto acanhado, se eles aceitariam utilizar o texto original, sem cortes.

Por acaso, eles aceitaram.

A tarefa se mostrou bem complicada, pois percebi que, claro, *depois* dos cortes que eu tinha feito na primeira versão, fiz também outras correções e mudanças editoriais, muitas das quais tornaram o livro melhor. Portanto, a única maneira de criar um texto definitivo seria comparando minha última versão pré-edição com minha última versão pós-edição, e depois com a versão final impressa (porque eu, cheio de entusiasmo, havia rabiscado alterações nas provas de revisão e, com o mesmo entusiasmo, não me preocupei em guardá-las), e, no fim, tomar algumas decisões autorais.

Seria bem trabalhoso. Então tomei a única atitude sensata possível naquelas circunstâncias: enviei uma série de arquivos pesados e dois exemplares do livro (a edição inglesa e a americana) para Pete Atkins, junto com uma lista de erros que eu havia encontrado desde o lançamento, e pedi que ele organizasse tudo. Ele organizou, e de forma excelente. Depois, peguei a versão que Pete havia preparado e também a conferi, consertando, arrumando e às vezes desfazendo cortes que eu fizera por algum motivo que não fosse apenas diminuir o tamanho do livro, até chegar a uma versão final que me deixasse perfeitamente satisfeito (levando em conta que um romance sempre é, como eu talvez já tenha mencionado, uma prosa longa em que algo deu errado).

A Hill House publicou uma edição limitada de cerca de setecentos e cinquenta exemplares (descritos como “um milagre da arte da produção de livros”, e dessa vez não foram eles que disseram isso). Era cara demais. Fico feliz que meus editores tenham aceitado publicar a versão expandida no

aniversário de dez anos do lançamento, e com uma tiragem muito maior do que setecentos e cinquenta exemplares, e por um valor bem menor. A versão de *Deuses americanos* que está em suas mãos tem cerca de doze mil palavras a mais do que a que ganhou todos aqueles prêmios, e é a versão da qual mais me orgulho.

Gostaria de agradecer a Jennifer Hershey, que foi a editora original do livro, a Jennifer Brehl, que ajudou a trazer esta nova edição ao mundo, e, acima de tudo, a Pete Atkins, por sua ajuda no preparo deste original.

UMA ADVERTÊNCIA E UM ALERTA PARA OS VIAJANTES

ESTA É UMA obra de ficção, não um guia de viagem. Embora a geografia dos Estados Unidos aqui apresentada não seja totalmente imaginária — é possível visitar muitos dos pontos de referência presentes neste livro, seguir trilhas e mapear roteiros —, tomei certas liberdades. Menos liberdades do que se poderia imaginar, mas mesmo assim liberdades.

Não foi solicitada nem concedida permissão para usar os lugares reais que aparecem nesta história, e imagino que os proprietários de Rock City ou da House on the Rock, ou os caçadores que administram o hotel no centro do país, vão ficar tão perplexos quanto qualquer outra pessoa ao identificar seus imóveis aqui.

Disfarcei a localização de alguns lugares: a cidade de Lakeside, por exemplo, e a fazenda com o freixo a uma hora ao sul de Blacksburg. Você pode procurá-los, se quiser. Pode até encontrá-los.

Ademais, é desnecessário dizer que todas as pessoas desta história, estejam elas vivas, mortas ou em outras condições, são fictícias ou usadas em um contexto fictício. Só os deuses são reais.

Uma questão que sempre me intrigou é o que acontece com os seres fantásticos quando os imigrantes saem de suas terras de origem. Nos Estados Unidos, os irlandeses se lembram das fadas; os noruegueses, dos nisser; os gregos, dos vrykólakas, mas sempre são acontecimentos passados no Velho Mundo. Quando perguntei, certa vez, por que essas criaturas não apareciam na América, meus informantes riram, confusos, e disseram que “eles têm medo de cruzar o oceano, é longe demais”, e observaram que Jesus Cristo e os apóstolos nunca tinham pisado na América.

Richard Dorson, “A Theory for American Folklore”,
American Folklore and the Historian (University of Chicago
Press, 1971)

PARTE UM

SOMBRAS

CAPÍTULO

UM

Os limites de nosso país, senhor? Ora, ao norte fazemos fronteira com a aurora boreal, ao leste, com o sol nascente, ao sul, com a procissão dos equinócios, e ao oeste, com o Dia do Juízo Final.

The American Joe Miller's Jest Book

SHADOW HAVIA PASSADO três anos na cadeia. Era um homem grande e tinha cara de não-se-meta-comigo, então seu maior problema fora encontrar uma maneira de passar o tempo. Ele se manteve em forma, aprendeu sozinho a fazer truques com moedas e passou muito tempo pensando no quanto amava a esposa.

A melhor parte — para Shadow, talvez a única parte boa — da vida na cadeia era a sensação de alívio. A sensação de que havia mergulhado no abismo e chegado ao fundo do poço. Ele não temia ser derrubado pelo mundo, porque o mundo já o derrubara. Não acordava na cela com uma sensação de pavor; não tinha mais medo do que o amanhã traria, porque o ontem já havia trazido.

Shadow chegou à conclusão de que não importava se a pessoa tinha ou não cometido o crime pelo qual fora condenada. A experiência lá dentro mostrou que todo mundo ali na cadeia tinha algum ressentimento: as autoridades sempre haviam cometido algum equívoco, falado que a pessoa fizera algo que ela não fez — ou que não fez exatamente do jeito que falaram. O importante era que as autoridades haviam vencido.

Percebera isso logo nos primeiros dias, quando tudo, das gírias à comida ruim, era novidade. Apesar da infelicidade e do horror absoluto e esmagador do encarceramento, estava aliviado.

Shadow tentava não falar muito. Mais ou menos no meio do segundo ano, explicou sua teoria para Low Key Lyesmith, seu companheiro de cela.

Low Key, que era um vigarista de Minnesota, abriu seu clássico sorriso com a cicatriz.

— É — concordou. — É verdade. É melhor ainda quando você é condenado à morte. É aí que você se lembra das piadas com os caras que se debatem, sacudindo os pés quando o nó aperta no pescoço, sendo que os

amigos sempre diziam que eles só iam bater as botas quando tirassem a corda do pescoço.

— Isso é uma piada? — perguntou Shadow.

— Com certeza. Humor negro. O melhor que há... *pá*, aconteceu o pior. Você tem alguns dias para assimilar, depois pega o trem para ir bailar no ar.

— Quando foi a última vez que enforcaram alguém no estado? — perguntou Shadow.

— Como é que eu vou saber? — Lyesmith sempre raspava o cabelo louro-alaranjado. Dava para ver as linhas de seu crânio. — Se liga numa coisa: o país começou a descambar para o inferno quando pararam de enforcar os caras. Nada de sujeira de corpos podres. Nada de acordos no pé da forca.

Shadow deu de ombros. Não via romantismo em penas de morte.

Ele chegou à conclusão de que, para aqueles que não tinham sido condenados à morte, a cadeia era, na melhor das hipóteses, apenas um retiro temporário da vida — e por dois motivos. Primeiro, porque a vida se esgueira para dentro da cadeia. Sempre há lugares que podem ser explorados, mesmo quando o indivíduo é retirado de seu contexto habitual; a vida segue, mesmo se for uma vida escrutinada, uma vida atrás das grades. E, segundo, porque se o detento aguentar firme, algum dia alguém vai ter que soltá-lo.

No começo, esse dia parecia tão remoto que Shadow mal conseguia vislumbrá-lo. Depois, tornou-se um feixe de esperança no horizonte, e ele aprendeu a dizer para si mesmo que “isso também passará” quando acontecia alguma merda na cadeia, porque merdas acontecem o tempo todo na cadeia. Um dia, a porta mágica se abria, e ele iria embora. Por isso marcava os dias em seu calendário dos *Pássaros da América do Norte*, o único tipo vendido na cadeia — e o sol se punha e ele não via, e o sol nascia de novo e ele não via. Treinava truques com moedas que tinha aprendido em um livro na biblioteca deserta da cadeia, se exercitava e repassava mentalmente a lista do que ia fazer quando fosse solto.

A lista de Shadow foi ficando cada vez menor com o passar do tempo. Após dois anos, restavam apenas três itens.

Primeiro, ia tomar um banho de banheira. Ficar de molho mesmo, por um bom tempo, um banho de verdade, com bolhas de sabão e tudo. Talvez leria o jornal, talvez não. Em alguns dias pensava que sim, em outros, que não.

Segundo, ia se secar e vestir um roupão. Talvez chinelos. Gostava de se imaginar com eles. Se fumasse, a essa altura estaria fumando um cachimbo, mas ele não fumava. Pegaria a esposa nos braços (“Fofinho!”, gritaria ela, com horror fingido e prazer genuíno, “O que você está *fazendo?*”). Ele a

levaria para o quarto e fecharia a porta. Pediriam pizza se ficassem com fome.

Terceiro, depois que ele e Laura saíssem do quarto, quem sabe alguns dias mais tarde, Shadow ia ficar na dele e evitar problemas para o resto da vida.

— E aí você vai ser feliz? — perguntou Low Key Lyesmith.

Naquele dia, estavam trabalhando na oficina da cadeia, montando comedouros para pássaros — algo ligeiramente mais interessante do que gravar placas de carros.

— Não se pode dizer que um homem é feliz até ele estar morto — retrucou Shadow.

— Heródoto — disse Low Key. — Ei, você está aprendendo.

— Que porra é essa de Heródoto? — perguntou Iceman, que encaixava as paredes dos comedouros e os passava para Shadow, que por sua vez colocava os parafusos e os apertava bem.

— Um grego morto — explicou Shadow.

— Minha última namorada era grega — comentou Iceman. — A família dela comia cada merda... Vocês nem imaginam. Tipo arroz embrulhado em folhas. Essas porcarias.

Iceman era da altura e do formato de uma geladeira e tinha olhos azuis e um cabelo tão louro que era quase branco. Ele arrebentara um cara que cometera o erro de passar a mão na namorada dele, em um bar em que ela era dançarina e Iceman trabalhava como segurança. Os amigos do cara tinham chamado a polícia, que prendeu Iceman e puxou sua ficha, descobrindo que ele deveria estar cumprindo pena em regime semiaberto e estava foragido fazia dezoito meses.

— E o que é que eu ia fazer? — perguntou Iceman, ofendido, quando contou a trágica história para Shadow. — Eu já tinha dito pro cara que ela era minha namorada. Ia deixar o sujeito me desrespeitar daquele jeito? Hein? Tipo, ele ficou passando a mão nela.

Shadow respondera algo banal, como “Pode crer”, e não tocara mais no assunto. Algo que havia aprendido bem no começo foi que cada um cumpre a própria pena na cadeia. Não é para cumprir a de mais ninguém.

Fique na sua. Cumpra a própria pena.

Lyesmith tinha lhe emprestado uma edição maltratada de *Histórias*, de Heródoto, alguns meses antes.

— Não é chato. É legal — comentou, quando Shadow alegou que não lia livros. — Leia antes e depois me diga se não é bom.

Shadow tinha torcido o nariz, mas começou a ler mesmo assim e, quando viu, não conseguia mais parar.

— Gregos — disse Iceman, com desdém. — E aquilo que falam deles também não é verdade. Tentei comer o rabo da minha namorada, e ela só faltou arrancar meus olhos.

Um dia, sem aviso, Lyesmith foi transferido. Ele deixou para Shadow o exemplar de Heródoto e um punhado de moedas de verdade escondidas entre as páginas: duas de vinte e cinco centavos, uma de um e uma de cinco. Moedas eram proibidas: dava para afiar as bordas com uma pedra e usar para cortar a cara de alguém no meio de uma briga. Shadow não queria uma arma; queria apenas alguma coisa para ocupar suas mãos.

Shadow não era supersticioso. Não acreditava em nada que não pudesse ver. Ainda assim, pressentia um desastre pairando sobre a cadeia naquelas últimas semanas, prenúncio que também sentira nos dias anteriores ao assalto. Estava com uma sensação de vazio no estômago e disse para si mesmo que era só medo de voltar para o mundo lá fora. Mas não tinha certeza. Andava mais paranoico do que o normal — e, na cadeia, o normal já indicava excesso, e a paranoia é fundamental para a sobrevivência. Shadow ficou mais calado, mais sombrio do que nunca. Começou a prestar atenção na linguagem corporal dos guardas e dos outros detentos, em busca de qualquer indício da coisa ruim que ia acontecer, porque ele tinha certeza de que algo ruim ia acontecer.

Um mês antes da data prevista para sua liberação, Shadow estava sentado em uma sala fria, de frente para um homem baixo com uma marca de nascença avermelhada na testa. O homem estava com a ficha de Shadow aberta na mesa. A caneta em sua mão estava com a ponta bem mastigada.

— Está com frio, Shadow?

— Sim — respondeu ele. — Um pouco.

O homem deu de ombros.

— O sistema é assim. Só ligam as fornalhas no primeiro dia de dezembro. E desligam em primeiro de março. Não sou eu quem cria as regras.

Concluídas as amenidades, ele passou o dedo pela folha de papel na pasta.

— Você tem trinta e dois anos?

— Sim, senhor.

— Parece mais jovem.

— Eu me cuido.

— Aqui diz que você é um detento exemplar.

— Aprendi minha lição, senhor.

— Aprendeu? Aprendeu mesmo?

Ele examinou Shadow com atenção, e a marca de nascença na testa desceu um pouco. Shadow pensou em contar ao homem algumas de suas teorias sobre a cadeia, mas não falou nada. Só assentiu e se esforçou para demonstrar um tom adequado de remorso.

— Aqui diz que você tem uma esposa.

— Ela se chama Laura.

— Como estão as coisas com ela?

— Ótimas. Ela ficou um pouco brava comigo quando fui preso. Mas vinha me visitar sempre que dava... é longe. A gente troca cartas, e eu

telefone quando dá.

— O que sua esposa faz?

— É agente de viagens. Manda as pessoas para o mundo inteiro.

— Como vocês se conheceram?

Shadow não sabia por que o homem tinha perguntado aquilo. Pensou em responder que não era da conta dele, mas disse:

— Ela era a melhor amiga da esposa do meu melhor amigo. Eles marcaram um encontro às cegas pra gente. Nós nos demos bem.

— E você vai ter um emprego quando sair daqui?

— Sim, senhor. Meu amigo, Robbie, esse que eu acabei de mencionar, ele é dono da Muscle Farm, a academia em que eu trabalhava. Ele falou que está segurando a vaga para mim.

Uma sobrancelha se arqueou.

— É mesmo?

— Falou que acha que vai atrair bastante gente. O pessoal das antigas, que me conhecia, e o pessoal forte que quer pegar pesado na malhação.

O homem pareceu satisfeito. Ele mordeu a ponta da caneta e virou a folha de papel.

— O que você pensa sobre seu crime?

Shadow deu de ombros.

— Foi idiotice — respondeu, com sinceridade.

O homem com a marca de nascença suspirou. Riscou alguns itens de uma lista. Depois, folheou os papéis da pasta de Shadow.

— Como vai voltar para casa quando sair? De ônibus?

— Avião. Isso que dá ser casado com uma agente de viagens.

O homem franziu a testa, e a marca de nascença ficou enrugada.

— Ela mandou uma passagem?

— Não precisou. Só mandou um código de confirmação. Bilhete eletrônico. Só preciso chegar ao aeroporto daqui a um mês e mostrar minha identidade, aí vou embora.

O homem assentiu, rabiscou uma última anotação, fechou a pasta e pôs a caneta na mesa. Duas mãos brancas repousaram na mesa cinza, parecendo animais rosados. Ele aproximou as mãos, juntou a ponta dos indicadores e encarou Shadow com olhos castanhos marejados.

— Você tem sorte. Tem alguém para quem voltar, tem um trabalho à sua espera. Vai poder superar tudo isso aqui. Ganhou uma segunda chance. Não a desperdice.

O homem não estendeu a mão para se despedir de Shadow quando se levantou para sair, nem Shadow esperava que ele o fizesse.

A última semana foi a pior. Em alguns aspectos, foi pior do que todos os três anos juntos. Shadow se perguntou se era por causa do clima: pesado, inerte e frio. A sensação era de que havia uma tempestade a caminho, mas ela nunca chegava. Estava tenso e ansioso, com um forte pressentimento de

que havia algo muito errado. No pátio de exercícios, o vento soprava com força. Shadow achou que dava para sentir o cheiro de neve no ar.

Ligou a cobrar para a esposa. Shadow sabia que as empresas telefônicas tascavam uma tarifa extra de três dólares em todas as ligações feitas de dentro de uma penitenciária. Concluiu que era por isso que os telefonistas sempre tratavam os detentos com tanta educação: sabiam que eram eles que pagavam seus salários.

— Tem alguma coisa estranha — comentou com Laura.

Essa não foi a primeira coisa que ele disse. A primeira foi “Amo você”, porque é bom falar isso quando é verdade, e, para Shadow, era.

— Oi — disse Laura. — Também amo você. Que coisa?

— Não sei — respondeu ele. — Talvez o clima. Parece que tudo só vai melhorar se cair logo um temporal.

— Aqui está agradável — disse ela. — As últimas folhas ainda não se soltaram das árvores. Se não cair uma tempestade, você vai poder vê-las quando voltar para casa.

— Cinco dias — disse Shadow.

— Cento e vinte horas, e aí você vem para casa — concordou ela.

— Está tudo bem? Nada de errado?

— Tudo tranquilo. Vou ver Robbie hoje à noite. Estamos preparando sua festa surpresa de boas-vindas.

— Festa surpresa?

— Claro. Você não está sabendo de nada, não é?

— Nadinha de nada.

— Esse é o meu marido.

Shadow se deu conta de que estava sorrindo. Já fazia três anos que estava ali, mas ela ainda conseguia fazê-lo sorrir.

— Amo você, gata.

— Amo você, fofinho.

Shadow desligou.

Quando eles se casaram, Laura falou para Shadow que queria um cachorro fofinho, mas o senhorio do prédio tinha avisado que o contrato de aluguel não permitia animais de estimação.

“Ei”, dissera Shadow, “eu vou ser seu cachorro fofinho. O que você quer que eu faça? Roa seu chinelo? Mije no chão da cozinha? Lamba seu nariz? Cheire sua virilha? Aposto que posso fazer tudo que um cachorrinho faz!”

Ele a pegou nos braços como se Laura não pesasse nada e começou a lambar o nariz dela enquanto ela ria e gritava, e em seguida a levou para a cama.

No refeitório, Sam Fetishier se aproximou e abriu um sorriso, mostrando os dentes amarelados. Ele se sentou ao lado de Shadow e começou a comer o macarrão com queijo.

— A gente precisa conversar — disse Sam Fetishher.

Sam Fetishher era um dos homens mais negros que Shadow já vira. Podia ter uns sessenta anos. Ou podia ter uns oitenta. Por outro lado, Shadow já conhecera viciados de trinta anos que pareciam mais velhos do que Sam Fetishher.

— Hã? — disse Shadow.

— Vem uma tempestade por aí — declarou Sam.

— Também acho — concordou Shadow. — Em pouco tempo deve começar a nevar.

— Não esse tipo de tempestade. Estou falando de tempestades maiores do que isso. Acredite em mim, garoto, é melhor você estar aqui dentro do que lá na rua, quando essa tempestade chegar.

— Cumpri minha pena — disse Shadow. — Sexta-feira eu vou embora.

Sam Fetishher o encarou.

— Você é de onde?

— Eagle Point. Indiana.

— Seu mentiroso de merda — retrucou Sam Fetishher. — Estou falando da sua origem de verdade. De onde são seus velhos?

— Chicago — disse Shadow.

Sua mãe havia morado em Chicago quando criança, e fora ali que morrera, fazia séculos.

— Já disse. Vem tempestade grande por aí. Fique na sua, garoto. É como... como é que chamam aquelas coisas em que os continentes ficam deslizando? Um tipo de placa?

— Placas tectônicas? — arriscou Shadow.

— Isso. Placas tectônicas. Quando elas se movem, quando a América do Norte desliza para dentro da América do Sul, é bom não estar no meio. Sacou?

— Nem um pouco.

Um olho castanho se fechou devagar.

— Raios, não vá dizer que eu não avisei — disse Sam Fetishher, e enfiou uma colherada trêmula de gelatina laranja na boca.

Shadow passou a noite praticamente em claro, dormindo e acordando várias vezes, ouvindo o novo companheiro de cela resmungar e roncar na cama de baixo do beliche. A algumas celas de distância, um homem gemia, uivava e soluçava feito um animal, e de vez em quando alguém gritava para ele calar a porra da boca. Shadow tentou não escutar. Deixou os minutos vazios escorrerem, solitários, um a um.

Mais dois dias. Quarenta e oito horas, que começaram com mingau de aveia e café e um guarda chamado Wilson dando uma batida mais forte do que o necessário em seu ombro e dizendo:

— Shadow? Vem cá.

Shadow examinou sua consciência. Estava tranquila, embora tivesse descoberto que, na cadeia, isso não significava que não estava em apuros. Os dois homens caminharam mais ou menos um ao lado do outro, os passos ecoando no metal e no concreto.

Shadow sentiu um gosto de medo no fundo da garganta, amargo como café velho. A coisa ruim estava acontecendo...

Uma voz dentro de sua cabeça sussurrava que iam acrescentar mais um ano à sua pena, que iam enfiá-lo na solitária, que iam cortar suas mãos, que iam cortar sua cabeça. Ele disse a si mesmo que tudo isso era idiotice, mas seu coração martelava com força, quase a ponto de arrebentar o peito.

— Não entendo você, Shadow — falou Wilson, enquanto caminhavam.

— Não entende o quê, senhor?

— Você. Você é quieto pra cacete. Educado demais. Você é paciente que nem os caras velhos, mas tem o quê? Vinte e cinco? Vinte e oito?

— Trinta e dois, senhor.

— E você é o quê? Cucaracho? Cigano?

— Não que eu saiba, senhor. Talvez.

— Vai ver tem sangue de preto. Você tem sangue de preto, Shadow?

— Pode ser, senhor.

Shadow continuou de cabeça erguida e olhando para a frente, concentrando-se para não se deixar perturbar por aquele homem.

— É? Bom, só sei que você me assusta pra cacete. — Wilson tinha cabelo louro-amarelado, um rosto amarelado e um sorriso amarelado. — Vai embora daqui a pouco?

— Espero que sim, senhor.

— Você vai voltar. Dá pra ver nos seus olhos. Você é um merda, Shadow. Agora, se dependesse de mim, nenhum desses babacas iguais a você sairia daqui. Jogava vocês num buraco e esquecia.

Masmorras, pensou Shadow, mas não falou nada. Era assim que sobrevivia: não respondia, não falava nada sobre estabilidade na carreira para os guardas do presídio, nem questionava a natureza do arrependimento, da reabilitação ou os índices de reincidência. Não fazia nenhum comentário divertido ou sagaz e, só para garantir, quando conversava com um agente do presídio, sempre que possível, não falava nada. Só respondia quando lhe perguntavam algo. Cumprir a própria pena. Sair. Voltar para casa. Tomar um banho quente e demorado de banheira. Dizer para Laura que a ama. Recomeçar a vida.

Passaram por algumas guaritas. Wilson mostrou o crachá em todas. Subiram um lance de escada e pararam diante da sala do diretor. Shadow nunca tinha ido ali, mas sabia o que era. O nome do diretor — G. Patterson — estava escrito na porta em letras pretas, e ao lado da porta havia um semáforo em miniatura.

A luz de cima estava vermelha.

Wilson apertou um botão logo abaixo do semáforo.

Ficaram parados ali, em silêncio, por alguns minutos. Shadow tentou se convencer de que estava tudo bem, de que sexta-feira pela manhã estaria no avião a caminho de Eagle Point, mas ele mesmo não acreditava nisso.

A luz vermelha apagou e a verde acendeu, e Wilson abriu a porta. Os dois entraram.

Shadow vira o diretor poucas vezes nos últimos três anos. Em uma das ocasiões, ele tinha passado mostrando as instalações a um político; Shadow não reconheceu o sujeito. Em outra, durante uma operação de confinamento, o diretor tinha falado com os detentos em grupos de cem sobre o fato de o presídio estar superlotado e que, como ia continuar assim, era melhor todo mundo se acostumar. Essa era a primeira vez que Shadow via o homem de perto.

De perto, Patterson parecia pior. O rosto era comprido, e o cabelo grisalho era bem curto, estilo militar. Ele cheirava a desodorante Old Spice. Atrás dele havia uma estante de livros, todos contendo a palavra *prisão* no título; a escrivaninha estava perfeitamente limpa, só com um telefone e um calendário da *Far Side* com folhas destacáveis. Ele usava um aparelho auditivo na orelha direita.

— Por favor, sente-se.

Shadow se sentou, estranhando a civilidade.

Wilson ficou de pé atrás dele.

O diretor abriu uma gaveta da escrivaninha, pegou uma pasta e a colocou sobre a mesa.

— Aqui está escrito que você foi condenado a seis anos por lesão corporal qualificada. Cumpriu três. Estava previsto que você fosse solto na sexta-feira.

Estava? Shadow sentiu o estômago embrulhar. Tentou adivinhar quanto tempo mais teria que cumprir... mais um ano? Dois? Todos os três? Ele só respondeu:

— Sim, senhor.

O diretor umedeceu os lábios.

— O que foi que você disse?

— Eu disse “sim, senhor”.

— Shadow, vamos liberá-lo hoje no fim da tarde. Você vai sair uns dias mais cedo. — O diretor falou isso sem nenhuma alegria, como se estivesse proferindo uma sentença de morte. Shadow assentiu e esperou a pancada. O diretor olhou para a folha de papel à sua frente. — Recebemos isto do Johnson Memorial Hospital de Eagle Point. Sua esposa... Ela morreu nessa madrugada. Acidente de carro. Sinto muito.

Shadow assentiu de novo.

Wilson o acompanhou de volta à cela sem dizer uma palavra. Ele destrancou a porta e deixou Shadow entrar. Então, comentou:

— Parece aquelas piadas do tipo notícia boa e notícia ruim, não é? A notícia boa é que a gente vai soltar você antes da hora, a ruim é que sua esposa morreu.

Ele riu, como se fosse realmente engraçado.

Shadow não falou nada.

Entorpecido, juntou seus pertences e deu vários deles a outras pessoas. Deixou para trás o Heródoto de Low Key e o livro com truques de mágica e, com uma pontada momentânea de angústia, deixou também os discos de metal liso que havia surrupiado da oficina e que, até ganhar as moedas do livro de Low Key, tinham servido para praticar os truques. Ia ver moedas fora da prisão, moedas de verdade. Fez a barba. Vestiu roupas normais. Passou por portas e mais portas, ciente de que nunca mais passaria por elas de novo, com uma sensação de vazio por dentro.

O céu escuro tinha começado a soltar uma pancada de chuva gelada. Pedrinhas de gelo atingiam o rosto de Shadow, e a água encharcou seu casaco fino enquanto ele e os outros prisioneiros liberados partiam do presídio em direção ao ônibus escolar amarelo que os levaria até a cidade mais próxima.

Quando chegaram ao veículo, estavam todos ensopados. Oito homens indo embora, pensou Shadow. Mil e quinhentos continuavam lá dentro. Ele se sentou e tremeu até o aquecedor começar a funcionar, se perguntando o que estava fazendo, para onde iria.

Sem que ele quisesse, sua cabeça ficou cheia de imagens indesejadas. Em sua imaginação, estava saindo de outra prisão, muito tempo antes.

Ficara encarcerado em um sótão escuro por tempo demais: a barba estava desgrenhada, o cabelo, completamente embolado. Os guardas haviam descido com ele por uma escada de pedra cinza que dava para uma praça repleta de cores, pessoas e objetos. Era dia de feira, e ele ficou atordoado com o barulho e as muitas tonalidades, ofuscado pela luz do sol que banhava a praça, cercado pelo cheiro de maresia e de todas as coisas boas da feira, e a sua esquerda o sol brilhava na água...

O ônibus sacolejou ao parar em um sinal vermelho.

O vento uivava a sua volta, e os limpadores do para-brisa se arrastavam com força de um lado para o outro, transformando a cidade num borrão neon úmido vermelho e amarelo. A tarde estava começando, mas pelo vidro parecia até noite.

— Cacete — disse o homem sentado atrás de Shadow, esfregando o vidro embaçado da janela e olhando para uma silhueta molhada que andava com pressa pela calçada. — Tem mulher lá fora.

Shadow engoliu em seco. Ele se deu conta de que ainda não havia chorado — na verdade, não havia sentido nada. Nenhuma lágrima. Nenhuma dor. Nada.

Ele se pegou pensando em um sujeito chamado Johnnie Larch, seu primeiro companheiro de cela quando entrou na cadeia. O homem contara que uma vez fora liberado depois de passar cinco anos atrás das grades. Tinha cem dólares e uma passagem para Seattle, onde a irmã morava.

Johnnie Larch chegou ao aeroporto e apresentou a passagem para a moça no balcão, e ela pediu para ver a carteira de motorista.

Ele mostrou. Fazia alguns anos que a carteira estava vencida, e ela disse que não servia como documento de identidade. Johnnie disse que podia não servir como carteira de motorista, mas com certeza serviria como identidade, tinha uma foto dele, e os dados, e, droga, quem mais ela achava que ele seria?

A mulher respondeu que agradeceria se ele baixasse o tom de voz.

Johnnie Larch mandou a atendente entregar a porra do cartão de embarque, ou ia se arrepender, e disse que não aceitaria uma falta de respeito daquelas. Não dava para aceitar falta de respeito na cadeia.

Ela apertou um botão, e alguns instantes depois a segurança do aeroporto apareceu e tentou convencer Johnnie Larch a sair do local sem escândalo, e ele se recusou, e houve uma pequena discussão.

Conclusão: Johnnie Larch nunca chegou a ir para Seattle. Passou os dias seguintes nos bares da cidade e, quando os cem dólares acabaram, assaltou um posto de gasolina com uma arma de brinquedo para arrumar dinheiro e continuar bebendo. No fim, foi detido pela polícia por mijar na rua. Não demorou muito para ele voltar à prisão e ter que cumprir o restante da sentença e ainda mais um pouco pelo ocorrido no posto de gasolina.

E a moral da história, de acordo com Johnnie Larch, era a seguinte: não irrite as pessoas que trabalham nos aeroportos.

— Tem certeza de que não era algo como “certos comportamentos que se mostram adequados em um ambiente específico, como uma cadeia, podem não ser adequados, ou, na verdade, podem ser até nocivos, quando se está fora desse ambiente”? — perguntara Shadow, na época.

— Não, presta atenção no que estou *falando*, cara — dissera Johnnie Larch —, não irrite as vadias dos aeroportos.

Shadow abriu um sorriso tímido com a lembrança. Sua carteira de motorista só venceria dali a alguns meses.

— Rodoviária! Todo mundo pra fora!

O edifício fedia a urina e a cerveja velha. Shadow entrou em um táxi e pediu para o motorista levá-lo até o aeroporto. E disse que daria mais cinco dólares se o homem fizesse o trajeto em silêncio. Chegaram em vinte minutos, e o taxista não abriu a boca.

Shadow enfim se viu perambulando pelo terminal iluminado do aeroporto. Estava preocupado com a questão do bilhete eletrônico. Sabia que tinha uma passagem para um voo na sexta-feira, mas não sabia se poderia usá-la naquele dia. Para ele, tudo que era eletrônico parecia essencialmente mágico e passível de evaporar a qualquer momento. Gostava de coisas que pudessem ser seguradas e tocadas.

Ainda assim, Shadow estava de posse de sua carteira pela primeira vez em três anos, com um punhado de cartões de crédito vencidos e um Visa que descobriu, com agradável surpresa, que só venceria no final de janeiro. Tinha um código de reserva. E percebeu que sabia com absoluta certeza que, assim que voltasse para casa, de alguma forma, tudo ficaria bem de novo. Laura estaria lá, esperando por ele. Talvez aquilo de soltá-lo alguns dias antes fosse uma pegadinha. Ou talvez tenha sido só uma confusão: o corpo de alguma outra Laura Moon tinha sido retirado dos destroços na estrada.

Shadow viu pelos janelões do aeroporto um relâmpago do lado de fora. Ele se deu conta de que estava prendendo a respiração, esperando por algo. Ouvia o estrondo distante de um trovão. Soltou o ar.

Uma mulher branca com uma expressão cansada olhou para ele do outro lado do balcão.

— Oi — disse Shadow. *Você é a primeira mulher desconhecida com quem falo pessoalmente nos últimos três anos.* — Eu tenho um código de bilhete eletrônico. Ia viajar na sexta-feira, mas preciso ir hoje. Uma pessoa da minha família faleceu.

— Hum. Sinto muito. — Ela digitou no teclado, olhou para a tela, digitou de novo. — Não tem problema. Coloquei você no voo das três e trinta. Talvez atrase por causa da tempestade, então fique de olho nos telões. Vai despachar bagagem?

Ele mostrou a bolsa no ombro.

— Não preciso despachar isto, né?

— Não — respondeu ela. — Não precisa. O senhor tem algum documento de identidade com foto?

Shadow mostrou a carteira de motorista e prometeu à atendente que não estava carregando uma bomba para dentro do avião. Em troca, ela lhe entregou um cartão de embarque impresso. Depois, ele passou pelo detector de metais enquanto colocavam a bolsa na máquina de raios X.

Não era um aeroporto grande, mas ele ficou impressionado com a quantidade de gente circulando, só circulando. Viu as pessoas apoiarem malas no chão tranquilamente, viu carteiras serem enfiadas em bolsos traseiros, viu bolsas serem colocadas com displicência debaixo de cadeiras. Foi aí que se deu conta de que não estava mais na cadeia.

Trinta minutos até a hora do embarque. Shadow comprou uma fatia de pizza e queimou o lábio com o queijo quente. Pegou o troco e foi até um

telefone público. Ligou para Robbie, na Muscle Farm, mas caiu na secretária eletrônica.

— Oi, Robbie — disse Shadow. — Falaram que Laura morreu. Fui solto antes da hora. Estou voltando para casa.

Depois, porque as pessoas às vezes se enganam — já tinha visto isso acontecer antes —, Shadow ligou para casa e ouviu a voz de Laura.

“Oi”, disse ela. “Não estou em casa ou não posso atender no momento. Deixe um recado que retorno a ligação. E tenha um *bom dia*.”

Shadow não conseguiu deixar um recado.

Ele se sentou em uma cadeira de plástico perto do portão de embarque e segurou a bolsa com tanta força que a mão doeu.

Estava pensando na primeira vez em que vira Laura. Nem sabia o nome dela, na época. Era amiga de Audrey Burton. Ele estava sentado com Robbie em uma mesa no Chi-Chi's, e os dois conversavam sobre alguma coisa, provavelmente sobre a saída de uma das professoras da academia, que ia abrir a própria escola de dança, quando Laura entrou mais ou menos um passo atrás de Audrey, e Shadow não conseguiu tirar os olhos dela. Laura tinha cabelo castanho comprido e olhos tão azuis que ele achou que fossem lentes de contato. Ela havia pedido um daiquiri de morango e insistido para que Shadow provasse, e riu com prazer quando ele provou.

Laura adorava quando as pessoas provavam o que ela provava.

Eles trocaram um beijo de boa-noite naquela noite, e ela tinha gosto de daiquiri de morango, e ele nunca mais quis beijar outra pessoa. Uma mulher anunciou o começo do embarque do voo, e a fila de Shadow foi a primeira a ser chamada. Ele ficou bem no fundo do avião, ao lado de um assento vazio. A chuva batia sem parar na lateral da aeronave: imaginou crianças pequenas jogando punhados de ervilhas secas do céu.

Quando o avião decolou, ele pegou no sono.

Shadow se encontrava em um lugar escuro, e a coisa que o observava tinha uma cabeça de búfalo peluda e fedida, com olhos úmidos enormes. O corpo era de um homem, enebado e lustroso.

— Mudanças se aproximam — disse o búfalo, sem mexer os lábios. — Certas decisões precisarão ser tomadas.

Paredes úmidas de uma caverna refletiam a luz de alguma chama.

— Onde estou? — perguntou Shadow.

— Na terra e sob a terra — disse o homem-búfalo. — Você está onde os esquecidos aguardam. — Os olhos da criatura eram como bolas de gude pretas, e a voz era uma trepidação que surgia das profundezas da Terra. Ele tinha cheiro de vaca molhada. — Acredite — disse a voz trepidante. — Para sobreviver, você precisa acreditar.

— Acreditar em quê? — perguntou Shadow. — Em que eu preciso acreditar?

O homem-búfalo olhou para Shadow, e se elevou até as alturas, os olhos se enchendo de fogo. Ele abriu a boca de búfalo salivante, e o interior estava vermelho com as chamas que queimavam dentro dele, sob a terra.

— *Tudo* — rugiu o homem-búfalo.

O mundo se inclinou e girou, e Shadow voltou ao avião, mas a inclinação continuou. Na parte da frente, uma mulher soltou um grito débil.

Relâmpagos irrompiam em clarões intensos em torno da aeronave. O piloto ligou o comunicador para avisar que tentaria subir um pouco para evitar a tempestade.

O avião balançou e tremeu, e Shadow se perguntou, com frieza e indiferença, se iria morrer. Chegou à conclusão de que era possível, mas improvável. Olhou para fora da janela e viu os relâmpagos iluminarem o horizonte.

Depois, cochilou de novo e sonhou que voltara à cadeia, e Low Key tinha sussurrado para ele na fila do refeitório que alguém havia mandado matá-lo, mas que Shadow não tinha como descobrir quem nem por quê. Quando acordou, estavam pousando.

Saiu cambaleando do avião, piscando, sonolento.

Muitos anos antes, percebera que todos os aeroportos são praticamente idênticos. Não importa muito onde seja, é um aeroporto: azulejos e corredores e banheiros, portões e livrarias e lâmpadas fluorescentes. Aquele aeroporto parecia um aeroporto. O problema era que aquele não era o aeroporto onde ele devia estar. Era um aeroporto grande, com gente demais, portões demais.

As pessoas traziam aquele olhar apagado e exausto que só se vê em aeroportos e presídios. *Se o inferno são os outros*, pensou Shadow, *o purgatório são os aeroportos*.

— Com licença, senhora?

A mulher tirou os olhos da prancheta e os voltou para ele.

— Sim?

— Que aeroporto é este?

Ela o encarou, confusa, tentando decidir se ele estava brincando ou não.

— St. Louis — respondeu.

— Achei que esse voo fosse para Eagle Point.

— Era. Ele foi desviado para cá por causa da tempestade. Não avisaram no avião?

— Provavelmente. Eu estava dormindo.

— Você tem que falar com aquele homem ali, de paletó vermelho.

O homem era quase da mesma altura de Shadow: parecia o pai de família de um seriado de comédia dos anos 1970. Ele digitou algo num computador e disse para Shadow correr — *corra!* — até o portão do outro lado do terminal.

Ele correu pelo aeroporto, mas o embarque já havia sido encerrado quando alcançou o portão. Viu o avião se afastar pelo vidro. Depois, explicou o problema à atendente no portão (com um tom calmo, tranquilo e educado), e ela o encaminhou a um balcão de atendimento a passageiros, onde Shadow explicou que estava tentando voltar para casa após um longo período ausente e que sua esposa tinha acabado de falecer em um acidente de carro, e que era extremamente importante que ele fosse para casa *agora*. Não falou nada sobre a cadeia.

A mulher no balcão de atendimento (baixa e morena, com uma verruga na lateral do nariz) consultou outra funcionária e ligou para alguém (“Não, esse voo não dá. Acabou de ser cancelado”), e por fim imprimiu outro cartão de embarque.

— Leve isto até o portão de embarque. Vamos avisar que você está a caminho.

Shadow teve a sensação de ser uma bolinha no truque dos três copos, ou uma carta no meio de um baralho. Mais uma vez correu pelo aeroporto, e acabou quase no mesmo lugar de onde tinha saído.

No portão, um homem baixinho olhou para o cartão de embarque que ele trazia.

— Estávamos esperando o senhor — comentou o sujeito, destacando o canhoto do cartão de embarque, que indicava o assento de Shadow: 17-D. Ele entrou às pressas no avião, e fecharam a porta logo em seguida.

Passou pela primeira classe — havia apenas quatro assentos na área, e três estavam ocupados. O homem barbudo de terno claro ao lado do assento vago sorriu para Shadow quando ele entrou, depois esticou o braço e deu batidinhas no relógio.

Sei, sei, estou fazendo você se atrasar, pensou Shadow. Tomara que essa seja a pior das suas preocupações.

Conforme avançava até o fundo, foi percebendo que o avião estava bem cheio. Na verdade, Shadow logo se deu conta de que estava completamente lotado, e havia uma mulher de meia-idade sentada no 17-D. Shadow lhe mostrou o canhoto do cartão de embarque, e a mulher mostrou o dela: eram iguais.

— O senhor poderia se sentar, por favor? — solicitou a comissária de bordo.

— Não — respondeu —, acho que não. Essa senhora está no meu lugar.

A comissária estalou a língua e conferiu os cartões de embarque. Depois, levou Shadow de volta até o começo do avião e lhe indicou o assento vago na primeira classe.

— Parece que é seu dia de sorte — comentou ela.

Shadow se sentou.

— Gostaria de alguma bebida, senhor? — perguntou a comissária. — Temos algum tempo antes da decolagem, e imagino que o senhor precise,

depois de toda essa situação.

— Eu aceito uma cerveja, por favor — disse Shadow. — A que vocês tiverem.

A comissária foi embora.

O homem de terno claro no assento ao lado de Shadow estendeu novamente o braço e bateu no relógio com a unha. Era um Rolex preto.

— Você está atrasado — disse o homem, abrindo um sorriso enorme que não transmitia simpatia nenhuma.

— Como?

— Eu disse que você está atrasado.

A comissária entregou a Shadow o copo de cerveja. Ele tomou um gole. Por um instante, se perguntou se o homem a seu lado não batia muito bem da cabeça, mas então concluiu que ele devia estar se referindo ao avião, que ainda não havia decolado.

— Sinto muito por ter feito você esperar — disse Shadow, educadamente. — Está com pressa?

O avião começou a se preparar para a decolagem. A comissária voltou e apanhou o copo de Shadow, ainda com cerveja. O homem de terno claro sorriu para ela e disse:

— Não se preocupe, vou segurar este copo bem firme.

A comissária deixou que o homem de terno ficasse com o copo de Jack Daniel's, embora tenha protestado, sem muito entusiasmo, que era uma violação das normas da companhia. ("Permita que eu avalie se é o caso, minha querida.")

— O tempo definitivamente urge — disse o homem. — Mas, não, não estou com pressa. Estava apenas preocupado com a possibilidade de que você não conseguisse embarcar.

— Muita gentileza sua.

O avião ainda estava parado na pista, inquieto, com as turbinas pulsando, ansioso para decolar.

— Gentileza o cacete — disse o homem de terno claro. — Tenho um trabalho para você, Shadow.

As turbinas rugiram. O pequeno avião deu um tranco para a frente e começou a decolar, pressionando o corpo de Shadow contra o assento. Depois de um tempo, estavam no ar, e as luzes do aeroporto começaram a sumir embaixo deles. Shadow olhou para o homem a seu lado.

O cabelo era de um ruivo meio grisalho; a barba, por fazer, era de um grisalho meio ruivo. Era mais baixo do que Shadow, mas parecia ocupar muito espaço. Um rosto enrugado e quadrado, com olhos cinza-claros. O terno parecia caro e tinha cor de sorvete de baunilha derretido. A gravata era de seda cinza-escura, e o prendedor era uma árvore de prata: tronco, galhos, raízes profundas.

O homem ficou com o copo de Jack Daniel's na mão durante a decolagem e não derramou uma gota sequer.

— Você não vai me perguntar qual é o trabalho?

— Como sabe meu nome?

O homem deu uma risada.

— Ah, é a coisa mais fácil do mundo saber como as pessoas se chamam. Um pouco de raciocínio, um pouco de sorte, um pouco de memória. Pergunte qual é o trabalho.

— Não — disse Shadow.

A comissária trouxe outro copo de cerveja, e ele tomou um gole.

— Por que não?

— Estou indo para casa. Tenho um trabalho à minha espera por lá. Não quero nenhum outro.

O sorriso enrugado do homem continuou o mesmo, mas ele agora parecia realmente achar graça.

— Você não tem nenhum trabalho à sua espera em casa — disse o homem. — Não tem nada à sua espera lá. Por outro lado, estou lhe oferecendo um trabalho perfeitamente lícito: paga bem, segurança limitada, benefícios indiretos consideráveis. Ora, se você viver o bastante, posso incluir até um plano de aposentadoria. Acha que gostaria de um desses?

— Você deve ter visto meu nome no cartão de embarque — sugeriu Shadow. — Ou na lateral da minha bolsa.

O homem não respondeu.

— Quem quer que você seja — disse Shadow —, seria impossível saber que eu estaria neste avião. Nem eu sabia que estaria aqui, e, se meu voo não tivesse sido desviado para St. Louis, não estaria mesmo. Acho que você é desses que gostam de fazer pegadinhas. Talvez esteja tentando aplicar um golpe. Mas acho que vai ser melhor para nós dois encerrarmos essa conversa agora.

O homem deu de ombros.

Shadow pegou a revista da companhia aérea. O avião sacudia no céu, e era difícil se concentrar. As palavras flutuavam pela mente como bolhas de sabão; existiam quando ele as lia e desapareciam logo em seguida.

O homem continuou no assento ao lado dele, tomando seu Jack Daniel's. Estava de olhos fechados.

Shadow leu a lista de canais de música disponíveis para voos internacionais e deu uma olhada no mapa-múndi, cujas linhas vermelhas indicavam onde a companhia aérea operava. Finalmente terminou a leitura e, com relutância, fechou a revista e a devolveu ao compartimento ao lado.

O homem abriu os olhos. Shadow achou que havia algo estranho neles. Um era de um tom de cinza mais escuro que o outro. Ele se virou para Shadow.

— Aliás, lamento por sua esposa. Uma perda terrível.

Shadow quase bateu no homem. Mas respirou fundo. (“Como eu disse, não irrite as vadias dos aeroportos”, lembrou Johnnie Larch, num recanto de sua mente, “ou você vai ser arrastado de volta pra cá antes de ter o gostinho da liberdade.”) Contou até cinco.

— Também acho — disse Shadow.

O homem balançou a cabeça.

— Não era para ter sido assim... — comentou, suspirando.

— Ela morreu em um acidente de carro — retrucou Shadow. — Foi rápido. Há formas piores de morrer.

O homem balançou a cabeça devagar. Por um instante, Shadow teve a impressão de que ele não existia; como se, de repente, o avião tivesse se tornado mais real, enquanto seu vizinho tivesse se tornado menos.

— Shadow — recomeçou o homem. — Não é pegadinha. Não é um golpe. Eu posso pagar melhor do que qualquer outro emprego que você encontrar. Você é um ex-presidiário. Não vai ter uma fila de gente brigando para contratá-lo.

— Senhor Qualquer-que-seja-a-porra-do-seu-nome — disse Shadow, alto o bastante para ser ouvido acima do barulho das turbinas —, não tem dinheiro nenhum no mundo que me faça trabalhar para você.

O sorriso aumentou. Shadow de repente se lembrou de um programa educativo que vira na adolescência sobre chimpanzés. O narrador explicou que, quando macacos e chimpanzés sorriem, é para expor os dentes em uma careta de ódio, agressão ou terror. Quando um chimpanzé sorri, é uma ameaça. O sorriso do homem era um desses.

— Claro que tem. E também tem bônus. Se você trabalhar para mim, eu vou lhe contar coisas. Pode ser um pouco arriscado, óbvio, mas, se sobreviver, poderá ter tudo o que seu coração desejar. Você poderia ser o próximo rei dos Estados Unidos. Agora, me diga, quem mais pagaria tão bem? Hein?

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Ah, sim. A era da informação... Mocinha, você poderia me servir mais um copo de Jack Daniel's? Com menos gelo, se possível. Não, claro, nunca houve nenhuma outra era. Informação e conhecimento: moedas que nunca saíram de circulação.

— Eu perguntei: quem é você?

— Vejamos. Bom, considerando que hoje certamente é o meu dia, que tal você me chamar de Wednesday? Senhor Wednesday. Se bem que, com esse tempo lá fora, bem podia ser Thursday, né?

— Qual é seu nome de verdade?

— Trabalhe para mim por tempo suficiente e bem o suficiente — assegurou o homem de terno claro —, e talvez eu até lhe diga. Pronto. Proposta de emprego. Pense no assunto. Ninguém espera que você aceite

imediatamente, sem saber se está se jogando num tanque cheio de piranhas ou num fosso cheio de ursos. Pense com calma.

Ele fechou os olhos e se recostou no assento.

— Acho que não — disse Shadow. — Não gosto de você. Não quero trabalhar com você.

— Como eu disse — respondeu o homem, sem abrir os olhos —, não se afobe. Pense com calma.

O avião aterrissou com um solavanco, e alguns passageiros foram jogados para a frente. Shadow olhou para fora da janela: era um aeroporto pequeno no meio do nada, e ainda faltavam dois aeroportos pequenos até chegar a Eagle Point. Shadow dirigiu o olhar para o homem de terno claro. Sr. Wednesday? Ele parecia estar dormindo.

Shadow se levantou, pegou a bolsa e saiu do avião. Desceu a escada até a pista úmida e escorregadia e caminhou tranquilamente na direção das luzes do terminal. Uma chuva fina salpicava seu rosto.

Antes de entrar no aeroporto, ele parou, deu meia-volta e aguardou. Ninguém mais saiu do avião. A equipe de solo retirou a escada, a porta se fechou, e o avião voltou para a pista. Shadow ficou observando até a aeronave decolar e entrou no aeroporto. Foi até o balcão da Budget, a única locadora de carros aberta, e, ao chegar ao estacionamento, constatou que o único veículo disponível era um Toyota vermelho pequeno.

Shadow abriu sobre o banco do carona o mapa que tinha recebido. Eagle Point ficava a uns quatrocentos quilômetros de distância, e teria que passar por rodovias na maior parte do trajeto. Fazia três anos que ele não dirigia.

Não chovia mais, se é que as tempestades haviam chegado até ali. O tempo estava limpo, e fazia frio. As nuvens deslizavam por cima da lua, e por um instante Shadow se perguntou se o que estava se movendo eram as nuvens ou a lua.

Dirigiu para o norte durante uma hora e meia.

Estava ficando tarde. Ele estava com fome e, quando se deu conta do tamanho da fome, pegou a saída seguinte e entrou na cidade de Nottamun (1301 hab.). Abasteceu o carro no posto Amoco e perguntou à mulher entediada no caixa onde ficava o melhor bar da região — um lugar onde ele pudesse arranjar algo para comer.

— Jack's Crocodile Bar — respondeu ela. — Vá pela estrada N no sentido oeste.

— Crocodile Bar?

— É. Jack diz que dá personalidade. — Ela rabiscou um mapa no verso de um panfleto lilás, que anunciava um churrasco para arrecadar dinheiro para uma menina que precisava de um transplante de rim. — Ele tem uns crocodilos, uma cobra, um daqueles lagartos grandes.

— Uma iguana?

— Isso aí.

Ele atravessou a cidade, cruzou uma ponte, seguiu por alguns quilômetros e parou diante de um edifício térreo retangular com um letreiro luminoso da Pabst e uma máquina de Coca-Cola do lado da porta.

O estacionamento estava meio vazio. Shadow estacionou o Toyota vermelho e entrou.

O ar estava cheio de fumaça, e o jukebox tocava “Walkin’ After Midnight”. Shadow procurou os crocodilos, mas não viu nenhum. Ficou se perguntando se a mulher no posto de gasolina estava debochando dele.

— O que vai ser? — perguntou o barman.

— Você é o Jack?

— Hoje é a folga dele. Eu sou Paul.

— Oi, Paul. Uma cerveja da casa e um hambúrguer completo. Sem batata frita.

— Quer uma tigela de chili de entrada? É o melhor chili do estado.

— Pode ser. Onde é o banheiro?

O homem apontou para o canto do bar. Havia uma cabeça de jacaré empalhada pendurada numa porta. Shadow entrou.

Era um banheiro limpo e bem iluminado. Shadow deu uma olhada no lugar antes, por força do hábito. (“Não esqueça que não dá para revidar no meio de uma mijada”, disse Low Key, discreto como sempre, de um recanto de sua mente.) Foi até o mictório da esquerda. Abriu o zíper e mijou por uma eternidade, relaxando, aliviando-se. Leu o recorte de jornal amarelado colocado na altura dos olhos, com uma foto de Jack e dois jacarés.

Um grunhido educado soou no mictório a sua direita, embora Shadow não tivesse ouvido ninguém entrar no banheiro.

O homem de terno claro era mais alto de pé do que parecia quando estava sentado no avião a seu lado. Era quase da mesma altura de Shadow, e Shadow era grande. O homem olhava para a frente. Terminou de mijar, deu uma balançada e fechou o zíper.

Depois, sorriu, como uma hiena comendo carcaça.

— Então — disse o sr. Wednesday. — Você já teve tempo para pensar, Shadow. Quer o trabalho?

ALGUM LUGAR NOS ESTADOS UNIDOS

Los Angeles. 23h26

EM UM QUARTO vermelho-escuro — a cor das paredes parece fígado cru —, há uma mulher alta vestida de forma caricata, com um short de seda apertado e uma blusa amarela que deixa seus peitos empinados. O cabelo preto está enrolado e preso no alto da cabeça.

Ao lado da mulher, há um homem baixo de camiseta verde-oliva e uma calça jeans cara. Na mão direita, ele segura uma carteira e um celular Nokia com capa vermelha, branca e azul.

O quarto vermelho contém uma cama coberta por lençóis brancos de cetim e uma colcha vermelha como sangue de vaca. No pé da cama, em uma mesinha de madeira, repousam um castiçal e uma estatueta de pedra de uma mulher de quadris enormes.

A mulher entrega ao homem uma vela vermelha pequena.

— Aqui — diz. — Acenda.

— Eu?

— Sim — responde a mulher —, se quiser me possuir.

— Eu devia ter mandado você me chupar lá no carro.

— Talvez. Você não me quer?

A mão dela desliza da coxa até o seio, um gesto de apresentação, como se estivesse demonstrando um produto novo.

Lenços de seda vermelha cobrindo o abajur no canto do quarto deixam a luz dessa mesma cor.

O homem a observa com um olhar voraz, pega a vela de sua mão e a encaixa no castiçal.

— Tem fogo?

A mulher lhe entrega uma cartela de fósforos. O homem raspa um fósforo e acende o pavio da vela: a chama estremece e se estabiliza, criando uma ilusão de movimento na estátua sem rosto ao lado dela, só quadris e seios.

— Ponha o dinheiro embaixo da estátua.

— Cinquenta pratas.
— Sim.
— Quando eu a vi, na Sunset, quase achei que você fosse um homem.
— Mas eu tenho isto aqui — responde a mulher, desamarrando a blusa amarela, libertando os seios.

— Hoje em dia, muitos caras também têm.

Ela se estira na cama e sorri.

— Sim. Agora, venha me amar.

O homem abre o botão da calça jeans e tira a camiseta verde-oliva. Ela massageia os ombros brancos dele com seus dedos morenos; em seguida, o vira para si e começa a fazer amor com ele, usando as mãos, os dedos, a língua.

O homem tem a impressão de que as luzes no quarto ficaram mais fracas e que a única fonte de iluminação é a vela, que arde com uma chama forte.

— Qual é o seu nome? — pergunta ele.

— Bilquis — responde a mulher, levantando a cabeça. — Com Q.

— Hein?

— Deixa pra lá.

Ele começa a arfar.

— Quero comer você — diz o homem. — Preciso comer você.

— Claro, meu bem. Vamos lá. Mas você pode fazer algo para mim, enquanto estiver me comendo?

— Ei — reclama ele, com uma irritação súbita. — Sou *eu* quem está pagando, lembra?

Ela monta nele, num movimento fluido, e sussurra:

— Eu sei, meu bem, eu sei, você está pagando, e, nossa, olhe só para você, eu é que devia estar pagando, sou muito sortuda...

O homem contrai os lábios, tentando mostrar que o papo de prostituta dela não está adiantando nada, que ele não vai cair naquela ladainha, que aquela mulher é uma puta de rua, pelo amor de Deus, enquanto ele é praticamente um *produtor de cinema*, e ele sabe muito bem como funcionam essas gracinhas de última hora, mas ela não pede dinheiro.

— Meu bem — diz a mulher —, enquanto estiver me comendo, enquanto estiver enfiando esse pau enorme e duro em mim, poderia me *idolatrar*?

— Como é que é?

Ela está balançando para a frente e para trás em cima do homem: a cabeça intumescida do pênis roça nos lábios úmidos da vulva.

— Poderia me chamar de deusa? Rezar para mim? Me idolatrar com o seu corpo?

Ele sorri. É só isso o que ela quer?

— Tudo bem.

Afinal de contas, todo mundo tem suas taras. Ela põe a mão entre as pernas e o encaixa dentro de si.

— Assim está bom, minha deusa? — pergunta ele, arfante.

— Me idolatre, meu bem — pede Bîlquis, a prostituta.

— Sim — responde o homem —, eu idolatro seus seios, seus olhos, sua boceta. Idolatro suas coxas, seus olhos, seus lábios cor de cereja...

— Sim... — murmura ela, cavalgando o homem tal qual um barco cavalga as ondas em uma tempestade.

— Idolatro seus mamilos, de onde flui o leite da vida. Seu beijo é mel, e seu toque queima como fogo, e eu os idolatro. — As palavras dele assumiram um tom mais ritmado, acompanhando as estocadas e reboladas dos dois corpos. — Ofereça-me sua luxúria pela manhã, e ofereça-me alívio e sua bênção à noite. Permita que eu caminhe ileso pela escuridão e permita que eu volte para você e durma a seu lado e faça amor com você mais uma vez. Eu a idolatro com todo o meu ser, e com toda a minha mente, com todas as minhas experiências e meus sonhos e meus... — Ele se interrompe, respirando com dificuldade. — ... O que você está *fazendo*? Isso é *incrível*. *Tão incrível*...

Ele olha para baixo, para o ponto em que os dois se juntam, mas o dedo dela encosta em seu queixo e o faz levantar a cabeça de novo, e ele volta a olhar apenas para o rosto dela e para o teto.

— Continue falando, meu bem — pede ela. — Não pare. Não é gostoso?

— É melhor do que tudo o que eu já senti — responde o homem, com sinceridade. — Seus olhos são estrelas, ardendo no, merda, no firmamento, e seus lábios são ondas suaves que lambem a areia, e eu os idolatro.

E ele a penetra com cada vez mais força: sente-se elétrico, como se toda a parte inferior do corpo estivesse sexualmente carregada: priápico, intumescido, exultante.

— Traga-me seu dom — murmura ele, já sem qualquer noção do que está falando —, seu dom verdadeiro, e faça com que eu seja sempre... sempre tão... eu rogo... eu...

E o prazer irrompe em um orgasmo, lançando a mente dele ao esquecimento. Sua cabeça e sua consciência e todo o seu ser transformam-se em um vazio perfeito enquanto ele enfia mais fundo nela, e ainda mais fundo...

Com os olhos fechados, em êxtase, ele se entrega ao momento; então sente um tranco, e parece que ele está pendurado de cabeça para baixo, mas o prazer continua.

Ele abre os olhos.

Pensa, esforçando-se para reencontrar os pensamentos e a razão, nascendo de novo, e se pergunta, sem medo, em um momento de perfeita consciência pós-coito, se o que está vendo não é uma ilusão.

Eis o que ele vê:

Ele está dentro dela até a altura do peito, e, enquanto observa a cena com incredulidade e espanto, a mulher apoia as mãos em seus ombros e aplica uma pressão delicada no corpo.

Ele escorrega mais para dentro.

— Como está fazendo isso comigo? — pergunta ele, ou acha que pergunta, mas talvez esteja só imaginando.

— Você é que está fazendo, meu bem — sussurra a mulher.

O homem sente os lábios da vulva se apertarem em volta de seu tórax e das costas, comprimindo-o e envolvendo-o. Ele se pergunta o que alguém de fora pensaria, ao se deparar com a cena. E se pergunta por que não está com medo. E ele sabe a resposta.

— Eu a idolatro com meu corpo — sussurra, à medida que ela o empurra para dentro de si. Os grandes lábios cobrem seu rosto, e os olhos mergulham na escuridão.

Ela se espreguiça na cama, como um gato imenso, e boceja.

— Sim. Idolatra.

O celular Nokia toca uma versão aguda e elétrica de “Ode à alegria”. Ela pega o aparelho, aperta uma tecla e o aproxima da orelha.

A barriga está lisa, e a vulva, pequena e fechada. A testa e o buço estão suados, brilhosos.

— Alô? Não, meu bem, ele não está. Ele foi embora.

Ela desliga o telefone antes de se jogar na cama do quarto vermelho-escuro, se espreguiça mais uma vez, fecha os olhos e dorme.

CAPÍTULO

DOIS

*Foram co' ela ao cemitério
Em um Cadillac antigo
Foram co' ela ao cemitério
Mas não a trouxeram consigo.*

Velha cantiga

— TOMEI A LIBERDADE — disse o sr. Wednesday, lavando as mãos no banheiro masculino do Jack's Crocodile Bar — de pedir que levassem meu prato até sua mesa. Afinal, temos muito o que conversar.

— Discordo — retrucou Shadow.

Ele secou as mãos com papel, amassou-o e o jogou no lixo.

— Você precisa de um emprego — declarou Wednesday. — Ninguém contrata ex-presidiários. As pessoas ficam incomodadas com o seu tipo.

— Tenho um emprego à minha espera. Um emprego bom.

— Seria aquele na Muscle Farm?

— Talvez — respondeu Shadow.

— Robbie Burton morreu. Sem ele, a academia vai morrer também.

— Você é um mentiroso.

— Óbvio. E um muito bom. O melhor que você vai conhecer. Mas, lamento, não estou mentindo dessa vez. — Ele enfiou a mão no bolso, pegou um jornal dobrado várias vezes e o entregou a Shadow. — Página sete. Vamos voltar para o bar. Você pode ler na mesa.

Shadow abriu a porta e saiu. O ar estava enevoadado por causa da fumaça, e, no jukebox, as Dixie Cups cantavam “Iko Iko”. Ele deu um sorriso ligeiro, lembrando a velha cantiga infantil.

O barman apontou para uma mesa no canto. Em cima dela, havia uma tigela de chili e um hambúrguer de um lado e um bife malpassado com uma porção de batatas fritas do outro.

*Look at my King all dressed in Red,
Iko Iko all day
I bet you five dollars he'll kill you dead.
Jockamo-feena-nay.*

Shadow se acomodou na cadeira e colocou o jornal na mesa.

— Saí da cadeia hoje de manhã — disse. — Esta é minha primeira refeição como um homem livre. Você se incomoda se eu deixar para ver sua página sete depois de comer?

— Nem um pouco.

Shadow comeu o hambúrguer. Era melhor do que os do presídio. O chili era bom, mas, depois de algumas garfadas, ele concluiu que não era o melhor do estado.

Laura fazia um chili excelente. Usava carne magra, feijão-vermelho, cenoura picada, mais ou menos uma garrafa de cerveja escura e pimenta fresca fatiada. Ela cozinhava o chili por um tempo, acrescentava vinho tinto, sumo de limão e uma pitada de endro fresco e, no fim, colocava um pouco de chili em pó. Shadow havia tentado mais de uma vez decifrar o segredo do chili da esposa: prestava atenção em tudo o que ela fazia, desde o instante em que picava as cebolas e as jogava com azeite na panela. Até havia anotado todas as etapas na devida ordem, ingrediente por ingrediente, e uma vez fizera o prato sozinho num fim de semana em que ela tinha viajado. Estava razoável — definitivamente era comível, e ele o comeu, mas não era o chili de Laura.

A matéria na página sete era a primeira reportagem que Shadow lia sobre a morte da esposa. Foi uma sensação estranha, como se estivesse lendo sobre outra pessoa: Laura Moon, que a reportagem dizia ter vinte e sete anos, e Robbie Burton, trinta e nove, estavam no carro de Robbie numa rodovia interestadual. O veículo deu uma guinada e saiu da faixa, entrando na contramão de frente para uma carreta, que colidiu com a lateral do carro ao tentar desviar. Com o impacto, o veículo de Robbie foi arremessado para fora da estrada, capotando até bater em uma placa e parar de vez.

Os socorristas chegaram à cena em questão de minutos. Tiraram Robbie e Laura dos destroços. Os dois chegaram mortos ao hospital.

Shadow dobrou o jornal e o empurrou pela mesa para Wednesday, que se refestelava com um bife tão sangrento e vermelho que não parecia sequer ter passado pela frigideira.

— Aqui. Tome de volta — disse Shadow.

Robbie estava ao volante. Devia estar bêbado, embora a reportagem não mencionasse nada do gênero. Shadow imaginou o rosto de Laura quando percebeu que Robbie estava bêbado demais para dirigir. Não conseguia parar de imaginar a cena: Laura gritando com o amigo, mandando-o parar no acostamento, o baque do carro contra o caminhão, o volante girando...

...o carro fora da estrada, o vidro quebrado cintilando como gelo e diamantes na frente dos faróis, o acúmulo de sangue como poças de rubi na estrada ao lado deles. Dois corpos, mortos ou prestes a morrer, arrastados para longe dos destroços, dispostos lado a lado no acostamento.

— E aí? — perguntou o sr. Wednesday.

Ele terminara o bife. Cortara-o e o devorara como se estivesse morto de fome. Agora se ocupava das batatas fritas, espetando-as com o garfo.

— Você tem razão. Estou desempregado.

Shadow pegou uma moeda no bolso, coroa para cima. Jogou-a para o alto. Deu um toque com o polegar na hora em que ela subiu, para dar a impressão de que ela havia girado. Pegou a moeda. Bateu com ela nas costas da outra mão.

— Cara ou coroa?

— Por quê? — perguntou o sr. Wednesday.

— Não quero trabalhar com alguém que tenha menos sorte do que eu. Cara ou coroa?

— Cara.

— Sinto muito — declarou Shadow, revelando a moeda sem nem olhar para ela. — Foi coroa. Eu manipulei a jogada.

— Jogos manipulados são os mais fáceis de vencer — retrucou o sr. Wednesday, apontando um dedo achatado para Shadow. — Dê mais uma olhada na moeda.

Shadow olhou. O lado da cara estava para cima.

— Devo ter errado — comentou, confuso.

— Você se subestima — retrucou Wednesday. Então, sorriu. — Eu só tenho muita sorte, muita mesmo. — Ele ergueu a cabeça. — Quem diria. Mad Sweeney. Gostaria de tomar algo conosco?

— Southern Comfort com Coca-Cola, sem gelo — disse uma voz atrás de Shadow.

— Vou falar com o barman — respondeu Wednesday.

Ele se levantou e foi até o bar.

— Não vai perguntar o que eu quero beber? — perguntou Shadow.

— Eu já sei o que você vai beber.

Ele foi até o bar. Patsy Cline começou a cantar outra vez “Walkin’ After Midnight” no jukebox.

O homem que pedira Southern Comfort com Coca-Cola se sentou ao lado de Shadow. Tinha barba ruiva curta. Usava uma jaqueta jeans cheia de remendos coloridos e, por baixo, uma camiseta branca manchada, com a mensagem:

SE NÃO DER PARA COMER, BEBER,
FUMAR OU CHEIRAR... ENTÃO FODA-SE!

E um boné em que se lia:

A ÚNICA MULHER QUE AMEI ERA ESPOSA
DE OUTRO HOMEM... MINHA MÃE!

Ele abriu um maço de Lucky Strike com o polegar, revelando uma unha bem suja, pegou um cigarro e estendeu o maço para Shadow. Ele estava prestes a pegar um — não fumava, mas cigarro é bom para escambos — quando se deu conta de que não estava mais preso. Podia comprar cigarros sempre que quisesse. Shadow balançou a cabeça.

— Trabalhando para o nosso cara, é? — perguntou o homem barbado. Ele não estava sóbrio, mas também não estava bêbado ainda.

— Parece que sim — respondeu Shadow.

O homem barbado acendeu o cigarro.

— Eu sou um leprechaun — anunciou.

Shadow não sorriu.

— Sêrio? Não devia beber uma Guinness, então?

— Estereótipos. Você precisa aprender a rever seus conceitos — disse o homem barbado. — A Irlanda é muito mais do que a Guinness.

— Você não tem sotaque irlandês.

— Eu tô aqui há tempo demais.

— Então você *veio* da Irlanda?

— Já falei. Sou um leprechaun. Da porra de Moscou é que eu não vim.

— Acho que não.

Wednesday voltou à mesa, segurando três copos com as mãos enormes sem a menor dificuldade.

— Southern Comfort com Coca-Cola para você, Mad Sweeney, meu camarada, e um Jack Daniel's para mim. E *isto* é para você, Shadow.

— O que é?

— Prove.

A bebida tinha um tom castanho dourado. Shadow bebeu um gole e sentiu uma mistura curiosa de amargo e doce na língua. Percebeu também o álcool e uma combinação estranha de aromas. O gosto lembrava um pouco a aguardente feita na prisão, destilada em um saco de lixo com frutas podres, pão, açúcar e água, mas aquela bebida era mais suave, mais doce, infinitamente mais estranha.

— Certo — disse Shadow. — Provei. O que é?

— Hidromel — respondeu Wednesday. — Vinho de mel. A bebida dos grandes heróis. A bebida dos deuses.

Hesitante, Shadow deu mais um gole. Sim, dava para sentir o mel, era esse um dos sabores da bebida.

— Parece que foi feito com o líquido de um pote de conserva — comentou ele. — É um vinho de conserva doce.

— Parece que foi feito com o mijo de um diabético bêbado — retrucou Wednesday. — É horrível.

— Então por que me deu para beber? — perguntou Shadow, desconfiado.

Wednesday encarou Shadow, e o ex-prisioneiro percebeu que um olho dele era diferente do outro. Concluiu que um era de vidro, mas não conseguiu identificar qual.

— Eu trouxe o hidromel para você porque é a tradição. E, neste momento, precisamos do máximo possível de tradição. Ele sela nosso acordo.

— Não fizemos acordo nenhum.

— Claro que fizemos. Você trabalha para mim. Você me protege. Você me ajuda. Você me leva de um lugar a outro. De vez em quando, você investiga... vai a alguns lugares e faz perguntas por mim. Compra suprimentos. Em uma emergência, mas só em uma emergência, você machuca pessoas que precisam ser machucadas. No caso improvável de eu vir a morrer, você prestará tributo a mim. E, em troca, eu tomarei providências para que suas necessidades sejam devidamente atendidas.

— Ele está enrolando você — disse Mad Sweeney, afagando a barba ruiva áspera. — É um pilantra.

— Sou um pilantra mesmo — disse Wednesday. — É por isso que preciso de alguém que cuide de meus interesses.

A música parou de tocar, e por um instante o bar ficou em silêncio, todas as conversas repentinamente em suspenso.

— Uma vez ouvi dizer que esses momentos em que todo mundo cala a boca ao mesmo tempo só acontecem vinte minutos antes ou depois de uma hora redonda — disse Shadow.

Sweeney apontou para o relógio logo acima do bar, preso entre as mandíbulas imensas e indiferentes da cabeça empalhada de um jacaré. Eram 23h20.

— Pois é — disse Shadow. — Vai saber por que isso acontece.

— Eu sei — falou Wednesday.

— Vai compartilhar a informação com o grupo?

— Talvez eu lhe diga um dia. Ou talvez não. Beba seu hidromel.

Shadow virou o restante da bebida em um gole demorado.

— Talvez desça melhor com gelo — disse ele.

— Ou talvez não — respondeu Wednesday. — Esse negócio é horrível.

— Com certeza — concordou Mad Sweeney. — Peço licença aos senhores por um instante, mas tenho uma necessidade intensa e urgente de mijar com toda a calma do mundo.

Ele se levantou e se afastou. Era um homem absurdamente alto. Shadow concluiu que ele devia ter uns dois metros.

Uma garçonete passou um pano na mesa e retirou os pratos vazios. Ela limpou o cinzeiro de Sweeney e perguntou se eles gostariam de pedir mais alguma coisa para beber. Wednesday pediu que ela trouxesse mais uma rodada para todo mundo, mas, dessa vez, o hidromel de Shadow devia vir com gelo.

— Enfim — disse Wednesday —, é isso que eu preciso que você faça, se for trabalhar para mim. E, evidentemente, você vai.

— Isso é o que você quer — respondeu Shadow. — Gostaria de saber o que eu quero?

— Nada me deixaria mais feliz.

A garçonete trouxe a bebida. Shadow experimentou o hidromel com gelo, que não ajudou em nada. Na verdade, realçou o amargor e fez o gosto se demorar na boca. No entanto, para alívio de Shadow, a bebida não parecia especialmente alcoólica. Não estava pronto para se embriagar. Ainda não.

Ele respirou fundo.

— Certo — disse Shadow. — A minha vida, que nos últimos três anos estive bem longe de ser a melhor do mundo, acabou de sofrer mais uma reviravolta, só que dessa vez mudou para pior. Agora eu preciso fazer algumas coisas. Quero ir ao velório de Laura. Quero me despedir. Depois disso, se você ainda precisar de mim, quero começar ganhando quinhentos dólares por semana. — O valor foi um chute, um número inventado. A expressão de Wednesday não se alterou. — Se continuarmos satisfeitos trabalhando juntos, seis meses depois você aumentará para mil dólares por semana.

Shadow fez uma pausa. Foi o discurso mais longo que ele havia feito nos últimos anos.

— Você mencionou que talvez precise que algumas pessoas sejam machucadas. Bom, eu vou fazer isso se elas estiverem tentando machucá-lo. Mas não vou machucar ninguém por diversão ou por dinheiro. Não vou voltar para a cadeia. Uma vez já foi suficiente.

— Você não vai precisar — respondeu Wednesday.

— Não — disse Shadow. — Não vou.

Ele terminou de beber o hidromel. Perguntou-se se fora o álcool que o deixara mais falante. Mas as palavras saíam dele como água vazando de um hidrante quebrado no verão, e ele não teria conseguido contê-las nem se tivesse tentado.

— Não gosto de você, senhor Wednesday, ou qualquer que seja seu nome de verdade. Não somos amigos. Não sei como você saiu daquele avião sem que eu visse, nem como me seguiu até aqui. Mas estou impressionado. Você tem classe. No momento, estou à deriva. Você precisa saber que, quando nosso acordo terminar, eu vou embora. E, se você me irritar, vou embora também. Até lá, trabalharei para você.

Wednesday sorriu. Shadow concluiu que os sorrisos dele eram estranhos. Não continham nenhum traço de humor, nenhuma felicidade, nenhuma diversão. Wednesday parecia ter aprendido a sorrir seguindo as instruções de um manual.

— Muito bom — disse ele. — Então temos um trato. E estamos de acordo.

— Dane-se — disse Shadow.

Do outro lado do salão, Mad Sweeney colocava moedas no jukebox. Wednesday cuspiu na mão e a estendeu. Shadow deu de ombros. Também cuspiu na própria mão. Então as apertaram. Wednesday começou a apertar a mão de Shadow com mais força. Shadow fez o mesmo. Depois de alguns segundos, a mão dele começou a doer. Wednesday manteve o aperto por mais meio minuto e soltou.

— Bom — disse ele. — Bom. Muito bom. — Ele sorriu, um gesto rápido, e Shadow se perguntou se aquele sorriso era verdadeiro, se havia algum prazer genuíno ali. — Então, um último copo do vil, do terrível hidromel de merda para selarmos o acordo, e com isso encerramos o assunto.

— Para mim vai ser um Southern Comfort com Coca-Cola — disse Sweeney, voltando cambaleante do jukebox.

“Who Loves the Sun?”, do Velvet Underground, ressoou pelo salão. Shadow achou estranho que um jukebox tivesse uma música daquelas. Parecia um tanto improvável. Se bem que aquela noite se tornava cada vez mais improvável.

Shadow pegou na mesa a moeda que ele havia usado para tirar cara ou coroa e desfrutou a sensação da moeda recém-cunhada nos dedos, segurando-a entre o polegar e o indicador da mão direita. Fingiu colocá-la na mão esquerda com um movimento fluido, mas a escondeu discretamente entre a palma e os dedos. Fechou a mão esquerda com a moeda imaginária. Depois, pegou uma segunda moeda com a mão direita, entre o dedo e o polegar, e, fingindo soltar a moeda na mão esquerda, deixou a moeda oculta cair na mão direita, unindo-se à que ele já estava segurando. O barulho criou a ilusão de que ambas estavam em sua mão esquerda, quando na verdade estavam na direita.

— Mágica com moedas, é? — perguntou Sweeney, levantando o queixo e eriçando a barba desgrehada. — Bem, se vamos fazer mágica com moedas, dá uma olhada nisso aqui.

Ele pegou um copo da mesa, que antes estava cheio de hidromel, e jogou as pedras de gelo no cinzeiro. Em seguida, estendeu a mão e tirou do ar uma moeda grande, dourada e brilhante. Colocou-a no copo. Tirou outra moeda dourada do ar e a soltou no copo, e ela bateu na primeira. Tirou uma moeda da chama de uma vela na parede, outra da barba, uma terceira da mão esquerda vazia de Shadow, e as largou, uma a uma, dentro do copo. Depois, fechou a mão e a apoiou em cima do copo. Assoprou com força, e várias outras moedas douradas caíram de sua mão. Ele virou o copo de moedas grudentas dentro do bolso da jaqueta e, depois, bateu no bolso para mostrar que, sem sombra de dúvida, ele estava vazio.

— Pronto — anunciou. — *Isso* é que é mágica com moedas.

Shadow, que havia prestado extrema atenção durante a apresentação de improviso, assentiu, impressionado.

— A gente tem que conversar sobre esse truque. Preciso saber como você fez isso.

— Eu fiz — disse Sweeney, com ares de alguém que confienciava um grande segredo — com pompa e estilo. Foi assim que eu fiz.

Ele riu baixinho, se balançando para a frente e para trás, orgulhoso, exibindo os dentes afastados.

— Pois é — disse Shadow. — Foi assim que você fez. Você precisa me ensinar esse truque. Tudo o que eu já li sobre o Sonho do Avarento diz para esconder as moedas na mão que segura o copo e soltá-las lá dentro na hora em que mostrar e esconder a moeda com a mão direita.

— Isso daí dá muito trabalho — respondeu Mad Sweeney. — É mais fácil tirar as moedas do ar e pronto.

Ele pegou o copo de Southern Comfort com Coca-Cola pela metade, observou-o por um instante e o colocou de volta na mesa.

Wednesday olhou para os dois como se tivesse acabado de descobrir duas espécies novas que ninguém jamais havia imaginado que existiam.

— Hidromel para você, Shadow. Eu vou continuar com o senhor Jack Daniel's, e, para o irlandês folgado...?

— Uma garrafa de cerveja, escura, de preferência — disse Sweeney. — Folgado, é? — Ele pegou o copo com o restante da bebida e o ergueu em um brinde para Wednesday. — Que a tempestade passe por nós e que continuemos fortes e ilesos.

Em seguida, virou o copo.

— Excelente brinde — disse Wednesday. — Mas isso não vai acontecer.

Outro copo de hidromel foi colocado na frente de Shadow.

— Preciso mesmo beber isso? — perguntou ele, sem entusiasmo.

— Receio que sim. Vai selar nosso acordo. No terceiro copo não tem mais volta, não é?

— Merda — disse Shadow.

Ele engoliu o hidromel em duas goladas. A boca ficou tomada pelo sabor de mel em conserva.

— Pronto — disse o sr. Wednesday. — Você é meu homem agora.

— Então — falou Sweeney —, quer saber como é que se faz a mágica?

— Quero — disse Shadow. — Você guarda as moedas na manga?

— Elas nunca nem entraram na minha manga — respondeu Sweeney. Ele deu uma gargalhada, se balançando todo, como se fosse um vulcão barbudo, bêbado e desengonçado prestes a explodir de satisfação com a própria genialidade. — É a mágica mais simples do mundo. Se você brigar comigo, eu conto.

Shadow balançou a cabeça.

— Tô fora.

— *Essa é boa* — bradou Sweeney para quem quisesse ouvir. — O velho Wednesday arranjou um guarda-costas, e o camarada tem medo até de levantar a mão.

— Não vou brigar com você — repetiu Shadow.

Sweeney oscilava e suava. Ele mexeu na aba do boné. Em seguida, tirou uma de suas moedas do ar e a colocou na mesa.

— Ouro de verdade, para a sua informação — disse ele. — ganhando ou perdendo, e você vai perder, ela é sua se você brigar comigo. Um cara grandão que nem você... quem diria que seria uma porra de um covarde?

— Ele já falou que não vai brigar com você — disse Wednesday. — Vá embora, Mad Sweeney. Pegue sua cerveja e nos deixe em paz.

Sweeney deu um passo na direção dele.

— Você vai me chamar de folgado, é, sua criatura velha e caquética? Seu velho cínico e insensível! Vai se pendurar numa árvore, vai.

O rosto dele estava ficando vermelho de raiva.

Wednesday levantou as mãos em um gesto de paz.

— Quanta tolice, Sweeney. Cuidado com onde coloca suas palavras.

Sweeney o encarou, furioso. Depois, com a seriedade dos homens muito bêbados, declarou:

— Você contratou um covarde. O que acha que ele faria se eu batesse em você?

Wednesday se virou para Shadow.

— Já cansei disso. Resolva.

Shadow se levantou e ficou frente a frente com Mad Sweeney, perguntando-se qual era a *altura* do sujeito.

— Você está nos incomodando — disse ele. — Está bêbado. Acho que é melhor você ir embora.

Um sorriso começou a aparecer lentamente no rosto de Sweeney.

— Muito bem. O cachorrinho finalmente tá pronto para brigar. Ei, pessoal — gritou ele para o bar —, alguém aqui vai aprender uma lição. Olhem só!

Ele lançou o punho enorme na direção do rosto de Shadow, que recuou um pouco: a mão de Sweeney o acertou logo abaixo do olho direito. Ele viu manchas luminosas se formando à sua frente, e sentiu dor.

E, assim, a briga começou.

Sweeney lutava sem elegância, sem técnica, apenas com puro entusiasmo pela própria briga: imenso, arremessando golpes espalhafatosos que erravam tantas vezes quanto acertavam.

Shadow lutava de forma defensiva, cuidadosa, bloqueando os golpes de Sweeney ou se esquivando. Estava bastante ciente da plateia a sua volta. Mesas foram afastadas ao som de grunhidos contrariados, abrindo espaço para os dois se encararem. Shadow sentia os olhos atentos de Wednesday o

observando, com aquele sorriso frio e apático. Era um teste, é claro, mas de que tipo? Na prisão, Shadow havia aprendido que existiam dois tipos de briga: brigas *não se mete comigo*, em que era preciso fazer o máximo de espetáculo possível, e brigas *de verdade*, que eram pesadas, feias e sempre acabavam em questão de segundos.

— Ei, Sweeney — disse Shadow, sem fôlego —, por que a gente está brigando mesmo?

— Para se divertir — respondeu Sweeney, já sóbrio, ou pelo menos não mais visivelmente bêbado. — Pelo prazer mais puro e profano dessa merda. Não está sentindo o êxtase pulsando nas veias, subindo que nem seiva na primavera?

O lábio dele sangrava. O punho de Shadow também.

— Então, como você fez para tirar as moedas? — perguntou Shadow. Ele deu um passo para trás e virou um pouco o tronco, e um soco destinado a seu rosto acertou o ombro.

— Pra falar a verdade — grunhiu Sweeney —, já expliquei pra você como fiz o truque. Mas o pior cego... ai! Boa!... é aquele que não quer escutar.

Shadow atacou Sweeney, empurrando-o em cima de uma mesa; copos e cinzeiros vazios caíram no chão. Shadow poderia ter acabado com ele ali mesmo. O cara estava indefeso, incapaz de fazer qualquer coisa.

Shadow olhou para Wednesday, que assentiu. Então se voltou para Mad Sweeney.

— Acabamos por aqui? — perguntou.

Mad Sweeney hesitou, e então fez que sim com a cabeça. Shadow baixou os punhos e deu alguns passos para trás. Sweeney, ofegante, se endireitou.

— Nem a pau! — berrou ele. — Só acaba quando eu quiser!

Ele abriu um sorriso e avançou para cima de Shadow. Acabou pisando em uma pedra de gelo que tinha caído no chão, e o sorriso se transformou em uma expressão boquiaberta de desilusão quando os pés escorregaram e ele caiu de costas, batendo ruidosamente com a cabeça no piso.

Shadow se ajoelhou em cima do peito de Mad Sweeney.

— Pela segunda vez, acabamos por aqui?

— É, acabamos, sim — respondeu Sweeney, levantando a cabeça —, pois o êxtase me abandonou, feito a urina de um garotinho na piscina durante um dia quente.

Ele cuspiu o sangue da boca, fechou os olhos e começou a roncar, um ronco grave e magnífico.

Alguém deu um tapa nas costas de Shadow. Wednesday pôs uma garrafa de cerveja em sua mão.

Era mais gostosa do que o hidromel.

Quando Shadow acordou, estava estirado no banco traseiro de um carro sedã. O sol da manhã ofuscava sua visão, e sua cabeça doía. Ele se sentou meio sem jeito e esfregou os olhos.

Wednesday dirigia, cantarolando algo fora do ritmo. Havia um copo de papel com café no porta-copos. Eles estavam no que parecia uma estrada interestadual, e o piloto automático mantinha uma velocidade de cem por hora. O banco do carona estava vazio.

— Como está se sentindo nesta bela manhã? — perguntou Wednesday, sem se virar para trás.

— O que aconteceu com o meu carro? — perguntou Shadow. — Era alugado.

— Mad Sweeney o devolveu. Foi uma das coisas que vocês combinaram ontem à noite.

— Combinamos?

— Depois da briga.

— Briga? — Shadow tocou o próprio rosto e fez uma careta. É, tinha se envolvido em uma briga. Ele se lembrava de um homem alto com barba ruiva e de uma plateia empolgada que torcia e aplaudia. — Quem ganhou?

— Você não lembra mesmo, né?

Wednesday riu.

— Não muito bem — respondeu Shadow. Algumas conversas da noite anterior começaram a pipocar em sua cabeça, incômodas. — Tem mais desse café aí?

O homem grande enfiou a mão embaixo do banco do carona e passou para trás uma garrafa d'água fechada.

— Aqui. Você vai ficar desidratado. Por ora, isso aí vai ser melhor do que café. Vamos parar no próximo posto para você comer alguma coisa. Você precisa de um banho, também. Está parecendo uma cabra num chiqueiro.

— Um porco num chiqueiro — disse Shadow.

— Cabra — respondeu Wednesday. — Uma cabra imensa e fedorenta, com dentes enormes.

Shadow abriu a garrafa e bebeu. Algo pesado fez um barulho metálico dentro do bolso de sua jaqueta. Ele foi conferir o que era e tirou uma moeda grande de lá. Era pesada e tinha um tom amarelo-escuro. Estava ligeiramente pegajosa. Shadow a empalmou com a mão direita, uma empalmada clássica, e a fez aparecer entre o dedo médio e o anelar. Fez uma empalmada frontal, segurando a moeda entre o indicador e o mindinho, deixando-a invisível por trás da mão, e passou o dedo médio e o anelar por baixo, girando a moeda e a passando para as costas da mão. Por fim, ele a jogou na mão esquerda e a guardou no bolso.

— Que merda eu bebi ontem à noite? — perguntou Shadow.

As circunstâncias da noite estavam se aglomerando em sua cabeça, sem forma, sem sentido, mas ele sabia que estavam ali dentro.

O sr. Wednesday viu uma placa indicando um posto de gasolina e acelerou.

— Não se lembra?

— Não.

— Você bebeu hidromel — disse Wednesday, abrindo um enorme sorriso.

Hidromel.

Sim.

Shadow se recostou no banco, bebeu mais um pouco da água e permitiu que a noite anterior o inundasse. A maior parte ele lembrou. Algumas partes, não.

No posto, Shadow comprou um kit de higiene pessoal contendo uma gilete, um sachê de creme de barbear, um pente, uma escova de dente descartável e um minitubo de pasta. Em seguida, entrou no banheiro masculino e se olhou no espelho.

Havia um hematoma pouco abaixo de um dos olhos — ele experimentou encostar o dedo bem de leve e descobriu que doía muito —, e o lábio inferior estava inchado. O cabelo era uma bagunça, e ele parecia ter passado a primeira metade da noite brigando e a segunda dormindo, de roupa, no banco traseiro de um carro. Ouvia-se uma melodia aguda ao fundo: levou alguns instantes para reconhecer “Fool on the Hill”, dos Beatles.

Shadow lavou o rosto com o sabão líquido do banheiro, passou o creme no rosto e se barbeou. Molhou o cabelo e o penteou para trás. Escovou os dentes. Por fim, limpou os restos de sabão e pasta de dente do rosto com água morna. Olhou de novo para o espelho: barba feita, mas com olhos ainda vermelhos e inchados. Ele parecia mais velho do que lembrava ser.

Pensou no que Laura diria quando o visse, mas então lembrou que a esposa nunca mais diria nada, e viu, no espelho, o rosto se contrair, mas só por um instante.

Ele saiu.

— Estou com uma cara horrível — disse Shadow.

— Claro que sim — concordou Wednesday.

O homem levou uma variedade de biscoitos e outras besteiras até o caixa. Ia pagar pela comida e pela gasolina, e mudou de ideia duas vezes quanto a usar cartão ou dinheiro, para a irritação da moça que mascava chiclete do outro lado do balcão. Shadow observou Wednesday ficar cada

vez mais confuso e constrangido. De repente, ele lhe pareceu muito velho. A moça lhe devolveu o dinheiro e passou a compra no cartão, depois estornou o valor e pegou o dinheiro, depois devolveu o dinheiro e passou outro cartão. Wednesday estava claramente à beira das lágrimas, um senhor idoso desamparado diante da marcha implacável do plástico no mundo moderno.

Shadow deu uma olhada no telefone público: tinha uma placa de QUEBRADO pendurada na frente.

Os dois saíram da loja de conveniência aquecida do posto, e a respiração deles se condensou no ar.

— Quer que eu dirija? — perguntou Shadow.

— Nem pensar — respondeu Wednesday.

A rodovia passava por eles como um borrão: campinas de mato seco nas duas margens da pista com árvores peladas e mortas. Dois pássaros pretos olhavam para eles de cima de um fio de telefone.

— Ei, Wednesday.

— Que foi?

— Pelo que eu vi lá, você não pagou pela gasolina.

— Ah, é?

— Sim. Pelo que vi, a moça é que acabou pagando pelo privilégio da sua presença no posto dela. Acha que ela já percebeu?

— Não, nem nunca vai perceber.

— Você é o quê? Um vigarista fajuto?

Wednesday assentiu.

— É. Acho que sim. Entre outras coisas.

Mudou para a faixa da esquerda para ultrapassar um caminhão. O céu era de um cinza uniforme e triste.

— Vai nevar — disse Shadow.

— Vai.

— Sweeney. Ele chegou a me mostrar como fez aquela mágica com as moedas de ouro?

— Ah, sim.

— Não me lembro.

— Vai lembrar. A noite foi longa.

Alguns flocos de neve salpicaram o para-brisa e derreteram em segundos.

— O corpo da sua esposa está sendo velado na Funerária Wendell — disse Wednesday. — Depois do almoço, vão levá-la até o cemitério para o sepultamento.

— Como é que você sabe?

— Liguei para lá enquanto você estava no banheiro. Você sabe onde fica essa funerária?

Shadow fez que sim. Os flocos de neve rodopiavam e caíam diante deles.

— Essa é a nossa saída — disse Shadow.

O carro saiu da interestadual e passou pelo conjunto de hotéis ao norte de Eagle Point.

Três anos haviam se passado. Sim. O hotel Super-8 não existia mais, tinha sido demolido: em seu lugar, um Wendy's. Mais semáforos, e lojas que ele não conhecia. Dirigiram até o centro da cidade. Shadow pediu que Wednesday fosse mais devagar quando passaram em frente a Muscle Farm. FECHADO POR TEMPO INDETERMINADO, dizia o aviso escrito à mão na porta, ESTAMOS DE LUTO.

Viraram à esquerda. Passaram por um estúdio de tatuagem novo e pelo Centro de Recrutamento das Forças Armadas, pelo Burger King e pela farmácia Olsen, ainda a mesma, até finalmente chegarem à fachada de tijolos amarelos da funerária Wendell. Um letreiro neon anunciava DESCANSO ETERNO. Embaixo do letreiro, na janela, lápides lisas em branco.

Wednesday parou no estacionamento.

— Quer que eu vá junto? — perguntou ele.

— Não.

— Ótimo. — O sorriso se abriu, sem humor. — Vou resolver uns assuntos enquanto você se despede. Vou reservar dois quartos no hotel América. Encontre-me lá quando tiver terminado.

Shadow saiu do carro e o observou partir. Em seguida, entrou no edifício. O corredor mal iluminado cheirava a flores e lustra-móveis, com um toque muito pequeno de formol e podridão. No final encontrava-se a Capela do Descanso.

Shadow então se deu conta de que ainda segurava a moeda de ouro, jogando-a para a frente e para trás, para cima e para baixo, várias vezes. O peso na mão o tranquilizava.

O nome de sua esposa estava escrito em uma folha de papel ao lado da porta, no fim do corredor. Ele entrou na capela. Shadow conhecia a maioria das pessoas lá dentro: a família de Laura, os colegas da agência de viagens, alguns amigos dela.

Todos o reconheceram. Deu para ver no rosto de cada um. Mas não houve nenhum sorriso, nenhuma saudação.

No fundo da capela, havia uma plataforma baixa, com um caixão cor de creme cercado por vários arranjos florais: vermelhos, amarelos, brancos e roxos bem escuros e sangrentos. Ele deu um passo à frente. De onde estava, era possível ver Laura. Shadow não queria se aproximar, mas não se atrevia a se afastar.

Um homem de terno escuro — Shadow imaginou que fosse um funcionário da funerária — apontou para um livro com capa de couro aberto sobre um pequeno suporte.

— Senhor? Gostaria de assinar o livro de condolências e lembranças?

Ele escreveu SHADOW e a data com sua letra cuidadosa e, em seguida, acrescentou (FOFINHO) ao lado, adiando a caminhada até os fundos da

capela, onde estavam as pessoas, e o caixão, e a coisa dentro do caixão creme que não era mais Laura.

Uma mulher baixa entrou na capela, mas parou, hesitante. O cabelo era de um ruivo acobreado, e as roupas eram caras e muito pretas. *Vestes de viúva*, pensou Shadow. Ele a conhecia bem: Audrey Burton, a esposa de Robbie.

Audrey segurava um ramo de violetas envolvido por papel prateado na base. Shadow pensou que era o tipo de arranjo que uma criança faria durante as férias de verão. Mas não era época de violetas.

Audrey olhou nos olhos de Shadow, mas não pareceu reconhecê-lo. Ela atravessou a capela e foi até o caixão de Laura. Ele a seguiu.

Laura estava de olhos fechados, com os braços cruzados sobre o peito. Usava um terninho azul conservador que ele não conhecia. O cabelo castanho comprido estava para trás. Era sua Laura, e ao mesmo tempo não era. Shadow percebeu que a postura dela não era natural. Laura sempre tivera um sono agitado.

Audrey colocou o ramo de violetas no caixão. Depois, comprimiu os lábios cor de amora, torceu a boca por um instante e cuspiu, com vontade, no rosto morto de Laura.

O cuspe acertou a bochecha e já começava a escorrer para a orelha.

Audrey se afastou e foi embora. Shadow correu atrás dela.

— Audrey? — chamou ele.

Dessa vez, ela o reconheceu. Shadow se perguntou se ela estava tomando calmantes. A voz parecia distante e apática.

— Shadow? Você fugiu? Ou foi solto?

— Fui solto ontem. Estou livre — respondeu Shadow. — Que merda foi aquela lá dentro?

Ela parou no corredor escuro.

— As violetas? Sempre foram as favoritas de Laura. Nós colhíamos juntas quando éramos pequenas.

— Não falei das violetas.

— Ah, *aquilo* — disse Audrey. Ela limpou um floco de algo invisível no canto da boca. — Bom, achei que fosse óbvio.

— Não para mim, Audrey.

— Ninguém contou? — Ela falava com uma voz calma, sem emoção. — Sua mulher morreu com o pau do meu marido na boca, Shadow.

Ela se virou e foi para o estacionamento. Shadow a viu ir embora. Voltou para dentro da funerária. Alguém já havia limpado o cuspe.

Nenhuma das pessoas na capela conseguiu encarar Shadow nos olhos. Os que se aproximaram para falar com ele fizeram o mínimo possível,

murmuraram condolências constrangidas e evaporaram.

Depois do almoço — Shadow comeu no Burger King —, foi o enterro. O caixão creme de Laura foi sepultado em um cemitério pequeno sem nome nos limites da cidade: um terreno sem cercas, descampado e acidentado, com algumas árvores e cheio de lápides de granito preto e mármore branco.

Ele foi até o cemitério no carro fúnebre da Wendell, junto com a mãe de Laura. A sra. McCabe parecia achar que a morte de Laura tinha sido culpa de Shadow.

— Se você estivesse aqui — disse ela —, isso nunca teria acontecido. Não sei por que ela se casou com você. Eu falei para ela. Falei várias vezes. Mas ninguém dá ouvidos à própria mãe, não é? — Ela parou e olhou mais atentamente para o rosto de Shadow. — Você andou brigando?

— Sim — admitiu ele.

— Seu bárbaro.

Ela ergueu a cabeça, o queixo tremendo, e ficou olhando para a frente.

Para a surpresa de Shadow, Audrey Burton também foi ao enterro, mas ficou mais afastada. A breve cerimônia terminou, e o caixão foi baixado na cova. As pessoas foram embora.

Shadow permaneceu lá. Ficou parado com as mãos no bolso, tremendo, olhando para o buraco no chão.

No alto, o céu estava escuro feito ferro, liso e vazio como um espelho. Continuava nevando, flocos erráticos e fantasmagóricos.

Ele queria dizer algo a Laura e estava disposto a esperar até descobrir o que era. Aos poucos, o mundo começou a perder luz e cor. Os pés de Shadow estavam ficando dormentes, enquanto as mãos e o rosto doíam por causa do frio. Ele enfiou as mãos ainda mais fundo nos bolsos para se aquecer, e os dedos envolveram a moeda de ouro.

Ele se aproximou da cova.

— Isto é para você — disse.

Algumas pás de terra já haviam sido jogadas em cima do caixão, mas ainda faltava um bocado para encher o buraco. Ele jogou a moeda de ouro na cova de Laura e depois um pouco de terra em cima para esconder o objeto da ganância alheia. Limpou a terra das mãos e disse:

— Boa noite, Laura. — Depois de um instante, acrescentou: — Sinto muito.

Ele se virou na direção das luzes da cidade e começou a caminhar de volta a Eagle Point.

O hotel ficava a uns três quilômetros de distância, mas, depois de anos preso, ele estava gostando da ideia de que podia andar o quanto quisesse, para sempre, se necessário. Podia continuar rumo ao norte e acabar no Alasca ou ir para o sul, até o México e além. Podia ir andando até a Patagônia, ou *Tierra del Fuego*. A Terra do Fogo. Ele tentou se lembrar de

como o lugar ganhou esse nome: lembrou-se de ler, quando era pequeno, sobre homens pelados agachados em volta de uma fogueira para se aquecer...

Um carro parou a seu lado. O vidro abaixou.

— Quer uma carona? — perguntou Audrey Burton.

— Não — respondeu ele. — Não sua.

Ele continuou andando. Audrey dirigiu a seu lado a cinco quilômetros por hora. Flocos de neve dançavam na luz dos faróis.

— Achei que ela fosse minha melhor amiga — disse Audrey. — A gente conversava todos os dias. Quando Robbie e eu brigávamos, ela era a primeira a saber... A gente ia até o Chi-Chi's para beber margaritas e falar de como os homens não prestam. E, nesse tempo todo, ela estava trepando com ele pelas minhas costas.

— Por favor, Audrey, vá embora.

— Só queria que você soubesse que eu tive um bom motivo para fazer o que fiz.

Ele não disse nada.

— Ei! — gritou ela. — Ei! Estou falando com você!

Shadow se virou.

— Está querendo que eu diga que você fez bem em cuspir no rosto de Laura? Quer que eu diga que aquilo não me magoou? Ou que o que você me contou me fez sentir mais ódio do que saudade? É melhor desistir, Audrey.

Ela o acompanhou por mais um minuto, sem falar nada.

— Então, como foi na cadeia, Shadow? — perguntou ela, por fim.

— Foi ótimo. Você teria se sentido em casa.

Ela pisou com força no acelerador, fazendo o motor rugir, e foi embora.

Sem os faróis, o mundo ficou escuro. O crepúsculo virou noite. Shadow esperou que a caminhada o aquecesse, que distribuísse calor até as mãos e os pés gelados. Não foi o que aconteceu.

Na cadeia, Low Key Lyesmith um dia havia chamado o pequeno cemitério atrás da enfermaria de Pomar de Ossos, e a imagem ficou gravada na mente de Shadow. Naquela mesma noite, ele havia sonhado com um pomar ao luar, com árvores brancas esqueléticas, galhos que terminavam em mãos ossudas, raízes que se afundavam nos túmulos. No sonho, as árvores do pomar de ossos davam frutas, e elas tinham algo de muito perturbador, mas, quando acordou, Shadow não conseguiu lembrar que fruta estranha crescia naquelas árvores nem por que ele a havia achado tão asquerosa.

Carros passaram por ele. Shadow queria que tivesse uma calçada ali. Ele tropeçou em algo que não conseguiu ver na escuridão e caiu na vala ao lado da rua, e sua mão se afundou alguns centímetros na lama fria. Levantou-se e limpou as mãos na calça. Ficou parado, meio desconcertado. Só reparou que havia alguém a seu lado quando algo úmido foi pressionado em seu nariz e em sua boca e ele sentiu o cheiro pungente de produto químico.

Agora, a vala parecia até quente e aconchegante.

As têmporas de Shadow pareciam estar pregadas no crânio, e ele só enxergava borrões.

As mãos foram amarradas atrás das costas com o que pareciam tiras de pano. Ele estava dentro de um carro com bancos de couro. Por um instante, pensou que havia algo de errado com sua percepção de profundidade, mas percebeu que, não, o outro banco ficava *mesmo* longe.

Havia outras pessoas sentadas a seu lado, mas ele não conseguia se virar para vê-las.

O jovem gordo na outra ponta da limusine pegou uma lata de Coca Diet no bar e a abriu. Usava um casaco preto comprido, feito de algum material que lembrava seda, e parecia recém-saído da adolescência: uma das bochechas era cravejada de espinhas. Ele sorriu ao ver que Shadow tinha acordado.

— Oi, Shadow — disse ele. — Não me faça de idiota.

— Tudo bem — respondeu Shadow. — Não vou. Você poderia me deixar no hotel América, na interestadual?

— Bata nele — disse o jovem para a pessoa à esquerda de Shadow.

Um soco acertou o estômago de Shadow, fazendo-o perder o fôlego e se inclinar para a frente. Levou um tempo para se endireitar de novo.

— Eu disse para não me fazer de idiota. Isso foi me fazer de idiota. Dê respostas curtas e objetivas, senão eu mato você, porra. Ou talvez não mate. Talvez eu mande as crianças quebrarem todos os ossos desse seu corpo de merda. São duzentos e seis. Então não me faça de idiota.

— Entendi — disse Shadow.

As luzes no teto da limusine mudaram de violeta para azul, depois para verde e então para amarelo.

— Você trabalha para Wednesday — disse o jovem.

— Isso — respondeu Shadow.

— O que aquele merda quer? O que ele está fazendo aqui, você sabe? Ele deve ter algum plano. O que ele está tramando?

— Comecei a trabalhar para senhor Wednesday hoje de manhã — falou Shadow. — Coisa pequena. Talvez motorista, se ele me deixar dirigir em algum momento. Trocamos uma dúzia de palavras e só.

— Está dizendo que não sabe de nada?

— Estou dizendo que não sei de nada.

O garoto o encarou. Tomou mais um gole de Coca, arrotou e o encarou mais um pouco.

— Você me diria se soubesse?

— Provavelmente não — admitiu Shadow. — Como você mesmo disse, eu trabalho para o senhor Wednesday.

O garoto abriu o casaco e tirou uma cigarreira de prata de um bolso interno. Ele abriu a tampa e ofereceu um cigarro para Shadow.

— Fuma?

Shadow pensou em pedir para desamarrarem as mãos dele, mas achou melhor não.

— Não, obrigado.

O cigarro parecia enrolado à mão, e, quando o garoto acendeu, com um isqueiro Zippo preto fosco, o cheiro que se alastrou pela limusine não era de tabaco. Shadow concluiu que também não era de maconha. Parecia um pouco com peças queimadas de equipamentos elétricos.

O garoto deu um trago profundo e prendeu a respiração. Ele deixou a fumaça sair aos poucos pela boca e puxou de volta pelo nariz. Shadow desconfiava de que ele havia treinado aquilo por algum tempo na frente de um espelho antes de fazer em público.

— Se for mentira — disse, como se estivesse muito longe dali —, eu mato você. Você sabe que sim.

— É, eu sei.

O garoto deu mais um trago demorado no cigarro. As luzes dentro da limusine se transmutaram para laranja, vermelho e depois roxo.

— Você disse que está hospedado no hotel América, não é? — Ele bateu no vidro do motorista atrás de si. O vidro baixou. — Ei. Hotel América, na interestadual. Precisamos deixar nosso convidado.

O motorista assentiu, e o vidro voltou a subir.

As luzes cintilantes de fibra óptica dentro da limusine continuaram mudando, transitando pela série de cores fracas. Shadow teve a impressão de que os olhos do garoto também estavam cintilando. Eles lembravam o tom verde de um monitor antigo.

— Tenho uma mensagem para Wednesday, cara: diga que ele já era. Ele é passado, já está velho. E é melhor ele aceitar isso. Diga que nós somos o futuro e que estamos pouco nos fodendo para ele ou qualquer um que nem ele. O tempo dele acabou. Certo? Diga essa porra para ele, cara. Ele foi relegado ao chiqueiro da história enquanto gente como eu leva nossas limusines pela super-rodovia do amanhã.

— Vou dizer, pode deixar — respondeu Shadow. Estava começando a se sentir tonto. Torceu para não passar mal.

— Diga a ele que nós reprogramamos a porra da realidade. Diga que a língua é um vírus, que a religião é um sistema operacional, que as orações são só uma porrada de spam. Diga isso para ele, senão eu mato você — falou o jovem, tranquilamente, no meio da fumaça.

— Entendi — disse Shadow. — Pode me deixar aqui. Posso ir andando.

O jovem assentiu.

— Foi ótimo conversar com você — disse. A fumaça o deixara mais afável. — É bom você saber que, se nós o matarmos, vamos deletar a sua existência. Entendeu? Com um clique, você vai ser transformado em uns e zeros aleatórios. Não tem como voltar atrás. — Bateu no vidro as suas costas. — Ele vai descer aqui. — Em seguida, virou-se para Shadow e apontou com o cigarro. — Pele de sapo sintética. Sabia que já dá para sintetizar bufotenina?

O carro parou. A pessoa à direita de Shadow desceu e segurou a porta para ele, que saiu meio desengonçado, com as mãos ainda amarradas. Percebeu que não havia reparado direito em nenhuma das duas pessoas que estiveram no banco junto dele. Não sabia se eram homens ou mulheres, jovens ou velhos.

Cortaram as amarras de Shadow. As tiras de náilon caíram no asfalto. Ele se virou. Dentro do carro só parecia haver uma nuvem inquieta de fumaça com dois pontos de luz cor de cobre cintilando, como os belos olhos de um sapo.

— O que vale é a porra do paradigma dominante, Shadow. Nada mais importa. E, olha, uma pena o que aconteceu com a sua esposa.

A porta se fechou, e a limusine foi embora em silêncio. Shadow estava a uns duzentos metros do hotel e começou a caminhar, respirando o ar frio e passando por letreiros luminosos vermelhos, amarelos e azuis que anunciavam todos os tipos de fast-food imagináveis, desde que houvesse um hambúrguer no meio. Ele chegou ao hotel América sem mais percalços.

CAPÍTULO
TRÊS

Todas as horas ferem. A última mata.

Velho ditado

SHADOW ENCONTROU UMA jovem magra na recepção do hotel América. Ela explicou a ele que o check-in já havia sido feito por seu amigo, e lhe entregou o cartão de plástico que servia de chave para o quarto. A garota tinha cabelo louro-claro, e seu rosto tinha um quê de rato, coisa que ficava ainda mais aparente quando ela parecia desconfiada, mas que se atenuava quando sorria. Na maior parte do tempo que passou olhando para Shadow, ela parecia desconfiada. Recusou-se a dizer o número do quarto de Wednesday e insistiu em telefonar para avisá-lo da chegada de Shadow.

Wednesday saiu de um quarto no fim do corredor e foi até ele.

— Como foi o velório?

— Acabou.

— Ruim, é? Quer conversar sobre isso?

— Não.

— Ótimo. — Wednesday sorriu. — As pessoas conversam demais hoje em dia. É só blá-blá-blá. O país estaria muito melhor se as pessoas aprendessem a sofrer em silêncio. Com fome?

— Um pouco.

— Aqui não tem comida. Mas dá para pedir uma pizza, que eles incluem na conta.

Wednesday o levou até seu quarto, que ficava de frente para o de Shadow. Havia mapas espalhados por toda parte, abertos sobre a cama, colados nas paredes. Wednesday tinha rabiscado em todos eles com marca-textos coloridos — verdes fluorescentes, rosas chocantes, laranjas fortes.

— Fui sequestrado por um garoto gordo numa limusine — comentou Shadow. — Ele mandou dizer que você foi relegado ao chiqueiro da história enquanto gente como ele leva suas limusines pelas super-rodovias da vida. Ou algo assim.

— Aquele moleque arrogante — disse Wednesday.

— Você o conhece?

Wednesday deu de ombros.

— Sei quem é. — Ele se jogou na única cadeira do quarto. — Ah, eles não fazem ideia. Aqueles merdinhas não fazem a menor ideia. Por quanto tempo você acha que vai precisar ficar aqui na cidade?

— Não sei. Talvez mais uma semana. Acho que preciso resolver as coisas da Laura. Arrumar o apartamento, dar um fim nas roupas, esse tipo de coisa. A mãe dela vai ficar louca, mas aquela velha merece.

Wednesday assentiu com a cabeça enorme.

— Bem, quanto mais cedo você terminar, mais cedo poderemos sair de Eagle Point. Boa noite.

Shadow atravessou o corredor. Seu quarto era uma cópia exata do de Wednesday, incluindo a foto de um pôr do sol sanguinolento pendurada na parede atrás da cama. Pediu uma pizza de queijo com almôndegas e encheu a banheira, esvaziando todas as minigarrafinhas de xampu na água para fazer espuma.

Era grande demais para caber na banheira deitado, então sentou-se nela e desfrutou o máximo possível. Shadow prometera a si mesmo um banho de banheira quando saísse da prisão, e ele cumpria suas promessas.

A pizza chegou pouco depois do banho, e ele a arrematou com uma lata de cerveja.

Ligou a televisão e assistiu a um episódio de Jerry Springer que se lembrava de ter visto antes de ir para a cadeia. O tema era “Quero me prostituir”, e diversos candidatos ao trabalho, a maioria mulheres, apareciam no palco para ouvir gritos e insultos da plateia. Depois, um cafetão coberto de ouro saía e oferecia vagas em seu bordel, então uma ex-prostituta vinha correndo e suplicava para que os jovens arrumassem um emprego de verdade. Shadow desligou antes que Jerry pudesse revelar a moral do dia.

Ficou pensando, deitado na cama: *Esta é minha primeira vez na cama como um homem livre*. O pensamento deu menos prazer do que imaginara que daria. Deixou as cortinas abertas e ficou observando as luzes dos carros e dos restaurantes de fast-food pela janela, reconfortado pelo fato de existir um mundo lá fora, um mundo que ele podia visitar sempre que quisesse.

Poderia ter se deitado na cama de casa, no apartamento que dividira com Laura — na cama em que se deitara com Laura. Mas a ideia de estar lá sem ela, cercado pelas coisas dela, pelo cheiro dela, pela vida dela, aquilo doía demais...

Não pense nisso, retrucou Shadow. Decidiu se distrair com outra coisa. Pensou em truques com moedas. Sabia que não tinha personalidade para se tornar um mágico: não sabia inventar as histórias tão necessárias para a credibilidade nem queria fazer truques com baralho ou conjurar flores de papel. Mas gostava de manipular moedas, apreciava a destreza do exercício. Começou a listar os truques de desaparecimento de moedas que sabia, o que o fez se lembrar da moeda que jogara no túmulo de Laura, e aí, em sua

mente, Audrey anunciava que Laura tinha morrido com o pau de Robbie na boca, e Shadow sentiu outra vez um ligeiro aperto no peito. No coração.

Todas as horas ferem. A última mata. Onde tinha ouvido isso? Não lembrava mais. Sentia, em algum lugar bem no fundo, um acúmulo de raiva e dor, um nó de tensão na base do crânio, uma pressão nas têmporas. Inspirou pelo nariz, soltou o ar pela boca, obrigou-se a relaxar.

Pensou no comentário de Wednesday e sorriu, mesmo sem vontade. Já ouvira gente demais falando que não se podia reprimir os sentimentos, que era preciso dar vazão às emoções, deixar a dor sair. Shadow achava que reprimir as emoções trazia muitas vantagens. Acreditava que, se os sentimentos ficassem enterrados por tempo suficiente e a uma profundidade suficiente, logo não sentiria mais nada.

O sono chegou sem que Shadow percebesse.

Estava caminhando...

Estava caminhando por um cômodo maior que uma cidade, e por todos os lados que olhava via estátuas, esculturas e representações em entalhes grosseiros. Parou perto de uma estátua de algo que parecia uma mulher: os seios nus pendiam diante do tórax, em volta da cintura havia uma corrente feita de mãos decepadas, as próprias mãos dela seguravam facas afiadas, e, no lugar da cabeça, havia duas serpentes gêmeas com o corpo arqueado, olhando uma para a outra, prestes a dar o bote. A figura tinha algo de extremamente perturbador, provocava uma sensação intensa e violenta de desconforto. Shadow se afastou.

Começou a andar pelo salão. Os olhos esculpidos das estátuas pareciam acompanhar todos os seus passos.

No sonho, reparou que no piso à frente de cada uma delas, havia um nome incandescente. O homem de cabelo branco com um colar de dentes no pescoço e um tambor nas mãos era *Leucotios*; a mulher de quadris largos com monstros saindo de um talho imenso entre suas pernas era *Hubur*; o homem com cabeça de carneiro segurando uma bola dourada nas mãos era *Hershef*.

Uma voz meticulosa, afetada e lacônica falava com ele no sonho, mas Shadow não via ninguém.

— Estes deuses foram esquecidos e podem ser considerados mortos. São encontrados apenas em histórias caducas. Todos se foram, mas seus nomes e imagens permanecem conosco.

Shadow virou em um corredor e se viu dentro de outro salão, ainda maior que o primeiro. A extensão ia além do alcance da vista. Perto dele estavam o crânio de um mamute, polido e marrom, e um manto ocre peludo envolvendo o corpo de uma mulher pequena com a mão esquerda deformada. A seguir, havia três mulheres, todas esculpidas em um único bloco de granito e ligadas pela cintura: seus rostos pareciam inacabados, feitos às pressas, mas os seios e a genitália foram esculpidos com grande

esmero. Havia também uma ave sem asas que Shadow não reconheceu. Era duas vezes maior do que ele, com um bico de urubu feito para rasgar e braços humanos — e muitas outras representações.

A voz falou outra vez, como se estivesse se dirigindo a uma sala de aula:

— Estes deuses se extinguíram da memória. Até mesmo seus nomes se perderam. As pessoas que os adoravam foram igualmente esquecidas. Seus totens há muito se quebraram e ruíram. Os últimos sacerdotes morreram sem transmitir seus segredos.

“Deuses morrem. E, quando morrem para sempre, não há luto nem memória. É mais difícil matar uma ideia do que uma pessoa, mas, no fim das contas, ideias também podem morrer.”

Um murmúrio começou a ecoar pelo salão, um sussurro baixo que fez Shadow sentir, no sonho, um medo enervante e inexplicável. Foi tomado por um pânico absoluto, ali, em meio aos salões dos Deuses cuja própria existência havia sido esquecida — deuses com cara de polvo e deuses que eram apenas mãos mumificadas, pedras caídas, incêndios florestais...

Shadow acordou com o coração batendo forte no peito, a testa úmida, completamente desperto. Os números vermelhos no relógio da mesa de cabeceira informavam que era 1h03. A luz no letreiro do hotel América, lá fora, entrava pela janela. Desorientado, Shadow se levantou e entrou no minúsculo banheiro. Urinou sem acender as luzes e voltou para o quarto. O sonho ainda estava fresco, vívido em sua mente, mas não sabia dizer por que ficara tão assustado.

A luz que vinha de fora era fraca, mas seus olhos já estavam acostumados à escuridão. Havia uma mulher sentada na cama.

Ele a conhecia. Teria reconhecido aquela mulher no meio de mil pessoas, no meio de cem mil. Ela estava sentada, ereta, em sua cama. Ainda usava o terninho azul-marinho com que fora enterrada.

A voz não passava de um sussurro, mas era familiar.

— Acho — começou Laura — que você vai me perguntar o que estou fazendo aqui.

Shadow não falou nada.

Sentou-se na única cadeira do quarto e, por fim, perguntou:

— Gata? É você?

— Sim. Estou com frio, fofinho.

— Você está morta, gata.

— Sim. Sim. Estou. — Laura deu uma batidinha no colchão, ao seu lado.

— Senta aqui perto de mim.

— Não — retrucou Shadow. — Acho que vou ficar deste lado mesmo, por enquanto. Precisamos resolver algumas questões.

— Como o fato de eu estar morta?

— Talvez, mas na verdade eu estava pensando no jeito como você morreu. Você e Robbie.

— Ah. Isso.

Shadow sentia — ou, pensando bem, talvez só estivesse imaginando que sentia — um cheiro de podridão, flores e produtos químicos. Sua esposa — sua ex... não, corrigiu-se, sua *falecida* esposa — estava sentada na cama e o observava sem nem sequer piscar.

— Fofinho. Você poderia... Será que me arranjaria... um cigarro?

— Achei que tivesse parado de fumar.

— Eu parei. Mas não estou mais preocupada com minha saúde. E acho que isso poderia me acalmar. Tem uma máquina de cigarros no saguão.

Shadow vestiu a calça e a camiseta e saiu, descalço, rumo ao saguão. O recepcionista noturno era um homem de meia-idade e estava lendo um livro de John Grisham. Shadow comprou um maço de Virginia Slims na máquina e lhe pediu uma cartela de fósforos.

O homem o encarou e perguntou o número do quarto. Shadow disse. O homem assentiu.

— Você está em um quarto para não fumantes — explicou o recepcionista. — Deixe a janela aberta.

Ele lhe entregou uma cartela de fósforos e um cinzeiro de plástico com a logo do hotel América.

— Pode deixar.

Shadow voltou para o quarto. Não acendeu a luz. Sua esposa continuava na cama. Estava deitada sobre as cobertas emboladas. Shadow abriu a janela e lhe passou o maço e os fósforos. Os dedos dela estavam frios. Laura acendeu um fósforo, e Shadow reparou que as unhas, sempre impecáveis, estavam rachadas e quebradas, com lama por baixo.

Laura acendeu o cigarro, tragou e apagou o fósforo com um sopro. Deu mais uma tragada.

— Não consigo sentir — comentou. — Acho que não está fazendo efeito.

— Sinto muito.

— Eu também.

Quando ela tragou, a ponta do cigarro se acendeu, e Shadow viu seu rosto.

— Então — começou ela. — Você foi solto.

— Sim.

— Como foi na cadeia?

— Podia ter sido pior.

— Sim. — A ponta do cigarro brilhou em um tom laranja. — Ainda sou muito grata. Nunca devia ter envolvido você naquela história.

— Bom, eu aceitei. Podia ter recusado.

Shadow se perguntou por que não estava com medo dela, por que um sonho envolvendo um museu o deixava apavorado enquanto um cadáver ambulante na sua frente não lhe causava medo algum.

— Sim — respondeu ela. — Podia mesmo. Seu mané. — A fumaça envolveu o rosto dela. Laura estava muito bonita naquela penumbra. — Quer saber de mim e Robbie?

— Quero.

Era porque continuava sendo Laura, Shadow percebeu. Viva ou morta, não tinha como sentir medo dela.

Ela apagou o cigarro no cinzeiro.

— Você estava preso — explicou. — E eu precisava conversar com alguém. Precisava de um ombro amigo. Você não estava lá. Eu estava sofrendo.

— Sinto muito.

Shadow reparou que havia algo diferente na voz dela, e tentou identificar o que era.

— Eu sei. Então a gente saía para tomar café. Conversava sobre o que ia fazer quando você saísse da cadeia. Sobre como seria bom ver você de novo. Ele gostava muito de você, sabe? Não via a hora de você voltar para o seu antigo trabalho.

— Sim.

— Aí, Audrey viajou por uma semana para visitar a irmã. Foi, hum, mais ou menos um ano, uns treze meses depois que você foi preso. — A voz de Laura era inexpressiva. Cada palavra parecia monótona e vazia, como pedras caindo, uma a uma, dentro de um poço. — Robbie veio me visitar. Nós enchemos a cara. Transamos no chão do quarto. Foi bom. Muito bom.

— Eu não precisava saber disso.

— Não? Desculpe. É mais difícil filtrar quando a gente morre. É como se fosse uma fotografia, sabe? Não tem tanta importância.

— Para mim, tem.

Laura acendeu outro cigarro. Seus movimentos eram fluidos e habilidosos, não enrijecidos. Shadow se perguntou, por um instante, se ela estava mesmo morta. Talvez fosse só uma pegadinha muito elaborada.

— Sim. Eu percebi. Bem, nós seguimos com nosso caso... se bem que não chamávamos de “caso”, não chamávamos de nada. Durou quase dois anos.

— Você ia me trocar por ele?

— Por que eu faria isso? Você é meu ursão. Meu fofinho. Você fez aquilo por mim. Eu esperei três anos para você voltar. Eu amo você.

Ele se conteve antes de responder *Também amo você*. Não ia falar isso. Não mais.

— Então o que aconteceu naquela noite?

— Na noite em que eu morri?

— É.

— Bom, saí com Robbie para conversarmos sobre sua festa surpresa de boas-vindas. Teria sido muito boa. E falei que estava tudo acabado entre

nós. De vez. Que, com você de volta, era assim que tinha que ser.

— Hum. Obrigado, gata.

— De nada, querido. — A sombra de um sorriso surgiu no rosto dela. — Nós ficamos bem sentimentais. Foi bonitinho. Ficamos idiotas. Eu bebi demais. Ele, não. Ele tinha que dirigir. Estávamos voltando para casa, e anunciei que ia fazer um boquete de despedida, uma última vez na vida, então abri o zíper da calça dele e fiz.

— Grande erro.

— Nem me fale. Empurrei a alavanca de marcha com o ombro, e ele tentou me afastar para engrenar o motor de novo, mas o carro desviou, ouvi um barulho alto, e lembro que o mundo começou a girar e rodopiar, e pensei: *Vou morrer*. Fiquei muito calma. Eu me lembro disso. Não senti medo. E não me lembro de mais nada.

Shadow sentiu cheiro de plástico queimado. Percebeu que era o cigarro: tinha queimado até o filtro. Laura parecia não perceber.

— O que está fazendo aqui, Laura?

— Uma mulher não pode visitar o marido?

— Você está morta. Fui ao seu velório ontem à tarde.

— Sim.

Ela parou de falar e ficou olhando para o vazio. Shadow se levantou e foi até ela. Pegou a guimba acesa de seus dedos e jogou pela janela.

— E aí?

O olhar dela procurou o dele.

— Não sei muito mais do que sabia quando estava viva. A maior parte do que eu sei agora e que não sabia antes... não consigo colocar em palavras.

— Normalmente, quem morre fica na cova — disse Shadow.

— Fica? Fica mesmo, fofinho? Eu também achava isso. Agora não tenho mais tanta certeza. Talvez.

Ela saiu da cama e foi até a janela. Seu rosto, iluminado pelo letreiro do hotel, era tão bonito quanto sempre fora. O rosto da mulher por quem ele havia ido para a cadeia.

Shadow sentiu o coração doer, como se alguém o tivesse agarrado e apertado.

— Laura...?

A mulher não olhou para ele.

— Você se envolveu com umas coisas bem ruins, Shadow. Vai se ferrar se não tiver alguém para cuidar de você. Eu vou fazer isso. E obrigada pelo presente.

— Que presente?

Laura enfiou a mão no bolso da blusa e tirou a moeda de ouro que ele tinha jogado na cova, mais cedo. Ainda estava suja de terra preta.

— Talvez eu mande colocar em uma corrente. Foi muita gentileza sua.

— De nada.

Ela se virou e o encarou com olhos que pareciam ao mesmo tempo enxergá-lo e não enxergá-lo.

— Acho que precisamos trabalhar alguns aspectos do nosso casamento.

— Gata, você está morta.

— Esse é um dos aspectos, é claro. — Ela fez uma pausa. — Certo. Vou embora agora. É melhor assim.

E, com gestos naturais e fluidos, ela se virou, apoiou as mãos nos ombros de Shadow e ficou na ponta dos pés para lhe dar um beijo, como sempre fizera em seus beijos de despedida.

Sem jeito, Shadow se inclinou para beijá-la no rosto, mas Laura desviou a boca ao mesmo tempo, e seus lábios se encontraram. O hálito dela tinha um leve cheiro de naftalina.

A língua de Laura se mexeu para dentro da boca de Shadow. Era fria e seca e tinha gosto de cigarro e bÍlis. Se ele ainda tinha alguma dúvida quanto ao fato de sua esposa estar morta, essa dúvida desapareceu.

Ele se afastou.

— Eu amo você — disse Laura, simplesmente. — E vou cuidar de você.

— Ela foi até a porta do quarto. Shadow sentiu um gosto estranho na boca.

— Durma um pouco, fofinho. E não se meta em confusão.

Laura abriu a porta. A luz fluorescente não a favorecia: deixava-a pálida como um cadáver — mas, pensando bem, ela fazia isso com todo mundo.

— Você podia ter pedido para eu passar a noite — comentou, com a voz gélida.

— Acho que eu não conseguiria — respondeu Shadow.

— Você vai conseguir, querido. Antes de isso tudo acabar. Vai conseguir.

Ela se virou e avançou pelo corredor.

Shadow colocou a cabeça para fora da porta. O recepcionista da noite ainda lia o livro de John Grisham e mal levantou a cabeça quando Laura passou. Seus sapatos estavam sujos de lama de cemitério. Ela se foi.

Shadow soltou um suspiro baixo. O coração batia descompassado. Atravessou o corredor e bateu na porta de Wednesday. Ao bater, teve uma sensação muito esquisita: como se estivesse sendo atingido por asas negras, como se estivesse sendo atravessado por um corvo enorme que saía pelo corredor em direção ao mundo.

Wednesday abriu a porta. Usava uma toalha branca do hotel enrolada na cintura e mais nada.

— O que você quer?

— Você precisa ouvir isso. Talvez tenha sido um sonho, mas não foi, ou talvez eu tenha inalado um pouco daquela fumaça do cigarro de pele de sapo sintética do garoto gordo, ou provavelmente só estou ficando doido...

— É, é, sim. Desembucha — interrompeu Wednesday. — Estou um pouco ocupado.

Shadow deu uma olhada para dentro do quarto. Viu que tinha alguém na cama, olhando para ele. Um lençol cobria os seios pequenos. Cabelo louro-claro, o rosto com um quê de rato. A menina da recepção. Abaixou a voz.

— Acabei de ver minha esposa — explicou. — Estava no meu quarto.

— Um fantasma? Você viu um fantasma?

— Não. Não era um fantasma. Ela estava sólida. Era ela. Está morta, sim, mas não era um fantasma. Eu encostei nela. Ela me beijou.

— Entendo. — Wednesday olhou para a mulher na cama. — Volto já, minha querida.

Foram até o quarto de Shadow. Wednesday acendeu as luminárias. Olhou para a guimba de cigarro no cinzeiro. Coçou o peito. Seus mamilos eram escuros, mamilos de velho, e o pelo do peito era grisalho. Havia uma cicatriz branca em um dos lados do torso. Ele farejou o ar. E deu de ombros.

— Certo. Sua esposa morta apareceu por aqui. Está com medo?

— Um pouco.

— Muito sábio. Eu sempre me borro de medo dos mortos. Algo mais?

— Estou pronto para ir embora de Eagle Point. A mãe de Laura pode resolver as coisas do apartamento e tudo o mais. Ela já me odeia, mesmo. Posso ir quando você quiser.

Wednesday sorriu.

— Bom saber, filho. Vamos embora amanhã de manhã. Bem, você devia dormir um pouco. Tem um pouco de uísque no meu quarto, se precisar de uma ajudinha. Quer?

— Não. Vou ficar bem.

— Então não me perturbe mais. Tenho uma longa noite pela frente.

— Sem dormir? — perguntou Shadow, sorrindo.

— Eu não durmo. As pessoas dão valor demais ao sono. É um hábito ruim, e faço o possível para evitar... Procuro companhia sempre que possível, e a jovem pode sair do ponto se eu não voltar logo.

— Boa noite.

— Exatamente — respondeu Wednesday, fechando a porta ao sair.

Shadow se sentou na cama. O cheiro de cigarro e produtos químicos pairava no ar. Queria estar de luto por Laura: parecia mais apropriado do que estar incomodado ou, como admitiu depois que ela se foi dali, só com um pouco de medo. Precisava de um tempo de luto. Apagou as luzes, deitou-se na cama e pensou na Laura de antes de ser preso. Lembrou-se do casamento, de quando eles eram jovens, felizes, idiotas, incapazes de desgrudar um do outro.

Fazia muito tempo que Shadow não chorava, tanto que ele achava que não sabia mais como chorar. Não chorou nem quando a mãe morreu. No entanto, começou a chorar ali na cama, soltando soluços intensos e dolorosos. Sentia saudade de Laura e dos dias que nunca mais voltariam.

Pela primeira vez desde que era pequeno, Shadow chorou até dormir.

VINDA À AMÉRICA

813 D.C.

ELES NAVEGARAM PELO mar verde se guiando pelas estrelas e pela costa, e quando a costa era só uma lembrança e o céu noturno ficou coberto e escuro, se orientaram pela fê e suplicaram ao Pai de Todos para que os conduzisse em segurança até a terra firme.

Aquela foi uma jornada ruim, com dedos dormentes e um frio de gelar os ossos que nem o vinho conseguia afastar. Acordavam pela manhã com o orvalho congelado nas barbas, e, enquanto o sol não os aquecia, pareciam homens velhos, as barbas brancas e precoces.

Quando chegaram às terras verdes do oeste, os dentes estavam ficando bambos, e os olhos, fundos.

— Estamos bem longe de nossos lares e de nossas lareiras — disseram os homens —, longe dos mares que conhecemos e das terras que amamos. Aqui, nos limites do mundo, seremos esquecidos por nossos deuses.

O líder deles subiu em uma imensa pedra e riu daquela falta de fê.

— O Pai de Todos criou o mundo — gritou. — Ele o construiu com as próprias mãos a partir dos ossos quebrados e da carne de Ymir, seu avô. Ele colocou o cérebro de Ymir no céu para fazer as nuvens, e seu sangue salgado se tornou o mar que atravessamos. Se ele fez o mundo, não percebem que também foi ele quem criou esta terra? E, se morrermos aqui como homens, não percebem que seremos recebidos em seu salão?

E eles gritaram e riram. Revigorados, começaram a construir um salão de árvores cortadas e lama, cercado por uma barreira de estacas — embora, pelo que soubessem, fossem os únicos homens naquela nova terra.

No dia em que o salão ficou pronto, caiu uma tempestade: o céu do meio-dia ficou escuro como a noite e cravejado de riscos de chamas brancas, e os estrondos de trovão eram tão intensos que quase ensurdecaram os homens, e o gato do navio que haviam trazido para dar sorte se escondeu debaixo do bote, na praia. A tempestade foi tão intensa e terrível que os homens riram e saudaram uns aos outros com tapinhas nas costas, dizendo:

— O trovejador está aqui conosco, mesmo nesta terra distante.

Eles agradeceram, regozijaram-se e beberam até cair.

Naquela noite, na escuridão fumacenta do salão, o bardo entoou as antigas canções. Ele cantou sobre Odin, o Pai de Todos, que foi sacrificado em seu próprio nome com a mesma bravura e nobreza com que outros eram sacrificados no nome dele. Cantou sobre os nove dias em que o Pai de Todos pendeu da Árvore do Mundo com um talho no corpo, sangrando pela ferida da lança (a canção se tornou um grito nesse momento); e cantou aos homens sobre tudo o que o Pai de Todos aprendeu em sua agonia: nove nomes, nove runas e duas vezes nove encantamentos. Quando cantou sobre a lança que feriu o corpo de Odin, o bardo berrou de dor, tal como o próprio Pai de Todos gritara em agonia, e todos os homens estremeceram, imaginando a dor.

Encontraram o *skraeling* no dia seguinte, o dia do Pai de Todos. Era um homem pequeno, de cabelo longo preto como as asas de um corvo e pele da cor intensa da argila vermelha. Falava com palavras que ninguém compreendia, nem mesmo o bardo, que estivera a bordo de um navio que havia cruzado as colunas de Hércules e conhecia o dialeto mercantil que os homens falavam em todo o Mediterrâneo. O desconhecido trajava penas e peles, e seu cabelo longo estava entrançado com pequenos ossos.

Conduziram o homem ao acampamento e lhe deram carne assada para comer e bebida forte para saciar a sede. Riram incontrolavelmente do homem quando ele saiu cantando, cambaleante, ou quando sua cabeça pendeu e balançou, e isso com menos de um corno de hidromel. Eles lhe deram mais para beber e, em pouco tempo, o *skraeling* estava deitado debaixo da mesa, com a cabeça aninhada nos braços.

Então o ergueram, um homem para cada ombro, um homem para cada perna, e o carregaram nos ombros, formando um cavalo de oito patas entre os quatro homens e o tronco do *skraeling*, e o conduziram à frente de uma procissão até um freixo na colina junto à baía. Lá, envolveram seu pescoço com uma corda e o penduraram bem alto, ao vento — um tributo ao Pai de Todos, o senhor da força. O corpo balançou ao vento, e o rosto se enegreceu, a língua pendeu, os olhos saltaram, o pênis ficou tão rígido que poderia sustentar um elmo de couro, tudo enquanto os homens bradavam, gritavam e riam, cheios de orgulho por enviarem seu sacrifício aos céus.

E, no dia seguinte, quando dois corvos imensos pousaram no corpo do *skraeling*, um em cada ombro, e começaram a bicar o rosto e os olhos, os homens souberam que o sacrifício fora aceito.

Foi um longo inverno, e eles sentiram fome, mas se animaram com a perspectiva de que, com a primavera, mandariam o navio de volta às terras do norte, e a embarcação traria colonizadores e mulheres. Conforme o tempo esfriava e os dias encurtavam, alguns homens decidiram procurar o povoado dos *skraelings*, na esperança de encontrar comida e mulheres. Não encontraram nada, só restos de fogueiras apagadas em acampamentos pequenos e abandonados.

Certo dia, no meio do inverno, quando o sol estava distante e frio como uma moeda de prata baça, viram que o corpo do *skraeling* tinha sido removido do freixo. Naquela tarde começou a nevar, flocos lentos e imensos.

Os homens das terras do norte fecharam o portão de seu acampamento e se recolheram atrás do muro de madeira.

A tropa guerreira dos *skraelings* atacou à noite: quinhentos homens contra trinta. Eles escalaram o muro e, nos sete dias seguintes, mataram cada um dos trinta homens, de trinta formas diferentes. E os navegadores foram esquecidos pela história e pelo próprio povo.

O muro foi derrubado, e o vilarejo, queimado. O bote, virado e arrastado praia acima, também foi queimado, na esperança de que fosse o único barco daqueles homens pálidos e estranhos, e de que queimá-lo servisse como garantia de que jamais chegariam outros homens do norte pelos mares.

Levou mais de cem anos até que Leif, o Sortudo, filho de Erik, o Vermelho, redescobrisse a terra e a batizasse de Vinlândia. Seus deuses já o esperavam quando ele chegou: Týr, de apenas uma mão; o velho Odin, deus da força; e Thor, dos trovões.

Eles estavam lá.

Esperando.

CAPÍTULO

QUATRO

*Que o Especial da Meia-Noite
Lance sua luz sobre mim
Que o Especial da Meia-Noite
Lance sua luz amorosa sobre mim*

“The Midnight Special”, canção tradicional

SHADOW E WEDNESDAY tomaram café em um restaurante em frente ao hotel. Eram oito da manhã, e o mundo estava frio e enevoadado.

— Você continua pronto para sair de Eagle Point? — perguntou Wednesday, diante do bufê de café da manhã. — Se estiver, preciso dar uns telefonemas. É sexta-feira. Sexta-feira é um dia de liberdade. Um dia de mulher. Amanhã é sábado. Há muito a fazer no sábado.

— Estou pronto — respondeu Shadow. — Nada me prende aqui.

Wednesday encheu o prato com vários tipos de frios. Shadow pegou um pouco de melão, um bagel e um potinho de cream cheese.

— Você teve um sonho e tanto ontem à noite — comentou Wednesday.

— É. É mesmo.

Ele vira as pegadas de lama de Laura no carpete do hotel, quando se levantou pela manhã. Saíam do quarto para o saguão e seguiam porta afora.

— Então... — começou Wednesday. — Por que o chamam de Shadow? Shadow deu de ombros.

— É só um nome. — Do outro lado da janela, o mundo envolto em bruma se tornara um desenho a lápis de diversos tons de cinza e, aqui e ali, uma mancha de vermelho elétrico ou de puro branco se destacava. — Como você perdeu o olho?

Wednesday enfiou vários pedaços de bacon na boca, mastigou e depois limpou a gordura dos lábios com a mão.

— Eu não perdi. Sei exatamente onde ele está.

— Então, qual é o plano?

Wednesday pareceu pensativo. Comeu algumas fatias bem rosadas de presunto, retirou um pedacinho de carne da barba e o colocou de volta no prato.

— O plano é o seguinte. No sábado à noite, que, como já ressalttei, é amanhã, vamos nos encontrar com alguns indivíduos proeminentes em suas respectivas áreas. Não se deixe intimidar pela postura deles. O encontro será em um dos lugares mais importantes do país. Depois, partilharemos vinho e comida com eles. Calculo que vão aparecer umas trinta ou quarenta pessoas. Talvez mais. Preciso aliciá-los para meu atual empreendimento.

— E onde fica o lugar mais importante do país?

— *Um* dos mais importantes, meu caro. Eu disse que era um dos mais importantes. As opiniões a respeito dele divergem, e com certa razão. Entrei em contato com meus colegas. Faremos uma parada em Chicago, que é no caminho, já que preciso de algum dinheiro. Uma recepção como a que vamos precisar oferecer demanda mais capital do que tenho à mão no momento. Depois, iremos a Madison.

— Entendo.

— Não, não entende. Mas, com o tempo, tudo ficará claro.

Wednesday pagou, e os dois saíram, voltando ao hotel do outro lado da estrada. Ele jogou a chave do carro para Shadow, que pegou a rodovia e saiu da cidade.

— Vai sentir falta daqui? — perguntou Wednesday. Estava mexendo em uma pasta cheia de mapas.

— Da cidade? Não. Tem lembranças demais de Laura. Eu não criei muitas raízes. Nunca passei muito tempo parado no mesmo lugar quando era pequeno. Só vim pra cá com vinte e poucos anos. Esta é a cidade de Laura.

— Vamos torcer para que ela fique por aqui.

— Foi um sonho — retrucou Shadow. — Não se esqueça disso.

— Ótimo, é bom se manter positivo. Trepou com ela ontem à noite?

Shadow respirou fundo.

— Não é da sua conta. E não.

— Mas queria?

Shadow não respondeu. Dirigiu para o norte, na direção de Chicago. Wednesday deu uma risada e começou a examinar os mapas, desdobrando-os e voltando a dobrá-los, usando uma grande caneta esferográfica prateada para fazer anotações em um caderninho amarelo.

Depois de algum tempo, terminou o que estava fazendo. Guardou a caneta e colocou a pasta no banco de trás.

— A melhor coisa dos estados para onde estamos indo — comentou Wednesday —, Minnesota, Wisconsin, esses lados, é que lá tem o tipo de mulher de que eu gostava quando era mais novo. Pele clara e olhos azuis, cabelo tão louro que quase chega a ser branco, lábios cor de vinho e seios redondos e fartos, cheios de veias, como um bom queijo.

— Só quando era mais novo? Parece que você se deu bem ontem à noite.

— Sim. — Wednesday sorriu. — Quer saber o segredo do meu sucesso com as mulheres?

— Você paga?

— Nada tão vulgar. Não, o segredo é encantá-las. Simples assim.

— Encantá-las, é? Sei. É uma daquelas coisas que tem que nascer sabendo.

— Dá para aprender esses encantamentos.

— Então, aonde estamos indo?

— Precisamos dar uma palavrinha com um velho amigo meu. É um dos convidados da recepção. Um antigo camarada. Está nos esperando para o jantar.

Seguiram rumo ao norte e a oeste, na direção de Chicago.

— O que quer que seja isso que está acontecendo com Laura... — comentou Shadow, rompendo o silêncio. — É culpa sua? Foi você quem causou?

— Não.

— Bem, vou fazer a mesma pergunta do garoto do carro: você me diria se fosse?

— Sei tanto quanto você.

Shadow ligou o rádio em uma estação de clássicos e ouviu músicas de quando ainda nem era nascido. Bob Dylan cantava sobre uma chuva forte que ia cair, e Shadow se perguntou se a chuva já caíra, afinal, ou se isso ainda estava para acontecer. A estrada diante deles estava vazia, e os cristais de gelo cintilavam no asfalto como diamantes ao sol da manhã.

Chicago surgiu aos poucos, como uma enxaqueca. Estavam cruzando uma região rural, até que, num piscar de olhos, o punhado de cidadezinhas foi se transformando numa malha suburbana de construções baixas, e a malha suburbana se transformou numa cidade.

Estacionaram diante de um prédio de tijolos antigo. A neve fora varrida da calçada. Caminharam até a entrada. Wednesday apertou o botão de cima do interfone dentro da caixa de metal. Nada aconteceu. Apertou de novo. Experimentou apertar os outros botões, dos outros apartamentos — não obteve resposta.

— Está quebrado — avisou uma velha esquelética que descia a escada. — Não funciona. Já falamos muito com o zelador, perguntamos quando ele conserta, quando ajusta o aquecedor... Ele não quer saber. Vai passar o inverno no Arizona porque tem problema de pulmão.

O sotaque dela era bem carregado. Shadow supôs que fosse do Leste Europeu.

Wednesday fez uma reverência profunda.

— Zorya, minha cara, permita-me dizer como você está indescritivelmente bela! Uma criatura radiante. Não envelheceu nadinha.

A velha olhou feio para Wednesday.

— Ele não quer ver você. Eu também não. Só traz coisa ruim.

— É porque eu não venho a não ser que seja importante.

Ela torceu a cara. Carregava uma sacola de feira vazia e usava um casaco vermelho antigo, abotoado até o queixo. Sobre o cabelo grisalho estava empoleirado um chapéu de veludo verde que lembrava vagamente, e ao mesmo tempo, um vaso de flores e um pacote de pão de forma. Ela olhou desconfiada para Shadow.

— Quem é o grandalhão? Mais um matador seu?

— Você está sendo muito injusta comigo, minha bela dama. Este cavalheiro se chama Shadow. Ele trabalha para mim, sim, mas eu o empreguei para o seu bem. Shadow, permita-me lhe apresentar a adorável senhorita Zorya Vechernyaya.

— É um prazer.

A idosa ergueu os olhos e o observou, desconfiada.

— Shadow. Sombra. Bom nome. Minha hora chega quando as sombras se alongam. E você é uma sombra bem grande. — Ela o olhou de cima a baixo e abriu um sorriso. — Pode beijar minha mão — disse, estendendo a mão fria.

Shadow se abaixou e beijou a mão magra. A velha usava um anel enorme cor de âmbar no dedo médio.

— Bom garoto. Vou ao mercado. Sou a única aqui que traz dinheiro para casa. As outras duas não ganham nada lendo a sorte. É que elas só falam a verdade, os clientes não querem ouvir. É ruim, deixa as pessoas abaladas, por isso não voltam. Mas eu consigo mentir, dizer o que elas querem ouvir. Leio as sortes bonitas. Então sou eu que bota comida na mesa. Vão ficar para jantar ou não?

— Espero que sim — respondeu Wednesday.

— Melhor me dar dinheiro para comprar mais comida. Sou orgulhosa, mas não sou besta. As outras são mais orgulhosas ainda que eu, e *ele* é o pior de todos. Então me passe o dinheiro e não conte nada pra eles.

Wednesday tirou da carteira uma nota de vinte. Zorya Vechernyaya agarrou-a, puxando-a para longe do alcance dele, e esperou. Wednesday lhe entregou outra nota de vinte.

— Bom. Aqui vocês comem como príncipes. Como se fossem nosso próprio pai. Subam a escada até o fim. Zorya Utrennyaya está acordada, mas nossa outra irmã ainda dorme, então não fiquem fazendo barulho.

Shadow e Wednesday subiram a escada às escuras. Depois de dois lances, chegaram a um andar entulhado de sacos de lixo pretos fedendo a legumes podres.

— Eles são ciganos? — perguntou Shadow.

— Zorya e a família? Não mesmo. Não são *rons*. São russos. Eslavos, acho.

— Mas ela lê a sorte.

— Muita gente lê. Eu também arrisco uns palpites. — Wednesday arfava conforme os dois subiam o último lance de escada. — Estou fora de forma.

O último lance terminava em um patamar com uma única porta, toda vermelha e com um olho mágico.

Wednesday bateu. Não houve resposta. Então bateu de novo, mais alto.

— Tudo bem! Tudo bem! Já ouvi! Já ouvi! — Eles escutaram o som de fechaduras sendo abertas, ferrolhos sendo puxados, o estalar de uma corrente. Uma fresta se abriu na porta vermelha.

— Quem é? — Uma voz de homem, velha e rouca, de fumante.

— Um velho amigo, Czernobog. Com um parceiro.

A porta se abriu até onde a corrente do fecho permitia. Shadow viu um rosto cinzento espiando por entre as sombras.

— O que você quer, Grímnir?

— A princípio, apenas o prazer de sua companhia. E posso lhe oferecer algumas informações. Como é que se fala...? Ah, sim. Você pode tirar algum proveito disso tudo.

A porta se abriu de vez. O homem de roupão sujo era baixo, tinha cabelo grisalho cor de chumbo e rosto enrugado. Usava uma calça cinza listrada, com o tecido já meio gasto, e chinelos. Segurava um cigarro sem filtro com os dedos grossos, cobrindo-o com a mão ao dar um trago — como um presidiário, pensou Shadow, ou como um soldado. Ele estendeu a mão esquerda para Wednesday.

— Nesse caso, seja bem-vindo, Grímnir.

— Me chamam de Wednesday hoje em dia — disse ele, apertando a mão do velho.

Um sorriso discreto; um vislumbre de dentes amarelados.

— Sim. Muito engraçado. E quem é esse?

— Meu parceiro. Shadow, este é o senhor Czernobog.

— Saudações — disse Czernobog.

Ele apertou a mão esquerda de Shadow. Suas mãos eram ásperas e calejadas, e as pontas dos dedos estavam tão amareladas que pareciam ter sido mergulhadas em iodo.

— Como está, senhor Czernobog?

— Velho. Minhas tripas doem, minhas costas doem, e meu peito se arrebenta de tanto tossir todo dia de manhã.

— Por que estão parados aí na porta? — perguntou uma voz feminina. Shadow olhou por cima do ombro de Czernobog e viu uma velha atrás dele. Era menor e mais frágil que a irmã, mas tinha cabelo comprido e ainda dourado. — Sou Zorya Utrennyaya. E vocês não podem ficar aí no

corredor. Precisam entrar, vão para a sala de estar, por ali, eu levo café, vão, vão, por ali.

Avançaram porta adentro para um apartamento com cheiro de repolho cozido em excesso, areia para gatos e cigarros importados sem filtro, passando por um corredor minúsculo, então por algumas portas até a sala de estar, no fim do corredor, onde se acomodaram em um sofá imenso e velho feito de crina de cavalo — no processo, perturbaram um gato cinza bem velho, que se espreguiçou, levantou-se e foi andando devagar até o outro lado do sofá, onde se deitou, olhou desconfiado para os recém-chegados, fechou um único olho e voltou a dormir. Czernobog se sentou em uma poltrona diante deles.

Zorya Utrennyaya catou um cinzeiro vazio e o colocou ao lado de Czernobog.

— Como vocês gostam do café? — perguntou ela aos visitantes. — Aqui tomamos negro como a noite, doce como o pecado.

— Assim está ótimo, senhora — respondeu Shadow. Olhou pela janela, para os edifícios do outro lado da rua.

Zorya Utrennyaya saiu da sala. Czernobog ficou olhando para ela.

— É uma boa mulher. Diferente das irmãs. Uma delas é uma bruxa, a outra só dorme.

Apoiou os pés com os chinelos em cima de uma mesa de centro baixa e comprida, com um tabuleiro de xadrez no meio e marcas de cigarro e manchas redondas de caneca na madeira.

— É sua esposa? — perguntou Shadow.

— Ela não é esposa de ninguém. — O velho ficou um tempo em silêncio, analisando as mãos ásperas. — Não. Somos todos parentes. Viemos juntos para cá, há muito tempo.

Czernobog pescou um maço de cigarros sem filtro do bolso do roupão. Shadow não reconheceu a marca. Wednesday tirou um isqueiro fino e dourado do bolso do terno claro e acendeu o cigarro do velho.

— Chegamos primeiro em Nova York — contou Czernobog. — Todos os nossos compatriotas vão primeiro para Nova York. Daí viemos para cá, para Chicago. Tudo ficou ruim demais. No velho continente, eu já tinha sido quase esquecido. Aqui, sou só uma lembrança desagradável que ninguém quer. Sabe o que eu fiz quando cheguei a Chicago?

— Não — respondeu Shadow.

— Arrumei um trabalho no ramo de carnes. No abatedouro. Eu era apagador, o primeiro que age quando o boi chega pela rampa. Sabe por que a gente era chamado assim? Porque a gente pegava a marreta e apagava o boi com ela. *Pá!* Precisa ter força nos braços, sabe? Depois disso o acorrentador prende o boi, ergue bem no alto e corta a garganta dele. Tem que tirar o sangue antes de cortar a cabeça. O meu grupo era o dos mais fortes, os apagadores. — Ele puxou a manga do roupão e flexionou o braço,

exibindo os músculos ainda visíveis sob a pele enrugada. — Mas não é só força. Apagar boi é uma arte. Tem o jeito do golpe. Senão o bicho fica só atordoado ou bravo. Aí, nos anos 1950, nos deram uma pistola pneumática. Era só encostar na testa do bicho e *pá! Pá!* Você deve estar pensando que agora qualquer um pode matar. Não pode. — Ele imitou o gesto de atravessar a cabeça de uma vaca com um pino de metal. — Ainda precisa ter habilidade. — Ele sorriu com a lembrança, exibindo dentes cor de ferro.

— Não fique contando histórias do abatedouro para eles.

Zorya Utrennyaya trouxe o café em uma bandeja vermelha de madeira. Pequenas xícaras de metal, pintadas de cores fortes, estavam cheias de um líquido marrom tão escuro que era quase preto. Ela entregou uma xícara para cada um e se sentou ao lado de Czernobog.

— Zorya Vechernyaya está fazendo compras — anunciou. — Daqui a pouco ela volta.

— Nós a encontramos lá embaixo — disse Shadow. — Ela comentou que lê a sorte.

— Sim — concordou a mulher. — O crepúsculo é a hora das mentiras. Eu não conto boas mentiras, então sou ruim para ler a sorte. E nossa irmã, Zorya Polunochneya, não sabe contar mentira nenhuma.

O café era ainda mais doce e forte do que Shadow esperava.

Ele pediu licença para usar o banheiro — que pelo tamanho mais parecia um armário —, que ficava perto da entrada do apartamento e era decorado com vários porta-retratos com fotografias manchadas. A tarde ainda estava no começo, mas o céu já estava escurecendo. Shadow ouviu vozes se elevando no fim do corredor. Lavou as mãos com água gelada e uma lasca de sabonete rosa de cheiro enjoativo.

Quando saiu do banheiro, viu Czernobog parado no corredor.

— Você só traz problemas! — gritava o velho. — Só problemas! Não quero nem ouvir! Saia da minha casa!

Wednesday ainda estava sentado no sofá, tomando seu café e acariciando o gato cinza. Zorya Utrennyaya estava de pé no carpete fino, mexendo, nervosa, no comprido cabelo loiro.

— Algum problema? — perguntou Shadow.

— *Ele* é o problema! — berrou Czernobog. — *Ele!* Pode falar para ele que nada vai me convencer! Eu quero que ele saia! Quero ele fora daqui! Vocês dois!

— Por favor — pediu Zorya Utrennyaya —, por favor, fale baixo, você vai acordar Zorya Polunochneya.

— Você é que nem ele, quer que eu entre nessa loucura! — gritou Czernobog.

O velho parecia à beira das lágrimas. Uma coluna de cinzas caiu de seu cigarro, espalhando-se no carpete esfarrapado do corredor.

Wednesday se levantou e foi até Czernobog, então apoiou a mão no ombro do velho.

— Escute — começou, num tom pacificador. — Primeiro de tudo: não é loucura. É o único jeito. E, segundo, todo mundo vai estar lá. Você não vai querer ficar de fora, não é mesmo?

— Você sabe quem eu sou — retrucou Czernobog. — Sabe o que estas mãos já fizeram. Você quer meu irmão, não eu. E ele se foi.

Uma porta no corredor se abriu, e uma voz feminina sonolenta perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada de especial, irmã — respondeu Zorya Utrennyaya. — Pode voltar a dormir. — Ela se virou para Czernobog: — Viu só? Viu só o que fez com essa gritaria toda? Volte para lá e vá se sentar. Agora!

Czernobog parecia prestes a argumentar, mas perdeu o ânimo. De repente, o velho adquiriu um aspecto frágil — frágil e solitário.

Os três homens voltaram para a humilde sala de estar. As paredes eram cobertas por uma camada de nicotina que ia até quase o teto, lembrando uma mancha dentro de uma banheira velha.

— Não precisa ser por você — sugeriu Wednesday, imperturbável. — Se for pelo seu irmão, também é por você. Essa é uma das vantagens de vocês, dualistas, né?

Czernobog não respondeu.

— Falando em Bielebog, teve alguma notícia dele?

O outro balançou a cabeça. Então falou, encarando o carpete esfarrapado:

— Nenhum de nós teve notícias dele. Eu estou quase esquecido, mas pelo menos ainda tem gente que se lembra um pouco de mim, aqui e no velho continente. — Ele olhou para Shadow. — Você tem um irmão?

— Não. Não que eu saiba.

— Eu tenho um irmão. Dizem que, se juntar nós dois, somos como uma pessoa só, sabe? Quando a gente era novo, o cabelo dele era muito louro, muito claro, e as pessoas dizem que ele é o bom. Meu cabelo era muito escuro, mais até que o seu, e as pessoas falam que eu sou o mau, entende? Eu sou o ruim. Mas o tempo passa, e meu cabelo ficou branco. O dele também ficou, acho. E você olha para a gente e não tem como saber quem era a luz e quem era a escuridão.

— Vocês eram próximos? — perguntou Shadow.

— Próximos? Não. Não éramos próximos. Como poderíamos ser? A gente gostava de coisas muito diferentes.

Ouviram barulho de louça do outro lado do corredor, e então Zorya Vechernyaya entrou na sala.

— Janta daqui a uma hora — anunciou. E saiu.

Czernobog deu um suspiro.

— Ela acha que é boa cozinheira — comentou. — Quando ela chegou aqui, tinha criados para cozinhar. Agora não tem criados. Não tem nada.

— Nada, não — retrucou Wednesday. — Nunca nada.

— Você! Não quero nem ouvir. — Czernobog se virou para Shadow. — Sabe jogar damas?

— Sei.

— Ótimo. Vai jogar comigo — declarou, pegando uma caixa de madeira em cima da lareira, com as peças, e despejando-as em cima da mesa. — Fico com as pretas.

Wednesday tocou o braço de Shadow.

— Você não precisa fazer isso, sabe?

— Não tem problema — respondeu ele. — Eu quero.

Wednesday deu de ombros e pegou um exemplar da *Seleções* em uma pequena pilha de revistas amareladas no peitoril da janela. Os dedos marrons de Czernobog terminaram de arrumar as peças nas suas devidas casas, e o jogo começou.

Nos dias vindouros, Shadow muitas vezes se pegaria pensando naquele jogo. Às vezes, sonharia com ele. Suas peças lisas e redondas tinham cor de madeira velha e suja — em tese, eram brancas. As de Czernobog eram de um preto desbotado fosco. Shadow começou. Em seus sonhos, não havia muita conversa durante o jogo; só se ouvia o estalido das peças batendo no tabuleiro ou o chiado de madeira contra madeira, quando eram deslizadas para uma casa vizinha.

Nos primeiros movimentos, os dois avançaram com as peças pelo tabuleiro, até o centro, ignorando as fileiras de trás. Faziam pausas entre as jogadas, pausas longas, como no xadrez, enquanto cada um observava e pensava.

Shadow jogava damas na cadeia: ajudava a passar o tempo. Também jogara xadrez, mas não tinha o temperamento certo para o jogo. Não gostava muito de planejar. Preferia escolher o movimento perfeito para cada momento. Às vezes, dava para ganhar assim em damas.

Ouviu um estalo quando Czernobog pegou uma peça preta e pulou uma das brancas de Shadow, colocando-a na casa do outro lado. O velho pegou a peça branca e a depositou na mesa, à margem do tabuleiro.

— Primeira baixa. Você já perdeu — declarou Czernobog. — O jogo acabou.

— Que nada — respondeu Shadow. — Ainda tem muito jogo pela frente.

— Então que tal uma aposta? Só uma coisinha por fora, para deixar a partida mais interessante?

— Não — interveio Wednesday, sem tirar os olhos de uma seção de “Piadas da Caserna”. — Ele não quer.

— Não estou jogando com você, seu velho. O jogo é com ele. Então, senhor Shadow, quer fazer uma aposta?

— Por que vocês dois estavam discutindo mais cedo? — perguntou Shadow.

Czernobog ergueu uma sobrancelha muito densa e peluda.

— Seu mestre quer que eu vá com vocês. Quer minha ajuda nessa loucura que inventou. Eu prefiro morrer.

— E você quer fazer uma aposta. Tudo bem. Se eu ganhar, você vem com a gente.

O velho comprimiu os lábios.

— Pode ser. Mas só se aceitar minha contrapartida quando perder.

— E qual seria?

A expressão de Czernobog não se alterou.

— Se eu ganhar, quero apagar você. Com a marreta. Primeiro, você se ajoelha. E eu acerto um golpe, arrebento seus miolos, e você não se levanta mais.

Shadow examinou aquele rosto velho, tentando avaliá-lo. Não era brincadeira, ele tinha certeza: havia uma avidez naquele rosto — por dor, ou morte, ou vingança.

Wednesday fechou a *Seleções*.

— Isso está ficando ridículo. Vir aqui foi um erro. Shadow, vamos embora.

O gato cinzento, perturbado pela movimentação, se levantou e pulou para cima da mesa, bem ao lado do jogo de damas. Ele examinou as peças, pulou para o chão e, de rabo erguido, saiu da sala.

— Não — retrucou Shadow. Não tinha medo de morrer. Não era como se tivesse motivos para viver. — Tudo bem. Eu aceito. Se você ganhar, terá a chance de me apagar, arrebentando meus miolos com um golpe de marreta.

E moveu uma de suas peças brancas para a casa vizinha na beira do tabuleiro.

Nada mais foi dito, mas Wednesday não retomou a leitura da *Seleções*. Ele assistia ao jogo com o olho de vidro e o olho de verdade, e sua expressão não denunciava qualquer pensamento.

Czernobog comeu outra peça branca. Shadow comeu duas pretas. Do corredor, vinha o cheiro de comidas exóticas sendo preparadas. Embora nem todos os aromas fossem apetitosos, Shadow de repente notou quanto estava faminto.

Os dois homens moveram as peças, pretas e brancas, um de cada vez. Uma onda de peças comidas, e floresceram damas de duas peças de altura. Além de não serem mais obrigadas a avançar uma casa por vez, as damas,

mais altas, também podiam ir para a frente ou para trás — o que as tornava duplamente perigosas. Haviam chegado à última fileira do inimigo, então poderiam ir para onde quisessem. Czernobog tinha três damas, Shadow tinha duas.

Czernobog moveu uma das damas pelo tabuleiro, eliminando o que restava das peças de Shadow, enquanto usava as outras duas para imobilizar as damas do oponente.

Depois disso, o velho criou uma quarta dama e voltou pelo tabuleiro atrás das duas de Shadow. Então, sem sorrir, comeu as duas. E acabou.

— Muito bem — anunciou Czernobog. — Vou apagar você. E você vai se ajoelhar sem reclamar. Acho bom.

Ele estendeu uma das mãos idosas e deu um tapa no braço de Shadow.

— Ainda temos tempo até o jantar ficar pronto — comentou Shadow. — Quer jogar outra partida? Mesmas condições?

Czernobog acendeu mais um cigarro, usando um fósforo que pegara na caixa.

— Como mesmas condições? Quer que eu tenha que matar você duas vezes?

— Com esse acordo, você só pode dar uma marretada. E você mesmo falou que não é só uma questão de força, mas de habilidade. Se vencer o próximo jogo, vai poder dar dois golpes na minha cabeça.

Czernobog olhou feio para ele.

— Um golpe só, isso basta, um golpe só. Essa é a arte.

Ele elevou o braço direito e deu leves tapinhas, mostrando os músculos, espalhando as cinzas do cigarro na mão esquerda.

— Já faz muito tempo. Se tiver perdido o jeito, pode acabar só me machucando. Quanto tempo faz que você não usa um martelo de abate? Trinta anos? Quarenta?

Czernobog não respondeu. A boca fechada era um risco cinzento no rosto. Ele tamborilou na mesa de madeira, em batidas ritmadas. Então colocou as vinte e quatro peças de volta nas respectivas casas do tabuleiro.

— Jogue — mandou. — De novo, você é o lado branco. Eu sou o lado preto.

Shadow avançou a primeira peça. Czernobog avançou uma das pretas. E ocorreu a Shadow que o velho tentaria repetir o mesmo jogo, o que acabara de ganhar, e que essa era sua limitação.

Dessa vez, Shadow arriscou nas jogadas. Aproveitava as mais ínfimas oportunidades, movia peças sem pensar, sem parar para refletir. E, dessa vez, enquanto jogava, Shadow sorria — e, sempre que Czernobog movia uma peça, Shadow sorria ainda mais.

Em pouco tempo, Czernobog começou a bater as peças com força no tabuleiro. Quando tirava as brancas de Shadow, batia-as com tanta força na mesa que fazia tremer as outras, ainda em suas casas pretas.

— Pronto — declarou o velho, comendo uma das peças de Shadow com um gesto bruto, batendo sua peça preta no tabuleiro. — Pronto. O que diz disso agora?

Shadow não respondeu: só abriu um sorriso e comeu a última peça que Czernobog movera, depois outra, mais outra e uma quarta, eliminando todas as peças pretas do meio do tabuleiro. Pegou uma peça branca da pilha ao lado do tabuleiro e a colocou por cima da sua, coroando uma dama.

Depois, foi só fazer a faxina: em mais alguns movimentos, o jogo acabou.

— Melhor de três? — sugeriu.

Czernobog se limitou a encará-lo, os olhos cinzentos como duas lanças de aço. Então deu uma risada, agarrando Shadow pelos ombros.

— Eu gosto de você! — exclamou. — Tem colhões.

Nesse momento, Zorya enfiou a cabeça para dentro da sala e avisou que o jantar estava pronto e que era hora de guardar o jogo e pôr a toalha na mesa.

— Não temos sala de jantar — explicou. — Sinto muito. Comemos aqui.

A comida foi colocada na mesa. Cada pessoa recebeu uma bandeja colorida pequena e talheres gastos, para comer apoiada no colo.

Zorya Vechernyaya trouxe cinco tigelas de madeira e colocou uma batata cozida com casca em cada uma, então acrescentou uma concha generosa de um borsche de um tom tão carmesim que doía os olhos. Serviu uma colherada de *sour cream* muito branco nas tigelas e entregou uma para cada pessoa.

— Achei que fôssemos seis — comentou Shadow.

— Zorya Polunochnaya está dormindo — explicou Zorya Vechernyaya.

— Deixamos a comida na geladeira. Quando acordar, ela come.

O borsche era ácido e tinha gosto de beterraba em conserva. A batata cozida era meio esfarelenta.

O prato seguinte foi uma carne assada dura, acompanhada de alguma verdura — embora tivesse sido tão cozida, e por tanto tempo, que não dava para dizer, nem com muita imaginação, que um dia tinha sido verde: parecia já ter brotado murcha e marrom.

Depois comeram folhas de repolho recheadas com carne moída e arroz — as folhas de repolho eram tão resistentes que era praticamente impossível cortá-las sem espalhar carne moída e arroz pelo carpete. Shadow espalhou seus pedaços pelo prato, sem comer.

— Nós jogamos damas — começou Czernobog, cortando mais um bocado de carne assada para si. — O rapaz e eu. Ele ganhou uma partida, eu ganhei outra. Como ele ganhou uma, aceitei ir com ele e Wednesday e ajudar com essa loucura. E, como eu ganhei a outra, vou poder matar o rapaz com uma marretada, quando tudo estiver acabado.

As duas Zoryas assentiram solenemente.

— Que pena — declarou Zorya Vechernyaya. — Quando li sua sorte, devia ter dito que você ia viver uma vida longa e feliz, com muitos filhos.

— Por isso você é boa em ler a sorte — comentou Zorya Utrennyaya. Ela parecia sonolenta, como se tivesse dificuldade para ficar acordada até tão tarde. — Você conta as melhores mentiras.

Foi uma refeição demorada, e, quando acabou, Shadow ainda estava com fome. A comida da cadeia era muito ruim, e a comida da cadeia era melhor que aquela.

— Boa comida — elogiou Wednesday, que tinha limpado o prato com evidente satisfação. — Eu lhes agradeço, senhoras. E, agora, receio que nos caiba pedir que nos recomendem um bom hotel nas redondezas.

Zorya Vechernyaya pareceu ofendida.

— Por que vocês precisam de hotel? Não somos amigos?

— Eu não quero incomodar... — começou Wednesday.

— Não incomoda nada — interrompeu Zorya Utrennyaya, mexendo no cabelo estranhamente dourado com uma das mãos, e então bocejou.

— *Você* vai pro quarto de Bielebog — anunciou Zorya Vechernyaya, apontando para Wednesday. — Está vazio. E para você, meu jovem, faça a cama no sofá. Vai ficar mais confortável aqui do que em um colchão de penas. Prometo.

— É muita gentileza sua — disse Wednesday. — Nós aceitamos.

— E você só me paga o mesmo que paga no hotel — explicou Zorya Vechernyaya, erguendo a cabeça triunfante. — Cem dólares.

— Trinta — retrucou Wednesday.

— Cinquenta.

— Trinta e cinco.

— Quarenta e cinco.

— Quarenta.

— Bom. Quarenta e cinco dinheiros.

Zorya Vechernyaya estendeu o braço por cima da mesa e apertou a mão de Wednesday. Em seguida, tirou as panelas dali. Zorya Utrennyaya deu um bocejo tão grande que Shadow achou que ela fosse deslocar a mandíbula. A mulher anunciou que iria para a cama antes que acabasse caindo de cara na torta e deu boa-noite a todos.

Shadow ajudou Zorya Vechernyaya a levar toda a louça para a pequena cozinha. Para sua surpresa, havia um lava-louças ancião embaixo da pia, e ele o encheu. Zorya Vechernyaya olhou o arranjo por cima do ombro dele, estalou a língua e retirou as tigelas de madeira com restos de borsche.

— Esse, para a pia.

— Desculpe.

— Não é problema. Agora, volte para lá, temos torta — anunciou, tirando a torta do forno.

A torta — era de maçã — fora comprada em uma loja e aquecida em casa, e era muito, muito boa mesmo. Os quatro a comeram com sorvete, então Zorya Vechernyaya mandou todos saírem da sala de estar e fez uma cama muito elegante no sofá para Shadow.

Wednesday conversou com ele no corredor, enquanto esperavam.

— Aquilo que você fez, com o jogo de damas — começou.

— O que tem?

— Foi bom. Muito, muito idiota da sua parte. Mas bom. Durma bem.

Shadow escovou os dentes e lavou o rosto na água fria do banheiro, então voltou pelo corredor até a sala de estar e apagou a luz. Já estava dormindo antes mesmo de a cabeça encostar no travesseiro.

Houve explosões no sonho de Shadow: ele dirigia um caminhão por um campo minado, e bombas explodiam de ambos os lados do veículo. O para-brisa se estilhaçou, e Shadow sentiu sangue quente escorrer por seu rosto.

Alguém estava atirando nele.

Uma bala perfurou seu pulmão, outra arrebentou sua coluna e uma terceira atingiu seu ombro. Ele sentiu cada impacto. Caiu em cima do volante.

A última explosão terminou em escuridão.

Eu devo estar sonhando, pensou Shadow, sozinho no escuro. *Acho que acabei de morrer*. Lembrou-se de ouvir falar e de acreditar, quando pequeno, que, se a pessoa morria durante um sonho, morria também na vida real. Não se sentia morto. Tentou abrir os olhos.

Havia uma mulher na salinha de estar, parada diante da janela, de costas para Shadow. Seu coração vacilou, mas apenas por um instante.

— Laura?

A mulher se virou, envolta pelo luar.

— Sinto muito. Não queria acordar você. — Ela tinha um sotaque suave do Leste Europeu. — Vou embora.

— Não, tudo bem — respondeu Shadow. — Você não me acordou. Eu tive um sonho.

— Sim — concordou a mulher. — Você gritou e gemeu. Parte de mim queria acordá-lo, mas pensei: não, é melhor deixar o homem dormir.

Seu cabelo era claro e incolor sob o luar fraco. Ela usava uma camisola branca e fina de algodão, com gola alta de renda e uma barra que roçava no chão. Shadow se sentou, totalmente desperto.

— Você é Zorya Polu... — Ele hesitou. — A irmã que estava dormindo.

— Sou Zorya Polunochayaya, sim. E você se chama Shadow, não é? Zorya Vechernyaya me contou isso, quando despertei.

— Sim. O que estava olhando lá fora?

A mulher o observou e, então, chamou-o até a janela. Virou-se de costas enquanto ele vestia a calça. Shadow foi até ela. Parecia uma distância grande para uma sala tão pequena.

Não conseguia definir a idade daquela mulher. A pele não tinha rugas, com olhos escuros e cílios longos, o cabelo branco indo até a cintura. O luar embotava todas as cores, dando-lhes um aspecto fantasmagórico. Zorya Polunochnaya era mais alta que as irmãs.

— Eu estava olhando aquilo — explicou, apontando para um ponto no céu noturno. — Viu?

— A Ursa Maior — respondeu Shadow.

— Essa é uma das formas de interpretar as estrelas — concordou ela. — Mas não é assim no lugar de onde venho. Vou me sentar no terraço. Quer vir junto?

— Pode ser.

— Bom.

Ela abriu a janela e saiu descalça para a escada de incêndio. Um vento gélido invadiu a sala. Shadow sentiu que algo o incomodava, mas não sabia dizer o quê. Hesitou, então vestiu o suéter, calçou as meias e os sapatos e foi atrás dela pela escada de incêndio enferrujada. Zorya Polunochnaya o aguardava. A respiração de Shadow se condensava no ar frio. Ele ficou olhando enquanto os pés descalços da mulher subiam os degraus de metal gelado e a seguiu até o terraço.

O sopro frio do vento colava a camisola dela ao corpo, e Shadow reparou, desconfortável, que Zorya Polunochnaya não usava absolutamente nada por baixo do tecido branco.

— O frio não a incomoda? — perguntou, quando chegaram ao topo da escada de incêndio. O vento espantou as palavras para longe.

— Como?

A mulher aproximou o rosto do dele. Seu hálito era doce.

— Eu perguntei se não está incomodada com o frio.

Zorya Polunochnaya ergueu um dedo em resposta: *Espere*. Com passos delicados, ela se içou pela beirada do prédio e subiu no terraço plano. Shadow a seguiu com um pouco menos de graça e percorreu o terraço atrás dela, passando sob a sombra de uma caixa-d'água. Um banco de madeira esperava por eles, e a mulher se sentou. Shadow se acomodou ao lado dela.

Shadow ficou feliz em reparar que a caixa-d'água barrava o vento. As luzes da cidade manchavam o céu de amarelo, engolindo metade das estrelas que ele visualizava no interior do país. Mas via a Ursa Maior e a Estrela Polar e encontrou as Três Marias do Cinturão de Órion, o que, por sua vez, lhe permitiu encontrar Órion, que sempre lhe pareceu um homem correndo para chutar uma bola...

— Não — disse Zorya Polunochnaya. — O frio não me incomoda. Esta hora é a minha hora: a noite não poderia me incomodar, não mais do que as

profundezas do mar poderiam incomodar um peixe.

— Você deve gostar da noite — comentou Shadow, constrangido por não ter falado nada mais sábio, mais profundo.

— Minhas irmãs têm horas próprias. Zorya Utrennyaya é da alvorada. No velho continente, ela acordava para abrir os portões e deixar que nosso pai conduzisse sua... hã, esqueci a palavra... É como um carro, mas com cavalos.

— Carruagem?

— Carruagem. Nosso pai a conduzia para fora. E Zorya Vechernyaya abria os portões no crepúsculo, quando ele voltava para nós.

— E você?

A mulher ficou em silêncio. Seus lábios eram carnudos, mas muito pálidos.

— Eu nunca vi nosso pai. Estava sempre dormindo.

— É um problema de saúde?

Ela não respondeu. O dar de ombros, se é que aconteceu, foi imperceptível.

— Então. Você queria saber o que eu estava olhando.

— A Ursa Maior.

Zorya Polunochnaya levantou um dos braços para indicar a constelação, e o vento pressionou a camisola contra seu corpo. Os mamilos momentaneamente visíveis, cada ponto arrepiado nas aréolas, escuras contra o algodão branco. Shadow estremeceu.

— A Carruagem de Odin, é assim que chamam. E a Ursa Maior. De onde viemos, acreditamos que tem uma... uma coisa, uma... não um deus, mas como um deus... uma coisa ruim acorrentada naquelas estrelas. Se essa coisa escapar, come tudo de todas as coisas. E existem três irmãs que têm o dever de observar o céu, o dia inteiro, a noite inteira. Se ela escapar, essa coisa nas estrelas, o mundo acaba. *Puft!*, acabou.

— E as pessoas acreditam nisso?

— Elas acreditavam. Há muito tempo.

— E você estava olhando para tentar enxergar o monstro nas estrelas?

— Algo assim. É.

Shadow sorriu. Estava certo de que, não fosse pelo frio, teria pensado que estava sonhando. Tudo aquilo lembrava muito um sonho.

— Posso perguntar quantos anos você tem? Suas irmãs parecem muito mais velhas.

A mulher assentiu.

— Eu sou a mais nova. Zorya Utrennyaya nasceu de manhã e Zorya Vechernyaya nasceu ao anoitecer. E eu nasci à meia-noite. Sou a irmã da meia-noite: Zorya Polunochnaya. Você é casado?

— Minha esposa morreu. Na semana passada, em um acidente de carro. O velório foi ontem.

— Sinto muito.

— Ela veio me ver ontem à noite.

Não foi difícil falar daquilo ali, na penumbra sob o luar. Não era algo tão impensável quanto à luz do dia.

— Você perguntou o que ela queria?

— Não. Não perguntei.

— Talvez fosse bom perguntar. É a pergunta mais sábia a se fazer aos mortos. Às vezes, eles dizem. Zorya Vechernyaya contou que você jogou damas com Czernobog.

— Sim. Ele ganhou o direito de bater no meu crânio com uma marreta.

— Nos velhos tempos, levavam pessoas até o topo das montanhas. Até lugares bem altos. Esmagavam a parte de trás do crânio delas com uma pedra. Para Czernobog.

Shadow olhou ao redor. Sim, estavam sozinhos no terraço.

Zorya Polunochnaya riu.

— Seu bobo, ele não está aqui. E você venceu um jogo também. Ele só pode dar o golpe quando tudo estiver acabado. Czernobog disse isso. E você vai saber. Como as vacas que ele matava. Elas sempre sabiam, antes. Caso contrário, de que adianta?

— Eu sinto como se estivesse em um mundo com uma lógica própria. Com suas próprias regras. É como quando estamos em um sonho e sabemos que há regras que não devem ser quebradas, mas não sabemos quais são nem o que significam. Não tenho a menor ideia do que estamos falando, nem do que aconteceu hoje, nem de quase nada do que aconteceu desde que saí da cadeia. Só estou seguindo o fluxo, sabe?

— Sei. — Ela segurou a mão de Shadow com sua mão gelada. — Você recebeu proteção uma vez, mas a perdeu. Você a deu para outra pessoa. Teve o sol nas suas mãos. E isso é como a própria vida. Só posso dar uma proteção muito mais fraca. A filha, não o pai. Mas qualquer ajuda vale. Não é?

O vento frio soprou o cabelo branco no rosto dela, e Shadow percebeu que era hora de voltar para dentro.

— Vou ter que brigar com você? Ou jogar damas?

— Você não precisa nem me beijar. Basta que pegue a lua.

— Como?

— Pegue a lua.

— Não entendo.

— Veja — disse Zorya Polunochnaya. Ela ergueu a mão esquerda e a posicionou diante da lua, de modo que o dedo indicador e o polegar parecessem segurá-la. Depois, com um movimento fluido, a puxou. Por um instante, parecia que a mulher tinha tirado a lua do céu, mas Shadow logo viu que ela ainda brilhava lá no alto. Zorya Polunochnaya abriu a mão e

mostrou, entre o indicador e o polegar, uma moeda prateada de um dólar com a efígie da Estátua da Liberdade.

— Nossa, foi muito bem executado — comentou Shadow. — Nem vi você empalmar. E não sei como você fez essa última parte.

— Eu não empalmei — respondeu Zorya Polunochnaya. — Eu peguei. E agora a dou para você, para mantê-lo em segurança. Aqui. Não se desfaça desta.

A mulher colocou a moeda na mão direita de Shadow. O metal era frio ao toque. Zorya Polunochnaya se inclinou para a frente, fechou os olhos dele com os dedos e deu um beijo delicado em cada pálpebra.

Shadow acordou no sofá, todo vestido. Um feixe estreito de luz do sol entrava pela janela, fazendo os flocos de poeira dançarem no ar.

Saiu da cama e foi até a janela. A sala parecia muito menor à luz do dia.

A coisa que o incomodara na noite anterior entrou em foco quando ele olhou para fora, para baixo e para a calçada do outro lado da rua. Não havia escada de incêndio do lado de fora daquela janela: nenhuma varanda, nenhum degrau de metal enferrujado.

Ainda assim, na palma da mão bem fechada, reluzente e lustrosa como no dia em que foi cunhada, havia uma moeda prateada de um dólar, datada de 1922 com a efígie da Estátua da Liberdade.

— Ah. Você acordou — comentou Wednesday, enfiando a cabeça para dentro da sala. — Ótimo. Quer café? Temos um banco para roubar.

VINDA À AMÉRICA

1721

O QUE É importante entender sobre a história americana, *escreveu o sr. Íbis, em seu diário com capa de couro*, é que ela é ficcional, rabiscos simplórios feitos com pedaços de carvão destinados a crianças ou aos que se enfastiam com facilidade. De maneira geral, ela carece de avaliação, de imaginação, de reflexão. É uma representação da coisa, não a coisa propriamente dita. É uma bela ficção, *continuou ele, parando um instante para mergulhar a pena no vidro de tinta e organizar os pensamentos*, a ideia de que os Estados Unidos foram fundados por peregrinos que buscavam liberdade para acreditar no que desejassem, de que eles vieram para o continente americano, espalharam-se, procriaram e preencheram a terra vazia.

Na realidade, as colônias americanas serviam tanto como área de desova quanto como área de fuga, um local de esquecimento. No tempo em que era permitido enforcar alguém em Londres na “árvore tripla” de Tyburn pelo roubo de doze *pence*, as Américas se tornaram um símbolo de clemência, de segundas chances. Mas as condições de transporte eram tais que, para alguns, era mais fácil pular do tronco desnudo e bailar no ar até a dança acabar. Era como eles chamavam: transporte — por cinco anos, por uma década, para sempre. Essa era a sentença.

O indivíduo era vendido a um capitão e cruzava o oceano no navio dele, que era tão abarrotado quanto um navio negreiro, rumo às colônias ou às Índias Ocidentais; depois, o capitão o revendia como servo para alguém disposto a aceitar o valor do suor desse indivíduo em trabalho durante os anos de vigência do contrato de servidão. Mas, pelo menos, o viajante não precisaria aguardar dentro de uma prisão inglesa até ser enforcado (pois, naqueles tempos, as prisões eram lugares em que as pessoas ficavam até serem libertadas, transportadas ou enforcadas: não havia penas por tempo determinado), e podia aproveitar ao máximo o Novo Mundo. Também era possível subornar o capitão do navio para levá-lo de volta à Inglaterra antes do término do período estabelecido para o transporte. As pessoas faziam isso. E, se as autoridades inglesas o flagrassem voltando ao país — se um velho inimigo ou um velho amigo com alguma questão mal resolvida o visse e o denunciasse —, o indivíduo era enforcado em um piscar de olhos.

Eu me lembro, *continuou ele, após um breve intervalo, durante o qual reabasteceu o vidro de tinta na mesa com a garrafa de tinta ocre no armário, voltando a mergulhar a pena*, da vida de Essie Tregowan, que veio de um pequeno vilarejo gelado à beira de um penhasco da Cornualha, no sudeste da Inglaterra, onde sua família vivera por mais tempo do que a memória alcançava. O pai dela era pescador, e dizia-se que era um dos destroçadores — homens que penduravam lamparinas o mais alto que pudessem à beira de litorais perigosos açoitados por tempestades implacáveis, a fim de atrair os navios até as rochas e roubar as mercadorias a bordo. A mãe de Essie trabalhava como cozinheira na casa do senhor, e, com doze anos, ela começou a ajudá-la na cozinha. Era uma coisinha miúda, com grandes olhos castanhos e cabelo castanho-escuro; trabalhar não era muito o seu forte. A menina escapulia sempre que possível para escutar histórias, se conseguisse encontrar alguém que as contasse: histórias de *piskies* e *spriggans*, de cães negros dos pântanos e mulheres-foca do Canal da Mancha. E, embora o senhor achasse esse tipo de coisa uma tolice, a criadagem da cozinha sempre servia o mais cremoso dos leites num pires de porcelana à noite e o colocava na frente da porta da cozinha, para os *piskies*.

Passaram-se os anos, e Essie já não era uma coisinha miúda: agora exibia curvas e contornos como as ondas do mar verde, e seus olhos castanhos riam, e os cachos de seu cabelo castanho dançavam e se entrelaçavam. Os olhos de Essie se iluminaram quando ela se deparou com Bartholomew, o filho de dezoito anos do senhor, que havia chegado de Rugby. À noite, ela foi até a pedra na extremidade da floresta e depositou um resto de pão, que Bartholomew havia deixado no prato, enrolado em uma mecha do próprio cabelo. E, no dia seguinte, enquanto ela limpava a lareira do quarto do jovem, Bartholomew foi falar com Essie e a fitou com seus olhos azuis —, o azul perigoso de um céu antes da tempestade.

“Ele tinha olhos muito perigosos”, dissera Essie Tregowan.

Pouco depois, Bartholomew foi para Oxford, e, quando a condição de Essie se tornou aparente, ela foi despedida. Mas o bebê nasceu morto, e, em solidariedade à mãe de Essie, que era uma excelente cozinheira, a esposa do senhor convenceu o marido a recontratar a filha da criada.

No entanto, o amor de Essie por Bartholomew se convertera em ódio pela família dele. Ela se envolveu com um homem de um vilarejo vizinho, de má reputação, que respondia pelo nome de Josiah Horner. E, numa noite, enquanto a família dormia, Essie se levantou no escuro e destrancou a porta lateral, para que seu amante entrasse. Ele saqueou a casa enquanto a família repousava.

As suspeitas logo recaíram sobre os serviçais, pois era perceptível que alguém havia aberto a porta (que a esposa do senhor tinha a distinta lembrança de haver trancado pessoalmente), e esse mesmo alguém decerto sabia onde o senhor guardava a prataria e qual era a gaveta onde guardava

suas moedas e notas promissórias. No entanto, Essie, que negou tudo firmemente, não recebeu condenação alguma, até que o sr. Josiah Horner foi pego em um armazém de Exeter, tentando repassar uma das notas do senhor. O senhor a identificou, e Horner e Essie foram a julgamento.

Horner foi condenado no tribunal local e, no jargão cruel e casual da época, foi *desligado*, mas o juiz se compadeceu de Essie, devido à idade dela ou ao cabelo castanho, e a sentenciou ao transporte por sete anos. Ela seria transportada em um navio chamado *Netuno*, comandado por um tal capitão Clarke. E, assim, Essie foi às Carolinas; e, no caminho, ela concebeu uma aliança com o mesmíssimo capitão e o convenceu a trazê-la de volta à Inglaterra consigo, na condição de esposa, e a levá-la à casa da mãe dele em Londres, onde ninguém a conhecia. A viagem de retorno, com a carga humana tendo sido substituída por algodão e tabaco, foi um período de paz e felicidade para o capitão e sua noiva, dois pombinhos ou borboletas em cortejo, incapazes de se desgrudar ou de evitar presentinhos e carinhos.

Quando chegaram a Londres, o capitão Clarke deixou Essie aos cuidados da mãe, que em todos os aspectos a tratava como a nova esposa de seu filho. Oito semanas mais tarde, o *Netuno* voltou a zarpar, e a bela jovem de cabelo castanho se despediu do marido no cais. Depois, ela voltou à casa da sogra, onde, na ausência da velha, se serviu de um pedaço de seda, várias moedas de ouro e uma vasilha de prata onde a mãe do capitão guardava seus botões. Em posse desses objetos, Essie desapareceu pelos bordéis da cidade.

Nos dois anos que se seguiram, Essie se tornou uma ladra competente, e suas saias compridas ocultavam uma multiplicidade de pecados, contendo sobretudo rolos de seda e renda. Ela aproveitava a vida ao máximo. Por escapar de tantas vicissitudes, Essie agradecia a todas as criaturas sobre as quais havia ouvido histórias quando pequena, como os *piskies* (cuja influência, a mulher tinha certeza, estendia-se até Londres). Ela punha uma tigela de madeira com leite no peitoril da janela todas as noites, embora suas amigas rissem; mas ela riu por último, pois suas amigas contraíram varíola ou gonorreia, enquanto Essie permanecia cheia de saúde.

Faltava um ano para o vigésimo aniversário de Essie quando o destino lhe deu um golpe: ela estava no Crossed Forks Inn, na Fleet Street, em Bell Yard, quando viu um rapaz entrar e se acomodar perto da lareira, recém-saído da universidade. *Opa! Um pombo pronto para ser depenado*, pensa ela com seus botões, sentando-se ao lado dele, dizendo-lhe que é um rapaz muito charmoso, uma das mãos começando a acariciar-lhe o joelho, a outra, com mais cuidado, procurando o relógio de bolso dele. E, então, ele a encarou, e Essie sentiu o coração saltar e se apertar quando olhos de um azul perigoso como o céu de verão antes de uma tempestade fitaram os seus, e o sr. Bartholomew disse o nome dela.

Essie foi levada à prisão de Newgate e acusada de voltar do transporte antes do fim da pena. Ao ser considerada culpada, não foi surpresa para

ninguém que ela tenha implorado por perdão em nome do filho que carregava na barriga. No entanto, as enfermeiras da cidade, que averiguavam tais alegações (normalmente inverídicas), se viram obrigadas a admitir que Essie estava, de fato, grávida; quem era o pai, Essie se negava a dizer.

A sentença de morte mais uma vez foi substituída por transporte, dessa vez vitalício.

Ela zarpou no *Donzela do Mar*. O navio levava duzentos passageiros, todos abarrotados no compartimento de carga como porcos gordos a caminho do abate. Casos de diarreia e febre eram constantes; mal havia espaço para se sentar, muito menos se deitar; uma mulher morreu durante o parto no fundo do compartimento de carga, mas era tanta gente aglomerada que foi impossível levar seu corpo até a frente, então ela e a criança foram jogadas por uma pequena escotilha, diretamente no mar cinzento agitado. Essie já estava com oito meses, e era um assombro ela não ter perdido o bebê, mas o fato é que não perdeu.

Por toda a vida ela teria pesadelos do tempo passado naquele compartimento e acordaria aos gritos com o sabor e o fedor do lugar na boca.

O *Donzela do Mar* atracou em Norfolk, na Virgínia, e o contrato de Essie foi adquirido por um “pequeno agricultor”, um plantador de tabaco chamado John Richardson, cuja esposa havia morrido uma semana após dar à luz sua filha, e ele precisava de uma ama de leite e de uma criada para a chácara.

E assim o bebê de Essie, um menino a quem ela dera o nome de Anthony, em homenagem, dissera ela, a seu falecido marido e pai da criança (ciente de que não havia ninguém que pudesse contradizê-la, e era possível que ela tivesse mesmo conhecido algum Anthony), mamou no peito de Essie junto com Phyllida Richardson. A filha de seu empregador sempre mamava primeiro, e assim se tornou uma criança saudável, alta e forte, enquanto o filho de Essie, alimentando-se das sobras, se tornou débil e frágil.

As crianças também cresceram se embebendo das histórias de Essie: ouviram sobre os *knockers* e os *bluecaps* que moram nas minas; sobre Bucca, o espírito mais malicioso sobre a face da Terra, muito mais perigoso que os *piskies* de cabelo vermelho e nariz pequeno, para quem o primeiro peixe pescado era sempre deixado na praia, e para quem um pão fresco era deixado no campo na época da ceifa, para garantir uma boa colheita; ela contou sobre os homens das macieiras — velhas macieiras que falavam quando bem entendiam e que precisavam ser aplacadas com a primeira sidra da colheita, que era despejada em suas raízes na virada do ano, para que a colheita do ano seguinte fosse boa. Ela explicou, com seu sotaque melódico característico da Cornualha, quais árvores deviam inspirar cuidados, entoando a velha cantiga:

O Olmo matuta
E o Carvalho dá medo,
Mas o homem-salgueiro sai à rua
Se você não dormir cedo.

Ela lhes contou tudo isso, e eles acreditaram, porque ela acreditava.

A fazenda prosperou, e Essie Tregowan agradeceu aos *piskies* pondo um pires de porcelana com leite na porta dos fundos todas as noites. E, depois de oito meses, John Richardson bateu discretamente à porta do quarto de Essie e lhe pediu os favores que uma mulher dá a um homem, e Essie expressou a dimensão de seu choque e de sua mágoa, uma pobre viúva, uma serva temporária em nada diferente de uma escrava, que é solicitada a se prostituir e a se deitar com um homem por quem nutria tamanho respeito — e uma serva temporária não podia se casar, então ela era incapaz de conceber como ele poderia sequer considerar atormentar uma donzela transportada presa a um contrato de trabalho —, e seus olhos cor de avelã se encheram de lágrimas, de tal modo que Richardson se viu pedindo desculpas a ela. O resultado foi que John Richardson acabou, naquele corredor, naquela noite quente de verão, ajoelhando-se diante de Essie Tregowan, propondo o fim do contrato e pedindo-lhe em casamento. Embora a mulher tivesse aceitado, ela não passou uma noite com ele antes que fosse legítimo, quando então ela se mudou do quartinho do sótão para o quarto principal na frente da casa; e, quando os amigos do fazendeiro Richardson e suas respectivas esposas cruzavam com ele na cidade, muitos julgavam que a nova sra. Richardson era uma mulher de extraordinária beleza, e que Johnnie Richardson tivera muita sorte.

Em menos de um ano, ela deu à luz mais uma criança, outro menino, louro como o pai e a meia-irmã, e eles o chamaram John, em homenagem ao progenitor.

As três crianças frequentavam a igreja da cidade para ouvir o pastor itinerante nos domingos, e iam à escolinha para aprender as letras e os números junto com os filhos dos outros pequenos fazendeiros. Essie também fazia questão de que conhecessem os mistérios dos *piskies*, que eram os mistérios mais importantes que havia: homens de cabelo vermelho, com olhos e roupas verdes como um rio, com narizes empinados, homens vultosos e engraçados que podiam virar, torcer ou desorientar alguém se lhes desse na telha, a menos que se carregasse sal ou um pouco de pão no bolso. Quando as crianças iam para a escola, cada uma levava um punhado de sal num dos bolsos, um pouco de pão no outro, os velhos símbolos da vida e da terra, para que pudessem voltar para casa em segurança, e elas sempre voltavam.

As crianças cresceram nas verdejantes colinas da Virgínia. Eram altas e fortes (embora Anthony, seu primeiro filho, sempre fosse mais fraco, pálido

e vulnerável a doenças e mal-estares), e os Richardson foram felizes; e Essie amou o marido como pôde. Eles tinham uma década de casados quando John Richardson sentiu uma dor de dente tão forte que caiu do cavalo. Foi levado à cidade mais próxima, onde o dente foi arrancado; mas era tarde demais, e o sangue envenenado o levou embora, com o rosto enegrecido e aos gemidos, e sua família o enterrou sob seu salgueiro preferido.

A viúva Richardson foi encarregada de administrar a fazenda até que os dois filhos de Richardson atingissem a maioridade: ela administrava os servos temporários e os escravos e fazia a colheita do tabaco, ano após ano; derramava sidra na raiz das macieiras na véspera do ano-novo e deixava um pão recém-assado nos campos na época da ceifa e sempre colocava um pires de leite na porta dos fundos. A fazenda prosperou, e a viúva Richardson conquistou uma reputação de negociante difícil, mas cuja produção era sempre boa, e que nunca vendia mercadorias de má qualidade como se fossem boas.

E assim tudo correu bem por mais dez anos; mas, depois, houve um ano ruim, pois Anthony, o primeiro filho de Essie, matou Johnnie, o meio-irmão, em uma briga furiosa pelo futuro da fazenda e pela mão de Phyllida; houve quem dissesse que ele não tivera a intenção de matá-lo, e que foi um golpe leviano que acabou acertando fundo demais, e houve quem dissesse o contrário. Anthony fugiu, e Essie enterrou o filho mais novo ao lado do pai. Houve também quem dissesse que Anthony fugiu para Boston, e houve quem dissesse que ele foi para o sul, para a Flórida, e sua mãe acreditava que ele havia embarcado para a Inglaterra, a fim de se alistar no exército do rei George e combater os rebeldes escoceses. Mas, sem os dois filhos, a fazenda era um lugar vazio e triste, e Phyllida chorava e sofria como se seu coração tivesse sido partido, e nada que sua madrastra fizesse ou dissesse conseguia devolver-lhe um sorriso aos lábios.

Contudo, devastadas ou não, elas precisavam de um homem na fazenda, então Phyllida se casou com Harry Soames, um carpinteiro naval por formação que havia se cansado do mar e sonhava com uma vida na terra, em uma fazenda como a em que havia crescido, em Lincolnshire. E, embora a fazenda das Richardson pouco se parecesse com a de sua infância, Harry Soames encontrou semelhanças suficientes para ser feliz ali. Cinco filhos nasceram de Phyllida e Harry, dos quais três sobreviveram.

A viúva Richardson sentia saudades dos filhos e do marido, mas ele agora não era muito mais do que a lembrança de um homem bom que a tratara com gentileza. Os filhos de Phyllida corriam para ouvir as histórias de Essie, e ela lhes contava sobre o Cão Negro dos Pântanos, sobre o Cabeça Crua, sobre o Ossos Sangrentos e sobre Homem da Macieira, mas não era isso que os interessava; eles só queriam saber de histórias de João e o Pé de Feijão, ou de João, o Matador de Gigantes, ou de João, o Gato e o Rei. Ela amava

aquelas crianças como se tivessem saído do próprio ventre, embora às vezes as chamasse pelo nome dos que havia muito estavam mortos.

Era maio, e ela levou a cadeira até a horta no quintal para colher ervilhas e descascá-las ao sol, pois até na temperatura agradável da Virgínia o frio havia penetrado seus ossos e a geada invadira seu cabelo, então um pouco de calor era sempre bem-vindo.

Conforme a viúva Richardson descascava ervilhas com suas mãos velhas, ela começou a pensar em como seria prazeroso caminhar mais uma vez pelos pântanos e pelos penhascos da sua Cornualha natal, e lembrou-se de quando se sentava nas pedras, esperando o barco do pai voltar dos mares cinzentos. Suas mãos enrijecidas e fracas empurravam as ervilhas em uma tigela de barro, despejando as cascas vazias no colo coberto pelo avental. Pouco depois, ela se viu recordando, como não fazia havia muito, de uma vida perdida: bolsas que ela surrupiara e sedas que ela havia roubado com seus dedos ágeis; veio a sua mente também a imagem do diretor da prisão de Newgate, que lhe dissera que levaria umas doze semanas até que o caso dela fosse levado à corte, e que ela poderia escapar da força se suplicasse em nome do filho que carregava, e como ela era bonita... e ela se virara para a parede e erguera a saia com bravura, odiando a si mesma, odiando-o, mas ciente de que ele tinha razão; e sentiu a vida movendo-se dentro de si, o que significava que ela poderia adiar a morte um pouco mais...

— Essie Tregowan? — disse um desconhecido.

A viúva Richardson levantou a cabeça e protegeu os olhos do sol de maio.

— Conheço o senhor? — perguntou ela. Não o ouvira se aproximar.

O homem vestia verde dos pés à cabeça: calças verdes poeirentas, blusa verde e um casaco verde-escuro. O cabelo era de um vermelho cor de cenoura, e ele abriu um sorriso torto. O homem tinha algo que fazia com que ela ficasse feliz ao vê-lo, e também algo que sussurrava perigo.

— Acho que podemos dizer que você me conhece, sim — respondeu o homem.

Ele a encarou, e ela o encarou, procurando naquele rosto redondo uma pista de sua identidade. O homem parecia tão jovem quanto seus netos, mas a chamara por seu antigo nome, e sua voz tinha uma vibração que ela conhecia desde a infância, desde as pedras e os pântanos de seu lar.

— Você é da Cornualha? — perguntou ela.

— Acertou em cheio — respondeu o homem ruivo. — Bem, eu era, mas agora estou aqui neste mundo novo, onde ninguém deixa cerveja ou leite para um camarada honesto, nem um pedaço de pão nos tempos de colheita.

A mulher idosa equilibrou a tigela de ervilhas no colo.

— Se você é quem eu penso que é — disse —, não quero problemas.

Ouvia ao longe Phyllida resmungando com a governanta.

— Nem eu — respondeu o sujeito ruivo, com um pouco de tristeza —, embora tenha sido você que me trouxe para cá, você e alguns outros como você, nesta terra que não tem tempo para magia e não tem lugar para *piskies* e outros como eu.

— Você me trouxe muitas felicidades — falou ela.

— Felicidades e infelicidades — disse o desconhecido, com um olhar de soslaio. — Nós somos como o vento. Sopramos para os dois lados.

Essie assentiu.

— Aceita minha mão, Essie Tregowan?

Ele estendeu a mão para ela. Era sardenta, e, embora a visão de Essie já não fosse boa, ela conseguiu enxergar cada pelo laranja que havia nela, um brilho dourado à luz da tarde. Ela mordeu o lábio. E, hesitante, uniu sua mão calejada à dele.

Ela ainda estava quente quando a encontraram, embora a vida tivesse deixado seu corpo e apenas metade das ervilhas estivesse descascada.

CAPÍTULO

CINCO

*Dama Vida, flor em botão
O Fim, sempre a espreitar:
Ela, dona do salão,
Ele, o mal no limiar.*

W.E. Henley, “Madam Life’s a Piece in Bloom”

APENAS ZORYA UTRENNYAYA estava acordada para se despedir deles naquela manhã de sábado. Ela recebeu os quarenta e cinco dólares de Wednesday e insistiu em fazer um recibo — escreveu com uma letra grande e bem redonda no verso de um cupom vencido de refrigerantes. À luz da manhã, a mulher parecia uma boneca de porcelana, com a maquiagem aplicada com esmero no rosto enrugado e o cabelo dourado enrolado num coque no topo da cabeça.

Wednesday beijou a mão dela.

— Agradeço a hospitalidade, minha bela dama. A senhorita e suas adoráveis irmãs continuam radiantes como o céu.

— Você é um velho ruim — respondeu Zorya, apontando um dedo para Wednesday. Depois, o abraçou. — Cuide-se. Não vou gostar de ouvir que você se foi de vez.

— Eu ficaria igualmente abalado, minha querida.

A mulher apertou a mão de Shadow.

— Zorya Polunochnaya gosta muito de você. E eu também.

— Obrigado — respondeu Shadow. — E agradeço pelo jantar.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você gostou? Tem que voltar mais vezes, então.

Wednesday e Shadow desceram a escada. Shadow enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Sentiu a moeda de prata fria contra os dedos. Era maior e mais pesada do que todas as moedas que já manejara. Fez uma empalmada clássica e deixou a mão pender ao lado do corpo, então endireitou a mão, encaixando a moeda na palma, entre os dedos. Parecia que a moeda sempre estivera ali, presa entre o indicador e o mindinho.

— Muito bem executado — comentou Wednesday.

— Ainda estou aprendendo. Já sei um monte de técnicas. A parte mais difícil é fazer as pessoas olharem para a mão errada.

— É mesmo?

— É. É o que chamam de distração.

Shadow passou os dedos médio e anelar por cima da moeda, tentando fazer com que ela continuasse presa entre o mindinho e o indicador, mas agora nas costas da mão, e errou por poucos milímetros. A moeda caiu e saiu quicando por meio lance de escada. Wednesday se abaixou e a pegou.

— Você não pode se dar ao luxo de se descuidar dos presentes que recebe — repreendeu-o. — Precisa ter mais atenção com esse tipo de coisa. Não vá sair jogando moedas por aí. — Wednesday examinou o objeto, primeiro o lado com a águia, depois o rosto da Estátua da Liberdade. — Ah, a Lady Liberdade. Linda, não acha?

Ele jogou a moeda para Shadow, que a pegou no ar e simulou um desaparecimento lateral, aparentando soltá-la por entre os dedos da mão esquerda, mas segurando-a firme com a direita, fingindo então que a guardava no bolso esquerdo. A moeda repousava na palma de sua mão direita, bem à vista. Era uma sensação reconfortante.

— Lady Liberdade — repetiu Wednesday. — Assim como tantos dos deuses queridos pelos norte-americanos, é uma estrangeira. Ela, no caso, é francesa. Mas os franceses, em respeito às sensibilidades americanas, cobriram o busto magnífico da estátua com que presentearam Nova York. Lady Liberdade — repetiu, torcendo o nariz ao reparar numa camisinha usada no pé da escada e empurrando-a com a ponta do pé para o lado, com nojo. — Alguém podia escorregar nisso. Quebrar o pescoço — murmurou, interrompendo-se. — É como uma casca de banana, só que com uma dose de mau gosto e ironia.

Ele abriu a porta, e os dois foram atingidos pelo clarão do sol. O mundo lá fora estava mais frio do que parecia de dentro do prédio, e Shadow se perguntou se nevaria novamente.

— A Liberdade — bradou Wednesday, enquanto andavam até o carro — é uma meretriz com quem nos deitamos numa cama de cadáveres.

— Ah, é?

— É uma frase famosa. De um francês. É isso que retrata aquela estátua no porto de Nova York: uma puta que gostava de ser comida sobre os restos putrefatos da guilhotina. Pode erguer essa sua tocha o mais alto que quiser, minha cara, mas isso não vai impedir os ratos de subirem por seu vestido nem eliminar a porra fria escorrendo entre suas pernas.

Ele destrancou o carro e indicou o banco do carona para Shadow.

— Ela é bonita — comentou Shadow, examinando a moeda.

O rosto prateado de Lady Liberdade lembrava um pouco o de Zorya Polunochmaya.

— Essa é a eterna insensatez do homem — retrucou Wednesday, dando partida no carro. — Perseguir a doce carne, sem nunca perceber que é só uma cobertura bonitinha para os ossos. Comida de minhoca. À noite, você se esfrega em comida de minhoca. Sem querer ofender.

Era a primeira vez que Shadow via Wednesday tão falante. Concluiu que seu novo chefe passava por fases de extroversão intercaladas por períodos de profundo silêncio.

— Quer dizer que você não é dos Estados Unidos?

— Ninguém é — respondeu Wednesday. — Não de origem. É isso o que estou dizendo. — Ele conferiu o relógio. — Ainda temos algumas horas para matar até os bancos fecharem. Aliás, bom trabalho ontem, com Czernobog. Eu o convenceria mais cedo ou mais tarde, mas você o deixou mais motivado do que eu teria conseguido.

— Só porque ele vai poder me matar depois.

— Não necessariamente. Como você mesmo observou, com bastante perspicácia, Czernobog está velho, e o golpe letal pode acabar deixando você apenas... bem, paralítico. Para o resto da vida, sem esperança de recuperação. Então você ainda tem alguma chance, caso o senhor Czernobog sobreviva às dificuldades iminentes.

— E existe alguma dúvida quanto a isso? — perguntou Shadow, imitando o jeito de Wednesday falar e se odiando por isso.

— Uma porrada de dúvidas. — Wednesday entrou com o carro no estacionamento de um banco. — Este é o banco que vou roubar — anunciou. — Ainda vai levar algumas horas para fechar. Vamos entrar e cumprimentar os funcionários.

Ele gesticulou para Shadow, que, relutante, saiu do carro e o acompanhou. Se aquele velho ia fazer alguma idiotice, Shadow não via motivos para exibir o rosto para as câmeras. Mas a curiosidade o impeliu, e ele entrou no banco. Manteve o rosto baixo, os olhos fixos no chão, esfregando o nariz o tempo todo, fazendo o possível para esconder suas feições.

— Onde ficam as guias de depósito, senhora? — perguntou Wednesday, dirigindo-se à moça que estava sozinha no caixa.

— Ali.

— Excelente. E se eu precisar fazer um depósito noturno...?

— É a mesma guia. — A moça sorriu. — O senhor sabe onde fica o compartimento para depósitos noturnos? Na parede lá fora, à esquerda da porta.

— Muito obrigado.

Wednesday pegou várias guias. Despediu-se com um sorriso e, com Shadow a seu lado, saiu.

O homem ficou parado na calçada por um instante, coçando a barba, pensativo. Então foi até o caixa eletrônico e depois ao cofre noturno

instalado na lateral da parede, examinando tudo. Levou Shadow ao supermercado do outro lado da rua, onde comprou um picolé de chocolate para si e uma caneca de chocolate quente para Shadow. Na entrada, havia um telefone público logo abaixo de um mural com anúncios de quartos para alugar e de filhotes de cachorro e de gato precisando de um lar. Wednesday anotou o número do telefone público. Os dois atravessaram a rua de novo.

— O que nós precisamos é de neve — declarou Wednesday, de repente.
— Uma boa nevasca, forte e irritante. Pode pensar em “neve” para mim, por favor?

— Hein?

— Está vendo aquelas nuvens lá em cima, a oeste? Concentre-se em fazer com que fiquem maiores e mais escuras. Pense em céus cinzentos e ventos fortes vindos do ártico. Pense em neve.

— Acho que não vai adiantar.

— Besteira. No mínimo, vai ocupar sua mente — retrucou Wednesday, destrancando o carro. — Vamos para o Kinko's. Depressa.

Neve, pensou Shadow, no banco do carona, bebendo seu chocolate quente. Flocos de neve rodopiantes, montanhas de neve deslizando pelo ar, fragmentos brancos contrastando com o céu cor de ferro, a neve pousando na língua, cheia de frio e de inverno, beijando rostos com um toque hesitante antes de congelar até a morte. Trinta centímetros de neve branca e fofa como algodão-doce, transformando o mundo em um conto de fadas, enchendo tudo de uma beleza irreconhecível...

Wednesday estava falando alguma coisa.

— Como? — indagou Shadow.

— Eu falei que a gente chegou. Você estava viajando.

— Estava pensando em neve — explicou Shadow.

No Kinko's, Wednesday tirou cópias das guias de depósito do banco. Pediu ao atendente que imprimisse duas folhas com dez cartões de visita. Shadow começou a ficar com dor de cabeça, acompanhado de uma sensação incômoda nas costas, entre os ombros. Ele se perguntou se tinha dormido de mau jeito, se aquilo era um legado desagradável do sofá da noite anterior.

Wednesday se sentou diante do computador para escrever uma carta e, com a ajuda do atendente, criar alguns avisos grandes no formato A4.

Neve, pensou Shadow. No alto da atmosfera, cristais minúsculos perfeitos que se formam em torno de um fragmento diminuto de poeira, cada renda congelada uma obra de arte fractal hexagonal. E os cristais de neve se aglomeram em flocos ao cair, cobrindo Chicago em sua vastidão branca, centímetro por centímetro...

— Toma — disse Wednesday. Entregou a Shadow um copo de café com uma massa parcialmente dissolvida de creme em pó sem lactose boiando em cima. — Acho que já chega, né?

— Chega de quê?

— De neve. Não queremos parar a cidade, queremos?
O céu tinha um tom cinza ameaçador e uniforme. Ia nevar. E muito.
— Fui eu quem fez isso? Quer dizer, não fui eu. Foi?
— Beba o café. É horrível, mas vai aliviar sua dor de cabeça — retrucou Wednesday. E acrescentou: — Bom trabalho.

Wednesday pagou ao atendente do Kinko's e levou os avisos, as cartas e os cartões para o carro. Abriu o porta-malas, guardou os papéis em uma caixa preta grande de metal, como as que os guardas usavam para transportar dinheiro, e depois o fechou. Então entregou um cartão de visitas a Shadow.

— Quem é A. Haddock, diretor de segurança, Serviços de Segurança A1? — indagou Shadow.

— Você.

— A. Haddock?

— Sim.

— O A é de quê?

— Alfredo? Alphonse? Augustine? Ambrose? Você decide.

— Ah. Entendi.

— Eu sou James O'Gorman. Jimmy, para os íntimos. Viu só? Também tenho um cartão.

Eles entraram no carro.

— Se você conseguir pensar em “A. Haddock” tão bem quanto pensou em “neve” — profetizou Wednesday —, conseguiremos uma bela quantia para partilhar vinho e comida com meus amigos hoje à noite.

— E se terminarmos o dia na cadeia?

— Nesse caso, meus amigos vão ter que se virar sem a gente.

— Eu não vou voltar para lá.

— Não mesmo.

— Achei que tivéssemos concordado que eu não faria nada ilegal.

— E não vai. Talvez atue como cúmplice, com um pouquinho de formação de quadrilha, seguido, claro, de receptação de dinheiro roubado, mas pode acreditar: você vai sair dessa com a ficha limpa.

— Isso vai ser antes ou depois de o seu Charles Atlas eslavo esmagar meu crânio com uma marreta?

— A visão dele está ruim — respondeu Wednesday, tentando tranquilizá-lo. — Czernobog provavelmente vai errar. Bem, ainda temos um pouco de tempo, já que o banco só fecha ao meio-dia nos sábados. Quer almoçar?

— Sim. Estou morrendo de fome.

— Conheço um lugar ótimo.

Wednesday cantarolava enquanto dirigia, uma canção alegre que Shadow não conseguiu identificar. A neve começou a cair, os flocos despencando exatamente como Shadow imaginara, e ele sentiu um orgulho estranho.

Sabia, racionalmente, que não tinha provocado nada daquilo, assim como sabia que a moeda prateada de um dólar em seu bolso não era, nem nunca fora, a lua. Mas ainda assim...

Pararam diante de um lugar que parecia um galpão. Uma placa anunciava que o bufê de almoço custava 4,99 dólares.

— Adoro este lugar.

— A comida é boa? — perguntou Shadow.

— Não muito. Mas a decoração é imperdível.

A decoração de que Wednesday tanto gostava, em que Shadow só reparou depois de comer — almoçara frango frito, e estava bem gostoso —, na verdade era parte do empreendimento que funcionava nos fundos do lugar. Uma bandeira pendurada no alto do salão, bem no meio, anunciava: “Depósito de Bens e Estoques Decorrentes de Falência — Promoção!”

Wednesday foi até o carro, de onde voltou com uma valise pequena, então entrou no banheiro masculino. Shadow imaginou que, querendo ou não, logo descobriria o que o outro estava tramando, então foi examinar as prateleiras de produtos à venda: caixas de café “para uso exclusivo em filtros de avião”, brinquedos das Tartarugas Ninja e miniaturas sensuais da Xena: A Princesa Guerreira; ursinhos de pelúcia que tocavam musiquinhas patrióticas em um xilofone quando ligados e ursinhos de pelúcia que reproduziam melodias natalinas em um xilofone quando ligados; latas de carne pré-cozida; galochas variadas; marshmallows; réplicas baratas do relógio de pulso de Bill Clinton, árvores de Natal artificiais em miniatura, saleiros e pimenteiros em formato de animais, partes do corpo, frutas e também de freiras; e o favorito de Shadow: um kit para fazer boneco de neve com olhos de carvão de plástico, um cachimbo de sabugo de milho e um chapéu de plástico — a caixa vinha com os dizeres: “Só falta a cenoura!”

Shadow pensou em como fazer a lua parecer sair do céu e virar uma moeda de prata e considerou o que faria uma mulher sair da cova e atravessar a cidade só para bater papo.

— Não é um lugar maravilhoso? — perguntou Wednesday, saindo do banheiro masculino. Enxugava as mãos molhadas com um lenço. — Não tem papel para secar as mãos.

Havia trocado de roupa. Usava um paletó azul-escuro, calças da mesma cor, uma gravata azul, suéter grosso também azul, camisa branca e sapatos pretos. Parecia um guarda, e foi exatamente isso o que Shadow falou.

— O que dizer diante dessa afirmação, meu jovem? — Wednesday pegou uma caixa de peixinhos flutuantes de plástico (“Nunca perdem as cores nem precisam ser alimentados!”). — Só posso louvá-lo pela perspicácia. O que acha de Arthur Haddock? Arthur é um bom nome.

— Mundano demais.

— Bom, você vai conseguir pensar em um. Pronto. Vamos voltar. Agora deve ser a hora ideal para o nosso roubo, daí terei um pouquinho de

dinheiro no bolso.

— As pessoas em geral preferem sacar no caixa eletrônico.

— O que, por acaso, é meio que exatamente o que pretendo fazer.

Wednesday parou o carro no estacionamento do supermercado que ficava em frente ao banco. No porta-malas, pegou a caixa de metal e uma prancheta, além de um par de algemas. Prendeu uma das algemas em seu pulso esquerdo. Fechou a outra argola na alça da caixa de metal. A neve continuava a cair. Ele enfiou um quepe azul na cabeça e colou uma etiqueta com velcro no bolso do paletó. No quepe e na etiqueta estava escrito SEGURANÇA A1. Depois prendeu as guias de depósito na prancheta, e então curvou os ombros. Parecia um policial aposentado e, de alguma forma, ficara barrigudo.

— Agora vá comprar comida no mercado, depois fique perto do telefone. Se alguém perguntar, você está esperando um telefonema da sua namorada, porque o carro dela pifou.

— E por que ela ligaria para lá?

— Como é que eu vou saber?

Wednesday enfiou um par de protetores de orelha rosa-claro na cabeça e fechou o porta-malas. Flocos de neve pousavam no quepe azul-escuro e nos protetores de orelha.

— Como estou? — perguntou.

— Ridículo — respondeu Shadow.

— Ridículo?

— Ou meio pateta, talvez.

— Hum. Pateta e ridículo. Bom.

Wednesday abriu um sorriso. Os protetores de orelha o deixavam ao mesmo tempo com um ar reconfortante, divertido e, em última instância, adorável. Ele atravessou a rua e seguiu pela calçada até o banco, enquanto Shadow entrava no supermercado e observava.

Wednesday colou um grande aviso vermelho de COM DEFEITO no caixa eletrônico. Passou uma fita vermelha por cima do compartimento de depósitos noturnos e colou outro aviso, xerocado. Shadow leu a mensagem, achando graça.

ESTAMOS TRABALHANDO PARA SUA CONVENIÊNCIA.
PEDIMOS DESCULPAS PELO TRANSTORNO TEMPORÁRIO.

Depois disso, Wednesday ficou parado ao lado do caixa eletrônico. Parecia um funcionário explorado e com frio.

Uma jovem chegou para usar o caixa eletrônico. Wednesday balançou a cabeça e explicou que não estava funcionando. A mulher soltou um palavrão, pediu desculpas pelo que disse e foi embora.

Um carro se aproximou, e de dentro saiu um homem com uma sacola cinza pequena e uma chave. Shadow viu Wednesday pedir desculpas ao homem e fazê-lo assinar a prancheta, depois verificou a guia de depósito do sujeito, preencheu lentamente um recibo, confundiu-se em relação a qual devia guardar e, por fim, abriu a caixa grande de metal e colocou a sacola do homem lá dentro.

O sujeito tremia de frio na neve, batendo os pés, esperando o velho guarda terminar com a ladainha burocrática para que pudesse largar os depósitos lá, sair do frio e ir embora — até que finalmente pegou o recibo, voltou para dentro do carro quentinho e partiu.

Wednesday atravessou a rua com a caixa de metal e comprou um café no supermercado.

— Boa tarde, meu jovem! — cumprimentou, soltando uma risada afetuosa ao passar por Shadow. — Está com frio aí?

Ele voltou para o outro lado da rua e recebeu sacolas cinza e envelopes de pessoas que chegavam para depositar seus rendimentos ou faturamentos naquela tarde de sábado; um guarda velho e gentil que usava protetores de orelha rosa engraçados.

Shadow comprou algumas coisas para ler (*Turkey Hunting*, a *People* e, porque a foto do Pé-Grande na capa era muito simpática, o *Weekly World News*) e ficou observando pela janela.

— Posso ajudar? — perguntou um homem negro de meia-idade com bigode grisalho. Parecia ser o gerente.

— Obrigado, meu chapa, mas não. Estou esperando um telefonema. O carro da minha namorada pifou.

— Deve ter sido a bateria — sugeriu o homem. — As pessoas sempre esquecem que elas só duram três anos, no máximo quatro. E elas nem são muito caras, não sei por que as pessoas adiam tanto a troca.

— Nem me fale.

— Agente firme, grandão — disse o gerente, voltando para o interior do supermercado.

A neve transformara a paisagem em uma imagem perfeitamente detalhada do interior de um globo de neve.

Shadow observava, admirado. Como não conseguia ouvir as conversas do outro lado da rua, tinha a sensação de que estava assistindo a um excelente filme mudo, cheio de pantomimas e expressões: o guarda idoso era rabugento, sério e talvez um pouco desajeitado, mas cheio de boa vontade. Todos que lhe entregavam dinheiro iam embora um pouco mais felizes por tê-lo conhecido.

Então a polícia parou na frente do banco, e Shadow sentiu um aperto no peito. Wednesday os saudou erguendo o quepe de leve e foi até a viatura. Cumprimentou os guardas com apertos de mão pelo vidro aberto, depois

assentiu e vasculhou os bolsos até achar um cartão de visitas e uma carta, que entregou às pessoas no veículo. E tomou um gole do café.

O telefone tocou. Shadow retirou o fone do gancho e se esforçou para soar entediado.

— Serviços de Segurança A1.

— Posso falar com A. Haddock? — falou o policial do outro lado da rua.

— Aqui quem fala é Andy Haddock — respondeu Shadow.

— Olá, sr. Haddock, aqui é a polícia — disse o guarda na viatura. — Vocês mandaram um homem para o First Illinois Bank, na esquina da Market com a Second?

— É, sim. Isso mesmo. Jimmy O’Gorman. Surgiu algum problema, senhor? Jim está se comportando? Ele não está bebendo, está?

— Problema nenhum, senhor. Seu funcionário está ótimo. Só queria conferir se estava tudo em ordem.

— Por favor, diga a Jim que, se eu o pegar bebendo de novo, ele vai ser demitido. Simples assim. Nada de trabalho. É direto para o olho da rua. Aqui na A1 temos uma política de tolerância zero.

— Acho que não vou precisar dizer isso a ele, senhor. Jimmy está fazendo um ótimo trabalho. Só estamos preocupados porque esse tipo de serviço na verdade deve ser feito por duas pessoas. É arriscado deixar um guarda desarmado sozinho lidando com quantias tão grandes.

— Nem me fale. Ou melhor, fale isso para aqueles muquiranas do First Illinois. São os meus homens que eu mando para a rua. Homens bons. Homens como o senhor. — Shadow percebeu que estava assimilando aquela identidade. Sentia que estava se tornando Andy Haddock, com um charuto barato mastigado no cinzeiro, uma pilha de papelada para liberar naquela tarde de sábado, uma casa em Schaumburg e uma amante num pequeno apartamento na estrada Lake Shore. — Aliás, você parece ser um jovem inteligente, senhor...

— Myerson.

— Senhor Myerson. Se precisar de um bico de fim de semana ou se por acaso sair do emprego... qualquer coisa, é só me ligar. Estamos sempre precisando de homens bons. Está com o meu cartão?

— Sim, senhor.

— Fique com ele — disse Andy Haddock. — Pode me ligar.

A viatura foi embora, e Wednesday voltou pela calçada coberta de neve para tratar com a pequena fila de gente esperando para lhe dar dinheiro.

— Tudo bem com ela? — perguntou o gerente, enfiando a cabeça porta afora. — Sua namorada?

— Era a bateria — respondeu Shadow. — Agora só preciso esperar.

— Mulheres... Tomara que a sua faça a espera valer a pena.

A escuridão do inverno se instalou, a tarde aos poucos se transformando em noite. Luzes se acenderam. Mais pessoas deram dinheiro a Wednesday.

De repente, como se em resposta a um sinal que Shadow não tinha visto, Wednesday foi até a parede, tirou os avisos de COM DEFEITO e atravessou a rua suja de neve até o estacionamento. Shadow esperou um pouco e foi atrás.

Wednesday se sentou no banco de trás. Tinha aberto a caixa de metal e organizava todo o dinheiro recebido em pilhas simétricas no assento.

— Dirija. Vamos para o First Illinois Bank da State Street.

— Outro banco? — perguntou Shadow. — Não é abusar um pouco da sorte?

— Nada disso — respondeu Wednesday. — Vamos fazer uns depósitos.

Enquanto Shadow dirigia, Wednesday, no banco de trás, removia punhados de notas das sacolas, deixando cheques e boletos de cartão de crédito, tirando dinheiro de alguns envelopes, mas não de todos. Colocou as notas de volta dentro da caixa de metal. Shadow parou perto do banco, estacionando uns quarenta metros mais à frente, longe do alcance das câmeras. Wednesday saiu do carro e enfiou os envelopes no compartimento de depósitos noturnos. Depois, abriu o cofre noturno e depositou as sacolas cinza. Então fechou o cofre mais uma vez.

Ele entrou no carro e se sentou no banco do carona.

— Você vai pegar a I-90. Siga as placas na direção de Madison.

Shadow começou a dirigir.

Wednesday se virou e olhou para o banco.

— Aquilo, meu caro, vai confundir tudo — explicou, animado. — Agora, se quiser faturar de verdade, precisa fazer isso lá pelas quatro e meia da madrugada de um domingo, quando as boates e os bares depositam o lucro das noites de sábado. Se escolher o banco certo, com o cara certo fazendo o depósito... Costumam mandar uns caras grandalhões bem honestos, e às vezes mandam uns seguranças junto, mas são só músculos, não são necessariamente espertos... Dá para tirar duzentos e cinquenta mil em uma noite.

— Se é tão fácil, por que todo mundo não faz?

— Não é uma atividade totalmente isenta de risco, ainda mais às quatro e meia da madrugada.

— Porque a polícia é mais desconfiada às quatro e meia da madrugada?

— Não. Mas os seguranças são. E o esquema pode desandar.

Wednesday folheou um maço de notas de cinquenta, acrescentou uma pilha menor de notas de vinte, sentiu o peso e as entregou para Shadow.

— Aqui. Seu pagamento pela primeira semana.

Shadow guardou o dinheiro sem nem contar.

— Então, é isso que você faz? — perguntou. — Para ganhar dinheiro?

— Raramente. Só quando preciso providenciar uma quantia considerável em pouco tempo. Em geral, ganho dinheiro com pessoas que nunca

percebem que estão me pagando, e que nunca reclamam, e que, com frequência, fazem fila para pagar mais quando eu volto.

— Aquele tal Sweeney disse que você era um pilantra.

— E ele estava certo. Mas isso é uma parte ínfima do que eu faço. E uma parte ínfima dos motivos pelos quais preciso de você, Shadow.

A neve rodopiava sob o feixe dos faróis e batia no para-brisa enquanto o carro avançava escuridão adentro. O efeito era quase hipnótico.

— Este é o único país do mundo que se preocupa com o que é — comentou Wednesday, contemplando o nada.

— Como assim?

— Os outros países sabem o que são. Ninguém sai em busca do coração da Noruega. Ou da alma de Moçambique. Já se sabe o que são.

— E...?

— Eu só estava pensando alto.

— Você já viajou para muitos países?

Não houve resposta. Shadow deu uma olhada para o homem a seu lado.

— Não — disse Wednesday, suspirando. — Não. Nunca.

Pararam para abastecer, e Wednesday entrou no banheiro ainda usando a roupa de segurança e carregando sua maleta. Saiu de lá usando um terno claro impecável, sapatos marrons e um sobretudo marrom até o joelho que parecia italiano.

— Então, o que eu faço quando chegarmos a Madison?

— Pegue a estrada 14 no sentido oeste para Spring Green. Vamos encontrar todo mundo em um lugar chamado House on the Rock. Já foi lá?

— Não. Mas vi as placas.

Dava para ver as placas divulgando o lugar por todos os lados daquela parte do mundo. Os anúncios confusos e ambíguos estavam espalhados por Illinois, Minnesota e Wisconsin, e Shadow desconfiava de que talvez aparecessem até em Iowa, todos comunicando a existência da House on the Rock. Shadow vira as placas e ficara curioso. Será que a Casa ficava equilibrada precariamente sobre a Rocha? O que a Rocha tinha de tão interessante? E a Casa? Pensara um pouco no assunto, mas acabara deixando pra lá. Shadow não tinha o hábito de visitar atrações de beira de estrada.

Passaram pelo domo do capitólio de Madison, outra cena perfeita de globo de neve, então pegaram a interestadual, de onde passaram a seguir por estradas secundárias. Depois de quase uma hora atravessando cidades com nomes como Black Earth, pegaram uma entrada estreita e passaram por imensos vasos de flores cobertos de neve, com entalhes de dragões reptilianos. O estacionamento arborizado estava quase vazio.

— Eles vão fechar daqui a pouco — comentou Wednesday.

— E o que este lugar tem, afinal? — perguntou Shadow, enquanto cruzavam o estacionamento na direção de uma casa de madeira nem um pouco impressionante.

— É uma atração de beira de estrada — explicou Wednesday. — Uma das melhores. O que significa que é um local de poder.

— Como assim?

— É perfeitamente simples, veja bem. Em outros países, ao longo dos anos, as pessoas iam reconhecendo os locais de poder. Às vezes era uma formação natural, ou então só um lugar que, por algum motivo, parecia especial. As pessoas sabiam que algo importante acontecia ali, que o lugar era uma espécie de ponto focal, um canal, uma janela para o Imanente. Então construíam templos e catedrais, erigiam círculos de pedra... bom, já deu para entender.

— Mas existem igrejas no país inteiro — comentou Shadow.

— Em todas as cidades — concordou Wednesday. — Às vezes, tem uma em cada quarteirão. E, nesse contexto, são tão relevantes quanto um consultório dentário. Mas, aqui nos Estados Unidos, as pessoas ainda recebem o chamado, pelo menos algumas delas, e se sentem atraídas pelo vazio transcendental. Em resposta a essa atração, usam garrafas de cerveja para construir uma maquete de algum ponto do mundo que nunca viram, ou instalam abrigos para morcegos em lugares que os morcegos tradicionalmente evitam visitar. São as atrações de beira de estrada. As pessoas se sentem atraídas para lugares onde, em qualquer outra parte do mundo, seriam capazes de reconhecer aquela parte delas mesmas que é genuinamente transcendental, comprariam um cachorro-quente e dariam uma volta, sentindo-se satisfeitas em um nível que jamais conseguiriam definir. E, em um nível imediatamente inferior, sentindo-se bastante insatisfeitas.

— Você tem umas teorias bem bizarras.

— O que eu falei não tem nada de teoria, meu jovem — retrucou Wednesday. — A essa altura, você já devia ter percebido isso.

Apenas um guichê da bilheteria estava aberto.

— A venda de ingressos acaba daqui a meia hora — anunciou a atendente. — O passeio leva pelo menos duas horas.

Wednesday pagou pelos ingressos em dinheiro.

— Cadê a rocha? — perguntou Shadow.

— Debaixo da casa — respondeu Wednesday.

— E cadê a casa?

Wednesday levou o indicador aos lábios, e os dois seguiram em frente. Mais adiante, uma pianola tocava o que deveria ser o “Bolero” de Ravel. O lugar parecia ter sido decorado por um solteirão galanteador da década de 1960, com paredes de pedra aparente, piso acarpetado e abajures magnânimos e horrorosos com cúpulas de vitral cujo formato lembrava um

cogumelo inchado. No alto de uma escadaria em espiral, havia outro cômodo cheio de quinquilharias.

— Dizem que o lugar foi construído pelo gêmeo maligno do célebre Frank Lloyd Wright, o infame Frank Lloyd Wrong — comentou Wednesday, e riu da própria piada.

— Eu já li isso numa camiseta — comentou Shadow.

Subiram e desceram outras escadas, até chegarem a um salão muito, muito comprido, todo feito de vidro, projetando-se como uma agulha prateada por cima da paisagem rural preta e branca desfolhada, dezenas de metros abaixo. Shadow parou para observar a neve dançando e caindo ao vento.

— Esta é a House on the Rock? — perguntou, intrigado.

— Mais ou menos. Esta aqui é a Sala do Infinito, que faz parte da casa, embora tenha sido um acréscimo posterior. Mas não se precipite, meu caro, porque mal captamos um vislumbre do que a casa tem a oferecer.

— Então, de acordo com sua teoria — disse Shadow —, o Walt Disney World deve ser o lugar mais sagrado de todo o país.

Wednesday franziu a testa e acariciou a barba.

— Walt Disney só comprou uns laranjais no meio da Flórida e construiu uma cidade turística. Não tem magia nenhuma ali. Se bem que acho que deve ter alguma coisa real na Disneylândia original. Pode ser que exista algum poder por lá, mesmo que um pouco deturpado e de difícil acesso. Definitivamente, não há nada de especial no Disney World. Embora algumas partes da Flórida sejam cheias de magia de verdade. Para ver, basta ficar atento. Ah, as sereias de Weeki Wachee... Vamos, é por aqui.

Uma melodia estridente e descoordenada, ligeiramente fora de ritmo e de compasso, parecia inundar o ambiente. Wednesday pegou uma nota de cinco dólares e a inseriu em uma máquina de troco, que expeliu um punhado de moedas cor de bronze. Ele jogou uma para Shadow, que a pegou e — reparando que um garotinho o observava — a segurou entre o indicador e o polegar e a fez desaparecer. O garotinho voltou correndo para a mãe, que examinava um dos Papais Noéis ubíquos — MAIS DE 6000 À MOSTRA, diziam as placas —, e puxou a barra do casaco dela, inquieto.

Shadow acompanhou Wednesday, que saiu brevemente para uma área externa e seguiu as placas que indicavam as Ruas do Passado.

— Quarenta anos atrás, Alex Jordan, cujo rosto está na moeda escondida na palma da sua mão direita, começou a construir uma casa sobre um enorme bloco de pedra em um terreno que não era dele, e nem ele saberia dizer por que estava fazendo aquilo. As pessoas vinham acompanhar a construção: os curiosos, e os intrigados, e os que não eram nem uma coisa nem outra e que não faziam a mínima ideia de por que vinham até aqui. E Alex Jordan fez o que qualquer americano sensato da geração dele faria: começou a cobrar ingressos, mas nada muito caro. Uns cinco centavos por

cabeça. Talvez vinte e cinco. E ele não parou de construir, assim como as pessoas não pararam de vir.

“Então ele juntou aqueles centavos de dólar e criou algo ainda maior e mais estranho: construiu uns depósitos no terreno embaixo da casa e os encheu de objetos para expor ao público, e as pessoas começaram a aparecer para ver a exibição. Todo ano, milhões de pessoas visitam este lugar.”

— Por quê? — perguntou Shadow.

Wednesday se limitou a sorrir, e os dois seguiram o caminho ao lado da fileira de árvores das Ruas do Passado. Uma profusão de bonecas de porcelana vitorianas de lábios rubros perfeitos observava por trás de vitrines poeirentas, como se saídas de filmes de terror clássicos. Os dois notaram os paralelepípedos sob seus pés, a escuridão de um telhado muito acima de suas cabeças e a música mecânica estridente como som de fundo. Passaram por uma caixa de vidro com marionetes quebradas e por uma caixa de música dourada meio grande demais em um display de vidro. Passaram por um consultório dentário e por uma farmácia (RECUPERE SUA POTÊNCIA! USE O CINTO MAGNÉTICO DO O’LEARY!).

No fim da rua, uma enorme caixa de vidro abrigava um manequim feminino vestido de cigana.

— Muito bem — começou Wednesday, elevando a voz acima da música mecânica. — No início de qualquer missão ou jornada, convém consultar as Nornas. Portanto, vamos designar esta Sibila como nossa Urd, tudo bem?

Ele inseriu uma moeda de latão da House on the Rock na fenda da caixa de vidro. Com gestos mecânicos bruscos, a cigana levantou e baixou o braço. A máquina cuspiu um pedaço de papel.

Wednesday pegou o papel, leu, resmungou, dobrou-o e o guardou no bolso.

— Não vai me deixar ver? Eu mostro a minha para você!

— A sorte de um homem só diz respeito a ele — retrucou Wednesday, com rispidez. — Eu não pediria para ver a sua.

Shadow também inseriu uma moeda na fenda. Então pegou seu pedaço de papel e leu.

TODO FIM É UM NOVO COMEÇO.
SEU NÚMERO DA SORTE É NENHUM.
SUA COR DA SORTE É A MORTE.
LEMA: TAL PAI, TAL FILHO.

Shadow fez uma careta. Dobrou seu papelzinho e o guardou no bolso.

Os dois continuaram avançando, seguindo por um corredor vermelho, passando por cômodos cheios de cadeiras vazias sustentando violinos, violas e violoncelos que tocavam sozinhos — ou pareciam tocar — em troca de uma moeda. Teclas eram pressionadas pelo nada, pratos batiam, bocais

sopravam ar comprimido em clarinetes e oboés. Shadow achou graça quando reparou que os arcos dos instrumentos de corda, todos tocados por braços mecânicos, não encostavam nas próprias cordas. Em muitos casos, elas estavam frouxas ou ausentes. Ele se perguntou se todos os sons que ouvia eram produzidos por sopro e percussão ou se também seriam gravações.

Andaram pelo que pareceram muitos quilômetros até chegarem a uma sala chamada “o Mikado”, com uma parede inteira ostentando um pesadelo pseudo-oriental do século XIX, onde bonecos mecânicos com sobranceiras volumosas batiam pratos e tambores dentro de um covil incrustado de dragões. Naquele momento, os bonecos executavam uma tortura majestosa da “Danse Macabre” de Saint-Saëns.

Czernobog estava sentado em um banco encostado na parede em frente à máquina de Mikado, batendo os dedos no ritmo da música. Tubos sopravam, sinos repicavam.

Wednesday se sentou ao lado dele. Shadow decidiu continuar de pé. Czernobog estendeu a mão esquerda e cumprimentou os dois.

— Saudações — disse o velho. Em seguida, se recostou no banco, parecendo apreciar a música.

A “Danse Macabre” chegou ao fim tempestuoso e dissonante. Todos os instrumentos artificiais estavam ligeiramente desafinados, o que intensificava a estranheza daquele lugar. Outra melodia começou.

— Como foi o seu roubo? — perguntou Czernobog. — Foi bom?

Ele se levantou, relutante em deixar o Mikado e sua música metálica estrondosa.

— Correu tranquilo como um navio atravessando o Nilo — respondeu Wednesday.

— Eu recebo uma pensão do abatedouro — comentou o velho. — Não preciso de mais.

— Ela não é eterna — respondeu Wednesday. — Nada dura para sempre.

Mais corredores, mais máquinas musicais. Shadow reparou que não estavam acompanhando o trajeto clássico indicado para os turistas; pareciam ir de sala em sala seguindo uma rota inventada pelo próprio Wednesday. Desciam por uma rampa enquanto Shadow, confuso, tentava lembrar se já haviam passado por ali.

Czernobog agarrou o braço dele.

— Rápido, venha aqui — chamou, puxando-o até uma enorme caixa de vidro perto da parede. Dentro havia um diorama de um mendigo dormindo em um cemitério diante da porta de uma igreja. O SONHO DO BEBERRÃO, lia-se na etiqueta, que também explicava que aquela era uma máquina do século XIX que funcionava à base de moedas e pertencera a uma estação

ferroviária inglesa. O receptor tinha sido modificado para aceitar as moedas da House on the Rock.

— Coloque o dinheiro — mandou Czernobog.

— Por quê? — perguntou Shadow.

— Você necessita ver. Eu mostro.

Shadow inseriu a moeda. O bêbado no cemitério levou a garrafa aos lábios. Uma das tumbas se abriu, revelando a mão de um cadáver que tentava sair da cova. Uma das lápides se virou, e as flores deram lugar a uma caveira sorridente. Um fantasma apareceu à direita da igreja, e à esquerda surgiu, quase que do nada, a face pontiaguda e perturbadora de *alguma criatura* que lembrava um pássaro, um pesadelo pálido concebido por Bosch que deslizou suavemente para longe de uma lápide, até finalmente desaparecer nas sombras. Então a porta da igreja se abriu e um padre saiu de lá, e os fantasmas, as assombrações e os cadáveres desapareceram, e restaram apenas o padre e o bêbado no cemitério. O religioso encarou o bêbado com um olhar cheio de desdém e entrou de volta na igreja — recuando pela porta aberta, que se fechou atrás dele —, deixando o bêbado sozinho no cemitério.

A historinha mecânica da máquina era profundamente perturbadora. Muito mais perturbadora, pensou Shadow, do que qualquer máquina tinha direito de ser.

— Sabe por que mostro isso para você? — perguntou Czernobog.

— Não.

— Aquilo é como o mundo. Aquilo é o mundo real. Está bem ali, naquela caixa.

Eles passaram por um salão cor de sangue cheio de antigos órgãos de cinema mudo com tubos imensos e o que pareciam gigantescos tanques de fermentação de cobre aposentados de alguma cervejaria.

— Aonde vamos? — perguntou Shadow.

— Para o carrossel — respondeu Czernobog.

— Mas já passamos por umas dez placas indicando o caminho do carrossel.

— Ele segue o caminho dele. Viajamos por uma espiral. Às vezes, o caminho mais rápido é o mais longo.

Os pés de Shadow estavam começando a doer, e ele achou a resposta de Czernobog extremamente improvável.

Um aparelho mecânico tocava “Octopus’s Garden” em um salão de muitos andares de altura, com a réplica de um gigantesco monstro preto que lembrava uma baleia ocupando todo o centro. Na imensa boca de fibra de vidro da criatura havia uma réplica de um barco. Dali, passaram para um Salão de Viagem, onde viram o carro coberto de azulejos, a máquina para galinhas de Rube Goldberg e, na parede, as placas enferrujadas de propaganda de espuma de barbear Burma Shave.

A Vida é Dura
Só labuta
Mantenha o rosto
Liso e batuta
Burma Shave

dizia uma, e

Decidido a dominar
Mas não muito diligente
Acabou, com seu azar,
Numa cova de indigente
Burma Shave

anunciava outra, até que chegaram ao fim da rampa, diante de uma sorveteria. Teoricamente, estava aberta, mas a atendente estava de cara fechada, então foram para a lanchonete e pizzaria, ocupada apenas por um negro idoso com um terno quadriculado chamativo e luvas amarelo-canário. Era um homem pequeno, o tipo de velhinho que parecia ter encolhido com a idade, e comia um sundae enorme junto com uma caneca exagerada de café. Uma cigarrilha preta queimava no cinzeiro à sua frente.

— Três cafês — disse Wednesday para Shadow. E foi ao banheiro.

Shadow comprou os cafês e os levou até Czernobog, que se sentara à mesa do negro idoso e fumava um cigarro disfarçadamente, como se temesse ser flagrado. O outro homem, remexendo o sundae muito feliz, praticamente ignorava a cigarrilha, mas, quando Shadow se aproximou, ele a pegou, deu uma tragada profunda e soprou dois aros de fumaça, um grande e outro menor, que passou por dentro do primeiro. O velho então sorriu, como se estivesse surpreso e satisfeito consigo mesmo.

— Shadow, este é o senhor Nancy — apresentou Czernobog.

O velho se levantou e estendeu a mão direita com a luva amarela para cumprimentá-lo.

— Prazer em conhecê-lo — declarou, com um sorriso cativante. — Já sei quem o senhor deve ser. Você trabalha para aquele canalha caolho, não é?

A voz tinha uma nasalidade sutil, um leve sotaque que bem podia ser das Índias Ocidentais.

— Isso, eu trabalho para o senhor Wednesday — confirmou Shadow. — Por favor, sente-se.

Czernobog tragou o cigarro e enunciou, melancólico:

— Acho que nossa gente... a gente gosta tanto de cigarro porque lembra as oferendas que as pessoas queimavam, a fumaça subindo quando rogavam nossa aprovação ou nosso apoio.

— Ninguém nunca me deu nada disso — respondeu Nancy. — O máximo que eu podia esperar era um punhado de frutas para comer, talvez cabra ao curry; um copo relaxante, frio e grande para beber; e uma mulher grande e peituda para me fazer companhia.

Ele abriu um sorriso de dentes muito brancos e deu uma piscadela para Shadow.

— Hoje em dia — continuou Czernobog, sem mudar de expressão —, não temos nada.

— Bem, eu ganho muito menos frutas do que nos velhos tempos — concordou o sr. Nancy, com um brilho nos olhos. — Mas ainda não encontrei no mundo nada que supere uma boa mulher peituda. Tem quem diga que o mais importante é conferir a poupança, mas garanto a você que são os peitos que mantêm meu motor ligado numa manhã fria.

Nancy começou a rir, uma gargalhada gostosa, cheia de chiados e cacarejos, e Shadow descobriu que, sem o mínimo esforço, já gostava do velho.

Wednesday voltou do banheiro e apertou a mão de Nancy.

— Shadow, quer comer alguma coisa? Uma fatia de pizza? Um sanduíche?

— Não estou com fome.

— Veja bem — começou o sr. Nancy —, pode ser que passe muito tempo até comermos de novo. Quando alguém oferece comida, você aceita. Eu já não estou tão jovem quanto antes, mas posso afirmar: nunca se nega a oportunidade de mijar, comer ou tirar uma soneca de meia hora. Está me entendendo?

— Sim. Mas não estou com fome mesmo.

— Você é grandalhão — retrucou o sr. Nancy, encarando os olhos cinza-claros de Shadow com seus olhos velhos cor de mogno — e bem jeitoso, mas, preciso dizer, não parece muito esperto. Eu tenho um filho, e ele é burro como se tivesse comprado a burrice numa promoção de dois por um, e você me lembra ele.

— Se o senhor não se importa, vou considerar isso um elogio — respondeu Shadow.

— Por ser comparado a um homem que chegou atrasado no dia da distribuição de cérebros?

— Por ser comparado a um membro da sua família.

O sr. Nancy apagou a cigarrilha e limpou um floco imaginário de cinzas das luvas amarelas.

— Pensando bem, talvez você não seja a pior coisa que esse velho caolho já arranjou. — Ele olhou para Wednesday. — Tem ideia de quantos de nós vão vir hoje?

— Deixei recado com todo mundo que consegui encontrar — respondeu Wednesday. — Claro que nem todos poderão comparecer. E

alguns talvez não queiram vir — completou, lançando um olhar para Czernobog. — Mas acho que dá para esperar algumas dezenas. E a história vai circular.

Passaram por uma coleção de armaduras (“Falsificação vitoriana”, ia dizendo Wednesday, enquanto avançavam ao longo da vitrine de exposição, “falsificação contemporânea, um elmo do século XII em uma reprodução do século XVII, uma manopla esquerda do século XV...”), então ele abriu uma porta de saída e os conduziu ao redor do edifício, por fora (“Não posso ficar entrando e saindo sem parar”, reclamou Nancy, “já não sou tão jovem quanto antigamente, e venho de um clima mais quente.”), passando por uma passarela coberta, e depois por outra porta de saída, só então chegando à sala do Carrossel.

Uma calíope tocava música, uma valsa de Strauss agitada e, por vezes, dissonante. Quando entraram, deram de cara com velhos cavalos de carrossel antigo pendurados, centenas, alguns precisando de uma demão de tinta, outros de uma boa espanada. Do teto pendiam dezenas de anjos alados nitidamente feitos de manequins femininos, alguns com os seios lisos expostos, outros que tinham perdido a peruca e fitavam a escuridão abaixo, cegos e carecas.

E lá estava o Carrossel.

Uma placa proclamava que era o maior do mundo, anunciando o quanto pesava e quantos milhares de lâmpadas compunham os candelabros que o revestiam, em uma profusão gótica, e proibia qualquer pessoa de entrar no carrossel ou montar nos animais.

E que animais! Shadow não conseguiu evitar o espanto ao admirar as centenas de criaturas em tamanho real dispostas na plataforma circular do carrossel. Criaturas reais, criaturas imaginárias e combinações de ambos, cada uma diferente da outra — viu sereia e tritão, centauro e unicórnio, elefantes (um imenso, outro minúsculo), buldogue, sapo e fênix, zebra, tigre, manticora e basilisco, cisnes puxando uma carruagem, um touro branco, uma raposa, um par de morsas idênticas e até uma serpente marinha — todos de cores vivas e mais do que reais: cada animal cavalgava pela plataforma, e a valsa acabou e recomeçou. O carrossel nem sequer diminuiu de velocidade.

— Para que ele serve? — perguntou Shadow. — Quer dizer, tudo bem, é o maior do mundo, centenas de animais, milhares de lâmpadas, e gira sem parar, mas ninguém anda nisso.

— O carrossel não existe para ser usado, ao menos não pelas pessoas — explicou Wednesday. — Ele existe para ser admirado. Existe para *ser*.

— Como uma roda de oração que gira e gira e gira — completou o sr. Nancy. — Acumulando poder.

— E onde vamos encontrar todo mundo? — perguntou Shadow. — Achei que você tivesse dito que íamos encontrar os outros aqui. Mas o lugar

está vazio.

Wednesday abriu seu sorriso assustador.

— Shadow, você está fazendo muitas perguntas. E é pago para não perguntar.

— Desculpe.

— Venha cá, nos ajude a subir — ordenou Wednesday.

Foi até um dos lados da plataforma, onde havia uma descrição do Carrossel e uma advertência de que ele não podia ser usado.

Shadow pensou em protestar, mas os ajudou a subir na plataforma, um de cada vez. Wednesday parecia pesado demais, enquanto Czernobog subiu sozinho, usando apenas o ombro de Shadow como apoio, e Nancy parecia não pesar nada. Cada um dos velhos subiu na borda e, com um passo e um pulo, entrou na plataforma rotatória do Carrossel.

— E aí? — gritou Wednesday. — Você não vem?

Shadow — não sem alguma dose de hesitação e lançando um olhar rápido para os lados, em busca de algum funcionário da House on the Rock que pudesse estar vigiando — se içou para cima da borda da plataforma do Maior Carrossel do Mundo. Então percebeu, confuso, que se viu muito mais preocupado com a infração que estava prestes a cometer ao subir no Carrossel do que se preocupara em auxiliar no roubo daquela tarde.

Os três velhos escolheram suas montarias. Wednesday subiu em um lobo dourado. Czernobog montou um centauro de armadura com o rosto oculto por um elmo de metal. Nancy, rindo baixinho, escalou um leão enorme, esculpido bem na hora em que deu um rugido e ia dar o bote. Ele afagou a anca do leão. A valsa de Strauss os acompanhou, majestosa.

Wednesday sorria, e Nancy ria com prazer, soltando uma gargalhada de velho. Até o ranzinza Czernobog parecia estar se divertindo. Shadow sentiu como se, de repente, um peso saísse de seus ombros: três idosos estavam se divertindo, passeando no Maior Carrossel do Mundo. E daí que acabassem sendo expulsos? Valia o risco — valia qualquer risco —, para depois poder se gabar de ter andado no Maior Carrossel do Mundo, não valia? Não valia o risco só por poder montar em um daqueles monstros gloriosos?

Shadow examinou um buldogue, uma criatura marinha e um elefante ostentando um palanquim dourado nas costas, mas acabou subindo em uma criatura com cabeça de águia e corpo de tigre, segurando-se com firmeza.

O ritmo da valsa “Danúbio azul” ondulava e ressoava e entoava em sua cabeça, a luz de mil candelabros cintilava e coloria, e, durante um piscar de olhos, Shadow voltou a ser criança — e para ser feliz bastava andar no Carrossel. Ficou completamente imóvel, cavalcando seu tigre-águia no centro de tudo, e o mundo girou a sua volta.

Shadow ouviu a própria risada por cima da música. Estava feliz. Era como se as últimas trinta e seis horas não tivessem existido, como se os últimos três anos não tivessem existido, como se sua vida tivesse evaporado

e se transformado nos devaneios de uma criança pequena andando no carrossel do Golden Gate Park de São Francisco na primeira vez que voltou aos Estados Unidos, depois de uma maratona de navio e carro, enquanto sua mãe o observava cheia de orgulho e ele chupava o picolé que derretia, segurando-se com firmeza, torcendo para que a música nunca acabasse, para que o carrossel nunca desacelerasse, para que o passeio nunca terminasse. Estava dando voltas e mais voltas e mais voltas...

Então as luzes se apagaram, e Shadow viu os deuses.

CAPÍTULO

SEIS

*Desprotegidos estão os nossos portões,
E por eles passa uma turba em caos.
Homens do Volga e da Tartária.
Silhuetas indistintas do Huang-Ho,
Malaaios, citas, teutos, celtas, eslavos,
Fogem do Velho Mundo, da pobreza e da vergonha;
Uns trazem misteriosos deuses e ritos,
Outros, paixões ferinas, que vêm estender suas garras,
Em ruas e becos, que estranhas línguas,
Sotaques de ameaça em nossos ouvidos
Vozes que a Torre de Babel conhecera.*

Thomas Bailey Aldrich, “Unguarded Gates”, 1882

SHADOW GIRAVA E girava no Maior Carrossel do Mundo, segurando-se em seu tigre com cabeça de águia, e então as luzes vermelhas e brancas se alongaram, oscilaram e se apagaram, e ele se viu caindo em um mar de estrelas, a valsa mecânica sendo substituída por um concerto de batidas e estrondos, como se fossem pratos de percussão ou a arrebentação na costa de um oceano distante.

A única luz vinha dos corpos celestes, que jorravam uma claridade fria. Debaixo de Shadow, a criatura se espreguiçou e se agitou, e ele sentiu a pelagem quente e as penas sob as mãos.

— É um bom passeio, não é? — perguntou uma voz atrás de Shadow, penetrando tanto em seus ouvidos quanto em sua mente.

Shadow se virou lentamente, vislumbrando imagens de si mesmo enquanto se movia, momentos paralisados, cada parte dele capturada por uma fração de segundo, cada movimento ínfimo se estendendo por uma eternidade. Aquelas imagens não faziam sentido: era como se ele enxergasse o mundo pelos olhos multifacetados e reluzentes de uma libélula, mas cada faceta percebesse algo completamente diferente, e ele não conseguisse combinar os fragmentos que estava enxergando, ou achava que estava enxergando, em um todo que fizesse sentido.

Ele observou o sr. Nancy, um homem negro e velho com bigode fino, de terno quadriculado e luvas amarelo-claras, num leão que subia e descia no ar; ao mesmo tempo, no mesmo lugar, se deparou com uma aranha do tamanho de um cavalo, toda empinada, olhando para ele de cima com olhos que pareciam esmeraldas opacas; viu também, montado em um leão dourado feroz, agarrando-se com duas das seis mãos na juba do animal, um homem incrivelmente alto com pele morena como madeira de teca e três pares de braços, além de um adereço esvoaçante feito de penas de avestruz na cabeça e faixas vermelhas pintadas no rosto; havia também um menino negro, vestido com trapos, e cujo pé esquerdo estava inchado e cercado de moscas pretas; e, por último, por trás de tudo isso, Shadow viu uma aranha-marrom minúscula, escondida atrás de uma folha ocre seca.

Shadow viu tudo isso e soube que eram todos um só.

— É melhor fechar a boca — disseram as muitas coisas que eram o sr. Nancy —, ou algo vai voar aí pra dentro.

Shadow fechou a boca e engoliu em seco, apreensivo.

A pouco mais de um quilômetro de distância, um salão de madeira despontava em uma colina. Shadow e os outros homens se dirigiam para lá em suas montarias, mas os cascos e as patas das criaturas não faziam barulho algum ao trotar na areia seca à beira-mar.

Czernobog se aproximou. Ele bateu de leve no braço humano do centauro que o carregava.

— Nada disso está acontecendo de verdade — disse para Shadow. Ele parecia infeliz. — Está tudo na sua cabeça. Melhor não pensar muito.

Diante dele, Shadow viu um imigrante grisalho do Leste Europeu usando um casaco velho e com dentes cor de ferro; isso era inegável. Mas percebeu também que, em volta dele, havia uma coisa preta atarracada mais escura que a escuridão, com olhos que pareciam carvões em brasa; e viu um príncipe, com vasta cabeleira e longo bigode pretos, com as mãos e o rosto sujos de sangue e uma pele de urso cobrindo os ombros, cavalcando uma criatura que era meio homem, meio animal, e com redemoinhos e espirais azuis tatuadas no rosto e no torso.

— Quem são vocês? — perguntou Shadow. — O que são vocês?

As criaturas seguiram pela praia. As ondas implacáveis quebravam e batiam na areia banhada pelo luar.

Wednesday foi com seu lobo — agora um monstro gigantesco de olhos verdes e pelo escuro como carvão — até Shadow. A montaria dele recuou, assustada, mas Shadow afagou o pescoço do animal e disse que não precisava ter medo. A cauda de tigre se agitou, agressiva. Shadow teve a sensação de que havia outro lobo por ali, um igual ao que Wednesday cavalgava, acompanhando-os pelas dunas, fora de seu campo de visão.

— Você sabe quem eu sou, Shadow? — perguntou Wednesday. Ele estava montado no lobo, empertigado. Seu olho direito parecia brilhar, vivo,

e o esquerdo era opaco. Ele trajava um manto, e um capuz cobria sua cabeça, ocultando seu rosto em meio às sombras. — Eu falei que lhe diria meus nomes. É assim que me chamam. Alegria da Guerra, Sombrio, Saqueador e Terceiro. Eu sou o Caolho. Sou chamado de O Mais Alto, e de o Adivinho. Sou Grímnir e o Encapuzado. Sou o Pai de Todos, e sou Gondlir, Portador da Varinha. Meus nomes são tantos quanto os ventos, meus títulos são tantos quanto as formas de morrer. Meus corvos são Hugin e Munin: Pensamento e Memória; meus lobos são Freki e Geri; meu cavalo é o cadafalso.

Dois corvos cinzentos, fantasmagóricos como peles transparentes de pássaros, pousaram nos ombros de Wednesday, enfiaram o bico *dentro* de sua cabeça, como se degustando a mente dele, e depois voaram para o mundo.

Em que devo acreditar?, pensou Shadow, e a voz que o respondeu veio de algum lugar nas profundezas do mundo, um ribombo grave.

Acredite em tudo.

— Odin? — disse Shadow, e o vento arrancou a palavra de seus lábios.

— Odin — sussurrou Wednesday, e o estrondo da arrebenção na praia de crânios não foi alto o bastante para abafar o sussurro. — Odin — disse, saboreando o som da palavra. — Odin — repetiu Wednesday, em um grito de triunfo que ecoou de um horizonte a outro.

Seu nome inflou-se e cresceu e encheu o mundo como o sangue que Shadow sentia martelar dentro dos ouvidos.

E depois, como se num sonho, eles já não estavam mais cavalgando rumo a um salão distante. Eles já estavam lá, e as criaturas estavam presas no estábulo ao lado do salão.

O salão era imenso, mas primitivo. O teto era de palha; as paredes, de madeira. Havia uma fogueira acesa no centro, e a fumaça fez os olhos de Shadow arderem.

— A gente devia ter feito isto na minha mente, não na dele — murmurou o sr. Nancy para Shadow. — Teria sido mais quente.

— Estamos na mente dele?

— Mais ou menos. Estamos no Valaskjálf. É o antigo salão dele.

Shadow ficou aliviado ao ver que Nancy voltara a ser um senhor de luvas amarelas, embora sua sombra oscilasse, estremecesse e mudasse por causa das chamas da fogueira. Nem sempre ela se transformava em algo humano.

Havia bancos de madeira junto às paredes, e, sentadas ou de pé ao lado deles, deviam ter umas dez pessoas. Elas guardavam distância umas das outras: um grupo heterogêneo, incluindo uma mulher idosa de pele escura e sári vermelho, alguns executivos de aspecto meio acabado e outros que estavam perto demais da fogueira para Shadow distingui-los.

— Cadê eles? — sussurrou Wednesday para Nancy, furioso. — Hein? Cadê eles? Era para ter uma multidão aqui. Dezenas de pessoas!

— Foi você que ficou de convidar todo mundo — respondeu Nancy. — Só de você ter conseguido fazer essas pessoas aqui virem, já acho admirável. Que tal eu contar uma história, para começar?

Wednesday balançou a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Eles não me parecem muito felizes com a reunião — explicou Nancy. — Uma história é uma boa maneira de conquistar a simpatia de alguém. E você não tem nenhum bardo para cantar para eles.

— Nada de histórias — disse Wednesday. — Agora não. Depois teremos tempo para histórias. Agora não.

— Nada de histórias. Certo. Vou só dar início aos trabalhos, então.

O sr. Nancy se aproximou da fogueira com um sorriso carismático.

— Eu sei o que vocês todos estão pensando — disse ele. — Devem estar se perguntando: o que Compé Anansi está fazendo aqui na frente, falando com vocês, quando foi o Pai de Todos que os chamou, assim como me chamou, para esta reunião? Bom, sabem, às vezes as pessoas precisam ser lembradas de algumas coisas. Quando entrei no salão, dei uma olhada e pensei: *Cadê o resto do pessoal?* Mas, depois, pensei: *Não é só porque somos poucos, e eles, muitos; nós, fracos, e eles, poderosos; que estamos perdidos.*

“Sabem, uma vez eu vi o Tigre no lago: os testículos dele eram maiores que os de qualquer outro animal, e as garras eram as mais afiadas, e dois dos dentes frontais eram grandes como facas e afiados como navalhas. E eu falei: ‘Irmão Tigre, pode ir nadar, eu tomo conta das suas bolas.’ Ele tinha muito orgulho delas. Então ele entrou no lago, e eu peguei as bolas dele e deixei as minhas bolinhas de aranha no lugar. Depois, sabem o que eu fiz? Saí correndo, o mais rápido que minhas pernas aguentavam.

“Só parei na cidade seguinte. Lá, eu vi o Velho Macaco. ‘Você tá uma beleza, Anansi’, disse ele. E eu falei: ‘Sabe o que tá todo mundo cantando lá na outra cidade?’ ‘O que tá todo mundo cantando?’, perguntou ele. ‘Eles tão cantando uma música muito engraçada’, respondi. E aí eu dancei e cantei:

As bolas do Tigre

As bolas do Tigre eu tracei

Agora ninguém me para, eu sei

Ninguém vai me botar no paredão, ei

Pois os bagos do Tigre eu tracei

As bolas do Tigre eu tracei.

“O Velho Macaco se dobrou de rir, segurando a barriga e se sacudindo todo, e bateu o pé, e começou a cantar ‘As bolas do Tigre, as bolas do Tigre eu tracei’, e estalou os dedos, e rodopiou. ‘Essa música é ótima’, disse ele, ‘vou cantar para todos os meus amigos’. ‘Cante, sim’, falei, e depois voltei para o lago.

“O Tigre estava lá, andando de um lado para outro, balançando a cauda, e as orelhas estavam atentas a qualquer movimento, e o pelo da nuca estava eriçado até não dar mais, e ele avançava com os dentes de sabre enormes para cima de qualquer inseto que aparecesse, e os olhos estavam da cor do fogo. Ele parecia cruel, assustador, grande, mas entre as pernas dele balançam as bolinhas mais pretas e enrugadas que já se viram.

“Quando ele me viu, falou: ‘Ei, Anansi. Você ia tomar conta das minhas bolas enquanto eu estivesse nadando. Mas, quando saí da água, a única coisa que tinha no chão era esse par de bolinhas pretas murchas e inúteis de aranha que estou usando.’

“Eu repliquei: ‘Fiz o que pude para cuidar delas, mas aqueles macacos vieram e comeram suas bolas, e, quando fui enxotá-los, eles arrancaram minhas bolinhas. Fiquei com tanta vergonha que fugi.’

“‘Você é um mentiroso, Anansi’, disse o Tigre. ‘Vou comer o seu figado.’ Mas aí ele escutou os macacos da cidade se aproximando. Uma dúzia de macacos felizes, saltitando pela trilha, estalando os dedos e cantando o mais alto que conseguiam.

*As bolas do Tigre
As bolas do Tigre eu tracei
Agora ninguém me para, eu sei
Ninguém vai me botar no paredão, ei
Pois os bagos do Tigre eu tracei
As bolas do Tigre eu tracei.*

“Aí o Tigre rosnou, rugiu e saiu correndo atrás deles pela floresta, os macacos gritando e disparando para as árvores mais altas. E eu cocei minhas novas e bonitas bolonas, e, nossa, como foi bom senti-las balançando entre minhas perninhas finas, e então voltei para casa. E até hoje o Tigre está correndo atrás dos macacos. Por isso, todos, lembrem-se: não é só porque vocês são pequenos que não têm poder.”

O sr. Nancy sorriu, fez uma reverência e abriu os braços, aceitando os aplausos e as risadas com elegância. Depois, voltou para onde estavam Shadow e Czernobog.

— Eu achei que tivesse deixado claro que não queria histórias — disse Wednesday.

— Você chama aquilo de história? — perguntou Nancy. — Eu mal falei. Só estava esquentando o público para você. Agora é a hora do show.

Wednesday então deu um passo à frente, banhado pela luz da fogueira, um homem idoso e grande com um olho de vidro, um terno marrom e um sobretudo Armani que já vira dias melhores. Ele ficou parado, encarando as pessoas nos bancos de madeira, e não disse nada por mais tempo do que

Shadow achava possível alguém ficar à vontade sem dizer nada. Então, finalmente, se pronunciou.

— Vocês me conhecem — disse ele. — Vocês todos me conhecem. Alguns não têm por que me amar, e não os culpo por isso, mas, me amando ou não, vocês me conhecem.

Uma agitação, um farfalhar, emanou dos bancos.

— Estou aqui há mais tempo que a maioria de vocês. Como todos neste salão, também imaginei que poderíamos sobreviver com o que tínhamos. Não era o suficiente para sermos felizes, mas era o suficiente para existirmos. Porém, esse talvez não seja mais o caso. Uma tempestade se aproxima, e não é uma tempestade criada por nós.

Ele fez uma pausa. Deu mais um passo à frente e cruzou os braços.

— Quando as pessoas vieram para a América, nós viemos junto. Elas me trouxeram, e trouxeram Loki e Thor, Anansi e o Deus Leão, leprechauns e cluracans e banshees, Kubera e Frau Holle e Ashtaroth, e trouxeram vocês. Viemos na mente delas e fincamos raízes. Viajamos com os colonos até o Novo Mundo do outro lado do oceano.

“A terra é vasta. Pouco tempo depois, nosso povo nos abandonou, passou a nos tratar apenas como criaturas do Velho Mundo, como algo que não os havia acompanhado até sua nova vida. Nossos verdadeiros fiéis morreram ou pararam de acreditar, e nós, perdidos, assustados e desamparados, fomos obrigados a sobreviver com qualquer resquício de adoração e fé que encontrássemos. E a sobreviver da melhor forma possível.

“E foi isso que fizemos; sobrevivemos, à margem de tudo, onde ninguém prestava muita atenção em nós.

“Sejamos sinceros: temos pouquíssima influência na vida deles. Nós nos aproveitamos deles, e pegamos o que é deles, e sobrevivemos; nós nos despimos, nos prostituímos e nos embebedamos demais; roubamos gasolina, furtamos, damos golpes, existimos à margem, alheios à sociedade. Velhos deuses, aqui nesta nova terra sem deuses.”

Wednesday se calou. Com um ar severo e solene, olhou para cada um dos presentes. Eles retribuíram o olhar com expressões impassíveis, máscaras que nada denunciavam. Wednesday pigarreou e deu uma cusparada poderosa na fogueira. Ela se inflamou e brilhou, iluminando o salão.

— Agora, como vocês todos devem ter tido uma fartura de motivos para descobrir por conta própria, deuses novos estão ganhando força nos Estados Unidos, agarrando-se a focos crescentes de fé: deuses do cartão de crédito e da rodovia, da internet e do telefone, do rádio, do hospital e da televisão, deuses do plástico e do bipe e do neon. Deuses orgulhosos, criaturas gordas e estúpidas, envaidecidas com a própria novidade e importância.

Odin continuou:

— Eles sabem que estamos aqui, e nos temem, e nos odeiam. Vocês se enganam se acreditam que não. Eles vão nos destruir, se puderem. É hora

de nos unirmos. É hora de agirmos.

A mulher idosa de sári vermelho avançou em direção à luz. Uma pequena joia azul-escura brilhava em sua testa.

— Você nos chamou aqui para essa insensatez? — perguntou ela, bufando com uma mistura de deboche e irritação.

Wednesday franziu as sobrancelhas.

— Eu os chamei aqui, sim. Mas isto é mais do que sensato, Mama-ji, não tem nada de insensato. Até uma criança conseguiria entender.

— Então eu sou uma criança, é isso? — Ela apontou o dedo para ele, indignada. — Eu já era velha em Kalighat quando você não era nem um sonho, seu ignorante. E eu sou uma criança? Então *sou mesmo* uma criança, pois não há nada para ser entendido em sua fala ignorante.

Outra vez, Shadow se deparou com uma visão dupla: viu a mulher velha, o rosto escuro marcado pela idade e pela reprovação, mas, por trás, enxergou algo imenso, uma mulher nua com a pele da cor de uma jaqueta de couro preto nova, e com lábios e língua de um vermelho vivo como sangue arterial. O pescoço estava cercado por caveiras, e suas muitas mãos seguravam facas, espadas e cabeças decepadas.

— Não a chamei de criança, Mama-ji — disse Wednesday, em um tom pacificador. — Mas parece evidente...

— A única coisa que parece evidente — retrucou a velha, apontando o dedo novamente (ao mesmo tempo, por trás, através, acima dela, um dedo preto com uma garra afiada repetiu o movimento) — é seu próprio desejo por glória. Nós vivemos em paz neste país há muito tempo. Alguns deuses levam uma vida melhor que outros, concordo. Eu estou bem. Na Índia, uma encarnação minha vive muito melhor, mas paciência. Não tenho inveja. Já vi os mais novos ascenderem, e já os vi caírem. — Ela abaixou a mão. Shadow percebeu que os outros a observavam com uma mistura de expressões: respeito, humor, vergonha. — Não faz muito tempo que eles idolatravam estradas de ferro aqui. E hoje os deuses de ferro são tão desprezados quanto os caçadores de esmeraldas...

— Diga aonde quer chegar, Mama-ji — pediu Wednesday.

— Aonde quero chegar? — As narinas dela se inflaram. Os cantos da boca se curvaram para baixo. — Eu, e *obviamente* sou apenas uma criança, proponho que esperemos. Não façamos nada. Não sabemos se eles querem nosso mal.

— E o que você vai fazer quando eles vierem no meio da noite e a matarem ou a capturarem? Ainda vai propor que tenhamos paciência?

Os lábios, as sobrancelhas e o nariz da mulher deixavam claro seu desdém e deboche.

— Se eles tentarem algo assim — disse ela —, vão descobrir que é difícil me pegar e ainda mais difícil me matar.

Um jovem atarracado sentado no banco atrás dela pigarreou para chamar a atenção e disse, com uma voz retumbante:

— Pai de Todos, meu povo está confortável dessa forma. Nós aproveitamos ao máximo o que temos. Se essa sua guerra der errado, podemos perder tudo.

— Vocês já perderam tudo — respondeu Wednesday. — Estou lhes oferecendo a chance de pegar algo de volta.

A fogueira queimava com intensidade, iluminando os rostos dos presentes.

Eu não acredito de verdade, pensou Shadow. Não acredito em nada disso. Talvez eu ainda tenha quinze anos. Minha mãe não morreu e eu ainda não conheci Laura. Tudo que aconteceu até agora foi um sonho especialmente vívido. No entanto, ele tampouco conseguia acreditar no que estava pensando. Só podemos acreditar em nossos sentidos: os instrumentos que usamos para perceber o mundo, nossa visão, nosso toque, nossa memória. Se eles mentem para nós, nada será confiável. E, mesmo se não acreditarmos neles, não há como seguir nenhum outro caminho além da estrada que nossos sentidos nos revelam; e devemos percorrer essa estrada até o fim.

E, então, a fogueira se esgotou, e o Valaskjálf, o salão de Odin, mergulhou na escuridão.

— E agora? — sussurrou Shadow.

— Agora voltamos à sala do Carrossel — murmurou o sr. Nancy —, e o velho Caolho paga o nosso jantar, molha algumas mãos, beija alguns bebês, e ninguém mais fala a palavra com D.

— Palavra com D?

— *Deuses.* Onde você estava quando distribuíram cérebros, garoto?

— Alguém estava contando uma história sobre as bolas roubadas de um tigre, e eu tive que parar e descobrir como acabava.

O sr. Nancy riu.

— Mas nada ficou resolvido. Ninguém entrou em acordo — disse Shadow.

— Wednesday está indo devagar com eles. Vai conquistar um de cada vez. Você vai ver. Vão acabar cedendo.

Shadow sentiu uma corrente de ar saindo de algum lugar, agitando seu cabelo, tocando seu rosto, açoitando-o.

Agora eles estavam na sala do Maior Carrossel do Mundo, ouvindo “A valsa do imperador”.

Um grupo de pessoas, aparentemente turistas, estava conversando com Wednesday do outro lado do salão, perto da parede coberta com os cavalos de madeira do Carrossel: para cada pessoa, havia uma figura misteriosa no Salão de Wednesday.

— Por aqui! — gritou ele.

O velho os conduziu pela única saída, que havia sido construída para parecer a boca escancarada de um monstro gigantesco, com dentes a postos para destroçar qualquer um que se aproximasse. Ele circulava em meio às pessoas como um político, bajulando, incentivando, sorrindo, discordando delicadamente, tranquilizando.

— Aquilo aconteceu? — perguntou Shadow.

— Aquilo o quê, miolo de merda? — perguntou o sr. Nancy.

— O salão. A fogueira. Bolas de tigre. O passeio no Carrossel.

— Ora, ninguém pode andar no Carrossel. Você não viu as placas? Agora, calado.

A boca do monstro levava à Sala de Órgãos, e Shadow ficou ainda mais confuso. Já não haviam passado por ali? O lugar continuava causando estranheza. Wednesday acompanhou todos por uma escada, passando por modelos em tamanho real dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse pendurados no teto, e o grupo seguiu as placas em direção à saída.

Shadow e Nancy eram os últimos da fila. Eles e os outros saíram da House on the Rock, passaram pela loja de souvenirs e voltaram ao estacionamento.

— Que pena que tivemos que sair antes de acabar — disse o sr. Nancy.

— Eu meio que estava com vontade de ver a maior orquestra artificial do mundo.

— Eu já vi — disse Czernobog. — Não é lá grande coisa.

O restaurante, uma estrutura grande que parecia um celeiro, ficava a dez minutos de distância. Wednesday havia garantido a todos os convidados que ia bancar a refeição daquela noite, além de ter providenciado o transporte até o restaurante para quem não pudesse ir por meios próprios.

Shadow se perguntou como todos haviam chegado à House on the Rock sem meios próprios de transporte e como eles iriam embora, mas falou a coisa mais esperta em que pensou: nada.

Deu carona a alguns dos convidados: a mulher de sári vermelho foi na frente com ele. Havia dois homens no banco traseiro: um jovem de aspecto peculiar cujo nome Shadow não havia entendido bem, mas que ele achava que se chamava Elvis, e outro homem, de terno escuro, de quem Shadow não conseguia se lembrar.

Shadow abria e fechava a porta para o homem, e mesmo assim era incapaz de lembrar qualquer detalhe sobre ele. Ele se virou no banco do motorista e olhou para o convidado de Wednesday, reparando bem em seu rosto, seu cabelo, suas roupas, registrando tudo para reconhecê-lo caso voltasse a encontrá-lo, e se virou para a frente de novo para ligar o carro. O

homem escapuliu de sua mente. Restou uma impressão de riqueza e nada mais.

Estou cansado, pensou. Shadow olhou para a direita e deu uma espiada na mulher indiana. Reparou no colar minúsculo de caveiras em torno do pescoço, na pulseira de berloques com cabeças e mãos que tilintavam como sinetas quando ela se mexia. Havia uma joia azul-escura na testa. Ela tinha cheiro de especiarias, de cardamomo, noz-moscada e flores. O cabelo era grisalho, e ela sorriu ao perceber que estava sendo observada.

— Pode me chamar de Mama-ji — disse ela.

— Eu sou Shadow, Mama-ji.

— E o que acha dos planos de seu empregador, senhor Shadow?

Ele desacelerou, enquanto um grande caminhão preto os ultrapassava e lançava neles um respingo de neve suja.

— Eu não pergunto, ele não fala.

— Na minha opinião, ele quer um confronto final. Quer que a gente morra em meio às chamas da glória. É isso o que ele quer. E somos velhos o suficiente, ou idiotas o suficiente, para ao menos alguns de nós aceitarem essa ideia.

— Não é parte do meu trabalho fazer perguntas, Mama-ji — insistiu Shadow.

O interior do carro se encheu com a risada fina dela.

O homem no banco traseiro — não o jovem de aspecto peculiar, o outro — insistiu algo, e Shadow respondeu, mas no instante seguinte já não conseguiu lembrar de jeito nenhum o que havia sido discutido.

O jovem de aspecto peculiar não havia falado nada, mas começou a cantarolar, um murmúrio grave, melódico e baixo que fez o interior do carro vibrar, tremer, zumbir.

O jovem de aspecto peculiar tinha estatura mediana, mas era de um formato esquisito: Shadow já tinha ouvido falar de homens truncudos, mas nunca tivera uma imagem para associar à metáfora. Aquele homem era truncudo, e as pernas pareciam, sim, troncos de árvore, e as mãos pareciam, isso mesmo, joelhos de porco. Ele usava uma parca preta com capuz, vários suéteres, macacão grosso e, estranhamente, no inverno e com todas aquelas roupas, um par de tênis brancos, que tinham o mesmo tamanho e formato de caixas de sapato. Os dedos dele lembravam linguças com pontas achatadas.

— Esse murmúrio... — disse Shadow no banco do motorista.

— Desculpe — disse o jovem peculiar, com uma voz muito grave, constrangido. E parou de murmurar.

— Não, eu gostei — respondeu Shadow. — Não precisa parar.

O jovem peculiar hesitou e voltou a murmurar, com a mesma voz grave e reverberante. Dessa vez, havia palavras entremeadas na melodia.

— *Down down down* — cantarolou ele num timbre tão grave que os vidros do carro tremeram. — *Down down down, down down, down down.*

Todas as casas e edifícios pelos quais passavam estavam decorados com piscas-piscas. Havia lâmpadas douradas discretas que brilhavam de leve e também cenários gigantescos com bonecos de neve, ursos de pelúcia e estrelas multicoloridas.

Shadow parou na frente do restaurante e acompanhou os passageiros até a porta, voltando logo depois para o carro. Queria deixar o automóvel em uma vaga bem afastada. Então andaria sozinho até o restaurante, no frio, para organizar as ideias.

Estacionou ao lado de um caminhão preto e imaginou se não seria o mesmo que o havia ultrapassado antes.

Fechou a porta e ficou parado por um instante no estacionamento, vendo sua respiração se condensar no ar.

Pensou em Wednesday no restaurante, provavelmente já acomodando seus convidados em torno de uma mesa grande, preparando o ambiente. Ficou se perguntando se tinha sido mesmo Kali a seu lado no carro, e que divindade estivera no banco traseiro...

— Ei, camarada, tem fogo? — disse uma voz que parecia um pouco familiar.

Shadow se virou para pedir desculpas e dizer que não, não tinha fogo, mas a coronha da arma o acertou bem em cima do olho esquerdo, e ele começou a cair.

Levantou um dos braços para se equilibrar. Alguém pressionou algo macio em sua boca, para impedi-lo de gritar, e prendeu o objeto com fita adesiva: movimentos ágeis e treinados, como um açougueiro abatendo uma galinha.

Shadow tentou gritar, tentou alertar Wednesday, tentou alertar todo mundo, mas da sua boca só saiu um som abafado.

— Os alvos estão todos lá dentro — disse a voz familiar. — Todo mundo posicionado? — Era uma voz chiada, pouco audível, vinda de um rádio. — Vamos avançar e pegar todos eles.

— E o grandalhão? — perguntou outra voz.

— Embrulhe e leve esse daí — respondeu a primeira voz.

Cobriram a cabeça de Shadow com um saco de pano, amarraram seus pulsos e tornozelos com fita adesiva, enfiaram-no na traseira do caminhão e o levaram embora.

Não havia janelas na sala minúscula onde Shadow fora trancafiado. Tinha uma cadeira de plástico, uma mesa dobrável e um balde com tampa, que servia de privada improvisada. Havia também um pedaço de um metro e

oitenta de espuma amarela no chão e um cobertor fino com uma mancha marrom velha no meio: sangue, merda ou comida, Shadow não sabia e não estava disposto a investigar. Tinha uma lâmpada atrás de uma grade de metal no alto da sala, mas ele não encontrou nenhum interruptor. A luz estava sempre acesa. Não havia maçaneta daquele lado da porta.

Ele estava com fome.

A primeira coisa que Shadow havia feito, depois que o jogaram naquela sala, depois que arrancaram a fita dos tornozelos, dos pulsos e da boca e o deixaram sozinho, fora andar pelo local e examiná-lo minuciosamente. Ele bateu nas paredes e ouviu um som metálico surdo. Havia uma pequena saída de ventilação no alto. A porta estava trancada.

Saía sangue de um corte acima da sobrancelha esquerda. Sua cabeça doía.

O chão não tinha carpete. Shadow bateu nele também. Era feito do mesmo metal das paredes.

Ele tirou a tampa do balde, mijou dentro e voltou a cobri-lo. De acordo com seu relógio, haviam se passado apenas quatro horas desde a abordagem no estacionamento.

Sua carteira havia sumido, mas as moedas continuaram com ele.

Shadow se sentou diante da mesa de carteador, que estava coberta com um tecido verde com marcas de cigarro. Treinou truques que davam a impressão de que as moedas atravessavam a mesa, como se estivessem passando por dentro dela. Depois, pegou duas moedas de vinte e cinco centavos e inventou um Truque Inútil com Moedas.

Ele escondeu uma moeda na palma da mão direita e segurou a outra com a esquerda, entre o indicador e o polegar. Depois, fingiu que pegava a moeda da mão esquerda, mas, na verdade, deixou-a cair na palma esquerda. Em seguida, abriu a mão direita e exibiu a moeda que estava lá desde o começo.

Para manipular moedas, Shadow precisava estar completamente concentrado; ou seja, ele não conseguia fazer os truques se estivesse irritado ou aborrecido, então o ato de treinar uma ilusão, mesmo uma que não tivesse nenhum proveito por si só — ora, ele havia investido uma quantidade enorme de esforço e habilidade para fazer parecer que tinha passado uma moeda de uma mão para a outra, algo que não exigiria esforço algum se fosse feito de verdade —, o acalmava, afastava o medo e a perturbação.

Ele começou a fazer um truque ainda mais inútil: uma transformação de dólar em centavo, mas usando as duas moedas de vinte e cinco centavos. Conforme o truque avançava, as moedas ficavam ora visíveis, ora escondidas. Shadow começou com uma moeda visível, presa entre o dedo médio e o indicador, e com a outra oculta horizontalmente na dobra do polegar, uma empalmada Downs. Ele levou a mão até a boca e assoprou a moeda, deixando a visível cair na ponta do dedo anelar e depois fazendo

uma empalmada clássica, enquanto pegava com o indicador e o dedo médio a moeda que estava escondida na empalmada Downs e a exibia. A impressão era de que ele mostrava uma moeda na mão, levava-a à boca, assoprava e voltava a abaixar a mão, exibindo a mesma moeda.

Fez esse truque várias vezes seguidas.

Shadow se perguntou se iam matá-lo, e suas mãos tremeram um pouco. Uma das moedas escorregou de seu dedo e caiu no tecido verde manchado da mesa.

Depois de um tempo, sem conseguir mais fazer truques, ele guardou as moedas e pegou a de um dólar com efígie da Estátua da Liberdade que Zorya Polunochaya lhe dera, segurou-a com força e esperou.

Às três da madrugada, de acordo com seu relógio, voltaram para interrogá-lo. Dois homens de terno escuro, com cabelo preto e sapatos pretos lustrosos. Agentes. Um tinha maxilar quadrado, ombros largos, cabelo incrível, parecia ter sido jogador de futebol americano na escola, tinha unhas muito roídas; o outro tinha entradas no cabelo, óculos de armação redonda prateada, unhas bem cuidadas. Embora os dois não fossem nem um pouco parecidos, Shadow começou a achar que, de alguma forma, talvez em um nível até genético, eles fossem idênticos. Os homens ficaram um de cada lado da mesa e baixaram os olhos para encarar Shadow.

— Há quanto tempo o senhor trabalha para Cargo? — perguntou um.

— Não sei quem é esse cara — respondeu Shadow.

— Ele chama a si mesmo de Wednesday. Grimm. Pai de Todos. O Cara Velho. O senhor foi visto com ele.

— Trabalho para ele há três dias.

— Não minta para nós, senhor — disse o agente de óculos.

— Tudo bem — disse Shadow. — Não vou mentir. Mas estou com ele há três dias.

O agente de queixo quadrado se abaixou e torceu com força a orelha de Shadow. A dor foi intensa.

— Nós falamos para o senhor não mentir — disse ele, com um tom brando. Então, soltou a orelha de Shadow.

O volume sob o paletó indicava que os dois agentes carregavam armas. Shadow não revidou. Fingiu que estava de novo na cadeia. *Cumpra a própria pena*, pensou. *Não diga nada que eles já não saibam. Não faça perguntas.*

— Você está se metendo com um pessoal perigoso — disse o agente de óculos. — Seu depoimento seria um serviço ao país. — Ele deu um sorriso compassivo. *Eu sou o policial bonzinho*, disse o sorriso.

— Entendo — respondeu Shadow.

— Bem, se o senhor não quiser cooperar — disse o agente de queixo quadrado —, já sabe o que acontece quando não estamos felizes. — Ele deu um soco na barriga de Shadow.

Não era tortura, pensou Shadow, era só para pontuar: *Eu sou o policial malvado*. Ele se curvou de dor.

— Eu gostaria de deixar vocês felizes — disse Shadow, assim que conseguiu falar.

— Nós só queremos sua colaboração, senhor.

— Posso perguntar... — disse Shadow, engasgando (*Não faça perguntas*, pensou ele, mas era tarde demais, as palavras já haviam saído) — ... posso perguntar com quem vou colaborar?

— O senhor quer que digamos nossos nomes? — perguntou o agente de queixo quadrado. — Deve estar fora de si.

— Não, faz sentido — disse o agente de óculos. — Talvez assim seja mais fácil para ele se identificar conosco. — Ele olhou para Shadow e sorriu como um garoto-propaganda de pasta de dente. — Oi. Meu nome é senhor Stone. Meu colega é o senhor Wood.

— Na verdade — disse Shadow —, eu queria saber de que agência vocês são. CIA? FBI?

Stone balançou a cabeça.

— Ah, não é tão simples assim, não mais, senhor. Não é tão preto no branco.

— O setor privado, o setor público — disse Wood. — Sabe, tem muita mistura hoje em dia.

— Mas eu garanto — disse Stone, com outro de seus sorrisos saídos de uma propaganda —, nós *somos* os mocinhos. O senhor está com fome? — Ele enfiou a mão em um bolso do paletó e pegou um Snickers. — Aqui. Um presente.

— Obrigado — disse Shadow.

Ele abriu o chocolate e comeu.

— Você deve querer beber alguma coisa também. Café? Cerveja?

— Água, por favor — disse Shadow.

Stone foi até a porta e deu uma batidinha. Disse algo para o guarda do lado de fora, que assentiu e voltou no minuto seguinte com um copo de isopor com água gelada.

— CIA — disse Wood. Ele balançou a cabeça, cheio de pesar. — Idiotas. Ei, Stone. Ouvi uma piada nova sobre a CIA. Escuta só: como a gente pode ter certeza de que a CIA não teve nada a ver com o assassinato do Kennedy?

— Não sei — respondeu Stone. — *Como* a gente pode ter certeza?

— Ele está morto, não é mesmo? — disse Wood.

Os dois riram.

— O senhor está se sentindo melhor? — perguntou Stone.

— Acho que sim — respondeu Shadow.
— Então que tal nos contar o que aconteceu hoje à noite?
— Visitamos uns pontos turísticos. Fomos à House on the Rock. Saímos para comer. Vocês sabem o resto.

Stone bufou, sem paciência. Wood balançou a cabeça, como se estivesse decepcionado, e deu um chute no joelho de Shadow. A dor foi insuportável. Em seguida, pressionou lentamente o punho nas costas de Shadow, logo acima do rim direito, e girou a mão. Dessa vez, a dor que Shadow sentiu foi pior do que a do joelho.

Eu sou maior que os dois, pensou. *Eu dou conta deles*. Mas eles estavam armados; e, mesmo se conseguisse, de alguma forma, matá-los ou dominá-los, continuaria trancado naquela sala. (Mas teria uma arma. Teria duas armas.) (Não.)

Wood fazia questão de não encostar no rosto de Shadow. Nenhuma marca. Nada permanente: só punhos e pés no tronco e nos joelhos. Doía, e Shadow segurou com força a moeda de um dólar na palma da mão, esperando que aquilo acabasse.

E, depois de um tempo longo demais, aquilo acabou.

— Veremos o senhor daqui a algumas horas — disse Stone. — Sabe, Wood realmente detestou ter que fazer isso. Nós somos pessoas sensatas. Como eu disse, somos os mocinhos. O senhor está do lado errado. Enquanto espera, que tal tentar dormir um pouco?

— É melhor começar a nos levar a sério — avisou Wood.

— Ele tem razão, senhor — disse Stone. — Pense nisso.

A porta bateu com um estrondo atrás deles. Shadow se perguntou se apagariam a luz, mas não apagaram, e o feixe que saía da lâmpada parecia espalhar uma onda de frio pela sala. Ele se arrastou pelo chão até o colchonete de espuma amarela, deitou-se nele e puxou o cobertor fino para se cobrir, fechou os olhos e se deixou levar pelo nada, se deixou levar pelos sonhos.

O tempo passou.

Ele tinha quinze anos de novo, e sua mãe estava morrendo, e ela tentava lhe dizer algo muito importante, mas ele não conseguia entender o quê. Shadow se mexeu enquanto dormia, e uma fígada de dor fez com que ele passasse de um meio sono a uma meia vigília. Ele fez uma careta.

Shadow tremia debaixo do cobertor fino. O braço direito cobria os olhos contra a luz da lâmpada. Ficou se perguntando se Wednesday e os outros também haviam sido capturados, se ainda estavam vivos. Torceu para que estivessem.

A moeda de prata em sua mão esquerda continuava fria. Ali, deitado, ele a sentia, assim como durante a surra. Meio distraído, se perguntou por que ela não se aquecera em contato com a pele. Ainda um pouco adormecido e delirante, a moeda, e a noção de liberdade, e a lua, e Zorya Polunochnaya,

tudo se entrelaçou em um raio de luz prateada que descia das profundezas celestiais, e ele subiu correndo pelo raio, para longe do luto e do medo, para longe da dor e, felizmente, de volta para os sonhos...

Shadow ouviu um barulho vindo de longe, mas era tarde demais para descobrir sua origem: ele agora pertencia ao mundo adormecido.

Um pensamento vago: esperava que não fosse alguém vindo acordá-lo, bater nele ou gritar em seu ouvido. Depois, percebeu, com satisfação, que realmente estava dormindo, e o frio foi embora.

Em algum lugar, alguém gritava por socorro, dentro ou fora do sonho.

Shadow se revirou no colchão de espuma, descobrindo novos lugares doloridos conforme se mexia, torcendo para que não tivesse despertado completamente e então aliviado ao perceber que o sono o abraçava uma vez mais.

Alguém sacudia seu ombro.

Ele tentou pedir que não o acordassem, que o deixassem dormir em paz, mas o que saiu foi um grunhido.

— Fofinho? — disse Laura. — Você precisa acordar. Por favor, acorde, querido.

Houve um instante de doce alívio. Ele tivera um sonho muito estranho envolvendo cadeias e golpistas e deuses decadentes, e agora Laura estava acordando-o para dizer que era hora de ir trabalhar, e talvez antes do trabalho desse tempo de tomar um café e roubar um beijo, ou mais do que um beijo; e ele estendeu a mão para tocá-la.

A pele estava gelada e pegajosa.

Shadow abriu os olhos.

— De onde saiu esse sangue todo? — perguntou.

— Das outras pessoas — respondeu ela. — Não é meu. Estou cheia de formol, misturado com glicerina e lanolina.

— Que outras pessoas?

— Os guardas — disse ela. — Está tudo bem. Eu os matei. É melhor você correr. Acho que não deixei ninguém vivo para soar o alarme. Pegue um casaco ali fora, ou você vai congelar.

— Você os matou?

Ela deu de ombros e abriu um meio sorriso constrangido. Parecia ter feito pinturas com os dedos, um quadro realizado exclusivamente com tons de vermelho, e havia manchas e gotas borrifadas no rosto e nas roupas (o mesmo terninho azul com que ela fora enterrada). Shadow pensou em Jackson Pollock, porque era menos problemático pensar em Jackson Pollock do que aceitar a alternativa.

— É mais fácil matar as pessoas depois que a gente morre — disse ela. — A gente não vê mais problema, sabe? Não fica com tanto preconceito.

— Mas eu ainda vejo problema — falou Shadow.

— Quer ficar aqui até o pessoal do turno da manhã chegar? — perguntou ela. — Pode ficar, se quiser. Só achei que você gostaria de sair.

— Eles vão achar que fui eu — disse ele, sem pensar.

— Talvez — concordou ela. — Ponha um casaco, querido. Você vai congelar.

Ele saiu para o corredor. No final ficava a sala dos guardas, onde Shadow encontrou quatro homens mortos: três guardas e o agente que um dia havia se chamado Stone. O amigo dele não estava em lugar algum. Pelas manchas de sangue no chão, dois deles tinham sido arrastados para dentro da sala e largados no chão.

O casaco de Shadow estava pendurado em um gancho. Sua carteira continuava no bolso interno, aparentemente intacta. Laura abriu algumas caixas de papelo, cheias de barras de chocolate.

Agora que conseguia vê-los direito, Shadow percebeu que os guardas usavam uniformes de estampa camuflada escura, mas não havia nenhuma identificação oficial, nada que informasse para quem trabalhavam. Podiam ser caçadores de fim de semana, prontos para atirar no primeiro animal que passasse na frente deles.

Laura estendeu a mão fria e apertou a de Shadow. A moeda dourada que o marido lhe dera estava pendurada em uma corrente no pescoço.

— Ficou bonita — disse ele.

— Obrigada. — Ela abriu um sorriso gracioso.

— E os outros? — perguntou ele. — Wednesday e os demais? Onde estão?

Laura lhe entregou algumas barras de chocolate, e ele encheu os bolsos.

— Não tinha mais ninguém aqui. Um monte de celas vazias e uma com você dentro. Ah, e um dos homens tinha entrado numa cela lá embaixo com uma revista para bater punheta. Ele ficou bem assustado quando me viu.

— Você o matou enquanto ele se masturbava?

Ela deu de ombros.

— É — respondeu, pouco à vontade. — Eu fiquei com medo de estarem machucando você. Alguém precisa cuidar de você, e eu falei que faria isso, não foi? Aqui, pegue isto.

Eram aquecedores químicos para mãos e pés em pacotes finos. Quando o selo era rompido, eles se aqueciam até um pouco acima da temperatura do corpo e duravam horas. Shadow guardou-os nos bolsos.

— Cuidar de mim. Isso — disse ele —, você falou.

Ela tocou a testa dele, logo acima da sobrancelha esquerda.

— Você está machucado — comentou ela.

— Estou bem.

Shadow empurrou uma porta de metal na parede, que se abriu lentamente. Estava a pouco mais de um metro de altura do chão lá fora. Pulou para o que parecia cascalho e, depois, pegou Laura pela cintura e a desceu, como fazia antigamente, com facilidade, sem pensar duas vezes...

A lua apareceu de trás de uma nuvem pesada. Ela estava baixa no horizonte, prestes a se pôr, mas a luz que lançava na neve era suficiente para Shadow e Laura enxergarem.

Eles haviam saído do que se revelou um vagão preto de metal em um grande trem de carga, parado ou abandonado em um desvio ferroviário dentro de uma floresta. A fila de vagões ia até onde a vista alcançava, entre as árvores e além. Claro que ele estava em um trem. Devia ter imaginado.

— Como você me encontrou? — perguntou Shadow à esposa morta.

Ela balançou a cabeça devagar, com um sorriso divertido.

— Você brilha como um farol em um mundo tomado pela escuridão — respondeu ela. — Não foi tão difícil. Agora, você precisa ir embora. Vá logo. Vá até onde der, o mais rápido possível. E evite usar cartões de crédito.

— Para onde devo ir?

Ela passou a mão pelo cabelo embolado e o afastou dos olhos.

— A estrada é para lá — disse ela. — Faça o que tiver que fazer. Roube um carro, se necessário. Vá para o sul.

— Laura. — Ele hesitou. — Você sabe o que está acontecendo? Sabe quem são essas pessoas? Quem você matou?

— Sim, acho que sei.

— Estou em dívida com você — disse Shadow. — Eu ainda estaria lá dentro se não fosse por você. Acho que eles não pretendiam fazer algo muito bom comigo.

— Não — respondeu ela. — Acho que não.

Os dois se afastaram dos vagões vazios. Shadow pensou nos outros trens que tinha visto, vagões de metal sem janelas que se estendiam por quilômetros e soavam seus apitos solitários noite adentro. Os dedos dele se fecharam na moeda de um dólar em seu bolso, e ele se lembrou de Zorya Polunochnaya e do jeito como ela o havia encarado ao luar. *Você perguntou o que ela queria? É a pergunta mais sábia a se fazer aos mortos. Às vezes, eles dizem.*

— Laura... O que você quer? — perguntou ele.

— Quer mesmo saber?

— Sim. Por favor.

Laura o encarou com olhos azuis mortos.

— Quero voltar a viver — respondeu ela. — Não esta meia vida. Quero estar viva *mesmo*. Quero voltar a sentir o coração batendo no peito. Quero sentir o sangue correndo pelo corpo, quente, salgado, concreto. É esquisito, a gente acha que não dá para sentir, sabe, o sangue, mas acredite, você

percebe quando ele para de fluir. — Ela esfregou os olhos e sujou o rosto de vermelho com as mãos imundas. — Olhe, não sei por que isto aconteceu comigo. Mas é difícil. Sabe por que os mortos só saem à noite, fofinho? É porque é mais fácil se fazer passar por alguém de carne e osso no escuro. E eu não quero ter que fingir. Quero estar viva.

— Não entendo o que você quer que eu faça.

— Faça com que eu volte a viver, querido. Você vai dar um jeito. Sei que vai.

— Certo — disse ele. — Vou tentar. E, se eu der um jeito, como vou encontrar você?

Mas ela havia sumido, e não restava nada na floresta além de um cinza suave no céu para lhe indicar o leste e, na ventania inclemente de dezembro, um grito solitário, que podia ser o lamento da última ave noturna ou o chamado da primeira ave da alvorada.

Shadow se virou para o sul e começou a andar.

CAPÍTULO

SETE

Como os deuses hindus só são “imortais” em alguns aspectos muito específicos, já que nascem e morrem, eles também sofrem a maioria dos grandes dilemas humanos, e são poucas as trivialidades que os distinguem dos humanos — e dos demônios. Contudo, os hindus os consideram parte de uma categoria de seres por definição completamente diferentes de quaisquer outros: são símbolos, de uma forma que nenhum ser humano, por mais “arquetípica” que seja a história de sua vida, poderia vir a ser. São atores que desempenham papéis reais apenas para nós; são máscaras, e por trás dessas máscaras vemos nosso próprio rosto.

Wendy Doniger O’Flaherty,
na introdução de *Hindu Myths*, 1975

SHADOW SEGUIU ANDANDO para o sul — ou para onde achava que era o sul, mais ou menos —, horas e horas avançando por uma estrada estreita e sem sinalização no meio de uma floresta que ele imaginava ficar no sul do Wisconsin. A certa altura, vários jipes pretos vieram pela estrada em sua direção, os faróis acesos, e ele se embrenhou entre as árvores e ficou escondido até o comboio sumir de vista. A bruma da madrugada pairava até a cintura.

Meia hora depois, quando ouviu o barulho distante de helicópteros vindo do oeste, saiu da estrada de terra e seguiu pela floresta. Eram dois helicópteros, e Shadow se encolheu debaixo de uma árvore caída e ficou esperando eles passarem. Quando começaram a se afastar, ele se esgueirou para fora do esconderijo e olhou para cima, avaliando rapidamente o céu cinzento de inverno. Ficou satisfeito em observar que os helicópteros eram pintados de preto fosco. Esperou escondido debaixo da árvore até o barulho das hélices sumir de vez.

A neve que cobria o chão era um véu fino que estalava sob os pés de Shadow. Ele agradeceu por estar com os aquecedores de mãos e pés, que impediam que seus dedos congelassem. Fora isso, estava entorpecido: coração entorpecido, mente entorpecida, alma entorpecida. Então reparou em como aquele entorpecimento era muito profundo e antigo.

Então, o que eu quero?, perguntou-se. Não sabia a resposta, então simplesmente continuou andando, um passo de cada vez, sem sair da floresta. As árvores pareciam familiares, paisagens assim sempre provocavam déjà-vus. Será que estava andando em círculos? Talvez acabasse andando e andando e andando sem parar até que os aquecedores químicos e as barras de chocolate se esgotassem, então ele se sentaria e nunca mais se levantaria de novo.

Chegou a um córrego, que os moradores da região deviam chamar de *corgo*. Os córregos desembocavam em rios, e todos os rios desembocavam no Mississippi, e, se Shadow continuasse andando, ou roubasse um barco, ou construísse uma jangada, em algum momento chegaria a Nova Orleans, onde era quente — uma ideia que parecia tão reconfortante quanto improvável.

Não viu mais nenhum helicóptero. Shadow suspeitava de que os que tinha visto passar no céu só estavam ali para checar a situação do desvio ferroviário, e não procuravam por ele, porque, se fosse esse o caso, teriam voltado, e haveria cães farejadores, sirenes e toda a parafernália típica das perseguições. Em vez disso tudo, nada acontecia.

O que *ele* queria? Não ser pego. Não ser responsabilizado pela morte dos homens no trem.

— Não fui eu — ouviu-se dizer em voz alta —, foi a minha esposa morta.

Já podia imaginar a expressão no rosto dos policiais. Daí começariam a debater se Shadow estava ou não maluco enquanto o encaminhavam para a cadeira elétrica...

Ele se perguntou se Wisconsin tinha pena de morte. Então se perguntou se isso importava. Queria entender o que estava acontecendo — e descobrir como aquilo tudo ia acabar. E, finalmente, com um sorriso meio irônico, percebeu que, acima de tudo, queria que as coisas voltassem ao normal. Queria nunca ter sido preso, queria que Laura ainda estivesse viva, queria que nada daquilo tivesse acontecido.

Temo que essa não seja uma opção viável, meu filho, pensou consigo mesmo, na voz rouca de Wednesday, então assentiu, concordando. *Não é uma opção. Você fechou todas as portas. Então continue andando. Cumpra sua pena...*

Ao longe, um pica-pau começou a bicar um tronco podre.

De repente, Shadow reparou que havia olhos alheios fixos nele: um bando de cardeais vermelhos o encarava, empoleirados em um sabugueiro desfolhado, mas logo voltaram a bicar suas frutinhas pretas. Pareciam bastante com as ilustrações do calendário *Pássaros da América do Norte*. Ele ouviu a polifonia quase eletrônica de trinados, chiados e gorjeios enquanto caminhava pela margem do córrego. Com o tempo, o barulho cessou.

Havia um filhote morto de cervo em uma clareira ao pé de uma colina, e um pássaro preto, grande como um cachorrinho, investia contra o flanco

do cadáver com um bico enorme e assustador, cortando e rasgando pedaços de carne vermelha. O cervo já não tinha olhos, mas a cabeça continuava intacta, e dava para ver pontinhos brancos no pelo. Shadow se perguntou como o animal havia morrido.

O pássaro preto inclinou a cabeça para o lado e chamou, com uma voz que lembrava pedras se chocando:

— Ô, mortal.

— É, eu sou mortal — concordou Shadow.

O pássaro pulou para o topo do cadáver, levantou a cabeça e eriçou as penas da crista e do pescoço. Era enorme, e seus olhos pareciam contas pretas. Um pássaro daquele tamanho, tão próximo, era uma visão um tanto intimidadora.

— Ele disse que vai encontrar você no Quai-rou — entoou o corvo.

Shadow tentou descobrir qual dos corvos de Odin era aquele: Hugin ou Munin; Memória ou Pensamento.

— Quai-rou? — repetiu Shadow.

— No Egito.

— E como eu vou para o Egito?

— Siga o Mississippi. Para o sul. Encontre o Chacal.

— Olha, eu não quero parecer... ah, veja bem... — Ele hesitou. Raciocinou um pouco. Estava com frio, no meio de uma floresta, conversando com um pássaro preto enorme que almoçava o Bambi. — Certo. Olha só. O que estou tentando dizer é que dispenso esses enigmas.

— Enigmas — repetiu o pássaro, prestativo.

— O que eu quero é uma explicação. Chacal no Quai-rou. Isso não me ajuda em nada. Só parece ter saído de um romance de espionagem clichê.

— Chacal. Amigo. *Crá*. Quai-rou.

— Você já disse isso. Queria um pouquinho mais de informação.

O pássaro se virou ligeiramente e arrancou outro pedaço sanguinolento de carne crua das costelas do cervo. Então saiu voando por entre as árvores, o pedaço vermelho balançando em seu bico como uma minhoca comprida e sangrenta.

— Ei! Você pode pelo menos me indicar o caminho para uma estrada de verdade? — gritou Shadow.

O corvo voou mais alto e sumiu. Shadow observou o cadáver do filhote de cervo. Concluiu que, se fosse um daqueles lenhadores machões, cortaria um bife e o assaria em uma fogueira. Em vez disso, sentou-se em um tronco caído e comeu uma barra de chocolate, constatando que não levava muito jeito para ser um lenhador machão.

O corvo grasnou do outro lado da clareira.

— O que foi, quer que eu siga você? — perguntou Shadow. — Seu amiguinho caiu num poço, Lassie, foi isso?

A ave soltou outro grasnado, impaciente. Shadow andou na direção dela. O corvo esperou até ele se aproximar e bateu as asas enormes até outra árvore, mais ou menos à esquerda do caminho que Shadow estivera seguindo.

— Ei, Hugin, ou Munin, ou qualquer que seja o seu nome.

O pássaro se virou, inclinando a cabeça, desconfiado, e o encarou com os olhinhos brilhantes.

— Diga “Nunca mais” — pediu Shadow.

— Vai se foder — respondeu o corvo. A ave não se pronunciou de novo durante o resto da travessia pela floresta, o corvo à frente, voando de árvore em árvore, o homem avançando a passos pesados pelo solo da mata, tentando acompanhar o ritmo.

O céu era de um cinza uniforme. Era quase meio-dia.

Em meia hora, chegaram a uma estrada asfaltada nos limites de uma cidade, e o corvo voou de volta para a floresta. Shadow viu uma placa da rede Culver’s e, ao lado dela, um posto de gasolina. Entrou no Culver’s, onde não havia nenhum freguês. Atrás do caixa estava um rapaz atencioso de cabeça raspada. Shadow pediu dois hambúrgueres e uma porção de batata frita e foi ao banheiro se limpar. Estava péssimo. Fez um inventário do conteúdo de seus bolsos: algumas moedas, incluindo a de um dólar gravada com o rosto da Estátua da Liberdade; um estojo de viagem com escova e pasta de dentes; três barras de chocolate; cinco aquecedores químicos; uma carteira contendo apenas sua habilitação e um cartão de crédito — Shadow se perguntou quanto mais o limite do cartão aguentaria —; e, no bolso interno do casaco, mil dólares em notas de cinquenta e de vinte, a parte que lhe cabia do roubo do dia anterior. Lavou o rosto e as mãos com água quente, ajeitou o cabelo escuro e voltou para o restaurante, onde comeu os hambúrgueres e as batatas e bebeu o café.

Então voltou ao caixa.

— Quer um pedaço de pudim? — perguntou o rapaz, atencioso.

— Não, obrigado. Tem algum lugar por aqui onde eu possa alugar um carro? O meu pifou lá atrás, na estrada.

O rapaz coçou a cabeça raspada.

— Por aqui não tem, não, senhor. Se seu carro pifou, é melhor ligar para o seguro. Ou ver se consegue um guincho no posto de gasolina aqui do lado.

— Ótima ideia. Obrigado.

Shadow andou pela neve já derretendo entre o estacionamento do Culver’s e o posto de gasolina. Comprou barras de chocolate e pacotes de carne-seca e mais aquecedores químicos.

— Tem algum lugar por aqui onde eu possa alugar um carro? — perguntou à mulher no caixa. Ela era imensamente roliça, usava óculos e estava muito feliz de poder conversar com alguém.

— Vejamos... Aqui é meio isolado. Tem esse tipo de coisa lá em Madison. Para onde você está indo?

— Quai-rou — respondeu Shadow. — Seja lá onde isso for.

— Eu sei onde é. Pegue aquele mapa ali na prateleira.

Shadow apanhou um mapa plastificado de Illinois e o entregou à mulher. Ela o desdobrou e apontou, triunfante, para o canto inferior do estado.

— Aqui.

— Cairo?

— Essa é a do Egito. A de Little Egypt é chamada de *Quai-rou*. Tem até uma Thebes lá, a coisa toda. Minha cunhada é de Thebes. Perguntei a ela sobre a Tebas do Egito, e ela me olhou como se eu tivesse um parafuso solto.

A mulher deu uma risada que parecia água descendo pelo ralo.

— E tem alguma pirâmide?

A cidade ficava a oitocentos quilômetros dali, quase uma linha reta em direção ao sul.

— Nunca ouvi falar. Chamam o lugar de Little Egypt porque uns cem, cento e cinquenta anos atrás, a região inteira sofreu com a falta de alimentos. Todas as colheitas morreram. Menos as de lá. Aí todo mundo foi para a cidade comprar comida. Igualzinho na Bíblia. Já viu aquele musical, *José e o deslumbrante manto de mil cores*? “Nós vamos para o Egito, trá-lá-lá.”

— E o que você faria no meu lugar, se precisasse ir para lá? — perguntou Shadow.

— Iria de carro.

— O meu pifou na estrada a alguns quilômetros daqui. A senhora me desculpe o linguajar, mas era uma lata-velha de merda.

— Uma LVM — sugeriu ela. — Sei. É assim que meu cunhado chama. Ele tem uma lojinha de compra e venda de carros usados. Volta e meia ele me liga e fala “Mattie, acabei de vender mais uma LVM”. Bem, talvez ele tenha interesse no seu carro velho. Para sucata ou algo do tipo.

— É do meu chefe — respondeu Shadow, surpreso com a fluência e a facilidade com que mentia. — Preciso ligar para que ele venha buscar o carro. — Então teve uma ideia. — E esse seu cunhado, ele mora por aqui?

— Ele é de Muscoda. Dez minutos para o sul. Perto do rio. Por quê?

— Bom, será que ele me venderia alguma dessas LVMs por umas quinhentas, seiscentas pratas?

A mulher abriu um sorriso gentil.

— Senhor, você conseguiria comprar qualquer carro daquele pátio por quinhentos dólares, e com o tanque cheio. Mas não vá falar que eu lhe disse isso.

— Você pode ligar para ele?

— É pra já — respondeu ela, pegando o telefone. — Oi, meu bem! É Mattie. Venha cá neste instante. Tem um homem aqui querendo comprar

um carro.

A lata-velha de merda que Shadow escolheu era um Chevrolet Nova de 1983, que ele comprou, com o tanque cheio, por quatrocentos e cinquenta dólares. O carro tinha quase quatrocentos mil quilômetros rodados e exalava um vago aroma de uísque e tabaco junto com um cheiro mais forte, de algo que lembrava bananas. Não dava para dizer a cor exata da lataria debaixo de toda aquela sujeira e neve. Só que, de todos os veículos que encontrara no pátio do cunhado de Mattie, aquele era o único que parecia capaz de talvez percorrer oitocentos quilômetros.

A compra foi em dinheiro, e o cunhado de Mattie não perguntou seu nome nem pediu os documentos de Shadow, nem nada. Só quis o dinheiro.

Shadow dirigiu para o oeste e depois para o sul com quinhentos e cinquenta dólares no bolso, evitando a interestadual. A lata-velha tinha um rádio, mas nada aconteceu quando Shadow o ligou. Uma placa o informou de que ele tinha saído de Wisconsin e entrado em Illinois. Ele passou por um campo de mineração a céu aberto, todo iluminado por holofotes azuis imensos, brilhando sob o céu escuro daquela tarde de inverno.

Comeu em um lugar chamado Casa da Mamãe, entrando logo antes de pararem de servir o almoço. A comida era razoável.

Cada cidade por onde passava tinha uma placa ao lado do costumeiro aviso de que o motorista estava entrando na Cidade Tal (720 hab.). A segunda placa anunciava que o time Sub-14 da cidade era o terceiro colocado do Campeonato Interestadual de Corrida de Cem Metros ou que a cidade era o lar da semifinalista do Torneio Feminino Sub-16 de Luta Greco-Romana.

Shadow seguiu em frente, a cabeça cambaleando, sentindo-se mais esgotado e exausto a cada minuto. Furou um sinal vermelho e quase colidiu com uma mulher que dirigia um Dodge. Assim que chegou a uma área rural, desviou com o carro para uma estradinha de terra sem movimento e estacionou perto de um campo coberto de palha e neve, com uma vagarosa procissão de perus selvagens pretos e gordos avançando como uma fila de carpideiras. Desligou o motor, deitou-se no banco traseiro e dormiu.

Escuridão, sensação de queda — como se estivesse despencando por um buraco imenso, feito Alice. Shadow passou cem anos caindo pela escuridão. Rostos passavam depressa, emergindo do negrume, então se rasgavam de repente e sumiam, um a um, antes que ele tivesse a chance de tocá-los...

Abruptamente e sem qualquer transição, Shadow não estava mais caindo. Viu-se em uma caverna, e agora tinha companhia. Encarava olhos muito familiares: olhos pretos, enormes, líquidos. Os olhos piscaram.

Sob a terra. Sim. Shadow se lembrava daquele lugar. O fedor de vaca molhada. A luz de uma fogueira dançando nas paredes úmidas da caverna, iluminando a cabeça de búfalo, o corpo de homem, a pele cor de argila.

— Será que vocês não podem me deixar em paz? — perguntou Shadow.
— Eu só quero dormir.

O homem-búfalo assentiu, bem devagar. Seus lábios não se moveram, mas uma voz dentro da cabeça de Shadow perguntou:

— Para onde você está indo, Shadow?

— Para Cairo.

— Por quê?

— Para onde mais eu iria? É para lá que Wednesday quer que eu vá. Eu bebi o hidromel dele.

No sonho de Shadow, com o poder da lógica dos sonhos, a obrigação parecia indiscutível: bebera o hidromel de Wednesday três vezes, selando o pacto. O que mais poderia fazer agora?

O homem com cabeça de búfalo estendeu uma das mãos para a fogueira e remexeu as brasas e os galhos partidos, avivando o fogo.

— A tempestade se aproxima — anunciou.

Tinha as mãos sujas de cinzas, e as esfregou no peito sem pelos, deixando manchas pretas de fuligem.

— Vocês não param de dizer isso. Posso fazer uma pergunta?

Houve uma pausa. Uma mosca pousou na testa peluda. O homem-búfalo a espantou.

— Faça.

— É verdade? Aquelas pessoas são mesmo deuses? É tudo tão... — Shadow hesitou, então completou: — Improvável.

Não era exatamente a palavra que estava procurando, mas parecia a melhor que conseguiu encontrar.

— O que são deuses? — perguntou o homem-búfalo.

— Não sei — respondeu Shadow.

Ouvia-se uma batida constante, abafada. Shadow ficou esperando o homem-búfalo dizer mais alguma coisa, explicar o que os deuses eram, explicar todo aquele pesadelo tortuoso em que a vida dele parecia ter se transformado. Estava com frio. A fogueira tinha se apagado.

Tec. Tec. Tec.

Shadow abriu os olhos, meio grogue, e se sentou. Fazia muito frio, e o céu lá fora estava daquele tom intenso de roxo luminoso que separa o crepúsculo da noite.

Tec. Tec.

— Ei, senhor — chamou alguém, e Shadow virou a cabeça.

A pessoa estava ao lado do carro, uma forma mais escura do que o escuro do céu. Shadow estendeu uma das mãos e baixou o vidro alguns

centímetros. Fez os sons típicos de quem está despertando, então, por fim, disse:

— Oi.

— Tudo bem aí? Está passando mal? Bebeu? — A voz era aguda, de mulher ou de menino.

— Estou bem — respondeu Shadow. — Só um minuto.

Ele abriu a porta e saiu, esticando as pernas, os braços e o pescoço doloridos. Então esfregou as mãos para esquentá-las e fazer o sangue circular.

— Uau. Você é grandão.

— É o que dizem. Quem é você?

— Sam — disse a voz.

— É um Sam menino ou uma Sam menina?

— Uma Sam menina. Eu antes me chamava Sammi com i, daí fazia uma carinha feliz no pingaço do i, mas então cansei, porque todo mundo começou a copiar, e tirei o i.

— Certo, Sam menina. Vá para lá e não tire os olhos da estrada.

— Por quê? Você é um assassino doido, ou coisa assim?

— Não — respondeu Shadow. — É que preciso dar uma mijada e queria um mínimo de privacidade.

— Ah. Sim. Claro. Pode deixar. Sem problema. Sou igualzinha. Sou incapaz de fazer xixi se tiver alguém na cabine do lado. Tenho a bexiga mais tímida da história.

— Vá logo, por favor.

A menina deu a volta no carro, e Shadow foi na direção do campo, abriu o zíper da calça e liberou um xixi bem demorado em uma estaca da cerca. Então voltou para o carro. Os últimos resquícios de luminosidade se converteram em noite.

— Você ainda está aí?

— Sim — respondeu a menina. — Nossa, sua bexiga deve ser do tamanho do lago Erie. Acho que impérios nasceram e ruíram no tempo que você levou para fazer xixi. E deu para ouvir tudo.

— Obrigado. O que você quer?

— Bom, eu queria ver se você estava bem. Quer dizer, eu teria chamado a polícia se você estivesse morto ou algo do tipo. Mas os vidros estavam meio embaçados, então achei que você ainda devia estar vivo.

— Você mora por aqui?

— Não. Sou de Madison, vim pegando carona por aí.

— Não parece muito seguro.

— Eu faço isso cinco vezes por ano há três anos. E ainda estou viva. Para onde você está indo?

— Vou até Cairo.

— Ah, obrigada — disse Sam. — Eu vou para El Paso. Quero passar o Natal com a minha tia.

— Não posso levar você até lá — avisou Shadow.

— Não, não a El Paso no Texas. A outra, em Illinois. Fica a algumas horas daqui, para o sul. Você não sabe onde está?

— Não. Não faço ideia. Em algum ponto da rodovia 52?

— A próxima cidade se chama Peru. Não é o país não, tá? É uma cidade mesmo, em Illinois. Quero sentir o seu hálito. Abaixa aí. — Shadow se inclinou, e a menina farejou o rosto dele. — Muito bem. Não tem cheiro de bebida. Você pode dirigir. Vamos.

— E por que eu daria carona para você?

— Porque eu sou uma donzela em perigo, e você é um cavaleiro do não sei o que brilhante. Com um carro muito sujo. Sabia que escreveram *Me Lave!* no vidro de trás?

Shadow entrou no veículo e abriu a porta do carona. A luz que sempre se acende dentro dos carros quando a porta dianteira é aberta não acendeu naquele.

— Não. Não sabia.

A menina entrou.

— Fui eu — confessou ela. — Eu que escrevi. Quando ainda tinha luz suficiente para enxergar.

Shadow deu a partida, ligou os faróis e voltou para a estrada.

— Esquerda — instruiu Sam, prestativa.

Shadow fez a curva para a esquerda e saiu dirigindo estrada afora. Depois de alguns minutos, o aquecedor começou a funcionar, e o carro foi preenchido por um calorzinho abençoado.

— Você não falou nada até agora — reclamou Sam. — Diga alguma coisa.

— Você é humana? — perguntou Shadow. — Um ser humano de verdade, que nasceu de um pai e de uma mãe?

— Claro.

— Tudo bem. Só para confirmar. Então, o que você quer que eu fale?

— Bem, acho que depois disso você podia dizer alguma coisa para me tranquilizar. De repente, me veio aquela sensação de *aí merda, entrei no carro errado com um cara doido*.

— É. Sei como é. E o que deixaria você mais tranquila?

— Só me diga que não está fugindo da cadeia nem matou um monte de gente nem nada do tipo.

Shadow pensou por um instante.

— É, não fiz nada disso mesmo.

— Você precisou pensar, é?

— Cumpri minha pena. E nunca matei ninguém.

— Ah.

Entraram em uma cidade pequena, iluminada por postes e decorações natalinas cintilantes, e Shadow deu uma olhadela para a direita. A menina

era uma massa embolada de cabelo curto e escuro sobre um rosto que ele concluiu que era ao mesmo tempo bonito e vagamente masculino. Suas feições podiam ter sido esculpidas em pedra. Ela o encarava.

— Por que você foi preso?

— Machuquei muito algumas pessoas. Fiquei com raiva.

— Elas mereceram?

Shadow pensou por um instante.

— Na hora achei que sim.

— Você faria de novo?

— Nem pensar. Perdi três anos da minha vida.

— Hum. Você tem sangue indígena?

— Não que eu saiba.

— É que parece um pouco.

— Sinto muito por essa decepção.

— Tudo bem. Tá com fome?

Shadow assentiu.

— É, acho que eu poderia comer alguma coisa, sim.

— Tem um lugar bom depois do próximo sinal. Comida boa. E barata.

Shadow parou no estacionamento. Os dois saíram do carro. Ele não se deu ao trabalho de trancar as portas, mas guardou a chave no bolso. Separou algumas moedas para comprar um jornal.

— Você tem dinheiro para comer aqui?

— Sim — respondeu a menina, de cabeça erguida. — Posso pagar a minha parte.

Shadow assentiu. Então sugeriu:

— Vou fazer uma proposta: tiramos no cara ou coroa. Cara, você paga o meu jantar; coroa, eu pago o seu.

— Tudo bem, mas primeiro quero ver a moeda — respondeu a menina, desconfiada. — Um tio meu tinha uma moeda com duas caras.

Sam inspecionou a moeda e ficou satisfeita de ver que não havia nada de estranho no círculo de metal. Shadow colocou a moeda com a cara para cima no polegar e manipulou a jogada, fazendo-a oscilar de um jeito que dava a impressão de estar girando no ar. Ele agarrou a moeda que caía e a virou nas costas da mão esquerda, então a estendeu diante de Sam e revelou o resultado.

— Coroa — anunciou a menina, satisfeita. — Você paga.

— É. Bem, não dá para ganhar sempre.

Shadow pediu bolo de carne, e Sam pediu uma lasanha. Ele folheou o jornal, conferindo se havia alguma notícia sobre os homens mortos no trem de carga. Não encontrou nada. A única reportagem interessante estava na capa: uma quantidade nunca antes vista de corvos infestava a cidade. Os fazendeiros da região consideravam pendurar corvos mortos em edifícios públicos para assustar os invasores, enquanto ornitólogos explicavam que não

adiantaria, pois os corvos vivos simplesmente se alimentariam dos mortos. A população local se mostrou irredutível: “Quando eles virem o cadáver de seus amigos”, dissera um porta-voz, “vão saber que não são bem-vindos por aqui”.

A comida era boa, montanhas de comida em pratos fumegantes, mais do que qualquer pessoa conseguiria comer sozinha.

— E o que tem lá em Cairo? — perguntou Sam, de boca cheia.

— Não faço ideia. Meu chefe me mandou uma mensagem dizendo que precisa que eu vá para lá.

— O que você faz?

— Uma coisa ou outra.

A menina sorriu.

— Bem, você com certeza não é da máfia, não com essa aparência e dirigindo aquela lata-velha. Aliás, por que o seu carro tem cheiro de banana?

Shadow deu de ombros e continuou comendo.

Sam estreitou os olhos.

— Talvez você trafique bananas — sugeriu. — E você ainda não me perguntou o que eu faço.

— Imagino que ainda esteja na faculdade.

— Universidade de Wisconsin-Madison.

— Onde com certeza cursa história da arte e estudos de gênero e provavelmente faz esculturas em bronze. E deve trabalhar em um café, para ajudar a pagar o aluguel.

Sam largou o garfo no prato, as narinas dilatadas, os olhos arregalados.

— Cacete, como foi que você fez isso?

— O quê? Não, nessa hora você devia falar: “Olha, na verdade eu estudo línguas românicas e ornitologia.”

— Então vai me dizer que foi só um chute?

— O que foi um chute?

Ela o encarou com aqueles olhos escuros.

— Você é um cara peculiar, senhor... não sei o seu nome.

— Pode me chamar de Shadow.

Ela fez uma careta debochada, torcendo os lábios como se tivesse provado algo ruim. Parou de falar, baixou a cabeça e terminou sua lasanha.

— Você sabe por que chamam o lugar de Little Egypt? — perguntou Shadow, quando Sam acabou de comer.

— Lá para as bandas de Cairo? Sei. Porque fica no delta dos rios Ohio e Mississippi. Assim como o Cairo do Egito fica no delta do Nilo.

— Faz sentido.

A menina se recostou na cadeira, pediu café e torta de chocolate e ajeitou o cabelo preto.

— Você é casado, senhor Shadow? — Quando ele hesitou para responder, Sam acrescentou: — Vixe... Outra pergunta complicada, é?

— Ela foi enterrada na quinta-feira — respondeu Shadow, escolhendo as palavras com cuidado. — Morreu em um acidente de carro.

— Ah, meu Deus. Nossa. Sinto muito.

— Eu também.

Um silêncio constrangido.

— Minha meia-irmã perdeu o filho, meu sobrinho, no fim do ano passado. É bem difícil.

— É. É, sim. Ele morreu de quê?

Sam deu um gole no café.

— Não sabemos. Não temos nem certeza se ele morreu. O menino simplesmente sumiu. Tinha só treze anos. Foi no meio do inverno do ano passado. Minha irmã ficou arrasada.

— E vocês tinham alguma pista ou informação? — Soou como um detetive de algum seriado policial. Tentou de novo. — Houve algum suspeito, alguém que parecia ter más intenções? — Isso soou ainda pior.

— Desconfiaram do pai, meu cunhado babaca que não tem a guarda da criança. O sujeito é babaca o suficiente para ter sequestrado o filho. E provavelmente sequestrou. Mas isso aconteceu em uma cidadezinha em Northwoods. Uma gracinha de cidade, linda e simpática, um lugar onde ninguém tranca a porta de casa. — Ela suspirou e balançou a cabeça. Segurou a xícara de café com ambas as mãos. Então olhou bem para ele e mudou de assunto. — Como soube que eu fazia esculturas em bronze?

— Chutei. Só falei por falar.

— Tem certeza de que não tem ascendência indígena?

— Não que eu saiba. É possível. Nunca conheci meu pai. Mas acho que minha mãe teria falado se ele fosse de alguma tribo nativo-americana. Talvez.

Sam fez aquela mesma careta de antes. Ela desistiu no meio da torta de chocolate: a fatia tinha metade do tamanho de sua cabeça. A menina empurrou o prato, deslizando-o pela mesa até Shadow.

— Quer?

Ele sorriu.

— Pode ser. — E terminou a torta.

A garçonete entregou a conta, e Shadow pagou.

— Obrigada — disse Sam.

O tempo estava esfriando. O carro engasgou algumas vezes antes de pegar no tranco. Shadow voltou para a estrada e continuou indo para o sul.

— Você já leu alguma coisa de um cara chamado Heródoto? — perguntou ele.

— Eita. O quê?

— Heródoto. Já leu as *Histórias* dele?

— Sabe — confessou ela, com o olhar meio perdido —, eu não entendo. Não entendo esse seu jeito de falar, essas palavras que você usa e tal. Primeiro você é um grandalhão meio mané, depois lê minha mente, e agora a gente começa a falar de Heródoto. Enfim. Não. Nunca li Heródoto. Já ouvi falar dele. Talvez no rádio. Não é ele que as pessoas chamam de pai das mentiras?

— Achei que esse fosse o diabo.

— É, também. Mas estavam contando que Heródoto dizia que existiam formigas gigantes e grifos protegendo umas minas de ouro, e que era tudo invenção dele.

— Acho que não. Ele escrevia o que lhe contavam. Assim, ele escreve esse monte de histórias. E a maioria é bem boa. Com um bocado de detalhezinhos esquisitos. Por exemplo: você sabia que, no Egito, se morresse uma menina particularmente bonita, ou a mulher de um lorde, ou qualquer coisa do tipo, esperavam três dias para mandar embalsamar? Deixavam o corpo apodrecer no calor primeiro.

— Por quê? Ah, espera. Ok, acho que entendi. Ai, que nojo.

— E ele fala de batalhas, de várias coisas normais. E também tem os deuses. Numa história tem um cara correndo para informar o resultado de uma batalha qualquer, e ele vai correndo e correndo e correndo, até que encontra Pã em uma clareira. E Pã vira para ele e fala: “Diga para construírem um templo para mim aqui.” E o homem concorda e continua a correr até chegar no tal lugar. Ele informa as notícias da batalha e então acrescenta: “Ah, por falar nisso, Pã quer que vocês construam um templo para ele.” É bem prosaico, sabe?

— Então ele escreveu histórias sobre os deuses. O que você está tentando me dizer? Que essas pessoas das histórias estavam tendo umas alucinações?

— Não. Não é isso.

Sam mordiscou uma das cutículas.

— Eu li alguns livros sobre o cérebro — comentou Sam. — Eram da minha colega de quarto, que vivia tagarelando sobre o assunto. O livro falava de como, uns cinco mil anos atrás, os lóbulos do cérebro se fundiram. E, antes disso, quando o lóbulo direito mandava alguma mensagem, as pessoas achavam que era a voz de algum deus mandando elas fazerem alguma coisa. Mas era só o cérebro.

— Eu prefiro a minha teoria — disse Shadow.

— Qual é a sua teoria?

— Que, antigamente, as pessoas volta e meia encontravam os deuses.

— Ah.

Silêncio: só se ouviam os ruídos do carro, o rugido do motor, o ronco do silenciador, que não parecia em boas condições. Então ela perguntou:

— Você acha que eles ainda estão por aí?

— Onde?

— Na Grécia. No Egito. Nas ilhas. Naqueles lugares. Você acha que, se alguém andasse por onde aquelas pessoas andavam, encontraria os deuses?

— Talvez. Mas acho que a pessoa não saberia o que encontrou.

— Aposto que é como os alienígenas. Hoje em dia, as pessoas veem alienígenas. Naquela época, viam deuses. Talvez eles venham do lado direito do cérebro também.

— Acho que os deuses não usavam sondas anais nos humanos — comentou Shadow. — E não se davam ao trabalho de mutilar o gado. Faziam os humanos mutilarem para eles.

Sam deu risada. Os dois continuaram em silêncio por alguns minutos, até que ela falou:

— Ei, isso me lembra a minha história favorita sobre um deus, que escutei na aula de religião I. Quer ouvir?

— Pode ser.

— Beleza. É sobre Odin. Aquele deus nórdico. Conhece? Tinha um rei viking num navio viking. Isso foi no tempo dos vikings, claro. E o navio ficou preso em uma calmaria, então esse rei anunciou que sacrificaria um de seus homens a Odin se o deus enviasse algum vento e eles conseguissem chegar em terra firme. Ok. O vento surgiu, e eles chegaram. E, quando chegaram, tiraram na sorte para decidir quem seria sacrificado, e acabou que o próprio rei foi o escolhido. Bem, ele não ficou muito satisfeito, mas os homens sugeriram fazer um enforcamento simbólico, sem machucar o rei. Pegaram intestino de bezerro e enrolaram meio frouxo em volta do pescoço do cara, daí prenderam a outra ponta num galho fino. E pegaram uma palha, em vez de uma lança, então espetaram o rei e falaram: “Pronto, beleza, você foi enforcado... quer dizer, sacrificado em nome de Odin.”

A estrada fazia uma curva, e havia mais placas: Outra Cidade Qualquer (300 hab.), lar do vice-campeão de patinação de velocidade no Campeonato Estadual Sub-12; além de duas funerárias enormes, uma de cada lado da estrada — e Shadow se perguntou se eram mesmo necessárias tantas funerárias em uma cidade de apenas trezentos habitantes...

— Então. Assim que eles falaram o nome de Odin, a palha virou uma lança e furou o corpo do cara, e o intestino de bezerro virou uma corda grossa, e o galho virou um tronco, e a árvore cresceu, e o chão cedeu, e o rei ficou lá pendurado até morrer, com uma ferida no corpo e o rosto ficando vermelho. Fim. Os brancos têm uns deuses bem doidos, senhor Shadow.

— Pois é. Você não é branca?

— Sou cheroqui — explicou ela.

— De pai e mãe?

— Não. Só metade. Minha mãe era branca. Meu pai morava em uma reserva e tudo. Ele veio para estas bandas e acabou se casando com a minha

mãe, aí eu nasci, e, quando eles se separaram, meu pai voltou para Oklahoma.

— Ele voltou para a reserva?

— Não. Pegou um empréstimo e abriu uma imitação do Taco Bell chamada Taco Bill. E está bem de vida. Não gosta de mim. Diz que sou mestiça.

— Sinto muito.

— Ele é um babaca. Tenho orgulho do meu sangue indígena. Ajuda a pagar a faculdade. E um dia provavelmente vai me ajudar a arrumar um emprego, se o negócio das esculturas não der certo.

— Pois é.

Shadow parou em El Paso, Illinois (2500 hab.) e deixou Sam em uma casa meio decadente na periferia. Havia uma rena de arame no jardim, toda coberta de piscas-piscas.

— Quer entrar? — ofereceu a moça. — Minha tia pode fazer um café.

— Não. Preciso continuar a viagem.

Sam sorriu e, de repente, pela primeira vez, pareceu vulnerável. Deu um tapinha no braço de Shadow.

— Você é bem doido, senhor. Mas é legal.

— Acredito que isso é o que chamam de condição humana — respondeu Shadow. — Obrigado pela companhia.

— Sem problema. Se você encontrar algum deus no caminho até Cairo, dê um oi a ele por mim.

A menina saiu do carro e foi até a porta da casa. Apertou a campainha e ficou lá, parada, sem olhar para trás. Shadow esperou até a porta se abrir e ela entrar, e só então meteu o pé no acelerador e voltou para a rodovia. Passou por Normal, Bloomington e Lawndale.

Às onze da noite, Shadow começou a tremer. Tinha acabado de entrar em Middletown. Decidiu que precisava dormir de novo, ou pelo menos parar de dirigir, então estacionou na frente de uma pousada, onde pagou trinta e cinco dólares adiantados por um quarto no térreo. Entrou no banheiro. Encontrou uma barata infeliz caída de costas no meio do chão de azulejo. Ele pegou uma toalha e limpou o interior da banheira, depois abriu a torneira. No quarto, tirou as roupas e deixou-as na cama. Os hematomas em todo o tronco estavam escuros e bem nítidos. Ele se sentou na banheira e ficou vendo a cor da água mudar. Depois, pelado, lavou as meias, a cueca e a camiseta na pia, torceu-as e as pendurou na corda de varal presa à parede que passava em cima da banheira. Deixou a barata no mesmo lugar, em respeito aos mortos.

Shadow deitou-se na cama. Pensou em assistir a um filme pornô, mas o equipamento de *pay-per-view* ao lado do telefone exigia cartão de crédito. Também não sabia muito bem se ficaria feliz em ver outras pessoas fazendo sexo, e ele, não. Ligou a televisão para não se sentir tão sozinho e a

programou para se desligar sozinha dali a quarenta e cinco minutos, quando imaginou que já estaria em um sono profundo. Faltavam quinze minutos para a meia-noite.

A imagem estava um pouco embaçada, como acontece em todos os hotéis de beira de estrada, e as cores oscilavam em diferentes pontos da tela. Shadow zapeou de um programa noturno para outro, navegando pela desolação televisiva sem conseguir se concentrar. Alguém estava demonstrando alguma coisa que cumpria alguma utilidade culinária e substituía uma dúzia de utensílios que Shadow não tinha. *Zap*. Um homem de terno explicava que aquele era o fim dos tempos e que Jesus — pronunciado com maior ou menor ênfase — faria os negócios de Shadow prosperarem caso enviasse dinheiro para o sujeito. *Zap*. Um episódio de *M*A*S*H* estava acabando, e um de *The Dick Van Dyke Show* estava prestes a começar.

Fazia anos que Shadow não via um episódio de *The Dick Van Dyke Show*, mas havia algo reconfortante naquele mundo preto e branco de 1965, então colocou o controle na mesinha de cabeceira e desligou o abajur. Ficou assistindo ao programa, e seus olhos foram se fechando lentamente, e ele sabia que tinha alguma coisa esquisita. Não assistira a muitos episódios de *The Dick Van Dyke Show*, então não era de admirar que não se lembrasse daquele. O que Shadow estranhou foi o tom.

O elenco todo estava preocupado com a bebedeira de Rob, que vinha faltando ao trabalho. Os personagens foram visitá-lo em casa: Rob tinha se trancado no quarto e precisou ser convencido a sair. Estava cambaleante de tão bêbado, mas continuava bem engraçado. Seus amigos, interpretados por Morey Amsterdam e Rose Marie, foram embora depois de soltar umas tiradas ótimas. Depois, quando sua esposa foi reclamar a respeito, Rob bateu nela, com força, no rosto. A mulher se sentou no chão e começou a chorar — não aquele lamento famoso de Mary Tyler Moore, mas soluços abafados, impotentes, abraçando a si mesma e sussurrando:

— Não me bata, por favor, eu faço qualquer coisa, só não me bata mais.

— Que porra é essa? — indagou Shadow, em voz alta.

A imagem se dissolveu em chuviscos. Quando voltou, o episódio de *The Dick Van Dyke Show* tinha, inexplicavelmente, se transformado em um de *I Love Lucy*. Lucy tentava convencer Ricky a deixá-la trocar o antigo refrigerador por uma geladeira moderna. Mas, quando Ricky saiu, Lucy foi até o sofá e se sentou, cruzando os tornozelos e apoiando as mãos no colo, então olhou para um ponto fora da tela, para Shadow, a imagem em preto e branco o encarando pacientemente, como se estivesse esperando por ele há muito anos.

— Shadow — chamou ela. — Precisamos conversar.

Ele não respondeu. Lucy abriu a bolsa, pegou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro de prata caro que guardou logo em seguida.

— Estou falando com você — insistiu ela. — E então?

— Isso é loucura — disse Shadow.

— E o restante da sua vida é normal? Ah, me poupe.

— Mesmo assim. Lucille Ball conversando comigo pela tevê é muito mais esquisito do que tudo o que já aconteceu na minha vida até agora.

— Lucille Ball, não. Lucy Ricardo. Na verdade, não sou nem isso. É só uma fachada mais simples, considerando a situação. Só isso.

Ela se ajeitou no sofá, pouco à vontade.

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Certo. Boa pergunta. Eu sou a mãe dos idiotas. Sou a televisão. Sou o olho que tudo vê, sou o mundo do raio catódico. Sou a expositora de tetas. O pequeno altar em torno do qual a família se reúne para louvar.

— Você é a televisão? Ou é alguém dentro da televisão?

— A televisão é o altar. Eu sou a entidade para quem as pessoas fazem os sacrifícios.

— O que elas sacrificam?

— O tempo de vida, principalmente — respondeu Lucy. — Às vezes, umas às outras.

Ela levantou dois dedos e soprou fumaça de uma arma imaginária. Depois, deu uma piscadela, a velha piscadela de *I Love Lucy*.

— Você é uma deusa? — perguntou Shadow.

Lucy deu um sorriso debochado e tragou o cigarro como uma dama.

— Pode-se dizer que sim.

— Sam mandou um oi.

— O quê? Quem é Sam? Do que você está falando?

Shadow olhou para o relógio. Era meia-noite e vinte e cinco.

— Não importa. Então, Lucy-da-tevê, sobre o que devemos conversar? Tem muita gente precisando conversar comigo, ultimamente. No geral eu termino levando uma surra.

A câmera se aproximou em um close: Lucy parecia preocupada, os lábios comprimidos.

— Achei aquilo lamentável. Foi lamentável terem machucado você, Shadow. Eu jamais faria isso, meu querido. Não, eu quero contratá-lo.

— Para quê?

— Para trabalhar para mim. Sinto muito mesmo. Fiquei sabendo das coisas horrendas que aqueles agentes fizeram com você, mas achei impressionante a forma como você lidou com tudo. Eficiente, direto, eficaz. Quem diria que você seria capaz disso? Eles estão putos da vida.

— É mesmo?

— Eles o subestimaram, meu querido. E eu não vou cometer esse erro. Quero você do meu lado. — Ela se levantou e foi até a câmera. — Você precisa entender meu ponto de vista, Shadow: nós somos a próxima moda. Somos shoppings, enquanto seus amigos são atrações fajutas de beira de

estrada. Olha, somos até lojas virtuais, enquanto seus amigos estão sentados no acostamento vendendo frutas de pomar caseiro em uma carroça. Não, eles não chegam nem a vendedores de frutas. Eles vendem chicotes de cocheiros. Consertam corseletes de osso de baleia. Nós somos o agora e o amanhã. Seus amigos não são nem mais o ontem.

Era um discurso curiosamente familiar.

— Você conhece um garoto gordo que anda de limusine? — perguntou Shadow.

Lucy-da-tevê ergueu as mãos e revirou os olhos de um jeito cômico: a divertida Lucy Ricardo mostrando que lava as mãos diante de algum desastre.

— O garoto técnico? Você conheceu o garoto técnico? Olha, ele é uma boa pessoa. É um de nós. Só não é bom em lidar com gente que não conhece. Quando você estiver trabalhando para nós, vai ver como ele é incrível.

— E se eu não quiser trabalhar para você, madame I-Love-Lucy?

Alguém bateu à porta no apartamento de Lucy, e a voz de Ricky surgiu de fora da cena, perguntando a Lucy por que ela estava *demorando tanto*, eles tinham que ir para a casa noturna na cena seguinte. O rosto caricato de Lucy foi acometido por um brilho momentâneo de irritação.

— Que saco! — reclamou. — Olha, eu pago o dobro do que os velhos estão pagando. O triplo. Cem vezes mais. Posso oferecer muito mais do que eles estão pagando. — Ela sorriu, um sorriso travesso perfeito de Lucy Ricardo. — É só falar, querido. Do que você precisa? — E começou a desabotoar a blusa. — Já teve vontade de ver os peitos da Lucy?

A tela ficou preta. Como a função *Dormir* tinha sido ativada, o aparelho se desligou sozinho. Shadow conferiu o relógio: era meia-noite e meia.

— Não muito — respondeu.

Ele se virou na cama e fechou os olhos. Percebeu que gostava mais de Wednesday e do sr. Nancy do que da oposição por um simples motivo: os velhos deuses podiam ser pilantras fajutos, e a comida podia ser uma merda, mas pelo menos eles não entoavam clichês o tempo todo.

E ele preferia uma atração de beira de estrada, por mais fajuta, mais acabada, mais lamentável que fosse, a qualquer shopping.

Na manhã seguinte, Shadow estava de volta à estrada, atravessando ondulações suaves na paisagem marrom de vegetação invernal e árvores desfolhadas. Os últimos resquícios de neve tinham sumido. Ele encheu o tanque daquela lata-velha em uma cidade que era o lar da vice-campeã de Corrida Estadual Sub-16 Feminina de trezentos metros e, torcendo para que a sujeira não fosse a única coisa que impedisse o carro de cair aos pedaços,

fez uma visita ao lava-jato do posto. Ficou admirado ao descobrir que, quando limpo, por mais incrível que fosse, o carro era branco e praticamente sem ferrugem. Ele seguiu viagem.

O céu era de uma tonalidade impossível de azul, e a fumaça branca que subia das chaminés industriais parecia imóvel, como em uma fotografia. Um gavião saiu voando de uma árvore morta e mergulhou em sua direção, agitando as asas sob a luz do sol, lembrando uma série de fotogramas passando em câmera lenta.

A certa altura, Shadow reparou que havia entrado em East St. Louis. Tentou evitar a cidade, mas acabou atravessando o que parecia a área de prostituição de uma zona industrial. Carretas enormes e caminhões gigantescos estavam estacionados diante de edifícios que pareciam armazéns temporários, onde havia anúncios como BOATE 24 HORAS e, em um dos casos, O MELHOR STRIPEASE DA CIDADE. Shadow balançou a cabeça e seguiu viagem. Laura adorava dançar, com ou sem roupas (e, em muitas noites memoráveis, passando de um estágio para outro), e ele adorava vê-la dançando.

O almoço foi um sanduíche e uma lata de Coca-Cola comprados em uma cidade chamada Red Bud.

Passou por um vale cheio de carcaças amarelas de milhares de escavadeiras, tratores e outras máquinas pesadas. Shadow se perguntou se aquele seria um cemitério de tratores — o lugar para onde os tratores iam quando estavam prestes a morrer.

Passou pelo Pop-a-Top Lounge. Atravessou Chester (“Lar do Popeye”). Reparou que as casas tinham passado a ostentar colunas na fachada, e que até a casinha mais humilde e miúda exibia colunas brancas, declarando que, aos olhos do dono, era uma mansão. Shadow passou sobre um rio grande e lamacento e riu alto quando leu em uma placa dizendo que o seu nome era rio Grande e Lamacento. Uma cobertura de kudzu marrom se estendia por cima de três árvores desfolhadas pelo inverno, distorcendo-as em formatos estranhos, quase humanos: podiam ser três bruxas, três anciãs corcundas prontas para ler a sorte dele.

Shadow dirigiu ao longo do rio Mississippi. Nunca vira o Nilo, mas o sol daquela tarde ardendo acima do amplo rio de águas turvas o fez pensar nas águas lamacentas do rio africano: não do Nilo atual, mas de como o rio era em um passado remoto, correndo como uma artéria entre as margens recobertas de papiros, abrigando cobras, chacais, vacas selvagens...

Uma placa indicava o caminho para Thebes.

A estrada fora construída cerca de quatro metros acima do terreno pantanoso, então ele foi dirigindo por cima do brejo. Pássaros voavam de um lado a outro, em bandos grandes e pequenos, pontos pretos no céu azul, deslocando-se em uma desesperada movimentação browniana.

No fim da tarde, o sol começou a descer, revestindo o mundo com uma luminosidade difusa, um tom amarelado denso e cálido que fazia tudo parecer extraterrestre e mais do que real — e foi nessa luz que Shadow passou por uma placa informando que estava “Entrando na região histórica de Cairo”. Passou por baixo de um viaduto e embrenhou-se por uma cidadezinha portuária. A estrutura imponente do fórum de Cairo e o edifício ainda mais imponente da alfândega pareciam biscoitos imensos que tinham acabado de sair do forno, cobertos com a calda dourada da luz do fim do dia.

Estacionou em uma rua lateral e foi andando até o dique na margem de um rio, sem saber se era o rio Ohio ou o Mississippi. Um pequeno gato pardo fuçava e circulava pelas latas de lixo nos fundos de um prédio, e a luz fazia até o lixo parecer mágico.

Uma gaivota solitária pairava ao longo da margem do rio, volta e meia batendo uma das asas para corrigir o próprio curso.

Shadow percebeu que não estava sozinho. Uma garotinha usando tênis velhos e um suéter de lã masculino como vestido estava a três metros dele, na calçada, encarando-o com a grave seriedade de uma criança de uns seis anos. Tinha cabelo preto, liso e comprido, e sua pele era marrom como aquele rio.

Ele abriu um sorriso. A menininha continuou a encará-lo, desafiadora.

Um guincho soou vindo do dique, seguido de um uivo, e o pequeno gato pardo saiu correndo de uma lata de lixo virada, fugindo de um cachorro preto de focinho comprido. O gato se enfiou embaixo de um carro.

— Ei — Shadow se virou para a menina —, você já ouviu falar de pó da invisibilidade?

A menina hesitou. Balançou a cabeça.

— Muito bem. Então veja só. — Shadow fispou uma moeda do bolso com a mão esquerda e a exibiu virando-a de um lado para o outro, então fingiu jogá-la na mão direita, fechando-a com força para segurar aquele nada e estendendo-a para a menina. — Agora, vou pegar um pó da invisibilidade no meu bolso — ele enfiou a mão esquerda no bolso do casaco, soltando a moeda ali dentro — e polvilhar na mão que está segurando a moeda. — Shadow imitou um gesto de polvilhar. — Então veja! Agora a moeda também está invisível.

Ele abriu a mão direita vazia e, com um olhar fingido de espanto, revelou a mão esquerda também vazia.

A menininha ficou só olhando, nada mais.

Shadow deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos de novo, tirando uma moeda com uma das mãos e usando a outra para pegar uma nota de cinco dólares dobrada. Ia fazer as duas aparecerem no ar e dar os cinco dólares para a menina: ela parecia precisar.

— Ei — comentou —, temos plateia.

O cachorro preto e o pequeno gato pardo também estavam observando, um de cada lado da menina, ambos olhando atentamente para ele. As enormes orelhas do cachorro estavam empinadas em uma expressão cômica de alerta. Um homem com cara de garça, usando óculos de armação dourada, vinha pela calçada na direção deles, olhando para os lados como se estivesse procurando alguma coisa. Shadow se perguntou se aquele homem era o dono do cachorro.

— O que você achou? — perguntou ao cachorro, tentando tranquilizar a menina. — Foi bacana?

O cachorro preto lambeu o focinho comprido. Então respondeu, com uma voz grave e seca:

— Olha, já vi uma apresentação de Harry Houdini, e, vai por mim, cara, você não é nenhum Houdini.

A menininha olhou para os animais, ergueu os olhos para Shadow e saiu correndo, os passos desesperados na calçada, como se estivesse sendo perseguida por todas as forças do inferno. Os dois animais ficaram observando enquanto ela fugia. O homem que parecia uma garça alcançara o cachorro. Ele se abaixou e o coçou entre as orelhas pontudas.

— Veja bem — começou o homem de óculos dourados, dirigindo-se ao cachorro —, era só um truque de moedas. Ele não estava tentando escapar de amarras debaixo d'água nem nada parecido.

— Ainda não — concordou o cachorro. — Mas vai.

A luz dourada desaparecera, e o cinza do crepúsculo cobria o céu.

Shadow guardou a moeda e a nota dobrada de volta no bolso.

— Muito bem. Qual de vocês é o Chacal?

— Use a cabeça — retrucou o cachorro preto de focinho comprido. — Por aqui.

Ele saiu andando pela calçada, ao lado do homem de óculos dourados, e, depois de hesitar por um instante, Shadow foi atrás. O gato tinha sumido. Chegaram a um edifício grande e antigo perto de várias casas abandonadas.

Na placa ao lado da porta de entrada lia-se ÍBIS E JACAL. EMPRESA FAMILIAR. FUNERÁRIA. DESDE 1863.

— Eu sou o senhor Íbis — anunciou o homem de óculos dourados. — Acredito que seja de bom-tom lhe oferecer algo para comer. Receio que meu amigo aqui precise cuidar de outro assunto.

ALGUM LUGAR NOS ESTADOS UNIDOS

SALIM TEM MEDO de Nova York, por isso segura a maleta de amostras com ambas as mãos, protegendo-a junto ao peito. Tem medo dos negros, do jeito como eles o encaram, e tem medo dos judeus, os que usam roupas todas pretas, chapéus, barbas e cachinhos nas laterais da cabeça, que ele consegue identificar, e sabe-se lá quantos outros que não consegue; tem medo da quantidade de gente, pessoas de todos os formatos e tamanhos, que saem de edifícios enormes e sujos e inundam as calçadas; tem medo da cacofonia de buzinas e tem medo até do ar, que exala um cheiro ao mesmo tempo sujo e doce e é completamente diferente do de Omã.

Salim está em Nova York, nos Estados Unidos, há uma semana. Todos os dias, ele visita duas, às vezes três empresas, abre sua maleta de amostras, apresenta as bugigangas de cobre, os anéis, as garrafas, as minúsculas lanternas, as réplicas do Empire State, da Estátua da Liberdade e da Torre Eiffel, sempre reluzentes; todas as noites, ele manda um fax para o cunhado, Fuad, em Mascate, para dizer que não recebeu nenhuma encomenda, ou, em um dia bom, que havia recebido várias (mas, para a tristeza de Salim, isso não chegava nem a cobrir as despesas com a passagem de avião e a conta do hotel).

Por motivos que Salim não compreende, os sócios de seu cunhado fizeram uma reserva para ele no hotel Paramount da 46th Street. Ele acha o lugar confuso, claustrofóbico, caro e estranho.

Fuad é o marido da irmã de Salim. Não é um homem rico, mas é sócio de uma pequena fábrica de bugigangas, que produz quinquilharias de cobre, broches, anéis, pulseiras, estátuas. Tudo é destinado à exportação, indo direto para outros países árabes, para a Europa, para a América.

Salim trabalha para Fuad há seis meses. Ele tem um pouco de medo do cunhado. O tom dos faxes de Fuad vem ficando cada vez mais áspero. À noite, Salim se senta no quarto do hotel, lê o Corão, diz para si mesmo que isto vai passar, que sua estadia neste mundo estranho é limitada e logo chegará ao fim.

Seu cunhado lhe deu mil dólares para gastos diversos durante a viagem, e o dinheiro, que parecia uma quantia imensa quando ele a recebeu, está

evaporando a uma velocidade inacreditável. Quando o homem chegou à América, teve medo de ser visto como um árabe pão-duro e deu gorjeta para todo mundo, dólares extras para qualquer um que lhe prestasse qualquer serviço; depois, chegou à conclusão de que estava sendo feito de trouxa, de que talvez estivesse sendo motivo de piada, e cortou as gorjetas de vez.

Em sua primeira e única viagem de metrô, ficou perdido e confuso e acabou perdendo a reunião; agora, ele só pega táxi quando precisa e, de resto, vai andando. Ele chega cambaleando aos escritórios abafados, suando por baixo do casaco, com o rosto dormiente por causa do frio na rua e os sapatos imundos por causa da neve suja; e, quando o vento sopra pelas avenidas (sempre de norte a sul, enquanto as ruas vão de leste a oeste; é bem simples, e por isso Salim sempre sabe para que lado fica Meca), o frio é tão intenso que parece golpear a pele.

Ele nunca come no hotel (pois, embora a estadia seja bancada pelos sócios de Fuad, ele precisa pagar por tudo que consome); em vez disso, ele vai a barracas de falafel e a mercearias e leva comida escondido dentro do casaco até o quarto. Passou dias fazendo isso, até perceber que ninguém se importava. Mesmo assim, ele não gosta muito de ficar zanzando com sacolas de comida pelos elevadores e corredores mal iluminados (Salim sempre precisa se inclinar e forçar os olhos para achar o botão de seu andar) até o quarto branco e miúdo onde está hospedado.

Ele está aborrecido. O fax que o esperava quando acordou era ríspido, uma mensagem que expressava ao mesmo tempo censura, ameaça e descontentamento: Salim havia decepcionado todos — a irmã, Fuad, os sócios de Fuad, o sultanato de Omã, o mundo árabe inteiro. Se ele não conseguisse mais encomendas, Fuad não se veria mais na obrigação de manter o emprego de Salim. Eles dependiam de Salim. O hotel era caro demais. O que Salim estava fazendo com o dinheiro deles? Vivendo como um sultão na América? Salim leu o fax no quarto (que sempre era quente e abafado demais, então ontem à noite ele abriu uma janela, e agora estava frio demais) e ficou sentado por um tempo, com uma expressão de absoluta infelicidade estampada no rosto.

Depois, Salim foi ao centro, levando a maleta de amostras como se ali houvesse diamantes e rubis, lutando contra o frio por quarteirões e quarteirões até, na esquina da Broadway com a 19th Street, avistar um prédio pequeno acima de uma lavanderia e subir pela escada até o quarto andar, a sede da Panglobal Importações.

O escritório era meio chinfrim, mas ele sabia que a Panglobal é responsável por metade dos suvenires importados do Extremo Oriente e vendidos nos Estados Unidos. Uma encomenda de verdade, uma encomenda considerável da Panglobal faria a viagem de Salim ter valido a pena, seria a diferença entre o fracasso e o sucesso, então o homem se

acomoda em uma cadeira desconfortável na sala de espera, a maleta de amostras apoiada no colo, e observa a mulher de meia-idade e cabelo tingido com um tom forte demais de vermelho que está sentada atrás da mesa assoando o nariz em um lençinho atrás do outro. Depois, ela esfrega o nariz e joga o lenço no lixo.

Salim chegou às 10h30, meia hora antes do combinado. E agora está ali, corado e tremendo, se perguntando se está com febre. O tempo passa bem devagar.

Salim olha para o relógio de pulso. Pigarreia.

A mulher atrás da mesa olha para ele.

— Sim? — diz. Soou como *Dim*.

— São onze e trinta e cinco — diz Salim.

A mulher olha para o relógio na parede:

— Dim — repete ela. — Dão.

— Minha reunião estava marcada para as onze — diz Salim, com um sorriso apaziguador.

— O senhor Blanding sabe que o senhor está aqui — diz ela, em tom de censura. *O denhor Bladdig dabe gue o denhor edá agui.*

Salim pega um exemplar antigo do *The New York Post* na mesa. Ele fala inglês melhor do que lê; portanto, quebra a cabeça para entender as matérias, como se estivesse diante de um jogo de palavras cruzadas. Ele aguarda, um jovem gorducho com olhar de cachorro triste, e olha ora para o relógio de pulso, ora para o jornal, ora para o relógio na parede.

Ao meio-dia e meia, alguns homens saem da sala interna. Eles conversam em voz alta, tagarelando entre si em americano. Um deles, um senhor grande e barrigudo, está com um charuto apagado na boca. Ele olha para Salim ao sair. Diz para a mulher atrás da mesa tomar suco de limão com zinco, a irmã dele jura que zinco é bom para gripe, e vitamina C. Ela promete que vai tentar e lhe entrega vários envelopes. Ele os guarda no bolso e, junto com os outros homens, se encaminha para o corredor. O som da risada deles desaparece escada abaixo.

É uma da tarde. A mulher atrás da mesa abre uma gaveta e apanha uma sacola de papel, de onde retira alguns sanduíches, uma maçã e uma barrinha de chocolate. Ela pega também uma garrafinha de plástico com suco de laranja fresco.

— Com licença — diz Salim —, mas será que você poderia, por favor, avisar ao senhor Blanding que eu ainda estou esperando?

Ela o encara como se tivesse ficado surpresa ao vê-lo ali, como se eles não tivessem passado duas horas e meia a um metro e meio de distância um do outro.

— Ele foi almoçar — responde ela. *Ede boi almodar.*

Salim sabe, bem lá no fundo, que Blanding era o homem com o charuto.

— Quando ele volta?

Ela dá de ombros e morde o sanduíche.

— Ele está ocupado até o fim do dia — diz ela. *Ede edá ogupado adé o dim do dia.*

— Ele vai poder me receber quando voltar? — pergunta Salim.

Ela dá de ombros e assoa o nariz.

Salim está com fome, que só faz aumentar, e sente-se frustrado e impotente.

Às três horas, a mulher olha para ele e diz:

— Ede dão bai boldar.

— Perdão?

— O denhor Bladdig. Ede dão bai boldar hoje.

— Posso remarcar a reunião para amanhã?

Ela esfrega o nariz.

— O denhor dem gue delebonar. Adendamendo dó bor delebone.

— Entendo — diz Salim.

E, então, ele sorri: antes de partir de Mascate, Fuad dissera muitas vezes que um vendedor não é nada na América sem seu sorriso.

— Vou telefonar amanhã, então.

Ele pega a maleta de amostras e desce os vários degraus até a rua, onde a chuva gelada está se transformando em granizo. Salim pensa na longa e fria caminhada até o hotel na 46th Street e no peso da maleta que carrega, então vai até o meio-fio e faz sinal para todos os táxis amarelos que se aproximam, quer estejam com a luz de cima acesa ou não, e todos passam direto.

Um chega a acelerar, passando em uma poça d'água e jogando uma lama gelada na calça e no casaco de Salim. Por um instante, ele contempla a ideia de se jogar na frente de um dos carros, mas logo se dá conta de que o cunhado ficaria mais preocupado com o destino trágico da maleta de amostras do que com o do próprio Salim, e de que a única pessoa que sofreria seria sua amada irmã, a esposa de Fuad (já que os pais de Salim o consideram um pequeno constrangimento, e seus relacionamentos amorosos sempre haviam sido, por necessidade, tanto breves quanto anônimos): além do mais, ele duvida que qualquer um daqueles carros esteja correndo rápido o suficiente para dar fim a sua vida.

Um táxi amarelo velho para, e, grato por poder abandonar aquela linha de raciocínio, Salim entra.

O assento traseiro está remendado com fita adesiva; a barreira de acrílico semiaberta entre o banco do motorista e o do passageiro está coberta de avisos anunciando que é proibido fumar e informando o preço da tarifa para os diversos aeroportos. Uma voz gravada de um famoso qualquer de quem ele nunca ouvira falar diz para Salim se lembrar do cinto de segurança.

— Hotel Paramount, por favor — diz Salim.

O taxista resmunga algo e dá partida. Ele está com a barba por fazer e usa um suéter grosso cor de poeira e óculos escuros pretos de plástico. O dia

está cinza, e a noite está chegando: Salim se pergunta se o homem tem algum problema nos olhos. Os limpadores do para-brisa transformam o mundo lá fora em um borrão de tons de cinza e manchas luminosas.

Um caminhão aparece do nada na frente deles, e o taxista xinga em árabe, pela barba do Profeta.

Salim olha para o nome no painel, mas, ali de trás, não consegue ler.

— Há quanto tempo você dirige táxis, meu amigo? — pergunta ele ao homem, em árabe.

— Dez anos — diz o taxista, na mesma língua. — De onde você é?

— Mascate — responde Salim. — Em Omã.

— Omã. Eu já estive lá. Foi há muito tempo. Já ouviu falar da cidade de Ubar? — pergunta o taxista.

— Sim — diz Salim. — A Cidade Perdida das Torres. Foi encontrada no meio do deserto uns cinco ou dez anos atrás, não lembro bem agora. Você fez parte da expedição de escavadores?

— Algo assim. Era uma boa cidade — diz o taxista. — Na maioria das noites, umas três ou quatro mil pessoas acampavam por lá: todo viajante descansava em Ubar, e a música tocava, e o vinho fluía como água, e a água fluía também, o que explicava por que a cidade existia.

— É, já ouvi falar disso — responde Salim. — E a cidade tinha desaparecido, o quê, há mil anos? Dois mil?

O taxista não diz nada. Eles estão parados em um sinal vermelho. O sinal abre, mas o taxista não anda, apesar da orquestra de buzinas retumbantes que começa a soar atrás deles. Hesitante, Salim enfia a mão pelo vão no acrílico e cutuca o ombro do taxista. O homem levanta a cabeça de repente, assustado, e pisa no acelerador, jogando-os no meio do cruzamento.

— Putamerdaputamerda — diz ele, em inglês.

— Você deve estar muito cansado, meu amigo — fala Salim.

— Estou dirigindo este táxi desgraçado e esquecido por Alá há trinta horas — diz o taxista. — Não aguento mais. Eu só dormi cinco horas, e isso depois de ter dirigido por catorze. Estamos com pouco pessoal, por causa do Natal e tudo o mais.

— Espero que você tenha conseguido bastante dinheiro.

O taxista suspira.

— Não muito. Hoje de manhã, levei um homem da 51th Street até o aeroporto de Newark. Quando chegamos lá, ele saiu correndo do carro, e eu não consegui mais achá-lo. Perdi uma corrida de cinquenta dólares e ainda tive que pagar o pedágio na volta.

Salim assente.

— Eu fiquei o dia inteiro esperando para ver um homem que não quer me receber. Meu cunhado me odeia. Estou na América há uma semana, e meu dinheiro só vai embora. Não vendi nada.

— O que você vende?

— Porcaria — responde Salim. — Badulaques, cacarecos e tralhas inúteis de turistas. Porcarias horríveis, fajutas, idiotas e feias.

O taxista gira o volante para a direita, desvia de algo, segue em frente. Salim se pergunta como ele consegue enxergar um palmo à frente do nariz com a chuva, a escuridão e os óculos escuros.

— Você tenta vender porcaria?

— Sim — diz Salim, exultante e horrorizado por ter falado a verdade sobre as amostras do cunhado.

— E as pessoas não querem comprar?

— Não.

— Estranho. Se você olhar para as lojas daqui, só vai ver isso.

Salim dá um sorriso nervoso.

Um caminhão está bloqueando a rua: um policial estressado gesticula, grita e aponta para eles pegarem a rua mais próxima.

— Nós vamos pegar a Oitava Avenida e subir por ali, ok? — avisa o taxista.

Eles entram na rua, onde o trânsito está completamente parado. Há uma cacofonia de buzinas, mas os carros não andam.

O taxista balança no banco. A cabeça dele começa a pender para a frente, uma, duas, três vezes. Depois, suavemente, ele começa a roncar. Salim estende a mão para despertá-lo, na esperança de estar fazendo a coisa certa. Quando sacode o ombro do taxista, o homem se mexe, e a mão de Salim esbarra no rosto dele e derruba os óculos.

O taxista acorda, pega os óculos escuros e os coloca de volta no rosto, mas é tarde demais. Salim já viu os olhos do homem.

O carro se arrasta sob a chuva. Os números no taxímetro aumentam.

— Você vai me matar? — pergunta Salim.

O taxista comprime os lábios. Salim observa o rosto dele pelo retrovisor.

— Não — responde o taxista.

O carro para de novo, a chuva ainda salpicando o teto.

Salim começa a falar.

— Minha avó jurava ter visto um *ifrit*, ou talvez um *marid*, tarde da noite, na extremidade do deserto. Nós falamos que era só uma tempestade de areia, um vento mais forte, mas ela disse que não, que ela viu o rosto e os olhos, e eram como os seus, chamadas incandescentes.

O taxista sorri, mas seus olhos estão ocultos por trás dos óculos escuros, e Salim não sabe o que aquele sorriso significa.

— As avós vieram para cá também — diz ele.

— Existem muitos *jinn* em Nova York? — pergunta Salim.

— Não. Não somos muitos.

— Existem os anjos, e existem os homens, que Alá criou a partir do barro, e existe o povo do fogo, os *jinn* — diz Salim.

— As pessoas daqui não sabem nada sobre o meu povo — fala o taxista.
— Elas acreditam que nós realizamos desejos. Se eu pudesse realizar desejos, acha que eu estaria dirigindo um táxi?

— Não entendo.

O taxista está com um ar meio soturno. Enquanto ele responde, Salim observa seu rosto pelo retrovisor, os lábios escuros do *ifrit*.

— Todo mundo acredita que nós realizamos desejos. De onde tiraram isso? Eu durmo num quarto fedorento no Brooklyn. Deixo entrar neste táxi qualquer maluco nojento que tiver dinheiro para pagar a corrida, e alguns que não têm nem mesmo isso. Levo os passageiros para onde eles precisam ir, e às vezes eles me dão gorjeta. Às vezes me pagam. — O lábio inferior dele começou a tremer. O *ifrit* parecia nervoso. — Uma vez alguém cagou no banco traseiro. Tive que limpar tudo antes de voltar a circular com o carro. Como é que ele pôde fazer isso? Eu tive que limpar a merda molhada do assento. Isso é certo?

Salim estende a mão e toca o ombro do *ifrit*. Sente carne e osso por baixo da lã do suéter. O *ifrit* tira a mão do volante e a apoia na de Salim por um instante.

Nesse momento, Salim pensa no deserto: um areal vermelho lança uma tempestade de poeira em seus pensamentos, e as sedas rubras das tendas em torno da cidade perdida de Ubar se sacodem e se inflam em sua mente.

Eles sobem a Oitava Avenida.

— Os velhos creem. Eles não mijam dentro de buracos, porque o Profeta lhes disse que os *jinn* moram em buracos. Eles sabem que os anjos jogam estrelas flamejantes em nós quando tentamos ouvir suas conversas. Mas até os velhos, quando vêm para este país, não ligam mais para a gente, não mesmo. Lá eu não precisava dirigir táxis.

— Sinto muito — diz Salim.

— Os tempos não estão bons — fala o taxista. — Uma tempestade se aproxima. Ela me dá medo. Eu faria qualquer coisa para escapar.

Os dois ficaram em silêncio durante o restante do trajeto até o hotel.

Quando Salim sai do carro, dá uma nota de vinte dólares ao *ifrit* e pede que ele fique com o troco. Então, em um ímpeto de coragem, fala o número do quarto em que está. O taxista não responde. Uma jovem entra pela porta de trás, e o táxi segue seu caminho em meio ao frio e à chuva.

Seis horas da noite. Salim ainda não mandou o fax para o cunhado. Ele encara a noite chuvosa para comprar seu kebab com batatas fritas. Faz apenas uma semana, mas ele sente que está ficando mais pesado, mais redondo, mais macio naquele país chamado Nova York.

Quando volta ao hotel, se surpreende ao ver o taxista parado no saguão, com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele estava olhando para um mostruário de cartões-postais em preto e branco. Quando vê Salim, dá um sorriso tímido.

— Liguei para o seu quarto — diz ele —, mas ninguém atendeu. Então achei melhor esperar um pouco.

Salim também sorri e toca o braço do homem.

— Estou aqui.

Os dois entram juntos no elevador escuro de lâmpadas fluorescentes e vão até o quinto andar de mãos dadas. O *ifrit* pede para usar o banheiro.

— Estou me sentindo muito sujo — diz ele.

Salim assente. Ele se senta na cama, que ocupa a maior parte do quarto branco pequeno, e escuta o som do chuveiro. Tira os sapatos, as meias e o restante da roupa.

O taxista sai do chuveiro, molhado, com uma toalha enrolada na cintura. Ele está sem os óculos escuros, e, na penumbra do quarto, seus olhos ardem com chamas rubras.

Salim pisca para conter as lágrimas.

— Eu queria que você pudesse ver o que eu vejo — diz ele.

— Não realizo desejos — sussurra o *ifrit*, deixando a toalha cair e empurrando Salim com delicadeza, mas de forma irresistível, sobre o colchão.

Leva pelo menos uma hora até que o *ifrit* goze, para a frente e para trás dentro da boca de Salim. Nesse meio-tempo, Salim já gozou duas vezes. O sêmen do *jinn* tem um gosto estranho, flamejante, e faz a garganta de Salim arder.

Ele vai ao banheiro e lava a boca. Quando retorna ao quarto, o taxista já está dormindo na cama branca, roncando, em paz. Salim se acomoda ao lado dele, aninha-se junto ao corpo do *ifrit* e imagina o deserto em sua pele.

Quando começa a pegar no sono, ele se dá conta de que ainda não mandou o fax para Fuad e se sente culpado. No fundo, Salim se sente vazio e solitário: ele estende o braço, apoia a mão no pau intumescido do *ifrit* e, reconfortado, adormece.

Eles acordam de madrugada, mexendo-se um junto ao outro, e fazem amor de novo. A certa altura, Salim percebe que está chorando, e o *ifrit* beija suas lágrimas com lábios ardentes.

— Qual é o seu nome? — pergunta Salim.

— Minha habilitação tem um nome, mas não é o meu — responde o *ifrit*.

Mais tarde, Salim não conseguiria lembrar onde o sexo tinha acabado e o sonho, começado.

Quando Salim acorda, o sol frio se esgueira para dentro do quarto branco, e ele está sozinho.

Ele descobre também que a maleta de amostras desapareceu, todas as garrafas, todos os anéis, todas as lanternas de cobre em miniatura, tudo desapareceu junto com sua mala, o passaporte e a passagem de avião de volta para Omã.

Largados no chão, Salim encontra uma calça jeans, a camiseta e o suéter de lã cor de poeira. Embaixo das roupas, estão uma carteira de motorista no nome de Ibrahim bin Irem, uma licença de taxista no mesmo nome e um chaveiro preso a um pedaço de papel com um endereço anotado em inglês. As fotografias na habilitação e na licença não se parecem muito com Salim, mas também não se pareciam muito com o *ifrit*.

O telefone toca: é a recepção, avisando que Salim já fez o check-out e que o convidado dele precisa sair logo para que a equipe do hotel possa preparar o quarto para outro hóspede.

— Não realizo desejos — diz Salim, experimentando as palavras na boca.

Enquanto se veste, ele sente uma leveza curiosa.

Nova York é muito simples: as avenidas vão de norte a sul, as ruas vão de leste a oeste. Não deve ser muito difícil, ele diz a si mesmo.

Então joga as chaves para cima e as pega no ar. Depois, coloca os óculos escuros de plástico que achou no bolso, sai do quarto do hotel e vai procurar o táxi.

CAPÍTULO

OITO

*Falou que os mortos têm almas, mas quando perguntei
Como poderiam — eu achava que os mortos fossem almas
Ele interrompeu meu transe. E isso não lhe faz suspeitar
Que os mortos escondam alguma coisa?
Sim, os mortos escondem alguma coisa.*

Robert Frost, “Two Witches”

DURANTE O JANTAR, Shadow descobriu que a semana que antecede o Natal costuma ser de pouco movimento nas casas funerárias.

— Os que estão quase indo para o outro lado tentam segurar as pontas para viver mais um Natal — explicou o sr. Íbis —, às vezes, duram até o ano-novo. Mas tem aqueles para quem as festividades e alegrias alheias acabam sendo dolorosas demais. Esses ainda não sucumbiram a mais uma reprise de *A felicidade não se compra*, ainda não sentiram cair a última gota, ou, melhor dizendo, o último *embrulho de espírito natalino*, que faz transbordar não o copo, mas o *trenó*.

O sr. Íbis fez um barulhinho que era meio deboche, meio resmungo, o que sugeria que acabara de pronunciar uma frase bem ensaiada da qual se orgulhava muito.

A Íbis e Jacal era uma funerária pequena: uma das últimas empresas familiares do ramo verdadeiramente independentes naquela região — ou pelo menos era o que o sr. Íbis afirmava.

— Grande parte do trabalho com mercantilização humana envolve a construção de uma marca que seja reconhecida em âmbito nacional — explicou.

O sr. Íbis sempre falava dando explicações — dava palestras tranquilas e sóbrias que lembravam um professor universitário que se exercitava na Muscle Farm, quando Shadow ainda trabalhava lá; um sujeito incapaz de falar, só de discorrer, expor, explicar. Poucos instantes depois de conhecer o sr. Íbis, Shadow logo percebeu que sua função nessas conversas com o agente funerário seria falar o mínimo possível. Estavam acomodados em um restaurante pequeno, a dois quartos da funerária. O jantar de Shadow consistia em um café da manhã completo — com direito a *hushpuppies* —,

que era servido o dia todo, enquanto o sr. Íbis bicava e espalhava migalhas de uma fatia de bolo de café.

— Isso se deve, creio eu, ao fato de que as pessoas gostam de saber de antemão o serviço que estão adquirindo — continuou. — É por isso que redes como McDonald's, Walmart e a saudosa F. W. Woolworth são um sucesso: marcas de longa data presentes no país inteiro. Aonde quer que você vá, há a garantia de receber um serviço que, apesar de pequenas variações regionais, é sempre o mesmo.

“O ramo das funerárias, entretanto, é forçosamente distinto. O contratante precisa sentir que está recebendo um tratamento pessoal digno de cidade pequena, de alguém com verdadeira vocação para o ofício. A pessoa quer receber, tanto para si quanto para seu ente querido, atenção personalizada diante de tamanha perda. Deseja saber que seu luto é uma circunstância local, não nacional. Contudo, em todos os segmentos da indústria, e a morte é uma indústria, meu jovem, não se engane, ganha-se dinheiro operando em atacado, comprando grandes volumes, centralizando as atividades. Não é um pensamento agradável, mas é a verdade. O problema é que ninguém quer saber que seu ente querido está sendo transportado em um caminhão refrigerado até algum armazém adaptado enorme, capaz de processar vinte, cinquenta, cem cadáveres por vez. Não, senhor. As pessoas querem pensar que estão lidando com um empreendimento familiar, um lugar que as tratará com o devido respeito, onde serão recebidas por alguém que as cumprimentará com um toque no chapéu, se as vir na rua.”

O sr. Íbis usava chapéu. Era um chapéu marrom e sóbrio, combinando com o blazer marrom e sóbrio e o rosto marrom e sóbrio. Um par de óculos pequenos de armação dourada repousava empoleirado no alto do nariz. Na cabeça de Shadow, o sr. Íbis era um homem baixo, mas, sempre que ficava de pé ao lado dele, Shadow redescobria, surpreso, que o homem tinha quase dois metros de altura, mesmo curvado daquele jeito, lembrando uma garça.

— Então, quando as grandes corporações dominam o mercado, adquirem o nome da empresa e pagam para que os agentes funerários continuem trabalhando naquela unidade. Criam a aparência de diversidade. E isso é só a ponta da lápide. Na realidade, são funerárias tão locais quanto o Burger King. Bem, por motivos próprios, nós *somos* de fato um negócio independente. Temos nosso próprio processo de embalsamação, que é o melhor do país, mas só nós sabemos disso. E não trabalhamos com cremações. Ganharíamos até mais dinheiro se tivéssemos nosso próprio crematório, mas isso iria de encontro ao que fazemos de melhor. Meu sócio costuma dizer que, quando o Senhor nos dá um talento ou uma habilidade, é nossa obrigação usá-la da melhor forma possível. Você não concorda?

— Faz sentido — disse Shadow.

— O Senhor concedeu ao meu sócio o domínio sobre os mortos, assim como concedeu a mim o talento com as palavras. São umas belezas, as palavras. Escrevo livros de histórias, sabia? Nada sério. Apenas para minha própria apreciação. Relatos de vidas. — O sr. Íbis fez silêncio por um momento. Quando Shadow se deu conta de que deveria ter perguntado se poderia ler alguma das histórias, a oportunidade já tinha passado. — Enfim, o que proporcionamos aqui é continuidade: neste lugar, a Íbis e Jacal se mantém de portas abertas há quase duzentos anos. No entanto, nem sempre fomos agentes funerários. Antigamente, éramos agentes mortuários. E, antes disso, fomos coveiros.

— E antes disso?

— Veja bem — começou o sr. Íbis, com um sorriso vagamente orgulhoso —, nossa história é bastante antiga. Claro, foi só depois da Guerra entre os Estados que encontramos nosso nicho. Foi quando nos tornamos uma funerária voltada para as pessoas de cor da região. Antes, ninguém nos via como pessoas de cor. Estrangeiros, talvez, exóticos e mais escuros, mas não de cor. Quando a guerra acabou, não demorou até que ninguém mais se lembrasse de uma época em que não éramos considerados negros. Meu sócio sempre teve a pele mais escura que a minha. Foi uma transição fácil. Em geral, você é o que as pessoas acreditam que seja. Só é estranho quando as pessoas vêm com essa história de afro-americanos. Isso me remete aos povos de Punt, Ofir, Núbia... Nós nunca nos consideramos africanos, éramos o povo do Nilo.

— Então vocês eram egípcios.

O sr. Íbis ergueu o lábio inferior em um bico pensativo e adernou a cabeça de um lado para o outro, como se o pescoço fosse uma mola. Pesava os prós e contras, considerando os diferentes pontos de vista.

— Bem, sim e não. “Egípcios” me remete ao povo que vive lá hoje em dia. Que construiu suas cidades sobre nossos cemitérios e palácios. Acha que somos parecidos?

Shadow deu de ombros. Já vira homens negros que se pareciam com o sr. Íbis. E já vira homens brancos bronzeados que se pareciam com o sr. Íbis.

— Como estava o bolo? — perguntou a garçonete, reabastecendo as xícaras de café.

— Foi o melhor que já comi — respondeu o sr. Íbis. — Mande lembranças a sua mãe.

— Mando, sim — respondeu a mulher, indo embora.

— Para agentes funerários, nunca é de bom-tom perguntar como vão as pessoas da família do interlocutor. Dá a entender que estamos sondando o mercado — comentou o sr. Íbis, em voz baixa. — Vamos ver se seu quarto já está pronto?

A respiração deles se condensava no ar noturno. Piscas-piscas tremeluziam nas vitrines das lojas ao longo do caminho.

— É muita gentileza sua me acolher — comentou Shadow. — Obrigado.

— Devemos alguns favores ao seu empregador. E o Senhor sabe muito bem que temos espaço. É uma casa grande e antiga. Havia mais de nós, entende? Agora somos só nós três. Você não vai atrapalhar.

— Alguma ideia de quanto tempo devo ficar com vocês?

O sr. Íbis balançou a cabeça.

— Ele não disse. Mas ficamos felizes por tê-lo aqui, podemos até lhe arranjar um trabalho. Se você não for melindroso. Se tratar os mortos com respeito.

— E por que vocês se instalaram aqui em Cairo? Foi só pelo nome?

— Não. De forma alguma. Na verdade, a região recebeu esse nome por nossa causa, embora as pessoas não façam ideia disso. Nos velhos tempos, aqui era um posto de troca.

— Nos tempos da expansão para o oeste?

— Pode-se dizer que sim — respondeu o sr. Íbis. — *Noite, senhorita Simmons! E um feliz Natal para a senhora também!* O povo que me trouxe para cá navegou pelo Mississippi muito tempo antes.

Shadow parou no meio da rua e olhou para ele.

— Você está me dizendo que os antigos egípcios vieram comercializar aqui cinco mil anos atrás?

O sr. Íbis não respondeu, soltando apenas uma risadinha estridente.

— Três mil quinhentos e trinta anos — corrigiu, por fim. — Mais ou menos.

— Certo. Tudo bem, vou acreditar. O que eles comercializavam?

— Pouca coisa. Peles. Alguns tipos de comida. Cobre das minas da Península Superior. A empreitada foi uma grande decepção. Não valeu o esforço. O povo permaneceu por tempo suficiente para acreditar em nós, para realizar sacrifícios em nosso nome, e para que alguns dos mercadores morressem de febre e fossem sepultados aqui, e então surgimos em seu encalço. — O sr. Íbis parou de repente no meio da calçada, virou-se devagar e abriu os braços. — Este país é uma espécie de Grand Central Station há pelo menos dez mil anos. E aí você me pergunta: onde Colombo entra nessa história?

— Claro — respondeu Shadow, obediente. — Onde ele entra nessa história?

— Colombo fez o que as pessoas já faziam havia milhares de anos. Não há nada de especial em vir à América. Eu volta e meia escrevo histórias sobre isso.

Os dois retomaram a caminhada.

— Histórias verídicas?

— Até certo ponto. Posso lhe deixar ler uma ou duas, se quiser. A verdade está aí para qualquer um que tenha olhos para ver. Pessoalmente, e digo isto na condição de assinante da *Scientific American*, sinto muita pena desses profissionais sempre que encontram mais um crânio de origem controversa, com um material genético correspondente ao povo errado, ou sempre que se deparam com estatuetas ou artefatos que confundem suas ideias sobre os povos originais. Eles sempre tratam das coisas extraordinárias, mas nunca das impossíveis, e é por isso que sinto pena: porque assim que algo é dado como impossível, perde qualquer possibilidade de se tornar crível, seja verdadeiro ou não. Sabe, aqui encontram um crânio que indica que os ainos, a raça indígena nativa do Japão, estiveram na América há nove mil anos. Ali, alguém acha um exemplar que indica a existência de polinésios na Califórnia, quase dois mil anos depois. E os cientistas só resmungam, quebram a cabeça tentando descobrir quem descende de quem, e deixam de ver o óbvio. Não posso nem imaginar o que iria acontecer se encontrassem os túneis mitológicos por onde os hopis ascenderam do mundo inferior. Escreva o que eu digo, isso vai abalar algumas crenças.

“Então você questiona: os irlandeses vieram mesmo à América durante a Idade das Trevas? Claro que vieram, assim como os galeses e os vikings. Nessa época, os africanos da costa ocidental, que mais tarde foi chamada de Costa dos Escravos, ou Costa do Marfim, estabeleceram comércio com a América do Sul; e os chineses visitaram o Oregon algumas vezes, eles chamavam o lugar de Fu Sang. Os bascos estabeleceram, em segredo, áreas de pesca sagradas no litoral de Newfoundland, há mil e duzentos anos. Ora, imagino que você vá argumentar, dizendo: mas, senhor Íbis, esses povos eram primitivos, não tinham rádios, polivitamínicos, aviões a jato.

Shadow não se pronunciara nem pretendia fazê-lo, mas sentiu que devia, então falou:

— E não eram?

As últimas folhas mortas do outono, ressecadas pelo inverno, rachavam sob seus pés.

— O equívoco é pensar que os homens não percorriam grandes distâncias pelo mar antes dos tempos de Colombo. Pois a Nova Zelândia, o Taiti e inúmeras ilhas do Pacífico foram colonizadas por pessoas que chegaram em barcos, pessoas cujo domínio da navegação deixaria Colombo de joelhos. Além disso, a fortuna da África advinha do comércio, embora fosse sobretudo com o Oriente, com a Índia e a China. No entanto, o meu povo, o povo do Nilo, descobriu cedo que, com um estoque grande o bastante de paciência e de água doce, um barco de junco é capaz de dar a volta ao mundo. Veja bem, nos velhos tempos, o maior problema de vir à América era o fato de que aqui não havia muito que interessasse ao comércio, além de a distância ser enorme.

Os dois tinham chegado a uma grande casa vitoriana, construída no estilo conhecido como Queen Anne. Shadow se perguntou quem teria sido essa tal de rainha Anne e por que ela gostava tanto de casas parecidas com as da Família Addams. Era o único imóvel do quarteirão sem janelas recobertas por tábuas. Passaram pelo portão e foram até os fundos do terreno.

Entraram por uma porta dupla grande, que o sr. Íbis destrancou com uma chave do molho que carregava consigo, e se viram dentro de um cômodo amplo e sem aquecimento ocupado por outras duas pessoas: um homem de pele escura e muito alto, segurando um grande bisturi de metal, e uma menina no fim da adolescência, morta, deitada sobre um comprido objeto de porcelana que parecia tanto uma mesa quanto uma pia.

Havia algumas fotografias da garota morta fixadas em um mural de cortiça na parede, logo acima do corpo. Ela sorria em uma das imagens, um retrato do anuário do colégio. Em outra, estava em uma fila com outras três meninas, todas usando o que deviam ser vestidos de gala, e o cabelo preto dela fora amarrado no alto da cabeça, em um penteado elaborado.

O corpo jazia frio na porcelana; o cabelo solto, caído ao redor dos ombros, estava sujo de sangue seco.

— Este é meu sócio, o senhor Jacal — explicou Íbis.

— Já nos conhecemos — comentou Jacal. — Peço desculpas por não poder apertar sua mão.

Shadow olhou para a menina na mesa.

— O que aconteceu com ela?

— Péssimo gosto para namorados — respondeu Jacal.

— Nem sempre é fatal — comentou o sr. Íbis, com um suspiro. — Desta vez, foi. Ele estava bêbado e tinha uma faca, e ela falou que talvez estivesse grávida. Ele não acreditou que fosse o pai.

— Ela foi esfaqueada... — começou o sr. Jacal, e se pôs a contar. Ouviu-se um clique quando ele pisou em um botão no chão, ligando um pequeno gravador em uma mesa próxima. — ... cinco vezes. Há três ferimentos de faca na parede torácica anterior esquerda. O primeiro localizado entre o quarto e o quinto espaço intercostal, na borda medial da mama esquerda, com 2,2 centímetros de comprimento. O segundo e o terceiro se sobrepõem, iniciando na região inferior do meio da mama esquerda até penetrar o sexto espaço intercostal, formando uma ferida única de três centímetros. Há um ferimento de dois centímetros no segundo espaço intercostal da parede torácica anterior esquerda, e um ferimento de cinco centímetros e profundidade máxima de 1,6 centímetro no deltoide ântero-medial esquerdo, devido a um corte, em vez de uma estocada. Todos os ferimentos no tórax são profundos. Não há mais ferimentos externos visíveis.

Jacal tirou o pé do botão no chão. Shadow reparou em um pequeno microfone que pendia de um cabo acima da mesa de embalsamamento.

— Então você trabalha também como legista?

— O trabalho de legista é um cargo político aqui na região — explicou o sr. Íbis. — A função dele é chutar o cadáver. Se o corpo não revidar, ele assina a certidão de óbito. Jacal é o que chamam de tanatólogo. Ele trabalha para o departamento de medicina legal do município. Realiza autópsias e coleta amostras de tecido para análise. E já tirou fotos dos ferimentos dessa jovem.

Jacal os ignorou. Pegou um bisturi grande e fez uma incisão longa e profunda em V, das clavículas até a base do esterno, e depois transformou o V em Y, com uma nova incisão profunda do esterno até o púbis. Apanhou um objeto semelhante a uma broca cromada pequena e bem pesada, com uma serra circular do tamanho de um medalhão. Ligou a serra e cortou as costelas dos dois lados do esterno.

A menina se abriu como uma bolsa.

Shadow de repente começou a sentir um cheiro pungente de carne — sutil, mas penetrante a ponto de ser desagradável.

— Eu achava que o cheiro seria pior — comentou.

— Ela está bem fresca — explicou Jacal. — E os intestinos não foram perfurados, então não tem cheiro de merda.

Shadow percebeu que desviava o olhar — não por repulsa, como se esperaria, mas por um desejo estranho de dar alguma privacidade à menina. Seria difícil encontrar nudez maior do que naquela coisa toda aberta.

Jacal prendeu as pontas do intestino brilhoso e serpentiforme dentro da barriga da menina, abaixo do estômago e bem fundo na pélvis. Passou o longo tubo de carne pelos dedos, metro a metro, descrevendo-o como “normal” ao microfone, e o depositou em um balde no chão. Sugou todo o sangue do tórax com a ajuda de um aspirador cirúrgico e mediu o volume. Depois, examinou o interior da caixa torácica.

— Há três lacerações no pericárdio — anunciou ao microfone —, que está cheio de sangue coagulado e liquefeito.

Jacal segurou o coração da menina, cortou-o na parte superior e o revirou na mão, analisando-o. Pisou no botão do chão e falou:

— Há duas lacerações no miocárdio. Uma com o comprimento de 1,5 centímetro no ventrículo direito, e uma laceração penetrante de 1,8 centímetro no ventrículo esquerdo.

Jacal removeu os dois pulmões. O esquerdo fora perfurado e estava meio murcho. Pesou ambos, assim como o coração, e tirou fotos dos ferimentos. Cortou um pedaço pequeno de cada órgão e depositou o tecido em potes.

— Formol — explicou o sr. Íbis, num sussurro prestativo.

Jacal continuou falando ao microfone, descrevendo o que fazia e o que observava conforme removia o fígado da menina, o estômago, o baço, o pâncreas, os dois rins, o útero e os ovários.

Ele pesou cada um dos órgãos e declarou que estavam normais e intactos. De cada um, cortou um pequeno pedaço e o colocou dentro de um pote

com formol.

Do coração, do fígado e de um dos rins, cortou um segundo pedaço. Então os mastigou, lentamente, demorando-se para engolir, comendo enquanto trabalhava.

De alguma forma, aquilo parecia decente aos olhos de Shadow: um gesto respeitoso, não obsceno.

— Então você quer passar um tempo em nossa companhia? — perguntou Jacal, ainda mascando o pedaço do coração da menina.

— Se puderem me acolher.

— Com certeza o acolheremos — respondeu o sr. Íbis. — Não há motivos para não o fazermos, e há motivos de sobra para que o façamos. Você estará sob nossa proteção enquanto ficar aqui.

— Espero que não se incomode de dormir sob o mesmo teto que os mortos — comentou Jacal.

Shadow pensou no toque dos lábios de Laura, frios e áridos.

— Não — respondeu. — Quer dizer, desde que continuem mortos.

Jacal se virou para ele, encarando-o com olhos castanho-escuros tão curiosos e frios quanto os de um cachorro do deserto. Respondeu apenas:

— Aqui, eles permanecem mortos.

— É que me parece... — começou Shadow. — Me parece que, para os mortos, é bem fácil voltar.

— Não mesmo — retrucou Íbis. — Até os zumbis são feitos a partir dos vivos, sabia? Um pouco de pó, uns cânticos, uma pitada de força e pronto: um zumbi. Estão vivos, mas acreditam que estão mortos. Para trazer os mortos de volta à vida de verdade, no corpo deles... isso demanda poder. — Ele hesitou. — No velho continente, nos velhos tempos, era mais fácil.

— Dava para prender o *ka* de um homem ao corpo dele por cinco mil anos — concordou Jacal. — Prender ou soltar. Mas isso foi há muito tempo.

Ele reuniu todos os órgãos que removera e os colocou de volta, com respeito, dentro da cavidade aberta. Repôs os intestinos e o esterno e aproximou as bordas da pele. Então pegou uma agulha grossa e um fio e, com gestos ágeis e habilidosos, costurou-a como se estivesse remendando uma bola de beisebol: o cadáver deixou de ser um pedaço de carne e voltou a se transformar em uma menina.

— Preciso de uma cerveja — anunciou Jacal. Ele retirou as luvas de látex e as jogou na lixeira. Colocou o macacão marrom-escuro dentro de um cesto. Pegou a bandeja de papelão com os potes cheios de pedacinhos de órgãos vermelhos, marrons e roxos. — Vocês não vêm?

Os três subiram a escada dos fundos até a cozinha. Era marrom e branca, um cômodo sóbrio e respeitável que Shadow imaginou ter sofrido alterações na decoração pela última vez em 1920. Uma geladeira enorme e velha vibrava sozinha perto de uma parede. Jacal abriu a porta da geladeira e guardou os potes de plástico com os pedaços de baço, rim, fígado e coração.

Tirou três garrafas marrons de lá de dentro. Íbis abriu um armário com portas de vidro e pegou três copos altos. Então gesticulou, convidando Shadow a se sentar à mesa da cozinha.

Íbis serviu a cerveja e passou um copo para Shadow e outro para Jacal. Era uma cerveja ótima, amarga e escura.

— Cerveja boa — comentou Shadow.

— Produção da casa — explicou Íbis. — Nos velhos tempos, as mulheres faziam a cerveja. Elas eram melhores nisso. Mas agora somos só nós três aqui. Eu, ele e ela. — Íbis indicou a pequena gata marrom, dormindo em um cesto no canto da cozinha. — Éramos mais, no começo. Mas Set nos deixou para fazer algumas explorações... Isso faz quanto tempo, duzentos anos? Deve ser, a esta altura. Ele nos enviou um cartão-postal de São Francisco em 1905 ou 1906. Depois, mais nada. Já Hórus, coitado... — Ele se interrompeu, suspirou e balançou a cabeça.

— Ainda o vejo, às vezes — comentou Jacal. — Quando vou recolher algum corpo.

Ele tomou um gole da cerveja.

— Posso trabalhar em troca da hospedagem — sugeriu Shadow. — Enquanto fico aqui. Vocês me dizem o que precisa ser feito, e eu faço.

— Encontraremos um trabalho para você — concordou Jacal.

A gata marrom e pequena abriu os olhos, levantou-se e se espreguiçou, então saiu andando pelo chão da cozinha e deu leves cabeçadas na bota de Shadow. Ele abaixou a mão esquerda e deu uma coçadinha na testa da gata, atrás das orelhas, bem na nuca. A bichana se curvou em êxtase e pulou no colo dele, apoiou-se em seu peito e encostou o focinho frio em seu nariz. Depois, se enrolou em seu colo e voltou a dormir. Shadow abaixou a mão para acariciá-la: a gata agia como se estivesse no lugar mais seguro do mundo, e ele se sentiu reconfortado.

A cerveja provocou um torpor agradável em sua cabeça.

— Seu quarto fica no alto da escada, perto do banheiro — informou Jacal. — Você encontrará suas roupas de trabalho penduradas no armário. Imagino que primeiro queira se lavar e fazer a barba.

Shadow queria. Tomou banho de chuveiro na banheira de ferro fundido e fez a barba, muito tenso, com uma navalha que Jacal lhe emprestou. Era absurdamente afiada, com cabo de madrepérola, e Shadow desconfiou de que fosse usada para barbear homens mortos pela última vez. Nunca usara uma navalha, mas não se cortou. Limpou o creme de barbear e examinou seu reflexo nu no espelho antigo do banheiro. Estava cheio de hematomas; havia manchas novas no tórax e nos braços, por cima dos hematomas causados por Mad Sweeney, que já estavam desaparecendo. Examinou o cabelo preto molhado e os olhos cinzentos escuros que o encararam do espelho com desconfiança; examinou as marcas em sua pele cor de café.

E então, como se outra pessoa segurasse sua mão, levantou a navalha e a pressionou, aberta, contra a garganta.

Seria uma saída, pensou. Uma saída fácil. E se existe alguém capaz de lidar tranquilamente com o resultado, de limpar a bagunça e seguir em frente, são aqueles dois caras sentados lá na cozinha, bebendo cerveja. Chega de preocupação. Chega de Laura. Chega de mistérios e conspirações. Chega de pesadelos. Só paz, silêncio e repouso, para sempre. Um corte simples, de orelha a orelha. E acabou.

Ficou ali, parado, a navalha encostada na garganta. Uma mancha miúda de sangue apareceu no lugar onde a lâmina tocava a pele. Nem sentira o corte. *Viu?* disse a si mesmo, e quase ouviu as palavras sussurradas em seu ouvido. *Nem dói. Está afiada demais para doer. Vai acabar antes mesmo de você perceber.*

A porta do banheiro se abriu, só alguns centímetros, o suficiente para que a gata marrom colocasse a cabeça para dentro e soltasse um “Mrr?”, curiosa.

— Ei — disse à gata. — Achei que eu tivesse trancado a porta.

Shadow fechou a navalha letal, deixou-a na beirada da pia e cobriu o pequeno corte com uma pontinha de papel higiênico. Depois, amarrou uma toalha na cintura e entrou no quarto ao lado do banheiro.

Seu quarto, assim como a cozinha, parecia ter sido decorado em algum momento da década de 1920. Ao lado da cômoda e do espelho havia uma cuba e uma jarra para ele se lavar. O quarto cheirava um pouco a bolor, como se não fosse arejado com muita frequência, e os lençóis na cama pareciam ligeiramente úmidos ao toque.

Alguém deixara roupas para ele na cama: um terno preto, camisa branca, gravata preta, camiseta e cueca brancas, meias pretas. No tapete persa logo ao lado havia um par de sapatos pretos.

Shadow se vestiu. As roupas eram boas, mas não eram novas. Ele se perguntou quem teria sido o dono anterior. Estaria usando as meias de um homem morto? Calçando os sapatos de um homem morto? Terminou de se vestir e examinou o próprio reflexo no espelho. As roupas caíram perfeitamente bem: não ficaram nem apertadas no peito, nem curtas nos braços, como ele imaginou que ficariam. Shadow ajustou a gravata, e seu reflexo parecia sorrir com um ar sardônico. Coçou a lateral do nariz e ficou bastante aliviado em ver o reflexo fazer o mesmo.

Agora lhe parecia inconcebível que sequer tivesse pensado em cortar a própria garganta. Seu reflexo continuava sorrindo enquanto ele ajustava a gravata.

— Ei — indagou para o espelho —, você sabe algo que eu não sei?

Logo depois, sentiu-se um idiota.

A porta se abriu devagar, com um rangido, e a gata adentrou o cômodo, atravessou o aposento e subiu no peitoril da janela.

— Ei! Aquela porta eu fechei. Tenho certeza.

A gata o encarou, interessada. Seus olhos eram de um amarelo-escuro, cor de âmbar. Ela então pulou da janela para a cama, onde se enrolou em uma bola de pelo e voltou a dormir, um círculo felino sobre a colcha antiga.

Shadow deixou a porta aberta, tanto para que a gata pudesse sair quanto para arejar um pouco o ambiente, e desceu para o térreo. Os degraus rangiam e resmungavam conforme ele descia, reclamando do peso, como se quisessem apenas um pouco de paz.

— *Uau*, você ficou bem — comentou Jacal, que o esperava ao pé da escada, também de terno preto. — Já dirigiu um carro fúnebre?

— Não.

— Bem, para tudo tem uma primeira vez. Está estacionado lá na frente.

Uma mulher idosa tinha falecido. O nome dela era Lila Goodchild. Orientado pelo sr. Jacal, Shadow subiu a escada estreita carregando a maca de alumínio dobrada até o quarto da velha senhora e a abriu ao lado da cama. Estendeu uma capa mortuária translúcida de plástico azul na cama, ao lado do corpo, e abriu o zíper. A mulher usava camisola rosa e roupão bordado. Shadow a ergueu — era frágil e quase não pesava nada — e a envolveu em um cobertor, então a colocou dentro da capa. Fechou o zíper e depositou o corpo na maca. Enquanto ele fazia isso, Jacal conversava com um homem muito velho que fora casado com Lila Goodchild quando ela era viva. Ou melhor: Jacal ouvia o homem falar. Enquanto Shadow levava a sra. Goodchild, o velho ia reclamando sobre como os filhos eram ingratos, e os netos também, embora não fosse culpa deles, e sim dos pais, já que filho de peixe peixinho é, mas ele achava que tinha dado uma educação melhor aos filhos.

Shadow e Jacal foram empurrando a maca com o corpo até a escada estreita. O velho os acompanhou, ainda falando — na maior parte do tempo sobre dinheiro, ganância e ingratidão. Estava de pantufas. Shadow levou o lado mais pesado da maca escada abaixo até a rua e a empurrou pela calçada coberta de gelo até o carro fúnebre. Jacal abriu a porta traseira do veículo. Shadow hesitou, então Jacal instruiu:

— É só empurrar para dentro. Os pés das rodinhas dobram sozinhos.

Shadow empurrou, e os pés dobraram, as rodas giraram e a maca deslizou pelo chão do veículo. Jacal o ensinou como prendê-la bem firme, e Shadow fechou o carro fúnebre enquanto o deus dava atenção ao senhor que já fora casado com Lila Goodchild, um velho alheio ao frio, de chinelo e roupão na calçada, no meio do inverno, falando que os filhos eram abutres, meros abutres sobrevoando no céu, esperando para tomar o pouco que ele e Lila tinham conseguido juntar, contando como eles dois tinham fugido para St. Louis, Memphis, Miami, mas acabaram em Cairo, falando que estava muito

aliviado por Lila não ter morrido em uma casa de repouso, e como temia que fosse justamente isso que o aguardasse.

Os dois acompanharam o velho até a casa e subiram a escada até o quarto. Uma televisão pequena tagarelava no canto do quarto do casal, exibindo o noticiário. Quando passou pelo aparelho, Shadow notou que o âncora sorriu e deu uma piscadela para ele. Conferiu se não tinha ninguém olhando em sua direção e mostrou o dedo do meio para a tela.

— Os Goodchild não têm dinheiro — comentou Jacal, quando voltaram ao carro. — O homem vai lá conversar com Íbis amanhã. Vai escolher o funeral mais barato. Imagino que os amigos dela vão convencer o homem a fazer justiça à esposa, a oferecer uma despedida apropriada no salão principal. Entretanto, ele vai reclamar. Não tem dinheiro. Ninguém daqui tem dinheiro hoje em dia. Mas, tudo bem, ele deve morrer em uns seis meses. Um ano, no máximo.

Flocos de neve despencavam, rodopiantes, diante dos faróis. A neve estava chegando ao Sul.

— Ele está doente? — perguntou Shadow.

— Não é isso. As mulheres sobrevivem aos maridos. Os homens, ou pelo menos os homens como ele, não vivem muito tempo depois que as esposas se vão. Você vai ver: ele vai começar a perambular por aí, tudo o que lhe era familiar vai desaparecer junto com a esposa. O velho vai se cansar e se debilitar, aí vai desistir e partir. Talvez seja levado pela pneumonia, talvez pelo câncer, talvez o coração pare de bater. Já é velho e não tem mais energia. Aí ele morre.

Shadow pensou um pouco.

— Ei, Jacal.

— Diga.

— Você acredita em alma?

Não era bem a pergunta que pretendia fazer, e ficou surpreso de ouvi-la sair de sua boca. Queria ser menos direto, mas não havia maneira menos direta de perguntar algo assim.

— Depende. Na minha época, tudo já estava bem acertado. Você entrava em uma fila quando morria, respondia pelos atos ruins e pelas boas ações, e, se a parte ruim fosse mais pesada que uma pena, dávamos sua alma e seu coração para Ammit, a Devoradora de Almas.

— Ela deve ter comido muita gente.

— Menos do que se esperaria. Era uma pena muito pesada. Mandamos fazer sob encomenda. A pessoa tinha que ser bem maligna para virar a balança com aquela coisa. Pare aí, no posto de gasolina. Vamos abastecer um pouco.

As ruas estavam tranquilas, daquele jeito que só ficam quando cai a primeira neve.

— Vamos ter um Natal cheio de neve — comentou Shadow, enchendo o tanque.

— É. Merda. Aquele garoto foi um filho da virgem sortudo.

— Jesus?

— Carinha sortudo, muito sortudo. Podia cair dentro de uma fossa que sairia cheirando a rosas. E nem é mesmo o aniversário dele, sabia? A data foi roubada de Mitra. Já viu o Mitra? Chapéu vermelho. Garoto simpático.

— Acho que nunca cruzei com ele.

— Bem, eu nunca vi Mitra por aqui mesmo. Ele era um desses militares fanáticos. Deve estar relaxando lá pelo Oriente Médio. Se bem que provavelmente já desapareceu. Acontece. Um dia, todos os soldados do império têm que se banhar no sangue do touro em sacrifício a você. No dia seguinte, nem lembram quando é o seu aniversário.

Os limpadores do para-brisa foram de um lado para outro, empurrando a neve, soprando os flocos para longe ou juntando-os em montinhos de gelo limpo.

Um semáforo ficou amarelo por um instante, depois ficou vermelho, e Shadow pisou no freio. O carro derrapou e balançou pela rua vazia até parar.

O sinal ficou verde. Shadow saiu dirigindo a vinte quilômetros por hora, o que parecia o bastante para a pista escorregadia. O carro parecia perfeitamente satisfeito de seguir na segunda marcha, e Shadow imaginou que o veículo já devia ter passado um bocado de tempo naquela velocidade, segurando o trânsito.

— Assim está bom — comentou Jacal. — Então, Jesus se deu muito bem aqui. Mas conheci um cara que disse que o viu pedindo carona em uma estrada no Afeganistão, e ninguém parava para ele. Tudo depende muito do lugar.

— Acho que uma baita tempestade vem por aí — comentou Shadow. Estava falando do clima.

Quando Jacal enfim se pronunciou, não estava se referindo ao clima:

— Pegue o meu caso e o de Íbis como exemplo. Nosso negócio vai fechar as portas daqui a alguns anos. Temos umas economias para os tempos de vacas magras, mas as vacas já estão magras faz algum tempo, e a cada ano que passa ficam mais. Hórus está doido, completamente pirado, passa o tempo todo como gavião, comendo bichos mortos na estrada. Que vida é essa? E você já viu a Bastet. E a *noossa* situação é melhor do que a da maioria. Pelo menos contamos com um pouco de fé para nos mantermos. A maioria desses coitados que vivem por aí mal tem isso. É que nem o ramo de funerárias: os grandes vão acabar comprando seu negócio algum dia, queira você ou não. Porque são maiores, mais eficientes e *dão certo*. Brigar não vai fazer a menor diferença. Perdemos essa batalha no momento exato em que viemos para esta terra verde, cem, mil, dez mil anos atrás. Nós

chegamos, e a América nem ligou para a nossa chegada. Então nós nos vendemos, ou insistimos, ou demos no pé. E realmente. Você está certo. Vem tempestade por aí.

Shadow entrou na rua com todas as casas esquecidas menos uma, as janelas cegas cobertas de tábuas.

— Vá pelo beco de trás — instruiu Jacal.

Avançou de ré com o carro fúnebre até quase encostar nas portas duplas dos fundos da casa. Íbis abriu a porta traseira e as portas do necrotério, e Shadow soltou a maca e a puxou. Os pés com rodinhas giraram e se abriram assim que passaram pelo para-choques. Ele foi empurrando a maca até a mesa de embalsamamento. Pegou Lila Goodchild, erguendo-a dentro do saco opaco como uma criança adormecida, e a colocou com muito cuidado na mesa do necrotério frio, como se temesse despertá-la.

— Sabe, eu tenho uma prancha de transferência — comentou Jacal. — Não precisava carregá-la.

— Não tem problema — respondeu Shadow. Ele estava começando a soar mais como Jacal. — Eu sou grande. Não me incomoda.

Quando criança, Shadow fora pequeno para a idade, desengonçado. A única fotografia de sua infância que Laura tinha achado boa o bastante para colocar em uma moldura era de uma criança séria, com cabelo embolado e olhos escuros, de pé ao lado de uma mesa cheia de bolos e biscoitos. Shadow achava que a foto tinha sido tirada em uma festa de Natal de alguma embaixada, já que estava usando gravata-borboleta e suas melhores roupas, parecendo até um boneco. Observava solenemente o mundo de adultos que o cercava.

Tinham se mudado vezes demais, Shadow e a mãe. Primeiro pela Europa, de embaixada em embaixada, onde a mãe trabalhava como comunicadora para o Serviço Exterior, transcrevendo e enviando telegramas confidenciais pelo mundo todo; e depois, quando Shadow tinha oito anos, pelos Estados Unidos, onde a mãe, doente com irregularidade demais para conseguir um emprego fixo, se mudara de cidade em cidade, um ano aqui, outro ali, arranjando trabalhos temporários sempre que se sentia bem. Eles nunca ficavam em um mesmo lugar por tempo suficiente para que Shadow fizesse amigos, se sentisse em casa, relaxasse. E Shadow fora uma criança pequena...

Tinha crescido rápido. Na primavera de seu décimo terceiro ano de vida, os garotos da cidade onde morava implicavam com ele, obrigando-o a entrar em brigas que sabiam que não tinham como perder. Depois, ele saía correndo para o vestiário masculino, morrendo de raiva e muitas vezes chorando, querendo limpar a lama e o sangue do rosto antes que alguém pudesse ver. Daí veio o verão, seu décimo terceiro verão, longo e mágico, que passou evitando os garotos maiores, nadando na piscina pública da cidade, lendo livros da biblioteca à beira da piscina. No começo do verão,

Shadow mal sabia nadar. No fim de agosto, dava voltas e mais voltas na piscina com toda a tranquilidade, pulando da plataforma alta, desabrochando em um marrom escuro entranhado de sol e de água. Em setembro, voltara às aulas e descobrira que os meninos que haviam infernizado sua vida eram coisinhas pequenas e molengas, incapazes de continuar incomodando. Os dois que tentaram brigar com ele tiveram que aprender boas maneiras com uma dura, rápida e dolorosa lição. Foi quando Shadow percebeu que tinha se redefinido: não podia mais ser um garoto quieto, que fazia o possível para não aparecer e não atrapalhar. Era grande demais para isso, óbvio demais. No fim do ano, já fazia parte do time de natação e do time de levantamento de peso, e o técnico do time de triatlo começara a cortejá-lo. Shadow gostava de ser grande e forte. Aquilo lhe proporcionava uma identidade. Tinha sido uma criança tímida, não era de falar, lia muito, e isso fora muito doloroso. Agora era um cara grande e burro, e ninguém esperava que ele fosse capaz de nada além de levar um sofá de um cômodo para outro, sem nenhuma ajuda.

Pelo menos, ninguém até Laura.

O sr. Íbis preparara o jantar: arroz e verduras cozidas para ele e o sr. Jacal.

— Eu não como carne — explicou —, e Jacal ingere toda a carne de que precisa durante o horário de trabalho.

Ao lado do lugar de Shadow à mesa havia uma caixa do KFC com pedaços de frango e uma garrafa de cerveja.

Tinha mais frango do que Shadow conseguia comer, e ele dividiu as sobras com a gata, tirando a pele e a cobertura crocante e despedaçando a carne com os dedos antes de entregar à bichana.

— Na cadeia tinha um cara chamado Jackson — contou Shadow, enquanto comia. — Trabalhava na biblioteca do presídio. Ele me falou que mudaram o nome de Kentucky Fried Chicken para KFC porque a rede não serve mais frango de verdade. Só uma carne mutante geneticamente modificada; o bicho parece uma centopeia gigante sem cabeça, só um monte de coxas, peitos e asas. É alimentado por tubos. Esse Jackson falou que por isso o governo não permitiu que continuassem usando a palavra *chicken*.

O sr. Íbis ergueu as sobrancelhas.

— Você acredita nisso?

— Não. Meu antigo companheiro de cela, Low Key, falou que mudaram o nome porque a palavra *fried*, de frito, tinha ganhado conotação negativa. Talvez quisessem que as pessoas pensassem que o frango se cozinha sozinho.

Depois do jantar, Jacal pediu licença e desceu para o necrotério. Íbis foi para o escritório escrever. Shadow ficou mais um tempo sentado na cozinha,

dando pedaços de peito de frango para a gatinha marrom e bebendo cerveja. Quando a cerveja e o frango acabaram, ele lavou a louça, pôs no escorredor e subiu.

Tomou um banho naquela banheira com garras no lugar de pés e escovou os dentes com o conjunto descartável de escova e pasta. Decidiu que, no dia seguinte, compraria uma escova nova.

Quando Shadow voltou ao quarto, a gatinha marrom estava dormindo outra vez no cantinho inferior da cama, enrolada em uma bolinha de pelos. Na gaveta do meio da cômoda, Shadow encontrou alguns conjuntos de pijama listrado de algodão. Pareciam ter uns setenta anos, mas cheiravam a roupa limpa, e ele pegou um conjunto que, tal qual o terno preto, cabia como se tivesse sido feito sob medida.

Uma pilha pequena de revistas *Seleções* estava disposta na mesinha de cabeceira, nenhuma posterior a março de 1960. Jackson, o cara da biblioteca — o mesmo que tinha jurado que a história das criaturas mutantes do Kentucky Fried Chicken era real e que contara que o governo usava trens de carga pretos para transportar prisioneiros políticos até campos de concentração secretos no norte da Califórnia, atravessando o país no meio da noite —, também lhe contara que a CIA usava a *Seleções* como fachada para montar seus próprios escritórios pelo mundo. Jackson revelou que toda filial da *Seleções* de todos os países era, na verdade, da CIA.

“Escuta só”, anunciou o finado sr. Wood, na memória de Shadow. “Como a gente pode ter certeza de que a CIA não teve nada a ver com o assassinato do Kennedy?”

Shadow abriu a janela em alguns centímetros, só o bastante para entrar um pouco de ar fresco e para a gata poder sair para a varanda.

Ligou o abajur ao lado da cama, deitou-se e leu um pouco, tentando desligar o cérebro, tirar os últimos dias da cabeça, e para isso escolheu as matérias da *Seleções* que pareciam mais tediosas. Percebeu que estava caindo no sono no meio da leitura de “Eu sou o pâncreas de John”. Mal teve tempo de desligar o abajur e encostar a cabeça no travesseiro antes que seus olhos se fechassem.

Shadow nunca conseguiria recordar a exata sequência e os detalhes daquele sonho: seus esforços em atizar a memória resultariam apenas em um emaranhado de imagens escuras anuviadas pela câmara escura de sua mente. Tinha uma mulher. Shadow a encontrara em algum lugar, e os dois estavam caminhando por uma ponte, que cruzava um lago pequeno no meio de uma cidade. O vento encrespava a superfície do lago, criando ondas de cristas brancas, lembrando a Shadow mãos minúsculas tentando alcançá-lo.

— *Mais embaixo* — instruiu a mulher.

Ela usava uma saia com estampa de oncinha que se agitava ao vento e uma meia sete-oitavos, e a pele que aparecia até a barra da saia era sedosa e macia, e, no sonho, naquela ponte, diante de Deus e do mundo, Shadow se ajoelhou diante da mulher, enterrou o rosto em sua virilha e embriagou-se de seu cheiro feminino e selvagem. Estava consciente, no sonho, da ereção na vida real, uma monstruosidade rígida e latejante cuja dureza era tão dolorosa quanto as ereções que tivera quando garoto, irrompendo puberdade adentro sem fazer a menor ideia do que eram aquelas rigidezes inesperadas, tendo como única certeza o medo que sentia daquilo.

Shadow se afastou e olhou para cima, e ainda assim não conseguia ver o rosto da mulher. Mas sua boca procurou a dela, e os lábios eram macios contra os seus, e suas mãos agarravam aqueles seios, deslizavam pela suavidade da pele acetinada, adentrando e afastando as peles que ocultavam a cintura dela, escorregando para dentro da fissura maravilhosa que se aqueceu, umedeceu e alargou para ele, abrindo-se como uma flor diante de sua mão.

A mulher ronronou em êxtase, levando a mão à dureza dele e apertando-a. Shadow afastou os lençóis e girou, ficando por cima, afastando as coxas dela, a mão feminina guiando-o por entre suas pernas, onde um impulso, uma pressão mágica...

Estava de volta à antiga cela na cadeia, com ela, beijando-a intensamente. A mulher o abraçou bem forte e prendeu as pernas dele com as dela, segurando-o de modo que ele não conseguiria sair de dentro dela nem se quisesse.

Shadow nunca beijara lábios tão macios. Nem sabia que existiam lábios tão macios no mundo inteiro. Mas a língua dela parecia uma lixa, roçando na dele.

— *Quem é você?* — perguntou.

A mulher não respondeu. Limitou-se a fazê-lo se deitar de costas e, com um movimento ágil, montou em cima dele e começou a cavalgá-lo. Não, não era bem uma cavalgada: a mulher se insinuava por cima dele, em uma série de ondulações suaves como seda, cada uma mais potente que a anterior, carícias e batidas e ritmos numa maré que quebrava em sua mente e em seu corpo, com as ondas que o vento provoca em um lago, quebrando ao chegar à margem. As unhas dela eram afiadas como agulhas e se cravavam em seu corpo, arranhando-o, mas Shadow não sentia dor, só prazer, alguma mágica alquímica transformando tudo em momentos de absoluto deleite.

Shadow se esforçou para se encontrar, se esforçou para falar, a cabeça estava cheia de dunas de areia e ventos do deserto.

— *Quem é você?* — perguntou de novo, ofegante.

A mulher o encarou com olhos cor de âmbar-escuro; e se abaixou para beijá-lo na boca com tamanha paixão, tão completa e intensamente, que ali,

na ponte sobre o lago, em sua cela da prisão, na cama do quarto na funerária de Cairo, Shadow quase gozou. Ele voejava ao sabor daquela sensação como uma pipa voando ao sabor de um furacão, tentando impedi-la de irromper, impedi-la de explodir, querendo que nunca acabasse. Conseguiu se controlar. Precisava alertá-la.

— *Minha esposa, Laura. Ela vai matar você.*

— *A mim, não* — retrucou a mulher.

Um pensamento destoante, sem relevância, brotou de algum buraco em sua mente: nos tempos medievais, diziam que a mulher que ficava por cima durante o coito conceberia um bispo. E era assim que chamavam a posição: tentar um bispo...

Shadow queria saber o nome da mulher, mas não se atrevia a perguntar pela terceira vez, e ela pressionou o peito contra o seu, e ele sentiu as pontas rígidas daqueles mamilos femininos em seu peitoral, e ela o apertava, de alguma forma, apertava *lá embaixo*, bem dentro dela, e dessa vez Shadow não conseguiu pairar, dessa vez foi carregado e rodopiado e revirado, o corpo arqueado para cima, entrando nela o máximo que conseguia pensar em entrar, era como se os dois, em algum sentido, fossem parte de uma mesma criatura, saboreando, bebendo, segurando, *querendo*...

— *Deixe acontecer* — disse ela, a voz um rosnado felino rouco. — *Dê para mim. Deixe acontecer.*

E Shadow gozou, dissolvendo-se em espasmos, e os recônditos de sua mente se liquefizeram e se sublimaram, indo lentamente de um estado a outro.

Em algum lugar ali dentro, no fim de tudo, Shadow inspirou fundo, uma onda de ar fresco que sentiu até as profundezas dos pulmões, e percebeu que já fazia muito tempo que estava prendendo a respiração. Três anos, no mínimo. Talvez mais.

— *Agora descanse* — ordenou ela, beijando-o nas pálpebras com seus lábios macios. — *Relaxe. Relaxe de tudo.*

O sono que se seguiu depois foi profundo, reconfortante e sem sonhos, e Shadow mergulhou fundo e se entregou.

A luz estava estranha. Eram — ele conferiu o relógio — seis e quarenta e cinco da manhã, ainda estava escuro lá fora, mas uma penumbra azul-clara iluminava o quarto. Saiu da cama. Tinha certeza de que fora dormir de pijama, mas estava pelado, e o ar estava frio. Foi até a janela e a fechou.

Tinha caído uma nevasca durante a noite: quinze centímetros de neve, talvez mais. O pouco da cidade que Shadow via da janela, uma parte suja e acabada, se transformara em um lugar limpo e diferente: aquelas casas não

estavam abandonadas e esquecidas, e sim elegantemente cobertas de gelo. As ruas tinham desaparecido, perdidas sob um campo branco de neve.

Uma ideia flutuava nos limites de sua percepção. Algo a ver com *transitoriedade*. A ideia piscou e sumiu.

Via tão bem quanto se fosse dia.

No espelho, Shadow reparou em algo estranho. Aproximou-se do reflexo e ficou olhando, intrigado. Todos os hematomas tinham sumido. Encostou na lateral do corpo, apertando-se com força com a ponta dos dedos, tentando sentir alguma das dores agudas que lembrassem seu encontro com o sr. Stone e o sr. Wood, procurando as manchas esverdeadas das lesões com que Mad Sweeney lhe presenteara, mas não encontrou nada. O rosto estava limpo e sem marcas. As laterais do corpo e as costas (ele se virou para examiná-las), no entanto, estavam arranhadas com o que pareciam marcas de garras.

Não tinha sido um sonho, então. Não completamente.

Shadow abriu as gavetas e vestiu o que encontrou: uma calça jeans Levi's muito velha, uma camisa, um suéter azul grosso e um casaco preto de agente funerário que encontrou pendurado dentro do armário nos fundos do quarto. Perguntou-se, mais uma vez, quem teria sido o dono daquelas roupas.

Calçou os próprios sapatos surrados.

A casa ainda dormia. Shadow foi se esgueirando pelos cômodos, torcendo para o assoalho não ranger, e saiu (pela porta da frente, não pelo necrotério — não naquela manhã, não quando não precisava sair por ali), e caminhou, os pés deixando pegadas profundas na neve virgem, os passos esmagando a neve macia da calçada. O dia estava mais claro do que parecia quando observado de dentro, e o chão refletia a luz do céu.

Depois de quinze minutos de caminhada, Shadow chegou a uma ponte, onde uma placa grande alertava que estava saindo da região histórica de Cairo. Havia um homem embaixo da ponte, era alto e magrelo e sugava um cigarro e tremia sem parar. Shadow teve a impressão de que o conhecia, mas a luz da neve confundia seus olhos, e ele se aproximou para confirmar. O homem usava boné e uma jaqueta jeans remendada.

E então, debaixo da ponte, na escuridão do inverno, chegou perto o bastante para ver a mancha arroxeadada ao redor do olho do homem.

— Bom dia, Mad Sweeney — cumprimentou.

O mundo estava muito calmo. Nem mesmo carros perturbavam o silêncio envolto em neve.

— Oi, cara — cumprimentou Mad Sweeney, sem levantar o olhar.

Ele mesmo devia ter enrolado aquele cigarro. Shadow se perguntou se o homem estava fumando um baseado. Não, o cheiro era de tabaco.

— Se continuar passando muito tempo embaixo de pontes, Sweeney, as pessoas vão achar que você é um troll.

Dessa vez, Mad Sweeney levantou o rosto. Shadow viu o branco de seus olhos em volta das íris. O homem parecia assustado.

— Eu estava atrás de você — explicou. — Você tem que me ajudar, cara. Fiz uma merda colossal.

Ele deu um trago no cigarro e o tirou da boca. A seda ficou colada no beijo, e o cigarro se desmontou todo, despejando o conteúdo na barba ruiva e na camiseta imunda. Mad Sweeney se debateu feito doido, limpando a camisa com as mãos escuras, como se estivesse sendo atacado por um inseto perigoso.

— Meus recursos estão praticamente esgotados, Mad Sweeney — alertou Shadow. — Mas que tal me contar por que precisa de mim? Quer que eu arranje um pouco de café para você?

Mad Sweeney balançou a cabeça. Pegou uma bolsinha de tabaco e folhas de seda do bolso da jaqueta jeans e começou a enrolar outro cigarro. A barba ficava arrepiada, e a boca não parava de se mover enquanto ele fazia isso, mas nenhuma palavra foi dita. O irlandês lambeu o lado aderente da seda e a enrolou com os dedos. O resultado lembrava remotamente um cigarro.

— Não sou nenhum troll — disse, por fim. — Merda. Aqueles escrotos são *cruéis*.

— Eu sei que você não é um troll, Sweeney — respondeu Shadow, com delicadeza, na esperança de não soar condescendente. — Como posso ajudar?

Mad Sweeney abriu o Zippo, e um pedaço da ponta do cigarro pegou fogo, que logo foi minguando até virar cinzas.

— Você lembra quando eu mostrei como se faz para pegar uma moeda? Lembra?

— Sim. — Shadow viu a moeda de ouro em sua mente, observou quando ela caiu no caixão de Laura, percebeu o brilho em volta do pescoço da esposa morta. — Eu lembro.

— Você pegou a moeda errada, cara.

Um carro se aproximou da penumbra embaixo da ponte, ofuscando-os com o farol. O veículo diminuiu a velocidade ao passar por eles e parou, e um dos vidros se abaixou.

— Tudo bem por aqui, senhores?

— Está tudo ótimo, seu guarda, obrigado — respondeu Shadow. — Só viemos dar uma caminhada matinal.

— Muito bem — disse o policial.

Ele não parecia ter acreditado que estava tudo bem. Ficou esperando. Shadow pôs a mão no ombro de Sweeney e o fez andar, para fora da cidade, para longe da viatura. Ouviu o zumbido do vidro subindo de novo, mas o carro continuou onde estava.

Shadow andou. Mad Sweeney o acompanhou e, por vezes, cambaleou. Passaram por uma placa que dizia CIDADE DO FUTURO. Shadow imaginou uma cidade cheia de espirais e torres desenhadas por Frank R. Paul, todas reluzentes em cores primárias suaves, com carros aéreos no formato de redomas transparentes voando de torre em torre como abelhas cintilantes. Essa era a cidade do futuro, e Shadow desconfiava de que o lugar jamais seria construído em Cairo.

A viatura passou por eles devagar, virou-se e voltou para a cidade, acelerando pela rua coberta de neve.

— Agora, que tal me contar qual é o problema?

— Eu fiz o que ele mandou. Fiz tudinho como ele mandou, mas dei a moeda errada. Não era para ser aquela. Aquela é para a realeza. Entende? Eu nem devia ter conseguido pegar. Aquela é uma moeda que se daria de presente para o rei dos Estados Unidos. Não para um miserável desprezível como a gente. E agora estou com um problemão. Me devolve a moeda, cara. Se devolver, prometo que você nunca mais vai me ver, porra, juro-por-Bran. Juro pelos anos que passei na porra das árvores.

— Você fez o que quem mandou, Sweeney?

— Grímnir. O cara que você chama de Wednesday. Você sabe quem ele é? Sabe de verdade?

— Sim. Acho que sim.

Os olhos azuis insanos do irlandês tinham um brilho de pânico.

— Não era nada ruim. Nada que você... nada ruim. Ele só me disse para estar naquele bar e arrumar uma briga com você. Disse que queria ver qual era a sua.

— Ele mandou você fazer mais alguma coisa?

Sweeney tremeu e se contorceu. Por um instante, Shadow achou que fosse culpa do frio, mas depois reparou que já tinha visto aquele tipo de estremecimento. Na cadeia. Era uma tremedeira de viciado. Sweeney estava tendo uma crise de abstinência de alguma coisa, e Shadow podia apostar que era heroína. Um leprechaun viciado? Mad Sweeney arrancou a ponta incandescente do cigarro, jogou no chão e guardou o pedaço amarelado no bolso. Esfregou e bafejou os dedos imundos, tentando aquecê-los um pouco. Sua voz saiu como um gemido.

— Olha, cara, só me dê a porra da moeda. Para que você quer aquilo, hein? Sabe, tem muito mais de onde veio aquela. Posso dar outra, igualzinha. Olha, posso dar uma porrada delas.

Mad Sweeney tirou o boné imundo e, com a mão direita, alisou o ar e sacou uma moeda grande de ouro. Jogou-a dentro do boné. Pegou outra, tirando de um bafo de vapor de respiração, e outra, tirando moedas do ar estático da manhã até o boné estar cheio e precisar ser segurado com ambas as mãos.

Sweeney estendeu o boné carregado de ouro para Shadow.

— Pronto. Pode pegar, cara. Só me devolve aquela outra moeda.

Shadow olhou para o boné, tentando imaginar quanto aquilo tudo valeria.

— Onde é que eu gastaria essas moedas, Mad Sweeney? Por acaso tem um monte de lugar que converte esse seu ouro em dinheiro?

Por um instante, Shadow achou que o irlandês fosse bater nele, mas o instante passou, e Mad Sweeney continuou ali, parado, segurando o boné cheio de ouro com as mãos, como se fosse Oliver Twist. Então as lágrimas se acumularam em seus olhos azuis e começaram a descer pelo rosto. Ele colocou o boné — agora sem nada dentro além de uma faixa elástica ensebada —, cobrindo o cabelo ralo.

— Ah, cara, por favor — pediu. — Eu não mostrei como fazia? Eu mostrei para você como pegar moedas do cofre. Mostrei até onde o cofre fica. O tesouro do sol. Você só tem que me devolver aquela primeira moeda. Que não era nem minha.

— Eu não estou mais com ela.

As lágrimas de Mad Sweeney secaram, e manchas rubras foram surgindo em seu rosto.

— Seu, seu filha da puta... — começou, então as palavras o abandonaram, e a boca se abriu e se fechou sem fazer som algum.

— Estou falando a verdade — retrucou Shadow. — Sinto muito. Se ela estivesse comigo, eu devolveria. Mas dei de presente para outra pessoa.

As mãos imundas de Sweeney agarraram os ombros de Shadow, e os olhos azul-claros fitaram os dele. As lágrimas tinham traçado linhas de sujeira em seu rosto.

— Merda. — Shadow sentiu cheiro de tabaco, cerveja choca e suor. — Você está falando a verdade, seu filho da puta. Deu para outra pessoa de livre e espontânea vontade. Malditos sejam esses seus olhos escuros, você deu mesmo a moeda.

— Sinto muito.

Shadow se lembrou do baque quase surdo de quando a moeda caiu no caixão de Laura.

— Sentindo muito ou pouco, isso é o meu fim e a minha maldição. — As lágrimas voltaram a cair, e do nariz dele começou a escorrer um catarro incolor. As palavras se dissolveram em sílabas que não chegavam a se aglutinar em palavras. — Ba-ba-ba-ba-ba — dizia ele. — Mu-mu-mu-mu-mu.

Mad Sweeney enxugou o nariz e os olhos com as mangas, deixando manchas estranhas de sujeira no rosto e espalhando catarro pela barba e pelo bigode.

Shadow apertou o braço dele em um gesto másculo e meio constrangido. *Conte comigo*, dizia o gesto.

— Eu não devia nem ter sido concebido, seria muito melhor — resmungou Mad Sweeney, por fim. Em seguida, olhou para Shadow. — O sujeito para quem você deu a moeda. Ele a devolveria?

— Foi para uma mulher. E eu não sei onde ela está. Mas, não, acho que ela não devolveria.

Sweeney soltou um suspiro de lamento.

— Quando eu era só um filhotinho, encontrei essa mulher sob as estrelas, e ela me deixou brincar com seus peitinhos e leu a minha sorte. Ela me falou que eu seria arruinado e abandonado a oeste do sol nascente, e que o badulaque de uma mulher morta selaria meu destino. E eu dei risada e servi mais cerveja e brinquei mais um pouco com os peitinhos dela e beijei aquela boca bonita. Bons tempos... os primeiros monges cinzentos ainda não tinham vindo à terra nem atravessado o mar verde para o oeste. E agora...

— Ele parou no meio da frase. Virou a cabeça e olhou para Shadow. — Você não pode confiar nele — declarou, em tom de censura.

— Em quem?

— Wednesday. Não confie nele.

— Eu não preciso confiar. Eu trabalho para ele.

— Você lembra como se faz?

— O quê?

Era como conversar com umas dez pessoas diferentes. O suposto leprechaun pipocava de persona em persona, de tema em tema, como se os resquícios de neurônios estivessem se ativando, entrando em combustão e se apagando de vez.

— As moedas, cara. As moedas. Eu mostrei, lembra?

Sweeney levou dois dedos ao rosto, olhou para eles e tirou uma moeda de ouro da boca. Então jogou a moeda para Shadow, que levantou uma das mãos para pegá-la, mas moeda nenhuma chegou até ele.

— Eu estava bêbado. Não lembro.

Sweeney atravessou a rua, cambaleante. O sol já tinha nascido completamente, e o mundo estava branco e cinza. Shadow o seguiu. Sweeney caminhava a passos largos, como se estivesse sempre caindo, mas as pernas apareciam para salvá-lo e então lançá-lo em mais uma queda. Quando chegaram à ponte, o leprechaun se apoiou na mureta com uma das mãos e se virou.

— Você tem um trocado? Não preciso de muito. Só o bastante para comprar uma passagem para fora daqui. Vinte pratas já servem. Tem vinte pratas? Só uma notinha de vinte?

— Onde você vai conseguir uma passagem de ônibus por vinte dólares?

— Posso dar o fora daqui. Posso dar o fora antes de cair a tempestade. Sair deste mundo onde o ópio se tornou a religião das massas. Sair deste...

— Ele se interrompeu, esfregou o nariz com a mão e a enxugou na manga.

Shadow pegou uma nota de vinte no bolso e entregou a ele.

— Aqui.

Sweeney amassou a nota e a guardou bem fundo no bolso da jaqueta jeans manchada de óleo, embaixo do emblema costurado que mostrava dois abutres em um galho seco e, praticamente ilegível logo abaixo, as palavras: PACIÊNCIA É O CACETE! MEU NEGÓCIO É ASSASSINATO! Ele assentiu.

— Isso vai me ajudar a chegar aonde eu preciso ir.

O leprechaun se recostou no tijolo e revirou os bolsos até achar o pedaço de cigarro que tinha guardado antes. Acendeu-o com cuidado, tentando não queimar os dedos ou a barba.

— Só digo isso — começou, como se não tivesse dito nada o dia todo.

— Você está andando pelo cadafalso, e tem uma corda de cânhamo no seu pescoço e um corvo em cada ombro, só esperando pelos seus olhos, e o tronco da força tem raízes profundas, porque a árvore vai do céu ao inferno, e o nosso mundo é só o galho de onde a corda balança. — Ele parou. — Vou descansar um pouquinho — disse, agachando-se, ainda apoiado nos tijolos pretos da mureta.

— Boa sorte — disse Shadow.

— Ah, eu estou muito fodido. Que seja. Obrigado.

Shadow voltou para a cidade. Eram oito da manhã, e Cairo despertava como um monstro cansado. Deu uma olhada de volta para a ponte e viu o irlandês, o rosto pálido manchado de lágrimas e sujeira assistindo à sua partida.

Foi a última vez que viu Mad Sweeney vivo.

Os poucos dias de inverno antes do Natal eram como momentos de luz entre escuridões invernais, e passaram rápido, quase fugidos, na casa dos mortos.

Era 23 de dezembro, e a Jacal e Íbis realizava o velório de Lila Goodchild. Mulheres enérgicas encheram a cozinha de vasilhas e panelas e frigideiras e potes, e a falecida jazia no caixão do salão principal cercada de flores cultivadas em estufa. Do outro lado do salão havia uma mesa cheia de salada de repolho, feijão, *hushpuppies* de fubá, frango, costela e feijão-fradinho. No meio da tarde, a casa já estava cheia de gente chorando e rindo e apertando a mão do pastor, tudo organizado e administrado discretamente pelos srs. Jacal e Íbis, com seus ternos sóbrios. O enterro seria no dia seguinte.

Quando o telefone do saguão tocou (era um modelo antigo preto, de baquelite, inclusive com um genuíno discador daqueles que giravam), o sr. Íbis atendeu. Chamou Shadow a um canto.

— Era a polícia. Você pode recolher um corpo?

— Claro.

— Seja discreto. Aqui. — O sr. Ibis anotou o endereço em um pedaço de papel e o entregou a Shadow, que leu as palavras naquela caligrafia elaborada perfeita, dobrou o papel e o guardou no bolso. Ele acrescentou: — Lá você vai encontrar uma viatura.

Shadow saiu pela porta dos fundos e pegou o carro fúnebre. Tanto o sr. Jacal quanto o sr. Íbis fizeram questão de explicar, cada um em uma ocasião diferente, que na verdade o carro fúnebre só devia ser usado em funerais, e que dirigiam um furgão para recolher corpos, mas o furgão estava na oficina já fazia três semanas, então será que ele poderia tomar um cuidado redobrado com o carro fúnebre? Shadow dirigiu com muita cautela. A neve já tinha sido removida da pista, mas ele não se incomodava de dirigir devagar. Parecia apropriado ir devagar no controle de um carro fúnebre, e sustentava a opinião mesmo que mal conseguisse se lembrar da última vez em que vira um carro daqueles na rua. *A morte desapareceu das ruas dos Estados Unidos*, ponderou. Agora acontecia em quartos de hospital e em ambulâncias. *Não devemos assustar os vivos*, pensou Shadow. O sr. Ibis dissera que, em alguns hospitais, os mortos são transportados na parte inferior de macas cobertas e aparentemente vazias — os mortos tinham um caminho próprio, as próprias jornadas encobertas.

Uma viatura policial azul-escura estava estacionada em uma rua secundária, e Shadow parou o carro fúnebre logo atrás. Dois policiais estavam sentados na viatura, bebendo café em tampas de garrafas térmicas. O motor estava ligado para manter o aquecimento funcionando. Shadow bateu no vidro.

— Diga.

— Eu sou da funerária — explicou Shadow.

— Estamos esperando o legista — respondeu o policial.

Shadow se perguntou se aquele seria o mesmo homem que viera falar com ele embaixo da ponte. O policial que estava no banco do carona, um homem negro, saiu da viatura, deixando o colega lá dentro, e acompanhou Shadow até uma caçamba de lixo. Mad Sweeney estava sentado na neve, ao lado da caçamba. Uma garrafa verde jazia vazia em seu colo, e uma camada de neve e gelo lhe cobria o rosto, o boné e os ombros. Ele não piscava.

— Só mais um bêbado morto — constatou o policial.

— É o que parece — concordou Shadow.

— Não encoste em nada ainda. O legista deve chegar a qualquer momento. Na minha opinião, o cara bebeu até apagar e morreu congelado.

— Sim — concordou Shadow. — Parece mesmo que foi isso.

Ele se agachou e olhou para a garrafa no colo de Mad Sweeney. Uísque irlandês Jameson: sua passagem de vinte dólares para dar o fora dali. Um Nissan verde pequeno chegou e estacionou ali perto, e um sujeito de meia-idade, com aparência cansada e cabelo e bigode loiros, saiu de dentro do

veículo e veio até eles. O sujeito tocou o pescoço do cadáver. O *trabalho dele é chutar o cadáver*, pensou Shadow. *Se o corpo não revidar...*

— Está morto — anunciou o legista. — Encontraram alguma identificação?

— Nada — respondeu o policial.

O legista olhou para Shadow e perguntou:

— Você trabalha para a Jacal e Ibis?

— Sim.

— Fale para Jacal que precisamos de registros da arcada dentária e de impressões digitais para identificar o corpo, e que é para ele tirar fotos do rosto, para o registro. Não precisa fazer autópsia. Ele só tem que tirar sangue para um exame toxicológico. Entendeu? Quer que eu escreva as orientações?

— Não, não precisa. Eu lembro.

O homem fez uma breve expressão contrariada, pegou um cartão de visita da carteira, rabiscou alguma coisa nele e o entregou a Shadow.

— Dê isto para Jacal — pediu. Em seguida, o legista desejou um feliz Natal a todos e foi embora. Os policiais guardaram a garrafa vazia.

Shadow assinou o documento de liberação do cadáver e o colocou na maca. O corpo estava bastante enrijecido, e não deu para tirá-lo da posição em que estivera sentado. Ele ficou mexendo um tempo na maca e descobriu que dava para levantar um dos lados. Prendeu o morto, sentado, à maca e o colocou na traseira do carro, virado para a frente. Não faria mal dar um bom passeio ao sujeito. Fechou as cortinas da janela traseira e dirigiu de volta para a funerária.

Shadow estava parado em um semáforo — o mesmo em que derrapara, algumas noites antes —, quando ouviu uma voz rouca.

— E vou querer um belo velório, com tudo do bom e do melhor, e mulheres lindas soltando uma torrente de lágrimas desesperadas e arrancando as roupas em agonia, e homens valentes lamentando e contando belas histórias sobre meus dias de glória.

— Você está morto, Mad Sweeney — respondeu Shadow. — Os mortos têm que aceitar o que vier.

— Sim, e eu vou aceitar — respondeu o homem morto, com um suspiro, sentado na traseira do carro fúnebre.

Aquele gemido de viciado na voz dele tinha desaparecido, dando lugar a um tom neutro resignado, como se as palavras estivessem sendo transmitidas de muito, muito longe — palavras mortas enviadas por uma frequência morta.

O sinal ficou verde, e Shadow pisou de leve no acelerador.

— Mas, mesmo assim, você precisa me dar um velório hoje à noite — declarou Mad Sweeney. — Separe um lugar para mim à mesa e me faça um

velório bem regado a álcool, hoje à noite. Você me matou, Shadow, me deve pelo menos isso.

— Eu não matei você, Mad Sweeney — retrucou Shadow. *Preciso de vinte dólares*, pensou, *para comprar uma passagem para dar o fora daqui*. — Foram a bebida e o frio que mataram você, não eu.

Não houve resposta, e o silêncio reinou no carro durante o restante do caminho. Depois de estacionar nos fundos da casa, Shadow tirou a maca do carro e a empurrou até o necrotério. Depositou Mad Sweeney na mesa de embalsamamento, lidando com o corpo como se fosse um pedaço de boi.

Cobriu o corpo sem identificação com um lençol e o deixou ali, com a papelada ao lado do corpo. Quando subiu pela escada dos fundos, pensou ouvir uma voz fraca e abafada, como se um rádio estivesse tocando em algum cômodo distante:

— E como a bebida ou o frio me matariam? Eu sou um leprechaun de sangue puro. Não, foi porque você perdeu aquele solzinho dourado que eu morri, Shadow. Foi isso que me matou, uma morte tão certa quanto a água é molhada, e os dias são longos, e uma amizade sempre acaba em decepção.

Shadow teve vontade de comentar que aquele era um pensamento um tanto amargurado, mas desconfiava de que a morte deixasse a pessoa amargurada mesmo.

Subiu para a área principal da casa, onde senhoras de meia-idade cobriam travessas de comida com papel-alumínio e tapavam potes de plástico contendo porções frias de batata frita e macarrão com queijo.

O sr. Goodchild, marido da falecida, tinha encurralado o sr. Íbis e falava sobre sua convicção de que nenhum dos filhos viria prestar condolências à mãe. Filho de peixe peixinho é, dizia a quem quisesse ouvir. Filho de peixe peixinho é.

Naquela noite, Shadow preparou um lugar a mais à mesa. Deixou um copo diante de cada prato e, no meio de tudo, uma garrafa nova de Jameson Gold. O uísque irlandês mais caro que encontrou à venda na loja de bebidas. Depois de todos comerem (uma travessa grande de sobras que as senhoras de meia-idade tinham deixado), Shadow serviu uma dose generosa em cada copo — o dele, o de Íbis, o de Jacal e o de Mad Sweeney.

— E daí que ele está sentado em uma maca no porão, prestes a ser enterrado como indigente? — começou Shadow, enquanto servia o uísque. — Hoje à noite, brindaremos a ele, proporcionaremos o velório que ele queria.

Shadow ergueu o copo para o lugar vazio à mesa.

— Só vi Mad Sweeney vivo duas vezes — contou. — Na primeira, tive a impressão de que ele era um babaca de primeira com o diabo no corpo.

Na segunda, minha impressão foi a de um pária sem eira nem beira, e lhe dei dinheiro para que pudesse se matar. Mad Sweeney me ensinou um truque de moedas que eu não lembro como fazer, me deixou com uns hematomas e me contou que era um leprechaun. Descanse em paz, Mad Sweeney.

Tomou um gole do uísque, deixando o toque levemente defumado evaporar dentro da boca. Os outros dois beberam junto, brindando à cadeira vazia.

O sr. Íbis enfiou a mão no bolso e tirou um caderno, que folheou até achar a página certa, então leu uma versão resumida da vida do irlandês.

Segundo o sr. Íbis, Mad Sweeney começara a vida como guardião de uma pedra sagrada numa pequena clareira da Irlanda, mais de três mil anos antes. O sr. Íbis contou sobre os casos amorosos dele, as inimizades, a loucura que era a fonte de seu poder (“ainda se conta uma versão posterior da história, embora a natureza sagrada — e a antiguidade — de grande parte dos versos tenha sido há muito esquecida”), o louvor e a adoração que lhe dedicavam em sua terra natal, que aos poucos se transmutou em um discreto respeito e, por fim, em diversão. O sr. Íbis contou a história da garota de Bantry que veio ao Novo Mundo e trouxe consigo a crença no leprechaun Mad Sweeney — não era verdade que ela o avistara certa noite, perto do lago, e que ele sorrisse para ela e a chamara por seu verdadeiro nome? A jovem viera como refugiada, no compartimento de carga de um navio cheio de gente que tinha visto suas batatas se transformarem em lama preta no chão, que tinha visto amigos e amados morrerem de fome, que tinha sonhado com uma terra de barrigas cheias. A menina da baía de Bantry sonhava especificamente com uma cidade onde desse para uma menina como ela ganhar dinheiro suficiente para levar a família toda ao Novo Mundo. Muitos dos irlandeses que vieram para a América na época se consideravam católicos, mesmo sem saber nada de catecismo, mesmo se de religião só conhecessem Bean Sidhe, a banshee que gritava nas paredes de uma casa que logo receberia a morte; e santa Brígida, que antes fora Brígida das duas irmãs (cada uma das três era uma Brígida, e cada uma era a mesma mulher); e histórias de Finn e de Oisín e de Conan, o Calvo. E até dos leprechauns, do povo pequeno (que era justamente a maior piada dos irlandeses, pois os leprechauns eram, à sua época, os mais altos do povo das colinas)...

O sr. Íbis lhes contou tudo isso, e muito mais, naquela noite na cozinha. Sua sombra na parede era comprida e lembrava um pássaro, e, à medida que o uísque fluía para dentro dele, Shadow começou a imaginar que a cabeça pertencia a uma ave aquática imensa, de bico longo e curvo, e foi em algum momento durante o segundo copo que o próprio Mad Sweeney começou a incluir detalhes e irrelevâncias na narrativa de Íbis (“... e que garota ela era, tinha peitos cor de creme cravejados de sardas, com bicos do rosa

avermelhado intenso da alvorada de um dia em que vai chover a cântaros antes do meio-dia, mas que voltará a ser glorioso na hora do jantar...”), e aí Sweeney tentou, gesticulando com as duas mãos, explicar a história dos deuses na Irlanda, leves e mais leves oriundas da Gália e da Espanha e de todo canto, cada leva transformando os deuses anteriores em trolls e fadas, e todo tipo de criatura, até que a Santa Igreja em pessoa chegou e sem nem pedir licença transformou todos os deuses que havia na Irlanda em fadas ou santos ou reis mortos...

O sr. Íbis limpou os óculos de armação dourada e explicou — articulando as palavras com ainda mais clareza e precisão do que o normal, um indicativo de que estava bêbado (as palavras e o suor que brotava na testa, dentro daquela casa fria, eram os únicos sinais) —, agitando o dedo indicador, explicou que ele era um artista, que suas histórias não deviam ser encaradas como constructos extremamente literais, mas como releituras criativas, mais verdadeiras que a própria verdade, e Mad Sweeney respondeu que ia “mostrar o que é uma releitura criativa quando o meu punho reler essa sua cara de merda com um tantão de criatividade”, e o sr. Jacal mostrou os dentes e rosnou para Sweeney, o rosnado de um cachorro enorme que não quer arrumar briga, mas que rasgaria a garganta de alguém para terminar uma, e Sweeney entendeu o recado e se sentou, servindo-se mais um copo de uísque.

— Já lembrou como eu fiz aquele truquezinho com a moeda? — perguntou Mad Sweeney, sorrindo para Shadow.

— Não, não lembrei.

— Se quiser tentar adivinhar como é, posso avisar quando estiver perto de descobrir — sugeriu Mad Sweeney, os lábios roxos, os olhos azuis enevoados.

— Não é com uma empalmada, né?

— Não, não é.

— É com algum dispositivo? Fica alguma coisa dentro da manga ou em algum outro lugar para jogar as moedas para cima e você poder pegar? Ou é uma moeda presa em um fio que fica balançando na frente e atrás da mão?

— Também não é isso. Alguém quer mais uísque?

— Eu li em um livro que tinha um jeito de fazer o Sonho do Avaro colando um pedaço de látex na palma da mão, para fazer uma bolsa cor de pele e esconder as moedas.

— Ah, como foi infeliz o velório do Grande Sweeney, que voou como um pássaro por toda a Irlanda e, em sua loucura, comeu uma erva venenosa pensando ser agrião, então morreu e foi velado só por um pássaro, um cachorro e um idiota. Não, não tem nada a ver com látex.

— Bom, não consigo pensar em mais nada — retrucou Shadow. — Você deve tirar essas moedas do nada. — Era para ser um comentário

irônico, mas então notou a expressão no rosto de Sweeney. — É *isso*. Você realmente tira as moedas do nada.

— Olha, não é exatamente do nada — respondeu Mad Sweeney. — Mas você está começando a entender a ideia. Eu tiro as moedas do cofre.

— O cofre — disse Shadow, começando a se lembrar. — Sim.

— Você só precisa segurar bem o cofre, na mente, daí vai poder tirar o que quiser. O tesouro do sol. Fica à vista nos momentos em que o mundo produz um arco-íris. Fica à vista no momento do eclipse e no momento da tempestade.

E Mad Sweeney mostrou a Shadow como fazer.

Dessa vez, Shadow entendeu.

A cabeça de Shadow doía e latejava, e a língua tinha gosto e textura de papel pega-moscas. Estreitou os olhos, protegendo-os do clarão da luz do dia. Tinha pegado no sono com a cabeça apoiada na mesa da cozinha. Ainda estava vestido, mas tirara a gravata preta em algum momento.

Desceu até o necrotério e ficou aliviado, mas não surpreso, ao ver que o corpo sem identificação continuava na mesa de embalsamamento. Shadow arrancou a garrafa vazia de Jameson Gold dos dedos do cadáver, enrijecidos pelo *rigor mortis*, e a jogou fora. Ouviu alguém circulando pela casa, mais acima.

Quando ele subiu a escada, viu o sr. Wednesday sentado à mesa da cozinha. Seu chefe estava comendo salada de batatas de um pote de plástico com uma colher descartável. Usava terno cinza-escuro, camisa branca e gravata cinza, e o sol matinal reluzia no prendedor de gravata prateado em forma de árvore. Wednesday sorriu para Shadow.

— Ah, Shadow, meu caro, que bom que você já está de pé. Achei que fosse dormir para sempre.

— Mad Sweeney morreu — anunciou Shadow.

— Eu soube. É uma pena. Claro que acontecerá com todos nós, no fim. — Ele puxou uma corda imaginária, mais ou menos na altura da orelha, então deitou o pescoço para o lado, pôs a língua para fora e arregalou os olhos. Em matéria de mímicas improvisadas, foi perturbador. Wednesday soltou a corda e deu o sorriso costumeiro. — Quer um pouco de salada de batata?

— Não, obrigado. — Shadow examinou a cozinha e olhou na direção do saguão. — Sabe onde estão Íbis e Jacal?

— Sei, sim. Estão enterrando a sra. Lila Goodchild, atividade em que provavelmente teriam apreciado a sua ajuda, mas pedi que o deixassem dormir. Você tem uma longa estrada pela frente.

— Estamos indo?

— Em uma hora.
— Preciso me despedir.
— As pessoas dão importância demais a despedidas. Você com certeza vai ver os dois de novo antes de essa história acabar.

Shadow reparou que, pela primeira vez desde aquela primeira noite, a gatinha marrom estava enrolada no cesto. A gata abriu os olhos cor de âmbar indiferentes e o viu partir.

Foi assim que Shadow deixou a casa dos mortos. O gelo cobrira as árvores e os arbustos enegrecidos pelo inverno, como se tivessem sido isolados, transformados em sonhos. O chão estava escorregadio.

Wednesday foi até o Chevy Nova branco de Shadow, estacionado na rua. Tinha sido lavado havia pouco tempo, e placas de Minnesota ocupavam o lugar das de Wisconsin. A bagagem do chefe já estava alojada no banco de trás. Wednesday abriu o carro com cópias idênticas das chaves que estavam no bolso de Shadow.

— Eu dirijo — anunciou o deus. — Vai levar no mínimo uma hora para você estar em condições de fazer qualquer coisa.

Seguiram para o norte, mantendo o Mississippi à esquerda, um fluxo largo e prateado sob o céu cinzento. Shadow viu um gavião marrom e branco enorme, empoleirado em uma árvore seca e cinza na beira da estrada, encarando-os com olhos ensandecidos conforme se aproximavam, até que bateu asas e voou em círculos lentos e poderosos e, instantes depois, sumiu de vista.

Shadow percebeu que sua estada na casa dos mortos não passara de uma folga temporária, e tudo aquilo já começava a parecer que fora vivido por alguma outra pessoa, em um passado muito distante.

PARTE DOIS



AINSEL, EU MESMO

CAPÍTULO

NOVE

Isso sem falar de criaturas míticas no entulho...

Wendy Cope, “A Policeman’s Lot”

SHADOW SÓ QUEBROU o silêncio no fim daquela noite, quando estavam saindo de Illinois. Viu a placa de BEM-VINDO AO WISCONSIN e perguntou a Wednesday:

— Vem cá, quem eram aqueles caras que me sequestraram no estacionamento? O senhor Wood e o senhor Stone. Hein?

Os faróis do carro iluminavam a paisagem invernal. Wednesday anunciara que era melhor não pegarem rodovias, pois não sabia de que lado da guerra elas estavam, então Shadow seguiu por estradas secundárias. Não se importava. Não tinha como ter certeza de que o chefe era mesmo maluco.

Wednesday grunhiu.

— Só uns agentes. Membros da oposição. Vilões.

— Acho que eles acreditam que são os mocinhos — retrucou Shadow.

— É claro que acreditam. Nunca houve uma só guerra que não tenha sido travada entre dois grupos inteiramente convictos de que estão fazendo o que é certo. As pessoas perigosas de verdade são aquelas que acreditam que estão fazendo o que estão fazendo única e exclusivamente porque aquela é, sem a menor sombra de dúvida, a única coisa certa a se fazer. E é por isso que são tão perigosas.

— E *você*? Por que está fazendo tudo isso?

— Porque eu quero — respondeu Wednesday. E sorriu. — *Aí* não tem problema.

— Como vocês escaparam? Quer dizer, todo mundo conseguiu escapar?

— Aham. Mas foi por pouco. Se aqueles sujeitos não tivessem parado para cuidar de você, talvez tivessem conseguido nos pegar. Essa história toda serviu para convencer algumas pessoas que ainda estavam em cima do muro de que eu talvez não esteja assim tão doido.

— E como vocês escaparam?

Wednesday balançou a cabeça.

— Você não é pago para fazer perguntas. Já disse isso.

Shadow deu de ombros.

Eles passaram a noite em um hotel ao sul de La Crosse.

Depois dirigiram para norte e para leste, em pleno Natal. Os campos e fazendas foram dando lugar a florestas. As cidades pareciam cada vez mais afastadas umas das outras.

O almoço de Natal foi no final da tarde, em um enorme restaurante de comida caseira na parte norte do centro do Wisconsin. Desanimado, Shadow empurrava pelo prato os pedaços secos de peru e de batatas assadas duras como pedra, as bolotas vermelhas e doces do molho de cranberry e as ervilhas em lata de um tom verde agressivo. Pelo jeito como atacava o prato e lambia os beijos, Wednesday parecia apreciar a comida. Durante a refeição, ele foi se tornando cada vez mais expansivo: falava, brincava e, sempre que a garçonete se aproximava o bastante, flertava com a menina loura e magra que parecia tão nova que muito provavelmente não tinha idade nem para ter abandonado a escola antes de terminar o ensino médio.

— Com licença, minha querida, mas poderia fazer a gentileza de me servir mais uma xícara desse chocolate quente delicioso? E espero que não me ache muito ousado por dizer que essa sua roupa é extraordinariamente arrebatadora e formosa. Festiva, mas elegante.

A garçonete, que usava uma saia vermelha e verde vistosa com festão prateado enrolado na barra, riu e corou e sorriu, então foi buscar mais uma caneca de chocolate quente para Wednesday.

— Arrebatadora — comentou o deus, pensativo, observando a jovem. — Formosa. — Shadow não achava que ele estava se referindo à roupa. Wednesday enfiou o último pedaço de peru na boca, limpou a barba com o guardanapo e empurrou o prato para longe. — Aaah. Delícia!

O deus olhou ao redor, examinando o restaurante. Uma fita de canções natalinas tocava ao fundo: *the little drummer boy had no gifts to bring, pãrãrãrã, pãrãrãrã, pãrãrãrã*.

— Algumas coisas podem até mudar — começou Wednesday, de repente —, mas as pessoas... as pessoas continuam iguaizinhas. Tem uns trambiques que nunca falham, enquanto outros logo se tornam impraticáveis, engolidos pelo tempo e pelo mundo. Já não posso mais fazer minha falcatrua favorita. Mas, mesmo assim, ainda tem uma quantidade surpreendente de golpes que são atemporais... O Prisioneiro Espanhol, o Golpe do Paco, o Achado do Anel, que é igual ao Golpe do Paco, mas com um anel em vez de dinheiro, o Golpe do Violino...

— Nunca ouvi falar desse Golpe do Violino — comentou Shadow. — Mas talvez eu conheça os outros. Acho que o meu ex-companheiro de cela já aplicou um Prisioneiro Espanhol, pelo que ele disse. O cara era um vigarista.

— Ah... — comentou Wednesday, o olho esquerdo brilhando. — O Golpe do Violino era excelente, maravilhoso. Começa como um golpe envolvendo duas pessoas. Ele é movido pela cobiça e pela ganância do

próprio alvo, como todos os grandes golpes. É *claro* que é possível enganar um homem honesto, mas dá mais trabalho. Muito bem. O trambique acontece em um hotel, ou em uma pousada, ou em um restaurante chique. Um homem está apreciando sua refeição. O sujeito parece meio sem grana, mas ainda mantém um pouco a classe. Não está maltrapilho nem decadente, mas parece estar passando por dificuldades. Vamos chamá-lo de Abraham. Bem, a conta chega. E não é nada exagerada, veja bem, só uns cinquenta, setenta e cinco dólares. Mas, na hora de pagar... que vergonha! Cadê a carteira? Minha nossa, ele deve ter deixado na casa de um amigo, que não fica muito longe! Abraham precisa sair rapidinho para buscar o dinheiro. Ele pede ao gerente, que julga ser um senhor muito compreensivo, que fique com seu velho violino como garantia. Abraham explica que o violino é mesmo velho, como o gerente pode ver, mas é seu ganha-pão.

O sorriso de Wednesday, quando viu a garçonete se aproximar, foi enorme e predatório.

— Ah, meu chocolate quente! Trazido pelo meu anjo natalino! Minha querida, será que você consegue me trazer mais um pouco desse pão maravilhoso, quando puder?

A garçonete — Shadow tentava adivinhar quantos anos a menina devia ter: dezesseis, dezessete? — baixou os olhos, as bochechas corando. Ela deixou a caneca de chocolate quente na mesa, com as mãos trêmulas, e foi para o canto do salão, perto do mostruário giratório de tortas, onde parou e ficou olhando para Wednesday. Depois, esgueirou-se até a cozinha, para buscar o pão.

— Então. O violino, que é bem velho, sem sombra de dúvida, talvez até meio acabado, fica lá no restaurante, guardado no estojo, enquanto nosso Abraham, temporariamente depauperado, vai atrás da carteira. Um cavalheiro bem-vestido, e que só agora concluiu a própria refeição, acabou entreouvindo toda a conversa. Ele se aproxima do gerente: será que ele poderia examinar o violino que nosso Abraham, um sujeito tão honesto, deixou para trás?

Wednesday faz uma pausa, e então continua:

— Mas é claro que pode. O gerente entrega o instrumento, e o homem bem-vestido... digamos que o nome dele seja Barrington... Barrington fica completamente boquiaberto, mas logo repara na própria expressão abobalhada e se recompõe. Ele examina o violino com um ar de veneração, como um homem que recebeu permissão para adentrar um santuário sagrado e inspecionar a ossada de um profeta. “Minha nossa”, comenta ele, “este aqui é... *deve ser... não, não pode ser!* Mas é, é mesmo... *minha nossa!* Mas isso é *inacreditável!*” Então Barrington indica a marca do fabricante, em um pedaço de papel amarelado dentro do violino. E explica que, mesmo se não tivesse visto a marca, teria percebido pela cor do verniz, pela voluta, pelo formato.

“Barrington pega no bolso um cartão de visitas com impressão em relevo. O cartão o apresenta como negociante proeminente de instrumentos musicais raros e antigos. ‘Então esse violino é raro?’, pergunta nosso amigo gerente. ‘Isso mesmo’, responde Barrington, ainda admirando o instrumento, fascinado. ‘Vale mais de cem mil dólares, se não estou enganado. E, mesmo que estivesse, eu pagaria cinquenta... não, setenta e cinco mil dólares. E em dinheiro, uma quantia justa por uma peça tão excepcional. Sei de um homem na Costa Oeste que o compraria amanhã mesmo, sem nem ver, bastaria um telegrama. Ele pagaria o que eu pedisse.’ Então Barrington consulta o relógio, e parece desesperado. ‘Ah, meu trem! Preciso correr, tenho pouquíssimo tempo para pegar o trem! Meu bom senhor, pode, por favor, entregar meu cartão ao proprietário desse instrumento inestimável, quando ele voltar? Infelizmente, preciso ir.’ E, com isso, ele parte: um homem que sabe que o tempo e o trem não esperam por ninguém.

“Nosso amigo gerente examina o violino, a curiosidade se mesclando à cobiça que corre em suas veias, e um plano começa a brotar em sua mente. Mas os minutos passam, e Abraham não volta. Já está bem tarde quando nosso violinista entra pela porta, com sua aparência simples, mas cheio de orgulho. Nas mãos, traz uma carteira, uma carteira que já viu dias melhores, uma carteira que, mesmo no melhor dos melhores dias, nunca conteve mais de cem dólares de uma vez. De dentro, ele tira o dinheiro para pagar a refeição, ou a estadia, ou o que quer que seja, e pede para pegar o violino de volta.

“Nosso amigo gerente põe o instrumento no estojo em cima do balcão, e Abraham o recolhe como uma mãe aninhando o filho. ‘Me diga’, começa nosso amigo gerente, mantendo dentro do bolso do paletó, ardente, o cartão com impressão em relevo de um homem que pagaria cinquenta mil dólares pelo instrumento, e em dinheiro!, ‘quanto custa um violino desses? Minha sobrinha queria aprender a tocar, e o aniversário dela é daqui a mais ou menos uma semana’.

“Abraham parece ultrajado ao responder: ‘Vender o meu violino? Eu nunca faria uma coisa dessas. Ele me acompanha há vinte anos, já tocamos juntos pelo país inteiro. E, para falar a verdade, paguei bastante por ele na época: quinhentos dólares muito bem pagos.’

“Nosso amigo gerente se contém para não abrir um sorriso. ‘Você pagou quinhentos dólares por ele? E se eu lhe oferecer mil? Pago agora mesmo.’

“O violinista parece maravilhado... então faz uma expressão desolada e diz: ‘Mas, meu senhor, eu sou um violinista. É só o que eu sei fazer. Este violino me conhece e me ama, e meus dedos o conhecem tão bem que eu conseguiria tocar uma ária no escuro. Onde eu encontraria outro violino com um som tão bonito? Mil dólares é um bom dinheiro, claro, mas este instrumento é o meu ganha-pão. Nem por mil, nem por cinco mil.’

“Nosso amigo gerente vê o lucro minguar, mas negócios são negócios, e é preciso gastar para ganhar. ‘Oito mil dólares’, retruca ele. ‘O violino não vale isso tudo, mas acontece que gostei muito dele, e além disso amo minha sobrinha, adoro mimá-la.’

“Abraham parece à beira das lágrimas com a ideia de perder seu amado violino, mas como poderia recusar oito mil dólares? Ainda mais depois de o solidário gerente ir até o cofre na parede e voltar não com oito, mas com *nove* mil dólares em maços bem amarrados, prontos para entrarem no bolso esfarrapado do violinista. ‘Você é um bom homem’, diz o violinista ao gerente. ‘É um santo! Mas precisa jurar que vai cuidar bem do meu amigo!’ E, relutante, ele entrega o violino.”

— Mas e se o nosso amigo gerente simplesmente entregar o cartão de Barrington e dizer a Abraham que ele tirou a sorte grande? — perguntou Shadow.

— Então saímos no prejuízo pelo custo de duas refeições — respondeu Wednesday.

O deus limpou o resto de molho e de comida no prato com um pedaço de pão e o comeu, lambendo os beiços de leite.

— Vamos ver se eu entendi. Então Abraham sai do restaurante, nove mil dólares mais rico, e encontra Barrington no estacionamento da estação de trem. Eles dividem o dinheiro, entram no Ford Modelo A de Barrington e partem para a próxima cidade. Imagino que no porta-malas do carro tenha uma caixa cheia de violinos de cem dólares.

— Pessoalmente, eu considero uma questão de honra nunca pagar mais de cinco dólares por um instrumento desses — comentou Wednesday. Em seguida, se virou para a garçonete, que pairava ali por perto. — Agora, minha cara, pode nos agraciar com a descrição das suntuosas sobremesas disponíveis para nós, neste dia de Natal do Nosso Senhor?

Wednesday a encarava, e seu olhar era quase malicioso, de um jeito que dava a impressão de que nada que a jovem pudesse oferecer seria mais suculento do que ela mesma. Shadow estava extremamente incomodado com aquilo: sentia-se vendo um lobo velho espreitar um cervo jovem demais para saber que, se não fugisse — se não fugisse imediatamente —, acabaria em uma clareira remota, com o que restasse de carne em seus ossos sendo devorado por corvos.

A menina corou mais uma vez e disse que de sobremesa havia torta de maçã — torta de maçã à moda da casa, “vem com uma bola de sorvete de creme”, explicou —, bolo de frutas cristalizadas, bolo de frutas cristalizadas à moda da casa e mousse vermelha e verde. Wednesday a olhou bem nos olhos e disse que queria provar o bolo de frutas cristalizadas à moda da casa. Shadow não quis sobremesa.

— Agora, em matéria de golpe — começou Wednesday —, o do Violino deve ter uns trezentos anos ou mais. E, se você escolher bem o

trouxa, conseguiria aplicá-lo amanhã mesmo em qualquer lugar do país.

— Achei que você tivesse dito que o seu trambique preferido já não funcionava mais — comentou Shadow.

— E é verdade. Apesar de eu gostar muito dele, o Golpe do Violino não é o meu preferido. Ele é interessante, divertido, mas não é meu preferido. Não, o meu preferido era um chamado Jogo do Bispo. Tinha de tudo: adrenalina, subterfúgio, praticidade, surpresa. Talvez, quem sabe de tempos em tempos, talvez com algumas adaptações, pode ser que... — Ele pensou por um instante e balançou a cabeça. — Não. O tempo dele acabou. Digamos que estamos em 1920, em uma cidade de médio ou grande porte. Pode ser Chicago, ou Nova York, ou Filadélfia. Entramos em uma joalheria. Um sujeito com roupas de homem de Deus, e não qualquer homem de Deus: um bispo, de batina roxa. Ele entra e escolhe um colar, uma peça linda e gloriosa, toda de pérolas e diamantes, e paga com uma dúzia de notas de cem dólares novinhas.

“A nota de cima do maço tem uma mancha de tinta verde, e, apesar de pedir desculpas, o dono da loja insiste em enviar um funcionário com as notas até o banco da esquina, para verificar a autenticidade delas. Pouco depois, o funcionário volta. O banco disse que nenhuma é falsa. O dono pede desculpas de novo, e o bispo é muito educado, compreende perfeitamente a situação, sabe que hoje em dia existem tantos tipos sem lei e sem Deus, tanta imoralidade e tanta indecência à solta pelo mundo... sem falar nas mulheres sem-vergonha, e, agora que o submundo rastejou para fora da sarjeta e veio viver na tela dos cinematógrafos, o que mais se poderia esperar? O colar é guardado no estojo, e o dono da loja faz o possível para não ficar se perguntando por que um bispo da Igreja compraria um colar de diamantes de mil e duzentos dólares, ainda por cima usando dinheiro vivo.

“O bispo dá um adeus animado e vai embora, e então uma mão pesada aperta seu ombro. ‘Ora, Soapy, seu danado, veio dar mais um dos seus velhos golpes, é?’ Um guarda corpulento com um rosto de irlandês honesto leva o bispo de volta para a joalheria, então chega até o joalheiro e pergunta: ‘Com licença, por acaso este homem comprou algo do senhor agora há pouco?’ O bispo não demora a responder: ‘Mas é claro que não!’, então se vira para o joalheiro e pede: ‘Diga a ele que eu não comprei nada.’ Mas o joalheiro responde: ‘Comprou, sim. Comprou um colar de diamantes e pérolas. E pagou em dinheiro.’ O guarda, por sua vez, retruca: ‘O senhor está com as notas à mão? Pode me mostrar?’

“O joalheiro pega as doze notas de cem dólares da caixa registradora e as entrega ao guarda, que as examina contra a luz e balança a cabeça, admirado. ‘Ah, Soapy! Meu caro, estas são as melhores que você já fez! Você é um baita de um artista mesmo!’

“O bispo abre um sorriso satisfeito, então diz: ‘Você não tem como provar nada. E o banco falou que são verdadeiras. Verdinhas genuínas.’ O

guarda não se priva da resposta: ‘Claro que falou’, concorda, ‘mas duvido que o banco tenha sido alertado de que Soapy Sylvester estava na praça, ou mesmo da qualidade das falsificações que ele passou em Denver e em St. Louis.’ Com isso, o guarda enfia a mão no bolso da batina do bispo e pega o colar. ‘Ora, um colar de diamantes e pérolas de mil e duzentos dólares em troca de cinquenta centavos gastos em tinta e papel’, comenta o policial, um sujeito que obviamente tem alma de filósofo. ‘E ainda por cima se passando por homem de Deus. Você devia se envergonhar!’ Ele algema o bispo, que obviamente não é bispo coisa nenhuma, e o leva embora, mas não sem antes entregar um recibo pelo colar e pelos mil e duzentos em notas falsas. Afinal de contas, são evidências.”

— E eram mesmo falsas? — perguntou Shadow.

— Claro que não! Notas novinhas, recém-saídas do banco, só com uma impressão digital e uma mancha de tinta verde em algumas, para deixá-las um pouco mais interessantes.

Shadow bebeu o café. Era pior do que o café da cadeia.

— Então o guarda obviamente não era guarda. E o colar?

— Levado como evidência — lembrou Wednesday. Ele abriu a tampa do saleiro e despejou um montinho de sal na mesa. — Mas o joalheiro fica com um recibo e a garantia de que o colar será devolvido assim que Soapy for sentenciado. Ele é parabenizado por ser um bom cidadão e fica lá parado, olhando, cheio de orgulho e já pensando na história que vai contar na reunião dos Oddfellows, na noite seguinte, enquanto o policial leva o homem que fingia ser bispo, com mil e duzentos dólares em um bolso e um colar de diamantes de mil e duzentos dólares no outro, a caminho de uma delegacia que nunca vai ver nem o cheiro dos dois.

A garçonete tinha voltado para limpar a mesa.

— Diga, minha querida — começou Wednesday. — Você é casada?

A menina balançou a cabeça.

— Fico espantado em saber que uma jovem tão linda ainda não foi fisgada.

Wednesday rabiscava com a unha no sal espalhado sobre a mesa, fazendo traços grosseiros e largos que lembravam runas. A garçonete estava parada a seu lado, impassível, lembrando a Shadow menos um cervo e mais um jovem coelho capturado pelo farol de uma carreta, paralisado pelo medo e pela indecisão.

Wednesday baixou tanto a voz que Shadow, do outro lado da mesa, mal conseguiu escutar:

— A que horas você sai do trabalho?

— Às nove — respondeu a menina, engolindo em seco. — Nove e meia, no máximo.

— E qual é o melhor hotel da região?

— Tem o Hotel 6 — respondeu ela. — Mas não é grande coisa.

Wednesday encostou na mão dela de leve, com a ponta dos dedos, deixando grãos de sal em sua pele. A garota não fez a menor menção de limpá-los.

— Para nós — retrucou ele, em um murmúrio quase inaudível —, será um palácio de prazer.

A garçoneite o encarou. Mordeu os lábios finos, hesitou, mas por fim assentiu e saiu correndo para a cozinha.

— Ah, qual é? — protestou Shadow. — Ela não deve nem ser maior de idade.

— Eu nunca me preocupei muito com legalidade e essas coisas — retrucou Wednesday. — Desde que eu consiga o que quero. As noites às vezes podem ser longas e frias. E eu preciso dela, não porque a quero especificamente, mas porque preciso despertar um pouco. Até o rei Davi sabia da receita mais comum para fazer o sangue quente voltar a fluir por um corpo velho: tome uma virgem e, se não melhorar, procure um médico na manhã seguinte.

Shadow se perguntou se a recepcionista do turno da noite no hotel de Eagle Point era virgem.

— Você não tem medo de pegar alguma doença? — perguntou. — E se você engravidar a menina? E se ela tiver um irmão?

— Não. Eu não ligo para doenças. Não pego essas coisas. Pessoas como eu não se misturam com elas. Infelizmente, pessoas como eu também costumam ser estéreis, então não dá para ter muita miscigenação. Acontecia mais nos velhos tempos. Hoje em dia é até possível, mas tão improvável que chega a ser quase inconcebível. Então não tem risco nenhum. E muitas meninas têm irmãos e pais. Algumas têm até maridos. Não é problema meu. Em noventa e nove por cento dos casos, eu não fico tempo o bastante na cidade.

— Então vamos passar a noite aqui?

Wednesday esfregou o queixo.

— Vou ficar no Hotel 6 — lembrou. Em seguida, enfiou a mão no bolso do casaco. Tirou uma chave bronze com um cartãozinho de papelão onde se lia um endereço: NORTHRIDGE RD, 502, APT. 3. — Tem um apartamento à sua espera em uma cidade meio longe daqui. — Wednesday fechou os olhos por um instante, então os abriu: eram cinzentos, reluzentes e levemente desiguais. Continuou: — Vai passar um ônibus de viagem nesta cidade em vinte minutos. E vai fazer uma parada no posto de gasolina. Aqui está a passagem.

Ele retirou uma passagem de ônibus dobrada do bolso e a empurrou pela mesa. Shadow a pegou e a examinou.

— Quem é Mike Ainsel? — perguntou. Era o nome na passagem.

— Você. Feliz Natal.

— E onde é Lakeside?

— Seu lar, doce lar pelos próximos meses que temos pela frente. E, agora, já que as coisas boas sempre vêm em grupos de três...

Ele tirou um pequeno embrulho do bolso e o colocou na mesa, ao lado do pote de ketchup com manchas escuras de molho endurecido na tampa. Shadow não fez menção de pegá-lo.

— E aí?

Relutante, ele rasgou o papel de presente vermelho, revelando uma carteira marrom-clara de couro de novilho, mas velha. Com certeza pertencia a outra pessoa. Dentro havia uma carteira de motorista com uma foto de Shadow e o nome Michael Ainsel, junto com um endereço em Milwaukee; um MasterCard do sr. M. Ainsel; e vinte notas novas de cinquenta dólares. Shadow fechou a carteira e a guardou no bolso interno do casaco.

— Obrigado.

— Considere isso um bônus de Natal. Agora permita-me acompanhá-lo até o ônibus. Estarei lá para saudá-lo quando você sair cavalcando o cão cinzento rumo ao norte.

Os dois foram embora. Shadow mal acreditava em como a temperatura caíra nas últimas horas. Já parecia frio demais até para nevar. Um frio agressivo. Aquele seria um inverno ruim.

— Ei. Wednesday. Os dois golpes que você explicou, o do violino e o do bispo... do bispo com o guarda... — Ele hesitou, tentando organizar as ideias, formular o pensamento.

— O que tem eles?

Finalmente conseguiu:

— Eram golpes para duplas, certo? Um cara de cada lado. Você tinha um parceiro?

Sua respiração se condensava no ar. Shadow prometeu a si mesmo que, quando chegasse a Lakeside, gastaria parte do bônus de Natal no casaco mais quente e grosso que o dinheiro pudesse comprar.

— Sim — respondeu Wednesday. — É verdade. Eu tinha um parceiro. Um sócio mais jovem. E é triste, mas esse tempo não volta mais. Olha, *ali* está o posto de gasolina, e *ali*, a menos que minha visão esteja me pregando peças, está o ônibus. — O deus já tinha ligado a seta, sinalizando que entraria no estacionamento. — Seu endereço está na chave. Se alguém perguntar, eu sou seu tio. Estou por aí aproveitando a vida sob o nome improvável de Emerson Borson. Acomode-se em Lakeside, Ainsel, meu sobrinho querido. Busco você daqui a uma semana. Vamos viajar juntos. Visitar umas pessoas que preciso visitar. Enquanto isso, mantenha a cabeça baixa e tente não se meter em problemas.

— E o meu carro...?

— Vou cuidar direitinho dele. Aproveite Lakeside.

Wednesday estendeu a mão, e Shadow a apertou. A mão do deus era mais fria do que a de um cadáver.

— Nossa, você está gelado — comentou Shadow.

— Então, quanto antes eu fizer a velha recriação do monstro de duas costas com a delicinha lá do restaurante no quarto mais isolado do Hotel 6, melhor.

O deus levantou a outra mão e apertou o ombro de seu funcionário.

Por um momento atordoante, Shadow teve uma visão dupla: via o homem grisalho que o encarava e apertava o seu ombro, mas também algo mais: muitos invernos, centenas e centenas de invernos, e um homem cinzento com chapéu de abas largas apoiando-se em um cajado, indo de aldeia em aldeia, olhando pelas janelas para a luz de lareiras, para alegrias e vidas incandescentes que ele jamais poderia tocar, jamais poderia sentir...

— Vá — disse Wednesday, num rugido reconfortante. — Está tudo bem, e tudo está bem, e tudo vai ficar bem.

Shadow apresentou a passagem à motorista.

— Que dia para viajar, hein? — comentou ela. Depois acrescentou, com uma satisfação um tanto cínica: — Feliz Natal.

O ônibus estava quase vazio.

— Quanto tempo até Lakeside? — perguntou Shadow.

— Duas horas. Talvez um pouco mais — respondeu. — Estão dizendo que vem frente fria por aí.

Ela apertou um botão, e as portas chiaram e se fecharam com um baque.

Shadow andou até o meio do ônibus, reclinou o encosto o máximo possível e começou a pensar. O balanço do ônibus e o calor do ambiente se uniram para niná-lo, e, sem se dar conta de que sequer estava ficando com sono, ele dormiu.

Dentro da terra e debaixo da terra. As marcas na parede tinham o tom vermelho de argila úmida: marcas de mãos, marcas de dedos e, aqui e ali, representações grosseiras de animais e pessoas e aves.

A fogueira ainda ardia, e o homem-búfalo continuava sentado do outro lado da fogueira, fitando Shadow com aqueles olhos enormes, olhos que pareciam poços de lama escura. Os lábios de búfalo, envoltos por uma pelagem marrom densa, não se moveram quando a voz de búfalo perguntou:

— E então, Shadow? Já acredita?

— Não sei — respondeu Shadow. E reparou que a própria boca também não tinha se mexido. As palavras que os dois trocavam não estavam sendo faladas, ao menos não segundo a ideia de fala que ele conhecia. — Você é real?

— Acredite — insistiu o homem-búfalo.

— Você é... — Shadow hesitou e, por fim, perguntou: — Você também é um deus?

O homem-búfalo passou uma das mãos em meio às chamas e tirou dali um ferrete incandescente. Ele segurou o ferrete bem pelo meio. Labaredas azuis e amarelas acariciavam sua mão vermelha, mas não o queimavam.

— Esta não é uma terra de deuses — declarou o homem-búfalo.

Mas Shadow sabia, no sonho, que já não era o homem-búfalo quem falava: era o fogo, eram os estalos e o calor da própria chama que se dirigiam a ele, naquele lugar escuro sob a terra.

— Esta terra, um mergulhador a ergueu das profundezas do oceano — disseram as chamas. — Uma aranha a teceu a partir da própria essência da terra. Um corvo a defecou. Esta terra é o corpo tombado de um pai, seus ossos são montanhas, seus olhos são lagos.

A voz das chamas fez uma pausa, então completou:

— Esta é uma terra de sonhos e de fogo.

O homem-búfalo devolveu o ferrete à fogueira.

— Por que você está me contando isso? — perguntou Shadow. — Eu não sou importante. Não sou nada. Eu até que era um preparador físico razoável, além de um péssimo criminoso de primeira viagem, e talvez não tenha sido um marido tão bom quanto imaginava...

Ele se perdeu em pensamentos e parou de falar.

— Como posso ajudar Laura? — perguntou ao homem-búfalo, depois de um tempo. — Ela quer viver outra vez. E eu falei que ajudaria. Devo isso a ela.

O homem-búfalo não respondeu. Ele ergueu a mão, a palma suja de fuligem voltada para Shadow, e com o dedo indicador apontou para o teto da caverna. Shadow acompanhou o gesto com os olhos. No alto, uma abertura minúscula e distante deixava passar uma luminosidade débil e fria.

— Para cima? — perguntou Shadow, em busca de respostas para algumas das suas perguntas. — Tenho que ir lá para cima?

Então o sonho o levou, a ideia se tornando a própria coisa acontecendo, e Shadow foi jogado para dentro da rocha e da terra. Ele era uma toupeira tentando atravessar a terra, era um texugo escavando a terra, era uma marmota afastando a terra do caminho, era um urso... mas a terra estava dura demais, densa demais, e era difícil respirar, e em pouco tempo não conseguia avançar mais, não conseguia escavar e subir mais, e foi naquele momento que soube que morreria bem ali, em algum lugar nas profundezas do mundo.

Sua própria força não bastava. Seus esforços se debilitaram. Shadow sabia que, embora seu corpo estivesse dentro de um ônibus quente, cruzando florestas geladas, se ele parasse de respirar ali, debaixo do mundo, também pararia de respirar lá, e sua respiração ia saindo cada vez mais ofegante.

Ele se debatia, tinha cada vez menos força, e cada movimento consumia seu precioso ar. Estava preso: não podia avançar mais, e não podia voltar por onde tinha vindo.

— É hora de negociar — anunciou uma voz em sua mente. Talvez tenha sido sua própria voz. Ele não sabia dizer.

— Mas o que eu tenho a oferecer numa negociação? — perguntou Shadow. — Não tenho nada.

Sentia o gosto de argila, pesada e lamacenta; sentia o sabor mineral marcante das rochas que o cercavam.

E, por fim, Shadow disse:

— Só a mim mesmo. Eu tenho a mim mesmo, não é?

Parecia que tudo tinha prendido a respiração — não apenas Shadow, mas todo aquele mundo subterrâneo, cada minhoca, cada fenda, cada caverna.

— Ofereço a mim mesmo — declarou.

A reação foi imediata. As rochas e a terra que o cercavam começaram a pressionar seu corpo, apertando-o com tanta força que arrancaram o que restava de ar em seus pulmões. A pressão virou dor, empurrando-o por todos os lados, e Shadow sentiu uma pressão intensa e esmagadora, uma samambaia transformando-se em carvão. Atingiu o auge da dor e assim ficou, ciente de que não aguentaria mais, de que ninguém conseguiria aguentar mais do que aquilo — e, naquele momento, o espasmo cedeu e Shadow voltou a respirar. A luz acima dele só aumentava.

Estava sendo empurrado para a superfície.

Quando veio outro espasmo de terra, Shadow tentou acompanhá-lo. Dessa vez, sentiu que era empurrado para cima, empurrado pela pressão da terra, expelido, sendo levado para mais perto da luz. Então parou um instante para tomar fôlego.

Os espasmos o levavam, o sacudiam, e eram cada vez mais fortes, cada vez mais dolorosos.

Shadow girava e se revirava, e seu rosto estava sendo empurrado por uma abertura, um vão na rocha que era pouco maior do que sua mão e que deixava passar uma luz cinzenta e fraca e um pouco de ar, um ar abençoado.

A dor dessa última contração terrível foi absolutamente inacreditável, e ele se sentiu sendo espremido, esmagado e empurrado por aquela fenda rígida na rocha, e seus ossos se destroçaram, e sua carne ficou disforme e serpentina, e, quando a boca e a cabeça devastada passaram pelo buraco, ele começou a gritar de medo e dor.

Shadow se perguntou, enquanto gritava, se no mundo real também estaria gritando — se estava gritando enquanto dormia no fundo daquele ônibus escuro.

E, quando o último espasmo terminou, Shadow estava no chão, agarrando a terra vermelha, cheio de gratidão por a dor ter acabado e ele

ter conseguido voltar a respirar, sorvendo profundamente bocados de ar quente do entardecer.

Ele se sentou, limpou a terra do rosto com a mão e olhou para o céu. Viu um crepúsculo extenso e roxo, as estrelas surgindo, uma a uma — estrelas muito mais luminosas e vívidas do que qualquer outra que ele já tinha visto ou imaginado.

A voz estalada das chamas se pronunciou, por trás de Shadow:

— Falta pouco para elas caírem. Vão cair, e o povo das estrelas vai encontrar o povo da terra. Haverá heróis entre eles, além de homens que aniquilarão monstros e trarão conhecimento, mas nenhum deles será um deus. Este lugar é ruim para os deuses.

Uma lufada de um ar surpreendentemente frio tocou o rosto de Shadow. Era como mergulhar em água gelada. Ouviu a voz da motorista dizendo que tinham chegado a Pinewood, e que, se alguém precisar fumar ou quiser esticar as pernas, iam fazer uma parada de dez minutos antes de voltar para a estrada.

Shadow saiu do ônibus aos tropeços. Tinha parado em mais um posto de gasolina, quase idêntico àquele onde embarcara. A motorista guardava as malas de duas adolescentes no compartimento de bagagem.

— Ei — chamou a motorista, ao ver Shadow. — Você vai saltar em Lakeside, não vai?

Ainda sonolento, ele confirmou.

— Nossa, aquela cidade é ótima — disse ela. — Acho que, um dia, se eu decidisse largar tudo, eu me mudaria para Lakeside. É a cidade mais bonita que eu já vi. Você mora lá faz tempo?

— É minha primeira vez lá.

— Então, coma uma *pasty* na Mabel's por mim, ok?

Shadow decidiu não perguntar por quê.

— Ei, por acaso eu falei enquanto dormia? — perguntou ele.

— Se falou, eu não escutei. — A mulher olhou para o relógio. — Vamos voltar para o ônibus. Eu aviso quando chegarmos a Lakeside.

As duas meninas — Shadow duvidava que tivessem mais de catorze anos — que haviam embarcado em Pinewood estavam no banco na frente do dele. Ouvindo a conversa sem querer, concluiu que as duas eram amigas, não irmãs. Uma não sabia quase nada sobre sexo, mas sabia muito sobre animais e ajudava ou passava muito tempo em algum abrigo, enquanto a outra não tinha o menor interesse por animais, mas, munida de uma miríade de informações obtidas em buscas na internet e na programação diária da TV, achava que era uma grande conhecedora da sexualidade humana. Shadow escutou com um fascínio horrorizado e divertido enquanto a menina que se achava entendida descrevia em detalhes como tabletes de efervescente podiam aprimorar o sexo oral.

Ficou ouvindo enquanto as duas — a menina que gostava de animais e a que sabia por que o efervescente Alka-Seltzer era melhor para fazer sexo oral do que, sei lá, Altoids — falavam mal da então Miss Lakeside, que, tipo, todo mundo sabia que só tinha colocado aquelas mãos nojentas na coroa e na faixa porque deu mole para os jurados.

Shadow passou a ignorá-las, se desligando de tudo que não fosse o barulho da estrada, e apenas fragmentos da conversa chegavam, de vez em quando.

Sabe, o Goldie é um cachorro muito bonzinho, e ele era meio que um retriever puro, e eu queria que meu pai deixasse, porque, tipo, ele balança o rabo sempre que me vê.

É Natal, ele vai ter que me deixar usar a motoneve.

Aí você escreve o seu nome com a língua na lateral do negócio dele.

Sinto saudade do Sandy.

É, eu também.

Anunciaram quinze centímetros para hoje à noite, mas eles só inventam. Ficam inventando as previsões e ninguém fala nada...

Os freios do ônibus guincharam, a motorista gritou “Lakeside!”, e as portas se abriram. Shadow desceu com as meninas no que imaginou que servisse de parada de ônibus intermunicipais na cidade, o estacionamento bem iluminado de uma videolocadora que também funcionava como salão de bronzeamento artificial. O ar estava terrivelmente frio, mas era um frio revigorante. Isso acordou Shadow. Ele olhou para as luzes da cidade a sul e a oeste e para a amplidão pálida de um lago congelado a leste.

As meninas estavam paradas no estacionamento, agitando as pernas e soprando as mãos de forma exagerada. Uma delas, a mais nova, deu uma olhada de esguelha para Shadow e sorriu sem graça quando percebeu que ele a viu fazendo aquilo.

— Feliz Natal — disse Shadow. Parecia um comentário seguro.

— É — disse a outra menina, cerca de um ano mais velha —, feliz Natal para você também.

A mais velha tinha cabelo ruivo alaranjado e nariz curto coberto por umas cem mil sardas.

— Cidade legal, essa de vocês — comentou Shadow.

— A gente gosta — respondeu a mais nova. Era a que gostava de animais. Ela deu um sorriso tímido, revelando um aparelho com elásticos azuis nos dentes da frente. — Você me lembra alguém — comentou, pensativa. — Você é irmão de alguém, ou filho de alguém, ou algo do tipo?

— Como você é tonta, Alison — interveio a outra. — Todo mundo é filho, ou irmão, ou algo de alguém.

— Não foi isso o que eu quis dizer — retrucou Alison.

Por um instante branco e luminoso, os três foram banhados por luzes de farol. Por trás dos faróis estava uma minivan dirigida por uma mãe, que

levou embora as meninas e suas malas em questão de segundos, deixando Shadow sozinho no estacionamento.

— Rapaz? Posso ajudar em alguma coisa? — O velho estava fechando a videolocadora. Ele guardou as chaves. — A loja não abre no Natal — explicou a Shadow, animado. — Mas eu venho na hora do ônibus. Para ver se está tudo bem. Ia me sentir péssimo se algum pobre coitado se perdesse em pleno Natal e eu não estivesse aqui para ajudar.

Estava perto o bastante para que Shadow visse o rosto dele. Um rosto velho mas satisfeito: o rosto de um homem que havia comido o pão que o diabo amassou e descoberto que, no fim das contas, era um croissant, e dos bons.

— Bom, você poderia me dar o telefone de uma cooperativa de táxi daqui — sugeriu Shadow.

— Eu *poderia* — respondeu o velho, incerto —, mas Tom já deve estar na cama a esta hora da noite, e, mesmo que você conseguisse acordá-lo, não adiantaria muito. Eu o vi no bar hoje mais cedo, e ele estava muito alegrinho. Muito mesmo. Aonde você quer ir?

Shadow lhe mostrou o endereço preso à chave.

— Olha, fica a uns dez, vinte minutos de caminhada daqui, passando pela ponte e depois dando a volta. Mas não tem graça andar com este frio, e já reparou que sempre parece mais longe quando você não sabe para onde está indo? A primeira vez leva uma eternidade, mas nas outras você chega rapidinho.

— É — concordou Shadow. — Nunca tinha visto por esse ângulo. Mas acho que você tem razão.

O velho assentiu. O rosto se abriu em um sorriso rachado.

— Ora, é Natal. Eu e Tessie podemos levar você lá.

— Tessie? — perguntou Shadow, e logo depois acrescentou: — Quer dizer, obrigado.

— De nada.

Shadow seguiu o velho até a rua, onde um conversível antigo enorme estava estacionado. Parecia o tipo de carro que gângsteres teriam orgulho de dirigir, nos Loucos Anos 1920, com estribos de ferro e tudo o mais. Sob as lâmpadas de sódio, a cor da lataria escura poderia ser tanto vermelho quanto verde.

— Esta é a Tessie — anunciou o velho. — Não é uma beleza?

Ele deu um tapinha possessivo na parte onde o capô se encurvava acima do pneu dianteiro direito.

— Que modelo é? — perguntou Shadow.

— É um Wendt Phoenix. A Wendt faliu em 1931, e a Chrysler comprou a marca, mas nunca mais fabricou nenhum carro desse modelo. O fundador da empresa, Harvey Wendt, era daqui da região. Ele se mudou para a Califórnia e se matou em... hã, 1941, 1942. Uma tragédia.

O carro tinha cheiro de couro e um aroma mais antigo de fumaça de cigarro — não era um cheiro novo; era como se, ao longo dos anos, tantas pessoas tivessem fumado tantos cigarros e charutos dentro do carro que o cheiro de tabaco queimado se transformara em parte da essência do veículo. O velho virou a chave na ignição, e Tessie pegou de primeira.

— Amanhã ela vai para a garagem — comentou o velho. — Vou cobrir minha menina com uma capa, e ela vai ficar lá até a primavera. Para falar a verdade, eu nem devia estar com ela na rua, tem muita neve no chão.

— Ela não anda bem na neve?

— Ah, anda, sim. O problema é o sal que colocam na rua, para derreter a neve. Deixa essas belezinhas antigas enferrujadas muito mais rápido do que você imagina. Vamos direto, ou você quer um tour completo pela cidade sob o luar?

— Não quero incomodar...

— Não é incômodo nenhum. Na minha idade, a gente tem que agradecer quando consegue tirar um cochilo que seja. Hoje em dia, fico feliz se conseguir dormir cinco horas por noite... É só acordar que a minha cabeça começa a trabalhar e não para mais. Nossa, mas eu nem me apresentei! Assim parece que minha mãe não me deu educação! Meu nome é Hinzelmann. Eu até diria que você pode me chamar de Richie, mas o pessoal daqui dessas bandas me chama só de Hinzelmann mesmo. Eu apertaria a sua mão, mas preciso das duas para dirigir a Tessie. Ela fica chateada quando não lhe dou atenção.

— Mike Ainsel — apresentou-se Shadow. — É um prazer, Hinzelmann.

— Muito bem, vamos contornar o lago. Tour completo!

A principal via da cidade, onde os dois homens estavam, era uma rua bonita, mesmo de noite, e tinha um ar antigo — mas no melhor sentido da palavra, como se tivesse sido importante para os moradores durante muito tempo, e ninguém ali estivesse com muita pressa de perder algo tão estimado.

Hinzelmann lhe indicou os dois restaurantes da cidade quando passaram em frente a eles (um de comida alemã e um cuja comida ele descreveu como “grega, norueguesa, um pouco de tudo... e vem um *popover* em todos os pratos”), e também a padaria e a livraria (“Eu sempre achei que não tem como uma cidade ser uma cidade de verdade se não tiver uma livraria. Pode até levar o título de cidade, mas, se não tiver uma livraria, ela sabe muito bem que não engana ninguém”). Ele desacelerou a Tessie quando passaram na frente da biblioteca, para Shadow dar uma olhada. Antigas lâmpadas a gás bruxuleavam acima do batente da porta, e Hinzelmann as indicou, muito orgulhoso.

— A biblioteca foi construída em 1870 por um sujeito chamado John Henning, um magnata da região, do ramo madeireiro. Queria que o lugar fosse chamado de Henning Memorial Library, mas, depois que ele morreu,

o pessoal daqui começou a chamar a biblioteca de Lakeside Library, e acho que vai ser esse nome até o fim dos tempos. Não é uma maravilha?

Ele não conseguiria sentir mais orgulho da biblioteca, nem se ele mesmo a tivesse construído. Shadow achou que o prédio parecia um castelo, e foi o que disse.

— Isso mesmo! — concordou Hinzelmann. — Tem até torretas. Foi intencional. Henning queria que a construção fosse assim por fora. Lá dentro ainda tem as estantes originais de pinho. Miriam Shultz quer arrancar tudo lá de dentro e modernizar as instalações, mas o lugar é tombado, então não tem nada que ela possa fazer.

Foram contornando o lado sul do lago. A cidade se estendia ao seu redor, uns dez metros abaixo do nível da rua. Shadow via blocos de gelo branco pela superfície, e em alguns pontos um pedaço brilhante de água refletia as luzes da cidade.

— Ih, parece que a água está congelando — comentou.

— Já faz um mês que o lago congelou — respondeu Hinzelmann. — As partes mais opacas são montinhos de neve, e os pontos brilhantes são gelo. Congelou logo depois do Dia de Ação de Graças. Foi uma noite fria, e ficou uma camada de gelo lisa feito vidro. Você pesca no gelo, senhor Ainsel?

— Nunca pesquei.

— Ah, é a melhor coisa para um homem. Nem tanto pelo peixe, mas pela paz de espírito que a gente leva para casa no fim do dia.

— Ah, vou me lembrar disso. — Shadow ficou observando o lago pela janela da Tessie. — Será que já dá para andar em cima?

— Dá para andar em cima. Dá para dirigir também, mas eu não arriscaria, não. Faz seis semanas que está fazendo frio aqui em cima. Se bem que temos que levar em conta que as coisas congelam mais e mais rápido aqui no norte do Wisconsin do que em muitos lugares. Eu saí para caçar uma vez, tinha ido caçar cervos... isso há uns trinta, quarenta anos... então eu atirei em um veado e errei, e ele saiu em disparada pela floresta. Foi lá do lado norte do lago, perto de onde você vai ficar, Mike. Nossa, era o bicho mais bonito que eu já vi, tinha uma galhada enorme, de vinte pontas, e era do tamanho de um cavalo pequeno, juro. Na época, eu era mais novo e mais corajoso do que agora, e, apesar de ter começado a nevar antes do Dia das Bruxas naquele ano, era Dia de Ação de Graças, e o chão estava cheio de neve fresca, recém-caída, então dava para ver as pegadas do bicho. Parecia que o grandalhão estava fugindo para o lago, apavorado.

“Bem, só um idiota iria atrás de um cervo, mas lá fui eu, o idiota, correndo atrás dele, e lá estava o bicho, parado no meio do lago, uns vinte centímetros de água cobrindo as patas, e ele estava olhando bem para mim. E, naquele instante, o sol se escondeu atrás de uma nuvem, e o gelo chegou. A temperatura deve ter caído uns quinze graus em dez minutos, sem

brincadeira. E aquele cervo velho se preparou para sair correndo, mas não conseguiu nem sair do lugar. Ficou paralisado no meio do gelo.

“E eu só fui andando até ele, bem devagar. Dava para ver que o bicho queria correr, mas não tinha a menor condição, com os pés congelados daquele jeito. Só que eu não tenho coragem de matar um animal indefeso, não se ele não tiver como escapar. Que tipo de homem faz uma coisa dessas, hein? Então eu peguei minha espingarda e disparei um cartucho inteiro para o alto.

“Bem, o barulho foi ensurdecedor, e o susto foi tão grande que o bicho correu até do próprio couro. E foi exatamente isso que aconteceu, já que ele estava com as patas presas no gelo. O grandalhão deixou o couro e a galhada para trás, presos no gelo, e saiu correndo para a floresta, todo rosa como um bebê de rato, tremendo sem parar.

“Fiquei me sentindo tão mal que convenci o Clube de Tricô da Terceira Idade a tricotar uma roupa bem quentinha para ele usar no inverno, e elas fizeram um negócio de lã enorme de uma peça, para o veado não morrer de frio. E claro que foi a gente quem levou a pior, porque elas fizeram o negócio todo de lã laranja berrante, para nenhum caçador atirar nele. Os caçadores daqui usam roupa laranja na temporada de caça — acrescentou, prestativo. — E, se você duvidar de qualquer parte da história, posso provar que é tudo verdade. Tenho a galhada até hoje exposta na minha sala de estar.”

Shadow deu risada, e o velho abriu o sorriso satisfeito de um grande artífice. Pararam diante de um prédio de tijolinhos, com uma varanda enorme de madeira, onde lâmpadas natalinas douradas piscavam, convidativas.

— Esse é o cinco-zero-dois — disse Hinzelmann. — O apartamento três fica no último andar, do outro lado, com vista para o lago. Você está entregue, Mike.

— Obrigado, senhor Hinzelmann. Posso ajudar com a gasolina?

— É só Hinzelmann. E você não me deve nem um centavo. Eu e Tessie lhe desejamos um feliz Natal.

— Tem certeza de que não posso oferecer nada?

O velho coçou o queixo.

— Vamos fazer o seguinte: um dia desses, lá pela semana que vem, venho aqui fazer uma visita e vender uns números. Da rifa. É para a caridade. Por enquanto, meu jovem, pode ir para cama.

Shadow abriu um sorriso.

— Feliz Natal, Hinzelmann.

O velho cumprimentou Shadow com sua mão dura e calejada como um ramo de carvalho, os nós dos dedos avermelhados.

— Ande com cuidado até o prédio, ouviu? O chão está escorregadio. Dá para ver a porta do seu apartamento daqui. Fica ali do lado, está vendo?

Vou esperar aqui no carro até você entrar. Só me faça um sinal de positivo se chegar bem, que aí eu vou embora.

Ele deixou o Wendt em ponto morto até Shadow subir a escada de madeira na lateral do edifício e abrir a porta do apartamento. Shadow fez um sinal de positivo, e o velho deu a partida no Wendt — *na Tessie*, pensou Shadow, e a ideia de um carro com nome o fez sorrir outra vez —, e os dois manobriram e voltaram pela ponte.

Shadow fechou a porta. O lugar estava gelado. Cheirava a gente que partira para viver outras vidas e a tudo que essas pessoas tinham comido e sonhado. Encontrou o termostato e o girou até programá-lo para vinte graus. Entrou na cozinha minúscula, conferiu as gavetas e abriu a geladeira cor de abacate, mas ela estava vazia. O que não foi nenhuma surpresa. Pelo menos não cheirava a mofo e parecia limpa.

Encontrou um colchão sem lençóis em um quartinho ao lado da cozinha, junto de um banheiro ainda menor, quase todo ocupado por um boxe de chuveiro. Uma velha guimba de cigarro boiava dentro do vaso, e a água estava turva. Shadow deu a descarga.

Achou um jogo de lençóis e cobertores dentro de um armário e fez a cama. Então tirou os sapatos, o casaco e o relógio e se deitou ainda vestido, ponderando quanto tempo levaria até conseguir se esquentar.

As luzes estavam apagadas, e o silêncio era quase total, exceto pela vibração da geladeira e por um rádio tocando em algum lugar do prédio. Shadow ficou ali, deitado, no escuro, sem saber se tinha perdido o sono depois do cochilo no ônibus, e se a fome e o frio e a cama nova e a loucura das últimas semanas teriam se aliado para mantê-lo acordado.

No silêncio, escutou um estalo — parecia um tiro. Achou que fosse um galho quebrando ou o gelo. Fazia muito frio.

Shadow se perguntou quanto tempo teria que esperar até Wednesday vir buscá-lo. Um dia? Uma semana? Não importava quando seria, ele sabia que precisava se concentrar em alguma coisa até lá. Decidiu que voltaria a malhar e a treinar os truques e as empalmadas com moedas até conseguir fazê-los de olhos fechados (*Treine todos os truques*, cochichou alguém dentro de sua mente, uma voz que não era a dele. *Todos, menos um: não treine o truque que aquele pobre coitado do falecido Mad Sweeney lhe ensinou. Mad Sweeney, que morreu por causa das intempéries e do frio, por ter caído no esquecimento e por não ter mais qualquer função — aquele truque não. Ah, aquele não*).

Mas era uma boa cidade. Shadow podia sentir.

Pensou no sonho — se é que tinha sido um sonho — que teve naquela primeira noite em Cairo. Pensou em Zorya... como era mesmo o nome dela? A irmã da meia-noite. E então pensou em Laura...

Foi como se pensar nela tivesse aberto uma janela em sua mente. Podia vê-la. De alguma forma, podia ver sua falecida esposa.

Laura estava em Eagle Point, no quintal da enorme casa da mãe.

Estava parada, de pé, no frio que não sentia mais — ou que sentia o tempo todo —, atrás da casa que a mãe comprara em 1989 com o dinheiro que recebera do seguro depois que o pai de Laura, Harvey McCabe, faleceu — um ataque cardíaco fulminante enquanto fazia força na privada —, e Laura olhava lá para dentro, as mãos frias apoiadas no vidro que seu hálito não embaçava, vendo a mãe e a irmã e os filhos e o marido da irmã, que tinham vindo do Texas para o Natal. Na escuridão do lado de fora, era lá que Laura estava, incapaz de desviar o olhar.

Shadow sentiu as lágrimas brotando nos olhos e se virou na cama.

Wednesday, pensou, e, apenas com isso, outra janela se abriu, e agora ele estava em um canto do quarto no Hotel 6, observando duas figuras girando e se contorcendo no ambiente quase às escuras.

Sentiu-se bisbilhotando, então afastou seus pensamentos, obrigando-os a voltar para si. Foi imaginando imensas asas pretas voando pela noite em sua direção, viu o lago se abrir abaixo de si, enquanto o vento que soprava do Ártico inundava a terra com seu frio, obrigando tudo que ainda estava líquido a se tornar sólido com o toque de seus dedos gélidos, com vezes mais frios do que os de qualquer cadáver.

Sua respiração aos poucos desacelerou, e ele não sentia mais frio. Ouviu o vento cada vez mais forte, então um grito angustiado no edifício e, por um instante, pensou ter escutado palavras ao vento.

Se era para estar em algum lugar, podia muito bem ser ali mesmo, pensou. Então dormiu.

ENQUANTO ISSO. UMA CONVERSA.

DING DONG.

- Senhorita Crow?
- Eu.
- Samantha Black Crow?
- Isso.
- A senhorita se incomodaria se fizéssemos algumas perguntas?
- Na verdade, sim. Eu me incomodaria, sim.
- Não há necessidade de agir assim, moça.
- Vocês são da polícia? O que vocês são?
- Meu nome é Town. Meu colega aqui é o senhor Road. Estamos investigando o desaparecimento de dois dos nossos companheiros.
- E como eles se chamavam?
- O quê?
- Me diga o nome deles. Quero saber como eles se chamavam. Seus companheiros. Diga o nome deles, aí quem sabe eu ajudo vocês.
- Certo. Eles se chamavam senhor Stone e senhor Wood. Então, a senhorita pode responder algumas perguntas?
- Nossa, vocês olham para a primeira coisa que veem e decidem que vai ser o seu nome? “Ah, você vai ser o senhor Street e ele é o senhor Carpet. Agora cumprimentem o senhor Airplane”?
- Muito engraçado, mocinha. Primeira pergunta: precisamos saber se a senhorita viu este sujeito. Pode pegar a foto.
- Uau. Foto de frente e de perfil, com números embaixo... e grande. Mas ele é bonitinho. O que ele fez?
- Ele se envolveu em um assalto a banco em uma cidade pequena, alguns anos atrás. Era o motorista. Seus dois comparsas decidiram ficar com a pilhagem e o deixaram para trás. Ele ficou bravo. Encontrou os dois. Quase matou os ex-comparsas com as próprias mãos. O governo fez um acordo com os homens que ele feriu: os dois prestaram depoimento e receberam suspensão condicional da pena, e nosso Shadow aqui foi condenado a seis anos de prisão. Cumpriu três. Na minha opinião, a gente devia trancar esses tipos e jogar a chave fora.

— Nossa, eu nunca tinha ouvido ninguém falar isso na vida real. Pelo menos não em voz alta.

— Falar o quê, senhorita Crow?

— *Pilhagem*. Não é uma palavra que a gente escuta por aí. Talvez ainda se use nos filmes. Mas não na vida real.

— Isto não é um filme, senhorita Crow.

— Black Crow. Senhorita Black Crow. Meus amigos me chamam de Sam.

— Entendi, Sam. Muito bem, e quanto a este homem...

— Mas vocês não são meus amigos. Então podem me chamar de senhorita Black Crow.

— Olha aqui, sua metidinha de...

— Calma, senhor Road. A Sam... sinto muito. A senhorita Black Crow só quer ajudar. Ela é uma cidadã de bem.

— Moça, já sabemos que a senhorita ajudou Shadow. A senhorita foi vista com ele em um Chevy Nova branco. Pegando carona. E ele pagou o seu jantar. Sabe se ele disse alguma coisa que possa nos ajudar nessa investigação? Dois de nossos melhores homens estão desaparecidos.

— Eu não conheço esse cara.

— Conhece, sim. Por favor, não cometa o erro de achar que somos idiotas. Nós não somos idiotas.

— Entendi. Olha, eu conheço muita gente. Talvez tenha conhecido esse cara e não lembre mais.

— Sabe, mocinha, seria bom se a senhorita colaborasse.

— Caso contrário vocês vão ter que me apresentar aos seus amigos, o senhor Gun e o senhor Knife?

— Olha, a senhorita não está facilitando para o seu lado.

— Nossa! Foi mal. Bem, tem algo mais que eu possa fazer? Porque estou querendo dar um tchauzinho e fechar a porta, daí imagino que vocês dois vão entrar lá no senhor Car e ir embora.

— Sua falta de colaboração foi registrada, senhorita.

— Tchauzinho.

Clique.

CAPÍTULO

DEZ

*Vou contar todos os meus segredos
Mas sempre minto sobre o meu passado
Então pode me mandar para cama para sempre*

Tom Waits, “Tango Till They’re Sore”

UMA VIDA INTEIRA na escuridão, cercado de imundice. Foi com isso que Shadow sonhou naquela primeira noite em Lakeside. A vida de uma criança num tempo muito longínquo e num lugar muito distante, uma terra do outro lado do oceano, bem onde o sol se levanta. Mas não havia amanhecer algum naquela vida, só penumbra durante os dias e cegueira quando chegavam as noites.

Ninguém falava com ele. Ouvia vozes humanas vindas de fora, mas o que compreendia da fala humana não era muito mais do que aquilo que compreendia dos pios das corujas ou dos ganidos dos cachorros. Lembrou-se, ou achou que se lembrou, de uma noite há quase metade de uma vida antes, quando uma daquelas pessoas grandes entrou ali, em silêncio — não bateu nele nem o alimentou: pegou-o nos braços e o levou ao peito. A pessoa tinha um cheiro bom. Fez sons de ninar. Gotas de água quente caíram em seu rosto, escorrendo dos olhos dela. Ele sentiu medo, e, imerso em medo, berrou.

A pessoa o deitou de volta no palheiro, às pressas, e saiu da barraca, fechando a porta atrás de si.

Ele se lembrava daquele momento sempre com certo carinho, assim como se lembrava da doçura do repolho, do gosto ácido da ameixa, da crocância da maçã, das maravilhosas nuances gordurosas do peixe assado.

E agora ele via os rostos no brilho das chamas, todos assistindo enquanto ele era levado para fora da cabana pela primeira vez — a única vez. Então as pessoas eram daquele jeito. Criado em meio à escuridão, ele nunca tinha visto rostos. Tudo era muito novo. Muito estranho. A luz do fogo incomodava os olhos. As pessoas o puxaram pela corda enrolada em seu pescoço e o conduziram até o espaço entre as duas fogueiras, onde o homem o aguardava.

A primeira lâmina foi erguida sob a luz das chamas, um grito se ergueu da multidão em polvorosa, e a criança vinda da escuridão começou a rir junto, e como ria, de puro deleite e liberdade.

Então a lâmina desceu.

Shadow abriu os olhos e reparou em como estava com fome e com frio, dentro de um apartamento onde uma fina camada de gelo embaçava o vidro da janela. Achou que aquilo fosse resultado do congelamento de sua respiração. Saiu da cama, satisfeito por não precisar se vestir. Ao passar, raspou uma janela com a unha e sentiu o gelo acumular no dedo e virar água.

Tentou se lembrar do sonho, mas só se recordava de mistério e escuridão.

Calçou os sapatos. Pensou em andar até o centro — teria que atravessar a ponte na parte norte do lago, se bem lembrava a geografia da cidade. Vestiu o casaco fino, pensando na promessa que fizera a si mesmo de comprar um casaco bem quente de inverno, abriu a porta do apartamento e saiu para a varanda de madeira. O frio era de tirar o fôlego. Shadow inspirou, sentindo cada pelo das narinas congelar. A varanda oferecia uma bela vista do lago, as manchas cinza irregulares cercadas por uma imensidão branca.

Shadow tentou adivinhar a temperatura. A frente fria havia chegado, sem sombra de dúvida. Devia estar abaixo de zero, e a caminhada não seria agradável, mas Shadow tinha certeza de que conseguiria chegar ao centro sem grandes problemas. O que foi que Hinzelmann tinha dito mesmo? Dez minutos de caminhada? E Shadow era grande. Poderia andar a passos largos e se manter aquecido.

Saiu para o sul, na direção da ponte.

Em pouco tempo começou a tossir: uma tosse seca e curta, que aumentava à medida que o ar gélido chegava a seus pulmões. Em pouco tempo, as orelhas, o rosto e os lábios começaram a doer, logo seguidos pelos pés. Shadow enfiou as mãos sem luvas nos bolsos do casaco e as fechou bem apertado, tentando produzir algum calor. Ele se lembrou das histórias absurdas que Low Key Lyesmith contava sobre os invernos de Minnesota — sobretudo daquela envolvendo um caçador que precisou subir em uma árvore para escapar de um urso, num dia em que a temperatura estava bem abaixo de zero, e, para descer, pôs o pinto para fora e soltou um jato amarelo de urina fumegante, que congelou na mesma hora, e foi deslizando pelo poste firme de urina congelada até chegar ao chão. Shadow esboçou um sorriso com a lembrança e soltou mais uma tossida seca e dolorosa.

Um passo, e outro, e outro. Ele olhou para trás. O prédio não estava tão longe quanto tinha imaginado.

Viu que aquela caminhada tinha sido um erro. Mas já estava a três ou quatro minutos do apartamento, e já podia ver a ponte do lago. Tanto fazia seguir em frente ou voltar para casa (e depois? Pedir um táxi pelo telefone mudo? Esperar a primavera chegar? Lembrou a si mesmo que não havia comida no apartamento).

Continuou andando, revendo as próprias estimativas da temperatura. -20°C? -30°C? Quem sabe -40°C, aquele ponto estranho no termômetro

em que as escalas Celsius e Fahrenheit indicavam o mesmo número. Provavelmente não estava assim tão frio. Mas ainda tinha a sensação térmica do vento, que estava firme e forte e constante, soprando do lago, atravessando o Canadá em sua descida do Ártico.

Shadow se lembrou com amargura dos aquecedores químicos para mãos e pés que pegara dos homens no trem preto. Queria ainda tê-los.

Depois do que achava que tinham sido mais dez minutos de caminhada, a ponte ainda não parecia mais próxima. Ele sentia frio demais para tremer. Os olhos doíam. Não era frio puro e simples: era coisa de ficção científica. Um conto ambientado no lado oculto de Mercúrio, na época em que as pessoas achavam que Mercúrio tinha um lado oculto. Estava em algum lugar no rochoso Plutão, onde o sol era apenas mais uma estrela, só um pouco mais brilhante do que as outras, em meio à escuridão. Ali não devia ser muito longe dos lugares que de tão gelados o ar ficava denso, a ponto de poder ser carregado em baldes e derramado como cerveja.

Volta e meia passava um carro por ele, mas todos pareciam saídos de uma fantasia — eram naves espaciais, pequenos embrulhos congelados a vácuo habitados por pessoas com roupas mais quentes que as dele. Uma música antiga que sua mãe adorava, “Winter Wonderland”, começou a tocar em sua cabeça, e Shadow foi cantarolando de boca fechada e andando no ritmo da canção.

Perdera toda a sensibilidade nos pés. Olhou para os sapatos de couro preto e para as meias finas de algodão e ficou seriamente preocupado com a possibilidade de acabar com feridas por causa do frio.

Estava na hora de aquela brincadeira acabar. Já superara o nível da burrice, cruzara a fronteira e adentrara o território cem por cento genuíno do puta-merda-o-que-foi-que-eu-fiz. Era como se suas roupas fossem de renda e poliéster: o vento passava direto, congelava os ossos e o tutano dentro deles, congelava os cílios, congelava o espaço quente embaixo do saco, que já se retraía para dentro da cavidade pélvica.

Continue andando, disse a si mesmo. *Continue andando. Posso parar e tomar um pouco de ar quando chegar em casa.* Uma canção dos Beatles começou a tocar em sua cabeça, e ele ajustou os passos para seguir o ritmo. Foi só quando chegou ao refrão que ele percebeu que a música era “Help!”.

Estava quase na ponte. Ainda precisaria atravessá-la, então faltariam mais dez minutos, talvez até um pouco mais, para chegar às lojas no lado oeste do lago...

Um carro escuro passou por ele e parou, então deu a ré em meio a uma nuvem de fumaça do escapamento e parou a seu lado. O vidro baixou, e o vapor e o calor vindos de dentro do veículo se misturaram à fumaça do escapamento, formando uma baforada, um sopro de dragão que envolveu o carro.

— Tudo bem por aí? — perguntou um policial, de dentro do automóvel.

O primeiro instinto de Shadow, sua resposta automática, foi dizer: *Sim, tudo tranquilo, obrigado, senhor, não está rolando nada de mais. Pode ir embora. Não tem problema nenhum.* Mas era tarde demais para isso, e ele começou a dizer:

— Acho que estou congelando. Eu planejava andar até o centro para comprar comida e roupas de frio, mas subestimei a distância da caminhada... — Ele pensou que dissera isso tudo, e de fato dissera mentalmente, mas então se deu conta de que a única coisa que tinha saído de seus lábios foi um “C-C-Congelando” e o bater de dentes. Então completou: — D-Desculpe. Frio. Desculpe.

O guarda abriu a porta traseira e disse:

— É melhor você entrar aqui agora mesmo e se esquentar um pouco, está bem?

Shadow obedeceu, agradecido, e se acomodou no banco traseiro, esfregando as mãos e tentando não se preocupar com o estado dos dedos dos pés. O guarda se endireitou no banco do motorista. Shadow olhou para ele através da grade de metal. Tentou não pensar na última vez em que sentara no banco de trás de uma viatura, não reparar que as portas traseiras não tinham maçaneta por dentro; tentou se concentrar em esfregar as mãos para recuperar o tato. O rosto doía, os dedos das mãos, vermelhos, doíam, e, com o calor, os dedos dos pés estavam começando a doer de novo. Shadow achou que aquilo devia ser um bom sinal.

O policial engrenou o carro e voltou a dirigir.

— Olha, se me desculpa a franqueza — começou o sujeito, sem se virar para Shadow, apenas falando um pouco mais alto —, essa foi uma tremenda de uma burrice. Você não ouviu os alertas sobre o clima? Está fazendo -30°C . E só Deus sabe a sensação térmica, deve ser -50 , -55°C . Mas acho que, quando a temperatura chega a -30°C , a sensação térmica é o menor dos problemas.

— Obrigado — disse Shadow. — Obrigado por parar. Muito, muito obrigado.

— Hoje de manhã, uma mulher de Rhinelander saiu para encher o comedouro de pássaros só de roupão e chinelo e congelou na calçada, congelou literalmente. Foi parar no hospital em estado grave. Deu no rádio mais cedo. Você é novo aqui na cidade. — Soava quase uma pergunta, mas o homem já sabia a resposta.

— Cheguei de ônibus noite passada. Tinha pensado em sair para arranjar comida, roupas quentes e um carro. Eu não estava esperando esse frio todo.

— É, o frio também me pegou de surpresa — concordou o policial. — Eu estava ocupado demais me preocupando com o aquecimento global. Meu nome é Chad Mulligan. Sou o delegado daqui de Lakeside.

- Eu me chamo Mike Ainsel.
- Prazer, Mike. Já está melhor?
- Um pouquinho.
- Então, aonde quer ir primeiro?

Shadow aproximou as mãos da saída de ar quente, mas os dedos doeram. Ele se recostou no banco — era melhor esperar o calor se espalhar naturalmente.

- Você pode me deixar no centro da cidade?
- Mas nem pensar. Olha, desde que você não precise da minha ajuda para fugir depois de roubar um banco, posso levar você para qualquer lugar, com todo o prazer. Considere isto um presente de boas-vindas da comunidade.
- Então por onde você sugere começar?
- Você chegou ontem à noite.
- Isso mesmo.
- Já tomou café da manhã?
- Ainda não.
- Bom, então esse me parece um ótimo ponto de partida — retrucou Mulligan.

Eles cruzaram a ponte e entraram na parte noroeste da cidade.

— Esta é a rua principal, a Main Street — indicou Mulligan —, e esta — continuou, atravessando a Main Street e virando à direita — é a praça.

Mesmo no inverno, a praça era impressionante, e Shadow sabia que era um lugar feito para ser visto no verão: haveria uma revolução de cores, com papoulas e íris e flores de todo tipo, com um aglomerado de bétulas em um dos cantos formando um recanto de verdes e pratas. No momento era um lugar incolor, belo de um jeito meio esquelético, o coreto vazio, o chafariz desativado, a fachada de tijolinhos do prédio da prefeitura toda coberta de neve bem branca.

— ... e aqui é a Mabel's — concluiu Chad Mulligan, estacionando na frente de um edifício antigo com vitrine alta, no lado esquerdo da praça.

Ele saiu do carro e abriu a porta traseira para Shadow. Os dois homens se curvaram para encarar o frio e o vento e atravessaram a calçada correndo, entrando em um salão aquecido, cheio de aromas de pão fresco, massa e sopa e bacon.

O lugar estava quase vazio. Mulligan sentou-se a uma mesa, e Shadow se acomodou na frente dele. Desconfiava que o sujeito estivesse fazendo aquilo para conhecer melhor o forasteiro. Por outro lado, o delegado talvez simplesmente fosse o que parecia ser: um homem gente boa, simpático e prestativo.

Uma mulher veio depressa até a mesa. Não era gorda, mas era *grande*: uma mulher grande de sessenta e poucos anos, o cabelo em um tom de bronze meio envelhecido.

— Bom dia, Chad — cumprimentou. — Já sei, vai querer um chocolate quente enquanto decide o que vai pedir.

Ela entregou cardápios plastificados aos dois.

— Mas sem chantili — concordou o delegado. Então se virou para Shadow: — A Mabel me conhece bem demais. Bem, e aí, o que você vai pedir, meu chapa?

— Chocolate quente parece ótimo — respondeu Shadow. — Mas eu quero com chantili.

— Isso mesmo, meu bem. Temos que viver perigosamente — disse Mabel. — E aí, Chad, não vai me apresentar? Ele é um policial novo?

— Ainda não — respondeu Chad Mulligan, oferecendo um breve vislumbre de seus dentes brancos. — Este é Mike Ainsel. Ele se mudou para Lakeside ontem à noite. Bem, eu já volto, se me dão licença.

O delegado se levantou, foi até os fundos do salão e entrou por uma porta com uma placa onde se lia: DE PÉ. Ficava ao lado de uma porta com uma placa onde se lia: SENTADAS.

— Ah, você é o novo morador daquele apartamento na Northridge Road. A antiga casa dos Pilsen. Ah, sim! — Ela parecia contente. — Já sei *exatamente* quem você é. Hinzelmann passou aqui mais cedo, atrás de sua *pasty* matinal. Ele já me contou tudo. Vocês dois só vão tomar chocolate quente, ou querem dar uma olhada no cardápio de café da manhã?

— Eu quero café da manhã — respondeu Shadow. — O que tem de bom?

— Tudo aqui é bom — retrucou Mabel. — Eu mesma faço. Mas aqui é o lugar mais longe da península que serve *pasties*, e olha, são muito boas. Esquentam o corpo e enchem bastante. É minha especialidade.

Shadow não fazia ideia do que era uma *pasty*, mas disse que adoraria experimentar. Pouco depois, Mabel voltou com um prato de algo que parecia uma empanada. A metade de baixo estava enrolada em um guardanapo. Shadow deu uma mordida: a comida era quente e recheada de carne, batata, cenoura, cebola.

— É a primeira vez que como uma dessas — comentou. — Bem gostosa.

— É típica lá da península — explicou a mulher. — Fora daqui, você só vê isso de Ironwood para cima. Foi trazida para cá pelo pessoal da Cornualha, que veio trabalhar nas minas de ferro.

— Que península é essa?

— A Península Superior. É um pedacinho na parte nordeste do Michigan.

O delegado voltou do banheiro, pegou o chocolate quente e deu um gole, fazendo um barulhinho de sucção.

— Mabel, você obrigou nosso jovem amigo a comer uma *pasty*?

— Achei bem gostosa — interveio Shadow. E era mesmo: uma delícia saborosa envolvida em massa quente.

— E vai direto para a barriga — comentou Chad Mulligan, apalpando a própria barriga. — Quem avisa amigo é. Muito bem. Então você precisa de um carro, é isso?

Sem a pesada parca de inverno, o delegado se revelou um homem magrelo e desengonçado, mas com uma pança enorme e redonda. Parecia exausto e muito competente, estava mais para engenheiro do que para policial.

Shadow assentiu, de boca cheia.

— Muito bem. Dei uns telefonemas. O jipe do Justin Liebowitz está à venda, ele pediu quatro mil dólares, mas sei que aceita três. Os Gunther estão tentando vender um Hilux SW4 faz uns oito meses. É feio como o cão, mas eles devem estar quase pagando para tirar aquilo da garagem. Se você não ligar para aparências, é um ótimo negócio. Liguei lá do banheiro e deixei uma mensagem para Missy Gunther, na Lakeside Realty. Ela ainda não tinha chegado, deve estar fazendo o cabelo no Sheila's.

A *pasty* continuou gostosa até o fim. Para a surpresa de Shadow, enchia bastante mesmo. “Comida que dá sustança”, teria dito sua mãe. “Que faz você crescer para os lados.”

O delegado limpou a espuma do chocolate quente da boca e falou:

— Bem, pensei em fazermos uma parada lá na Henning's para comprar umas roupas de inverno de verdade para você; depois damos uma passada no Dave's, para você abastecer a despensa; daí depois eu deixo você lá na Lakeside Realty para ver o carro. Os Gunther vão ficar felizes se você puder dar mil à vista, mas acho que também concordariam com quinhentos por mês, durante quatro meses. Não é um carro muito bonito, como eu já falei, mas, se o filho deles não tivesse pintado de roxo, valeria uns dez mil. E é um bom carro, não vai deixar você na mão, e, se quer mesmo saber, é melhor ter uma máquina boa para circular durante um inverno desses.

— Nossa, fico muito agradecido — disse Shadow. — Mas você não devia estar prendendo uns bandidos, em vez de ajudar turistas? Não que eu esteja reclamando, claro.

Mabel deu risada e concordou:

— A gente sempre fala a mesma coisa.

Mulligan deu de ombros.

— É uma cidade tranquila — respondeu, simplesmente. — Não tem muito problema. Sempre tem alguém andando acima do limite de velocidade, mas isso é bom, já que são as multas que pagam o meu salário. Nas noites de sexta e sábado tem os idiotas que enchem a cara e batem na mulher, e o inverso também acontece, juro. Homens e mulheres. Eu fui da polícia de Green Bay, e lá descobri que, nas cidades grandes, é melhor atender um chamado de assalto a banco do que de violência doméstica. Mas

as coisas são tranquilas por aqui. Só me chamam quando alguém tranca o carro com a chave dentro. Ou para reclamar de latidos de cachorro. E todo ano pegam uma garotada do secundário fumando maconha atrás das arquibancadas. O mais grave que já aconteceu por essas bandas nos últimos cinco anos foi quando Dan Schwartz ficou bêbado, atirou no próprio trailer e fugiu de cadeira de rodas pela Main Street, sacudindo a espingarda feito um doido varrido e berrando que ia atirar em quem se metesse no caminho, que ninguém podia impedi-lo de chegar à rodovia interestadual. Acho que queria ir até Washington matar o presidente. Ainda hoje dou risada quando me lembro de Dan indo para a interestadual naquela cadeira de rodas com um adesivo na parte de trás. MEU FILHO DELINQUENTE COME SUA ALUNA MODELO. Lembra, Mabel?

A mulher assentiu, comprimindo os lábios. Não parecia achar tanta graça.

— E o que você fez? — perguntou Shadow.

— Conversei com ele. Dan me entregou a espingarda e ficou dormindo na delegacia até passar a bebedeira. Ele não é má pessoa, só estava bêbado e chateado.

Shadow pagou pelo café da manhã e, apesar do protesto pouco veemente de Chad Mulligan, pelos dois chocolates quentes.

A Henning's era um prédio enorme na parte sul da cidade e vendia de tudo, de tratores a brinquedos (os brinquedos, assim como os enfeites natalinos, já estavam em liquidação). A loja estava cheia daqueles compradores que esperam as promoções pós-Natal. Shadow cruzou novamente com uma das meninas que conhecera no ônibus. A que passou por ele era a mais nova, e estava com os pais, andando logo atrás deles. Shadow acenou para ela, e a menina respondeu com um sorriso hesitante, ornado pelo aparelho com elástico azul. Ele ficou imaginando, distraído, como ela seria dali a uns dez anos.

Provavelmente tão bonita quanto a jovem caixa da Henning's, que registrou suas compras com um leitor de código de barras portátil e barulhento — Shadow não tinha a menor dúvida de que a menina registraria um trator com a mesma naturalidade, caso passassem dirigindo um na frente do caixa.

— Dez ceroulas? Está estocando, é? — brincou a menina. Ela parecia uma estrela mirim do cinema.

Shadow se sentiu de volta aos catorze anos, tímido e desajeitado. Ficou quieto enquanto a jovem registrava as botas térmicas, as luvas, os suéteres e o casaco forrado com penas de ganso.

Nem passou por sua cabeça testar o cartão de crédito que Wednesday lhe dera, não com o delegado prestativo parado ali a seu lado, então pagou tudo em dinheiro. Depois levou as sacolas para o banheiro masculino, de onde saiu usando várias das aquisições.

— Ficou bonito, hein, grandalhão — comentou Mulligan.

— Finalmente não estou morrendo de frio — retrucou Shadow.

E, apesar de o vento gelado fazer seu rosto arder, quando chegou do lado de fora, pelo menos o resto do corpo estava aquecido. Por sugestão de Mulligan, guardou as sacolas de compras no banco traseiro da viatura e se sentou no carona, na frente.

— Então, senhor Ainsel, o que você faz? — perguntou o delegado. — Um cara grandão como você... No que você trabalha? Veio para Lakeside a trabalho?

Shadow sentiu o coração dar um salto, mas a voz saiu firme:

— Eu trabalho para o meu tio. Ele compra e vende coisas pelo país inteiro. Eu carrego o peso.

— Ele paga bem?

— Bom, eu sou da família. Ele sabe que não vou passar a perna nele nem nada, e aí também aproveito para aprender um pouco sobre o negócio. Pelo menos até eu decidir o que quero fazer da vida.

A mentira saía fácil, com convicção e naturalidade. Naquele momento, sabia tudo sobre o grandalhão Mike Ainsel, e gostava do sujeito. Mike Ainsel não tinha nenhum dos problemas de Shadow. Mike Ainsel nunca fora casado. Nunca fora interrogado a bordo de um trem de carga pelo sr. Wood e pelo sr. Stone. Mike Ainsel não conversava com a televisão (*Quer ver os peitos de Lucy?*, repetiu uma voz na cabeça dele). Mike Ainsel não tinha pesadelos, nem acreditava que vinha uma tempestade por aí.

Shadow encheu a cesta de compras no supermercado, pegando tudo o que parecia conveniente: leite, ovos, pão, maçãs, queijo, biscoito. Só um pouco de comida. Faria compras de verdade depois. Enquanto ele circulava pelo estabelecimento, Chad Mulligan cumprimentava outras pessoas e o apresentava aos moradores locais.

— Este é Mike Ainsel, que vai passar um tempo naquele apartamento vazio dos Pilsen. Nos fundos.

Shadow desistiu de tentar memorizar os nomes. Só foi apertando as mãos das pessoas e sorrindo, um pouco suado, incomodado com as camadas de isolamento térmico dentro da loja aquecida.

Chad Mulligan o levou até a Lakeside Realty, do outro lado da rua. Missy Gunther, com o cabelo arrumado e cheio de laquê de quem acabou de sair do salão, não precisou que Shadow lhe fosse apresentado: ela sabia exatamente quem era Mike Ainsel. Ora, o senhor Emerson Borson, tio de Mike, era um doce, pura simpatia. O homem tinha passado lá fazia o quê, umas seis, oito semanas? E tinha alugado o antigo apartamento dos Pilsen, a vista não era de matar? Ora, querido, espere só até a primavera, nós temos muita sorte por aqui, porque vários lagos da região ficam muito verdes no verão por causa das algas, é de revirar o estômago, mas o nosso lago, ah... chega o feriado de Quatro de Julho e ainda dá para praticamente *beber* aquela água; e por sorte o senhor Borson já tinha deixado um ano inteiro de

aluguel pago, e, quanto ao carro... ora, ela não conseguia acreditar que Chad ainda se lembrava, mas, sim, ela adoraria se livrar daquele trambolho. Para falar a verdade, já estava quase conformada com a ideia de dar o carro para Hinzelmann como sucata do ano e deduzir do imposto de renda... não que o carro fosse uma *sucata*, longe disso... não, era o carro do filho dela, antes de o garoto ir estudar em Green Bay, mas um dia ele pintou o negócio inteiro de roxo, ha-ha-ha, ela esperava que Mike Ainsel gostasse de roxo, era só isso que tinha a dizer. Mas não podia culpar o coitado se ele não gostasse...

O delegado pediu licença e foi embora mais ou menos no meio dessa ladainha.

— Parece que estão precisando de mim lá na delegacia. Foi um prazer, Mike — disse ele, passando as sacolas de compras de Shadow para a traseira do carro de Missy Gunther.

Missy foi com Shadow de carro até sua casa, onde encontraram a velha SUV parada na garagem. O vento jogara um pouco de neve em cima, cobrindo um dos lados do veículo com um branco ofuscante, mas o resto exibia a pintura de um tom de roxo tão berrante que só uma pessoa que passa muito tempo chapada conseguiria achar minimamente atraente.

Mas o carro pegou de primeira, e o aquecedor funcionava bem, embora tenha levado quase dez minutos na potência máxima para a temperatura interior começar a mudar do frio gélido insuportável para apenas um pouco frio. Enquanto o aquecedor do carro fazia seu trabalho, Missy Gunther levou Shadow para a cozinha da casa — desculpe a bagunça, mas essas crianças largam os brinquedos espalhados por tudo o que é canto depois do Natal, mas quem pode culpá-las, aceita um pouco de peru que sobrou da ceia? No ano passado serviram ganso, mas naquele ano foi um peru grande e velho, ah, então um café: fica pronto num instantinho —, e Shadow tirou um enorme carrinho de brinquedo de cima de um banco perto da janela e se sentou, enquanto Missy Gunther perguntava se ele já tinha conhecido os vizinhos, o que ele teve que admitir que ainda não acontecera.

Enquanto o café passava aos pingos, Shadow foi informado de que havia mais quatro moradores no prédio — quando o lugar era dos Pilsen, eles moravam no térreo e alugavam os dois apartamentos de cima, mas o apartamento deles, o do térreo, foi ocupado por um casal de rapazes, o sr. Holtz e o sr. Neiman — e eles são mesmo um casal, e quando ela dizia *casal*, sr. Ainsel, nossa senhora... temos todo tipo de gente aqui, sabe, tem mais de um tipo de árvore na floresta, se bem que a maioria das pessoas desse tipo acaba indo para Madison ou Minneapolis, mas, sendo sincera, ninguém na cidade se importa. Foram passar o inverno em Key West, só voltam em abril, aí você vai poder conhecer os dois. Sabe, Lakeside é uma cidade ótima. A vizinha de porta do sr. Ainsel se chama Marguerite Olsen, mora com o filho pequeno — é uma moça muito, muito, muito doce, mas teve uma vida difícil, só que continua doce feito mel, trabalha lá no *Lakeside*

News. Não é o melhor jornal do mundo, mas, para ser sincera, Missy Gunther achava que a maioria das pessoas dali preferia que fosse assim mesmo.

E, ah, completou ela, servindo o café, adoraria que o sr. Ainsel pudesse ver a cidade no verão ou no fim da primavera, quando desabrochavam os lilases e as flores de macieira e de cerejeira, olha, na opinião dela não existia nada mais lindo, não se encontrava nada parecido no mundo inteiro.

Shadow pagou quinhentos dólares de entrada, foi para o carro e engatou a ré, tirando-o do quintal e levando-o até a entrada da garagem propriamente dita. Missy Gunther bateu no vidro do motorista.

— Isto aqui é para você — anunciou, entregando um envelope pardo. — Eu quase me esqueci. É meio que uma brincadeira. Mandamos imprimir há alguns anos. Não precisa ver agora.

Shadow agradeceu e dirigiu com cuidado de volta para a cidade. Pegou a rua que contornava o lago. Desejou poder ver o lugar na primavera ou no verão ou no outono: com certeza seria lindo demais.

Chegou em casa em dez minutos.

Estacionou na rua mesmo e subiu a escada externa até o apartamento frio. Esvaziou as sacolas, guardou a comida nos armários e na geladeira e abriu o envelope de Missy Gunther.

Continha um passaporte. Era azul, com capa plastificada, e dentro havia uma declaração de que *Michael Ainsel* (o nome estava escrito na caligrafia cuidadosa de Missy Gunther) era cidadão de Lakeside. Na página seguinte havia um mapa da cidade. O resto estava cheio de cupons de desconto para várias lojas locais.

— Acho que vou gostar deste lugar — comentou Shadow, em voz alta. Olhou pela janela, para o lago congelado. — Isso se esquentar algum dia.

Por volta das duas da tarde, alguém bateu à porta. Shadow estava treinando o truque do Sumiço Surpresa com uma moeda de vinte e cinco centavos, jogando-a de uma mão para a outra em um movimento imperceptível. As mãos estavam geladas e descoordenadas, deixando a moeda cair na mesa de novo e de novo — a batida na porta a fez cair outra vez.

Ele foi até a porta e a abriu.

Um momento de puro terror: o homem do outro lado usava uma máscara preta cobrindo a parte inferior do rosto. O tipo de máscara que um ladrão de bancos usaria, na televisão, ou que algum assassino em série de um filme ruim usaria para assustar as vítimas. A parte de cima da cabeça estava coberta por um gorro de lã preto.

Mas o homem era menor e mais magro do que Shadow e não parecia armado. E usava um casaco xadrez bem colorido, do tipo que assassinos em série costumam evitar.

— É o *hihelhan* — anunciou o visitante.

— Hein?

O homem baixou a máscara, revelando o rosto sorridente de Hinzelmann.

— É o Hinzelmann. Olha, não sei como a gente vivia antes de inventarem essas máscaras. Bem, eu me lembro de como a gente vivia. Usava uns gorros grossos que cobriam o rosto todo, junto com cachecóis e nem queira saber mais o quê. É um milagre o tipo de coisa que fazem hoje em dia. Eu posso ser velho, mas não vou ficar resmungando e falando mal do progresso, não mesmo.

Ele terminou o discurso entregando a Shadow uma cesta cheia de artigos da região — queijos, potes, vidros e vários salames pequenos que se proclamavam feitos de carne de cervo —, então entrou no apartamento.

— Feliz dia seguinte ao Natal. — Com ou sem máscara, seu nariz, suas orelhas e bochechas estavam vermelhos como framboesas. — Fiquei sabendo que você já comeu uma *pasty* inteira lá na Mabel's. Trouxe umas coisinhas.

— Nossa, muito obrigado — disse Shadow.

— Deixa disso, filho. Vou cobrar semana que vem, com a rifa. A associação de comerciantes é responsável pelos bilhetes, e eu sou responsável pela associação de comerciantes. Ano passado, arrecadamos quase dezessete mil dólares para a ala infantil do Hospital de Lakeside.

— E por que não me deixa comprar um número agora mesmo?

— Só começa a vender no dia em que a sucata vai para o gelo — explicou o velho. Ele olhou pela janela de Shadow para o lago. — Está frio lá fora. A temperatura deve ter caído uns vinte e cinco graus noite passada.

— É, o tempo mudou bem rápido — concordou Shadow.

— Antigamente a gente rezava para fazer um frio desses — comentou Hinzelmann. — Meu pai me contou. Quando os colonizadores começaram a chegar por estas bandas, os fazendeiros e lenhadores, isso muito antes de os mineiros chegarem, se bem que as minas nunca deram muito certo por aqui, mas podiam ter dado, porque tem bastante ferro aqui embaixo...

— As pessoas rezavam por dias assim? — interrompeu Shadow.

— Ah, é, era o único jeito de os colonizadores sobreviverem naquela época. Não tinha comida para todo mundo, e antigamente não dava para simplesmente ir até o Dave's e encher o carrinho, ah, não, senhor. Então meu vô teve uma ideia, e quando vinha um dia muito frio, que nem hoje, ele pegava minha vó e os filhos, meu tio e minha tia e meu pai, que era o caçula, e também a criada e os empregados, juntava todo mundo e levava o pessoal até o riacho, e lá ele dava um pouquinho de rum com ervas para eles beberem, uma receita que meu vô aprendeu ainda no velho mundo, então jogava água do riacho em todo mundo. Claro que as pessoas congelavam em segundos, ficavam azuizinhas, duras feito picolé. Aí meu vô arrastava todos eles até uma vala, que a família toda já tinha cavado e

enchido de palha, e empilhava todo mundo ali, um de cada vez, que nem lenha, então enfiava palha em volta deles e cobria a vala com umas pranchas de madeira, para manter os bichos longe, porque naqueles tempos tinha lobo, urso e todo tipo de bicho que não se vê mais hoje em dia, mas aqui não tinha nenhum *hodag*, não, esse *hodag* é só história, e eu nunca abusaria da sua credulidade com essas histórias, ah, não, senhor. Mas meu avô cobria a vala com as pranchas e, quando vinha a nevasca seguinte, ela ficava completamente escondida, só com uma bandeira que ele cravava para marcar o lugar.

“Então meu vô passava um inverno confortável, sem nunca se preocupar com falta de comida ou de combustível. E, quando via que a primavera estava chegando para valer, ia até a bandeira, escavava a neve, tirava as pranchas, puxava todo mundo dali de dentro, um de cada vez, e colocava a família na frente da fogueira, para descongelar. Ninguém ligava, só um dos empregados, que perdeu metade da orelha para uma família de ratos, que comeu um pedaço numa vez que meu vô não fechou as pranchas direito. Claro que naquela época tinha invernos *de verdade*. Dava para fazer esse tipo de coisa. Esses invernos frouxos de hoje em dia não são frios o suficiente.”

— Ah, não? — perguntou Shadow, tentando se manter sério, dando corda para Hinzelmann e adorando o falatório.

— Não faz frio de verdade desde o inverno de 1949, e você é jovem demais para lembrar. *Aquilo, sim*, foi um inverno. Eu vi que você comprou um carro.

— Comprei mesmo. O que achou?

— Para ser sincero, eu nunca gostei daquele garoto dos Gunther. Eu cuidava de um riacho de trutas lá na floresta, nos fundos do meu terreno, bem no limite... bem, para falar a verdade, o terreno era da cidade, mas eu colocava pedras no rio e fazia umas barragens e uns lugares onde as trutas gostavam de ficar. Pegava umas belezinhas... uma das que eu peguei devia ter quase oitenta centímetros, então aquele moleque derrubou todas as barragens e ameaçou me denunciar para o Departamento de Recursos Naturais. Ele foi lá para Green Bay, mas daqui a pouco volta para cá. Se ainda houvesse justiça no mundo, o moleque teria sumido do mapa, que nem esses fugitivos do inverno... mas não: ele fica grudado na cidade, feito carrapicho nas roupas de lã. — O velho começou a organizar o conteúdo da cesta de boas-vindas, colocando tudo sobre a pia. — Esta aqui é a geleia de maçã silvestre da Katherine Powdermaker. Ela me dá um vidro de presente todo Natal, desde antes de você nascer, e a verdade é que eu nunca abri nenhum. Ainda tenho todos no porão, uns quarenta, cinquenta vidros. Talvez um dia eu resolva abrir um e descubra que gosto. Enquanto isso não acontece, trouxe um para você. Talvez você goste.

Shadow guardou o vidro de geleia na geladeira, junto com os outros presentes que Hinzelmann trouxera.

— O que é isto? — perguntou, mostrando uma garrafa comprida e sem rótulo, cheia de uma substância oleosa esverdeada.

— Azeite de oliva. Fica assim nesse frio. Não se preocupe, funciona do mesmo jeito para cozinhar.

— Ah, sim. Que história é essa de fugitivos do inverno?

— Hum. — O velho levantou um pouco o gorro e esfregou a têmpora com um dedo indicador rosado. — Bom, não é algo que acontece só aqui em Lakeside. A cidade é ótima, melhor que muitas por aí, mas não é perfeita. Em alguns invernos... bem, às vezes um jovem ou outro fica meio doido quando o frio é tão grande que não dá nem para sair de casa, e ainda por cima tem aquela neve tão seca que esfarela a ponto de não dar nem para fazer uma bolinha...

— Aí eles fogem?

O velho assentiu, muito sério.

— Eu acho que a culpa é da televisão, que não para de mostrar para as crianças coisas que elas nunca vão ter... Esses *Dallas*, *Dinastia*, *Barrados no Baile*, *Hawaii Five-O*... essas porcarias todas. Eu não tenho televisão nenhuma desde o outono de 1983, só um aparelho preto e branco que deixo guardado no armário e só tiro se chega uma visita de fora e tem algum jogo importante passando.

— Quer beber alguma coisa, Hinzelmann?

— Nada de café. Me dá azia. Só quero água mesmo. — O velho balançou a cabeça. — O grande problema desta parte do mundo é a pobreza. Não a pobreza que existia na época da Depressão, é uma coisa mais... como é que se diz, quando a coisa se esgueira pelas beiradas, que nem as baratas?

— *Traíçoeiro*?

— É. Traíçoeiro. O negócio das madeireiras acabou. A mineração acabou. Os turistas não passam de Dells, a não ser por alguns caçadores e uma garotada que gosta de acampar pelos lagos... e eles não gastam muito dinheiro nas cidades.

— Mas Lakeside me parece próspera.

O velho piscou os olhos azuis.

— É, mas dá muito trabalho, pode acreditar. Trabalho pesado. Mas é uma boa cidade, e todo o trabalho que as pessoas investem aqui vale a pena. Não que minha família não tenha sido pobre, quando a gente era criança. Pode me perguntar se a gente era muito pobre.

Shadow manteve-se muito sério e perguntou:

— Vocês eram muito pobres, senhor Hinzelmann?

— É só Hinzelmann, Mike. Minha família era tão pobre que não tinha nem como acender o fogo. Na véspera do ano-novo, meu pai mastigava uma pimenta bem ardida, e a gente ficava em volta, com as mãos estendidas, curtindo o calor.

Shadow bufou, irônico, diante da piada infame. Hinzelmann cobriu o rosto com a máscara, fechou o enorme casaco xadrez, tirou a chave do carro do bolso e, por fim, colocou as luvas imensas.

— Se começar a morrer de tédio aqui sozinho, passe lá na loja para me visitar. Vou lhe mostrar minha coleção de iscas feitas à mão. Vai ser tão chato que você vai ficar doido para voltar para este tédio aqui. — Sua voz soava abafada, mas audível.

— Combinado — respondeu Shadow, sorrindo. — E como vai a Tessie?

— Hibernando. Só acorda na primavera. Cuide-se, senhor Ainsel.

O velho fechou a porta ao sair.

O apartamento ficou ainda mais frio.

Shadow vestiu o casaco e colocou as luvas e as botas. Quase não dava mais para ver através das janelas, com os cristais de gelo que se formavam no vidro transformando a paisagem do lago em uma imagem abstrata.

Sua respiração se condensava, enevoando o ar em volta.

Ele saiu do apartamento e bateu à porta da vizinha. Ouviu uma mulher gritando para alguém *calar a boca pelo amor de Deus e abaixar o volume da tevê*. Achou que estivesse falando com alguma criança, já que adultos não gritam desse jeito com outros adultos, não naquele tom. A porta se abriu, e uma mulher cansada de cabelo muito comprido e muito preto o encarou, desconfiada.

— Pois não?

— Muito prazer, senhora. Meu nome é Mike Ainsel. Sou seu novo vizinho.

A expressão da mulher não se alterou nem um milímetro.

— Pois não?

— Minha senhora, o meu apartamento está um gelo. Até sai um pouco de ar quente do radiador, mas não é nem de longe o suficiente para aquecer o lugar.

A mulher o olhou de cima a baixo, então a sombra de um sorriso passou pelos cantos de sua boca.

— Então entre de uma vez, senão aqui dentro também vai ficar um gelo.

Shadow entrou no apartamento. Brinquedos de plástico multicoloridos estavam espalhados pelo chão. Montinhos de papel de presente rasgado jaziam perto da parede. Um menininho estava sentado a centímetros da televisão, assistindo a *Hércules*, da Disney, onde um sátiro batia os pés e gritava do outro lado da tela. Shadow manteve-se de costas para a tevê.

— Vamos lá — começou a mulher. — Vou lhe dizer o que fazer. Primeiro você precisa vedar as janelas. Dá para comprar o material lá na Henning's, parece um filme de PVC, mas para janelas. É só colar o negócio no vidro, e, se quiser dar uma caprichada, use um secador de cabelo para jogar um pouco de ar quente em cima, aí vai ficar colado o inverno todo. Isso não vai deixar o calor escapar. Daí você compra um ou dois

aquecedores portáteis. A fonalha desse prédio é bem velha e não dá conta quando fica frio para valer. Nossos últimos invernos até que foram tranquilos, então acho que devíamos agradecer. — Ela estendeu a mão. — Sou Marguerite Olsen.

— É um prazer — respondeu Shadow, tirando uma das luvas e apertando a mão dela. — Na minha cabeça, todos os Olsen eram louros.

— Meu ex-marido tinha o cabelo quase branco de tão loiro. E era bem branquelo. Não ficava bronzeado nem por um decreto.

— Missy Gunther me contou que você trabalha para o jornal local.

— A mulher conta tudo para todo mundo. Nem sei por que precisamos de um jornal aqui na cidade, já que temos Missy Gunther à disposição. — Ela assentiu. — Sim. Escrevo umas matérias aqui e ali, mas meu editor faz a maior parte do trabalho. Eu só mantenho a coluna de natureza, a de jardinagem e uma coluna dominical de opinião. E também tem as “Notícias da Comunidade”, que relatam, com abundância de detalhes, quem convidou a quem para jantar em um raio de vinte e cinco quilômetros. Ou será que é sem o *a*, só “quem convidou *quem*”?

— Convidou *quem* — deixou escapar Shadow. — O verbo é transitivo direto.

A mulher o encarou com seus olhos pretos, e Shadow experimentou um momento de puro déjà-vu. *Eu já estive aqui*, pensou.

Não, ela me lembra alguém.

— Enfim, é isso que você precisa fazer para aquecer o apartamento — concluiu ela.

— Obrigado — respondeu Shadow. — Quando já estiver mais quente, você e o seu garoto têm que aparecer por lá.

— O nome dele é Leon. Foi um prazer, senhor... desculpe...

— Ainsel. Mike Ainsel.

— E que nome é esse, Ainsel?

Shadow não fazia a menor ideia, então respondeu:

— É só o meu nome. Nunca me interessei muito pela história da minha família.

— Talvez seja norueguês?

— Minha família nunca foi muito próxima — declarou, como desculpa. Então se lembrou do tio Emerson Borson e acrescentou: — Não esse lado da família.

Quando o sr. Wednesday chegou, Shadow já cobrira todas as janelas com filme plástico transparente e ligara um aquecedor portátil na sala e um no quarto nos fundos. Estava quase aconchegante.

— Que porra de lata-velha roxa é aquela que você está dirigindo? — perguntou Wednesday, sua forma de dizer “oi”.

— Bem, você sumiu com a minha lata-velha branca. Aliás, cadê ela?

— Vendi em Duluth — respondeu Wednesday. — Cuidado nunca é demais. Não se preocupe, você vai receber sua parte no fim dessa história toda.

— E estou aqui para quê? — perguntou Shadow. — Em Lakeside, sabe. Não no mundo.

Wednesday abriu aquele sorriso, o que fazia Shadow ter vontade de lhe dar um soco.

— Você veio morar aqui porque é o último lugar onde pensariam em procurá-lo. Aqui, eu consigo manter você escondido.

— Dos vilões?

— Isso. Infelizmente, a House on the Rock está fora de questão. Isso dificulta um pouco as coisas, mas ainda dá para contornar. Agora só nos resta bater os pés, agitar as bandeiras, dar a meia-volta e andar por aí até a ação começar... o que vai demorar um pouco mais do que qualquer um esperava. Acho que vão segurar até a primavera. Não tem como acontecer nada muito grande até lá.

— Por que não?

— Porque eles podem até vir com esse papo de micromilissegundos e mundos virtuais e mudanças de paradigma e o que for, mas ainda habitam este planeta e ainda estão presos ao ciclo do ano. Estamos nos meses mortos. Uma vitória conquistada nestes meses é uma vitória morta.

— Não faço ideia do que você está falando — retrucou Shadow. Não era bem verdade. Tinha uma vaga noção, mas torcia para estar enganado.

— Este vai ser um inverno ruim, e nós dois vamos aproveitar o tempo que temos com muita sabedoria. Vamos reunir as tropas e escolher o campo de batalha.

— Tudo bem — respondeu Shadow. Sabia que Wednesday estava falando a verdade, ao menos em parte. Estavam se encaminhando para uma guerra. Não, não era isso: a guerra já tinha começado. Estavam se encaminhando para uma batalha. — Mad Sweeney disse que estava trabalhando para você quando o encontramos naquela primeira noite. Ele me falou isso antes de morrer.

— E eu por acaso ia contratar alguém que não conseguisse nem vencer um pobre coitado daqueles numa briga de bar? Mas não se preocupe: você já recompensou minha confiança mais vezes do que posso contar. Já foi a Vegas?

— Las Vegas?

— Isso mesmo.

— Não.

— Vamos para Madison hoje à noite, num voo noturno para cavaleiros, um avião fretado para grandes apostadores. Eu os convenci de que devíamos embarcar.

— Você nunca se cansa de mentir? — perguntou Shadow. Falou com delicadeza, genuinamente curioso.

— Nem um pouco. Mas nesse caso estou dizendo a verdade mesmo. Estamos fazendo a maior aposta de todas. Só vai levar algumas horas daqui até Madison, as estradas estão livres. Então tranque a porta e desligue os aquecedores. Seria terrível se a casa pegasse fogo enquanto você estivesse fora.

— E quem vamos encontrar em Las Vegas?

Wednesday respondeu.

Shadow desligou os aquecedores, enfiou algumas mudas de roupa em uma bolsa de viagem e se virou para Wednesday.

— Nossa, eu me sinto meio burro. Sei que você acabou de me dizer quem vamos encontrar, mas, sei lá... Acho que me deu branco. Esqueci. Quem era mesmo?

Wednesday repetiu.

Dessa vez, Shadow quase guardou o nome. Estava ali, na ponta da língua. Desejou ter prestado mais atenção na resposta de Wednesday. Deixou para lá.

— Quem vai dirigir? — perguntou.

— Você.

Saíram do apartamento, desceram a escada de madeira e percorreram o caminho gelado até um Lincoln preto estacionado.

Shadow dirigiu.

Ao entrarmos em um cassino, somos atacados por convites de todos os lados — convites que só poderiam ser recusados por um homem de pedra, sem coração, sem cérebro e curiosamente desprovido de cobiça. Escute só o estardalhaço das moedas de prata sendo despejadas na bandeja de um caça-níquel, transbordando para carpetes bordados com monogramas, logo substituído pelo canto de sereia esbravejante das máquinas, o coro de apitos metálicos e luzes piscantes engolido pelo salão colossal, que chega até as mesas de carteados abafado em um ruído de fundo baixo e reconfortante, sons distantes no volume ideal para manter a adrenalina correndo nas veias dos apostadores.

Todos os cassinos guardam um mesmo segredo, um segredo que protegem, preservam e valorizam, seu mistério mais sagrado. É que a maioria das pessoas não aposta para ganhar dinheiro, afinal de contas, mesmo sendo isso que anunciam, compram, vendem, alegam e sonham. Esse sonho é só a saída fácil que permite que

os apostadores continuem mentindo para si mesmos, a grande mentira que os conduz por aquelas portas enormes e acolhedoras, sempre abertas.

Eis o segredo: as pessoas apostam para perder dinheiro. Todos vêm aos cassinos em busca do momento em que se sentem vivos, querendo girar a roleta e virar as cartas e se perder junto com as moedas nos caça-níqueis. Querendo a certeza de que ainda têm alguma importância. Até podem se gabar das noites em que ganharam, do dinheiro que conseguiram arrancar do cassino, mas, bem lá no fundo, estimam as vezes em que perderam. É uma espécie de sacrifício.

O dinheiro flui pelo cassino em uma correnteza ininterrupta de verde e prata, correndo de mão em mão, de apostador para crupiê, para caixa, para gerente, para segurança... até acabar no mais sagrado dos santuários, um altar escondido: a Sala de Contagem. E é ali que nos vemos: na sala de contagem daquele cassino, ali onde as verdinhas são separadas, empilhadas, indexadas — naquele espaço que aos poucos vai se tornando dispensável, com o dinheiro fluindo mais e mais pelo imaginário, uma sequência elétrica de zeros e uns, fluindo pelas linhas telefônicas.

Três homens contam dinheiro na Sala de Contagem, todos sob supervisão do olhar vítreo das câmeras que conseguem ver e dos olhos ínfimos das câmeras minúsculas, que não conseguem ver. Durante apenas um de seus turnos, cada homem conta mais dinheiro do que verá em todos os contracheques de sua vida somados. Em seu sono, cada um daqueles homens sonha com o contar do dinheiro, com maços e elásticos e números que aumentam inexoravelmente para então serem organizados e perdidos. E cada um dos três homens já pensou — pelo menos uma vez por semana — em como burlar os sistemas de segurança do cassino e fugir com o máximo de dinheiro que conseguir carregar — e, com relutância, cada um daqueles três homens já analisou o devaneio e concluiu que não era possível e se contentou com o salário constante, evitando os fantasmas gêmeos da cadeia e das covas anônimas.

E ali, no sanctum sanctorum, estão os três homens que contam o dinheiro, estão os guardas que os vigiam e que trazem mais dinheiro e que levam o dinheiro embora, e também outra pessoa. Ele usa um terno cinza-grafite imaculado, tem cabelo escuro e barba feita, e seu rosto e sua postura, tudo nele é, em todos os sentidos, completamente imemorável. Nenhum dos outros ali já reparou em sua presença — e, se reparou, esqueceu no mesmo instante.

Quando acaba o turno, as portas se abrem, e o homem de terno grafite sai da sala e acompanha os guardas em sua caminhada pelos corredores, todos deslizando os pés pelos carpetes decorados com monogramas. O dinheiro, dentro de malotes e cofres, é conduzido para uma área de carga e descarga interna, onde é transferido para carros-fortes. Quando as portas das rampas se abrem, liberando o carro-forte para a madrugada de Las Vegas, o homem de terno grafite, sem nunca ser notado, sai andando pela porta e sobe a rampa num passo tranquilo até chegar à calçada. Ele nem sequer ergue os olhos para a imitação de Nova York à sua esquerda.

Las Vegas se tornou uma ilustração de cidade de sonhos de livro ilustrado infantil — aqui um castelo de contos de fadas, ali uma pirâmide preta, ao lado de uma esfinge que lança um raio de luz branca em direção ao céu escuro, como se fosse um

sinalizador de pouso para óvnis, e oráculos de neon e telas giratórias espalhados por toda parte, prevendo felicidade e boa sorte, anunciando cantores e comediantes e mágicos da casa ou convidados, e as luzes sempre brilham e convidam e clamam. De hora em hora, um vulcão explode em luz e chamas. De hora em hora, um navio pirata afunda uma belonave.

O homem de terno grafite passeia tranquilamente pela calçada, sentindo o fluxo do dinheiro pela cidade. No verão, as ruas são escaldantes, e cada porta de loja pela qual ele passa sopra uma brisa gélida de ar-condicionado para o calor fervilhante, refrescando o suor em seu rosto. Agora, no inverno do deserto, faz um frio seco e muito apreciado. Ele vê, em sua mente, o deslocamento de dinheiro formando uma bela treliça, uma cama de gato tridimensional de luzes e movimento. E o que ele vê de beleza nessa cidade do deserto é a velocidade do movimento, a forma como o dinheiro vai de um lugar a outro, de mão em mão — é uma droga empolgante, uma onda de adrenalina, um fluxo de sensações que o atraem para a rua, um vício.

Um táxi o segue lentamente pela rua, mantendo distância. O homem não percebe — nem mesmo pensa em perceber: é tão raro sua existência ser notada que ele acha praticamente inconcebível o conceito de alguém o seguir.

São quatro da manhã, e ele é atraído para um hotel e cassino que saiu de moda trinta anos atrás, mas que se mantém ativo — talvez até amanhã ou daqui a seis meses, quando será demolido e substituído por um palácio de prazer e esquecido para sempre. Ninguém conhece o homem, ninguém se lembra dele, mas o bar do saguão é um ambiente cafona e silencioso, o ar azulado pela fumaça antiga de cigarros, e alguém está prestes a apostar milhões de dólares em uma mesa de pôquer, em uma sala privada de algum andar superior. O homem de terno grafite se acomoda no bar, vários andares abaixo do jogo, e é ignorado pela garçonete. Uma versão instrumental genérica de “Why Can’t He Be You”, comum a todos os estabelecimentos comerciais e seus elevadores, toca baixinho, em um nível quase subliminar. Cinco sócias de Elvis Presley, cada um com um macacão de cor diferente, assistem a uma reprise de algum jogo de futebol americano na televisão do bar.

Um homem grandalhão de terno cinza-claro se senta à mesa do homem de terno grafite, e, reparando nele — ainda sem reparar no homem de terno grafite —, a garçonete magra demais para ser bonita, vítima de uma anorexia óbvia demais para trabalhar no Luxor ou no Tropicana e contando os minutos para o fim do turno, se aproxima com um sorriso. O grandalhão abre um sorriso ainda maior.

— Mas você está linda demais hoje, minha querida, uma visão e tanto para estes olhos velhos e cansados — diz o homem.

Já sentindo o cheiro da enorme gorjeta, a mulher responde com um sorriso largo.

O homem de terno cinza-claro pede um Jack Daniel’s para si e um Laphroaig com água para o homem de terno grafite sentado a seu lado.

— Sabe — diz o homem de terno cinza-claro, quando a bebida chega —, o melhor verso de poesia já criado em toda a história deste maldito país veio de Canada Bill Jones, em 1853, lá no Baton Rouge, enquanto lhe passavam a perna em um jogo de cartas. George Devol, que assim como Canada Bill não era homem

de negar um golpe em algum trouxa, chamou Bill para um canto e perguntou se ele não tinha reparado que o jogo era roubado. E Canada Bill suspirou, deu de ombros e falou: “Eu sei. Mas é o único jogo rolando na cidade.” E voltou a jogar.

Olhos escuros observam o grandalhão de terno cinza-claro com desconfiança. O homem de terno grafite diz algo em resposta. O sujeito de terno claro, de barba ruiva grisalha, balança a cabeça e responde:

— Olha, sinto muito pelo que aconteceu no Wisconsin. Mas tirei todo mundo de lá em segurança, não foi? Ninguém saiu ferido.

O homem de terno escuro toma um gole do Laphroaig com água, saboreando o gosto pantanoso, as nuances de cadáver-no-brejo do uísque. Ele faz uma pergunta.

— Não sei. As coisas estão indo mais rápido do que eu esperava. Está todo mundo doido atrás do garoto que eu contratei para cuidar de coisas genéricas. Ele está lá fora no táxi, esperando. Você ainda topa?

O homem de terno escuro responde.

O homem barbado balança a cabeça.

— Ninguém a vê há uns duzentos anos. Se ainda não morreu, então decidiu sair de cena.

Algo mais é dito.

— Que tal assim... — propõe o homem barbado, terminando o Jack Daniel’s. — Você vem, aparece quando a gente precisar, e eu resolvo o seu lado. O que você quer? Soma? Posso arranjar uma garrafa. Soma legítimo.

O homem de terno escuro o encara. Então assente, relutante, e faz um comentário.

— É claro que eu sei — retruca o barbado, com um sorriso afiado como uma navalha. — O que você esperava? Mas veja por este lado: é o único jogo rolando na cidade.

Ele estende a mão enorme e aperta a mão bem cuidada do homem de terno grafite. Então vai embora.

A garçonete magrela volta, confusa: só tem um homem na mesa do canto, um homem bem-vestido, de cabelo escuro e terno grafite.

— Tudo bem por aqui? — pergunta ela. — Seu amigo vai voltar?

O sujeito de cabelo escuro suspira e explica que não, seu amigo não vai voltar, e que, portanto, ela não será paga pelo tempo ou pelo incômodo. Então, vendo a mágoa nos olhos da mulher e se compadecendo, examina as tramas douradas com a mente, observa a matriz, segue o dinheiro até encontrar um nódulo e diz a ela que, se estiver do lado de fora do Treasure Island às seis da manhã, meia hora depois de sair do bar, ela vai conhecer um oncologista de Denver que terá acabado de ganhar quarenta mil dólares em uma mesa de dados e precisará de alguém para orientá-lo, lhe fazer companhia — alguém para ajudá-lo a se desfazer do dinheiro todo em quarenta e oito horas, antes de pegar o avião de volta para casa.

As palavras evaporam na mente da garçonete, mas a deixam feliz. Ela suspira, reparando que os caras da mesa do canto foram embora sem pagar nem deixar gorjeta. Então decide que, em vez de voltar direto para casa quando seu turno acabar, vai até

o Treasure Island. Mas, se alguém perguntasse, ela não saberia dizer por que tomou aquela decisão.

— Então, quem era aquele cara que você foi ver? — perguntou Shadow, enquanto caminhavam pelo terminal do aeroporto de Las Vegas. Até no aeroporto havia caça-níqueis. E até àquela hora da manhã havia gente diante deles, inserindo moedas. Shadow se perguntou se aquelas pessoas chegavam a sair do aeroporto, ou se simplesmente desembarcavam do avião, percorriam a pista até o terminal e paravam ali, presas pelo rodopio de imagens e pelo piscar de luzes, se ficavam no aeroporto até terem colocado a última moeda no caça-níquel, então davam a meia-volta e pegavam um avião para casa.

Achava que isso devia ser bem comum. Desconfiava que, de um jeito ou de outro, não devia haver muito que Las Vegas já não tivesse presenciado. E os Estados Unidos eram um país tão grande, com tanta gente, que sempre existiria *alguém* disposto a fazer o que fosse.

Foi quando Shadow reparou que estivera tão distraído que não ouvira a resposta de Wednesday, contando quem era o homem de terno escuro que tinham seguido de táxi.

— Então ele está dentro — concluiu Wednesday. — Mas vai me custar uma garrafa de Soma.

— O que é Soma?

— Uma bebida.

Os dois embarcaram no avião fretado, ocupado apenas por eles e um trio de executivos gastadores que precisavam voltar para Chicago antes do próximo dia útil.

Wednesday se acomodou e pediu um Jack Daniel's.

— Pessoas como eu veem pessoas como você... — Ele hesitou. — É o mesmo que acontece com as abelhas e o mel. Cada abelha produz só uma gotinha minúscula. Milhares, talvez milhões, trabalham juntas para produzir o pote de mel que você coloca na sua mesa, no café da manhã. Agora imagine que a única coisa que você pode comer é mel. É assim para pessoas como eu... nós nos alimentamos de crença, orações, amor. Precisamos de muita gente acreditando um pouquinho para nos sustentar. É disso que precisamos, em vez de comida. Crença.

— E Soma é...

— Estendendo a analogia, Soma é aguardente de vinho. Hidromel. — Ele deu uma risada. — É uma bebida. Um concentrado de oração e crença destilado até virar uma bebida bem forte.

Estavam em algum ponto acima do Nebraska, diante de um café da manhã pouco interessante, quando Shadow disse:

— Minha esposa.
— A que está morta.
— Laura. Ela não quer mais estar morta. Foi o que me falou. Depois que me ajudou a fugir dos caras no trem.

— Uma atitude digna de uma grande esposa. Livrá-lo dos dissabores do cativeiro e assassinar aqueles que desejavam feri-lo. Você deveria apreciá-la, sobrinho Ainsel.

— Ela quer estar viva de verdade. Não como uma morta-viva, ou seja lá o que ela for agora. Laura quer viver de novo. Dá para fazer isso? É possível?

Wednesday não deu um pio por tanto tempo que Shadow começou a achar que ele não tinha ouvido a pergunta, ou que, talvez, tivesse dormido de olhos abertos. Por fim, o deus declarou, olhando fixo para a frente:

— Conheço um encanto capaz de curar dor e doença, de desfazer o sofrimento no coração de um sofredor.

“Conheço um encanto que cura com um toque.

“Conheço outro encanto que desvia as armas do inimigo.

“Conheço mais outro encanto, que me liberta de qualquer amarra ou tranca.

“E um quinto encanto: posso pegar uma bala em pleno ar sem me ferir.”

As palavras saíam num tom baixo, urgente. O tom intimidador sumira, o sorriso sarcástico desaparecera. Wednesday falava como se recitasse as palavras de um ritual sagrado, como se enunciasse algo sombrio e doloroso.

— Um sexto: faz feitiços com intenção de me ferir ferirem apenas seu criador.

“Um sétimo encanto que eu conheço: posso aplacar uma chama só com o olhar.

“Mais um oitavo: se algum homem me odiar, posso conquistar sua amizade.

“E um nono: posso ninar o vento com uma canção e acalmar uma tempestade por tempo suficiente para um navio chegar à costa.

“Esses foram os nove primeiros encantos que eu aprendi. Por nove noites pendei da árvore nua, o corpo rasgado pela ponta de uma lança. Fiquei balançando e pairando ao sabor dos ventos frios e dos ventos quentes, sem comida nem água, um sacrifício meu para mim mesmo, e os mundos se abriram para mim.

“Com um décimo encanto, aprendi a afastar bruxas, a fazê-las rodopiar pelos céus até não conseguirem mais encontrar o caminho de volta para casa.

“E um décimo primeiro: se eu cantar no ardor de uma batalha, posso fazer os guerreiros atravessarem o tumulto intocados e ilesos e trazê-los em segurança de volta para seus lares e lareiras.

“Um décimo segundo encanto que eu conheço: se vir um homem enforcado, posso tirá-lo da forca e fazê-lo sussurrar tudo o que ele lembra.

“Um décimo terceiro: se eu espirrar água na cabeça de uma criança, essa criança não cairá em batalha.

“E um décimo quarto: sei o nome de todos os deuses. Cada um deles.

“Um décimo quinto: tenho um sonho de poder, de glória e de sabedoria e posso fazer as pessoas acreditarem nos meus sonhos.”

Wednesday falava com uma voz tão baixa que Shadow precisou se esforçar para ouvir por cima do barulho dos motores do avião.

— Um décimo sexto encanto que eu sei: se precisar de amor, posso redirecionar a mente e o coração de qualquer mulher.

“E um décimo sétimo, um encanto para que nenhuma mulher que eu desejar passe a querer outra pessoa.

“E conheço um décimo oitavo encanto, que é o maior de todos, e não posso contar a homem algum. Porque um segredo que ninguém mais sabe além de você mesmo é o segredo mais poderoso que existe.”

Ele suspirou e parou de falar.

Shadow sentia a pele se arrepiando. Foi como se tivesse acabado de ver uma porta aberta para outro lugar, a mundos de distância, onde homens enforcados balançavam ao vento em cada encruzilhada, onde bruxas gritavam voando pelo céu noturno.

— Laura — foi só o que disse.

Wednesday virou a cabeça e encarou os olhos cinza-claros de Shadow.

— Eu não tenho como fazê-la viver de novo — disse. — E não sei por que ela não está tão morta quanto devia.

— Acho que fui eu que fiz isso — comentou Shadow. — Foi culpa minha.

Wednesday levantou uma sobrancelha.

— Mad Sweeney me deu uma moeda de ouro quando me ensinou a fazer aquele truque. Pelo que ele disse, acabei ficando com a moeda errada. A que ele me deu era mais poderosa do que a que achou que estava dando. E eu dei a moeda para Laura.

Wednesday grunhiu, baixou a cabeça, encostando o queixo no peito, e franziu a testa. Depois, recostou-se.

— Pode ser isso. E, não, não tenho como ajudar. Mas é claro que o que você faz no seu tempo livre é problema seu.

— O que isso quer dizer? — perguntou Shadow.

— Quer dizer que não posso impedi-lo de ir atrás de pedras de água e pássaros do trovão. Mas preferiria mil vezes que você passasse seus dias acomodado na tranquilidade de Lakeside, escondido e, espero, esquecido. Quando as coisas ficarem complicadas, vamos precisar da ajuda de todos que estiverem disponíveis.

Ele parecia muito velho dizendo aquilo, e parecia muito frágil, e sua pele dava a impressão de ser quase transparente, e a carne por baixo era cinzenta.

Shadow quis — quis muito — tocar na mão grisalha de Wednesday. Quis dizer que ia ficar tudo bem — coisa na qual ele próprio não acreditava, mas sabia que precisava ser dita. Lá fora, homens viajavam em trens pretos. Um garoto gordo andava de limusine, e algumas pessoas na televisão queriam o mal deles.

Não encostou em Wednesday. Não falou nada.

Mais tarde, Shadow se perguntaria se aquilo teria deixado as coisas diferentes, se aquele gesto teria adiantado, se poderia ter evitado parte dos males que viriam. E disse a si mesmo que não. Sabia que não teria adiantado. Mas, ainda assim, mais tarde, desejou, só por um instante, naquele longo voo de volta para casa, ter tocado a mão de Wednesday.

A breve luz dos dias de inverno já estava sumindo quando Wednesday deixou Shadow na frente do apartamento. Ao abrir a porta do carro, a temperatura congelante pareceu ainda mais digna de ficção científica quando comparada a seu tempo em Las Vegas.

— Não vá arranjar problemas — alertou Wednesday. — Mantenha a cabeça baixa. Não agite as águas.

— Tudo ao mesmo tempo?

— E não venha dar uma de espertinho comigo, filho. Você pode ficar escondido aqui em Lakeside. Tive que cobrar um favor enorme para deixar você aqui, são e salvo. Se estivesse em uma cidade grande, você seria encontrado em questão de minutos.

— Vou ficar na minha e não vou arrumar confusão — disse Shadow, com franqueza. Tinha encarado problemas o suficiente para uma vida inteira e estava disposto a se distanciar deles para sempre. — Quando você volta?

— Logo — respondeu Wednesday.

O deus acelerou o motor do Lincoln, fechou a janela do carro e saiu dirigindo pela noite frígida.

CAPÍTULO

ONZE

Três podem guardar um segredo, se dois estiverem mortos.

Ben Franklin, *Almanaque do Pobre Ricardo*

TRÊS DIAS FRIOS se passaram. O termômetro não marcou nenhuma temperatura acima de zero, nem ao meio-dia. Shadow não entendia como as pessoas tinham conseguido sobreviver àquele clima nos tempos em que não havia eletricidade, máscaras térmicas e roupas de baixo térmicas leves, ou as facilidades de locomoção.

O estabelecimento em que ele estava era uma mistura de videolocadora, oficina de curtimento, central de reboque e loja de artigos de pesca, e Hinzelmann lhe mostrava suas iscas de truta feitas à mão. Eram mais interessantes do que ele havia imaginado: réplicas coloridas de vida, feitas de pena e linha, cada uma com um anzol por dentro.

Shadow levou sua questão a Hinzelmann.

— Sêrio? — perguntou o homem mais velho.

— Sêrio — respondeu Shadow.

— Bom. Às vezes elas não sobreviviam, simplesmente morriam. Chaminés com vazamento e fornos com problema de ventilação matavam tanto quanto o frio. Mas aquela época era difícil... as pessoas passavam o verão e o outono juntando comida e lenha para o inverno. O pior mesmo era a loucura. Eu ouvi no rádio que tinha a ver com a luz do sol, que não tinha luz suficiente durante o inverno. Meu pai, ele dizia que as pessoas piravam. Chamavam isso de loucura de inverno. Lakeside sempre teve sorte, mas algumas cidades daqui das redondezas penavam. Quando eu era pequeno, ainda corria um ditado: se a criada não tentasse matá-lo até fevereiro, ela era uma frouxa.

“Os livros de contos de fadas eram puro ouro, e qualquer coisa que desse para ler era precioso, já que a cidade não contava com uma biblioteca. Quando o irmão do meu avô mandou um livro de histórias lá da Baviera, todos os alemães daqui se reuniram na prefeitura para ouvir meu avô lendo, e os finlandeses e irlandeses e todos os outros fizeram os alemães contarem as histórias para eles.

“A trinta quilômetros ao sul daqui, lá em Jibway, encontraram uma mulher andando pela neve como veio ao mundo, carregando um bebê morto nos braços, sem deixar ninguém encostar na criança.”

Ele balançou a cabeça, perdido em pensamentos, e fechou o armário de iscas com um clique.

— Foi feio. Quer uma carteira de sócio daqui da locadora? Vão acabar abrindo uma Blockbuster aqui também, então estaremos com os dias contados. Mas, por enquanto, temos uma seleção bem razoável.

Shadow lembrou a Hinzelmann que não tinha televisão nem videocassete. Gostava da companhia do velho, com suas reminiscências, suas histórias de pescador, seu sorriso malicioso. Talvez as coisas ficassem estranhas entre os dois se Shadow admitisse que não gostava muito de ver tevê, principalmente depois que ela dera para falar com ele.

Hinzelmann abriu uma gaveta e pegou uma caixa de lata. Pelo jeito, a caixa já fora uma daquelas latas de bombons ou de biscoitos natalinos — na tampa, abrindo um sorriso enorme, estava estampado um Papai Noel já meio apagado, segurando uma bandeja de garrafas de Coca-Cola. Com um pouco de empenho, Hinzelmann conseguiu tirar a tampa de metal da caixa, revelando um caderno e talões em branco.

— Quantos você quer comprar? — perguntou.

— Quantos o quê?

— Bilhetes da sucata. Ela vai para o gelo hoje, então já começamos a vender os números da rifa. Cada bilhete custa dez dólares, cinco saem por quarenta, e dez, por setenta e cinco. Cada número corresponde a um intervalo de cinco minutos. Claro que não temos como garantir que ela vai afundar durante os seus cinco minutos, mas quem chegar mais perto de acertar ganha quinhentos dólares. Mil, se a sucata afundar nos seus cinco minutos. Quanto antes você comprar, mais opções de tempo tem para escolher. Quer ver a ficha de informações?

— Claro.

Hinzelmann entregou uma cópia da ficha para Shadow. A sucata era um carro velho sem motor nem tanque, e seria deixada em cima do gelo do lago durante o inverno. Em algum momento da primavera, o gelo derreteria e, quando ficasse fino demais para sustentar o peso de todo aquele metal, o carro seria engolido pelo lago. O mais cedo que a sucata afundou fora no dia 27 de fevereiro (“No inverno de 1998. Acho que nem dá para chamar aquilo de inverno”), e o mais tarde, em primeiro de maio (“Foi em 1950. Naquele ano, parecia que o reinado do inverno só teria fim se alguém cravasse uma estaca em seu coração”). O começo de abril parecia a época mais comum para o carro afundar — em geral no meio da tarde.

Todos os horários do meio de tarde de abril já tinham sido reservados, riscados no caderno pautado de Hinzelmann. Shadow comprou um período

de vinte e cinco minutos na manhã de 23 de março, entre 9h e 9h25. Entregou quarenta dólares a Hinzelmann.

— Quem me dera fosse assim tão fácil vender para as outras pessoas da cidade — comentou o velho.

— É para agradecer por aquele passeio na minha primeira noite na cidade.

— Nada disso, Mike — respondeu Hinzelmann. — É pelas crianças. — Ele pareceu muito sério de repente, sem qualquer sinal de malícia no rosto idoso enrugado. — Apareça lá hoje à tarde, você pode nos dar uma ajudinha para empurrar a sucata até o lago.

Ele entregou cinco cartões azuis para Shadow, cada um com uma data e um horário anotados na letra antiquada de Hinzelmann, e registrou os detalhes de cada cartão no caderno.

— Hinzelmann, você já ouviu falar de pedras de água?

— Acho que já, não fica ao norte daqui? Ah, não, isso é o Águas de Águas, um riozinho. Acho que nunca ouvi falar nisso, não.

— E em pássaros do trovão?

— Bem, já vi uma exposição sobre tribos indígenas da América do Norte e lá tinham umas esculturas de pássaros do trovão, mas faz um tempo. Não estou ajudando em nada, não é?

— Não.

— Olha, que tal você pesquisar na biblioteca? O pessoal que trabalha lá é gente boa, talvez só estejam meio distraídos com a feira de livros desta semana. Eu mostrei onde fica a biblioteca, não mostrei?

Shadow assentiu, então se despediu. Queria ele mesmo ter pensado em ir à biblioteca. Entrou no Toyota roxo e dirigiu pela Main Street, contornando o lago até o ponto mais ao sul. Chegou ao edifício que lembrava um castelo e que abrigava a biblioteca da cidade. Entrou. Uma placa indicava o caminho que dava para o porão: FEIRA DE LIVROS. A biblioteca em si ficava no térreo, então ele bateu a neve das botas e foi até lá.

Uma mulher rabugenta, comprimindo os lábios pintados de vermelho, perguntou se poderia ajudá-lo. Seu tom não era muito amigável.

— Não sei se preciso de um cadastro para alugar livros — respondeu Shadow. — Quero saber tudo que der sobre a captura de pássaros do trovão.

A mulher o mandou preencher uma ficha e explicou que levaria uma semana para o cartão da biblioteca chegar. Shadow ficou imaginando se passariam aquela semana consultando as outras bibliotecas do país para saber se ele não era procurado por não devolver algum livro.

Quando estava na cadeia, conheceu um homem que tinha sido preso por roubar livros de bibliotecas.

— Acho que pegaram pesado na sua pena — comentara Shadow, quando o sujeito lhe contou por que estava lá dentro.

— Meio milhão de dólares em livros — informara o homem, orgulhoso. Seu nome era Gary McGuire. — A maioria eram livros raros e antigos de bibliotecas e universidades. Encontraram um depósito cheio de livros, do chão ao teto. Caso fácil.

— E por que você roubou esses livros? — perguntara Shadow.

— Eu queria que fossem meus — respondera Gary.

— Nossa. Meio milhão de dólares em livros.

Gary abriu um sorriso e, baixinho, dissera:

— Isso só no depósito que eles *acharam*. Ninguém encontrou a garagem em San Clemente, onde guardo as coisas *realmente* valiosas.

Gary morreu na cadeia quando o que a enfermaria classificara como corpo mole e preguiça se revelou uma ruptura de apêndice. E, ao entrar ali, na biblioteca de Lakeside, Shadow se pegou pensando na garagem em San Clemente, com caixas e mais caixas de livros raros, estranhos e lindos apodrecendo ao léu, todos amarelando, murchando, sendo devorados por insetos e bolor na escuridão, à espera de alguém que nunca viria libertá-los.

Crenças e Tradições dos Índios Americanos ocupava uma única estante posicionada em uma das torretas do castelo. Shadow pegou alguns livros e se sentou perto da janela. Em poucos minutos, descobriu que pássaros do trovão eram aves míticas gigantescas que viviam no topo das montanhas, que invocavam os relâmpagos e produziam os trovões com o bater de suas asas. Leu que algumas tribos acreditavam que o mundo tinha sido criado por aqueles pássaros. Mais meia hora de leitura e nenhuma informação nova, nenhuma referência a pedras de águia nos índices remissivos.

Shadow estava guardando o último livro que pegara na estante quando percebeu que alguém o observava. Alguém pequeno e muito sério o espiava por trás das enormes estantes. Quando ele se virou para olhar, o rosto sumiu. Ficou de costas para o menino, então espiou por cima do ombro e reparou que ele tinha voltado a olhar.

De seu bolso, Shadow pegou a moeda de um dólar com a efígie da Estátua da Liberdade. Ergueu a mão direita, segurando-a de modo que o menino conseguisse ver o brilho prateado. Fez uma empalmada, prendendo-a nos dedos da mão esquerda e mostrando as duas mãos vazias, então levou a mão esquerda até a boca e tossiu uma vez, fazendo a moeda cair para a mão direita.

O menino o encarou de olhos arregalados e saiu correndo. Voltou pouco depois arrastando Marguerite Olsen, que o encarou desconfiada, sem sorrir, e disse:

— Olá, senhor Ainsel. Leon me disse que você fez uma magia para ele ver.

— Só um pouco de prestidigitação, senhora.

— Por favor, não faça mais.

— Sinto muito. Só estava tentando distrair o garoto.

Ela balançou a cabeça com firmeza. *Não discuta*. Shadow não discutiu.

— Nunca agradeci pelas suas dicas para aquecer o apartamento — comentou. — Agora está bem quentinho.

— Que bom. — A expressão gélida dela nem sequer começou a derreter.

— Que biblioteca linda.

— O prédio é bem bonito. Mas a cidade precisa de algo mais eficiente e menos bonito. Você vai à feira de livros lá embaixo?

— Não pretendia ir, não.

— Bom, mas devia. É por uma boa causa. Rende dinheiro para comprar novos livros e libera prateleiras, mas o objetivo principal é angariar fundos para instalar computadores na seção infantil. Ainda assim, quanto antes construirmos uma nova biblioteca, melhor.

— Com certeza vou dar uma passada.

— É só seguir até a entrada do prédio e descer a escada. Foi um prazer, senhor Ainsel.

— Pode me chamar de Mike.

A mulher não respondeu, só pegou a mão de Leon e o levou para a seção infantil.

— Mas, mãe. — Shadow escutou Leon dizer — ... não era *presti ação*. *Não era*. Eu *vi* a moeda sumir e depois cair do *nariz* dele. Eu *vi*.

Um retrato a óleo de Abraham Lincoln o encarava da parede. Shadow desceu os degraus de mármore e carvalho até o porão da biblioteca, passando por uma porta que dava para um salão grande e cheio de mesas, cada uma coberta de livros de todos os tipos, distribuídos indiscriminadamente e organizados com certa promiscuidade: capas flexíveis e capas duras, ficção e não ficção, periódicos e enciclopédias, tudo lado a lado nas mesas, as lombadas para cima ou para fora.

Shadow perambulou até o fundo do salão, onde encontrou uma mesa coberta de livros de aspecto antigo, todos com encadernação de couro e o número de catalogação da biblioteca pintado em branco na lombada.

— Você é a primeira pessoa no dia que vai aí para esse canto — comentou o homem que estava sentado perto da pilha de caixas e sacolas vazias e da caixinha de metal aberta, esperando o dinheiro. — A maioria só quer levar os *thrillers*, os livros infantis e os romances da Harlequin. Jenny Kerton, Danielle Steel, esse tipo de coisa. — O homem estava lendo *O assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie. — Todos os livros das mesas custam cinquenta centavos cada, mas você pode levar três por um dólar.

Shadow agradeceu e continuou a examinar os volumes. Encontrou um exemplar das *Histórias* de Heródoto com capa de couro marrom descascando. O livro o fez se lembrar do exemplar que tinha deixado na cadeia. Encontrou um volume intitulado *Ilusionismos intrigantes*, que pelo

jeito talvez ensinasse alguns truques com moedas. Levou os dois livros até o homem com a caixinha de dinheiro.

— Se você comprar mais um, vai continuar pagando só um dólar — disse o homem. — E também vai estar nos fazendo um favor. Precisamos liberar espaço nas prateleiras.

Shadow voltou até a mesa com livros velhos encadernados em couro. Decidiu que apanharia o livro que tivesse menos chances de ser comprado, mas ficou na dúvida entre *Moléstias comuns do trato urinário — com aquarelas de um médico* e uma compilação das *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside 1872-1884*. Examinou as ilustrações do livro de medicina e concluiu que, em algum lugar da cidade, algum adolescente poderia usar o livro para provocar os amigos. Foi com as *Minutas* até o homem perto da porta, que recebeu seu dólar e guardou todos os livros em uma sacola de papel pardo do Dave's.

Shadow saiu da biblioteca. Dali dava para ver bem o lago, inclusive até o canto mais a nordeste. Dava até para ver o prédio onde morava, um caixote marrom perto da margem, depois da ponte. E viu alguns homens no gelo perto da ponte, quatro ou cinco, empurrando um carro verde-escuro para o meio do lago branco.

— Vinte e três de março — sussurrou para o lago. — Entre 9h e 9h25.

Ficou imaginando se o lago ou a sucata poderiam ouvi-lo — e, caso ouvissem, se lhe obedeceriam. Duvidava muito. Em seu mundo, a boa sorte era reservada às outras pessoas.

O vento batia em seu rosto, implacável.

Ao voltar para o apartamento, Shadow encontrou o policial Chad Mulligan esperando na frente do prédio. Sentiu o coração martelar quando viu a viatura, mas relaxou um pouco ao reparar que o policial estava só preenchendo alguma papelada no banco do motorista.

Foi até o carro, levando sua sacola de papel com os livros.

Mulligan baixou o vidro do carro.

— Feira de livros? — perguntou.

— É.

— Comprei um box de livros do Robert Ludlum lá, faz uns dois ou três anos. Ainda não consegui sentar para ler. Minha prima jura que esse cara é bom. Acho que eu só teria tempo de ler tudo se me largassem numa ilha deserta com a minha caixa de livros do Robert Ludlum.

— Delegado, posso ajudar em alguma coisa?

— Nem um pouco, meu caro. Só quis dar uma passada aqui para ver como estão as coisas. Conhece aquele ditado chinês, “Você se torna eternamente responsável pela vida do homem que salva”? Bom, não estou dizendo que salvei a sua vida semana passada. Mas mesmo assim quis ver como você estava. Como vai o Roxomóvel dos Gunther?

— Bem — respondeu Shadow. — Vai bem. Anda que é uma beleza.

— Bom saber.

— Vi minha vizinha de porta na biblioteca — comentou Shadow. — A senhorita Olsen. Fiquei me perguntando...

— Quantos limões estragados ela chupou para ficar daquele jeito?

— Algo assim.

— É uma longa história. Vamos dar uma voltinha, aí eu conto tudo.

Shadow considerou a ideia.

— Vamos lá — respondeu.

Ele entrou no carro, sentando-se no banco do carona. Mulligan dirigiu para a área norte da cidade. Depois de um tempo, desligou os faróis e estacionou na beira da estrada.

— Darren Olsen conheceu Marge no campus da Universidade de Wisconsin em Stevens Point e a trouxe aqui para Lakeside. Marge estava estudando jornalismo. E o Darren... não sei, acho que era hotelaria, qualquer merda assim. Isso foi há uns, sei lá, treze, catorze anos. Ela era linda demais... tinha um cabelão preto...

Ele fez uma pausa.

— Darren era gerente do Hotel América, lá em Camden, a uns trinta quilômetros a oeste daqui. Só que ninguém nunca queria parar lá em Camden, e o hotel acabou fechando. Eles tiveram dois meninos. Sandy tinha onze anos na época. E o mais novo... Leon, não é? Ainda era um bebê.

“Darren não era muito corajoso. Até era bom em futebol americano, mas foi a única época em que realmente esteve no topo. Enfim. Darren não teve coragem de contar para Margie que tinha perdido o emprego. Ele passou um mês, talvez dois, saindo bem cedo e voltando só bem tarde para casa, sempre reclamando do dia difícil no hotel.”

— E o que ele ficava fazendo?

— Hum. Não sei muito bem. Acho que ia de carro até Ironwood, ou talvez até Green Bay. Acho que a ideia inicial era procurar trabalho, mas não demorou para começar a passar o dia bebendo, ficando doidão e muito provavelmente requisitando os serviços de alguma garota trabalhadora em busca de um pouquinho de satisfação imediata. Talvez estivesse apostando dinheiro. A única coisa que eu sei com certeza é que ele limpou a conta conjunta dos dois em no máximo dez semanas. Foi só questão de tempo até Margie descobrir... Ahá! Lá vamos nós!

Um carro com placas de Iowa vinha descendo a ladeira a cento e dez por hora, e Chad entrou com o carro na estrada e ligou a sirene e as luzes, quase matando o motorista baixinho de susto.

Depois de multar o homenzinho afobado, Mulligan voltou à história.

— Onde eu estava? Ah, sim. Então Margie expulsou Darren de casa e pediu o divórcio. Enfrentou uma batalha terrível pela guarda das crianças. É assim que chamam essas coisas na *People*. Batalha Terrível pela Guarda das Crianças. Eu sempre imagino os advogados com facas, metralhadoras, socos-

ingleses... Bem, Margie ganhou a guarda. Darren podia visitar as crianças, e acho que quase mais nada. E, olha, Leon era bem pequenininho na época. Sandy já era maior, um bom garoto, daqueles que idolatram o pai, sabe? Não deixava Margie falar mal dele. Eles perderam a casa, um lugar bem bacana lá na Daniels Road. Margie foi com as crianças para o apartamento. Darren saiu da cidade, e voltava de tantos em tantos meses para infernizar a vida de todo mundo.

“E isso durou alguns anos. Darren voltava, gastava uma grana com os meninos, ia embora e deixava Margie chorando. Um monte de gente daqui começou a querer que ele não voltasse nunca mais. A mãe e o pai dele tinham se mudado para a Flórida depois de se aposentarem, diziam que não tinham como aguentar mais um inverno do Wisconsin. No ano passado ele reapareceu, disse que queria levar os meninos para passar o Natal na Flórida. Margie disse que de jeito nenhum isso ia acontecer e mandou Darren dar o fora. A coisa ficou bem feia. Eu até tive que ir lá. Briga doméstica. Quando cheguei, Darren estava parado na frente do prédio, berrando, com os meninos praticamente em estado de choque, e Margie não parava de chorar.

“Falei para Darren que ele estava pedindo para passar a noite atrás das grades. Achei que fosse apanhar, mas ele estava sóbrio o bastante para não tentar me bater. Fui com ele lá para o acampamento de trailers, no sul da cidade, e disse que ele precisava tomar jeito. Que ele já tinha machucado a Margie demais... No dia seguinte, Darren saiu da cidade.

“Duas semanas depois, Sandy desapareceu. Não chegou nem a pegar o ônibus da escola. Falou para o melhor amigo que ia ver o pai, que Darren ia trazer um presente especialmente legal para ele por não terem passado o Natal na Flórida. Ninguém nunca mais viu o garoto. Os sequestros por pais sem direito de guarda são os mais difíceis de resolver. Não é fácil achar um garoto que não quer ser encontrado, entende?”

Shadow disse que entendia. E também entendeu outra coisa: Chad Mulligan estava apaixonado por Marguerite Olsen. Ele se perguntou se o delegado percebia como isso era óbvio.

Mulligan entrou outra vez com o carro na estrada, as luzes brilhando, e parou uns adolescentes que iam a cem por hora. Nenhuma multa, “foi só para dar um susto”.

Mais tarde naquela noite, Shadow se sentou à mesa da cozinha e tentou entender como transformar uma moeda prateada de um dólar em uma moeda de um centavo. Tinha encontrado o truque em *Ilusionismos intrigantes*, mas as instruções eram confusas e vagas, além de extremamente irritantes. Volta e meia o livro sugeria algo como “então faça a moeda desaparecer da maneira usual”. Shadow não conseguia entender que

“maneira usual” era aquela. Torniquete? Enfiando na manga? Gritando “Meu Deus, olha aquele bicho!” e guardando a moeda no bolso enquanto a plateia estava distraída?

Ele jogou a moeda prateada para o alto e a pegou, lembrando-se da lua e da mulher que lhe dera aquela moeda. Tentou mais uma vez o truque do livro. Não dava certo. Foi até o banheiro e tentou na frente do espelho, o que só confirmou suas suspeitas: do jeito que estava no livro, não tinha como fazer aquele truque. Shadow soltou um suspiro, guardou as moedas no bolso e se sentou no sofá. Estendeu a manta fajuta sobre as pernas e abriu as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside 1872-1884*. O texto diagramado em duas colunas tinha uma letra tão minúscula que chegava a ser quase ilegível. Shadow folheou o livro, examinando as reproduções das fotografias da época e as figuras que compunham o conselho municipal de Lakeside: costeletas compridas e cachimbos de barro e chapéus amassados e chapéus lustrosos, tudo isso em rostos que, em muitos casos, pareciam curiosamente familiares. Não ficou surpreso em ver que o rotundo secretário da câmara de 1882 se chamava Patrick Mulligan: se o sujeito fizesse a barba e perdesse uns dez quilos, seria um clone de Chad Mulligan, seu... tataraneto? Ficou procurando o avô pioneiro de Hinzelmann nas fotografias, mas pelo jeito o sujeito não tinha feito parte da câmara municipal. Shadow pensou ter visto alguma referência a um Hinzelmann no texto enquanto passava de foto em foto, mas não conseguiu encontrar aquele ponto de novo quando voltou as páginas, e as letras minúsculas estavam dando dor de cabeça.

Apoiou o livro no peito e reparou que sua cabeça pendulava, perigosamente próxima do sono. Decidiu, cheio de razão, que seria besteira dormir no sofá. O quarto estava a poucos metros de distância. Por outro lado, o quarto e a cama continuariam no mesmo lugar dali a cinco minutos, e ele não ia dormir de verdade, só queria fechar os olhos por um instante...

A escuridão rugia.

Estava em uma vasta planície. A seu lado, via o lugar de onde ele emergira, de onde a terra o expelira. As estrelas ainda caíam do céu, e cada estrela que tocava a terra vermelha virava um homem ou uma mulher. Os homens tinham cabelo preto e maçãs do rosto salientes. Todas as mulheres pareciam Marguerite Olsen. Eram o povo das estrelas.

Eles o encararam com olhos escuros e orgulhosos.

— Me contem sobre os pássaros do trovão — pediu Shadow. — Por favor. Não quero saber por mim. Estou perguntando pela minha esposa.

Um a um, todos os seres das estrelas lhe deram as costas — quando Shadow perdia seus rostos de vista, as pessoas desapareciam, passavam a fazer parte da paisagem. Mas restou uma mulher, seu cabelo era cinza-escuro, um pouco grisalho, e ela apontou para cima antes de se virar, apontou para o céu cor de vinho e falou:

— Pergunte a eles.

Uma tempestade de relâmpagos estourou de repente no céu, e, por um instante, o mundo ficou iluminado de um horizonte a outro.

Shadow viu as rochas enormes ali perto, picos e pilares de arenito, então começou a escalar a mais próxima. O pilar tinha cor de marfim antigo. Segurou-se num ponto de apoio e sentiu que a pedra cortava sua mão. É osso, pensou. Não é pedra. É osso seco e velho.

Mas era um sonho, e, nos sonhos, muitas vezes não existe escolha — ou não há decisões a tomar, ou o que deve ser feito já foi decidido muito antes de o sonho começar. Shadow continuou escalando, forçando o corpo a subir. As mãos doíam. Ossos estalavam e se quebravam e se esmigalhavam sob seus pés descalços, abrindo cortes dolorosos. O vento tentava derrubá-lo, então Shadow se encolheu contra o pilar e continuou a subir.

Percebeu que o pilar era feito de um só tipo de osso, vários e vários ossos iguais, todos secos e esféricos. Por um instante, até tinha pensado que talvez fossem cascas amareladas antigas ou ovos de algum pássaro terrível. Então outro clarão dos relâmpagos o corrigiu: os ossos tinham os buracos para os olhos e os dentes estavam expostos em um sorriso sem humor.

Ouvia pássaros em algum lugar ao longe. A chuva molhava seu rosto.

Estava a centenas de metros do chão, agarrado à lateral da torre de crânios enquanto clarões de relâmpago ardiam nas asas dos pássaros obscuros que circulavam o pilar — pássaros pretos enormes cujo corpo lembrava o de um condor, um colar de penas brancas em cada pescoço. Os pássaros eram imensos, graciosos, terríveis, e o bater de suas asas soava como trovões estourando na noite.

Estavam circulando o pilar.

Devem ter uma envergadura de cinco ou seis metros, pensou Shadow.

Então o primeiro dos pássaros, que pairavam ao redor do pilar, se desviou e foi na direção dele, relâmpagos azulados saindo das asas. Shadow se enfiou em uma fresta de crânios — as órbitas vazias o encaravam, os dentes brancos como marfim sorriam para ele —, mas continuou escalando, arrastando o corpo pela montanha de crânios enquanto cada saliência pontuda rasgava sua pele, sentindo nojo, terror e espanto.

Outro pássaro veio em sua direção, e uma garra do tamanho de uma mão foi cravada em seu braço.

Shadow estendeu o braço, tentando pegar uma pena daquela asa enorme. Cairia em desgraça se voltasse à tribo sem uma pena de pássaro do trovão, jamais seria homem — mas o pássaro voou para o alto, e ele não conseguiu agarrar nem uma única pena. O pássaro do trovão o soltou e voltou a pairar ao vento. Shadow continuou a escalada.

Deve ter milhares de caveiras aqui, pensou Shadow. Milhares de milhares. E nem todas são humanas. Ele por fim se ergueu no topo do pilar, e aqueles pássaros enormes, os pássaros do trovão, pairavam devagar a sua volta, navegando os ventos da tempestade com movimentos ínfimos das asas.

Shadow ouviu uma voz, a voz do homem-búfalo, chamando-o no vento, contando a quem pertenciam as caveiras...

A torre começou a desmoronar, e o maior dos pássaros, os olhos emitindo o brilho branco azulado cegante de relâmpagos gêmeos, mergulhou em sua direção em uma explosão trovejante, e Shadow começou a cair, despencando da torre de crânios...

O telefone esbravejava. Shadow nem sabia que o aparelho ainda funcionava. Grogue e abalado, atendeu a ligação.

— Caralho! — berrou Wednesday, e Shadow nunca ouvira tanta raiva em sua voz. — Mas que merda você pensa que está fazendo, porra?

— Eu estava dormindo — respondeu Shadow, meio tonto.

— De que adianta eu enfiar você num esconderijo no fim do mundo se você vai fazer um escândalo tão grande que nem um morto conseguiria não notar?

— Eu sonhei com pássaros do trovão... — comentou Shadow. — E uma torre. Tinha uns crânios...

Parecia muito importante contar o sonho.

— Eu já sei com o que você sonhou. O mundo inteiro sabe com que porra você estava sonhando. Meu Deus do céu. De que adianta ficar escondido se você vai começar a anunciar aos céus onde está?

Shadow não respondeu.

Wednesday fez uma pausa no outro lado da linha.

— Chego aí amanhã de manhã — disse o deus. Parecia menos irritado.

— Vamos para São Francisco.

A linha ficou muda.

Shadow largou o telefone no carpete e se sentou, sentindo o corpo rígido. Eram seis da manhã, e do lado de fora ainda estava escuro. Levantou-se do sofá, tremendo de frio. Ouvia o vento gritando ao passar por cima do lago congelado. E ouvia alguém chorando ali perto, só a largura da parede o separando das lamúrias. Tinha certeza de que era Marguerite Olsen, e os soluços eram insistentes e baixos, de partir o coração.

Shadow foi até o banheiro e mijou, então entrou no quarto e fechou a porta, abafando o choro da mulher. Do lado de fora, o vento uivava e urrava como se também procurasse um filho perdido, e ele não dormiu mais naquela noite.

Fazia um calor fora de época em São Francisco naquele mês de janeiro, calor suficiente para Shadow sentir o suor escorrendo pela nuca. Wednesday usava um terno azul-escuro e óculos de armação dourada que o faziam parecer um advogado do ramo do entretenimento.

Caminhavam pela Haight Street. Os moradores de rua, os ambulantes e os trombadinhas ficaram olhando eles passarem, e ninguém estendeu um copo de esmolas em sua direção — ninguém lhes pediu absolutamente nada.

Wednesday estava com o maxilar tenso. Naquela manhã, quando o Lincoln estacionou diante do prédio, Shadow não demorou a perceber que o deus ainda estava irritado, de forma que não fez nenhuma pergunta ao embarcar. Os dois não tinham conversado no caminho até o aeroporto. E Shadow ficou aliviado quando soube que Wednesday iria na primeira classe, e ele, na econômica.

Era fim de tarde. Shadow, que não ia a São Francisco desde pequeno e desde então só vira a cidade nos filmes, ficou chocado ao descobrir como o lugar era familiar, como as casas de madeira eram coloridas e peculiares, como as ladeiras eram íngremes, como a cidade não se parecia com nenhum outro lugar.

— Quase não dá para acreditar que ainda estamos no mesmo país de Lakeside — comentou.

Wednesday olhou feio para ele.

— Não estamos — respondeu, por fim. — São Francisco não fica no mesmo país que Lakeside, assim como Nova Orleans não fica no mesmo país que Nova York e Miami não fica no mesmo país que Minneapolis.

— É mesmo? — perguntou Shadow, sem alterar o tom de voz.

— As cidades até podem partilhar certos significantes culturais, como dinheiro, o governo federal, entretenimento... É a mesma *terra*, claro. Mas os únicos elementos que dão a ilusão de que se trata de um mesmo país são a moeda, o *Tonight Show* e o McDonald's. — Chegaram a um parque no fim da rua. — Seja educado com a senhora que vamos visitar. Mas não demais.

— Pode deixar.

Os dois pisaram na grama.

Uma menina de no máximo catorze anos, com cabelo tingido de verde, laranja e rosa, ficou olhando enquanto passavam. Ela estava ao lado de um cachorro vira-lata com um pedaço de corda servindo como coleira. A menina parecia ainda mais faminta que o cachorro. O bicho latiu para eles e abanou o rabo.

Shadow deu um dólar para a menina. Ela olhou para a nota como se não soubesse bem o que era aquilo.

— Use para comprar ração — sugeriu Shadow.

Ela assentiu e abriu um sorriso.

— Olha, vou ser bem franco — insistiu Wednesday. — Você precisa tomar muito cuidado quando falar com essa senhora que vamos visitar. Ela pode gostar de você, o que seria ruim.

— Ela é sua namorada ou coisa parecida?

— Nem por todos os brinquedos de plástico da China — respondeu Wednesday, já sem o mau humor.

A raiva parecia ter se dissipado, ou talvez sido reservada para o futuro. Shadow suspeitava que fosse justamente a raiva o mecanismo que mantinha Wednesday funcionando.

Viram uma mulher sentada na grama, debaixo de uma árvore. Uma toalha descartável fora estendida à frente dela, amparando diversos potes de plástico.

A mulher era... não era gorda, não, nada disso. A melhor palavra era uma que Shadow nunca vira motivos para usar até aquele momento: *curvilínea*. O cabelo era tão claro que chegava a ser branco, o tipo de cabeleira loira platinada que poderia ter pertencido a uma celebridade do cinema morta muitos anos antes; os lábios estavam pintados de carmesim; e ela parecia ter qualquer idade entre vinte e cinco e cinquenta anos.

Os dois se aproximaram enquanto ela escolhia um dos ovos apimentados de uma bandeja. Quando Wednesday se aproximou, a mulher ergueu os olhos, largou o ovo que tinha escolhido e limpou a mão.

— Olá, sua fraude velha — cumprimentou, mas com um sorriso.

Wednesday fez uma reverência profunda, tomou a mão oferecida e a levou aos lábios.

— Você está divina — comentou.

— E como mais eu poderia estar? — retrucou a mulher, com a voz doce. — Enfim, você é um mentiroso. E Nova Orleans foi um *grande* erro, hein? Engordei uns sete quilos lá, juro. Eu reparei que precisava ir embora quando comecei a andar pendendo de um lado para o outro. Acredita que agora minhas coxas roçam umas nas outras quando eu ando? — Essa última frase foi para Shadow, que não fazia a menor ideia de como responder e sentiu um calor se espalhar pelo rosto. A mulher riu, deliciada. — Ele está *vermelho*! Wednesday, querido, você me trouxe um garoto *tímido*. Isso é maravilhoso da sua parte. Como ele se chama?

— Este é o Shadow — apresentou Wednesday, parecendo se divertir com o desconforto dele. — Shadow, esta é a Easter.

Shadow cumprimentou a mulher com alguma coisa parecida com um “Olá”, e a mulher abriu outro sorriso. Ele se sentia como um bicho no meio da estrada, iluminado pelos faróis de um carro — aqueles faróis potentes que os caçadores usam para paralisar os cervos antes de atirar. Dali de onde estava, sentia o perfume da mulher sentada mais adiante, uma mistura inebriante de jasmim e madressilva, de leite doce e pele feminina.

— E aí, como vão as coisas? — perguntou Wednesday.

A mulher, Easter, soltou uma risada grave e profunda, sonora e satisfeita. Como não gostar de alguém que ria daquele jeito?

— Vai tudo bem — respondeu ela. — E você, seu lobo velho?

— Queria muito poder contar com o seu apoio.

— Pois perdeu seu tempo vindo até aqui.

— Pelo menos escute o que eu tenho a dizer, antes de descartar a possibilidade.

— E para quê? Nem tente.

Então ela se voltou para Shadow.

— Por favor, venha se sentar e comer um pouco. Aqui, pegue um prato, quero vê-lo bem cheio. Tudo está gostoso. Tem ovos, frango assado, frango ao curry, salada de frango... e aqui tem *lapin*... bem, na verdade é coelho, mas coelho frio é uma delícia, e naquela tigela ali tem guisado de lebre... Bem, que tal eu fazer um prato para você? — E foi o que fez: pegou um prato de plástico, serviu uma montanha de comida e o entregou a Shadow. Então se virou para Wednesday: — Você vai comer?

— Estou às suas ordens, minha cara — retrucou o deus.

— Você é tão cara de pau que fico impressionada toda vez que seus olhos se mexem. — E entregou um prato vazio a Wednesday. — Sirva-se.

O sol da tarde brilhando atrás dela fazia uma aura de platina reluzir em seu cabelo.

— Shadow — começou Easter, mordendo uma coxa de frango, deliciada. — Mas que belo nome. Sombra. Por que o chamam assim?

Shadow umedeceu os lábios.

— Quando eu era pequeno, morava com a minha mãe, e a gente era... quer dizer, ela era... bem, era tipo uma secretária de algumas embaixadas americanas, e a gente viajava de cidade em cidade por todo o norte da Europa. Mas aí ela ficou doente e teve que se aposentar cedo, então voltamos para os Estados Unidos. Eu nunca tinha nada para conversar com as outras crianças, então ficava sempre atrás de algum adulto, sem falar nada, feito uma sombra. Acho que eu só precisava de companhia. Não sei. Eu era bem pequeno e magrinho.

— Você cresceu — comentou ela.

— É. Cresci.

Easter se virou para Wednesday, que atacava uma tigela com o que parecia *gumbo* frio.

— Este é o rapazinho que deixou todo mundo agitado?

— Você ficou sabendo?

— Eu sei de tudo — respondeu a mulher. Então se virou para Shadow: — Fique fora do caminho. Existem sociedades secretas demais, e nenhuma é leal a nada. As comerciais, as independentes, as governamentais... estão todas no mesmo barco. E variam de quase competentes até extremamente perigosas. Ei, seu lobo velho, outro dia ouvi uma piada, acho que você vai gostar. Como a gente pode ter certeza de que a CIA não teve nada a ver com o assassinato do Kennedy?

— Já ouvi — respondeu Wednesday.

— Que pena. — Ela se voltou outra vez para Shadow. — Mas toda aquela performance que fizeram para você... Aquilo vai além. Aquela corporação existe porque todo mundo sabe que eles precisam existir. — Ela bebeu o resto do que parecia vinho branco de um copo de papel e se levantou. — Shadow é um bom nome. Vamos. Quero um *moccacino*.

A mulher começou a se afastar.

— E a comida? — perguntou Wednesday. — Você não pode largar isso aqui.

Easter sorriu para ele, então apontou para a menina sentada ao lado do cachorro e abriu os braços, num gesto grandioso que abrangia o parque e o mundo.

— Que isso os alimente — respondeu a mulher.

E saiu andando, seguida por Wednesday e Shadow.

— Você precisa ter em mente — começou, falando com Wednesday enquanto andavam — que *eu* sou rica. Estou maravilhosamente bem. Por que eu o ajudaria?

— Você é uma de nós — respondeu o deus. — Está tão esquecida, ignorada e desprezada quanto nós. Acho que é bem óbvio de que lado você devia estar.

Chegaram a um café cujas mesas se estendiam pela calçada e entraram. Lá dentro havia apenas uma garçonete, que ostentava o piercing de sobancelha como uma identificação de casta, e uma mulher atrás do balcão, fazendo café. A garçonete partiu para cima deles com um sorriso automático, acomodou o grupo numa mesa e anotou os pedidos.

Easter apoiou a mão magra na de Wednesday, grossa e grisalha.

— Já disse, eu estou ótima. Meus dias de festividade ainda são celebrados com ovos e coelhos, doces e carne, para representar renascimento e copulação. As pessoas prendem flores nos chapéus e dão flores umas às outras. E fazem isso em meu nome. Mais e mais a cada ano. Em *meu* nome, seu lobo velho.

— E você se rejubila, só engordando e enriquecendo com esse monte de adoração e amor? — perguntou Wednesday, ríspido.

— Não seja babaca.

Easter de repente parecia muito cansada. Ela bebericou o *moccacino*.

— É uma pergunta séria, minha cara. É óbvio que eu não posso discordar do fato de que milhões e milhões de pessoas trocam presentinhos em seu nome, que ainda praticam todos os ritos do seu festival, até mesmo a caça de ovos. Mas quantas dessas pessoas sabem quem você é? Hein? Com licença, senhorita? — A última frase foi para a garçonete.

A jovem se virou e perguntou:

— Você quer mais um *espresso*?

— Não, não, minha querida. Só queria saber se você pode nos ajudar em uma pequena discussão sobre a Páscoa. Minha amiga aqui e eu não conseguimos concordar quanto ao significado da palavra Easter. Você sabe nos dizer?

A jovem encarou Wednesday como se sapos verdes tivessem começado a pular da boca do deus.

— Não sei nada dessas coisas cristãs. Eu sou pagã.

— Acho que é latim para “ascensão de Cristo”, ou coisa parecida — sugeriu a mulher atrás do balcão.

— É mesmo? — indagou Wednesday.

— É, sim — insistiu a mulher. — Easter, de *east*, leste, sabe? O leste é onde o sol se levanta, ou ascende aos céus.

— Ah, sim, a ascensão do astro-rei. Claro, uma suposição muito lógica.

— A mulher sorriu e voltou a trabalhar no moedor de café. Wednesday olhou para a garçonete. — Acho que vou querer mais um *espresso*, se você não se importa. Mas diga: como pagã, quem é que você *adora*?

— Quem eu adoro?

— Isso. Você deve ter uma gama bem grande de deuses à sua disposição. Então, para quem você dedica o altar de sua casa? Para quem você se curva? Para quem você reza ao amanhecer e ao pôr do sol?

Os lábios da garçonete se contorceram em vários formatos, mas nenhum som saiu. Até que ela enfim respondeu:

— O princípio feminino. É uma questão de empoderamento, entende?

— Claro. E esse seu princípio feminino, ela tem algum nome?

— Ela é a deusa dentro de todas nós — explicou a garota com piercing na sobrancelha, começando a corar. — Não precisa de nome.

— Ah — disse Wednesday, abrindo um sorriso enorme —, então você dedica bacanais homéricas em honra dela? Bebe vinho de sangue sob a lua cheia, com velas escarlate ardendo em castiçais de prata? Entra nua na espuma do mar, cantando em êxtase para sua deusa sem nome enquanto as ondas banham suas pernas, lambendo suas coxas como a língua de mil leopardos?

— Isso é brincadeira, né? A gente não faz nada disso que você está falando. — A garçonete respirou fundo. Shadow desconfiou que a mulher estivesse contando até dez. — Alguém mais aqui quer café? Mais um *moccacino* para você, senhora?

O sorriso em seu rosto estava muito parecido com o que ela os recebera, quando entraram. Os três balançaram a cabeça, e a garçonete se virou para atender outro cliente.

— Aí está um exemplo dessas que, como disse Chesterton, “não têm a fé nem querem o prazer”. Pagã, sei. Então. Que tal irmos lá fora repetir o exercício, minha cara Easter? Vamos descobrir quantas pessoas sabem que os festejos de Páscoa homenageiam a Eostre da Alvorada? Que tal... Já sei. Vamos perguntar a cem pessoas. Para cada uma que souber a verdade, você pode arrancar um dos meus dedos das mãos. E quando os dedos das mãos acabarem, pode cortar os dos pés. Mas, para cada vinte que não souberem, teremos uma noite de amor. E olha que você com certeza está em vantagem, afinal, estamos em São Francisco. Essas ruas íngremes estão cheias de infieis bárbaros, pagãos e wiccanos.

Os olhos verdes de Easter se cravaram em Wednesday. Shadow observou que tinham exatamente a mesma cor de uma folha de primavera trespassada pela luz do sol. Ela não respondeu.

— Sabe, até *poderíamos* tentar — continuou Wednesday —, mas eu acabaria com os dez dedos das mãos e dos pés e cinco noites na sua cama. Então não venha me dizer que as pessoas adoram você e que celebram seu dia de festividade. Até pronunciam seu nome, mas a palavra não significa nada para elas. Absolutamente nada.

Os olhos da mulher se encheram de lágrimas.

— Eu sei — disse ela, baixinho. — Não sou idiota.

— Não — concordou Wednesday —, não é.

Ele forçou demais a barra, pensou Shadow.

Wednesday baixou os olhos, envergonhado.

— Sinto muito — disse. Shadow ouviu sinceridade genuína na voz do deus. — A gente *precisa* de você. Da sua energia. Do seu poder. Quando a tempestade vier, você vai lutar ao nosso lado?

Easter hesitou. Tinha uma coroa de não-me-esqueças azuis tatuadas em volta do pulso esquerdo.

— Sim — respondeu, depois de um tempo. — Acho que vou.

Wednesday beijou o dedo e o encostou na bochecha da mulher. Então chamou a garçonete e pagou os cafés, contando bem o dinheiro, dobrando-o junto com a conta e entregando tudo à moça.

Quando a garçonete ia se afastando, Shadow a chamou:

— Moça? Com licença? Acho que você deixou esta cair.

Shadow pegou uma nota de dez dólares no chão.

— Não deixei — respondeu ela, olhando para as notas enroladas na mão.

— Eu vi cair, moça — retrucou Shadow, com educação. — É melhor você contar.

A garçonete contou o dinheiro e, confusa, disse:

— Nossa. Você tem razão. Desculpe.

Ela pegou a nota de dez dólares de Shadow e se afastou.

Easter saiu para a calçada com eles. A luz estava começando a sumir. A deusa assentiu para Wednesday, então tocou a mão de Shadow e disse:

— Com o que você sonhou ontem à noite?

— Pássaros do trovão. Uma montanha de crânios.

A mulher assentiu.

— E você sabe de quem eram aqueles crânios?

— Tinha uma voz. No meu sonho. Ela me disse.

Easter assentiu e esperou.

— A voz disse que eram meus — continuou Shadow. — Antigos crânios meus. Milhares e milhares.

Easter se voltou para Wednesday:

— Acho que este aqui vale ouro.

Ela abriu aquele sorriso simpático. Então deu um tapinha no braço de Shadow e foi embora. Shadow ficou olhando a mulher se afastar, tentando — sem sucesso — não pensar nas coxas se esfregando enquanto ela caminhava.

No táxi a caminho do aeroporto, Wednesday se virou para Shadow.

— O que foi aquela palhaçada com os dez dólares?

— Você pagou a menos. Descontam do salário dela, se não tiver o dinheiro todo.

— E por que você se importa?

Wednesday parecia realmente furioso.

Shadow pensou por um instante.

— Bom, eu não ia gostar que fizessem isso comigo. A garçonete não tinha feito nada de errado.

— Não? — Wednesday olhou para o nada e disse: — Aos sete anos, ela trancou um filhote de gato no armário. Ficou ouvindo o bichano miar por vários dias. Quando o gato parou de miar, ela tirou o corpinho do armário, colocou dentro de uma caixa de sapato e enterrou no quintal. Ela só queria enterrar alguma coisa. Ela rouba de todos os lugares onde trabalha. Quase sempre pouca coisa. Ano passado, ela visitou a avó na casa de repouso onde a velha fora confinada. Pegou um relógio de ouro antigo na mesa de cabeceira da avó e se esgueirou para outros quartos, roubando pequenas quantias e objetos daquelas pessoas nos anos dourados do ocaso da vida. Quando voltou para casa, não sabia o que fazer com os espólios e ficou com medo de que alguém fosse atrás dela, então jogou tudo fora, menos o dinheiro.

— Já entendi — disse Shadow.

— E ela tem gonorreia assintomática — continuou Wednesday. — Acha que pode estar infectada, mas não toma nenhuma providência. Quando o último namorado disse que tinha pegado a doença dela, ela ficou magoada e ofendida e se recusou a ver o rapaz de novo.

— Isso é desnecessário — interrompeu Shadow. — Eu já falei que entendi. Você poderia fazer isso com qualquer um, não é? Falar coisas ruins sobre a vida da pessoa.

— Claro — concordou Wednesday. — Todo mundo faz as mesmas coisas. As pessoas até podem achar seus pecados originais, mas, na maioria das vezes, são só atos mesquinhos e repetitivos.

— E por isso não tem problema você roubar dez dólares do salário dela?

Wednesday pagou o táxi, e os dois entraram no aeroporto e foram andando até o portão de embarque, que ainda não havia sido liberado.

— E *o que mais* eu posso fazer? Ninguém sacrifica carneiros ou touros em meu nome. Não me mandam a alma de algum assassino ou escravo, pendurado na forca e devorado pelos corvos. *Essas pessoas* me criaram. E

essas mesmas pessoas me esqueceram. Agora dou o troco tirando um pouco delas. Não parece justo?

— Minha mãe sempre dizia que “a vida não é justa” — respondeu Shadow.

— Claro que dizia. É o tipo de coisa que as mães dizem, assim como: “Se todos os seus amigos pulassem de um precipício, você também pularia?”

— Você roubou dez pratas daquela garota, e eu dei dez pratas para ela — insistiu Shadow, com teimosia. — Era a coisa certa a fazer, e eu fiz.

Alguém anunciou que o embarque tinha começado. Wednesday se levantou.

— Que suas escolhas sejam sempre assim tão claras — desejou, e, mais uma vez, parecia totalmente sincero.

O ditado é mesmo verdade, pensou Shadow. Quem consegue fingir sinceridade consegue qualquer coisa.

A frente fria já estava arrefecendo quando Wednesday deixou Shadow no apartamento, no comecinho da madrugada. Ainda fazia um frio obscuro em Lakeside, mas já não era mais um frio surreal. O letreiro luminoso na lateral do banco M&I alternava entre 3h30 e -20°C quando dirigiram pela cidade.

Eram nove e meia quando o delegado Chad Mulligan bateu à porta do apartamento e perguntou se Shadow conhecia uma menina chamada Alison McGovern.

— Acho que não — respondeu Shadow, sonolento.

— Aqui está uma foto dela — disse Mulligan.

Era uma daquelas fotos-padrão para o anuário da escola. Shadow reconheceu o rosto assim que o viu: era a menina de aparelho com elásticos azuis, a que estava sendo instruída pela amiga sobre as muitas utilidades orais de efervescente Alka-Seltzer.

— Ah, sim. Conheço. Ela estava no mesmo ônibus que eu quando cheguei a Lakeside.

— Onde você estava ontem, senhor Ainsel?

Shadow sentiu o mundo girar a seu redor. Sabia que não tinha motivos para se preocupar (*Você está violando os termos da liberdade condicional e usando nome falso*, sussurrou uma vozinha tranquila em sua cabeça. *Não é o suficiente?*).

— Em São Francisco. Na Califórnia. Fui ajudar o meu tio a transportar uma cama com dossel.

— E você tem como provar? Está com o canhoto da passagem? Alguma coisa do tipo?

— Claro. — Os cartões de embarque usados estavam no bolso de trás da calça, e Shadow os pegou. — O que aconteceu?

Chad Mulligan examinou os cartões.

— Alison McGovern desapareceu. Ela era voluntária no abrigo de animais daqui de Lakeside. Dava comida, passeava com os cachorros. Passava algumas horas lá depois da aula. Uma dessas meninas que adora bicho. Enfim. Dolly Knopf, a administradora do abrigo, sempre dava uma carona para ela no fim do dia. Ontem, Alison não apareceu lá.

— Ela desapareceu.

— É. Os pais ligaram ontem à noite. Garota boba, sempre ia para a beira da estrada pegar carona para o abrigo. Fica na County W, é bem longe de tudo. Os pais sempre diziam para ela não pegar carona, mas Lakeside não é o tipo de lugar onde essas coisas acontecem... as pessoas aqui não trancam a porta de casa, sabe? E a garotada não dá ouvidos. Bem, dê mais uma olhada na foto.

Alison McGovern estava sorrindo. Na foto, os elásticos nos dentes eram vermelhos, não azuis.

— Você pode afirmar, honestamente, que não sequestrou, estuprou nem matou essa garota, nem nada do gênero?

— Eu estava em São Francisco. E nunca faria uma merda dessas.

— Foi o que eu imaginei, meu amigo. Quer ajudar a procurar a menina?

— Eu?

— Sim, você mesmo. Despachamos o pessoal da unidade canina hoje cedo, mas até agora nada. — Ele soltou um suspiro. — Droga, Mike. Tomara que encontrem a menina em Minneapolis com algum namorado idiota.

— Acha provável?

— Acho possível. Não quer se juntar à equipe de busca?

Shadow se lembrou da menina na Henning's, do breve sorriso tímido de elásticos azuis, de como ele sabia que um dia ela seria bonita.

— Quero.

Cerca de vinte homens e mulheres aguardavam no saguão do corpo de bombeiros. Shadow reconheceu Hinzelmann, e vários outros rostos pareciam familiares. Havia alguns policiais, todos de uniforme azul, além de funcionários da delegacia de Lumber, com seus uniformes marrons.

Chad explicou a todos os detalhes da roupa que Alison estava usando quando desapareceu (macacão vermelho, luvas verdes, gorro de lã azul debaixo do capuz do macacão) e dividiu os voluntários em grupos de três. Shadow, Hinzelmann e um sujeito chamado Brogan ficaram em um grupo. Todos foram lembrados de como escurecia cedo e avisados de que se, Deus nos livre, encontrassem o corpo de Alison, ninguém — repito: ninguém — podia mexer em nada, era só pedir ajuda pelo rádio, mas que se a menina estivesse viva era para tentar mantê-la aquecida até a ajuda chegar.

Todos foram levados até a County W.

Hinzelmann, Brogan e Shadow caminharam ao longo da margem de um córrego congelado. Cada trio tinha recebido um pequeno walkie-talkie portátil antes de sair.

As nuvens estavam baixas no céu, e o mundo era cinza. Não tinha nevado nas últimas trinta e seis horas. As pegadas se destacavam na camada cintilante de neve seca.

Brogan parecia um coronel reformado com um bigode fino e cabelo já branco nas têmporas. Ele guiava o carro, e contou a Shadow que era um diretor de escola aposentado.

— Eu me aposentei cedo, assim que vi que não estava ficando mais jovem. Ainda dou algumas aulas, dirijo as peças de fim de ano, que sempre foram o ponto alto do ano letivo mesmo, mas agora caço um pouco e cuido de uma cabana lá perto do lago Pike, por isso passo bastante tempo lá. — Começaram a busca, e Brogan comentou: — Por um lado, espero que a menina seja encontrada. Por outro, ficaria muito feliz se, caso ela seja mesmo encontrada, que seja por outro grupo, e não o nosso. Entende?

Shadow entendia perfeitamente.

Os três não conversaram muito. Andaram, de olhos atentos a qualquer macacão vermelho, par de luvas verdes, gorro azul ou corpo branco. De vez em quando, Brogan, que estava com o walkie-talkie, mantinha Chad Mulligan a par da situação.

Na hora do almoço, foram com o restante da equipe de busca para dentro de um ônibus escolar cedido para uso da polícia e comeram cachorro-quente e sopa. Alguém apontou para uma árvore sem folhas, onde repousava um búteo-de-cauda-vermelha, e outra pessoa disse que parecia mais um falcão, mas a ave saiu voando e a discussão foi encerrada.

Hinzelmann contou uma história sobre o trompete de seu avô, sobre quando o homem foi tentar tocar no meio de uma frente fria, mas estava tão frio perto do celeiro, onde ele queria praticar, que não saiu som algum.

— Quando meu avô voltou para dentro de casa, colocou o trompete perto do forno a lenha, para descongelar. Aí, quando a família estava toda na cama, naquela noite, as notas congeladas começaram a sair do trompete de repente. Minha avó levou um susto tão grande que quase teve um treco.

A tarde foi interminável, infrutífera e deprimente. A luz do dia foi sumindo aos poucos, as distâncias ruíram, o mundo ficou índigo e o vento estava frio o bastante para queimar o rosto. Quando ficou escuro demais para continuar, Mulligan ordenou pelo rádio que todo mundo encerrasse os trabalhos daquela noite, e as equipes foram recolhidas e levadas de volta à sede do corpo de bombeiros.

Na quadra ao lado ficava o Buck Stops Here, a taverna da cidade, e a maioria das pessoas da equipe de busca acabou indo para lá. Estavam todos exaustos e desanimados, conversando sobre a águia-de-cabeça-branca que tinham visto no céu, sobre como estava frio, sobre como era muito provável

que Alison aparecesse dali a um ou dois dias, sem ideia de como tinha deixado todo mundo desesperado.

— Não vá ficar com uma ideia ruim da cidade por causa disso — pediu Brogan. — Esta é uma cidade boa.

— Lakeside é a melhor cidade nos Northwoods — declarou uma mulher esbelta cujo nome Shadow não lembrava, se é que haviam sido apresentados. — Sabe quantas pessoas daqui estão desempregadas?

— Não — respondeu Shadow.

— Menos de vinte. Tem mais de cinco mil moradores aqui na cidade e nos arredores. Podemos até não ser ricos, mas todo mundo tem emprego. É bem diferente das cidades de mineração lá no Nordeste... A maioria já virou cidade-fantasma. Cidades rurais foram aniquiladas pela queda do custo do leite ou pela baixa no preço dos porcos. Sabe qual é a principal causa de morte entre os fazendeiros do Meio-Oeste?

— Suicídio? — arriscou Shadow.

A mulher pareceu quase decepcionada.

— É. Isso mesmo. Eles se matam. — Ela balançou a cabeça, então continuou: — Aqui na região existem muitas cidades que só vivem para receber os caçadores e turistas de férias, cidades que só pegam o dinheiro dessas pessoas e as mandam para casa com troféus e picadas de mosquito. E existem as cidades corporativas, onde tudo é uma maravilha, até que a Walmart decida transferir o centro de distribuição para outro lugar, ou que a 3M pare de fabricar caixas de CD ou o que quer que seja, aí de repente um bando de gente fica sem ter como pagar a hipoteca. Ih, me desculpe, não lembro o seu nome.

— Ainsel — respondeu Shadow. — Mike Ainsel.

A cerveja era de produção local, feita com água de fonte natural. Era boa.

— Meu nome é Callie Knopf — anunciou a mulher. — Sou irmã da Dolly. — Seu rosto ainda estava corado por causa do frio. — Então, o que eu quero dizer é que Lakeside é uma cidade de sorte. Tem um pouco de tudo por aqui: fazendas, pequenas indústrias, turismo, artesanato... boas escolas.

Shadow encarava a mulher, intrigado. Todas as palavras dela pareciam carregar uma espécie de vazio. Era como ouvir um bom vendedor que acreditava que seu produto era bom, mas cujo objetivo era só convencê-lo a comprar todas as escovas ou a coleção completa de enciclopédias. Talvez a mulher tenha decifrado a expressão confusa de Shadow.

— Ah, me desculpe. Quando você ama muito uma coisa, não consegue parar de falar nela. O que você faz, senhor Ainsel?

— Carrego peso — respondeu Shadow. — Meu tio compra e vende antiguidades pelo país. Ele me usa para transportar coisas grandes e pesadas. Sem danificar muito. É um trabalho bom, mas não tem muita regularidade.

Um gato preto, o mascote do bar, se contorceu entre as pernas de Shadow e esfregou a cabeça em sua bota. Então pulou para o lado dele no banco e dormiu.

— Pelo menos você viaja — comentou Brogan. — Faz mais alguma coisa?

— Você por acaso tem oito moedas de vinte e cinco centavos? — perguntou Shadow.

Brogan procurou nos bolsos. Achou cinco moedas e as empurrou para Shadow. A mulher ofereceu outras três.

Shadow dispôs as moedas em duas fileiras de quatro. Depois, com movimentos quase impecáveis, fez o truque das Moedas através da Mesa, dando a impressão de que fazia metade das moedas atravessar a madeira, caindo da mão esquerda para a direita.

Então pegou as oito moedas com a mão direita, um copo d'água vazio na esquerda, cobriu o copo com um guardanapo e fingiu fazer as moedas sumirem da mão direita, uma a uma, e caírem no copo coberto fazendo barulho. Por fim, abriu a mão direita para mostrar que estava vazia e tirou o guardanapo, mostrando as moedas dentro do copo.

Devolveu as moedas — três para Callie, cinco para Brogan — e pegou uma de volta da mão de Brogan, deixando quatro moedas com o sujeito. Assoprou bem forte a moeda, que virou uma de um centavo, e a devolveu para Brogan, que contou o que tinha na mão e ficou chocado ao perceber que todas as cinco moedas de vinte e cinco centavos estavam ali.

— Você é quase um Houdini! — exclamou Hinzelmann, soltando uma risada deliciada. — Um ilusionista de primeira!

— Não passo de um amador — respondeu Shadow. — Ainda tenho muito a aprender.

Ainda assim, sentiu uma pontinha de orgulho. Aquela tinha sido sua primeira plateia de adultos.

Parou na mercearia para comprar uma caixa de leite. A ruiva do caixa parecia familiar, e seus olhos estavam vermelhos. Tinha o rosto tomado por sardas.

— Eu conheço você — comentou Shadow. — Você é... — Estava prestes a dizer “a menina do Alka-Seltzer”, mas se conteve a tempo. — Você é a amiga da Alison. Do ônibus. Espero que esteja tudo bem com ela.

A menina fungou e assentiu.

— Eu também.

Ela assoou o nariz em um lenço e o enfiou de volta na manga da blusa.

A menina usava um crachá que dizia OLÁ! MEU NOME É SOPHIE! PERCA 14 KG EM 30 DIAS, PERGUNTE-ME COMO!

— Passei o dia procurando por ela. Ainda não tivemos sorte.

Sophie assentiu e conteve as lágrimas. Ela balançou a caixa de leite na frente do leitor de código de barras, e a máquina exibiu o preço. Shadow

pagou dois dólares.

— Vou embora dessa cidade de merda — anunciou a menina, de repente, com a voz embargada. — Vou morar com a minha mãe em Ashland. Alison sumiu. No ano passado foi o Sandy Olsen. E ano retrasado foi a Jo Ming. E se ano que vem for eu?

— Achei que Sandy Olsen tivesse sido levado pelo pai.

— É — retrucou ela, amarga. — Claro que foi. E Jo Ming fugiu para a Califórnia, e Sarah Lindquist se perdeu em uma caminhada pela floresta e nunca mais foi encontrada. Ah, que se dane. Quero ir para Ashland.

Ela respirou fundo e prendeu o ar por um tempo. Então sorriu para Shadow. Não havia nada de falso naquele sorriso. Era só o sorriso de alguém que sabia que era parte do trabalho sorrir quando devolvia o troco a alguém — e, quando entregou a nota fiscal, a menina lhe desejou um bom dia. Então virou-se para a mulher atrás de Shadow, que tinha o carrinho cheio, e começou a descarregar e registrar tudo. Um menino que devia ter a mesma idade de Sophie se aproximou para ensacar as compras.

Shadow pegou o leite e foi embora, passou pelo posto de gasolina e pela sucata no gelo, cruzou a ponte e chegou em casa.

VINDA À AMÉRICA

1778

HAVIA UMA MENINA, e seu tio a vendeu, *escreveu o sr. Íbis em sua caligrafia elaborada e perfeita.*

A história é essa; o resto é detalhe.

Existem histórias verídicas, em que a trajetória de cada indivíduo é exclusiva e trágica, mas o pior da tragédia é que já a ouvimos antes, então não nos permitimos senti-la em toda a sua intensidade. Criamos uma carapaça em torno dela, como uma ostra que lida com uma partícula invasora dolorosa, revestindo-a com suaves camadas de pérola para processá-la. É assim que andamos e conversamos e agimos, dia sim, dia não, imunes à perda e à dor dos outros. Se deixássemos que isso nos tocasse, seríamos derrubados ou transformados em santos; mas, na maior parte das vezes, não encosta em nós. Não permitimos que o faça.

Hoje à noite, quando você estiver comendo, tente refletir: existem crianças no mundo que passam fome, milhares delas, uma quantidade maior do que a mente humana é capaz de assimilar, em que um erro de um milhão para mais ou para menos pode ser perdoado. Talvez lhe cause desconforto refletir sobre isso, ou talvez não, mas, ainda assim, você comerá.

Existem relatos de que, se deixarmos esses sentimentos adentrarem nosso coração, eles nos infligirão cortes profundos. Veja: ali está um bom homem, bom a seus próprios olhos e aos olhos de seus amigos: ele é fiel e leal a sua esposa, adora seus filhos pequenos e cuida deles com todo o carinho, ama seu país, se dedica a seu trabalho, sempre fazendo o melhor que pode. Então, com eficiência e benevolência, ele extermina judeus: ele aprecia a música que soa ao fundo para deixá-los mais calmos; aconselha os judeus a não se esquecerem do número de identificação ao entrarem nas duchas — avisa que muitas pessoas esquecem o próprio número e pegam a roupa errada ao saírem do banho. Isso tranquiliza os judeus: eles dizem a si mesmos que haverá vida após as duchas. Mas eles se enganam. Nosso homem supervisiona a equipe que leva os corpos até os fornos; e, se ele se sente mal, é porque ainda permite que o extermínio das pragas o afete. Ele sabe que, se fosse um bom homem de verdade, sentiria apenas alegria conforme a terra é purificada da infestação.

Deixe-o aí; causa-nos um corte profundo demais. Ele está próximo demais, e isso dói.

Havia uma menina, e seu tio a vendeu. Dito dessa forma, parece muito simples.

Nenhum homem, proclamou Donne, é uma ilha, e ele estava enganado. Se não fôssemos ilhas, estaríamos perdidos, afogados nas tragédias uns dos outros. Nós nos insulamos (uma palavra que significa, literalmente, lembre-se, *transformado em ilha*) diante da tragédia alheia, devido a nossa natureza de ilha, e devido ao aspecto repetitivo das histórias. Conhecemos o formato dessas histórias, e ele nunca muda. Houve um ser humano que nasceu, viveu e, de alguma forma, morreu. Pronto. Você pode preencher os detalhes a partir de sua própria experiência. Uma história tão pouco original quanto qualquer outra, uma vida tão singular quanto qualquer outra. As vidas são como flocos de neve: únicos em cada detalhe e capazes de formar padrões já vistos antes, mas tão semelhantes uns aos outros quanto ervilhas dentro de uma vagem (e você já olhou para ervilhas dentro de uma vagem? Digo, já olhou *mesmo* para elas? Após um minuto de exame atento, não há como não enxergar as diferenças entre elas).

Precisamos de histórias individuais. Sem os indivíduos, vemos apenas números: mil mortos, cem mil mortos, “as baixas podem chegar a um milhão”. Com histórias individuais, as estatísticas se transformam em pessoas — mas até isso é uma mentira, pois as pessoas continuam a sofrer em quantidades que também entorpecem e carecem de sentido. *Olhe*, veja a barriga inchada do menino, e as moscas que andam pelos olhos dele, os membros esqueléticos: seria mais fácil se você soubesse o nome dele, sua idade, seus sonhos, seus medos? Se o visse por dentro? E, se fosse, não seria um desserviço à irmã dele, que repousa na terra ardente a seu lado, uma figura distorcida e estirada, uma caricatura de criança humana? E, agora que nos solidarizamos com a dor dessas crianças, elas são mais importantes para nós do que outras mil crianças atingidas pela mesma fome, mil outras vidas jovens que logo se tornarão comida para as crianças contorcidas de fome das próprias moscas, as larvas?

Traçamos nossos limites em torno desses momentos de dor e permanecemos em nossas ilhas, e assim eles não são capazes de nos ferir. São então cobertos por uma camada suave, segura, lustrosa, para que assim eles possam cair, como pérolas, de nossa alma sem causar dor genuína.

A ficção permite que nos esgueiremos para dentro dessas outras cabeças, desses outros lugares, e olhemos por outros olhos. E então, na história, paramos antes de morrer, ou morremos ilesos na pele de terceiros, e no mundo além da história viramos a página ou fechamos o livro e continuamos com nossa vida.

Uma vida que é, como todas as outras, diferente de todas as outras.

E a verdade pura e simples é esta: *havia uma menina, e seu tio a vendeu.*

Era isto que diziam no lugar de onde a menina veio: nunca dá para ter certeza de quem é o pai de uma criança, mas a mãe, ah, disso se podia ter certeza. A linhagem e a propriedade eram transferidas pela matrilinearidade, mas o poder permanecia nas mãos dos homens: um homem detinha posse total dos filhos de sua irmã.

Houve uma guerra naquele lugar, uma guerra pequena, nada além de uma rusga entre os homens de dois povoados rivais. Foi quase uma discussão. Um povoado venceu a discussão, um povoado perdeu.

A vida como *commodity*, pessoas como propriedades. Por milhares de anos a escravidão havia feito parte da cultura daquela região. Os escravagistas árabes tinham destruído o último dos grandes reinos da África Oriental, e as nações da África Ocidental tinham destruído umas às outras.

Não havia nada condenável ou incomum no fato de o tio vender os gêmeos, embora gêmeos fossem considerados seres mágicos e o tio os temesse, o bastante para não lhes dizer que seriam vendidos, para que eles não ferissem sua sombra e o matassem. Os gêmeos tinham doze anos. Ela se chamava Wututu, a ave mensageira; ele, Agasu, o nome de um rei morto. Eram crianças saudáveis, e, por serem gêmeas, menino e menina, disseram-lhes muitas coisas sobre os deuses, e, por serem gêmeas, elas ouviram o que lhes disseram e se lembraram.

O tio delas era um homem gordo e preguiçoso. Se possuísse mais cabeças de gado, talvez tivesse aberto mão de um animal, e não das crianças, mas ele não possuía. Vendeu os gêmeos. Deixemos o tio de lado: ele não prosseguirá conosco nesta narrativa. Sigamos os gêmeos.

Eles foram obrigados a marchar, junto com outros escravos capturados ou vendidos na guerra, por dezenove quilômetros até um pequeno posto avançado. Ali, os gêmeos, e outros treze, foram comprados por seis homens com lanças e facas que os fizeram rumar para o oeste, na direção do mar, e depois por muitos quilômetros ao longo da costa. Agora eram quinze escravos ao todo, as mãos restringidas com amarras frouxas, presos um ao outro pelo pescoço.

Wututu perguntou ao irmão o que aconteceria com eles.

— Não sei — respondeu ele.

Agasu era um menino que sorria com frequência: seus dentes eram brancos e perfeitos, e ele os exibia ao sorrir, e seus sorrisos felizes deixavam Wututu feliz também. Mas agora ele não estava sorrindo. Tentou mostrar coragem para a irmã, mantendo a cabeça erguida e os ombros firmes, orgulhoso, ameaçador e cômico como um filhote de cachorro com o pelo das costas eriçado.

O homem atrás de Wututu na fila, com uma cicatriz no rosto, disse:

— Eles nos venderão para os diabos brancos, que vão nos levar para a terra deles do outro lado da água.

— E o que vão fazer com a gente lá? — perguntou Wututu.

O homem não falou nada.

— Hein? — insistiu Wututu.

Agasu tentou alertar a irmã com o olhar. Eles não tinham permissão para conversar ou cantar enquanto andavam.

— É possível que eles nos comam — disse o homem. — Foi o que me contaram. É por isso que precisam de tantos escravos. Estão sempre com fome.

Wututu começou a chorar.

— Não chore, irmã — disse Agasu. — Eles não vão comer você. Eu protejo você. Nossos deuses também.

Mas Wututu continuou chorando, o coração cada vez mais pesado, sentindo dor e raiva e medo de um modo que só uma criança é capaz de sentir: pura e absolutamente. Ela não conseguiu dizer a Agasu que não tinha medo de ser devorada pelos diabos brancos. Tinha certeza de que sobreviveria. Ela chorava porque o irmão talvez tivesse o mesmo destino, e não sabia se conseguiria protegê-lo.

Eles chegaram a um posto avançado e foram mantidos lá por dez dias. Na manhã do décimo dia, foram retirados da cabana onde haviam sido aprisionados (nos últimos dias, o espaço ficara muito abarrotado, conforme homens chegavam de muito longe, alguns tendo percorrido centenas de quilômetros, trazendo suas próprias correias ou fileiras de escravos). Eles foram conduzidos até o porto, e Wututu avistou o barco que os levaria embora.

Seu primeiro pensamento foi que a embarcação era imensa, e o segundo, que ela era pequena demais para comportar todos eles. Parecia pairar sobre a água. O bote do navio ia e vinha, levando os cativos até o navio, onde eram agrilhoados e distribuídos nos conveses inferiores por marinheiros, alguns dos quais tinham pele bronzeada ou vermelha como tijolo, com narizes pontudos e barbas estranhas que os faziam parecer monstros. Alguns dos marinheiros lembravam pessoas do povo dela, lembravam os homens que a haviam feito marchar pela costa. Os homens, as mulheres e as crianças foram separados, empurrados para áreas diferentes no convés. Era impossível abrigar devidamente todos os escravos, eram muitos, então mais uma dúzia de homens foi acorrentada no convés superior, embaixo dos pontos onde a tripulação prendia suas redes.

Wututu foi deixada junto com as crianças, não com as mulheres; e não foi acorrentada, apenas trancada. Agasu foi obrigado a ficar com os homens, em correntes, espremido como uma sardinha. Fedia debaixo do convés, embora a tripulação o tivesse lavado após remover a carga anterior. O odor havia se entranhado na madeira: o cheiro de medo e bίlis e diarreia e morte, de febre e loucura e ódio. Wututu se sentou no espaço quente com as outras crianças, seu suor se misturando ao delas. Uma onda fez um menino cair em

cima da menina, e ele pediu desculpas em uma língua que Wututu não reconheceu. Ela tentou sorrir para ele na penumbra.

O navio zarpou, navegando vigorosamente pela água.

Wututu se perguntou sobre o lugar de onde vinham os homens brancos (embora nenhum deles fosse branco de verdade: tinham a pele escura, queimada pelo mar e pelo sol). Será que a comida na terra deles era tão escassa que precisavam ir até a dela para buscar gente para comer? Ou seria ela uma iguaria, uma guloseima rara, para um povo que comia tantas coisas que só mesmo carne de pele negra nas panelas conseguia fazê-los salivar?

No segundo dia da viagem, o navio enfrentou uma tormenta, não muito forte, mas os conveses do navio chegaram a pular e a tombar, e o cheiro de vômito se uniu à mistura de cheiros de urina e fezes líquidas e suor. A chuva jorrava pelas fendas de ventilação no teto do convés dos escravos.

Depois de uma semana de viagem, e bem distante da terra, os escravos foram liberados dos grilhões. Avisaram-lhes que qualquer ato de desobediência, qualquer confusão que arranjassem receberia uma punição mais severa do que eles jamais haviam imaginado.

Pela manhã, os cativos comiam feijão e biscoito de água e sal com um pouco de suco de limão azedo o bastante para fazê-los contorcer o rosto, tossir e engasgar, e alguns gemiam e grunhiam quando o suco era servido. Mas eles não podiam cuspir: se fossem flagrados cuspendo ou fingindo beber, recebiam chicotadas ou surras.

No jantar, comiam carne salgada. O sabor era desagradável, e a superfície cinzenta da carne exibia um brilho colorido como um arco-íris. Isso foi no começo. Conforme a viagem prosseguia, a carne piorava.

Sempre que podiam, Wututu e Agasu se reuniam e, encolhidos num canto, conversavam sobre a mãe, a terra natal, os amigos. Às vezes, Wututu contava ao irmão as histórias que a mãe lhes contara, como as de Elegba, o mais ardiloso dos deuses, que era os olhos e os ouvidos da Grande Mawu no mundo, que levava mensagens a Mawu e trazia suas respostas.

À noite, para fugirem da monotonia do longo trajeto, os marinheiros faziam os escravos cantarem e dançarem as músicas de suas terras nativas.

Wututu deu sorte de ter sido colocada com as crianças. Elas ficavam abarrotadas e eram constantemente ignoradas, mas o que esperava as mulheres era bem pior. Em alguns navios negreiros, as escravas eram estupradas repetidas vezes pela tripulação, apenas um direito implícito da jornada. Aquele navio não era assim, o que não significava que não aconteciam estupros.

Cem homens, mulheres e crianças morreram na viagem e foram jogados ao mar; alguns deles nem mortos estavam ainda, mas o frio verde do oceano os despertou da febre final, e eles afundaram, se debatendo, se afogando, perdidos.

Wututu e Agasu estavam em um navio holandês, mas eles não sabiam disso, e tanto faria se tivesse sido inglês, português, espanhol ou francês.

Os tripulantes negros do navio, de pele ainda mais escura que a de Wututu, diziam aos cativos aonde ir, o que fazer, quando dançar. Certa manhã, a menina percebeu que um dos guardas negros a encarava. Ela estava comendo, quando o homem se aproximou e ficou olhando para ela, sem falar nada.

— Por que você faz isso? — perguntou ela ao homem. — Por que você serve aos diabos brancos?

Ele abriu um sorriso, como se aquela pergunta fosse a coisa mais engraçada que já tivesse ouvido. Então se abaixou um pouco, seus lábios quase roçando a orelha da menina, e o hálito quente imediatamente deixou Wututu enjoada.

— Se você fosse mais velha — disse ele —, eu a faria gritar de alegria com o meu pênis. Talvez eu faça hoje à noite. Já vi como você dança bem.

Ela o encarou com seus olhos castanhos e respondeu, sem alterar o tom de voz, até sorrindo, na verdade:

— Se você puser isso dentro de mim, eu vou arrancar com meus dentes lá de baixo. Sou uma bruxa e tenho dentes muito afiados.

Ela ficou satisfeita quando viu a expressão do homem mudar. Ele não falou mais nada e se afastou.

As palavras haviam saído de sua boca, mas não foram palavras dela: Wututu não pensara nelas, nem as criara. Não; ela percebeu que as palavras eram de Elegba, o ardiloso. Mawu criara o mundo e depois, graças aos ardis de Elegba, perdera o interesse nele. A esperteza e a ereção dura como ferro de Elegba é que haviam falado pela menina, que a haviam possuído por um instante, e naquela noite, antes de dormir, ela agradeceu ao deus.

Alguns cativos se recusaram a comer. Eles foram açoitados até engolirem a comida colocada em sua boca, embora os golpes tenham sido severos o bastante para matar dois dos homens. Ainda assim, ninguém mais no navio tentou se libertar através da fome. Um homem e uma mulher tentaram se matar pulando na água. A mulher conseguiu. O homem foi resgatado e amarrado ao mastro, e então chicoteado durante quase um dia, até suas costas se banharem em sangue, e foi deixado lá, o dia dando lugar à noite. Não recebeu nada para comer, e nada para beber além da própria urina. No terceiro dia, ele delirava, e sua cabeça ficara inchada e macia como um melão velho. Quando os desvaios chegaram ao fim, ele foi jogado ao mar. E pelos cinco dias seguintes à tentativa de fuga, os cativos voltaram às correntes e aos grilhões.

Foi uma longa viagem, ruim para os cativos e pouco agradável para os tripulantes, que haviam aprendido a endurecer o coração e a fingir que aquele trabalho era igual a qualquer outro, apenas fazendeiros conduzindo gado.

Eles aportaram em um dia bonito e quente em Bridgetown, Barbados, e os cativos foram levados do navio para a praia em botes pequenos saídos do cais e depois conduzidos até a praça do mercado, onde, mediante certa dose de gritos e golpes de porrete, foram organizados em fileiras. Um apito soou, e a praça se encheu de homens de rosto vermelho, que cutucavam, apertavam, gritavam, examinavam, chamavam, avaliavam, resmungavam.

E foi naquele momento que Wututu e Agasu se separaram. Foi muito rápido: um homem abriu a boca de Agasu, olhou seus dentes, sentiu os músculos dos braços, assentiu, e então outros dois homens levaram o menino embora. Ele não ofereceu resistência. Olhou para Wututu e gritou:

— Tenha coragem.

Ela fez que sim com a cabeça, aos prantos, sua visão sendo manchada pelas lágrimas. Juntos, eles eram gêmeos, mágicos, poderosos. Separados, eram duas crianças marcadas pela dor.

Ela só veria o irmão uma única vez depois daquele dia, e nunca em vida.

Eis o que aconteceu com Agasu. Primeiro, eles o levaram para uma fazenda de especiarias, onde o chicoteavam diariamente pelas coisas que fazia e pelas que não fazia; também lhe ensinaram um mínimo de inglês e lhe deram o nome de Inky Jack, Jack Carvão, por causa da escuridão de sua pele. Quando ele fugia, os homens o caçavam com cachorros e o traziam de volta, e lhe cortavam um dedo do pé com uma talhadeira para lhe ensinar uma lição que ele jamais esqueceria. Ele tentou passar fome, mas, quando se recusou a comer, quebraram seus dentes da frente e lhe empurraram um mingau ralo goela abaixo, e suas únicas opções eram engolir a comida ou sufocar.

Mesmo naqueles tempos, os senhores preferiam escravos nascidos em cativeiro aos trazidos da África. Os que haviam nascido em liberdade sempre tentavam fugir, ou morrer, e, de uma forma ou de outra, lá se iam os lucros.

Com dezesseis anos, Inky Jack foi vendido, junto com outros escravos, para uma *plantation* de cana em St. Domingue. Chamaram-no de Hyacinth, Jacinto, o escravo grande de dentes quebrados. Lá, o jovem conheceu uma velha de seu antigo povoado. A mulher havia sido uma escrava doméstica antes de seus dedos ficarem retorcidos e rígidos demais por causa da artrite. Ela lhe disse que os brancos separavam os cativos que viessem da mesma cidade, do mesmo povoado, da mesma região, para evitar insurreições. Eles não gostavam quando os escravos conversavam em sua própria língua.

Hyacinth aprendeu um pouco de francês e alguns ensinamentos da Igreja Católica. Todos os dias, ele cortava cana desde muito antes de o sol nascer até depois de o sol se pôr.

Gerou muitas crianças. Junto com outros escravos, se embrenhava pela floresta em plena madrugada, ainda que fosse proibido, para dançar a calinda, para cantar para Damballa-Wedo, o deus-serpente, que surgia na

forma de uma serpente negra. Ele cantou para Elegba, para Ogum, Shangô Zaka e muitos outros, todos os deuses que os cativos haviam levado à ilha, escondidos na mente e no coração.

Os escravos nas *plantations* de açúcar de St. Domingue raramente viviam mais de uma década. O tempo livre que lhes era concedido — duas horas no calor do meio-dia e cinco horas na escuridão da noite (das onze às quatro) — era também o único momento que eles tinham para plantar e preparar a própria comida (pois eles não eram alimentados pelos senhores, apenas recebiam pequenos pedaços de terra para cultivar e obter seu alimento), e era também o momento que eles tinham para dormir e sonhar. Ainda assim, eles aproveitavam esse tempo para se reunir e dançar, e cantar, e louvar. O solo de St. Domingue era fértil, e os deuses de Daomé, do Congo e do Níger fincaram ali raízes vigorosas e cresceram, exuberantes e imensos e profundos, e prometeram liberdade àqueles que os louvassem à noite nas florestas.

Hyacinth tinha vinte e cinco anos de idade quando uma aranha mordeu sua mão direita. O local da mordida infeccionou, e a carne das costas da mão necrosou: em pouco tempo, o braço inteiro estava inchado e roxo, e a mão fedia, latejava e ardia.

Fizeram-no beber rum fajuto e aqueceram a lâmina de um facão no fogo até ela brilhar, vermelha e branca. Cortaram fora o braço dele na altura no ombro, com uma serra, e o cauterizaram com a lâmina ardente. Ele passou uma semana caído de febre. Depois, voltou ao trabalho.

O escravo de um braço só chamado Hyacinth participou da revolta dos escravos de 1791.

O próprio Elegba se apossou de Hyacinth na floresta, cavalgando-o como um homem branco cavalgava um cavalo, e falou através dele. Hyacinth não se lembrava muito do que fora dito, mas os outros que o acompanharam disseram que ele lhes havia prometido a liberdade. Ele se lembrava apenas da ereção, rígida e dolorosa, e de erguer as duas mãos — a que ele tinha e a que não possuía mais — para a lua.

Um porco foi morto, e os homens e as mulheres da *plantation* beberam o sangue quente do animal, jurando lealdade e criando uma irmandade. Eles se declararam um exército de libertação e fizeram mais votos aos deuses de todas as terras de onde haviam sido roubados.

— Se morrermos em batalha contra os brancos — disseram uns aos outros —, renascemos na África, em nossos lares, em nossas tribos.

Havia outro Hyacinth no grupo, então passaram a chamar Agasu de Grande Braço. Ele combateu, louvou, sacrificou, planejou. Viu seus amigos e suas amadas morrerem e continuou combatendo.

Eles combateram por doze anos, uma luta enlouquecida e sangrenta contra os senhores de terra, contra as forças trazidas da França. Eles

combateram, e continuaram combatendo, e o impossível aconteceu, e eles venceram.

Em primeiro de janeiro de 1804, foi declarada a independência de St. Domingue, que logo viria a ser conhecido pelo mundo como República do Haiti. Grande Braço não viveu para ver a independência se concretizar. Ele morreu em agosto de 1802, pela baioneta de um soldado francês.

No momento exato da morte de Grande Braço (que antes fora chamado Hyacinth, e antes disso, Inky Jack, e que no coração sempre fora Agasu), sua irmã — que ele havia conhecido como Wututu, que fora chamada Mary na primeira *plantation* nas Carolinas, e Daisy quando se tornara escrava doméstica, e Sukey quando a venderam à família Lavere mais abaixo, em Nova Orleans — sentiu a baioneta fria penetrar por entre as costelas e começou a gritar e a chorar descontroladamente. Suas filhas gêmeas, ainda bebês, acordaram e começaram a chorar também. Elas eram cor de café com creme, ao contrário dos filhos negros que ela havia parido na *plantation*, quando ela própria era pouco mais que uma criança — filhos que ela não via desde que eles tinham quinze e dez anos. A menina do meio havia morrido um ano antes, quando foi vendida para longe.

Sukey fora açoitada muitas vezes desde que eles haviam desembarcado — em uma ocasião, esfregaram sal em suas feridas, e em outra ela apanhou com tanta força e por tanto tempo que, durante dias, ela não conseguiu se sentar nem permitir que nada tocasse suas costas. Ela fora estuprada várias vezes quando era mais nova: por homens negros que haviam sido obrigados a partilhar o estrado de madeira com ela e por homens brancos. Ela havia sido acorrentada. Mas não chorara. Desde que seu irmão fora tirado dela, Sukey havia chorado apenas uma vez. Foi na Carolina do Norte, quando vira a comida para as crianças escravas e para os cachorros ser despejada no mesmo comedouro, e vira seus filhos pequenos disputarem os restos com os cachorros. Ela viu isso acontecer um dia — e havia visto antes, todos os dias naquela *plantation*, e voltaria a ver muitas vezes mais antes de ir embora —, ela viu isso naquele dia, e isso lhe partiu o coração.

Ela fora bonita por um tempo. Mas os anos de dor haviam cobrado seu preço, e ela já não era mais bonita. Seu rosto era enrugado, e havia sofrimento demais naqueles olhos castanhos.

Onze anos antes, quando ela tinha vinte e cinco, seu braço direito se atrofiara. Nenhum dos brancos soubera dizer o que havia acontecido. A carne pareceu escorregar dos ossos, e agora seu braço direito pendia ao lado do corpo, nada mais do que um braço esquelético coberto de pele, e quase imóvel. Depois disso, ela se tornou uma escrava doméstica.

A família Casterton, proprietária daquela *plantation*, ficou impressionada com as habilidades dela na cozinha e no cuidado com a casa, mas o braço atrofiado da criada incomodava a sra. Casterton, então ela foi vendida para a família Lavere, que estava passando um ano fora da Louisiana: o sr. Lavere

era um homem gordo e alegre que precisava de uma cozinheira e de uma criada para serviços gerais e que não sentia nem um pouco de repulsa pelo braço atrofiado da escrava Daisy. Quando, um ano depois, eles voltaram à Louisiana, a escrava Sukey foi junto.

Em Nova Orleans, as mulheres iam até ela, e também os homens, atrás de curas e encantos de amor e pequenos amuletos; pessoas negras, sim, claro, mas também as brancas. A família Lavere fazia vista grossa. Talvez eles gostassem do prestígio de ter uma escrava que fosse temida e respeitada. Porém, não lhe venderiam a liberdade.

Sukey ia ao *bayou* tarde da noite, e dançava a calinda e a bamboula. Como os dançarinos em St. Domingue e os dançarinos em sua terra natal, os dançarinos no *bayou* usavam uma cobra preta como *voudon*; mesmo assim, os deuses da terra natal dela e os de outras nações africanas não possuíram aquelas pessoas como haviam possuído o irmão dela e as pessoas de St. Domingue. Mas ela continuava a invocá-los e a chamar seus nomes, a suplicar favores.

Ela ouviu quando os brancos falaram sobre a revolta em St. Domingo (como eles diziam), e sobre como aquilo estava fadado ao fracasso — “Imagine só! Uma terra de canibais!” —, e depois reparou quando eles pararam de falar no assunto.

A impressão era de que os brancos fingiam que nunca havia existido um lugar chamado St. Domingue, muito menos um com o nome de Haiti, palavra que jamais era mencionada. Era como se toda a nação americana tivesse decidido que, se acreditasse bastante, faria com que uma ilha caribenha inteira deixasse de existir, por pura e simples força de vontade.

Uma geração de filhos dos Lavere cresceu sob o olhar atento de Sukey. O mais novo, incapaz de dizer “Sukey” na infância, chamara-a de Mama Zouzou, e o nome pegou. Agora o ano era 1821, e Sukey estava com cinquenta e poucos anos. Parecia muito mais velha.

Ela conhecia mais segredos do que a velha Sanité Dédé, que vendia doces na frente do Cabildo, mais do que Marie Saloppé, que chamava a si mesma de rainha vodu: as duas eram mulheres de cor livres, enquanto Mama Zouzou era uma escrava, e morreria escrava, ou era o que seu mestre havia anunciado.

A jovem que veio até ela para descobrir o que havia acontecido com seu marido se apresentara como Viúva Paris. Tinha seios firmes, juventude, orgulho. Seu corpo tinha sangue africano, e sangue europeu, e sangue indígena. Sua pele era avermelhada e seu cabelo era de um preto lustroso. Seus olhos eram pretos e arrogantes. Seu marido, Jacques Paris, talvez estivesse morto. Ele era três quartos branco, de acordo com o cálculo que se fazia dessas coisas, e era o filho bastardo de uma família que já tivera prestígio no passado, um dos muitos imigrantes que haviam fugido de St. Domingue, e um homem tão livre quanto sua bela e jovem esposa.

— Meu Jacques. Ele morreu? — perguntou a Viúva Paris.

Ela era uma cabeleireira que ia de casa em casa fazer penteados nas damas elegantes de Nova Orleans antes de seus compromissos sociais tão estressantes.

Mama Zouzou consultou os ossos e balançou a cabeça.

— Ele está com uma mulher branca, em algum lugar ao norte daqui — disse ela. — Uma mulher branca de cabelo dourado. Ele está vivo.

Não havia mágica alguma naquela descoberta. Todo mundo em Nova Orleans sabia com quem exatamente Jacques Paris havia fugido, e qual era a cor do cabelo dela.

Mama Zouzou ficou surpresa ao constatar que a Viúva Paris ainda não sabia que Jacques estava enfiando seu pintinho mulato em uma menina rosada lá em Colfax todas as noites. Bom, pelo menos nas noites em que ele não estava tão bêbado que só conseguia usá-lo para mijar. Talvez ela soubesse. Talvez tivesse vindo por outro motivo.

A Viúva Paris visitava a velha escrava uma ou duas vezes por semana. Depois de um mês, ela passou a trazer presentes para a velha: laços de cabelo, um bolo de semente de alcaravia, um galo preto.

— Mama Zouzou — disse a moça —, é hora de você me ensinar tudo o que sabe.

— Sim — respondeu Mama Zouzou, que sabia como o mundo funcionava.

Além do mais, a Viúva Paris confessara que tinha nascido com os dedos dos pés colados, o que significava que ela era gêmea e havia matado a irmã no útero. Que escolha Mama Zouzou tinha?

Ela ensinou à moça que duas nozes-moscadas presas em um barbante em volta do pescoço até o barbante se romper curam sopros cardíacos, e que um pombo que nunca voou, se for aberto e colocado na cabeça do paciente, aplacará uma febre. Ela lhe mostrou como fazer uma bolsa de desejos — uma bolsinha de couro contendo treze moedas de um centavo, nove sementes de algodão e pelos de um porco preto —, e mostrou como esfregar a bolsa para fazer com que os desejos se realizassem.

A Viúva Paris aprendeu tudo o que Mama Zouzou lhe ensinou, mas ela não se interessava muito pelos deuses. Nem um pouco. Ela preferia se ater às questões práticas. Ficou maravilhada ao descobrir que, se mergulhasse uma rã viva em mel e a colocasse em um formigueiro, depois, quando os ossos estivessem limpos e brancos, um olhar mais atento encontraria um osso achatado em forma de coração e outro com um gancho: o osso com o gancho deve ser preso à roupa da pessoa cujo amor é desejado, enquanto o osso com forma de coração deve ser guardado em segurança (pois, se for perdido, a pessoa amada se voltará contra você como um cão raivoso). Isso feito, pronto, a pessoa amada será conquistada.

Ela descobriu que pó de cobra ressecada, se colocado no pó facial de uma inimiga, causará cegueira, e que é possível fazer uma inimiga se afogar obtendo-se uma roupa de baixo dela, virando-a do avesso e enterrando-a à meia-noite sob um tijolo.

Mama Zouzou mostrou à Viúva Paris a Raiz Maravilhosa do Mundo, as grandes e as pequenas raízes de John the Conqueror, e também um pouco de sangue de dragão, e erva-gato, e potentilha. Ela a ensinou a preparar chá de definhar, e água de me siga, e água faire-Shingo.

Tudo isso e mais um pouco Mama Zouzou ensinou à Viúva Paris. Ainda assim, no final foi uma decepção para a velha. Ela fez o possível para transmitir as verdades ocultas, o conhecimento profundo, para contar de Elegba, de Mawu, de Aido-Hwedo, da serpente *voudon*, e do resto, mas a Viúva Paris (agora lhe direi o nome com que ela nasceu, o nome que mais tarde se tornou famoso: era Marie Laveau. Mas essa não era a grande Marie Laveau, da qual você já ouviu falar; era sua mãe, que com o tempo viria a ser a Viúva Glapion) não tinha interesse algum nos deuses da terra do outro lado do oceano. Se St. Domingue havia sido uma terra negra exuberante para o crescimento dos deuses africanos, aquela terra, com o milho e os melões, as lagostas e o algodão, era estéril e infértil.

— Ela não liga — reclamou Mama Zouzou para Clémentine, sua confidente, que trabalhava de lavadeira para muitas das casas naquele distrito, lavando cortinas e colchas. Clémentine tinha um jardim de queimaduras no rosto, e um de seus filhos havia morrido escaldado quando um caldeirão de cobre tombou.

— Então não ensine — disse Clémentine.

— Eu ensino, mas ela não vê o que é precioso. Ela só vê o que pode ser feito com os ensinamentos. Eu dou diamantes, mas ela só se importa com o vidro bonito. Eu dou uma *demi-bouteille* do melhor vinho clarete, e ela bebe água de rio. Eu dou codorna, e ela só deseja comer rato.

— Então por que você persiste? — perguntou Clémentine.

Mama Zouzou deu de ombros, e seu braço atrofiado tremeu.

Ela não tinha a resposta. Poderia dizer que ensinava por estar grata por continuar viva, e ela estava: já vira muitos morrerem. Poderia dizer que sonhava com o dia em que os escravos se levantariam, tal como se levantaram (e foram derrotados) em LaPlace, mas ela sabia, no íntimo, que sem os deuses da África eles jamais superariam seus captores brancos, jamais voltariam à terra natal.

Quando ela acordou naquela noite terrível quase vinte anos antes e sentiu o aço frio entre as costelas, foi aí que a vida de Mama Zouzou acabou. Agora ela era alguém que não vivia, que apenas odiava. Se você lhe perguntasse sobre o ódio, ela jamais mencionaria a menina de doze anos em um navio fétido: isso havia sido encoberto em sua mente — foram açoites e surras demais, noites demais em grilhões, despedidas demais, dor demais.

Mas ela poderia falar sobre o filho, e sobre quando arrancaram o polegar dele quando o mestre descobriu que o menino sabia ler e escrever. Ela poderia falar da filha, com doze anos e já grávida de oito meses de um capataz, e do buraco que cavaram na terra vermelha para acomodar a barriga grávida de sua filha, e depois a açoitaram até fazer as costas dela sangrarem. Apesar do buraco cavado cuidadosamente, sua filha havia perdido o bebê e a vida em uma manhã de domingo, quando todos os brancos estavam na igreja...

Dor demais.

— Louve-os — disse Mama Zouzou à jovem Viúva Paris no *bayou*, uma hora após a meia-noite. As duas estavam com o peito desnudo e suavam no ar úmido da noite, e a pele delas se realçava ao luar.

O marido da Viúva Paris, Jacques (cuja morte, três anos mais tarde, apresentaria diversas características notáveis), contara a Marie um pouco sobre os deuses de St. Domingue, mas ela não se importava. O poder vinha dos rituais, não dos deuses.

Juntas, Mama Zouzou e a Viúva Paris entoavam e batiam os pés e gemiam no pântano. Elas cantavam para as serpentes negras, a mulher de cor livre e a escrava com o braço atrofiado.

— Isto é muito maior do que a sua prosperidade e o fracasso dos seus inimigos — disse Mama Zouzou.

Muitas palavras das cerimônias, palavras que no passado ela conhecia, palavras que seu irmão também conhecera, essas palavras haviam fugido de sua memória. Ela disse à bela Marie Laveau que as palavras não importavam, apenas as melodias e as batidas, e ali, cantando e batendo nas serpentes negras, no pântano, ela teve uma visão estranha. Ela viu o ritmo das canções, o ritmo da calinda, o ritmo da bamboula, todos os ritmos da África equatorial, disseminando-se lentamente por aquela terra da meia-noite, até todo o país tremer e se mover ao ritmo dos velhos deuses de cujo reino ela havia saído. E compreendeu, de alguma forma, ali no pântano, que nem mesmo isso seria suficiente.

Ela se virou para a bela Marie e viu a si mesma pelos olhos da jovem, uma mulher velha de pele negra, rosto enrugado, um braço magro caído inerte ao lado do corpo, os olhos de uma pessoa que viu seus filhos brigarem pela comida do comedouro com os cachorros. Viu a si mesma e percebeu, pela primeira vez, a repulsa e o medo que a outra mulher sentia por ela.

E então ela riu, e se abaixou, e pegou com a mão boa uma cobra comprida como um galho de árvore e grossa como uma corda de navio.

— Aqui — disse ela. — Isto será nosso *voudon*.

Ela soltou a cobra sem resistência dentro de um cesto que a pálida Marie havia levado.

E então, ao luar, a segunda visão a possuiu uma última vez, e ela viu o irmão Agasu, não o menino de doze anos que ela vira no mercado de

Bridgetown tanto tempo antes, mas um homem imenso, careca e sorridente, com dentes quebrados e as costas marcadas por cicatrizes profundas. Na mão, ele segurava um fãção. O braço direito era apenas um cotoco.

Ela estendeu a mão esquerda, a mão boa.

— Fique, fique mais um pouco — sussurrou ela. — Irei aí. Irei até você logo, logo.

E Marie Paris achou que a velha estivesse falando com ela.

CAPÍTULO

DOZE

O povo dos Estados Unidos investiu sua religião, bem como sua moralidade, em títulos seguros e com rentabilidade garantida. Adotou a posição indevassável de nação que é abençoada porque merece ser, e seus filhos, quaisquer que sejam as teologias por eles adotadas ou desconsideradas, assumem essa crença nacional sem reservas.

Agnes Repplier, *Times and Tendencies*

SHADOW DIRIGIA A oeste, atravessando Wisconsin e Minnesota até entrar em Dakota do Norte, onde as colinas cobertas de neve pareciam imensos búfalos adormecidos, e ele e Wednesday não viam nada além de um grande nada, que se estendia por quilômetros e quilômetros. Seguiram para o sul, até Dakota do Sul, até a reserva indígena.

Wednesday tinha trocado o Lincoln, que Shadow gostava de dirigir, por um trailer Winnebago pesado e muito ancestral, com um cheiro incrustado e inconfundível — ainda que leve — de gato, um carro que ele não gostava nem um pouco de dirigir.

Quando passaram pela primeira placa anunciando o Monte Rushmore, ainda a centenas de quilômetros de distância, Wednesday grunhiu.

— Isso sim é que é um lugar sagrado.

Shadow pensou que Wednesday estivesse dormindo.

— Eu sei que era sagrado para os índios — comentou.

— É um lugar sagrado — repetiu Wednesday. — É o jeito americano: eles precisam de uma desculpa para as pessoas poderem louvar. Hoje em dia, não se pode só ir visitar uma montanha. Por isso que tem esses enormes rostos presidenciais, obra do senhor Gutzon Borglum. Depois que eles foram esculpidos, foi como se agora sim as pessoas tivessem permissão para ir até lá, aos montes, e ver ao vivo algo que já viram em mil cartões-postais.

— Tinha um cara que fazia musculação lá na academia onde eu trabalhava. Isso faz uns anos. Ele me disse que os jovens da tribo dos índios Dakota escalam a montanha e desafiam a morte formando uma corrente humana por cima das cabeças, só para o cara na ponta conseguir mijar no nariz do presidente.

Wednesday deu uma gargalhada.

— Ah, que maravilha! Fenomenal! E algum presidente específico é alvo da ira dos jovens índios?

Shadow deu de ombros.

— Ele não me falou.

Quilômetros foram deixados para trás abaixo dos pneus do trailer. Shadow começou a imaginar que estavam parados enquanto a paisagem dos Estados Unidos se deslocava a uma velocidade constante de cento e sete quilômetros por hora. Uma neblina de inverno obscurecia o horizonte.

Era meio-dia do segundo dia de viagem, e estavam quase chegando. Depois de um tempo pensativo, Shadow comentou:

— Uma menina lá de Lakeside desapareceu, semana passada. Quando estávamos em São Francisco.

— Hum? — Wednesday parecia quase indiferente.

— Uma garota chamada Alison McGovern. Não é a primeira criança a desaparecer por lá. Já aconteceu com outras. Elas sempre somem no inverno.

Wednesday franziu a testa.

— É uma tragédia, não é? As carinhas nas caixas de leite... se bem que não me lembro da última vez em que vi uma foto de criança desaparecida numa caixa de leite ou em paradas de ônibus. *Procura-se*, logo acima das fotos. Na melhor das hipóteses, uma recomendação profundamente existencial. *Procura-se*. Pegue a próxima saída.

Shadow teve a impressão de ouvir um helicóptero passar voando, mas as nuvens estavam muito densas, não dava para ver nada.

— Por que você escolheu Lakeside?

— Eu já disse. É um lugar tranquilo, bom para você se esconder. Lá, você fica fora do tabuleiro, longe do radar.

— *Por quê?*

— Porque é assim que as coisas são. Agora pegue a esquerda — mandou Wednesday.

Shadow virou à esquerda.

— Tem algo errado — comentou o deus. — Cacete. Meu Deus do céu santíssimo. Diminua, mas não pare.

— Não vai explicar o que aconteceu?

— Um problema. Conhece alguma rota alternativa?

— Para falar a verdade, não. É a primeira vez que passo por Dakota do Sul. E também não sei para onde estamos indo.

Do outro lado da ladeira, os dois viram um brilho vermelho borrado pela neblina.

— Bloqueio na estrada — anunciou Wednesday.

Ele enfiou a mão bem fundo num bolso do paletó, depois em outro, em busca de alguma coisa.

— Posso parar e dar a meia-volta. Eu poderia sair da estrada, se tivéssemos um jipe, mas esse trailer vai acabar tombando quando eu tentar passar por aquela vala.

— Não podemos voltar. Também tem gente atrás — explicou Wednesday. — Diminua a velocidade para uns vinte, vinte e cinco quilômetros.

Shadow olhou pelo retrovisor. Viu faróis mais atrás, a cerca de um quilômetro.

— Tem certeza?

Wednesday bufou.

— Claro que tenho certeza, assim como tenho certeza de que todo ovo é um ovo, como disse o célebre criador de perus, quando fez chocar o ovo de sua primeira tartaruga. Ahá, achei!

Do fundo de um bolso, o deus tirou um pequeno pedaço de giz branco.

Wednesday começou a riscar o painel do trailer, fazendo marcas de giz como se estivesse resolvendo uma equação matemática — ou talvez, pensou Shadow, como se fosse um mendigo, rabiscando longas mensagens complexas para outros mendigos, usando um código só deles: *cachorro mau aqui, cidade perigosa, mulher legal, cadeia tranquila de passar a noite...*

— Certo. Acelere para cinquenta por hora. E não diminua.

Um dos carros atrás acendeu as luzes, ligou a sirene e acelerou na direção deles.

— Não diminua — repetiu Wednesday. — Eles só querem que a gente diminua antes de chegar ao bloqueio.

Risca. Risca. Risca.

Chegaram ao topo da ladeira. O bloqueio estava a menos de quinhentos metros. Shadow viu doze carros dispostos no meio da estrada, além de viaturas e alguns utilitários pretos grandes no acostamento.

— Pronto.

Wednesday guardou o giz. O painel do trailer estava coberto de rabiscos que pareciam runas.

O carro com a sirene ligada estava logo atrás. Tinha diminuído a velocidade, e uma voz amplificada gritava:

— Parem e encostem!

Shadow olhou para Wednesday.

— Vire à direita — instruiu o deus. — Saia da estrada.

— Não posso sair da estrada com essa lata-velha. O carro vai virar.

— Vai dar tudo certo. Vire à direita! Agora!

Shadow obedeceu, e o Winnebago sacudiu e balançou. Por um instante, achou que estivesse certo, que o trailer fosse mesmo tombar, então o mundo do outro lado do para-brisa se desfez e tremelicou, como o reflexo em um lago límpido quando o vento perturba a superfície, e então as Dakotas se esticaram e mudaram.

As nuvens e a neblina e a neve e o dia tinham desaparecido.

Havia estrelas no céu, pairando como lanças de luz imóveis no ar, perfurando o céu noturno.

— Estacione aqui — instruiu Wednesday. — Vamos andar o resto do caminho.

Shadow desligou o trailer. Foi para os fundos e pegou o casaco, as botas de inverno e as luvas. Então saiu do veículo e esperou.

— Pronto. Vamos lá — declarou.

Wednesday o encarou com um ar divertido e de algo mais... irritação, talvez. Ou orgulho.

— Por que você nunca discute? — perguntou o deus. — Por que não grita que isso é impossível? Por que você só faz o que eu mando e leva tudo nessa calma do caralho?

— Porque você não me paga para fazer perguntas — respondeu Shadow. Então acrescentou, dando-se conta da verdade das palavras que saíram de sua boca: — De qualquer forma, nada me surpreende muito depois do que aconteceu com Laura.

— Depois que ela voltou dos mortos?

— Depois que eu descobri que ela estava dando para o Robbie. Doe demais. O resto é o resto. Para onde vamos?

Wednesday apontou o caminho, e os dois começaram a andar. O chão sob seus pés era de algum tipo de rocha lisa e vulcânica, vítrea em alguns pontos. O ar estava frio, mas não era um frio de inverno. Desceram meio sem jeito por uma colina enorme, chegaram a uma trilha grosseira e continuaram descendo. Shadow olhou lá para baixo e percebeu que o que via era impossível.

— Que porra é aquela? — perguntou, mas o deus levou o dedo aos lábios e balançou a cabeça com firmeza. Silêncio.

Parecia uma aranha mecânica de metal azul com luzes de LED cintilantes, do tamanho de um trator. Estava agachada ao pé da colina. Atrás dela havia uma variedade de ossos, cada um junto de uma chama bruxuleante, pouco maior que uma vela.

Wednesday gesticulou para que Shadow ficasse longe daquilo. Ele deu mais um passo para o lado, o que foi um erro naquela trilha vítrea: torceu o tornozelo e caiu colina abaixo como se tivesse sido jogado: rolando, derrapando, quicando. Agarrou-se a uma pedra, e o pedaço de obsidiana rasgou a luva de couro como se fosse papel.

Acabou caindo no sopé da ladeira, entre a aranha mecânica e os ossos.

Apoiou uma das mãos no chão para se levantar, mas viu que tinha encostado no que parecia um fêmur, e...

... era dia, e ele estava de pé no meio da estrada, fumando um cigarro e olhando o relógio. Estava cercado de carros, alguns vazios, outros, não.

Queria não ter tomado aquele último copo de café: precisava mijar, e a vontade de se aliviar estava começando a incomodar.

Um dos oficiais da lei locais vem até ele, um grandalhão com o bigode de morsa pontilhado de pequenos cristais de respiração congelada. Já tinha até esquecido o nome do sujeito.

— Não entendo como eles conseguiram escapar — comenta o Oficial da Lei Local, constrangido e confuso.

Ele dá a resposta-padrão:

— Foi uma ilusão de ótica. Acontece quando o clima está doido assim. Essa neblina. Foi uma miragem. Eles estavam dirigindo por alguma outra estrada. Mas parecia que era nesta.

O Oficial da Lei Local parece decepcionado.

— Ah. Achei que talvez fosse um negócio meio *Arquivos X*.

— Infelizmente não é nada tão empolgante.

Ele sofre de inflamações ocasionais na hemorroida, e a bunda acabou de começar a coçar daquele jeito que indica que problemas estão a caminho. Quer voltar para a capital. Queria que tivesse uma árvore ali por perto: a vontade de mijar está cada vez maior. Ele larga o cigarro e pisa para apagar a brasa.

O Oficial da Lei Local vai até uma das viaturas e fala com o motorista. Os dois balançam a cabeça.

Ele se pergunta se devia apenas travar os dentes, tentar se imaginar em Maui, completamente só, e mijar no pneu traseiro do carro. Queria não ter tantos problemas para fazer xixi em público, e até acha que conseguiria segurar por mais um tempo, mas de repente se lembra de uma reportagem de algum jornal que alguém pregou no mural da república da faculdade, trinta anos atrás: a história de um velho que fez uma viagem muito longa num ônibus cujo banheiro estava interditado e que foi segurando a vontade até não aguentar mais, e quando foi tentar mijar no final da viagem, precisaram inserir um cateter para ele conseguir se aliviar...

Aquilo é ridículo. Ele não é tão velho assim. Vai comemorar seu aniversário de cinquenta anos em abril, e o encanamento está em ordem. Está tudo em ordem.

Ele pega o telefone, abre a agenda, desce um pouco e encontra o endereço identificado como “Lavanderia”, o que tinha achado muito engraçado quando gravou o contato: uma referência ao seriado *O agente da UNCLE* — mas, quando olha para o endereço, repara que não era nada daquilo: era uma *alfaiataria*, ele estava pensando em *Agente 86*. Ainda se sente estranho e um pouco constrangido mesmo depois de tantos anos, por não ter percebido quando criança que era um filme de comédia, e queria um sapatofone mais do que tudo na vida...

Uma voz de mulher ao telefone.

— Sim?

— Aqui é o senhor Town, para o senhor World.

— Aguarde, por favor. Verei se ele pode atendê-lo.

Silêncio. Town cruza as pernas, puxa o cinto mais para cima da barriga — *precisa* perder esses últimos quatro quilos —, para longe da bexiga. Depois, uma voz formal diz:

— Olá, senhor Town.

— Nós os perdemos.

Ele sente um embrulho de frustração na boca do estômago: eram os desgraçados, os filhos da puta nojentos que mataram Woody e Stone, tenha dó. Bons homens. Bons homens. Está louco para comer a sra. Wood, mas sabe que ainda é cedo demais para dar em cima dela, então a leva para jantar de vez em quando, um investimento para o futuro, e a viúva de Woody fica feliz com a atenção...

— Como?

— Não sei. Montamos um bloqueio na estrada, não tinha por onde fugir, mas mesmo assim eles deram um jeito.

— Só mais um dos pequenos mistérios da vida. Não se preocupe. Você acalmou os locais?

— Falei que foi ilusão de ótica.

— Eles acreditaram?

— Provavelmente.

A voz do sr. World parecia muito familiar... o que era algo estranho de se pensar; já fazia dois anos que trabalhava diretamente com o sr. World, falando com ele todo dia, é *claro* que a voz dele parecia familiar.

— Eles já devem estar longe.

— Mandamos alguém até a reserva para interceptar os dois?

— Não vale a pena o esforço. Muitos problemas de jurisdição, e tem um limite de quantos pauzinhos conseguimos mexer em uma única manhã. Temos bastante tempo. Volte para cá. Estou muito ocupado tentando organizar a reunião sobre a política da corporação.

— Problemas?

— É uma queda de braço. Propus que fosse aqui. Os técnicos querem em Austin, talvez em San José, os artistas querem em Hollywood, os intangíveis querem em Wall Street. Todo mundo quer fazer no seu próprio território. Ninguém quer ceder.

— Quer que eu faça alguma coisa?

— Não ainda. Vou rosnar para alguns, acariciar outros. Sabe como é.

— Sim, senhor.

— Prossiga, Town.

A ligação foi interrompida.

Town acha que devia ter mandado uma equipe da SWAT explodir a porra daquele trailer, ou coberto a estrada de minas, ou usado algum dispositivo nuclear tático; isso teria mostrado para aqueles babacas que

estavam falando sério. Como o sr. World tinha falado uma vez: *Estamos escrevendo o futuro com Letras de Fogo*, e o sr. Town acha que, Deus do céu, se não mijar neste instante vai perder um rim, vai explodir, e é que nem seu pai dizia quando faziam viagens longas; quando Town era criança, na rodovia interestadual, seu pai sempre dizia: “Meus molares já estão boiando”, e o sr. Town consegue ouvir a voz dele, aquele sotaque ianque forte, dizendo “Preciso me aliviar, meus molares já estão boiando”...

... e foi aí que Shadow sentiu uma mão abrindo a sua, forçando os dedos um de cada vez a soltar o fêmur que estavam segurando. Não precisava mais mijar: aquilo tinha sido outra pessoa. Estava de pé sob as estrelas, em uma planície de rocha vítrea, e o osso estava no chão em meio a outros ossos.

Wednesday fez outra vez aquele gesto pedindo silêncio. Então começou a andar, e Shadow o seguiu.

A aranha mecânica soltou um rangido, e Wednesday ficou imóvel. Shadow parou e esperou também. Aglomerados de luzes verdes piscantes estavam dispostos ao longo da lateral daquele corpo imenso. Shadow tentou respirar sem fazer muito barulho.

Pensou no que tinha acabado de acontecer. Fora como olhar por uma janela para dentro da mente de outra pessoa. Então pensou: *Senhor World. Fui eu quem achou que a voz era familiar. O pensamento foi meu, não de Town. Foi por isso que pareceu tão estranho*. Tentou identificar a voz na memória, ligá-la à pessoa certa, mas não conseguiu.

Alguma hora eu vou lembrar, pensou. *Mais cedo ou mais tarde*.

As luzes verdes ficaram azuis, depois vermelhas, depois diminuíram de intensidade para um vermelho fraco, e a aranha se endireitou nas patas metálicas. Wednesday avançou, uma figura solitária ao luar, usando um chapéu de aba larga, o manto escuro desgastado tremulando sem direção ao vento que vinha de lugar nenhum, o cajado batendo no solo rochoso e vítreo.

Quando a aranha metálica já não passava de um brilho distante, muito longe na planície, Wednesday constatou:

— Agora acho que já podemos falar.

— Onde estamos?

— Nos bastidores.

— Como assim?

— Imagine que é como estar nos bastidores. Como se fosse um teatro, ou coisa parecida. Acabei de nos tirar da plateia, agora estamos caminhando pelos bastidores. É um atalho.

— Quando encostei naquele osso... Eu entrei na cabeça de um cara chamado Town. Ele faz parte daquele grupinho de agentes. Ele nos odeia.

— Sim.

— Ele tem um chefe chamado senhor World. A voz dele me lembra a de alguém, só não sei de quem. Eu estava olhando para dentro da mente

desse Town, ou talvez estivesse dentro da cabeça dele. Não tenho certeza.

— Eles sabem para onde estamos indo?

— Acho que deixaram pra lá, por enquanto. Não queriam nos seguir para dentro da reserva. Nós vamos para uma reserva?

— Talvez.

Wednesday se apoiou no cajado por um instante, então retomou a caminhada.

— O que era aquela aranha?

— Uma manifestação de padrões. Um dispositivo de busca.

— Ela é perigosa?

— Só se chega à minha idade pensando no pior.

Shadow sorriu.

— E que idade é essa?

— Velha como a minha língua — respondeu Wednesday. — E alguns meses mais velha que meus dentes.

— Você é tão bom em esconder o jogo que eu não sei nem que jogo é esse.

Wednesday se limitou a grunhir em resposta.

Cada colina a que chegavam era mais difícil de escalar.

Shadow começou a sentir uma leve dor de cabeça. A luz das estrelas era, de certa forma, latejante, e parecia que estava em sintonia com a pulsação que sentia nas têmporas e no peito. Na base da colina seguinte, ele tropeçou, abriu a boca para dizer alguma coisa e, sem aviso, vomitou.

Wednesday enfiou a mão em um bolso interno e pegou um pequeno cantil.

— Tome um gole disto — instruiu. — Só um gole.

O líquido era pungente e evaporou na boca, como um bom conhaque, mas não tinha gosto de álcool. Wednesday pegou o cantil de volta e o guardou.

— Não é bom para a plateia ficar perambulando pelos bastidores. É por isso que você está passando mal. Precisamos tirar você daqui o mais rápido possível.

Começaram a andar mais rápido — Wednesday num passo firme, Shadow tropeçando de vez em quando, mas sentindo-se melhor graças à bebida, que deixara na boca um gosto de casca de laranja, óleo de alecrim, hortelã e cravo.

Wednesday segurou o braço de Shadow.

— Ali — anunciou, apontando para dois montinhos de vidro rochoso congelado à esquerda. — Ande entre aqueles dois montes. Fique ao meu lado.

Os dois andaram, e o ar frio e a luz forte do dia golpearam o rosto de Shadow a um só tempo. Ele parou e fechou os olhos, tonto e ofuscado; então, protegendo-os com a mão, abriu-os de novo.

Estavam parados no meio de uma colina não muito íngreme. A neblina tinha se dissipado, o dia estava frio e ensolarado, o céu era de um azul perfeito. Na base da colina havia uma estrada de cascalho, e uma perua vermelha se balançava por ela como um carrinho de controle remoto. Uma lufada de fumaça atingiu o rosto de Shadow, fazendo seus olhos lacrimejarem. Vinha de uma construção ali perto — parecia um trailer largado ao lado da colina, uns trinta anos antes. Havia muitos sinais de conserto, remendos e, em alguns lugares, acréscimos: Shadow tinha certeza de que a chaminé de estanho galvanizado, de onde saía a fumaça, não fazia parte da estrutura original.

Quando se aproximaram da porta, alguém a abriu. Um homem de meia-idade, com pele escura, olhos atentos e uma boca que parecia ter sido cortada com uma faca olhou para eles e disse:

— Eia! Soube que dois homens brancos estavam vindo me ver. Dois brancos em um trailer Winnebago. E soube que os dois tinham se perdido, assim como todos os homens brancos, quando ainda não espalharam suas placas para tudo que é lado. E agora veja só essas duas criaturas miseráveis na minha porta. Vocês sabem que estão em território Lakota?

O cabelo do homem era grisalho e comprido.

— Desde quando você é Lakota, sua farsa velha? — retrucou Wednesday. Estava usando casaco e gorro cobrindo as orelhas, e Shadow já achava improvável que, pouco antes, o deus estivesse usando um chapéu de abas largas e um manto esfarrapado. — Então, Whiskey Jack. Seu desgraçado. Estou morrendo de fome, e meu amigo aqui acabou de vomitar o café da manhã. Não vai nos convidar para entrar?

Whiskey Jack coçou a axila. Usava calça jeans azul, uma camiseta tão cinza quanto o cabelo e mocassins. Parecia não estar nem aí para o frio. Por fim, respondeu:

— Eu gosto daqui. Entrem, homens brancos que perderam o Winnebago.

O ar dentro do trailer estava ainda mais carregado de fumaça. Lá encontraram outro homem, sentado a uma mesa. Ele usava uma roupa de couro típica dos índios norte-americanos, com a frente manchada, e estava descalço. Sua pele tinha cor de casca de árvore.

Wednesday parecia extasiado.

— Ora, parece que nosso atraso foi muito fortuito. Whiskey Jack e Apple Johnny. Dois coelhos com uma cajadada só.

O homem à mesa, Apple Johnny, encarou Wednesday e levou a mão à virilha:

— Errou de novo — comentou o homem. — Acabei de conferir, e meu cajado tá bem aqui, no lugar dele. — Ele olhou para Shadow e ergueu a mão espalmada. — Eu sou John Chapman. Não escute nada do que seu

chefe falar de mim. Ele é um babaca. Sempre foi um babaca. Sempre vai ser um babaca. Tem gente que simplesmente é babaca, não tem jeito.

— Mike Ainsel — disse Shadow.

Chapman coçou o queixo com barba por fazer.

— Ainsel. Isso não é nome. Mas dá para o gasto, num aperto. Como é que o chamam?

— Shadow.

— Vou usar Shadow, então. Ei, Whiskey Jack — mas Shadow percebeu que não foi bem *Whiskey Jack* o que ele falou: foram sílabas demais —, como está indo a comida?

Whiskey Jack pegou uma colher de pau e abriu uma panela de ferro preta em cima de um fogão a lenha, expondo o conteúdo borbulhante.

— Pronta para ser comida.

O homem pegou quatro cumbucas de plástico, transferiu colheradas da panela para cada uma delas, então as botou na mesa. Em seguida abriu a porta, saiu e tirou uma jarra de plástico do meio de um monte de neve. Trouxe a jarra para dentro, encheu quatro copos grandes com um líquido marrom-claro turvo e pôs um copo ao lado de cada cumbuca. Por último, providenciou quatro colheres. Então sentou-se à mesa com os outros homens.

Wednesday ergueu o copo com um ar desconfiado.

— Parece mijo — comentou.

— Você ainda bebe aquele negócio? — perguntou Whiskey Jack. — Vocês, brancos, são uns doidos. Isto aqui é melhor. — Então se virou para Shadow: — A maior parte do guisado é de peru silvestre. Nosso John aqui trouxe o *applejack*.

— É sidra de maçã sem álcool — disse John Chapman. — Nunca gostei de bebidas alcoólicas. Elas enlouquecem os homens.

O guisado estava delicioso, e a sidra era muito boa. Shadow se obrigou a comer devagar, a mastigar direito, a não engolir de uma vez, mas estava com mais fome do que imaginava. Serviu-se de mais uma porção de guisado e de um segundo copo de suco.

— Madame Rumores disse que você tem falado com todo tipo de gente, oferecendo todo tipo de coisa. Disse que você está levando o pessoal das antigas para a guerra — comentou John Chapman.

Shadow e Whiskey Jack estavam arrumando a louça e passando as sobras do guisado para potes de plástico. Whiskey Jack os guardou sob os montes de neve do lado de fora, colocando por cima um engradado de leite, para marcar o lugar.

— Acho que isso resume os acontecimentos de forma justa e judiciosa — respondeu Wednesday.

— Eles vão vencer — interveio Whiskey Jack, tranquilo. — Já venceram. Vocês já perderam. Assim como com os homens brancos e o

meu povo. Eles venceram. E, nas coisas em que perderam, fizeram tratados. Então romperam os tratados. E venceram de novo. Eu não vou lutar por mais uma causa perdida.

— E nem adianta olhar pra mim — completou John Chapman. — Mesmo se eu lutasse por você, coisa que não vou fazer, não tenho como ajudar em nada. Os desgraçados me largaram e me esqueceram. — Ele se calou. Depois disse: — Paul Bunyan. — Balançou a cabeça devagar e repetiu: — *Paul Bunyan*.

Shadow nunca ouvira duas palavras tão inofensivas soarem tão terríveis.

— Paul Bunyan? — repetiu Shadow. — O que foi que ele fez?

— Bom, ele existe — respondeu Whiskey Jack. Então pediu um cigarro a Wednesday, e os dois começaram a fumar.

— É como aqueles idiotas que acham que os beija-flores se preocupam com o peso ou com a deterioração dos dentes ou com alguma dessas idiotices... talvez só queiram poupar os beija-flores dos males do açúcar — explicou Wednesday. — Então encham a porra dos bebedouros de pássaro com adoçante. Os pássaros vão lá e bebem. Daí morrem, mesmo de barriguinha cheia, porque a bebida não tem calorias. Paul Bunyan é isso. Ninguém nunca contou histórias sobre Paul Bunyan. Ninguém nunca acreditou em Paul Bunyan. Ele saiu aos trancos e barrancos de uma agência de publicidade em Nova York, em 1910, e encheu o estômago mitológico da nação com calorias vazias.

— Eu gosto do Paul Bunyan — interveio Whiskey Jack. — Andei no brinquedo dele, lá no Mall of America, uns anos atrás. Dá para ver o velho Paul Bunyan no alto, quando a gente mergulha. *Splash*. Gosto dele. Não me incomoda saber que ele nunca existiu. Isso só quer dizer que ele nunca derrubou nenhuma árvore. É claro que seria melhor se ele tivesse plantado árvores. Bem melhor.

— Você falou um bocado — comentou Johnny Chapman.

Wednesday soltou um anel de fumaça, que ficou pairando no ar como se tivesse saído de um desenho animado, dissipando-se lentamente em fiapos e espirais.

— Droga, Whiskey Jack, essa não é a questão, você sabe disso.

— Eu não vou ajudar — retrucou Whiskey Jack. — Quando você levar uma surra, pode voltar aqui, e, se eu ainda estiver por essas bandas, vou lhe dar comida mais uma vez. A comida é melhor no outono.

— Todas as alternativas são piores — declarou Wednesday.

— Você nem sabe quais são as alternativas — retorquiu Whiskey Jack. Então olhou para Shadow. — Você está caçando — declarou, com uma voz rouca de fumante que ressoou naquele espaço enfumaçado pela lenha e pelos cigarros.

— Estou trabalhando — disse Shadow.

Whiskey Jack balançou a cabeça.

— E também está caçando alguma coisa. Você quer quitar uma dívida.

Shadow pensou nos lábios azulados de Laura, no sangue nas mãos dela, e assentiu.

— Escute só. A Raposa chegou primeiro, e o irmão dela era o Lobo. A Raposa disse: “As pessoas vão viver para sempre e, se morrerem, não vão ficar mortas por muito tempo.” E o Lobo disse: “Não, as pessoas vão morrer, elas precisam morrer, tudo que vive precisa morrer, senão elas vão se espalhar e cobrir o mundo e vão comer todos os salmões, caribus e búfalos e vão comer todas as abóboras e todo o milho.” Aí um dia o Lobo morreu, e falou para a Raposa: “Rápido, me ressuscite.” E a Raposa respondeu: “Não, os mortos precisam continuar mortos. Você me convenceu.” E ela chorou ao dizer isso. Mas disse, e foi definitivo. Agora o Lobo governa o mundo dos mortos, e a Raposa vive para sempre sob o sol e a lua e ainda chora pelo irmão.

— Se você não vai topiar, não vai topiar — declarou Wednesday. — Vamos em frente.

Whiskey Jack estava impassível.

— Minha conversa é com este rapaz aqui. Você não tem mais jeito. Ele tem. — Então se voltou para Shadow de novo: — Sabia que vocês não têm como chegar aqui sem que eu queira?

Shadow se deu conta de que sabia.

— Sim.

— Me conte o seu sonho — pediu Whiskey Jack.

— Eu estava escalando uma torre de crânios. Pássaros gigantes voavam em volta dela. Saíam raios das asas deles. Os pássaros me atacaram. A torre caiu.

— Todo mundo sonha — interveio Wednesday. — Podemos pegar a estrada?

— Nem todo mundo sonha com os Wakinyau, os pássaros do trovão — retrucou Whiskey Jack. — Sentimos o eco aqui.

— Eu *falei* — reclamou Wednesday. — Pelo amor de Deus.

— Tem um bando de pássaros do trovão na Virginia Ocidental — comentou Chapman, distraído. — Pelo menos algumas fêmeas e um macho velho. E também um casal reprodutor no interior, num lugar que costumavam chamar de Terra de Franklin, mas o velho Benjamin nunca teve terras por lá. Fica entre o Kentucky e o Tennessee. Claro que nunca foram muitos de uma vez, nem nas melhores épocas.

Whiskey Jack estendeu uma das mãos cor de argila vermelha e tocou delicadamente o rosto de Shadow. O homem tinha a íris de um tom castanho-claro com a borda castanho-escura, e, naquele rosto, os olhos pareciam luminosos.

— Eia. É verdade. Se você caçar o pássaro do trovão, pode trazer sua esposa de volta. Mas ela pertence ao lobo, aos lugares mortos, não deve

andar pela terra.

— Como você *sabe*? — perguntou Shadow.

Os lábios de Whiskey Jack não se moveram.

— O que o Búfalo falou para você?

— Para eu acreditar.

— Um bom conselho. Você vai seguir?

— Acho que sim. Não sei.

Estavam conversando sem palavras, sem a boca, sem som. Shadow se perguntou se, para os outros dois no cômodo, eles pareciam parados, imóveis, por um piscar de olhos — ou uma fração de piscar de olhos.

— Quando você encontrar sua tribo, venha me ver de novo — instruiu Whiskey Jack. — Eu posso ajudar.

— Pode deixar.

Whiskey Jack abaixou a mão. E se voltou para Wednesday.

— Você vai buscar seu Ho Chunk?

— Meu o quê?

— *Ho Chunk*. É assim que os Winnebago chamam uns aos outros.

Wednesday balançou a cabeça.

— É muito arriscado. Recuperar o trailer pode ser problemático. Eles devem estar procurando pelo veículo.

— É roubado?

Wednesday parecia ofendido.

— Nem um pedacinho. Os documentos estão no porta-luvas.

— E a chave?

— Está comigo — disse Shadow.

— Meu sobrinho, Harry Bluejay, tem um Buick de 1981. Que tal me dar a chave do trailer? Pode levar o carro dele.

Wednesday se empertigou.

— Que troca é essa?

Whiskey Jack deu de ombros.

— Tem ideia de como vai ser difícil tirar o trailer de onde ficou largado? Estou lhe fazendo um favor. É pegar ou largar. Eu não me importo. — Ele fechou a boca, um corte de faca.

Wednesday parecia furioso, depois a raiva virou remorso.

— Shadow, dê a chave do Winnebago a ele.

Shadow entregou a chave do carro.

— Johnny, pode levar estes senhores até Harry Bluejay? — pediu Whiskey Jack. — Avise que é para entregar o carro.

— Com todo o prazer — respondeu John Chapman.

Ele se levantou e foi até a porta, pegou um saco de estopa ao lado dela, abriu a porta e saiu. Shadow e Wednesday foram atrás. Whiskey Jack parou no batente.

— Ei — disse, para Wednesday. — Não volte aqui. Não é bem-vindo.

Wednesday estendeu o dedo do meio para o céu.

— Senta aqui — respondeu, num tom simpático.

Desceram o barranco, abrindo caminho pela neve. Chapman ia na frente, amassando a neve endurecida com os pés vermelhos descalços.

— Você não sente frio? — perguntou Shadow.

— Minha esposa era Choctaw — explicou Chapman.

— E você aprendeu com ela algum jeito místico de repelir o frio?

— Não. Ela me achava doido — respondeu Chapman. — Ela sempre dizia: “Johnny, por que você não calça umas botas?” — A colina ficou mais íngreme, e eles foram obrigados a parar. Os três derraparam pela neve, usando os troncos de bétula ao longo da trilha como apoio. Quando o solo ficou ligeiramente menos inclinado, Chapman continuou: — Ela já morreu, claro. Quando ela se foi, devo ter ficado mesmo um pouquinho doido. Pode acontecer com qualquer um. Pode acontecer com você. — Ele deu um tapinha no braço de Shadow. — Meu Jesus e meu Jeosafá, como você é grande.

— É o que dizem — retrucou Shadow.

Continuaram descendo por mais meia hora, até chegarem à estrada de cascalho que contornava a base da colina, então começaram a caminhar por ela na direção do conjunto de construções que tinham visto do alto.

Um carro diminuiu a velocidade e parou. A mulher ao volante se curvou por cima do banco do passageiro e abaixou o vidro.

— E aí, manés, querem carona?

— É muita gentileza, madame — respondeu Wednesday. — Estamos procurando o senhor Harry Bluejay.

— Ele deve estar no salão de jogos — disse a mulher. Shadow achou que devia ter uns quarenta anos. — Entrem.

Eles entraram. Wednesday se sentou no banco do carona, e John Chapman e Shadow ficaram no de trás. As pernas de Shadow eram grandes demais, não dava para ficar muito confortável ali, mas ele se acomodou o melhor que pôde. O carro deu um tranco e saiu pela estrada de cascalho.

— Então, de onde vocês três vieram? — perguntou a motorista.

— Estávamos visitando um amigo — respondeu Wednesday.

— Ele mora na colina ali atrás — explicou Shadow.

— Que colina? — perguntou a mulher.

Shadow olhou para trás pelo vidro empoeirado, mas não viu colina nenhuma, não havia nada além de nuvens e planícies.

— Whiskey Jack — explicou.

— Ah. Aqui a gente o chama de Inktomi. Acho que é o mesmo cara. Meu avô contava umas histórias bem boas sobre o sujeito. Claro que as melhores eram pura baixaria. — Passaram em um buraco na estrada, e a mulher soltou um palavrão. — Tudo bem aí atrás?

— Sim, senhora — respondeu Johnny Chapman. Estava se segurando ao assento com ambas as mãos.

— Estrada de reserva — desculpou-se a mulher. — A gente se acostuma.

— São todas assim? — perguntou Shadow.

— Praticamente. Todas as da região. E nem adianta perguntar sobre aquele dinheiro todo dos cassinos, porque quem em sã consciência vai querer vir até aqui só por causa de um cassino? A gente não vê nem sombra desse dinheiro por aqui.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. — Ela passou a marcha com um estalo e um rangido. — Sabia que a população de brancos daqui da região está diminuindo? Dá para ver umas cidades-fantasmas por aí. Como é que eles poderiam continuar na fazenda depois de ver o mundo pela tela da televisão? E, de qualquer forma, não vale a pena cultivar o Deserto. Eles pegaram nossas terras, se instalaram aqui, e agora estão indo embora. Vão para o sul. Vão para o oeste. Talvez, se a gente esperar a maioria dessa gente daqui sair para Nova York, Miami e Los Angeles, vamos poder recuperar o centro todo sem briga.

— Boa sorte — desejou Shadow.

Encontraram Harry Bluejay no salão de jogos, na mesa de sinuca, fazendo jogadas difíceis para impressionar um grupo de garotas. Tinha um bluejay, um pássaro conhecido como gaio-azul, tatuado nas costas da mão direita e vários piercings na orelha direita.

— *Ho hoka*, Harry Bluejay — cumprimentou John Chapman.

— Vá se foder, seu fantasma branquelo doido sem sapatos — respondeu Harry Bluejay, numa voz tranquila. — Você me dá calafrios.

Alguns homens mais velhos estavam nos fundos do salão, jogando baralho ou conversando. E outros homens, mais novos, mais ou menos da idade de Harry Bluejay, esperavam a vez na mesa de sinuca. Era uma mesa grande, e um remendo de *silver tape* fora feito num rasgo em um dos lados do tecido verde.

— Trouxe um recado do seu tio — disse Chapman, imperturbável. — Ele mandou você dar seu carro para estes dois.

Devia ter umas trinta, talvez até quarenta pessoas naquele salão, e todas examinavam atentamente as cartas, os pés ou as unhas, fazendo o possível para fingir que não ouviam a conversa.

— Ele não é meu tio.

Uma nuvem de fumaça de cigarro pairava no salão. Chapman abriu um sorriso largo, exibindo o pior conjunto de dentes que Shadow já tinha visto numa boca humana.

— Quer ir dizer isso para ele? Seu tio sempre diz que é só por sua causa que ele continua com os Lakota.

— Whiskey Jack sempre diz um monte de coisa — respondeu Harry Bluejay, petulante.

Mas ele também não tinha dito “Whiskey Jack”. Aos ouvidos de Shadow, parecia quase a mesma coisa, mas não exatamente. *Wisakedjak*, pensou. Era isso. Nada de Whiskey Jack.

— É — interveio Shadow. — E uma das coisas que ele disse foi que vamos trocar nosso Winnebago pelo seu Buick.

— Não estou vendo nenhum Winnebago.

— Ele vai trazer aqui — respondeu John Chapman. — Você sabe que vai.

Harry Bluejay tentou uma jogada difícil e errou. A mão não estava firme o bastante.

— Eu não sou o sobrinho daquela raposa velha — disse Harry Bluejay. — Queria que ele parasse de espalhar isso por aí.

— Bem, melhor uma raposa viva que um lobo morto — retrucou Wednesday, em uma voz tão baixa que foi quase um rosnado. — E aí, vai nos passar seu carro?

Harry Bluejay tremeu, visível e violentamente.

— Tudo bem. Tudo bem. Eu só estava brincando. Sou muito brincalhão. — Ele colocou o taco de sinuca na mesa e pegou um casaco pesado, pendurado entre um monte de casacos semelhantes nos ganchos perto da porta. — Só me deixem tirar minhas tralhas do carro.

Ele não parava de olhar de esguelha para Wednesday, como se achasse que o homem mais velho estava prestes a explodir.

O carro de Harry Bluejay estava estacionado a uns cem metros dali. No caminho, passaram por uma igrejinha católica pequena com paredes cobertas de cal, e um homem loiro de colarinho clerical os olhava da porta. Ele sugava um cigarro, como se não estivesse gostando de fumá-lo.

— Bom dia, padre! — gritou John Chapman, mas o homem com a coleira divina não respondeu, só esmagou o cigarro com o calcanhar, pegou a guimba e a jogou na lixeira ao lado da porta, então entrou na igreja.

— Eu falei pra você não entregar aqueles folhetos para ele — reclamou Harry Bluejay.

— Ele é o errado da história, não eu — respondeu Chapman. — Se ele tivesse lido o Swedenborg que eu dei, saberia disso. Estaria vivendo uma vida iluminada.

O carro de Harry Bluejay estava sem os retrovisores laterais, e Shadow nunca tinha visto pneus tão carecas: a borracha preta estava perfeitamente lisa. Harry Bluejay disse que o carro bebia muito óleo, mas, se não parassem de botar óleo nele, o negócio andaria para sempre — a menos que parasse de andar.

Harry Bluejay encheu um saco de lixo preto com as tralhas que guardava no carro — garrafas de cerveja barata pela metade, com tampa de rosca; um

punhado de haxixe embrulhado em papel-alumínio, meio escondido no cinzeiro; um rabo de gambá; vinte fitas de música country; e um exemplar desgastado e amarelado de *Um estranho numa terra estranha*.

— Desculpe pela brincadeira mais cedo — falou para Wednesday, entregando a chave do carro. — Sabe quando vou pegar o Winnebago?

— Pergunte ao seu tio. Ele é que é a porra do vendedor de carros usados aqui — grunhiu Wednesday.

— Wisakedjak *não é* meu tio — retrucou Harry Bluejay, então pegou o saco preto de lixo, entrou na casa mais próxima e fechou a porta.

Deixaram John Chapman em Sioux Falls, na frente de um mercado de orgânicos.

Wednesday não falou durante a viagem. Estava sorumbático.

Em um restaurantezinho na entrada de St. Paul, Shadow pegou um jornal que outra pessoa tinha deixado na mesa. Olhou uma vez, depois outra, então mostrou o jornal a Wednesday, que estava com o mesmo péssimo humor de quando saíram da casa de Whiskey Jack.

— Olhe só isto aqui — disse Shadow.

Wednesday deu um suspiro e olhou para o jornal, parecendo infeliz, como se o ato de abaixar a cabeça causasse um sofrimento indescritível.

— Me alegra o coração saber que a disputa dos controladores de tráfego aéreo tenha se resolvido sem necessidade de recorrer a greves.

— Não é isso — retrucou Shadow. — Olha só. Aqui diz que é 14 de fevereiro.

— Feliz Dia dos Namorados.

— Nós saímos de Lakeside em que dia de janeiro? 20, 21? Eu não tinha reparado bem, mas foi na terceira semana de janeiro. Passamos três dias na estrada. Então como hoje é 14 de fevereiro?

— É porque andamos por quase um mês — explicou Wednesday. — No Deserto. Bastidores.

— Mas que belo atalho — reparou Shadow.

Wednesday empurrou o jornal para longe.

— O desgraçado do Johnny Appleseed sempre vem com aquela porra de história de Paul Bunyan. Na vida real, Chapman tinha catorze pomares de macieiras. Lavrava milhares de metros quadrados de terra. Sim, ele acompanhou a expansão para o oeste, mas não existe uma única história sobre ele minimamente verdadeira, nenhuma gota de verdade, exceto o fato de que ele ficou meio doido uma vez. Mas isso não importa. É como diziam os jornais de antigamente: se a verdade não é grande o bastante, publique a lenda. Este país precisa de lendas. E nem as lendas acreditam mais nisso.

— Mas você entende a situação como um todo.

— Mas eu não importo mais. Quem é que dá a mínima para mim?

— Você é um deus — respondeu Shadow, baixinho.

Wednesday olhou irritado para ele. Pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas se recostou de novo no assento, olhou para o cardápio e disse:

— E daí?

— É bom ser um deus.

— É?

Dessa vez foi Shadow quem desviou o olhar.

Em um posto de gasolina a quarenta quilômetros de Lakeside, na parede ao lado dos banheiros, estava pregada uma cópia de um anúncio escrito à mão, uma foto em preto e branco de Alison McGovern, com *Procura-se* em cima. A mesma foto de antes: um sorriso confiante, a menina de aparelho com elásticos nos dentes que quer trabalhar com animais quando crescer. *Procura-se.*

Shadow comprou uma barra de chocolate, uma garrafa de água e um exemplar do *Lakeside News*. A matéria de capa era de Marguerite Olsen, nossa repórter de Lakeside, e exibia a fotografia de um menino ao lado de um homem mais velho na frente do lago congelado, os dois parados perto de um barraco para pesca no gelo que parecia um banheiro externo, segurando um peixe enorme. Estavam sorrindo. *Pai e filho pegam lúcio de tamanho recorde. Leia a reportagem completa.*

Wednesday dirigia.

— Leia alguma coisa interessante aí do jornal — pediu o deus.

Shadow procurou atentamente, virando as páginas devagar, mas não encontrou nada.

Wednesday o deixou na frente do apartamento. Um gato cor de fumaça olhou para Shadow da entrada da garagem, mas fugiu quando ele se abaixou para cumprimentá-lo.

Shadow parou na varanda de madeira e olhou para o lago — aqui e ali se viam barracos verdes e marrons para pesca no gelo, com carros estacionados ao lado de vários deles. No gelo perto da ponte estava a velha sucata verde, igual à foto do jornal.

— Vinte e três de março — disse Shadow, tentando incentivar a lata-velha. — Por volta das nove e quinze da manhã. Você consegue.

— De jeito nenhum — retrucou uma voz de mulher. — Três de abril. Seis da tarde. O dia vai esquentar o gelo.

Shadow sorriu. Marguerite Olsen usava um macacão de esqui. Estava na outra ponta da varanda, reabastecendo o comedouro para pássaros com blocos brancos de sebo.

— Li sua reportagem sobre o lúcio recordista da cidade, no *Lakeside News*.

— Empolgante, né?

— Bem... instrutivo, talvez.

— Achei que você não fosse voltar nunca mais — comentou ela. — Ficou um bom tempo fora, não é?

— Meu tio precisou de mim — explicou Shadow. — A gente meio que perdeu a noção do tempo.

Ela colocou o último pedaço de sebo no comedouro e começou a encher uma daquelas meias cheias de furinhos com sementes de cardo armazenadas em um garrafão de leite. Vários pintassilgos vestidos com a plumagem de inverno cor de oliva piavam impacientes em um abeto ali perto.

— Não vi nada sobre Alison McGovern.

— Porque não há nada para ser noticiado. Ela continua desaparecida. Correu um boato de que alguém tinha visto a menina em Detroit, mas era alarme falso.

— Coitada.

Marguerite Olsen fechou o garrafão de leite.

— Espero que ela esteja morta — comentou, num tom neutro.

Shadow ficou chocado.

— Por quê?

— Porque as alternativas são piores.

Os pintassilgos pulavam freneticamente de galho em galho no abeto, ansiosos para as pessoas irem embora. Também apareceu um pica-pau.

Você não está pensando em Alison, refletiu Shadow. Está pensando no seu filho. Está pensando em Sandy.

Lembrou-se de ouvir alguém dizer que *sentia saudade de Sandy*. Quem tinha sido?

— Foi bom conversar com você.

— É — respondeu Marguerite. — Digo o mesmo.

Fevereiro passou em uma sucessão de dias curtos e cinzentos. Em alguns dias caía neve, mas na maioria, não. O tempo esquentou, e nos dias bons a temperatura não era congelante. Shadow ficou enfurnado no apartamento até o lugar começar a parecer uma cela de cadeia, então, nos dias em que Wednesday não precisava dele, passou a caminhar.

Passava boa parte do dia perambulando, em grandes passeios para fora da cidade. Ia sozinho até a floresta nacional, a norte e a oeste, ou aos milharais e aos pastos ao sul. Seguia a Trilha Selvagem do Condado de Lumber, seguia ao longo da antiga estrada de ferro e também pelas estradas vicinais. Em algumas ocasiões, até deu a volta no lago congelado, de norte a sul. Às vezes via gente da cidade, turistas de inverno, ou pessoas se exercitando, então acenava para elas e as cumprimentava. Em geral, não via ninguém, só corvos e tentilhões e, algumas vezes, um gavião se banquetear às custas de algum gambá ou guaxinim atropelado. Em uma ocasião memorável, viu uma águia apanhar um peixe prateado no meio do rio White Pine, cujas

águas estavam congeladas perto das margens, mas ainda corriam no meio. O peixe se retorceu e revirou nas garras da águia, brilhando ao sol do meio-dia. Shadow sorriu, imaginando o peixe se libertando e nadando pelo céu.

Ele descobriu que, quando caminhava, não precisava pensar — e ele gostava que fosse assim. Quando pensava, a mente se voltava para coisas que não tinha como controlar, que o deixavam incomodado. A exaustão era melhor. Quando estava exausto, seus pensamentos não vagavam até Laura, nem se voltavam para os sonhos estranhos ou as coisas que não existiam nem tinham como existir. Podia voltar para casa depois das caminhadas e dormir um sono fácil e sem sonhos.

Encontrou o delegado Chad Mulligan na barbearia. Shadow sempre tinha grandes expectativas quando ia cortar o cabelo, mas o resultado nunca era satisfatório. Ficava parecendo mais ou menos igual, só que com o cabelo mais curto. Chad, sentado na cadeira ao lado, exibia uma preocupação surpreendente quanto à própria aparência. Quando o barbeiro terminou, o delegado olhou para o espelho muito sério, como se estivesse se preparando para multar o próprio reflexo.

— Ficou bom — comentou Shadow.

— Você acharia bonito se fosse uma mulher?

— Acho que sim.

Foram juntos à Mabel's, do outro lado da praça, e pediram chocolate quente.

— Ei, Mike, você já pensou em trabalhar para a polícia?

Shadow deu de ombros.

— Nunca. Tem que saber muita coisa.

Chad balançou a cabeça.

— Sabe qual é a maior parte do trabalho de um policial, em um lugar como este? Manter a cabeça fria. Alguma coisa acontece, e alguém começa a gritar com você, completamente histérico... e você só precisa dizer que com certeza foi um engano e que tudo vai se esclarecer se a pessoa for com você lá fora um pouquinho, mantendo a calma. E você precisa conseguir falar bem sério.

— E daí você esclarece tudo?

— Normalmente é aí que eu boto as algemas. Mas, é, temos que fazer o possível para esclarecer tudo. Me avise se quiser um emprego. Estamos contratando. E você é o tipo de cara que a gente quer.

— Vou pensar nisso, se esse trabalho com meu tio não der certo.

Eles bebericaram o chocolate quente.

— Ei, Mike, o que você faria se tivesse uma prima? Tipo uma viúva. E se ela comesse a ligar para você?

— Ligar como?

— Pelo telefone. Interurbano. Ela mora em outro estado. — Chad ficou vermelho. — A última vez que eu a vi foi em um casamento da família, em

Oregon. Ela era casada na época, mas... quer dizer, o marido dela ainda era vivo, e ela é parente. Não é prima de primeiro grau. Bem distante.

— Você gosta dela?

Ele corou.

— Sei lá.

— Bom, vamos mudar um pouco a pergunta. Ela gosta de você?

— Bom, ela me disse umas coisas quando ligou. É uma mulher muito bonita.

— Então, o que você vai fazer?

— Eu poderia convidá-la para vir aqui. Poderia, né? Ela meio que disse que gostaria de vir.

— Vocês são adultos. Acho que você devia mandar ver.

Chad assentiu, corou e assentiu de novo.

O telefone do apartamento de Shadow estava mudo e inútil. Pensou em mandar ativar a linha, mas não conseguia pensar em ninguém para quem gostaria de ligar. Certa noite, bem tarde, tirou o aparelho do gancho e ficou escutando — estava convencido de que conseguia ouvir o vento soprando e uma conversa distante entre algumas pessoas cujas vozes eram baixas demais para ele entender qualquer coisa. Disse “Alô?” e “Quem é?”, mas não houve resposta, só um silêncio súbito e, em seguida, um som remoto de risada, tão sutil que ele não sabia dizer com certeza se estava imaginando coisas ou não.

Nas semanas seguintes, Shadow saiu em mais viagens com Wednesday.

Ficou esperando na cozinha de uma cabana de Rhode Island, ouvindo Wednesday discutir com uma mulher dentro de um quarto escuro — ela se recusava a sair da cama e a permitir que tanto o deus quanto Shadow vissem seu rosto. Na geladeira tinha um saco plástico cheio de grilos e outro com filhotes de rato mortos.

Em uma boate de rock de Seattle, viu Wednesday cumprimentar aos berros, por cima do barulho da banda, uma jovem de cabelo ruivo curto e tatuagens de espirais azuis. A conversa deve ter ido bem, porque o deus voltou com um sorriso animado.

Cinco dias depois, Shadow estava esperando dentro do carro alugado quando um Wednesday carrancudo saiu do saguão de um prédio comercial em Dallas. O deus bateu a porta do carro depois de entrar e ficou quieto, vermelho de raiva.

— Dirija — mandou. Depois acrescentou: — Esses albaneses de merda. Que se fodam.

Três dias depois, pegaram um avião até Boulder, onde tiveram um almoço agradável com cinco japonesas. Foi uma refeição de gentilezas e

educação, e Shadow saiu sem saber muito bem se algo fora combinado ou decidido. Mas Wednesday parecia feliz.

Shadow não via a hora de voltar para Lakeside. Gostava daquele ambiente pacífico e acolhedor.

Todo dia de manhã, quando não estava trabalhando para Wednesday, cruzava a ponte e ia até a praça da cidade. Comprava duas *pasties* na Mabel's e comia uma lá mesmo enquanto bebia café. Se alguém tivesse deixado um jornal para trás, até lia as reportagens, mas nunca achava as notícias interessantes a ponto de comprar um novo.

Guardava a segunda *pasty* embrulhada em um saco de papel para comer no almoço.

Um dia, enquanto lia o *USA Today*, Mabel o chamou:

— Ei, Mike. Aonde você vai hoje?

O céu estava azul. A neblina da manhã deixara as árvores cobertas de geada.

— Não sei. Talvez eu vá passear pela trilha.

Ela serviu mais uma dose de café.

— Você já foi para o leste, na County Q? É bonito. É a estradinha que começa na frente da loja de tapetes da Twentieth Avenue.

— Não. Nunca fui.

— É bonito lá.

Era bonito até demais. Shadow estacionou nos arredores da cidade e foi caminhando pela beira da estrada, uma via rural sinuosa que contornava as colinas ao leste de Lakeside. Cada uma das colinas estava coberta de bordos desfolhados e bétulas brancas esqueléticas e abetos e pinheiros escuros. Não havia acostamento, e Shadow caminhou pelo meio da estrada, afastando-se sempre que ouvia um carro.

A certa altura, um gato escuro e pequeno começou a acompanhá-lo pela estrada. Tinha cor de terra e pelo branco nas patas dianteiras. Shadow se aproximou. O gato não fugiu. Shadow o cumprimentou.

— Oi, gato.

O gato inclinou a cabeça e o encarou com olhos cor de esmeralda. Então chiou, não para Shadow, mas para alguma coisa do outro lado da estrada, algo que ele não conseguia ver.

— Calma — disse Shadow.

O gato se esgueirou para o outro lado da estrada e sumiu para dentro de um milharal ainda com espigas nos pés.

Depois da curva seguinte, Shadow encontrou um cemitério minúsculo. As lápides estavam desgastadas, mas em algumas havia caules de flores frescas. O cemitério não tinha muro nem cerca, só amoreiras plantadas nas beiradas e recurvadas pelo gelo e pela idade. Shadow passou por cima do amontoado de gelo e lama na beira da estrada. Dois postes de pedra marcavam a entrada do cemitério, mas não havia cancela.

Ele perambulou pelo lugar, examinando as lápides. Nenhuma data era posterior a 1969. Limpou a neve de cima de um anjo de granito maciço e se recostou.

Pegou o saco de papel do bolso e tirou a *pasty* de lá de dentro. Quebrou a parte de cima da massa: um fiapo de vapor saiu para o ar do inverno. O cheiro estava muito bom. Ele mordeu.

Algo se mexeu atrás dele. Por um instante, pensou que fosse o gato, mas sentiu o aroma de algum perfume e, por baixo do perfume, cheiro de podre.

— Por favor, não olhe para mim — disse ela, atrás de Shadow.

— Oi, Laura.

Achou que a voz dela parecia hesitante, talvez até um pouco assustada.

— Oi, fofinho.

Shadow partiu um pedaço da *pasty*.

— Quer um pouco?

Laura estava parada logo atrás dele.

— Não. Pode comer. Eu não como mais comida.

Shadow comeu a *pasty*. Era gostoso.

— Quero olhar para você.

— Você não vai gostar do que vai ver.

— Por favor?

Ela contornou o anjo de pedra. Shadow a viu à luz do dia. Algumas coisas estavam diferentes, algumas estavam iguais. Os olhos não tinham mudado, nem o aspecto esperançoso e torto do sorriso. E era bem óbvio que ela estava bem morta. Shadow terminou a *pasty*. Endireitou-se, jogou fora as migalhas dentro do saco de papel, dobrou-o e o guardou no bolso.

De alguma forma, com o tempo que passara na funerária de Cairo, era mais fácil olhar para Laura agora. Shadow não sabia o que dizer.

A esposa estendeu a mão e pediu a dele, que a apertou com delicadeza. Shadow sentiu o próprio coração batendo no peito. Estava assustado, e o mais assustador era a normalidade daquele momento. Sentia-se tão à vontade com Laura que estaria disposto a ficar ali para sempre.

— Sinto saudade — admitiu.

— Estou aqui.

— É nessas horas que eu sinto mais saudade. Quando você está aqui. Quando você não está, quando é só um fantasma do passado ou um sonho de alguma outra vida, é mais fácil.

Laura apertou a mão dele.

— Então, como vai a morte? — perguntou Shadow.

— Difícil. Ela não para.

A mulher apoiou a cabeça no ombro dele, e Shadow quase desabou.

— Quer andar um pouco? — perguntou.

— Pode ser.

Laura sorriu: um sorriso torto e nervoso em um rosto morto.

Saíram do pequeno cemitério e voltaram pela estrada, na direção da cidade, de mãos dadas.

— Onde você estava? — perguntou Laura.

— Aqui. Quase sempre.

— Desde o Natal, eu meio que perdi você de vista. Às vezes eu sabia onde você estava por algumas horas, alguns dias. Você aparecia por todo lado. Depois sumia de novo.

— Estou morando em Lakeside. É uma cidadezinha boa.

— Ah.

Laura não usava mais o traje azul de quando foi enterrada. Estava com alguns suéteres, uma saia longa escura e botas cor de vinho. Shadow fez um comentário sobre as botas.

Laura abaixou a cabeça. Sorriu.

— Elas não são ótimas? Achei em uma sapataria incrível lá em Chicago.

— Por que você saiu de lá?

— Ah, já faz tempo que não estou mais em Chicago, fofinho. Estou indo para o sul. O frio estava me incomodando. Seria de imaginar que eu ia achar agradável. Mas deve ter algo a ver com estar morta. A gente não sente o frio como frio. Sente meio que um *nada*, e quando a gente morre acho que a única coisa que dá medo é o nada. Eu estava indo para o Texas. Ia passar o inverno em Galveston. Acho que eu passava o inverno lá quando era criança.

— Acho que não. Você nunca mencionou isso.

— Não? Talvez tenha sido outra pessoa, então. Não sei. Eu me lembro de gaivotas... de jogar pão para o alto para as gaivotas pegarem, centenas delas, um céu inteiro de gaivotas batendo as asas para pegar o pão no ar. — Ela hesitou. — Se eu não vi isso, deve ter sido outra pessoa.

Um carro apareceu na curva. O motorista acenou para eles. Shadow acenou de volta. Parecia normal e maravilhoso caminhar ao lado da esposa.

— Isso é tão bom — comentou Laura, como se lendo a mente dele.

— É, sim.

— Fico feliz que você também ache. Quando eu recebi o chamado, tive que voltar correndo. Tinha acabado de chegar ao Texas.

— Chamado?

Ela olhou para Shadow. Em volta de seu pescoço, a moeda de ouro reluziu.

— A sensação foi de um chamado — explicou. — Eu comecei a pensar em você, em como seria muito mais legal ficar com você do que em Galveston. Em como eu precisava ver você. Parecia uma fome.

— Então você sabia que eu estava *aqui*?

— Sim. — Ela parou. Franziu o cenho, e os dentes de cima apertaram o lábio inferior azulado e o morderam de leve. Ela inclinou a cabeça para o

lado e disse: — Eu soube. De repente, eu soube. Achei que você estivesse me chamando, mas não foi você, foi?

— Não.

— Você não queria me ver.

— Não é isso. — Ele hesitou. — Não. Eu não queria ver você. Dói demais.

A neve estalava aos pés deles, cintilando como diamantes à luz do sol.

— Deve ser difícil não estar vivo — comentou Laura.

— Quer dizer que acha difícil estar morta? Olhe, ainda vou descobrir um jeito de trazer você de volta, pra valer. Acho que estou no caminho certo...

— Não — interrompeu ela. — Quer dizer, eu agradeço. E espero que consiga, mesmo. Eu fiz muita coisa ruim... — Ela balançou a cabeça. — Mas estava falando de você.

— Eu estou vivo. Não morri. Lembra?

— Você não morreu. Mas também não sei se está vivo. Não muito.

Não é assim que esta conversa tem que ser, pensou Shadow. Não é assim que nada tem que ser.

— Eu amo você — disse ela, sem emoção. — Você é meu fofinho. Mas, quando a gente morre de verdade, consegue ver tudo com mais clareza. É como se não tivesse ninguém aí, sabe? Você parece um buraco enorme em forma de homem aberto no mundo. — Ela franziu o cenho. — Até quando a gente estava junto. Eu amava estar com você porque você me adorava, fazia tudo por mim. Mas às vezes eu entrava em um cômodo e achava que não tinha ninguém lá dentro. Aí eu acendia a luz, ou apagava a luz, e me dava conta de que você estava lá, sentado sozinho, sem ler, sem ver tevê, sem fazer nada.

Ela o abraçou, como se quisesse atenuar a dor de suas palavras.

— A melhor coisa do Robbie era que ele era *alguém* — explicou. — Ele às vezes era um cretino, e podia ser bem ridículo, e adorava que tivesse espelhos em volta quando a gente fazia amor, para que pudesse se ver me comendo, mas ele estava vivo, fofinho. Ele *queria* coisas. Ocupava o espaço. — Laura parou, olhou para Shadow, inclinou a cabeça um pouco para o lado. — Desculpe. Eu magoei você?

Ele não confiava na própria voz, então só balançou a cabeça.

— Que bom. Isso é bom — respondeu ela.

Estavam se aproximando do ponto onde Shadow tinha estacionado. Sentiu que precisava dizer alguma coisa: *eu amo você*, ou *por favor, não vá embora*, ou *sinto muito*. Palavras usadas para consertar uma conversa que havia escorregado, sem previsão, para lugares mais sombrios. Mas o que ele disse foi:

— Eu não estou morto.

— Talvez não — respondeu Laura. — Mas tem certeza de que está vivo?

— Olhe para mim.
— Isso não é resposta — disse a esposa morta. — Você vai saber quando estiver.

— E agora? — perguntou Shadow.

— Bom, já vi você. Vou voltar para o sul.

— Para o Texas?

— Para algum lugar quente. Tanto faz.

— Preciso esperar aqui. Até meu chefe precisar de mim.

— Isso não é viver.

Ela suspirou, depois sorriu — o mesmo sorriso que antes tocava o coração de Shadow, não importava quantas vezes o visse. Cada vez que ela sorria era como a primeira vez.

— Vou ver você de novo?

Laura olhou para ele e parou de sorrir.

— Acho que sim. No fim. Não acabou ainda, não é?

— Não. Não acabou.

Fez menção de passar o braço em volta da esposa, mas ela balançou a cabeça e se afastou. Laura se sentou na beirada de uma mesa de piquenique coberta de neve e ficou olhando enquanto ele ia embora.

INTERLÚDIO

A GUERRA HAVIA começado, mas ninguém viu. A tempestade estava se aproximando, mas ninguém sabia.

Guerras são travadas o tempo todo, e o mundo exterior ignora a existência delas: a guerra contra o crime, a guerra contra a pobreza, a guerra contra as drogas. Esta guerra era menor do que as outras, e mais vasta, e mais seletiva, mas era tão real quanto qualquer outra.

Uma viga caiu em Manhattan e interditou uma rua por dois dias. Matou dois pedestres, um taxista árabe e o passageiro do táxi.

Um caminhoneiro de Denver foi encontrado morto em casa. O instrumento do assassinato, um martelo de unha com cabo emborrachado, foi deixado no chão ao lado do corpo. O rosto da vítima estava ileso, mas a parte de trás da cabeça fora completamente destruída, e havia algumas palavras em outro idioma escritas no espelho do banheiro com um batom marrom.

Em um centro de distribuição postal em Phoenix, no Arizona, um homem surtou e matou — ou *despachou*, como foi informado nos noticiários da tarde — Terry “Troll” Evensen, um sujeito introvertido e morbidamente obeso que morava sozinho em um trailer. Outras pessoas no centro de distribuição foram atingidas pelos disparos, mas só Evensen morreu. O homem que atirou — suspeitou-se, inicialmente, que fosse algum funcionário insatisfeito dos correios — não foi capturado nem identificado.

— Para falar a verdade — comentou o supervisor de Terry “Troll” Evensen para o *Jornal das Cinco* —, a gente sempre pensou que, se alguém aqui fosse surtar, seria o Troll. Trabalhava direito, mas era um cara meio estranho. Quer dizer, nunca se sabe, né?

A entrevista foi cortada quando reproduziram a matéria à noite.

Uma comunidade de nove anacoretas em Montana foi encontrada morta. A imprensa local considerou a hipótese de suicídio em massa, mas logo descobriram que a causa da morte foi intoxicação por monóxido de carbono oriundo de uma fornalha velha.

Um tanque de lagostas foi destruído no saguão de um restaurante de frutos do mar em Atlanta.

Uma cripta do cemitério de Key West foi profanada.

Um trem colidiu com um caminhão da UPS em Idaho, matando o motorista do caminhão. Nenhum passageiro sofreu ferimentos graves.

A essa altura, ainda era uma guerra fria, uma guerra de mentira, nada que pudesse ser realmente vencido ou perdido.

O vento agitava os galhos da árvore. Faíscas saltavam das chamas. A tempestade estava chegando.

A Rainha de Sabá, que diziam ter herdado sangue de demônio da família do pai, era bruxa, sábia e rainha — governara quando Sabá era a terra mais rica de todas, quando suas especiarias e gemas e madeiras perfumadas eram transportadas por barcos e camelos até os recantos do mundo, mulher idolatrada mesmo em vida, considerada uma deusa viva pelo mais sábio dos reis. Ela espera na calçada da Sunset Boulevard às duas da madrugada, o olhar perdido observando o trânsito, uma espécie de noiva meio devassa em cima de um bolo de casamento preto e neon. Aguarda como se fossem suas a calçada onde ela está e a noite que a cerca.

Quando alguém olha para ela, seus lábios se movem, como se ela estivesse falando sozinha. Quando homens passam de carro, ela faz contato visual e sorri. Ignora os homens que passam por ela na calçada (acontece, as pessoas caminham por todas as partes, até em West Hollywood); ela os ignora, esforça-se ao máximo para fingir que não estão lá.

Está sendo uma longa noite.

Está sendo uma longa semana, e longos quatro mil anos.

Ela se orgulha de não dever nada a ninguém. As outras garotas da rua têm cafetões, hábitos, filhos, pessoas que pegam parte do que faturam. Ela, não.

Não resta nada de sagrado em sua profissão. Não mais.

A chuva chegou há uma semana em Los Angeles, transformando ruas em cenários escorregadios para acidentes, desintegrando a lama das colinas e derrubando casas do alto de vales, levando o mundo para dentro de bueiros e escoadouros, afogando mendigos e moradores de rua acampados no canal de concreto ao longo do rio. Quando a chuva chega a Los Angeles, sempre pega as pessoas de surpresa.

Bilquis passou a última semana sem botar o pé para fora de casa. Incapaz de esperar na calçada, ficou encolhida na cama, em seu quarto cor de fígado cru, ouvindo a chuva bater no ar-condicionado e publicando anúncios na internet. Criou um endereço de e-mail anônimo e se inscreveu em vários sites de acompanhantes. Sentia-se orgulhosa por negociar naqueles territórios novos, mas continuava nervosa — passou muito tempo evitando qualquer coisa que pudesse deixar rastros. Ela nem sequer publicou um anúncio nos classificados do *LA Weekly*, preferindo escolher seus clientes pessoalmente,

encontrando pelos olhos, pelo cheiro, pelo toque aqueles que irão idolatrá-la do jeito que ela precisa ser idolatrada, aqueles que irão permitir que ela os leve até o fim...

E agora lhe ocorre, parada e tremendo na esquina (pois as chuvas do fim de fevereiro tinham acabado, mas o frio que elas trouxeram persistia), que ela tem um hábito tão ruim quanto o das putas que trocam sexo por heroína e crack, e isso a perturba, e sua boca começa a se mover de novo. Alguém que se aproximasse o bastante de seus lábios vermelhos como rubis a ouviriam dizer:

— *Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade; pelas ruas e pelas praças buscarei aquele a quem ama a minha alma* — sussurra ela. — *Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu. Ele disse: A tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus peitos, aos cachos de uvas. Ele disse que viria a mim. Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição.*

Bilquis espera que a trégua das chuvas traga os clientes de volta. Na maior parte do ano, ela caminha pelas duas ou três quadras da Sunset, saboreando as noites frescas de Los Angeles. Uma vez por mês, suborna um homem chamado Sabbah, da polícia de Los Angeles, que substituiu o outro policial que ela subornava, que desaparecera. Ele se chamava Jerry LeBec, e seu paradeiro era um mistério para a polícia. O homem estava obcecado por Bilquis, e começara a segui-la. Um dia, no meio da tarde, ela acordou com um barulho, e, ao abrir a porta do apartamento, encontrou LeBec com trajes civis, de joelhos no carpete gasto, encarando o chão, a sua espera. O barulho que escutara era o da cabeça dele, que batia na porta conforme ele se balançava para a frente e para trás.

Bilquis acariciou seu cabelo e lhe disse para entrar, e depois enfiou as roupas dele em um saco de lixo preto e jogou em uma caçamba atrás de um hotel a algumas quadras dali. Pôs a arma e a carteira dentro de uma sacola de mercado. Jogou borra de café e lixo orgânico em cima, fechou a sacola e a jogou na lixeira de um ponto de ônibus.

Não guardava suvenires.

A oeste, em algum lugar do oceano, relâmpagos distantes rasgam o céu alaranjado da noite, e Bilquis sabe que a chuva logo retornará. Ela suspira. Não quer ser abordada na chuva. Decide que vai voltar para o apartamento, tomar um banho, depilar as pernas — parece que ela está sempre depilando as pernas — e dormir.

— *De noite busquei em minha cama aquele a quem ama a minha alma* — sussurra. — *Beije-me ele com os beijos de sua boca. O meu amado é meu, e eu sou dele.*

Bilquis entra em uma rua lateral e anda até onde o carro está estacionado, na ladeira.

Faróis se acendem logo atrás dela, reduzindo a velocidade ao se aproximarem, e ela se vira e sorri, mas logo é tomada pelo desânimo,

porque vê que o carro é uma limusine branca. Homens em limusines querem trepar dentro de limusines, não na privacidade de seu altar. Ainda assim, talvez seja um investimento. Algo para o futuro.

Um vidro escuro se abaixa, e Bilquis vai até a limusine, jogando charme.

— Oi, docinho. Procurando alguma coisa?

— Amor gostoso — responde uma voz no fundo da limusine.

Ela tenta ver quem está dentro do carro. Conhece uma garota que entrou em uma limusine com cinco jogadores de futebol bêbados e saiu de lá toda machucada, mas Bilquis só vê um cliente ali, que aparenta ser bem jovem. Não leva muito jeito para ser um adorador, mas dinheiro, dinheiro bom, passado da mão dele para a dela, isso também é energia — *baraka*, é como chamavam, em outros tempos —, que vai ser bem útil. E, francamente, hoje em dia, qualquer trocado já ajuda.

— Quanto? — pergunta o sujeito.

— Depende do que você quer e por quanto tempo. E se tem como pagar.

Ela sente um cheiro de fumaça escapando pela janela. Parece fio queimado e placas de circuito superaquecidas. A porta do carro se abre.

— Posso pagar por tudo o que eu quiser — diz o cliente.

Ela se inclina para dentro do carro e dá uma olhada. Não tem mais ninguém ali, só o cliente, um garoto de cara inchada que não parece ter idade nem para beber. Mais ninguém, então ela entra.

— Garotinho rico, né?

— Mais do que rico — responde o garoto, aproximando-se pelo banco de couro.

Ele é desajeitado. Ela sorri.

— Hum. Isso me excita, docinho — diz ela. — Você deve ser um daqueles geniozinhos da internet de que eu já ouvi falar?

O garoto se empertiga todo, inchando feito um sapo-boi.

— É. Entre outras coisas. Eu sou um garoto técnico.

O carro anda.

— Então — diz ele. — Diga-me, Bilquis, quanto você cobra só para chupar o meu pau?

— Do que você me chamou?

— Bilquis — repete ele. Então ele canta, com uma voz que não foi feita para cantar: — “*You are a immaterial girl living in a material world...*”

As palavras pareciam ensaiadas, como se ele tivesse treinado a conversa na frente do espelho.

Ela para de sorrir, e seu rosto muda, fica mais sábio, mais atento, mais duro.

— O que você quer?

— Já falei. Amor gostoso.

— Eu dou o que você quiser.

Precisa sair daquela limusine. Sabe que o carro está andando rápido demais para abrir a porta e se jogar na rua, mas é isso que vai fazer se não conseguir chegar a um acordo com o garoto. Não gosta do que está acontecendo ali, o que quer que seja.

— O que eu quiser. Sim. — Ele se cala. Passa a língua nos lábios. — Quero um mundo limpo. Quero possuir o amanhã. Quero evolução, devolução, revolução. Quero remover nosso povo das margens da história e levá-lo para o topo do *mainstream*. Vocês são *underground*. Isso está errado. Nós precisamos tomar os holofotes e brilhar. Bem no centro. Vocês são *underground* há tanto tempo que perderam a capacidade de enxergar.

— Meu nome é Ayesha — diz ela. — Não sei do que você está falando. Tem outra garota naquela esquina, e ela se chama Bilquis. Podemos voltar para a Sunset e pegá-la também, você pode ficar com as duas...

— Ah, Bilquis — retruca o garoto, soltando um suspiro dramático e exagerado. — A fê tem limites. Eles estão chegando ao limite do que podem nos dar. A lacuna de credibilidade. — E então cantarola de novo, com uma voz nasalada monótona: — *Você é uma garota analógica, vivendo num mundo digital.*

A limusine faz uma curva abrupta, e o garoto cai em cima dela no banco. Não dá para ver o motorista através do vidro escuro. Bilquis é tomada por uma convicção irracional de que ninguém está guiando o carro, como se a limusine branca fosse uma espécie de Herbie, o fusca turbinado, correndo por Beverly Hills por conta própria.

E então o cliente estende a mão e bate no vidro escurecido.

O carro diminui a velocidade, e antes de ele parar de vez Bilquis já está abrindo a porta e se jogando no asfalto. Estão em uma colina. À esquerda, um barranco íngreme, à direita, um penhasco. Ela começa a correr pela estrada.

A limusine fica lá, parada.

Começa a chover, e o salto alto dela escorrega e faz seus pés torcerem. Ela tira os sapatos e corre, encharcada, procurando alguma forma de sair da estrada. Está com medo. Ela tem poder, é claro, mas seu poder emana da magia da fome, da magia da boceta. Isso a manteve viva nesta terra por muito tempo, é verdade, mas para tudo que está além de sobreviver ela usa seus olhos atentos e sua mente, sua estatura e sua presença.

Há uma mureta de metal a sua direita, na altura do joelho, que serve para impedir que carros caiam no penhasco, e agora a chuva corre pela estrada como um rio, e sai sangue da sola de seus pés.

As luzes de Los Angeles se descortinam a sua frente, um mapa elétrico cintilante de um reino imaginário, o paraíso criado bem aqui na Terra, e ela sabe que só precisa sair daquela estrada para ficar em segurança.

Eu sou morena, porém formosa, murmura ela para a noite e para a chuva. Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales. Sustentai-me com passas, confortai-me

com maçãs, porque desfaleço de amor.

Um relâmpago esverdeado arde no céu noturno. Ela perde o equilíbrio, escorrega por alguns metros, arranha a perna e o cotovelo, e está se levantando quando vê as luzes do carro descendo a colina em sua direção. A limusine vem rápido demais, e ela não sabe se é melhor se jogar para a direita, onde o carro poderia esmagá-la contra a colina, ou para a esquerda, onde ela poderia rolar penhasco abaixo, então ela corre pela estrada, pensando em escalar a terra molhada, quando a limusine branca aparece derrapando pelo asfalto escorregadio — deve estar vindo a cento e trinta por hora, talvez até deslizando pela superfície da estrada —, e ela enfia as mãos no mato e na terra, e vai conseguir subir e fugir, tem certeza, quando a terra molhada se desagrega e ela cai de volta para a estrada.

O carro a acerta com um impacto que amassa a grade e arremessa Bilquis para o alto como se fosse uma boneca de pano. Ela vai parar atrás do veículo, e o impacto destrói sua pélvis e fratura seu crânio. A água fria da chuva lava seu rosto.

Ela amaldiçoa o assassino: amaldiçoa-o em silêncio, já que não consegue mover os lábios. Amaldiçoa sua vigília e seu sono, sua vida e sua morte. Amaldiçoa-o como só alguém que herdou sangue de demônio por parte de pai sabe amaldiçoar.

Uma porta de carro se abre. Alguém se aproxima.

— *Você é uma garota analógica* — cantarola o garoto de novo, sem entonação —, *vivendo num mundo digital*. — Então, diz: — Vocês são umas porras de umas Madonnas. São todas umas porras de umas Madonnas.

Ele se afasta.

A porta do carro se fecha.

A limusine dá a ré e passa por cima dela, devagar. Seus ossos se esmagam debaixo dos pneus. Depois, a limusine avança em sua direção novamente.

Quando finalmente vai embora, deixa para trás apenas a carne vermelha destrocada de algo morto, praticamente irreconhecível como ser humano, e logo até isso será lavado pela chuva.

INTERLÚDIO 2

— OI, SAMANTHA.

— Mags? É você?

— E quem seria? Leon disse que a tia Sammy ligou quando eu estava no banho.

— Conversamos um pouco. Ele é um amor.

— É. Não é de se jogar fora.

Um momento incômodo paira entre as duas, só um vestígio de sussurro atravessando a linha telefônica. Então:

— Sammy, como vai a faculdade?

— Fomos liberados, uma semana em casa. Problema com as fornalhas. Como vai tudo aí na sua parte de Northwoods?

— Ah, tem um vizinho novo aqui no prédio. Ele faz truques com moedas, essas coisas. Está rolando um debate bem intenso na seção de cartas dos leitores do *Lakeside News* sobre o possível rezoneamento do terreno perto do antigo cemitério na margem sudeste do lago, e esta que vos fala tem que escrever um editorial ferino expondo a opinião do jornal sobre o assunto sem ofender ninguém e muito menos dar algum indício de qual é nossa opinião.

— Parece divertido.

— Não é. Alison McGovern desapareceu semana passada... a filha mais velha de Jilly e Stan McGovern. Acho que você não conheceu. Menina boazinha, sabe? Cuidou do Leon algumas vezes para mim.

A boca se abre para dizer algo, e volta a se fechar, e o que ia ser dito não foi, e em vez disso Samantha diz:

— Que horrível.

— É.

— E... — E não há nada para dizer depois disso que não seja doloroso, então ela fala: — Ele é bonito?

— Quem?

— O vizinho.

— O nome dele é Ainsel. Mike Ainsel. Não é feio, mas é muito novo para mim. É um cara grandão, parece... como é a palavra? Começa com M.

— Mau? Mal-humorado? Magnífico? Marido?

Uma risada curta.

— É, acho que ele tem cara de marido mesmo. Quer dizer, se existe uma cara típica de homens casados, é a dele. Mas a palavra em que eu estava pensando era *melancólico*. Ele parece melancólico.

— É misterioso?

— Não muito. Quando ele se mudou para cá, parecia meio sem rumo, perdido... nem sabia como fazer isolamento térmico nas janelas. Já passou um tempo, e ele ainda não parece saber o que está fazendo aqui. Quando ele está aqui... ele está aqui, daí some de novo. Já o vi saindo para caminhar de vez em quando. Mas ele é tranquilo, não arruma confusão nem nada.

— Talvez ele seja um ladrão de bancos.

— Aham. Exatamente o que eu estava pensando.

— Não estava, não. Foi ideia minha. Mas, Mags, vem cá, como é que *you* está? *You* está bem?

— Estou.

— Mesmo?

— Não.

Uma pausa demorada.

— Vou aí fazer uma visita.

— Sammy, não.

— Olha, posso ir logo depois do fim de semana, antes de as fornalhas voltarem a funcionar e a faculdade reabrir. Vai ser legal. Eu durmo no sofá. E você também pode convidar o vizinho misterioso para jantar.

— Sam, sem essa de bancar o cupido.

— Quem está bancando o cupido? Depois daquela vaca da Claudine, talvez eu esteja pronta para voltar a ficar com meninos por um tempo. Conheci um cara estranho e legal quando fui de carona até El Paso no Natal.

— Ah. Olha, Sam, você precisa parar de viajar de carona.

— Como é que você acha que eu vou chegar em Lakeside?

— Alison McGovern também ficava pegando carona por aí. Até em uma cidade como esta, não é seguro. Eu mando dinheiro para você. Aí você vem de ônibus.

— Não precisa.

— *Sammy*.

— Tudo bem, Mags. Mande o dinheiro, se isso for deixar você mais tranquila assim.

— Você sabe que vai.

— Tudo bem, irmã mais velha mandona. Dê um abraço no Leon por mim e diga que a tia Sammy está vindo e que dessa vez ele não vai poder esconder os brinquedos na cama dela.

— Vou falar. Mas não sei se vai adiantar. Então, quando você acha que chega?

— Amanhã à noite. Mas não precisa me buscar na rodoviária. Vou pedir para o Hinzelmann me levar na Tessie.

— Tarde demais. A Tessie está mergulhada na naftalina para passar o inverno. Mas Hinzelmann vai mesmo assim. Ele gosta de você. Você escuta as histórias dele.

— Talvez você devesse pedir para o Hinzelmann escrever o editorial no seu lugar. Vejamos. *A respeito do Rezoneamento do Terreno perto do Antigo Cemitério, por acaso, no inverno de zero três meu avô atirou em um cervo lá no antigo cemitério perto do lago. Ele estava sem balas, então usou um caroço de cereja da marmitta que minha avó tinha preparado. O tiro passou raspando no crânio do cervo, e ele saiu correndo desesperado. Dois anos depois, meu avô passou por ali e viu um veado enorme com uma cerejeira crescendo entre os chifres. Bem, ele abateu o bicho, e minha avó fez tanta torta de cereja que a gente comeu até o Quatro de Julho...*

E as duas riram.

INTERLÚDIO 3

Jacksonville, Flórida, 2h

- A PLACA DIZ “Contrata-se”.
- Estamos sempre atrás de gente nova.
- Só posso trabalhar no turno da noite. Isso seria um problema?
- Acho que não. Posso lhe dar um formulário. Você já trabalhou em um posto de gasolina?
- Não, nunca. Mas não deve ser muito complicado, né?
- Realmente, não tem mistério.
- Eu sou nova aqui. Não tenho telefone. Estou esperando instalarem.
- Sei muito bem como é. Sei, sim. Eles só fazem você esperar porque podem. Sabe, senhora, sem ofensa, mas a senhora não me parece muito bem.
- É, eu sei. É um problema de saúde. Parece pior do que é. Não é nada grave.
- Tudo bem. Eu cuido do formulário, então. Estamos com pouco pessoal no turno da noite. Aqui a gente chama de turno dos zumbis. Quem fica muito tempo nele começa a se sentir assim. Bom... é *Larna*?
- Laura.
- Laura. Certo. Bom, espero que você não se incomode com gente esquisita. Porque eles sempre aparecem à noite.
- Já imaginava. Eu dou conta.

CAPÍTULO

TREZE

*Ei, velho amigo.
O que me conta, velho amigo?
Vê se desponha, velho amigo,
Quebra o galho, camarada.
Qual é o problema? A gente é pra sempre.
Você, eu, ele — vidas demais na parada.*

Stephen Sondheim, “Old Friends”

SÁBADO DE MANHÃ. Shadow atendeu a porta.

Era Marguerite Olsen. Ela não entrou, só ficou ali, debaixo do sol, com uma expressão séria.

— Senhor Ainsel...?

— Mike, por favor — respondeu Shadow.

— Ah, sim. Mike, você gostaria de jantar lá em casa hoje à noite? Lá pelas seis? Não vai ser nada de mais, só macarrão com almôndegas.

— Sem problema. Eu gosto de macarrão com almôndegas.

— Claro que, se você já tiver compromisso...

— Não tenho, não.

— Seis horas.

— Levo flores?

— Se quiser, tudo bem. Mas é só um jantar entre amigos, não tem nada de romântico.

Ela foi embora.

Shadow tomou banho. Colocou um casaco e saiu para uma caminhada rápida, só até a ponte. O sol era uma moeda sem brilho no céu, e, quando ele voltou para casa, estava suando. Com certeza a temperatura estava acima de zero. Foi de carro até o mercado e comprou uma garrafa de vinho. Era um vinho de vinte dólares, e Shadow achou que isso garantia alguma qualidade. Não entendia nada de vinhos, mas, por vinte pratas, devia ser bom. Comprou um Cabernet da Califórnia, porque uma vez viu um adesivo de para-choque que dizia A VIDA É UM CABERNET, e na época — quando era mais novo e as pessoas ainda colavam adesivos no para-choque — achou engraçado.

Comprou um vaso de planta, um presente para a anfitriã. Folhas verdes, sem flores. Nada remotamente romântico.

Comprou uma caixa de leite que nunca beberia e algumas frutas que nunca comeria.

Depois, foi até a Mabel's e comprou uma única *pasty* para o almoço. O rosto de Mabel se iluminou quando o viu.

— Hinzelmänn já encontrou você?

— Não sabia que ele estava atrás de mim.

— Pois é. Quer porque quer levar você para pescar no gelo. Chad Mulligan também me perguntou do seu paradeiro. A prima dele, de outro estado, chegou. É viúva. Prima de segundo grau, que a gente antigamente dizia que podia beijar. Um amor. Você vai adorar a moça.

Ela pôs a *pasty* em um saco de papel e dobrou a pontinha para mantê-la quente.

Shadow voltou para casa pelo caminho mais longo, uma das mãos no volante e a outra segurando a *pasty* fumegante, as migalhas caindo na calça e no chão do carro. Passou pela biblioteca na margem sul do lago e observou a cidade em preto e branco sob o gelo e a neve. A primavera parecia estar a uma distância inimaginável: a lata-velha ficaria para sempre no gelo, assim como perdurariam os abrigos para os pescadores, as picapes, os rastros das motoneves.

Shadow chegou ao apartamento, estacionou, subiu a escada de madeira até sua porta. Os pintassilgos e as trepadeiras-azuis no comedouro praticamente o ignoraram. Entrou em casa. Molhou a planta e ficou em dúvida se colocava ou não o vinho na geladeira.

Faltava bastante para as seis.

Shadow queria poder ver televisão à vontade de novo. Queria ser entretido e não ter que pensar em nada, só ficar sentado e se deixar banhar pelos sons e pela luz. *Quer ver os peitos da Lucy?*, sussurrou, em sua memória, uma voz que se assemelhava à de Lucy. Ele balançou a cabeça, negando, embora ninguém estivesse esperando resposta.

Ele se deu conta de que estava nervoso. Aquela seria sua primeira interação social de verdade desde que tinha sido preso, mais de três anos antes. Em poucas horas, estaria conversando com outras pessoas — pessoas normais, não outros presos, não deuses ou heróis mitológicos ou seres que habitavam seus sonhos. Mike Ainsel teria que pensar em algo interessante para falar. Shadow olhou o relógio. Eram duas e meia. Marguerite Olsen tinha pedido que chegasse às seis. Ela quis dizer seis *em ponto*? Será que devia chegar um pouco mais cedo? Um pouco mais tarde? Acabou decidindo que bateria na porta dela às seis e cinco.

O telefone tocou.

— Oi.

— Isso não é jeito de atender o telefone — resmungou Wednesday.

— Quando meu telefone for instalado, eu começo a atender com educação — respondeu Shadow. — Está precisando de mim?

— Não sei — disse Wednesday. Um momento de silêncio. Depois: — Organizar deuses é mais difícil do que fazer gatos formarem uma fila. Eles não são muito obedientes.

A voz de Wednesday parecia sem vida e exausta, de um jeito que Shadow nunca havia escutado antes.

— Qual é o problema?

— É difícil. Difícil pra cacete. Não sei se vai dar certo. Talvez seja melhor a gente cortar a garganta logo de uma vez.

— Não fala assim.

— É. Sei.

— Bom, se você acabar cortando a própria garganta — disse Shadow, tentando animar Wednesday e afastá-lo daquela conversa sombria —, talvez nem doa.

— Vai doer. Até para gente como eu, a dor ainda machuca. Se você anda e age no mundo material, o mundo material age em você. A dor machuca, assim como a ganância embriaga e a luxúria arde. Podemos até não morrer com facilidade, e com toda a certeza não vamos morrer de uma forma boa, mas podemos morrer. Se ainda formos amados e lembrados, outra coisa bem parecida com a gente surge no nosso lugar, e começa tudo de novo. E, se formos esquecidos, já era.

Shadow não sabia o que dizer.

— Então você está ligando de onde? — perguntou.

— Não é da sua conta.

— Você está bêbado?

— Ainda não. Só fico pensando em Thor. Vocês não chegaram a se conhecer. Grandão que nem você. Bom coração. Não era muito esperto, mas daria a própria camisa se lhe pedissem. E ele se matou. Botou uma arma na boca e estourou os miolos em 1932, na Filadélfia. Como é que um deus morre desse jeito?

— Sinto muito.

— Você não está nem aí, meu filho. Ele era muito parecido com você. Grande e burro.

Wednesday parou de falar e tossiu.

— Qual é o problema? — perguntou Shadow, pela segunda vez.

— Eles entraram em contato.

— Quem?

— A oposição.

— E?

— Querem discutir uma trégua. Negociações de paz. Viver e deixar viver, essas merdas.

— Então, o que acontece agora?

— Agora eu vou tomar um café ruim com os babacas modernos em um clube maçônico de Kansas City.

— Tudo bem. Você vem me buscar ou marcamos de nos encontrar em algum lugar?

— Continue aí e fique na sua. Não se meta em confusão. Ouviu?

— Mas...

Ele ouviu um clique, e o telefone ficou mudo e não voltou mais a funcionar. Bem, nunca tinha realmente funcionado.

Nada além de tempo para matar. A conversa com Wednesday o deixara inquieto. Ele se levantou, cogitando sair para uma caminhada, mas já não estava tão claro, então se sentou de novo.

Shadow pegou as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside 1872-1884* e folheou as páginas, passando os olhos pelas letras minúsculas sem de fato ler nada, parando de vez em quando para olhar algo que tivesse chamado sua atenção.

Descobriu que, em julho de 1874, a câmara municipal estava preocupada com a quantidade de lenhadores imigrantes chegando à cidade. A prefeitura decidiu construir uma ópera na esquina da Third Street com a Broadway. Esperava-se que os transtornos decorrentes da construção da barragem nova do rio Mill se amenizassem quando o reservatório se transformasse em um lago. A câmara autorizou o pagamento de setenta dólares ao sr. Samuel Samuels e de oitenta e cinco dólares ao sr. Heikki Salminen como indenização por seus terrenos e pelos gastos decorrentes de sua realocação para fora da área que seria inundada.

Nunca havia ocorrido a Shadow que o lago era artificial. Por que chamar uma cidade de Lakeside se o lago era um reservatório artificial? Continuou lendo e descobriu que um sr. Hinzelmann, natural de Hüdemuhlen, em Brunsvique, fora encarregado do projeto de construção do lago, e que a câmara municipal lhe dera a quantia de trezentos e setenta dólares para executar o projeto, e qualquer excedente deveria ser bancado por doações dos moradores da cidade. Shadow rasgou um pedaço de papel-toalha e usou como marcador de página. Imaginou o prazer de Hinzelmann ao ver a referência ao avô. Shadow se perguntou se o velho sabia do papel fundamental que sua família havia tido na construção do lago. Folheou o livro mais um pouco, procurando outras referências ao projeto.

A inauguração havia ocorrido em uma cerimônia na primavera de 1876, uma prévia de como seriam as comemorações do centenário de independência na cidade. A câmara fez um agradecimento ao sr. Hinzelmann.

Shadow conferiu o relógio. Eram cinco e meia. Entrou no banheiro, fez a barba e penteou o cabelo. Trocou de roupa. Os últimos quinze minutos passaram, afinal. Pegou o vinho e a planta e foi para o apartamento vizinho.

A porta se abriu assim que ele bateu. Marguerite Olsen parecia quase tão nervosa quanto ele. A mulher pegou o vinho e o vaso de planta e agradeceu. Na televisão passava uma cena de *O mágico de Oz*. Ainda estava em sépia, e Dorothy ainda estava no Kansas, sentada com os olhos fechados na carroça do professor Marvel enquanto aquela velha fraude fingia ler sua mente, e o tornado que a arrancaria de sua vida se aproximava. Leon estava sentado em frente à tela, brincando com um caminhãozinho de bombeiro. Quando viu Shadow, seu rosto se iluminou de alegria. O menino se levantou e foi correndo, tropeçando de tanta empolgação, até um quarto nos fundos, de onde saiu logo depois, triunfante, com uma moeda na mão.

— Olha, Mike Ainsel! — gritou. Em seguida, fechou as mãos, fingiu pegar a moeda na mão direita e a abriu. — Sumiu! Eu que fiz, Mike Ainsel!

— Fez mesmo — concordou Shadow. — Depois do jantar, se sua mãe deixar, eu ensino você a fazer isso de um jeito ainda mais legal.

— Pode fazer agora, se quiser — disse Marguerite. — A Samantha ainda não chegou. Ela foi buscar *sour cream* para mim. Não sei por que está demorando tanto.

E, como se tivesse sido combinado, eles ouviram passos na varanda de madeira, e alguém empurrou a porta da frente com o ombro. Shadow não a reconheceu de primeira, mas aí ela disse:

— Eu não sabia se você queria o que tinha calorias ou o que tinha gosto de cola, então escolhi o que tinha calorias.

E no mesmo instante ele se lembrou: era a garota que encontrou a caminho de Cairo.

— Tudo bem — disse Marguerite. — Sam, este é o meu vizinho, Mike Ainsel. Mike, esta é Samantha Black Crow, minha irmã.

Eu não conheço você, pensou Shadow, aflito. *Você nunca me viu. Somos completos desconhecidos*. Tentou se lembrar da vez em que havia pensado em *neve*, que tinha sido muito fácil e natural: agora, fazia um apelo desesperado. Estendeu a mão e disse:

— Prazer.

Samantha olhou bem para ele. Um momento de confusão, e então o reconhecimento invadiu seus olhos e fez os cantos da boca se curvarem em um sorriso.

— Oi — respondeu ela.

— Vou dar uma olhada na comida — disse Marguerite, com a voz tensa de alguém que queima algo na cozinha se deixa de prestar atenção por um segundo.

Sam tirou o casaco volumoso e o chapéu.

— Então você é o vizinho melancólico e misterioso. Quem diria... — comentou, baixinho.

— E você é a Sam. Podemos deixar essa conversa para mais tarde?

— Só se prometer que vai me contar o que está acontecendo.

— Combinado.

Leon puxou a perna da calça de Shadow.

— Você me mostra agora? — perguntou, mostrando a moeda.

— Tudo bem — concordou Shadow. — Mas, se eu mostrar, você precisa lembrar que um grande mágico nunca revela seus truques para ninguém.

— Não vou revelar, prometo — disse Leon, com seriedade.

Shadow pegou a moeda com a mão esquerda, então pegou a mão direita de Leon na sua mão direita, que era enorme em comparação, e mostrou como fingir colocar a moeda na mão direita, mas, na verdade, mantê-la na esquerda. Depois, pôs a moeda na mão esquerda de Leon e pediu que ele repetisse os movimentos sozinho.

Depois de algumas tentativas, o menino dominou os gestos.

— Agora você chegou na metade do caminho — disse Shadow. — Os movimentos são só metade do truque. A outra metade é o seguinte: preste atenção ao lugar onde a moeda *devia* estar, se concentre no lugar para onde ela tem que ir. Siga com o olhar. Se você agir como se a moeda estivesse na mão direita, ninguém vai nem se lembrar de olhar a sua mão esquerda, por mais desajeitado que você seja.

Sam observou a cena com a cabeça ligeiramente inclinada, sem falar nada.

— O jantar está pronto! — gritou Marguerite, carregando uma travessa fumegante de macarrão. — Leon, vá lavar as mãos.

A comida estava boa: pão de alho crocante, molho ao sugo encorpado, almôndegas saborosas e picantes. Shadow elogiou o trabalho de Marguerite.

— Receita antiga — disse ela —, do lado córsico da família.

— Achei que vocês fossem descendentes de indígenas.

— Nosso pai é cheroqui — explicou Sam. — O pai da mãe de Mag veio da Córsega. — Sam era a única bebendo o Cabernet. — Papai saiu da casa dela quando Mag tinha dez anos e foi morar do outro lado da cidade. Seis meses depois, eu nasci. Ele e minha mãe se casaram quando o divórcio do primeiro casamento saiu, e acho que tentaram se entender por um tempo, mas ele foi embora quando eu tinha dez anos. Acho que nada prende a atenção dele por mais de dez anos.

— Bom, faz dez anos que ele está em Oklahoma — disse Marguerite.

— Agora, a família da *minha* mãe era judia, veio da Europa — continuou Sam —, de um daqueles lugares que eram comunistas e agora são só um caos. Acho que ela gostava da ideia de estar casada com um cheroqui. Pão frito e fígado picado.

Sam bebeu mais um pouco do vinho.

— A mãe dela é uma figura — disse Marguerite, com um ar de admiração.

— Sabe onde ela está agora? — perguntou Sam. Shadow balançou a cabeça. — Na Austrália. Ela conheceu uma cara na internet que morava em Hobart, uma cidade lá da Tasmânia. Quando eles se conheceram pessoalmente, ela achou o cara meio esquisito. Mas gostou muito da Tasmânia. Então está morando lá, com um grupo de mulheres, ensinando-as a fazer estampas de *batik* e outras coisas assim. Não é legal? Uma mulher da idade dela fazendo essas coisas?

Shadow concordou e pegou mais almôndegas. Sam explicou que todos os nativos aborígenes da Tasmânia tinham sido dizimados pelos ingleses, e falou da corrente humana que eles fizeram pela ilha para impedir uma fuga generalizada, mas que só capturou um velho e um menino doente. Também falou dos tigres-da-tasmânia, que haviam sido mortos por fazendeiros que queriam proteger suas ovelhas, e dos políticos dos anos 1930, que só perceberam que os tigres-da-tasmânia deviam ser protegidos depois que o último morreu. Ela terminou a segunda taça de vinho e serviu a terceira.

— Então, Mike — disse Sam, de repente, corando um pouco —, fale um pouco da sua família. Como são os Ainsel?

Ela sorria, e era um sorriso travesso.

— Nós somos bem sem graça — disse Shadow. — Nunca nem passamos perto da Tasmânia. Você estuda em Madison, não é isso? O que é que você faz?

— Ah, você *sabe* — respondeu ela. — Estou cursando história da arte, estudos de gênero, e também faço algumas esculturas em bronze.

— Quando eu crescer — disse Leon —, vou fazer mágica. Puf. Você me ensina, Mike Ainsel?

— Claro — disse Shadow. — Se sua mãe deixar.

Marguerite deu de ombros.

— Mags, depois que acabarmos aqui — disse Sam — e você for colocar Leon para dormir, acho que vou passar uma horinha com o Mike no bar.

Marguerite não deu de ombros. Só inclinou um pouco a cabeça, uma sobrelanceira levemente arqueada.

— Ele é interessante — disse Sam. — E temos muito assunto.

Marguerite olhou para Shadow, que tratou de limpar uma mancha imaginária de molho no queixo com um guardanapo.

— Bom, vocês são adultos — disse ela, em um tom que fazia o possível para sugerir que não eram e que, mesmo que fossem, não deviam ser.

Depois do jantar, Shadow ajudou Sam a lavar a louça (ele enxugou) e fez um truque para Leon, contando moedas de um centavo que estavam na palma do menino: cada vez que o menino abria a mão e contava, havia uma moeda a menos do que tinha antes de fechar. E, na última moeda — “Está apertando? Com força?” —, quando Leon abriu a mão, viu que ela havia se transformado em uma moeda de dez centavos. As súplicas agoniadas de

Leon (“*Como* você fez isso? Mamãe, *como* ele fez aquilo?”) o acompanharam até a porta.

Sam pegou o casaco de Shadow e o entregou a ele.

— Vamos — chamou. Seu rosto estava enrubescido por causa do vinho.

Fazia frio do lado de fora.

Shadow passou em seu apartamento, colocou as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside* dentro de um saco plástico e o levou consigo. Hinzelmann talvez estivesse no bar, e ele queria mostrar a parte que falava do avô dele.

Os dois andaram lado a lado pela calçada.

Shadow abriu a porta da garagem, e Sam começou a rir.

— Meu Deus — disse ela, ao ver o automóvel. — O carro do Paul Gunther. Você comprou o carro do Paul Gunther. Meu Deus.

Shadow abriu a porta para ela.

— Você conhece o carro?

— Aham. Vim aqui há uns dois ou três anos para ficar com Mags e conheci essa belezura. Fui eu que convenci o Paul a pintar de roxo.

— Ah. Agora pelo menos tenho alguém para culpar.

Ele deu a partida e parou na rua. Saiu do carro, fechou a porta da garagem e depois voltou. Sam o olhava de um jeito estranho, como se sua autoconfiança tivesse começado a minguar. Shadow colocava o cinto de segurança, quando ela disse:

— Estou com medo. Isso foi uma idiotice, não foi? Entrar no carro de um assassino psicopata?

— Correu tudo bem da outra vez.

— Você matou dois homens — continuou ela. — Está sendo procurado pela polícia. E agora eu descubro que você está usando um nome falso e morando do lado da minha irmã. Ou Mike Ainsel é seu nome de verdade?

— Não — respondeu Shadow, e soltou um suspiro. — Não é.

Detestou dizer aquilo. Foi como se tivesse desistido de algo importante, como se estivesse abandonando Mike Ainsel ao negar sua existência, como se estivesse se despedindo de um amigo.

— Você matou aqueles homens?

— Não.

— Uns caras vieram até a minha casa e disseram que a gente foi visto juntos. E um deles me mostrou umas fotos suas. Qual era o nome dele... senhor Hat? Não. Senhor Town. Foi esse. Foi uma coisa meio *O fugitivo*. Mas eu falei que não tinha visto você.

— Obrigado.

— Então... — começou ela. — O que é que está acontecendo? Eu guardo os seus segredos se você guardar os meus.

— Eu não sei nenhum segredo seu — disse Shadow.

— Bom, você sabe que foi ideia minha pintar este negócio de roxo, obrigando Paul Gunther a se tornar motivo de chacota e deboche aqui pelas redondezas, tanto que ele teve que sair da cidade. A gente estava meio chapado — admitiu.

— Duvido que essa parte seja um grande segredo. Todo mundo em Lakeside deve ter imaginado. Só alguém muito chapado para pintar um carro dessa cor.

Muito baixo e muito rápido, ela disse:

— Olha, se você vai me matar, só não me machuca, por favor. Eu não devia ter vindo com você. Sou muito burra mesmo. Burra pra caralho. Eu devia ter fugido ou chamado a polícia assim que vi você. Eu sei quem você é. Meu Deus. Eu sou tão burra.

Shadow suspirou.

— Eu nunca matei ninguém. Juro. E agora vou levar você ao bar. Ou, se você quiser, dou a meia-volta e deixo você em casa. Posso pagar uma bebida para você, se tiver idade para beber, ou um refrigerante, se não tiver. Depois, deixo você sã e salva na casa da sua irmã e torço para não me dedurar para a polícia.

Eles atravessaram a ponte em silêncio.

— Quem matou aqueles homens? — perguntou ela.

— Você não acreditaria se eu contasse.

— *Claro* que acreditaria.

Ela parecia brava. Shadow se perguntou se tinha sido uma boa ideia comprar aquele vinho. Naquele momento, com certeza, a vida não era um Cabernet.

— É um pouco difícil de acreditar.

— Eu sou capaz de acreditar em qualquer coisa. Você *não faz ideia* das coisas em que eu sou capaz de acreditar.

— Sêrio?

— Eu sou capaz de acreditar em coisas que são verdade e em coisas que não são verdade, e em coisas que ninguém sabe se são verdade ou não. Posso acreditar no Papai Noel e no Coelhinho da Páscoa e na Marilyn Monroe e nos Beatles e em Elvis e no Mister Ed. Olha, eu acredito que as pessoas podem sempre se aperfeiçoar, que o conhecimento é infinito, que o mundo é controlado por cartéis secretos formados por bancos poderosos e que alienígenas vêm para cá com regularidade, uns bonzinhos que parecem lêmures enrugados e uns malvados que mutilam animais e querem roubar nossa água e nossas mulheres. Acredito que o futuro vai ser uma porcaria e que o futuro vai ser o máximo e que um dia a Mulher Búfalo Branco vai voltar e destruir todo mundo. Acredito que todos os homens são só garotinhos grandes com muita dificuldade para se comunicar e que o declínio do sexo bom neste país coincide com o declínio dos cinemas *drive-in*. Acredito que todos os políticos são bandidos sem princípios e, ainda

assim, acredito que eles são melhores do que qualquer outra alternativa. Acredito que a Califórnia vai ser engolida pelo mar no Grande Terremoto e que a Flórida vai se dissolver em loucura e jacarés e lixo tóxico. Acredito que os sabonetes bactericidas estão destruindo nossa resistência à sujeira e às doenças e que um dia vamos todos ser dizimados por um resfriado, que nem os marcianos em *A guerra dos mundos*. Acredito que os maiores poetas do último século foram Edith Sitwell e Don Marquis, que pedra de jade é esperma de dragão ressecado e que, milhares de anos atrás, em outra vida, eu fui um xamã siberiano com um braço só. Acredito que o destino da humanidade está nas estrelas. Acredito que os doces eram realmente mais gostosos quando eu era pequena, que é aerodinamicamente impossível uma abelha voar, que a luz é uma onda e uma partícula, que em algum lugar existe um gato dentro de uma caixa que está ao mesmo tempo vivo e morto (se bem que, se nunca abrirem a caixa para dar comida, ele vai estar morto de dois jeitos diferentes) e que o universo tem estrelas que são bilhões de anos mais antigas que o próprio universo. Acredito em um Deus particular que me ama e se preocupa comigo e observa tudo o que eu faço. Acredito em um Deus impessoal que botou o universo para funcionar e foi embora para ficar com as namoradas dele e nem sabe que eu existo. Acredito em um universo vazio e sem Deus algum, cheio de causalidade caótica, ruído de fundo e pura sorte. Acredito que qualquer pessoa que diga que sexo é superestimado não fez sexo direito. Acredito que qualquer pessoa que tem certeza do que está acontecendo também vai mentir sobre coisas pequenas. Acredito em honestidade absoluta e em mentiras sociais sensatas. Acredito no direito de escolha das mulheres, no direito à vida dos bebês, e que, embora toda vida humana seja sagrada, a pena de morte é completamente justificável, se a gente puder confiar implicitamente no sistema judiciário, e que só idiotas confiariam no sistema judiciário. Acredito que a vida é um jogo, a vida é uma piada de mau gosto e a vida é o que acontece quando a gente está vivo e que o melhor é relaxar e aproveitar.

Ela parou de falar, ofegante.

Shadow quase tirou as mãos do volante para bater palmas.

— Tudo bem — disse ele. — Então, se eu falar o que descobri, você não vai achar que eu sou maluco.

— Talvez. Vamos ver.

— Você acreditaria se eu dissesse que todos os deuses já imaginados pelas pessoas ainda existem?

— ... talvez.

— E que também existem deuses novos, deuses dos computadores e dos telefones e sei lá o que mais, e que parece que eles acham que só existe lugar para um tipo de deus no mundo? E que por isso é bem provável que aconteça uma guerra?

— E foram esses deuses que mataram aqueles dois homens?

- Não, isso foi obra da minha esposa.
- Achei que você tivesse dito que sua esposa morreu.
- Ela morreu.
- Ela matou os caras antes de morrer, então?
- Depois. É complicado.

Sam levantou uma das mãos e afastou o cabelo da testa.

Eles viraram na Main Street e pararam na frente do Buck Stops Here. A placa em cima da janela exibia um cervo de pé nas patas traseiras com uma cara de surpresa e segurando uma caneca de cerveja. Shadow pegou o saco com o livro e saiu do carro.

- E por que esses deuses começariam uma guerra? — perguntou Sam.
- Parece meio desnecessário. O que eles ganhariam com isso?

— Não sei — admitiu Shadow.

— É mais fácil acreditar em alienígenas do que em deuses — disse Sam.

— Talvez o senhor Town e o senhor Sei Lá o Quê sejam como os Homens de Preto, só que alienígenas.

— É, talvez.

Estavam em frente ao bar, quando Sam parou e olhou para Shadow, sua respiração fluindo pelo ar da noite como uma nuvem desvanecendo.

— Só me diga que você é um dos mocinhos — pediu.

— Não posso — respondeu Shadow. — Queria poder. Mas estou me esforçando para ser um.

Ela o encarou e mordeu o lábio inferior. Depois assentiu.

— Ok, isso serve. Não vou denunciar você. Pode me pagar uma cerveja.

Shadow abriu a porta para ela, e os dois foram atingidos por uma onda de calor e música, envolvidos por uma nuvem de animação que cheirava a cerveja e hambúrgueres. Eles entraram.

Sam acenou para alguns amigos. Shadow fez um gesto com a cabeça para cumprimentar uma ou outra pessoa cujo rosto — mas não o nome — ele se lembrava de ter visto no dia da busca por Alison McGovern, ou que conhecera em alguma manhã na Mabel's. Chad Mulligan estava no bar, com o braço em volta dos ombros de uma mulher ruiva baixa. Shadow imaginou que fosse a tal prima que morava em outro estado. Ficou curioso para saber como ela era, mas a mulher estava de costas. Chad levantou a mão fingindo bater continência ao vê-lo, e Shadow sorriu e acenou para ele. Procurou Hinzelmann, mas nem sinal do velho. Viu uma mesa vazia nos fundos e foi até lá.

Então alguém começou a gritar.

Foi um grito ruim, do fundo do pulmão, histérico, um grito de quem tinha visto um fantasma, e todas as conversas se calaram. Shadow olhou para os lados, certo de que alguém estava sendo assassinado, e se deu conta de que todos os rostos do bar estavam virados em sua direção. Até o gato

preto, que dormia na janela durante o dia, estava de pé em cima do jukebox, com o rabo para cima e as costas arqueadas, olhando para Shadow.

O tempo desacelerou.

— Segurem esse homem! — berrou uma voz de mulher à beira da histeria. — Pelo amor de Deus, alguém o segure! Não o deixem fugir! Por favor!

Shadow conhecia aquela voz.

Ninguém se mexeu. Todo mundo olhou para Shadow. Ele olhou para todo mundo.

Chad Mulligan se aproximou, abrindo caminho pela multidão. A mulher baixa veio logo atrás dele, desconfiada, de olhos arregalados, pronta para gritar de novo. Shadow a conhecia. Claro que conhecia.

Chad colocou em uma mesa o copo de cerveja que segurava.

— Mike — disse ele.

— Chad — disse Shadow.

Audrey Burton se aproximou. Estava pálida, com os olhos cheios de lágrimas. Fora dela o grito.

— Shadow — disse ela. — Seu miserável. Seu assassino cruel e miserável.

— Tem certeza de que conhece esse homem, querida? — disse Chad.

Ele parecia pouco à vontade com aquela situação. Era óbvio que tinha esperança de que aquilo, o que quer que fosse, tivesse sido apenas uma confusão da qual ririam um dia.

Audrey Burton o encarou, incrédula.

— Você ficou *maluco*, Chad? Ele trabalhou para Robbie durante *anos*. A vadia da mulher dele era minha *melhor amiga*. Ele é procurado por *assassinato*. Eu fui *interrogada*. Ele *fugiu* da cadeia.

Audrey estava completamente descontrolada, falando com uma voz trêmula de histeria contida, despejando palavras como se fosse uma atriz tentando ganhar um Oscar. *Primos...*, pensou Shadow, nada impressionado.

Todos no bar continuaram calados. Chad Mulligan olhou para Shadow.

— Deve ser algum engano, garoto. Com certeza a gente vai conseguir esclarecer tudo — disse o delegado, com tranquilidade. Depois, se virou para o bar: — Está tudo bem, pessoal. Não precisam se preocupar. Vamos esclarecer tudo. Está tudo bem. — Depois, para Shadow: — Vamos lá para fora, Mike.

Competência e serenidade. Shadow estava impressionado.

— Claro — concordou.

Sentiu uma mão tocar a sua e, quando se virou, viu Sam. Shadow deu o sorriso mais reconfortante que conseguiu.

Sam encarou Shadow e, depois, os rostos no bar que assistiam a tudo.

— Eu não sei quem você é — disse, para Audrey Burton. — Mas. Você. É. Uma. Vaca.

Então ficou na ponta dos pés, puxou Shadow e o beijou intensamente, pressionando os lábios nos dele durante o que Shadow teve a impressão de serem vários minutos, mas que provavelmente foram apenas cinco segundos no relógio.

Enquanto os lábios de Sam estavam colados aos dele, Shadow se deu conta de que aquele beijo era estranho: seu alvo não era ele, e sim as outras pessoas do bar, uma forma de mostrar a todo mundo que ela escolhera um lado. Era um beijo só para causar impacto. Durante o beijo, Shadow teve certeza de que Sam nem gostava dele — bom, não nesse sentido.

Ainda assim, lembrava-se de ter ouvido uma história, muito tempo atrás, quando era pequeno: era sobre um viajante que tinha caído de um precipício. Havia tigres famintos no seu rastro e uma queda mortal a sua espera, mas ele conseguiu se segurar no meio do penhasco e não morrer. Ao lado dele havia alguns morangueiros, e a morte era certa tanto acima quanto abaixo. A pergunta era: *O que ele devia fazer?* E a resposta: *Comer os morangos.*

Quando ele era pequeno, essa história nunca tinha feito muito sentido. Agora fazia.

Então, Shadow fechou os olhos, se entregou ao beijo e se permitiu sentir apenas os lábios de Sam e a suavidade de sua pele, doce como um morango silvestre.

— Vamos lá, Mike — disse Chad Mulligan, com firmeza. — Por favor. Vamos lá para fora.

Sam se afastou. Ela passou a língua nos lábios e sorriu, um sorriso que quase chegava aos olhos.

— Nada mal — comentou. — Você beija bem para um menino. Tudo bem, vão brincar lá fora. — Então se virou para Audrey Burton. — Mas você ainda é uma vaca.

Shadow jogou a chave do carro para Sam, que a pegou com uma mão só. Ele atravessou o bar e saiu com Chad Mulligan. Tinha começado a cair uma neve suave, e os flocos rodopiavam na luz da placa de neon do bar.

— Quer conversar sobre o que aconteceu? — perguntou Chad.

— Estou preso? — perguntou Shadow.

Audrey foi atrás deles. Parecia prestes a fazer outro escândalo.

— Ele matou dois homens, Chad — anunciou, com a voz trêmula. — O FBI veio falar comigo. Ele é um psicopata. Eu posso ir até a delegacia, se você quiser.

— Olha, a senhora já causou bastante problema por hoje — disse Shadow. Até ele achou que soava cansado. — Por favor, vá embora.

— Chad? Você ouviu isso? Ele me ameaçou!

— Volte lá para dentro, Audrey — retrucou Chad Mulligan.

Tudo indicava que ela não acataria o pedido do delegado, mas, em vez disso, a mulher apertou os lábios com força, deixando-os quase brancos, e

voltou para o bar.

— Tem alguma coisa a dizer sobre essas acusações? — perguntou Chad.

— Eu nunca matei ninguém — respondeu Shadow.

O delegado assentiu.

— Eu acredito. Vai ser fácil esclarecer tudo, tenho certeza. Provavelmente não é nada. Mas eu preciso fazer isso. Você não vai me causar problemas, não é, Mike?

— Claro que não. Isso tudo é um engano.

— Com certeza. Então vamos logo para a delegacia resolver essa história, que tal?

— Estou preso? — perguntou Shadow, pela segunda vez.

— Não. A menos que você queira. Acho que podemos ir juntos lá para a delegacia, você vem na condição de cidadão responsável, e nós fazemos o possível para dar um fim a essa confusão.

Chad revistou Shadow e não encontrou nenhuma arma. Eles entraram no carro de Mulligan. Shadow se sentou no banco traseiro de novo, observando o mundo pela grade de metal. *SOS. Socorro. Ajuda*, pensou. Tentou manipular Mulligan com a mente, da mesma forma como havia feito com um policial em Chicago. É Mike Ainsel, seu velho amigo. Você salvou a vida dele. Não está vendo que isto é uma besteira? Que tal esquecer esta história de uma vez?

— Achei melhor tirar você dali de dentro — comentou Chad. — Era só algum linguarudo decretar que você era o assassino de Alison McGovern, e aquilo ia virar uma turba enfurecida indo atrás de você.

— Verdade.

— Tem certeza de que não quer me falar nada?

— Não tenho nada para dizer.

Fizeram o restante do trajeto até a delegacia de Lakeside em silêncio. Quando chegaram, Chad explicou que o edifício, na verdade, era da polícia distrital. A polícia da cidade usava apenas algumas salas. Não ia demorar até o município construir algo moderno. Por enquanto, precisavam se virar com o que tinham.

Os dois entraram.

— Preciso ligar para um advogado? — perguntou Shadow.

— Você não foi acusado de nada — disse Mulligan. — Você é que sabe.

— Passaram por portas vaivém. — Sente-se ali.

Shadow se sentou na cadeira de madeira com marcas de cigarro na lateral. Sentia-se burro e entorpecido. No mural de cortiça da sala, ao lado de uma placa grande de PROIBIDO FUMAR, havia um pequeno cartaz em que se lia: VULNERÁVEL DESAPARECIDA. A fotografia era de Alison McGovern.

Em cima de uma mesa de madeira havia edições antigas da *Sports Illustrated* e da *Newsweek*, com a parte que vinha com a etiqueta do endereço

recortada. A iluminação do lugar era fraca. As paredes estavam amareladas, mas talvez tivessem sido brancas um dia.

Depois de uns dez minutos, Chad lhe trouxe um copo de chocolate quente agitado de máquina.

— O que tem nesse saco? — perguntou.

Foi só nesse momento que Shadow se deu conta de que ainda segurava o saco plástico com as *Minutas da Câmara Municipal de Lakeside*.

— Um livro velho. Tem uma foto do seu avô aqui. Ou talvez do seu bisavô.

— Ah, é?

Shadow folheou o livro até achar uma fotografia dos membros da Câmara Municipal e apontou para o homem chamado Mulligan. Chad deu uma risada.

— Ora, veja só — comentou.

Minutos e horas se passaram naquela sala. Shadow leu duas *Sports Illustrated* e começou a *Newsweek*. De vez em quando, Chad entrava, perguntava se ele precisava ir ao banheiro, e chegou a lhe oferecer um salgado de presunto e um pacote pequeno de batatas fritas, que Shadow aceitou.

— Obrigado — disse. — Estou preso?

Chad suspirou.

— Bom, só vamos saber daqui a pouco. Parece que na sua certidão de nascimento não consta o nome Mike Ainsel. Mas isso não quer dizer muita coisa, porque você pode se chamar do que quiser aqui neste estado, se não for para fins fraudulentos. Fique calmo.

— Posso fazer uma ligação?

— É para um número local?

— Interurbano.

— É melhor usar o meu cartão para telefone fixo, então, para economizar, senão você vai perder dez dólares em moedas naquela coisa ali no corredor.

Claro, pensou Shadow. *E assim você vai saber para que número eu disquei, e provavelmente vai escutar a conversa pela extensão.*

— Perfeito — disse Shadow.

Foram para uma sala vazia ao lado da de Chad. A iluminação ali era ligeiramente melhor. O número que Shadow deu para o policial discar era de uma funerária em Cairo, Illinois. Chad discou e entregou o fone para Shadow.

— Vou deixar você aqui — disse ele, saindo da sala.

O telefone chamou algumas vezes, até que alguém atendeu.

— Jacal e Íbis. Posso ajudar?

— Oi. Senhor Íbis, aqui é Mike Ainsel. Eu dei uma ajuda aí durante alguns dias no Natal.

Um momento de hesitação.

— Claro. Mike. Como *vai*?

— Não muito bem, senhor Íbis. Estou com um problema. Prestes a ser preso. Liguei para saber se por acaso você viu meu tio por aí, ou se talvez conseguiria mandar uma mensagem para ele.

— Sem dúvida eu posso tentar encontrá-lo. Hum, aguarde um instante, Mike. Tem uma pessoa aqui que deseja falar com você.

O telefone foi passado para alguém, e uma voz feminina sensual disse:

— Oi, docinho. Estou com saudade.

Shadow tinha certeza de que nunca ouvira aquela voz. Mas a conhecia. Sabia que conhecia...

Relaxe, sussurrou a voz sensual em sua mente, em um sonho. *Relaxe de tudo*.

— Quem era aquela garota que você beijou, docinho? Quer me deixar com ciúmes?

— Nós somos só amigos — respondeu Shadow. — Acho que ela só estava tentando ajudar. Como você sabe que ela me beijou?

— Meus olhos sempre estão onde vaga meu povo. Tome cuidado, docinho...

Um momento de silêncio, e então o sr. Íbis voltou para a linha.

— Mike?

— Sim.

— Estamos com certa dificuldade para entrar em contato com o seu tio. Ao que parece, ele está meio enrolado. Mas vou tentar mandar uma mensagem para sua tia Nancy. Boa sorte.

E desligou.

Shadow se sentou e esperou Chad voltar. Estava confinado em uma sala vazia, lamentando não ter nada com que se distrair. Com relutância, pegou as *Minutas* de novo, abriu mais ou menos no meio do livro e começou a ler.

Em dezembro de 1876, foi proposta e aprovada, por oito votos a quatro, uma lei que proibia expectoração ou descarte de qualquer forma de tabaco em calçadas ou no piso de edifícios do governo.

Lemmi Hautala tinha doze anos e “temia-se que tivesse se perdido em um caso de delírio repentino” no dia 13 de dezembro de 1876. “Foi conduzida uma operação de busca imediatamente, impossibilitada pela neve intensa.” A câmara havia decidido, por unanimidade, enviar condolências à família Hautala.

O incêndio no estábulo dos Olsen na semana seguinte foi apagado, e ninguém, humano ou equino, se feriu ou morreu.

Shadow explorou atentamente as colunas de texto. Não encontrou mais nenhuma referência a Lemmi Hautala.

Depois, movido por pouco mais do que um capricho, virou as páginas até o inverno de 1877. Achou o que estava procurando em um aparte das

minutas de janeiro: Jessie Lovat, idade não informada, “uma criança negra”, havia desaparecido na noite de 28 de dezembro. Acreditava-se que ela tivesse sido “sequestrada por supostos caixeiros-viajantes, expulsos da cidade na semana anterior após a descoberta de que haviam se envolvido em certos furtos. Dizia-se que pretendiam ir a St. Paul”. Foram enviados telegramas a St. Paul, mas não havia registro de resposta. A família Lovat não recebeu condolências.

Shadow estava lendo as minutas do inverno de 1878 quando Chad Mulligan deu uma batidinha na porta e entrou. Ele parecia envergonhado, como uma criança que chegava em casa com um boletim ruim.

— Senhor Ainsel — começou. — Mike. Sinto muito por tudo isso. Obrigado por ter lidado tão bem com a situação. Pessoalmente, eu gosto de você. Mas isso não muda nada, entende?

Shadow disse que entendia.

— Não tenho escolha — prosseguiu Chad. — Preciso prendê-lo por violar os termos da sua condicional.

O delegado Chad Mulligan leu os direitos de Shadow. Preencheu a papelada. Tirou as digitais dele. Conduziu-o até a carceragem, que ficava na outra extremidade do edifício.

O lugar abrigava um balcão comprido e algumas portas de um lado e duas celas e uma porta do outro. Uma das celas estava ocupada — um homem dormia em uma cama de concreto com um cobertor fino. A outra estava vazia.

Atrás do balcão, uma mulher de uniforme marrom e com cara de sono via Jay Leno em uma televisão portátil branca. Ela verificou os papéis que Chad lhe entregou e assinou a entrada de Shadow. O policial preencheu mais alguns documentos. A mulher saiu de trás do balcão, revistou Shadow, pegou tudo o que ele tinha — carteira, moedas, chave de casa, livro, relógio de pulso — e colocou em cima do balcão, depois lhe deu um saco plástico com roupas laranja e disse para ele entrar na cela aberta e se trocar. Não precisaria trocar a cueca e as meias. Shadow entrou e pôs a roupa laranja e o calçado de borracha. Ali dentro o fedor era cruel. A camiseta laranja que colocou tinha CARCERAGEM DE LUMBER escrito nas costas, em letras pretas e grandes.

O vaso sanitário de metal da cela estava entupido e cheio até a borda com uma mistura marrom pastosa de fezes líquidas e urina velha de cerveja.

Shadow saiu da cela e entregou as roupas para a mulher, que guardou tudo no saco plástico junto com seus outros objetos pessoais. Ela o mandou assinar um documento. Shadow escreveu Mike Ainsel, mas percebeu que já pensava nele como alguém de quem havia gostado no passado, mas que não voltaria a ver no futuro. Mexeu na carteira antes de entregá-la.

— Cuide bem dela — pediu à mulher. — Minha vida inteira está aqui.

A mulher pegou a carteira e garantiu que a guardaria em segurança. Ela perguntou a Chad se não estava falando a verdade, e Chad, erguendo os olhos do último documento necessário, disse que Liz tinha razão, que nunca haviam perdido os objetos pessoais de um prisioneiro.

Shadow havia enfiado nas meias as quatro notas de cem dólares que tirara escondido da carteira, quando estava trocando de roupa, e a moeda de prata de um dólar com a efígie da Estátua da Liberdade, que empalmara ao esvaziar os bolsos.

— Teria problema se eu ficasse com o livro? — perguntou Shadow, ao sair da cela. — Não terminei de ler.

— Sinto muito, Mike. São as regras — disse Chad.

Liz guardou os pertences de Shadow em uma sacola no depósito. Chad disse que ia deixá-lo aos cuidados da policial Bute, sempre muito competente. Liz parecia cansada e indiferente. Chad saiu. O telefone tocou, e Liz — a policial Bute — atendeu.

— Certo — falou. — Certo. Sem problema. Certo. Sem problema. Certo.

Ela pôs o fone no gancho e fez uma careta.

— Algum problema? — perguntou Shadow.

— Sim. Não muito. Mais ou menos. Vão mandar alguém de Milwaukee para buscá-lo. Você tem algum histórico de problemas de saúde, diabetes, alguma coisa assim?

— Não. Nada disso. Por que isso é um problema?

— Porque eu preciso manter você aqui por três horas. E aquela cela ali — ela apontou para a cela perto da porta, onde o homem estava dormindo — está ocupada. Ele é um suicida em potencial. Não posso colocar você lá. Só que não vale a pena o trabalho de assinar sua entrada no sistema e logo depois assinar sua saída. — Ela balançou a cabeça. — E você não quer entrar ali — ela apontou para a cela vazia onde ele tinha trocado de roupa —, porque a privada está entupida. Está insuportável, não está?

— Sim. Estava bem nojento.

— É uma questão de bom senso, simples. Quanto antes mudarmos para o prédio novo, melhor. Uma das mulheres que detivemos aqui ontem deve ter jogado um absorvente no vaso. Eu falo para não fazerem isso. Temos lixeiras, sabe? Isso entope o encanamento. Cada absorvente na privada custa ao município cem dólares só com encanador. Então, posso deixar você aqui fora, algemado. Ou você pode ficar na cela. — Ela olhou para Shadow. — Você decide.

— Não sou muito fã, mas prefiro as algemas.

A policial tirou um par de algemas do cinto e, com a outra mão, tocou na semiautomática que estava no coldre, como se quisesse lembrá-lo de que a arma estava logo ali.

— Mãos para trás — ordenou.

As algemas ficaram apertadas: os pulsos de Shadow eram grossos. A mulher acorrentou os tornozelos dele e o fez se sentar em um banco do outro lado do balcão.

— É isso — disse ela. — Você não me incomoda, e eu não incomodo você.

Ela virou a televisão para que Shadow pudesse ver.

— Obrigado — disse ele.

— Quando a nova delegacia ficar pronta, não vamos mais ter que passar por isso.

Acabou o *Tonight Show*. Jay e seus convidados deram um boa-noite sorridente ao mundo. Começou um episódio de *Cheers*. Shadow só assistira a um episódio da série — aquele em que a filha de Ernie vai ao bar —, mas o vira algumas vezes. Tinha percebido que, se alguém não acompanha certo programa, de tantos em tantos anos vai se deparar com uma reprise dos poucos episódios de que se lembra. Devia ser algum tipo de lei cósmica.

A policial Liz Bute se recostou na cadeira. Não dava para dizer que ela estava dormindo, mas definitivamente não estava acordada, então não percebeu quando o pessoal na tevê parou de falar e soltar piadinhas e olhou para Shadow.

Diane, a garçonete loira que se achava intelectual, foi a primeira a falar.

— Shadow. Ficamos *muito preocupados*. Você desapareceu. É maravilhoso nos vermos de novo, embora nessa estética composta por grilhões e laranja.

— Na minha opinião, o negócio é o seguinte — disse Cliff, plantado no bar. — Tem que fugir durante a temporada de caça, já que todo mundo vai estar de laranja mesmo.

Shadow não respondeu.

— Ah, entendi, o gato comeu sua língua, não foi? — interveio Diane. — Bom, você nos deu um baita de um trabalho!

Shadow desviou o olhar. A policial Liz tinha começado a roncar de leve.

— Ei, seu imbecil! — esbravejou Carla, a garçonete miúda. — A gente interrompeu esta transmissão para mostrar uma coisa que vai fazer você se mijar todo. Está pronto?

A tela piscou e se apagou. As palavras “AO VIVO” pulsavam em branco no canto inferior esquerdo. Então, uma voz feminina suave disse:

— Certamente não é tarde demais para ir para o lado que está *ganhando*. Mas, sabe, você *também* tem o direito de ficar *exatamente* onde está. Isso é que é *ser americano*. *Esse* é o milagre da América. Afinal, liberdade de credo significa liberdade para acreditar no que é errado. Assim como liberdade de *expressão* lhe dá o direito de ficar calado.

A tela exibiu uma rua. A câmera avançou de repente, daquele jeito que fazem em documentários.

O plano foi preenchido por um homem de cabelo ralo, pele bronzeada e uma expressão ligeiramente abatida. Estava parado junto a um muro,

bebendo café num copo de plástico. Ele olhou para a câmera e disse:

— É fácil demais espalhar a palavra *terrorismo* por aí. Significa, pura e simplesmente, que os terroristas de verdade se escondem por trás de termos ambíguos, como *revolucionário*, quando na verdade o que estão fazendo é assassinar uns vagabundos. Não facilita o nosso trabalho, mas pelo menos sabemos que estamos fazendo alguma diferença. Estamos arriscando a vida para fazer alguma diferença.

Shadow reconheceu a voz. Já estivera dentro da cabeça do homem. O sr. Town soava diferente por dentro — a voz era mais grave, mais ressonante —, mas não havia dúvidas de que era ele.

As câmeras recuaram para mostrar que o sr. Town estava diante de um prédio com fachada de tijolos em uma rua qualquer dos Estados Unidos. Em cima da porta havia uma letra G cercada por um esquadro e um compasso.

— Em posição — disse alguém fora do enquadramento.

— Vamos *ver* se as câmeras *dentro* da loja funcionam — disse a voz da narradora.

Era o tipo de voz confiável usada em comerciais para tentar vender coisas que só pessoas *espertas* como a gente vão aproveitar a oportunidade para comprar.

As palavras AO VIVO continuavam piscando no canto inferior esquerdo da tela. Agora a imagem exibia o interior de um salão pequeno e mal iluminado. Dois homens estavam sentados a uma mesa no fundo do salão. Um deles estava de costas para a câmera. A imagem se aproximou deles em movimentos irregulares, bruscos. Por um instante, os dois ficaram desfocados, mas depois voltaram a ficar nítidos. O homem de frente para a câmera se levantou e começou a andar de um lado para o outro, como um urso acorrentado. Era Wednesday. Parecia que, de alguma forma, estava gostando daquela situação. Quando a câmera focalizou neles, o som começou com um estalo.

O homem de costas para a tela dizia:

— ... estamos oferecendo a chance de acabar tudo isto, aqui e agora, acabar com o derramamento de sangue, acabar com a violência, com a dor, com as vidas perdidas. Não vale a pena ceder um pouco por isso?

Wednesday parou de andar e se virou. Suas narinas estavam dilatadas.

— Em primeiro lugar — rosnou —, você tem que entender que está me pedindo para falar por todos nós, em nome de cada indivíduo que está na mesma posição que eu neste país. O que é um absurdo gritante. Eles vão fazer o que quiserem, e minha opinião não importa. Em segundo lugar, de onde você tirou a ideia de que eu acredito que vocês vão cumprir a palavra?

O homem de costas para a câmera mexeu a cabeça.

— Você está se subestimando — disse ele. — É óbvio que vocês não têm líderes. Mas é a você que eles dão ouvidos. Eles prestam atenção no

que você diz, senhor Cargo. E, quanto à minha palavra, bom, estas conversas preliminares estão sendo filmadas e transmitidas ao vivo. — O homem fez um gesto na direção da câmera. — Algumas pessoas do seu lado estão assistindo. Outras vão ver gravações. Outras serão informadas por alguém em quem elas confiam. A câmera não mente.

— Todo mundo mente — disse Wednesday.

Shadow reconheceu a voz do homem de costas para a câmera. Era o sr. World, o que havia falado com Town pelo celular quando Shadow estava na cabeça de Town.

— Você acha que não vamos cumprir a nossa palavra? — perguntou o sr. World.

— Acho que suas promessas foram feitas para serem quebradas e que seus juramentos foram feitos para serem abjurados. Mas *eu* vou cumprir a *minha* palavra.

— Um salvo-conduto é um salvo-conduto — disse o sr. World —, e o acordado foi uma trégua. A propósito, preciso lhe dizer que seu jovem protegido está novamente em nosso poder.

Wednesday bufou.

— Não. Não está.

— Nós conversávamos sobre modos de lidar com a mudança iminente de paradigma. Não *precisamos* ser inimigos. Precisamos?

Wednesday ainda parecia desconcertado.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance...

Shadow reparou em algo estranho na imagem de Wednesday na televisão. Um brilho vermelho cintilou em seu olho esquerdo, o de vidro. Ele ardia com uma luz escarlate. O brilho se deslocou e deixou para trás uma mancha fosfórica. Wednesday parecia não ter percebido.

— Este país é grande — disse Wednesday, organizando os pensamentos. Ele mexeu a cabeça, e a fagulha borrada escarlate caiu para a bochecha, um ponto de laser vermelho. Depois, voltou lentamente para o olho de vidro. — Tem espaço para...

Ouviram-se um estouro, abafado pelas caixas de som da televisão, e a lateral da cabeça de Wednesday explodiu. Seu corpo caiu para trás.

O sr. World se levantou, ainda de costas para a câmera, e saiu do quadro.

— Vamos ver de novo, em câmera lenta — anunciou a voz tranquilizadora da narradora.

As palavras AO VIVO foram substituídas por REPLAY. O ponto vermelho de laser se deslocou lentamente até o olho de vidro de Wednesday, e mais uma vez a lateral do rosto dele se dissolveu em uma nuvem de sangue. A imagem congelou.

— Sim, ainda é mesmo a Terra de Deus — disse a narradora, uma repórter anunciando seu bordão final. — A única questão é: de que deuses?

Outra voz — Shadow achou que fosse a do sr. World, que tinha aquele jeito meio familiar — disse:

— Agora voltamos à nossa programação normal.

Em *Cheers*, Ernie dizia à filha que ela era realmente bonita, assim como a mãe.

O telefone tocou, e a policial Liz acordou com um susto. Ela atendeu.

— Tudo bem — respondeu. — Tudo bem. Sim. Certo, já vou.

Ela desligou o telefone e saiu de trás do balcão.

— Sinto muito — disse para Shadow. — Vou ter que colocar você dentro da cela. Não use a privada. Se precisar, aperte a campainha perto da porta, e eu volto assim que puder e levo você ao banheiro lá dos fundos. O pessoal da polícia de Lafayette deve chegar daqui a pouco para buscar você.

Ela tirou as algemas e a corrente e o trancou na cela. Com a porta fechada, o cheiro estava pior.

Shadow se sentou na cama de concreto, tirou a moeda com a efígie da Estátua da Liberdade da meia e começou a movê-la dos dedos para a palma, de posição em posição, de mão em mão, e seu único objetivo era evitar que a moeda fosse vista por alguém que por acaso olhasse para dentro da cela. Estava só passando o tempo. Estava entorpecido.

E então sentiu uma saudade súbita, intensa, de Wednesday. Sentiu saudade da confiança do homem, da postura. Da convicção.

Abriu a mão e olhou para a Lady Liberdade, um perfil em prata. Fechou os dedos em volta da moeda. Ele se perguntou se seria um daqueles caras condenados à prisão perpétua por um crime que não havia cometido. Se é que chegaria a tanto. Pelo que vira do sr. World e do sr. Town, não seria muito difícil para eles dar um sumiço em Shadow. Talvez acontecesse um trágico acidente no caminho até o centro de detenção seguinte. Talvez ele fosse baleado durante uma tentativa de fuga. Não parecia nada improvável.

Ouviu-se um burburinho do lado de fora. A policial Liz voltou. Ela apertou um botão, uma porta que Shadow não via se abriu, e um delegado negro de uniforme marrom entrou e andou a passos firmes até o balcão.

Shadow colocou a moeda de volta na meia.

O novo delegado entregou alguns documentos, que Liz leu e assinou. Chad Mulligan apareceu, disse algumas palavras para o recém-chegado, destrancou a porta da cela e entrou.

— Está fedendo aqui dentro.

— Nem me fale.

— Certo. O pessoal veio buscar você. Parece que você é questão de segurança nacional. Sabia?

— Vai ser uma bela matéria de capa para o *Lakeside News* — comentou Shadow.

Chad olhou para ele, confuso.

— Que um andarilho foi preso por violar os termos da condicional? Não é grande coisa.

— Então é isso?

— Foi o que me falaram — respondeu Chad Mulligan.

Dessa vez, Shadow pôs as mãos na frente do corpo, e Chad o algemou. Ele prendeu as correntes nos tornozelos e colocou um bastão entre as algemas e as correntes.

Eles vão me levar lá para fora, pensou Shadow. Talvez eu possa tentar fugir, de algum jeito, com as correntes e as algemas e as roupas leves cor de laranja, no meio da neve, e assim que pensou isso, deu-se conta de que era uma ideia idiota e inútil.

Chad o acompanhou para fora da cela. Liz desligara a televisão. O delegado negro examinou Shadow, olhando-o da cabeça aos pés.

— Ele é grande — comentou com Chad.

Liz entregou ao delegado negro a sacola de papel com os objetos pessoais de Shadow, e ele assinou mais um documento.

Chad olhou para Shadow e para o outro homem. Em voz baixa, mas alta o bastante para Shadow ouvir, ele disse ao delegado:

— Olha, eu só queria dizer que não gosto do jeito como isso está sendo feito.

O outro delegado assentiu. Sua voz era grave e meticulosa: a voz de um homem tranquilamente capaz de organizar uma coletiva de imprensa ou um massacre.

— O senhor vai ter que levar a questão às autoridades competentes. Nosso trabalho é apenas recolher o prisioneiro.

Chad, com uma expressão contrariada, se virou para Shadow.

— Certo. Aquela porta ali vai dar no pátio.

— O quê?

— O pátio. Onde o carro está.

Liz destrancou as portas.

— Por favor, mandem o uniforme laranja de volta para cá — pediu ao delegado. — Da última vez que um detento nosso foi levado para Lafayette, nunca mais vimos o uniforme. Eles custam dinheiro ao município.

Eles saíram para o pátio, onde um carro os aguardava. Não era uma viatura da delegacia. Era um sedã preto. Outro delegado, um cara branco grisalho de bigode, estava encostado no carro, fumando um cigarro. Ele o apagou com o pé quando os outros dois se aproximaram e abriu a porta traseira para o prisioneiro.

Shadow se sentou, desengonçado, atrapalhado pelas algemas e pela corrente. Não havia grade entre a parte de trás e os bancos da frente.

Os dois delegados se sentaram na frente. O negro ligou o motor. Eles esperaram o portão do pátio se abrir.

— Vai, vai — disse o delegado negro, batendo os dedos no volante.

Chad Mulligan deu uma batidinha na janela do carona. O delegado branco olhou para o motorista e abaixou o vidro.

— Isto está errado — disse Chad. — Que isso fique bem claro.

— Suas observações foram registradas e serão encaminhadas às autoridades competentes — respondeu o motorista.

O portão para o mundo exterior se abriu. Ainda nevava, flocos rodopiantes à luz dos faróis do carro. O motorista pisou no acelerador, e eles saíram da delegacia e pegaram a Main Street.

— Ficou sabendo de Wednesday? — perguntou o motorista. Sua voz parecia diferente, mais velha, familiar. — Ele morreu.

— É, eu sei — respondeu Shadow. — Passou na tevê.

— Aqueles putos — disse o policial branco. Foi a primeira coisa que falou, e sua voz era rouca e com sotaque, e, como a do motorista, era uma voz que Shadow conhecia. — Estou dizendo, aqueles putos são uns putos.

— Obrigado por virem me buscar — disse Shadow.

— Não se preocupe — respondeu o motorista. Iluminado pelo farol de um carro que vinha na direção contrária, o rosto dele já parecia mais velho. E o homem parecia menor também. A última vez que Shadow o vira, ele estava com luvas amarelo-canário e terno quadriculado. — Estávamos em Milwaukee. Tivemos que dirigir feito loucos quando Íbis ligou.

— Você acha mesmo que a gente ia deixar trancarem você e fritarem você todo, quando eu ainda estou esperando para quebrar sua cabeça com a minha marreta? — perguntou o delegado branco, melancólico, procurando um maço de cigarros no bolso. Seu sotaque era do Leste Europeu.

— A merda vai bater no ventilador em menos de uma hora — comentou o sr. Nancy, parecendo-se consigo mesmo mais e mais a cada minuto —, quando eles chegarem *de verdade* para buscar você. Vamos fazer uma parada antes de chegarmos à Rodovia 53, para tirar essas algemas e você vestir as suas roupas.

Czernobog mostrou uma chave e sorriu.

— Gostei do bigode — disse Shadow. — Caiu bem.

Czernobog o afagou com um dedo amarelado.

— Obrigado.

— Wednesday... Ele morreu mesmo? Isso não é nenhum truque, né?

Percebeu que tinha se aferrado a uma esperança, por mais inútil que fosse. Mas o rosto de Nancy disse tudo o que ele precisava saber, e a esperança morreu.

VINDA À AMÉRICA

14000 a.C.

ESTAVA FRIO E escuro quando a visão a alcançou, pois no norte distante a luz era uma penumbra cinzenta no meio do dia que vinha, e ia, e vinha outra vez: um interlúdio entre escuridões.

Não era uma tribo grande pela medida da época: nômades das planícies do norte. Tinham um deus, que era uma caveira de mamute e um couro de mamute transformado em manto grosseiro. Nunyunni era como o chamavam. Quando não estavam viajando, ele repousava em uma estrutura de madeira da altura de um homem.

Ela era a mulher sagrada da tribo, protetora dos segredos, e seu nome era Atsula, a raposa. Atsula caminhava à frente dos dois homens que carregavam o deus da tribo em grandes estacas, oculto por peles de urso, para que não fosse visto por olhos profanos — não nos momentos em que ele não fosse sagrado.

Vagavam pela tundra com suas tendas. A melhor das tendas era feita de couro de caribu, e a tenda era sagrada, e havia quatro pessoas lá dentro: Atsula, a sacerdotisa, Gugwei, o ancião da tribo, Yanu, o líder guerreiro, e Kalanu, a exploradora. Ela os convocou um dia depois de receber a visão.

Atsula raspou um pouco de líquen para dentro do fogo e com a mão esquerda murcha jogou folhas secas nas chamas: elas liberaram uma fumaça cinzenta que fazia os olhos arderem e exalavam um odor pungente e estranho. Em seguida, ela pegou um copo de madeira da plataforma de madeira e entregou a Gugwei. O copo estava até a metade com um líquido amarelo-escuro.

Atsula havia encontrado os cogumelos *pungh* — cada um com sete pontos, e só uma mulher verdadeiramente sagrada conseguiria encontrar um cogumelo de sete pontos — e os colhera na lua escura, e os ressecara em uma corda de cartilagem de cervo.

No dia anterior, antes de dormir, havia comido três chapéus de cogumelo seco. Seus sonhos foram confusos e temerosos, luzes intensas que se moviam depressa, montanhas rochosas cheias de luzes que se atiravam para cima como pingentes de gelo. No meio da noite, acordara suada, com vontade de desaguar. Agachou-se em cima do copo de madeira e o encheu

com sua urina. Depois, colocou o copo para fora da tenda, dentro da neve, e voltou a dormir.

Quando acordou, tirou os pedaços de gelo de dentro do copo de madeira, como a mãe havia ensinado, e o que restou foi um líquido mais escuro e concentrado.

Foi esse líquido que a mulher passou pela tenda de couro, primeiro para Gugwei, depois para Yanu e Kalanu. Cada um tomou um gole grande, e Atsula bebeu por último. Ela engoliu e despejou o que sobrara no copo no chão, diante do deus, uma libação para Nunyunnini.

Dentro da tenda esfumaçada, esperaram o deus se pronunciar. Do lado de fora, na escuridão, o vento uivava e pulsava.

Kalanu, a exploradora, era uma mulher que andava e se vestia como homem: ela até desposara Dalani, uma donzela de catorze anos. Kalanu piscou com força, levantou-se e foi até a caveira de mamute. Cobriu-se com o manto de couro de mamute e pôs a cabeça para dentro da caveira.

— Existe um mal no mundo — disse Nunyunnini. — Um mal tão grande que, se vocês continuarem aqui, na terra de suas mães e das mães de suas mães, todos perecerão.

Os três ouvintes grunhiram.

— São os senhores de escravos? Ou os grandes lobos? — perguntou Gugwei, que tinha um cabelo longo e branco e cujo rosto era enrugado como uma árvore cheia de espinhos.

— Não são os senhores — retrucou Nunyunnini, o velho couro duro. — Não são os grandes lobos.

— É uma fome? Enfrentaremos uma fome? — perguntou Gugwei.

Nunyunnini não respondeu. Kalanu saiu de baixo da caveira e esperou com os outros.

Gugwei vestiu o manto de couro de mamute e pôs a cabeça dentro da caveira.

— Não é uma fome como a que vocês conhecem — anunciou Nunyunnini, pela boca de Gugwei —, mas uma fome virá em seguida.

— Então o que é? — perguntou Yanu. — Eu não tenho medo. Vou enfrentar o que for. Nós temos lanças, e temos pedras para arremessar. Mesmo que cem guerreiros poderosos nos ataquem, venceremos. Nós os empurraremos para os pântanos e racharemos seus crânios com nossas pedras.

— Não é algo dos homens — disse Nunyunnini, com a voz idosa de Gugwei. — Virá dos céus, e nenhuma de suas lanças ou pedras os protegerá.

— Como vamos nos proteger? — perguntou Atsula. — Eu vi chamas nos céus. Ouvi um barulho mais forte do que dez trovões. Vi florestas arrasadas e rios escaldantes.

— Ai... — disse Nunyunnini, e não falou mais nada.

Gugwei saiu de baixo da caveira, curvando-se com dificuldade, com as articulações das mãos inchadas e calejadas.

Silêncio. Atsula jogou mais folhas no fogo, e a fumaça fez os olhos de todos lacrimejarem.

Depois, Yanu foi até a cabeça de mamute, cobriu os ombros largos com o manto e pôs a cabeça dentro da caveira. Sua voz ressoou.

— Vocês devem partir em uma jornada — disse Nunyunnini. — Devem viajar na direção do sol. Onde o sol nasce, vocês encontrarão uma nova terra, onde estarão em segurança. Será uma longa jornada: a lua crescerá e esvaziará, morrerá e viverá, duas vezes, e vocês encontrarão senhores de escravos e bestas, mas eu os guiarei e os protegerei, se viajarem na direção do sol nascente.

Atsula cuspiu na lama do chão:

— Não — retrucou. Sentiu o deus a encarando. — Não — repetiu. — Você é um deus ruim por nos dizer isso. Nós vamos morrer. Vamos todos morrer, e aí quem restará para carregá-lo de um lugar alto para outro, para erguer sua tenda, para untar suas grandes presas com gordura?

O deus não respondeu. Atsula e Yanu trocaram de lugar. O rosto de Atsula surgiu por trás do osso amarelado de mamute.

— Atsula não tem fê — disse Nunyunnini. — Atsula morrerá antes de o resto da tribo entrar na nova terra, mas o resto sobreviverá. Confiem em mim: existe uma terra ao leste onde não existem homens. Essa terra será a sua terra e a terra de seus filhos e dos filhos de seus filhos, por sete gerações, e por sete setes. Não fosse a falta de fê de Atsula, a terra seria de vocês para sempre. De manhã, desmontem suas tendas, recolham seus objetos e caminhem na direção do sol nascente.

E Gugwei e Yanu e Kalanu abaixaram a cabeça e exclamaram diante do poder e da sabedoria de Nunyunnini.

A lua cresceu e minguou e cresceu e minguou de novo. As pessoas da tribo andaram para o leste, na direção do amanhecer, atravessando os ventos gélidos que embotavam a pele exposta. Nunyunnini cumprira sua promessa: a tribo não perdeu ninguém na viagem, exceto uma mulher durante um parto, e mulheres durante o parto pertencem à lua, não a Nunyunnini.

Cruzaram a ponte de terra.

Kalanu havia saído ao despontar da manhã para explorar o caminho. O céu já estava escuro, e Kalanu ainda não tinha voltado, mas o céu noturno estava rico de luzes, brancas e verdes e violeta e vermelhas, agrupando-se e piscando e se retorcendo, fluidez e pulsação. Atsula e seu povo já haviam visto a aurora boreal, mas ainda a temiam, e jamais haviam visto uma ocorrência como aquela.

Kalanu voltou enquanto as luzes no céu se formavam e dançavam.

— Às vezes — disse ela a Atsula —, tenho a sensação de que vou abrir os braços e me lançar para o céu.

— Isso é porque você é uma exploradora — respondeu Atsula, a sacerdotisa. — Quando você morrer, será lançada ao céu e se transformará em uma estrela, para nos guiar como nos guiou em vida.

— Tem penhascos de gelo ao leste, penhascos elevados — comentou Kalanu. Seu cabelo negro tal qual um corvo era longo, como o de um homem. — Podemos escalar, mas levaremos muitos dias.

— Você nos guiará em segurança — disse Atsula. — Eu morrerei na base do penhasco, e esse será o sacrifício que os levará às novas terras.

A oeste, nas terras de onde tinham vindo, onde o sol havia repousado horas antes, uma luz amarela doentia brilhou com mais intensidade do que um relâmpago, com mais intensidade do que o dia: uma explosão de brilho absoluto que fez as pessoas na ponte de terra cobrirem os olhos e cuspirem e gritarem. As crianças começaram a chorar.

— Aquela é a destruição que Nunyunnini nos avisou que viria — comentou o velho Gugwei. — Ele sem dúvida é um deus sábio e poderoso.

— Ele é o melhor de todos os deuses — disse Kalanu. — Em nossa nova terra, vamos erguê-lo às alturas, e poliremos suas presas e sua caveira com óleo de peixe e gordura animal, e diremos aos nossos filhos, e aos filhos de nossos filhos, e aos filhos de nossos sétimos filhos, que Nunyunnini é o mais poderoso dos deuses e jamais será esquecido.

— Os deuses são grandiosos — concordou Atsula, hesitante, como se compreendesse um grande segredo. — Mas o coração é ainda mais grandioso. Pois é de nossos corações que eles nascem, e aos nossos corações hão de voltar...

E não se sabe até onde ela levaria essa blasfêmia se não tivesse sido interrompida por algo que não admitia contestação.

O rugido que veio do oeste foi tão forte que ouvidos sangraram, e eles ficaram algum tempo sem ouvir nada, temporariamente cegos e surdos, mas vivos, cientes de que tinham mais sorte do que as tribos a oeste.

— É bom — disse Atsula, mas não escutou as palavras dentro de sua cabeça.

Atsula morreu na base do penhasco, quando o sol de primavera brilhava alto no céu. Não viveu para ver o Novo Mundo, e a tribo entrou naquelas terras sem sua mulher sagrada.

Eles escalaram o penhasco e seguiram para o sul e depois para o oeste, até encontrarem um vale com água doce, e rios carregados de peixes prateados, e cervos que jamais haviam conhecido o homem e que, de tão mansos, era preciso cuspir e pedir desculpas a seu espírito antes de matá-los.

Dalani deu à luz três meninos, e houve quem dissesse que Kalanu tinha realizado a magia definitiva e conseguido fazer o ato de homem com sua noiva — e também teve quem dissesse que o velho Gugwei não estava velho demais para fazer companhia a uma noiva jovem enquanto sua esposa

estava ausente. E, de fato, depois que Gugwei morreu, Dalani não teve mais filhos.

E a época de gelo veio, e a época de gelo se foi, e o povo se espalhou pela terra e formou novas tribos e adotou novos totens: corvos e raposas e preguiças-gigantes e gatos e búfalos enormes, cada animal um tabu que marcava a identidade da tribo, cada animal um deus.

Os mamutes das novas terras eram maiores, mais lentos, mais ingênuos que os mamutes das planícies siberianas, e os cogumelos *pungh*, com seus sete pontos, aparentemente não existiam nas novas terras, e Nunyunnini nunca mais falou com a tribo.

E, nos dias dos netos dos netos de Dalani e Kalanu, um grupo de guerreiros, que faziam parte de uma tribo grande e próspera, voltou de uma expedição para capturar escravos ao norte do lar deles, que ficava ao sul, e encontrou o vale do Primeiro Povo: eles mataram a maioria dos homens e capturaram as mulheres e muitas crianças.

Uma das crianças, na esperança de ser poupada, levou-os a uma caverna na montanha, onde encontraram uma caveira de mamute, os restos esfarrapados de um manto de pele de mamute, um copo de madeira e a cabeça preservada de Atsula, o oráculo.

Alguns guerreiros da nova tribo queriam levar os objetos sagrados, roubar os deuses do Primeiro Povo e se apropriar de seu poder, mas outros recomendaram o contrário, dizendo que isso atrairia apenas infortúnios e a crueldade de seu próprio deus (pois aquelas pessoas vinham de uma tribo do corvo, e os corvos são deuses ciumentos).

Então jogaram os objetos nas profundezas de um vale e levaram consigo os sobreviventes do Primeiro Povo, que os acompanharam pela longa viagem até o sul. E as tribos do corvo, e as tribos da raposa, ficaram mais e mais poderosas, e logo Nunyunnini foi completamente esquecido.

PARTE TRÊS



O MOMENTO DA TEMPESTADE

CAPÍTULO

CATORZE

*As pessoas estão no escuro, sem saber o que fazer.
Eu até tinha um lampião, mas a chama, cadê?
Estendo a mão para tocá-la, com as mãos eu posso ver.
Só quero ficar no escuro com você.*

Greg Brown, “In the Dark with You”

ELES TROCARAM DE carro às cinco da manhã, em Minneapolis, no estacionamento do aeroporto. Foram até o último nível do edifício-garagem, onde as vagas eram ao ar livre.

Shadow colocou o uniforme laranja, as algemas e as correntes para as pernas dentro da sacola de papel pardo que antes guardara seus objetos pessoais, dobrou o pacote e o jogou em uma lixeira. Fazia dez minutos que estavam esperando quando um jovem robusto surgiu por uma porta do aeroporto e se aproximou. Comia batatas fritas do Burger King. Shadow o reconheceu imediatamente: era o cara no banco traseiro do carro, depois da House on the Rock, aquele que tinha cantarolado num timbre tão grave que fizera o carro vibrar. Ele agora exibia uma barba grisalha, que não estava em seu rosto quando Shadow o conhecera. A barba o fazia parecer mais velho.

O sujeito limpou no suéter a gordura das mãos imensas e estendeu uma delas para Shadow.

— Fiquei sabendo da morte do Pai de Todos. Eles vão pagar, e caro.

— Wednesday era seu pai? — perguntou Shadow.

— Ele era o Pai de Todos — respondeu o homem. Sua voz grave ficou embargada. — Pode avisar, avise a todos que meu povo vai ajudar, quando formos chamados.

Czernobog cuspiu na lama congelada um fiapo de tabaco que estava preso nos dentes.

— E quantos vocês são? Dez? Vinte?

A barba do sujeito de tronco largo se eriçou.

— E dez nossos não valem por cem deles? Quem poderia enfrentar sequer um do meu povo em batalha? Mas nos arredores das cidades somos mais do que isso. E tem alguns nas montanhas, até nas Catskill, e alguns

vivem nos parques itinerantes da Flórida. Eles vão afiar os machados. E virão se eu chamar.

— Isso mesmo, Elvis — retrucou o sr. Nancy. Pelo menos foi o que Shadow achou que ele tinha falado: Elvis. Mas não dava para ter certeza. Nancy trocara o uniforme de delegado por um grosso cardigã marrom, calças cotelê e mocassins marrons. — Pode chamar seu pessoal. É o que aquele velho cretino iria querer.

— Eles o traíram. Eles o mataram. Eu ri de Wednesday, mas estava errado. Nenhum de nós está seguro agora — declarou o homem que talvez se chamasse Elvis. — Mas podem contar com meu pessoal.

O homem deu um leve tapinha nas costas de Shadow e quase o jogou no chão. Foi como receber um leve tapinha de uma bola de demolição.

Czernobog olhava em volta, distraído.

— Desculpe perguntar, mas nosso veículo novo, qual é?

O rapaz de tronco largo apontou.

— Ali está.

Czernobog bufou.

— Aquilo?

Era uma Kombi VW modelo 1970. O para-brisa traseiro tinha um adesivo de arco-íris.

— É uma beleza de carro. E é a última coisa que eles imaginariam vocês dirigindo.

Czernobog contornou a Kombi. Começou a tossir — uma tosse rimbombante nos pulmões cansados, tosse de velho fumante às cinco da madrugada. Então pigarreou com força, cuspiu e massageou o peito, tentando aliviar a dor.

— Sim. Nunca vão suspeitar. E o que acontece quando a polícia parar os três hippies com erva aqui? Hein? Não queremos dirigir esse ônibus mágico. Queremos não ser percebidos.

O rapaz de barba grisalha destrancou a porta da Kombi.

— Eles vão olhar para a cara de vocês, ver que não são hippies e tchau, tchau. É o disfarce perfeito. E foi o que eu consegui arranjar, tão em cima da hora.

Czernobog parecia disposto a continuar discutindo, mas o sr. Nancy interveio delicadamente:

— Elvis, você nos ajudou. Somos muito gratos. Muito bem, este carro aqui precisa voltar para Chicago.

— Vamos deixar o carro em Bloomington — respondeu o barbudo. — Os lobos vão cuidar disso. Não se preocupem. — Ele se virou para Shadow. — Mais uma vez, meus pêsames. Sinto sua dor. Boa sorte. E, se o tributo couber a você, tem minha admiração e meus sentimentos. — Solidário e amistoso, o homem apertou a mão de Shadow com a sua, que era do

tamanho de uma luva de beisebol. Doeü. — Quando o vir, pode dizer ao cadáver. Diga que Alvíss, filho de Vindalf, manterá a fê.

A Kombi cheirava a patchuli, incenso velho e folhas de tabaco. O piso e as paredes estavam forrados com um carpete rosa desbotado.

— Quem era aquele? — perguntou Shadow, dirigindo a Kombi rampa abaixo, botando o motor para trabalhar.

— Exatamente quem ele disse que era: Alvíss, filho de Vindalf. O rei dos anões. O maior, mais alto e mais poderoso deles.

— Mas ele não é anão — observou Shadow. — Ele tem, sei lá, um e setenta, um e setenta e cinco?

— O que faz dele um gigante entre os anões — explicou Czernobog, atrás de Shadow. — O anão mais alto da América.

— E o que ele quis dizer com tributo?

Os dois velhos não responderam. Shadow olhou para a direita. O sr. Nancy encarava a janela.

— Hein? Ele falou de tributo. Vocês ouviram.

Foi Czernobog que respondeu, do banco de trás:

— Você não vai precisar fazer.

— Fazer o quê?

— O tributo. Ele fala demais. Os anões são assim: falam, falam, falam. E cantam. O tempo todo: cantam, cantam, cantam. Não é nada que precise de sua atenção. Melhor você esquecer, até.

Viajaram para o sul, evitando as rodovias (“Precisamos presumir que elas estejam em mãos inimigas”, dissera o sr. Nancy, “ou que talvez *sejam* as mãos inimigas”). Viajar para o sul era como avançar no tempo. A neve foi sumindo aos poucos, até desaparecer completamente na manhã seguinte, quando a Kombi chegou ao Kentucky. O inverno já havia acabado por lá, e a primavera estava se instalando. Shadow começou a imaginar se havia alguma equação que explicasse aquilo — talvez cada oitenta quilômetros de viagem para o sul equivalessem a um dia de viagem para o futuro.

Até teria comentado isso com os passageiros, mas o sr. Nancy estava dormindo no banco do carona e Czernobog não parava de roncar no banco de trás.

Naquele momento, o tempo parecia um conceito flexível, uma ilusão que surgia de sua imaginação conforme ia dirigindo. Percebeu que começava a ficar dolorosamente consciente dos pássaros e dos outros animais: via corvos na beira da estrada e na faixa seletiva, comendo animais mortos na pista; viu bandos de aves voando pelo céu em diagramas que quase faziam sentido; viu gatos o observando dos jardins das casas ou de cima de cercas.

Czernobog fez um barulho e acordou, se endireitando.

— Sonhei um sonho estranho — comentou. — Sonhei que na verdade eu sou Bielebog. Que o mundo acha sempre que somos dois, o deus da luz e o das sombras, mas que, agora que estamos velhos, eu descubro que sempre foi só eu, dando presentes e tomando meus presentes de volta.

Ele arrancou o filtro de um Lucky Strike, enfiou o cigarro entre os lábios e o acendeu com o isqueiro. Shadow abriu o vidro.

— Você não tem medo de ter câncer de pulmão?

— Eu *sou* o câncer — respondeu Czernobog. — Não tenho medo de mim mesmo. — Ele riu, e a risada virou um silvo, e o silvo virou uma tosse.

— Gente como a gente não pega câncer — explicou Nancy. — A gente não tem arteriosclerose, nem mal de Parkinson, nem sífilis. Somos meio difíceis de matar.

— Mas mataram Wednesday — retrucou Shadow.

Ele parou para abastecer e estacionou ao lado de um restaurante, para tomarem café da manhã. Quando entraram, o telefone público perto da porta começou a tocar. Passaram direto, sem atender, e o toque parou.

Fizeram o pedido para uma mulher idosa com um sorriso preocupado, que antes de eles chegarem estava lendo uma edição barata de *O que meu coração queria dizer*, de Jenny Kerton. O telefone voltou a tocar. A mulher suspirou e foi até o aparelho.

— Pois não. — Ela olhou para o interior do restaurante e respondeu: — Sim. Parece que estão, sim. Aguarde na linha.

E foi até o sr. Nancy.

— É para você.

— Certo. Mas, minha senhora, faça o favor de pedir as batatas fritas *bem crocantes*. Lembrando carvão.

Então foi até o telefone.

— É ele — disse o sr. Nancy. — ... E você acha que eu sou idiota de confiar em você? — perguntou. — ... Eu consigo achar — retrucou. — Sei onde é... Sim — disse. — Queremos. Você sabe disso. E eu sei que você quer se livrar disso. Então não me venha com palhaçada.

Ele desligou e voltou à mesa.

— Quem era? — perguntou Shadow.

— Não falaram.

— O que eles queriam?

— Estavam oferecendo uma trégua para nos entregarem o corpo.

— Eles mentem — declarou Czernobog. — Querem nos fugar, aí vão nos matar. O mesmo que fizeram com Wednesday. É o que eu sempre fazia — acrescentou, com um orgulho melancólico. — Prometa o que quiserem, mas faça o que você quiser.

— É em território neutro — retrucou Nancy. — Neutro de verdade.

Czernobog deu risada. O som lembrava uma bola metálica chacoalhando dentro de uma caveira seca.

— Eu dizia *isso* também. Venha a um lugar neutro, eu falava, e daí, à noite, saíamos das camas e matávamos todos. Bons tempos.

O sr. Nancy deu de ombros. Então se curvou por cima das batatas frias e marrons e sorriu em aprovação.

— Ah, sim. Muito bem fritas.

— Não podemos confiar naquela gente — disse Shadow.

— Olha só, eu sou mais velho do que você e mais esperto do que você e mais bonito do que você — retrucou o sr. Nancy, batendo na base do pote de ketchup, espalhando seu conteúdo por cima das batatas fritas queimadas.

— Eu pego mais mulher em uma tarde do que você arranja em um ano. Eu danço como um anjo, luto como um urso encurralado, faço planos melhor que uma raposa, canto como um rouxinol...

— E isso quer dizer que...?

Os olhos castanhos de Nancy fitaram os de Shadow.

— E isso quer dizer que eles precisam se livrar do corpo tanto quanto nós precisamos recuperá-lo.

— Não existe nenhum lugar neutro — interveio Czernobog.

— Existe um — retrucou o sr. Nancy. — É o centro.

Czernobog balançou a cabeça de repente.

— Não. Eles não aceitariam nos encontrar lá. Lá eles não podem fazer nada contra a gente. É um lugar ruim para todo mundo.

— E é por isso que eles sugeriram que a entrega fosse feita lá.

Czernobog pareceu refletir por um tempo. Então disse:

— Pode ser.

— Quando voltarmos para a estrada, vocês podem dirigir — sugeriu Shadow. — Eu preciso dormir.

Determinar o centro exato de qualquer coisa é, na melhor das hipóteses, problemático. Quando a coisa é viva — como pessoas, por exemplo, ou continentes —, o problema é de ordem inimaginável: qual é o centro de um ser humano? Qual é o centro de um sonho? E, no caso dos Estados Unidos, é preciso considerar o Alasca na tentativa de localização do centro? Ou o Havaí?

No começo do século XX, criaram uma maquete enorme dos Estados Unidos, todos os quarenta e oito estados do bloco continental feitos de papelão, e, para descobrir o centro, apoiaram o modelo sobre um alfinete até acharem o ponto exato onde ele se equilibrava.

Pelo que quase todo mundo concluiu, o centro exato do bloco continental dos Estados Unidos ficava a alguns quilômetros de Lebanon, em

Smith, um município do Kansas, na fazenda de porcos de Johnny Grib. Na década de 1930, o povo de Lebanon decidiu instalar um monumento no meio da fazenda, mas Johnny Grib falou que não queria milhões de turistas vindo zonear tudo e incomodar os animais, e o pessoal da cidade compreendeu, então o monumento foi erguido no centro geográfico dos Estados Unidos, três quilômetros ao norte da cidade. Fizeram um parque e ergueram um monumento de pedra em que puseram uma placa de latão, informando ao visitante que ele estava olhando para o centro geográfico exato dos Estados Unidos da América. Asfaltaram a estrada da cidade até o pequeno parque e, confiantes de que haveria uma onda de turistas ansiosos para ir até Lebanon, construíram um hotel ali perto. Também transportaram até lá uma pequena capela móvel, da qual retiraram as rodas. Então esperaram a chegada dos turistas e dos veranistas, todas as pessoas que poderiam querer dizer ao mundo que tinham conhecido o centro da América e se maravilhado e rezado.

Os turistas não apareceram. Ninguém apareceu.

O lugar virou um parquinho deprimente, com uma capela móvel pouco maior do que um barraco para pesca no gelo, que não conseguiria abrigar nem um velório pequeno, e um hotel cujas janelas pareciam olhos mortos.

— E é por isso — concluiu o sr. Nancy, dirigindo por Humansville, Missouri (1084 hab.) — que o centro exato da América é um parquinho acabado, uma igreja vazia, um amontoado de pedras e um hotel decadente.

— Fazenda de porcos — interveio Czernobog. — Você acabou de dizer que o verdadeiro centro da América é uma fazenda de porcos.

— A questão não é o que é — retrucou o sr. Nancy. — A questão é o que as pessoas *acham* que é. De todo modo, é tudo imaginário. Por isso que é importante. As pessoas só brigam por coisas imaginárias.

— Pessoas como eu? — intrometeu-se Shadow. — Ou pessoas como vocês?

Nancy não respondeu. Czernobog fez um barulho que podia ser tanto de divertimento quanto de impaciência.

Shadow tentou se acomodar no fundo da Kombi. Tinha dormido um pouco, mas só um pouco. Estava com um mau pressentimento, um incômodo bem na boca do estômago. Pior do que a sensação que teve quando Laura tinha vindo com a ideia do assalto. Era coisa ruim. Sentiu um arrepio na nuca e um mal-estar, e algumas vezes, em ondas, também medo.

O sr. Nancy fez uma parada em Humansville, onde estacionou na frente de um supermercado. Ele entrou, e Shadow foi junto. Czernobog ficou esperando no estacionamento, esticando as pernas, fumando seu cigarro.

Um jovem de cabelo claro, quase um menino, estava reabastecendo as prateleiras de cereais matinais.

— Oi — cumprimentou o sr. Nancy.

— Oi — cumprimentou o rapaz. — É verdade, não é? Mataram ele?

— Sim — respondeu o sr. Nancy. — Mataram.

O rapaz jogou algumas caixas na prateleira com força.

— Eles acham que podem nos esmagar como se a gente fosse um bando de baratas — reclamou. Tinha uma espinha na bochecha e outra na testa. Usava um bracelete de prata no antebraço, perto do cotovelo. — Mas não é fácil nos esmagar, não é?

— Não — concordou o sr. Nancy. — Não é.

— Estarei lá, senhor — disse o rapaz, os olhos azul-claros reluzindo.

— Eu sei que estará, Gwydion — respondeu o sr. Nancy.

O sr. Nancy comprou algumas garrafas grandes de RC Cola, um pacote de papel higiênico com seis rolos, um maço de cigarrilhas pretas de aparência tenebrosa, um cacho de bananas e uma caixa de chicletes de menta.

— Ele é um bom garoto. Chegou no século VII. Galês — comentou.

Seguiram na Kombi para o oeste, depois para o norte. A primavera retrocedeu e deu lugar ao gelo do pior inverno. O Kansas era uma massa cinzenta e sem vida, com nuvens solitárias, janelas vazias e corações perdidos. Shadow tinha ficado bom em encontrar estações de rádio, conduzindo as negociações entre o sr. Nancy, que gostava de programas de entrevista e *dance*, e Czernobog, que preferia música clássica, quanto mais desanimada melhor, entremeada pelas estações evangélicas mais extremas. Já ele próprio gostava das estações que tocavam músicas antigas.

No final da tarde, pararam nos arredores de Cherryvale, Kansas (2464 hab.), a pedido de Czernobog. O velho os levou para uma campina fora da cidade. Ainda havia traços de neve na sombra das árvores, e o mato tinha cor de terra.

— Esperem aqui — mandou Czernobog.

Ele foi sozinho até o meio da campina. Ficou parado ali por algum tempo, sob os ventos do fim de fevereiro. No começo, mantinha a cabeça baixa, então começou a gesticular.

— Parece que ele está conversando com alguém — comentou Shadow.

— Fantasmas — respondeu o sr. Nancy. — Ele era idolatrado aqui, mais de cem anos atrás. Faziam sacrifícios de sangue em seu nome, libações derramadas com a marreta. Depois de um tempo, o povo da cidade acabou descobrindo por que tantos desconhecidos que passavam pela cidade nunca mais voltavam. Foi aqui que esconderam alguns dos corpos.

Czernobog voltou do meio da campina. Seu bigode parecia mais escuro, e havia mechas pretas em seu cabelo grisalho. Ele sorriu, exibindo o dente de ferro.

— Agora me sinto bem. Ahhh! Algumas coisas persistem, e o sangue é o que persiste por mais tempo.

Voltaram pela campina até a Kombi. Czernobog acendeu um cigarro, mas não tossiu.

— Eles usavam a marreta — comentou. — Grímnir sempre falava de forcas e de lanças, mas, para mim, é uma questão...

Ele estendeu um dedo com manchas de nicotina e cutucou o meio da testa de Shadow com força.

— Por favor, não faça isso — pediu Shadow, com educação.

— *Por favor, não faça isso* — imitou Czernobog. — Um dia vou pegar minha marreta e fazer coisa muito pior com você, meu amigo, lembra?

— Sim. Mas se você cutucar minha cabeça de novo, vou quebrar sua mão.

Czernobog bufou.

— Ah, elas deviam agradecer, as pessoas daqui — comentou. — Reuniram tanto poder. Mesmo depois de trinta anos obrigando meu povo a se esconder, este lugar, este mesmíssimo lugar, nos deu a maior estrela do cinema de todos os tempos. Ela foi a maior de toda a história.

— Judy Garland? — perguntou Shadow.

Czernobog balançou a cabeça com rispidez.

— Ele está falando de Louise Brooks — explicou o sr. Nancy.

Shadow achou melhor não perguntar quem era Louise Brooks, apenas disse:

— Então, vejam bem, quando Wednesday foi conversar com eles, foi no meio de uma trégua.

— Sim.

— E agora estamos indo buscar o corpo de Wednesday com eles, e isso também no meio de uma trégua.

— Sim.

— E sabemos que eles me querem morto ou pelo menos fora do caminho.

— Eles querem todos nós mortos — retrucou Nancy.

— Certo. E o que eu não entendo é: por que a gente está agindo como se eles fossem respeitar a trégua agora, se não respeitaram com Wednesday?

— É justamente por isso — começou Czernobog, exagerando cada palavra, como se estivesse falando com uma criança estrangeira, surda e idiota — que vamos nos encontrar no centro. É... — Ele franziu a testa. — Como é a palavra? O contrário de sagrado?

— Profano — respondeu Shadow, sem pensar.

— Não — retrucou Czernobog. — Estou falando de quando o lugar é menos sagrado do que qualquer outro lugar. Quando a sacralidade é negativa. Lugares onde nenhum templo pode ser construído. Lugares aonde as pessoas não vão, de onde elas saem o mais rápido possível. Lugares por onde os deuses só andam se forem obrigados.

— Não sei. Acho que não existe nenhuma palavra para isso.

— A América toda tem um pouco disso — explicou Czernobog. — É o motivo de não sermos bem-vindos aqui. Mas o centro... O centro é o pior.

É um campo minado. Temos que andar com muito cuidado e não podemos nos atrever a romper a trégua.

— Eu já falei isso tudo — constatou o sr. Nancy.

— Tanto faz — reclamou Shadow.

Estavam de volta à Kombi. Czernobog deu um tapinha no braço de Shadow.

— Não se preocupe — disse, com uma confiança sombria. — Ninguém mais vai matar você. Só eu.

Shadow chegou ao centro dos Estados Unidos no fim daquele mesmo dia, antes de escurecer de vez. Ficava em uma colina baixa ao noroeste de Lebanon. Contornou, na Kombi, o parquinho na colina, passou pela capela móvel minúscula e pelo monumento de pedra e, quando viu o hotel de um único andar, estilo anos 1950, sentiu um aperto no coração. Um carro preto enorme estava estacionado na frente do edifício — um veículo militar, que mais parecia o reflexo de um jipe na casa de espelhos de um parque de diversões: atarracado e despropositado, e feio como os carros blindados. Nenhuma luz dentro do edifício estava acesa.

Estacionaram perto do hotel e, quando pararam, um homem de uniforme e quepe de chofer saiu do prédio e foi iluminado pelos faróis da Kombi. O homem tocou o quepe, em um cumprimento cortês, depois entrou no veículo e foi embora.

— Carro grande, pinto pequeno — comentou o sr. Nancy.

— Acham que aí dentro tem alguma cama? — perguntou Shadow. — Faz dias que não durmo em uma cama. Esse prédio parece só estar esperando a ordem de demolição.

— O hotel é de uns caçadores do Texas — explicou o sr. Nancy. — Eles vêm aqui uma vez por ano. Não faço ideia do que caçam. É por isso que ainda não foi destruído.

Os três saíram da Kombi. Uma mulher que Shadow não reconheceu esperava por eles na frente do hotel. Estava perfeitamente maquiada e penteada. Lembrava todas as apresentadoras de televisão que Shadow já vira em programas matinais, sentadas em estúdios que não pareciam muito uma sala de estar, sorrindo para o bom e velho público matinal.

— Que bom vê-los — disse a mulher. — Ora, *você* deve ser Czernobog. Já ouvi falar muito do senhor. E *você* é Anansi, sempre com suas travessuras, não é mesmo? Um velho *alegre*. E você... ah, *você* deve ser Shadow. Você nos deu bastante trabalho, *não deu*? — Uma mão segurou a dele, apertou-a com força, os olhos o encarando de perto. — Eu me chamo Media. É um prazer. Espero que possamos concluir os assuntos desta noite da forma mais *agradável* possível.

As portas do hotel se abriram.

— Não sei por quê, Totó — comentou o garoto gordo que Shadow já vira sentado dentro de uma limusine —, mas acho que não estamos mais no Kansas.

— Mas estamos no Kansas — retrucou o sr. Nancy. — Acho que atravessamos a maior parte dele hoje. Caramba, como este país é plano.

— Aqui não tem luz, não tem energia, não tem água quente — reclamou o garoto gordo. — E, sem ofensa, vocês estão precisando muito de água quente. Pelo cheiro, parece que passaram uma semana dentro daquela Kombi.

— Acho que não há *a menor* necessidade de mencionar isso — interveio a mulher, delicadamente. — Somos todos amigos. Vamos entrar. Vamos acompanhá-los até os quartos. *Nós* escolhemos os quatro primeiros. Seu falecido amigo está no quinto. Todos os outros depois do quinto estão vagos, podem escolher. Receio que não seja nenhum *Four Seasons*, mas o que mais *poderia* ser?

Media abriu a porta do saguão do hotel para eles. Cheirava a mofo e umidade e poeira e podridão.

Um homem estava sentado, envolto na penumbra.

— Estão com fome? — perguntou o sujeito.

— Eu sempre aceito comida — respondeu o sr. Nancy.

— O motorista saiu para comprar hambúrgueres — explicou ele. — Daqui a pouco volta. — Ele ergueu os olhos. Estava escuro demais para distinguir os rostos, mas o homem comentou: — Grandão. Você é o Shadow, não é? O babaca que matou o Woody e o Stone?

— Não — respondeu Shadow. — Quem matou foi outra pessoa. E eu sei quem você é. — E sabia mesmo. Tinha estado dentro da cabeça do sujeito. — Você se chama Town. Já dormiu com a viúva do Wood?

O sr. Town caiu da cadeira. Em um filme, teria sido engraçado, mas na vida real só parecia digno de pena. Ele se levantou depressa e foi até Shadow, que o olhou de cima e falou:

— Não comece nada que não esteja preparado para terminar.

O sr. Nancy pôs a mão no braço de Shadow.

— Trégua, lembra? — disse. — Estamos no centro.

O sr. Town se virou, inclinou-se por cima do balcão e pegou três chaves.

— Vocês vão ficar no final do corredor — declarou. — Aqui.

Ele entregou as chaves ao sr. Nancy e se embrenhou nas sombras do corredor. Ouviram a porta de um quarto se abrir e depois bater com força.

O sr. Nancy entregou uma chave para Shadow e outra para Czernobog.

— Tem alguma lanterna na Kombi? — perguntou Shadow.

— Não — respondeu o sr. Nancy. — Mas só está escuro. Não se deve ter medo do escuro.

— Não tenho. Tenho medo das pessoas no escuro.

— Escuro é bom — interveio Czernobog. Parecia não ter a menor dificuldade para ver o caminho, conduzindo-os pelo corredor, inserindo as chaves nas fechaduras sem hesitar. — Eu vou ficar no quarto dez — anunciou. — Media. Acho que já ouvi falar dela. Não foi ela que matou os filhos?

— Outra mulher — respondeu o sr. Nancy. — Mesma história.

O sr. Nancy ficou no quarto oito, e Shadow escolheu o que ficava na frente dos dois, o quarto nove. O cômodo cheirava a umidade, poeira e vazio. Tinha uma cama, mas sem lençol. Um pouco de luz do crepúsculo entrava pela janela. Shadow se sentou no colchão, tirou os sapatos e se esticou. Tinha dirigido demais nos últimos dias.

Talvez tenha dormido.

Estava andando.

Suas roupas drapejavam ao vento frio. Os minúsculos flocos de neve eram pouco mais do que poeira cristalina agitando-se e dançando ao vento.

Viu árvores desfolhadas pelo inverno. Viu morros altos por todos os lados. Era um fim de tarde de inverno, e o céu e a neve tinham adquirido a mesma tonalidade escura de roxo. Em algum lugar mais adiante — naquela luz, era impossível avaliar distâncias —, as chamas de uma fogueira bruxuleavam, amarelas e alaranjadas.

Um lobo atravessava a neve a sua frente.

Shadow parou. O lobo também parou e se virou e esperou. Um de seus olhos emitia um brilho verde amarelado. Shadow deu de ombros e avançou na direção das chamas, e o lobo caminhou adiante.

A fogueira ardia no meio de um arvoredo. Deviam ser umas cem árvores, plantadas em duas fileiras. Formas pendiam delas. No fim das fileiras, Shadow viu uma construção que lembrava um barco virado. Era de madeira escavada e estava coberta de criaturas de madeira e rostos de madeira — dragões, grifos, trolls e javalis —, todos dançando contra a luz bruxuleante do fogo.

A fogueira era tão alta e ardia com tanta intensidade que Shadow mal conseguia se aproximar. O lobo, imperturbável, começou a dar a volta na fogueira crepitante.

Shadow esperou o animal aparecer de novo, mas, em vez do lobo, o que viu do outro lado da fogueira foi um homem. Ele se apoiava em um bastão comprido.

— Você está em Uppsala, na Suécia — anunciou o sujeito, com uma voz rouca bem familiar. — Mais ou menos mil anos no passado.

— Wednesday? — perguntou Shadow.

O homem que talvez tivesse sido Wednesday continuou falando, como se Shadow não estivesse lá.

— No começo era todo ano; depois, mais tarde, quando o declínio se fez inevitável e eles se tornaram negligentes, era a cada nove anos que faziam um

sacrifício aqui. Um sacrifício de nove. A cada dia, durante nove dias, penduravam nove animais nos galhos do arvoredo. Um dos animais era sempre um homem.

Wednesday foi para longe da luz do fogo, na direção das árvores, e Shadow o seguiu. Conforme se aproximavam, as formas penduradas ficaram nítidas: pernas e olhos e línguas e cabeças. Shadow balançou a cabeça: havia algo de mórbido e triste em ver um touro pendurado em uma árvore pelo pescoço, mas aquilo era ao mesmo tempo tão surreal que era quase engraçado. Passou por um cervo pendurado, por um cão, por um urso-pardo e por um cavalo castanho de crina branca, pouco maior que um pônei. O cachorro ainda estava vivo, e de vez em quando ainda se debatia em espasmos, soltando ganidos sufocados pela corda da qual pendia.

O homem que ele seguia pegou o bastão comprido — com o movimento, Shadow percebeu que era uma lança — e rasgou a barriga do cachorro: um único corte, de cima para baixo. Tripas fumegantes caíram na neve.

— Dedico esta morte a Odin — anunciou o homem, com formalidade. Depois, virando-se para Shadow: — É só um gesto. Mas gestos são tudo. A morte de um cachorro simboliza a morte de todos os cachorros. Eram nove homens que me ofertavam, mas representavam todos os homens, todo o sangue, todo o poder. Ainda assim, não foi suficiente. Um dia, o sangue parou de fluir. A crença sem sangue nunca vai muito longe. O sangue precisa fluir.

— Eu vi você morrer — disse Shadow.

— No ramo dos deuses — respondeu a silhueta, e agora Shadow tinha certeza de que era Wednesday, porque ninguém mais falava com aquela aspereza, aquela alegria tão cínica —, não é a morte que importa. É a oportunidade de ressurreição. E, quando o sangue flui... — Ele gesticulou, indicando os animais, as pessoas penduradas nas árvores.

Shadow não conseguia decidir o que o chocava mais, os seres humanos mortos ou os animais. Pelo menos os homens tinham consciência do destino que os aguardava. As figuras humanas exalavam um cheiro forte de álcool, o que sugeria que tiveram permissão de se anestesiarem a caminho da forca, enquanto os animais deviam ter sido simplesmente enforcados, içados ainda vivos, completamente apavorados. O rosto dos homens parecia bem jovem: nenhum tinha mais de vinte anos.

— Quem sou eu? — perguntou Shadow.

— Você é uma distração — respondeu o homem. — Você era uma oportunidade. Você deu um ar de credibilidade à história que eu não teria conseguido criar sozinho, não com a mesma facilidade. Se bem que ambos estamos tão dedicados a essa coisa toda que poderíamos morrer por ela, não é verdade?

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— A parte mais difícil é simplesmente sobreviver — continuou o homem.

A fogueira — e Shadow percebeu, estranhamente horrorizado, que as chamas não queimavam madeira, e sim ossos: costelas e crânios de olhos flamejantes que o fitavam e iam despontando e se projetando, despejando fachos de cores elementares na noite, verdes e amarelos e azuis — a fogueira brilhava e crepitava e queimava intensamente.

— *Três dias na árvore, três dias no submundo, três dias para voltar* — completou o homem.

As chamas estalaram e brilharam a ponto de Shadow não poder mais olhar diretamente para o fogo. Ele se voltou para a escuridão sob as árvores.

Não havia fogo nem neve. Não havia árvores nem corpos pendurados nem lança sangrenta.

Uma batida na porta. O luar entrava pela janela. Shadow teve um sobressalto e se sentou.

— O jantar está na mesa — anunciou a voz de Media.

Shadow calçou os sapatos e saiu. Alguém tinha encontrado velas, e uma fraca luz amarelada iluminava o saguão. O motorista do veículo militar entrou pelas portas vaivém trazendo uma bandeja de papelão e uma sacola de papel. Usava um casaco preto comprido e um quepe de chofer.

— Desculpem a demora — pediu o homem, com uma voz rouca. — Trouxe igual para todo mundo: dois hambúrgueres, batata frita grande, Coca-Cola grande e torta de maçã. Vou comer os meus no carro.

Ele deixou a comida na mesa e saiu. O cheiro de fast-food encheu o salão. Shadow pegou a sacola de papel e distribuiu a comida, os guardanapos e os sachês de ketchup.

Comeram em silêncio, em meio à luz bruxuleante das velas e ao chiado da cera derretendo.

Shadow percebeu que Town o encarava. Virou um pouco a cadeira, ficando de costas para a parede. Media comia o hambúrguer mantendo sempre um guardanapo perto dos lábios, para espanar as migalhas.

— Ah, que ótimo. Os hambúrgueres estão meio frios — reclamou o garoto gordo.

Ele ainda estava de óculos escuros, o que Shadow achou inútil e ridículo, considerando a escuridão ali dentro.

— Sinto muito. O cara teve que ir bem longe para comprar isso — explicou Town. — O McDonald's mais próximo fica no Nebraska.

Terminaram os hambúrgueres mornos e as batatas fritas frias. O garoto gordo mordeu a tortinha de maçã, e o recheio escorreu pelo queixo. Surpreendentemente, ainda estava quente.

— Ai! — reclamou o garoto gordo. Ele limpou o queixo com a mão e lambeu os dedos. — Isso queima! Essas tortas estão só esperando uma porra de um processo coletivo.

Shadow percebeu que queria muito dar um soco naquele menino. Queria fazer isso desde o dia em que o garoto mandou os capangas baterem nele, na limusine, depois do enterro de Laura. Sabia que não era uma boa coisa para se pensar, não ali, não naquele momento.

— A gente não pode pegar logo o corpo do Wednesday e dar o fora? — perguntou.

— Meia-noite — responderam o sr. Nancy e o garoto gordo, ao mesmo tempo.

— Esse tipo de coisa tem que ser feita conforme as regras — explicou Czernobog. — Tudo tem regra.

— É — respondeu Shadow. — Mas ninguém me fala quais são. Vocês só ficam tagarelando sobre essas regras malditas, e eu não sei nem que jogo é esse que vocês estão jogando.

— Pense nisso como uma pré-venda — sugeriu Media, com simpatia. — Antes do lançamento oficial, sabe?

— Eu acho que isso tudo é uma idiotice sem tamanho — interveio Town. — Mas, se eles ficam felizes com suas regras, minha agência também fica, aí todo mundo fica feliz. — Ele bebeu a Coca-Cola ruidosamente. — Daqui a pouco vai dar meia-noite. Aí vocês pegam o corpo e vão embora. E a gente se despede com dois beijinhos. Então vamos poder continuar caçando vocês, os ratinhos nervosos.

— Ei — o garoto gordo se virou para Shadow —, isso me lembra que eu mandei você falar para o seu chefe que ele já era. Você falou?

— Falei — respondeu Shadow. — E sabe o que ele respondeu? Ele me mandou dizer ao pirralhinho, isso se eu algum dia o visse de novo, que o mané não podia esquecer que o futuro de hoje é o passado de amanhã.

Wednesday nunca tinha dito isso, mas Shadow falou como se tivesse. Aquelas pessoas pareciam gostar de clichês. Os óculos escuros do garoto refletiam as chamas bruxuleantes das velas como se fossem olhos.

— Este lugar é uma pocilga — reclamou o garoto gordo. — Não tem energia. Não tem sinal. Sabe, se precisa de um fio, você já está na Idade da Pedra.

Ele sugou o canudo, bebendo o restinho da Coca-Cola, largou o copo em cima da mesa e saiu para o corredor.

Shadow se esticou, pegou o lixo do garoto gordo e o colocou na sacola de papel.

— Vou ver o centro da América — anunciou.

Ele se levantou e saiu para a noite. O sr. Nancy o acompanhou. Os dois caminharam juntos pelo pequeno parque e não falaram nada até chegarem ao monumento de pedra. O vento soprava inconstante, ora vindo de uma direção, ora de outra.

— Então — começou Shadow. — E agora?

A meia-lua pálida pairava no céu escuro.

— Agora você devia voltar para o seu quarto — respondeu Nancy. — Tranque a porta. Tente dormir mais um pouco. À meia-noite, eles vão entregar o corpo. Aí vamos dar o fora daqui. O centro não é um lugar estável para ninguém.

— Se você está dizendo...

O sr. Nancy puxou o ar pela cigarrilha.

— Isso nunca devia ter acontecido. Nada disso devia ter acontecido. Nossa gente, nós somos... — ele balançou a mão com a cigarrilha, como se a usasse para caçar uma palavra, sacudindo-a para a frente — ... *exclusivos*. Não somos seres sociais. Nem mesmo eu. Nem mesmo o Baco. Pelo menos, não por muito tempo. Andamos sozinhos ou ficamos com nossos grupinhos. Não nos damos muito bem com os outros. Gostamos de ser adorados, respeitados, louvados... Eu, por exemplo, gosto que contem histórias sobre mim, histórias sobre minha esperteza. É um defeito, eu sei, mas eu sou assim mesmo. Nós gostamos de ser grandes. Hoje em dia, nestes tempos de vacas magras, estamos pequenos. Os novos deuses se erguem e caem e se erguem de novo. Mas este país não tolera deuses por muito tempo. Brahma cria, Vishnu preserva, Shiva destrói, aí o terreno volta a ficar limpo para Brahma criar.

— O que está tentando dizer? — perguntou Shadow. — Que a luta acabou? A batalha acabou?

O sr. Nancy bufou.

— Ficou doido? Eles mataram Wednesday. Mataram e ainda ficam se gabando. Saíram contando por aí. Passaram em todos os canais, para todos que tinham olhos para ver. Não, Shadow. Acabou de começar, isso sim.

Ele se agachou na base do monumento de pedra, apagou a cigarrilha na terra e deixou a bituca ali, como uma oferenda.

— Antes, você não parava de contar piadas — comentou Shadow. — Agora parou.

— Hoje em dia é difícil chegar nas piadas. Wednesday morreu. Você vai entrar?

— Daqui a pouco.

Nancy se afastou, de volta para o hotel. Shadow estendeu a mão e encostou nas pedras do monumento. Passou os dedos grandes pela placa fria de latão. Então se virou e foi até a igrejinha branca e adentrou a escuridão pela porta aberta. Sentou-se no banco mais próximo, fechou os olhos e abaixou a cabeça. Pensou em Laura e em Wednesday e em como era estar vivo.

Ouviu um clique atrás de si, seguido de um sapato arrastando na terra. Shadow se endireitou no banco e se virou. Alguém estava diante do umbral da porta aberta, uma forma escura contra as estrelas. O luar refletiu algo metálico.

— Você vai atirar em mim? — perguntou Shadow.

— Nossa... quem me dera — respondeu o sr. Town. — Isso aqui é só para defesa pessoal. Rezando, é? Quer dizer que eles fizeram você acreditar que são mesmo deuses? Não são.

— Eu não estava rezando. Só pensando.

— Na minha opinião, eles são mutantes. Experimentos da evolução. Um pouco de habilidade hipnótica, um pouco de feitiçaria e pronto: conseguem convencer as pessoas de qualquer coisa. Banalidades. Só isso. Eles morrem como qualquer pessoa, no fim das contas.

— Sempre foi assim — retrucou Shadow. Ele se levantou, e Town deu um passo para trás. Ele saiu da capelinha, e o agente manteve distância. — Ei. Já ouviu falar de Louise Brooks?

— Era amiga sua?

— Não. Foi uma estrela de cinema que nasceu ao sul daqui.

Town hesitou.

— Talvez ela tenha mudado de nome e virado Liz Taylor ou Sharon Stone ou coisa do tipo — sugeriu, prestativo.

— Talvez.

Shadow começou a andar de volta para o hotel. Town o acompanhou.

— Você devia voltar para a cadeia — disse o agente. — Devia ir para a porra do corredor da morte.

— Eu não matei seus colegas. Mas vou lhe dizer uma coisa que um cara me disse uma vez, quando eu estava preso. Nunca mais esqueci.

— E o que é?

— Na Bíblia inteira, Jesus só prometeu um lugar no paraíso para um único cara, pelo menos pessoalmente. Não foi Pedro nem Paulo, nenhum daqueles homens. Era um ladrão condenado, bem na hora da execução. Então não despreze as pessoas que estão no corredor da morte. Talvez elas saibam de algo que você não sabe.

O motorista estava ao lado do veículo militar.

— Boa noite, senhores — cumprimentou, quando eles passaram.

— Boa noite — respondeu o sr. Town. Para Shadow, disse: — Para ser franco, estou cagando para isso. Eu faço o que o sr. World manda. É mais fácil.

Shadow seguiu pelo corredor até o quarto nove.

Destrancou a porta e entrou.

— Me desculpe, achei que esse fosse o meu quarto.

— É, sim — respondeu Media. — Eu estava a sua espera.

Dava para ver o cabelo dela à luz do luar, o rosto pálido. A mulher estava sentada na cama, as costas eretas.

— Vou para outro.

— Não vou demorar. Só achei que seria um momento adequado para lhe fazer uma *proposta*.

— Tudo bem. Pode fazer.

— Ah, relaxe — retrucou ela. Dava para ouvir um sorriso em sua voz.

— Você é *tão* rabugento. Olha só, o Wednesday *morreu*. Você não deve nada a ninguém. Junte-se a nós. É hora de ir para o Time que Está Ganhando.

Shadow não respondeu.

— Podemos fazer de você alguém *famoso*, Shadow. Podemos lhe dar poder para controlar o que as pessoas acreditam, dizem, usam e sonham. Não quer ser o próximo Cary Grant? Podemos fazer isso *acontecer*. Podemos transformar você no próximo Beatles.

— Acho que eu preferia quando você me oferecia os peitos da Lucy — respondeu Shadow. — Se é que aquilo era você.

— Ah.

— Preciso do meu quarto. Boa noite.

— É claro que podemos fazer o contrário também — disse ela, sem se mexer, como se ele não tivesse falado nada. — Podemos fazer com que a coisa fique *feia* para o seu lado. Você pode virar só mais uma piada ruim, Shadow, para sempre. Ou ser lembrado como um monstro. Você pode ficar eternamente na memória das pessoas, mas como um Manson, um Hitler... *que tal?*

— Olha, minha senhora, vou ter que lhe pedir desculpas, mas estou um pouco cansado. Eu lhe agradeço se você puder sair agora.

— Eu lhe ofereci o mundo — retrucou Media. — Quero que se *lembre* disso quando estiver morrendo na sarjeta.

— Pode deixar.

O perfume continuava lá, mesmo depois de ela sair. Shadow se deitou no colchão sem lençol e pensou em Laura, mas, qualquer que fosse a lembrança — Laura jogando frisbee, Laura tomando vaca-preta sem colher, Laura rindo, exibindo a lingerie exótica que tinha comprado em um congresso para agentes de viagem, em Anaheim —, a imagem mental sempre se transformava em Laura chupando o pau de Robbie enquanto um caminhão os jogava para fora da estrada, rumo à inexistência. E depois ouvia as palavras dela, que magoavam toda vez.

Você não morreu, dizia Laura dentro de sua cabeça, com aquela voz baixa. *Mas também não sei se está vivo.*

Bateram à porta. Shadow se levantou e a abriu. Era o garoto gordo.

— Aqueles hambúrgueres estavam uma porcaria — reclamou o garoto. — Oitenta quilômetros até o McDonald's mais próximo. Dá pra acreditar? Nunca imaginei que existisse um lugar *no mundo* a oitenta quilômetros de qualquer McDonald's.

— Este quarto está virando a Grand Central Station — comentou Shadow. — Tudo bem, já sei, você veio me oferecer as maravilhas da internet se eu pular para o seu lado. Acertei?

O garoto tremia.

— Não. Você já era. Você... Você é uma porra de um manuscrito com aquelas letras góticas e cheio de iluminuras. Não conseguiria virar um hipertexto nem se quisesse. Eu sou sináptico, e... e você é sinóptico...

Shadow reparou que o garoto tinha um cheiro estranho. Havia um cara na cela do outro lado do corredor, Shadow nunca soube o nome do sujeito; um dia, ele tirou a roupa toda e anunciou para todo mundo que tinha sido enviado para levar todos embora, todos os verdadeiramente bons, como ele, numa nave espacial prateada. Iam para um lugar perfeito. Depois disso, nunca mais viu o sujeito. E o garoto gordo tinha o mesmo cheiro.

— Você veio aqui por algum motivo específico?

— Só queria conversar. — A voz do garoto soava um pouco manhosa. — Meu quarto é meio aterrorizante. Só isso. É *aterrador*. Oitenta quilômetros até o McDonald's mais próximo, dá pra acreditar? Pensei em ficar aqui com você.

— E os seus amigos da limusine? Os que bateram em mim? Por que não pede para eles ficarem com você?

— As crianças não iam funcionar aqui. Estamos numa zona morta.

— Ainda falta um bocado para a meia-noite, e mais ainda para o amanhecer — disse Shadow. — Acho que você precisa descansar. Eu preciso, pelo menos.

O garoto gordo ficou quieto por um instante, assentiu e saiu do quarto.

Shadow fechou a porta e a trancou. Deitou-se no colchão.

Pouco depois, o barulho começou. Shadow levou alguns instantes para entender o que devia ser, então destrancou a porta e foi até o corredor. Era o garoto gordo, já de volta ao próprio quarto. Parecia que alguma coisa enorme estava sendo jogada na parede. Pelo barulho, Shadow achou que ele estivesse jogando *a si mesmo* na parede.

— Sou só eu — dizia ele, soluçando.

Ou talvez fosse “Essa doeu”. Shadow não tinha certeza.

— Fica quieto! — bradou um urro do quarto de Czernobog, mais adiante no corredor.

Shadow foi até o saguão e saiu do hotel. Estava cansado.

O motorista continuava ao lado do veículo militar, uma forma escura de quepe.

— O senhor não conseguiu dormir? — perguntou o homem.

— Não — respondeu Shadow.

— Quer um cigarro, senhor?

— Não, obrigado.

— O senhor se incomoda se eu fumar?

— Fique à vontade.

O motorista usou um isqueiro Bic descartável, e foi na luz amarela daquela chama que Shadow conseguiu ver o rosto do homem pela primeira vez — e o reconheceu, e começou a entender.

Shadow conhecia aquele rosto magro. Sabia que por baixo do quepe preto de chofer havia um cabelo alaranjado bem curto, a cabeça coberta de

uma camada rente de carvões em brasa. Sabia que, quando os lábios do homem sorrissem, se abririam em uma rede de cicatrizes grosseiras.

— Que boa pinta, hein, grandalhão — comentou o motorista.

— Low Key?

Apreensivo, Shadow encarou o antigo companheiro de cela.

É bom fazer amizades na cadeia: ajuda a superar os momentos e os pensamentos ruins. Mas essas amizades acabam nos portões da cadeia, e o reaparecimento de um amigo de cadeia é, na melhor das hipóteses, um encontro incerto.

— Nossa. Low Key Lyesmith — continuou Shadow, então ouviu as próprias palavras e entendeu. — Loki. Loki Lie-Smith.

— Você é meio devagar, mas sempre acaba chegando lá — comentou Loki.

Seus lábios se curvaram em um sorriso torto, e brasas dançaram nas sombras de seus olhos.

Estavam no quarto de Shadow no hotel abandonado, sentados em lados opostos do colchão. O barulho vindo do quarto do garoto gordo tinha praticamente parado.

— Você mentiu para mim — reclamou Shadow.

— É um dos meus inúmeros talentos. Mas você teve sorte de termos nos conhecido. Você nunca teria sobrevivido ao primeiro ano sem a minha ajuda.

— Você não podia ter saído, se quisesse?

— É mais fácil cumprir a pena. Você precisa entender essa coisa de deus. Não se trata de magia. Não exatamente. É uma questão de concentração. É preciso ser você mesmo, mas o *you* em que as pessoas acreditam. É ser uma essência concentrada e ampliada de si mesmo. É se tornar o trovão ou a força de um cavalo de corrida ou a sabedoria. Você pega toda a crença, todas as orações, e isso tudo se torna uma espécie de certeza, algo que o deixa maior, melhor, mais do que humano. Você cristaliza. — Ele fez uma pausa. — Aí, um dia, as pessoas se esquecem de você, não acreditam mais, não fazem sacrifícios, não se importam... e aí, quando você vê, está armando um esquema na esquina da Broadway com a 43rd Street.

— Por que você estava na minha cela?

— Coincidência. Pura e simples. Foi lá que me puseram. Não acredita? É verdade.

— E agora você é motorista?

— Também faço outras coisas.

— Dirige para a oposição.

— Se é assim que você quer chamar... Depende do ponto de vista. A meu ver, estou dirigindo para o lado vencedor.

— Mas você e Wednesday, vocês são do mesmo... Vocês dois são...

— Do panteão nórdico. Nós dois somos do panteão nórdico. É isso o que está tentando dizer?

— É.

— E daí?

Shadow hesitou.

— Vocês já devem ter sido amigos. Em algum momento.

— Não. Nunca fomos. Não estou triste com a morte dele. Wednesday só estava impedindo o avanço de todos. Sem ele, os outros vão conseguir encarar os fatos: é mudar ou morrer, evoluir ou perecer. Eu sou completamente a favor da evolução... é o velho jogo do mudar ou morrer. Ele morreu. A guerra acabou.

Shadow o encarou, confuso.

— Você não é tão idiota assim — retrucou. — Você sempre foi muito esperto. A morte de Wednesday não vai terminar nada. Só fez cair a ficha de todo mundo que estava em cima do muro.

— Misturar metáforas, Shadow. Um péssimo hábito.

— Que seja. Não deixa de ser verdade. Nossa. A morte dele fez em um instante o que Wednesday tinha passado os últimos meses tentando. Uniu todos. Deu a eles algo em que acreditar.

— Talvez. — Loki deu de ombros. — Até onde eu sei, a ideia do lado de cá do muro era de que, quando o sujeito problemático sumisse, o problema iria junto. Mas não é da minha conta. Eu só dirijo.

— Então me diga: por que é que todo mundo está atrás de mim? Todos agem como se eu fosse importante. Que importa o que eu faço?

— Você é um investimento. Você era importante para nós porque era importante para Wednesday. Já quanto ao motivo... acho que ninguém desse lado nunca descobriu. Ele sabia. Ele morreu. Só mais um dos mistérios da vida.

— Estou cansado de mistérios.

— É? Eu acho que os mistérios dão certa graça ao mundo. Que nem o sal num ensopado.

— Então você é o motorista. Você dirige para todos eles?

— Só para quem precisar de mim. É um ganha-pão.

Ele aproximou o relógio de pulso do rosto e apertou um botão: o mostrador se acendeu com um brilho azul suave que iluminou seu rosto, conferindo um aspecto assombroso e assombrado a suas feições.

— Cinco para a meia-noite. É hora. É hora de acender as velas. Falar algumas palavras sobre o falecido. Cumprir as formalidades. Você vem?

Shadow respirou fundo.

— Vou.

Avançaram pelo corredor escuro do hotel.

— Comprei algumas velas para este momento, mas já tinha um monte de velas velhas aqui — comentou Loki. — Cotocos e pedaços e pontas de vela nos quartos e numa caixa em um dos armários. Acho que não esqueci nenhuma. E trouxe uma caixa de fósforos. Se a gente tenta acender com um isqueiro, a ponta da vela fica quente demais.

Chegaram ao quarto cinco.

— Quer entrar?

Shadow não queria entrar naquele quarto.

— Vamos lá — respondeu.

Entraram.

Loki tirou uma caixa de fósforos do bolso e riscou um palito. O brilho momentâneo incomodou os olhos de Shadow. Um pavio tremeluziu e começou a queimar. E outro. Loki riscou outro fósforo e continuou acendendo velas: estavam espalhadas pelo parapeito da janela e pela cabeceira da cama e pela pia no canto, iluminando o quarto.

A cama tinha sido arrastada do lugar junto à parede para o meio do quarto, deixando um bom espaço até as paredes de cada lado. Estava coberta com lençóis de hotel velhos, manchados e com buracos de traça que Loki devia ter encontrado em algum armário. Em cima dos lençóis repousava Wednesday, completamente imóvel.

Estava vestido com o terno claro que usava quando foi baleado. O lado direito do rosto estava intacto, perfeito, intocado pelo sangue. O esquerdo era uma ruína, e o ombro esquerdo e a frente do paletó estavam respingados e manchados com alguma coisa escura, uma loucura do pontilhismo. As mãos repousavam uma de cada lado do corpo. A expressão naquele rosto destruído não tinha nada de pacífica: parecia ofendida — como se tivesse sofrido uma ofensa à alma, uma ofensa muito profunda —, cheia de ódio e raiva e loucura absoluta. E, de certa forma, parecia satisfeita.

Shadow imaginou as mãos treinadas do sr. Jacal atenuando aquele ódio e aquela dor, usando cera e maquiagem para reconstruir o rosto de Wednesday, proporcionando um fim com a paz e a dignidade de que até a morte o privara.

Ainda assim, seu corpo não parecia menor com a morte. Não encolhera. E ainda tinha um leve cheiro de Jack Daniel's.

O vento da planície estava ganhando força, Shadow ouvia seus uivos vagando pelo velho hotel no centro exato imaginário da América. As velas no parapeito da janela tremeluziram e fraquejaram.

Ouviu passos no corredor. Alguém bateu a uma porta e gritou:

— Vamos logo, por favor, está na hora.

Todos começaram a entrar, de cabeça baixa.

Town veio primeiro, seguido por Media, por Czernobog e pelo sr. Nancy. O último a entrar foi o garoto gordo: estava com hematomas

vermelhos recentes no rosto e mexia os lábios sem parar, como se estivesse recitando algum mantra para si mesmo, mas sem fazer som algum. Shadow reparou que sentia pena dele.

Na mais completa informalidade, sem que nada fosse dito, todos assumiram um lugar ao redor do corpo, todos a alguns palmos de distância uns dos outros. O clima no quarto era religioso — profundamente religioso, de um jeito que Shadow jamais presenciara. Só se ouviam os uivos do vento e o crepitar das velas.

— Aqui nos reunimos, neste lugar sem divindade — começou Loki —, para entregar o corpo deste indivíduo àqueles que lhe darão um fim adequado de acordo com os ritos. Se alguém tiver algo a falar, que fale agora.

— Eu não — respondeu Town. — Nunca nem conheci o cara direito. E isso tudo me deixa desconfortável.

— Estas ações terão consequência — interveio Czernobog. — Sabiam? Isto só pode ser o começo de tudo.

O garoto gordo começou a rir, um riso agudo e feminino.

— Muito bem, muito bem — anunciou. — Eu cuido disso.

Então, sem mudar de tom, recitou:

“Rodando em giro cada vez mais largo,
O falcão não escuta o falcoeiro;
Tudo esboroa; o centro não segura...”

Então parou, franzindo o cenho.

— Merda. Eu sabia o poema todo. — Ele massageou as têmporas, fez uma careta e se calou.

Todos olharam para Shadow. O uivo do vento era um berro. Ele não sabia o que dizer.

— Isso tudo é lamentável — começou. — Metade dos aqui presentes foi responsável pela morte de Wednesday, ou teve alguma participação. E agora estão nos entregando o corpo. Ótimo. Ele era um velho irascível e babaca, mas bebi seu hidromel e ainda trabalho para ele. Só isso.

Media se pronunciou:

— Em um mundo onde morre gente todos os dias, acho que o *importante* a lembrar é que, para cada momento de tristeza de quando alguém *deixa* este mundo, existe um momento correspondente de *alegria*, quando um bebê chega ao mundo. Aquele primeiro choro é... bom, é *mágico*, não é? Talvez isto seja *difícil* de dizer, mas alegria e tristeza são como leite e biscoitos. Simplesmente combinam bem *demais*. Acho que devemos todos parar um instante para refletir sobre isso.

E o sr. Nancy pigarreou e falou:

— Então. Eu tenho que dizer isto, porque ninguém mais quer. Estamos no centro deste lugar, desta terra que não tem tempo para os deuses, e aqui, no centro, ela tem ainda menos tempo do que em qualquer outro lugar. É uma terra de ninguém, um lugar de trégua, e aqui cumprimos nossas tréguas. Não temos escolha. Muito bem. Vocês estão nos entregando o corpo do nosso amigo. Nós o aceitamos. Vocês vão pagar por isso, vida por vida, sangue por sangue.

— Dane-se — retrucou Town. — Vocês podiam poupar um bocado de tempo e energia se simplesmente voltassem para casa e dessem um tiro na própria cabeça. Não precisa terceirizar.

— Vai se foder — interveio Czernobog. — Foda-se você, e foda-se a sua mãe, e foda-se a porra do cavalo que você cavalgou. Você não vai nem mesmo morrer em batalha. Nenhum guerreiro vai provar o seu sangue. Nenhum ser vivo vai tirar a sua vida. Você vai morrer uma morte macia e pobre. Vai morrer com um beijo nos lábios e uma mentira no coração.

— Nem tente, velhote — retorquiu Town.

— *Maré escura de sangue avança* — disse o garoto gordo. — Acho que é isso que vem depois.

O vento uivava.

— Muito bem. Ele é seu — anunciou Loki. — Acabamos. Levem esse velho cretino daqui.

Ele fez um gesto com os dedos, e Town, Media e o garoto gordo saíram do quarto. Loki sorriu para Shadow.

— Não há como acusar homem algum de ser feliz, não é, meu rapaz? — disse. Depois, também saiu.

— E agora? — perguntou Shadow.

— Agora vamos embalar o corpo — respondeu Anansi. — E tirá-lo daqui.

Envolveram Wednesday com os lençóis do hotel, embrulhando-o bem na mortalha improvisada, de modo que o corpo ficasse oculto e que desse para carregar. Os dois velhos se colocaram um em cada extremidade do corpo, mas Shadow pediu:

— Quero ver se consigo.

Ele se ajoelhou, passou os braços em volta da figura enrolada em branco e a ergueu nos ombros. Endireitou os joelhos até ficar de pé, sem muita dificuldade.

— Certo. Peguei. Vamos colocá-lo na traseira do carro.

Czernobog parecia prestes a discutir, mas fechou a boca. Cuspiu no indicador e no polegar e começou a apagar as velas com os dedos. Saindo do quarto escuro, Shadow ouvia os chiados dos pavios.

Wednesday era pesado, mas ele conseguia aguentar, se andasse firme e ereto. Não tinha escolha. As palavras de Wednesday soavam em sua cabeça a cada passo pelo corredor, e ele sentia o gosto amargo e adocicado do

hidromel no fundo da garganta. *Você trabalha para mim. Você me protege. Você me ajuda. Você me transporta de um lugar a outro. De vez em quando, você investiga... vai a alguns lugares e faz perguntas por mim. Compra suprimentos. Em uma emergência, mas só em uma emergência, você machuca pessoas que precisam ser machucadas. No caso improvável de eu vir a morrer, você prestará tributo a mim...*

Acordo era acordo, e aquele estava gravado em seu sangue e em seus ossos.

O sr. Nancy abriu a porta do saguão do hotel para ele e se adiantou para abrir a porta traseira da Kombi. Os outros quatro já estavam parados junto ao veículo militar, olhando a cena como se mal pudessem esperar para ir embora. Loki usava o quepe de chofer. O vento frio sacudia os lençóis, empurrando Shadow conforme caminhava.

Depositou Wednesday na traseira da Kombi com todo o cuidado.

Alguém tocou seu ombro. Ele se virou. Town estava atrás dele, a mão estendida. Segurava alguma coisa.

— Aqui — disse o agente —, o senhor World queria dar isto a vocês. — Era um olho de vidro. No meio havia uma rachadura minúscula, e na frente faltava uma lasca. — Achamos na loja maçônica, quando fizemos a limpeza. Guardem para dar sorte. Deus sabe que vocês vão precisar.

Shadow pegou o olho. Queria ter alguma resposta boa e sarcástica e inteligente, mas Town já tinha voltado para junto dos outros e entrado no carro, e ele ainda não tinha conseguido pensar em nenhuma resposta boa.

Czernobog foi o último a deixar o hotel. Enquanto trancava o edifício, observou o veículo militar sair do parque e ir embora pela estrada asfaltada. Guardou a chave do hotel embaixo de uma pedra perto da porta do saguão e balançou a cabeça.

— Eu devia ter comido o coração do maldito — comentou com Shadow, casualmente. — E não só amaldiçoado sua morte. O garoto precisa aprender um pouco de respeito.

Czernobog se acomodou no banco de trás da Kombi.

— Você vai na frente — disse o sr. Nancy para Shadow. — Eu dirijo por um tempo.

O sr. Nancy seguiu para o leste.

Quando amanheceu, estavam em Princeton, Missouri. Shadow ainda não dormira.

— Quer que a gente deixe você em algum lugar específico? — perguntou Nancy. — Eu, no seu lugar, arrumaria uns documentos falsos e

iria para o Canadá. Ou para o México.

— Vou ficar com vocês — respondeu Shadow. — É o que Wednesday ia querer.

— Você não trabalha mais para ele. Wednesday morreu. Depois que a gente despachar o corpo, você pode ir para onde quiser.

— E fazer o quê?

— Ficar fora do caminho, pelo menos enquanto a guerra estiver rolando. Como eu disse, você devia sair do país.

O sr. Nancy ligou a seta e fez uma curva para a esquerda.

— Fique escondido por um tempo — sugeriu Czernobog. — Depois, quando tudo acabar, você vai voltar para mim, e eu vou acabar com essa história toda. Com a minha marreta.

— Para onde vamos levar o corpo? — perguntou Shadow.

— Virgínia. Tem uma árvore lá — explicou Nancy.

— Uma Árvore do Mundo — completou Czernobog, com uma satisfação sombria. — Tinha uma lá no meu cantinho do mundo. Mas a nossa cresceu por baixo, não por cima.

— Vamos colocar o corpo ao pé da árvore — continuou Nancy. — E deixar lá. Aí você vai embora. E nós vamos para o sul. A batalha começa. Sangue é derramado. Muitos morrem. O mundo muda um pouco.

— Vocês não querem que eu vá para essa tal batalha? Eu sou bem grandão. E sou bom de briga.

Nancy se virou para Shadow e abriu um sorriso — o primeiro sorriso genuíno que Shadow via no rosto do velho desde que fora resgatado da cadeia de Lumber.

— A maior parte dessa batalha vai ser travada em um lugar aonde você não tem como ir.

— No coração e na mente das pessoas — explicou Czernobog. — Como naquele gira-gira grande.

— Hein?

— O carrossel — esclareceu o sr. Nancy.

— Ah. Nos Bastidores. Entendi. É como no Deserto, com todos aqueles ossos.

O sr. Nancy levantou a cabeça.

— Bastidores. Sim. Sempre que eu penso que você não tem como entender, já que é burro feito uma porta, você vem e me surpreende. Isso mesmo. Bastidores. É lá que vai acontecer a batalha de verdade. O resto vai ser só relâmpago e trovão.

— Quero saber sobre o tributo — pediu Shadow.

— Alguém precisa ficar com o corpo. É uma tradição. Um dos nossos vai fazer isso.

— Wednesday queria que fosse eu.

— Não — retrucou Czernobog. — Isso vai matar você. Péssima, péssima, péssima ideia.

— Hã? Ficar com o corpo? Isso vai me matar?

— É o que acontece quando o Pai de Todos morre — explicou o sr. Nancy. — Não aconteceria se fosse eu. Quando eu morrer, só quero que me plantem em algum lugar quente. E aí, quando as mulheres bonitas passarem em cima do meu túmulo, vou agarrar o tornozelo delas, que nem naquele filme.

— Nunca vi esse filme — disse Czernobog.

— Claro que viu. É bem no fim. Aquele filme com uma escola. As crianças vão todas para o baile.

Czernobog balançou a cabeça.

— O filme se chama *Carrie, a estranha*, senhor Czernobog. Muito bem, quero que um de vocês me conte mais sobre o tributo.

— Conte para ele — pediu Nancy. — Estou dirigindo.

— Eu nunca ouvi falar de nenhum filme chamado *Carrie, a estranha*. Conte você.

— A pessoa prestando o tributo é amarrada à árvore — explicou Nancy. — Que nem Wednesday foi amarrado. E aí ela fica pendurada lá por nove dias e nove noites. Sem comida, sem água. Sozinha. Depois alguém corta as cordas para soltar a pessoa, e se ela ainda estiver viva... bom, é possível. Então o tributo a Wednesday terá sido prestado.

— Talvez Alvíss possa nos mandar alguém do povo dele — sugeriu Czernobog. — Um anão sobreviveria.

— Eu quero ir — disse Shadow.

— Ah, não — respondeu o sr. Nancy.

— Ah, sim — insistiu Shadow.

Os dois velhos ficaram quietos.

— Por quê? — perguntou Nancy, por fim.

— Porque é o tipo de coisa que teria que ser feita por uma pessoa viva — respondeu Shadow.

— Você está ensandecido — disse Czernobog.

— Talvez. Mas vou prestar tributo a Wednesday.

Quando pararam para abastecer, Czernobog anunciou que estava enjoado e que queria ir para o banco da frente. Shadow não se incomodou em trocar de lugar, assim poderia se esticar melhor e dormir.

Seguiram viagem em silêncio. Shadow teve a sensação de que fizera algo muito grande e muito estranho, mas não sabia bem o quê.

— Ei. Czernobog — chamou o sr. Nancy, depois de um tempo. — Você reparou no garoto técnico lá no hotel? Ele não parecia muito feliz. Parece que estava mexendo com alguma coisa que também mexeu com ele. Esse é o problema da garotada mais nova... eles acham que sabem de tudo, e não tem como ensinar: só aprendem do jeito difícil.

— Ótimo — disse Czernobog.

Shadow estava todo esticado no banco de trás. Sentia que era duas pessoas diferentes, talvez mais de duas. Uma parte dele estava levemente empolgada: tinha *feito* alguma coisa. Acabara de se mover. Não teria tido importância nenhuma se não quisesse viver, mas queria, e isso fazia toda a diferença. Torcia para sobreviver àquilo, mas estava disposto a morrer, se esse fosse o preço de estar vivo. E, por um momento, achou que a situação era muito engraçada, a piada mais hilária do mundo — e se perguntou se Laura gostaria de ouvi-la.

Outra parte dele — talvez fosse Mike Ainsel, desfeito no éter com o apertar de um botão no Departamento de Polícia de Lakeside — ainda tentava entender o que estava acontecendo, tentando apreender o quadro geral.

— Índios escondidos — disse em voz alta.

— O quê? — perguntou a voz rouca e irritada de Czernobog, no banco do carona.

— Aqueles desenhos de colorir, de quando a gente é criança. “Você consegue encontrar todos os índios escondidos neste desenho?” “Este desenho tem dez índios ocultos, você consegue encontrar todos?” No começo, só dá para ver uma cachoeira com pedras e árvores, mas aí você começa a perceber que, se virar o papel um pouco de lado, aquela sombra se torna um índio... — E deu um bocejo.

— Durma — sugeriu Czernobog.

— Mas o principal era o quadro geral — disse Shadow.

Ele dormiu, e sonhou com índios escondidos.

A árvore ficava na Virgínia. Era bem longe de tudo, nos fundos de uma velha fazenda. Para chegar à fazenda, precisaram dirigir durante quase uma hora ao sul de Blacksburg, por estradas com nomes como Pennywinkle Branch e Rooster Spur. Tiveram que pegar um retorno duas vezes, e tanto o sr. Nancy quanto Czernobog perderam a paciência com Shadow e um com o outro.

Pararam para pedir informação em uma merceariazinha minúscula, ao pé de um morro bem onde a estrada fazia uma bifurcação. Um velho saiu dos fundos da mercearia e olhou para eles: usava um macacão jeans e mais nada, nem mesmo sapatos. Czernobog comprou um pé de porco em conserva do enorme pote de pés de porco que havia no balcão e saiu para comer na varanda, enquanto Nancy e o homem de macacão se alternavam desenhando mapas um para o outro no verso de guardanapos, marcando curvas e pontos de referência locais.

Seguiram viagem de novo, com o sr. Nancy ao volante, e chegaram em dez minutos. Havia um portão com uma placa que dizia FREIXO.

Shadow saiu e abriu a cancela. A Kombi passou chacoalhando pela estrada de terra. Shadow fechou a cancela. Foi andando um pouco atrás da Kombi, esticando as pernas, correndo quando o carro se distanciava demais. Aproveitando a sensação de movimentar o corpo.

Perdera completamente a noção de tempo da viagem desde o Kansas. Tinham passado dois dias na estrada? Três? Não sabia.

O corpo na traseira da Kombi não parecia estar apodrecendo. Shadow sentia o cheiro — um leve odor de Jack Daniel's, sobreposto por algo que talvez fosse mel estragado. Mas o cheiro não era desagradável. De tempos em tempos, tirava o olho de vidro do bolso e o examinava: bem no centro estava quebrado, resultado do que Shadow imaginava que fosse o impacto de uma bala, mas, fora uma lasquinha em um dos lados da íris, a superfície permanecia intacta. Shadow passava o olho de uma mão para a outra, empalmando, girando, fazendo-o dançar entre os dedos. Era um souvenir mórbido, mas curiosamente reconfortante — e ele desconfiava de que Wednesday teria achado graça, se soubesse que seu olho acabaria no bolso de Shadow.

A sede da fazenda estava escura e fechada. A pastagem coberta de mato alto parecia abandonada. Nos fundos da casa, o teto tinha desabado, e estava coberto por um plástico preto. Sacolejaram ao passar por uma vala, e Shadow viu a árvore.

Era de um tom de cinza prateado, mais alta do que a casa. Era a árvore mais linda que já vira na vida, fantasmagórica e, ao mesmo tempo, absolutamente real, com uma simetria quase perfeita. Assim que a viu, ela pareceu familiar, e Shadow se perguntou se já sonhara com aquilo — até que se deu conta de que não era o caso: já vira aquela árvore muitas vezes, ou pelo menos uma representação dela. Era o prendedor de gravata prateado de Wednesday.

A Kombi seguiu sacolejando pelo mato e parou a uns seis metros da árvore.

Três mulheres estavam ali perto. À primeira vista, Shadow achou que fossem as Zoryas, mas logo percebeu que estava enganado. Eram três mulheres que ele não conhecia. Pareciam cansadas e entediadas, como se tivessem passado muito tempo ali paradas. Cada uma segurava uma escada de madeira. A maior das três também carregava um saco marrom. Pareciam um conjunto de bonecas russas: uma alta, da mesma altura de Shadow, talvez maior, uma de tamanho mediano e uma tão baixinha e encurvada que, a princípio, Shadow teve a impressão, equivocada, de que era uma criança. Ainda assim, as três eram tão parecidas — algum detalhe na testa, ou nos olhos, ou algo na posição do queixo — que Shadow teve certeza de que eram irmãs.

A menor fez uma mesura quando a Kombi se aproximou. As outras duas ficaram só olhando. As três compartilhavam um cigarro, e o fumaram até o filtro, então uma delas o apagou em uma raiz.

Czernobog abriu a traseira da Kombi, e a mulher mais alta o empurrou para o lado e, com a facilidade de quem pega um saco de farinha, tirou o corpo de Wednesday lá de dentro e o levou até a árvore. A mulher o deitou na frente do tronco, a uns três metros da árvore. Ela e as irmãs desenrolaram o corpo: parecia pior à luz do dia do que quando estava cercado de velas no quarto do hotel, e, depois de um breve relance, Shadow desviou o olhar. As mulheres arrumaram a roupa dele, alisaram o terno e o colocaram no canto do lençol, então o enrolaram de volta.

Por fim, as três foram até Shadow.

— *É você?* — perguntou a maior.

— *O que vai velar o pai de todos?* — perguntou a de tamanho mediano.

— *É sua escolha prestar o tributo?* — perguntou a menor.

Shadow assentiu. Mais tarde, não conseguia se lembrar de ter de fato ouvido a voz delas. Talvez tivesse apenas compreendido, pelo olhar, o que elas queriam dizer.

O sr. Nancy, que fora até a casa principal para usar o banheiro, veio caminhando de volta até a árvore. Fumava uma cigarrilha. Parecia pensativo.

— Shadow — chamou o velho deus. — Você realmente não precisa fazer isso. Podemos achar uma pessoa mais adequada. Você não está pronto.

— Vou fazer — respondeu Shadow, sem rodeios.

— Não precisa — retrucou o sr. Nancy. — Você não sabe no que está se metendo.

— Não importa — retorquiu Shadow.

— E se você morrer? — indagou o sr. Nancy. — E se isso acabar matando você?

— Então eu terei morrido.

O sr. Nancy jogou a cigarrilha no meio do mato, irritado.

— Eu disse que você tinha miolos de merda, e não mudou nada nessa sua cabeça de merda. Não percebe quando alguém está tentando ajudar?

— Sinto muito — respondeu Shadow. E não falou mais.

Nancy voltou para a Kombi.

Czernobog foi até Shadow. Não parecia muito satisfeito.

— Você precisa sobreviver a isso — declarou. — Supere essa por mim.

— Então bateu de leve com o dedo na testa de Shadow. — *Pá!*

O deus apertou o ombro de Shadow, deu um tapa em seu braço e voltou para a Kombi.

A mulher maior, que parecia se chamar Urtha ou Urder — Shadow não conseguia pronunciar de uma forma que parecesse deixá-la satisfeita — mandou que ele tirasse a roupa, gesticulando de forma dramática.

— Tudo?

Ela deu de ombros. Shadow ficou só de cueca e camiseta. As três apoiaram as escadas na árvore. Indicaram uma para ele. Era pintada à mão, com florezinhas e folhas enroladas nos degraus.

Shadow subiu os nove degraus. Depois, a pedido delas, passou para um galho mais baixo.

A mulher de tamanho mediano jogou o conteúdo do saco no mato a seus pés. Era um emaranhado de cordas finas, escurecidas pelo tempo e pela sujeira, e a mulher começou a separá-las e a dispô-las no chão ao lado do corpo de Wednesday.

Elas subiram nas próprias escadas e começaram a amarrar as cordas com nós intrincados e elegantes — prenderam as cordas primeiro na árvore, depois em Shadow. Sem qualquer constrangimento, como se fossem parteiras ou enfermeiras ou pessoas acostumadas a manipular cadáveres, tiraram a camiseta e a cueca de Shadow e o amarraram — não com força, mas com firmeza e de forma irreversível. Ele ficou impressionado com o conforto com que as cordas e os nós sustentavam seu peso. As cordas passavam por baixo dos braços, entre as pernas, em volta da cintura, dos tornozelos e do peito, prendendo-o à árvore.

A última corda foi amarrada, frouxa, no pescoço. No início, estava desconfortável, mas o peso de seu corpo estava bem distribuído, e nenhuma das cordas machucava a pele.

Seus pés estavam a um metro e meio do chão. A árvore era imensa e sem folhas, os galhos pretos contra o céu cinzento, a casca de um cinza prateado liso.

As mulheres afastaram as escadas. Houve um momento de pânico quando Shadow deslizou alguns centímetros para baixo, quando seu peso passou a ser todo sustentado pelas cordas. Ele não emitiu nenhum som.

Estava completamente nu.

As mulheres puseram o corpo, ainda embrulhado na mortalha de lençóis, ao pé da árvore e o deixaram lá.

Deixaram-no sozinho.

CAPÍTULO

QUINZE

*Na força, na força, morto eu vou estar,
Na força, na força, morto eu vou estar,
Não ligo para a força, já me fui há tempo demais,
Já me deitei na cova há tempo demais.*

Canção antiga

NO PRIMEIRO DIA preso à árvore, Shadow se sentiu apenas desconfortável, e aos poucos essa sensação foi dando lugar à dor e ao medo e, vez ou outra, a uma emoção que ficava mais ou menos entre o tédio e a apatia: uma aceitação débil, uma expectativa.

Estava pendurado.

O vento não soprava.

Após algumas horas, sua visão começou a explodir em rompantes efêmeros de cor, brotos de carmesim e ouro, pulsando e palpitando com vida própria.

A dor nos braços e nas pernas se tornou, com o passar das horas, insuportável. Se ele relaxasse o corpo, se mexesse muito os membros, se tombasse para a frente, a corda no pescoço apertava e o mundo começava a rodopiar e a se anuviar. Então ele tentava se apoiar no tronco da árvore. Sentia o coração trabalhando a toda no peito, uma batida rítmica pesada que bombeava o sangue pelo corpo...

Esmeraldas e safiras e rubis se cristalizavam e surgiam diante de seus olhos. Sua respiração vinha em breves intervalos. A casca da árvore era áspera e arranhava suas costas. O frio da tarde em sua pele nua o fazia tremer e arrepiava os pelos de seu corpo.

É fácil, disse alguém nos recônditos de sua mente. Tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

Shadow apreciou a sabedoria daquele pensamento, e o repetiu várias vezes para si mesmo, em parte um mantra, em parte uma cantiga de ninar, acompanhando as batucadas do coração.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.
É fácil, tem um macete. Ou você faz, ou você morre.

O tempo passou. A cantoria continuou. Ele ouvia. Alguém repetia suas palavras, e se interrompeu apenas quando Shadow começou a sentir a boca seca, quando a língua ficou áspera dentro da boca. Ele usou os pés para tomar impulso para cima e para longe da árvore, tentando sustentar o peso do corpo de um jeito que ainda lhe permitisse encher os pulmões de ar.

Respirou até não conseguir mais manter o corpo erguido e voltou a repousar nas amarras, pendurado.

Quando o barulho começou — um ruído raivoso e agudo de risada —, Shadow fechou a boca, com medo de que fosse ele fazendo aquilo; mas a risada continuou. *É o mundo rindo de mim*, pensou. Sua cabeça tombou para o lado. Alguma coisa desceu correndo pelo tronco e parou ao lado da cabeça dele. A coisa chilreou bem no ouvido de Shadow, alto, uma palavra que parecia muito “ratatosk”. Shadow tentou pronunciá-la, mas a língua ficou colada no céu da boca. Ele se virou devagar e deu de cara com a face marrom e cinzenta e as orelhas pontudas de um esquilo.

Descobriu que, de perto, um esquilo é bem menos bonitinho do que de longe. A criatura parecia um rato, e, além de perigosa, não tinha nada de delicada e encantadora. E seus dentes pareciam muito afiados. Shadow torceu para que ele não o considerasse uma ameaça, ou comida. Achava que esquilos não eram carnívoros... mas, por outro lado, tantas coisas que ele achava que não eram acabaram sendo...

Shadow dormiu.

A dor o despertou algumas vezes nas horas seguintes. Ela o arrancou de um sonho sombrio em que crianças mortas se levantavam e vinham até ele, com olhos que eram grandes pérolas descamadas, e o recriminavam por ter fracassado, e o arrancou de outro sonho, em que ele olhava para um mamute, peludo e escuro, que saía das brumas e caminhava lentamente em sua direção, mas — *desperto por um instante, uma aranha se arrastando por seu rosto, e ele balançou a cabeça, afastando-a ou assustando-a* — agora o mamute era um homem barrigudo com cabeça de elefante e apenas uma presa, e ele vinha até Shadow, cavalgando no dorso de um rato imenso. O homem com cabeça de elefante torceu a tromba para Shadow e disse:

— Se você tivesse me invocado antes de sair nessa jornada, talvez pudesse ter evitado alguns problemas.

Depois, o elefante pegou o rato, que, de alguma forma que Shadow não percebeu, tinha ficado minúsculo sem mudar de tamanho, e o passou de uma das mãos para a outra e para a outra, cobrindo-o com os dedos conforme a criaturinha marrom corria de palma em palma, e Shadow não ficou nem um pouco surpreso quando o deus com cabeça de elefante finalmente abriu as quatro mãos e revelou que estavam completamente

vazias. Ele agitou um braço e outro e outro em um movimento fluido peculiar e olhou para Shadow com uma expressão indecifrável.

— Na presa — disse Shadow para o homem-elefante, porque vira a cauda irrequieta do rato desaparecer.

O homem-elefante assentiu com a cabeça imensa.

— Sim — disse. — Presa. Você se esquecerá de muitas coisas. Você cederá muitas coisas. Você perderá muitas coisas. Mas não perca isto.

E aí a chuva começou a cair, e Shadow acordou mais uma vez. Encharcado e tremendo de frio, em questão de instantes ele ia do sono pesado para a completa vigília. A tremedeira se intensificou e começou a assustá-lo: ele jamais imaginara que seria possível tremer com tanta violência, uma série de espasmos convulsivos que ficavam cada vez mais fortes. Tentou se obrigar a parar de tremer, mas não adiantava, e seus dentes batiam, e seus braços e pernas se retorciam e sacudiam sem controle. Sentia uma dor genuína também, uma dor profunda, penetrante, que cobria seu corpo de ferimentos minúsculos, invisíveis, íntimos e insuportáveis.

Shadow abriu a boca para beber um pouco da chuva, que umedecia seus lábios rachados e sua língua seca e molhava as cordas que o prendiam ao tronco da árvore. Um relâmpago brilhou com tanta força que ofuscou momentaneamente sua visão, transformando o mundo em um panorama intenso de imagem e borrão. Depois, o trovão, um estalo, um estrondo e um tremor, e, em meio ao eco do trovão, o temporal ficou ainda mais forte. Sob a chuva e a noite, os tremores amainaram; as lâminas que cortavam sua pele foram removidas. Shadow não sentia mais o frio, ou melhor, sentia apenas o frio, mas agora o frio se tornara parte dele, pertencia a Shadow, e Shadow pertencia ao frio.

Relâmpagos cortantes se espalhavam pelo céu, acima da árvore, e os trovões se dispersavam em uma vibração onipresente, estouros e rugidos ocasionais explodindo como bombas distantes ao longo da noite, e o vento puxava Shadow, tentava arrancá-lo da árvore, açoitando a pele, penetrando na carne; e, no auge da tempestade — e Shadow sabia, no fundo da alma, que a tempestade havia começado de fato, a verdadeira tempestade, e que agora que ela havia chegado não restava nada a fazer além de aguentar firme: todos eles, velhos deuses e novos, espíritos, potências, mulheres e homens...

Naquele momento, Shadow sentiu uma estranha alegria e começou a rir, enquanto a chuva lavava sua pele, e os raios ardiam e os trovões urravam tão alto que ele mal conseguia ouvir a própria voz. Ele riu e exultou.

Estava vivo. Nunca havia sentido aquilo antes. Nunca.

Se realmente morresse, pensou, se morresse naquele instante, naquela árvore, teria valido a pena por aquele único momento perfeito e enlouquecido.

— Ei! — gritou ele para a tempestade. — Ei! Sou eu! Estou aqui!

Ele acumulou um pouco de água entre o ombro e o tronco da árvore e virou um pouco a cabeça para bebê-la, sugando e engolindo, e bebeu mais e riu, riu com alegria e deleite, não loucura, até não conseguir mais, até se deixar cair, exausto demais para se mexer.

Ao pé da árvore, no chão, a chuva tinha deixado o lençol um pouco transparente e o levantado em alguns pontos, e agora Shadow via a mão morta de Wednesday, pálida e flácida, e o formato de sua cabeça, e pensou no Santo Sudário, e se lembrou da menina morta na mesa de Jacal em Cairo, e então, como se para desdenhar do frio, percebeu que se sentia aquecido e confortável, e o tronco da árvore parecia macio, e Shadow voltou a dormir, e, se teve algum sonho na escuridão, não se lembrou de nenhum.

Na manhã seguinte, a dor era onipresente. Já não era localizada, nem confinada aos lugares onde as cordas feriam sua carne, nem onde o tronco arranhava sua pele. A dor estava por todos os lados.

E ele estava com fome, com pontadas de dor no fundo do estômago vazio. A cabeça latejava. Às vezes, ele imaginava que havia parado de respirar, que o coração havia parado de bater. Então prendia a respiração até escutar o coração bater como o mar nos ouvidos e ele ser obrigado a sugar o ar como um mergulhador emergindo das profundezas.

Tinha a impressão de que a árvore se estendia do céu ao inferno e de que sempre estivera preso lá. Um gavião marrom voou em círculos acima, pousou em um galho quebrado perto dele e voltou a voar, seguindo para o oeste.

A tempestade, que havia amainado ao amanhecer, voltou a engrossar ao longo do dia. Nuvens escuras e turbulentas cobriam o céu de um horizonte a outro; uma garoa leve começou a cair. O corpo ao pé da árvore parecia menor, enrolado no lençol do hotel, ruindo como um bolinho se desfazendo na chuva.

Às vezes Shadow ardia, às vezes congelava.

Quando os trovões voltaram a estourar, ele imaginou ouvir tambores rufando, timbales sendo tocados no ritmo dos trovões e das marteladas do coração, dentro ou fora da cabeça, não fazia diferença.

Percebia a dor em cores: o vermelho de um letreiro de bar neon, o verde de um sinal de trânsito em uma noite chuvosa, o azul de uma tela sem sinal.

O esquilo desceu do tronco para o ombro de Shadow, e garras afiadas se cravaram em sua pele.

— Ratatosk! — chilreou ele. A ponta do focinho tocou os lábios de Shadow. — Ratatosk. — E correu de volta para a árvore.

A pele de Shadow ardia, como se alfinetes e agulhas a perfurassem, sentia um formigamento que se espalhava pelo corpo inteiro. A sensação era intolerável.

Sua vida apareceu disposta abaixo dele, na mortalha de lençol; estava literalmente disposta, com elementos de um piquenique dadaísta, um tablado surrealista: ele via o olhar confuso da mãe, a embaixada americana na Noruega, os olhos de Laura no dia do casamento...

Seus lábios secos abriram um sorriso.

— Qual é a graça, fofinho? — perguntou Laura.

— O dia do nosso casamento. Você subornou o cara que tocava órgão para ele ignorar a “Marcha nupcial” e tocar a música de *Scooby-Doo* quando você entrasse na igreja. Lembra?

— É claro que eu lembro, querido. E eu teria conseguido, se não fossem aquelas crianças intrometidas.

— Eu amava tanto você — disse Shadow.

Ele sentiu os lábios de Laura nos seus, e eram quentes e úmidos e vivos, não frios e mortos, então ele sabia que era só mais uma alucinação.

— Você não está aqui, está?

— Não — respondeu ela. — Mas você está me chamando, pela última vez. E estou indo.

Estava mais difícil respirar. As cordas que cortavam sua pele eram um conceito abstrato, como o livre-arbítrio ou a eternidade.

— Durma, fofinho — disse ela, embora Shadow achasse que talvez estivesse ouvindo a própria voz, e ele dormiu.

O sol era uma moeda de peltre contra um céu de chumbo. Lentamente, Shadow se deu conta de que estava acordado e com frio. Mas a parte dele que compreendia essas sensações parecia muito distante das outras partes. Em algum lugar remoto, sabia que a boca e a garganta estavam ardendo, doloridas e secas. Às vezes, durante o dia, via estrelas caindo; às vezes, via pássaros imensos, do tamanho de caminhões, voando em sua direção. Nada o alcançava; nada o atingia.

— Ratatosk. Ratatosk. — O chilreio tinha se tornado uma crítica.

O esquilo pousou com suas garras afiadas no ombro de Shadow e o encarou. O homem se perguntou se estava alucinando: o animal segurava nas patas dianteiras uma casca de noz como se fosse um copinho de brinquedo. O animal aproximou a casca dos lábios de Shadow. Ele sentiu a

água e, em um ato involuntário, sugou-a, bebendo do copo diminuto. Molhou os lábios rachados e a língua seca. Molhou a boca e engoliu o pouco que sobrou.

O esquilo pulou de volta para a árvore e correu para baixo, até as raízes. Depois de alguns segundos, ou minutos, ou horas, Shadow não sabia (todos os relógios dentro de sua mente estavam quebrados, e as engrenagens e rodas e molas eram um todo caótico ali no mato retorcido), o esquilo voltou com o copo de casca de noz, subindo cuidadosamente, e Shadow bebeu a água que ele trouxe.

O sabor de lama e ferro da água dominou sua boca e refrescou a garganta seca, aliviou a fadiga e a loucura.

Depois da terceira casca de noz, ele não estava mais com sede.

Shadow então começou a se debater, a puxar as cordas, a sacudir o corpo, tentando descer, se libertar, sair. Ele gemeu.

Os nós eram bons. As cordas eram fortes, e resistiram, e logo Shadow estava exausto de novo.

Em seu delírio, Shadow se tornou a árvore. Suas raízes iam até as profundezas do solo argiloso, as profundezas do tempo, até as fontes ocultas. Ele sentiu a presença da fonte de uma mulher chamada Urd, que significa *Passado*. Ela era imensa, uma gigante, uma montanha subterrânea, e as águas que ela protegia eram as águas do tempo. Outras raízes levavam a outros lugares. Alguns eram secretos. Agora, quando sentia sede, ele sugava a água de suas raízes, ele as extraía para alimentar o próprio ser.

Ele tinha cem braços, que se dividiam em mil dedos, e todos os dedos se estendiam até o céu, que pesava em seus ombros.

O desconforto não havia diminuído, mas agora a dor pertencia à figura que pendia da árvore, não à própria árvore, e Shadow, em sua loucura, era muito mais do que o homem na árvore. Ele era a árvore, e era o vento que agitava os galhos desfolhados da Árvore do Mundo; era o céu cinzento e as nuvens cerradas; era Ratatosk, o esquilo, correndo desde as raízes mais profundas até os galhos mais altos; era o gavião enlouquecido que repousava em um galho quebrado no topo da árvore para observar o mundo; era a minhoca no coração da árvore.

As estrelas rodopiaram, e Shadow passou suas cem mãos pelas estrelas cintilantes, empalmando-as, deslocando-as, fazendo-as desaparecer...

Um momento de clareza em meio à dor e à loucura: Shadow se sentiu vindo à tona. Sabia que não duraria. O sol da manhã o ofuscava. Fechou os

olhos e quis poder cobri-los.

Não faltava muito. Ele sabia disso também.

Quando abriu os olhos, Shadow percebeu que havia um jovem na árvore com ele.

Sua pele era de um tom escuro de marrom. A testa era grande, e o cabelo escuro formava cachos pequenos. Ele estava sentado em um galho muito acima da cabeça de Shadow. Se inclinasse a cabeça, dava para vê-lo perfeitamente. E o homem estava louco. Shadow percebeu de cara.

— Você está pelado — confidenciou o louco, com uma voz áspera. — Eu também.

— Estou vendo — grunhiu Shadow.

O louco olhou para ele e assentiu com a cabeça e mexeu o pescoço para baixo e para os lados, como se tentasse se livrar de um torcicolo.

— Você me conhece? — perguntou ele, depois de um tempo.

— Não — respondeu Shadow.

— Eu conheço você. Vi você em Cairo. Vi você depois. Minha irmã gosta de você.

— Você é... — O nome lhe fugiu. *Come bichos mortos na estrada. Isso.* — Você é Hórus.

O louco assentiu.

— Hórus — confirmou ele. — Eu sou o falcão da manhã, o gavião da tarde. Eu sou o sol. Assim como você é o sol. E eu sei o nome verdadeiro de Rá. Minha mãe me contou.

— Que ótimo — respondeu Shadow, com educação.

O louco encarou fixamente o chão e não falou mais nada. Depois, pulou da árvore.

Um gavião caiu feito pedra na direção do solo, recuperou-se do mergulho em um rasante e bateu as asas com força para voltar à árvore, com um filhote de coelho preso nas garras. A ave pousou em um galho mais próximo de Shadow.

— Está com fome? — perguntou o louco.

— Não — respondeu Shadow. — Acho que devia estar, mas não estou.

— Eu estou com fome — disse o louco.

Ele comeu o coelho depressa, destruindo-o, chupando, rasgando, cortando. À medida que comia, ia jogando os ossos e a pele no chão. Andou pelo galho até ficar a poucos palmos de Shadow. Observou-o sem constrangimento, analisando-o com atenção e cuidado, dos pés à cabeça. O queixo e o peito do homem estavam sujos de sangue de coelho, e ele se limpou com as costas da mão.

Shadow ficou com a sensação de que precisava dizer algo.

— Ei.

— Ei — respondeu o louco.

Ele ficou de pé no galho, virou-se e soltou um jato de urina escura no mato. Isso se prolongou por um bom tempo. Quando terminou, voltou a se agachar no galho.

— Como é que chamam você? — perguntou Hórus.

— Shadow.

O louco assentiu.

— Você é a sombra. Eu sou a luz — respondeu ele. — Tudo o que existe produz uma sombra. — E acrescentou: — Eles lutarão em breve. Eu estava observando quando eles começaram a chegar. Estava voando alto, e ninguém me viu, embora alguns tenham olhos atentos. — Então o louco falou: — Você está morrendo, não está?

Mas Shadow já não conseguia mais falar. Tudo estava muito longe. Um gavião levantou voo e subiu lentamente em círculos, elevando-se nas correntes de ar da manhã.

Luar.

Uma tosse fez o corpo de Shadow sacudir, uma tosse dolorosa e convulsiva que lhe queimou o peito e a garganta. Ele lutou para respirar.

— Ei, fofinho — chamou uma voz conhecida.

Shadow olhou para baixo.

O luar iluminava a árvore, claro como o dia, iluminando a mulher parada próxima às raízes, seu rosto uma forma oval pálida. O vento agitou os galhos.

— Oi, fofinho — cumprimentou ela.

Ele tentou falar, mas só tossiu, uma tosse profunda, por bastante tempo.

— Sabe — disse ela, prestativa —, isso aí não parece bom.

— Oi, Laura — grunhiu ele.

Ela o observou com olhos mortos e sorriu.

— Como você me encontrou? — perguntou Shadow.

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— Por mim, você é o que mais se parece com uma vida — respondeu ela, enfim. — Você é tudo o que me resta, é a única coisa que não está desolada, nula e sem cor. Mesmo se meus olhos estivessem vendados e eu fosse jogada no oceano mais profundo, eu saberia onde encontrar você. Mesmo se eu estivesse enterrada cem quilômetros abaixo da terra, eu saberia como ir até você.

Ele olhou para a esposa, e seus olhos arderam com lágrimas.

— Vou tirar você daí — disse ela, depois de um tempo. — Eu passo tempo demais resgatando você, não é?

Ele tossiu outra vez.

— Não — respondeu ele —, me deixe aqui. Eu preciso fazer isso.

Ela o encarou e balançou a cabeça.
— Você está maluco. Está morrendo aí. Ou vai ficar aleijado, se já não estiver.
— Talvez — respondeu ele. — Mas estou vivo.
— Sim — disse ela, depois de um momento. — Acho que está.
— Você me falou. No cemitério.
— Parece que foi há tanto tempo, fofinho — disse ela. — Eu me sinto melhor aqui. Não dói tanto. Você me entende? Mas estou muito seca.
O vento diminuiu, e Shadow sentiu o cheiro dela: um fedor de carne podre e doença e decadência, penetrante e desagradável.
— Perdi o emprego — disse ela. — Era um trabalho noturno, mas falaram que as pessoas haviam reclamado. Eu falei que estava doente, e disseram que não se importavam. Estou com muita sede.
— As mulheres — respondeu Shadow. — Elas têm água. Na casa.
— Fofinho... — Ela parecia assustada.
— Diga... Diga a elas que eu pedi para lhe darem água...
O rosto branco o encarou.
— É melhor eu ir — disse Laura.
Ela tossiu, fez uma careta e cuspiu uma massa branca, que se desfez ao bater no chão e se dispersou rastejando.
Estava quase impossível respirar. Shadow sentia o peito pesado e a cabeça cada vez mais oscilante.
— Fique — disse ele, em uma voz que foi quase um sussurro, e não dava para saber se Laura havia escutado. — Por favor, não vá embora. — Ele começou a tossir. — Passe a noite aqui.
— Vou ficar um pouco — disse ela. Depois, como uma mãe tranquilizando o filho: — Nada vai machucar você enquanto eu estiver aqui. Sabia?
Shadow tossiu de novo. Fechou os olhos. Só por um instante, pensou ele, mas, quando voltou a abri-los, a lua havia se posto e ele estava sozinho.

A cabeça latejava e pulsava, uma dor que ia além de uma enxaqueca, que ia além de qualquer dor. Tudo se dissolvia em borboletas minúsculas, que rodopiavam ao seu redor como uma tempestade de areia multicolorida e depois evaporavam pela noite.

O lençol branco envolvendo o corpo ao pé da árvore fazia barulho ao ser sacudido pelo vento.

A pulsação diminuiu. Tudo ficou mais lento. Não havia nada mais que o fizesse continuar respirando. Seu coração parou de bater.

A escuridão em que ele mergulhou agora era profunda, e iluminada por uma única estrela, e definitiva.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Eu sei que é roubado. Mas é o único jogo na cidade.

Canada Bill Jones

A ÁRVORE TINHA sumido, e o mundo tinha sumido, e o céu cinzento da manhã tinha sumido. O céu estava cor de meia-noite. Uma única estrela brilhava no alto, uma luz intensa e inconstante, e mais nada. Shadow deu um passo à frente e quase caiu.

Olhou para baixo. Viu degraus escavados na rocha, descendo, degraus tão imensos que Shadow só podia imaginar que tinham sido escavados e percorridos por gigantes, muito tempo antes.

Avançou com dificuldade, meio que pulando e meio que caindo de degrau em degrau. O corpo doía, mas era a dor da falta de uso, não a dor torturante de um corpo que ficou pendurado em uma árvore até morrer.

Reparou, sem qualquer surpresa, que já estava vestido, usava calça jeans e camiseta branca. Descalço. Sentiu um intenso déjà-vu: era a mesma roupa de quando passou a noite no apartamento de Czernobog e Zorya Polunochnaya veio vê-lo e contou sobre a constelação chamada Carruagem de Odin. Zorya pegara a lua do céu para ele.

De repente, Shadow soube o que aconteceria em seguida. Zorya Polunochnaya apareceria.

A mulher o aguardava na base da escada. Não havia lua no céu, mas ela mesmo assim estava iluminada pelo luar — seu cabelo branco era pálido como a lua, e ela usava a mesma camisola de algodão e renda daquela noite em Chicago.

Zorya Polunochnaya sorriu ao vê-lo e desviou o olhar, como se momentaneamente envergonhada.

— Olá — cumprimentou.

— Oi — respondeu Shadow.

— Como vai?

— Não sei. Devo estar em outro sonho estranho na árvore. Tenho tido esses sonhos doidos desde que saí da cadeia.

O rosto de Zorya Polunochnaya estava prateado (mas não havia lua no céu cor de ameixa, e ali, na base da escada, até a estrela solitária tinha

desaparecido de vista), e ela parecia ao mesmo tempo solene e vulnerável.

— Todas as suas perguntas podem ter resposta, se é isso o que você quer. Mas, depois que se descobre as respostas, não há como deixar de saber quais são. Você precisa compreender isso.

— Entendo — respondeu ele.

Atrás dela, a trilha se dividia. Shadow sabia que precisaria decidir qual caminho escolher. Mas, antes, precisava fazer uma coisa. Enfiou a mão no bolso da calça e ficou aliviado ao sentir o peso familiar da moeda. Pegou-a, segurando-a entre o indicador e o polegar: uma moeda de um dólar de 1922, com a efígie da Estátua da Liberdade.

— Isso é seu — declarou.

Shadow então lembrou que suas roupas, na verdade, estavam debaixo da árvore. As mulheres tinham guardado tudo no saco de pano de onde tiraram as cordas, e a maior das três colocara uma pedra em cima do saco, para o vento não levar. Então Shadow sabia que, na realidade, a moeda de um dólar estava em um bolso dentro daquele saco, debaixo da pedra. Mas, ainda assim, o metal pesava em sua mão, na entrada do submundo.

Zorya Polunochnaya pegou a moeda das mãos dele com seus dedos finos.

— Obrigada. Por duas vezes, ela pagou pela sua liberdade. Agora, vai iluminar seu caminho pelos lugares escuros.

A mulher fechou a mão em volta do círculo de metal e levantou o braço o mais alto possível. E soltou a moeda. Naquele mesmo instante, Shadow soube que aquilo era outro sonho: em vez de cair, a moeda flutuou para cima até ficar pairando a cerca de trinta centímetros de sua cabeça. Mas já não era uma moeda de prata. A Lady Liberdade, com seu diadema de espigões, tinha desaparecido. O que ele viu gravado no metal foi o rosto indefinido da lua no céu de verão, um rosto que só era visível quando não se olhava direto para ele — então se tornava uma série de formas e mares escuros na superfície coberta de crateras da Lua, os traços do rosto substituídos por sombras de pura aleatoriedade e acaso.

Shadow não conseguia decidir se o que via era uma lua do tamanho de uma moeda a centímetros de sua cabeça, ou uma lua do tamanho do oceano Pacífico a milhares de quilômetros de distância. Não sabia nem se havia diferença entre essas duas. Talvez fosse apenas questão de perspectiva. Talvez fosse só questão de ponto de vista.

Olhou para a trilha bifurcada à frente.

— Que caminho devo seguir? — perguntou. — Qual é seguro?

— Depois de escolher um, você não pode escolher o outro — respondeu a Zorya. — Mas nenhum é seguro. Que caminho você deseja seguir: o das verdades difíceis ou o das belas mentiras?

Shadow hesitou.

— Verdades — respondeu. — Já cheguei longe demais para ter apenas mais mentiras.

A mulher parecia triste.

— Haverá um preço — alertou.

— Eu pago. Qual é o preço?

— Seu nome. Seu nome verdadeiro. Você vai ter que me entregar seu nome.

— Como?

— Assim.

Zorya estendeu a mão na direção da cabeça de Shadow. Ele sentiu os dedos roçarem na pele, penetrando na pele, no crânio, entrando fundo na cabeça. Algo formigou dentro de seu crânio, descendo por toda a coluna. A mulher afastou a mão. Uma chama, similar à de uma vela, mas que ardia com uma luminosidade branca e límpida de magnésio, dançava na ponta do indicador.

— Este é o meu nome?

Zorya fechou a mão, e a luz se apagou.

— Era. — Ela estendeu a mão e apontou para o caminho da direita. — Por ali. Por enquanto.

Sem nome, Shadow seguiu adiante sob o luar. Quando se virou para agradecer, viu apenas escuridão. Parecia que estava muito abaixo da terra, mas, quando olhava para o breu acima, ainda via a lua diminuta.

Fez uma curva.

Pensou que, se aquilo era o além, parecia muito com a House on the Rock: uma parte feita de bonecos, outra de pesadelos.

Via a si mesmo com o uniforme azul da cadeia, na sala do diretor, enquanto o diretor lhe dizia que Laura morrera em um acidente de carro. Viu a expressão no próprio rosto: parecia um homem que havia sido abandonado pelo mundo. Foi doloroso ver aquilo, a nudez e o medo. Shadow se apressou, saiu da sala cinzenta do diretor do presídio e se viu diante da loja de consertos de videocassetes, na periferia de Eagle Point. Três anos antes. Sim.

Sabia que, dentro da loja, estava arrebatando a cara de Larry Powers e B.J. West, machucando os próprios punhos: pouco depois, sairia dali com uma sacola de papel cheia de notas de vinte dólares. Um dinheiro que nunca conseguiram provar que ele tinha levado. Sua parte do saque e um pouco mais, porque os dois não deveriam ter tentado passar a perna nele e em Laura. Shadow era só o motorista, mas tinha cumprido sua parte, feito tudo o que ela pedira...

No julgamento, ninguém mencionou o assalto ao banco — mas Shadow tinha certeza de que todo mundo queria levantar a questão. Não tinham como provar nada, desde que ninguém mencionasse. E ninguém mencionou. O promotor acabou sendo obrigado a persistir na acusação de agressão física que Shadow infligira a Powers e West. Ele mostrou fotos dos dois homens quando chegaram ao hospital da cidade. Shadow mal se

defendeu no tribunal; era mais fácil daquele jeito. Ao que parecia, nem Powers nem West se lembravam do motivo da briga, mas os dois admitiram que Shadow tinha sido o agressor.

Ninguém falou do dinheiro.

Ninguém sequer mencionou Laura, e isso era só o que Shadow queria.

Shadow se perguntou se o caminho das mentiras reconfortantes teria sido mais agradável. Afastou-se daquele lugar e seguiu por uma trilha de pedras até o que parecia um quarto de hospital, de um hospital público de Chicago, e sentiu a bile subir até a garganta. Parou. Não queria olhar. Não queria continuar andando.

No leito do hospital, a mãe estava morrendo de novo — como morrera quando Shadow tinha dezesseis anos —, e, sim, ali estava ele, um garoto de dezesseis anos grande e desajeitado, com espinhas na pele cor de café com leite, sentado ao lado da cama, incapaz de olhar para a mãe, lendo um livro barato e grosso. Shadow ficou curioso com o título do livro e contornou o leito para ver melhor. Parou entre a cama e a cadeira, e seus olhos se alternaram entre os dois, enquanto o garoto grandalhão, curvado na cadeira, mergulhava em *O arco-íris da gravidade*, tentando escapar da morte da mãe fugindo para a Londres da Blitz — e a loucura fictícia do livro não servia nem de fuga nem de desculpa.

Os olhos da mãe estavam fechados pela paz da morfina, e o que ela imaginara que fosse só mais uma crise de célula falciforme, mais uma onda de dor a ser suportada, acabara se revelando — tarde demais — um linfoma. Sua pele exibía uma tonalidade cinzenta meio amarelada. Tinha trinta e poucos anos, mas parecia muito mais velha.

Shadow queria sacudir aquele seu eu, o menino introvertido que tinha sido, fazê-lo segurar a mão da mãe, falar com ela, fazer *alguma coisa* antes que ela se fosse — pois sabia que iria. Mas não conseguia encostar em si mesmo, e o garoto continuou a ler. E sua mãe morreu enquanto ele lia um livro bem grosso na cadeira ao lado.

Depois disso, Shadow meio que perdeu o hábito de ler. Não dava para confiar na ficção. De que serviam os livros, se não ofereciam nenhuma proteção contra uma coisa daquelas?

Shadow saiu do quarto de hospital e desceu por um corredor em espiral, se embrenhando nas profundezas da terra.

Primeiro vê a mãe, e não consegue acreditar em como ela é nova — não deve ter mais de vinte e cinco anos. Ela ainda não havia adoecido. Eles estão no apartamento onde moravam, no norte da Europa, alugado pela embaixada — e Shadow procura alguma pista, e ele é só um garotinho mirrado de grandes olhos cinzentos e cabelo escuro liso. Os dois estão discutindo. Mesmo sem ouvir as palavras, Shadow sabe qual é a discussão: afinal, era só sobre isso que brigavam.

— *Me conta sobre o meu pai.*

— *Ele morreu. Não faça perguntas.*

— *Mas quem ele era?*

— *Esqueça. Ele está morto e enterrado, e você não perdeu nada.*

— *Quero ver uma foto dele.*

— *Não tenho foto* — respondia ela, e a voz ficava baixa e brava, e Shadow sabia que, se continuasse perguntando, a mãe ia gritar, ou até bater nele. E sabia que não podia parar de perguntar. Ele se virou e avançou pelo túnel.

O caminho que seguiu dava voltas e mais voltas, lembrava couro de cobra e intestinos e raízes muito, muito profundas. Viu um lago à esquerda, ouviu o *ping, ping* de água caindo no lago, em algum ponto mais atrás no túnel, e a água mal perturbava a superfície. Shadow se ajoelhou e bebeu, levando água à boca com as mãos em concha. Então andou até se ver parado em meio aos pontos de luz flutuantes de um globo espelhado de discoteca. Era como estar exatamente no centro do universo, cercado por todas as estrelas e todos os planetas, e não ouvia nada — nenhuma música, nem conversas aos gritos por cima da música —, e olhava para uma mulher que parecia igual ao que sua mãe nunca tinha sido em todos os anos em que a conhecera, pouco mais do que uma criança...

E ela está dançando.

Shadow não ficou nem um pouco surpreso ao reconhecer o homem dançando com a mãe. O sujeito não tinha mudado muito em trinta e três anos.

A mãe está bêbada, Shadow notou logo de cara. Não muito, mas não está acostumada a beber, e dali a mais ou menos uma semana vai embarcar em um navio para a Noruega. Os dois beberam margaritas, e tem sal grudado nos lábios e nas costas da mão dela.

Wednesday não está de terno e gravata, mas o broche em forma de árvore prateada, preso acima do bolso da camisa, brilha quando capta o reflexo da luz do globo espelhado. Ele não dança mal, e os dois formam um casal bonito, considerando a diferença de idade. O deus se movimenta com uma graça lupina.

Uma dança lenta. Wednesday a puxa para si, e sua mão enorme recobre a parte de trás da saia da mãe em um gesto possessivo, trazendo-a para perto. A outra mão segura o queixo dela, levanta-o para mais próximo de seu rosto, e os dois se beijam ali mesmo, no salão, com as luzes do globo espelhado cercando os três no centro do universo.

Pouco depois, eles vão embora. A mãe, cambaleante, se recosta em Wednesday, que a conduz para fora do salão. Shadow tapa os olhos e não os segue, incapaz — ou sem disposição — de testemunhar a própria concepção.

As luzes do globo espelhado tinham sumido, e a única iluminação vinha da lua minúscula que ardia nas alturas.

Shadow seguiu em frente. Quando o caminho fez uma curva, ele parou para recuperar o fôlego.

Então sentiu alguém acariciar suas costas, dedos delicados afagando o cabelo da nuca.

— Oi, querido — sussurrou em seu ombro uma voz feminina sensual.

— Oi — respondeu Shadow, virando-se para ela.

A mulher tinha cabelo castanho, pele morena e olhos dourados como o âmbar de um bom mel. Suas pupilas eram fendas verticais.

— Nós nos conhecemos? — perguntou Shadow, confuso.

— Intimamente — respondeu ela, com um sorriso. — Eu dormia na sua cama. E o meu povo tem ficado de olho em você por mim. — Ela se virou para o caminho à frente de Shadow e apontou para as três opções. — Muito bem. Um dos caminhos vai deixá-lo sábio. Outro vai fazê-lo completo. E outro, morto.

— Acho que já estou morto — disse Shadow. — Morri na árvore.

A mulher fez beicinho.

— Olha — começou ela —, dá para estar morto, e também dá para estar morto, e também dá para estar morto. É muita relatividade. — Ela sorriu outra vez. — Daria até para fazer uma piada, sabia? Um trocadilho com a idade relativa.

— Não. Não precisa.

— Então. Para que lado você quer ir?

— Não sei — admitiu Shadow.

A mulher inclinou a cabeça para o lado, um gesto perfeitamente felino. De repente, Shadow soube muito bem quem ela era e de onde a conhecia. Sentiu que corava.

— Bem, se você confiar em mim, posso escolher por você — sugeriu Bastet.

— Eu confio — respondeu ele, sem hesitar.

— Quer saber o que vai lhe custar?

— Já perdi meu nome.

— Nomes vêm e nomes vão. Valeu a pena?

— Sim. Talvez. Não foi fácil. Em matéria de revelações, foi meio pessoal.

— Todas as revelações são pessoais — retrucou ela. — É por isso que todas as revelações são suspeitas.

— Não entendo.

— Não, não entende. Vou pegar seu coração. Precisaremos dele mais tarde.

Bastet enfiou a mão bem fundo no peito dele e puxou uma coisa pulsante cor de rubi. Tinha cor de sangue de pombo e era feito de pura luz. Presa entre as unhas afiadas, a coisa se expandia e se contraía de forma ritmada.

A deusa fechou a mão, e a coisa desapareceu.

— Vá pelo caminho do meio — orientou.

Shadow hesitou.

— Você está mesmo aqui? — perguntou.

A mulher inclinou a cabeça para o lado e o examinou com uma expressão séria, sem dizer absolutamente nada.

— O que você é? O que *vocês* são?

Bastet bocejou, exibindo uma perfeita língua rosa-escura.

— Pense em nós como uma espécie de símbolo. Somos o sonho que a humanidade cria para dar sentido às sombras na parede da caverna. Muito bem, agora vá em frente. Seu corpo já está esfriando. Os tolos estão se reunindo na montanha. O tempo não para.

Shadow assentiu e seguiu em frente.

O caminho estava começando a ficar escorregadio. Uma camada de gelo cobria a rocha. Shadow tropeçou e escorregou, descendo a trilha rochosa até o ponto onde ela se dividia, e seus dedos raspavam em um pedaço de pedra saliente. Avançou o mais lentamente possível. A lua no alto brilhava através dos cristais de gelo no ar, envolta por uma auréola, um arco-íris lunar que deixava a luz difusa. Era bonito, mas dificultava a caminhada. A trilha não parecia muito bem definida.

Chegou ao ponto onde o caminho se dividia.

Olhou para a primeira trilha com uma sensação de reconhecimento. O caminho se abria para uma câmara imensa, ou um conjunto de câmaras, como um museu escuro. Já conhecia aquele lugar. Já estivera lá, mas levou um tempo para se lembrar de onde ou quando. Ouvia longos ecos de vozes fracas. Ouvia o barulho que a poeira faz ao baixar.

Era o lugar com que tinha sonhado naquela primeira noite em que Laura fora visitá-lo no hotel, havia tanto tempo, o salão memorial infinito reservado aos deuses esquecidos e aos deuses cuja própria existência se perdera.

Shadow deu um passo para trás.

Foi até a trilha do outro lado e olhou para a frente. O corredor tinha um aspecto que lembrava a Disneylândia, ostentando paredes de acrílico preto com luzes neon embutidas. Os conjuntos de lâmpadas coloridas piscavam e reluziam sem nenhum motivo aparente, numa ilusão de ordem, como as luzes do painel de uma nave espacial na televisão.

Também ouvia um barulho vindo dali: uma vibração grave e profunda, que ele sentia bem na boca do estômago.

Shadow parou e olhou em volta. Nenhum dos dois caminhos parecia certo. Não mais. Não queria mais saber de caminhos. Sua trilha era a do meio, a que a mulher-gato mandara tomar. Shadow foi até lá.

A lua começava a sumir, as margens ficando rosadas e entrando em eclipse. A entrada da trilha era emoldurada por um portal imenso.

Não havia mais negociações a fazer, nenhum acordo. Só lhe restava entrar. Então Shadow cruzou o portal e adentrou a escuridão. O ar era quente e cheirava a poeira úmida, como uma rua depois da primeira chuva do verão.

Não estava com medo.

Não mais. O medo tinha morrido na árvore, junto com Shadow. Não restava mais medo, nem ódio, nem dor. Restava apenas a essência.

Ouvia, ao longe, o barulho fraco de alguma coisa grande entrando na água, e o barulho ecoava pela imensidão. Forçou os olhos, mas não conseguia ver nada. Estava escuro demais. Então uma luz singela cintilou, vindo da direção do barulho, e o mundo tomou forma: Shadow estava dentro de uma caverna e via, à frente, a superfície lisa e espelhada da água.

O barulho foi chegando mais perto, e a luz ficou mais forte, e Shadow esperou na margem. Pouco depois surgiu um barco baixo e achatado, com um lampião na proa elevada emitindo uma luz branca bruxuleante, refletida na água negra límpida mais abaixo. O barco era conduzido por uma figura alta, e o barulho que ele escutara era o som da vara sendo erguida e impulsionada para fazer o barco avançar pelas águas do lago subterrâneo.

— Olá! — gritou Shadow.

Viu-se de repente cercado pelo eco da própria voz: era como se um coral inteiro o recebesse e o chamasse, e todos os cantores tivessem a voz dele.

A pessoa que conduzia o barco não respondeu.

O condutor era alto e muito magro. Ele — se é que era ele — usava um manto branco sem enfeites, e a cabeça pálida que despontava acima do tecido era tão completamente inumana que Shadow teve certeza de que era uma máscara. Era uma cabeça de pássaro bem pequena sobre um pescoço comprido, com um bico curto e alto. Shadow tinha certeza de que já vira aquela figura fantasmagórica que parecia um pássaro. Vasculhou a memória e, decepcionado, percebeu que estava pensando na máquina na qual colocara uma moeda, na House on the Rock, na figura pálida meio oculta que lembrava um pássaro — a figura que deslizara por trás da cripta para buscar a alma do bêbado.

As gotas de água que pingavam da vara e da proa faziam barulhos que ecoavam pela caverna, e o barco, feito de juncos amarrados, fazia ondular a superfície lisa da água.

Shadow se aproximou da margem. O condutor se apoiou na vara e virou a cabeça bem lentamente, até ficar de frente para ele.

— Olá — cumprimentou o condutor, sem mexer o bico longo. A voz era masculina e, como tudo o mais na vida de Shadow no além-mundo até então, familiar. — Suba a bordo. Receio que terá que molhar os pés, mas não há o que fazer quanto a isso. Estes barcos são antigos, e, se eu chegar mais perto, pode rasgar o fundo.

Shadow tirou os sapatos que não tinha reparado que estava usando e entrou na água. Batia na metade das panturrilhas e, passado o choque inicial da umidade, era surpreendentemente morna. Shadow foi até o barco, e o condutor estendeu a mão e o puxou para cima. O barco de juncos balançou um pouco e deixou entrar água pelas laterais baixas, mas por fim se estabilizou.

O condutor empurrou o barco para longe da margem. Shadow ficou olhando, sua calça gotejando.

— Eu conheço você — disse para a criatura na proa.

— De fato — respondeu o barqueiro. O lampião a óleo pendurado na frente do barco ardia com uma chama tremeluzente, e a fumaça fez Shadow tossir. — Você trabalhou para mim. Receio que tivemos que sepultar Lila Goodchild sem sua ajuda. — A voz era afetada e calculada.

A fumaça fez arder os olhos de Shadow. Ele passou a mão para limpar as lágrimas e, em meio à névoa, pensou ter visto um homem alto de terno e óculos de armação dourada. A fumaça se dissipou, e o barqueiro voltou a ser uma criatura semi-humana com cabeça de pássaro aquático.

— Senhor Íbis?

— É bom vê-lo, Shadow — disse a criatura, com a voz do sr. Íbis. — Você sabe o que é um *psicopompo*?

Shadow achou que conhecia a palavra, mas fazia muito tempo. Balançou a cabeça.

— É um sinônimo rebuscado de acompanhante — explicou o deus. — Todos nós temos muitas funções, muitas formas de existir. Quando penso em mim mesmo, eu me vejo como um erudito que leva uma vida pacata e compõe historietas e sonha com um passado que pode ou não jamais ter existido. E isso é verdade, de certa forma. Mas também sou, em uma de minhas atribuições, como muitos dos outros com quem você optou por se relacionar, um psicopompo. Acompanho os vivos até o mundo dos mortos.

— Achei que este fosse o mundo dos mortos.

— Não. Não exatamente. É mais um mundo preliminar.

O barco deslizou pela superfície espelhada do lago subterrâneo. A cabeça de pássaro da criatura na proa olhava para a frente. Então o sr. Íbis disse, sem mexer o bico:

— Vocês falam dos vivos e dos mortos como duas categorias mutuamente excludentes. Como se um rio não pudesse ser também uma estrada, ou uma canção não pudesse ser também uma cor.

— Mas não podem — retrucou Shadow. — Podem?

Do outro lado do lago, os ecos sussurraram suas palavras de volta.

— Você não pode esquecer — respondeu o sr. Íbis, com impaciência — que a vida e a morte são lados diferentes da mesma moeda. Como cara e coroa.

— E se eu tivesse uma moeda com duas caras?

— Você não tem. Essas só cabem aos tolos e aos deuses.

Aquilo causou um *frisson* em Shadow, bem naquele momento, enquanto cruzavam a água escura. Imaginou que via rostos de crianças olhando para ele com censura por baixo da superfície lisa da água: rostos encharcados e amaciados, os olhos cegos e enevoados. Nenhum vento naquela caverna subterrânea perturbava a superfície negra do lago.

— Então estou morto — comentou. Estava se acostumando com a ideia.
— Ou estarei morto.

— Estamos a caminho do Salão dos Mortos. Solicitei que fosse eu o designado para conduzi-lo.

— Por quê?

— Sou um psicopompo. Gosto de você. Você era um bom funcionário. Por que não?

— Porque... — Shadow organizou os pensamentos. — Porque nunca acreditei em vocês. Porque não conheço muito de mitologia egípcia. Porque eu não esperava por isto. O que aconteceu com são Pedro e os portões de pérola?

A cabeça branca com bico comprido balançou de um lado a outro, muito séria.

— Não importa que você não acreditasse em nós. Nós ainda acreditávamos em você.

O barco tocou o fundo do lago. O sr. Íbis saiu pela lateral, entrando na água, e mandou Shadow fazer o mesmo. O sr. Íbis pegou uma corda da proa e lhe entregou o lampião. Tinha forma de meia-lua. Os dois andaram até a margem, e o sr. Íbis amarrou o barco em um aro de metal preso no solo rochoso. Depois pegou o lampião de volta e foi para a frente, andando a passos rápidos, mantendo a luz elevada, lançando sombras imensas no solo rochoso e nas grandes paredes de pedra.

— Está com medo? — perguntou o sr. Íbis.

— Não muito.

— Bem, tente cultivar emoções de espanto genuíno e terror espiritual enquanto avançamos. Esses são os sentimentos adequados para a presente situação.

Shadow não sentia medo. Estava interessado e apreensivo, mas não mais do que isso. Não tinha medo da escuridão inquieta, nem de estar morto, nem sequer da criatura com cabeça de cachorro e do tamanho de um silo de grãos que os observava enquanto se aproximavam. A criatura rosnou, um som gutural, e Shadow sentiu um arrepio na nuca.

— Shadow. Esta é a hora do julgamento — anunciou a criatura.

Shadow olhou para o ser com cabeça de cão.

— Senhor Jacal?

Anúbis baixou as mãos, mãos imensas e escuras, pegou Shadow e o ergueu.

A cabeça de chacal o examinou com olhos atentos e luminosos, analisando-o com a mesma frieza com que o sr. Jacal examinara a menina morta na mesa. Shadow sabia que todos os seus defeitos, todas as suas falhas, todas as suas fraquezas estavam sendo retiradas e pesadas e medidas — que estava, de certa forma, sendo dissecado e cortado e provado.

Nem sempre nos lembramos dos atos que não nos concedem honras. Nós os justificamos, os cobrimos com belas mentiras ou com a densa poeira do esquecimento. Todos os atos dos quais Shadow não se orgulhava, tudo o que queria ter feito diferente ou deixado de fazer, despontaram em um turbilhão de culpa e remorso e vergonha, e ele não tinha onde se esconder. Estava nu, aberto como um cadáver em uma mesa, e o negro deus-chacal Anúbis o autopsiava, autuava, atormentava.

— Por favor — pediu Shadow. — Por favor, pare.

Mas o exame não parou. Cada mentira que ele contara, cada objeto que roubara, cada dor que infligira a outra pessoa, todos os pequenos crimes e minúsculos assassinatos do dia a dia, tudo e mais um pouco foi extraído e levado à luz pelas mãos do juiz dos mortos com cabeça de chacal.

Shadow começou a chorar em soluços dolorosos na palma da mão do deus negro. Era outra vez um garotinho, impotente e desamparado como sempre fora.

Então, sem aviso, acabou. Shadow arfava e soluçava, e seu nariz escorria livremente. Ainda se sentia desamparado, mas as mãos o colocaram com todo o cuidado, quase com carinho, de volta no chão rochoso.

— Quem traz o coração dele? — grunhiu Anúbis.

— Eu — ronronou uma voz de mulher.

Shadow olhou para cima. Bastet estava ali, ao lado da coisa que não era mais o sr. Íbis, e segurava o coração de Shadow na mão direita. O órgão iluminava o rosto felino com sua luz cor de rubi.

— Entregue-o a mim — pediu Tot, o deus com cabeça de íbis, e pegou o coração com as mãos que não eram humanas e deslizou para a frente.

Anúbis dispôs uma balança dourada diante do deus-pássaro.

— Então é aqui que descobrimos meu destino? — sussurrou Shadow para Bastet. — Céu? Inferno? Purgatório?

— Se a pena se equilibrar, você vai poder escolher seu próprio destino — respondeu ela.

— E se não se equilibrar?

A deusa deu de ombros, como se o assunto a deixasse incomodada.

— Se não — respondeu, por fim —, daremos seu coração e sua alma para Ammet, a Devoradora de Almas...

— Talvez — interveio Shadow. — Talvez eu consiga um final feliz.

— Não só não existem finais felizes — retrucou a deusa —, como tampouco existem finais.

Em um dos pratos da balança, com cuidado e reverência, Anúbis colocou uma pena.

O coração de Shadow foi depositado no outro prato. Algo se moveu nas sombras abaixo da balança, algo que Shadow não se sentiu à vontade para examinar muito atentamente.

A pena era pesada, mas o coração de Shadow também, e os pratos oscilaram de um jeito enervante.

Mas no fim se equilibraram, e a criatura nas sombras recuou, insatisfeita.

— Então pronto — anunciou Bastet, com um leve tom de pesar. — Só mais uma caveira para a pilha. Que pena. Eu tinha esperança de que você fosse fazer algum bem, tendo em vista a atual circunstância. É como assistir a um acidente de carro em câmera lenta e não ter poder algum para impedir.

— Você não vai estar lá?

Ela balançou a cabeça.

— Não gosto de lutar batalhas que os outros escolheram.

Fez-se silêncio na vastidão do salão da morte, e o silêncio ecoou na água e na escuridão.

— Então agora eu posso escolher para onde vou? — perguntou Shadow.

— Escolha — respondeu Tot. — Ou podemos escolher por você.

— Não. Tudo bem. A escolha é minha.

— Então? — rugiu Anúbis.

— Quero descansar — disse Shadow. — É isso o que eu quero. Não quero nada. Nem céu, nem inferno, nada. Só quero que acabe.

— Tem certeza? — perguntou Tot.

— Sim.

O sr. Jacal abriu a última porta para Shadow, e atrás dessa porta não havia nada. Nem escuridão. Nem esquecimento. Apenas nada.

Shadow aceitou aquele destino, completamente e sem hesitação, e passou pela porta rumo ao nada com uma alegria estranha e feroz.

CAPÍTULO

DEZESSETE

Tudo existe em grande escala neste continente. Os rios são imensos, o clima, violentamente quente e frio, as perspectivas, magníficas, o trovão e os raios, tremendos. As perturbações incidentes na terra fazem tremer qualquer constituição. Nossas próprias falhas aqui, nossos desvios, nossas perdas, nossas desgraças, nossa ruína, existem em grande escala.

Lorde Carlisle, para George Selwyn, 1778

O LUGAR MAIS importante do sudeste dos Estados Unidos é anunciado no telhado de centenas de celeiros na Geórgia, no Tennessee e até no Kentucky. Um motorista dirigindo por uma estrada sinuosa que segue pelo meio de uma floresta, passará por um celeiro vermelho deteriorado e verá o seguinte anúncio pintado nas telhas:

VISITE ROCK CITY A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO

E, pouco depois, no telhado de um estábulo decadente para vacas leiteiras, em letras de forma brancas, lerá:

VISITE ROCK CITY, A MARAVILHA DO MUNDO, E VEJA SETE ESTADOS

Com isso, o motorista é levado a crer que Rock City certamente fica logo depois da próxima curva, e não a um dia de viagem, na montanha Lookout, logo depois da fronteira do estado, na Geórgia, a sudoeste de Chattanooga, Tennessee.

A Lookout não é uma montanha muito grande. Parece mais um morro absurdamente alto e imponente, uma encosta marrom quando vista a distância, mas coberta pelo verde de árvores e casas vista de perto. Os chickamaugas, um ramo dos cheroquis, habitavam o lugar quando os homens brancos vieram; chamavam a montanha de Chattotonoogee, que foi traduzido como *a montanha que se ergue até certo ponto*.

Na década de 1830, a Lei de Remoção Indígena de Andrew Jackson expulsou milhares de nativos de suas terras — choctaws, chickamaugas, cheroquis e chickasaws —, e soldados americanos obrigaram todos os nativos que conseguiram capturar a percorrer quase dois mil quilômetros até os novos Territórios Indígenas, na região que viria a ser o Oklahoma, seguindo pela Trilha das Lágrimas: um alegre gesto de genocídio casual. Foram muitos os homens, mulheres e crianças que morreram na marcha. Quando um lado vence, ele vence, e ponto final.

Pois quem detivesse o controle da montanha Lookout controlava a terra, essa era a lenda. Afinal, era um local sagrado, e era um lugar elevado. Na Guerra Civil, a Guerra entre os Estados, uma batalha aconteceu ali: a Batalha acima das Nuvens, travada no primeiro dia, e as forças da União conseguiram o impossível e, depois, sem que ninguém ordenasse, atacaram e conquistaram os conjuntos montanhosos de Missionary. As tropas do general Grant ganharam o dia, e o Norte dominou a montanha Lookout, e o Norte dominou a guerra.

Sob a montanha Lookout há túneis e cavernas, algumas muito antigas. A maior parte está bloqueada, embora um empresário local tenha escavado uma cachoeira subterrânea que batizou de Ruby Falls, e é possível chegar lá por um elevador. O lugar costuma receber turistas, mas a grande estrela é o topo da montanha. Ali fica Rock City.

A primeira parada é um jardim ornamental em uma encosta: os visitantes percorrem um caminho em meio a rochas, por cima de rochas, entre rochas. Eles dão milho aos veados e atravessam uma ponte suspensa até um mirante, onde colocam moedinhas em binóculos e observam atentamente uma paisagem que, nos raros dias de sol completamente limpos, promete a vista panorâmica de sete estados. E, a partir daí, como se fosse uma passagem para um inferno estranho, a trilha leva os visitantes, milhões e milhões a cada ano, para dentro de cavernas, onde são recebidos por gravações de cantigas de roda e maquetes inspiradas em contos de fadas, com bonecos banhados por uma luz escura e sombria. Os turistas saem confusos, sem saber ao certo por que foram até ali, o que foi que viram, ou se o passeio foi agradável.

Eles chegaram à montanha Lookout vindos de todo o país. Não eram turistas. Foram de carro e de avião e de ônibus e de trem e a pé. Alguns foram voando — voaram baixo, e voaram apenas sob a escuridão da noite, mas, ainda assim, voaram. Vários percorreram os próprios caminhos subterrâneos. Muitos pegaram carona, acompanhando motoristas nervosos ou caminhoneiros. Os que tinham carro ou caminhão viam os que não tinham andando na beira da estrada ou em paradas de ônibus e restaurantes

que surgiam no caminho e, reconhecendo-os pelo que eram, ofereciam carona.

Chegaram à base da montanha Lookout cansados e cobertos de poeira. Ao observarem a encosta arborizada, viam, ou imaginavam que viam, as trilhas, os jardins e os córregos de Rock City.

Começaram a chegar de manhã bem cedo. Uma segunda leva chegou ao anoitecer. E continuaram a chegar por vários dias.

Um caminhão de mudança velho despejou alguns *vilas* e *rusalkas* esgotados da viagem, com maquiagem borrada, meias-calças rasgadas e rostos que denunciavam o cansaço e a exaustão.

Em um aglomerado de árvores ao pé do morro, um *wampyr* idoso ofereceu um Marlboro para uma criatura símia enorme nua e coberta por um emaranhado de pelo laranja. Ela aceitou educadamente, e os dois fumaram em silêncio lado a lado.

Um Toyota Previa estacionou no acostamento, e sete homens e mulheres chineses saíram. Pareciam, acima de tudo, limpos e usavam o tipo de terno escuro que, em alguns países, é comum em autoridades de menor importância. Um deles trazia uma prancheta e conferia o inventário conforme o grupo tirava grandes bolsas de golfe do porta-malas: continham espadas ornamentadas com cabos em laca, e bastões esculpidos, e espelhos. As armas foram distribuídas, riscadas, registradas.

Um comediante famoso de antigamente, tido como morto nos anos 1920, saiu do carro enferrujado e começou a se despir: tinha pernas de cabra e um rabo curto e espetado.

Quatro mexicanos chegaram, sorridentes, e seus cabelos eram pretos e muito lustrosos: passavam entre si uma sacola de papel pardo, que escondia uma garrafa de cerveja com uma mistura amarga de chocolate em pó, álcool e sangue.

Um homem pequeno de barba escura com chapéu-coco preto empoeirado, *peirts* cacheados nas laterais da cabeça e um manto de orações com franjas esfarrapadas cruzou o descampado e foi até eles. O homem andava alguns metros à frente de seu companheiro, duas vezes mais alto e de pele cinza-claro como argila polonesa de alta qualidade: a palavra gravada em sua testa significava *verdade*.

Eles continuaram vindo. Um táxi chegou, e vários *rakhasas*, os demônios do subcontinente indiano, saíram e ficaram parados, olhando em silêncio para as pessoas na base do morro, até encontrarem Mama-ji de olhos fechados, movendo os lábios em oração. Era a única ali que eles conheciam, mas, ainda assim, hesitaram ao se aproximar, lembrando-se de antigas batalhas. As mãos dela alisavam o colar de caveiras no pescoço. Sua pele morena aos poucos se tornou negra, um preto liso como azeviche, como obsidiana: os lábios se retraíram, e os dentes brancos compridos eram muito

afiados. Ela abriu todos os olhos e chamou os *rakhasas* e os cumprimentou como faria com os próprios filhos.

As tempestades dos últimos dias, a norte e a leste, não haviam ajudado a amenizar a pressão e o desconforto que pairavam no ar. Meteorologistas da região tinham começado a alertar para focos de possíveis tornados, para áreas de alta pressão que não se dissipavam. Fazia calor durante o dia, mas as noites eram frias.

Eles se aglomeravam em grupos informais, reunidos às vezes por nacionalidade, por raça, por temperamento, até mesmo por espécie. Pareciam apreensivos. Pareciam cansados.

Alguns conversavam. Às vezes se ouviam risadas, mas eram contidas e esporádicas. Caixas de cerveja foram distribuídas.

Homens e mulheres da região vieram andando pelo mato, avançando em movimentos estranhos; quando falavam, suas vozes eram as do *loa* que os possuía. Um negro alto falava com a voz de Papa Legba, abridor de portões; o Barão Samedi, senhor da morte *voudon*, havia possuído o corpo de uma adolescente gótica de Chattanooga, talvez porque ela usasse uma cartola preta de seda, inclinada na cabeça em um ângulo debochado. A garota falava com a voz grave do barão, fumava um charuto enorme e comandava três Gédés, os *Loa* da morte. Os Gédés habitavam o corpo de três irmãos de meia-idade. Portavam espingardas e não paravam de contar piadas absurdamente sujas e das quais só eles achavam graça, soltando gargalhadas ruidosas e constantes.

Duas mulheres de idade indefinida dos chickamauga, de calça jeans manchada de óleo e casaco de couro surrado, circulavam de um lado para outro, observando as pessoas e os preparativos para a batalha. Às vezes, apontavam e riam; não pretendiam participar do conflito iminente.

A lua inchou e subiu no leste, a um dia da lua cheia. Parecia ter a metade do tamanho do céu em que se encaixava, um laranja avermelhado intenso, logo acima das colinas. Conforme cruzava o céu, pareceu encolher e perder a cor, até pairar nas alturas como uma lanterna.

Eles eram muitos, esperando ao luar, na base da montanha Lookout.

Laura estava com sede.

Às vezes, os vivos reluziam em sua mente com a serenidade de uma vela, e às vezes ardiam como tochas. Quando isso acontecia, era fácil evitá-los e, de vez em quando, de encontrá-los. Lá naquela árvore, Shadow havia brilhado com uma luz própria muito estranha.

Ela o criticara por não estar vivo naquela vez, no dia em que tinham caminhado de mãos dadas. Tinha esperança de, talvez, ver uma fagulha de

emoção pura, algo que indicasse que o homem com quem se casara era um homem de verdade, alguém vivo. E não vira absolutamente nada.

Laura se lembrava de andar ao lado dele e desejar que Shadow conseguisse entender o que estava tentando dizer.

Agora, morrendo na árvore, Shadow estava completamente vivo. Ela vira a vida se esvaír do corpo, e ele parecera nítido e real. E pedira para ela lhe fazer companhia, para passar a noite inteira ali. Ele a perdoara... talvez a tivesse perdoado. Não importava. Shadow havia mudado; era a única certeza de Laura.

Shadow lhe dissera para ir à casa, lá as velhas lhe dariam água. O lugar estava completamente às escuras, e ela não sentia a presença de ninguém por perto. Mas Shadow lhe dissera que ali cuidariam dela. Então Laura abriu a porta, em meio às queixas das dobradiças enferrujadas.

Algo se mexeu dentro de seu pulmão esquerdo, algo que fazia pressão, e se retorcia, provocava tosse.

Laura se viu em um corredor estreito, quase bloqueado por um piano vertical empoeirado. A casa cheirava a umidade antiga. Ela se espremeu para passar, abriu outra porta e entrou numa sala de estar decadente, mobiliada com peças caindo aos pedaços. Uma lamparina a óleo ardia em cima da lareira, onde carvões em brasa queimavam, embora do lado de fora não houvesse nem cheiro de fumaça. A lareira não ajudava a afastar o frio que Laura estava sentindo, ainda que ela suspeitasse de que muito provavelmente a culpa não fosse da sala.

A morte machucava, mas a dor era resultado sobretudo das ausências, coisas que não estavam lá: uma sede intensa que esgotava cada célula de seu corpo, um frio nos ossos que nenhum calor era capaz de bloquear. Às vezes, ela se perguntava se conseguiria se aquecer no crepitar revigorante das chamas de uma pira, ou envolta pelo cobertor marrom macio da terra; ou se o mar frio aplacaria sua sede...

Percebeu que não estava sozinha.

Havia três mulheres sentadas num sofá velho, como se fizessem parte de uma exposição de arte peculiar. O estofado do sofá era de veludo desgastado, um marrom desbotado que, talvez, cem anos antes, tivesse sido um amarelo-canário forte. As mulheres usavam saias e suéteres idênticos, todos cor de neblina. Seus olhos eram fundos como covas, e a pele, branca como osso limpo. A que estava sentada na ponta esquerda do sofá era gigante, ou quase; a da direita era pouco maior do que uma anã; e, entre elas, ficava uma mulher que Laura tinha certeza de que devia ser da sua altura. As três a observaram em silêncio quando ela entrou na sala.

Não sabia que as mulheres estariam lá.

Algo se mexeu e caiu de sua cavidade nasal. Laura tirou um lenço da manga e assoou o nariz. Amassou o lenço e o jogou nas chamas, vendo-o se

contorcer e escurecer e se transformar em renda laranja. Viu as larvas se retorcerem, tostarem e queimarem.

Então se virou para as mulheres no sofá. As três não haviam se mexido desde que Laura entrara, nenhum músculo, nenhum fio de cabelo. Ficaram olhando para ela.

— Oi. Esta fazenda é de vocês? — perguntou.

A maior das mulheres confirmou com a cabeça. Suas mãos eram muito vermelhas, e sua expressão era impassível.

— Shadow... é o homem pendurado na árvore. Ele é meu marido. Ele me falou para vir avisar que é para que vocês me darem água.

Algo grande se deslocou entre suas tripas. A coisa se remexeu e parou.

A menor das mulheres assentiu. Ela se levantou num pulo — seus pés não alcançavam o chão — e saiu às pressas.

Laura ouviu portas se abrindo e se fechando pela casa. Depois, escutou uma série de rangidos altos vindo do lado de fora. Cada rangido foi acompanhado de um barulho de água.

Pouco depois, a pequena mulher voltou. Ela trazia um jarro de barro marrom com água. Colocou-o cuidadosamente na mesa e voltou para o sofá. Escalou o assento, balançando as pernas, e voltou a se sentar ao lado das irmãs.

— Obrigada.

Laura foi até a mesa e procurou um copo ou uma caneca, mas não encontrou. Pegou o jarro. Era mais pesado do que parecia. A água no interior era completamente cristalina.

Levou o jarro à boca e começou a beber.

A água estava mais fria do que ela imaginara que seria possível. Sentiu a língua, os dentes e a goela congelarem. Ainda assim, bebeu, incapaz de parar, sentindo a água congelar tudo até o estômago, os intestinos, o coração, as veias.

A água fluiu para dentro dela. Era como beber gelo líquido.

Laura percebeu que o jarro estava vazio e, surpresa, colocou-o de volta na mesa.

As mulheres a observavam friamente. Desde que havia morrido, Laura não usara mais metáforas: as coisas eram ou não eram. Mas, agora, ao ver as mulheres no sofá, pensou em jurados de um programa qualquer, em cientistas observando um animal de laboratório.

Laura tremeu, uma sacudida súbita e convulsiva. Tentou apoiar a mão na mesa para se equilibrar, mas o móvel, deslizando e se retraíndo, quase se esquivou. Assim que pôs a mão na mesa, começou a vomitar. Despejou bilis e formol, centopeias e larvas. E sentiu que começava a se esvaziar, e a urinar: seu corpo expelia violentamente coisas líquidas. Laura teria gritado se pudesse; mas o piso poeirento de madeira subiu até ela tão rápido e com tanta força que, se ela respirasse, teria perdido o fôlego.

O tempo avançou para cima e para dentro dela, rodopiando como um tornado de areia. Milhares de lembranças começaram a surgir ao mesmo tempo: estava molhada e fétida no chão da casa; e estava perdida em uma loja de departamento na semana anterior ao Natal, e o pai tinha sumido; e agora estava sentada no bar do Chi-Chi's, pedindo um daiquiri de morango e encarando o sujeito a sua frente, aquele cara grande e sério, e tentando adivinhar se ele beijava bem; e estava dentro do carro enquanto ele girava e se balançava em movimentos doentios, e Robbie gritava, até a placa de metal finalmente fazer o carro parar, mas não o que estava em seu interior...

As águas do tempo, que vêm da fonte do destino, do Poço de Urd, não são as águas da vida. Não exatamente. Mas abastecem as raízes da Árvore do Mundo. E não existe água como aquela.

Quando acordou na sala vazia da casa, Laura tremia, e sua respiração chegava a condensar no ar da manhã. Havia um arranhão nas costas de sua mão, e o arranhão tinha uma mancha — era algo úmido, avermelhado como sangue fresco.

E ela soube para onde tinha que ir. Tinha bebido das águas do tempo, que vêm da fonte do destino. Via a montanha em sua mente. Lambeu o sangue da mão, maravilhou-se com o brilho da saliva e começou a andar.

Era um dia úmido de março, e fazia um frio incomum para a época, e as tempestades dos últimos dias tinham se abatido sobre os estados sulistas, o que significava que havia pouquíssimos turistas de verdade em Rock City, na montanha Lookout. As luzes natalinas haviam sido retiradas, e os visitantes do verão ainda não tinham começado a chegar.

Mesmo assim, havia bastante gente ali. Até um ônibus fretado chegara naquela manhã, despachando uma dúzia de homens e mulheres com bronzeados perfeitos e sorrisos luminosos e confiantes. Eles poderiam muito bem ser âncoras de jornal, e quase dava para imaginá-los com um aspecto pixelado: pareciam ficar ligeiramente borrados ao se moverem. Um veículo militar preto estava parado no estacionamento perto de Rocky, o gnomo animatrônico.

O pessoal da tevê andou alegremente por Rock City, e pararam para conversar, sempre num tom agradável e tranquilo, perto da grande pedra equilibrada em duas outras pedras.

Mas eles não eram os únicos visitantes. Alguém que percorresse as trilhas da montanha naquele dia talvez reparasse em pessoas que pareciam celebridades de cinema, e pessoas que pareciam alienígenas, e algumas pessoas que mais pareciam o conceito do que é uma pessoa, mas que nada tinham a ver com a realidade. Talvez alguém tivesse visto aqueles visitantes, mas o mais provável é que não tenha reparado em nada.

Eles foram a Rock City em limusines grandes e carros esportivos pequenos e utilitários exagerados. Muitos usavam óculos escuros típicos de quem está acostumado a usar óculos escuros tanto em ambientes abertos quanto em fechados e não tem vontade nem motivo para retirá-los. Havia bronzeados e ternos e óculos de sol e sorrisos e caretas. Havia opções de todos os tamanhos e formatos, de todas as idades e estilos.

E todos tinham em comum um olhar, um olhar muito específico, um olhar que dizia: *Você me conhece*; ou, talvez, *Você devia me conhecer*. Havia uma familiaridade imediata que, ao mesmo tempo, era uma distância, uma opinião ou uma postura — a confiança de que o mundo só existia para eles, e eles eram bem-vindos, e eram adorados.

O garoto gordo avançou em meio a todos eles com o andar despojado de quem, apesar da completa falta de traquejo social, havia atingido um sucesso inimaginável. Seu casaco preto se agitava ao vento.

Algo parado ao lado da barraca de refrigerantes no Pátio Mamãe Ganso tossiu para chamar a atenção dele. Era imenso, e o rosto e os dedos estavam cobertos de lâminas de bisturi. O rosto era canceroso.

— Será uma grande batalha — disse a coisa, com uma voz pegajosa.

— Não vai ser batalha nenhuma — retrucou o garoto gordo. — Isso aqui é tudo só uma mudança de paradigma. É uma reestruturação. Essa porra de *batalha* é Lao Tzu demais.

A coisa cancerosa piscou.

— Esperando.

E foi essa a resposta.

— Dane-se — retorquiu o garoto gordo. — Estou atrás do senhor World. Você o viu por aí?

A coisa se coçou com uma lâmina de bisturi e, concentrada, projetou um lábio inferior tumoroso para a frente e assentiu.

— Ali.

Sem agradecer, o garoto gordo seguiu a direção indicada. Sem falar nada, a coisa cancerosa esperou até o garoto sumir de vista.

— *Vai ser* uma batalha — declarou, para uma mulher cujo rosto estava manchado de pixels.

Ela fez que sim e se aproximou da coisa.

— E como você se *sente* em relação a isso? — perguntou, com uma voz afetuosa.

A coisa piscou e começou a responder.

O Ford Explorer de Town tinha GPS, uma caixinha prateada que ouvia os satélites e cochichava para o carro a localização, mas ainda assim ele se perdeu ao chegar ao sul de Blacksburg, enveredando por caminhos que

pareciam ter pouca relação com o emaranhado de linhas no mapa da tela. Depois de um tempo, parou em uma estradinha de terra, abaixou o vidro e perguntou para uma mulher branca e gorda que estava sendo puxada por um cachorro no passeio matinal como chegar à fazenda Freixo.

A mulher balançou a cabeça, apontou e falou algo. Town não entendeu o que ela disse, mas agradeceu com um muito obrigado, subiu o vidro e seguiu mais ou menos na direção que ela havia indicado.

Town continuou dirigindo por mais quarenta minutos, indo de estrada em estrada, cada uma mais promissora do que a outra, nenhuma delas levando ao fim desejado. Ele começou a morder o lábio, irritado.

— Estou velho demais para esta merda — resmungou em voz alta, saboreando o ar de celebridade fatigada daquele bordão.

Estava com quase cinquenta anos. Tinha passado a maior parte da vida profissional em um ramo do governo que só era identificado pela sigla, e a saída do funcionalismo público uns doze anos antes para arrumar um emprego no setor privado ainda lhe causava dúvidas: tinha dias em que pensava de um jeito, e tinha dias em que pensava de outro. Enfim, só quem estava de fora achava que havia alguma diferença.

Estava prestes a desistir de achar a fazenda quando subiu uma ladeira e viu a placa pintada à mão presa à porteira. Dizia apenas, como lhe avisaram, FREIXO. Estacionou o Ford Explorer, saiu e torceu o arame que mantinha a porteira fechada. Voltou para dentro do carro e seguiu em frente.

Era como cozinhar um sapo. Só depois de colocar o sapo dentro da água é que se acende o fogo. E, quando o sapo se dá conta de que tem algo errado, já cozinhou. O mundo em que ele trabalhava era estranho demais. Não havia chão firme sob seus pés; a água na panela borbulhava loucamente.

Quando foi transferido para a Agência, tudo parecia muito simples. Agora era tudo muito... não complexo; só bizarro. Tinha se sentado na sala do sr. World às duas da madrugada e recebido suas ordens.

— Entendeu? — disse o sr. World, entregando-lhe a faca com a bainha de couro escuro. — Corte um pedaço da árvore para mim. Não precisa ser muito grande, no máximo um metro.

— Positivo — respondeu ele. — Por que eu preciso fazer isso, senhor?

— Porque eu estou mandando — rebateu o sr. World. — Encontre a árvore. Faça o serviço. Venha me encontrar em Chattanooga. Não perca tempo.

— E o babaca?

— Shadow? Se o vir, ignore-o. Não encoste nele. Nem faça qualquer gracinha. Não quero que você o transforme num mártir. Nosso plano de jogo não tem lugar para mártires.

E ele sorriu aquele sorriso de cicatriz. O sr. World se divertia com facilidade. O sr. Town já havia percebido isso em algumas ocasiões. Ele se divertira bancando o chofer no Kansas, afinal de contas.

— Olhe...

— Nada de mártires, Town.

E Town assentira, levava a faca embainhada, e enterrara bem fundo a raiva acumulada dentro de si.

O ódio do sr. Town por Shadow tinha se tornado parte dele. Quando dormia, via o rosto solene de Shadow, via aquele sorriso que não era um sorriso, o jeito como Shadow sorria sem sorrir que fazia Town ter vontade de enfiar o punho na barriga dele, e mesmo dormindo sentia a mandíbula tensa, as têmporas palpitarem, a garganta arder.

Atravessou o mato com o Ford Explorer e passou por uma casa abandonada. Passou por uma vala, e então viu a árvore. Estacionou um pouco depois e desligou o motor. O relógio no painel indicava 6h38. Deixou a chave na ignição e foi até a árvore.

Era uma árvore grande; parecia existir em uma escala própria. Town não sabia dizer se tinha quinze metros de altura ou sessenta. O tronco era cinza como um cachecol de seda fina.

Um pouco acima do chão, havia um homem amarrado ao tronco por uma trama de cordas, e, ao pé da árvore, Town viu algo embrulhado num lençol. Ele se deu conta do que era ao chegar mais perto. Afastou o lençol com o pé. O rosto parcialmente arruinado de Wednesday o encarou. Imaginou que o corpo estaria cheio de larvas e moscas, mas não havia nenhum inseto ali. Nem sequer cheirava mal. Parecia idêntico ao corpo que ele levava ao hotel.

Town contornou o tronco grosso, escondendo-se dos olhos cegos da casa, e abriu o zíper da calça para mijar na árvore. Fechou o zíper. Foi até a casa, achou uma escada extensível de madeira e voltou. Ele a apoiou cuidadosamente no tronco e subiu.

Shadow estava inerte, pendurado pelas cordas que o prendiam à árvore. Town se perguntou se o homem ainda estava vivo: seu peito não subia nem descia. Morto ou quase, não fazia diferença.

— Oi, babaca — disse Town em voz alta.

Shadow não se mexeu.

Town chegou ao último degrau e pegou a faca. Viu um galho pequeno que parecia atender aos requisitos do sr. World e se pôs a mutilá-lo, cortando-o pela metade e por fim quebrando-o com a mão. Tinha uns setenta centímetros de comprimento.

Guardou a faca na bainha e começou a descer a escada. Quando passou por Shadow, parou.

— Meu deus, como eu odeio você.

Sua vontade era pegar a arma e dar um tiro no homem a sua frente, mas sabia que não podia. Então agitou o galho no ar na direção de Shadow, como se estivesse esfaqueando o sujeito amarrado. Era um gesto instintivo,

continha toda a frustração e a fúria de Town. Imaginou que estava brandindo uma lança e cravando-a na barriga de Shadow.

— Vamos lá — disse ele em voz alta. — Hora de ir embora.

Pensou: *Primeiro sinal de loucura. Falar sozinho.* Desceu mais alguns degraus e pulou para o chão. Olhou para o pedaço de galho e se sentiu um menininho, sacudindo aquilo como se fosse uma espada ou uma lança. *Eu podia ter cortado um galho de qualquer árvore, pensou. Não precisava ter sido esta. Quem é que ia saber?*

E então: *O senhor World saberia.*

Levou a escada de volta para a casa. Achou ter visto algo se mexer e foi espiar pela janela, examinando a sala escura cheia de móveis quebrados, com o reboco das paredes caindo, e, por um instante, num semidevaneio, imaginou ter visto três mulheres sentadas na saleta escura.

Uma delas tricotava. Uma o encarava. Uma parecia dormir. A mulher que o encarava começou a sorrir, um sorriso enorme que parecia rasgar o rosto inteiro, um sorriso que ia de orelha a orelha. Depois, levou um dedo até o pescoço e o deslizou delicadamente de um lado para o outro.

Isso foi o que ele achou ter visto, num piscar de olhos, naquela sala vazia. Ao dar mais uma olhada, viu que ela continha apenas móveis velhos, dejetos de moscas e podridão. Não havia ninguém ali dentro.

Ele esfregou os olhos.

Voltou para o Ford Explorer marrom e entrou no carro. Largou o galho em cima do couro branco do banco do carona. Virou a chave na ignição. O relógio do painel indicou 6h37. Town franziu a testa e olhou o relógio no pulso, que piscou com 13h58.

Ótimo, pensou. Ou eu passei oito horas naquela árvore, ou menos de um minuto. Isso foi o que ele pensou, mas concluiu que a explicação mais óbvia era que, coincidentemente, os dois relógios tinham começado a dar problema.

Na árvore, o corpo de Shadow começou a sangrar. O sangue fluía lentamente de uma ferida na lateral do corpo, e era espesso e escuro como melado.

Ele não se mexia. Se estava dormindo, não acordou.

O topo da montanha Lookout estava coberto de nuvens.

Easter estava sentada a alguma distância da multidão, na base da montanha, observando o amanhecer nas colinas a leste. Tinha uma coroa de não-me-esqueças tatuada em volta do pulso esquerdo, que massageava com o polegar direito, distraída.

Mais uma noite passara e chegara ao fim, e nada acontecera. As pessoas continuavam aparecendo, sozinhas ou aos pares. Na noite anterior haviam

chegado algumas criaturas do sudoeste, incluindo dois meninos do tamanho de uma macieira e algo que ela vira só de relance, mas que parecia uma cabeça sem corpo do tamanho de um Fusca. Eles tinham sumido entre as árvores ao pé da montanha.

Ninguém os incomodou. Parecia que ninguém do mundo exterior sequer se dava conta de que estavam ali: Easter imaginou os turistas em Rock City olhando para eles pelos binóculos, observando o acampamento esvaziado de coisas e pessoas, enxergando apenas árvores e arbustos e pedras.

Sentia o cheiro da fumaça de uma fogueira, um cheiro de bacon torrado conduzido pelo vento frio da aurora. Alguém na outra ponta do acampamento começou a tocar uma gaita, e ela, sem querer, começou a sorrir e a tremer. Trazia um livro na mochila e esperou o céu ficar claro o bastante para poder ler.

Havia dois pontos no céu, logo abaixo das nuvens: um pequeno e um maior. Sentiu no rosto respingos de chuva.

Uma menina descalça saiu do acampamento e foi em sua direção. Parou ao lado de uma árvore, levantou a saia e se agachou. Depois que ela terminou, Easter acenou. A menina foi até ela.

— Bom dia, senhora — cumprimentou a menina. — A batalha vai começar daqui a pouco.

A ponta de sua língua rosada tocou os lábios escarlate. A garota tinha uma asa preta de corvo amarrada aos ombros por uma tira de couro e um pé de corvo pendurado em uma corrente no pescoço. Seus braços exibiam tatuagens azuis de linhas e desenhos e nós complexos.

— Como você sabe?

A menina sorriu.

— Eu sou Macha, de Morrigan. Quando a guerra se aproxima, eu sinto no ar. Sou uma deusa da guerra e estou dizendo: hoje, sangue será derramado.

— Ah — respondeu Easter. — Bom. Fazer o quê?

Observou o ponto menor no céu descer na direção delas, caindo feito pedra.

— E nós os enfrentaremos, e os mataremos, todos eles — disse a menina.

— E faremos de suas cabeças nossos troféus, e os corvos reivindicarão seus olhos e seus cadáveres.

O ponto tinha se transformado em um pássaro, e suas asas abertas navegavam os ventos fortes da manhã acima delas.

Easter inclinou a cabeça para o lado.

— Isso é um saber oculto de deusas da guerra? Essa coisa de “quem vai ganhar”? Quem fica com a cabeça de quem?

— Não — respondeu a menina. — Eu sinto o cheiro da batalha, mas é só. Nós vamos ganhar. Não vamos? *Temos* que ganhar. Eu vi o que eles fizeram com o Pai de Todos. Somos nós ou eles.

— É — concordou Easter. — Acho que sim.

A menina sorriu de novo, à meia-luz, e voltou para o acampamento. Easter abaixou a mão e tocou em um broto verde, que se projetou da terra como um canivete. Tocou novamente na planta, que cresceu e se abriu e se torceu e se transformou, e na mão da deusa agora repousava uma tulipa verde. Quando o sol subisse, a flor desabrocharia.

Easter olhou para o gavião.

— Posso ajudar? — perguntou a ele.

O gavião voou em círculos a uns quatro metros de altura e começou a descer lentamente, pousando no chão e encarando a mulher com olhos ensandecidos.

— Oi, gracinha — cumprimentou a deusa. — Como é que você é de verdade, hein?

O gavião deu um pulo na direção dela, inseguro, e não era mais um gavião, e sim um rapaz. Ele a encarou olhando para a grama em seguida.

— Você? — indagou ele.

O rapaz dirigia o olhar para todos os lados, a grama, o céu, os arbustos. Menos para ela.

— Eu — respondeu Easter. — O que tem eu?

— Você.

O rapaz parou. Parecia estar tentando organizar os pensamentos; expressões estranhas cruzaram e dançaram por seu rosto. *Passou tempo demais como pássaro*, pensou Easter. *Já esqueceu como ser um homem*. Esperou pacientemente.

— Vem comigo? — perguntou ele, enfim.

— Talvez. Aonde você quer que eu vá?

— O homem na árvore. Ele precisa de você. Uma ferida fantasma, no lado. O sangue veio, e parou. Acho que ele morreu.

— Estamos em guerra. Não posso sair assim.

O homem pelado não disse nada, só ficou se mexendo, como se não soubesse lidar com o peso do corpo, como se estivesse acostumado a descansar no ar ou em um galho balançando ao vento, e não na terra sólida e fixa.

— Se ele se for para sempre — explicou —, tudo acaba.

— Mas a batalha...

— Se ele se perder, não importa quem ganhar.

O rapaz parecia precisar de um cobertor e de um copo de café bem doce e de alguém que o levasse para algum lugar onde pudesse tremer e tagarelar até se acalmar. Ele esticou os braços e os manteve colados ao lado do corpo.

— Onde fica isso? É aqui perto?

Ele olhou para a tulipa e balançou a cabeça.

— Muito longe.

— Bem, precisam de mim aqui. Não posso ir embora do nada. Como você espera que eu chegue lá? Não sei se você sabe, mas eu não posso voar que nem você.

— Não — retrucou Hórus. — Você não pode. — E ele olhou para cima, muito sério, e apontou para o outro ponto que voava acima deles, e que descia das nuvens escuras, cada vez mais perto, cada vez maior. — *Ele* pode.

Mais algumas horas dirigindo à toa, e Town agora odiava o GPS quase tanto quanto odiava Shadow. Mas não era um ódio passional. Tinha achado difícil chegar à fazenda, encontrar o grande freixo prateado; *sair* da fazenda era muito mais difícil. Ao que parecia, não fazia diferença que estrada pegava ou que direção seguia naquelas vias estreitas, estradas vicinais que dão voltas e mais voltas e que tinha certeza de que haviam começado como trilhas de veados e gado: Town sempre acabava passando pela fazenda de novo, e pela placa FREIXO pintada à mão.

Era maluquice, não? Só precisava refazer o caminho, virar à esquerda a cada direita que tinha tomado para chegar lá, virar à direita a cada esquerda.

Só que tinha feito isso da última vez, e agora estava ali, de volta à fazenda. Nuvens pesadas se aproximavam, trazendo a tempestade, o dia ficando cada vez mais escuro — parecia noite, não manhã, e ainda tinha muito chão pela frente: naquele ritmo, nunca chegaria a Chattanooga no horário combinado.

O celular exibia uma mensagem de *Sem sinal*, e só. O mapa no portá-luas mostrava as estradas principais, todas as interestaduais e as rodovias de verdade, mas, para ele, nada daquilo existia.

E não havia ninguém por perto para quem pudesse pedir informações. As casas ficavam longe das estradas, e ele não via nenhuma luz acolhedora. E o indicador de combustível estava chegando perto do zero. Town ouviu o rumor de um trovão distante, e uma gota solitária de chuva bateu com força no para-brisa.

Então, quando Town viu a mulher andando pelo acostamento, mesmo sem perceber, abriu um sorriso.

— Graças a Deus — disse em voz alta. Parou ao lado dela e abaixou o vidro da janela do carona. — Senhora? Com licença. Estou meio perdido. Você poderia me dizer como eu faço para chegar à Rodovia 81?

A mulher o encarou.

— Poxa — respondeu —, acho que não sei explicar. Mas posso mostrar, se você quiser.

Ela era bem pálida, e seu cabelo molhado era comprido e escuro.

— Entre — disse Town, sem um pinga de desconfiança. — Antes de mais nada, preciso achar um posto para abastecer.

— Obrigada. Eu precisava de uma carona. — Ela entrou. Seus olhos eram de um azul impressionante. — Tem um galho aqui no banco — comentou, confusa.

— Pode jogar lá atrás. Para onde você vai? — perguntou Town. — Olha, se você puder me levar até um posto de gasolina e até uma rodovia, deixo você em sua casa.

— Obrigada, mas acho que fico depois de você. Se puder me deixar na rodovia, já está bom. Talvez eu consiga uma carona com um caminhoneiro.

E ela sorriu, um sorriso torto e determinado. E foi o sorriso que selou o destino do homem.

— Senhora, minha carona vai ser muito melhor do que a de qualquer caminhoneiro.

— Estou indo para a Geórgia. É longe.

— Eu vou para Chattanooga. Levo você até onde der.

— Hum. Qual é o seu nome?

— As pessoas me chamam de Mack — respondeu o sr. Town. Quando falava com mulheres nos bares, às vezes completava essa apresentação com “E as que me conhecem muito bem me chamam de Big Mack”. Dessa vez, podia deixar a piada para depois. Ele e a mulher no carona ainda teriam muitas horas de viagem para se conhecer. — E o seu?

— Laura.

— Bem, Laura, acho que vamos ser grandes amigos.

O garoto gordo encontrou o sr. World na Sala Arco-Íris — uma área da trilha fechada com janelas cobertas de filmes transparentes de plástico verde, vermelho e amarelo. O sr. World andava impaciente de janela em janela, olhando para fora, alternando-se entre um mundo dourado, um mundo vermelho, um mundo verde. Seu cabelo era ruivo alaranjado e cortado bem rente. Ele usava um sobretudo da Burberry.

O garoto gordo tossiu de leve. O outro homem levantou o rosto.

— Com licença? Senhor World?

— Pois não? Tudo de acordo com a programação?

O garoto gordo estava com a boca seca. Ele umedeceu os lábios.

— Já organizei tudo. Ainda não recebi a confirmação dos helicópteros.

— Eles estarão aqui quando precisarmos.

— Ótimo — respondeu o garoto gordo. — Ótimo.

Ele ficou ali parado, sem falar nada, sem ir embora. Tinha um hematoma na testa.

Depois de algum tempo, o sr. World perguntou:

— Posso ajudar com algo mais?

Uma pausa. O garoto engoliu em seco e assentiu.

— Algo mais. Sim.

— Você ficaria mais à vontade se tratássemos disso em particular?

O menino assentiu de novo.

O sr. World foi com o garoto até seu centro de operações: uma caverna úmida com uma maquete de alambique onde bonecos de duendes bêbados destilavam bebida. Uma placa do lado de fora anunciava reformas e impedia o acesso a turistas. Os dois se sentaram em cadeiras de plástico.

— O que eu posso fazer por você? — perguntou o sr. World.

— É. Tudo bem. Certo, duas coisas, certo. Um. O que a gente está esperando? E dois. A dois é mais difícil. Olha só. Nós temos as armas. Certo. Nós temos o poder de fogo. Eles têm umas porras de espada e facas e umas porras de martelos e machadinhas. E, tipo, chaves de roda. Nós temos bombas *inteligentes*.

— Que não vamos usar — comentou o outro.

— Eu sei. Você já falou isso. Eu sei. E beleza. Mas. Olha, desde que eu fiz aquele serviço naquela puta de Los Angeles eu me sinto... — Ele parou, fez uma careta, parecia não querer continuar.

— Você se sente em conflito?

— É. Boa palavra. *Conflito*. É. Como um abrigo para adolescentes em conflito com a lei. Engraçado. É.

— E com o que exatamente você se sente em conflito?

— Bom, nós lutamos, nós vencemos.

— E essa é a origem do conflito? Isso para mim é motivo de triunfo e felicidade.

— Mas. Eles vão desaparecer de qualquer jeito. São pombos-passageiros e tigres-da-tasmânia. Né? Quem se importa? Assim, vai ser um banho de sangue. Se só esperarmos, vamos ficar com tudo.

— Ah.

O sr. World assentiu.

Ele estava acompanhando. Que bom.

— Olha — disse o garoto gordo —, eu não sou o único que acha isso. Já falei com o pessoal da Radio Modern, e eles todos preferem resolver a situação de forma pacífica; e os Intangíveis praticamente querem deixar que as forças do mercado decidam. Eu estou sendo. Sabe. A voz da razão aqui.

— É verdade. Infelizmente, há informações que você ignora.

O sorriso que ele abriu era retorcido com a cicatriz.

O menino piscou.

— Senhor World? — perguntou. — O que aconteceu com os seus lábios?

World deu um suspiro.

— A verdade — respondeu ele — é que alguém os costurou. Muito tempo atrás.

— Uau. Parada sinistra de *omertà*.

— Sim. Você quer saber o que estamos esperando? Por que não atacamos ontem à noite?

O garoto gordo fez que sim. Suava frio.

— Não atacamos ainda porque eu estou esperando um galho.

— Um galho?

— Isso mesmo. Um galho. E você sabe o que vou fazer com esse galho?

A cabeça gorda balançou.

— Tudo bem. Eu pergunto. O quê?

— Eu poderia falar — respondeu o sr. World, com um tom sombrio. — Mas aí teria que matar você.

Ele deu uma piscadela, e a tensão do ambiente se dissipou.

O garoto gordo começou a rir, uma risada baixa, um grunhido fungado que vinha do fundo da garganta e saía pelo nariz.

— Tudo bem — disse o garoto. — *Hi*. Hi. Tudo bem. Hi. Entendi. Mensagem recebida no Planeta Técnico. Alto e bom som. Che-pe-ga-pa de per-per-gun-pun-ta-pa.

O sr. World balançou a cabeça e apoiou a mão no ombro do garoto gordo.

— Ei. Você quer mesmo saber?

— Pode ser.

— Bom, como nós somos amigos, a resposta é a seguinte: vou pegar esse galho e jogar por cima dos exércitos quando eles se encontrarem. Quando eu fizer isso, o galho vai virar uma lança. E aí, quando a lança estiver sobrevoando a batalha, vou gritar: “Eu dedico esta batalha a Odin.”

— Hein? — perguntou o garoto gordo. — Por quê?

— Por poder — respondeu o sr. World. Ele coçou o queixo. — E alimento. Uma combinação dos dois. Veja bem, o resultado da batalha é irrelevante. O que importa é o caos e a matança.

— Não entendi.

— Vou mostrar. Vai ser bem assim, veja só! — Ele pegou a faca de caça com lâmina de madeira de um bolso do sobretudo da Burberry e, com um movimento fluido, inseriu a lâmina na carne mole embaixo do queixo do garoto gordo e a empurrou com força para cima, na direção do cérebro. — Eu dedico esta morte a Odin — disse, ao cravar a faca.

Sua mão ficou molhada com alguma coisa que não era bem sangue, e ele ouviu um barulho chiado de fâisca saindo de trás dos olhos do garoto gordo. O ar ficou com um cheiro de fio queimado, como se alguma tomada estivesse tendo uma sobrecarga.

A mão do garoto gordo tremeu de forma espasmódica, e ele caiu. A expressão em seu rosto era de confusão e infelicidade.

— Olhe só para ele — disse o sr. World, tranquilamente, em voz alta. — Parece que acabou de ver uma série de zeros e uns virar um bando de pássaros coloridos que saíram voando.

Ali, no corredor de pedra deserto, não houve resposta.

O sr. World pegou o corpo morto e o apoiou nos ombros, como se pesasse muito pouco, abriu a maquete com os duendes e jogou o cadáver dentro do alambique, cobrindo-o com o casaco preto comprido. Decidiu que o desovaria à noite e abriu um sorriso com aquela cicatriz: esconder um corpo em um campo de batalha era quase fácil demais. Ninguém perceberia. Ninguém daria a mínima.

Por um instante, o lugar ficou em silêncio. Então uma voz ríspida que não era a do sr. World pigarreou em meio às sombras e comentou:

— Um bom começo.

DEZOITO

Tentaram rechaçar os soldados, mas os homens abriram fogo e mataram os dois. Então a canção está errada no que diz respeito à cadeia, mas isso foi incluído como licença poética. Nem sempre dá para ter as coisas como acontecem na poesia. A poesia não traz o que poderíamos chamar de verdade. Não tem espaço para isso nos versos.

Comentário de um cantor sobre “The Ballad of Sam Bass”,
A Treasury of American Folklore

NADA DISSO TINHA como estar realmente acontecendo. Se precisar de alguma ajuda, você pode imaginar que se trata de uma simples metáfora. Afinal, religiões são, por definição, metáforas: Deus é um sonho, uma esperança, uma mulher, um ironista, um pai, uma cidade, uma casa de muitos cômodos, um relojoeiro que deixou o melhor cronômetro no deserto, alguém que o ama — talvez até, apesar de tudo provar o contrário, um ser celestial cujo único interesse é garantir que seu time de futebol, seu exército, sua empresa ou seu casamento viceje, prospere e triunfe apesar de todos os reveses.

As religiões são lugares onde se posicionar para olhar e agir, pontos a partir dos quais vemos o mundo.

Dessa forma, nada disso está acontecendo. Esse tipo de coisa jamais poderia ocorrer nestes tempos, nesta era. Nenhuma palavra aqui é uma verdade literal, embora tudo tenha acontecido — e embora o que aconteceu a seguir tenha acontecido assim:

Ao pé da montanha Lookout, que não passa de uma colina muito alta, homens e mulheres se reuniam ao redor de uma fogueira pequena sob a chuva. Eles se abrigavam debaixo de árvores, que eram um abrigo ruim, e discutiam.

A sra. Kali, de pele preta como nanquim e dentes brancos e afiados, anunciou:

— Chegou a hora.

Anansi, com luvas cor de lima e cabelo prateado, balançou a cabeça.

— Podemos esperar — retrucou. — Enquanto *pudermos* esperar, *devemos* esperar.

Um murmúrio de discordância ressoou pela multidão.

— Não, escutem. Ele tem razão — interveio um velho com cabelo cor de ferro: Czernobog. O homem segurava uma pequena marreta, sustentando a cabeça de ferro no ombro. — Eles estão em uma posição mais elevada. O clima não é vantajoso para nós. É loucura começar agora.

Uma coisa que parecia um pouco lobo e um pouco mais homem grunhiu e cuspiu no chão da floresta.

— E quando seria melhor para atacar, *dedushka*? Vamos esperar até o tempo melhorar, quando eles estiverem nos esperando? Digo que é para irmos agora. Para atacar.

— Há nuvens entre nós e eles — observou Isten, dos húngaros.

Isten tinha um bigode preto fino, um chapéu preto grande e empoeirado e o sorriso de um homem que vive de vender revestimentos de alumínio e telhados e calhas para pessoas idosas, mas que sempre some da cidade um dia depois de o cheque compensar, com o trabalho pronto e entregue ou não.

Um homem de terno elegante, que até então não se pronunciara, uniu as mãos, saiu à luz da fogueira e argumentou de forma clara e sucinta. Cabeças assentiram e vozes murmuraram em concordância.

Uma voz emergiu de uma das três mulheres-guerreiras que compunham Morrigan, tão juntas em meio às sombras que tinham se transformado em uma mistura de asas de corvo penduradas e membros com tatuagens azuis.

— Não importa se o momento é bom ou ruim — disse a mulher. — A hora é *agora*. Eles estão matando os nossos. E vão continuar matando, mesmo se ninguém aqui lutar. Talvez a gente triunfe. Talvez a gente morra. Melhor morrermos juntos, atacando, como deuses, do que fugindo, isolados, como ratos em um porão.

Outro murmúrio, dessa vez de grande concordância. A mulher falara por todos. Aquele era o momento.

— A primeira cabeça é minha — anunciou um chinês muito alto, com uma corda de caveiras minúsculas no pescoço.

E se pôs em marcha, devagar e determinado, subindo a montanha, apoiando no ombro um cajado cuja ponta ostentava uma lâmina curva que parecia uma lua prateada.

Nem o Nada dura para sempre.

Podia ter passado dez minutos ou dez mil anos lá, naquele Lugar Que Não Era. Não fazia diferença. O tempo não era mais um conceito necessário.

Não se lembrava mais de seu verdadeiro nome. Sentia-se vazio e purificado, naquele lugar que não era um lugar.

Não tinha forma, não tinha matéria.

Não era nada.

E, em meio a esse nada, uma voz disse:

— Ho-hoka, primo. A gente tem que conversar.

E algo que no passado talvez tivesse sido Shadow respondeu:

— Whiskey Jack?

— É — confirmou Whiskey Jack, no escuro. — Você é um homem difícil de localizar depois que morre. Não foi para nenhum dos lugares que eu imaginei. Tive que procurar em toda parte antes de pensar em vir olhar aqui. Diga, você encontrou sua tribo?

Shadow se lembrou do homem e da jovem na discoteca, debaixo do globo espelhado.

— Acho que encontrei minha família. Mas não, não encontrei minha tribo.

— Sinto muito por ter vindo perturbar.

— Não. Você não sente. Me deixe em paz. É o que eu queria. Para mim, já chega.

— Eles estão vindo — disse Whiskey Jack. — Querem reviver você.

— Mas para mim já deu — respondeu Shadow. — Está acabado, ponto final.

— Nada disso — retrucou Whiskey Jack. — Nunca é assim. Vamos para a minha casa. Quer uma cerveja?

E ele pensou que realmente *queria* uma cerveja.

— Pode ser.

— Pegue uma para mim também. Tem um *cooler* do lado de fora da porta — respondeu Whiskey Jack, apontando. Estavam na casa dele.

Shadow abriu a porta com mãos que ele achava que momentos antes não possuía. Encontrou um *cooler* de plástico cheio de blocos de gelo de rio e, no gelo, doze latas de Budweiser. Pegou algumas, sentou-se no vão da porta e ficou olhando para o vale.

Estavam no alto de uma colina, perto de uma cachoeira cujo fluxo parecia maior devido ao gelo derretido e à erosão causada pela chuva. A água caía em etapas até uns vinte, trinta metros abaixo. O sol refletia no gelo que cobria as árvores acima do lago da cascata. O ar estava dominado pelo som da água caindo.

— Onde estamos? — perguntou Shadow.

— Onde você esteve da última vez — respondeu Whiskey Jack. — Na minha casa. Você vai segurar minha cerveja até esquentar? Que eu saiba, ela não serve como bebida quente.

Shadow se levantou e entregou a latinha ao homem.

— Você não tinha uma cachoeira do lado de casa da outra vez que estive aqui.

Whiskey Jack não respondeu. Abriu a Bud e bebeu metade da lata em um grande gole demorado.

— Você se lembra do meu sobrinho? — perguntou, por fim. — Harry Bluejay? O poeta? Ele trocou o Buick dele pelo seu trailer Winnebago. Lembra?

— Claro. Não sabia que ele era poeta.

Whiskey Jack ergueu o queixo, orgulhoso.

— O melhor poeta de toda a América.

O índio virou o resto da lata de cerveja, arrotou e pegou mais uma enquanto Shadow abria a sua primeira. Os dois se sentaram lá fora mesmo, numa pedra em meio às samambaias verde-claras sob o sol da manhã, e ficaram admirando a cachoeira e bebendo cerveja. Ainda havia neve no chão, nas partes onde as sombras eram perenes e que o sol não tocava.

A terra estava úmida e lamacenta.

— Meu sobrinho era diabético — continuou Whiskey Jack. — Acontece. Demais. Vocês vieram aqui para a América, pegaram nossa cana-de-açúcar, nossas batatas, nosso milho, aí vieram vender batatas fritas e pipoca doce, e nós é que ficamos doentes. — O homem tomou um gole da cerveja, pensativo. — Henry tinha ganhado uns prêmios de poesia. Um pessoal de Minnesota queria incluir os poemas dele num livro. E ele pegou um conversível e foi para lá conversar com essas pessoas. Tinha trocado o seu trailer por um Miata amarelo. Os médicos falaram que ele deve ter entrado em coma enquanto dirigia, que perdeu o controle do carro e bateu numa das placas de trânsito da sua gente. Vocês são preguiçosos demais para olhar em volta e ver onde estão, ler as montanhas e as nuvens, então precisam espalhar placas para tudo que é lado. Então Harry Bluejay se foi para sempre, foi morar com o irmão Lobo. Eu falei: olha, não tem mais nada me prendendo aqui. E vim para o norte. É bom de pescar.

— Sinto muito pelo seu sobrinho.

— Eu também. Por isso estou morando aqui no norte. Bem longe das doenças do homem branco. Das estradas do homem branco. Das placas do homem branco. Dos Miatas amarelos do homem branco. Da pipoca doce do homem branco.

— E da cerveja do homem branco?

Whiskey Jack olhou para a lata.

— Quando seu povo finalmente desistir e voltar para casa, pode deixar as fábricas da Budweiser.

— Onde estamos? — perguntou Shadow. — Ainda estou na árvore? Estou morto? Estou mesmo aqui? Achei que tivesse acabado. O que é real?

— Sim — respondeu Whiskey Jack.

— *Sim?* Que merda de resposta é essa?

— É uma boa resposta. E também é a verdade.

— Você também é um deus?

Whiskey Jack balançou a cabeça.

— Sou um símbolo cultural. A gente é que nem os deuses, só que faz mais merda e ninguém nos idolatra. Até contam histórias nossas, mas as histórias que falam mal de nós são contadas tanto quanto as histórias que falam um pouco bem.

— Entendi. — E Shadow entendia, mais ou menos.

— Olha. Este aqui não é um país bom para deuses. Meu povo percebeu isso logo cedo. Tem os espíritos criadores que encontraram ou fizeram ou cagaram essa terra, mas pense só: quem é que vai louvar o Coiote? Ele fez amor com a Mulher Porco-Espinho e ficou com o pau mais espetado que uma almofada de alfinetes. E ele era capaz de perder uma discussão até para as pedras.

“Então é claro que meu povo entendeu que talvez haja alguma coisa por trás de tudo que existe, um criador, um grande espírito, e meu povo agradece a ele, porque é sempre bom agradecer. Mas nunca construiu igreja nenhuma. Meu povo não precisava disso. A terra era a igreja. A terra era a religião. A terra era mais antiga e mais sábia do que o povo que caminhava nela. A terra dava salmão, milho, búfalos e pombos-passageiros. Dava o arroz selvagem e o picão-verde. Dava melões e abóboras e perus. E meu povo é filho da terra, como o porco-espinho, o gambá e o gaio-azul.”

Ele terminou a segunda cerveja e fez um gesto indicando o rio abaixo da cascata.

— Se você seguir aquele rio por algum tempo, vai chegar aos lagos onde cresce o arroz selvagem. Quando é época, você sai com um amigo numa canoa e joga o arroz selvagem para dentro dela e cozinha, e armazena o arroz, que dá sustento por muito tempo. Lugares diferentes têm alimentos diferentes. Se você avançar bem para o sul, vai ver laranjeiras, limeiras e aquelas árvores bojudas e verdes que dão aquelas frutas que lembram peras, só que...

— Abacates.

— Abacates — concordou Whiskey Jack. — Isso mesmo. Isso não dá por aqui. Aqui é território do arroz selvagem. Dos alces. O que eu estou tentando dizer é que a América é assim. Não é uma terra boa para dar deuses. Eles não crescem bem aqui. São como abacates tentando crescer no terreno do arroz selvagem.

— Eles podem até não crescer muito bem por aqui — retrucou Shadow —, mas estão indo para a guerra.

Foi a única vez que viu Whiskey Jack rindo. A risada era quase um latido, e não parecia conter muito humor.

— Ei, Shadow. Se todos os seus amigos pulassem de um precipício, você também ia pular?

— Talvez.

Shadow se sentia bem. Não achava que fosse só a cerveja. Não conseguia se lembrar da última vez que se sentira tão vivo, tão equilibrado.

— Não vai ser uma guerra.
— E vai ser o quê, então?
Whiskey Jack amassou a lata com as mãos até achatá-la.
— Olha ali — disse, apontando para a cascata.
O sol estava tão alto no céu que se refletia no borriço da água, e uma nuvem de arco-íris pairava no ar. Shadow achou que nunca tinha visto algo tão lindo.
— Vai ser um banho de sangue — declarou Whiskey Jack.
Foi então que Shadow entendeu. Entendeu tudo, era de uma simplicidade gritante. Balançou a cabeça, deu uma risadinha e balançou a cabeça mais um pouco, e a risadinha virou uma gargalhada.
— Tá tudo bem?
— Tudo — respondeu Shadow. — É que acabei de ver os índios escondidos. Não todos. Mas pelo menos vi.
— Devem ser Ho Chunk. Aquele povo nunca foi bom em se esconder.
— Ele olhou para o sol e se levantou. — Hora de voltar.
— Isso não é guerra coisa nenhuma, né? — comentou Shadow. — É um golpe em dupla.
Whiskey Jack deu um tapinha no braço de Shadow, orgulhoso.
— Você não é tão burro assim.
Os dois voltaram para a casa de Whiskey Jack. Ele abriu a porta. Shadow hesitou.
— Eu queria poder ficar aqui com você — comentou. — Parece ser um bom lugar.
— Existem muitos lugares bons — respondeu o índio. — Aí é que está. Veja só, os deuses morrem quando são esquecidos. As pessoas também. Mas a terra continua aqui. Os lugares bons e os ruins. A terra não vai a lugar algum. E nem eu.
Shadow fechou a porta. Algo o puxava. Estava outra vez sozinho no escuro, mas a escuridão foi ficando cada vez mais clara, até arder como o sol.
Então veio a dor.

Uma mulher caminhava por uma campina, e flores primaveris desabrochavam por onde ela passava. Naquele lugar e naquele tempo, a mulher se chamava Easter.

Easter passou por um lugar onde, em um passado muito distante, havia uma casa. Algumas paredes ainda se mantinham de pé, erguendo-se em meio ao mato crescido como dentes podres. Caía uma chuva fina. As nuvens estavam escuras e baixas, e fazia frio.

Um pouco além do lugar onde a casa estivera, havia uma árvore enorme e prateada que parecia ter sofrido com o inverno e morrido, completamente desfolhada, e, na frente dela, no mato, repousavam retalhos esfarrapados de um tecido sem cor. A mulher parou perto do tecido, abaixou-se e pegou uma coisa branca, meio amarelada: um fragmento de osso bastante roído que talvez, em algum momento, tivesse sido parte de um crânio humano. Ela jogou a coisa de volta no chão.

Então olhou para o homem na árvore e deu um sorriso irônico.

— Eles realmente não são tão interessantes quando estão pelados — comentou. — Metade da diversão está no ato de desempacotar. É como com presentes. E com os ovos.

O homem com cabeça de gavião que vinha a seu lado olhou para baixo, para o próprio pênis, e pareceu, pela primeira vez, tomar consciência da própria nudez.

— Eu consigo olhar para o sol sem piscar — anunciou.

— Que habilidade impressionante — respondeu Easter, numa voz tranquilizadora. — Agora vamos tirá-lo dali de uma vez.

As cordas úmidas que prendiam Shadow à árvore já estavam havia muito desgastadas e apodrecidas, e se romperam fácil quando a mulher e o gavião o puxaram. O corpo na árvore escorregou pelo tronco até as raízes, e os dois o pegaram no meio da queda e o carregaram sem dificuldade, embora o homem fosse muito grande, e o deitaram no mato cinzento.

O corpo estava frio e não respirava. Uma mancha de sangue seco despontava na lateral, como se tivesse sido apunhalado por uma lança.

— E agora?

— Agora vamos aquecê-lo — respondeu Easter. — Você sabe o que fazer.

— Eu sei. Mas não consigo.

— Se não quer ajudar, não devia ter me chamado.

— Mas foi há muito tempo.

— Foi há muito tempo para todos nós.

— E eu já estou bem desatinado.

— Eu sei.

A mulher estendeu a mão pálida na direção de Hórus e tocou seu cabelo preto. O deus piscou enquanto a encarava, tenso. Então pareceu tremeluzir, como se estivesse atrás de uma nuvem de calor que subia do chão quente.

O olho de gavião que a encarava emitiu um brilho alaranjado, como se uma chama tivesse acabado de ser atizada lá dentro — uma chama havia muito apagada.

O gavião levantou voo, traçando círculos em uma espiral ascendente, contornando o lugar onde o sol talvez estivesse atrás das nuvens cinzentas, e, conforme o gavião subia, surgiu primeiro um ponto, depois um borrão, e, depois, a olho nu, nada de diferente do que já havia ali, algo que só podia

ser imaginado. As nuvens começaram a se dissipar, abrindo uma área de céu azul por onde o sol encarava o mundo. O raio luminoso solitário que penetrou as nuvens e banhou a campina era lindo, mas a imagem do único feixe de luz foi se desfazendo conforme mais nuvens desapareciam. Logo o sol da manhã ardia sobre a campina como um sol de meio-dia no verão, esquentando o vapor da chuva até se transformar em neblina, e a neblina, em nada.

O sol dourado banhou o corpo no chão com seu brilho e calor. Manchas rosadas e de um marrom quente tocaram a coisa morta.

A mulher passou os dedos da mão direita bem de leve pelo peitoral do corpo. Imaginou sentir um estremecimento — algo que não era bem um batimento cardíaco, mas... Repousou a mão ali, no peito dele, logo acima do coração.

Então baixou os lábios até os de Shadow e respirou dentro dos pulmões dele, delicadamente, impelindo o ar para dentro e para fora, e a respiração se transformou em um beijo. Seu beijo era suave e tinha sabor de chuva de primavera e flores campestres.

O sangue voltou a fluir da ferida na lateral do corpo, um sangue escarlate que pingava como rubis líquidos reluzindo ao sol — até que o sangramento parou.

Easter o beijou na bochecha e na testa.

— Vamos — disse. — É hora de acordar. Tudo está acontecendo. Você não vai querer perder.

As pálpebras de Shadow estremeceram e se abriram, revelando dois olhos de um tom tão escuro de cinza que chegava a ser desprovido de cor — o cinza do anoitecer —, e ele olhou para a mulher.

Easter sorriu e tirou a mão do peito dele.

— Você me chamou de volta — comentou ele.

As palavras saíam lentamente, como se tivesse esquecido como falar. A voz tinha uma nota de mágoa e de confusão.

— Sim.

— Eu já tinha acabado tudo. Fui julgado. Era o fim. Você me chamou de volta. Você se atreveu.

— Sinto muito.

— Sim.

Ele se sentou bem devagar. Fez uma careta e levou a mão à lateral do corpo. E pareceu confuso: sentia uma gota de sangue úmido, mas nenhum ferimento por baixo.

Shadow estendeu a mão, e a mulher o envolveu com um braço e o ajudou a se levantar. Ele passou o olhar pela campina, como se tentasse lembrar o nome das coisas que via: as flores no mato alto, as ruínas da casa, a nuvem de brotos verdes que manchava os galhos da árvore cinzenta imensa.

— Você se lembra? — perguntou a mulher. — Você se lembra do que descobriu?

— Sim. Mas vou esquecer. Como um sonho. Sei disso. Perdi meu nome e perdi meu coração. E você me trouxe de volta.

— Sinto muito — disse a mulher, pela segunda vez. — Eles vão lutar daqui a pouco. Os velhos deuses e os novos.

— E vocês querem que eu lute por vocês? Perdeu seu tempo.

— Eu lhe trouxe de volta porque era isso que eu precisava fazer — respondeu a mulher. — É o que eu posso fazer. É o que faço de melhor. E agora o que você vai fazer é o que tiver que fazer. Você decide. Eu fiz a minha parte.

De repente, Easter se deu conta da nudez dele e corou num tom de vermelho intenso, então desviou o olhar.

Sombras iam subindo a montanha, sob a chuva e as nuvens, seguindo as trilhas em meio às rochas.

Raposas brancas avançavam morro acima, acompanhadas de homens ruivos de casacos verdes. Um minotauro com cabeça de touro caminhava ao lado de um dáctilo com dedos de ferro. Um porco, um macaco e um *ghoul* de dentes afiados escalavam a colina acompanhados de um homem de pele azul que carregava um arco em chamas, um urso com flores entrelaçadas no pelo e um homem com cota de malha dourada levando uma espada de olhos.

O belo Antínoo, que fora amante de Adriano, subia a colina à frente de uma companhia de *gogo boys* com roupas de couro, os braços e o tórax perfeitamente esculpido.

Um homem de pele cinza cujo olho ciclópico lembrava um imenso cabochão de esmeralda avançava morro acima com dificuldade, à frente de alguns homens atarracados de pele morena e rosto impassível tão simétrico quanto as esculturas astecas — eles conheciam os segredos que a selva engolira.

Um atirador de elite no alto do morro mirou cuidadosamente uma raposa branca e atirou. Uma explosão, um leve ruído de cordite, cheiro de pólvora no ar úmido. O cadáver era de uma jovem japonesa com a barriga arreventada e o rosto todo ensanguentado. Aos poucos, o corpo começou a se desvanecer.

Eles continuaram escalando, em duas ou quatro pernas, ou sem perna alguma.

A viagem pelo interior montanhoso do Tennessee tinha sido de uma beleza extraordinária em todos os momentos de trégua da tempestade, e cheia de uma ansiedade arrasadora sempre que a chuva desabava. Town e Laura tinham conversado sem parar. O agente estava muito feliz por tê-la conhecido. Era como conhecer uma velha amiga, uma velha e boa amiga que ele nunca tinha visto. Conversaram sobre história, cinema e música, e Town descobriu que Laura era a única pessoa — sério, a única outra pessoa que ele conhecia — que tinha visto um filme estrangeiro (o sr. Town tinha certeza de que era espanhol, e Laura tinha certeza de que era polonês) dos anos 1960 chamado *O Manuscrito de Saragoça*, um filme que ele já tinha começado a pensar que fora um sonho seu.

Quando Laura apontou para o primeiro celeiro VISITE ROCK CITY, Town deu uma risadinha e admitiu que era para lá que estava indo. Ela comentou como isso era legal. Sempre teve vontade de visitar aquele tipo de lugar, mas nunca arrumava tempo e depois se arrependia. Era por isso que estava na estrada. Estava vivendo uma aventura.

Laura contou que era agente de viagens. Havia se separado do marido. Admitiu que achava que não voltariam e disse que era a culpada.

— Não acredito.

Laura suspirou.

— É verdade, Mack. Eu simplesmente não sou mais a mulher com quem ele se casou.

Bom, disse o sr. Town, as pessoas mudam — e, sem nem pensar, começou a falar tudo o que *podia* contar sobre a própria vida, contou até sobre Woody e Stoner, sobre eles três serem os três mosqueteiros, e como os dois tinham sido mortos, e a gente imagina que trabalhar para o governo endurece o coração para esse tipo de coisa, mas o dele nunca endureceu. Nunca endureceu.

E Laura estendeu a mão — estava fria, então Town ligou o aquecimento do carro — e apertou a dele com força.

À tarde, os dois almoçaram comida japonesa ruim enquanto caía uma tempestade de raios em Knoxville, e Town não se importou de a comida ter demorado, o missô ter vindo frio e o sushi não estar fresco.

Adorava tê-la por perto, vivendo uma aventura.

— Bom — confidenciou Laura —, eu odiava a ideia de ficar enterrada para sempre lá na minha cidade. Já estava apodrecendo. Então fui embora, não peguei meu carro nem meus cartões de crédito. Só contando com a generosidade das pessoas. E me diverti muito. As pessoas têm sido muito boas comigo.

— Você não tem medo? — perguntou Town. — Quer dizer, pode se perder, ser assaltada, passar fome.

Laura balançou a cabeça. Depois, com um sorriso hesitante, disse:

— Eu conheci você, não foi?

E Town não soube o que responder.

Depois do almoço, correram debaixo da tempestade até o carro, cobrindo a cabeça com jornais em japonês, rindo como crianças na chuva.

— Até onde eu posso levar você? — perguntou o agente, quando entraram no carro.

— Vou até onde você for, Mack — respondeu ela, acanhada.

Town ficou feliz por não ter usado a cantada do “Big Mack”. Sabia, no fundo da alma, que aquela não era uma mulher de uma noite só, dessas que se encontra num bar qualquer. Podia ter levado cinquenta anos, mas finalmente a encontrara: aquela era a mulher da sua vida, louca e mágica, de cabelo escuro comprido.

Era amor.

— Olha — começou ele, quando chegavam em Chattanooga. Os limpadores do para-brisa espalharam a chuva pelo vidro, borrando a cidade cinzenta. — Que tal eu arrumar um hotel para você passar a noite? Eu pago. E, depois que eu fizer essa entrega, a gente podia... Bem, a gente podia tomar um banho de banheira juntos, para começar. Para você se esquentar.

— Parece maravilhoso — respondeu Laura. — O que você vai entregar?

— Minha vara — respondeu ele, com uma risadinha. — Aquela que está ali, no banco de trás.

— Sei — rebateu a mulher, entrando na brincadeira. — Tudo bem, não precisa falar, senhor Mistério.

Town falou que seria melhor ela esperar dentro do carro no estacionamento enquanto ele fazia a entrega. O agente foi guiando o carro pela subida da montanha Lookout, em meio à chuva e ao vento, com o farol alto e sem nunca passar de cinquenta por hora.

Pararam nos fundos do estacionamento. Town desligou o motor.

— Ei, Mack. Eu não vou ganhar um abraço antes de você sair do carro? — perguntou Laura, abrindo um sorriso.

— Mas é claro que vai — respondeu o sr. Town, passando os braços ao redor da mulher, que se aninhou nele enquanto a chuva batucava no teto do Ford Explorer.

Town sentiu o cheiro do cabelo dela. Tinha um odor vagamente desagradável por baixo do perfume. Viajar sempre trazia esses aborrecimentos. Chegou à conclusão de que aquele banho era uma necessidade urgente para ambos. Ficou imaginando se haveria algum lugar de Chattanooga onde comprar aqueles sais de banho perfumados que sua primeira esposa adorava. Laura ergueu a cabeça e acariciou o pescoço dele com a mão, distraída.

— Mack... eu estava pensando... Você deve estar doido para saber o que aconteceu com aqueles seus amigos. O Woody e o Stone. Não é?

— É — respondeu ele, baixando os lábios na direção dos dela para o primeiro beijo do casal. — Quero mesmo.
Então Laura mostrou.

Shadow caminhou pela campina, traçando círculos lentos ao redor do tronco da árvore, afastando-se pouco a pouco. Às vezes parava e pegava alguma coisa: uma flor, uma folha, uma pedrinha, um graveto, uma folhinha de grama. Examinava o objeto atentamente, como se estivesse concentrado na *gravetice* do graveto, na *folhice* da folha, como se estivesse vendo as coisas pela primeira vez.

A cena lembrou a Easter o olhar de um bebê, naquela fase em que a criança aprende a se concentrar.

Não se atrevia a falar com Shadow. Naquele momento, teria sido um sacrilégio. Ela o observava, exausta, e refletia.

A uns seis metros do tronco da árvore, Shadow achou uma sacola de pano um pouco encoberta pelo mato alto e por trepadeiras mortas. Pegou, desfez os nós da corda com a boca e a abriu.

As roupas lá dentro eram suas. Eram velhas, mas ainda dava para usar. Examinou os sapatos atentamente. Alisou o tecido da camisa, a lã do suéter, olhou para as peças como se tudo aquilo tivesse mais de um milhão de anos.

Durante algum tempo, ficou olhando as roupas. Depois, uma a uma, vestiu-as.

Enfiou as mãos nos bolsos e pareceu confuso ao erguer uma das mãos e ver que segurava algo que Easter achou que parecia uma bola de gude branca e cinza.

— Nenhuma moeda — comentou.

Era a primeira coisa que Shadow falava nas últimas horas.

— Nenhuma moeda? — repetiu Easter.

Ele balançou a cabeça.

— Era bom ter moedas — declarou. — Assim eu sempre tinha algo para fazer com as mãos.

Shadow se abaixou para calçar os sapatos.

Vestido, ele parecia mais normal. Só que sério. Easter ficou imaginando quão grande seria a distância que Shadow percorrera, e o que voltar havia lhe custado. Não era o primeiro retorno que ela iniciara, e sabia que não demoraria até que o olhar perdido se dissipasse e as lembranças e os sonhos que ele trouxera da árvore fossem suprimidos pelo mundo de coisas tangíveis. Era sempre assim.

Easter foi mostrando o caminho até o fim da campina. Sua montaria esperava entre as árvores.

— Ele não consegue levar nós dois — anunciou ela. — Vou dar meu jeito de voltar para casa.

Shadow assentiu. Parecia tentar se lembrar de algo. Então abriu a boca e grasnou um voto de alegria e boas-vindas.

O pássaro do trovão abriu o bico cruel e soltou um grasnado de boas-vindas em resposta.

Por fora, pelo menos, a ave parecia um condor. As penas eram pretas e tinham um brilho arroxeadado, com um anel branco no pescoço. O bico era preto e cruel: o bico de uma ave de rapina, feito para rasgar a carne. Repousando no chão, com as asas dobradas, era do tamanho de um urso-negro, e a cabeça ficava na mesma altura da cabeça de Shadow.

— Fui eu que o trouxe — anunciou Hórus, orgulhoso. — Eles vivem nas montanhas.

Shadow assentiu.

— Eu já sonhei com pássaros do trovão — comentou. — O pior sonho que já tive.

O pássaro do trovão abriu o bico e soltou um ruído surpreendentemente gentil: *Crawru?*

— Você também ouviu meu sonho? — perguntou Shadow.

Ele estendeu a mão e afagou delicadamente a cabeça da ave. O pássaro do trovão forçou a cabeça contra a mão dele como um pônei carinhoso. Shadow coçou atrás de onde deveriam ficar as orelhas.

Ele se virou para Easter.

— Você veio voando nele?

— Sim. Pode voar nele na volta, se ele permitir.

— Como faço para montar?

— É fácil. A não ser que você caia. É que nem montar um relâmpago.

— Vamos nos encontrar lá?

Ela balançou a cabeça.

— Para mim já deu, meu bem. Vá fazer o que você precisa fazer. Eu estou muito cansada. Trazer você de volta daquele jeito... exigiu muito de mim. Preciso descansar, poupar energia até o meu festival. Sinto muito. Boa sorte.

Shadow assentiu.

— Whiskey Jack. Eu o vi. Depois que morri. Ele veio e me achou. Nós bebemos cerveja.

— Sim — respondeu Easter. — Não duvido.

— Algum dia nos veremos outra vez? — perguntou Shadow.

A deusa o encarou com seus olhos verdes como as folhas. Não respondeu. De repente, balançou a cabeça.

— Duvido muito.

Shadow subiu nas costas do pássaro do trovão com dificuldade. Sentia-se como um rato nas costas de um gavião. Um gosto de ozônio lhe veio à

boca, um sabor metálico e azul. Algo estalou. O pássaro abriu as asas e começou a batê-las com força.

Quando o chão desabou para longe, muito mais abaixo deles, Shadow se segurou firme, sentindo o coração se debatendo no peito como um bicho selvagem.

Era exatamente como montar um relâmpago.

Laura pegou o galho no banco traseiro. Deixou o sr. Town no banco da frente do Ford Explorer, saiu do carro e andou debaixo da chuva até Rock City. A bilheteria estava fechada. A porta da loja de suvenires não estava trancada, então ela entrou e passou pelos doces que imitavam pedra e pelos comedouros para pássaros em que se lia VISITE ROCK CITY — e adentrou a Oitava Maravilha do Mundo.

Ninguém a impediu, embora houvesse várias pessoas no caminho, homens e mulheres sob a chuva. Muitos pareciam vagamente artificiais, e alguns eram translúcidos. Laura cruzou uma ponte de corda suspensa. Passou pelos jardins de veados brancos e se espremeu pelo Aperto do Gordo, um ponto em que a trilha se espremia entre dois paredões de pedra.

Quando chegou ao fim da trilha, pulou uma corrente com uma placa que anunciava que aquela parte da atração estava fechada e entrou em uma caverna, onde viu um homem sentado numa cadeira de plástico diante de uma representação em miniatura de uma cena de gnomos bêbados. O homem estava lendo o *The Washington Post* à luz de um pequeno lampião elétrico. Quando a viu, dobrou o jornal e o colocou embaixo da cadeira. Ele se levantou — um homem alto de cabelo laranja bem curto, usando um casaco caro — e a cumprimentou com uma discreta mesura.

— Devo supor que o senhor Town está morto — disse ele. — Bem-vinda, portadora da lança.

— Obrigada. Sinto muito pelo Mack — respondeu Laura. — Vocês eram amigos?

— Nem um pouco. Ele tinha a obrigação de sobreviver, se quisesse continuar no emprego. Mas vejo que você trouxe a vara dele. — O homem a observou de cima a baixo com olhos que brilhavam como brasas incandescentes em uma fogueira prestes a se apagar. — Receio que você esteja em vantagem. Aqui, no topo dessa colina, me chamam de senhor World.

— Eu sou a esposa de Shadow.

— Claro. A bela Laura. Eu devia ter reconhecido você. Shadow tinha várias fotos suas em cima da cama, na cela que a gente dividia. E espero que não se importe com o comentário, mas acho que você está muito mais

bonita do que deveria. Não era para você estar mais adiantada na rota da ruína e da decomposição?

— Eu estava — respondeu Laura, simplesmente. — Estava muito mais adiantada. Não sei bem o que mudou. Só sei quando foi que comecei a me sentir melhor. Foi hoje de manhã. Aquelas mulheres na fazenda me deram um pouco de água do poço delas.

O homem ergueu a sobrancelha.

— O Poço de Urd? Não pode ser.

Laura apontou para si mesma. A pele estava pálida, e os olhos, encovados, mas ela parecia nitidamente inteira: se fosse mesmo um cadáver ambulante, não fazia muito tempo que havia morrido.

— O efeito não vai durar muito — comentou o sr. World. — As Nornas só lhe deram um gostinho do passado. E esse gostinho daqui a pouco vai se dissolver no presente, e aí esses seus lindos olhos azuis vão saltar para fora das órbitas e escorrer por esse rostinho bonito, que a essa altura, claro, não vai mais ser tão bonito. A propósito, você está segurando a minha vara. Posso pegar, por favor?

O homem sacou um maço de Lucky Strike, puxou um cigarro e o acendeu com um isqueiro Bic preto descartável.

— Posso fumar um? — pediu Laura.

— Claro. Eu lhe dou um cigarro se você soltar a minha vara.

— Não. Se você quer tanto isto aqui, deve valer mais do que um cigarro.

O sr. World não se pronunciou.

— Quero respostas — declarou Laura. — Quero informações.

O homem acendeu um cigarro e passou para ela. Laura o pegou e tragou. Então deu uma piscadela.

— Quase consigo sentir este aqui. Acho que consigo. — Ela abriu um sorriso. — Hum. Nicotina.

— Sim. E por que você foi até as mulheres na fazenda?

— Shadow me falou para ir atrás delas. Ele me disse para pedir água.

— Fico imaginando se ele sabia qual seria o resultado. Provavelmente não. Bem, esse é o lado bom de ele estar morto na árvore. Agora eu sempre sei onde ele está. Fora do jogo.

— Vocês armaram para o meu marido — acusou Laura. — Foi uma armação desde o começo. Ele tem um bom coração, sabia?

— Sim — respondeu o sr. World. — Eu sei.

— E por que vocês queriam justo ele?

— Pelos padrões e pela distração. Quando tudo acabar, acho que vou afiar um galho de visco e depois passar lá na árvore para enfiá-la no olho dele. É isso que aqueles idiotas brigando lá fora nunca conseguiram entender. Nunca foi uma questão de velho e novo. Só de padrões. Agora me dê a minha vara, por favor.

— Por que você quer isso?

— É uma lembrança dessa zona infeliz — respondeu o sr. World. — Não se preocupe, não é visco. — Ele deu um sorriso. — Simboliza uma lança, e, neste mundo infeliz, o símbolo é a coisa em si.

Os barulhos lá fora ficaram mais altos.

— De que lado você está? — perguntou Laura.

— Não se trata de lados. Mas, já que você perguntou, estou do lado vencedor. Sempre. É o que faço de melhor.

Laura assentiu, mas não entregou o galho.

— Estou vendo.

Ela deu as costas para o sr. World e olhou para fora da caverna. Nas pedras lá embaixo, viu algo brilhando e pulsando. A coisa envolvia um homem barbudo e magro de rosto lilás, que contra-atacava com um rodinho — o tipo de rodinho que gente como ele esfrega em para-brisas de carros parados no sinal. Um grito ecoou, e os dois desapareceram.

— Tudo bem. Vou entregar.

A voz do sr. World veio de trás dela.

— Boa menina — disse ele, com um tom que Laura achou ao mesmo tempo condescendente e vagamente masculino. Aquilo lhe deu calafrios.

Ela esperou na entrada de pedra até ouvir a respiração dele bem perto do ouvido. Tinha que esperar até que ele estivesse perto o bastante. Pelo menos disso ela sabia.

A viagem foi mais do que empolgante, foi eletrizante.

Eles cortaram a tempestade como raios irregulares, voando de nuvem em nuvem, deslocando-se como o rugido do trovão, como a dilatação e a brutalidade de um furacão. Era uma viagem estrondosa impossível, e quase que imediatamente Shadow esqueceu que deveria sentir medo. Não dá para sentir medo voando num pássaro do trovão. Ali não existe medo, só o poder da tempestade, implacável e voraz, e o êxtase do voo.

Shadow enfiou os dedos entre as penas da criatura e sentiu a pele pinicar com a estática. Faíscas azuis deslizaram por suas mãos como serpentes minúsculas. A chuva lavava seu rosto.

— Isso é o máximo! — gritou ele, em meio ao rugido da tormenta.

Como se tivesse entendido, o pássaro se elevou cada vez mais, e cada batida de suas asas era o estrondar de um trovão, então mergulhou e pairou e atravessou as nuvens escuras.

— No meu sonho, eu estava caçando você — comentou Shadow, e suas palavras foram arrancadas pelo vento. — No meu sonho. Eu tinha que conseguir uma pena.

Sim. A palavra foi um estalo de estática em seu rádio mental. Eles vinham atrás de nós em busca de penas, para provar que eram homens, e vinham arrancar a pedra de dentro de nossa cabeça para dar nossa vida aos mortos.

Uma imagem tomou a mente de Shadow: um pássaro do trovão — imaginou que fosse uma fêmea, já que a plumagem era marrom, não preta — caído na montanha, um cadáver recente. Havia uma mulher ao lado do animal. Ela tinha quebrado o crânio da criatura com um pedaço de pedra. Ficou remexendo os fragmentos úmidos de osso e miolos até achar uma pedra lisa e translúcida, ocre como uma granada, com chamas opalescentes bruxuleando no interior. *Pedras de águia*, pensou Shadow. A mulher ia levar a pedra para o filho, um bebê que morrera três noites antes, e a colocaria sobre seu pequenino peito frio. Quando o sol nascesse outra vez, o menino estaria vivo e risonho, e a gema, cinzenta e opaca. E, como o pássaro de onde fora roubada, completamente morta.

— Entendi — disse ao pássaro.

O animal ergueu a cabeça e grasnou, e seu grasnado foi o trovão.

O mundo abaixo passou num relâmpago, como um sonho estranho.

Laura endireitou a mão, segurando melhor o galho, e ficou esperando o homem que conhecia como sr. World chegar mais perto. Estava de costas, olhando para a tempestade e as colinas verde-escuras abaixo.

Neste mundo infeliz, pensou, o símbolo é a coisa. É mesmo.

Sentiu a mão dele em seu ombro direito, de leve.

Ótimo, pensou. Ele não quer me deixar nervosa. Está com medo de que eu jogue o galho dele no meio da tempestade, de que a vara role montanha abaixo e ele o perca.

Laura se inclinou para trás, só um pouco, apoiando as costas no peito do sr. World, que a envolveu com o braço esquerdo. Um gesto íntimo. Ele abriu a mão esquerda diante dela. Laura fechou as duas mãos em volta do galho, soltou o ar e se concentrou.

— Minha vara. Agora — sussurrou o sr. World no ouvido de Laura.

— Sim — respondeu ela —, a sua vara. — E então, sem saber se teria qualquer efeito, acrescentou: — Dedico esta morte a Shadow.

E cravou a vara no próprio peito, logo abaixo do esterno, sentindo a madeira se retorcer e se transformar em uma lança em suas mãos.

Desde que morrera, a fronteira entre a dor e o sentir era confusa. Sentiu a ponta da lança penetrar o tórax, sentiu que a madeira a atravessava e saía pelas costas. Um instante de resistência — fez mais força —, e a lança penetrou no sr. World. Sentiu o hálito morno dele na pele fria do pescoço quando o homem gritou de dor e surpresa, empalado pela lança.

Laura não reconheceu as palavras que ele falou, nem o idioma. Empurrou a lança mais fundo, forçando-a através do próprio corpo, atravessando o dele.

Sentiu um jorro do sangue quente do sr. World nas costas.

— Sua piranha — disse ele. — Sua piranha escrota.

A voz saía meio gorgolejante. Laura imaginou que a lâmina da lança tinha perfurado um pulmão. O sr. World começou a se mexer — ou tentar se mexer —, e cada movimento também balançava o corpo de Laura: os dois estavam unidos por aquela vara, empalados juntos como dois peixes em uma mesma lança. Reparou que o homem brandia uma faca, golpeando-a no tórax e nos peitos em movimentos aleatórios e impetuosos, sem ver o que estava fazendo.

Laura não se importava. Que diferença fariam mais punhaladas em um cadáver?

Bateu com força no pulso inquieto dele, e a faca caiu no chão da caverna. Laura a chutou para longe.

O homem chorava e gritava. Sentia que ele a empurrava, as mãos se atrapalhando contra suas costas, as lágrimas quentes caindo em sua nuca. Suas costas estavam encharcadas com o sangue dele, que escorria entre suas pernas.

— Que cena deplorável — murmurou, com um suspiro mórbido, mas não desprovido de um toque de humor sombrio.

Sentiu o sr. World cambalear atrás de si e cambaleou também. Escorregou no sangue — todo dele — que se acumulava no chão da caverna, e os dois caíram.

O pássaro do trovão pousou no estacionamento de Rock City. Chovia muito. Shadow mal conseguia ver um palmo à frente do nariz. Relaxou as mãos que agarravam as penas da criatura e deslizou para o asfalto molhado, quase caindo.

O pássaro olhou para ele. Um relâmpago reluziu, e o pássaro desapareceu.

Shadow se levantou.

O estacionamento estava quase todo vazio. Shadow foi andando para a entrada. Passou por um Ford Explorer marrom estacionado perto de um muro de pedra. O carro era extremamente familiar, e ele olhou lá para dentro com curiosidade e reparou no homem caído sobre o volante como se estivesse dormindo.

Shadow abriu a porta do motorista.

A última vez que vira o sr. Town tinha sido do lado de fora do hotel no centro da América. A expressão no rosto dele era de surpresa. O pescoço

tinha sido quebrado por mãos hábeis. Shadow encostou no rosto do homem. Ainda morno.

Sentiu um cheiro dentro do carro — era fraco como entrar num quarto e sentir o perfume de alguém que esteve ali muito tempo antes, mas Shadow reconheceria aquele aroma em qualquer lugar. Fechou a porta do carro e atravessou o estacionamento.

Enquanto andava, sentiu uma pontada na lateral do corpo, uma dor aguda e súbita que deve ter sido imaginária, pois durou apenas um segundo, ou menos.

Não viu ninguém na loja de suvenires, ninguém na bilheteria. Passou pelo edifício e entrou nos jardins de Rock City.

Trovões ressoavam, sacudindo os galhos das árvores e as profundezas das pedras imensas, e a chuva caía com uma violência fria. Ainda estava de tarde, mas já parecia escuro como se fosse noite.

Um rastro de relâmpagos cortou as nuvens, e Shadow se perguntou se era o pássaro do trovão voltando para o alto do penhasco ou se era apenas uma descarga atmosférica ou se as duas ideias eram, de alguma forma, a mesma coisa.

E claro que eram. Afinal, a questão era justamente essa.

Em algum lugar, uma voz de homem gritou. Shadow ouviu. Tudo o que entendeu — ou que pensou ter entendido — foi “... *a Odin!*”.

Shadow atravessou correndo o Pátio de Bandeiras dos Sete Estados, cujas lajotas estavam perigosamente cobertas de água da chuva. Chegou a escorregar uma vez na pedra lisa. Nuvens espessas cobriam a montanha e, na penumbra da tempestade, para além do pátio, Shadow não via nenhum estado.

Não havia som. O lugar parecia totalmente abandonado.

Ele gritou, e imaginou ter ouvido algo responder. Andou na direção do lugar de onde achou que o som tivesse vindo.

Ninguém. Nada. Só uma corrente restringindo o acesso de visitantes a uma caverna.

Shadow passou por cima da corrente.

Olhou em volta, tentando enxergar no escuro.

Sentiu um arrepio.

Uma voz atrás dele, nas sombras, sussurrou, bem baixinho:

— Você nunca me decepcionou.

Shadow não se virou.

— Que estranho — respondeu. — Eu acho que decepcionei a mim mesmo desde que isso tudo começou. Sem parar.

— Mas é claro que não — respondeu a voz, meio risonha. — Você fez tudo o que devia fazer e mais. Roubou a atenção de todos, e ninguém olhou para a mão que segurava a moeda. É o que chamam de distração. E o sacrifício de um filho gera poder... poder suficiente para colocar a bola em

jogo, talvez até mais do que o suficiente. Falando a verdade: estou orgulhoso de você.

— Um jogo roubado — comentou Shadow. — Pura trapaça. Nada daquilo era verdade. Era só a preparação para um massacre.

— Exatamente — concordou a voz de Wednesday, das sombras. — O jogo era roubado. Mas era o único jogo rolando na cidade.

— Quero ver Laura. E Loki. Cadê eles?

Silêncio. Sentiu respingos de chuva no rosto. Em algum lugar próximo, um trovão rimbombou.

Ele avançou ainda mais.

Loki Lie-Smith estava sentado no chão, as costas apoiadas em uma jaula de metal. Dentro da jaula, se desenvolvia uma cena de duendes bêbados trabalhando no alambique. Ele estava enrolado em um cobertor. Só o rosto estava visível, e as mãos compridas e brancas despontavam por cima do cobertor. Com as pilhas quase acabando, o lampião emitia uma luz fraca amarela.

Loki parecia pálido, parecia mal.

Mas os olhos... Os olhos ainda ardiam. E ainda encaravam Shadow, que atravessava a caverna.

Shadow parou a alguns passos de distância.

— Você chegou tarde demais — comentou Loki. Sua voz estava rouca e embargada. — Joguei a lança. Dediquei esta batalha. Já começou.

— Ah, não diga — respondeu Shadow.

— Digo, sim. Não importa mais o que você fizer. É tarde demais.

— Tudo bem. — Shadow parou e pensou. — Você falou que tinha que jogar uma lança para dar início à batalha. Como naquela história toda de Uppsala. E essa é a batalha da qual você vai se alimentar. É isso?

Silêncio. Shadow ouvia a respiração de Loki, irregular e mórbida.

— Já entendi tudo — continuou Shadow. — Mais ou menos. Não sei bem quando foi que entendi. Talvez quando fiquei preso na árvore. Talvez antes. Foi por causa de uma coisa que Wednesday me falou no Natal.

Loki ficou só olhando para ele, sem responder.

— É só um golpe para dois — explicou Shadow. — Como o bispo e o policial com o colar de diamantes. Como o cara do violino e o cara que quer comprar o violino e o coitado do trouxa entre os dois, que paga pelo violino. Dois homens que parecem estar em lados opostos, mas jogando o mesmo jogo.

— Você é ridículo — sussurrou Loki.

— Por quê? Eu gostei do que você fez lá no hotel. Foi bem esperto. Você precisava estar lá, conferir se tudo ocorria de acordo com os planos. Eu vi você. Até entendi quem você era. Mas nunca imaginei que fosse o senhor World deles. Ou talvez eu soubesse, bem no fundo. Pelo menos eu sabia que conhecia a sua voz.

Shadow foi falando mais alto.

— Você pode sair — disse, para a caverna. — Onde quer que esteja. Apareça.

O vento uivou na entrada da caverna, borrifando água da chuva neles. Shadow estremeceu.

— Estou cansado de ser feito de bobo — anunciou. — Apareça de uma vez. Quero ver você.

As sombras nos fundos da caverna se alteraram. Algo ficou mais sólido, algo se mexeu.

— Você sabe demais, meu caro — comentou o murmúrio familiar de Wednesday.

— Então você não foi morto.

— Fui, sim — retrucou Wednesday, da escuridão. — Nada disso teria dado certo se não tivessem me matado. — A voz era sutil... não chegava a ser baixa, mas tinha um tom que lembrava um rádio velho mal sintonizado em uma estação distante. — Se eu não tivesse morrido de verdade, não teríamos conseguido fazer todo mundo vir para cá. Kali e Morrigan e os *Loa* e os malditos albaneses e... Bem, você viu todo mundo. Foi a minha morte que os uniu. Eu fui o cordeiro do sacrifício.

— Não — respondeu Shadow. — Você foi o pastor que os levou para o abate.

O espectro nas sombras girou e se agitou.

— Não mesmo. Isso dá a entender que eu traí os velhos deuses, que eu estava trabalhando para os novos. E não foi isso o que fizemos.

— Não mesmo — sussurrou Loki.

— Eu sei — respondeu Shadow. — Vocês não traíram nenhum dos lados em nome do outro. Traíram os dois.

— Acho que sim — concordou Wednesday. Parecia satisfeito.

— Vocês queriam um massacre. Precisavam de um sacrifício de sangue. Um sacrifício de deuses.

O vento ficou mais forte, e o uivo na boca da caverna se transformou em grito, como se viesse da dor de algo colossal.

— E por que não? Estou preso nesta terra maldita há quase mil e duzentos anos. Meu sangue está fraco. Estou com fome.

— E vocês dois se alimentam de morte — completou Shadow.

Ele achou que começava a ver Wednesday parado em meio às sombras. Atrás dele — através dele — estavam as barras de uma gaiola que continha o que pareciam leprechauns de plástico. O deus era uma forma feita de escuridão, mais real a cada vez que Shadow olhava para o lado e permitia que sua imagem se solidificasse em sua visão periférica.

— Eu me alimento das mortes dedicadas a mim.

— Como a minha morte na árvore.

— Aquilo — interveio o deus — foi especial.

— E você também se alimenta de morte? — perguntou Shadow, olhando para Loki.

Loki balançou a cabeça, esgotado.

— Não, claro que não. *Você* se alimenta de caos — completou Shadow.

Loki sorriu ao ouvir aquilo, um sorriso breve e dolorido, e labaredas laranja dançaram em seus olhos e bruxulearam como renda em chamas sob a pele pálida.

— Nunca teríamos conseguido sem você — comentou Wednesday, visto apenas de canto de olho. — Possuí tantas mulheres...

— Você precisava de um filho — disse Shadow.

A voz fantasmagórica de Wednesday ecoou.

— Eu precisava de *você*, meu filho. Sim. Meu próprio filho. Sabia que você tinha sido concebido, mas sua mãe saiu do país. Demoramos muito para encontrá-lo. E, quando encontramos, você estava preso. Precisávamos descobrir como você funcionava. Quais eram os botões que o faziam se mexer. Quem você era. — Por um instante, Loki pareceu satisfeito. Shadow teve vontade de bater nele. — E você tinha uma esposa para quem voltar. Era uma pena. Mas nada irremediável.

— Laura não servia para você — sussurrou Loki. — Você estaria melhor sem ela.

— Se pudesse ter sido diferente... — começou Wednesday, e dessa vez Shadow sabia o que ele queria dizer.

— E se ela tivesse tido... a decência... de continuar morta — completou Loki, arfando. — Wood e Stone... eram bons homens. Iam... deixar você escapar... quando o trem passasse pelas Dakotas...

— Cadê ela? — perguntou Shadow.

Loki estendeu um braço muito pálido, apontando para os fundos da caverna.

— Ela foi para lá — explicou, então tombou para a frente de súbito e caiu no chão de pedra.

Shadow viu o que o cobertor tinha escondido: a poça de sangue, o buraco nas costas de Loki, o casaco bege agora preto com o sangue.

— O que aconteceu?

Loki não respondeu.

Shadow achava que ele não ia mais falar.

— Sua esposa aconteceu, meu filho — explicou a voz distante de Wednesday. Estava mais difícil de vê-lo, como se ele estivesse se desfazendo no éter. — Mas a batalha vai trazer Loki de volta. E vai me trazer de volta de vez. Eu sou um fantasma, e ele é um cadáver, mas mesmo assim ganhamos. O jogo era roubado.

— Jogos roubados são os mais fáceis de ganhar — lembrou Shadow.

Nenhuma resposta. Nada se mexia nas sombras.

— Adeus — disse Shadow. E acrescentou: — Pai.

Mas já não havia mais sinal de qualquer outra pessoa na caverna. Nenhum.

Shadow voltou até o Pátio de Bandeiras dos Sete Estados, mas não viu ninguém nem ouviu nada além do tremular das bandeiras no vento da tormenta. Não havia pessoas portando espadas na Pedra Equilibrada de Mil Toneladas, nem defensores na Ponte Suspensa. Estava sozinho.

Não havia nada para ver. O lugar estava deserto. Era um campo de batalha deserto.

Não. Não estava deserto. Não exatamente.

Ele simplesmente estava no lugar errado.

Aquilo era Rock City. Fora um lugar de admiração e adoração por milhares de anos. Naquele dia, os milhões de turistas que percorrem os jardins e cruzam a Ponte Suspensa produziam o mesmo efeito da água girando um milhão de rodas de oração. A realidade ali era rarefeita. E Shadow sabia onde a batalha devia estar acontecendo.

Começou a andar. Lembrou-se da sensação no Carrossel, tentou reproduzi-la, mas em um momento diferente no tempo...

Lembrou-se de como virou com o trailer, fazendo um ângulo reto em relação a *tudo*. Tentou capturar aquela sensação...

E aí aconteceu, foi fácil, sem nenhum desvio.

Foi como atravessar uma membrana, como emergir de águas profundas para o ar. Com um passo, saiu da trilha para turistas na montanha e foi...

Para um lugar de verdade. Estava nos Bastidores.

Continuava no topo da montanha. Até aí, tudo igual. Mas era muito mais do que isso. Aquele cume era a quintessência de lugar, o coração das coisas que eram. Em comparação, a montanha Lookout, de onde tinha saído, era como um cenário pintado, uma maquete de papel machê vista por uma tela de tevê — uma mera representação, não a coisa em si.

Aquele era o lugar de verdade.

As paredes rochosas abrigavam um anfiteatro natural. Trilhas de pedra o contornavam e o atravessavam, formando pontes sinuosas que cortavam e cruzavam as paredes rochosas como uma figura de Escher.

E o céu...

O céu era escuro. Estava bem-iluminado, e o mundo abaixo dele também, iluminado por um raio incandescente branco esverdeado e mais intenso que o sol, que se bifurcava incessantemente pelo céu, de fora a fora, como um rasgo branco no firmamento escuro.

Shadow notou que era um relâmpago. Um relâmpago congelado em um momento que se estendia por toda a eternidade. A luz era dura e inclemente: clareava rostos, transformava olhos em poços escuros.

Aquele era o momento da tempestade.

Os paradigmas estavam se transformando. Ele sentia isso. O velho mundo, um mundo de imensidão infinita e recursos e futuro sem limite,

estava sendo confrontado por outra coisa — uma rede de energia, de opiniões, de abismos.

As pessoas acreditam, pensou. É isso que as pessoas fazem: acreditam. E depois não assumem a responsabilidade por suas crenças. Conjuram coisas e não confiam nas próprias conjurações. As pessoas povoam a escuridão com fantasmas, deuses, elétrons, histórias. As pessoas imaginam e acreditam: e é essa crença, essa crença sólida, que faz tudo acontecer.

O cume da montanha era uma arena, percebeu isso assim que chegou. E, de cada lado dessa arena, viu todos eles espalhados.

Eram grandes demais. Tudo ali era grande demais.

Encontrou velhos deuses, deuses de pele marrom como cogumelos antigos, rosa como carne de frango, amarela como folhas de outono. Alguns eram loucos e outros eram sãos. Shadow reconheceu os velhos deuses. Já os conhecera, ou conhecera outros como eles. Via *ifrits* e *piskies*, gigantes e anões. Viu a mulher que encontrara no quarto escuro em Rhode Island, o cabelo cacheado composto de serpentes verdes se retorcendo. Viu Mama-ji, do Carrossel, com sangue nas mãos e um sorriso no rosto. Conhecia todos.

E também reconheceu os novos.

Viu alguém que só podia ser um barão das estradas de ferro, com um terno antiquado e a corrente do relógio esticada por cima do colete. Tinha ares de quem já vira dias melhores. A testa tremelicava em movimentos involuntários.

Via os grandes deuses cinzentos dos aviões, herdeiros de todos os sonhos de viagem mais pesada que o ar.

Os deuses dos carros também estavam lá, um contingente poderoso, todos muito sérios, com sangue nas luvas pretas e nos dentes cromados: beneficiários de sacrifícios humanos em uma escala inconcebível desde os astecas. Até eles pareciam pouco à vontade. Os mundos mudam.

Outros pareciam rostos pixelados sem definição. Emitiam um brilho suave, como se existissem em sua própria luz.

Shadow sentiu pena de todos.

Os novos tinham certa arrogância. Dava para ver. Mas também uma espécie de medo.

Tinham medo de que, se não acompanhassem as evoluções de um mundo em constante transformação, se não recriassem e redesenhassem e reconstruíssem o mundo a sua própria imagem, seu tempo estaria acabado.

Cada lado encarava o oponente com bravura. Para cada lado, a oposição era composta de demônios, monstros, malditos.

Shadow reparou que já houvera uma escaramuça inicial. Já havia sangue nas pedras.

Os deuses estavam se preparando para a batalha de verdade, para a guerra de verdade. *É agora ou nunca*, pensou. Se não agisse naquele instante, seria tarde demais.

Na América, tudo dura para sempre, comentou uma vozinha dentro de sua cabeça. *A década de 1950 durou mil anos. Você tem todo o tempo do mundo.*

Shadow foi andando até o centro da arena de um jeito que era meio caminhada, meio cambalear controlado.

Sentiu que olhos o observavam — olhos e coisas que não eram olhos. Estremeceu.

Você está indo bem, comentou a voz do búfalo.

Isso mesmo, pensou Shadow. *Voltei dos mortos hoje de manhã. Depois disso, o resto deve ser moleza.*

— Sabem — comentou para o nada, tranquilo —, isto não é uma guerra. Essa nunca foi a intenção. E, se vocês acham que isto é uma guerra, estão se iludindo.

Ouviu resmungos dos dois lados. Ninguém parecia muito impressionado.

— Estamos lutando pela nossa sobrevivência — mugiu um minotauro, de um dos lados da arena.

— Estamos lutando pela nossa existência — gritou uma boca em uma coluna de fumaça purpurinada, do outro lado.

— Esta é uma terra ruim para deuses — retrucou Shadow. Em matéria de início de discursos, não estava no nível de *Amigos, Romanos, Compatriotas*, mas dava para o gasto. — Vocês todos já devem saber disso, cada um a seu modo. Os velhos deuses são ignorados. Os novos são adotados tão rápido quanto são descartados e substituídos pela próxima novidade. Ou vocês foram esquecidos, ou têm medo de ficar obsoletos, ou talvez só estejam cansados de existir ao sabor do capricho humano.

Foram menos resmungos. Os dois lados concordavam com o que fora dito. E, enquanto estavam todos ouvindo, Shadow precisava contar a história.

— Havia um deus que veio para cá de uma terra distante, um deus cujos poder e influência foram enfraquecendo à medida que a crença nele diminuía. Era um deus que obtinha poder a partir de sacrifícios, de mortes, especialmente de mortes de guerra. As mortes daqueles que tombavam em guerra eram dedicadas a ele, campos de batalha inteiros que, no velho mundo, lhe davam poder e sustento.

“Mas esse deus já estava velho. Vivia de aplicar pequenos golpes, trabalhando com outro deus do mesmo panteão, um deus de caos e mentiras. Juntos, os dois passavam a perna nos crédulos. Juntos, faziam a limpa nos outros.

“Em algum momento... talvez há uns cinquenta anos, talvez cem, os dois conceberam um plano para criar uma reserva de poder da qual poderiam desfrutar juntos. Um poder que os deixaria mais fortes do que nunca. Afinal, o que poderia trazer mais poder que um campo de batalha coberto de deuses mortos? O jogo dos dois se chamava ‘Lutem um contra o outro’.

“Entendem?

“Essa batalha que vocês vieram lutar, nenhum de vocês pode ganhar ou perder. A vitória e a derrota são irrelevantes para ele, para eles dois. O que importa é que uma quantidade suficiente de vocês morra. A cada um de vocês que cai em batalha, ele ganha mais poder. Cada um de vocês que morre só o alimenta. Entendem?”

O rugido abafado de algo começando a pegar fogo ecoou pela arena. Shadow olhou para a origem do som. Um homem imenso de pele escura como mogno e peito nu, com uma cartola na cabeça e um charuto pendurado na boca com displicência, falou, e sua voz era profunda como um túmulo.

— Muito bem — concordou o Barão Samedi. — Mas Odin. Ele *morreu*. Na negociação de paz. Os filhos da puta mataram Odin. Ele morreu. Eu *entendo* de morte. Ninguém me engana nessas coisas de morte.

— Óbvio — respondeu Shadow. — Ele tinha que morrer de verdade. Ele sacrificou o corpo físico para começar esta guerra. Depois da batalha, ficaria mais poderoso do que nunca.

— Quem é você? — gritou alguém.

— Eu sou... era... sou o filho dele.

Um dos deuses novos — Shadow desconfiava de que fosse uma droga, pelo jeito como sorria e cintilava e tremia — disse:

— Mas o senhor World falou...

— O senhor World *não existe*. Nunca existiu. Era só mais um de vocês tentando se alimentar do caos que ele mesmo criou.

Shadow viu que os deuses acreditaram, e viu a mágoa em seus olhos. Balançou a cabeça.

— Sabem, acho que prefiro ser humano a ser deus. A gente não precisa que ninguém acredite que existimos. A gente existe de qualquer jeito. É o que a gente faz.

O silêncio invadiu aquele lugar alto.

Então, com um estouro chocante, o relâmpago congelado no céu caiu na montanha, e a arena ficou completamente escura.

Muitas daquelas presenças brilharam na escuridão.

Shadow se perguntou se os deuses iam retrucar e discutir, se iam atacá-lo, se iam tentar matá-lo. Esperou alguma reação.

Então percebeu que as luzes estavam se apagando. Os deuses estavam indo embora, primeiro uns poucos de cada vez, depois aos bocados, e por fim às centenas.

Uma aranha do tamanho de um rottweiler veio mancando em sua direção. Tinha sete patas, e seus olhos reluziam com um brilho suave.

Shadow não saiu do lugar, mas começou a sentir um leve mal-estar.

Quando a aranha se aproximou o bastante, disse, na voz do sr. Nancy:

— Foi um belo trabalho. Tenho orgulho de você. Você se saiu bem, garoto.

— Obrigado.
— É melhor tirar você daqui logo. Se passar tempo demais neste lugar, vai ficar todo errado.
A aranha apoiou uma pata marrom e peluda no ombro de Shadow...

... e, de volta ao Pátio de Bandeiras dos Sete Estados, o sr. Nancy tossiu. Estava com a mão direita no ombro de Shadow. A chuva tinha cessado. O sr. Nancy pressionava a lateral do corpo com a mão esquerda, como se sentisse dor. Shadow perguntou se estava tudo bem.

— Eu sou forte como um touro — respondeu o sr. Nancy. — Mais, até. Ele não parecia feliz. Parecia um senhor idoso com dor.
Havia dezenas de pessoas ali, em pé e sentadas no chão ou nos bancos. Algumas pareciam gravemente feridas.
Shadow ouviu um barulho trepidante no céu, vindo do sul. Olhou para o sr. Nancy.

— Helicópteros?
O sr. Nancy assentiu.
— Não precisa se preocupar com eles. Não mais. Vão limpar a bagunça e ir embora. São bons nisso.
— Entendi.

Shadow sabia que havia uma parte daquela bagunça que ele queria ver pessoalmente, antes da limpeza. Pegou uma lanterna emprestada de um homem grisalho que parecia um âncora de jornal aposentado e foi à caça.

Encontrou Laura estirada no chão em uma caverna lateral, ao lado de uma maquete de gnomos mineradores saídos direto de *Branca de Neve*. O chão embaixo dela estava sujo de sangue. Laura estava caída de lado, onde Loki provavelmente a largara depois de arrancar a lança do corpo dos dois.

Ela apertava o tórax. Parecia extremamente vulnerável. Também parecia morta, mas, àquela altura, Shadow já estava quase acostumado com isso.

Ele se agachou ao lado da esposa, tocou sua bochecha e chamou seu nome. Os olhos dela se abriram, e Laura ergueu a cabeça e se virou para encará-lo.

— Oi, fofinho. — A voz dela saía fraca.
— Oi, Laura. O que aconteceu aqui?
— Nada. Umas coisas. Eles ganharam?
— Não sei — respondeu Shadow. — Acho que esse tipo de coisa é meio relativo. Mas impedi a batalha que eles estavam tentando começar.
— Fofinho esperto. Aquele homem, o senhor World, falou que ia enfiar uma vara no seu olho. Não gostei nem um pouco dele.

— Ele morreu. Você o matou, querida.
Ela assentiu. Então falou:

— Que bom.

Laura fechou os olhos. A mão de Shadow encontrou a mão fria dela e a segurou. Depois de um tempo, ela abriu os olhos de novo.

— Você chegou a descobrir um jeito de me trazer de volta dos mortos?

— Acho que sim. Sei de um jeito, pelo menos.

— Que bom. — Sua mão fria apertou a dele. — E o contrário? Que tal?

— O contrário?

— É — sussurrou Laura. — Acho que eu mereço.

— Eu não quero fazer isso.

Ela não respondeu. Só esperou.

— Tudo bem — concordou Shadow.

Ele recolheu a mão e a apoiou no pescoço da esposa.

— Ah, esse é o meu marido — comentou Laura, com orgulho.

— Amo você, gata.

— Amo você, fofinho — sussurrou ela.

Shadow agarrou a moeda de ouro pendurada no pescoço de Laura. Deu um puxão forte na corrente, que se quebrou fácil. Depois, segurou a moeda de ouro entre o dedo e o polegar, soprou no metal e abriu a mão.

A moeda tinha sumido.

Os olhos de Laura continuavam abertos, mas agora estavam estáticos.

Shadow se abaixou e deu um beijo carinhoso na bochecha fria da mulher, que não reagiu. E ele não esperava que reagisse. Então se levantou e saiu da caverna para admirar a noite.

A tempestade tinha passado. O ar parecia fresco e limpo e renovado.

Não tinha a menor dúvida de que o dia seguinte seria lindo de morrer.

PARTE QUATRO



EPÍLOGO: OS MORTOS ESCONDEM ALGUMA COISA

CAPÍTULO

DEZENOVE

A melhor maneira de descrever uma história é contando a história. Entende? Alguém que descreve uma história, seja para si ou para o mundo, conta a história. É um ato de equilíbrio, e é um sonho. Quanto mais preciso o mapa, mais ele se parece com o terreno. O mapa mais preciso possível seria o próprio terreno — e, portanto, perfeitamente preciso e perfeitamente inútil. A história é o mapa que é o terreno. Você precisa se lembrar disso.

Dos cadernos do sr. Íbis

OS DOIS PERCORRIAM a I-75 até a Flórida. Estavam dirigindo a Kombi desde de manhã — ou melhor, Shadow dirigia enquanto o sr. Nancy, no banco do carona, volta e meia se oferecia para dirigir, fazendo uma careta de dor e cansaço. Shadow sempre recusava.

— Está feliz? — perguntou o sr. Nancy, de repente.

O deus passara algumas horas encarando Shadow. Sempre que olhava de relance para a direita, Shadow via o sr. Nancy o observando com seus olhos castanhos cor de terra.

— Não muito — respondeu. — Mas ainda não morri.

— Hein?

— *Não se pode dizer que um homem é feliz até ele estar morto.* Heródoto.

O sr. Nancy ergueu uma sobrancelha grisalha.

— *Eu não morri ainda e, principalmente por causa disso, estou feliz à beça* — disse o deus.

— Essa coisa do Heródoto. Não quer dizer que os mortos sejam felizes — explicou Shadow. — Quer dizer que só dá para julgar a vida de alguém depois que ela acaba.

— Eu acho que nem assim — retrucou o sr. Nancy. — E, quanto à felicidade, existem muitos tipos diferentes, assim como existe um bocado de tipos diferentes de morte. Eu, para mim, aceito o que dá e quando dá.

Shadow mudou de assunto.

— Aqueles helicópteros... Os que levaram os mortos e os feridos.

— O que é que tem?

— Quem os mandou? De onde vieram?

— Ah, não precisa se preocupar com isso. Eles são como valquírias ou urubus. Vêm porque precisam vir.

— Se você diz...

— Os mortos e feridos vão receber cuidados. Na minha opinião, o velho Jacal vai ficar bem ocupado pelo próximo mês. Me conta uma coisa, Shadowzinho.

— Sim.

— O que você aprendeu com isso tudo?

Shadow deu de ombros.

— Não sei. Já esqueci a maior parte do que aprendi na árvore. Acho que conheci algumas pessoas. Mas não tenho certeza de mais nada. Parece um daqueles sonhos que transformam a gente. Dá para guardar uma parte do sonho para sempre, e bem no fundo a gente continua sabendo de algumas coisas. Porque realmente aconteceu com a gente, mas os detalhes meio que somem.

— É — concordou o sr. Nancy. Depois, a contragosto, acrescentou: — Até que você não é tão burro.

— Talvez não. Mas queria ter conseguido guardar mais do que passou pelas minhas mãos desde que eu saí da cadeia. Recebi muitas coisas, mas as perdi.

— Talvez você ainda tenha mais do que pensa.

— Não — retrucou Shadow.

Eles cruzaram a fronteira da Flórida, e Shadow viu sua primeira palmeira. Ficou se perguntando se a árvore fora plantada ali de propósito, bem na fronteira, só para as pessoas saberem que tinham chegado.

O sr. Nancy começou a roncar, e Shadow olhou para ele. O velho ainda parecia meio cinza, e sua respiração estava irregular. Shadow se perguntou, não pela primeira vez, se o deus tinha sofrido algum ferimento no tórax ou nos pulmões durante a luta. Nancy se recusara a receber cuidados médicos.

A Flórida se estendeu por mais tempo do que Shadow imaginara, e já era tarde quando pararam em uma casinha de madeira de um só andar com janelas cobertas com chapas de proteção contra furacões nos arredores de Fort Pierce. O sr. Nancy, que guiara o caminho pelos últimos oito quilômetros, convidou Shadow para dormir lá.

— Eu posso ir para um hotel — respondeu Shadow. — Não tem problema.

— Você *poderia* fazer isso, e eu ficaria magoado. E claro que não falaria nada. Mas ficaria muito, muito magoado — respondeu o sr. Nancy. — Então é melhor você ficar aqui. Vou arrumar o sofá para você dormir.

O velho abriu as proteções das janelas. A casa cheirava a mofo e umidade, e tinha também um aroma um pouco doce, como se fosse assombrada pelo fantasma de biscoitos havia muito falecidos.

Relutante, Shadow aceitou passar a noite ali, assim como aceitou, mais relutante ainda, acompanhar o sr. Nancy até o bar no fim da rua para tomar só uma rodada enquanto a casa arejava.

— Você viu o Czernobog? — perguntou o sr. Nancy, enquanto caminhavam pela noite quente e úmida.

O ar estava infestado de baratas voadoras, e o chão fervilhava de criaturas que rastejavam e estalavam. O sr. Nancy acendeu uma cigarrilha e tossiu e engasgou ao tragar. Mesmo assim, continuou fumando.

— Ele já tinha sumido quando eu saí da caverna.

— Deve ter ido para casa. Ele deve estar esperando você, sabia?

— Sim.

Os dois continuaram em silêncio. O bar não era grande coisa, mas estava aberto.

— Eu pago a primeira rodada — anunciou o sr. Nancy.

— A gente só vai tomar uma, lembra?

— Nossa, garoto! — retrucou o sr. Nancy. — Que mão de vaca.

O deus comprou as primeiras cervejas, e Shadow pagou a segunda rodada. Ficou olhando, horrorizado, enquanto o sr. Nancy convencia o barman a ligar a máquina de karaokê e, com um constrangimento fascinado, viu o velho cantar e arrotar “What’s New Pussycat?”, para depois entoar uma versão emotiva e melodiosa de “The Way You Look Tonight”. O sr. Nancy tinha uma bela voz, e, quando a música acabou, as poucas pessoas que ainda estavam no bar bateram palmas e assobiaram.

Quando o velho deus voltou até Shadow, parecia mais luminoso. O branco dos olhos estava mais claro, e o tom cinzento de sua pele tinha desaparecido.

— Sua vez — anunciou o velho.

— Sem chance — retrucou Shadow.

Mas o sr. Nancy pedira mais cerveja, entregando a Shadow uma folha amarelada com a lista de músicas disponíveis.

— É só escolher uma música que você saiba cantar.

— Isso não tem graça — reclamou Shadow.

O mundo já estava começando a oscilar, e ele não conseguiu reunir forças para discutir, então o sr. Nancy colocou “Don’t Let Me Be Misunderstood” para tocar e o empurrou — literalmente *empurrou* — para o minúsculo palco improvisado nos fundos do bar.

Shadow segurou o microfone como se fosse um bicho vivo, e a música começou. Resmungou o “*Baby...*” do começo. Ninguém do bar jogou coisas em cima dele. E foi uma sensação boa.

— *Can you understand me now?* — Sua voz era rouca mas melodiosa, e aquele tom caiu bem na música. — *Sometimes I feel a little mad. Don’t you know that no one alive can always be an angel...*

Ainda estava cantando no caminho de volta para casa, pela noite agitada da Flórida — o velho e o jovem, felizes e cambaleantes.

— *I'm just a soul whose intentions are good* — cantou Shadow, para os caranguejos e as aranhas e as baratas e as lagartixas da noite. — *Oh lord, please don't let me be misunderstood.*

O sr. Nancy indicou o sofá. Era muito menor do que Shadow, que decidiu dormir no chão — mas, a essa altura, já tinha caído no sono, meio sentado e meio deitado no sofazinho.

A princípio, não sonhou. Era só a escuridão reconfortante. Quando viu uma fogueira ardendo na escuridão, foi até ela.

— Você fez bem — sussurrou o homem-búfalo, sem mover os lábios.

— Não sei o que eu fiz — respondeu Shadow.

— Você fez a paz. Pegou nossas palavras e as tomou para si. Nenhum deles nunca tinha entendido que *eles* estavam aqui, assim como as pessoas que os idolatravam estavam aqui, porque é conveniente para nós que eles estejam aqui. Mas a gente pode mudar de ideia. E talvez mude mesmo.

— Você é um deus? — perguntou Shadow.

O homem-búfalo balançou a cabeça. Por um instante, pareceu que a criatura tinha achado graça.

— Eu sou a terra — respondeu o homem-búfalo.

E, se o sonho teve mais algum detalhe, Shadow não se lembrou.

Ouviu um chiado. A cabeça doía, e ele sentiu algo latejar por trás dos olhos.

O sr. Nancy já estava preparando o café da manhã: uma pilha de panquecas, bacon fervilhante, ovos perfeitos e café. O velho parecia no auge da saúde.

— Estou com dor de cabeça — anunciou Shadow.

— É só tomar um bom café da manhã que você vai se sentir um novo homem.

— Prefiro me sentir o mesmo homem, só que com outra cabeça.

— Coma — ordenou o sr. Nancy.

Shadow comeu.

— E agora, como se sente?

— Como se eu estivesse com dor de cabeça, só que com comida no estômago e grandes chances de vomitar.

— Venha cá. — Atrás do sofá em que Shadow passara a noite, coberto com uma manta africana, havia um baú feito de alguma madeira escura; parecia uma miniatura de baú de tesouro. O sr. Nancy abriu o cadeado e levantou a tampa. Dentro, havia algumas caixas. Nancy remexeu nelas. — É um remédio ancestral feito de ervas africanas — explicou. — Leva casca de salgueiro triturada, esse tipo de coisa.

— Tipo aspirina?

— É — respondeu o sr. Nancy. — Exatamente.

Do fundo do baú, o deus extraiu um pote enorme tamanho econômico de aspirina genérica. Abriu a tampa e tirou um par de comprimidos.

— Aqui.

— Belo baú — comentou Shadow.

Pegou os comprimidos amargos e os engoliu com um copo de água.

— Meu filho me mandou de presente. É um bom garoto. Não o vejo com tanta frequência quanto gostaria.

— Sinto falta de Wednesday — comentou Shadow. — Apesar de tudo o que ele fez. Fico achando que vou topar com ele por aí. Mas então olho em volta e ele não está em lugar nenhum.

Shadow ficou observando o cadeado solto, tentando entender o que aquilo lhe lembrava.

Você perderá muitas coisas. Mas não perca isto. Quem tinha dito isso?

— Você sente falta dele? Depois de tudo o que ele aprontou para você? Para todo mundo?

— É — respondeu Shadow. — Acho que sinto. Você acha que ele vai voltar?

— Eu acho que, sempre que dois homens se juntarem para vender um violino de vinte dólares por dez mil a um terceiro homem, ele estará lá em espírito.

— Sim, mas...

— A gente devia voltar para a cozinha — sugeriu o sr. Nancy, com uma expressão um pouco fria. — Aquelas frigideiras não vão se lavar sozinhas.

O velho deus lavou as frigideiras e a louça. Shadow secou e guardou tudo. Em algum momento, a dor de cabeça começou a diminuir. Os dois voltaram para a sala de estar.

Shadow ficou olhando mais um pouco para o cadeado, fazendo força para se lembrar.

— O que aconteceria se eu não fosse encontrar Czernobog?

— Vocês vão se encontrar — respondeu o sr. Nancy. — Talvez ele o faça ir até lá. Mas, de um jeito ou de outro, vocês vão se encontrar.

Shadow assentiu. Algo começava a se encaixar.

— Ei — começou. — Existe algum deus com cabeça de elefante?

— Ganesha? É um deus hindu que tem uma presa só. Ele remove obstáculos e facilita jornadas. E cozinha muito bem.

Shadow ergueu os olhos.

— ...presa — declarou. — Eu sabia que era importante, mas não sabia por quê. Achei que talvez tivesse a ver com o fato de eu estar preso na árvore. Mas ele não estava falando daquilo, estava?

O sr. Nancy franziu a testa.

— Não estou entendendo.

— Presa — repetiu Shadow.

Ele sabia que era verdade. Não chegava a saber por que devia ser verdade. Mas tinha certeza absoluta.

Shadow se levantou.

— Preciso ir. Sinto muito.

O sr. Nancy ergueu a sobrancelha.

— Por que a pressa?

— Porque o gelo está derretendo — respondeu Shadow.

CAPÍTULO

VINTE

*é
primavera
e*

o

baloeiro *fauno*
alto *assobia*
e
agudo

e.e. cummings

DIRIGINDO UM CARRO alugado em baixa velocidade, Shadow saiu da floresta por volta de oito e meia da manhã, desceu a colina a cerca de setenta quilômetros por hora e chegou a Lakeside três semanas depois de achar que jamais se veria ali de novo.

Atravessou a cidade, surpreso de ver quão pouco o lugar havia mudado nas últimas semanas, que tinham sido uma vida inteira para ele, e estacionou na rua que dava no lago. Saiu do carro.

Não havia mais nenhum barraco para pesca no gelo, nenhum utilitário, ninguém sentado diante de um buraco com uma vara e uma caixa de cerveja. O lago estava escuro: sem a cobertura branca da camada lisa de neve, via-se o reflexo da água na superfície do gelo, e a água sob o gelo era escura, e o próprio gelo era transparente o bastante para revelar a escuridão abaixo. O céu era cinza, e o lago gelado estava desolado e vazio.

Quase vazio.

Ainda havia um carro, parado na superfície congelada do lago, quase embaixo da ponte, então qualquer pessoa que passasse pela cidade, qualquer pessoa que visitasse o lugarejo inevitavelmente veria o automóvel. A lataria tinha um tom meio sujo de verde; era o tipo de carro que se abandona em estacionamentos, o tipo de carro que as pessoas deixam lá e vão embora porque não vale a pena voltar para buscar. Não tinha motor. Era o símbolo de uma aposta, um símbolo que aguardava até o gelo ficar fraco, e mole, e perigoso a ponto de permitir que o lago o levasse para sempre.

A pequena pista que dava no lago estava interditada com uma corrente e uma placa, proibindo a passagem de pessoas ou veículos. GELO FINO, dizia o aviso, e logo abaixo havia uma sequência de pictogramas pintados à mão e riscados: proibido carros, proibido pedestres, proibido motoneves. *Perigo*.

Shadow ignorou as advertências e desceu a encosta. Era escorregadia — a neve já havia derretido, transformando a terra em lama, e a grama marrom não tinha praticamente nenhuma tração. Derrapou e escorregou até o lago, subiu cuidadosamente em um píer curto de madeira e, dali, desceu para o gelo.

A camada de água sobre a superfície sólida, feita de gelo e neve derretidos, era mais funda do que parecia, e o gelo embaixo era mais liso e escorregadio do que qualquer rink de patinação. Shadow precisou se concentrar para não perder o equilíbrio. Chapinhou a água, que invadiu suas botas pelos furos dos cadarços. Água gelada. O pé ficou dormente. Ele sentiu um distanciamento estranho conforme avançava, como se estivesse assistindo a si mesmo numa tela de cinema — um filme em que ele era o herói, talvez um detetive: foi acometido por uma sensação de inevitabilidade, como se os acontecimentos seguintes agissem por conta própria e ele não pudesse fazer nada para alterar qualquer detalhe.

Shadow foi até a sucata, ciente de que o gelo estava fino demais para aguentar seu peso, de que a água sob o gelo estava o mais fria possível sem que congelasse. Ele se sentia muito exposto lá no gelo, sozinho. Continuou andando, escorregou. Algumas vezes, caiu.

Passou por garrafas e latas de cerveja vazias e por buracos redondos cortados no gelo, para pescaria, buracos que não tinham sido cobertos de volta pelo gelo, cheios de água escura.

A distância até a sucata era maior do que parecia quando vista da estrada. Ele ouviu um barulho alto de rachadura no lado sul, como se um graveto tivesse se quebrado, e a isso se seguiu o som de algo imenso zumbindo, como a vibração de uma corda de um baixo do tamanho do lago. O gelo rangeu e grunhiu imensamente, como uma porta velha reclamando ao ser aberta. Shadow continuou andando, fazendo o possível para manter o equilíbrio.

Isto é suicídio, sussurrou uma voz sensata no fundo de sua cabeça. *Não é melhor deixar pra lá?*

— Não — respondeu ele, em voz alta. — Eu *preciso* saber.

E continuou andando.

Antes mesmo de chegar, sabia que tinha razão. O carro estava envolvido por um miasma, algo que era ao mesmo tempo um leve cheiro ruim e um gosto ruim bem no fundo da garganta. Contornou o automóvel, tentando ver o interior. O estofamento estava manchado e rasgado. O carro estava obviamente vazio. Shadow tentou abrir as portas. Trancadas. Tentou o porta-malas. Trancado.

Lamentou não ter trazido um pé de cabra.

Fechou a mão enluvada. Contou até três e bateu, com força, no vidro do lado do motorista.

A mão doeu. O vidro continuou intacto.

Pensou em correr — tinha certeza de que conseguiria quebrar o vidro com um chute, se não escorregasse no gelo molhado e caísse. Mas a última coisa que queria era sacudir a sucata a ponto de quebrar o gelo embaixo.

Olhou para o carro. Segurou a antena do rádio — era do tipo que devia subir e descer, mas que já fazia uma década que não descia mais e acabou ficando para cima mesmo — e, com um pouco de força, quebrou-a na base. Retorceu a ponta fina da antena — onde antigamente havia uma bolinha de metal, mas ela se perdeu — até transformá-la em um gancho improvisado.

Depois, enfiou a antena entre a borracha e o vidro da janela da frente e a empurrou até o mecanismo de trava de uma das portas. Pescou a trava, girando, mexendo, empurrando a antena de metal até ela enganchar — por fim, puxou.

Sentiu o gancho improvisado deslizar sem resultado nenhum.

Suspirou. Tentou de novo, mais devagar, com mais cuidado. Imaginou o gelo sob seus pés resmungando conforme se mexia. E devagar... e...

Foi. Puxou a antena, e a trava da porta subiu. Shadow pôs a mão na maçaneta, apertou o botão e puxou. A porta não abriu.

Está emperrada, pensou, congelada. Só isso.

Deu um puxão e quase caiu para trás, e, de repente, a porta se abriu, espalhando gelo para todos os lados.

O miasma estava pior dentro do carro, um fedor de podridão e doença. Shadow se sentiu mal.

Enfiou a mão embaixo do painel, achou a alavanca preta de plástico que abria o porta-malas e puxou com força.

Ouviu um barulho surdo atrás de si quando a trava se soltou.

Shadow contornou o carro, escorregando e chapinhando, usando a lataria como apoio.

Está presa, pensou.

O porta-malas estava entreaberto. Shadow estendeu a mão e levantou a porta de vez.

O cheiro estava ruim, mas podia ter sido muito pior: uma camada de uns três centímetros de gelo parcialmente derretido cobria o fundo do porta-malas. Havia uma menina ali dentro. Ela usava um macacão vermelho, agora manchado, e o cabelo castanho-claro era comprido, e a boca estava fechada, então Shadow não viu os elásticos azuis do aparelho, mas sabia que estavam lá. O frio a preservara tão bem quanto se ela tivesse sido colocada em um freezer.

Os olhos estavam arregalados, e a menina parecia ter chorado logo antes de morrer, e as lágrimas congeladas no rosto ainda não haviam derretido. As

luvas eram de um verde vibrante.

— Você estava aqui desde o começo — disse Shadow para o cadáver de Alison McGovern. — Todo mundo que atravessou aquela ponte viu você. As pessoas que vinham pescar no gelo passavam por você todos os dias. E ninguém sabia.

E então se deu conta de que estava errado.

Alguém sabia.

Alguém a colocara ali dentro.

Inclinou-se para dentro do porta-malas — para ver se conseguia tirar a menina. Afinal, ele a encontrara. Agora, tinha que tirá-la dali. Ao tentar fazer isso, ele apoiou o peso no carro. Talvez tenha sido por isso.

O gelo embaixo das rodas dianteiras cedeu, talvez por causa dos movimentos de Shadow, talvez não. A parte da frente tombou e foi engolida pela água escura do lago, que começou a invadir o automóvel pela porta aberta do motorista. Os tornozelos de Shadow chapinharam na água, mas o gelo debaixo de seus pés ainda estava sólido. Ele olhou para os lados, aflito, tentando pensar em uma forma de escapar — mas foi tarde demais, e o gelo se ergueu de repente, jogando-o em cima do veículo e da menina morta no porta-malas; a traseira do carro desceu, e Shadow desceu junto, mergulhando nas águas gélidas do lago. Eram nove e dez do dia 23 de março.

Ele respirou fundo antes de mergulhar, fechou os olhos, mas o frio do lago o atingiu como se tivesse dado de cara em um muro, expulsando todo o ar dos pulmões.

Foi caindo na água gelada e turva, arrastado pelo carro.

Estava embaixo d'água, no meio da escuridão e do frio, puxado pelo peso das roupas, das luvas e das botas, preso e embolado no casaco, que parecia ter se tornado mais pesado e volumoso do que achava possível.

Shadow continuava caindo. Tentou se afastar do carro, mas a lataria o puxava para baixo, então ouviu um baque — com o corpo inteiro, não só com os ouvidos —, e seu tornozelo esquerdo ficou agarrado em alguma coisa, o pé se torceu, e acabou ficando preso embaixo do carro quando a sucata descansou no fundo do lago. Shadow foi tomado pelo pânico.

Ele abriu os olhos.

Sabia que estava escuro lá embaixo: racionalmente, sabia que estava escuro demais para enxergar qualquer coisa, mas mesmo assim podia ver: via tudo. Via o rosto pálido de Alison McGovern encarando-o de dentro do porta-malas aberto. Via outros carros também — sucatas de anos anteriores, massas corroídas em meio à escuridão, parcialmente soterradas pelo lodo do fundo. *E o que arrastavam para cima do lago, pensou, antes que existissem carros?*

O porta-malas de cada um deles, Shadow tinha certeza absoluta, continha uma criança morta. Havia dezenas de carros ali no fundo. Cada um esperara

o degelo do lago exposto aos olhos do mundo, ao longo de todo o frio do inverno. Cada um mergulhara nas águas geladas quando o inverno acabava.

Ali repousavam todos eles: Lemmi Hautala e Jessie Lovat e Sandy Olsen e Jo Ming e Sarah Lindquist e todos os outros. Ali embaixo, no silêncio e no frio...

Shadow puxou o pé. Estava preso, e a pressão nos pulmões começava a ficar insuportável. Sentiu uma dor aguda nos ouvidos. Expirou lentamente, e o ar borbulhou em seu rosto.

Logo, pensou, logo eu vou ter que respirar. Ou vou me afogar.

Ele se abaixou, segurou o para-choque do automóvel com ambas as mãos e empurrou com todas as forças, com o peso do corpo. Nada aconteceu.

É só uma carcaça de carro, disse a si mesmo. Tiraram o motor. Era a parte mais pesada. Você consegue. É só empurrar.

Ele empurrou.

Com uma lentidão agonizante, uma fração de centímetro de cada vez, o carro escorregou para a frente no lodo, e Shadow puxou o pé e chutou, e tentou se impulsionar para cima. Não saiu do lugar. O *casaco*, pensou. É o casaco. Está preso, ou agarrou em alguma coisa. Tirou os braços das mangas do casaco e mexeu com os dedos dormentes no zíper congelado. Depois, puxou dos dois lados e sentiu o tecido ceder e rasgar. Livrou-se da peça e se impulsionou para cima, para longe do carro.

Sentia que avançava, mas não sabia se estava indo para cima ou para baixo. Estava se afogando, e a dor no peito e na cabeça eram insuportáveis, e tinha certeza de que ia precisar inspirar, puxando só água fria e morrer. E então sua cabeça bateu em algo sólido.

Gelo. Estava empurrando o gelo que cobria o lago. Tentou esmurrá-lo, mas seus braços não tinham mais força, não tinham em que se segurar, em que se firmar para empurrar. O mundo havia se dissolvido na escuridão gelada sob o lago. Não restava mais nada além do frio.

Isto é ridículo, pensou. E, lembrando-se de algum filme antigo de Tony Curtis que tinha visto quando pequeno, considerou: Eu devia virar o corpo e empurrar o gelo para cima e colar o rosto nele, achar um pouco de ar, aí eu poderia respirar, deve ter ar em algum lugar, mas ele só flutuava e congelava, incapaz de mexer um músculo sequer, mesmo que sua vida dependesse disso, e dependia.

O frio ficou insuportável. Quente. E ele pensou: *estou morrendo*. Dessa vez sentiu raiva, uma fúria intensa, e pegou a dor e a raiva e as usou para estender as mãos, para se debater, para obrigar os músculos a se mexerem, músculos que já haviam se resignado a não se mexer nunca mais.

Pressionou a camada de gelo e sentiu a mão raspar na borda e encontrar o ar. Tentou encontrar um apoio onde se segurar e sentiu outra mão pegar a sua e puxar.

O rosto raspou no gelo e a cabeça encontrou o lado de fora. Ele viu que estava saindo por um buraco — por um instante, só conseguia respirar e deixar que a água escura do lago caísse de seu nariz, de sua boca, de seus olhos, que não enxergavam nada além da luz ofuscante do dia e de formas indefinidas — alguém o puxava, obrigando-o a sair da água, falando alguma coisa sobre ele morrer congelado, então vai, cara, *empurra*, e Shadow se contorceu e se sacudiu como uma foca saindo da água, agitando-se e tossindo e tremendo.

Ele puxou o ar, estendido no gelo fino, e sabia que nem aquilo resistiria por muito tempo, mas não adiantava. Seus pensamentos chegavam com dificuldade, lentos.

— Me deixe aqui — tentou dizer. — Vou ficar bem. — Suas palavras saíram enroladas, e tudo estava parando.

Só precisava descansar um pouco, só isso, só descansar, e depois se levantaria e sairia, porque era óbvio que não podia ficar deitado ali para sempre.

Sentiu um puxão; água molhando seu rosto. A cabeça foi levantada. Shadow sentiu que era arrastado, deslizando de costas pela superfície lisa, e teve vontade de reclamar, de explicar que só precisava descansar um pouco — talvez dormir um pouco, seria pedir demais? — para ficar bem. Só queria que o deixassem em paz.

Não acreditava que tinha adormecido; achava que estava de pé em uma vasta planície, onde havia um homem com cabeça e ombros de búfalo e uma mulher com uma cabeça de condor gigantesca, e Whiskey Jack estava entre os dois, olhando para ele com tristeza, balançando a cabeça.

Whiskey Jack se virou e se afastou lentamente. O homem-búfalo fez o mesmo. A mulher-pássaro-do-trovão também foi embora, e então se abaixou e deu um pulo e saiu voando pelos céus.

Shadow teve uma sensação de perda. Quis chamá-los, suplicar que voltassem, que não desistissem dele, mas tudo estava ficando indefinido, deformado: eles se foram, e as planícies se apagaram, e tudo virou nada.

A dor era intensa: era como se cada célula de seu corpo, cada nervo, estivesse derretendo, acordando e queimando Shadow, machucando Shadow, para anunciar sua presença.

Uma das mãos segurava a parte de trás de sua cabeça, outra servia de apoio para o queixo. Ele abriu os olhos, imaginando que estaria em algum hospital.

Os pés estavam descalços. Usava calça jeans. Nada da cintura para cima. Havia vapor no ar. Viu um espelho pequeno na parede à frente, uma pia

pequena, uma escova de dente azul dentro de um copo manchado de pasta de dentes.

As informações estavam sendo processadas lentamente, um dado por vez.

Os dedos das mãos ardiam. Os dedos dos pés ardiam.

Ele começou a gemer de dor.

— Calma, Mike. Calma — pediu uma voz conhecida.

— O quê? — perguntou, ou tentou perguntar. — O que está acontecendo? — Sua voz parecia contida e estranha aos próprios ouvidos.

Estava dentro de uma banheira. A água estava quente. Ao menos achou que a água estava quente, mas não tinha certeza. Estava imerso até o pescoço.

— A maior burrice que se pode fazer com um cara que está morrendo congelado é colocar o sujeito na frente de uma fogueira. A segunda maior burrice é enrolá-lo em cobertores, especialmente se ele já está com as roupas encharcadas. Os cobertores isolam o corpo, mantêm o frio dentro. A terceira maior burrice, e essa é uma opinião minha, é tirar o sangue do sujeito, esquentar e colocar dentro do corpo dele de novo. Isso é o que os médicos fazem hoje em dia. Complicado, caro. Burrice.

A voz vinha de algum lugar acima e atrás da cabeça de Shadow.

— A técnica mais esperta e rápida é a dos marinheiros, eles fazem isso há séculos com os homens que caem do navio. É só mergulhar o sujeito em água quente. Não quente *demais*. Só quente. Agora, só para você saber, você estava praticamente morto quando eu o encontrei lá no gelo. Como está se sentindo, Houdini?

— Dói — respondeu Shadow. — Tudo dói. Você salvou a minha vida.

— Acho que salvei mesmo. Já consegue manter a cabeça fora d'água sozinho?

— Talvez.

— Vou soltar você. Se começar a afundar, eu puxo para cima de novo.

As mãos soltaram sua cabeça.

Shadow se sentiu deslizando para a frente. Então estendeu as mãos, se segurou nas laterais da banheira e empurrou o corpo para trás. O lugar era pequeno. A banheira era de metal, e o esmalte estava manchado e arranhado.

Um velho apareceu em seu campo de visão. Parecia preocupado.

— Está melhor? — perguntou Hinzelmann. — Fique deitado aí e relaxe. Deixei a sala bem quentinha. É só me falar quando estiver pronto, e lhe dou um roupão para você usar e jogo sua calça junto com o resto das roupas na secadora. Tudo bem por você, Mike?

— Esse não é o meu nome.

— Se você diz.

O rosto malicioso do velho se contorceu em uma expressão de desconforto.

Shadow perdeu a noção do tempo: ficou deitado na banheira até o ardor parar e conseguir dobrar os dedos das mãos e dos pés sem dor. Hinzelmann o ajudou a se levantar e tirou a tampa do ralo da banheira. Shadow se sentou na beirada, e Hinzelmann o ajudou a tirar a calça.

Ele se enfiou, sem muita dificuldade, em um roupão felpudo pequeno demais e, apoiando-se no homem, foi para a sala e se deixou cair em um sofá velho. Estava cansado e debilitado: extremamente exausto, mas vivo. Um fogo a lenha ardia na lareira. Do alto das paredes, onde disputavam espaço com alguns peixes grandes empalhados, algumas cabeças de veado cobertas de poeira olhavam para baixo com cara de surpresa.

Hinzelmann pegou a calça dele, e Shadow escutou no cômodo ao lado uma breve pausa no barulho tremelicante de uma secadora, que logo voltou a funcionar. O velho voltou com uma caneca fumegante.

— É café — anunciou —, é estimulante. E acrescentei um pouquinho de *schnapps*. Só um pouquinho. É o que a gente fazia nos velhos tempos. Um médico não recomendaria.

Shadow segurou a caneca com ambas as mãos. Na lateral do recipiente havia um mosquito desenhado, com a mensagem: DOE SANGUE — VISITE WISCONSIN!!

— Obrigado.

— É para isso que servem os amigos — respondeu Hinzelmann. — Um dia, você vai poder salvar a minha vida também. Por enquanto, não se preocupe.

Shadow tomou um gole do café.

— Achei que eu tivesse morrido.

— Você teve sorte. Eu estava lá na ponte. Tive um pressentimento de que hoje seria o grande dia, na minha idade a gente passa a sentir esse tipo de coisa. Então eu estava lá em cima com meu relógio de bolso velho e vi você andando pelo lago. Gritei, mas você não deve ter me ouvido. Vi o carro afundar, e vi você ir junto, e pensei que fosse o seu fim, então fui para o gelo. Fiquei tenso. E aí vi a sua mão aparecer no lugar onde o carro tinha afundado... Ver você ali foi como ver um fantasma... — Ele se interrompeu. — Foi uma sorte danada o gelo aguentar o nosso peso enquanto eu arrastava você até a margem.

Shadow assentiu.

— Você fez bem — disse ele a Hinzelmann, e o rosto malicioso do velho abriu um sorriso enorme.

Em algum lugar da casa, Shadow ouviu uma porta se fechar. Tomou outro gole do café.

Agora que estava conseguindo pensar com clareza, começou a se perguntar algumas coisas.

Queria saber como um velho, um homem com a metade de sua altura e talvez um terço do peso, tinha conseguido arrastá-lo pelo gelo, inconsciente,

até o carro. Queria saber como Hinzelmann o tinha levado para dentro da casa e da banheira.

O velho foi até a lareira, pegou a pinça e, com muito cuidado, depositou um pedaço pequeno de lenha nas chamas.

— Quer saber o que eu estava fazendo no gelo? — perguntou Shadow.

Hinzelmann deu de ombros.

— Não é da minha conta.

— Sabe o que eu não entendo...? — perguntou Shadow. Ele hesitou, precisava organizar os pensamentos. — Não entendo por que você salvou a minha vida.

— Bom — disse Hinzelmann —, eu fui criado para saber que, se visse um camarada com problemas...

— Não — interrompeu Shadow. — Não é disso que eu estou falando. Quer dizer, você matou aquelas crianças todas. Todo inverno. Eu fui o único que descobriu. Você deve ter me visto abrir o porta-malas. Por que não deixou que eu me afogasse?

Hinzelmann inclinou a cabeça para o lado. Coçou o nariz, pensativo, e balançou o corpo para a frente e para trás, como se estivesse refletindo.

— Bom... É uma boa pergunta. Acho que é porque eu estava em dívida com uma pessoa. E eu honro minhas dívidas.

— Wednesday?

— Ele mesmo.

— Ele me escondeu em Lakeside por um motivo, não foi? O mesmo motivo pelo qual ninguém, supostamente, conseguiria me achar aqui.

Hinzelmann não falou nada. Ele tirou um atizador preto e pesado do gancho na parede e remexeu o fogo, levantando fumaça e uma nuvem de faíscas laranja.

— Este é o meu lar — disse ele, com petulância. — É uma *boa* cidade.

Shadow terminou o café. Colocou a caneca no chão, e o movimento o deixou exausto.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Bastante.

— E você fez o lago?

Hinzelmann o observou, surpreso.

— Sim — disse ele. — Eu fiz o lago. As pessoas chamavam de lago quando eu cheguei, mas não passava de uma fonte, um reservatório e um riacho. — Ele hesitou. — Pensei em como esta terra é um inferno para a minha gente. Ela nos devora. Eu não queria ser devorado. Então fiz um acordo. Dei um lago para eles, dei prosperidade...

— E tudo isso ao custo de apenas uma criança a cada inverno.

— Crianças boas — disse Hinzelmann, balançando a cabeça velha, lentamente. — Eram todas boas crianças. Eu só pegava crianças de que eu

gostava. A não ser Charlie Nelligan. Esse aí era ruim. Ele foi quando, 1924? 1925? É. O acordo era esse.

— As pessoas da cidade — disse Shadow. — Mabel. Marguerite. Chad Mulligan. Elas *sabem*?

Hinzelmann não respondeu. Tirou o atizador do fogo: uns quinze centímetros da ponta estavam incandescentes, com um tom escuro de laranja. Shadow sabia que o objeto devia estar quente demais, mas Hinzelmann não pareceu se incomodar, e mexeu no fogo mais uma vez. Por fim, soltou o atizador no fogo.

— Elas sabem que vivem em um bom lugar — respondeu. — Enquanto todas as outras cidades nesta região, ah, em toda esta parte do estado estão ruindo. Elas sabem disso.

— E isso é obra sua?

— Esta cidade. Eu cuido dela. Não acontece nada aqui que eu não queira. Entendeu? Não vem ninguém para cá que eu não queira que venha. Foi por isso que seu pai mandou você para cá. Ele não queria você lá no mundo, chamando atenção. Só isso.

— E você o traiu.

— Mas é claro. Ele era um safado. Mas eu sempre pago minhas dívidas.

— Não acredito em você — respondeu Shadow.

Hinzelmann parecia ofendido. Uma das mãos mexeu no chumaço de cabelo branco na têmpora.

— Eu cumpro minha palavra.

— Não. Não cumpre. Laura veio para cá. Ela falou que algo a chamou para cá. E o que você diz da coincidência que trouxe Sam Black Crow e Audrey Burton para cá na mesma noite? Não acredito mais em coincidências. Sam Black Crow e Audrey Burton. Duas pessoas que sabiam quem eu era de verdade e que sabiam que eu era procurado pela polícia. Acho que, se uma não adiantasse, a outra daria conta. E, se nenhuma tivesse servido, quem mais estava vindo para Lakeside, Hinzelmann? O diretor do presídio onde eu estava, para passar o fim de semana e pescar no gelo? A mãe de Laura? — Shadow percebeu que estava irritado. — Você queria que eu sáísse da sua cidade. Só não queria ter que contar para Wednesday que estava fazendo isso.

Iluminado pelo fogo da lareira, Hinzelmann parecia mais uma gárgula do que um diabo.

— Esta é uma boa cidade — retrucou. Sem o sorriso, seu rosto parecia abatido e cadavérico. — Você ia chamar atenção demais. Não é bom para este lugar.

— Você devia ter me deixado lá no gelo — respondeu Shadow. — Devia ter me deixado no lago. Eu abri o porta-malas do carro. Por enquanto, Alison ainda está congelada dentro do carro. Mas o gelo vai derreter, e o corpo dela vai boiar até a superfície. E aí eles vão mergulhar e

ver o que mais dá para encontrar lá embaixo. Vão encontrar todas as crianças que você desovou. Acho que alguns daqueles corpos devem estar bem preservados.

Hinzelmann se abaixou e pegou o atizador. Não fez mais nenhuma menção de avivar o fogo; só segurava o objeto como se fosse uma espada, ou um cassetete, agitando a ponta incandescente no ar. Saía fumaça. Shadow sabia muito bem que estava quase pelado e que ainda estava exausto, lento e sem nenhuma condição de se defender.

— Você quer me matar? — perguntou Shadow. — Vá em frente. Mate. Já estou morto, mesmo. Eu sei que esta cidade é sua. É o seu mundinho. Mas, se você acha que ninguém vai vir atrás de mim, está sonhando. Acabou, Hinzelmann. De um jeito ou de outro, acabou.

Hinzelmann se levantou, apoiando-se no atizador como se fosse uma bengala. A ponta em brasa chamejou o tapete, que começou a soltar fumaça. O homem encarou Shadow, e seus olhos azul-claros estavam cheios de lágrimas.

— Eu amo esta cidade — declarou. — Gosto muito de ser um velho rabugento, de contar minhas histórias, de dirigir a Tessie e de pescar no gelo. Lembra o que eu disse? Não é o pescado o que você leva para casa no fim do dia. É a paz de espírito.

Ele estendeu a ponta do atizador na direção de Shadow, que sentiu o calor a menos de meio metro de distância.

— Eu poderia matar você — comentou Hinzelmann. — Poderia consertar tudo. Já fiz isso antes. Você não é o primeiro a descobrir. O pai de Chad Mulligan descobriu. Eu o consertei. Posso consertar você.

— Talvez — retrucou Shadow. — Mas até quando, Hinzelmann? Mais um ano? Mais uma década? Eles têm computadores. Não são idiotas. Percebem os padrões. Todo ano uma criança some. Vão vir fuçar aqui. Assim como vão vir me procurar. Diga, *quantos anos* você tem?

Shadow dobrou os dedos para pegar uma almofada do sofá e se preparou para levantá-la a qualquer momento: ia impedir o primeiro golpe.

O rosto de Hinzelmann estava inexpressivo.

— As pessoas me entregavam seus filhos antes de os romanos chegarem à Floresta Negra — respondeu. — Eu era um deus antes de ser um *kobold*.

— Talvez seja hora de seguir em frente — disse Shadow.

Ele não sabia o que era um *kobold*.

Hinzelmann o encarou. Em seguida, pegou o atizador e o enfiou de novo no meio das brasas.

— Talvez seja mesmo — concordou. — Mas não é tão simples assim. Por que você acha que eu poderia sair desta cidade, mesmo se quisesse? Eu sou parte dela. Você vai me obrigar a sair, Shadow? Está pronto para me matar? Para eu *poder* sair?

Shadow olhou para o chão. O tapete ainda ardia com faíscas e brasas no ponto onde o atizador havia encostado. Hinzelmann acompanhou seu olhar e pisou nas brasas, esfregando o pé. Em sua mente, Shadow se deparou com centenas de crianças — tinham aparecido sem convite, encarando-o com olhos cegos brancos. Em volta dos rostos, o cabelo ondulava como folhas de algas. Seus olhares eram de reprovação.

Sabia que era uma grande decepção para elas. Mas não sabia o que fazer.

— Não posso matar você — disse Shadow. — Você salvou a minha vida.

Ele balançou a cabeça. Sentia-se péssimo, em todos os sentidos em que era possível se sentir péssimo. Não se via mais como um herói ou um detetive — só mais um covarde de merda, sacudindo um dedo ríspido para a escuridão antes de ignorá-la.

— Quer saber um segredo? — perguntou Hinzelmann.

— Pode ser — respondeu Shadow, arrasado. Estava pronto para se livrar dos segredos.

— Veja só.

Onde Hinzelmann estava surgiu um menino pequeno, com menos de cinco anos. O cabelo era castanho-escuro e comprido. Estava completamente pelado, exceto por uma tira de couro desgastada em volta do pescoço. Duas espadas atravessavam seu corpo: uma no peito e a outra no ombro, despontando embaixo das costelas. As feridas jorravam sangue, que escorria pelo corpo e formava uma poça no chão. As espadas pareciam absurdamente antigas.

O menino fitou Shadow com olhos que só exibiam dor.

E Shadow pensou consigo mesmo: *Claro*. Era uma forma razoável de criar um deus tribal. Não precisou de explicação. Já sabia.

Pegue um bebê e o crie na escuridão, de modo que ele nunca veja ninguém, não toque em ninguém, e o alimente bem ao longo dos anos, alimente-o melhor do que as outras crianças do povoado, e depois, passados cinco invernos, na noite mais longa, crave nele espadas de ferro e bronze. Depois, defume o pequeno corpo em carvão, até que esteja devidamente seco, enrole-o em peles e leve-o de acampamento em acampamento, nas profundezas da Floresta Negra, sacrificando animais e crianças em seu nome, transformando-o na bonança da tribo. Quando aquilo finalmente se decompuser com o tempo, ponha os ossos frágeis dentro de uma caixa e idolatre a caixa, até que, um dia, os ossos sejam dispersos e esquecidos e as tribos que idolatravam o menino-deus tenham ficado no passado; e o menino-deus, a bonança daquele povo, será praticamente esquecido, será apenas mais um fantasma ou um duende, um *kobold*.

Shadow se perguntou quem dos que haviam chegado ao norte do Wisconsin cento e cinquenta anos antes, talvez um lenhador ou um cartógrafo, tinha trazido Hinzelmann na cabeça ao atravessar o Atlântico.

E então a criança ensanguentada desapareceu, e também o sangue, e restou apenas um velho com um chumaço de cabelo branco e um sorriso malicioso. As mangas do suéter ainda estavam encharcadas de quando colocara Shadow na banheira que o salvara.

— Hinzelmann? — chamou alguém, da porta da sala.

Hinzelmann se virou. Shadow também.

— Eu vim avisar — disse Chad Mulligan, em um tom contido — que a sucata afundou no gelo. Passei por lá e vi que tinha afundado, e pensei em vir avisar você, caso não tivesse visto.

Chad segurava a arma, apontada para o chão.

— Oi, Chad — disse Shadow.

— Oi, camarada — respondeu Chad Mulligan. — Recebi uma mensagem dizendo que você tinha morrido na cadeia. Ataque cardíaco.

— Ora, quem diria? Parece que eu estou morrendo em todo canto.

— Ele veio aqui, Chad — disse Hinzelmann. — Ele me ameaçou.

— Não — respondeu Chad Mulligan. — Não ameaçou. Estou aqui há dez minutos, Hinzelmann. Ouvi tudo o que você falou. Sobre o meu velho. Sobre o lago. — Ele entrou na sala. Não levantou a arma. — Nossa senhora, Hinzelmann. Ninguém circula pela cidade sem ver aquele lago maldito. Ele está no centro de tudo. O que é que eu faço agora?

— Você precisa prender esse homem. Ele disse que ia me matar — acusou Hinzelmann, um velhinho assustado dentro de uma sala empoeirada. — Chad, estou feliz por você ter aparecido.

— Não — retrucou Chad Mulligan. — Não está.

Hinzelmann suspirou. Ele se abaixou, como se estivesse resignado, e tirou o atizador do fogo. A ponta brilhava em tons de laranja.

— Abaixei isso, Hinzelmann. Abaixei devagar, ponha as mãos onde eu possa ver e vire-se para a parede.

O rosto do velho estava tomado de puro terror, e Shadow teria sentido pena, mas se lembrou das lágrimas congeladas no rosto de Alison McGovern e não conseguiu sentir nada. Hinzelmann não se mexeu. Não abaixou o atizador. Não se virou para a parede. Shadow estava prestes a estender a mão e tentar tirar o atizador de Hinzelmann, quando o velho jogou o objeto incandescente na direção de Chad Mulligan.

Foi um arremesso desengonçado, como se ele tivesse jogado o objeto só por jogar, tentando ao mesmo tempo correr até a porta.

O atizador passou de raspão no braço de Chad.

O barulho do tiro, no espaço apertado da sala, foi ensurdecador.

Um tiro na cabeça, e só.

— É melhor você se vestir — disse Chad Mulligan. Sua voz estava apagada e morta.

Shadow assentiu. Foi até o cômodo ao lado, abriu a porta da secadora e pegou suas roupas. A calça ainda estava úmida. Ele a vestiu mesmo assim.

Quando voltou à sala, já vestido — mas sem o casaco, que estava em algum lugar nas profundezas do lodo congelante do lago, e as botas, que ele não encontrou —, Mulligan já tirara vários pedaços de lenha em brasas da lareira.

— É um dia ruim para um policial, quando ele precisa provocar um incêndio criminoso só para encobrir um assassinato — comentou o delegado. Ele olhou para Shadow. — Você precisa de botas.

— Não sei onde estão.

— No saco — disse Mulligan. E então acrescentou: — Sinto muito, Hinzelmann.

Ele pegou o velho pelo colarinho e pela fivela do cinto e o jogou para a frente, largando o corpo com a cabeça dentro da lareira. O cabelo branco crepitou e pegou fogo, e o cheiro de carne queimada começou a encher a sala.

— Não foi assassinato. Foi legítima defesa — disse Shadow.

— Eu sei o que foi — rebateu Mulligan.

Chad já estava concentrado em espalhar as toras em brasas pela sala. Empurrou uma para perto do sofá, pegou um exemplar antigo do *Lakeside News* e soltou as folhas, amassando-as e soltando-as em cima da lenha. O jornal escureceu e pegou fogo.

— Vá lá para fora — ordenou o delegado.

Ele abriu as janelas ao sair da casa e armou a fechadura da porta para se trancar sozinha depois de fechar.

Shadow o acompanhou até a viatura, descalço. Mulligan abriu a porta do carona para ele, e Shadow entrou e esfregou os pés no tapete. Depois, calçou as meias, já praticamente secas.

— Podemos comprar umas botas para você na Henning's — sugeriu Chad Mulligan.

— O que você escutou lá dentro? — perguntou Shadow.

— O bastante. Demais.

Foram até a Henning's em silêncio. Quando chegaram, o delegado perguntou:

— Quanto você calça?

Shadow respondeu.

Mulligan entrou na loja e voltou com um par de meias grossas de lã e um par de botinas de couro.

— Só tinha essas do seu tamanho. A menos que você quisesse galochas. Imaginei que não fosse o caso.

Shadow calçou as meias e as botinas. Couberam bem.

— Obrigado.

— Você tem carro? — perguntou Mulligan.

— Estacionei numa rua perto do lago. Perto da ponte.

Mulligan deu a partida e saiu do estacionamento da Henning's.

— O que aconteceu com a Audrey? — perguntou Shadow.

— Um dia depois de buscarem você, ela falou que gostava de mim como amigo, mas que nós dois nunca daríamos certo, porque éramos parentes e tal, e voltou para Eagle Point. Fiquei arrasado.

— Faz sentido. E não foi pessoal, era só que Hinzelmann não precisava mais dela aqui.

Passaram outra vez pela casa de Hinzelmann. Uma coluna densa de fumaça branca saía da chaminé.

— Ela só veio para a cidade porque ele queria — explicou Shadow. — Foi só um empurrãozinho para me tirar daqui. Eu estava atraindo uma atenção que ele não desejava.

— Achei que ela gostasse de mim.

Pararam ao lado do carro alugado de Shadow.

— O que você vai fazer agora?

— Não sei — respondeu Mulligan. Desde que tinham saído da casa de Hinzelmann, era a primeira vez que o rosto dele, normalmente agitado, parecia um pouco mais vivo. E mais perturbado. — Acho que tenho algumas opções. Eu posso... — Ele fez uma arma com a mão e colocou a ponta do dedo indicador dentro da boca aberta, depois tirou. — ... enfiar uma bala no meu cérebro. Ou então espero mais alguns dias, quando o gelo tiver acabado de derreter, e pulo da ponte com um bloco de concreto amarrado na perna. Sempre tem os comprimidos. Vixe. Talvez eu deva dirigir um pouco, ir para uma das florestas. Tomar os comprimidos lá. Não quero obrigar um dos meus rapazes a limpar a sujeira. Melhor deixar para o município, né?

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Você não matou Hinzelmann, Chad. Ele morreu há muito tempo, muito longe daqui.

— Obrigado por falar isso, Mike. Mas eu o matei. Atirei em um homem a sangue-frio e encobri o crime. E, se você me perguntar por que eu fiz isso, qual é o verdadeiro motivo, eu não saberia responder.

Shadow tocou no braço de Mulligan.

— Hinzelmann controlava esta cidade — disse. — Acho que você não tinha muita escolha quanto ao que aconteceu lá. Acho que ele o levou para lá. Queria que você escutasse tudo aquilo. Armou para você. Acho que era a única forma de ele conseguir ir embora.

A expressão arrasada de Mulligan não se alterou. Shadow viu que o delegado praticamente não tinha ouvido nada do que ele havia falado. Ele matara Hinzelmann e fizera uma pira, e agora, obedecendo ao último desejo de Hinzelmann, ou simplesmente porque era a única coisa que podia fazer para suportar a dor da própria existência, pretendia se suicidar.

Shadow fechou os olhos e se lembrou do lugar em sua mente para onde tinha ido quando Wednesday lhe pedira para fazer neve: o lugar que fazia

força, de mente em mente — então sorriu um sorriso que não sentia e disse:

— Chad. Esqueça. — Havia uma nuvem na mente do homem, uma nuvem escura e opressiva, e Shadow quase conseguia enxergá-la e, concentrando-se, imaginou que ela se dissipava como uma neblina matinal. — Chad — repetiu, com intensidade, tentando penetrar a nuvem —, a cidade vai mudar. Não vai mais ser a única cidade boa em uma área em recessão. Vai ser muito mais parecida com o resto desta parte do mundo. Vai ter muito mais problemas. Pessoas desempregadas. Pessoas sem juízo. Mais pessoas vão se machucar. Mais merdas vão acontecer. As pessoas vão precisar de um delegado experiente. A cidade precisa de você. — Por fim, acrescentou: — Marguerite precisa de você.

Algo se agitou na nuvem de tempestade que preenchia a cabeça do delegado. Shadow sentiu a mudança. Então pensou com *força*, visualizando as mãos morenas e práticas de Marguerite Olsen, seus olhos escuros, o cabelo preto muito comprido. Imaginou o jeito como ela inclinava a cabeça para o lado e dava um meio sorriso quando achava graça de alguma coisa.

— Ela está esperando você — disse Shadow, e no mesmo instante soube que era verdade.

— Margie? — perguntou Mulligan.

E, naquele momento, embora fosse incapaz de dizer como conseguiu, e duvidava que jamais conseguisse fazer aquilo de novo, Shadow entrou na mente do delegado com toda a facilidade do mundo e fogue os acontecimentos da tarde com a mesma precisão e indiferença de um corvo bicando o olho de um animal morto na estrada.

As rugas na testa de Chad sumiram, e ele piscou, sonolento.

— Vá ver Margie — disse Shadow. — Foi ótimo rever você, Chad. Cuide-se.

— Tudo bem — respondeu Chad Mulligan, bocejando.

Uma mensagem soou no rádio policial, e Chad pegou o comunicador. Shadow saiu da viatura.

Foi até o carro alugado. Viu a lisura cinzenta do lago no centro da cidade. Pensou nas crianças mortas que esperavam no fundo.

Alison não demoraria para flutuar até a superfície...

Quando passou pela casa de Hinzelmann, Shadow viu que a coluna de fumaça já tinha virado um incêndio. Ouviu o ressoar de uma sirene.

Dirigiu para o sul, a caminho da Rodovia 51. Estava indo para seu último compromisso. Mas antes, pensou, ia fazer uma parada em Madison, para uma última despedida.

Para Samantha, a melhor parte do trabalho era fechar a Coffee House. Era uma atividade perfeitamente relaxante, e ela ficava com a sensação de que

estava restituindo a ordem ao mundo. Punha para tocar um CD das Indigo Girls e cumpria as últimas tarefas da noite no próprio ritmo e do seu jeito. Primeiro, limpava a máquina de café espresso. Depois, fazia a checagem geral, conferindo se todos os pratos e copos estavam na cozinha, e pegava os jornais que sempre ficavam espalhados pelo salão ao fim de cada dia para juntar numa pilha arrumada perto da porta, prontos para serem mandados para a reciclagem.

Ela adorava a Coffee House. Tinha frequentado o lugar como cliente durante seis meses, até convencer Jeff, o gerente, a contratá-la. Era um conjunto grande e sinuoso de ambientes mobiliados com poltronas e sofás e mesinhas baixas, em uma rua cheia de sebos.

Samantha cobriu as fatias de cheesecake que sobraram e as guardou na geladeira grande, depois pegou um pano e limpou os farelos. Gostava de ficar sozinha.

Enquanto trabalhava, ia cantando junto com as Indigo Girls. Às vezes dava um ou dois passinhos de dança, e aí percebia o que estava fazendo e se continha, com um sorrisinho debochado para si mesma.

Uma batida na janela tirou sua atenção do trabalho e a trouxe de volta para o mundo real. Samantha foi até a porta e abriu, deixando entrar uma mulher mais ou menos da mesma idade dela, com cabelo magenta amarrado em um rabo de cavalo. Chamava-se Natalie.

— Oi — falou Natalie. Ela subiu na ponta dos pés e deu um beijinho carinhoso entre a bochecha e o canto da boca de Sam. Dava para dizer muita coisa com um beijo desses. — Acabou?

— Quase.

— Que tal um cineminha?

— Pode ser. Boa. Mas vou levar mais uns cinco minutos. Quer se sentar e ler o *Onion*?

— Já li o desta semana.

Natalie se sentou numa cadeira perto da porta, remexeu a pilha de jornais separados para a reciclagem até achar alguma coisa e ficou lendo enquanto Sam ensacava o resto do dinheiro da caixa registradora e o guardava no cofre.

Já fazia uma semana que estavam dormindo juntas. Sam se perguntava se aquele era o relacionamento que havia procurado a vida inteira. Dizia a si mesma que só ficava feliz ao ver Natalie por causa de substâncias químicas no cérebro e dos feromônios, e talvez fosse só isso mesmo — ainda assim, sua única certeza era que sorria quando via Natalie e que, quando as duas estavam juntas, se sentia à vontade e acolhida.

— Este jornal tem mais uma daquelas matérias de “Os Estados Unidos estão mudando?” — comentou Natalie.

— E estão?

— Não fala. Talvez estejam, mas eles não sabem como nem por quê, e talvez não esteja acontecendo nada.

Sam abriu um sorriso largo.

— Bem, isso dá conta de todas as opções, né?

— Acho que sim.

Natalie franziu o cenho e voltou ao jornal.

Sam lavou e dobrou o pano de prato.

— Só acho que, apesar do governo e de sei lá o quê, de repente tudo está parecendo bom. Talvez seja só a primavera chegando um pouco mais cedo. Foi um longo inverno, e estou feliz por ter acabado.

— Eu também. — Uma pausa. — A matéria está dizendo que muita gente vem tendo sonhos esquisitos. Não tive nenhum sonho esquisito. Quer dizer, nada além do normal.

Sam deu uma olhada geral para ver se não tinha esquecido nada. Não. Fizera um belo trabalho. Tirou o avental e o pendurou na cozinha. Depois, saiu e começou a apagar as luzes.

— Também tenho tido uns sonhos esquisitos ultimamente — comentou Sam. — Tão esquisitos que comecei um diário de sonhos. Eles parecem ter um significado muito profundo enquanto estão se passando. Aí eu acordo e escrevo tudo que lembro. Depois, quando vou ler, não significam nada.

Ela vestiu o casaco e colocou as luvas tamanho único.

— Já fiz alguns estudos sobre sonhos — disse Natalie, que tinha feito um pouco de tudo, desde modalidades insólitas de defesa pessoal e tendas de suor até *feng shui* e aulas de jazz. — Conte para mim. Eu falo o que eles significam.

— Tudo bem. — Sam destrancou a porta e apagou a última lâmpada. Esperou Natalie sair e trancou bem a porta da Coffee House. — Às vezes sonho com pessoas caindo do céu. Às vezes estou debaixo da terra, conversando com uma mulher com cabeça de búfalo. E às vezes sonho com um cara que eu beije num bar.

Natalie fez um barulho.

— Algo que você devia ter me contado?

— Talvez. Mas não foi assim. Era um beijo de “Vão se Foder”

— Você estava mandando ele se foder?

— Não, eu estava mandando todos os outros se foderem. Acho que só estando lá para entender.

As solas dos sapatos de Natalie faziam barulho na calçada. Os passos de Sam eram leves a seu lado.

— Ele é o dono do meu carro — disse Sam.

— Aquela coisa roxa que você trouxe da casa da sua irmã?

— Aham.

— O que aconteceu com ele? Por que não quer pegar o carro de volta?

— Não sei. Talvez ele esteja preso. Talvez morto.

— Morto?

— Talvez. — Sam hesitou. — Algumas semanas atrás, eu tinha certeza de que ele estava morto. PES, sabe? Essas coisas meio extrassensoriais. Ou sei lá. Tipo, eu sabia. Mas aí comecei a pensar que talvez ele não estivesse. Sei lá. Acho que minha percepção extrassensorial não é lá grandes coisas.

— Quanto tempo você ainda vai ficar com o carro dele?

— Até alguém vir buscar. Acho que é o que ele ia querer.

Natalie olhou para Sam, então olhou de novo.

— Onde você arrumou *isso*? — perguntou.

— O quê?

— As flores. As que você está *segurando*, Sam. De onde elas saíram? Você estava com elas quando a gente saiu da Coffee House? Eu teria visto.

Sam olhou para baixo. E sorriu.

— Você é um amor. Eu devia ter falado alguma coisa quando você me deu, não é? São lindas. Muito obrigada. Mas será que vermelhas não seriam mais adequadas?

Eram rosas, com o caule embrulhado em papel. Seis brancas.

— Eu não dei isso para você — respondeu Natalie, comprimindo os lábios.

E as duas não falaram mais nada até chegarem ao cinema.

Quando voltou para casa naquela noite, Sam pôs as rosas em um vaso improvisado. Depois as usou de modelo para uma escultura de bronze e guardou para si a história de como as ganhara. Mas contou para Caroline, que veio depois de Natalie, a história das rosas-fantasma, numa noite em que as duas estavam muito bêbadas, e Caroline concordou com Sam que era uma história muito, muito estranha e assustadora e, no fundo, não acreditou em uma palavra sequer, então tudo bem.

Shadow tinha estacionado perto do capitólio e caminhado devagar pela praça, esticando as pernas depois da longa viagem. As roupas estavam incomodando, embora tivessem secado no corpo, e as botinas novas ainda estavam apertadas. Passou por um telefone público. Ligou para a central de informações, e lhe deram um número.

Não, avisaram. Ela não se encontra. Ainda não chegou. Deve estar na Coffee House.

No caminho da Coffee House, ele parou para comprar flores.

Achou o lugar e atravessou a rua até a porta de um sebo, e esperou, e observou.

O lugar fechava às oito, e às oito e dez Shadow viu Sam Black Crow sair da Coffee House acompanhada de uma mulher baixinha com cabelo preso num rabo de cavalo e pintado num tom peculiar de vermelho. Elas estavam

de mãos dadas, como se o simples gesto de segurar com força a mão uma da outra pudesse protegê-las do mundo, e conversavam — ou melhor, Sam falava mais, enquanto a amiga escutava. Shadow se perguntou o que Sam estava dizendo. Ela sorria enquanto falava.

As duas mulheres atravessaram a rua e passaram por Shadow. A garota de rabo de cavalo passou a centímetros dele — ele podia ter tocado nela, mas as duas não o viram.

Shadow as viu irem embora pela rua e sentiu uma fisgada, como se uma cordinha vibrasse dentro de si.

Tinha sido um bom beijo, mas Sam nunca olhara para Shadow como olhava para a garota de rabo de cavalo, e nunca olharia.

— Dane-se. Sempre teremos Peru — murmurou, enquanto Sam se afastava. — E El Paso. Sempre teremos isso.

Então correu atrás de Sam e pôs as flores nas mãos dela. E saiu correndo, para que ela não pudesse devolver.

Voltou para o carro e saiu de Chicago pela Rodovia 90. Dirigiu perto do limite de velocidade, mas sem nunca ultrapassá-lo.

Era a última coisa que tinha para fazer.

Não estava com nenhuma pressa.

Shadow passou a noite em um hotel. Levantou-se na manhã seguinte e reparou que suas roupas ainda cheiravam como o fundo do lago. Ele as vestiu mesmo assim. Concluiu que não ia precisar delas por muito mais tempo.

Pagou a conta. Dirigiu até o prédio. Não foi difícil de encontrar. Era menor do que ele lembrava.

Shadow subiu a escada a passos firmes, não rápidos, porque isso indicaria que estava ansioso para encontrar a própria morte, nem lentos, o que indicaria que estava com medo. Alguém havia limpado a escada: os sacos pretos de lixo tinham desaparecido. O lugar tinha cheiro de água sanitária, e não de legumes podres.

A porta vermelha no fim da escada estava escancarada: o cheiro de comida velha pairava no ar. Shadow hesitou e apertou a campainha.

— Já vou indo! — gritou uma voz de mulher, e Zorya Utrennyaya, miúda e extraordinariamente loura, saiu da cozinha e veio às pressas até ele, esfregando as mãos no avental. Shadow percebeu que ela parecia diferente. Parecia feliz. As bochechas estavam bem coradas de blush, e seus olhos idosos tinham certo brilho. Quando o viu, ficou boquiaberta e gritou: — Shadow? Você voltou para nós? — E correu até ele de braços abertos. Ele se abaixou e lhe deu um abraço e um beijo no rosto. — Que bom ver você! Agora você precisa ir embora.

Shadow entrou no apartamento. Todas as portas (exceto, o que era de se esperar, a de Zorya Polunochneya) estavam escancaradas, e todas as janelas à vista também estavam abertas. Uma brisa suave soprava pelo corredor.

— Vocês estão fazendo faxina — comentou com Zorya Utrennyaya.

— Estamos esperando visita — respondeu ela. — Agora, você precisa ir embora. Antes, quer café?

— Vim ver Czernobog — disse Shadow. — Está na hora.

Zorya Utrennyaya balançou a cabeça violentamente.

— Não, não. Você *não quer* fazer isso. Não é boa ideia.

— Eu sei — respondeu Shadow. — Mas, sabe, a única coisa que eu realmente aprendi tratando com deuses é que, se você assume um compromisso, tem que honrá-lo. Eles podem romper todas as regras que quiserem. Nós, não. Mesmo se eu tentasse sair daqui, meus pés acabariam me trazendo de volta.

Ela mordeu o lábio inferior e disse:

— Verdade. Mas vá embora hoje. Volte amanhã. Ele não estará mais aqui.

— Quem é? — falou uma voz de mulher no corredor. — Zorya Utrennyaya, com quem você está falando? Este colchão, não consigo virar sozinha, sabe?

Shadow avançou pelo corredor e disse:

— Bom dia, Zorya Vechernnyaya. Posso ajudar?

E a mulher no quarto gritou de surpresa e largou a ponta do colchão.

O quarto estava coberto de poeira: revestia todas as superfícies, madeira e vidro, e flocos flutuavam e dançavam nos feixes de luz do sol que entravam pela janela aberta, agitadas por uma ou outra brisa e pelo balanço preguiçoso das cortinas de renda amareladas.

Ele se lembrava daquele quarto. Era o quarto que deram para Wednesday naquela noite. O quarto de Bielebog.

Zorya Vechernnyaya o encarou, hesitante.

— O colchão — declarou. — Tem que ser virado.

— Sem problemas — respondeu Shadow.

Ele pegou o colchão, levantou-o com facilidade e o virou. Era uma cama antiga de madeira, e o colchão de penas pesava quase o mesmo que uma pessoa. O ar ficou cheio de poeira quando o colchão desceu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Zorya Vechernnyaya. Pelo tom, não era uma pergunta amistosa.

— Eu vim — respondeu Shadow — porque em dezembro um jovem jogou uma partida de damas com um velho deus e perdeu.

O cabelo grisalho da idosa estava amarrado no alto da cabeça em um coque pequeno. Ela comprimiu os lábios.

— Amanhã só — disse Zorya Vechernnyaya.

— Não posso — respondeu ele, sem mais.

— Bem, a cabeça é sua. Agora vá se sentar. Zorya Utrennyaya vai trazer café. Czernobog volta logo.

Shadow foi pelo corredor até a sala de estar. Era exatamente como se lembrava, mas a janela estava aberta. O gato cinza dormia no braço do sofá. Ele abriu um dos olhos quando Shadow entrou e, sem se impressionar, voltou a dormir.

Foi ali que ele jogou damas com Czernobog; foi ali que ele apostou a vida para fazer o velho se unir a eles no último golpe arruinado de Wednesday. O ar fresco entrava pela janela aberta e expulsava o fedor.

Zorya Utrennyaya entrou com uma bandeja vermelha de madeira, trazendo uma xícara pequena de metal colorida com café preto fumegante e um pires cheio de cookies pequenos com gotas de chocolate. Ela pôs a bandeja na mesa, na frente de Shadow.

— Eu vi Zorya Polunochnaya de novo — comentou Shadow. — Ela apareceu para mim embaixo do mundo e deu a lua para iluminar meu caminho. E tirou algo de mim. Mas não lembro o quê.

— Ela gosta de você — disse Zorya Utrennyaya. — Sonha muito. E protege todos nós. Ela é muito corajosa.

— Cadê Czernobog?

— Ele diz que faxina incomoda. Sai para comprar jornal, sentar no parque. Comprar cigarro. Talvez não volte hoje. Você não precisa esperar. Por que não vai embora? Volte amanhã.

— Eu espero — respondeu Shadow.

Ele sabia que não era nenhum *geas*, algo que o forçava a esperar. Era *ele*. Era a última coisa que precisava acontecer, e, se era a *última* coisa a acontecer... bem, estava lá por vontade própria. Depois não havia mais nenhuma obrigação, nenhum mistério, nenhum fantasma.

Tomou um gole do café quente, forte e doce como lembrava.

Ouviu uma voz masculina grave no corredor e se endireitou no sofá. Ficou feliz de ver que a mão não tremia. A porta se abriu.

— Shadow?

— Oi — respondeu. Ele continuou sentado.

Czernobog entrou na sala. Trazia um exemplar dobrado do *Chicago Sun-Times* e o colocou na mesinha de centro. Olhou para Shadow e, hesitante, estendeu a mão. Os dois se cumprimentaram.

— Eu vim — disse Shadow. — Nosso acordo. Você cumpriu a sua parte. Esta é a minha.

Czernobog assentiu. Franziu o cenho. A luz do dia se refletiu no grisalho do cabelo e do bigode, deixando-os quase dourados.

— É... — Ele franziu a testa. — Não é... — Ele se interrompeu. — Talvez você deva ir embora. Não é uma boa hora.

— Pode levar o tempo que for necessário — respondeu Shadow. — Estou pronto.

Czernobog suspirou.

— Você é um menino muito idiota, sabia?

— Acho que sim.

— Você é um menino idiota. E, na montanha, fez algo muito bom.

— Eu fiz o que precisava ser feito.

— Talvez.

Czernobog foi até o aparador de madeira antigo, abaixou-se e puxou uma valise. Solto as travas da valise, que se abriram com um clique satisfatório. Abriu a valise. Tirou um martelo de dentro e o segurou, para sentir o peso. O martelo parecia uma marreta em miniatura, e o cabo de madeira estava manchado.

Depois, ele se levantou.

— Devo muito a você — comentou o deus. — Mais do que você pensa. Por sua causa, as coisas estão mudando. É a primavera. A primavera de verdade.

— Eu sei o que fiz — retrucou Shadow. — Não tive muita opção.

Czernobog assentiu. Seus olhos tinham uma expressão que Shadow não lembrava ter visto antes.

— Já falei para você do meu irmão?

— Bielebog? — Shadow foi até o centro do tapete manchado de cinzas. Ajoelhou-se. — Você disse que não o via fazia muito tempo.

— Sim — respondeu o velho, erguendo o martelo. — Foi um inverno longo, garoto. Um inverno muito longo. Mas o inverno está acabando agora. — E ele balançou a cabeça, devagar, como se estivesse se lembrando de alguma coisa. E disse: — Feche os olhos.

Shadow fechou os olhos, ergueu a cabeça e esperou.

A ponta da marreta era fria, gelida, e encostou em sua testa com a delicadeza de um beijo.

— *Toc!* Pronto — disse Czernobog. — Acabou.

Seu rosto tinha um sorriso que Shadow nunca vira antes, um sorriso tranquilo, confortável, como o sol de um dia de verão. O velho foi até a valise, guardou o martelo, fechou-a e a empurrou de volta para baixo do aparador.

— Czernobog? — perguntou Shadow. Depois: — Você é Czernobog?

— Sim. Por hoje — respondeu o velho. — Amanhã, vai ser só Bielebog. Mas hoje ainda é Czernobog.

— Então por quê? Por que não me matou quando teve a chance?

O velho tirou um cigarro sem filtro de um maço no bolso. Pegou uma caixa grande de fósforos em cima da lareira e acendeu o cigarro. Parecia perdido em pensamentos.

— Porque — comentou, depois de algum tempo — existe o sangue. Mas também existe a gratidão. E foi um inverno muito, muito longo.

Shadow se levantou. Os joelhos de sua calça jeans estavam sujos de poeira, e ele os limpou.

— Obrigado.

— De nada. Da próxima vez que quiser jogar damas, já sabe onde me encontrar. *Dessa vez*, eu vou com as brancas.

— Obrigado. Talvez eu venha. Mas não tão cedo.

Ele fitou os olhos faiscantes do velho e se perguntou se sempre tinham sido daquele tom azul de centáurea. Apertaram as mãos, e nenhum dos dois disse adeus.

Shadow deu um beijo no rosto de Zorya Utrennyaya ao sair, e beijou as costas da mão de Zorya Vechernyaya, e desceu a escada de dois em dois degraus para ir embora dali.

POSFÁCIO

REYKJAVIK, NA ISLÂNDIA, é uma cidade estranha até para quem já viu muitas cidades estranhas. É uma cidade vulcânica — o calor vem das profundezas da terra.

Há turistas, mas não tantos quanto seria de se esperar, nem mesmo no começo de julho. O sol brilhava, e já fazia semanas que brilhava daquele jeito: tinha parado de brilhar por mais ou menos uma hora durante a madrugada. Acontecia uma espécie de aurora escura entre as duas e as três da madrugada, então o dia começava de novo.

O turista grandalhão caminhara por grande parte de Reykjavik naquela manhã, escutando as pessoas conversarem em um idioma que havia mudado pouco nos últimos mil anos. A população lá conseguia ler as sagas ancestrais com a mesma facilidade com que liam um jornal. Havia uma noção de continuidade naquela ilha que o assustava, o que ele achava desesperadoramente reconfortante. Estava muito cansado: tinha sido praticamente impossível dormir com o dia interminável, e ele passara longas e inúmeras noites sem noite sentado no quarto do hotel, lendo ora um guia, ora *A casa soturna* — um livro comprado em um aeroporto nas últimas semanas —, mas não lembrava mais em qual aeroporto tinha sido. Às vezes, passava o tempo olhando pela janela.

Finalmente, o relógio concordou com o sol e proclamou que era manhã.

Ele comprou uma barra de chocolate em uma das muitas lojas de doce, caminhou pela calçada e vez ou outra se lembrou da natureza vulcânica da Islândia: dobrava uma esquina e sentia, por um instante, um aspecto meio sulfuroso no ar. Isso não o fazia pensar em Hades, mas em ovos podres.

Várias das mulheres que passavam por ele eram muito bonitas: esbeltas e muito claras. O tipo de mulher que Wednesday apreciava. Shadow se perguntou o que em sua mãe teria atraído o deus. Ela era uma mulher bonita, mas não possuía nenhuma daquelas duas características.

Shadow sorria para as mulheres bonitas, porque elas o faziam se sentir viril de um jeito agradável, e sorria para as outras mulheres também, porque estava feliz.

Não tinha certeza de quando foi que percebeu que estava sendo observado. Em algum momento durante a caminhada por Reykjavik, Shadow se deu conta de que alguém o seguia. Ele se virava de tempos em tempos, tentando vislumbrar quem era, parava na frente de vitrines, atento

ao reflexo da rua atrás de si, mas não via ninguém fora do comum, ninguém que parecesse observá-lo.

Entrou num restaurante pequeno, onde comeu papagaio-do-mar defumado, framboesa-amarela, truta do ártico e batata cozida e bebeu uma Coca, que parecia mais doce, mais açucarada do que ele se lembrava de ser nos Estados Unidos.

O garçom trouxe a conta — a refeição foi mais cara do que Shadow havia imaginado, mas isso parecia valer para a comida em quase todos os lugares de suas perambulações. Quando pôs a conta na mesa, o garçom perguntou:

— Com licença. Você é americano?

— Sim.

— Então feliz Quatro de Julho.

Ele parecia contente.

Shadow não tinha se dado conta de que era Quatro de Julho. Dia da Independência. Sim. Gostava da ideia de independência. Deixou o dinheiro e a gorjeta na mesa e saiu. Uma brisa fria vinha do Atlântico, e ele abotoou o casaco.

Sentou-se num gramado e olhou para a cidade que o cercava, pensando que, um dia, teria que voltar para casa. Que um dia teria que criar uma casa para onde voltar. Ele se perguntou se casa era uma circunstância que acontecia depois de algum tempo em um só lugar, ou se era algo a ser encontrado depois de uma quantidade suficiente de andança e espera e vontade.

Pegou o livro.

Um velho caminhou em sua direção pela colina: usava um manto cinza-escuro com a barra esfarrapada, como se já tivesse viajado muito, e também um chapéu azul de aba larga com uma pena de gaivota enfiada na fita, em um ângulo descontraído. Shadow pensou que parecia um hippie idoso. Ou um pistoleiro havia muito aposentado. O homem era ridiculamente alto.

Ele se agachou ao lado de Shadow. Fez um gesto ríspido com a cabeça, em cumprimento. Usava um tapa-olho preto de pirata, e uma barba branca se projetava do queixo. Shadow se perguntou se o homem ia lhe pedir um cigarro.

— *Hvernig gengur? Manst þú eftir mér?* — perguntou o velho.

— Desculpe — respondeu Shadow —, mas não falo islandês. — Depois disse, aos tropeços, a expressão que havia aprendido com o dicionário de frases e expressões naquela madrugada à luz do dia: — *Ég tala bara ensku.* — “Só falo inglês.” — Sou americano.

O velho assentiu lentamente.

— Meu povo saiu daqui para a América há muito tempo — comentou. — Eles foram para lá, e depois voltaram para a Islândia. Disseram que era

um lugar bom para os homens, mas ruim para os deuses. E, sem os deuses, eles se sentiram muito... sozinhos.

O inglês dele era fluente, mas as pausas e a cadência das frases soavam estranhas. Shadow o examinou: de perto, o homem parecia mais velho do que ele achava possível. A pele estava coberta de rugas e rachaduras minúsculas, como as rachaduras de um granito.

— Eu conheço você, menino — disse o velho.

— Conhece?

— Você e eu, nós percorremos o mesmo caminho. Eu também fiquei pendurado na árvore por nove dias, um sacrifício de mim para mim mesmo. Sou o senhor dos ares. Sou o deus da força.

— Você é Odin — concluiu Shadow.

O homem assentiu, pensativo, como se avaliasse o nome.

— Me chamam de muitas coisas, mas, sim, sou Odin, filho de Bor.

— Eu vi você morrer — disse Shadow. — Prestei tributo ao seu corpo. Você tentou destruir muita coisa, por poder. Você ia sacrificar muito por si mesmo. Você fez isso.

— Não fiz isso.

— Wednesday fez. Ele era você.

— Ele era eu, sim. Mas eu não sou ele. — O homem coçou a lateral do nariz. A pena de gaivota no chapéu balançou. — Você vai voltar? Para a América?

— Não tenho para o que voltar — disse Shadow, e no mesmo instante soube que era mentira.

— Há coisas que o esperam lá — respondeu o velho. — Mas elas vão esperar até você voltar.

Uma borboleta branca passou diante deles num voo irregular. Shadow não falou nada. Já tivera que aguentar os deuses e o jeito deles por várias vidas inteiras. Decidiu que ia pegar o ônibus até o aeroporto e mudar a passagem. Pegar um avião para algum lugar onde nunca estivera. Continuar em movimento.

— Ei — disse Shadow. — Tenho algo para você. — A mão dele mergulhou no bolso e empalmou o objeto, certa. — Estenda a mão.

Odin olhou para ele com uma expressão estranha e séria. E então deu de ombros e estendeu a mão direita, virada para baixo. Shadow virou a mão dele para cima.

Ele abriu as próprias mãos e mostrou, uma de cada vez, que estavam vazias. Depois, colocou o olho de vidro na palma calejada do velho e o deixou ali.

— Como você fez isso?

— Mágica — respondeu Shadow, sem sorrir.

O velho sorriu e riu e bateu palmas. Segurou o olho entre o indicador e o polegar, olhou para ele e assentiu, como se soubesse exatamente o que era

aquilo, e por fim o guardou dentro de uma bolsa de couro pendurada na cintura. — *Takk kærlega*. Tomarei conta disto.

— De nada — respondeu Shadow.

Ele se levantou e limpou a grama da calça. Fechou o livro e o guardou de volta no bolso lateral da mochila.

— De novo — mandou o senhor de Asgard, com uma voz grave e autoritária e um gesto de cabeça imperioso. — Mais. Faça de novo.

— Vocês... — disse Shadow. — Nunca ficam satisfeitos. Tudo bem. Esta eu aprendi com um cara que já está morto.

Ele estendeu a mão para o nada e tirou uma moeda de ouro do ar. Era uma moeda de ouro normal. Não podia reviver os mortos nem curar os doentes, mas era uma moeda de ouro de verdade.

— E acabou — anunciou, exibindo-a entre o dedo e o polegar. — É isso aí.

Jogou a moeda para o alto com um toque do polegar. Ela girou num brilho dourado ao chegar ao topo do arco, sob a luz do sol, cintilou e refulgiu e parou lá no céu de verão como se não fosse cair nunca mais. Talvez nunca caísse. Shadow não esperou para ver. Saiu andando e não parou mais.

AGRADECIMENTOS

FOI UM LONGO livro, e uma longa jornada, e estou em grande dívida com muita gente.

A sra. Hawley me emprestou sua casa na Flórida para eu escrever, e a única coisa que eu precisava fazer em troca era afugentar os urubus. Ela me emprestou sua casa na Irlanda para terminar o livro e me avisou para não afugentar os fantasmas. Minha gratidão a ela e ao sr. Hawley, por toda a gentileza e toda a generosidade. Jonathan e Jane me emprestaram a casa e a rede para eu escrever, e a única coisa que eu precisava fazer era pescar na piscina um ou outro monstinho peculiar. Agradeço muito a todos eles.

O dr. Dan Johnson me ofereceu informações médicas sempre que eu precisava, apontou alguns anglicismos acidentais (todo mundo fez isso, na verdade), respondeu às perguntas mais esquisitas e, em um dia de julho, até voou comigo pelo norte do Wisconsin em um avião minúsculo. Além de tocar a minha vida por procuração enquanto eu escrevia este livro, minha assistente, a fabulosa Lorraine Garland, foi muito *blasé* ao descobrir a população de cidadezinhas americanas para mim; ainda não sei bem como ela conseguiu. (Ela faz parte de uma banda chamada Flash Girls: compre o álbum novo delas, *Play Each Morning*, *Wild Queen*, e a deixe feliz.) Terry Pratchett ajudou a resolver um nó na trama no trem até Gotenburgo. Eric Edelman resolveu as minhas dúvidas diplomáticas. Anna Sunshine Ison desenterrou um monte de coisa para mim sobre os campos de internação japoneses na Costa Oeste, que vão ter que esperar eu escrever outro livro, porque não chegaram a caber neste. Roubei de Gene Wolfe a melhor fala do epílogo, e agradeço a ele por isso. A sargento Kathy Ertz teve a gentileza de responder até minhas dúvidas mais estranhas quanto a procedimentos policiais, e o vice-xerife Marshall Multhauf me levou em uma ronda. Pete Clark se submeteu a um interrogatório ridiculamente pessoal com elegância e bom humor. Dale Robertson foi o hidrólogo consultor do livro. Foram bem-vindos os comentários do dr. Jim Miller sobre pessoas, línguas e peixes, assim como a ajuda linguística de Margret Rodas. Jamy Ian Swiss cuidou para que a mágica com moedas fosse mágica. Quaisquer erros no livro são meus, não deles.

Muitas pessoas maravilhosas leram o manuscrito e ofereceram sugestões preciosas, correções, incentivo e informações. Sou especialmente grato a Colin Greenland e Susanna Clarke, John Clute e Samuel R. Delany. Quero

agradecer também a Owl Goingback (que tem o nome mais legal do mundo), Iselin Røsjø Evensen, Peter Straub, Jonathan Carroll, Kelli Bickman, Dianna Graf, Lenny Henry, Pete Atkins, Chris Ewen, Teller, Kelly Link, Barb Gilly, Will Shetterly, Connie Zastoupil, Rantz Hoseley, Diana Schutz, Steve Brust, Kelly Sue DeConnick, Roz Kaveney, Ian McDowell, Karen Berger, Wendy Japhet, Terje Nordberg, Gwenda Bond, Therese Littleton, Lou Aronica, Hy Bender, Mark Askwith, Alan Moore (que também teve a gentileza de me empresar *Litvinoff's Book*) e ao Joe Sanders original. Agradeço também a Rebecca Wilson; e especialmente a Stacy Weiss, por suas reflexões. Depois de ler o primeiro rascunho, Diana Wynne Jones me alertou para o tipo de livro que eu tinha começado a fazer e para os perigos que eu corria ao escrevê-lo, e ela estava certa em todos os sentidos.

Gostaria que o professor Frank McConnell ainda estivesse entre nós. Acho que ele teria gostado deste aqui.

Depois de escrever o primeiro rascunho, percebi que outras pessoas já haviam encarado este tema antes de mim: particularmente, meu autor impopular preferido, James Branch Cabell, o saudoso Roger Zelazny e, claro, o inigualável Harlan Ellison, cuja coleção *Deathbird Stories* se cravou nas profundezas da minha mente quando eu ainda estava numa idade em que um livro tinha o poder de me transformar para sempre.

Nunca entendi muito o propósito de registrar para a posteridade as músicas escutadas durante a escrita de um livro, e eu escutei muita música enquanto estava escrevendo este aqui. Mesmo assim, sem o *Dream Café* de Greg Brown e *69 Love Songs* do Magnetic Fields, o livro teria sido diferente, então agradeço a Greg e Stephin. E acho que devo informar que você pode desfrutar a música da House on the Rock em fita ou CD, incluindo aquela da máquina de Mikado e a do Maior Carrossel do Mundo. É diferente, embora certamente não melhor, do que qualquer coisa que você já tenha ouvido. Escreva para: The House on the Rock, Spring Green, WI 53588. USA, ou ligue para 1-608-935-3639.

Meus agentes — Merrilee Heifetz, na Writers House, Jon Levin e Erin Culley La Chapelle, na CAA — prestaram uma ajuda inestimável como público-teste e como pilares de sabedoria.

Muitas pessoas que estavam esperando coisas que eu havia prometido fazer assim que terminasse este livro tiveram uma paciência incrível. Eu gostaria de agradecer ao pessoal da divisão de filmes na Warner Bros. (particularmente Kevin McCormick e Lorenzo di Bonaventura), e da Village Roadshow, da Sunbow e da Miramax; e a Shelly Bond, que aguentou muita coisa.

As duas pessoas sem as quais: Jennifer Hershey, da HarperCollins dos Estados Unidos, e Doug Young, da Hodder Headline, no Reino Unido. É uma felicidade contar com bons editores, e esses são dois dos melhores que

já conheci. Sem falar que são dois dos mais pacientes, tranquilos e, à medida que os prazos voavam por nós como folhas secas num vendaval, definitivamente estoicos.

Bill Massey chegou no final, na Headline, e esquadrinhou o livro com seu olho de águia editorial. Kelly Notaras também o conduziu pela produção com graça e elegância.

Por fim, quero agradecer a minha família, Mary, Mike, Holly e Maddy, que foram os mais pacientes de todos, que me amaram e que, durante longos períodos na escrita deste livro, toleraram minhas saídas tanto para escrever quanto para encontrar a América — o que, por acaso, quando finalmente encontrei, estava na América desde o princípio.

Neil Gaiman

Perto de Kinsale, Condado de Cork

15 de janeiro de 2001

APÊNDICE

PASSEI A MAIOR parte do livro ansioso para descrever o encontro de Shadow com Jesus: afinal, seria impossível escrever sobre os Estados Unidos sem falar de Jesus. Ele faz parte da urdidura do país.

Aí escrevi a primeira cena deles dois juntos no capítulo quinze, mas não deu muito certo; fiquei com a sensação de que estava fazendo uma alusão a algo que não dava para ser mencionado apenas de passagem. Era grande demais.

Então tirei.

Quase coloquei de volta quando estava montando este texto preferido do autor. Na verdade, eu coloquei de volta, sim. E depois tirei de novo e passei para cá. Você pode ler. Só não sei bem se ela necessariamente faz parte de Deuses americanos.

Considere esta uma cena apócrifa, talvez.

Um dia, Shadow vai voltar para a América.

Algumas conversas extremamente interessantes o aguardam...

As pessoas passavam a sua volta, e ele percebia ou não. Algumas ele parecia reconhecer, outras eram completos estranhos.

— E o que é um estranho senão um amigo que você ainda não conheceu? — indagou alguém, passando-lhe uma taça com bebida.

Ele aceitou a bebida e caminhou com a pessoa por um corredor marrom-claro. Estavam em um edifício de arquitetura espanhola e saíram do corredor de adobe para um pátio aberto e de volta para um corredor, o sol banhando os jardins aquáticos e as fontes.

— Ou também um inimigo que você ainda não conheceu — retrucou Shadow.

— Desolador, Shadow, muito desolador — disse o homem.

Shadow tomou um gole da bebida. Era um vinho tinto ligeiramente salobre.

— Os últimos meses têm sido desoladores — comentou. — Os últimos anos têm sido desoladores.

O homem, magro, bronzeado e de estatura média, olhou para Shadow com um sorriso gentil e compreensivo.

— Como vai o tributo, Shadow?

— A árvore? — Já tinha esquecido que estava pendurado na árvore prateada. Ele se perguntou o que mais havia esquecido. — Dói.

— O sofrimento às vezes limpa — disse o homem. Ele usava roupas comuns, mas caras. — Pode purificar.

— Também pode foder com a sua vida — retrucou Shadow.

O homem levou Shadow para dentro de um escritório imenso. Mas não havia nenhuma escrivaninha ali dentro.

— Já pensou no que significa ser um deus? — perguntou o homem. Ele tinha barba e usava boné. — Significa abrir mão de sua existência mortal e se transformar em *meme*: algo que vive para sempre na mente das pessoas, como a melodia de uma cantiga de ninar. Significa que todo mundo vai poder recriá-lo na própria cabeça. Você praticamente perde sua identidade. Em vez disso, torna-se mil aspectos do que as pessoas precisam que você seja. E todo mundo quer algo diferente. Nada é fixo, nada é estável.

Shadow se sentou em uma cadeira de couro confortável perto da janela. O homem se acomodou no sofá enorme.

— Este seu canto é ótimo — comentou.

— Obrigado. Agora, seja sincero: como está o vinho?

Shadow hesitou.

— Acho que um pouco passado.

— Sinto muito. Esse é o problema dos vinhos. Vinho razoável eu consigo fazer fácil, mas vinho *bom*, que dirá vinho ótimo... bem, tem o clima, a acidez do solo, o índice pluviométrico, até o lado da colina onde as videiras são cultivadas. E isso sem falar das safras...

— Está bom, sim — disse Shadow, engolindo o resto do vinho com um gole demorado.

Ele sentiu o líquido ardendo na barriga vazia, as borbulhas da embriaguez subindo para a cabeça.

— E tem essa história toda de novos deuses, velhos deuses — disse seu amigo. — Particularmente, eu fico feliz de ver deuses novos. Por mim, podem vir todos. O deus das armas. O deus das bombas. Todos os deuses da ignorância e da intolerância, do orgulho, da estupidez e da culpa. Tudo que as pessoas tentam despejar em cima de mim. Tira um baita peso das minhas costas.

Ele suspirou.

— Mas você faz tanto sucesso — respondeu Shadow. — Olhe só para este lugar.

Ele apontou para os quadros nas paredes, o piso de madeira, a fonte no pátio abaixo. Seu amigo assentiu.

— Isso tem um custo — explicou. — É como eu falei. Você tem que ser tudo para todo mundo. Depois de um tempo, você se dispersa tanto que praticamente desaparece. Não é bom.

Ele estendeu a mão calejada — os dedos estavam cobertos de cicatrizes antigas de talhadeira — e apertou a mão de Shadow.

— Eu sei, eu sei. Eu devia me sentir afortunado. E um dos motivos é ter tempo para esse tipo de encontro. Que bom que você pôde vir. Bom mesmo. Não vamos mais ser estranhos.

— Não. Só vamos ser amigos que ainda não se conheceram — respondeu Shadow.

— Engraçadinho — disse o homem da barba.

— Ratatosk, ratatosk — chiou o esquilo na orelha de Shadow.

Ele ainda sentia o gosto amargo do vinho na boca e no fundo da garganta, e estava quase escuro.

EXTRAS

—

NOTAS DO TRADUTOR

UMA ADVERTÊNCIA E um alerta para os leitores:

Esta é uma seção de notas sobre a tradução, não uma resenha. Pode ser que você já conheça algumas das referências mitológicas apresentadas a seguir, mas aqui essas referências serão associadas a passagens específicas de *Deuses americanos*. Há menos passagens do que seria considerado cansativo, mas elas existem.

Convém avisar que, se você ainda não terminou de ler *Deuses americanos* — se preferiu pular para o final e ver como a história acaba, ou explorar que outros brindes esta edição oferece —, este texto contém *spoilers*. Não omitimos aqui detalhes importantes para a trama do livro, já que estas notas existem justamente devido à dificuldade de tradução de alguns desses detalhes.

Ademais, é desnecessário dizer que todas as informações aqui apresentadas vêm de fontes fidedignas. Só os deuses mentem.

Na introdução, Neil Gaiman explica que não conhece a experiência de ler este livro, apenas a experiência de escrevê-lo. Eu, como tradutor, estaria mentindo se dissesse que não me sinto privilegiado. Afinal, não só tive a chance de ler *Deuses americanos*, como pude viver a experiência de escrevê-lo em português.

Traduzir *Deuses americanos* foi um grande desafio, tanto pela importância de se preservar o estilo característico do autor quanto pelo trabalho de identificar todas as inúmeras referências culturais e mitológicas entretecidas, disfarçadas e escancaradas na história épica de Shadow. Acredito que tenha me divertido tanto ao adaptar trocadilhos quanto Neil Gaiman ao criá-los, mesmo que nem sempre os jogos de palavra atravessassem incólumes a ponte para o português, chegando aqui arrastados à força, acorrentados e com uma expressão contrariada no rosto.

Um exemplo: logo no primeiro capítulo, Wednesday se apresenta a Shadow e eu me vejo diante da necessidade de transmitir a cultura germânica embutida nos nomes dos dias da semana em inglês para o leitor brasileiro. No fim, as duas realidades tão díspares me obrigaram a encarar o tabu máximo da tradução em ficção: teria eu que recorrer às afamadas notas

de rodapé para explicar o que Wednesday quis dizer ao sugerir que devia se chamar Thursday por causa do tempo fechado?

O principal objetivo da tradução deste livro, reforçado por toda a equipe editorial e pelos revisores, foi proporcionar ao público brasileiro uma leitura tão autêntica quanto a desfrutada pelo público anglófono. Nos casos em que a barreira do idioma se mostrava intransponível, a inserção de uma nota de rodapé seria uma solução um tanto desajeitada — uma escada que o leitor deveria subir antes de seguir viagem junto com Shadow. Após alguns e-mails trocados com a editora, chegamos à conclusão mais satisfatória: em vez de uma série de escadas ao longo do livro, melhor seria fazer um pequeno desvio no caminho e, depois, explicar aonde a estrada levava — a tal barreira — e por que não pudemos seguir em frente.

Agora, no final do livro, portanto, acrescentamos estas notas à tradução para explicar as referências mais obscuras e dar um sabor do processo de tradução. É possível que muitas das questões abordadas aqui você, leitor ou leitora, já tenha desvendado por conta própria, mas, se eu conseguir despertar uma meia dúzia de “caramba, eu nem imaginava”, vou me considerar bem-sucedido.

Nomes e apelidos de personagens

Logo no começo da tradução foi preciso tomar uma decisão crucial: os apelidos dos personagens seriam traduzidos? Afinal, é óbvio que os senhores Wood, Town e World não receberam esses nomes na maternidade, e jamais descobrimos o nome verdadeiro sequer do herói da história. Muitos personagens, portanto, adotam codinomes ou apelidos, que nunca são gratuitos. É razoável que não se traduza nomes comuns como John, James e Mary, mas o que fazer com os apelidos?

Acima de tudo, *Deuses americanos* é uma história sobre os Estados Unidos, com personagens americanos em busca da identidade americana. Por mais que trouxéssemos para o português as falas e descrições, os nomes próprios — e, como “o símbolo é o objeto”, os apelidos são nomes próprios — são reflexos da cultura em que estão inseridos, e sua apropriação por outra acarretaria uma perda da identidade. Portanto, decidimos manter os nomes em inglês, ainda que eles produzissem trocadilhos na história. Quando possível, esses trocadilhos foram adaptados, mas nem sempre as referências eram explicitadas no texto. Assim, explicaremos algumas aqui.

E nada mais pertinente do que começar pelo protagonista. Em várias ocasiões perguntam a Shadow de onde ele tirou esse nome. No piquenique com Easter, ele responde: quando era criança, preferia seguir os adultos (*shadow*, em inglês, pode se referir tanto a sombras quanto ao ato de seguir alguém furtivamente), em vez de ficar com outros de sua idade. Mas esse

nome, aparentemente simples, sugere conotações muito mais profundas, que motivam debates constantes em diversos grupos de discussão pela internet. Afinal, Shadow é filho de Wednesday, ou Odin. Outro filho de Odin, central para a mitologia nórdica, mas nunca citado em *Deuses americanos*, é Balder, que nas *Eddas* (que são para a mitologia nórdica o que os poemas de Homero, Virgílio e outros são para a grega e a romana) é descrito como uma divindade luminosa e imaculada. Irresistível a comparação com nosso herói taciturno recém-saído da cadeia.

Aliás, falando de Wednesday, convém destacar a inspiração. Ao se apresentar a Shadow no avião, ele se anima ao constatar que é quarta-feira porque, na língua inglesa, *Wednesday* significa “dia de Woden”, ou “dia de Odin”. Daí também o gracejo dele ao comentar o clima de tempestade dizendo que devia ser quinta-feira, ou *Thursday*, “dia de Thor”.

Alguns dos nomes mais interessantes do livro foram os dos misteriosos agentes: sr. Wood, sr. Stone, sr. Road, sr. Town e sr. World. A tradução literal desses codinomes — Madeira, Pedra, Estrada, Cidade e Mundo — faz referência à própria função deles na trama. Os dois primeiros agem como instrumentos grosseiros para aplicação de força bruta, ao sequestrarem e torturarem Shadow; já Road e Town se mostram mais civilizados ao interrogarem Samantha Black Crow e em outras ocasiões; e, por trás de tudo e acima de todos, o sr. World coordena as ações. A cena em que Sam debocha dos codinomes é preciosa, perguntando pelos colegas sr. Calçada, sr. Tapete, sr. Avião e sr. Carro.

Merece uma menção especial a glamourosa Easter, ou Páscoa. Na primeira aparição dela, a fim de contestar o suposto bem-estar divino de Easter, Wednesday pergunta a uma garçonete se ela conhece o significado da palavra inglesa para Páscoa. Outra funcionária do restaurante oferece uma resposta criativa remetendo ao sol nascente e à ressurreição de Jesus Cristo. Como diz Wednesday, “uma suposição muito lógica”, mas sem qualquer relação de fato com o festival pagão de Eostre.

Outros nomes dignos de nota: Low Key Lyesmith, um trocadilho duplo entre Loki, deus nórdico da mentira, e a expressão *low-key*, ou discreto, junto com o verbo *to lie*, mentir; Media (ou mídia) e a confusão de Czernobog com Medeia, personagem da mitologia grega que inspirou uma das tragédias mais conhecidas de Eurípides; Emerson Borson, o nome falso que Wednesday adota, é uma referência sutil à árvore genealógica do próprio Odin, remetendo ao avô, Ymir, e ao pai, Bor; Mike Ainsel, o nome falso que Wednesday dá para Shadow, e “Ainsel, eu mesmo”, o título da Parte Dois de *Deuses americanos*, fazem referência a um conto de fadas inglês, “My Ainsel”, sobre um menino pobre e rebelde e uma fada que cai de uma chaminé, e que também é uma brincadeira sonora com “My Own Self”.

Trocadilhos

Poucas coisas assombram mais um tradutor do que a necessidade de traduzir trocadilhos. Na maioria das vezes, uma tradução literal acaba ficando canhestra, e a solução é esquecer a expressão original e inventar um trocadilho novo. Foi o que aconteceu na cena em que Shadow, amarrado na árvore e meio delirante, recebe a visita de Ganesha. Quando o ratinho desaparece das mãos do deus, Shadow conclui que “*It’s in the trunk*”, ou seja, estava escondido na tromba. Porém, o verdadeiro significado só se revela quando Anansi abre um *baú* para oferecer aspirinas a Shadow, e nosso herói se dá conta de que Ganesha se referia não à própria *tromba*, nem ao *tronco* onde ele estava amarrado, mas ao *porta-malas* da sucata parada no meio do lago de Lakeside. O fato de que essas quatro palavras possam ser traduzidas para o inglês como *trunk* exigiu certo malabarismo linguístico.

Mas outros casos são ainda mais complicados, porque os termos específicos do trocadilho podem ser relevantes para a história. Já mencionei o exemplo de Wednesday ao se apresentar para Shadow no avião, mas não poderia ignorar o comentário do próprio Wednesday ao dizer que sextas-feiras são dias de mulher. A explicação é semelhante: *Friday* deriva da deusa nórdica Frigga.

Às vezes, um trocadilho esconde uma pista importante sobre a trama, e quando chega ao fim do livro o leitor descobre que a verdade estava pulando na sua frente o tempo todo, de língua para fora, sacudindo os braços e divertindo-se com a ignorância dele. Foi o caso de um detalhe quase insignificante na descrição de Hinzelmänn. O velho exibe sempre um sorriso meio malicioso característico, e o leitor brasileiro provavelmente pensará apenas em uma pessoa com senso de humor debochado, talvez um espírito de porco. Mas a palavra que Gaiman escolheu para descrever esse sorriso foi especial: *goblin*. Ora, um dos sentidos dela é justamente o de malícia, mas quem diria que era uma pista de que se tratava de fato de um *kobold*, primo dos *goblins* e natural do folclore europeu?

Acontece algo semelhante quando Hórus visita Shadow na árvore. Ele diz para Shadow: “Eu sou o falcão da manhã, o gavião da tarde. Eu sou o sol. Assim como você é o sol.” Sol, em inglês, é *sun*, pronunciado exatamente como *son*, ou filho. Portanto, muitas pessoas veem aí a confirmação de que Shadow é não apenas filho de Odin, mas também o próprio Balder. Ou Hórus, enlouquecido, estava apenas falando sandices. Fica para debate.

Deuses americanos é sem dúvida uma obra-prima da literatura contemporânea e suscita muitas questões. É o tipo de livro que dá para ler uma, duas, três

vezes e sempre ter a sensação de que é um livro novo, sempre descobrir um detalhe diferente, sempre interpretar a história de outra forma.

Durante a tradução do livro e a preparação destas notas, recorri a algumas obras de referência que recomendo a quem tiver interesse, tanto por terem me ajudado muito a mergulhar na história quanto por serem realmente interessantes.

Para saber mais sobre a etimologia do nome dos dias da semana na língua inglesa, assim como as inúmeras referências à mitologia nórdica, sugiro o excelente *Dicionário de mitologia nórdica, símbolos, mitos e ritos*, organizado por Johnni Langer (São Paulo: Hedra, 2015). Outras obras de referência interessantes: *Histórias*, de Heródoto (várias edições), citada algumas vezes pelo próprio Shadow; *Dicionário de mitologia grega e romana*, de Mário Gama Kury, 9ª edição (Rio de Janeiro: Zahar, 2009); e *Guia ilustrado Zahar: mitologia*, de Philip Wilkinson e Neil Philip (Rio de Janeiro: Zahar, 2010).

Leonardo Alves
outubro de 2016

O material a seguir apareceu pela primeira vez na edição inglesa em brochura de 2005 da Edição Preferida do Autor de *Deuses americanos*, publicada pela Review, um selo da Headline Book Publishing, na Grã-Bretanha.



UMA ENTREVISTA COM NEIL GAIMAN

Que poderes divinos você gostaria de ter?

Eu queria fazer o tempo se estender. Gostaria de dias muito mais borrachentos, adoraria poder me recostar em uma semana e meio que empurrar as bordas um pouco, e aí de repente uns dezenove dias novos brotariam para preencher o vazio.

Não existe tempo suficiente, e acabo querendo fazer coisas para as quais não tenho tempo. Tem tanto que eu adoraria fazer e preciso adiar, tantas vezes em que preciso escolher entre uma coisa ou outra, quando na verdade eu queria fazer ambas. E, se o tempo pudesse ser esticado infinitamente, eu conseguiria fazer tudo.

Qual é sua atração de beira de estrada preferida?

A House on the Rock de *Deuses americanos* existe de verdade. A maioria das pessoas acha que eu a inventei, quando na realidade só dei uma amenizada para que fosse mais fácil de acreditar. Porque o fato de ser um lugar real significa que ele não tem qualquer obrigação de ser provável. Então cortei a orquestra mecânica de cento e vinte instrumentos e algumas outras coisas.

Quando fui à House on the Rock pela primeira vez, lembro que pensei: *Isto aqui é inacreditável*. Na segunda vez, eu ainda não acreditava. Depois tive que voltar lá para que a *Entertainment Weekly* tirasse uma foto minha ao lado do Maior Carrossel do Mundo.

Foi a sessão de fotos mais barulhenta da minha vida, porque eles realmente tinham que modular o volume dos instrumentos mecânicos naquele espaço para fazer as pessoas continuarem andando sem ficarem parando o tempo todo. Na verdade, não é muito aconselhável ficar muito tempo perto do Maior Carrossel do Mundo.

A sessão de fotos levou algumas horas, e o fotógrafo se comunicava comigo apenas através de gestos. Ele encostava no queixo e apontava para cima para me avisar que eu tinha que levantar um pouco a cabeça.

Como você descobriu que o lugar existia?

Assim como acontece com a maioria das atrações de beira de estrada nos Estados Unidos, começam a aparecer letreiros anunciando a atração uns quinhentos quilômetros de distância antes de ela aparecer de verdade, sempre sugerindo que o lugar está logo ali. Eu tinha visto um monte de

placas com HOUSE ON THE ROCK e achava que ficava bem perto da minha casa, e depois descobri que ficava a quatrocentos quilômetros.

Já Rock City, que também aparece em *Deuses americanos*, é pior, porque vi minha primeira placa de VISITE ROCK CITY, A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO numa estrada na parte montanhosa do Tennessee, ou do Kentucky, ou de sei lá onde, e de novo achei que ficasse logo ali, então dirigi quase o dia inteiro.

E aí, claro, como é praticamente impossível achar quando você chega lá, passei direto. Então voltei e conheci e decidi que ela ia entrar no livro.

Qual foi a viagem de avião mais estranha que você já fez?

O problema das viagens de avião é que você começa a misturar todas. Eu me lembro de uma que não foi necessariamente a mais estranha da minha vida, mas que teve algo que eu nunca tinha visto acontecer, e que nunca mais vi acontecer desde então.

Eu tinha acabado de receber um copo grande de suco de maçã, e o avião passou por um daqueles bolsões de ar e de repente teve que descer um bocado. Isso não foi um problema para ninguém, porque todo mundo estava de cinto, mas meu suco saiu voando do copo. O copo continuou na mesa, mas o conteúdo traçou um arco lento e incrivelmente elegante pela cabine e foi parar no colo de um executivo do outro lado do avião.

Eu estava com Dave McKean na ocasião, durante uma turnê de divulgação de *Mr. Punch* [*A comédia trágica ou a tragédia cômica de Mr. Punch*], e tentamos disfarçar. Pelo menos as pessoas sabiam que a gente não tinha feito aquilo de propósito; foi o suco que deu um salto desesperado em direção à liberdade.

Qual é seu truque com moedas preferido?

O meu truque preferido foi um que fiz quando comecei a escrever *Deuses americanos* e eu tinha um caderno grande, uma caneta-tinteiro e um exemplar de *Modern Coin Magic*, do Bobo [J.B. Bobo].

Eu alternava entre os dois e passava dias treinando torniquetes e empalmadas Downs e todo o resto, porque sabia que Shadow faria mágica com moedas e achava que precisaria escrever sobre o assunto de forma convincente. Eu nunca tinha feito mágica alguma até então, mas decidi que precisava começar.

Eu estava num trem, indo para San Diego, e tinha uma menina de dez anos viajando com a mãe. Fazia uns três dias que estávamos ali, então todo mundo já se conhecia, e eu fiz uma moeda sumir de repente e reaparecer atrás da orelha da menina. Acho que ela nunca tinha visto alguém fazer aquilo, e quando vi a expressão em seu rostinho entendi por que os mágicos viram mágicos.

Claro que eu nunca virei mágico, mas convivo com uns Penn & Tellers e Derren Browns da vida, que são todos gente muito, muito boa e me acolhem e me tratam como se eu fosse um deles, mesmo sabendo que não sou.

Vigarista ou conto do vigário preferido?

Charles Ponzi, que criou o Esquema Ponzi. As pessoas costumam achar graça quando algum estelionatário tenta vender construções como a Ponte do Brooklyn, ou a London Bridge, ou a Torre Eiffel.

Ponzi conseguiu vender a Torre Eiffel indo atrás dos principais empresários de sucata da França e se apresentando como um representante do governo francês. Ele explicou que, por motivos de segurança, a Torre Eiffel precisaria ser demolida, e o governo queria alguém que fosse capaz de realizar o desmonte da torre e processar o volume de metal resultante. Ele também sugeriu que o governo francês ficaria tão grato que provavelmente o responsável receberia várias honrarias e condecorações.

E, para cada um, explicou que a licitação funcionaria por ofertas seladas, de modo que não haveria chance de corrupção. Então vários empresários prepararam suas ofertas, e depois Ponzi entrou em contato com eles e indicou que estaria aberto a subornos. Todos desembolsaram grandes quantias para garantir que seriam escolhidos para o negócio. E esse, creio eu, ainda é o meu conto do vigário preferido.

Você gostou de inventar os golpes de *Deuses americanos*?

Gostei muito de inventar os golpes, mas preciso dizer que fiquei um tanto quanto chocado. O único que achei que até seria fácil de executar eu tentei não deixar muito explícito, para o leitor não descobrir como exatamente as coisas funcionavam com o sr. Wednesday e os cartões de crédito. O que ele fez é possível, mas tentei não deixar muito óbvio, para que o leitor não conseguisse reproduzir.

Mas fiquei muito orgulhoso por ter pensado no golpe do depósito noturno. Esse eu inventei, e achei muito engraçado, até que um dia, um ano e meio mais tarde, o telefone tocou. Era um repórter do Canadá, falando que um fã do livro havia tentado aplicar esse golpe e estava sendo procurado pela polícia depois de roubar trinta mil dólares de comerciantes da cidade em que vivia.

A gente não espera que os leitores pensem “Ah, este livro não é só uma bela obra literária ou sei lá o quê, mas é também um esquema de enriquecimento fácil”, seguido logo depois por um esquema de prisão fácil, o que acho que foi o que aconteceu.

Existe algum mito que você gostaria de desfazer?

Eu escrevo regularmente em meu blog, www.neilgaiman.com, e um dos motivos para eu fazer isso, fora o fato de que o acesso imediato aos leitores é um recurso incrivelmente útil, é que era comum eu chegar em sessões de autógrafos e as pessoas esperarem que eu fosse como os personagens que eu havia criado. Especialmente Sandman.

Aí eu chegava e via a decepção no rosto delas, porque eu não era alto e pálido e bonito e muito mórbido. Elas esperavam que eu me comunicasse com frases góticas gnômicas e talvez com pentâmetros iâmbicos, ou triolés, algo assim.

Eu gosto do blog porque ele evita e desfaz essa imagem. Acho que é impossível imaginar que uma pessoa seja uma bela figura gótica depois que ela escreve que precisou limpar vômito de gato do chão às três da madrugada.

Já faz mais de dez anos desde que *Deuses americanos* foi lançado. Você tem algum comentário sobre o livro?

As pessoas foram incrivelmente gentis com *Deuses americanos*. Eu nunca imaginei que o livro fosse ganhar todos os prêmios que ganhou, especialmente o Hugo, o Nebula e o Bram Stoker. Foi maravilhoso. E os americanos também foram extremamente gentis com o livro. Ninguém chegou para mim perguntando “como você, um inglês, ousa escrever sobre os Estados Unidos?”, e achei que foi legal da parte deles.

Achei muito divertido os comentários sobre alguns trechos do meio do livro, em que as pessoas falam com o sotaque de Wisconsin e Minnesota: às vezes alguém de Nova York ou Los Angeles vinha me acusar de cair em cacoetes britânicos nessas partes, mas acho que era porque as pessoas não faziam ideia de como o resto do país fala.

Esta entrevista apareceu pela primeira vez na edição inglesa em brochura de 2005 da Edição Preferida do Autor de *Deuses americanos*, publicada pela Review, um selo da Headline Book Publishing, na Grã-Bretanha.

COMO VOCÊ OUSA?

NINGUÉM ATÉ AGORA fez a pergunta que eu temo, a pergunta que, espero, ninguém fará. Então eu mesmo vou fazê-la e tentar respondê-la, na esperança de que, assim como um passageiro de avião que tem medo de terroristas leva sua própria bomba para o voo, minha iniciativa diminua a chance de que alguém mais me faça essa pergunta.

E a pergunta é: *Como você ousa?*

Ou em sua versão completa: Como você ousa, um inglês, escrever um livro sobre os Estados Unidos, sobre os mitos e a alma americanos? Como você ousa escrever sobre o que torna os Estados Unidos especiais como país, como nação, como ideia?

E, como inglês, meu impulso imediato é dar de ombros e prometer que isso não vai acontecer de novo.

Mas eu ousei em *Deuses americanos*, e foi necessário um tipo estranho de ousadia para escrever este livro.

Quando era mais jovem, escrevi uma história em quadrinhos sobre sonhos e histórias chamada *Sandman* (agora compilada em dez *graphic novels*, e se você ainda não leu, deveria). Na época, sempre me faziam a mesma pergunta: “Como você consegue ambientar tanto dessa história nos Estados Unidos se mora na Inglaterra?”

E eu respondia que, em termos de mídia, o Reino Unido era praticamente um anexo dos Estados Unidos. Nós assistimos a filmes e seriados americanos. “Posso não descrever uma Seattle que vá satisfazer um morador da cidade”, eu costumava dizer, “mas vou descrevê-la tão bem quanto um nova-iorquino que nunca foi a Seattle.”

Eu estava errado, é claro. Não fazia nada disso. Na verdade, eu fazia uma coisa muito mais interessante: criava um Estados Unidos imaginário, no qual as histórias de *Sandman* poderiam acontecer. Um local delirante e improvável muito além dos limites do real. E isso me satisfez até que, acompanhando minha esposa americana e meu desejo por uma casa igual à da Família Addams, me mudei para os Estados Unidos.

Aos poucos — e demorou um bocado —, fui percebendo que o país sobre o qual escrevia era totalmente ficcional, e que os Estados Unidos de verdade, aquele sob a superfície das aparências, era muito mais interessante que a ficção.

Acredito que a experiência do imigrante seja universal (mesmo que você seja o tipo de imigrante que, como eu, se agarra de modo quase supersticioso a sua cidadania original, até muito depois de o sotaque ter perdido um pouco da naturalidade). De um lado está você, e do outro estão os Estados Unidos. O país é bem maior que você. Então você tenta entendê-lo. Tenta compreendê-lo, algo que, às vezes, não é bem recebido. Os Estados Unidos são grandes o suficiente e contêm contradições suficientes para ficarem bem satisfeitos em não serem compreendidos — e a certa altura você percebe que a melhor opção é ser como um dos cegos daquela fábula em que cada um pegava uma parte do corpo do elefante — a tromba, a pata, a lateral do corpo, o rabo, e concluía que um elefante parecia uma cobra, uma árvore, uma parede, uma corda. Como escritor, tudo o que eu podia fazer era descrever uma pequena parte do todo.

E mesmo assim ela era grande demais.

Eu não sabia que tipo de livro queria escrever até o verão de 1998, quando eu passei quarenta e oito horas em Reykjavik, na Islândia — e foi então que descobri qual seria meu próximo livro. Uns poucos fragmentos de trama, uma enorme quantidade de personagens e algo semelhante a uma estrutura surgiram em minha mente. Talvez eu só tenha conseguido ver tudo aquilo com clareza porque estava longe dos Estados Unidos, ou talvez simplesmente fosse a hora certa. O livro seria um *thriller* e falaria sobre um mistério envolvendo um assassinato, um romance e uma viagem. Falaria sobre a experiência do imigrante, sobre o que as pessoas acreditavam quando foram para os Estados Unidos e sobre o que aconteceu com as coisas em que elas acreditavam. Eu sou inglês. Gosto de ser inglês. Mantenho meu passaporte. Preservei o sotaque o máximo possível. E já estava morando nos Estados Unidos havia quase nove anos. Tempo suficiente para saber que tudo o que eu aprendera sobre o país nos filmes estava errado.

Eu queria escrever sobre mitos. Queria escrever sobre os Estados Unidos como um lugar mítico.

Voltei a meu quarto no hotel e escrevi um rascunho de umas três páginas com a ideia geral — meio que uma descrição vaga do livro que estava na minha cabeça. Testei o título *Magic America* (inspirado na música do Blur), e não encaixou bem. Testei o título *King of America* (inspirado no álbum de Elvis Costello) e também não encaixou bem. Então escrevi *Deuses americanos* (que não foi inspirado em coisa nenhuma) no topo da primeira página do rascunho e achei que mais cedo ou mais tarde bolaria algo melhor.

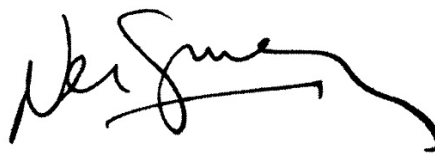
Eu ainda não tinha começado a escrever o livro quando minha editora me mandou a capa. Era uma estrada com um raio e, em letras grandes, um título: *Deuses americanos*. Percebi que não adiantava resistir — para ser sincero, eu estava começando a gostar da ideia —, então comecei a escrever.

É um livro grande, mas os Estados Unidos são um país grande, e não foi fácil tentar fazê-lo caber em um livro.

Deuses americanos é a história de um homem chamado Shadow, e do emprego que lhe oferecem quando ele sai da cadeia. É a história de uma viagem. É a história de uma cidadezinha do Meio-Oeste e dos desaparecimentos que ocorrem por lá todo inverno. Ao escrevê-lo, descobri por que atrações de beira de estrada são os lugares mais sagrados dos Estados Unidos. Aprendi muito sobre os deuses e sobre organizações secretas e sobre guerras. Descobri muitos atalhos e momentos. Alguns eu adorei. Alguns me assustaram. Alguns me deixaram maravilhado.

Quando estava quase terminando, quando tudo o que restava era juntar os fios soltos, deixei outra vez o país, me enfurnei em uma casa grande, velha e fria na Irlanda e digitei tudo o que faltava, tremendo, com um aquecedor ao lado.

Então o livro ficou pronto, e eu parei. Ao olhar para trás, noto que não tive ousadia alguma. Na verdade, eu não tive escolha.

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Neil Gaiman', with a long, sweeping horizontal line extending from the end of the name.

Esta é uma versão estendida do texto escrito para o site da Borders em março de 2001 e que está disponível em www.neilgaiman.com.

NEIL
GAIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



LUGAR
NENHUM

EDIÇÃO PREFERIDA DO AUTOR





NEIL
GAIMAN
LUGAR
NENHUM

Tradução de Fábio M. Barreto



Copyright © 1996, 1997 by Neil Gaiman

Copyright desta versão do texto © 2005, 2009, 2015 by Neil Gaiman

“I’m a Believer”, de Neil Diamond © 1996 Stonebridge Music e Colgems-EMI Music, Inc. Todos os direitos reservados. Usada com permissão.

“Como o marquês recuperou seu casaco”, copyright © 2014 by Neil Gaiman. Publicado originalmente em *Rogues*, organizado por George R. R. Martin e Gardner Dozois.

Trechos das epígrafes utilizados em tradução livre.

TÍTULO ORIGINAL
Neverwhere

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Juliana Werneck

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Houston Trueblood

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING E ILUSTRAÇÃO DE ABERTURA
ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Lenny Henry, amigo e colega de profissão,
que fez tudo isso acontecer;
e para Merrilee Heifetz, amiga e agente,
que faz tudo ficar bom.

Nunca fui à floresta de St. John. Não me atrevo. Temo a escuridão da noite escondida sob inúmeros abetos, temo encontrar o cálice de sangue e o bater das asas da Águia.

— *The Napoleon of Notting Hill*, G.K. Chesterton

Se doaste agasalhos e calçados
Todas as noites em eterno,
Senta-te e usa-os;
Pois Cristo receberá tua alma.

Esta noite, esta noite
Todas as noites em eterno,
Brasas e velas aquecerão teu lar,
E Cristo receberá tua alma.

Se carne e bebida doaste,
Todas as noites em eterno
O frio não te alcançará
E Cristo receberá tua alma.

— “The Lyke Wake Dirge” (canção tradicional inglesa)

[illegible]

LINHAS	
Central	Paradi
District	Victoria
Northern	 Jubilee
Metropolitan	(Trem)
Bakerloo	

INTRODUÇÃO A ESTA EDIÇÃO

MESMO QUE VOCÊ já tenha lido *Lugar Nenhum*, é bem provável que ainda não tenha lido esta versão.

Lugar Nenhum nasceu do jeito que essas coisas costumam nascer: como uma série de televisão encomendada pela BBC. E, embora a série que foi ao ar não fosse necessariamente ruim, muitas vezes eu me pegava incomodado, pois o que se via na tela simplesmente não era o que eu via na minha cabeça. Então pensei que escrever um livro seria o jeito mais fácil de transportar o que estava na minha cabeça para a cabeça das outras pessoas. Livros são bons para isso.

O romance *Lugar Nenhum* nasceu para mim quando começamos a produzir a série de mesmo nome, mais ou menos como uma forma de manter minha sanidade mental. Sempre que uma cena era cortada, uma fala desaparecia ou algum elemento simplesmente era alterado, eu anunciava: “Não tem problema. Eu coloco no livro.” E dessa forma recuperava o equilíbrio emocional. E assim foi até o dia em que o produtor veio me informar: “Vamos cortar a cena da página vinte e quatro, e mato você se disser que vai colocar no livro.”

Depois disso, passei a só pensar em vez de dizer.

O que eu queria era escrever um livro que faria pelos adultos o mesmo que os livros da minha infância haviam feito por mim, como *Alice no País das Maravilhas*, a série de Nárnia, *O mágico de Oz*. E queria falar sobre as pessoas que vivem à margem, sobre os desvalidos, usando, para tanto, o espelho da fantasia — capaz de nos fazer ver pela primeira vez aquilo que, de tanto vermos, acabamos nunca enxergando de verdade.

Comecei a escrever *Lugar Nenhum* no primeiro dia de filmagem da série, em janeiro, na cozinha do apartamento que servia de locação, no sul de Londres. Terminei em maio, em um hotel de uma cidadezinha no sul da Califórnia.

A BBC publicou o livro em agosto daquele mesmo ano. Quando a Avon Books demonstrou interesse em lançá-lo nos Estados Unidos, aproveitei a chance para, em essência, fazer uma nova versão. Trancado em um quarto de hotel no World Trade Center, em Nova York, passei uma semana escrevendo, acrescentando informações e detalhes para os americanos —

que talvez não soubessem onde fica a Oxford Street ou o que se encontra por lá —, e aproveitei a oportunidade para revisar o texto, expandindo-o e aprofundando-o sempre que possível. Minha editora na Avon Books, Jennifer Hershey, fez um trabalho fantástico, demonstrando grande percepção. Nosso principal desentendimento foi em relação às piadas; ela não achava graça e estava convencida de que os leitores americanos não as receberiam bem em um livro que não era de natureza puramente cômica. Ela queria também eliminar o segundo prólogo, em que somos apresentados a Croup e Vandemar antes do início da história. Embora o trecho me faça falta, decidi que Jennifer tinha razão e transferi a descrição dos dois personagens para o corpo do texto. (Para os curiosos, esse trecho eliminado foi reproduzido nesta edição, ao final, em sua forma original.)

No total, acrescentei cerca de doze mil palavras e cortei milhares. Algumas eu fiquei feliz em perder. Outras me fizeram falta.

Esta versão de *Lugar Nenhum* foi elaborada a partir de várias outras, com a ajuda de Pete Atkins, da Hill House Publishers. Combinei os textos originais das edições inglesa e americana e corriji algumas redundâncias, criando uma nova versão — definitiva, espero —, além de uma dor de cabeça para os bibliógrafos.

Não escrevo continuções. No entanto, *Lugar Nenhum* é um mundo para o qual espero, um dia, retornar. Em um livro chamado *The Lost Rivers of London* [Os rios perdidos de Londres], li a história de uma cama de latão que foi encontrada no esgoto e até hoje ninguém sabe de onde veio ou como foi parar lá.

Aposto que De Carabás sabe.

Neil Gaiman

PRÓLOGO

NA VÉSPERA DE sua partida para Londres, Richard Mayhew não estava nem um pouco feliz.

A noite tinha começado bem: foi bom ler os cartões de despedida e receber os abraços de mulheres conhecidas suas, não desprovidas de charme; foi bom ouvir os alertas sobre os males e perigos da cidade para onde ia e ganhar, como presente conjunto dos amigos, um guarda-chuva branco com o mapa da rede metروviária de Londres estampado; foi bom beber as primeiras canecas de cerveja. Mas, depois disso, cada nova caneca o fazia se sentir significativamente menos bem, até ele acabar sentado na calçada naquela cidadezinha escocesa, passando frio e avaliando as vantagens conflitantes de vomitar ou não vomitar, nem um pouco feliz.

Dentro do pub, os amigos continuavam celebrando sua partida iminente com um entusiasmo que, ao seu modo de ver, estava começando a beirar o sinistro. Ele ficou ali sentado na calçada agarrado ao guarda-chuva fechado, ponderando se ir para Londres era realmente uma boa ideia.

— É melhor tomar cuidado — disse uma voz anasalada e velha. — Não demora muito e aparece alguém para enxotar você daí. Ou enfiar você num abrigo. É bem capaz. — Dois olhos argutos o encaravam, colados em um rosto adunco e encardido. — Passando mal?

— Não, estou bem, obrigado — respondeu ele.

Richard tinha um rosto jovem, quase de menino, o cabelo escuro com discretas ondulações, olhos grandes e amendoados. Tinha também aquele jeito amarrotado de quem acabou de acordar, o que o tornava mais atraente do que ele jamais conseguiria entender ou acreditar.

O rosto encardido se suavizou.

— Ah, pobrezinho. Tome aqui — disse a senhora, enfiando na mão dele uma moeda de cinquenta *pence*. — Quanto tempo faz que mora na rua, hein?

— Não sou mendigo — explicou Richard, envergonhado, tentando devolver a moeda. — Por favor... guarde seu dinheiro. Eu estou bem, só saí para tomar um ar. Vou para Londres amanhã.

A mulher o avaliou com desconfiança. Por fim, pegou a moeda de volta e a fez desaparecer sob as camadas de casacos e xales que a envolviam.

— Já estive em Londres — confidenciou a velha. — Foi onde me casei. Mas ele não prestava. Minha velha mãe bem que disse para eu não me casar com um estrangeiro, mas eu era jovem e linda, mesmo que hoje em dia não pareça, e segui meu coração.

— Claro — respondeu Richard, sentindo-se desconfortável.

Aos poucos, a certeza de estar prestes a vomitar estava passando.

— Só me lasquei. Já morei na rua, então sei como é — continuou a velha. — Por isso achei que você fosse um desses também. Vai fazer o quê em Londres?

— Consegui trabalho por lá — respondeu Richard, com orgulho.

— Em quê?

— Hã... finanças.

— Eu era dançarina.

A velha saiu andando pela calçada em um círculo desajeitado, enquanto cantarolava baixinho e desafinado. Então, cambaleou de um lado para o outro, como um pião terminando de girar, até finalmente parar em frente a Richard.

— Estende a mão — disse ela. — Vou ler sua sorte.

Richard obedeceu. A velha colocou a mão enrugada sobre a dele e a segurou com força. Então piscou algumas vezes, como uma coruja que tivesse acabado de engolir um rato e já começasse a sentir azia.

— Você tem um longo caminho pela frente... — começou a velha, intrigada.

— Londres.

— Não só Londres... — A velha fez uma pausa. — Não a Londres que eu conheço.

Naquele momento, uma chuva leve começou a cair.

— Sinto muito — continuou ela. — Tudo começa com portas.

— Portas?

Ela assentiu. A chuva apertou, tamborilando nos telhados e no asfalto.

— Eu ficaria de olho nas portas, se fosse você.

Richard se levantou, sem muito equilíbrio.

— Pode deixar — respondeu, sem saber direito como reagir a uma informação daquelas. — Vou ficar de olho. Obrigado.

A porta do pub se abriu, fazendo a luz e o barulho transbordarem para a rua.

— Richard? Você está bem?

— Sim, tudo bem. Só mais um segundo e já volto aí para dentro.

A velha já se afastava, cambaleante, debaixo da chuva pesada, ficando ensopada. Richard sentia que precisava fazer algo por ela, mas não podia oferecer dinheiro. Foi atrás da velha, correndo pela rua estreita, a água gelada da chuva encharcando o cabelo e o rosto.

— Tome — disse ele.

Atrapalhou-se com o cabo do guarda-chuva, tentando encontrar o botão de abrir. Então, um clique, e um gigantesco mapa de fundo branco desabrochou. Era a rede de metrô de Londres, cada linha em uma cor, cada estação marcada e com o nome indicado.

A velha aceitou o presente e sorriu sua gratidão.

— Você tem bom coração — disse ela. — Às vezes, isso basta como proteção, aonde quer que a pessoa vá. — E acrescentou: — Mas nem sempre.

Ela segurou firme o guarda-chuva quando uma rajada de vento ameaçou levá-lo ou virá-lo do avesso. Abraçou o cabo, sua força se multiplicando diante da chuva e do vento, e seguiu seu caminho noite adentro, uma forma branca arredondada coberta com os nomes das estações de metrô: Earl's Court, Marble Arch, Blackfriars, White City, Victoria, Angel, Oxford Circus...

Richard se pegou considerando, embriagado, se haveria mesmo um circo em Oxford Circus. Um circo de verdade, com palhaços e mulheres bonitas, com feras perigosas. A porta do pub se abriu outra vez: uma explosão de som, como se tivessem colocado a música em volume máximo naquele exato momento.

— Richard, seu otário, é a sua festa e você está perdendo.

Ele entrou. A ânsia de vômito tinha se perdido no meio de toda aquela estranheza.

— Você está parecendo um pintinho molhado — comentou alguém.

— Você nunca viu um pintinho, que dirá molhado — retrucou Richard.

Outra pessoa lhe entregou uma dose generosa de uísque.

— Toma, manda pra dentro. Vai dar uma aquecida. E você sabe que em Londres não vai encontrar um *scotch* verdadeiro.

— Até parece — retrucou Richard, com um suspiro. A água de seu cabelo pingava dentro do copo. — Londres tem tudo.

Ele virou a bebida, e, depois disso, alguém lhe deu mais uma dose, e então a noite virou um borrão e se desfez em fragmentos: Richard se lembrava, mais tarde, apenas de deixar um lugar pequeno e racional que fazia sentido por um lugar imenso e velho sem sentido; e de vomitar sem parar na sarjeta onde a água da chuva corria, em algum momento ao final da madrugada; e de ver uma forma branca coberta de símbolos em cores esquisitas, como um pequeno besouro redondo, afastando-se sob a chuva.

Pela manhã, embarcou no trem rumo a Londres para a viagem de seis horas que o levaria até os estranhos pináculos e arcos góticos da estação St. Pancras. Sua mãe lhe dera um pequeno bolo de nozes que havia preparado exclusivamente para a viagem dele, além de uma garrafa térmica com chá. E, assim, Richard Mayhew foi para Londres, sentindo-se um lixo.

UM

FAZIA QUATRO DIAS que ela estava correndo, em uma fuga impensada e desajeitada através de túneis e passagens. Estava faminta e exausta, um cansaço que nenhum corpo poderia suportar, e cada porta se mostrava mais difícil de ser aberta que a anterior. Depois de quatro dias em fuga, encontrou um esconderijo, uma pequena toca na pedra, ausente do mundo, onde estaria a salvo, ou ao menos assim esperava, e finalmente pôde dormir.

O sr. Croup tinha contratado Ross durante o último Mercado Flutuante, realizado na Abadia de Westminster.

— Pense nele, senhor Vandemar, como um canário.

— Ele canta? — perguntou o sr. Vandemar.

— Duvido muito. Pouco, bem pouco provável. — O sr. Croup passou a mão pelo cabelo laranja lambido. — Não, meu caro amigo, eu quis dizer metaforicamente... algo mais ao estilo dos pássaros que são levados às profundezas das minas de carvão.

O sr. Vandemar assentiu, começando a compreender: sim, um canário. Em nenhum outro aspecto o sr. Ross se assemelhava a um canário. Era um sujeito enorme (quase tão grande quanto o sr. Vandemar), e completamente imundo, e perfeitamente careca, e mal abria a boca, embora tivesse feito questão de dizer a cada um deles que gostava de matar e que era bom nisso; e o sr. Croup e o sr. Vandemar se divertiram em ouvir tal confissão, assim como Gengis Khan deve ter achado graça na presunção de algum jovem mongol que acabara de pilhar uma vila ou incendiar uma iurta pela primeira vez. Ele era um canário e nem desconfiava. E por isso o sr. Ross entrou primeiro, com sua camiseta imunda e sua calça jeans incrustada de sujeira, enquanto Croup e Vandemar seguiram atrás em seus elegantes ternos pretos.

Há quatro pontos bem simples que permitem diferenciar o sr. Croup do sr. Vandemar: primeiro, o sr. Vandemar é cinco palmos mais alto que o sr. Croup; segundo, o sr. Croup tem olhos cor de porcelana azul desgastada, enquanto os do sr. Vandemar são castanhos; terceiro, o sr. Vandemar usa na mão direita anéis confeccionados com o crânio de quatro corvos, mas o sr.

Croup não ostenta joias visíveis; quarto, o sr. Croup aprecia palavras, enquanto o sr. Vandemar está sempre com fome. E eles não se parecem nem um pouco um com o outro.

Um farfalhar na escuridão do túnel; a faca do sr. Vandemar surgiu em sua mão para logo desaparecer de vista, ressurgindo quase dez metros à frente, tremulando de leve. Ele foi até lá e a resgatou pelo cabo. Na ponta, empalada, havia uma ratazana cinza, abrindo e fechando a boca debilmente conforme a vida lhe escapava. Ele esmagou o crânio do bicho entre o indicador e o polegar.

— Bem, essa ratazana não vai mais atazanar ninguém — comentou o sr. Croup, e riu do próprio trocadilho.

O sr. Vandemar não esboçou reação.

— Ratazana. Atazanar. Entendeu?

O sr. Vandemar arrancou o rato da lâmina e pôs-se a mastigá-lo, pensativo, começando pela cabeça. Com um tapa, o sr. Croup lançou longe o animal.

— Pare com isso — ralhou.

O sr. Vandemar guardou a faca, um tanto emburrado.

— Recomponha-se — sibilou o sr. Croup. — Sempre haverá ratazanas. Agora, em frente. Coisas para fazer. Gente para machucar.

Três anos em Londres não mudaram Richard, embora tenham modificado o modo como ele via a cidade. Por conta das fotos que vira, ele tinha imaginado uma cidade cinza, até mesmo negra, mas ficou surpreso ao descobri-la cheia de cores. Era uma cidade de tijolos vermelhos e pedras brancas, de ônibus vermelhos e grandes táxis pretos (embora muitas vezes fossem, para surpresa de Richard, dourados ou verdes ou de um tom vinho), de caixas de correio muito vermelhas e parques e cemitérios com gramados intensamente verdes.

Era uma cidade onde o muito antigo e o novo canhestro dividiam o mesmo espaço, em uma convivência não desconfortável, mas sem respeito mútuo; uma cidade de lojas e escritórios e restaurantes e residências, de parques e igrejas, de monumentos ignorados e palácios sem majestade; uma cidade de centenas de bairros com nomes estranhos — Crouch End, Chalk Farm, Earl's Court, Marble Arch — e distintos por suas peculiaridades; uma cidade barulhenta, suja, vivaz e problemática, que se alimentava e necessitava dos turistas tanto quanto os desprezava, onde a velocidade média de locomoção e transporte não aumentara em trezentos anos, seguidos por quinhentos anos de ampliações espasmódicas das ruas e ilógicas articulações entre as necessidades do tráfego — fosse movido a cavalo ou, mais

recentemente, a motor — e as dos pedestres; uma cidade habitada e inflamada por gente de todos os tipos, cores e costumes.

Ao chegar, encontrara uma Londres gigantesca, estranha e essencialmente incompreensível, cuja única noção de ordem provinha do mapa da rede metroviária, aquela representação topográfica multicolorida e elegante das linhas e estações subterrâneas. Pouco a pouco, percebeu que o próprio mapa do metrô era uma conveniência ficcional que, embora facilitasse a vida, não guardava semelhança alguma com a real configuração da cidade acima: mais ou menos como pertencer a um partido político, pensou Richard certa vez, com orgulho, até o dia em que tentou explicar a um grupo de estranhos em uma festa as similaridades entre a política e o mapa do metrô e, não se fazendo entender, decidiu abster-se de comentários futuros sobre política.

Richard continuou lentamente, por um processo de osmose e informação branca (o mesmo que ruído branco, só que mais útil), a compreender a cidade, processo que se acelerou quando soube que a verdadeira Cidade de Londres se reduz a uma área de menos de três quilômetros quadrados — de Aldgate, no leste, até a Fleet Street e os tribunais do Old Bailey, no oeste —, um município diminuto que hoje abriga as instituições financeiras londrinas. Foi onde tudo começou.

Dois mil anos atrás, Londres era uma pequena vila celta na costa norte do Tâmisa, quando foi encontrada e colonizada pelos romanos. A cidade cresceu lentamente, até encontrar, cerca de mil anos depois, a pequena Cidade Real de Westminster, imediatamente a oeste, e, concluída a construção da Ponte de Londres, fundiu-se à vila de Southwark, do outro lado do rio; e continuou a crescer, campos e florestas e pântanos desaparecendo pouco a pouco sob a civilização que desabrochava, e continuou a se expandir, fundindo-se a outros povoados e aldeias — Whitechapel e Deptford a leste, Hammersmith e Shepherd's Bush a oeste, Camden e Islington ao norte, Battersea e Lambeth do outro lado do Tâmisa, ao sul —, absorvendo todos à medida que crescia, tal qual um aglomerado de mercúrio incorporando pequenas contas de mercúrio, de forma que restaram apenas seus nomes como lembrança.

Londres se tornou uma coisa gigantesca e contraditória. É um bom lugar, uma cidade razoável, mas há um preço a se pagar pelos bons lugares e um preço que todos os bons lugares têm que pagar.

Passado não muito tempo, Richard se pegou esnobando Londres; e não só isso: começou a se orgulhar de nunca ter visitado os pontos turísticos (exceto a Torre de Londres, quando serviu de relutante guia para tia Maude durante o fim de semana que ela passou na cidade).

Jessica fez tudo isso mudar. Richard viu seus fins de semana, antes dedicados a finalidades razoáveis, serem revertidos à tarefa de acompanhá-la a lugares como a National Gallery e a Tate Gallery, onde descobriu que longas visitas a museus fazem os pés doerem, que depois de um tempo as

grandes obras-primas mundiais da arte viram tudo a mesma coisa na mente e que é quase além da capacidade humana acreditar nos preços exorbitantes cobrados pelas cafeterias dos museus por uma fatia de bolo e uma xícara de chá.

— Aqui está seu chá e seu doce — anunciou ele a Jessica. — Um Tintoretto sairia mais em conta.

— Que exagero — retrucou Jessica, com bom humor. — A Tate nem tem nenhum Tintoretto.

— Eu devia ter pedido o bolo de cereja. Aí eles teriam verba para mais um Van Gogh.

— Não, não teriam — retrucou Jessica, com razão.

Richard a tinha conhecido na França, dois anos antes, em um fim de semana que passara em Paris; na verdade, ele a descobrira no Louvre, enquanto tentava reencontrar o grupo de amigos do trabalho que tinha organizado a viagem. Ao recuar alguns passos para observar uma escultura imensa, esbarrou em Jessica, que admirava um diamante extremamente grande e historicamente relevante. Tentou se desculpar em francês, língua que não falava, depois desistiu e se resignou ao inglês, para em seguida tentar se desculpar em francês por ter se desculpado em inglês, até enfim perceber que não poderia haver pessoa mais inglesa do que Jessica, que a essa altura já o fizera comprar um sanduíche francês caro e um suco de maçã gaseificado bastante inflacionado, como forma de ele se redimir, e, bem, foi assim que tudo começou, na verdade. Desde então, nunca tinha conseguido convencê-la de que não era o tipo de pessoa adequada a visitar galerias de arte.

Nos fins de semana em que não iam a galerias ou museus, Jessica o carregava para as compras — coisa que faziam quase exclusivamente em Knightsbridge, uma área opulenta a poucos minutos de caminhada, e menos ainda de táxi, da vila em Kensington onde ela morava. Richard a acompanhava por gigantescos e intimidantes empórios como a Harrods e a Harvey Nichols, lojas em que Jessica comprava qualquer coisa, de joias e livros a comida.

Richard se encantara por Jessica, que era linda, geralmente bem divertida e com certeza com um bom futuro garantido. E Jessica viu em Richard um enorme potencial, que, se direcionado pela mulher certa, o transformaria no acessório matrimonial perfeito. Se apenas ele fosse um pouquinho mais focado, murmurava para si mesma, e o presenteava com livros como *Vista-se para o sucesso* e *Os cento e vinte e cinco hábitos do homem bem-sucedido* e outros sobre como gerenciar sua empresa com disciplina militar, e Richard sempre agradecia e sempre tinha a intenção de lê-los. Jessica escolhia na sessão masculina da Harvey Nichols as roupas que ele deveria vestir, e ele usava tudo, ao menos durante os dias de semana; e, exatamente um ano depois do primeiro encontro, Jessica disse que era hora de comprarem um anel de noivado.

— Por que você continua com ela? — perguntou Garry, da contabilidade, um ano e meio depois. — Ela me dá medo.

— Jessica é um doce, você só precisa conhecê-la melhor — retrucou Richard.

Garry devolveu o troll de plástico à mesa do colega.

— Fico surpreso que ela ainda deixe você brincar com esses bonequinhos.

— Nunca tocamos no assunto — respondeu Richard, pegando uma das criaturas, um boneco de cabelo laranja berrante e expressão ligeiramente perplexa, como se estivesse perdido.

A verdade é que haviam, sim, tocado no assunto. Só que Jessica se convencera de que os trolls de Richard eram um traço charmoso e excêntrico, comparável à coleção de anjos do sr. Stockton. Envolvida na organização de uma exposição itinerante da coleção de anjos do sr. Stockton, ela concluiu que grandes homens sempre colecionavam algum tipo de objeto. No entanto, Richard não colecionava trolls. Tinha encontrado um na rua ao sair do trabalho e, em uma vaga e infrutífera tentativa de injetar um pouco de personalidade em seu ambiente profissional, o colocara sobre o monitor. Os outros chegaram ao longo dos meses seguintes, dados por colegas que notaram sua predileção por aquelas criaturinhas feias. Os trolls foram sendo alocados em pontos estratégicos pela mesa, ao lado dos telefones e do porta-retratos com a foto de Jessica. Naquele dia, havia um Post-it amarelo colado na foto.

Era uma tarde de sexta-feira. Richard já tinha percebido que os problemas são covardes: nunca acontecem sozinhos, sempre andam em bandos e se jogam todos ao mesmo tempo em cima da vítima. Veja a sexta-feira em questão, por exemplo. Aquele era, como Jessica lhe havia lembrado no mínimo uma dúzia de vezes no último mês, o dia mais importante da vida dele. Não da dela, claro que não. Esse dia estava reservado para o futuro, quando — e Richard não tinha dúvidas de que aconteceria — ela fosse eleita primeira-ministra, rainha ou Deus. Entretanto, era, com certeza, o dia mais importante da vida dele. É uma pena que, mesmo com o Post-it deixado na porta da geladeira de casa e aquele deixado na foto de Jessica, ele tenha esquecido completamente.

Além disso, ele precisava concluir o relatório da Wandsworth, que já tinha passado do prazo e demandava sua atenção quase exclusiva. Conferiu mais uma linha de números, então notou a ausência da página dezessete e a imprimiu de novo. Mais uma página, e Richard soube que se ao menos o deixassem em paz para terminar... se, por algum milagre dos céus, o telefone não tocasse... Tocou. Ele meteu o dedão no botão de viva-voz.

— Alô? Richard? O diretor-geral quer saber quando vai receber o relatório.

Ele olhou para o relógio.

— Só mais cinco minutos, Sylvia. Está quase pronto. Só preciso anexar a projeção de faturamento.

— Obrigada, Dick. Já vou descer para buscar.

Sylvia era, como ela mesma gostava de explicar, a “assessora pessoal do DG”, ou apenas AP do DG, uma mulher que se movimentava acompanhada de uma aura de eficiência pura. Richard já ia meter novamente o dedo para desligar o viva-voz, mas o telefone tocou outra vez na mesma hora.

— Richard, é Jessica — anunciou o aparelho, com a voz de Jessica. — Você não esqueceu, espero.

— Esqueci o quê?

Ele tentou lembrar o que poderia ter esquecido. Olhou para a foto de Jessica em busca de inspiração e encontrou ali toda a inspiração de que precisava, na forma de um post-it amarelo grudado bem na testa dela.

— Richard? Pegue o telefone.

Ele obedeceu, ao mesmo tempo em que lia o lembrete.

— Desculpe, Jess. Não, não esqueci. Sete da noite, no Ma Maison. Encontro você lá?

— Jessica, Richard. Não Jess. — Ela fez uma pausa. — Depois do que aconteceu da última vez? Não mesmo. Você é capaz de se perder no quintal da própria casa, Richard.

Ele pensou em ressaltar que *qualquer um* confundiria a National Gallery com a National Portrait Gallery e que não tinha sido *ela* quem passara o dia inteiro de pé na chuva (o que, na opinião de Richard, era tão divertido quanto perambular por algum museu até os pés doerem), mas achou melhor se conter.

— Encontro você na sua casa — decidiu ela. — Podemos ir andando até o restaurante.

— Tudo bem, Jess. Quer dizer, Jessica. Desculpe.

— Você confirmou a reserva, não confirmou, Richard?

— Sim — mentiu ele, com convicção. O outro telefone na mesa começou a tocar com estridência. — Jessica, olha, eu...

— Ótimo — interrompeu ela, e desligou.

A maior soma de dinheiro que Richard já gastara na vida tinha sido destinada àquele anel de noivado, um ano e meio antes, em uma das muitas sessões de joalheria da Harrods. Ele atendeu.

— Oi, Dick. Sou eu. Garry — disse Garry, que se sentava a algumas mesas de distância. E acenou de seu cubículo maravilhosamente livre de trolls. — Hoje à noite está de pé? Você disse que poderíamos conversar sobre a conta da Merstham.

— Desliga a porcaria do telefone, Garry. Claro que está de pé.

Pôs o fone no gancho. Havia um número no post-it, anotado por ele mesmo algumas semanas antes. Richard realmente havia feito a reserva:

tinha quase certeza. Mas não confirmara. Vivia pensando em confirmar, mas havia tanto a fazer e ainda faltava um bom tempo para o jantar. Só que os problemas andam em bandos...

Sylvia surgiu ao lado dele.

— Dick? E o relatório da Wandsworth?

— Quase pronto, Sylvia. Olha, espere só um minuto, está bem?

Ele terminou de discar o número. Respirou aliviado quando alguém atendeu:

— Ma Maison. Em que posso ajudar?

— Mesa para três, hoje à noite. Creio que fiz uma reserva. Se fiz, gostaria de confirmar. Se não fiz, gostaria de reservar agora. Por favor.

Não, não havia registros de uma mesa reservada para aquela noite em nome de Mayhew. Ou Stockton. Ou Bartram, sobrenome de Jessica. E, quanto a fazer uma reserva naquele momento...

Não foram as palavras o que Richard achou tão desagradável: foi o tom de voz usado para transmitir a informação. Uma mesa para *aquela noite* deveria ter sido reservada anos antes, talvez pelos pais dele, foi o que ficou implícito. Uma mesa para *aquela noite* era impossível: mesmo o papa, o primeiro-ministro e o presidente da França seriam recebidos com um não categórico se chegassem sem uma reserva confirmada.

— É para o chefe da minha noiva — insistiu Richard. — Eu sei que devia ter ligado antes, mas somos só três, será que você não poderia, *por favor...*

Desligaram.

— Richard? — chamou Sylvia. — O DG está esperando.

— Você acha que eu conseguiria uma mesa se ligasse de novo oferecendo algum dinheiro? — perguntou ele.

No sonho, estavam todos juntos em casa. Os pais, o irmão, a irmã de colo. Todos reunidos no salão de festas, encarando-a. Muito pálidos, muito sérios. Portia, a mãe, tocou-lhe o rosto e a alertou de que estava correndo perigo. No sonho, Door riu e disse que já sabia. A mãe balançou a cabeça: não, não — o perigo era agora. *Agora.*

Door abriu os olhos. A porta estava se abrindo, devagar, devagar; ela prendeu a respiração. Passos, ruídos leves no piso de pedra. *Talvez ele nem note minha presença*, pensou. *Talvez vá embora.* Então lembrou, desesperada: *Estou com fome.*

Os passos hesitaram. Ela estava bem escondida sob um monte de jornais e trapos, sabia disso. E era possível que o intruso não tivesse intenção de machucá-la. *Será que ele está ouvindo meu coração bater?*, perguntou-se. Então, quando os passos se aproximaram, ela soube o que precisava fazer e teve

medo. A coberta que a ocultava foi puxada. Ao erguer o olhar, Door viu um rosto inexpressivo e sem pelos faciais se contrair em um sorriso cruel. Ela rolou para o lado, se contorceu. A lâmina da faca, apontada para seu peito, a atingiu no alto do braço.

Até aquele momento, Door jamais se imaginara capaz. Jamais havia pensado que teria coragem, medo ou desespero suficientes para ousar fazê-lo. Mas levou a mão ao peito do sujeito e *abriu...*

O homem engasgou e caiu em cima dela. Estava úmido, morno e escorregadio, de modo que ela foi obrigada a sair de debaixo dele serpenteando e se esticando, para então fugir do esconderijo de qualquer maneira possível.

Saiu direto em um túnel estreito e baixo, onde recuperou o fôlego, largando o corpo contra a parede, respirando entre soluços e arfadas. A fuga tinha exigido o que restava de suas forças; estava esgotada. O ombro começava a latejar. *A faca*, pensou. Mas estava a salvo.

— Ora veja — disse uma voz vinda da escuridão, de algum ponto à direita. — Ela sobreviveu ao senhor Ross. Quem diria, senhor Vandemar!

A voz escorria. Soava como uma gosma cinza.

— Sim, senhor Croup, quem diria — concordou uma voz sem emoção, à esquerda dela.

Uma luz foi acesa.

— No entanto — continuou o sr. Croup, os olhos brilhando na escuridão do subsolo —, não vai sobreviver a nós.

Door acertou no homem uma joelhada forte, bem na virilha, para em seguida fugir a esmo, a mão segurando o ombro esquerdo.

E correu.

— Dick?

Richard fez um gesto de desdém para a interrupção. A vida estava quase sob controle. Só mais um minuto...

Garry repetiu o nome:

— Dick? Já deu seis e meia.

— Deu *o quê*?

Papéis, canetas, planilhas e trolls foram enfiados na maleta. Richard a fechou com vontade e saiu correndo.

Vestiu o casaco enquanto andava. Garry o seguiu.

— E então, vamos beber ou não?

— Beber?

— A gente combinou de sair hoje para conversar sobre aquela conta do Merstham, lembra?

Hoje? Richard parou. Se algum dia, concluiu, transformassem desorganização em esporte olímpico, ele tinha certeza de que representaria a Grã-Bretanha.

— Garry, desculpe. Vou ter que furar. Preciso encontrar Jessica hoje à noite, para jantar com o chefe dela.

— O senhor Stockton? Da família Stockton? O Stockton?

Richard assentiu. Os dois desciam as escadas depressa.

— Vai ser legal, tenho certeza — comentou Garry, sem transmitir muita sinceridade. — E como vai o Monstro da Lagoa Negra?

— Jessica é de Ilford, Garry. E continua sendo a razão e o amor da minha vida, muito obrigado por perguntar.

A essa altura, tinham chegado ao saguão do prédio. Richard correu até as portas automáticas, mas elas se recusaram terminantemente a se abrir.

— Já passou das seis — informou o sr. Figgis, segurança do prédio. — Os senhores precisam assinar o livro de saída.

— Eu não mereço isso — reclamou Richard, dirigindo-se ao mundo em geral. — Não mereço.

O sr. Figgis cheirava ligeiramente a unguento e tinha a fama de possuir uma coleção enciclopédica de material erótico. Vigia as portas com uma diligência que beirava a loucura e nunca havia se recuperado por completo da noite em que todos os computadores de um dos andares resolveram criar pernas e abandonar o prédio junto com dois vasos de planta e o tapete Axminster do diretor-geral.

— Então, nada de beber hoje?

— Desculpe, Garry. Pode ser na segunda?

— Claro. Segunda está ótimo. Até lá.

O sr. Figgis examinou as assinaturas e, satisfeito em constatar que nenhum dos dois carregava computadores, vasos ou tapetes, apertou o botão debaixo da mesa. A porta se abriu.

— Portas — murmurou Richard.

A passagem subterrânea se bifurcava e se dividia a todo momento. Ela escolhia o caminho ao acaso, abaixando-se para entrar em túneis, correndo e tropeçando e ziguezagueando. Atrás dela vinham, tranquilamente, o sr. Croup e o sr. Vandemar, tão animados e relaxados quanto dignitários vitorianos em visita à Grande Exposição do Crystal Palace. Quando chegavam a bifurcações, o sr. Croup procurava no chão o rastro de sangue mais próximo e o seguia. Eram como hienas, exaurindo as forças da presa. Podiam esperar. Tinha todo o tempo do mundo.

Pelo menos daquela vez, Richard teve sorte. Pegou um táxi preto conduzido por um homem extremamente animado, que o levou para casa por um improvável caminho composto de ruas que ele nunca havia notado, o tempo todo tagarelando sem parar. Richard havia descoberto que todos os taxistas de Londres tagarelam ininterruptamente — bastando apenas que o passageiro seja um ser vivo consciente que fale inglês —, discursando sobre os problemas do trânsito londrino, estabelecendo as melhores maneiras de lidar com o crime e discorrendo acerca das últimas polêmicas políticas. Ele saiu do táxi como um louco, deixando não só a gorjeta como também a pasta, mas conseguiu fazer sinal para o motorista antes que o táxi voltasse à rua principal e assim resgatou a maleta. Subiu correndo a escada e entrou em casa, já tirando a roupa: a maleta voou pela sala e fez um pouso forçado no sofá; as chaves foram retiradas do bolso e deixadas estrategicamente na mesa do hall, para ter certeza de não esquecê-las quando voltasse a sair.

Então correu para o quarto. O interfone tocou. Richard, já setenta e cinco por cento vestido em seu melhor terno, se lançou sobre o aparelho.

— Richard? É Jessica. Espero que esteja pronto.

— Ah. Sim. Já vou descer.

Pegou um casaco e saiu correndo, batendo a porta atrás de si. Jessica esperava ao pé da escada. Ela sempre esperava ali. Não gostava do apartamento de Richard, pois a fazia se sentir irritantemente feminina. Sempre corria o risco de encontrar alguma cueca espalhada, bem, por qualquer canto; sem contar as recorrentes pelotas de pasta de dente na pia do banheiro: não, aquilo não era lugar para alguém como ela.

Jessica era muito bonita; tão bonita que, vez ou outra, Richard se pegava a observando e pensando: *O que ela está fazendo comigo?* E, depois que faziam amor — o que sempre acontecia na casa dela, um apartamento em uma vila de construções baixas no elegante bairro de Kensington, na cama de latão coberta com o lençol de linho branquíssimo (pois os pais de Jessica diziam que mantas decoradas eram uma extravagância) —, ela o abraçava forte, no escuro do quarto, os longos cachos castanhos sobre o peito dele, e sussurrava que o amava muito, ao que Richard respondia que a amava também e que queria ficar com ela para sempre, e ambos acreditavam.

— Mas veja, senhor Vandemar... Ela está mais lenta.

— Mais lenta, sim, senhor Croup.

— Deve estar perdendo muito sangue, senhor V.

— Um sangue saboroso, senhor C. Tão molhado e saboroso.

— Não falta muito.

Um clique: o som de um canivete se abrindo, vazio e solitário e escuro.

— Richard? O que está fazendo?

— Nada, Jessica.

— Não me diga que esqueceu as chaves de novo.

— Não, Jessica.

Richard parou de apalpar a roupa e enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Bom, Richard, hoje, quando você conhecer o senhor Stockton, precisa ter em mente que ele não é só um homem muito importante, mas uma entidade do mundo corporativo.

— Mal posso esperar... — comentou ele, com um suspiro.

— O que você disse, Richard?

— Mal posso esperar! — repetiu ele, dessa vez em um tom animado.

— Vamos apressar o passo, por favor — exigiu Jessica, que começava a transmitir uma aura do que, em uma mulher normal, quase poderia ser considerado nervosismo. — Não podemos deixá-lo esperando.

— Não mesmo, Jess.

— Não me chame assim, Richard. Tenho pavor de apelidos. São tão degradantes.

— Ei, tem um trocado?

Era um homem sentado na soleira de uma porta. Tinha a barba em parte grisalha, em parte amarelada, os olhos fundos e escuros. Um papel pendurado no pescoço por um barbante puído repousava em seu peito, informando, a quem fosse capaz de ler, que o sujeito morava na rua e tinha fome. Não era preciso nenhuma placa para saber disso; Richard, já com a mão no bolso, procurava uma moeda.

— Richard! Não temos tempo — repreendeu Jessica, que fazia doações regulares para instituições de caridade e só investia em fundos éticos. — Pois então: como meu noivo, eu preciso que você cause uma boa impressão. É vital que meu futuro marido seja bem-visto. — Ela franziu o cenho. Então o abraçou rapidamente e continuou: — Ah, Richard. Eu te amo *tanto*. Você sabe disso, não sabe?

E Richard assentiu. Ele sabia.

Jessica olhou para o relógio e acelerou o passo. O homem ficou para trás; Richard discretamente lhe jogou uma moeda de uma libra. Ele a agarrou no ar com a mão imunda.

— Não houve problema com a reserva, espero — disse Jessica.

E Richard, que não era muito bom em mentir quando confrontado com uma pergunta direta, respondeu apenas:

— Hmm.

Tinha feito uma escolha errada: o corredor terminava numa parede. Normalmente, Door nem precisaria parar, mas estava tão cansada, tão faminta e tão machucada... Recostou-se na parede, sentindo no rosto a aspereza do tijolo. Ela ofegava, soluçava e chorava. Sentia o braço frio e a mão esquerda dormente. Era impossível continuar. O mundo começava a parecer muito distante. Queria parar, deitar e dormir por cem anos.

— Ah, minha pobre alma sombria se eleva... Senhor Vandemar, está vendo o mesmo que eu? — A voz era baixa e vinha de um ponto próximo: deviam estar mais perto do que ela imaginara. — O que é, o que é... que chegou a fugir, mas...

— ... vai morrer em instantes? — completou a voz sem emoção, e vinha de cima dela.

— Nosso cliente ficará encantado.

Door buscou qualquer vestígio de força no fundo da alma, em meio a todo o sofrimento, dor e medo. Estava exausta, completamente esgotada. Não tinha para onde ir, não lhe restavam poderes nem tempo. *Se esta for a última porta que vou abrir*, rezou em silêncio, ao Templo e ao Arco, *que seja para algum lugar... qualquer lugar... seguro...*, e então completou, já delirante: *Alguém confiável.*

Enquanto sentia a consciência deixá-la, tentou abrir uma porta.

Conforme a escuridão a envolvia, ela escutou a voz do sr. Croup cada vez mais distante e longínqua. Ele dizia:

— Raios e trovões...

Jessica e Richard caminhavam em direção ao restaurante, braços enlaçados. Ela andava o mais rápido que o salto permitia, obrigando-o a acelerar para acompanhá-la. Os postes de luz e as vitrines das lojas fechadas iluminavam o caminho. Passaram por uma série de edifícios altos e imponentes, abandonados e solitários, unidos por um grande e contínuo muro de tijolinhos.

— Está me dizendo que precisou oferecer cinquenta libras só pela mesa? Você é um idiota, Richard.

Jessica, os olhos negros faiscando, não estava nem um pouco feliz em ouvir aquilo.

— Eles perderam a minha confirmação. E disseram que agora todas as mesas estavam reservadas.

Os muros altos ecoavam os passos dos dois.

— Provavelmente vão nos colocar perto da cozinha — reclamou Jessica. — Ou da porta. Você explicou a eles que era para o senhor Stockton?

— Sim.

Ela suspirou. Continuou a arrastar o noivo rua afora, mesmo quando, mais adiante, uma porta se abriu, alguém saiu, cambaleou por um momento assustadoramente longo e despencou na calçada. Richard teve um calafrio e parou na mesma hora. Jessica lhe deu um puxão.

— Aliás, durante a conversa com o senhor Stockton, lembre-se de jamais interrompê-lo. Nem discordar. Ele não gosta de ser contrariado. Quando ele fizer uma piada, ria. Se em algum momento tiver dificuldade em saber se foi ou não uma piada, olhe para mim. Eu vou... hã... bater com o dedo na mesa.

A essa altura, tinham alcançado a pessoa caída atravessada na calçada. Jessica deu um passo largo para passar por cima da forma retorcida. Richard hesitou.

— Jessica?

— Tem razão. Ele pode tomar o gesto como sinal de tédio — refletiu ela. — Já sei! Se ele fizer uma piada, vou coçar a orelha — decidiu, muito satisfeita.

— Jessica!

Não era possível que ela estivesse ignorando solenemente a pessoa no chão.

— O que foi?

Jessica não parecia feliz em ser arrancada de seu alegre devaneio.

— Olhe.

Richard apontou. A pessoa estava com o rosto para baixo e coberta por roupas largas; Jessica o puxou pelo braço.

— Ah. Sim. Richard, se você dá atenção, eles se aproveitam. Todos têm onde morar, na verdade. É só dormir que passa a embriaguez; ela vai ficar bem.

Ela? Richard olhou para baixo. Era uma garota.

— Sabe — continuou Jessica —, eu disse ao senhor Stockton que nós vamos... Richard? O que está fazendo?

Ele tinha se abaixado.

— Ela não está bêbada — declarou. — Está ferida. — Olhou para a ponta dos próprios dedos. — Sangrando.

Jessica olhava nervosamente para ele, sem compreender.

— Vamos nos atrasar — lembrou ela.

— A garota está *ferida*.

Jessica olhou outra vez para a jovem caída. Prioridades; Richard não tinha prioridades.

— Richard. Vamos nos atrasar. Alguém vai passar por aqui. Outra pessoa pode ajudá-la.

O rosto da garota estava coberto de sujeira, as roupas encharcadas de sangue.

— Ela está ferida — repetiu ele. Seu rosto exibia uma expressão que Jessica nunca tinha visto nele.

— Richard. — Foi um tom de alerta. Em seguida, porém, ela cedeu um pouco e ofereceu uma alternativa: — Então chame uma ambulância. Rápido, vai.

Os olhos da jovem se abriram de repente, muito brancos e grandes em contraste com o borrão de sujeira e sangue que era o rosto.

— Hospital não, por favor. Eles vão me encontrar. Me leve para algum lugar seguro. Por favor — pediu ela, em um fiapo de voz.

— Mas você está sangrando — contrapôs Richard.

Ele olhou ao redor, tentando descobrir de onde ela viera, mas o muro não tinha abertura, eram só tijolos e mais tijolos, ininterruptamente. Voltando a olhar para aquela forma imóvel, perguntou:

— Por que não quer ir a um hospital?

— Me ajude — sussurrou a garota, e seus olhos se fecharam.

Novamente ele perguntou:

— Por que você não quer ir a um hospital?

Dessa vez, não houve resposta.

— Quando chamar a ambulância, não dê seu nome — alertou Jessica. — Podem exigir que você preste depoimento, e aí chegaríamos atrasados, e eu não vou deixar que minha noite seja arruinada por... Richard? O que está fazendo?

Ele ergueu a jovem nos braços. Ela era surpreendentemente leve.

— Vou levá-la para casa, Jess. Não posso deixá-la aqui. Diga ao senhor Stockton que lamento muito, mas que tive uma emergência. Sei que ele vai entender.

— Richard Oliver Mayhew — retrucou Jessica, com frieza. — Trate de colocar essa pessoa no chão agora mesmo e voltar para junto de mim, ou nosso compromisso se encerra neste instante. Estou avisando.

Richard sentia o sangue morno e grudento manchando sua camisa. Às vezes, não há nada que se possa fazer, concluiu; e foi embora.

Jessica ficou parada na calçada, os olhos cheios de lágrimas, vendo o noivo arruinar sua grande noite, até Richard sumir de vista. Então, e só então, ela proferiu, em volume e clareza mas destituído de elegância, um sonoro “Merda!”, e jogou a bolsa no chão com toda a força, tão forte, aliás, que espalhou pela calçada o celular, o batom, a agenda e vários absorventes internos. Depois, não tendo alternativa, recolheu tudo e guardou de volta na bolsa e seguiu seu caminho até o restaurante, para esperar pelo sr. Stockton.

Mais tarde, enquanto tomava vinho branco, Jessica tentou inventar uma justificativa plausível para a ausência do noivo e se viu considerando a desesperada ideia de simplesmente dizer que Richard havia morrido.

— Foi muito repentino — murmurou ela, com ar melancólico.

Richard não parou para pensar um único momento durante o percurso. Não era algo sobre o qual tivesse controle. Em algum ponto da parte racional de sua mente, alguém — um Richard Mayhew normal e sensato — lhe alertava que estava sendo ridículo: deveria ter simplesmente chamado a polícia ou uma ambulância, era arriscado mover uma pessoa ferida, ele tinha magoado Jessica séria e profundamente, teria que dormir no sofá naquela noite, estava arruinando o único terno bom que tinha, a garota exalava um mau cheiro daqueles... Porém, apesar disso tudo, Richard continuava botando um pé na frente do outro, os braços já com câibras e as costas doloridas, e, ignorando os olhares assustados dos transeuntes, continuou andando. Enfim chegou à entrada do prédio, e lá foi ele subir a escada, e, quando parou em frente à porta do apartamento, lembrou que esquecera as chaves na mesinha do hall, lá dentro...

A garota esticou a mão imunda, e a porta se abriu.

Nunca pensei que ficaria feliz por não ter fechado a porta direito, pensou Richard. Carregou a garota para dentro — fechou a porta com o pé — e a deitou na cama, constatando que tinha encharcado de sangue a frente da camisa.

A garota parecia quase inconsciente, os olhos fechados mas com as pálpebras trêmulas. Richard a despiu da jaqueta de couro. Havia um corte longo que ia do braço esquerdo até o ombro. Ele respirou fundo.

— Olha, vou chamar um médico — disse, baixinho. — Está me ouvindo?

Ela abriu os olhos; arregalados, assustados.

— Por favor, não. Vai melhorar, não é tão ruim quanto parece. Só preciso dormir. Médico, não.

— Mas seu braço... seu ombro...

— Eu vou ficar bem. Amanhã. Por favor. — A voz dela era pouco mais que um sussurro.

— Hã... tudo bem. Acho. — E, com a sanidade começando a retomar o controle, acrescentou: — Olha, eu preciso saber...

Mas ela tinha caído no sono. Richard pegou no armário um cachecol velho e envolveu, apertado, o braço e o ombro da garota; não queria que ela perdesse mais sangue e morresse em sua cama antes que ele pudesse chamar um médico. Feito isso, saiu do quarto sem fazer barulho e fechou a porta. Sentado no sofá, em frente à televisão, Richard se perguntou o que havia feito.

DOIS

ELE ESTÁ EM algum lugar muito abaixo da superfície: um túnel, talvez, ou os dutos do esgoto. A luz oscila, definindo a escuridão em vez de afugentá-la. Ele não está sozinho. Outros caminham ao seu lado, mas ele não consegue ver o rosto de ninguém. Então começam a correr, atravessando o esgoto, chapinhando na lama e na imundície. Gotículas d'água caem devagar, cristalinas na escuridão.

Ao virar uma curva, lá está a criatura à sua espera.

É enorme. Ocupa todo o espaço do túnel: a cabeça volumosa, abaixada; o corpo coberto de pelos eriçados; a respiração se condensando no ar frio. Algum tipo de javali, pensa ele a princípio, mas logo reconsidera. Não pode ser: nenhum javali seria assim tão grande. É do tamanho de um touro, de um tigre, de um carro.

A fera o encara. Espera uma eternidade enquanto ele ergue a lança. Ele olha para a mão que segura a lança e repara que aquela não é sua mão: uma pelagem negra cobre o braço, as unhas são quase garras.

A fera avança.

Ele arremessa a lança, mas é tarde demais. Sente a fera dilacerando-lhe o flanco com as presas afiadas, sente a vida escorrer do seu corpo, então percebe ter caído de cara na água, que é tingida de escarlate pelos sinuosos feixes de sangue sufocante. E ele tenta gritar, tenta acordar, mas só o que inspira é lama, sangue e água. Ele sente apenas dor...

— Pesadelo? — perguntou a garota.

Richard despertou de súbito, arfando. As cortinas ainda estavam fechadas, a luz acesa, a TV ligada, mas percebeu, pela luminosidade suave que se infiltrava na sala pelas frestas, que já tinha amanhecido. Tateou o sofá em busca do controle remoto, que conseguira se alojar entre a almofada e sua lombar durante a noite, e desligou o aparelho.

— É — respondeu. — Mais ou menos.

Esfregou os olhos para afastar o sono e, avaliando em que condição se encontrava, ficou aliviado em notar que pelo menos havia tirado os sapatos e o paletó antes de dormir. A camisa estava coberta de sangue seco e sujeira. A jovem sem-teto não fez comentários. Parecia mal: via-se a palidez sob a sujeira e o sangue seco, e ela era bem pequena. Usava camadas de tecidos aleatórios jogados uns sobre os outros: roupas esquisitas, veludos sujos, rendas enlameadas, rasgos e frestas que revelavam outras camadas e estilos. Parecia

que tinha invadido a seção de história da moda do Victoria and Albert Museum durante a madrugada e saído de lá levando todas as peças no corpo. Seu cabelo curto estava imundo, mas, olhando bem, parecia ser ruivo-escuro por baixo da sujeira.

Se tinha uma coisa que Richard realmente odiava era gente que constatava o óbvio: aquelas observações sobre coisas impossíveis de não serem notadas, como “Está chovendo, hein?”, “Sua sacola rasgou e as compras caíram na poça”, ou mesmo “Ai! Essa doeu!”.

— Ah, então você acordou — comentou Richard, e se odiou por isso.

— A quem pertence a baronia? — perguntou a garota. — Quem é o dono deste feudo?

— Hã... O quê?

Ela olhou ao redor, desconfiada.

— Onde estou?

— Little Comden Street, quarto andar, Newton Mansions...

Não terminou de falar. A garota tinha aberto as cortinas e piscava contra a luz fria do dia. Contemplava em deslumbramento a vista que nada tinha de excepcional, os olhos arregalados notando os carros, os ônibus e o minúsculo comércio lá embaixo: uma banca de revistas, uma padaria, uma farmácia e uma lojinha de bebidas.

— Estou na Londres de Cima — murmurou ela.

— Sim, você está em Londres. — *Em cima de quê?*, perguntou-se. — Acho que você estava em choque ontem à noite. É um corte feio, esse aí no seu braço.

Ele esperou uma resposta, uma explicação. A garota olhou brevemente para ele e voltou a se concentrar nos ônibus e nas lojas.

— Eu, hã... — continuou Richard — ... encontrei você caída na calçada. Tinha muito sangue.

— Não se preocupe — respondeu ela, séria. — A maior parte não era meu.

Ela soltou a cortina, que voltou a se fechar. Então começou a desatar o torniquete do braço, desenrolando o cachecol manchado de sangue seco. Examinou o corte e fez uma careta.

— Vou ter que dar um jeito nisso — disse ela. — Pode me ajudar?

Richard sentia que aquilo estava ficando além de suas capacidades.

— Eu não sou muito bom nessas coisas.

— Bem, se o seu problema é estômago fraco, basta segurar as ataduras e amarrar as pontas onde eu não alcançar. Você tem atadura, não tem?

— Ah, sim — respondeu ele. — No kit de primeiros socorros. No banheiro. Debaixo da pia.

Então foi até o quarto trocar de roupa, imaginando, enquanto isso, se algum dia conseguiria dar um jeito naquela camisa (sua melhor camisa, que tinha ganhado de... Droga, Jessica ia ter um *troço*).

A água suja de sangue lhe recordava alguma coisa, talvez algum sonho que tivera, mas que não lembrava nem por um decreto. Tirou o tampão do ralo, deixou tudo escoar e encheu a pia com água limpa. Jogou um jato leitoso de sabonete antisséptico: o cheiro pungente parecia restaurar a razão, cicatrizar a bizarrice da situação e daquela estranha garota. Jogou água morna no braço e no ombro dela, que aguardava inclinada na pia.

Richard não tinha um estômago tão fraco quanto pensava. Ou melhor, era extremamente sensível quando se tratava de sangue na tela: um bom filme de zumbi ou mesmo um drama médico explícito o faziam se encolher todo, histérico, cobrindo os olhos e balbuciando “Já acabou? Já acabou?”, mas, quando o sangue ou a dor eram reais, simplesmente agia para solucionar o problema. Os dois limpavam e enfaixaram o corte — que era bem menos grave do que parecera no dia anterior —, a garota aguentando a dor como podia. Enquanto isso, Richard se pegou imaginando qual seria a idade dela, como seria sua aparência por baixo de toda aquela sujeira, por que morava nas ruas e...

— Como você se chama? — perguntou ela.

— Richard. Richard Mayhew. Dick.

Ela assentiu, como se estivesse tentando gravar o nome na memória. A campainha tocou. Ele olhou para a bagunça no banheiro, depois para a garota, e se perguntou o que uma pessoa normal pensaria de tudo aquilo. Uma pessoa como...

— Santo Deus! — exclamou ele, temendo pelo pior. — Aposto que é Jess. Ela vai me matar. — *Minimizar danos. Minimizar danos.* — Olha, espere aqui.

Ele fechou a porta do banheiro ao sair e se dirigiu ao hall. Quando abriu a porta do apartamento, deixou escapar um suspiro do mais absoluto alívio. Não era Jessica. Era... Quem eram aqueles? Missionários? Testemunhas de Jeová? A polícia? Não fazia ideia. Bom, fossem quem fossem, estavam em dupla.

Ambos usavam um terno preto um tanto ensebado, um tanto desgastado. Até Richard, que se considerava disléxico no idioma da moda, notou algo estranho no corte do paletó. Era como se o alfaiate responsável tivesse vivido dois séculos antes e apenas ouvido a descrição de um terno moderno, sem nunca ter visto um. As linhas eram estranhas, assim como os detalhes e acabamentos.

Uma raposa e um lobo, pensou Richard, involuntariamente. O homem à frente, a raposa, era um pouco mais baixo que ele. Tinha cabelo oleoso e lambido, de um tom improvável de laranja, e compleição pálida; e, quando Richard abriu a porta, o homem deu um sorriso muito largo, que saiu com

um atraso mínimo. Seus dentes lembravam as lápides de um cemitério após um terremoto.

— Um bom dia, meu caro senhor — cumprimentou o sujeito. — Que bela e agradável manhã!

— Hm. Oi — respondeu Richard.

— Estamos conduzindo uma investigação pessoal de natureza delicada, por assim dizer, batendo de porta em porta. O senhor nos convidaria a entrar?

— Olha, não é um bom momento — respondeu Richard. Em seguida, perguntou: — Vocês são da polícia?

O segundo estranho, um homem alto, aquele que seria o lobo, cabelo escuro já grisalho e arrepiado pelo corte rente, mantinha-se um pouco atrás do amigo, segurando um bolo de cartazes pequenos colado ao peito. Nada dissera até então: apenas aguardara, gigantesco e impassível. Ele deu uma risada; curta, grave e suja. Havia algo doentio naquele riso.

— Da polícia? — disse o mais baixo. — Ah! Seria um grande contentamento. Embora inegavelmente tentadora, uma carreira a serviço da lei e da ordem não estava nas cartas que a Dama Fortuna tirou para meu irmão e eu. Não, somos meros cidadãos. Permita-me fazer as apresentações. Senhor Croup sou eu, e este cavalheiro é meu irmão, senhor Vandemar.

Não pareciam irmãos. Não pareciam nada que Richard já tivesse visto na vida.

— Irmão? — perguntou Richard. — Então por que não têm o mesmo sobrenome?

— Admirável. Que cérebro o dele, senhor Vandemar. Incisivo e aguçado; é o mínimo que se pode dizer. — O sr. Croup chegou mais perto de Richard e ficou na ponta dos pés para encará-lo na mesma altura. — Algumas pessoas têm uma mente tão afiada que poderiam até se cortar.

Richard deu um passo involuntário para trás.

— Podemos entrar? — insistiu o sr. Croup.

— O que vocês querem?

O sr. Croup deu um suspiro, em uma demonstração, segundo ele claramente acreditava, de tristeza.

— Estamos em busca de nossa irmã — explicou. — Uma menina voluntariosa, inconstante e assaz teimosa, que quase partiu o coração de nossa pobre mãe viúva.

— Fugiu — explicou o sr. Vandemar, falando baixo. E enfiou um dos panfletos nas mãos de Richard. — Ela é um pouco... diferente — completou, girando o dedo ao lado da cabeça para indicar que a garota era, na verdade, completamente doida.

Richard olhou para o papel.

Estava escrito:

VOCÊ VIU ESTA JOVEM?

Logo abaixo havia a foto, em tons de cinza típicos de xerox, de uma jovem que lembrava uma versão de cabelo comprido, mais arrumada e mais limpa da que ele deixara no banheiro.

Mais abaixo, lia-se:

ATENDE PELO NOME DE DOREEN. MORDE E CHUTA. FUGITIVA.
AVISE, CASO A TENHA VISTO. QUEREMOS ENCONTRÁ-LA. HÁ RECOMPENSA.

Por fim, um número de telefone. Richard olhou outra vez para a foto. Era ela, sem dúvida.

— Não — disse ele. — Não a vi, infelizmente. Sinto muito.

Mas o sr. Vandemar não lhe deu atenção, a cabeça erguida para farejar o ar como quem sente um cheiro peculiar ou desagradável. Richard estendeu o panfleto para devolvê-lo, mas o homem grande simplesmente o empurrou para fora do caminho e entrou, um lobo rondando a caça. Richard foi atrás dele.

— O que pensa que está fazendo? Quer parar com isso? Vá embora. Ei, você não pode entrar aí... — Porque o sr. Vandemar seguia para o banheiro.

Richard torceu para que a garota (Doreen?) tivesse tido presença de espírito e fechado o trinco por dentro. Mas não: a porta se escancarou facilmente ao empurrão do sr. Vandemar, que logo entrou. Richard, sentindo-se como um cachorrinho impotente latindo para os calcanhares do carteiro, entrou atrás dele.

Não era um cômodo grande. Havia banheira, vaso sanitário, pia, vários frascos de xampu, um sabonete e uma toalha. Quando Richard saíra dali alguns minutos antes, havia também uma garota bem suja e ensanguentada, uma pia mais ensanguentada ainda e um kit de primeiros socorros aberto. Agora, estava tudo perfeitamente limpo.

Não havia lugar, naquele cômodo, onde a garota pudesse estar escondida. O sr. Vandemar saiu do banheiro, abriu a porta do quarto, entrou, olhou em volta.

— Ainda não entendi o que você pensa que está fazendo, mas, se os dois não saírem do meu apartamento agora mesmo, vou chamar a polícia.

Naquele momento, o sr. Vandemar, que até então se dedicara à tarefa de examinar a sala, virou-se para o dono da casa. Na mesma hora, Richard percebeu que estava morrendo de medo, como um cachorrinho descobrindo que o suposto carteiro é na verdade um gigantesco alienígena comedor de cães saído diretamente de um daqueles filmes para os quais

Jessica nunca tinha tempo. Richard se pegou ponderando se o sr. Vandemar era o tipo de pessoa a quem se diz “Por favor, não me machuque” e, caso fosse, se essa súplica adiantaria alguma coisa.

Foi quando o raposino sr. Croup se pronunciou:

— O que lhe acometeu, senhor Vandemar? É o pesar que sente por nossa querida irmã, certamente. Queira pedir desculpas a esse cavalheiro — ordenou.

O grandalhão assentiu, ponderando.

— Achei que precisasse usar o toalete — justificou-se. — Alarme falso. Sinto muito.

O sr. Croup se dirigiu à porta do apartamento, empurrando o sr. Vandemar à frente de si.

— Pronto. Espero que perdoe meu irmão pela incivilidade. Está consternado de preocupação com nossa querida mãe viúva e nossa irmã, que mesmo agora enquanto conversamos vaga sem rumo pelas ruas de Londres, desprotegida e desamparada. Apesar de seu comportamento, o sr. Vandemar é um bom homem para se ter ao lado. Não é mesmo, meu robusto companheiro?

Os dois já estavam fora do apartamento, chegando à escada. O sr. Vandemar nada disse. Não parecia transtornado pelo pesar. Croup se virou novamente para Richard e ensaiou mais um sorriso de raposa.

— Ligue se a vir — exigiu.

— Adeus — disse Richard.

Fechou e trancou a porta. E, pela primeira vez desde que fora morar ali, fechou a correntinha de segurança.

— Eu não sou gordo — reclamou o sr. Vandemar.

O sr. Croup, que cortara o telefone de Richard à primeira menção de chamar a polícia e agora começava a ficar em dúvida se tinha cortado o fio certo (as tecnologias de telecomunicação do século XX não eram seu ponto forte), pegou um dos panfletos das mãos de Vandemar.

— Eu não falei que você era gordo — defendeu-se. — Cuspa!

Com um esgarro, o sr. Vandemar produziu uma bela porção de muco trazido do fundo da garganta, que cuspiu cuidadosamente no verso do panfleto. O sr. Croup bateu com o papel na parede, colando-o ao lado da porta de Richard. Grudou na mesma hora, e grudou bem.

VOCÊ VIU ESTA JOVEM?, indagava o panfleto.

— “Robusto”. Você disse. Significa gordo.

— “Robusto” também pode significar forte, firme, vigoroso, resistente, corajoso, resoluto, intrépido — argumentou o sr. Croup. — Você acreditou nele?

Os dois se viraram e começaram a descer a escada.

— Papo furado — respondeu o sr. Vandemar. — Senti o cheiro dela.

Richard esperou junto à porta fechada do apartamento até ouvir o portão do prédio bater, vários andares abaixo. Estava no corredor, dirigindo-se ao banheiro, quando levou o susto com o toque alto do telefone. Correu de volta para alcançar o aparelho.

— Alô? — atendeu. — Alô?

O fone não emitiu som. Em vez disso, ele ouviu um clique, seguido pela voz de Jessica saindo da secretária eletrônica, ao lado.

— Richard? É Jessica — disse a voz de Jessica. — É uma pena que você não esteja em casa, pois esta teria sido nossa última conversa, e eu gostaria muito de não falar sozinha.

O telefone não estava funcionando, reparou ele. O fio que saía do aparelho fora cortado cuidadosamente após alguns centímetros. Ele gritou para o bocal mesmo assim, exclamando “Jessica!”, “Estou aqui!” e “Por favor, não desligue!”.

— Você me causou um constrangimento terrível ontem à noite, Richard — continuou a voz. — De minha parte, esse noivado se encerra aqui. Não pretendo devolver a aliança e não voltaremos a nos encontrar. Que você e sua sem-teto queimem no inferno. Adeusinho.

— Jessica! — gritou ele, na esperança de que o volume fosse capaz de fazer sua voz penetrar na rede telefônica.

A fita parou de girar, o aparelho emitiu um segundo clique e a luzinha vermelha começou a piscar.

— Má notícia? — perguntou a garota.

Ela estava logo atrás dele, na minúscula cozinha conjugada à sala, um curativo bem-feito no braço, pegando saquinhos de chá e colocando-os em canecas. A água fervia na chaleira.

— Sim. Péssima. — Richard foi até ela e estendeu o panfleto de VOCÊ VIU ESTA JOVEM?. — É você, não é?

Ela ergueu a sobrancelha.

— Sou eu na foto.

— E seu nome é... Doreen?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Eu me chamo Door, Richardrichardmayhewdick. Leite e açúcar?

Richard agora tinha plena certeza de estar totalmente perdido naquela situação.

— Richard. Só Richard. Sem açúcar. Olha, se não for muito pessoal, pode me contar o que aconteceu com você?

Door despejou a água fervente nas canecas.

— Nem queira saber — foi só o que ela disse.
— Hã... tudo bem. Me desculpe se...
— Não. Richard, é sério, você *não vai* querer saber. Não seria nada bom ouvir essa história. Você já me ajudou muito mais do que deveria.
Ela retirou os saquinhos de chá da água e entregou uma caneca a ele. Ao aceitar, ele notou que ainda estava com o telefone sem fio na mão.
— Hmm. É. Eu não podia simplesmente deixar você lá.
— Podia, sim — retrucou ela. — Mas não deixou.
Ela colocou o corpo à parede e espiou pela janela. Richard foi até lá e olhou para fora. Do outro lado da rua, o sr. Croup e o sr. Vandemar saíam da banca de revistas, o VOCÊ VIU ESTA JOVEM? grudado em um lugar de destaque na lateral da banca.
— Eles são mesmo seus irmãos? — perguntou.
— Ah, por favor — disse ela, sem se abalar. — Até parece.
Ele tomou o chá devagar, tentando fingir que estava tudo normal.
— Onde você estava, aliás? Agora há pouco?
— Bem aqui — respondeu ela. — Olha, como esses dois ainda estão rondando, precisamos enviar uma mensagem para... — Ela pensou melhor.
— Para alguém que pode ajudar. Não me atrevo a sair daqui por enquanto.
— Não tem algum outro lugar para onde você possa ir? Ou alguém para quem possa ligar?
Ela pegou o telefone mudo das mãos dele, o fio cortado balançando no ar, e fez que não.
— Meus amigos não têm telefone — explicou, e colocou o aparelho de volta na base, onde ficou repousando, inútil e solitário. — Migalhas — acrescentou, com um breve sorriso travesso.
— Hein?

Nos fundos do quarto havia uma janela pequena que dava vista para os telhados e as calhas. Door subiu na cama para alcançá-la, abriu-a e espalhou as migalhas por ali.

— Não estou entendendo nada — disse Richard.
— Claro que não. Mas fique quieto.
Ouviram-se um rufar de asas e então surgiu um borão roxo-cinza-esverdeado de um pombo, que começou a bicar as migalhas. Door esticou o braço direito e o pegou. O pombo a olhou com curiosidade, mas não reclamou.
Door e Richard se sentaram na cama. Ela o fez segurar o pombo enquanto prendia uma mensagem na perna do bichinho com um elástico muito azul, que Richard vinha usando até então para prender as contas de

luz. Segurar pombos não era a atividade favorita dele, muito menos em um dia daqueles.

— Não estou entendendo — comentou. — Isso não é um pombo-correio. É só um pombo como qualquer outro de Londres. Do tipo que caga na Coluna de Nelson.

— Isso mesmo — concordou Door.

Ela exibia arranhões na lateral do rosto, e seu cabelo ruivo estava sujo e bagunçado; bagunçado, mas não emaranhado. E os olhos... Richard não conseguia definir a cor. Não eram azuis, nem verdes, nem castanhos, nem cinzentos; lembravam opalas nobres: fagulhas intensas de verdes e azuis e até mesmo vermelhos e amarelos, que cintilavam em flashes desconhecidos conforme ela se mexia. Door pegou o pássaro das mãos dele, delicadamente, e o ergueu à altura do rosto para encará-lo. O pombo virou a cabeça para o lado e a encarou de volta com os olhos de contas negras.

— Muito bem — começou ela, e fez um ruído semelhante ao gorgolejar dos pombos: — *Crrpplrrr...* Você tem que procurar o marquês De Carabás. Entendeu?

O pombo gorgolejou de volta.

— Bom garoto. Olha, é muito importante, então você precisa... — O pombo a interrompeu com um borbulhar que parecia impaciente. — Desculpe. Você sabe o que fazer, claro.

Ela então o levou até a janela e o soltou.

Richard tinha acompanhado a conversa com certo fascínio.

— Parecia até que ele estava entendendo você, sabia? — comentou, enquanto o pombo encolhia no céu até desaparecer atrás dos telhados.

— Imagine só — respondeu Door. — Bem, agora é esperar.

Ela foi até a estante que havia no canto do quarto, encontrou um exemplar de *Mansfield Park* que Richard nem sabia que tinha e foi para a sala.

Ele a seguiu. Door se acomodou no sofá e abriu o livro.

— Então, é um apelido para Doreen? — perguntou ele.

— O quê?

— Seu nome.

— Não. É só Door mesmo.

— Como se escreve?

— D-o-o-r. Como The Doors. Ou “porta” em inglês.

— Ah. — Ele precisava dizer alguma coisa, então comentou: — Que espécie de nome é esse? Quem é que se chama “Door”?

E ela o encarou com aqueles olhos de cores inusitadas e respondeu:

— Eu.

E voltou a ler Jane Austen.

Richard pegou o controle remoto e ligou a TV. Trocou de canal. Trocou de novo. Suspirou. Trocou uma vez mais.

— Mas então: o que estamos esperando?

Door virou a página. Não ergueu os olhos do livro.

— Uma resposta.

— Que tipo de resposta?

Ela deu de ombros.

— Ah — resignou-se ele. — Hm.

Agora que a maior parte da sujeira e do sangue tinha sido limpa, Richard pôde notar que a pele dela era muito branca. Ficou se perguntando se tamanha palidez era consequência de alguma doença, ou se fora causada pela perda de sangue, ou se ela simplesmente não saía muito de casa, ou, ainda, se tinha anemia. Talvez tivesse passado um tempo na prisão, embora parecesse nova demais para isso. Será que o brutamontes tinha dito a verdade ao afirmar que ela era maluca?

— Sabe, quando aqueles homens apareceram...

— Homens? — Os olhos de opala brilharam.

— Croup e... hã... Vanderbilt.

— Vandemar. — Ela refletiu por um momento. — É, acho que podemos chamá-los de homens. Duas pernas, dois braços, uma cabeça...

— Quando eles entraram... — insistiu Richard — ... onde você estava?

Ela lambeu a ponta do dedo e virou mais uma página.

— Aqui.

— Mas...

Ele não terminou a frase, pois perdera as palavras. O apartamento não tinha nenhum lugar onde ela pudesse ter se escondido. Só que Door não saía. Mas...

Ouviram o ruído de algo sendo arranhado, e então o vulto de uma criatura bem maior que um simples camundongo saiu correndo do meio da bagunça de fitas VHS largadas embaixo da TV.

— Argh! — exclamou Richard, jogando o controle remoto com toda a força na direção da criatura.

O controle acertou as fitas com estardalhaço. Nenhum sinal do vulto.

— Richard! — repreendeu Door.

— Fique tranquila. Acho que era só um rato.

Door olhou feio para ele.

— Claro que era um rato. E você deve ter assustado o coitadinho! — Ela olhou ao redor e assobiou baixinho por entre os dentes. — Olá? — chamou, ajoelhando-se no chão, *Mansfield Park* esquecido de lado. — Olá? — Ela olhou feio para Richard mais uma vez. — Se você o tiver machucado... — ameaçou, para depois voltar à voz suave e se dirigir de novo à sala: — Sinto muito, ele é um idiota. Olá?

— Ei, eu não sou um idiota — objetou Richard.

— Shhh! Olá?

Um focinho rosado e dois olhinhos negros despontaram de sob o sofá. O restante da cabeça surgiu em seguida, analisando os arredores com suspeita. De fato, era grande demais para ser um simples camundongo, Richard tinha certeza disso.

— Oi — cumprimentou Door, em tom amável. — Você está bem?

Ela estendeu a mão. O animal subiu em seus dedos e deu uma corridinha braço acima, acomodando-se na dobra do cotovelo. Door acariciou o corpinho do bicho com o dedo. Ele tinha pelo marrom-escuro e uma longa cauda rosada. No flanco havia algo que parecia um papel dobrado.

— É um rato — anunciou Richard, sentindo que às vezes a constatação do óbvio era algo perdoável.

— Sim, é um rato. Não vai se desculpar?

— O quê?

— Peça desculpas.

Talvez não tivesse ouvido bem. Talvez ele é que estivesse ficando louco.

— Para um rato?

Ela não respondeu, um silêncio bastante significativo.

— Me desculpe se assustei você — disse Richard ao rato, mas com dignidade.

O bicho olhou para Door.

— Ele está sendo sincero — defendeu ela. — Não é só da boca para fora, não. — Ela começou a mexer no bicho, dizendo: — Vamos ver o que você tem para mim.

Era um papelzinho marrom dobrado várias vezes, preso ao corpo do rato pelo que realmente parecia um elástico muito azul.

Door o abriu: um papelzinho marrom de bordas gastas, com uma mensagem escrita em tinta preta, em caligrafia dura e angulosa.

— Obrigada — disse ela ao rato. — Você me ajudou muito.

O bicho disparou para debaixo do sofá, encarou Richard por um momento e desapareceu nas sombras.

A garota chamada Door entregou o papel a Richard.

— Tome. Leia isto.

Era fim de tarde no centro de Londres e, com o outono se aproximando, já começava a escurecer. Richard pegara o metrô até a estação Tottenham Court Road e agora seguia pela Oxford Street, segurando o papel. A Oxford Street é o coração do comércio de Londres e, mesmo àquela hora, as calçadas estavam cheias de turistas e gente fazendo compras.

— É uma mensagem — explicou Door ao lhe entregar o bilhete. — Do marquês De Carabás.

Richard sabia que já tinha ouvido aquele nome em algum lugar.

— *Que legal — respondeu. — Acabou o estoque de cartões-postais dele, foi?*
— *Assim é mais rápido.*

Passou pelas luzes e a barulheira da Virgin Megastore; pela loja de souvenirs, com os típicos capacetes da polícia londrina e as miniaturas dos ônibus vermelhos; pela pizzaria logo ao lado, que vendia apenas fatias, para consumo individual; e, por fim, virou à direita.

— *Você precisa seguir as instruções escritas aqui. Não deixe que ninguém o siga.*
— *Então, ela suspirou e acrescentou: — Eu realmente não devia envolver você nisso, não tanto assim.*

— *Se eu seguir essas instruções... você vai embora mais rápido?*
— *Sim.*

Richard virou na Hanway Street, e, embora tivesse se afastado apenas alguns passos da agitação reluzente da Oxford Street, era como se estivesse em outra cidade: a Hanway estava vazia, abandonada; uma rua estreita e escura, quase uma viela, com lojas de discos melancólicas e restaurantes fechados. A única fonte de iluminação era a luz que escapava dos bares restritos localizados nos andares superiores dos prédios. Ele avançava pela rua, apreensivo.

— *“... virai à direita na Hanway Street, depois à esquerda na Hanway Place, depois à direita novamente, na Orme Passage. Paraí no primeiro poste de luz...”*

— *Tem certeza de que é isso mesmo?*

— *Tenho.*

Richard não se lembrava de nenhuma Orme Passage, embora já tivesse passado pela Hanway Place: no subsolo da rua havia um restaurante indiano que Garry Do Trabalho adorava. Pelo que Richard se lembrava, a Hanway Place não tinha saída. The Mandeer, era aquele o restaurante. Passou pela entrada bem iluminada, com degraus convidativos que levavam para as profundezas, e virou à esquerda...

Tinha se enganado. Havia mesmo uma Orme Passage. Lá estava a plaquinha, bem alto no muro.

ORME PASSAGE, W1

Não era de se estranhar que nunca a tivesse notado: era praticamente uma mera viela entre casas, estreita e iluminada por uma inconstante lâmpada a gás. *Quase não se vê mais dessas hoje em dia*, pensou Richard, erguendo as instruções à luz para enxergar melhor.

— *“Em seguida, daí três voltas levógiras”?*

— *Significa no sentido anti-horário, Richard.*

Ele girou, três vezes, sentindo-se ridículo.

— *Olha, por que eu tenho que fazer isso tudo só para encontrar o seu amigo? Toda essa bobagem...*

— Não é bobagem. É sério. Você... Faça isso por mim, tudo bem? — E ela sorriu para ele.

Ele parou de girar e foi até o fim da viela. Nada. Ninguém. Só uma lata de lixo de metal e, ao lado, aparentemente um monte de trapos.

— Olá? — chamou. — Tem alguém aqui? Sou amigo de Door. Alguém?

Nada. Não havia ninguém ali. Richard ficou bastante aliviado: agora podia voltar para casa e explicar àquela garota que nada tinha acontecido. Então informaria as autoridades responsáveis, e eles que resolvessem o caso dela. Amassou o bilhete e o lançou na direção da lixeira.

O suposto monte de trapos se desdobrou, cresceu e ficou de pé em um único movimento fluido, a tempo de surgir uma mão e pegar no ar o papel amassado.

— Isto é meu, suponho — disse o marquês De Carabás.

O sujeito usava um casaco preto enorme e de ar requintado, não bem uma sobrecasaca e tampouco exatamente uma gabardina, além de botas altas também pretas e, por baixo do casaco, roupas puídas. O branco dos olhos reluzia no rosto extremamente escuro. E ele sorriu dentes brancos, um sorriso momentâneo, como se achasse graça de uma piada que só ele entendia, e inclinou-se em reverência, dizendo:

— De Carabás, a seu dispor. Você é...?

— Hã... É... Hmm...

— Você é Richard Mayhew, o jovem que resgatou e medicou nossa Door. Como ela está?

— Hã... bem. O braço ainda está um pouco...

— Estou certo de que Door nos deixará maravilhados com sua velocidade de recuperação. A família dela tinha capacidades extraordinárias nesse aspecto. É surpreendente que tenham conseguido matar a todos, não acha?

O homem que se apresentava como marquês De Carabás andava de lá para cá, muito inquieto. Richard já sabia se tratar de uma dessas pessoas que estão sempre em movimento, como um felino de grande porte.

— A família de Door foi morta? — perguntou Richard.

— Veja, não chegaremos a lugar algum se você continuar repetindo tudo que digo, não é mesmo? — repreendeu o marquês, que tinha parado diante dele. — Sente-se.

Richard deu uma olhada em volta, à procura de onde se sentar, mas o marquês colocou a mão em seu ombro e o fez estatelar-se no calçamento de paralelepípedos.

— Door sabe que meu preço é alto. O que exatamente ela oferece?

— Como assim?

— Qual é a proposta? Você me foi enviado para negociar, meu jovem. Não sou barato e nunca aceito fiado.

Richard deu de ombros, ou ao menos o melhor que se pode dar de ombros quando se está caído de costas no chão.

— Ela pediu para lhe dizer que precisa que você a acompanhe até em casa... seja lá onde fique... e que providencie um guarda-costas.

Mesmo quando o marquês ficava parado, seus olhos nunca deixavam de se mexer. Para cima, para baixo, para os lados, como se estivesse procurando alguma coisa, pensando em alguma coisa. Somando, subtraindo, computando. Richard questionava consigo mesmo a sanidade mental do sujeito.

— E ela oferece...?

— Bem... nada.

O marquês bafejou nas unhas e as lustrou na lapela do distinto casaco. Virou de costas.

— Não oferece nada. *A mim*. — Ele parecia ofendido.

Richard se apressou a se levantar como pôde.

— Bem, ela não mencionou dinheiro, só disse que teria que ficar devendo um favor a você.

Os olhos brilharam.

— E que tipo de favor, exatamente?

— Um favor muito grande — respondeu Richard. — Disse que ficaria devendo um grande favor.

De Carabás sorriu para si mesmo, como uma pantera faminta avistando no campo uma criança perdida. Ele se virou de novo para Richard.

— E você a deixou sozinha? — perguntou. — Com Croup e Vandemar à espreita? Ora, o que está esperando?

Então se joelhou e pegou do bolso um pequeno objeto metálico, que enfiou na tampa de um bueiro no fim da viela e girou. A tampa saiu com facilidade; o marquês guardou o objeto metálico e, de outro bolso, tirou algo que lembrava um sinalizador ou um foguete bem comprido. Segurando o objeto com uma das mãos, De Carabás o alisou com a outra, fazendo a extremidade irromper em uma chama escarlate.

— Posso fazer uma pergunta?

— Certamente que não — respondeu o marquês. — Você não vai fazer perguntas. Não vai receber respostas. Não vai sair do caminho. Não vai nem pensar no que está acontecendo nesse momento. Entendeu?

— Mas...

— E o mais importante: nada de “mas”. Agora vamos, precisamos salvar uma donzela em perigo e não há tempo a perder. Mexa-se.

O marquês apontou para as profundezas reveladas pela boca do bueiro. E Richard se mexeu: começou a descer pelas barras de metal presas à parede do bueiro que serviam de degraus. Sentia que estava boiando havia tanto tempo naquele mar de confusão que só um batiscafo poderia ajudá-lo a encontrar o barco afundado da sanidade.

Que lugar seria aquele? Não pareciam os túneis de esgoto. Talvez fosse um acesso para cabos telefônicos ou um túnel para trens muito pequenos. Ou para... outra coisa. Percebia agora que não sabia muito bem o que se passava sob as ruas de Londres. Caminhava tenso, com medo de tropeçar em alguma coisa, de cair ali naquela escuridão e quebrar o tornozelo. Adiante, De Carabás seguia resoluto e tranquilo, como se não se importasse se Richard o acompanhava ou não. A chama escarlate lançava sombras imensas nas paredes do túnel.

Richard correu para alcançá-lo.

— Vejamos... — começou De Carabás. — Terei de levá-la ao Mercado. O próximo será daqui a uns... dois dias, se não me engano, e é evidente que sempre me recordo com exatidão. Posso escondê-la até lá.

— Mercado? — perguntou Richard.

— O Mercado Flutuante. Mas não pense nisso. Chega de perguntas.

Richard olhou ao redor.

— Bem, eu ia perguntar onde estamos, mas imagino que você se recusaria a responder.

O marquês sorriu mais uma vez.

— Excelente — disse, satisfeito. — Você já tem problemas demais.

Richard suspirou.

— E como. Minha noiva me largou, e provavelmente vou precisar comprar um telefone novo...

— Pelo Templo e pelo Arco. Um telefone é o menor dos seus problemas.

De Carabás colocou o sinalizador no chão, encostado na parede, onde continuou a queimar e crepitar, e começou a subir os degraus de metal cravados na pedra. Depois de hesitar por um instante, Richard o seguiu. As barras de metal estavam geladas e enferrujadas; ele as sentia se desintegrando nas mãos enquanto subia, fragmentos de ferrugem entrando nos olhos e na boca. A luz escarlate lá embaixo tremeluziu e se apagou. Terminaram de subir na escuridão total.

— Mas então, vamos voltar para buscar Door? — perguntou Richard.

— Em algum momento, sim. Mas primeiro preciso organizar uma coisinha. O seguro. Aliás, quando sairmos para a luz do dia, não olhe para baixo.

— Por quê? — perguntou Richard.

Então o sol atingiu seu rosto, e ele olhou para baixo.

Era dia (*Como assim era dia?*, perguntou uma vozinha na cabeça de Richard. *Era quase noite quando ele entrou na viela, talvez uma hora antes*), e ele se viu agarrado a uma escada de metal que subia pela lateral de um prédio muito alto (*mas, alguns segundos antes, ele estava subindo a mesma escada, só que dentro de um túnel, não estava?*), e lá embaixo ele via...

Londres.

Carros minúsculos. Ônibus e táxis minúsculos. Prédios minúsculos. Árvores. Caminhões em miniatura. Pessoas realmente minúsculas. O cenário abaixo entrava e saía de foco.

Dizer que Richard Mayhew tinha medo de altura seria perfeitamente correto, mas não abrangeria a amplitude da questão; seria equivalente a descrever o planeta Júpiter como maior que um pato. Richard odiava penhascos e prédios altos: em algum lugar dentro dele, não muito fundo, havia o medo — o mais puro e absoluto pavor, daqueles de emudecer o grito — de que, se chegasse muito perto da beirada, um impulso de seguir adiante o dominaria e o faria dar um passo em direção ao vazio. Sentia como se fosse incapaz de confiar plenamente em si mesmo, o que o apavorava muito mais do que o simples medo de cair. Então definia aquilo como vertigem e, odiando tanto a sensação quanto a si mesmo, mantinha-se longe de grandes alturas.

Ele congelou no meio da escada. As mãos apertavam com força as barras de metal. Os olhos doíam em algum ponto atrás do globo ocular. Começou a respirar fundo demais, rápido demais.

— Alguém não estava prestando atenção, hein? — comentou uma voz debochada acima dele.

— Eu... — A garganta não funcionava. Ele engoliu em seco. — Eu não consigo me mexer.

Suas mãos suavam. E se suassem tanto que o fizessem simplesmente escorregar e cair em direção ao nada...?

— Claro que consegue. Bem, se não conseguir, pode ficar aí, pendurado nessa parede até as mãos congelarem, as pernas cederem e você despencar uns trezentos metros para uma morte terrível e nem um pouco elegante.

Richard ergueu o olhar para o marquês, que o encarava de volta, ainda sorrindo. Quando notou que estava sendo observado, De Carabás soltou as duas mãos do metal e sacudiu os dedos no ar, zombando dele.

Richard sentiu uma onda de vertigem alheia.

— Filho da mãe — murmurou.

Soltando a mão direita da barra, ele a ergueu cerca de vinte centímetros, até alcançar a barra seguinte. Então moveu a perna direita, elevando-a para o degrau seguinte. E repetiu o movimento com a mão esquerda. Depois de um tempo, chegou à borda de um telhado plano, alçou o corpo e desabou ali.

O marquês se afastava a passos largos. Richard tateou a superfície do telhado com as duas mãos, sentindo a estrutura sólida que o sustentava. O coração martelava no peito.

— Você não é bem-vindo, De Carabás! — gritou uma voz dura e rouca a certa distância dali. — Fora daqui. Suma.

— Velho Bailey! — respondeu a voz do marquês. — Vejo que está irradiando saúde!

Então Richard ouviu passos se aproximando, e um dedo cutucou-lhe as costelas de leve.

— Tudo bem aí, meu rapaz? Estou preparando um ensopado. Quer um pouco? É de estorninho.

Richard abriu os olhos.

— Não, obrigado — respondeu.

As penas foram o que ele viu primeiro. Não sabia se era um casaco, uma capa ou alguma peça de roupa estranha sem nome, mas, de qualquer forma, era uma vestimenta externa toda revestida de penas. Um rosto gentil e enrugado, com costeletas grisalhas, espiava do topo das penas. Afora o rosto, as partes do corpo não ocultas sob penas estavam completamente envoltas por cordas. A criatura lhe lembrou uma montagem de *Robinson Crusoé* a que assistira quando criança: Crusoé seria daquele jeito se tivesse ficado preso em um telhado em vez de em uma ilha deserta.

— Velho Bailey é como me chamam, rapaz — anunciou a encarnação de Crusoé. O sujeito se enrolou ao pegar um par de óculos meio deteriorado pendurado no pescoço e o colocou no rosto, para então encarar Richard através das lentes. — Não o reconheço. A qual baronia presta lealdade? Qual é o seu nome?

Richard conseguiu erguer o corpo e se sentar. Estavam no alto de um prédio antigo, todo em pedra marrom, com uma torre acima. Gárgulas desgastadas pelo tempo, sem asas ou membros e algumas sem cabeça, projetavam-se tristonhas dos cantos da torre. Lá embaixo soava o lamento distante de uma sirene de polícia e o rugido abafado do trânsito. Do outro lado do telhado, à sombra da torre, havia algo que parecia uma barraca de camping; uma velha tenda marrom e bastante remendada, coberta com manchas brancas de cocô de pombo. Richard abriu a boca para se apresentar.

— Você. Bico fechado — disse o marquês De Carabás. — Nem mais um pio. — Então se virou para o Velho Bailey. — Quem tem o costume de meter o nariz onde não é chamado pode acabar sem nariz. — E estalou os dedos logo abaixo do nariz do homem, fazendo-o dar um pulo de susto com o som alto. — Pois bem, Velho Bailey, você me deve um favor há vinte anos. Um favor dos grandes. E vim cobrá-lo.

O velho ficou um instante em silêncio.

— Fui um tolo — murmurou.

— Burro velho: mais vale matar do que ensinar — comentou o marquês, enfiando a mão em um bolso interno do casaco e retirando uma caixinha prateada, maior que uma caixa de rapé e menor que uma cigarreira, além de muito mais ornamentada que ambas. — Sabe o que é isto?

— Quem dera não soubesse.

— Você vai guardar para mim.

— Não quero.

— Não é uma escolha.

O velho do telhado pegou a caixinha prateada e a segurou meio sem jeito, com as duas mãos, como se o objeto pudesse explodir a qualquer momento. O marquês deu uma leve cutucada em Richard com a ponta da bota preta de bico quadrado.

— Muito bem — disse. — Melhor irmos embora, certo?

Dizendo isso, afastou-se a passos largos. Richard se levantou e o seguiu, mantendo uma boa distância da beirada do edifício. O marquês abriu uma porta na torre, ao lado de um conjunto de chaminés altas, e os dois se puseram a descer uma escada em caracol mal iluminada.

— Quem era aquele homem? — perguntou Richard, forçando os olhos para enxergar na penumbra.

Os passos dos dois ecoavam e reverberavam pelos degraus metálicos.

O marquês bufou.

— Não ouviu uma palavra do que eu disse, hein? Você já está com problemas. Tudo que fizer, tudo que disser e tudo que ouvir só vai tornar pior sua situação. É melhor rezar para que já não tenha ido fundo demais.

Richard inclinou a cabeça para o lado.

— Com licença, sei que é uma pergunta pessoal, mas... você é clinicamente insano?

— É possível, embora improvável. Por quê?

— Bem, um de nós deve ser.

A escuridão ao redor tinha se fechado por completo. Richard até tropeçou ligeiramente após o último degrau, pisando em falso sem saber que a escada terminava ali.

— Cuidado com a cabeça — alertou o marquês, abrindo uma porta.

Mas, mesmo assim, Richard bateu com a testa em algo duro e soltou um “Ai!”. Atravessou então uma porta baixa, cobrindo os olhos ao voltar à luz.

Massageou a testa dolorida, depois esfregou os olhos. A porta os deixara em um pequeno armário de parede de seu prédio, em que se guardava material de limpeza, logo abaixo de seu andar. Estava cheio de vassouras, espanadores e um esfregão antiquíssimo, além de uma gama de líquidos, géis e ceras de limpeza. Richard não viu no armário a escada de acesso que haviam acabado de descer, só um calendário velho, manchado e, a não ser que 1979 estivesse para voltar, totalmente inútil.

O marquês examinava o VOCÊ VIU ESTA JOVEM? afixado ao lado da porta do apartamento de Richard.

— Não é o melhor ângulo dela — comentou.

Richard fechou a porta do armário, pegou do bolso de trás da calça as chaves, abriu a porta e enfim se viu em casa. Ficou bastante aliviado ao notar, olhando pelas janelas da cozinha, que era noite outra vez.

— Richard! — exclamou Door. — Você conseguiu.

Ela tinha tomado banho e, ao que parecia, ao menos tentara limpar a sujeira e o sangue das camadas de roupa. As mãos e o rosto não estavam mais encardidos. O cabelo, agora limpo, era ruivo-escuro, com fios em cobre e bronze aqui e ali. Richard se perguntou quantos anos teria: quinze? Dezesseis? Mais? Ainda não conseguia avaliar.

Door usava a jaqueta de couro marrom que usava quando ele a encontrou, uma peça enorme que a engolia. Parecia uma jaqueta aviador antiga e a fazia parecer ainda menor, ainda mais vulnerável.

— É, pois é — respondeu ele.

O marquês De Carabás prostrou-se sobre um dos joelhos e baixou a cabeça em reverência.

— Milady.

Door parecia desconfortável.

— Ora, De Carabás, trate de se levantar. Que bom que veio.

O homem se levantou, em um único movimento fluido.

— Se não me engano — disse ele —, foram usadas as palavras *favor, muito e grande*. Em conjunção e nesta ordem.

— Depois. — Ela foi até Richard e tomou-lhe as mãos. — Richard. Obrigada. Muito obrigada por tudo que fez por mim. Troquei os lençóis da cama. E queria poder retribuir de alguma forma.

— Você vai embora?

Ela assentiu.

— Estou a salvo agora. Quer dizer, mais ou menos. Espero. Por um tempo.

— Para onde vai?

Ela sorriu, um sorriso gentil, e balançou a cabeça em negativa.

— Nada disso. Vou sair da sua vida. Você foi incrível.

Esticando-se na ponta dos pés, ela lhe deu um beijo no rosto, um beijo de amizade.

— Se algum dia eu precisar entrar em contato com você...?

— Não vai precisar. Nunca. E... — Ela fez uma pausa. — Bem, me desculpe.

Richard olhou para os próprios sapatos, meio sem jeito.

— Não há por que pedir desculpas — respondeu. E acrescentou, sem convicção: — Foi divertido.

Ele ergueu o rosto outra vez.

Mas não havia ninguém.

TRÊS

NA MANHÃ DE domingo, Richard vasculhou a gaveta de baixo do armário em busca do telefone em formato de Batmóvel que ganhara de tia Maude anos antes e o conectou à linha. Tentou ligar para Jessica, mas não teve sucesso. A secretária eletrônica dela estava desligada, assim como o celular. Ele imaginou que a ex-noiva tivesse ido à casa dos pais, no interior, e não tinha a menor vontade de falar com ela enquanto estivesse lá. Richard achava os pais de Jessica profundamente intimidantes, cada um a seu modo. Nenhum dos dois aprovava a ideia de ter Richard como genro: inclusive, a mãe dela certa vez comentara com ele, de forma bastante casual, sobre a decepção que sentiam com aquele noivado, declarando-se convicta de que, se quisesse, a filha conseguiria coisa melhor.

Os pais de Richard já tinham falecido. O pai morrera de repente, de ataque cardíaco, quando Richard era ainda um garotinho. Depois disso, a mãe foi morrendo aos pouquinhos e, assim que o filho saiu de casa, simplesmente definhou: seis meses depois de se mudar para Londres, ele pegou o trem para a Escócia, a fim de passar os últimos dois dias de vida da mãe ao lado dela, em um pequeno hospital local. Em alguns momentos ela o reconhecia; em outros, o chamava pelo nome do falecido marido.

Richard se sentou no sofá e refletiu. Os acontecimentos dos últimos dois dias se tornavam cada vez menos reais, menos prováveis. Real mesmo era a mensagem de Jessica na secretária eletrônica, dizendo que não queria mais vê-lo. Naquele domingo, ele a ouviu de novo e de novo, na esperança de que, daquela vez, Jessica mudasse de ideia e ele detectasse amor em sua voz. Não aconteceu.

Pensou em sair para comprar o jornal de domingo, mas desistiu. Arnold Stockton, chefe de Jessica — um sujeito de queixo duplo que era a caricatura de um homem que se fizera sozinho —, era dono de todos os jornais semanais que Rupert Murdoch não conseguira comprar. Seus jornais falavam sobre ele, assim como os demais. Por isso, Richard suspeitava de que ler o jornal provavelmente lhe lembraria o jantar a que tinha deixado de comparecer na sexta-feira. Dessa forma, ele optou por um demorado banho quente, alguns sanduíches e várias xícaras de chá. Assistiu a um pouco de TV dominical e encenou mentalmente conversas com Jessica. Ao fim de

cada diálogo, faziam um amor selvagem, agressivo, repleto de lágrimas e paixão, e ficava tudo bem.

Na segunda-feira, o despertador não tocou. Richard botou o pé na rua às dez para as nove, em disparada, pasta balançando no ar, olhando de um lado para o outro como um louco, rezando por um táxi. Suspirou aliviado quando viu um grande carro preto se aproximando, a plaquinha acesa indicando que estava desocupado. Fez sinal e gritou.

O táxi passou direto, com toda a calma, ignorando-o solenemente, e desapareceu ao virar a esquina.

Mais um táxi. Mais uma luzinha amarela. Dessa vez, Richard foi fazer sinal no meio da rua, mas o carro desviou e seguiu seu caminho. Ele começou a resmungar, murmurando palavrões. E correu para a estação de metrô mais próxima.

Pegou do bolso um punhado de moedas, espancou o botão do guichê eletrônico para a compra de um bilhete unitário para Charing Cross e começou a introduzir as moedas. Todas atravessaram as entranhas da máquina e caíram direto na bandejinha de troco. Nada de bilhete. Richard tentou outra máquina, com o mesmo resultado. E outra. O atendente do guichê falava ao telefone quando Richard foi até lá reclamar e comprar a passagem à moda antiga; e, apesar de seus gritos de “Ei!” e “Com licença?” (ou talvez por causa deles) e das batidas insistentes na barreira de plástico, o sujeito continuou concentrado em sua conversa particular.

— Que se dane — exclamou Richard, e pulou a catraca.

Ninguém o impediu; ninguém parecia se importar. Ofegante e suando em bicas, ele desceu correndo a escada rolante e chegou à plataforma lotada bem na hora em que um trem se aproximava.

Quando criança, Richard tinha pesadelos em que simplesmente não estava lá e que, por mais barulhento que fosse ou independente do que fizesse, ninguém notava sua presença. Agora, começou a se sentir daquela maneira, pois as pessoas passavam à sua frente sem a menor cerimônia; foi sendo esmagado pela multidão, empurrado para todos os lados por passageiros que embarcavam ou por outros que desembarcavam.

Persistiu, retribuindo os empurrões e abrindo caminho como podia, até estar quase dentro do vagão — tinha enfiado um dos braços —, mas foi então que começou a soar o apito de fechamento das portas. Ele puxou o braço, mas a manga do casaco ficou presa. Começou a esmurrar a porta, a gritar, na certeza de que o condutor ao menos a reabriria o suficiente para ele se soltar. Mas não: o trem começou a andar, e Richard foi forçado a correr aos tropeços pela plataforma, cada vez mais rápido. Largou a pasta no chão e, desesperado, puxou a manga do casaco com a mão livre. O tecido

se rasgou, lançando-o para a frente, e Richard arranhou a palma da mão no piso e rasgou o joelho da calça. Após se levantar, um tanto desengonçado, voltou para recuperar a pasta.

Olhou para a manga do casaco arrancada, para a mão ralada e a calça rasgada. Por fim, subiu a escadaria de pedra e saiu da estação. Ninguém pediu seu bilhete na saída.

— Me desculpe pelo atraso — comentou Richard, para ninguém especificamente, ao chegar ao escritório já em plena atividade.

O relógio na parede marcava dez e meia. Ele jogou a pasta na cadeira, limpou o suor do rosto com um lenço.

— Vocês não vão acreditar no que eu passei para chegar aqui — continuou. — Foi um pesadelo.

Olhou para a mesa que ocupava. Faltava alguma coisa. Mais precisamente, faltava tudo.

— Onde estão minhas coisas? — perguntou à sala, elevando um pouco a voz. — Cadê meus telefones? E meus trolls?

Abriu as gavetas. Também vazias: nem uma embalagem de chocolate comido ou um clipe de papel torto para mostrar que algum dia Richard já trabalhara ali. Sylvia se aproximava, conversando com dois homens parrudos. Richard foi até ela.

— Sylvia, o que está havendo?

— Pois não? — respondeu ela, educadamente, e apontou para a mesa.

Cada um dos cavalheiros avantajados pegou um lado da mesa, e os dois foram carregando-a para fora do escritório.

— Tomem cuidado — pediu ela.

— Minha mesa. Para onde estão levando minha mesa?

Sylvia olhou para ele, ligeiramente confusa.

— E você é...?

Não sou obrigado a aturar isso, pensou ele.

— Richard — respondeu, com sarcasmo. — Richard Mayhew.

— Ah — disse ela. E a atenção de Sylvia se desviou dele como um pombo desviando do poste. — Não, aí não! Meu Deus do céu — gritou para os carregadores, e saiu correndo atrás deles enquanto a mesa de Richard ia embora.

Ficou vendo-a se afastar. Em seguida, foi até a mesa de Garry. Encontrou-o respondendo a um e-mail. Olhou para a tela: o e-mail parecia ser de conteúdo sexualmente explícito e estava endereçado a alguém que não era a namorada de Garry. Constrangido, Richard deu a volta até o outro lado da mesa.

— Garry, o que está acontecendo? Isso é uma brincadeira ou o quê?

Garry olhou para os lados, como se tivesse ouvido alguma coisa distante. Apertou uma tecla, acionando o descanso de tela de hipopótamos dançantes, e balançou a cabeça, clareando os pensamentos, então pegou o telefone e começou a discar. Richard bateu com força no gancho.

— Olha, Garry, não tem graça. Não faço ideia do que vocês estão aprontando.

Finalmente, para grande alívio de Richard, Garry ergueu o olhar para ele.

— Se fui demitido, é só me dizer, não precisa fazer toda essa farsa de que não estão me vendo aqui...

Então, Garry sorriu.

— Oi. Sou Garry Perunu. Posso ajudar?

— Acho que não — respondeu Richard, com frieza, e foi embora, deixando a pasta para trás.

O escritório da empresa dele ficava no terceiro andar de um prédio grande, antigo e bem frio junto à Strand Street. Jessica trabalhava em um dos andares do meio de um edifício espaçoso, com vidros cristalinos e espelhados, bem no coração de Londres, quinze minutos a pé dali.

Richard foi correndo até lá. Chegou ao Edifício Stockton em dez minutos, passou direto pelos guardas uniformizados no térreo, entrou no elevador e subiu. Encarou a si mesmo no interior todo espelhado do elevador: a gravata estava meio frouxa e torta; o casaco, sem uma das mangas; a calça, rasgada; e o cabelo, um emaranhado revestido de suor... Minha nossa, estava um lixo.

Um toque de flauta soou, e a porta se abriu. O andar de Jessica era bastante opulento, ao estilo minimalista. Uma recepcionista ficava a postos logo depois do elevador, uma criatura graciosa e elegante cujo salário líquido devia ser maior que o bruto de Richard. A mulher lia a *Cosmopolitan*. Nem ergueu os olhos quando ele se aproximou.

— Preciso falar com Jessica Bartram — anunciou Richard. — É importante. Preciso falar com ela.

A recepcionista o ignorou, absorvida na atividade de examinar as unhas. Richard seguiu em frente até a sala de Jessica. Abriu a porta, entrou. Ela estava de pé diante de três grandes pôsteres de divulgação de “Anjos sobre a Inglaterra: uma exposição itinerante”, cada um com a imagem de um anjo diferente. Virou-se quando ele entrou, abrindo um sorriso caloroso.

— Jessica. Graças a Deus. Escuta, acho que eu estou pirando. Começou hoje de manhã, quando não consegui pegar um táxi, e depois teve a coisa toda no metrô e no escritório e... — Ele apontou para a manga que faltava no casaco. — É como se eu tivesse sumido do mundo.

Ela sorriu outra vez, com uma expressão tranquilizadora.

— Olha, me desculpe por aquela noite — continuou Richard. — Quer dizer, não pelo que fiz, mas por você ter ficado chateada, e... Enfim, sinto muito. Está tudo uma loucura e, sinceramente, não sei o que fazer.

Jessica assentiu e manteve aquele sorriso compadecido.

— Você vai me achar uma pessoa horrível, mas é que tenho uma péssima memória para fisionomias. Se me der só mais um segundo, tenho certeza de que vou lembrar.

Naquele momento, Richard soube que era real. Sentiu o pavor se instalar no estômago. A incompreensível loucura daquele dia estava acontecendo de verdade. Não era uma brincadeira ou uma armação.

— Tudo bem — respondeu, sem emoção. — Deixa pra lá.

Ele se virou, saiu da sala, seguiu pelo corredor. Estava quase no elevador quando ela o chamou.

— Richard!

Ele se virou. *Era* brincadeira. Uma vingança mesquinha. Tinha uma explicação.

— Richard... Maybury? — Jessica parecia orgulhosa por recordar inclusive o sobrenome.

— Mayhew — corrigiu ele, e entrou no elevador.

As portas entoaram o gorjeio triste de flauta e se fecharam.

Richard voltou para casa a pé, irritado e confuso e triste. Às vezes fazia sinal para algum táxi, mas sem esperança real de que parassem, e, de fato, nenhum parou. Seus pés doíam, seus olhos ardiam, mas ele sabia que mais cedo ou mais tarde acordaria em uma segunda-feira decente, uma segunda-feira que faria sentido, uma segunda-feira normal e honesta.

Chegando em casa, encheu a banheira com água quente, largou as roupas em cima da cama, atravessou nu o corredor e submergiu nas águas relaxantes. Estava quase cochilando quando ouviu uma chave girar, uma porta ser aberta e fechada e uma sedosa voz masculina dizer:

— Naturalmente, vocês são os primeiros que atendo hoje, mas tenho uma lista enorme de interessados.

— Não é tão espaçoso quanto parecia pela descrição que nos mandaram — opinou uma voz de mulher.

— Compacto, é verdade, mas gosto de pensar nisso como uma virtude.

Richard nem tinha se dado ao trabalho de trancar a porta do banheiro. Afinal de contas, estava sozinho em casa.

Surgiu uma voz masculina, mais grossa e bruta:

— Você disse que estava vazio. Essas coisas não lhe parecem móveis?

— O inquilino anterior deve ter deixado algumas peças. Estranho. Não me avisaram.

Richard ficou de pé dentro da banheira. Logo depois, como estava pelado e aquelas pessoas poderiam entrar ali a qualquer momento, voltou a se sentar. Então olhou em volta, já meio desesperado, à procura de uma toalha.

— Veja, George — comentou a mulher, no corredor. — Alguém esqueceu uma toalha na cadeira.

Richard considerou possíveis substitutos de toalha: uma esponja, o pote de xampu pela metade, um patinho amarelo de borracha. Um por um, julgou-os inapropriados para a função.

— Como é o banheiro? — perguntou a mulher.

Richard puxou a toalha de rosto e cobriu as partes íntimas. Então se levantou, as costas apoiadas na parede, e se preparou para a mortificação. A porta se abriu. Três pessoas entraram no banheiro: um jovem com casaco de pele de camelo e um casal de meia-idade. Será que estavam tão constrangidos quanto ele?

— É um tanto pequeno — comentou a mulher.

— Compacto — corrigiu o casaco de camelo, delicadamente. — De fácil manutenção.

A mulher passou o dedo pela lateral da pia e torceu o nariz.

— Acho que já vimos o suficiente — anunciou o homem de meia-idade. Saíram do banheiro.

— Atenderia perfeitamente às nossas necessidades — comentou a mulher.

Seguiu-se uma conversa em vozes mais baixas. Richard saiu da banheira e foi com cuidado até a porta. Lá estava a toalha na cadeira, no corredor para o quarto; colocou o braço para fora e a pegou.

— Vamos ficar com ele — anunciou a mulher.

— Vão? — indagou o casaco de camelo.

— É exatamente o que estamos procurando — explicou ela. — Ou melhor, vai ser, assim que o tornarmos mais aconchegante. Podemos ocupá-lo na quarta-feira?

— Mas é claro. Amanhã mesmo nos livramos dessa tralha. Sem problemas.

À porta do banheiro, sentindo frio e pingando e se cobrindo com a toalha, Richard lançou um olhar raivoso para eles.

— Não é tralha, são as minhas coisas!

— Então na quarta pegamos as chaves no seu escritório.

— Ei! — choramingou Richard. — Eu moro aqui!

Os três passaram por ele ao se dirigirem à porta do apartamento.

— Foi um prazer tratar com vocês — disse o casaco de camelo.

— Vocês não... não estão me ouvindo? Esta casa é minha. Eu moro aqui!

— Se você puder enviar por fax os detalhes do contrato para o meu escritório... — disse o homem bruto, e os três saíram, batendo a porta.

Richard ficou ali parado na sala que costumava ser sua, no silêncio, tremendo de frio.

— Isso não está acontecendo — anunciou ao mundo, em desafio direto às evidências capturadas pelos sentidos.

O Batfone começou a guinchar, os faróis piscando. Richard atendeu com receio.

— Alô?

A linha chiava e estalava, como se a ligação fosse de muito longe. A voz era desconhecida.

— Senhor Mayhew? Senhor Richard Mayhew?

— Sim — respondeu ele. E depois, maravilhado: — Você pode me ouvir. Ah, graças a Deus. Quem é?

— Meu parceiro e eu nos apresentamos ao senhor no sábado, senhor Mayhew. Eu inquiri a respeito do paradeiro de determinada jovem. Está recordado? — A voz ondulava em entonações escorregadias, maldosas, raposinas.

— Ah. Sim. Você.

— Senhor Mayhew. O senhor afirmou não estar em companhia de Door. No entanto, temos razões para acreditar que o senhor adulterou a verdade, e em grande medida.

— E *vocês* disseram que eram irmãos dela.

— Todos os homens são irmãos, senhor Mayhew.

— Ela não está mais aqui. E não sei para onde foi.

— Temos conhecimento disso, senhor Mayhew. Estamos perfeitamente cientes de ambos os fatos. E, sendo magnanimamente franco, senhor Mayhew... pois tenho certeza de que conta com minha franqueza... eu, se fosse o senhor, não voltaria a me preocupar com aquela jovem. Os dias de Door estão contados, e o número em questão não chega sequer a dois dígitos.

— O que você quer?

— Senhor Mayhew... o senhor conhece o sabor do próprio fígado? — indagou o sr. Croup, muito prestativo.

Richard não respondeu. O sr. Croup continuou:

— É que o senhor Vandemar me garantiu que vai, ele próprio, arrancá-lo de seu corpo e enfiá-lo em sua boca antes de cortar seu lindo pescocinho. Assim o senhor saberá qual é o gosto, não é mesmo?

— Vou ligar para a polícia. Você não pode me ameaçar assim.

— Senhor Mayhew. O senhor pode ligar para quem quiser, mas odiaríamos que pensasse nisto como uma ameaça. Nem eu nem o senhor

Vandemar ameaçamos ninguém, não é mesmo, senhor Vandemar?

— Ah, não? — disse Richard. — Então isso foi *o quê*?

— Uma promessa — respondeu o sr. Croup, do outro lado da linha cheia de estática, eco e chiado. — E sabemos onde o senhor mora.

E desligou.

Richard segurava o telefone com força, encarando o aparelho. Então, espancou três vezes o número nove.

— Serviços de emergência — atendeu o operador. — Bombeiros, polícia ou ambulância?

— Pode me transferir para a polícia, por favor? Um homem acabou de me ameaçar de morte, e acredito que seja sério.

Silêncio. Richard torceu para estar sendo transferido. Depois de alguns momentos, porém, a voz voltou a se pronunciar:

— Serviços de emergência. Alô? Alguém na linha? Alô?

Richard desligou o Batfone e foi até o quarto se vestir, porque estava nu e sentindo frio e medo, e porque simplesmente não havia mais nada que pudesse fazer.

Depois de muito pensar, pegou a bolsa esportiva preta, que guardava embaixo da cama, e enfiou algumas meias. E cuecas. Algumas camisetas. O passaporte. A carteira. Estava de calça jeans, tênis e uma blusa de frio grossa. Lembrou-se de como a garota que dizia se chamar Door se despedira; como tinha hesitado e pedido desculpas...

— Você sabia — disse ele ao apartamento vazio. — Você sabia que isso ia acontecer.

Foi até a cozinha, pegou algumas frutas e as colocou na bolsa. Então fechou o zíper e saiu para a rua escura.

O caixa eletrônico sugou o cartão com um leve zunido. DIGITE SUA SENHA, exigiu a máquina. Richard obedeceu. A tela ficou preta. Em seguida: POR FAVOR, AGUARDE. Em algum lugar nas entranhas da máquina, algo rugia e resmungava.

CARTÃO INVÁLIDO. O caixa fez um clique e expeliu o cartão.

— Tem um trocado? — perguntou uma voz cansada atrás dele.

Richard se virou: o homem era baixo, velho e tinha um princípio de careca. A barba irregular era um emaranhado confuso de fios loiros e grisalhos, e as linhas do rosto eram marcadas pelo preto da sujeira. Usava um casaco imundo sobre um suéter cinza-escuro. Os olhos, também cinzentos, estavam cheios de remela.

Richard entregou o cartão ao homem.

— Toma. Pode ficar. Tem umas mil e quinhentas libras, se você conseguir sacar.

O homem pegou o cartão com as mãos encardidas pela vida nas ruas, examinou-o, virando-o de ambos os lados, e respondeu, sem a menor empolgação:

— Valeu mesmo. Com mais sessenta *pence* eu consigo um belo cafezinho. Devolveu o cartão a Richard e lhe deu as costas para se afastar.

Richard pegou a bolsa e foi atrás do sujeito.

— Ei. Espera aí. Você pode me ver!

— Não tem nada de errado com os *meus* olhos — retrucou o homem.

— Ei, você já ouviu falar de um lugar chamado “Mercado Flutuante”? Preciso ir até lá. É que uma garota chamada Door...

Mas o homem começou a recuar. Parecia nervoso.

— Olha, eu preciso muito de ajuda — implorou Richard. — Por favor!

O homem o encarava sem demonstrar piedade. Richard suspirou.

— Tudo bem. Desculpe incomodar.

Então, ele se virou e, agarrando a alça da mochila com as duas mãos para firmá-la, saiu andando pela High Street.

— Psiu.

Richard olhou para trás: o homem gesticulava.

— Vem cá, anda. Depressa, cara.

O homem desceu apressado alguns degraus de uma entre várias casas abandonadas na lateral da rua — degraus largos, que as pessoas usavam para depositar lixo e que levavam a apartamentos de subsolo abandonados. Richard foi atrás dele. No fim da descida havia uma porta, que o sujeito abriu; ele entrou, esperou Richard passar e a fechou. Ali dentro, viram-se no escuro. Ouviu-se um ruído, seguido pelo chiado de um fósforo ganhando vida: o homem encostou o fósforo no pavio de um velho lampião ferroviário, que, no entanto, emitia menos luz que o fósforo, e os dois seguiram pela semiescuridão.

O lugar cheirava a mofo, umidade e tijolos antigos, a podridão e negrume.

— Onde estamos? — sussurrou Richard.

O guia o calou com um “shhhh”. Chegaram a uma segunda porta. O homem deu batidas ritmadas. Depois de um instante, a porta foi aberta.

Por um momento, Richard ficou cego pela luz repentina. Estava em uma sala gigantesca de teto abobadado, um salão subterrâneo cheio de fumaça e muito iluminado pelas pequenas fogueiras que queimavam por todos os lados. Gente envolta em sombras cercava as chamas, tostando pequenos animais em espetos. Alguns corriam de fogueira em fogueira. A cena lhe lembrou o inferno — ou melhor, o inferno tal como o imaginava quando estava na escola. A fumaça arranhava seus pulmões. Richard tossiu. Nisso,

centenas de olhos se viraram para ele: centenas de olhos pouco amigáveis, sem piscar.

Um homem se aproximou rapidamente. Tinha cabelo comprido, uma barba marrom cheia de falhas e usava roupas esfarrapadas adornadas com peles — peles alaranjadas, pretas e brancas, como as cores de um gato malhado. Seria mais alto que Richard se não andasse tão encurvado, as mãos junto ao peito com os dedos unidos.

— O quê? O que é? O que é isso? — perguntou o homem ao que guiava Richard. — Quem trouxeste para nós, Iliaster? Diga-diga-diga.

— Ele é lá de cima — explicou o guia. (*Iliaster?*) — Estava perguntando sobre lady Door. E sobre o Mercado Flutuante. Trouxe para você, lorde Arauto dos Ratos. Achei que você saberia o que fazer com ele.

Agora, mais de uma dúzia de pessoas enroladas em peles os cercava, mulheres e homens, até algumas crianças. Moviam-se em surtos: momentos de calma seguidos por passos acelerados na direção de Richard.

O lorde Arauto dos Ratos remexeu dentro dos farrapos de peles e pegou um ameaçador pedaço de vidro fino, de uns vinte centímetros. Fiapos de pele mal curtida haviam sido amarrados na base, improvisando uma empunhadura. A luz das fogueiras reluzia na lâmina de vidro. O lorde Arauto dos Ratos encostou o caco pontiagudo na garganta de Richard.

— Ah, sim. Sim-sim-sim — trinou ele, empolgado. — Sei *muito bem* o que fazer com ele.

QUATRO

O SR. CROUP e o sr. Vandemar tinham se instalado no porão de um hospital vitoriano fechado havia dez anos por conta de cortes no orçamento do Ministério da Saúde. A empresa de desenvolvimento imobiliário anunciara a intenção de transformar o edifício em um condomínio de luxo incomparável, mas desapareceu logo que o hospital fechou as portas. Portanto, o prédio permanecia ali, ano após ano, vazio, sem vida e indesejado, as janelas com tapumes e as portas com cadeados. O teto apodrecido deixava passar gotas de chuva para o interior vazio, espalhando umidade e decrepitude. O hospital fora construído ao redor de um pátio central, que permitia a entrada parcial de uma luz cinzenta pouco amigável.

O universo contido no porão abaixo das alas do hospital consistia em mais de cem salas minúsculas, algumas vazias, outras repletas de suprimentos hospitalares deixados para trás. Em uma dessas salas, havia uma enorme fornalha de metal larga e baixa, enquanto a seguinte abrigava vasos sanitários e chuveiros com canos entupidos e sem água. A maior parte do assoalho das salas estava coberta por uma camada fina e oleosa de água da chuva, que devolvia ao teto apodrecido reflexos da escuridão e da decadência.

Quem descesse os degraus até o ponto mais profundo do edifício, passando pelos vestiários abandonados, pelos banheiros dos funcionários, por uma sala cheia de vidro quebrado — onde o teto inteiro havia desabado, deixando ver o trecho de escada acima —, chegaria a uma pequena escada de ferro enferrujada, cuja pintura originalmente branca descascava em longas tiras de tinta úmida. E quem descesse aquela escada, cruzasse a área pantanosa do piso e forçasse caminho por uma porta de madeira semiapodrecida chegaria ao subporão, um espaço imenso abarrotado de cento e vinte anos de resíduos hospitalares acumulados, abandonados e, por fim, esquecidos. Era ali que o sr. Croup e o sr. Vandemar haviam se instalado, por ora. As paredes eram úmidas, a água pingava do teto. Coisas estranhas se deterioravam nos cantos — algumas das quais já haviam sido vivas.

O sr. Croup e o sr. Vandemar estavam matando tempo. O sr. Vandemar tinha arranjado em algum lugar uma centopeia, uma criatura vermelho-alaranjada de quase vinte centímetros, com assustadoras presas venenosas, e

no momento se distraía deixando-a correr por suas mãos, vendo-a se enroscar em seus dedos, desaparecer por uma manga do casaco e sair pela outra no instante seguinte. O sr. Croup brincava com giletes. Desde que encontrara, em um canto, uma caixa cheia de lâminas de cinquenta anos de idade embaladas em papel-manteiga, vinha tentando encontrar o que fazer com elas.

— Se puder me dirigir sua atenção, senhor Vandemar — disse o sr. Croup depois de um tempo —, pouse seus olhinhos nisto.

O sr. Vandemar segurou a cabeça da centopeia delicadamente entre o dedão imenso e o indicador gigante, para fazê-la parar de se retorcer, e olhou para o sr. Croup.

O sr. Croup apoiou a mão esquerda na parede, os dedos bem abertos, pegou cinco giletes com a mão direita, mirou com cuidado e as arremessou. As lâminas se cravaram na parede entre os dedos do sr. Croup. Era como um experiente atirador de facas apresentando uma versão miniatura de seu show. Quando o sr. Croup tirou a mão, as lâminas na parede marcavam a posição dos dedos, e ele se virou para o parceiro em busca de aprovação.

O sr. Vandemar não se impressionou.

— Qual é a graça nisso? Você não acertou um único dedo.

O sr. Croup deu um suspiro.

— Não acertei? Oh! Valha-me Deus, tem razão. Como pude ser tão tolo? — Ele tirou as lâminas da parede, uma de cada vez, e as largou na mesa de madeira. — Por que não me mostra como se faz?

O sr. Vandemar assentiu, colocando a centopeia no pote de geleia vazio. Apoiou a mão esquerda na parede. Ergueu o braço direito: na mão estava sua faca, uma faca excelente, afiada e perfeitamente balanceada. Então fechou os olhos e arremessou. A faca cruzou o ar bem como uma faca grande e muito afiada cruzaria o ar em alta velocidade e se cravou no reboco úmido da parede com um som abafado, atravessando, no caminho, as costas da mão do sr. Vandemar.

Um telefone começou a tocar.

O sr. Vandemar olhou em volta, satisfeito, a mão ainda presa à parede.

— É *assim* que se faz.

Havia um telefone antigo no canto da sala. Uma antiguidade em madeira e baquelite, de parede, que não era usado no hospital desde a década de 1920. O sr. Croup pegou o fone, ligado por um fio comprido e reforçado com trapos enrolados, e falou pelo bocal, que ficava preso à base:

— Croup e Vandemar Ltda. Obliteração de obstáculos, erradicação de inconveniências, extração de membros inoportunos e serviços de odontologia.

A pessoa do outro lado da linha se pronunciou, e o sr. Croup se contraiu involuntariamente. O sr. Vandemar tentou puxar a mão da parede, mas estava bem presa e não queria sair de jeito nenhum.

— Ah. Sim, senhor. Sim, claro. A propósito, permita-me observar que sua confabulação telefônica ilumina e alegria um dia até então deveras lamentável e tedioso. — Mais uma pausa. — Certamente. Contarei minhas adulações e delongas. Com prazer. É uma honra e... O que sabemos? Sabemos que... — Uma interrupção. O sr. Croup coçou o nariz; pensativo, paciente. — Não, não sabemos onde ela está neste exato momento. Não é necessário. Ela estará no Mercado hoje à noite, e... — Ele comprimiu os lábios. — Não temos intenção de violar o tratado de trégua estabelecido no Mercado. Estamos considerando mais algo como esperar até que ela saia e surrupiá-la...

Então ficou um tempo em silêncio, apenas escutando, de vez em quando assentindo.

O sr. Vandemar tentou puxar a faca da parede com a mão livre, mas a lâmina estava bem presa.

— Sim, isso pode ser providenciado — respondeu o sr. Croup, ainda ao telefone. — Exato, será providenciado, foi o que quis dizer. Claro. Sim. Entendo. Ah, senhor, talvez possamos falar sobre... — Mas a pessoa do outro lado havia desligado. O sr. Croup encarou o fone. Um instante depois, colocou-o de volta no gancho. — Você se acha muito esperto — murmurou.

Só então notou a situação em que o sr. Vandemar se encontrava.

— Pare com isso — ralhou o sr. Croup.

Ele foi até lá, arrancou a faca da parede e da mão do sr. Vandemar e a colocou sobre a mesa.

O sr. Vandemar sacudiu a mão e flexionou os dedos, depois limpou os restos de reboco grudados na lâmina.

— Quem era?

— Nosso empregador. Parece que não vai funcionar com a outra. Muito nova. Tem que ser a mulher Door.

— Então não temos mais permissão para matá-la?

— Isso, sr. Vandemar, seria um perfeito resumo da situação. Bem, parece que a pequena senhorita Door anunciou que deve contratar um guarda-costas. No Mercado. Hoje à noite.

— E...?

O sr. Vandemar cuspiu no dorso da mão (por onde a faca tinha entrado) e na palma (por onde tinha saído) e esfregou o cuspe com o enorme dedo. A abertura na carne se fechou, cicatrizou, a mão curada.

O sr. Croup pegou do chão seu velho casaco pesado e preto. Vestiu-o.

— Então, senhor Vandemar, não seria apropriado contratarmos um guarda-costas também para nós?

O sr. Vandemar guardou a faca na bainha de braço e também vestiu seu casaco. Enfiou as mãos bem fundo nos bolsos e ficou positivamente surpreso ao encontrar, em um deles, um rato quase intacto. Ótimo. Estava com

fome. Ponderou sobre a última declaração do sr. Croup com a intensidade de um legista dissecando seu grande e verdadeiro amor; percebendo a falha no raciocínio do parceiro, manifestou-se:

— Não precisamos de um guarda-costas, senhor Croup. Nós é que machucamos as pessoas. Ninguém nos machuca.

O sr. Croup apagou as luzes.

— Ah, senhor Vandemar — respondeu, apreciando o som daquelas palavras, assim como apreciava o som de todas as palavras —, se nos cortam, não sangramos?

O sr. Vandemar ponderou por um instante, no escuro. Então respondeu, muito corretamente:

— Não.

— Um espião do Mundo Superior, hein? — indagou o lorde Arauto dos Ratos. — Eu deveria rasgá-lo da goela às entranhas e prever o futuro com suas vísceras.

— Veja bem — começou Richard, encurralado contra a parede, a adaga de vidro pressionando seu pomo de adão —, acho que o senhor está cometendo um tremendo engano. Meu nome é Richard Mayhew. Posso provar quem sou. Tenho minha carteirinha do plano de saúde. Cartão de crédito. — Acrescentou desesperado: — Coisas.

Richard notou, com a clareza impassível de quem está prestes a ter a garganta cortada por um lunático com um caco de vidro, que, do outro lado do salão, pessoas se prostravam no chão em reverência, permanecendo abaixadas. Uma silhueta negra muito pequena avançava na direção deles.

— Acredito que um momento de reflexão provará que tudo isso é pura tolice — prosseguiu Richard. Ele não tinha a menor ideia do significado das palavras, sabia apenas que saíam de sua boca e que, enquanto estivesse falando, era porque estava vivo. — Agora, por que não vira isso para lá e... Hã, com licença, essa bolsa é minha. — Essa última parte foi dirigida a uma garota magra e maltrapilha, de dezesseis ou dezessete anos, que pegara a bolsa dele e estava despejando no chão, sem o menor cuidado, todos os pertences que continha.

As pessoas no salão continuaram a se curvar, e a permanecer curvadas, conforme se aproximava a silhueta diminuta, que naquele momento alcançava o grupo ao redor de Richard. Mas nenhum deles notou a chegada da criatura, pois olhavam para o intruso.

Era um rato, que o olhou com curiosidade. Richard teve a impressão bizarra, porém fugaz, de que o animal havia *piscado* para ele com um de seus olhinhos negros como petróleo. O bicho então guinchou bem alto.

O homem da adaga de vidro caiu de joelhos. Os outros ao redor fizeram o mesmo. Diante disso, o mendigo, aquele a quem haviam chamado de Iliaster, imitou o gesto também, embora após um segundo de hesitação e, em comparação, um pouco sem jeito. Num piscar de olhos, Richard passara a ser o único de pé. Até que a adolescente lhe deu um puxão no cotovelo, e, enfim, ele também se curvou, apoiando-se em um dos joelhos.

O lorde Arauto dos Ratos curvou-se tanto que seu cabelo comprido varria o chão. Ele respondeu ao rato com o mesmo tipo de som, franzindo o nariz, arreganhando os dentes, guinchando e sibilando, para todos os efeitos ele mesmo um rato gigante.

— Ei, será que alguém pode me dizer... — começou Richard.

— Quietos! — ralhou a garota.

O rato subiu (um tanto desdenhoso, ao que pareceu) na mão suja do lorde Arauto dos Ratos, que o ergueu respeitosamente diante do rosto de Richard. O bicho ondulava a cauda de maneira lânguida enquanto inspecionava os traços do recém-chegado.

— Este é o mestre Caudalonga, do clã Cinzento — anunciou o lorde Arauto dos Ratos. — Ele disse que você não lhe é estranho. Quer saber se já se conhecem de algum lugar.

Richard olhou para o rato. O rato olhou para Richard.

— Hã... é possível — admitiu ele.

— Caudalonga disse que estava cumprindo um favor que devia ao marquês De Carabás.

Richard olhou para o animal com mais atenção.

— Ah, *aquele* rato? Sim, já nos conhecemos. Inclusive joguei o controle remoto nele. — Algumas pessoas ao redor pareceram horrorizadas. A garota magrela chegou a guinchar. Richard não deu muita atenção a tais reações, pois finalmente encontrava algo de familiar naquela loucura. — Olá, ratinho. Que bom vê-lo outra vez. Sabe onde posso encontrar Door?

— Ratinho! — exclamou a garota, em um guincho que saiu abafado pelo pavor.

Ela usava um broche grande, de um vermelho desbotado, preso na roupa esfarrapada; daqueles que vêm em cartões de aniversário. No broche estava escrito, em letras amarelas: Eu fiz onze anos.

O lorde Arauto dos Ratos agitou a adaga de vidro em advertência a Richard.

— Você não pode se dirigir ao mestre Caudalonga, a não ser por meu intermédio — ralhou. O rato guinchou uma ordem, e o sujeito ficou de queixo caído. — Ele? — indagou, encarando Richard com desdém. — Veja, não posso abrir mão de ninguém. Que tal se eu simplesmente cortar a garganta dele e mandar o corpo para o Povo do Esgoto...?

O rato guinchou outra vez, em um tom decisivo, depois pulou do ombro do homem para o chão e desapareceu em um dos muitos buracos nas

paredes.

O lorde Arauto dos Ratos se levantou. Centenas de olhos estavam fixos nele. O sujeito se virou para a multidão no salão e observou seus súditos, agachados ao lado das fogueiras alimentadas por óleo.

— Estão olhando o quê? — gritou ele. — Quem está virando os espetos, hein? Querem que a comida queime? Não tem nada aqui para vocês. Ora essa. Vocês... vocês sumam da minha frente!

Richard se levantou, nervoso. Esfregou a perna esquerda, que formigava dolorosamente. O lorde Arauto dos Ratos se virou para Iliaster.

— Ele tem que ser levado ao Mercado. Ordens do mestre Caudalonga.

Iliaster balançou a cabeça e cuspiu no chão.

— Olha, eu é que não vou levar. Custaria minha vida, ir até lá. Vocês, que falam com os ratos, sempre foram bons comigo, mas não posso voltar lá. Você sabe disso.

O lorde Arauto dos Ratos assentiu, guardando a adaga entre os pelos da veste. Então sorriu para Richard com seus dentes amarelados.

— Você não faz ideia de como teve sorte agora há pouco.

— Ah, sei, sim. E como sei.

— Não. Não sabe — retorquiu o homem, balançando a cabeça. E murmurou consigo mesmo, indignado: — “Ratinho”...

O lorde Arauto dos Ratos tomou o braço de Iliaster. Os dois se afastaram um pouco e começaram a conversar, volta e meia olhando de esguelha na direção de Richard.

A garota magra devorava uma das bananas que encontrara na bolsa de Richard. Era, considerou ele, uma demonstração da forma menos erótica possível de se comer uma banana.

— Isso era para ser meu café da manhã, sabia? — comentou ele. A garota ergueu um olhar cheio de culpa. — Meu nome é Richard. E o seu?

A garota, que já tinha engolido quase todas as frutas da bolsa, terminou a banana. Ela hesitou; em seguida, esboçou um sorriso e disse um nome que soava muito como “Anaesthesia”.

— Eu estava com fome — explicou.

— Eu também — retrucou Richard.

A garota olhou para as pequenas fogueiras pelo salão, depois de volta para Richard. Sorriu outra vez.

— Você gosta de gato? — perguntou.

— Sim — respondeu Richard. — Adoro gatos.

Anaesthesia ficou aliviada.

— Prefere coxa ou peito?

A garota chamada Door cruzava a praça seguida pelo marquês De Carabás. Havia centenas de outras pequenas praças, vilas e vielas em Londres exatamente como aquela, pequenos refúgios dos velhos tempos, imutáveis fazia trezentos anos. Até o cheiro de mijo era o mesmo que na época de Samuel Pepys. Faltava ainda uma hora para amanhecer, mas o céu já começava a clarear, adquirindo uma cor de chumbo meio lúgubre. Feixes de névoa flutuavam como fantasmas pálidos.

A porta estava cerrada com alguns poucos tapumes e coberta por pôsteres manchados de bandas esquecidas e boates havia muito fechadas. Os dois pararam na frente do local. O marquês observou os tapumes cobertos de pregos e pôsteres e não pareceu impressionado; no entanto, ele nunca parecia se impressionar com nada.

— Então é aqui a entrada? — indagou.

Door assentiu.

— Uma delas.

Ele cruzou os braços.

— Vamos, então? Diga seu *abra-te sésamo* ou seja lá o que você faz.

— Não quero fazer isso — retrucou ela. — Não sei se é o certo a ser feito.

— Muito bem. — Ele descruzou os braços. — Até outro dia.

O marquês girou nos calcanhares e começou a seguir por onde tinham vindo.

Door o segurou pelo braço.

— Você me abandonaria? — perguntou. — Assim, sem mais nem menos?

Ele abriu um sorriso sem humor.

— Mas é claro. Sou um homem muito ocupado. Tenho coisas a encontrar. Gente para ver.

— Espere um pouco. — Door o soltou e mordeu o lábio inferior. — Da última vez que estive aqui... — Mas não terminou a frase.

— Da última vez que você esteve aqui, encontrou sua família morta. Pronto. Agora você não precisa explicar. Mas, se não vamos entrar, nossa relação comercial acaba aqui.

Ela ergueu o olhar para ele, a luz da alvorada empalidecendo seu rosto delicado.

— E só?

— Também posso lhe desejar toda a sorte do mundo na nova carreira, mas temo que você não viva o suficiente para começar.

— Você é mesmo uma figura.

O marquês não respondeu ao comentário. Door voltou à porta.

— Bem... vamos — disse ela. — Vou abrir.

Ela posicionou a mão esquerda em um dos tapumes que bloqueavam a porta e, com a direita, segurou a enorme mão escura do marquês, seus

dedos muito pequenos entrelaçando-se nos dele, bem maiores. Door fechou os olhos.

... um sussurro e um arrepio e uma mudança...

... e a porta desmoronou para dentro da escuridão.

A lembrança era recente, tinha poucos dias: Door entrando na Casa Sem Portas, gritando “Cheguei!” e “Tem alguém aí?”. Passou do vestíbulo para a sala de jantar, a biblioteca, a sala de estar; ninguém respondeu. Seguiu para outro cômodo.

A piscina interna era uma estrutura vitoriana de mármore e ferro fundido. Quando mais novo, o pai encontrara o lugar abandonado e prestes a ser demolido, e o conectara à estrutura da Casa Sem Portas. No mundo lá fora, na Londres de Cima, aquele espaço talvez tivesse sido destruído e esquecido havia tempos. Door não fazia ideia da localização física daqueles cômodos. O avô construíra a casa pegando um aposento aqui, outro ali, por toda a Londres, sempre com discrição e sem portas; posteriormente, o pai ampliara o lugar.

Ela caminhou ao longo da margem lateral da velha piscina, feliz por estar em casa, intrigada por não encontrar a família. Então, olhou para baixo.

Um corpo flutuava na água, deixando atrás de si nuvens gêmeas de sangue, uma partindo do pescoço, outra da virilha. Era seu irmão, Arch. Os olhos dele estavam arregalados e distantes. Door reparou que estava, ela própria, de boca aberta. Ouviu a si mesma gritar.

— Isso doeu — comentou o marquês.

Ele esfregou a testa com força e alongou o pescoço, como se tentasse aplacar um súbito torcicolo.

— Lembranças — explicou Door. — Estão registradas nas paredes.

Ele ergueu a sobancelha.

— Você podia ter me avisado.

— Ah, sim. Tem razão.

Estavam em um aposento branco muito grande. Quadros cobriam todas as paredes. Cada quadro mostrava um cômodo diferente. O aposento branco não tinha portas, nenhum tipo de abertura.

— Decoração interessante — observou o marquês.

— Este é o saguão de entrada. Daqui, podemos ir para qualquer outro cômodo da Casa. Todos são conectados.

— Onde ficam esses outros cômodos?

— Não sei — respondeu Door. — A quilômetros daqui, provavelmente. Espalhados por todo o Submundo.

O marquês tinha conseguido cruzar a sala em poucas e impacientes passadas.

— Impressionante. Uma casa associativa, cada cômodo situado em algum outro lugar. Muito engenhoso. Seu avô era um homem de visão, Door.

— Não cheguei a conhecê-lo. — Ela engoliu em seco e falou, tanto para ele quanto para si mesma: — Achávamos que estaríamos seguros aqui. Que ninguém poderia nos machucar. Só minha família sabia navegar por estas salas.

— Vamos torcer para que o diário do seu pai nos dê algumas pistas. Por onde começamos a procurar?

Door deu de ombros.

— Tem certeza de que ele tinha um diário? — insistiu De Carabás.

Ela assentiu.

— Ele se trancava no escritório e isolava o cômodo até terminar de ditar as entradas.

— Então é por lá que vamos começar.

— Mas já procurei lá. Juro. Eu *procurei*! Quando estava limpando o corpo...

Ela começou a chorar, em soluços baixos e enraivecidos, que pareciam arrancados da alma.

— Calma, calma — falou o marquês De Carabás, sem jeito, dando tapinhas no ombro de Door. Só mais uma vez, por garantia: — Calma. — Ele não era muito bom em consolar os outros.

Os olhos de cores incomuns de Door estavam cheios de lágrimas.

— Você... você pode me dar um minuto? Vou ficar bem.

O marquês assentiu e foi para o outro extremo da sala. Quando olhou para trás, Door continuava de pé, sozinha, a silhueta recortada contra a entrada branca da câmara cheia de quadros de salas, abraçando a si mesma, tremendo convulsivamente e chorando como uma garotinha.

Richard ainda não havia superado o fato não lhe terem devolvido a bolsa.

O lorde Arauto dos Ratos se manteve irredutível. Declarou enfaticamente que o rato — mestre Caudalonga — não tinha dito nada sobre devolver os pertences de Richard. Dissera apenas que ele deveria ser levado ao Mercado. O lorde informou a Anaesthesia que ela estava incumbida de levar o cara lá de cima ao Mercado e que, sim, era uma ordem. E ela que parasse de choramingar e tratasse de se mexer. A Richard, disse apenas que se ele, o lorde Arauto dos Ratos, o visse outra vez, então ele, Richard, iria se ver com ele, o lorde Arauto dos Ratos. E reiterou que Richard não tinha ideia da sorte que tivera e, ignorando as solicitações de

Richard para que suas coisas — ou pelo menos a carteira — lhe fossem devolvidas, levou os dois até uma porta e a trancou assim que passaram.

Richard e Anaesthesia caminhavam lado a lado escuridão adentro.

Ela carregava uma lamparina improvisada com uma vela, uma lata, alguns fios e uma garrafinha de limonada de boca larga. Para Richard, foi surpreendente como seus olhos se adaptaram rápido à escuridão quase total. O lugar parecia uma série de galerias subterrâneas e porões de armazenamento. Às vezes, pensava ter visto algum movimento nos cantos mais distantes das galerias, mas sempre — fosse humano, rato ou alguma outra criatura — já tinha desaparecido quando se aproximavam. Tentou falar com Anaesthesia sobre aquilo, mas ela o mandou ficar quieto.

Um sopro de ar frio atingiu o rosto de Richard. A menina-rata se agachou de repente, colocou a lamparina no chão, agarrou uma grade de metal encaixada na parede e a puxou com força. A grade se abriu subitamente, lançando-a ao chão. Ela fez sinal para Richard entrar por ali. Ele se abaixou e entrou engatinhando, bem devagar; depois de quase meio metro, o chão simplesmente acabava.

— Ei — sussurrou Richard —, tem um buraco aqui.

— Não é muito fundo — respondeu a garota. — Pode ir.

Ela entrou e recolocou a grade. Richard a sentia a uma proximidade desconfortável.

— Toma — pediu, entregando a ele a pequena lamparina e sumindo na escuridão abaixo. — Pronto. Não foi tão ruim, viu? — Seu rosto estava um pouco abaixo dos pés de Richard. — Pode me devolver a lamparina.

Ele obedeceu. Anaesthesia precisou dar um pulo para alcançar a lamparina.

— Agora é a sua vez — sussurrou ela.

Richard avançou bem pouquinho, tenso, inclinou o corpo para a frente e se pendurou na borda. Ficou assim por um instante, depois se soltou. Aterrissou de quatro, as mãos e os pés afundando em uma lama macia e úmida. Limpou as mãos no suéter. Alguns metros à frente, Anaesthesia abria outra porta, que atravessaram também; ela a fechou depois de entrarem.

— Agora podemos falar — anunciou. — Não muito alto, mas podemos. Se você quiser.

— Ah. Que bom. — Porém, Richard não conseguia pensar no que dizer. — Então... Hm... Você é um rato?

Ela deu uma risadinha aguda, como uma menina japonesa, cobrindo a boca com a mão.

— Quem me dera — respondeu. — Não tive essa sorte. Não; só falo ratês. Nós falamos com ratos.

— Como assim? Vocês conversam, é isso?

— Ah, não. Também fazemos coisas para eles. É que... — o tom de voz dela implicava algo que nunca teria ocorrido a Richard espontaneamente —

... *existem* certas coisas que os ratos *não conseguem* fazer, sabe? Por não terem dedos, polegares, essas coisas. Ei!

Sem mais nem menos, ela o empurrou contra a parede e tampou sua boca com a mão imunda. Apagou a vela.

Nada aconteceu.

Então ele ouviu vozes vindas de longe. Os dois esperaram, na escuridão fria. Richard sentiu um tremor.

Pessoas passaram por ali, conversando em tons graves. Quando todos os sons morreram na distância, Anaesthesia baixou a mão e reacendeu a vela, e os dois seguiram caminho.

— Quem eram aquelas pessoas? — perguntou ele.

A garota deu de ombros.

— Não importa.

— Então por que você achou que não ficariam felizes em nos ver?

Ela lançou a Richard um olhar de pena, como uma mãe tentando explicar ao filho pequeno que, sim, *aquela* chama também é quente. *Todas* são. Por favor, confie na mamãe.

— Vamos. Eu conheço um atalho. Podemos até dar um pulo na Londres de Cima.

Eles subiram alguns degraus de pedra, e, no alto, ela abriu uma porta. Quando os dois passaram, a porta se fechou.

Richard olhou ao redor, perplexo. Estavam no Victoria Embankment, um aterro quilométrico construído durante a era vitoriana na margem norte do Tâmbisa, para cobrir o sistema de drenagem e a recém-criada linha District do metrô e substituir as malcheirosas margens lamacentas que infestaram as margens do Tâmbisa por quinhentos anos. Ainda era noite — ou talvez fosse noite outra vez. Richard não sabia quanto tempo passara andando pelas trevas dos caminhos subterrâneos.

Não havia lua, mas o céu noturno exibia um apinhado de brilhantes e resplandecentes estrelas de outono. Havia também as luzes dos postes, dos edifícios e das pontes, que pareciam estrelas terrenas, e brilhavam duplamente, refletidas junto com a cidade na água noturna do Tâmbisa. *É a terra encantada*, pensou Richard.

Anaesthesia apagou a vela.

— Tem certeza de que é por aqui? — indagou Richard.

— Tenho. Absoluta.

No instante em que pousou os olhos em um banco de madeira próximo, Richard achou que fosse um dos objetos mais desejáveis que já vira.

— Podemos sentar? — pediu. — Só um pouquinho.

Anaesthesia deu de ombros. Sentaram-se cada um em uma ponta do banco.

— Na sexta-feira, eu fazia parte de uma das melhores empresas de análise de investimento financeiro de Londres.

— O que é esse negócio de investimento finãosei?

— Era o meu trabalho.

Ela assentiu, satisfeita.

— Entendi. E...?

— Só estou relembrando, na verdade. Ontem... era como se eu não existisse mais, para ninguém aqui em cima.

— É porque não existe mesmo — explicou Anaesthesia.

Um casal boêmio que viera caminhando de mãos dadas preguiçosamente pelo Embankment se sentou bem no meio do banco, entre os dois, e começou a trocar beijos apaixonados.

— Ei, vocês — reclamou Richard.

O homem enfiou a mão por dentro da blusa da mulher, movendo-a com entusiasmo; um viajante solitário descobrindo um continente inexplorado.

— Quero minha vida de volta — resmungou Richard para o casal.

— Eu te amo — declarou o homem.

— Mas a sua esposa... — retrucou a mulher, lambendo o rosto dele.

— O que você quer com ela?

— Não quero nada com ela — respondeu a mulher, dando uma risadinha bêbada. — Eu quero é você. — E colocou a mão entre as pernas dele, dando mais risadinhas.

— Vamos embora — disse Richard, sentindo que a vizinhança tinha tornado o banco um local menos atraente.

Eles se levantaram e se afastaram. Anaesthesia se virou para trás, olhando com curiosidade para o casal, que aos poucos ficava cada vez mais horizontal.

Richard não se pronunciou.

— Algum problema? — perguntou a garota.

— Mais ou menos todos — respondeu ele. — Você passou a vida toda lá embaixo?

— Ah, não. Nasci aqui em cima. — Ela hesitou. — Mas você não ia querer saber.

Richard percebeu, quase surpreso, que gostaria de saber a história dela.

— Quero, sim. Juro.

Ela apalpou as miçangas de quartzo bruto do colar que usava e engoliu em seco.

— Era eu, minha mãe e as gêmeas... — começou, mas logo parou de falar, fechando a boca decidida.

— Continue — pediu Richard. — Pode falar, não tem problema. Mesmo.

A garota assentiu, respirou fundo e recomeçou, mas não olhava para ele enquanto falava, os olhos fixos no chão à frente.

— Bom, minha mãe teve minhas irmãs e eu, mas aí ela ficou meio maluca das ideias. Um dia, voltei da escola e a encontrei chorando sem

parar, toda pelada e quebrando as coisas. Pratos e tal. Mas ela nunca machucou a gente. Nunca. Aí veio uma dona da assistência social e levou as gêmeas embora, e eu tive que ficar com minha tia. Ela morava com um cara. Nunca gostei dele. E quando ela saía... — Nesse ponto, Anaesthesia ficou quieta por tanto tempo que Richard pensou que a história tinha terminado. Mas então ela retomou: — Enfim. Ele me batia. Fazia outras coisas também. No fim das contas, contei para a minha tia, e ela começou a bater em mim. Disse que eu estava mentindo. Disse que ia chamar a polícia para me levar. Mas não era mentira, não. Aí eu fugi. Era meu aniversário.

Haviam chegado à ponte Albert, um monumento kitsch cruzando o Tâmisa, unindo o Battersea, ao sul, à ponta do Embankment onde fica o bairro Chelsea. Uma ponte digna de contos de fadas, com milhares de luzinhas brancas.

— Eu não tinha para onde ir. E estava tão frio... — Ela fez mais uma pausa. — Eu dormia nas ruas. Dormia de dia, que era um pouco mais quente, e passava a noite andando, só para não ficar parada mesmo. Eu tinha só onze anos. Roubava pão e leite que entregavam nas casas. Odiava fazer aquilo, então comecei a andar pelas feiras, pegando maçãs e laranjas podres, essas coisas que ninguém queria. Mas aí eu fiquei muito doente. Morava debaixo de um viaduto em Notting Hill. Quando acordei, estava na Londres de Baixo. Os ratos tinham me encontrado.

— E você já tentou voltar para tudo isso? — perguntou Richard, indicando os arredores: casas quentinhas, silenciosas e cheias de gente; carros cruzando a madrugada; o mundo real...

Ela balançou a cabeça. *Todas as chamas queimam, minha criança. Um dia você vai aprender.*

— Não dá. É um ou outro. Não dá para ter os dois.

— Me desculpe — disse Door, hesitante.

Além dos olhos vermelhos, parecia que ela tinha acabado de assoar o nariz com bastante força e esfregado as lágrimas dos olhos e do rosto.

O marquês, que até então estava entretido brincando de cinco marias com umas moedas velhas e uns ossinhos guardados em um dos muitos bolsos do casaco, ergueu o rosto e a olhou com frieza.

— Esse pedido é sincero?

Ela mordeu o lábio.

— Não. Para falar a verdade, não estou arrependida. Passei tanto tempo fugindo, me escondendo e correndo que... essa foi a primeira chance real que tive de...

O marquês recolheu as moedas e os ossinhos e guardou tudo de volta no bolso.

— A senhorita primeiro — disse ele, e a seguiu de volta à parede com os quadros.

Door pousou uma das mãos sobre a imagem do escritório do pai e, com a outra, segurou a enorme mão escura do marquês.

... a realidade se distorceu...

Estavam na estufa, regando as plantas. Primeiro, Portia direcionava o fluxo de água para o solo, regando a base e evitando as folhas e os botões.

— É para molhar os sapatos, não as roupas — disse à filha mais nova.

Ingress tinha o próprio regador, menorzinho. Estava muito orgulhosa. Era exatamente como o da mãe, de aço e pintado de verde-claro. Depois que Portia regava uma planta, Ingress a regava de novo, com o regadorzinho.

— Os sapatos — repetiu ela para a mãe. E começou a rir, soltando uma gargalhada espontânea de menina.

A mãe riu também, até que o raposino sr. Croup a puxou pelo cabelo, pegando-a de surpresa, e cortou sua garganta muito branca de uma orelha à outra.

— Olá, papai — murmurou Door.

Ela tocou o busto do pai com a ponta dos dedos, acariciando a lateral do rosto. Um homem magro, austero e quase careca. *César interpretando Próspero*, pensou o marquês. Sentia-se um pouco enjoado. A última imagem tinha *doído*. No entanto, estava no escritório de lorde Portico. Era um *bom* começo.

O marquês observava a sala, os olhos deslizando de detalhe em detalhe. O crocodilo empalhado pendurado no teto; os livros de encadernação em couro, um astrolábio, espelhos côncavos e convexos, instrumentos científicos inusitados; havia mapas nas paredes, mapas de terras e cidades das quais De Carabás nunca ouvira falar; uma escrivaninha, coberta por cartas escritas à mão. A parede branca atrás exibia uma mancha marrom e vermelha. Havia um retrato pequeno da família de Door. O marquês olhou para a foto.

— Sua mãe e sua irmã, seu pai e seus irmãos. Todos mortos. Como foi que *voce* escapou?

Ela abaixou a mão.

— Foi sorte. Tinha saído de casa por alguns dias, para explorar... Sabia que ainda tem soldados romanos acampados no rio Kilburn?

O marquês não sabia, o que o deixou irritado.

— Hm. Quantos?

Ela deu de ombros.

— Algumas dezenas. Acho que são desertores da Décima Nona Legião. Meu latim não é muito bom. Bom, quando voltei...

Ela engoliu em seco. Os olhos cor de opala se encheram de lágrimas.

— Recomponha-se — ralhou o marquês. — Precisamos do diário do seu pai. Para descobrir quem fez isso.

Door franziu o cenho.

— Já sabemos quem fez isso. Croup e Vandemar...

Ele abriu a mão, agitou os dedos enquanto falava:

— Croup e Vandemar são os braços. Mãos. Dedos. Existe uma cabeça, que deu a ordem, e que também quer você morta. Aqueles dois custam caro. — Ele olhou em volta, observando o escritório atulhado. — E o diário?

— Não está aqui — respondeu Door. — Eu falei. Já procurei.

— Ah, eu fui levado pela crença errônea de que sua família tinha a habilidade de localizar portas, tanto as evidentes quanto as ocultas.

Door olhou feio para ele. Então fechou os olhos e apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador. Enquanto isso, o marquês examinava os objetos na escrivaninha de lorde Portico. Um tinteiro, uma peça de xadrez, um dado feito em osso, um relógio de bolso de ouro, várias penas e...

Curioso.

Uma estatueta de javali, ou um urso agachado, quem sabe um touro. Não era muito nítido. Tinha o tamanho de uma peça de xadrez grande e fora esculpida de um jeito rústico, em obsidiana negra. A figura lhe lembrou alguma coisa, mas o quê, o marquês não saberia dizer. Ele a pegou sem cerimônia, virou-a de ponta-cabeça, envolveu-a com os dedos.

Door abaixou a mão que levava ao rosto. Parecia perplexa e confusa.

— O que foi? — perguntou o marquês.

— *Está aqui* — respondeu ela simplesmente.

E começou a andar pelo escritório, olhando para um lado e para o outro. O marquês enfiou a estatueta em um bolso interno, discretamente.

Door parou em frente a um armário alto.

— Ali.

Ela estendeu a mão: ouviu-se um clique, e um pequeno painel na lateral do armário se abriu. Door enfiou a mão na abertura escura e tirou de lá um objeto mais ou menos do tamanho e formato de uma pequena bala de canhão, que entregou ao marquês. Era uma esfera em latão antigo e madeira polida; dentro, cobre polido e lentes de vidro. Ele a pegou.

— É isso?

Door assentiu.

— Bom trabalho.

Ela parecia consternada.

— Não sei como não vi antes.

O marquês a consolou:

— Você estava transtornada. Eu sabia que estaria aqui. E raramente me engano. A questão agora é... — O marquês ergueu o pequeno globo de madeira. A luz atingiu o vidro polido e reluziu nos encaixes de latão e cobre. Doía admitir sua ignorância a respeito de alguma coisa, mas ele perguntou mesmo assim: — Como isso funciona?

Anaesthesia o tinha levado até um parque do outro lado da ponte. Ali, desceram alguns degraus de pedra ao lado de um muro. Ela reacendeu a vela engarrafada e entrou por uma porta em uma área de manutenção. Desceram mais alguns degraus, cercados pela escuridão.

— Você conhece uma garota chamada Door? — perguntou Richard. — Ela é um pouco mais nova que você.

— Lady Door. Sei quem é.

— Então qual é a... hã... a que baronia ela pertence?

— Nenhuma — respondeu a garota. — Lady Door é da Casa do Arco. A família dela era muito importante.

— Era? E por que deixou de ser?

— Foram todos mortos.

Ah, sim, ele se lembrava do marquês dizendo algo a respeito. Um rato cruzou o caminho deles. Anaesthesia parou nos degraus e se curvou em reverência. O rato parou diante dela.

— Majestade — cumprimentou a menina.

— Oi — disse Richard.

O rato os encarou por um breve instante, para logo depois disparar degraus abaixo.

— Mas então. O que é isso de Mercado Flutuante? — perguntou Richard.

— É muito grande — explicou Anaesthesia. — Mas nós, que falamos ratês, raramente precisamos ir lá. Para dizer a verdade... — Ela hesitou. — Esquece. Você vai rir de mim.

— Não vou — retrucou Richard, com sinceridade.

— Bem, é que eu tenho um pouco de medo.

— Medo? Do Mercado?

Tinham chegado ao fim dos degraus. Anaesthesia hesitou; depois, seguiu para a esquerda.

— Ah, não. Existe um tratado de trégua no Mercado. Se alguém ferir alguém lá, toda a Londres de Baixo vai partir para cima da pessoa com a força de uma tonelada de esgoto.

— Então do que você tem medo?

— Do caminho até lá. O Mercado acontece cada vez num lugar diferente. Não é fixo. E, para chegar ao lugar em que vai ser o de hoje... —

Ela mexeu nas miçangas de quartzo do colar, nervosa. — Bem, vamos ter que passar por uma área barra-pesada.

Ela parecia *mesmo* assustada. Richard teve que se conter para não abraçá-la.

— E que lugar terrível seria esse?

Anaesthesia se virou para ele, afastou o cabelo dos olhos e contou.

— Knightsbridge — repetiu Richard, e deu uma risadinha.

A garota deu as costas para ele.

— Não falei? Eu sabia que você ia rir.

Os túneis haviam sido abertos no início da Segunda Guerra Mundial. Milhares de soldados ficavam alojados ali, e era preciso bombear seus dejetos para os túneis de esgoto, muito acima, por ar comprimido. As laterais dos túneis eram ocupadas por fileiras de beliches de metal para as tropas dormirem. Havia planos de assimilar os túneis em uma extensão para trilhos de alta velocidade da linha metroviária, mas a ideia não deu em nada, e, quando a guerra acabou, os beliches ficaram para trás, e sobre as estruturas de metal foram colocadas caixas cheias de cartas, arquivos e papéis: segredos, e do tipo mais desinteressante, armazenados nas profundezas, para serem esquecidos. Por questões econômicas, os túneis foram desativados no início da década de 1990. As caixas de segredos foram resgatadas, para que os documentos fossem escaneados e armazenados digitalmente ou queimados.

Varney se instalara no mais profundo dos túneis profundos, bem abaixo da estação de metrô de Camden Town. Empilhou alguns dos beliches abandonados na frente da única entrada e começou a decorar o lugar. Ele gostava de armas. Fazia as próprias, a partir de qualquer material que encontrasse, ou pegasse, ou roubasse, como peças de carros e pedaços de maquinário, que transformava em ganchos, canivetes, bestas, balestras, manganelas e trabucos para derrubar muralhas, porretes, gládios e claves. As armas ficavam penduradas na parede do túnel ou expostas nos cantos, com ares pouco amigáveis.

Varney pareceria um touro se houvesse touros sem chifres nem pelo, mas cobertos de tatuagens e que tivessem sofrido um colapso dental generalizado. E ele roncava. A lamparina a óleo ao lado de sua cabeça emitia uma luz bem fraca. Varney dormia numa pilha de trapos, roncando e fungando; no chão, ao alcance da mão, a empunhadura de uma espada caseira de lâmina dupla.

Alguém acendeu a lamparina.

Varney pegou a espada e estava de pé antes mesmo de abrir os olhos. Então parou, olhou em volta. Não havia ninguém lá: a pilha de beliches que bloqueava a porta permanecia intacta. Começou a baixar a espada.

Uma voz fez:

— Pssst.

— Hã? — indagou Varney.

— Surpresa! — anunciou o sr. Croup, avançando para a luz.

Varney recuou: um erro. Havia uma faca encostada em sua têmpora, a ponta da lâmina quase no olho.

— Movimentos não são aconselháveis — alertou o solícito sr. Croup. — O senhor Vandemar pode acabar causando um pequeno acidente com o canivete velho que carrega. Afinal, a maioria dos acidentes acontece em casa. Correto, senhor Vandemar?

— Não confio em estatísticas — respondeu um frio sr. Vandemar.

Uma mão coberta por uma luva surgiu atrás de Varney, esmagou a espada e jogou no chão a arma retorcida.

— Como está, Varney? — perguntou o sr. Croup. — Bem? Mesmo? Em boa forma e apumado para o Mercado desta noite? Sabe quem somos?

Varney assentiu da melhor maneira possível que não envolvesse movimento de músculos. Ele sabia quem eram Croup e Vandemar. Seu olhar vasculhava as paredes. Sim, ali, a maçã: uma bola de madeira cravada de pregos presa a uma corrente, no canto mais distante da sala...

— Há um rumor de que certa jovem lady vai selecionar guarda-costas hoje à noite. Você considerou se candidatar à função? — O sr. Croup palitou os dentes-lápides. — Enuncie claramente.

Varney pegou a maçã com o poder da mente. Era seu dom. Com cuidado, isso... devagar... tirou a arma do gancho e a ergueu até o teto do túnel em arco. Com a boca, respondeu:

— Varney é o melhor guarda e matador do Submundo. Dizem que sou o melhor desde os tempos da Hunter.

Varney moveu, com a mente, a maçã pelas sombras, posicionando-a em um ponto acima e atrás da cabeça do sr. Croup. Primeiro esmagar o crânio de Croup, depois Vandemar...

A maçã mergulhou no ar, rumo à cabeça do sr. Croup; Varney se abaixou, ao mesmo tempo se afastando da lâmina da faca. O sr. Croup não ergueu os olhos. Não se virou. Apenas mexeu a cabeça com uma velocidade obscena, e a maçã passou direto por ele, se espatifando no chão, lançando no ar lascas de tijolos e do concreto. O sr. Vandemar ergueu Varney com apenas uma das mãos.

— É para machucar? — perguntou ao parceiro.

O sr. Croup balançou a cabeça: *Ainda não*. Para Varney, disse:

— Nada mau. Pois então, meu caro “melhor guarda e matador”, queremos que você compareça ao Mercado hoje à noite. Queremos que faça o que for preciso para se tornar o guarda-costas pessoal de certa jovem lady. E, quando for contratado, de uma coisa deve se lembrar: pode

protegê-la do restante do mundo, mas quando a quisermos, a pegaremos. Entendido?

Varney passou a língua pelo que lhe restava de dentes.

— Isso é um suborno? — perguntou.

O sr. Vandemar tinha pegado a maça e estava dismantelando a corrente com a mão livre, elo por elo, soltando pedacinhos de metal retorcido no chão. *Clinc.*

— Não — respondeu ele. *Clinc.* — É uma intimidação. — *Clinc.* — E, se não fizer o que o senhor Croup está dizendo, vamos — *clinc* — machucar você — *clinc* —, e vai doer, e depois — *clinc* —, vamos matar você, e vai doer ainda mais.

— Ah — disse Varney. — Então eu vou trabalhar para vocês, é isso?

— Sim, vai — respondeu o sr. Croup. — Mas temo que nossa proposta não contemple qualquer tipo de compensação.

— Isso não é problema para mim — retrucou Varney.

— Ótimo. Bem-vindo a bordo — anunciou o sr. Croup.

Era um mecanismo grande mas elegante, feito de peças de carvalho e nogueira polidas, de latão e vidro, de bronze e espelhos e marfim esculpido e incrustado, com prismas de quartzo, e engrenagens e molas e roldanas de latão. Era bem maior que uma televisão de tela plana, embora a parte da tela não tivesse mais que seis polegadas. Uma lente de aumento bem na frente aumentava o tamanho da imagem. Da lateral saía uma trombeta de latão, uma espécie de corneta acústica — o tipo de amplificador que se encontraria em um gramofone antigo. Em geral, o equipamento parecia uma combinação de televisão e reproduutor de vídeos que tivesse sido inventada e construída trezentos anos antes, por Sir Isaac Newton. O que era, mais ou menos, exatamente o caso.

— Veja.

Door colocou a bola de madeira em uma plataforma. A máquina emitiu luzes, fazendo a bola girar sem parar.

Um rosto nobre surgiu na telinha, em cores vívidas. Logo em seguida, uma voz falhada saiu da trombeta, meio fora de sincronia e no meio de um discurso:

— ... que duas cidades sejam tão próximas e, ao mesmo tempo, tão distantes; os donos de tudo vivendo acima e nós, os desapossados, vivendo abaixo e no entremeio, vivendo às margens.

Door encarava a tela com uma expressão indecifrável.

— No entanto — dizia seu pai —, sou da opinião de que o problema que mais afeta a nós, habitantes do Submundo, é nossa mesquinha estrutura faccional. O sistema de baronias e feudos é tão segregador quanto tolo.

Lorde Portico usava um velho smoking surrado e um solidéu. Sua voz parecia atravessar séculos, não dias ou semanas. Ele tossiu.

— E não estou sozinho nessa crença. Há outros que desejam ver as coisas como são. Que gostariam de ver a situação transformada. Há os que...

— Tem como acelerar isso? — perguntou o marquês. — Ir logo para o último registro?

Door assentiu e acionou uma manivela de marfim na lateral: a imagem se dissolveu, se fragmentou, se reconstruiu.

Agora Portico aparecia de sobretudo. O solidéu sumira. Via-se um corte escarlate profundo na lateral da cabeça. Ele não estava mais sentado à escrivaninha, e falava muito baixo, em um tom carregado de tensão.

— Não sei quem vai ver isto, quem vai encontrar isto, mas, seja quem for, por favor, faça este registro chegar às mãos de minha filha, lady Door, se ela ainda estiver viva... — Uma onda de estática varreu a imagem e o som. Em seguida: — Door? Filha, estamos em maus lençóis. Não sei quanto tempo até que encontrem esta sala. Acho que minha pobre Portia já está morta, assim como seu irmão e sua irmã.

O som e a qualidade da imagem começaram a decair.

O marquês olhou de relance para Door, que tinha o rosto molhado: lágrimas transbordavam dos olhos e reluziam ao descer pelas faces. Parecia não se dar conta de que estava chorando e não fazia o menor esforço para limpar o rosto. Apenas encarava a imagem do pai e escutava suas palavras. *Estática*. A imagem se apagava. *Estática*.

— Escute o que vou dizer, filha — prosseguia o pai morto. — Vá até Islington... pode confiar em Islington... Você precisa acreditar em Islington. — A imagem se duplicou. Ele passou a mão nos olhos, limpando o sangue que caía. — Door? Vingue nossa morte. Vingue sua família.

A corneta de gramofone emitiu um estouro alto. Portico virou a cabeça para olhar algum ponto fora da tela, aturdido e nervoso.

— O quê?! — exclamou, e se moveu, sumindo da tela.

Por um momento a imagem não se alterou: a escrivaninha, e, atrás, a parede branca. Então, um arco de sangue vermelho vivo espirrou na parede. Door acionou a alavanca na lateral, desligando a máquina, e deu as costas para o marquês.

— Tome — disse De Carabás, oferecendo um lenço.

— Obrigada. — Ela limpou o rosto e assoou o nariz com força. Então encarou o vazio. Por fim, falou: — Islington.

— Nunca fiz negócios com Islington — comentou o marquês.

— Achei que fosse só uma lenda.

— De modo algum. — Ele estendeu o braço para pegar na escrivaninha o relógio de bolso todo em ouro e o abriu. — Belo trabalho manual — observou.

Door concordou.

— Era do meu pai.
O marquês fechou a tampa com um clique.
— Hora de ir ao Mercado. Já vai começar. O senhor Tempo não está do nosso lado.

Door assoou o nariz outra vez e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro. Então se virou para o marquês, o cenho franzido, os olhos de cores inusitadas brilhando.

— Você acha mesmo que vamos conseguir encontrar um guarda-costas capaz de enfrentar Croup e Vandemar?

O marquês exibiu brevemente os dentes brancos.

— Desde Hunter, não há ninguém à altura de tal feito. Portanto, me contentarei com quem possa lhe proporcionar tempo suficiente para fugir — respondeu ele, enfiando o relógio no bolso e amarrando a corrente ao colete.

— O que está fazendo? — protestou Door. — Esse relógio é do meu pai!

— Ele não vai mais usar, certo? — De Carabás ajustou a corrente dourada. — Pronto. Veja que elegante.

O marquês observou as emoções cruzando o rosto dela: dor, raiva e, finalmente, resignação.

— Temos que ir — foi só o que ela disse.

— Falta pouco para a Ponte — disse Anaesthesia.

Richard torcia para que fosse verdade. Já estavam na terceira vela. Era assustador ainda se encontrarem debaixo de Londres: tinha quase certeza de que haviam andado o bastante para chegar ao País de Gales.

— Estou com muito medo. Nunca atravessei a Ponte.

— Achei que você já tivesse ido a esse mercado — comentou Richard.

— É o Mercado *Flutuante*, idiota. Já expliquei. Acontece cada vez num lugar diferente. Teve um naquela torre grandona que tem um relógio. Big sei lá o quê. Eu fui nesse. E depois foi no...

— Big Ben? — sugeriu Richard.

— Pode ser. Estávamos lá dentro, onde os mecanismos ficam girando. Foi lá que eu arranjei isso aqui... — Ela exibiu o colar. A luz da vela se refletia amarelada no quartzo. Anaesthesia sorriu, um sorriso de criança. — Gostou?

— É lindo. Foi caro?

— Troquei por umas coisas. É assim que funciona aqui embaixo. Por troca.

Depois de uma curva, viram a ponte. Richard achou que bem poderia ser uma das pontes que atravessavam o Tâmesa quinhentos anos atrás: uma enorme estrutura de pedra estendendo-se sobre um vasto abismo negro,

noite adentro. Entretanto, não havia céu acima, não havia água abaixo. A ponte cruzava a escuridão. Richard ponderou sobre quem a teria construído, e quando. Como uma coisa daquelas podia existir abaixo da cidade de Londres sem ninguém saber? Sentiu um frio na barriga. Sentiu também, percebeu ele, um medo intenso, um medo patético da tal ponte.

— Temos mesmo que atravessar isso? — perguntou. — Não tem como chegar ao Mercado por outro caminho?

Estavam parados na base da ponte. Anaesthesia balançou a cabeça.

— Chegaríamos ao lugar onde o Mercado vai estar, mas não encontraríamos nada lá.

— Hã? Mas isso é ridículo. Quer dizer, ou uma coisa está num lugar, ou não está. Estou certo? Hein?

Ela balançou a cabeça de novo. Ouviram um burburinho atrás, e alguém lançou Richard ao chão. Ele olhou para cima: um homem alto, cheio de tatuagens grosseiras, em roupas improvisadas de couro e vinil que pareciam retalhos arrancados do estofamento de carros, olhou para ele com ar blasé. Atrás do homenzarrão havia dezenas de pessoas, homens e mulheres: pareciam a caminho de uma festa a fantasia de baixíssimo orçamento.

— Alguém — disse Varney, que não estava de bom humor — estava no meu caminho. Alguém devia olhar por onde anda.

Certa vez, quando ainda era um garotinho voltando da escola, Richard encontrou um rato em uma vala. Quando o viu, o rato se ergueu nas patas traseiras, guinchou e deu um pulo, deixando-o apavorado. Richard recuou, impressionado em notar como algo tão pequeno poderia estar tão disposto a lutar contra uma criatura muito maior. Anaesthesia havia se colocado entre Richard e Varney. A garota tinha a metade do tamanho do brutamontes, mas ainda assim o encarou, arreganhou os dentes e guinchou como um rato muito irritado ao ser encurralado. Varney deu um passo para trás. Varney cuspiu nos sapatos de Richard. Varney, por fim, deu meia-volta e, guiando a massa de gente que o acompanhava, seguiu pela ponte rumo à escuridão.

— Você está bem? — perguntou Anaesthesia, ajudando Richard a se levantar.

— Sim. Você foi muito corajosa.

Ela baixou os olhos, envergonhada.

— Eu não sou corajosa. Continuo com medo da Ponte. Até aquele pessoal estava com medo, por isso é que estavam todos juntos. Em grupo a gente se sente mais seguro. Grandões medrosos.

— Se vocês forem cruzar a Ponte, vou com vocês — falou uma voz feminina, encorpada como leite e mel.

Richard não conseguiu identificar o sotaque. Na hora, achou que talvez fosse do Canadá ou dos Estados Unidos, mas depois suspeitou que pudesse ser de alguma parte da África, ou Austrália, ou até mesmo da Índia. Nunca soube ao certo. Era uma mulher alta, de cabelo castanho comprido e pele

cor de caramelo queimado. Usava roupas de couro mosqueado em tons de cinza e marrom. Levava no ombro uma bolsa de couro surrado. Carregava uma lança, uma faca no cinto e uma lanterna a pilha presa no pulso. E era, sem sombra de dúvida, a mulher mais bonita que Richard já vira.

— Claro, venha conosco. Em grupo a gente se sente mais seguro — respondeu ele, depois de hesitar por um instante. — Meu nome é Richard Mayhew. Esta é Anaesthesia. É ela quem sabe o caminho.

A menina-rata se encheu de orgulho.

A mulher de couro o olhou de cima a baixo.

— Você é da Londres de Cima — constatou.

— Sim.

— Viajando com uma dos arautos. Uau.

— Sou a guardiã dele — retrucou Anaesthesia, com truculência. — Quem é você? A quem presta lealdade?

A mulher sorriu.

— Não devo lealdade a homem nenhum, menina-rata. Algum de vocês já cruzou a Ponte da Noite¹ alguma vez? — Anaesthesia balançou a cabeça em negativa. — Hmm, isso vai ser divertido, então.

Os três seguiram na direção da ponte. Anaesthesia entregou a Richard a lamparina improvisada.

— Toma.

— Obrigado. — Richard olhou para a mulher de couro. — Temos mesmo algo a temer?

— Só a escuridão que acompanha a Ponte — respondeu a mulher.

— Como assim, a escuridão vai seguindo a gente?

— A escuridão segue apenas o dia.

Anaesthesia buscou a mão de Richard. Ele segurou firme a dela. A garota sorriu, apertou a mão dele também. Então, os três pisaram na ponte, e Richard começou a compreender a escuridão: era algo sólido e real, muito mais que a simples ausência de luz. Sentiu que ela o tocava, provocando, movendo, explorando — percorrendo sua mente. Escorregava para os pulmões, por trás dos olhos, para dentro da boca...

A cada passo, a luz da vela se tornava mais fraca. E, Richard percebeu, o mesmo acontecia com a lanterna da mulher de couro. No entanto, a sensação não era bem de que as luzes estavam enfraquecendo, mas de que a escuridão estava se fortalecendo. Richard piscou, os olhos se abrindo no vazio — nada além de escuridão, a mais completa escuridão. Sons. Um farfalhar, algo se torcendo. Ele piscou, cego pela noite. Os sons ficaram mais malignos, mais famintos. Ele imaginou ouvir vozes: uma horda de trolls gigantescos e deformados embaixo da ponte...

Algo passou deslizando entre eles.

— O que foi isso? — guinchou Anaesthesia.

A mão dela tremia na de Richard.

— Quieta — sussurrou a mulher. — Não chame a atenção dela.
— O que está acontecendo? — sussurrou Richard.
— A escuridão está acontecendo — respondeu a mulher de couro, baixinho. — A noite. Todos os pesadelos que saem para passear quando o sol se põe, desde o tempo das cavernas, quando dormíamos amontoados em busca de calor e segurança, estão acontecendo. Esta é a hora de temer o escuro.
Richard sabia que havia algo prestes a cobrir seu rosto. Fechou os olhos: não fez a menor diferença no que via ou sentia. A noite era total. Foi quando começaram as alucinações.

Viu uma forma caindo na direção dele através da noite, queimando, as asas e o cabelo em chamas.

*Ergueu as mãos: não havia nada ali.
Jessica olhou para ele com desprezo. Ele queria gritar, dizer que estava arrependido.*

*Um pé depois do outro.
Era criança, voltando da escola, à noite, pela única rua sem iluminação. Por mais vezes que passasse por ali, nunca ficava mais fácil, nunca melhorava.*

Estava nas profundezas dos esgotos, perdido em um labirinto. A Besta o aguardava. Ele ouvia um gotejar lento. Sabia que a Besta estava à espera. Agarrou a lança... Um urro ribombante veio do fundo da garganta da fera, de algum ponto às suas costas. Ele se virou. Com lentidão, uma lentidão agonizante, a Besta avançou na direção dele, em meio à escuridão.

*E avançou.
Ele morreu.
E continuou andando.
Com lentidão, uma lentidão agonizante, a Besta avançava na direção dele, vezes e mais vezes, na escuridão.*

Richard ouviu uma espécie de sopro, seguido por um clarão tão forte que chegava a doer a vista. Ele recuou, estreitando os olhos. Era a chama da vela, em seu receptáculo de garrafa de limonada. Nunca tinha notado como uma única vela podia brilhar tanto. Ergueu-a, ofegante, tossindo e tremendo de alívio. Sentia o coração bater acelerado, tamborilando dentro do peito.

— Parece que fomos bem-sucedidos na travessia — comentou a mulher de couro.

O coração de Richard batia tão forte que a princípio ele nem conseguiu falar. Forçou-se a respirar mais devagar, a se acalmar. Estavam em uma

câmara enorme, exatamente como a do outro lado — tanto que ele teve a estranha sensação de que estava na mesma sala de onde acabara de sair. Só que ali as sombras eram mais pronunciadas, e sua visão estava marcada pelas manchas coloridas que nublam a visão após o flash de uma câmera.

— Parece que não estávamos em perigo real... — comentou Richard, hesitante. — Era como uma casa mal-assombrada... alguns barulhos no escuro... e a imaginação cuida do resto. Não havia o que temer, não é mesmo?

A mulher o encarou com um olhar quase de pena; só então Richard percebeu que ninguém mais segurava sua mão.

— Anaesthesia?

Da escuridão no alto da ponte veio um barulho baixo, como um suspiro ou um farfalhar. Um punhado de miçangas irregulares de quartzo foram deslizando pelo piso curvo da ponte. Richard pegou uma. Era do colar da menina-rata.

— Temos que... A gente precisa voltar. Ela...

A mulher ergueu a lanterna e a apontou para a ponte. Richard viu até o outro lado. Estava deserta.

— Cadê ela? — perguntou.

— Ela se foi — respondeu a mulher, sem rodeios. — A escuridão a levou.

— Precisamos fazer alguma coisa!

— O quê, por exemplo?

Ele abriu a boca, mas ficou sem palavras. Fechou-a. Apalpou o pedaço de quartzo e olhou para os outros, ainda no chão.

— Ela se foi — repetiu a mulher. — A Ponte cobra um pedágio. Agradeça por não ter sido levado também. Bem, se você está procurando o Mercado, é por aqui. — Ela indicou uma passagem íngreme e estreita na meia-luz à frente, o início do caminho parcamente iluminado pelo feixe da lanterna que carregava.

Richard não se mexeu. Estava atordoado. Não conseguia acreditar que a menina-rata tinha desaparecido — perdida, raptada ou... —, menos ainda que a mulher de couro pudesse continuar como se nada tivesse acontecido, como se aquilo fosse a coisa mais comum do mundo. Anaesthesia não podia ter morrido...

Ele completou o pensamento: Anaesthesia não podia estar morta porque, se estivesse, seria sua culpa. A garota não pedira para acompanhá-lo. Richard apertou a miçanga de quartzo com tanta força que machucou a mão. Pensava no orgulho com que Anaesthesia exibira o colar, em quão próximos tinham se tornado nas poucas horas que passaram juntos.

— Você vem?

Ele ficou lá parado na escuridão, o coração batendo forte. Então, com muita delicadeza, enfiou a miçanga de quartzo no bolso da calça e seguiu a

mulher, que estava ainda apenas alguns passos à frente. Enquanto a seguia, percebeu que ainda não sabia o nome dela.

¹ Em inglês, *Night's Bridge*. Daí Richard ter achado que Anaesthesia se referia ao bairro de Knightsbridge. (N. da E.)

CINCO

PESSOAS PASSAVAM POR eles com lampiões e tochas, lanternas e velas. Aquilo lhe lembrava dos documentários que ele vira sobre cardumes de peixes reluzentes disparando pelas águas... Nas profundezas do mar, habitadas por criaturas cujos olhos haviam perdido a função.

A mulher de couro subiu alguns degraus. Degraus de pedra, com bordas em metal. Era uma estação de metrô. Entraram em uma fila de gente esperando para se esgueirar por um gradil, que fora entreaberto para dar acesso à saída.

Logo à frente deles havia dois jovens, ambos com uma corda amarrada no pulso. Quem segurava as cordas era um homem pálido e careca que cheirava a formol. Logo atrás esperava um homem de barba grisalha, com um gato preto e branco no ombro. O gato se banhou com vigor e lambeu a orelha do homem antes de se aconchegar e dormir no ombro do sujeito. A fila avançava lentamente. Uma a uma, as pessoas se esgueiravam pelo pequeno espaço aberto no gradil e emergiam na noite.

— Por que quer ir ao Mercado, Richard Mayhew? — perguntou a mulher de couro, em voz baixa.

— Tenho esperança de encontrar uns amigos por lá. Quer dizer, só uma amiga. Não conheço muita gente deste mundo. Estava meio que começando a conhecer Anaesthesia, mas... — Ele não terminou a frase. Então, fez a pergunta que não ousara enunciar até então: — Ela morreu?

A mulher deu de ombros.

— Sim. Praticamente. Imagino que sua visita ao Mercado fará valer a perda.

Richard sentiu um calafrio.

— Acho pouco provável. — Estava chegando a vez dos dois na fila. — O que você faz?

A mulher sorriu.

— Serviços físicos para uso particular.

— Ah. — Uma pausa. — Que tipo de serviços físicos?

— Alugo meu corpo.

Foi só isso.

— Ah.

Ele estava chateado demais para continuar a conversa, para pressioná-la a explicar, mas teve uma ideia. Os dois saíram noite adentro. Richard olhou para trás: a placa da estação dizia KNIGHTSBRIDGE. Ele não sabia se sorria ou se chorava. Parecia ser o início da manhã. Olhou para o relógio de pulso e não ficou surpreso ao ver o mostrador digital apagado. Talvez a bateria tivesse se esgotado ou, mais provavelmente, talvez o tempo na Londres de Baixo tivesse apenas uma vaga semelhança com o tipo de tempo com o qual estava acostumado. Não importava. Ele abriu a pulseira do relógio e o jogou na lixeira mais próxima.

As pessoas estranhas atravessavam a rua em um fluxo constante, passando pelas portas duplas que havia adiante.

— É ali? — indagou ele, horrorizado.

A mulher assentiu.

— É.

O prédio era grande, coberto por milhares de luzes. Brasões em plena vista anunciavam orgulhosamente que ali se vendia todo tipo de mercadorias em nome de diversos membros da família real britânica. Richard, que gastara os pés e muitos horas de fins de semana perseguindo Jessica pelas lojas mais proeminentes de Londres, reconheceu o lugar na mesma hora, mesmo sem a enorme placa com o nome.

— Na Harrods?

A mulher assentiu.

— O desta noite, sim — explicou ela. — O próximo Mercado pode acontecer em qualquer lugar.

— Mas, sei lá... na Harrods? — Parecia quase um sacrilégio se enfiar naquele lugar durante a noite.

Entraram por uma porta lateral, em um salão às escuras. Passaram pelo *bureau de change*, pela sessão de embrulhos para presente, por outro salão escuro com óculos de sol e manequins expostos para venda e entraram no Salão Egípcio. Luz e cor jorraram sobre ele como uma onda varrendo a costa. A mulher se virou para Richard: bocejou como um gato, cobrindo o rosado da boca com a mão cor de caramelo. Sorriu.

— Bem, você chegou ao Mercado. São e salvo, ou quase. Tenho negócios a tratar. Até mais.

Ela então se despediu com um breve aceno de cabeça e desapareceu na multidão.

Richard ficou lá parado, sozinho no meio da multidão, assimilando aquilo tudo. Era pura loucura. Disso não havia a menor dúvida. Barulhento, agressivo, insano e, em vários sentidos, maravilhoso. Gente discutindo, pechinchando, gritando, cantando. Os vendedores anunciavam e enalteciam seus produtos, declamando em altos brados a superioridade das mercadorias. Havia música — de diversos tipos, tocadas de diversas maneiras, em diversos instrumentos, a maioria tão improvisada quanto improvável. Richard sentia

cheiro de comida. Todos os tipos de comida: o aroma de curry e temperos era predominante, e, por baixo, o cheiro de carnes e cogumelos grelhados. Havia barracas instaladas por toda a loja, perto e até mesmo em cima de balcões que durante o dia vendiam perfumes, relógios, joias e cachecóis de seda. Todos compravam. Todos vendiam. Richard escutava os gritos do Mercado enquanto vagava pela multidão.

— Sonhos adoráveis, fresquinhos! Pesadelos de primeira linha! Temos tudo! Venha comprar belos pesadelos!

— Armas! Arme-se! Defenda seu porão, sua caverna, seu buraco! Quer mandar ver em alguém? Aqui temos tudo para você! Ei, senhora, venha conferir...

— Tralha! — gritou uma velha gorda, bem no ouvido de Richard, quando ele passou pela barraquinha fedida em que ela atendia. — Inutilidades! Lixo! Sobras! Dejetos! Detritos! Venham! Nada inteiro ou sem arranhões! Bosta, tripas e montes de merda inúteis. Eu sei que você quer!

Um homem de armadura cantava, batucando o ritmo em um pequeno tambor.

— Perdidos. Venham, venham, vejam com seus próprios olhos. Perdidos. Nada desses lixos achados por aí. Tudo devidamente perdido, pode confiar.

Richard vagou pelas vastas galerias da loja como que em transe. Não conseguia sequer estimar quantas pessoas havia ali naquela noite. Mil? Duas mil? Cinco mil?

Uma vendinha exibia pilhas bem altas de garrafas. Garrafas cheias e vazias, de todos os tamanhos e formatos, de garrafas de biritá até uma grande e brilhante que só poderia conter um gênio em cativeiro; outra vendia lamparinas e velas feitas de todo tipo de ceras e sebos; um homem empurrou na direção dele algo que parecia a mão decepada de uma criança segurando uma vela, murmurando: “A Mão da Glória, senhor? Bota qualquer um pra correr. Tiro e queda.” Richard apertou o passo, nem um pouco interessado em saber o que era a Mão da Glória ou como funcionava; passou por uma barraca que vendia joias brilhantes de ouro e prata, depois por uma que vendia joias de materiais que pareciam válvulas e fios de rádios antigos; havia barracas vendendo todo e qualquer tipo de livro ou revista; outras que vendiam roupas: peças velhas, remendadas, transformadas em alguma roupa esquisita; vários tatuadores; um pequeno leilão de escravos, Richard tinha quase certeza de que era isso (passou bem longe dali); uma cadeira de dentista com a broca operada por uma alavanca no chão e uma fila de pobres coitados esperando para terem os dentes arrancados ou obturados por um jovem que parecia estar se divertindo demais com aquilo; um velho encurvado vendendo artigos inusitados que poderiam ser chapéus ou poderiam ser obras de arte moderna; o que parecia muito uma estrutura móvel com vários chuveiros; até mesmo um ferreiro...

A cada três ou quatro tendas, havia alguém vendendo comida. Algumas eram preparadas em fogueira: curries, batatas, castanhas, cogumelos gigantes e pães exóticos. Richard ficou se perguntando como a fumaça das fogueiras não disparava o alarme de incêndio do edifício. Depois, perguntou-se por que ninguém roubava a loja: por que montar as próprias barracas? Por que simplesmente não pegar as coisas que já estavam ali? Àquela altura, sabia que perguntar não seria boa ideia... Parecia marcado como alguém da Londres de Cima e, por isso, alvo de grande suspeita.

Havia um profundo tribalismo naquela gente, refletiu ele. Tentou isolar os grupos distintos: os que pareciam ter fugido de uma encenação da sociedade medieval; os que lembravam hippies; o povo albino, com roupas cinza e óculos escuros; os arrumadinhos e perigosos, de terno e luvas pretas; as mulheres enormes e quase idênticas que andavam em grupos de dois ou três e assentiam quando seus olhares se cruzavam; os de cabelo emaranhado que pareciam morar no esgoto e cheiravam como o capeta; além de centenas de outros estilos e tipos...

Então imaginou como pareceria a Londres normal — a *sua* Londres — aos olhos de um forasteiro, e isso lhe deu forças. Começou a se dirigir àqueles com quem cruzava, perguntando se sabiam onde encontrar um homem chamado De Carabás e uma jovem chamada Door. As pessoas balançavam a cabeça em negativa, pediam desculpa, desviavam o olhar, se afastavam.

Richard recuou e pisou sem querer no pé de alguém. Alguém tinha bem mais de dois metros de altura e era coberto por tufo de pelos ruivos. Alguém tinha dentes pontudos que pareciam afiados como facas. Alguém o ergueu com uma só mão, grande como a cabeça de uma ovelha, e aproximou o rosto dele à boca de alguém, quase fazendo Richard vomitar.

— Mil perdões — disse Richard. — É que... estou procurando uma garota chamada Door. Você sabe se...

Mas alguém o jogou no chão e o largou ali.

Richard sentiu outra vez o cheiro de comida e, apesar de ter dado um jeito de esquecer que estava morrendo de fome desde que recusara uma peça nobre de gato de rua — não sabia dizer quantas horas antes —, se sentiu salivar. Começou a perder o controle de suas faculdades mentais.

A mulher de cabelo esticado que cuidava da barraca de comida mais próxima não alcançava sequer a cintura de Richard. Quando ele tentou falar com a mulher, ela apenas balançou a cabeça e levou o dedo aos lábios. Não podia falar, ou não sabia falar, ou não queria falar. Richard teve que recorrer à mímica para negociar um sanduíche de queijo cottage com alface e um copo de um líquido com cara e cheiro de limonada caseira. Como pagamento, deu uma caneta esferográfica e uma caixa de fósforos que ele nem lembrava que tinha. A mulher minúscula deve ter achado que levou

muita vantagem na negociação, pois acrescentou alguns biscoitinhos de nozes ao lhe entregar a comida.

Richard ficou parado em meio à multidão, ouvindo a música — alguém cantava “Greensleeves” na melodia e ritmo de “Great Balls of Fire”, por algum motivo que ele não conseguiu discernir —, acompanhando a bizarrice do bazar que se desenrolava em volta e comendo o sanduíche.

Enquanto mastigava o último pedaço, reparou que nem tinha sentido o gosto da comida, então resolveu diminuir o ritmo, mastigando os biscoitos com calma. Tomou a limonada em goles pausados, para que durasse mais.

— Precisa de um pássaro, senhor? — perguntou uma voz alegre, bem próxima. — Tenho corvos grandes e pequenos, gralhas e estorninhos. São pássaros ótimos, muito inteligentes. Gostosos e *também* sagazes. Uma maravilha.

— Não, obrigado — respondeu Richard, dando as costas para o sujeito. A placa pintada à mão acima da barraquinha anunciava:

TENDA DO VELHO BAILEY — PÁSSAROS E INFORMAÇÕES

Outras placas, menores, se espalhavam pela barraca: “TUDO QUE VOCÊ QUER SABER!”, “OS ESTORNINHOS MAIS GORDINHOS!” e “GRALHA DAS BOAS É NO VELHO BAILEY!”. Richard se lembrou do homem-sanduíche que encontrara assim que chegara a Londres, que ficava na frente da estação Leicester Square aconselhando ao mundo: “MENOS LUXÚRIA É MENOS PROTEÍNAS, OVOS, CARNES, FEIJÃO, QUEIJO E ÓCIO.”

Pássaros saltitavam e se agitavam em pequenas gaiolas que pareciam feitas com antenas de TV.

— E que tal uma informação? — insistiu o Velho Bailey, entrando no espírito da negociação. — Mapa de telhado? História? Uns segredo, uns mistério? Se eu não tiver sabendo, é porque não vale nada. É o que eu sempre digo. — O homem usava o mesmo casaco de penas, ainda envolto em cordas e cabos. Ele piscou, surpreso, ao olhar para Richard, então pegou um par de óculos preso ao pescoço por um fio. Inspeccionou Richard com cuidado. — Ei, pera aí!... Eu já vi você. Com o marquês De Carabás. No telhado. Lembra? Hein? Sou o Velho Bailey. Não tá lembrado? — Ele estendeu a mão e apertou a de Richard com força.

— Para falar a verdade, estou mesmo procurando o marquês. E uma jovem que atende pelo nome de Door. Devem estar juntos.

O velho fez uma dancinha. Algumas penas caíram do casaco, o que gerou um coro de reprovação dos pássaros ao redor.

— Informação! Informação! — anunciou a todos por ali. — Viram? Eu disse! *Diversifiquem*. Diversifiquem! Ninguém pode passar a eternidade

vendendo gralhas para ensopado... que ainda por cima têm gosto de chinelo cozido. E são idiotas. Burras como portas. Você já comeu gralha?

Richard balançou a cabeça em negativa. Pelo menos disso ele tinha certeza.

— O que vai me dar em troca? — perguntou o velho.

— Como assim? — indagou Richard, pulando sem jeito entre os blocos de consciência no pensamento do velho, que mais pareciam pedaços de gelo boiando em um rio.

— Se eu te der a informação, o que você me dá?

— Eu não tenho dinheiro — comentou Richard. — E acabei de me desfazer da minha caneta.

O sujeito começou a vasculhar os bolsos de Richard.

— Pronto. Isso aqui!

— Meu lenço?

Nem estava assim tão limpo. Ele tinha ganhado de tia Maude, no último aniversário. O Velho Bailey se apossou do pedaço de pano e o sacudi sobre a cabeça, todo feliz.

— Nada tema, meu rapaz — cantarolou, triunfante. — Sua busca chegou ao fim. Vá por ali, pegue aquela porta. Não tem erro. Eles estão testando os candidatos.

O Velho Bailey apontava para a vasta galeria de restaurantes da Harrods. Uma gralha deu um grasnido cruel.

— Não se meta — retrucou o Velho Bailey para o pássaro. Depois, dirigindo-se a Richard: — Agradeço pela bandeirola.

E saiu dançando em volta, deliciado, abanando o lenço de um lado para o outro.

Candidatos?, pensou Richard. Mas então sorriu. Não importava. Como o velhinho do telhado dissera, sua busca chegara ao fim. Seguiu rumo à galeria de restaurantes.

No mercado de trabalho de guarda-costas, o figurino era essencial. Todos tinham algum dom e todos estavam desesperados para exibi-lo. Naquele momento, Ruislip enfrentava Dândi Sem Nome.

Dândi Sem Nome parecia um libertino do início do século XVIII que não encontrou uma calça apropriada e teve que se virar com o que achou no brechó da igreja. Tinha passado pó de arroz até o rosto ficar branco e um batom vermelho na boca. Ruislip, seu oponente, era a figura que apareceria no sonho de alguém que caísse no sono assistindo a uma luta de sumô na TV e ouvindo Bob Marley: um homem gigantesco e com dreads no cabelo que parecia um bebê obeso gigante.

Estavam frente a frente no meio de um círculo de espectadores, outros guarda-costas e alguns curiosos. Nenhum deles mexia um músculo sequer. Dândi era um palmo mais alto que Ruislip, mas Ruislip parecia pesar o equivalente a quatro Dândis, cada um carregando uma grande pasta de couro abarrotada de banha. Eles se encaravam, sem nunca desviar o olhar.

O marquês De Carabás cutucou o ombro de Door e apontou. Algo estava prestes a acontecer.

Num momento, havia dois homens se encarando impassíveis. No momento seguinte, a cabeça de Dândi foi jogada para trás, como se ele tivesse levado um soco na cara. Um pequeno hematoma roxo-avermelhado surgiu em sua bochecha. Ele comprimiu os lábios, e suas pálpebras adejaram. Então abriu os lábios avermelhados em uma imitação macabra de sorriso.

A um gesto de Dândi, Ruislip cambaleou para a frente, curvando-se e levando as mãos à barriga.

Dândi Sem Nome deu um sorriso de escárnio, um tchauzinho e jogou beijos para vários espectadores. Ruislip o encarou com raiva, redobrando a força do ataque mental. A boca do Dândi começou a sangrar. Seu olho esquerdo estava inchando. Ele cambaleou. O público murmurava aprovação.

— Não é tão bom quanto parece — sussurrou o marquês para Door.

De repente, Dândi Sem Nome tropeçou e caiu de joelhos, como se alguém o estivesse empurrando para baixo, e caiu desconjuntado no chão. Seu corpo deu um solavanco, como se levasse um forte chute no alto da barriga. Ruislip parecia triunfante. Os espectadores batiam palmas educadamente. Dândi se contorcia e cuspiu sangue no chão coberto de serragem da área de peixes, carnes e aves da Harrods. Alguns amigos do sujeito o arrastaram até um canto. Dândi estava péssimo.

— Próximo — chamou o marquês.

O aspirante seguinte também era mais magro que Ruislip (tinha mais ou menos o tamanho de dois Dândis e meio, incluindo apenas uma valise cheia de banha). O sujeito era coberto de tatuagens e usava roupas que pareciam feitas de retalhos de estofamento de carros e de tapetes em vinil. Tinha a cabeça raspada e arreganhava os dentes podres em um sorriso de escárnio para o mundo.

— Sou Varney — anunciou.

Antes de entrar no ringue, ele esgarrou e cuspiu uma gosma verde na serragem que forrava o chão.

— Quando estiverem prontos, cavalheiros — disse o marquês.

Ruislip bateu os pés descalços no chão, como um lutador de sumô: um-dois, um-dois, encarando o outro incisivamente. Um pequeno corte se abriu na testa de Varney. O sangue começou a cair em um dos olhos, mas Varney ignorou o ferimento, concentrado no braço direito. Ele ergueu o braço devagar, como se indo contra uma força intensa, e acertou um soco no nariz

de Ruislip. O sangue jorrou. Ruislip inspirou demorada e dolorosamente e desabou no chão. O som da queda foi o de meia tonelada de fígado molhado sendo jogado em uma banheira. Varney deu uma risadinha.

Ruislip se levantou devagar. O sangue que escorria do nariz lhe ensopava a boca e o peito, pingava no chão. Varney limpou o sangue da própria testa e abriu a boca podre para o mundo em um sorriso pavoroso.

— Vamos lá, seu gordo nojento. Me acerta de novo.

— Esse aí é promissor — murmurou o marquês.

Door ergueu a sobancelha.

— Ele não parece muito legal.

— Para um guarda-costas, ser *legal* é tão útil quanto o talento de regurgitar lagostas inteiras. Ele parece *perigoso*.

A plateia irrompeu em um burburinho de aprovação quando Varney deu um golpe muito veloz e doloroso: envolvia o súbito encontro de seu joelho envolto em couro com os testículos de Ruislip. O murmúrio foi contido como os aplausos desanimados de partidas locais de críquete em tediosos porém ensolarados domingos ingleses. O marquês bateu palmas educadamente, junto com os demais.

— Muito bom, senhor.

Varney olhou para Door e deu uma piscadela, como se ela já fosse sua, para então voltar a se concentrar em Ruislip. A garota sentiu um calafrio.

Ao ouvir os aplausos, Richard foi naquela direção.

Cinco mulheres de pele muito clara passaram por ele, todas praticamente com a mesma roupa: vestido longo de veludo, quase pretos de tão escuros — verde-escuro, marrom-escuro, azul-marinho, vermelho-sangue e um todo preto. Elas tinham cabelo preto e usavam joias de prata; estavam com maquiagem e penteado perfeitos. Andavam em silêncio: Richard ouviu apenas o farfalhar do veludo pesado quando elas passaram, um ruído que era quase um suspiro. A última das mulheres, a que estava toda de preto e era a mais bela e a mais pálida do grupo, sorriu para ele. Richard retribuiu o sorriso, temeroso, e seguiu até onde os testes estavam sendo conduzidos.

A arena ficava na área de peixes, carnes e aves, em uma parte aberta abaixo da estátua de peixe. A plateia (duas ou três fileiras de pessoas) estava de costas para ele. Richard se perguntava como encontraria Door e o marquês quando a multidão se afastou, abrindo caminho, e ele viu os dois sentados no tampo de vidro da bancada de salmão defumado. Ele abriu a boca para chamar Door, e nesse momento entendeu por que o grupo de gente tinha se dividido: um homem enorme, com o cabelo cheio de dreads, nu exceto por um pano amarelo, verde e vermelho enrolado na virilha

como uma fralda, vinha voando, como se arremessado por um gigante, e aterrissou bem em cima dele.

— Richard?

Ele abriu os olhos. O rosto entrava e saía de foco. Feições élficas, pele clara e olhos cor de opala nobre encarando os seus.

— Door? — respondeu ele.

A garota parecia furiosa; furiosa era pouco, na verdade.

— Pelo Templo e pelo Arco, Richard. Não acredito nisso. O que você está fazendo aqui?

— É bom ver você também — disse ele, sem forças.

Ele se sentou e temeu ter sofrido uma concussão. Ficou se perguntando como conseguiria identificar, caso tivesse, e também por que algum dia tinha imaginado que Door ficaria feliz em vê-lo. Ela analisava as unhas com muita atenção, respirando fundo; parecia estar tentando se conter.

Lá estava o homenzarrão de dentes podres que derrubara Richard na entrada da ponte, lutando com um anão, ambos usando pé de cabra. A luta não seguia tão desequilibrada quanto seria de se imaginar. O anão tinha uma velocidade sobrenatural: rolava, atacava, quicava, desviava, tudo tão depressa que fazia Varney parecer pesadão e desajeitado.

Richard se virou para o marquês, que acompanhava atentamente a luta.

— O que está acontecendo?

O marquês olhou de relance para ele, mas logo voltou a acompanhar a ação que se desenrolava à sua frente.

— *Você* está perdido, na mais profunda merda e, imagino, a poucas horas de uma morte prematura e dolorosa. Nós, enquanto isso, estamos selecionando guarda-costas.

Varney acertou o pé de cabra no anão, que na mesma hora parou de pular e correr para ficar caído e imóvel.

— Acho que já vimos o bastante — anunciou o marquês, em voz alta.

— Obrigado a todos. Senhor Varney, pode esperar um instante?

— Por que você inventou de vir aqui? — indagou Door, com frieza glacial.

— Não tive muita escolha.

A garota suspirou. O marquês andava pela área dispensando os guarda-costas que já haviam sido testados, distribuindo um elogio aqui, um conselho ali. Varney esperava pacientemente, um pouco afastado. Richard tentou um sorriso para Door. Foi ignorado.

— Como encontrou o Mercado?

— Eu conheci um povo dos ratos... — começou Richard.

— Os arautos dos ratos — corrigiu ela.

— Isso. E sabe aquele rato que trouxe a mensagem do marquês...?

— O mestre Caudalonga.

— Esse mesmo. Ele mandou me trazerem até aqui.

Door ergueu a sobancelha e inclinou a cabeça de lado.

— Um arauto trouxe você?

Richard assentiu.

— Durante a maior parte do caminho. Chamava-se Anaesthesia. Ela... Bem, aconteceu alguma coisa com ela. Na Ponte. Outra mulher me acompanhou pelo restante do caminho. Acho que ela era... sabe... — Ele hesitou. — Prostituta.

O marquês estava de volta. Parou em frente a Varney, que exibia uma autossatisfação quase obscena.

— Armas de especialização? — perguntou o marquês.

— Rá! É assim: se serve para rasgar carne, para arrancar cabeças, para quebrar osso ou para abrir um rombo no peito do sujeito, Varney é especialista.

— Ex-empregadores que recomendem seus serviços...?

— Olympia, a rainha dos pastores, e o pessoal do Crouch End. Fui segurança também da Feira de Maio.

— Bem, ficamos muito impressionados com suas habilidades.

— Ouvi dizer — começou uma voz feminina — que vocês precisavam de um guarda-costas. Não sabia que estavam atrás de amadores entusiastas.

A mulher tinha pele da cor de caramelo e um sorriso capaz de encerrar uma revolução. Usava roupas de couro malhado em tons de marrom e cinza. Richard a reconheceu de imediato.

— É ela — sussurrou para Door. — A prostituta.

— Varney — disse Varney, afrontado — é o melhor guarda e matador do Submundo. Todo mundo sabe disso.

— Já encerraram os testes? — perguntou a mulher ao marquês.

— Já — respondeu Varney.

— Não necessariamente — respondeu o marquês.

— Então eu gostaria de me candidatar.

— Muito bem — respondeu o marquês, após uma fração de segundo.

Então deu um passo para trás, subiu no balcão de salmão defumado e se sentou confortavelmente para assistir.

Varney era inegavelmente perigoso, sem contar ameaçador, sádico e ativamente prejudicial à saúde física daqueles à sua volta. Não era, no entanto, muito veloz em termos de compreensão. Ele ficou encarando o marquês enquanto a ficha caía, e caía, e caía ainda mais. Finalmente, perguntou, cheio de descrença:

— Vou ter que lutar com *ela*?

— Sim — respondeu a mulher de couro. — Ou quer descansar um pouco antes?

Varney começou a rir: uma risada de louco. Mas logo parou, porque a mulher lhe acertou um chute forte e certo no plexo solar e ele tombou como uma árvore.

O pé de cabra que ele usara contra o anão se encontrava no chão, ao alcance de sua mão. Varney o pegou e o bateu no rosto da mulher — ou melhor, teria batido se ela não tivesse desviado. Ela reagiu rápido, golpeando com força os ouvidos dele com as mãos espalmadas. O pé de cabra saiu voando. Ainda se recuperando da dor, Varney sacou da bota uma faca. O que aconteceu depois, ele não saberia dizer muito bem, só sabia que o mundo tinha sido arrancado de sob seus pés e que ele fora lançado de cara no chão, o sangue escorrendo dos ouvidos e sua própria faca contra a garganta.

— Basta! — anunciou o marquês De Carabás.

A mulher ergueu o olhar, mantendo a faca no pescoço de Varney.

— E então?

— Muito impressionante — anunciou o marquês. Door assentiu.

Richard estava embasbacado: a performance tinha sido uma mistura de Emma Peel, Bruce Lee e um tornado maligno, salpicado com uma dose generosa de um trecho de um documentário que ele tinha visto sobre vida animal em que um mangusto trucidava uma cobra-real. Era assim que a mulher se movia. Era assim que lutava.

Richard em geral ficava nervoso quando confrontado com demonstrações reais de violência, mas descobriu que ver aquela mulher em ação era empolgante, como se ela revelasse a existência de uma parte desconhecida dele próprio. Parecia fazer muito sentido, naquele espelho surreal da Londres que ele conhecia, que aquela mulher existisse e lutasse tão ameaçadoramente e tão bem.

A mulher era da Londres de Baixo. Ele enfim entendia. E, ao pensar nisso, pensou também na Londres de Cima, um mundo onde ninguém lutava daquele jeito — ninguém precisava lutar daquele jeito —, um mundo de segurança e sanidade. Por um momento, a saudade de casa o tomou como uma febre.

A mulher baixou o olhar para Varney.

— Obrigada, mas infelizmente não precisaremos de seus serviços — disse ela educadamente, para então sair de cima de Varney e guardar no cinto a faca dele.

— E seu nome é...? — indagou o marquês.

— Me chamam de Hunter — respondeu a mulher.

Ninguém falou nada. Então Door perguntou, hesitante:

— *Aquela* Hunter?

— Isso mesmo — respondeu Hunter, limpando a calça justa de couro, que estava cheia de forragem. — Estou de volta.

Um sino soou em algum lugar, duas vezes, um badalar profundo que fez os dentes de Richard vibrarem.

— Cinco minutos — murmurou o marquês. Então se virou para os espectadores restantes: — Creio que já escolhemos nossa guarda-costas. Muito obrigado a todos. Encerramos por aqui.

Hunter foi até Door e a olhou de cima a baixo.

— Você consegue impedir que me matem? — perguntou a garota.

— Salvei a vida *dele* três vezes só hoje — respondeu a mulher, apontando com a cabeça para Richard. — Na travessia da Ponte.

Varney, que se levantara a muito custo, pegou o pé de cabra com a mente. O marquês percebeu; nada comentou.

A sombra de um sorriso pairava nos lábios de Door.

— Que engraçado, Richard achou que você fosse...

No entanto, Hunter não chegou a descobrir o que Richard tinha achado, pois naquele momento o pé de cabra foi voando na direção de sua cabeça. Ela simplesmente ergueu o braço e o pegou: o objeto encaixou-se na palma de sua mão com um ruído satisfatório.

Hunter foi até Varney.

— Isto é seu? — perguntou ela.

O grandalhão arreganhou os dentes amarelos, pretos e marrons.

— No momento, estamos sob a Trégua, mas se você tentar algo do tipo outra vez, vou arrancar seus dois braços e fazer você carregá-los para casa nos dentes.... — Ela torceu o pulso de Varney para trás. — Agora... peça desculpas, como um bom garoto.

— Ugh! — protestou Varney.

— Como é? — encorajou Hunter.

O grandalhão cuspiu as palavras como se estivessem presas na garganta, sufocando-o:

— Desculpa.

Ela o soltou. Varney recuou até uma distância segura, claramente assustado e furioso, sem tirar os olhos de Hunter. Quando chegou à porta, parou e gritou, hesitante, a voz denunciando que estava à beira das lágrimas:

— Você já era. Já era, ouviu? — E saiu correndo.

— Amadores — comentou Hunter, com um suspiro.

Estavam voltando pelo mesmo caminho por que Richard viera. O sino agora ressoava grave e continuamente. Quando chegaram perto da origem do som, Richard viu que se tratava de um sino de latão gigante suspenso por uma estrutura de madeira, com uma corda pendendo do badalo. Quem tocava era um grande homem negro, vestido com uma batina preta de

monge dominicano. Aquilo estava ao lado do estande gourmet de balinhas de goma.

Embora o Mercado em si tivesse parecido impressionante a Richard, mais impressionante ainda era a velocidade com que o desativavam, o desmanchavam e o empacotavam. Os sinais de sua existência começavam a desaparecer: barracas eram desmontadas, levadas nas costas, carregadas pelas ruas. Richard avistou o Velho Bailey saindo, os braços cheios de suas placas rudimentares e suas gaiolas de pássaros. Ele acenou alegremente para Richard e sumiu na noite.

A multidão se dispersou, o Mercado desapareceu e o chão da Harrods voltou ao normal, tão sóbrio, elegante e limpo como em toda tarde de sábado que Richard passara ali, atrás de Jessica. Era como se o Mercado nunca tivesse existido.

— Hunter. Eu ouvi falar de você, é claro — disse o marquês. — Por onde andou esse tempo todo?

— Por aí — respondeu a mulher, sem mais explicações. E, dirigindo-se a Door: — Você sabe seguir ordens?

— Se for preciso, sim.

— Ótimo. Então *talvez* eu consiga manter você viva — disse ela. — Se eu aceitar o trabalho.

O marquês parou e olhou para ela, incrédulo.

— Você disse *se* aceitar o trabalho...?

Hunter abriu a porta, e eles saíram para a noite das ruas de Londres. Tinha chovido enquanto estavam no Mercado, de forma que a luz dos postes cintilava no asfalto molhado.

— Já aceitei — retrucou Hunter.

Richard observava a rua brilhante. Parecia tudo tão normal, tão calmo, tão equilibrado... Por um momento, teve a sensação de que, para retomar o controle da própria vida, bastaria chamar um táxi e pedir que o levasse para casa. E dormiria a noite toda em sua cama. Mas nenhum táxi o veria nem pararia para ele, e, mesmo que algum parasse, Richard não tinha para onde ir.

— Estou cansado — comentou ele.

Ninguém disse nada. Door evitava seu olhar, o marquês o ignorava sem a menor cerimônia e Hunter o tratava como uma irrelevância. Ele se sentia uma criancinha indesejada, seguindo as crianças maiores para todo lado. Aquilo o irritou.

— Olha só — começou, limpando a garganta —, não quero ser um incômodo, sei que vocês são pessoas muito ocupadas, mas e eu?

O marquês se virou para ele e o encarou, os olhos brancos arregalados contrastando com o rosto negro.

— Você? — perguntou. — O que tem você?

— Ora, como eu volto ao normal? É como se eu tivesse entrado em um pesadelo. Semana passada tudo fazia sentido, e agora nada faz sentido... — Não conseguiu concluir. Engoliu em seco. — Quero saber como faço para ter minha vida de volta.

— Você não vai conseguir isso se vier com a gente, Richard — respondeu Door. — Sozinho já vai ser bem difícil, aliás. Eu... eu sinto muito, de verdade.

À frente do grupo, Hunter se ajoelhou no asfalto, pegou um pequeno bastão de metal do cinto para destravar a tampa do bueiro e a retirou. Depois de observar lá dentro, desceu pelo buraco e chamou Door, que a seguiu sem olhar de novo para Richard. O marquês coçou o nariz.

— Meu jovem, entenda uma coisa: existem duas Londres. A Londres de Cima, onde você vivia, e a Londres de Baixo, o Submundo, onde habitam as pessoas que caem pelas brechas do mundo. Agora você é uma delas. Tenha uma boa noite.

E De Carabás também começou a descer pela escada do bueiro.

— Ei! Esperem! — pediu Richard, pegando a tampa do bueiro antes que o fechassem.

Ele desceu atrás do marquês. No início da escada, o cheiro era de ralo sujo: um misto de morte, sabão e repolho podre. Richard esperava que o cheiro piorasse, mas não, pelo contrário: o odor foi se dissipando rapidamente conforme ele descia. Uma água cinzenta corria pelo piso do túnel de tijolos, rasa porém veloz. Richard pisou naquilo. Avistando à frente as luzes do grupo, saiu correndo pelo túnel, espirrando água até alcançá-los.

— Vá embora — ordenou o marquês.

— Não — retrucou ele.

Door o olhou de relance.

— Eu lamento muito, de verdade.

O marquês se colocou entre ela e Richard.

— Não tem como você voltar para sua antiga casa, seu antigo trabalho ou sua antiga vida — explicou ele a Richard, em um tom quase gentil. — Nada disso existe mais. Lá em cima, *você* não existe.

Tinham chegado a um entroncamento: um ponto em que três túneis se encontravam. Door e Hunter seguiram por um deles, o que não tinha água, sem olhar para trás. O marquês ficou para trás alguns momentos.

— Você vai ter que se virar como puder aqui embaixo, com os esgotos e a magia e o escuro — continuou, e abriu um enorme sorriso branco, um sorriso de uma falsidade reluzente, monumental. — Bem... mais uma vez, foi um prazer. Desejo-lhe sorte. — E completou, em tom de confidência: — Se você conseguir sobreviver aos próximos dois dias, talvez até dure um mês inteiro.

Com isso, deu meia-volta e saiu andando atrás de Door e Hunter.

Richard apoiou o corpo no muro. Ficou ali ouvindo os passos dos três ecoando para longe, o fluxo da água correndo para as estações de bombeamento do Leste de Londres, o sistema de escoamento de esgoto em ação.

— Merda.

Então, para a própria surpresa, Richard Mayhew, sozinho no escuro, começou a chorar pela primeira vez desde a morte do pai.

A estação de metrô estava muito vazia e muito escura. Varney se mantinha próximo das paredes enquanto avançava, lançando olhares de esguelha para trás, para a frente e para um lado e o outro. Tinha escolhido uma estação qualquer e chegara ali de telhado em telhado, oculto nas sombras, sempre conferindo se não estava sendo seguido. Não podia voltar para seu covil nos túneis profundos de Camden Town. Arriscado demais. Varney tinha comida e armas escondidas em outros lugares. Ficaria escondido por um tempo, até a poeira baixar.

Parou perto da bilheteria e prestou atenção aos sons, na escuridão: silêncio absoluto. Lembrou a si mesmo que estava sozinho e se permitiu relaxar um pouco. Parou no alto da escada em espiral e respirou fundo.

Uma voz ao seu lado, engordurada como óleo velho, comentou casualmente:

— Varney é o melhor guarda e matador do Submundo. Todo mundo sabe. O próprio senhor Varney nos disse isso.

Uma voz monótona respondeu, do outro lado:

— Não é legal contar mentiras, senhor Croup.

Na mais completa escuridão, o sr. Croup se empolgou com a discussão.

— Não mesmo, senhor Vandemar. Devo dizer que considero essa mentira uma traição pessoal e que me sinto profundamente magoado. E desapontado. Quando o indivíduo não dispõe de outras qualidades como compensação, é difícil ser leniente com as decepções, não é mesmo, senhor Vandemar?

— Muito difícil, senhor Croup.

Varney saiu em disparada, no escuro, sem nem pensar duas vezes, descendo a escada em espiral. Do alto veio a voz do sr. Croup:

— Devemos considerar que seria uma morte por misericórdia.

Os pés de Varney faziam o metal dos degraus ressoar pela escada, ecoando por toda a descida. Ele bufava, ele ofegava, os ombros raspando nas paredes; cambaleava às cegas escuridão abaixo. Enfim alcançou o início da escada, onde uma placa alertava os usuários do metrô de que eram duzentos e cinquenta e nove degraus no total e que apenas pessoas em boas condições

de saúde deveriam sequer considerar a façanha de subir por ali. Todos os demais, sugeria a placa, deveriam tomar o elevador.

Elevador?

OuvIU-se um baque metálico, e as portas do elevador se abriram, magnificamente devagar, inundando de luz o corredor. Varney procurou a faca, todo atrapalhado, e soltou um palavrão ao lembrar que a maldita Hunter não a devolvera. Levou o braço à bainha do ombro para puxar o facão, mas não a encontrou.

Um pigarro educado soou às costas dele. Varney se virou.

O sr. Vandemar estava sentado nos degraus, ao pé da escada em espiral. Limpava as unhas com o facão de Varney.

Foi quando o sr. Croup se lançou sobre ele, atacando com dentes, garras e pequenas lâminas. Varney sequer teve a chance de gritar.

— Tchau — disse o sr. Vandemar, impassível, e continuou limpando as unhas.

O sangue começou a escorrer. Vermelho e encharcado, aos borbotões, pois Varney era um homem bem grande e havia muito tempo que guardava aquilo tudo dentro de si. Entretanto, depois que o sr. Croup e o sr. Vandemar terminaram, dificilmente alguém notaria a mais discreta mancha no assoalho ao pé da escada em espiral.

Da próxima vez que o piso fosse lavado, os últimos resquícios desapareceriam para sempre.

Hunter liderava o caminho. Door ia no meio. O marquês De Carabás assumia a retaguarda. Nenhum dos três dissera uma única palavra desde que deixaram Richard para trás, meia hora antes.

Door parou de repente.

— Não podemos fazer isso — declarou. — Não podemos deixá-lo.

— Mas é claro que podemos — retrucou o marquês. — Foi o que fizemos.

Door se sentia culpada e burra desde que vira Richard caído debaixo de Ruislip, na Harrods. Estava farta.

— Não seja tola — interveio o marquês.

— Ele salvou minha vida — retrucou ela. — Poderia ter me deixado naquela calçada, mas não deixou.

Era culpa dela. Sabia disso. Tinha aberto uma porta até alguém que pudesse ajudá-la, e assim ele fizera. Richard a levava para um lugar aquecido, cuidara dela, buscara ajuda. O ato o havia feito despencar para o outro mundo.

Só de considerar levá-lo com eles já era tolice. Não podiam, pois mal conseguiriam cuidar de si mesmos durante a jornada que os aguardava.

Ponderou, por alguns instantes, se tinha sido simplesmente a porta que abrira, possibilitando que ele a notasse, ou se havia algo mais naquela história.

O marquês ergueu a sobrancelha: era uma criatura distante, reservada, feita de pura ironia.

— Minha querida e jovem dama, esta expedição não comportará convidados.

— Não me trate como criança, De Carabás — retrucou Door, transmitindo cansaço na voz. — Acho que eu posso decidir quem vem com a gente. Você trabalha *para mim*, não é mesmo? Ou é o contrário?

O pesar e a exaustão lhe tinham drenado a paciência. Ela precisava do marquês, não podia se dar ao luxo de tratá-lo mal, mas chegara ao seu limite.

De Carabás a encarou com uma raiva fria.

— Ele *não vem* com a gente — declarou. — Mesmo porque já deve estar morto a essa altura.

Richard não estava morto. Estava no escuro, sentado na boca de um cano de escoamento, pensando o que fazer, imaginando quanto faltava para chegar realmente ao fundo do poço. Até aquele momento, refletia, a vida o tinha preparado para um trabalho na área financeira, para compras em supermercados, para jogos de futebol na TV nos fins de semana, para o botão do aquecedor caso sentisse frio. A vida falhara esplendidamente em prepará-lo para ser uma não-pessoa nos telhados e esgotos de Londres, para dias de frio, umidade e escuridão.

Uma luz brilhou. Passos se aproximaram. Se fosse um bando de assassinos, canibais ou monstros, nem se daria ao trabalho de resistir, decidiu. Que acabassem com ele logo; já tinha jogado a toalha. Olhou para baixo, para a escuridão onde deviam estar seus pés. Os passos se aproximavam.

— Richard?

Era a voz de Door. Ele se levantou de um pulo. Depois, ignorou-a deliberadamente. *Se não fosse por você*, pensou...

— Richard?

Ele não ergueu o olhar.

— Que foi?

— Olha, foi por minha culpa que você só se meteu nessa confusão — começou ela. *Pode apostar*, pensou Richard. — E eu sei que não vai estar protegido ao nosso lado, mas... bem... — Ela hesitou. Respirou fundo. — Eu sinto muito. De verdade. Venha comigo.

Só então Richard olhou para ela: uma garotinha de rosto delicado e pálido, em formato de coração, com grandes olhos cor de opala que o

encaravam com urgência. *É*, disse a si mesmo, *acho que não estou totalmente pronto para desistir de viver.*

— Bem, eu não tenho nenhum compromisso mesmo, então por que não? — respondeu, com uma falta de interesse muito calculada que beirava a histeria.

A expressão de Door mudou. Ela avançou e o abraçou bem forte.

— E vamos tentar levar você de volta para casa. Prometo. Assim que encontrarmos o que estou procurando.

Richard se perguntou se aquela vontade era sincera e, pela primeira vez, suspeitou de que a promessa fosse impossível de ser cumprida. Mas afastou esse pensamento. Os dois seguiram juntos. Lá na frente, no fim do túnel, Richard viu Hunter e o marquês esperando por eles. O marquês tinha uma cara de quem havia sido forçado a engolir um limão inteiro.

— Aliás, *o que* você está procurando? — perguntou Richard, um pouquinho mais animado.

Door respirou fundo.

— É uma longa história — respondeu, em tom solene, depois de uma longa pausa. No momento, estamos procurando um anjo chamado Islington.

Foi quando Richard desatou a rir; não deu para segurar. Em parte era histeria, claro, mas era também consequência da exaustão de alguém que, de algum jeito, conseguira acreditar em dezenas de absurdos nas últimas vinte e quatro horas, sem sequer ter tomado um café da manhã decente. A risada dele ecoou pelos túneis.

— Um anjo? — repetiu, rindo sem parar. — Chamado Islington?

— Temos um longo caminho pela frente — completou Door.

Richard balançou a cabeça, sentindo-se esgotado, vazio, escalpelado.

— Um anjo — sussurrou, histérico, para os túneis e a escuridão. — Um anjo.

Havia velas por todo o salão: velas junto às pilastras de ferro que sustentavam o teto, velas dispostas perto da cascata que descia de um dos paredões até uma pequena piscina de pedras, velas amontoadas nos cantos do paredão de rocha, velas aos montes pelo chão, velas instaladas em castiçais perto da porta gigantesca que ficava entre duas pilastras de ferro negro. A porta era de sílex negro polido, com uma base de prata quase preta de tão escurecida pelo passar dos anos. As velas não estavam acesas; mas, à medida que uma figura alta passava, as chamas ganhavam vida. Não foram tocadas por mão alguma; o pavio não se aproximou de nenhum fogo.

As vestes longas da figura eram simples e brancas, talvez mais que brancas. Uma cor, ou uma ausência de todas as cores, tão brilhante que

espantava. Os pés estavam descalços no piso de rocha fria do salão. O rosto era pálido e sábio, além de gentil; e, talvez, um pouco solitário.

Era muito belo.

Em pouco tempo, todas as velas do salão ardiam. A figura parou perto da piscina de rochas; ajoelhou-se ao lado, uniu as mãos em concha, baixou-as até mergulhá-las na água cristalina, ergueu-as e bebeu. A água era gelada, mas muito pura. Quando terminou de beber, fechou os olhos por um momento, como se em oração. Então se levantou e se afastou, cruzando o salão de volta por onde viera; e as velas se apagaram à sua passagem, como acontecia havia dezenas de milhares de anos. A figura não tinha asas, mas era, sem sombra de dúvida, um anjo.

Islington deixou o salão; a última das velas se apagou, e a escuridão retornou.

SEIS

RICHARD ESCREVEU EM seu diário mental:

Querido diário,

Na última sexta-feira, eu tinha um emprego, uma noiva, uma casa e uma vida que fazia sentido (ou pelo menos tanto quanto é possível uma vida fazer sentido) até que encontrei uma garota ferida e sangrando na calçada e tentei dar uma de bom samaritano. Agora não tenho noiva, nem casa, nem emprego e estou perambulando por um lugar centenas de metros abaixo das ruas de Londres, com uma expectativa de vida equivalente à de uma libélula suicida.

— Por aqui — anunciou o marquês, indicando o caminho com um volteio elegante da mão, o punho de renda imundo do casaco esvoaçando.

— Mas esses túneis são todos iguais — afirmou Richard, deixando de lado o diário mental. — Como vocês sabem qual é qual?

— Não sabemos — respondeu o marquês, infeliz. — Estamos completamente perdidos. Nunca mais seremos vistos. Em poucos dias começaremos a matar uns aos outros para termos o que comer.

— Sêrio?

Mas, em uma fração de segundo, Richard entendeu que era deboche e odiou a si mesmo por ter acreditado.

— Não.

Pela expressão do marquês, via-se que ele achava tão fácil enganar aquele pobre coitado que nem tinha graça. Richard, no entanto, notou que ligava cada vez menos para o que pensavam dele. Exceto, talvez, por Door.

Continuou a escrever em seu diário mental. *Esta outra Londres tem centenas de habitantes. Milhares, talvez. Gente que nasceu aqui e gente que caiu das margens do mundo de cima. Estou vagando junto com uma garota chamada Door, a guarda-costas e o grão-vizir psicótico dela. Passamos a noite em um túnel pequeno que Door disse ter sido um trecho do esgoto construído nos tempos da Regência. A guarda-costas estava acordada quando peguei no sono e estava acordada quando me acordaram. Acho que ela não dorme nunca. Nosso café da manhã foi bolo inglês: o marquês tinha um bom pedaço no bolso. Por que alguém andaria por aí com um naco de bolo? Meus sapatos quase secaram totalmente enquanto eu dormia.*

Quero ir para casa. Mentalmente, ele sublinhou a última frase três vezes, reescreveu-a com letras vermelhas garrafais e a circulou. Por fim, colocou

vários pontos de exclamação ao lado, até o limite da margem do papel mental.

Pelo menos o túnel que percorriam naquele momento estava seco. Era um túnel high-tech: canos prateados e paredes brancas. O marquês e Door iam na frente, lado a lado. Richard geralmente ficava alguns passos atrás dos dois. Hunter cada hora estava em um lugar diferente: às vezes, atrás de todos; às vezes, à esquerda ou à direita, muitas vezes na dianteira, fundindo-se às sombras. Ela se movimentava sem ruído algum, o que Richard considerava desconcertante.

Um feixe de luz surgiu à frente.

— Chegamos — anunciou o marquês. — Estação Bank. Um bom lugar para começar a procurar.

— Vocês são doidos — comentou Richard. Não tinha intenção de ser ouvido, mas até uma *sotto voce* ganhava corpo e ecoava ali na escuridão.

— Ah, somos? — indagou o marquês.

O chão começou a tremer: um trem do metrô passava em algum lugar próximo.

— Richard, por favor — pediu Door.

Mas as palavras simplesmente saíam:

— Bem, vocês dois estão sendo bobos. Anjos não existem.

— Ah. Sim — concordou o marquês, assentindo. — Agora estou compreendendo. Anjos não existem. Assim como não existe Londres de Baixo, nem arautos dos ratos, nem pastores em Shepherd's Bush.

— E *não existem* pastores em Shepherd's Bush. Eu conheço a área. São só casas, lojas, ruas e a BBC. Só isso — afirmou Richard, em tom categórico.

— Existem, sim — interveio Hunter, oculta na escuridão, embora sua voz soasse bem ao ouvido de Richard. — E reze para nunca encontrá-los. — Ela disse aquilo com extrema seriedade.

— Bem, mesmo assim, não acredito que tenha um bando de anjos zanzando aqui por baixo.

— De fato — confirmou o marquês. — É só um anjo. — Haviam chegado ao fim do túnel. Uma porta fechada se erguia diante deles. O marquês se pôs de lado para Door avançar. — Senhorita?

Ela pousou a mão na madeira da porta, que, um instante depois, se abriu sem ruído.

— Talvez a gente esteja pensando em coisas diferentes — disse Richard, insistindo no assunto. — Os anjos que eu tenho em mente são aqueles com asas, auréola e trombeta, aquela coisa toda de “paz na terra e aos homens de boa vontade”.

— É isso aí — respondeu Door. — Exato. Anjos.

Passaram pela porta. Richard fechou os olhos involuntariamente ao receber no rosto o repentino jorro de luz: era como uma enxaqueca ao lhe atingir a cabeça. Quando sua vista se ajustou à claridade, ele descobriu,

surpreso, que sabia onde estava: no longo túnel da passagem para pedestres que ligava as estações de metrô Monument e Bank. Passageiros circulavam por ali, mas nenhum deu a menor atenção aos quatro. O lamento jovial de um saxofone ecoava pela extensão do túnel: alguém tocando, com certa competência, “I’ll Never Fall In Love”, de Burt Bacharach e Hal David. Richard conteve o impulso de começar a cantarolar junto. Eles seguiram na direção da estação Bank.

— Quem é mesmo esse anjo que estamos procurando? — perguntou Richard, sem muita inocência. — Gabriel? Rafael? Miguel?

Estavam passando diante de um mapa da rede do metrô. O marquês bateu o dedo comprido e escuro no ponto da estação Angel: Islington.

Richard já tinha passado centenas de vezes pela estação Angel. Ficava no badalado distrito de Islington, cheio de lojas de antiguidades e bistrôs. Sabia muito pouco sobre anjos, mas tinha quase certeza de que a estação de Islington fora batizada em homenagem a algum pub ou ponto de referência. Ele mudou de assunto:

— Sabe, quando tentei embarcar no metrô alguns dias atrás, não consegui.

— Você tem que mostrar quem manda, é só isso — explicou Hunter, baixinho, atrás dele.

Door mordeu o lábio inferior.

— O trem que estamos procurando vai nos deixar entrar — disse. — Se conseguirmos encontrá-lo.

As palavras dela quase foram abafadas por uma música que vinha de algum lugar ali perto. Desceram alguns degraus e tomaram outro corredor.

Estendido no chão, diante do saxofonista, estava o casaco dele, já com algumas moedas. Parecia que o próprio homem as tinha colocado ali, para fingir que todo mundo estava contribuindo, mas ninguém tinha caído na dele.

Era um homem extremamente alto, com cabelo escuro que ia até os ombros, uma barba escura, longa e dividida emoldurando os olhos profundos e o nariz de tamanho considerável. Usava uma camiseta esfarrapada e uma calça jeans com manchas de óleo. Quando o grupo se aproximou, ele parou de tocar, limpou a saliva do bocal, recolocou a peça e entoou as primeiras notas de uma velha canção de Julie London, “Cry me a River”.

Now, you say you’re sorry...

Richard notou, com certa surpresa, que o sujeito conseguia vê-los — e que fazia o possível para fingir que não. O marquês parou na frente do músico. O lamento do saxofone foi se perdendo, virando um guincho nervoso. De Carabás abriu um breve e frio sorriso.

— Seu nome é Lear, certo?

O homem assentiu, tenso. Ele acariciava as teclas do saxofone.

— Estamos procurando Earl's Court: a Corte do Conde — continuou o marquês. — Por acaso o senhor teria em sua posse algo como uma grade de horários dos trens?

Richard estava começando a entender. Supôs que a Earl's Court em questão não fosse a estação de metrô — onde inúmeras vezes havia esperado o trem, lendo o jornal ou apenas perdido em devaneios. O homem chamado Lear umedeceu os lábios com a ponta da língua.

— Não é impossível. O que eu ganharia com isso, se tivesse?

O marquês enfiou as mãos bem fundo nos bolsos do casaco. E sorriu; sorriu como um gato recém-encarregado de tomar conta de uma casa cheia de canários agitados porém roliços.

— Dizem... — começou, em um tom desinteressado, como se estivesse apenas matando o tempo. — Dizem que Blaise, o mestre de Merlin, certa vez compôs uma canção tão encantadora que as moedas saíam como mágica dos bolsos de quem a ouvia.

Lear estreitou os olhos.

— Valeria muito mais que uma grade de horários. Se você realmente tivesse isso.

O marquês fez uma encenação perfeita de alguém que acabasse de perceber que *Ora veja, é bem verdade*.

— Bem, nesse caso, creio que você ficaria me devendo, não?

Lear assentiu, relutante, e mexeu no bolso traseiro da calça, de onde retirou um pedaço de papel dobrado várias vezes. Ele estendeu o mapa, mas, quando o marquês tentou pegar, afastou a mão.

— Primeiro quero ouvir a tal canção, seu velho charlatão. E é melhor que funcione.

O marquês ergueu a sobrancelha. Enfiou a mão em um dos bolsos internos do casaco; quando a puxou de volta, segurava uma flauta irlandesa e uma pequena bola de cristal. Ele olhou para a bola, fez um “hmm” que significava “ah, então foi aí que você se meteu” e a guardou. Então estalou os dedos, levou a flauta aos lábios e começou a tocar uma música estranha porém animada, com um ritmo saltitante, volteante e cantante. Richard se sentiu com treze anos outra vez, quando escutava o Top Vinte no radinho de pilha do melhor amigo durante o horário de almoço da escola, tempos em que a música pop era tão importante quanto só a juventude lhe permite ser: a canção do marquês era tudo que ele sempre quisera ouvir...

Um punhado de moedas pousou no casaco de Lear, jogadas por transeuntes que iam embora com um sorriso no rosto e um bamboleio no caminhar. O marquês baixou a flauta.

— Agora estou lhe devendo, seu pilantra — resmungou Lear.

— Sim. Está. — O marquês pegou o papel que Lear lhe passou. Leu e assentiu. — Mas deixo aqui um alerta: use com parcimônia. Devagar se vai ao longe.

Com isso, os quatro se afastaram, seguindo pelo longo corredor cujas paredes eram cobertas de pôsteres anunciando filmes e roupas íntimas e, vez ou outra, de avisos com visual austero alertando aos músicos que não podiam tocar na estação; tudo isso ouvindo ainda o saxofone e o ruído das moedas caindo no casaco.

O marquês os levou até a plataforma da linha Central. Richard foi até a beirada e olhou para baixo. Imaginou, como sempre, qual seria o trilho energizado, e concluiu por si próprio, como sempre, que era o mais distante da plataforma, com grandes isoladores de porcelana mantendo-o afastado do chão; e se pegou sorrindo, involuntariamente, ao notar um ratinho cinza-escuro com coragem suficiente para enfrentar os trilhos, poucos metros abaixo, em uma jornada ratinheira em busca de restos de sanduíches e biscoitos caídos.

Uma voz masculina soou pelos alto-falantes, formal e etérea, alertando: “Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma”, com a intenção de impedir passageiros desatentos de cair ali. Richard, como a maioria dos londrinos, já quase não escutava mais aquilo: era como ruído branco, mas, de repente, sentiu a mão de Hunter em seu braço.

— Cuidado com o vão — avisou ela, muito séria. — Fique ali atrás. Perto da parede.

— O quê?

— Eu *disse* para tomar cuidado com...

Foi quando, de repente, apareceu aquela coisa subindo pela plataforma. Era fantasmagórico, transparente, feito da matéria dos sonhos e da cor de fumaça negra, e fluía como seda debaixo d’água e se movia assustadoramente rápido, embora, ao mesmo tempo, parecesse flutuar em câmera lenta. A coisa agarrou firme o tornozelo de Richard. Picou a pele, mesmo por cima da calça jeans. E o puxou para a beirada da plataforma, fazendo-o cambalear.

Richard viu, como se de longe, que Hunter tinha sacado a lança e golpeava o tentáculo de fumaça com força, sem parar.

Um grito soou ao longe, frágil e primitivo, como uma criança mimada privada de seu brinquedo. O tentáculo de fumaça soltou o tornozelo de Richard e recuou deslizando pela beirada da plataforma até desaparecer. Hunter puxou Richard pelo pescoço e o arrastou até a parede. Ele se recostou. Tremia, e o mundo passou a parecer surreal. A cor do jeans tinha sido sugada nos pontos que a coisa tocara, como se ele tivesse tentado estilizar a calça com água sanitária e obtido um péssimo resultado. Ele ergueu a perna da calça, expondo a pele: pequenas marcas roxas começavam a surgir no tornozelo e na panturrilha. *O que...?*, tentou perguntar, mas nada saiu. Engoliu em seco e tentou outra vez:

— O que era aquilo?

Hunter o encarava sem emoção. Seu rosto mais parecia esculpido em madeira marrom.

— Acho que não tem nome. Essas criaturas vivem nos vãos. Eu avisei.

— Eu nunca... nunca tinha visto.

— Porque não fazia parte do Submundo — explicou a guarda-costas. — Espere perto da parede. É mais seguro.

O marquês segurava um grande relógio de bolso, querendo saber o horário. Então guardou o item de volta no colete, consultou o papel que pegara com Lear e assentiu, satisfeito.

— Estamos com sorte — anunciou. — O trem da Earl's Court deve passar em cerca de meia hora.

— A linha Central não passa pela estação Earl's Court — lembrou-lhe Richard.

O marquês o encarou, claramente maravilhado.

— Que mente agradável a sua, meu jovem. Não há nada mais fantástico que a mais completa ignorância, não é mesmo?

O vento quente começou a soprar. Um trem chegou à estação. Pessoas desembarcaram e outras embarcaram, seguindo com suas vidas. Richard as observava com inveja. *Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma*, entoou a gravação. *Mantenha as portas livres. Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma*. Door olhou para Richard. Aparentemente preocupada com o que viu, foi até ele e segurou sua mão. Richard estava muito pálido, e ofegava. *Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma*, repetiu a gravação, ribombante.

— Eu estou bem — mentiu Richard, com coragem, para ninguém especificamente.

O pátio central do hospital do sr. Croup e do sr. Vandemar era um lugar frio, úmido e sem graça. O mato crescia em meio a mesas, pneus e pedaços de móveis abandonados. A impressão geral da área era de que, cerca de uma década antes (talvez por puro tédio, talvez por frustração ou talvez para declarar certos princípios, ou ainda como alguma espécie de arte performática), um bando de gente despejara pela janela, lá do alto, tudo que havia em seus escritórios e deixara ali para apodrecer.

Havia também vidro quebrado, quantidades abundantes de vidro quebrado. E muitos colchões. Alguns dos colchões, inclusive, pareciam ter sido incendiados algum dia, por nenhum motivo facilmente explicável. Ninguém sabia por quê; ninguém se importava. O mato crescia por entre as molas. Todo um ecossistema se desenvolvera ao redor da fonte ornamental que havia no centro do pátio, embora já não fosse propriamente ornamental — ou mesmo fonte — fazia um bom tempo. Um cano quebrado ali perto

tinha transformado a fonte, com ajuda da água da chuva, em criadouro para muitos sapinhos que chapinhavam alegremente, aproveitando a ausência de qualquer predador terrestre. Corvos, melros e até gaivotas, por outro lado, vez ou outra visitavam o local como a uma delicatessen livre de gatos e especializada em sapos.

Lesmas se arrastavam languidamente por baixo das molas dos colchões queimados; caramujos deixavam trilhas de gosma pelos estilhaços de vidros. Besouros grandes e pretos andavam diligentemente de um lado para o outro, passando por cima de telefones de plástico cinza esmagados e Barbies misteriosamente mutiladas.

O sr. Croup e o sr. Vandemar tinham ido até ali para espairecer. Andavam devagar pelo perímetro do pátio central, o vidro quebrado estalando sob os pés. Em seus ternos pretos gastos, eles pareciam sombras. O sr. Croup sentia uma fúria gélida. Andava duas vezes mais rápido que o sr. Vandemar, dando voltas ao redor dele e quase sapateando de raiva. Volta e meia, como se por incapacidade de conter a fúria, lançava-se contra a parede do hospital, atacando-a com socos e chutes à guisa de uma vítima de verdade. O sr. Vandemar apenas caminhava. Um caminhar consistente demais, firme demais e inexorável demais para ser considerado um simples passeio: a Morte caminha como o sr. Vandemar. O sr. Vandemar, impassível, observou o sr. Croup chutar uma placa de vidro, que se estilhaçou com um estrondo gratificante.

— Eu, senhor Vandemar, estou quase chegando ao meu limite — anunciou o sr. Croup, observando os destroços. — Estou quase lá. Aquele dissimulado, insignificante, enrolador, procrastinador... aquele cara de sapo anêmico... Eu poderia arrancar os olhos dele com os polegares...

O sr. Vandemar balançou a cabeça.

— Ainda não. Ele é o chefe. Nesse serviço. Depois do pagamento, quem sabe a gente não tira um tempinho para se divertir?

O sr. Croup cuspiu no chão.

— É um inútil de um paspalho manipulador... Devíamos trucidá-la. Anular, cancelar, enterrar, amortizar aquela vadia.

Um telefone começou a tocar, um som alto. O sr. Croup e o sr. Vandemar olharam ao redor, intrigados. Depois de um tempo, o sr. Vandemar encontrou o aparelho, parcialmente enterrado sob uma pilha de escombros que cobriam uma torrente de fichas médicas manchadas de água. Fios partidos saíam da parte posterior do aparelho. O sr. Vandemar o pegou e o passou ao sr. Croup.

— É para você.

O sr. Vandemar não gostava de telefones.

— Senhor Croup falando. — Depois, em um tom subserviente: — Ah. É o senhor... — Uma pausa. — No presente momento, como o senhor

solicitou, ela está livre, leve e solta por aí. Temo que a sua ideia do guarda-costas tenha saído pela culatra... Varney? Sim, mortinho.

Mais uma pausa.

— Senhor, estou começando a ter certas dúvidas conceituais quanto ao meu papel e ao de meu parceiro nessa tolice. — Houve uma terceira pausa, e o sr. Croup ficou com uma palidez ainda mais pálida. — Amadores? — indagou, em tom cordial. — Nós? — Ele cerrou o punho e socou, com muita força, uma parede, sem alterar, no entanto, o tom de voz. — Senhor. Permita-me lembrar-lhe, com todo o devido respeito, que o senhor Vandemar e eu arrasamos a fogo a cidade de Troia. Levamos a Peste Negra a Flandres. Assassinaamos dezenas de reis, cinco papas, cinquenta heróis e dois deuses legítimos. Nossa última empreitada antes desta foi a tortura e a eliminação de toda a população de um mosteiro na Toscana seiscentista. Somos *plenamente* profissionais.

O sr. Vandemar, que se entretinha pegando os sapinhos e vendo quantos conseguia enfiar na boca ao mesmo tempo antes de se ver forçado a mastigá-los, comentou, de boca cheia:

— Aquilo foi legal...

— Aonde quero chegar? — indagou o sr. Croup, tirando alguma poeira imaginária do terno preto puído, a despeito da poeira de verdade. — Quero lembrá-lo de que somos assassinos. Degoladores. Nós matamos. — Ele ouviu por alguns segundos. — Bem, e quanto ao cara lá de cima? Por que não podemos matá-lo?

O sr. Croup se contorceu, deu mais uma cusparada e mais um chute na parede, tudo isso ainda segurando o telefone quebrado e enferrujado.

— *Dar um susto nela?* Somos matadores, não espantalhos. — Uma pausa. Ele respirou fundo. — Sim, eu entendo, só não me agrada.

Mas a pessoa do outro lado da linha já tinha desligado. O sr. Croup encarou o telefone. Então, com uma das mãos, ergueu o aparelho e deu início ao processo de esmurrá-lo metodicamente na parede, transformando-o em pequenos fragmentos de plástico e metal.

O sr. Vandemar se aproximou. Tinha encontrado uma grande lesma preta com a barriga de um tom vívido de laranja, que mastigava como se fosse doce de alcaçuz. A lesma, com uma cor já não tão vívida, tentava escapar pelo queixo do sr. Vandemar.

— Quem era?

— Quem você acha que era?

O sr. Vandemar ficou mastigando, pensativo, e por fim sugou a lesma inteira para dentro da boca, como se fosse um espaguete grosso e pegajoso, preto e laranja.

— Um espantalho? — disse o sr. Vandemar.

— Nosso empregador.

— É o que eu ia dizer.

— Espantalhos... — resmungou o sr. Croup, indignado. Seu rosto ia do vermelho de raiva para um doentio cinza de infelicidade.

O sr. Vandemar terminou de engolir e limpou a boca na manga do paletó.

— Um bom espantalho é aquele que vai de fininho, aparece atrás do corvo, agarra aquele pescocinho e aperta até o bicho parar de se debater. Isso sim espanta qualquer um.

Dito isso, ele ficou em silêncio; e os dois ouviram, lá no alto, corvos voando e dando grasnados ferozes.

— Corvos. Da família *Corvidae*. E, quando os corvos surgem — entoou o sr. Croup, saboreando as palavras —, é porque tem cadáver à vista.

Richard esperou recostado na parede, ao lado de Door. Ela falava bem pouco; roía as unhas, passava as mãos pelo cabelo avermelhado até deixá-lo todo espetado, depois tentava rearrumá-lo. Era, com certeza, muito diferente de qualquer pessoa que Richard já conhecesse. Quando notou que era observada, ela se encolheu ainda mais sob as camadas de roupa, engolida pela jaqueta de couro, de onde observava o mundo. A expressão no rosto dela lembrava a Richard uma linda criança de rua que ele vira no inverno anterior, atrás do mercado de Covent Garden: não havia identificado se era menina ou menino. A mãe pedia esmolas, suplicando moedas aos transeuntes, para alimentar a criança e o bebê que carregava nos braços, mas a criança apenas encarava o mundo à sua volta, sem dizer uma palavra, embora provavelmente sentisse fome e frio. Só observava.

Hunter estava ao lado de Door, olhando de um lado para o outro. O marquês tinha dito onde esperar e desaparecera. Um bebê começou a chorar em algum lugar. O marquês surgiu por uma porta de saída de emergência e foi até eles. Chupava uma bala.

— Está se divertindo? — perguntou Richard.

Um trem se aproximava, sua chegada anunciada por um sopro de vento morno.

— Apenas resolvendo umas coisinhas — respondeu o marquês. Depois de consultar de novo o papel e o relógio, apontou, dizendo: — Deve ser este. Fiquem atrás de mim, vocês três.

Quando o trem (uma composição bem comum, de aspecto sem graça, até, para decepção de Richard) surgiu na estação com aquele rugido grave e metálico, o marquês se inclinou por cima de Richard para avisar a Door:

— Milady? Tem um detalhe que talvez eu devesse ter mencionado antes.

Door pousou nele os olhos de cores peculiares.

— O quê?

— Bem, o Conde não vai ficar *muito* feliz em me ver.

O trem diminuiu a velocidade até parar. O vagão diante de Richard estava bem vazio: luzes apagadas; o ambiente desolado, deserto e escuro. Quando pegava o metrô, Richard volta e meia notava algum vagão como aquele, fechado e sombrio, e se perguntava qual seria o propósito. As portas dos outros carros se abriram com um sibilo, e os passageiros embarcaram e desembarcaram, enquanto as daquele vagão continuaram fechadas. O marquês deu soquinhos na porta, em um ritmo complexo. Nada aconteceu. Richard já começava a temer que o trem partisse sem eles quando a porta foi aberta por dentro, alguns poucos centímetros. Pela fresta, um rosto envelhecido e de óculos os encarou.

— Quem bate?

Pela abertura, Richard viu chamas, gente e fumaça lá dentro, mas através do vidro das portas continuava enxergando apenas um vagão escuro e vazio.

— Lady Door e seus acompanhantes — anunciou o marquês, com polidez melíflua.

Então a porta se abriu por completo, e eles entraram na Corte do Conde.

SETE

MONTINHOS DE PALHA se espalhavam pelo chão, sobre uma camada de junco. As lenhas da grande lareira queimavam e crepitavam. Algumas galinhas ciscavam e bicavam o chão. Havia cadeiras com almofadas bordadas à mão, além de tapeçarias cobrindo as janelas e portas.

Richard oscilou para a frente quando o trem, com uma guinada, deixou a estação. Ele estendeu os braços e se segurou na pessoa mais próxima para se equilibrar. A pessoa mais próxima, por acaso, era um velho soldado grisalho e baixinho que seria a personificação, julgou Richard, de um servidor público recém-aposentado, não fosse o capacete de metal, a sobreveste, a cota de malha mal trançada e a lança; graças a esses itens, ele personificava um servidor público recém-aposentado que fora mais ou menos obrigado a entrar para o grupo de teatro amador local e forçado a interpretar um soldado medieval.

Quando foi agarrado, o homenzinho grisalho estreitou seus olhos míopes para Richard.

— Perdão — disse o homem, em um tom sombrio.

— Eu é que devo desculpas — respondeu Richard.

— Eu sei.

Um enorme cão de caça irlandês veio trotando de leve pelo corredor do vagão e parou ao lado de um homem sentado no chão com um alaúde, em que dedilhava uma melodia alegre porém mal executada. O cão encarou Richard e bufou com desdém, depois se deitou e dormiu. No outro extremo do vagão, um falcoeiro idoso com um falcão encapuzado no punho trocava gentilezas com um reduzido grupo de damas em idade avançada. Alguns passageiros encararam os quatro viajantes sem cerimônia; outros, igualmente sem cerimônia, os ignoraram. Aos olhos de Richard, o lugar era como se alguém houvesse dado um jeito de instalar uma pequena corte medieval dentro de um vagão do metrô.

Um arauto levou a trombeta aos lábios e entoou uma nota desafinada quando um velho imenso usando pantufas e uma volumosa túnica de peles entrou cambaleando pela porta que conectava o vagão ao seguinte, o braço apoiado nos ombros de um bobo da corte em roupas maltrapilhas e multicoloridas. O sujeito era uma visão grandiosa em todos os sentidos:

usava um tapa-olho no lado esquerdo, o que o fazia parecer um pouco vulnerável e instável, como um falcão cego de um olho; restos de comida pontilhavam sua barba grisalha e ruiva; e, abaixo da túnica de peles esfarrapadas, via-se uma calça de pijama, ao que parecia.

Esse deve ser o Conde, pensou Richard, acertadamente.

O bobo da corte, um velho de lábios finos e sem sinal de riso, tinha o rosto pintado e parecia ter escapado de uma vida de performances variadas nos *music halls* da era vitoriana, um século antes. O sujeito conduziu o Conde até uma cadeira de madeira esculpida que mais parecia um trono. O velho de túnica se sentou, desequilibrando-se um pouco. Nisso, o cachorro acordou, atravessou o vagão e foi se posicionar aos pés empantufados do Conde.

Earl's Court, pensou Richard. *Mas é claro*. E se pôs a ponderar se haveria um barão na estação Barons Court, se haveria um corvo na Ravenscourt, se...

O soldado ancião e baixinho deu uma tossida asmática e começou:

— Muito bem, vocês aí. Declarem a que vieram.

Door deu um passo à frente, mantendo a cabeça erguida. De repente, parecia alta e confiante, como Richard jamais a vira.

— Desejamos uma audiência com Sua Graça, o Conde.

— O que a garotinha disse, Halvard? — perguntou o Conde, do fundo do vagão.

Talvez ele fosse surdo, pensou Richard.

Halvard, o soldado ancião, posicionou as mãos em concha ao redor da boca.

— Eles desejam uma audiência, Vossa Graça! — gritou, para ser ouvido apesar do ruído do trem.

O Conde baixou o capuz da grossa túnica de peles e coçou a cabeça, pensativo. Dava sinais de calvície.

— Ah, é? Uma audiência? Esplêndido. E quem são eles, Halvard?

O soldado voltou a atenção para o grupo recém-chegado.

— Ele quer saber quem são vocês. Mas sejam breves. Não se prolonguem.

— Eu sou lady Door. Filha de lorde Portico.

O Conde ficou animado ao ouvir aquilo. Ele se inclinou para a frente e espiou através da fumaça com o olho bom.

— Ela disse que é a filha mais velha de Portico? — perguntou ao bobo da corte.

— Correto, Vossa Graça.

O Conde chamou Door com um aceno.

— Venha aqui. Venha, venha. Quero dar uma olhada em você.

Door atravessou o vagão balançante, segurando-se às grossas cordas que pendiam do teto. Quando ficou diante da cadeira de madeira do Conde, fez

uma medida. O homem coçou a barba, encarando-a.

— Ficamos todos devastados ao saber do infortúnio sofrido por seu pai...
— começou o Conde, mas se corrigiu: — Quer dizer, por toda a sua família. Foi uma... — continuou, mas optou por: — Sabe, eu tinha grande consideração por ele, fizemos negócios juntos... O bom e velho Portico... cheio de ideias...

Ele parou. Então deu um tapinha no ombro do bobo da corte e sussurrou, em um estrondo rabugento, tão alto que foi ouvido mesmo com o barulho do trem:

— Vá contar umas piadas para eles, Tooley. Faça valer seu ordenado.

O bobo da corte saiu cambaleando pelo corredor, um passo artrítico aqui e um reumático ali. Parou diante de Richard.

— E você, quem seria?

— Eu? Hã... Eu? Meu nome? É Richard. Richard Mayhew.

— *Eu?* — remedou o bobo da corte, como um velho, em uma imitação teatral do sotaque escocês de Richard. — *Eu? Hã... Eu?* Observai, senhores. O que vedes não é um homem, mas um asno.

Os membros da corte deram risadinhas arcaicas e empoeiradas.

— E eu tenho por hábito me apresentar como marquês De Carabás — anunciou o marquês ao bobo, com um sorriso ofuscante.

O bobo da corte parou um instante.

— De Carabás, o larápio? De Carabás, o ladrão de corpos? De Carabás, o traidor? — O bobo se virou para os cortesãos em volta. — Mas este não pode ser De Carabás. E por que não? Pois De Carabás foi há muito banido da presença do Conde. Talvez seja uma espécie nova e meio esquisita de *arminho*. Um espécime que cresceu mais do que devia.

Risos desconfortáveis entre os cortesãos. Um burburinho começou. O Conde não se pronunciou, mas estreitou bem os lábios e começou a tremer.

— E eu sou Hunter — anunciou a guarda-costas ao bobo.

Os cortesãos se calaram. O bobo abriu a boca, pronto para falar, mas a fechou depois de olhar para a mulher. Um esboço de sorriso brincou no canto da boca perfeita de Hunter.

— Vá em frente — disse ela. — Diga algo engraçado.

O bobo olhava para os próprios sapatos, mexendo os pés em desconforto.

— Preciso comprar óculos vermelhos para ver melhor — murmurou ele.

O Conde, que encarava o marquês como um pavio sendo queimado, os olhos esbugalhados e os lábios embranquecidos, incapaz de acreditar no que os próprios sentidos constatavam, levantou-se de supetão. Um vulcão de barba grisalha, um velho guerreiro viking. Sua cabeça roçava o teto do vagão. Ele apontou para De Carabás e gritou, distribuindo perdigotos:

— Não vou tolerar isso, não mesmo. Faça-o vir até mim.

Halvard brandiu uma lança embotada, obrigando o marquês a ir adiante. De Carabás foi sem pressa até a frente do vagão e se pôs ao lado de Door,

diante do trono do Conde. O cachorro deu um rosnado do fundo da garganta.

— Você! — exclamou o Conde, apunhalando o ar com um dedo gigantesco de juntas salientes. — Eu conheço você, De Carabás. Não esqueci. Posso ser velho, mas não esqueci.

O marquês fez uma medida.

— Permita-me lembrar Vossa Graça que tínhamos um acordo — disse ele, com muita polidez. — Eu negocieei o tratado de paz entre seu povo e a Corte do Corvo. E, em troca, o senhor concordou em me conceder um pequeno favor.

Então existe mesmo uma Corte do Corvo em Ravenscourt, pensou Richard. Ele ficou imaginando como seria.

— Um pequeno favor? — indagou o Conde, ficando mais roxo que uma beterraba. — É assim que você chama o que se passou? Perdi dez homens por conta da sua tolice durante a retirada de White City. Perdi um olho!

— E, se Vossa Graça me permite o comentário — interveio o marquês, com muita graça —, achei o tapa-olho deveras apropriado. Adorna perfeitamente seu rosto.

— Eu jurei... — esbravejou o Conde, a barba se eriçando. — Eu jurei... que se algum dia você voltasse a pôr os pés em meus domínios, eu... — Ele balançou a cabeça, confuso, aéreo. Continuou: — Daqui a pouco eu lembro. Não sou de esquecer as coisas.

— O Conde não vai ficar “muito feliz” em ver você? — sussurrou Door para De Carabás.

— E não ficou mesmo — murmurou ele em resposta.

Door avançou um passo novamente.

— Vossa Graça, De Carabás veio como meu convidado e acompanhante — declarou, em voz alta e clara. — Em nome das boas relações que sempre existiram entre sua família e a minha, em nome da amizade entre meu pai e...

— Ele abusou de minha hospitalidade! — esbravejou o Conde. — Jurei que... que se ele entrasse outra vez em meus domínios, seria estripado e esturricado como... como... como alguma coisa... hã... alguma coisa que foi estripada e... hã... esturricada...

— Porventura... poderia ser como um arenque defumado, milorde? — sugeriu o bobo da corte.

O Conde deu de ombros.

— Não importa. Guardas, prendam-no.

E os guardas assim fizeram. Embora todos já tivessem passado muito dos sessenta anos, cada um segurava uma besta devidamente apontada para o marquês De Carabás, e suas mãos não tremiam nem pela idade avançada nem por medo. Richard olhou para Hunter, que parecia não se incomodar,

acompanhando a cena até com certo prazer, como se assistisse a uma peça de teatro.

Door cruzou os braços e se empertigou, empinando o nariz e erguendo o queixo pontudo. Quase não parecia mais a fadinha maltrapilha das ruas, e sim alguém que só aceitava que as coisas fossem feitas do seu jeito. Os olhos de opala reluziram.

— Vossa Graça, o marquês está me acompanhando em minha jornada. Nossas famílias são amigas há muito tempo...

— Sim. Muito tempo — interrompeu o Conde, solicitamente. — Há séculos. Séculos e séculos. Conheci seu avô também. Velhinho engraçado. Meio perdido — confidenciou.

— Mas me vejo obrigada a declarar que considerarei um ato de violência contra meu acompanhante um ato de agressão contra mim e minha família.

Ela olhava para cima, encarando o Conde, que era muito mais alto. Os dois ficaram assim por alguns instantes, imóveis. Ele puxou a barba ruiva e grisalha, agitado, e fez bico com o lábio inferior, como uma criancinha.

— A presença dele não será tolerada — retrucou.

O marquês pegou do casaco o relógio de bolso de ouro que encontrara no escritório de Portico e o examinou despreocupadamente. Então se virou para Door.

— Milady, obviamente serei de mais utilidade fora deste trem do que a bordo — disse, como se nada tivesse acontecido. — E tenho outros caminhos a explorar.

— Não — retrucou ela. — Se você for, vamos todos.

— Ah, não. Hunter vai cuidar de você na Londres de Baixo. No próximo Mercado nos reencontramos. Até lá, não faça nada estúpido.

O trem se aproximava de uma estação.

Door voltou a encarar o Conde: aqueles olhos grandes cor de opala cravados no rosto claro em formato de coração continham algo mais antigo e mais poderoso que seus poucos anos de vida deixariam transparecer. Richard notou que o ambiente sempre a ouvia com atenção.

— Vai deixá-lo partir em paz, Vossa Graça?

O Conde passou as mãos no rosto, esfregando o olho bom e o tapa-olho, e voltou a atenção para a jovem.

— Só o faça dar o fora. — Ele olhou para o marquês. — Da próxima vez... — O Conde deslizou o dedo grosso pelo pescoço. — Já sabe: arenque defumado.

O marquês fez uma longa medida.

— Já conheço o caminho — disse aos guardas, e cruzou a porta aberta.

Halvard ergueu a besta e mirou as costas do marquês. Hunter estendeu a mão e empurrou a ponta da besta de volta para o chão. O marquês pisou na plataforma, se virou e acenou, cheio de pompa e ironia. A porta se fechou atrás dele com um chiado.

O Conde voltou a se sentar na cadeira enorme no fim do vagão. Não disse nada. O trem se pôs em movimento ruidosamente pelo túnel escuro.

— Mas onde estão meus modos? — murmurou o Conde para si mesmo, e encarou o grupo com o olho bom. E repetiu, em um retumbar desesperado que Richard sentiu no fundo da barriga, como um ressoar de bumbo: — *Onde estão meus modos?* — Fez sinal para que um dos velhos guardas se aproximasse. — Eles devem estar famintos após a jornada que empreenderam, Dagvard. E com sede, é claro.

— Sim, Vossa Graça.

— Pare o trem! — ordenou o Conde.

As portas se abriram com o chiado, e Dagvard saiu para a plataforma apressadamente. Richard observava os passageiros lá fora. Ninguém entrou no vagão deles. Ninguém dava sinais de notar qualquer coisa inusitada.

Dagvard foi até uma máquina de vendas. Tirou o capacete. Então, esbofeteou a lateral da máquina com a luva de malha.

— Ordem do Conde: chocolates.

Um zumbido mecânico veio das entranhas da máquina, que começou a cuspir dezenas de barras de chocolates da Cadbury, uma atrás da outra. Dagvard posicionou o capacete na abertura para pegar todas. As portas começaram a se fechar, mas Halvard enfiou o cabo da lança entre elas, que se abriram outras vez, e começaram a abrir e fechar, abrir e fechar, batendo na lança. *Por favor, não impeça o fechamento das portas*, alertou o alto-falante. *O trem não pode partir com as portas abertas.*

O olho bom do Conde encarava Door de um jeito meio torto.

— Então. O que a traz até aqui?

Ela umedeceu os lábios.

— Bem, indiretamente, Vossa Graça, a morte de meu pai.

O Conde assentiu devagar.

— Sim. Você busca vingança. Justíssimo. — Ele pigarreou e começou a recitar, em *basso profundo*: — *Brava a baioneta de batalha, a reluzir resplandecentes raios, espada escarlate embainhada no... no...* em alguma coisa. É.

— Vingança? — Door pensou um pouco. — Sim. Foi o que meu pai disse. Mas eu só quero entender o que aconteceu e me proteger. Minha família não tinha inimigos.

Naquele momento, Dagvard voltou para o vagão com o capacete cheio de barras de chocolate e latinhas de Coca-Cola. As portas finalmente puderam se fechar, e o trem partiu.

O casaco de Lear, ainda no chão da passagem, estava coberto de moedas e notas, mas também apinhado de sapatos. Sapatos ainda nos pés, chutando as

moedas, destruindo as notas e rasgando também o tecido do casaco. Eles pisavam no dinheiro e nem pareciam notar. Lear tinha começado a chorar.

— Por favor... Por que não me deixam em paz? — suplicou ele.

Estava encurralado contra a parede da passagem; o sangue escorria pelo rosto e depositava gotas escarlates na barba. O saxofone pendia desajeitado do pescoço, arranhado e amassado.

Estava cercado por uma pequena multidão — mais de vinte, menos de cinquenta —, todos empurrando e acotovelando, uma turba irracional de olhos pétreos e fixos, homens e mulheres tentando desesperadamente abrir caminho a unhas e dentes para dar dinheiro a Lear. O saxofonista tinha batido a cabeça na parede de azulejos, que agora estava suja de sangue. Afastou uma senhora com a bolsa escancarada que tentava empurrar para ele um punhado de notas de cinco, chegando a arranhar o rosto do pobre homem, tamanho o ardor para lhe dar o dinheiro. O músico se contorceu para fugir das unhas da mulher e caiu no chão.

Alguém pisou em sua mão. Empurraram sua cabeça, enfiando seu rosto em um montinho de moedas. Ele começou a choramingar e a xingar.

— Eu avisei para não abusar — comentou uma voz elegante ali perto. — Teimoso.

— Me ajude — ofegou Lear.

— Olha, até *existe* um contrafeitiço — admitiu a voz, quase relutante.

A multidão estava fechando o cerco. Alguém jogou para Lear uma moeda de cinquenta *pence*, que lhe abriu um corte no rosto. Ele se encolheu em posição fetal, abraçando o próprio corpo, enterrando o rosto entre os joelhos.

— Toque, seu maldito — choramingou. — Eu lhe dou o que quiser... mas faça essa gente parar...

Uma flauta irlandesa começou a tocar baixinho, ecoando pela passagem. Uma linha melódica simples, repetida sem parar, cada vez um pouquinho diferente: as variações De Carabás. Os passos começavam a se afastar. Relutantes a princípio, depois mais rápidos: afastando-se. Lear abriu os olhos. O marquês De Carabás tocava a flautinha recostado na parede. Quando notou que o músico o encarava, baixou a flauta e a guardou em um bolso interno do casaco. Jogou para Lear um lenço de linho remendado, com bordas de renda, para que ele limpasse o sangue da testa e do rosto.

— Eles podiam ter me matado — queixou-se Lear, em tom de acusação.

— Eu *avisei*. Você teve sorte de eu estar passando por aqui. — O marquês ajudou Lear a se sentar. — Bem, acho que agora está me devendo mais um favor.

O saxofonista pegou do chão o casaco: rasgado, enlameado e cheio de marcas de muitos pés. De súbito, sentiu muito frio, e cobriu os ombros com a vestimenta em frangalhos. Moedas caíram e notas flutuaram no ar até chegarem ao chão. Ele nem pegou.

— Será mesmo que foi sorte? Ou será que você armou isso?
O marquês parecia quase ofendido.
— Não sei por que você sequer pensaria isso.
— Conheço sua fama. Por isso. O que quer que eu faça desta vez?
Roubo? Incêndio? — Lear soava conformado e um pouco triste. —
Assassinato?
De Carabás se abaixou para pegar de volta o lenço.
— Roubo. Acertou de primeira — respondeu, com um sorriso. —
Preciso com urgência de uma porcelana da dinastia T'ang.
Lear sentiu um calafrio. Então, lentamente, assentiu.

Richard recebeu uma barra de chocolate Cadbury (tamanho máquina de vendas, sabor frutas com nozes) e um grande cálice de prata com bordas ornamentadas por, ao que parecia, safiras. O cálice continha Coca-Cola. O bobo da corte, cujo nome supôs ser Tooley, pigarreou bem alto.

— Proponho um brinde a nossos convidados. Uma criança, uma valentona e um idiota. Que cada um alcance o que merece.

— Qual desses sou eu? — murmurou Richard para Hunter.

— O idiota, é claro.

— Nos velhos tempos, tínhamos vinho — comentou Halvard, desolado, após tomar um gole de Coca. — Prefiro vinho. Não é tão melado.

— Todas as máquinas são que nem aquela, saem dando coisas assim, sem mais nem menos? — indagou Richard.

— Ah, sim! — respondeu o velho. — Elas atendem ao Conde, sabe? Ele comanda o metrô. A parte dos trens. É o senhor das linhas Central, Circle, Jubilee, Victorious, Bakerloo... bem, de todas exceto a linha Submundo.

— Que linha é essa?

Halvard balançou a cabeça, fez uma expressão tensa. Hunter tocou de leve o ombro de Richard, com a ponta dos dedos.

— Lembra-se do que eu falei sobre os pastores de Shepherd's Bush?

— Você disse que eu devia rezar para nunca encontrar um deles e que havia coisas que era melhor nem saber que existiam.

— Isso mesmo — concordou ela. — Então, pode acrescentar a linha Submundo a essa lista.

Door se aproximou, vindo dos fundos do vagão. Ela sorria.

— O Conde concordou em nos ajudar — anunciou. — Venham. Ele vai nos receber na biblioteca.

Richard ficou quase orgulhoso por não ter perguntado “Que biblioteca?” nem mencionado que não dava para haver uma biblioteca dentro de um trem. Apenas acompanhou Door até o trono vazio do Conde, deu a volta, atravessou a porta que ligava os vagões e entrou na biblioteca. Era uma

enorme sala de pedra, com pé-direito alto e teto de madeira. As paredes eram cheias de prateleiras. E as prateleiras eram cheias de coisas: livros, sim. Mas também uma variedade de outros objetos, como raquetes de tênis, tacos de hóquei, guarda-chuvas, uma pá, um laptop, uma perna de madeira, várias canecas, dezenas de sapatos, alguns pares de binóculos, um pequeno tronco, seis fantoches, uma lâmpada de lava, vários CDs, discos (LPs, tanto de quarenta e cinco quanto de setenta e oito rotações), fitas cassete e cartuchos de oito pistas, dados, carrinhos de brinquedo, diversas dentaduras, relógios de pulso, lanternas, quatro anões de jardim de tamanhos diferentes (dois pescando, um mostrando a bunda e o último fumando um charuto), pilhas de jornais, revistas, grimórios, banquinhos de três pernas, uma caixa de charutos, um pastor alemão de plástico daqueles que balançam a cabeça, meias... Era um pequeno império de itens perdidos.

— Este é o verdadeiro reino dele — murmurou Hunter. — Objetos perdidos. Esquecidos.

A parede de pedra tinha janelas, que permitiam ver a escuridão tremeluzente e as luzes dos túneis do metrô passando depressa. O Conde estava sentado no chão, de pernas abertas, acariciando e coçando o queixo do cachorro. Quando os viu entrar, ele se levantou. Franziu a testa.

— Ah! Aí estão vocês. Bem, eu os chamei até aqui por um motivo, que já vou lembrar...

Ele ficou repuxando a barba ruiva e grisalha, um gesto pequeno para um homem tão grande.

— O anjo Islington, Vossa Graça — lembrou Door, educadamente.

— Ah, sim! Seu pai tinha muitas ideias, sabe? Ele pediu minha opinião, mas não confio em mudanças. Mandei que fosse falar com Islington. — Ele parou. Piscou o único olho. — Já lhe contei isso?

— Sim, Vossa Graça. E *como* podemos chegar até Islington?

O Conde assentiu como se Door tivesse dito algo profundo.

— O caminho rápido funciona apenas uma vez. Depois disso, é preciso seguir o caminho longo. Perigoso.

— E o caminho rápido é...? — perguntou Door, muito paciente.

— Não, não. É preciso ser um abridor de portas para usá-lo. Só funciona com a família de Portico. — Ele apoiou a mão enorme no ombro de Door. Então a subiu até o rosto dela. — Melhor você ficar aqui comigo. Que tal manter este velho aquecido durante a noite, hein?

Ele a encarou com malícia, tocando o cabelo emaranhado de Door com os dedos velhos. Hunter avançou um passo, mas Door ergueu a mão: *Não. Ainda não.*

Door ergueu o olhar para o Conde.

— Vossa Graça, eu *sou* a filha mais velha de Portico. Como faço para chegar até o anjo Islington?

Richard ficou impressionado com o autocontrole de Door diante da óbvia derrota do Conde na batalha contra os lapsos temporais.

O velho piscou o olho bom de um jeito solene: um falcão velho, a cabeça inclinada para o lado. Tirou a mão do cabelo dela.

— De fato. De fato. Filha de Portico. Como vai seu adorável pai? Bem, espero. Um bom homem. Um bom homem.

— Como fazemos para chegar até o anjo Islington? — repetiu Door, embora sua voz tremesse um pouco.

— Hã? Use o Ângelus, é claro.

Richard começou a imaginar o Conde sessenta, oitenta, quinhentos anos antes: um guerreiro poderoso, um estrategista astuto, um grande namorado, um bom amigo, um adversário terrível. Ainda havia a carcaça daquele homem em algum lugar lá dentro. Era o que o tornava tão assustador. E tão triste. O Conde vasculhou as prateleiras, afastando canetas, cachimbos, zarabatanas, miniaturas de gárgulas e folhas mortas. Então, como um gato velho trombando com um rato, pegou um pequeno pergaminho enrolado, que entregou a Door.

— Aqui, mocinha. Está tudo aqui. Acho melhor levar vocês aonde precisam ir.

— Você vai levar a gente a algum lugar? — perguntou Richard. — De trem?

O Conde olhou ao redor em busca da origem do som, concentrou-se em Richard e abriu um sorriso largo.

— Ah, não é incômodo algum — trovejou. — Qualquer coisa pela filha de Portico.

Door apertou o pergaminho com firmeza, triunfante.

O trem começou a reduzir a velocidade enquanto Richard, Door e Hunter eram conduzidos de volta ao vagão. Ele olhou para a plataforma enquanto desaceleravam.

— Com licença. Que estação é essa? — perguntou.

O trem havia parado diante de uma placa que dizia MUSEU BRITÂNICO. Por alguma razão, aquilo era demais para Richard. Ele podia aceitar aquela história do vão, a Corte do Conde, até mesmo a biblioteca esquisita, mas, ora essa, como todo morador de Londres que se preze, ele conhecia o mapa do metrô. Aquilo estava passando dos limites.

— Não existe uma estação Museu Britânico — anunciou, com firmeza.

— Ah, não? — disse o Conde, em sua voz retumbante. — Então, hm, é melhor tomar cuidado ao sair do trem. — E gargalhou alegremente, dando um tapa no ombro do bobo. — Ouviu essa, Tooley? Sou tão engraçado quanto você.

O bobo deu o sorriso mais amarelo já visto.

— Quase não consigo conter o riso, Vossa Graça. Meu peito dói, tantas as gargalhadas oprimidas.

As portas se abriram com um sibilo.

— Obrigada — disse Door, sorrindo para o Conde.

— Vão logo, vão logo — respondeu o velho grandalhão, fazendo sinal para Door, Richard e Hunter saírem do vagão quente e enfumaçado para a plataforma vazia.

Então as portas se fecharam e o trem partiu. Richard ficou olhando para uma placa que, por mais que ele piscasse (nem mesmo se olhasse para outro lado e virasse o rosto de repente, para tentar pegá-la de surpresa), insistia em informar, obstinadamente:

MUSEU BRITÂNICO

OITO

ERA FIM DE tarde, e o céu sem nuvens transmutava de um azul intenso para um forte tom de violeta, com uma camada borrada de laranja incandescente e verde-limão se estendendo sobre Paddington, seis quilômetros a oeste, onde, pelo que o Velho Bailey pudera ver, o sol havia acabado de se pôr.

Céus: nunca há dois iguais, pensou o Velho Bailey, com certa satisfação. *Seja dia ou noite*. Ele podia se considerar um bom conhecedor de céus, o Velho Bailey, e aquele era um dos bons. Armara sua tenda, para passar a noite, em um telhado em frente à Catedral de St. Paul, no coração de Londres.

Ele tinha grande afeição pela St. Paul, que pelo menos havia mudado pouco nos últimos trezentos anos. Fora construída em cimento Portland branco, mas, antes mesmo de concluída a obra, o material começou a ficar preto devido à fuligem e à sujeira do ar poluído de Londres. Após a limpeza realizada na década de 1970 na cidade, voltara a ficar mais ou menos branca, mas ainda era a St. Paul. O Velho Bailey não sabia ao certo se o mesmo poderia ser dito sobre o restante do centro: ele espiou ali do alto do telhado, desviando o olhar de seu querido céu, observando o asfalto iluminado pelas lâmpadas a vapor de sódio. Via câmeras de segurança fixadas em um muro, alguns carros e um funcionário (que ficara trabalhando até tarde) saindo, trancando uma porta e indo na direção do metrô. *Argh*. Só a ideia de se enfiar debaixo da terra o fazia tremer. Ele era um homem dos telhados e se orgulhava disso. Abandonara havia muito o mundo ao nível do solo...

Ainda se lembrava de quando as pessoas *moravam* no centro, e não apenas trabalhavam ali; viviam e desejavam e riam, construíam casebres grudados uns nos outros, todos cheios de gente barulhenta. Ah, o barulho, a bagunça, as canções e o fedor do beco do outro lado da rua (então conhecido, ao menos extraoficialmente, como Beco da Bosta) foram lendários na época, mas agora ninguém mais morava no centro. Era um lugar frio e triste, cheio de escritórios, de gente que trabalhava de dia e, à noite, voltava para casa, para algum lugar que não ali. Não era mais um lugar onde morar. Até do mau cheiro ele tinha saudade.

O último borrão alaranjado desapareceu no roxo noturno. Ele cobriu as gaiolas para que os pássaros pudessem ter seu sono da beleza. As aves

resmungaram, mas dormiram. O Velho Bailey coçou o nariz; depois de fazer isso, foi para sua tenda, onde pegou uma panela enegrecida, um pouco de água, cenouras e batatas, sal e dois estorninhos mortos e depenados. Saiu novamente para o telhado, acendeu um foguinho dentro de uma lata de café enegrecida pelo fogo e já estava colocando o guisado para cozinhar quando sentiu que alguém o observava das sombras formadas por um aglomerado de chaminés.

Pegou o espeto e o brandiu ameaçadoramente naquela direção.

— Quem está aí?

O marquês De Carabás saiu das sombras, fez uma reverência quase mecânica e abriu um sorriso glorioso. O Velho Bailey baixou o espeto.

— Ah, é você. O que quer? Informação? Ou pássaros?

O marquês foi até ele, pegou um pedaço de cenoura crua do ensopado e o enfiou na boca.

— Informação, na verdade — respondeu.

O Velho Bailey deu um risinho zombeteiro.

— *Rá!* Uma reviravolta histórica, hein? — Então, inclinou-se para mais perto do marquês. — O que me dá em troca?

— Do que está precisando?

— Eu devia fazer como você, talvez. Pedir um favor em troca. Um investimento para uma ocasião futura. — Ele abriu um sorriso malicioso.

— Sai muito caro, a longo prazo — retrucou o marquês, sem achar graça.

O Velho Bailey assentiu. A essa altura, o sol já desaparecera. Estava esfriando bem rápido.

— Sapatos, então. E uma balaclava. — Ele inspecionou as luvas sem dedos: tinham mais buracos que pano. — E luvas novas. Vai ser um inverno daqueles.

— Muito bem. Vou providenciar.

O marquês De Carabás enfiou a mão no bolso e retirou de lá, tal qual um mágico fazendo uma rosa surgir do nada, a pequena estatueta preta em forma de animal que pegara no escritório de Portico.

— Muito bem. O que pode me dizer sobre isto aqui?

O Velho Bailey botou os óculos. Pegou o objeto das mãos do marquês. Era frio. Ele se sentou em um exaustor e, enquanto examinava cuidadosamente a estátua de obsidiana preta, revirando-a na mão, anunciou:

— É a Grande Besta de Londres.

De Carabás não respondeu. Seu olhar ia do Velho Bailey para a estatueta, impaciente.

Saboreando o leve desconforto do marquês, ele manteve o próprio ritmo ao continuar:

— Bem, reza a lenda que, nos tempos do primeiro rei Charles... aquele aparvalhado que teve a cabeça cortada... antes do incêndio e da peste,

aliás... Ora, um açougueiro que morava perto do rio Fleet estava engordando uma pobre criatura para o Natal. Há quem diga que era um leitão, já outros dizem que não, e há ainda os que, como eu, nunca souberam ao certo. Certa noite de dezembro, a besta fugiu, foi correndo, entrou no rio e desapareceu pela entrada de esgoto. E foi se alimentando de sujeira, e crescendo, crescendo, e cada vez mais malévola, mais traiçoeira. De tempos em tempos, um grupo de caça era enviado atrás da Besta.

O marquês comprimiu os lábios.

— Deve ter morrido uns trezentos anos atrás.

— Criaturas malignas não morrem fácil. São velhas, grandes e malignas demais.

De Carabás suspirou.

— Achei que fosse lenda. Como os jacarés nos esgotos de Nova York.

O Velho Bailey assentiu, com ar de sabedoria.

— Aquelas lagartixas albinas gigantes? Elas existem. Arrancaram a cabeça de um amigo meu.

Um momento de silêncio. O Velho Bailey devolveu a estatueta ao marquês. Então ergueu a mão e a fechou como a boca de um jacaré, rápido, bem diante do rosto do marquês.

— Mas tudo bem. Ele tinha outra — concluiu o Velho Bailey, com uma careta zombeteira que era a coisa mais tenebrosa de se ver.

O marquês fungou, sem saber com certeza se o Velho Bailey estava ou não zombando dele. Enfiou de volta a estatueta da Besta no bolso do casaco.

— Espere aí — pediu o Velho Bailey, e entrou na tenda marrom. Voltou trazendo a caixinha prateada que o marquês lhe dera no último encontro. Estendeu-a para ele. — E isso aqui? Já pode levar embora? Tenho calafrios de ter esse negócio comigo.

O marquês foi até a beirada do telhado e desceu os dois metros que o separavam do edifício ao lado.

— Vou pegá-la de volta quando isso tudo terminar. Vamos torcer para que você não precise usá-la.

O Velho Bailey se inclinou para a frente.

— E como eu vou saber se terei que usá-la?

— Você vai saber — respondeu, de longe, o marquês. — E os ratos vão lhe dizer o que fazer com ela.

E, com isso, desceu pela lateral, segurando-se nos canos e nos parapeitos.

— Espero é nunca descobrir, só isso que eu digo — murmurou o Velho Bailey para si mesmo. Então algo lhe ocorreu. — Ei! — gritou para a noite e a cidade. — Não esqueça os sapatos e as luvas!

As propagandas nas paredes ofereciam bebidas saudáveis e refrescantes de leite maltado, excursões de trem ao litoral por dois xelins, arenques defumados, cera de bigode e serviços de engraxate. Relíquias do fim da década de 1920 ou final da de 1930, escurecidas por fumaça. Richard as observava com descrença. Tudo parecia completamente abandonado: um lugar esquecido.

— Estação Museu Britânico. É real — admitiu. — Mas... nunca *existiu* uma estação Museu Britânico. Isso é muito louco.

— Foi desativada e fechada por volta de 1933 — explicou Door.

— Que bizarro — comentou Richard. Era como dar um passeio pela história. Ele ouvia ecos de trens por túneis próximos, sentia o sopro violento de ar quando passavam. — Existem muitas estações como esta?

— Umas cinquenta — respondeu Hunter. — Mas nem todas são acessíveis. Nem para nós.

Algo se moveu nas sombras, na beira da plataforma.

— Olá. Tudo bem? — cumprimentou Door, se agachando.

Um rato marrom avançou até a luz e cheirou a mão dela.

— Obrigada — disse a garota, alegremente. — Também fico feliz por *você* não estar morta.

Richard se aproximou.

— Hã, Door... você pode passar uma mensagem ao rato, por mim?

O rato virou a cabeça para ele.

— A senhorita Bigodinhos falou que, se você tiver algo a dizer a ela, pode se dirigir diretamente — disse Door.

— Bigodinhos?

Door deu de ombros.

— É uma tradução literal — explicou. — Soa melhor em ratês.

Disso Richard não tinha dúvidas.

— Hã... Olá... senhorita Bigodinhos... Então, eu conheci um dos seus arautos, uma jovem chamada Anaesthesia. Ela estava me levando ao Mercado. Estávamos cruzando uma ponte no escuro, e ela não conseguiu chegar ao outro lado.

A rata o interrompeu com um agudo *uiiiii*. Door começou a falar, hesitante, fazendo as vias de tradutora simultânea:

— Ela está dizendo... que os ratos não o culpam pela perda. Sua guia foi... hã... levada pela noite... como tributo.

— Mas...

A rata guinchou outra vez.

— Às vezes, eles voltam... — continuou Door. — A senhorita Bigodinhos agradece... sua preocupação.

A rata assentiu para Richard e piscou os olhinhos negros. Em seguida, pulou para o chão e correu de volta para o escuro.

— Rata simpática — comentou Door, que parecia mais bem-disposta agora que tinha o pergaminho. — Por ali — indicou, apontando para uma passagem em arco totalmente bloqueada por uma porta de ferro.

Foram até lá. Richard empurrou, mas a porta estava trancada pelo outro lado.

— Parece que está impedida — comentou. — Vamos precisar de algumas ferramentas.

Door abriu um sorriso repentino; seu rosto pareceu se iluminar. Por um momento, seu rosto élfico ficou lindíssimo.

— Richard, minha família... Nós somos abridores de portas. É o nosso Talento. Veja só...

Ela esticou a mão encardida e tocou a porta. Por um bom tempo, nada aconteceu. Então ouviram o barulho alto de algo caindo do outro lado e um clangor do lado onde estavam. Door empurrou a porta, que se abriu com um rangido aflitivo causado pela ferrugem. Ela levantou o colarinho da jaqueta de couro e enfiou as mãos nos bolsos. Hunter virou a lanterna para a escuridão além da passagem: um lance de escadas na escuridão, levando a algum lugar acima.

— Hunter, pode cuidar da retaguarda? — pediu Door. — Eu vou na frente. Richard pode ficar no meio.

Ela subiu alguns degraus. Hunter ficou onde estava.

— Milady? — chamou a guarda-costas. — Está indo para a Londres de Cima?

— Isso mesmo — respondeu Door. — Vamos ao Museu Britânico.

Hunter mordeu o lábio inferior. Balançou a cabeça.

— Preciso ficar na Londres de Baixo — disse, com um tremor na voz.

Era a primeira vez, notou Richard, que a mulher demonstrava qualquer coisa que não competência nata ou, vez por outra, um divertimento reservado.

— Hunter, você é minha guarda-costas — alegou Door, perplexa.

Hunter parecia constrangida.

— Sou sua guarda-costas na Londres de Baixo. Não posso subir.

— Mas você tem que ir.

— Milady, não posso. Achei que tivesse compreendido isso. O marquês sabe de minha impossibilidade.

Hunter vai cuidar de você na Londres de Baixo, lembrou Richard. É verdade.

— Não, não compreendo — retrucou Door, o queixo pontudo projetado e erguido, estreitando os olhos de cores peculiares. — Qual é o problema? Uma maldição ou algo assim? — perguntou, com desdém.

Hunter hesitou, umedeceu os lábios, assentiu. Era como se precisasse admitir ser portadora de alguma doença socialmente constrangedora.

— Deixe de bobagem, Hunter — Richard ouviu a própria voz dizer.

Por um instante, achou que a mulher fosse bater nele (o que seria ruim) ou mesmo começar a chorar (o que seria pior, muito pior). Ela respirou fundo antes de responder, em tom moderado:

— Ficarei ao seu lado enquanto estiver na Londres de Baixo, milady, e protegerei seu corpo de qualquer perigo que possa ameaçá-la, mas não me peça para acompanhá-la até a Londres de Cima. Isso eu não posso fazer.

Hunter cruzou os braços sob o busto e afastou um pouco as pernas. Para qualquer um que passasse por ali, era a própria estátua da Mulher que Não Iria a Lugar Algum, esculpida em latão, bronze e açúcar queimado.

— Muito bem. Venha, Richard — chamou Door, e começou a subir.

— Olha, por que não ficamos aqui embaixo? — indagou ele. — Podemos achar o marquês e seguirmos juntos...

Mas Door já desaparecia escuridão acima. Hunter manteve os pés fincados no chão diante da escadaria.

— Vou esperar aqui — disse ela. — Você pode ir ou ficar. A escolha é sua.

Richard saiu correndo atrás de Door, subindo os degraus o mais rápido que pôde no escuro. Não demorou a ver o brilho da lanterna, um pouco acima.

— Espere! — pediu, ofegante. — Por favor.

Door parou e o esperou. Quando Richard a alcançou, chegando a um patamar claustrofobicamente pequeno, ela aguardou para lhe permitir recuperar o fôlego.

— Você não pode sair correndo desse jeito — reclamou Richard.

Door ficou em silêncio e comprimiu mais os lábios; o queixo se ergueu um tiquinho.

— Ela é sua guarda-costas — acrescentou Richard.

Door começou a subir o próximo lance de escada. Ele fez o mesmo.

— Bem, a gente não deve demorar — disse Door. — Aí ela pode voltar a me proteger.

O ar estava abafado, parado e opressivo. *Como avaliar a qualidade do ar sem a ajuda de um canário?*, perguntou-se Richard, e se contentou em torcer para que aquele não fosse ruim.

— Acho que o marquês sabia. Sobre a maldição dela, ou seja lá o que for — comentou ele.

— Sim — respondeu Door. — Espero que sim.

— Ele... O marquês. Olha, para ser sincero, bem, ele me parece meio vigarista.

Door parou. A escadaria acabava em um muro.

— Sim. Ele é “meio” vigarista tanto quanto os ratos são “meio” roedores.

— Então por que pedir ajuda a ele? Não tinha mais ninguém que pudesse ajudá-la? Eu poderia ter ido procurar outra pessoa.

— Depois a gente fala sobre isso.

Ela abriu o pergaminho dado pelo Conde, olhou rapidamente o que estava escrito, em letra muito arcaica e rebuscada, e voltou a enrolá-lo.

— Vai dar tudo certo — declarou, decidida. — Está tudo aqui. Só precisamos entrar no museu, encontrar o Ângelus e sair. Simples assim. Nada de mais. Moleza. Feche os olhos, Richard.

Ele fechou, obediente.

— Nada de mais — repetiu ele. — Nos filmes, quando alguém diz isso, é porque está prestes a acontecer alguma coisa horrível.

Ele sentiu uma brisa acariciar o rosto. Algo se alterou na escuridão que se estendia além de suas pálpebras fechadas.

— O que quer dizer com isso? — indagou Door.

A acústica em volta também tinha mudado: eles estavam em um lugar maior.

— Já pode abrir.

Richard abriu os olhos. Estavam do outro lado do muro, supôs, em um lugar que devia ser um depósito de tralha. Mas não qualquer tralha: havia algo muito estranho e especial naquele monte de tralha. Era o tipo de inutilidade magnífica, rara, estranha e cara que só poderia ser encontrada em um...

— Estamos dentro do Museu Britânico?

Door franziu o cenho. Parecia estar pensando, ou prestando atenção em algum som.

— Não exatamente. Mas estamos perto disso. Aqui deve ser algum tipo de depósito.

Ela tocou o tecido de um terno muito antigo, exposto em um manequim de cera.

— Era melhor ter ficado com a guarda-costas — comentou Richard.

Door inclinou a cabeça e o encarou com um olhar pesado.

— E do que você precisa ser protegido, Richard Mayhew?

— De nada — admitiu ele.

Foi quando viraram em um corredor.

— Quer dizer... — reconsiderou Richard. — Talvez deles.

— Merda — exclamou Door, na mesma hora.

O “talvez deles” de Richard e o “merda” de Door se deveram ao seguinte motivo: o sr. Croup e o sr. Vandemar estavam sobre dois pedestais, um em cada lado do corredor por onde Richard e Door seguiam.

Os dois lembraram a Richard uma exposição de arte contemporânea horrorosa que Jessica o tinha obrigado a ir: um jovem artista promissor organizara uma mostra que prometia quebrar os Tabus da Arte e, para executar a façanha, embarcara em uma onda sistemática de saques a sepulturas, expondo, posteriormente, os trinta achados mais interessantes de sua depredação. A mostra foi encerrada depois que o artista vendeu o

Cadáver Roubado Número 25 para uma agência de propaganda em troca de uma pequena fortuna de seis dígitos, e os parentes do *Cadáver Roubado Número 25*, ao verem a foto da escultura no jornal *The Sun*, processaram ambas as partes, exigindo que lhes repassassem uma parcela do valor obtido com a venda e que renomeassem a obra para *Edgar Fospring, 1919-1987, marido, pai e tio amado. Descanse em paz, papai*. Richard se lembrava de, durante a exposição, observar horrorizado os corpos enclausurados em vidro, os ternos manchados e danificados: odiara a si mesmo por ver aquilo, mas não conseguira desviar o olhar.

O sr. Croup sorriu como uma cobra com uma lua crescente enfiada na boca. Ao fazer isso, sua semelhança com os *Cadáveres Roubados* de números 1 a 30 aumentou consideravelmente.

— Ora, ora — começou o sorridente sr. Croup. — Nada do marquês Nossa Como Sou Esperto e Sei de Tudo? Nada da guarda-costas Ah Eu Não Mencionei Ops Não Posso Sair Daqui de Baixo? — Fez uma pausa dramática. Algo no sr. Croup lembrava a podridão da morte. — Devo estar sonhando! Mas veja se não são dois carneirinhos que encontramos aqui, perdidos e sozinhos, já bem depois da hora de dormir?

— Acho que estou tendo o mesmo sonho, senhor Croup — comentou o sr. Vandemar, muito prestativo.

O sr. Croup desceu do pedestal.

— Permitam-me sussurrar uma gentileza em suas orelhinhas de lã, meus carneirinhos.

Richard olhou ao redor. Tinha que haver um jeito de fugir dali. Ele pegou a mão de Door, que olhou em volta, desesperada.

— Oh, não, não, por favor. Fiquem onde estão — pediu o sr. Croup. — Gostamos dessa posição. E não queremos ser obrigados a machucá-los.

— Queremos, sim — corrigiu o sr. Vandemar.

— Bem, é verdade, senhor Vandemar, já que o senhor colocou dessa maneira. Queremos machucar vocês. Queremos machucar bastante, diga-se de passagem. Mas não é para isso que estamos aqui. Viemos deixar as coisas mais interessantes. Veja bem, quando a monotonia ameaça cair sobre nós, meu sócio e eu ficamos inquietos e, embora seja difícil de acreditar, perdemos nossa singeleza e jovialidade costumeiras.

O sr. Vandemar arreganhou os dentes, para demonstrar sua singeleza e jovialidade costumeiras. Foi, sem sombra de dúvidas, a visão mais horrível que Richard tivera na vida.

— Deixem a gente em paz — exigiu Door, com firmeza.

Richard apertou a mão dela. Se a garota conseguia ser valente, ele também conseguiria.

— Se quiserem machucar minha amiga, vão ter que me matar primeiro — declarou.

O sr. Vandemar pareceu genuinamente satisfeito com a declaração.

— Tudo bem — respondeu. — Obrigado.

— E vamos machucar você também — completou o sr. Croup.

— Mas não agora — interveio o sr. Vandemar.

— Veja bem, desta vez nosso objetivo é apenas deixá-los preocupados — explicou o sr. Croup, com voz de manteiga rançosa.

— Fazer vocês sofrerem — acrescentou o sr. Vandemar, a voz soando como o vento noturno soprando sobre um deserto de ossos. — Estragar o dia de vocês.

O sr. Croup se sentou na base do pedestal em que estava o sr. Vandemar.

— Vocês estiveram na Corte do Conde hoje — comentou, em um tom que, segundo Richard suspeitava, o sujeito devia julgar muito tranquilo e casual.

— E o que é que tem? — indagou Door, que começava a recuar ligeiramente.

O sr. Croup sorriu.

— Como sabíamos disso? Como sabíamos onde encontrá-los agora?

— Podemos pegar vocês quando bem entendermos — disse o sr. Vandemar, quase em um sussurro.

— Você foi traída, minha queridinha — explicou o sr. Croup, dirigindo-se, dessa vez, apenas a Door. — Um traidor infiltrou-se em seu ninho. Um cuco.

— Vamos — disse a garota, e saiu correndo.

Richard correu junto. Cruzaram o salão cheio de tralhas até chegarem a uma porta, que se abriu ao toque de Door.

— Despeça-se deles, senhor Vandemar — ordenou a voz do sr. Croup, lá atrás.

— Tchau, tchau — disse o sr. Vandemar.

— Não, não é assim. *Au revoir*.

E o sr. Croup fez um barulhinho: o *au-co, au-co* que um relógio de pêndulo desse tipo faria se tivesse um metro e setenta de altura e tivesse um fraco por carne humana, enquanto o sr. Vandemar, fiel à sua natureza, jogou para trás a cabeça atarracada e uivou como um lobo, fantasmagórico e feroz e insano.

Estavam do lado de fora, a céu aberto, de noite, correndo pela calçada da Bloomsbury's Russell Street. Richard achou que seu coração fosse saltar do peito. Um grande carro preto passou por eles. O Museu Britânico ficava atrás de portões altos pintados de preto. Luzes discretamente posicionadas iluminavam o grande prédio branco vitoriano, as grandes colunas da fachada, os degraus que levavam à entrada. O museu era o repositório de muitos

tesouros do mundo, saqueados ou encontrados ou recuperados ou doados ao longo de séculos.

Chegaram às grades de um dos portões de acesso. Door as segurou com ambas as mãos e empurrou. Nada aconteceu.

— Você não vai abrir isso? — perguntou Richard.

— O que acha que estou tentando fazer? — retrucou a garota, irritada, com um tom agressivo que lhe era pouco habitual.

A uns cem metros dali, no portão principal, formava-se uma fila de carros grandes, de onde saíam casais em roupas descoladas para percorrer a larga calçada até o museu.

— Por ali — indicou Richard. — O portão principal.

Door assentiu. Olhou para trás.

— Parece que aqueles dois não estão nos seguindo.

Eles correram para o portão.

— Você está bem? — perguntou Richard. — O que aconteceu lá no outro portão?

Ela se encolheu na jaqueta de couro. Exibia olheiras e uma palidez maior que o normal.

— Estou cansada — respondeu, sem rodeios. — Abri muitas portas hoje. É algo que exige muito de mim, cada vez que faço, então preciso de um tempo para me recuperar. É só eu comer alguma coisa que fico bem.

Um segurança no portão examinava minuciosamente os belos convites de cada um daqueles homens de barba bem-feita em ternos elegantes e cada mulher perfumada em vestido de gala, para então riscar da lista os nomes e deixá-los entrar. Ao lado do segurança, um policial fardado inspecionava os convidados com um olhar implacável. Richard e Door passaram pelo portão sem que ninguém lhes desse a menor atenção. Os dois foram para o fim da fila, juntando-se às pessoas que aguardavam nos degraus de pedra diante das portas do museu. Na mesma hora, um homem de cabelo branco acompanhado por uma mulher corajosamente vestida em um casaco de vison legítimo se colocou logo atrás deles, obedecendo à ordem da fila. Richard ficou surpreso.

— Essas pessoas podem nos ver? — perguntou.

Door se virou para o cavalheiro, erguendo o olhar para ele.

— Olá — cumprimentou ela.

O homem olhou em volta com uma expressão intrigada, como se não soubesse o que atraía sua atenção. Só então enxergou Door, parada à sua frente.

— Olá...? — respondeu ele, desconfiado.

— Eu me chamo Door. Este é Richard.

— Ah...

O homem então enfiou a mão no bolso interno do paletó, pegou uma cigarreira e os esqueceu por completo.

— Pronto. Entendeu? — disse Door a Richard.

— Acho que sim — respondeu ele.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, enquanto a fila avançava vagarosamente em direção à única porta de vidro que dava acesso ao prédio. Door releu o pergaminho, como se precisasse confirmar alguma informação.

— Um traidor? — comentou Richard.

— Eles só estavam nos provocando. Queriam nos deixar abalados.

— E conseguiram.

Os dois passaram pela porta aberta e entraram no Museu Britânico.

Eles voltaram pela Trafalgar Square, porque o sr. Vandemar estava faminto.

— Dar um susto nela — murmurou o sr. Croup, enojado. — *Um susto*. A que ponto chegamos?

O sr. Vandemar tinha encontrado metade de um sanduíche de camarão com alface em uma lata de lixo e agora tirava pedacinhos delicadamente, jogando-os na calçada de pedras à sua frente e atraindo, com isso, um pequeno bando de pombos notívagos.

— Devíamos ter seguido a minha ideia — comentou ele. — Susto bom era se eu tivesse arrancado a cabeça dele quando a garota olhasse para o lado, e aí eu enfiava a mão pela garganta dele que nem fantoche e ficava remexendo os dedos, isso sim. Sempre gritam na hora em que os olhos saltam.

E demonstrou com a mão direita, jogando os dedos para cima no ar e balançando-os.

O sr. Croup não se conformava.

— Por que ficar tão melindroso a essa altura? — refletiu ele.

— Não estou melindroso, senhor Croup. Eu gosto quando os olhos saltam — respondeu o sr. Vandemar.

Mais pombos cinzentos cuja hora de dormir passara havia muito se aproximaram para bicar os pedacinhos de pão e de camarão, ignorando a alface.

— Não estou falando de você — retrucou o sr. Croup. — Falo do patrão. Mate a garota, sequestre a garota, assuste a garota. Por que não se decide logo?

O sanduíche que o sr. Vandemar usava como isca acabou. Ele atacou o bando de pombos, que alçaram voo com muito alvoroço e algumas arrulhadas de resmungo.

— Bela captura, senhor Vandemar — elogiou o sr. Croup.

O sr. Vandemar segurava um pombo surpreso e chateado, que arrulhava e se debatia em suas mãos, bicando os dedos de seu algoz inutilmente.

O sr. Croup deu um suspiro dramático.

— Bem, não importa. Agora com certeza soltamos o lobo no galinheiro — comentou, satisfeito.

O sr. Vandemar ergueu o pombo junto ao rosto. Um ruído crocante se fez ouvir quando ele mordeu a cabeça da ave e começou a mastigar.

Os seguranças do museu guiavam os convidados para um corredor que parecia funcionar como sala de espera. Door os ignorou completamente e seguiu explorando o interior do museu, Richard em seu encalço. Passaram pela ala egípcia, subiram vários lances da escada de emergência até chegarem a uma sala batizada como PRIMÓRDIOS INGLESES.

— De acordo com esse negócio, o Ângelus está em algum lugar desta sala — explicou. Então leu outra vez o pergaminho e olhou ao redor, com mais atenção. Fez uma careta e um ruído de irritação e voltou para a escada, agora descendo. Richard teve um forte *déjà-vu*, até se dar conta de que, sim, claro que aquilo lhe era familiar: era daquele jeito que ele passava os fins de semana em sua vida com Jessica — o que já começava a parecer muito distante, como algo que acontecera a outra pessoa muito, muito tempo antes.

— Então o Ângelus não estava naquela sala? — perguntou ele.

— Não, não estava lá — respondeu a garota, com um pouco mais de agressividade do que Richard sentia que a pergunta merecera.

— Ah. Foi só uma pergunta.

Será que estavam começando a ter alucinações devido a uma overdose de açúcar iniciada na Corte do Conde ou por alguma privação sensorial?

— Estou ouvindo uma música — comentou ele.

Parecia um quarteto de cordas.

— É a festa — explicou Door.

Claro. As pessoas elegantes da fila. É, parecia que o Ângelus também não estava por ali. Door entrou na sala seguinte, Richard atrás. Desejava ser mais útil.

— Esse Ângelus... Como ele é?

Por um instante, achou que fosse levar bronca só por ter perguntado, mas a garota parou e esfregou a testa.

— Aqui só diz que tem uma imagem de um anjo nele. Mas não pode ser tão difícil de encontrar. — E acrescentou, esperançosa: — Afinal, quantas obras com anjos pode ter por aqui?

NOVE

JESSICA ESTAVA SOFREND0 certa pressão. Estava preocupada, nervosa e agitada. Tinha catalogado a coleção, negociado o espaço do Museu Britânico, organizado a Restauração da Peça em Destaque, ajudado na montagem e elaborado a lista de convidados para o Vernissage Fabuloso. Ainda bem que não tinha namorado, dizia aos amigos. Não teria tempo para ele. Mesmo assim, pensou, bem que seria legal arranjar um quando estivesse menos atribulada: alguém para acompanhá-la às galerias nos fins de semana. Alguém para...

Não. Não se permitiria entrar naquela espiral de pensamentos. Ficar pensando naquilo era o mesmo que tentar segurar água com as mãos, então voltou a se concentrar na exposição. Mesmo naquele momento, já prestes a inaugurar, havia muito o que podia dar errado. Inúmeros corredores já haviam tropeçado na linha de chegada. Diversos generais ultraconfiantes já tinham visto uma vitória garantida se transformar em derrota nos últimos minutos de batalha. Jessica apenas faria de tudo para garantir que nada desse errado. Ela usava um vestido de seda verde — um general de ombros à mostra guiando sua tropa, imperturbável, e fingindo que o sr. Stockton não estava meia hora atrasado.

A tropa consistia em um maître, uma dúzia de garçons, três assistentes de bufê, o quarteto de cordas e o assistente de Jessica, um jovem chamado Clarence. Jessica estava convencida de que Clarence só conseguira aquele emprego por ser a) gay assumido e b) negro igualmente assumido. Por conta disso, era motivo de constante irritação para ela que Clarence fosse, de longe, o assistente mais eficiente e mais competente que já tivera.

Ela observou a mesa de bebidas.

— Temos champanhe suficiente? Hein? — O maître apontou para um engradado debaixo da mesa. — E água gasosa? — Outro gesto. Outro engradado. Jessica comprimiu os lábios. — E quanto a água *sem* gás? Nem todos são fãs daquelas bolhinhas. — Tinham bastante água mineral sem gás. Ótimo.

O quarteto de cordas afinava os instrumentos, mas não tão alto a ponto de neutralizar a balbúrdia que vinha do corredor. Era o barulho de um grupo pequeno porém abastado: o resmungar de mulheres em casaco de

pele e de homens que, não fosse pelos avisos de PROIBIDO FUMAR — e talvez pela recomendação de seus médicos —, estariam com charutos; a tagarelice de jornalistas e celebridades que sentiam o cheiro dos canapés, *vol-au-vents*, petiscos diversos e champanhe de graça.

Clarence falava ao celular, uma engenhoca dobrável muito fina que fazia os comunicadores de *Jornada nas Estrelas* parecerem grandalhões e arcaicos. Ele desligou e guardou o aparelho sem nem fazer volume no bolso Armani do terno Armani. Abriu um sorriso tranquilizador.

— Jessica, o motorista do senhor Stockton telefonou, do carro. Estão ainda um pouquinho atrasados, mas nada com que se preocupar.

— Nada com que se preocupar — repetiu Jessica.

Arruinada. Estava *arruinada*. Seria um desastre total. Um desastre causado por *ela*. Jessica pegou uma taça de champanhe da mesa, virou-a de uma só vez e a devolveu, vazia, ao garçom.

Clarence inclinou a cabeça para o lado, atento ao burburinho que reverberava pelo corredor. Olhou para o relógio, depois olhou para Jessica com um ar contestador, um capitão questionando seu general. *Hora de marchar para o Vale da Morte, chefe?*

— O senhor Stockton está a caminho, Clarence — disse Jessica, muito calma. — Ele solicitou um tour particular antes do evento.

— Quer que eu vá ver como estão os convidados?

— Não — respondeu ela, decidida. Então, igualmente decidida, corrigiu-se: — Sim.

Com os comes e bebes sob controle, ela voltou sua atenção ao quarteto de cordas. Perguntou aos músicos, pela terceira vez naquela noite, qual exatamente era o repertório.

Clarence abriu as portas duplas. Era pior do que ele imaginava: devia haver mais de cem pessoas no corredor. E não eram simples pessoas. Eram Pessoas. Algumas eram até Personalidades.

— Com licença — chamou o diretor do Conselho de Artes. — O horário no convite consta como oito em ponto. Já são oito e vinte.

— Só mais alguns minutinhos — garantiu um charmoso Clarence. — Questões de segurança.

Uma mulher de chapéu o interpelou. Sua voz era alta, agressiva e decididamente parlamentar.

— Meu jovem, você sabe quem eu sou?

— Para falar a verdade, não — mentiu Clarence, que sabia exatamente quem eram todos ali. — Só um instante. Vou ver se alguém aqui dentro sabe. — E fechou a porta. — Jessica, eles vão começar um motim.

— Não exagere, Clarence.

Jessica andava pela sala como um furação de seda verde, posicionando os garçons em cantos estratégicos do salão, com suas bandejas de canapés e de

bebidas, e conferindo o sistema de alto-falantes, o púlpito, a cortina e a corda para abri-la.

— Já estou vendo as manchetes — disse o assistente, abrindo um jornal imaginário. — VELHOTES BILIONÁRIOS PISOTEIAM DIVA DO MARKETING EM CORRE-CORRE ALUCINADO POR CANAPÊS.

Alguém bateu à porta. O barulho no corredor aumentava.

— Com licença. Ei. Com licença — chamava alguém, bem alto.

Mais uma pessoa informando ao mundo que aquilo era um desastre, pura e simplesmente um desastre, não havia outra palavra.

— Está decidido: vou deixar todo mundo entrar — disse Clarence, de repente.

— Não! — gritou Jessica. — Se você...

Tarde demais. As portas já haviam sido abertas, e a horda forçava caminho para dentro do salão. O rosto de Jessica se transfigurou, indo do horror a um gracioso deleite. Ela foi brilhando até a porta.

— Baronesa — cumprimentou Jessica, com um sorriso feliz. — Não tenho palavras para dizer como estamos felizes por ter conseguido comparecer à nossa pequena exposição de hoje. O senhor Stockton está enfrentando contratemplos, mas vai chegar em instantes. Por favor, experimente um dos canapés...

De trás do ombro coberto de vison da baronesa, Clarence deu uma piscadela alegre para Jessica, que repassou mentalmente todos os palavrões de seu vocabulário. Assim que a baronesa se afastou, rumo aos *vol-au-vents*, Jessica foi até seu assistente e, ao sussurros mas ainda sorrindo, xingou-o de vários deles.

Richard congelou. Um segurança avançava bem na direção deles, a luz da lanterna indo de um lado a outro. Richard olhou em volta, procurando algum lugar onde se esconder.

Tarde demais. Outro segurança se aproximava, uma mulher, passando naquele momento pelas gigantescas estátuas de deuses gregos esquecidos, o facho da lanterna também ziguezagueando.

— Tudo certo? — perguntou o primeiro.

A mulher continuou se aproximando, até parar ao lado de Richard e Door.

— Parece que sim — respondeu. — Já tive que impedir dois bestalhões engomadinhos de gravar suas iniciais na Pedra de Roseta. Odeio esses eventos.

O primeiro guarda mirou a lanterna bem nos olhos de Richard, mas logo desviou a luz para as sombras.

— É o que eu sempre digo: a gente vive continuamente naquele conto “A máscara da Morte Rubra” — comentou, com o ar satisfeito de um profeta inquestionável. — Uma elite decadente faz a festa enquanto a civilização desmorona em volta.

Ele enfiou o dedo no nariz e o limpou na sola de couro da bota preta polida.

A mulher suspirou.

— Obrigada, Gerald. Muito bem, vamos voltar às rondas.

Os dois se afastaram juntos pelo corredor.

— Na última dessas farras, encontramos um sarcófago todo vomitado — comentou um deles, e a porta se fechou.

— Quando você faz parte da Londres de Baixo, as pessoas em geral nem notam a sua existência, a não ser que você pare e fale com elas — explicou Door, em um tom corriqueiro, enquanto avançavam lado a lado para a sala seguinte. — E, mesmo assim, esquecem rapidinho.

— Mas *eu* vi você — retrucou Richard.

O fato o incomodava havia um tempo.

— Eu sei — respondeu Door. — Estranho, né?

— Tudo é estranho — comentou Richard, honestamente.

A música do quarteto de cordas crescia em volume. Os picos de ansiedade eram ainda piores ali na chamada Londres de Cima, onde ele era forçado a reconciliar os dois universos. Lá embaixo, pelo menos podia fazer de conta que era tudo um simples sonho e ia colocando um pé na frente do outro como um sonâmbulo.

— O Ângelus está em algum lugar por ali — anunciou Door, interrompendo o devaneio dele e apontando para a direção de onde vinha a música.

— Como você sabe?

— Eu sei — respondeu ela, com absoluta certeza. — Venha.

Eles saíram da escuridão para um corredor iluminado, em que uma placa gigantesca anunciava:

ANJOS SOBRE A INGLATERRA
UMA EXPOSIÇÃO NO MUSEU BRITÂNICO
PATROCINADO PELA STOCKTONS LTDA.

Cruzaram o corredor e passaram por uma porta aberta, entrando em uma sala grande onde acontecia uma festa.

Um quarteto de cordas tocava enquanto garçons abasteciam de comida e bebida o salão cheio de gente bem-vestida. Um pequeno púlpito, ao lado de uma cortina bem alta, repousava em um pequeno palco no canto.

O lugar estava repleto de anjos.

Estátuas de anjos em pequenos pedestais. Quadros de anjos nas paredes. Afrescos de anjos. Anjos gigantescos e anjos minúsculos, anjos austeros e anjos amigáveis, anjos com asas e auréola e anjos sem acessórios, anjos belicosos e anjos pacíficos. Anjos modernos e anjos clássicos. Centenas e mais centenas de anjos, de todos os tamanhos e formatos. Anjos ocidentais, anjos do Oriente Médio, anjos orientais. Anjos de Michelangelo. Anjos de Joel-Peter Witkin, anjos de Picasso, anjos de Warhol. A coleção do sr. Stockton “era indiscriminatória na fronteira do vulgar, mas decerto fascinante por seu caráter eclético”, nas palavras da resenha publicada pela *Time Out*.

— Você me julgaria um chato se eu dissesse que tentar encontrar um objeto com desenho de anjo aqui é como tentar encontrar uma agulha em um ai meu Deus é a Jessica!

Richard sentiu o sangue se esvaír do rosto. Até então, achava que isso era uma força de expressão. Não sabia que dava para sentir acontecer na vida real.

— Alguém que você conhece? — perguntou Door.

Richard assentiu.

— Era minha, bem, nós íamos nos casar, ficamos juntos por alguns anos. A mulher que estava comigo quando encontrei você. Era ela na, sabe, foi quem deixou a mensagem, na secretária eletrônica.

Ele apontou para o outro lado do salão.

Jessica conversava animadamente com lorde Lloyd Webber, Sir Bob Geldof e um cavalheiro de óculos que ela tinha fortes suspeitas de que fosse membro da família Saatchi. Volta e meia ela olhava para o relógio e, depois, para a porta.

— Ela? — perguntou Door, lembrando-se da mulher. Então, obviamente se sentindo no dever de dizer algo positivo sobre alguém por quem Richard se importara em sua vida anterior, comentou: — Puxa, ela é muito... — fez uma pausa, pensou, completou: — ... limpa.

Richard tinha os olhos fixos do outro lado da sala.

— Será que ela vai... ficar chateada por estarmos aqui?

— Duvido muito — respondeu Door. — Para ser franca, ela nem vai notar sua presença, a não ser que você faça algo idiota como tentar conversar com ela. — Em seguida, com mais entusiasmo, exclamou: — Comida!

Door se lançou sobre os canapés como uma garotinha de nariz sujo, rosto de fada, cabelo ruivo e casacão de couro que não come direito há séculos. Enormes quantidades de comida foram enfiadas na boca de uma só vez,

mastigadas e engolidas, ao mesmo tempo em que os sanduíches mais volumosos eram embrulhados em guardanapos e armazenados nos bolsos. Então, munida de um pratinho descartável contendo uma pilha de coxas de frango, fatias de melão, *vol-au-vents* de cogumelos, folhados de caviar e pequenas linguças de veado, começou a circular pela sala encarando atentamente cada artefato angelical.

Richard foi atrás, levando um sanduíche de brie com funcho e um suco de laranja fresco.

Jessica estava completamente perplexa. Tinha avistado Richard e, por consequência, avistado também Door. Havia algo de familiar naqueles dois — uma coceira nas costas: impossível de examinar e absurdamente irritante.

A sensação lhe lembrou uma história que sua mãe lhe contara. Certa noite, em uma festa, ela havia encontrado uma mulher que conhecia desde tempos remotos (tinham estudado juntas, frequentado a mesma paróquia, ficado encarregadas da mesma barraquinha na quermesse) e, naquele momento, se descobrira incapaz de relembrar o nome dela, embora soubesse que a tal mulher tinha um marido chamado Eric e um labrador chamado Major. O encontro fora motivo de grande frustração para a mãe de Jessica.

Aquilo a estava deixando distraída.

— Quem são aqueles? — perguntou ela a Clarence.

— Aqueles? Bem, ele é o novo editor da *Vogue*, ela é editora de Artes do *New York Times*. E acho que a do meio é a Kate Moss...

— Não, não — retrucou Jessica. — *Aqueles*. Ali.

Clarence olhou para onde ela apontava.

— Oi? Ah. *Eles*. — O rapaz não entendeu como não os tinha notado. Era a idade, pensou; em breve, faria vinte e três anos. — Jornalistas? — sugeriu, sem muita convicção. — Parecem bem estilosos. *Grunge chic*? Ora, por favor. Sei que convidei o pessoal da *The Face*...

— Eu o conheço de *algum* lugar — comentou Jessica, frustrada.

Foi quando o motorista do sr. Stockton telefonou de Holborn para avisar que estava quase chegando. Com isso, a questão Richard escapou da cabeça dela como água escorrendo pelos dedos.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou Richard.

Door balançou a cabeça e engoliu um pedaço de frango mastigado às pressas.

— É como agulha no palheiro — comentou. — Nada aqui *parece* o Ângelus. O pergaminho dizia que eu saberia quando o encontrasse. — Ela voltou a andar, observando anjos, afastando de seu caminho um CEO

Milionário, o Líder da Oposição na Câmara e a Acompanhante Mais Bem-Paga do Sul da Inglaterra.

Richard se virou e deu de cara com Jessica. Ela estava com o cabelo preso no alto, os espiralados cachos castanhos emoldurando o rosto com perfeição. Estava linda. E sorria para ele. A culpa foi do sorriso.

— Olá, Jessica. Como vai?

— Olá. Você não vai acreditar, mas meu assistente esqueceu o nome do seu jornal, senhor Hãã.

— Jornal?

— Eu disse jornal? — Jessica deu uma risadinha cintilante, doce e autodepreciativa. — Revista... canal de TV. Você é da mídia, não?

— Você está muito bonita, Jessica.

— Por favor, vai me deixar sem graça — disse ela, com um sorriso travesso.

— Você é Jessica Bartram. Diretora de marketing da Stocktons. Vinte e seis anos. Faz aniversário em vinte e três de abril, e, em seus arroubos de paixão, tem o hábito de murmurar aquela música do The Monkees, “I’m a Believer”...

Jessica parou de sorrir.

— Isso é uma piada? — indagou, com frieza.

— Ah, e fomos noivos por dezoito meses — completou ele.

Jessica abriu um sorriso nervoso. Talvez fosse mesmo uma piada: do tipo que todo mundo entendia, menos ela.

— Acredito que eu saberia se tivesse sido noiva de alguém por dezoito meses, senhor Hãã.

— Mayhew — completou Richard, solícito. — Richard Mayhew. Você me deu um fora, e eu não existo mais.

Jessica acenou com urgência para nenhuma pessoa específica do outro lado do salão.

— Já estou indo — disse, desesperada, e começou a se afastar.

— *I’m a believer* — cantarolou Richard, alegremente — ... *I couldn’t leave her if I tried*...

Jessica arrancou uma taça de champanhe de uma bandeja que passava por ali e tomou tudo de um gole só. No ponto mais distante da sala estava o motorista do sr. Stockton, e onde quer que estivesse o motorista do sr. Stockton...

Ela se encaminhou para as portas.

— Então, quem era ele? — perguntou Clarence, aproximando-se.

— Quem?

— O seu homem misterioso.

— Não sei — admitiu ela. — Olha, talvez seja melhor chamar o segurança.

— Certo. Por quê?

— Porque... Chame o segurança.

Então o sr. Arnold Stockton entrou no salão, e todos os outros assuntos escaparam da mente de Jessica.

Exuberante, o sujeito — tanto no porte quanto na conta bancária. Era uma caricatura de um quadro de Hogarth, com cintura enorme, queixo triplo e barriga volumosa. Passara dos sessenta; o cabelo era de um grisalho quase prateado e muito comprido atrás, pois o sr. Stockton sabia que o estilo deixava as pessoas desconfortáveis, e ele gostava de deixar as pessoas desconfortáveis. Comparado a Arnold Stockton, Rupert Murdoch era um ambulante ordinário, e o falecido Robert Maxwell não passava de uma baleia enalhada. Arnold Stockton era um pit bull, e era justamente assim que muitos cartunistas o retratavam. A Stocktons era proprietária de um pouco de tudo: satélites, jornais, gravadoras, parques de diversão, livros, revistas, quadrinhos, canais de TV, estúdios de cinema.

— Vou fazer o discurso e dar o fora — anunciou o sr. Stockton a Jessica, sem nem cumprimentá-la antes. — Volto outra hora, quando esse bando de enebados estiver bem longe daqui.

— Perfeito — respondeu ela. — Discurso. Agora. Claro.

Ela o guiou até o pequeno palco e subiu ao púlpito. Bateu com a unha em uma taça algumas vezes, pedindo silêncio. Ninguém ouviu, então ela se pronunciou do microfone.

— Boa noite. — A conversa cessou. — Senhoras e senhores, distintos convidados. Gostaria de dar as boas-vindas a todos e agradecer pela presença de vocês no Museu Britânico para prestigiar a exposição “Anjos sobre a Inglaterra”, patrocinada pela Stocktons. Recebam, por favor, nosso diretor executivo e presidente do conselho administrativo, o senhor Arnold Stockton.

Os convidados aplaudiram, pois todos sabiam muito bem quem reunira a coleção de anjos e quem, aliás, pagara pelo champanhe.

O sr. Stockton pigarreou.

— Pois bem — começou. — Serei breve. Quando eu era garoto, vinha ao Museu Britânico todo sábado, porque era de graça e não tínhamos muito dinheiro. Eu subia aqueles degraus enormes e vinha até esta sala dos fundos para ver um determinado anjo. Era como se ele soubesse o que eu estava pensando.

Naquele mesmo momento, Clarence voltou ao salão acompanhado por dois seguranças e apontou para Richard, que estava parado ouvindo o discurso do sr. Stockton. Door ainda observava as obras da coleção.

— Não, *ele* — dizia Clarence aos guardas, bem baixinho, e teve que repetir algumas vezes. — Não, olha, bem ali. Viram? *Ele*.

— Pois então. Como tudo que é abandonado — continuou o sr. Stockton —, esse anjo se deteriorou, caiu vítima do estresse e da pressão do mundo moderno. Apodreceu. Azedou. Bem, a restauração custou uma porrada de dinheiro — fez uma pausa, para todos absorverem o que estava dizendo: se ele, Arnold Stockton, achava que era uma porrada de dinheiro, então era uma porrada de dinheiro, ah, se era — e muitas horas de trabalho de vários artesãos e restauradores. Daqui, esta exibição segue para os Estados Unidos e depois vai rodar o mundo, para que possa inspirar outros moleques a começar o próprio império de comunicações mesmo sem um tostão.

O sr. Stockton olhou ao redor. Virou-se para Jessica e murmurou um “O que eu faço agora?”. Ela apontou para a corda ao lado da cortina. Ele puxou a corda. A cortina ondulou e se abriu, revelando uma porta velha.

Mais uma vez, houve certa movimentação no canto da sala de Clarence.

— Não. *Ele*. Pelo amor de Deus, vocês são cegos?

Parecia a antiga porta de uma catedral. Tinha a altura de dois homens e largura suficiente para que um pônei a atravessasse. A madeira tinha um anjo extraordinário esculpido, pintado de vermelho, branco e dourado, que encarava o mundo com olhos medievais inexpressivos. Os convidados reagiram com uma onda de murmúrios impressionados e começaram a aplaudir.

— O *Ángelus* — disse Door, puxando a manga do casaco de Richard. — É isso! Richard, vamos!

E foi correndo até o palco.

— Com licença, senhor.

Era um segurança.

— Podemos ver seu convite? — disse outro, segurando o braço de Richard discretamente, porém com força. — E o senhor tem algum documento?

— Não — respondeu Richard.

Door já estava no palco. Ele tentou se desvencilhar dos seguranças para ir até ela, torcendo para que o esquecessem. Não esqueceram: agora que haviam notado sua presença, passariam a tratá-lo como tratavam todo penetra sujo, maltrapilho e com a barba por fazer. O segurança o pegou com ainda mais força.

— Nem pense nisso — murmurou.

No palco, Door tentava pensar como fazer os seguranças o soltarem. Então, fez a única coisa que lhe ocorreu: foi até o microfone, se ergueu bem na pontinha dos pés e gritou o mais alto que pôde, sua voz ampliada pelos alto-falantes. Foi um grito formidável: mesmo sem o auxílio tecnológico, seria capaz de atravessar cabeças como uma furadeira novinha em folha equipada com uma serra no lugar da broca. Amplificada, então... era simplesmente de outro mundo.

Uma garçonete derrubou a bandeja de bebidas. Cabeças se viraram na direção do palco. Mãos cobriram orelhas. Todas as conversas pararam. As pessoas encaravam Door com perplexidade e horror. E Richard aproveitou a oportunidade para escapar.

— Desculpe. Londres errada — disse ele ao segurança atordoado, antes de puxar o braço e sair correndo.

Ele chegou ao palco, aceitou a mão estendida de Door. Com a outra mão, ela tocou o Ângelus, a enorme porta de catedral. Tocou e *abriu*.

Dessa vez, ninguém derrubou bebidas. Todos ficaram paralisados, o olhar arregalado em puro espanto — e momentaneamente cegos. Ao ser aberto o Ângelus, a luz do outro lado da porta inundou de esplendor o salão. Pessoas cobriram os olhos para logo depois, hesitantes, voltarem a abri-los em contemplação. Era como se fogos de artifício tivessem sido disparados dentro da sala. Não aqueles fogos caseiros ou as serpentinas que fagulham e deixam um cheiro horrível; nem mesmo aqueles de soltar no quintal; eram dos de grande porte, que subiam bem alto e colocavam as rotas aéreas em risco, como os que encerram o dia na Disney ou os que deixavam a polícia doida nos shows do Pink Floyd. Foi um momento de pura magia.

O público admirava, em um transe extático. O único barulho que se ouvia eram os leves mas quase guturais suspiros de arrebatamento que costuma acompanhar espetáculos de pirotecnia: o som do encanto. Um homem imundo e uma garota de rosto sujo usando uma enorme jaqueta de couro passaram pela porta e desapareceram na luz. A porta se fechou atrás deles. O show acabou.

E tudo voltou ao normal. Convidados, seguranças e garçons piscaram, sacudiram as respectivas cabeças e, tendo presenciado algo inteiramente além de sua compreensão, de alguma forma concordaram, sem trocar uma só palavra, em que aquilo simplesmente não acontecera. O quarteto de cordas recomeçou a tocar.

O sr. Stockton se encaminhava à porta da sala, distribuindo, no caminho, acenos bruscos para vários conhecidos. Jessica foi até Clarence.

— O que esses seguranças estão fazendo aqui? — perguntou baixinho.

Os seguranças em questão estavam entre os convidados, olhando para os lados como se eles mesmos não soubessem o motivo de se encontrarem ali. Clarence começou a explicar a presença daqueles dois ali, mas foi impedido pela percepção de que não fazia a menor ideia.

— Deixa comigo — disse o eficiente Clarence.

Jessica assentiu. Ela olhou em volta, observando sua festa, e abriu um sorriso sereno. A noite estava indo muito bem.

Richard e Door entraram na luz. E tudo ficou escuro e frio. Richard piscou repetidamente para se livrar das manchas residuais na retina, que o deixavam quase cego: manchas fantasmagóricas alaranjadas e esverdeadas que iam desaparecendo aos poucos, à medida que seus olhos se acostumavam à escuridão.

Estavam em um amplo salão aberto na rocha. Pilares de ferro preto enferrujado sustentavam o teto, elevando-se na escuridão distante, talvez por quilômetros. De algum lugar vinha o som baixinho de água: um chafariz, talvez, ou uma fonte. Door ainda segurava a mão dele com força. Uma pequena chama ganhou vida mais adiante. Então outra, e mais outra: uma miríade de velas sendo acesa, percebeu Richard. E, vindo na direção deles por entre as velas, uma figura alta, em um robe branco e simples.

Embora parecesse se mover devagar, a figura devia estar andando bem rápido, pois em apenas alguns segundos os alcançara. Tinha cabelo dourado e rosto muito claro. Não era muito mais alto que Richard, mas mesmo assim o fazia se sentir uma criancinha. Não era um homem, não era uma mulher. Era um ser lindíssimo.

— Lady Door, não é mesmo? — disse com sua voz serena.

— Sim — respondeu ela.

Um sorriso brando. A figura a cumprimentou com um aceno de cabeça quase humilde.

— É uma honra finalmente conhecer você e seu acompanhante. Sou o anjo Islington.

Os olhos eram grandes e límpidos. A roupa, que a princípio parecera branca, era, na verdade, tecida em *luz*.

Richard não acreditava em anjos. Nunca acreditara. Não começaria a acreditar naquele momento, ah, mas não ia mesmo. No entanto, é muito mais fácil não acreditar em alguma coisa quando essa coisa não está bem na sua frente olhando para você e dizendo seu nome.

— Richard Mayhew. Você também é bem-vindo à minha morada. — Islington se virou. — Por favor, me acompanhem.

Os dois o seguiram caverna adentro. As velas se apagavam sozinhas à passagem deles.

O marquês De Carabás caminhava pelo hospital vazio, quebrando vidros e seringas velhas sob as pesadas botas pretas de motoqueiro. Passou por uma porta dupla que levava a uma escadaria nos fundos. Desceu até o porão.

Cruzou as salas do subsolo, desviando meticulosamente das pilhas de entulho embolorado. Passou pelos vestiários e banheiros, desceu a velha escadaria de metal e atravessou uma área bem úmida, quase pantanosa; em seguida, abriu uma porta de madeira parcialmente podre e entrou. Olhou

em volta, observando a sala onde se encontrava; inspecionou, com desdém magnífico, o gato comido pela metade e a pilha de lâminas de barbear. Finalmente, limpou o assento de uma cadeira e se sentou, confortável e exuberante, imerso na umidade do porão, e fechou os olhos.

Passado um tempo, a porta se abriu.

O marquês De Carabás abriu os olhos e bocejou. Então, abriu um sorriso reluzente para o sr. Croup e o sr. Vandemar.

— Olá, rapazes — cumprimentou. — Achei que já era hora de eu descer aqui para conversarmos pessoalmente.

DEZ

— VOCÊS TOMAM VINHO? — perguntou o anjo.

Richard assentiu.

— Tomei um pouco, uma vez — respondeu Door, insegura. — Meu pai. No jantar. Ele deixava a gente experimentar.

O anjo Islington ergueu a garrafa: parecia um decantador. Richard se perguntou se seria mesmo de vidro, já que refletia e refratava a luz das velas de uma forma muito estranha. Talvez fosse algum tipo de cristal ou de diamante gigante. O vinho ali dentro até parecia brilhar, como se fosse feito de luz.

O anjo retirou a tampa e despejou um centímetro de líquido dentro de uma taça. Era vinho branco, mas de um tipo diferente de todos os que Richard já vira. Emanava luz pelas cavernas, como a luz do sol refrata em uma piscina.

Door e Richard estavam sentados a uma mesa de madeira enegrecida pelo tempo, em cadeiras gigantes, ambos em silêncio.

— Esta é a última garrafa deste vinho, a última da espécie — comentou Islington. — Ganhei dezenas de garrafas de um dos seus antepassados.

Ele entregou uma taça a Door e começou a despejar mais um centímetro do vinho em outra taça. Fazia aquilo com uma reverência quase apaixonada, como um sacerdote realizando um ritual.

— Foi um presente de boas-vindas. Aconteceu uns trinta ou quarenta mil anos atrás. Há muito tempo, não importa quanto exatamente — completou, estendendo a outra taça para Richard. — Vocês poderiam me acusar de desperdiçar algo que deveria ser preservado, mas é que é raro eu receber visitas. E o caminho até aqui é bem árduo.

— O Ângelus... — murmurou Door.

— Vocês chegaram pelo Ângelus, sim, mas aquela passagem só funciona uma vez para cada viajante. — Islington ergueu a taça bem alto, observando a luz. — Bebam com parcimônia, é deveras potente — alertou, sentando-se à mesa entre Richard e Door. — Ao tomar este vinho, gosto de imaginar que estou saboreando a luz de eras passadas — completou, melancólico. Ergueu a taça. — Um brinde às glórias do passado.

— Às glórias do passado — repetiram Richard e Door, em uníssono.

Então, embora estivessem um pouco receosos, provaram a bebida, em goles pequenos.

— É maravilhoso — comentou Door.

— Realmente — concordou Richard. — Achei que vinhos antigos virassem vinagre quando fossem expostos ao ar.

— Não este — respondeu o anjo. — Tudo depende do tipo de uva e do local de cultivo. Esse tipo de uva, infelizmente, foi extinto quando o vinhedo desapareceu sob as ondas.

— É mágico — comentou Door, tomando mais um pequeno gole do líquido luminoso. — Nunca provei nada parecido.

— E nunca mais vai provar — retrucou Islington. — Não restaram mais vinhos de Atlântida.

Em algum lugar dentro de Richard, uma voz diminuta e racional comentou que nunca existira uma Atlântida. Encorajada, pôs-se a afirmar que não existiam seres como anjos e que, inclusive, a maioria das experiências que ele vivera nos últimos dias era impossível. Richard ignorou a voz. Estava aprendendo, ainda que aos tropeços, a confiar nos próprios instintos e a aceitar que as explicações a ele oferecidas para tudo aquilo eram as mais simples e plausíveis — por mais improváveis que parecessem. Ele abriu a boca e provou o vinho outra vez. A bebida o fazia se sentir *feliz*; propenso a pensar sobre céus maiores e mais azuis do que já vira, um sol dourado e gigantesco no céu; tudo mais simples, tudo mais *jovem* do que o mundo que ele conhecia.

Havia uma cascata à esquerda deles; a água cristalina escorria pelas rochas e se acumulava em uma piscina de pedras. À direita, havia uma porta entre dois pilares de ferro: toda em sílex polido, e o metal, quase preto.

— Então você alega ser um anjo de verdade? — perguntou Richard. — Quer dizer, conheceu Deus e tudo mais?

Islington abriu um sorriso tolerante.

— Eu não alego nada, Richard. Eu sou um anjo.

— É uma honra para nós — interveio Door.

— Não. Eu é que me sinto honrado por sua presença. Seu pai era um bom homem, Door, e um amigo. A morte dele me trouxe profundo pesar.

— Ele disse... no diário... meu pai me aconselhou a procurá-lo. Disse que posso confiar em você.

— Só espero poder ser digno de tal confiança. — O anjo tomou um gole do vinho. — Londres de Baixo é a segunda cidade com que já me importei. A primeira afundou sob as ondas, e não havia algo que eu pudesse fazer para impedir. Sei o que é a dor, a perda. Você tem minha compaixão. O que gostaria de saber?

Door hesitou.

— Minha família... eles foram mortos por Croup e Vandemar. Mas... por ordens de quem? Eu queria... queria saber *por quê*.

O anjo assentiu.

— Muitos segredos chegam a mim. Muitos rumores, ecos e meias verdades. — Ele se virou para Richard. — E você? O que deseja, Richard Mayhew?

Ele deu de ombros.

— Quero minha vida de volta. E minha casa. Meu trabalho.

— Isso pode ser feito.

— Aham. Sei — disse Richard, sem emoção.

— Você duvida de mim, Richard Mayhew? — perguntou o anjo Islington.

Richard olhou bem nos olhos do anjo. Eram de um cinza luminoso, olhos tão antigos quanto o próprio universo, olhos que viram galáxias se solidificando a partir da poeira estelar, dez milhões de anos atrás. Richard balançou a cabeça em negativa. Islington abriu um sorriso gentil.

— Não será fácil, e você e seus companheiros enfrentarão algumas grandes provas, tanto para completar a tarefa quanto para retornar. Mas talvez exista uma resposta para nossas questões, uma chave para nossos problemas.

O anjo se levantou e foi até uma pequena prateleira de pedras, onde pegou uma estatueta entre tantas. Era negra, de vidro vulcânico, e representava algum animal. O anjo a entregou a Door.

— Isto vai garantir seu retorno em segurança no último estágio da jornada de volta até mim — explicou. — O restante é por sua conta.

— O que quer que a gente faça? — indagou Richard.

— Os Monges Negros são guardiões de uma chave. Traga-a para mim.

— E você pode usar essa chave para descobrir quem matou minha família? — perguntou Door.

— Espero que sim.

Richard terminou de tomar o vinho. Sentiu a bebida esquentando o corpo, percorrendo-o. Teve a estranha sensação de que, se olhasse para as pontas dos dedos, veria o vinho brilhando dentro de si. Como se fosse, ele próprio, feito de luz...

— Boa sorte — sussurrou o anjo Islington.

Ouviram um farfalhar, como o vento varrendo uma floresta perdida ou o bater de asas vigorosas.

Richard e Door estavam sentados no chão de uma das salas do Museu Britânico, olhando para cima, para um anjo entalhado e pintado em uma porta de catedral. A sala estava escura e vazia. A festa acabara havia muito. O céu começava a clarear. Richard se levantou e ajudou Door a se levantar.

— Monges Negros? Como na ponte Blackfriar's? — perguntou.

Door assentiu.

Richard já atravessara várias vezes aquela ponte no centro de Londres, assim como já passara pela estação de metrô com o mesmo nome, mas, àquela altura, estava começando a aprender que não podia fazer deduções.

— É um lugar ou são pessoas?

— Pessoas.

Richard foi até o Ângelus e passou o dedo pela túnica pintada.

— Você acha que é verdade? Que ele pode devolver minha vida?

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas. Mas acho que Islington não mentiria para nós. Ele é um anjo. — Ela abriu a mão e observou a estatueta da Besta. — Meu pai tinha uma dessas — comentou, tristonha, e enfiou o objeto em um dos bolsos da jaqueta de couro marrom.

— Bem, não vamos encontrar essa chave se ficarmos aqui de pernas para o ar, não é? — disse Richard.

Os dois seguiram pelos corredores vazios do museu.

— Então, o que você sabe sobre essa chave? — perguntou ele.

— Nada. — Chegaram à porta principal do museu. — Já ouvi falar dos Monges Negros, mas nunca tive contato com nada que fosse relacionado a eles.

Ela tocou a porta de vidro muito bem trancada, que se abriu sob seus dedos.

— Um bando de monges... — disse Richard, pensativo. — Aposto que se dissermos que é para um anjo, um anjo de verdade, eles vão entregar essa chave sagrada e... e ainda vamos ganhar um abridor de latas mágico e um saca-rolhas maravilhoso de bônus.

Ele começou a rir. Talvez ainda estivesse sob efeito do vinho.

— Você está de bom humor, hein — observou Door.

Ele assentiu vigorosamente.

— Eu vou para casa. Tudo vai voltar ao normal. A chatice de sempre. Vai ser maravilhoso.

Ao olhar para os degraus de pedra da entrada, ele concluiu que eram perfeitos para Fred Astaire e Ginger Rogers descerem dançando. Como nenhum dos dois estava disponível para a tarefa, Richard começou ele mesmo a fazer a performance, no que julgava ser uma imitação fantástica de Fred Astaire, cantarolando algo que seria, aproximadamente, uma mistura de “Puttin’ on the Ritz” com “Top Hat, White Tie, and Tails”.

— Ta-ra-ra-ta-ta-ra-ra-ta — cantava ele, descendo e subindo enquanto executava um sapateado.

No alto da escada, Door assistia à cena horrorizada. Então começou a rir, descontroladamente. Richard olhou para ela lá de baixo e tirou a cartola imaginária de seda branca, que jogou para o alto para logo pegá-la no ar e colocá-la de volta na cabeça.

— Bobão — comentou Door, sorrindo para ele.

Em resposta, Richard tomou sua mão e continuou a dançar pelos degraus. Ela hesitou, mas então entrou na brincadeira também. Dançava muito melhor que Richard, aliás. Ao chegarem ao pé da escada, os dois tropeçaram, exaustos, sem fôlego e rindo, e caíram abraçados.

Richard sentiu o mundo girar.

Sentiu no próprio peito o coração dela batendo forte. O momento começou a se transmutar. Será que deveria fazer alguma coisa? Beijá-la, talvez? Ele se perguntou se queria, e concluiu que não sabia a resposta. Olhou bem no fundo daqueles olhos cor de opala. Door virou a cabeça para o lado, se soltou do abraço; ergueu a gola da jaqueta de couro marrom: armadura e proteção.

— Vamos encontrar nossa guarda-costas — chamou ela.

E os dois se foram, caminhando em direção à estação Museu Britânico, cambaleando só um pouquinho, de vez em quando.

— O que você quer? — perguntou o sr. Croup.

— O que todos querem? — retrucou o marquês De Carabás, em uma pergunta um tanto quanto retórica.

— Criaturas mortas — arriscou o sr. Vandemar. — Mais dentes.

— Pensei em fazermos um acordo — sugeriu o marquês.

O sr. Croup começou a rir. O som de seu riso era como um quadro-negro sendo arrastado sobre as unhas de uma parede feita de dedos decepados.

— Ah, *messire* marquês. Acredito que posso afirmar seguramente, sem risco de ser contrariado por qualquer uma das partes presentes, que você renunciou a todo o bom senso que supostamente possuía. Se me permite a expressão vulgar, você perdeu a cabeça.

— É só mandar que arranco a dele em dois tempos — interveio o sr. Vandemar, que tinha se colocado atrás da cadeira do marquês.

De Carabás bafejou nas unhas e as poliu com força no casaco.

— Sempre fui da opinião de que a violência é o último recurso dos incompetentes e de que ameaças vazias são o santuário final dos ineptos.

O sr. Croup o encarou com raiva.

— O que veio fazer aqui? — sibilou.

O marquês De Carabás se espreguiçou como um felino de grande porte: um lince, talvez, ou uma pantera negra. Quando terminou o movimento, estava de pé, as mãos enfiadas nos bolsos do magnífico casaco.

— Pelo que sei, senhor Croup, o senhor é um colecionador de peças da dinastia T'ang — disse ele, em tom indolente e casual.

— Como sabe disso?

— As pessoas me contam coisas. Sou acessível.

O sorriso do marquês era puro, tranquilo, honesto: o sorriso de um homem que tenta lhe vender uma Bíblia usada.

— Mesmo que eu fosse... — começou o sr. Croup.

— Se fosse, talvez viesse a se interessar por *isto* — comentou o marquês.

Ele tirou a mão do bolso e exibiu o item ao sr. Croup. Até o início daquela noite, o objeto repousava em um cofre de um dos principais bancos de Londres. O item era listado em certos catálogos como *Espírito do Outono* (*Estatueta Funerária*). Tinha aproximadamente vinte centímetros de altura: uma peça de cerâmica esmaltada que fora moldada, pintada e cozida durante a Idade das Trevas na Europa, seiscentos anos antes da primeira viagem de Colombo.

O sr. Croup soltou um sibilo involuntário e tentou pegar o item, mas o marquês o tirou de alcance, aninhando-o junto ao peito.

— Não, não, não. Não tão fácil.

— Ah, não? — indagou o sr. Croup. — E o que nos impede de pegá-la e fazer você em pedacinhos, para espalharmos por todos os cantos do Submundo? Nunca desmembramos um marquês.

— Já, sim — corrigiu o sr. Vandemar. — York. Século XIV. Na chuva.

— Ele não era um marquês — redarguiu o sr. Croup. — Era conde de Exeter.

— E marquês de Westmorland — insistiu o sr. Vandemar, parecendo muito feliz consigo mesmo.

O sr. Croup fungou. Reformulou a pergunta:

— O que nos impede de retalhar você do mesmo jeito que retalhamos o marquês de Westmorland?

De Carabás tirou a outra mão do bolso, revelando um martelo pequeno. Jogou o martelo para cima, como um barman demonstrando em vídeo como preparar um coquetel, e o pegou pelo cabo, deixando a ferramenta pairando acima da pequena peça de porcelana.

— Ora, faça-me o favor. Chega de ameaças vazias. Acho que eu me sentiria mais confortável se os dois estivessem na minha frente.

O sr. Vandemar olhou para o sr. Croup, que assentiu, quase imperceptivelmente. O ar tremulou, e o sr. Vandemar apareceu de pé ao lado do sr. Croup, que sorriu feito uma caveira descarnada.

— De fato, eu sou famoso por ter comprado uma ou outra peça da dinastia T'ang — admitiu. — Esta se encontra à venda?

— Ninguém se dá ao trabalho de comprar e vender aqui no Submundo, senhor Croup. Escambo, troca: é o que procuramos. Mas, sim, de fato, esta pequena peça de grande interesse está disponível.

O sr. Croup cerrou os lábios. Cruzou os braços, descruzou. Passou a mão pelo cabelo oleoso.

— Diga seu preço — pediu, por fim.

O marquês respirou fundo, aliviado, dando um suspiro quase audível. No fim das contas, parecia que conseguiria dar cabo a todo o seu grandioso esquema.

— Primeiro, quero três respostas para três perguntas.

Croup assentiu.

— Não sejamos parciais. Também queremos três respostas.

— Justo — concordou o marquês. — Segundo, terei salvo-conduto para sair daqui. E vocês me dão, no mínimo, uma hora de dianteira.

Croup assentiu com vigor.

— De acordo. Faça sua primeira pergunta — disse, os olhos fixos na estatueta.

— Primeira: para quem estão trabalhando?

— Ah, essa é fácil — retrucou o sr. Croup. — A resposta é simples. Trabalhamos para nosso empregador, que deseja manter o nome em sigilo.

— Hmpf. Por que mataram a família de Door?

— Por ordens de nosso empregador — respondeu o sr. Croup, o sorriso cada vez mais raposino.

— Por que não mataram Door quando tiveram a chance?

Antes que o sr. Croup pudesse responder, o sr. Vandemar se pronunciou:

— A garota fica viva. É a única que pode abrir a porta.

O sr. Croup olhou feio para o parceiro.

— Parabéns. Por que não conta logo todo o resto, hein?

— Eu queria responder uma — murmurou o sr. Vandemar.

— Certo — retrucou o sr. Croup. — Bem, você teve suas três respostas, sabe-se lá que utilidade terão. Minha primeira pergunta: por que a está protegendo?

— O pai dela salvou minha vida — respondeu o marquês, com honestidade. — Nunca paguei a dívida. E prefiro que as dívidas sejam a meu favor.

— Eu tenho uma pergunta — declarou o sr. Vandemar.

— Assim como eu, senhor Vandemar. O homem da superfície, Richard Mayhew: por que está viajando com ela? Por que ela permite?

— Sentimentalismo — justificou o marquês De Carabás.

Mas mesmo enquanto respondia, ele se perguntou se seria só isso. E começou a considerar se talvez não houvesse algo mais envolvendo o forasteiro.

— Minha vez — disse o sr. Vandemar. — Em que número estou pensando?

— Como assim?

— Em que número estou pensando? — repetiu o sr. Vandemar. — Maior que um e menor que um milhão — acrescentou, para ajudar.

— Sete.

O sr. Vandemar assentiu, impressionado.

— Onde está o... — começou o sr. Croup.

Mas o marquês balançou a cabeça.

— Alto lá. Não caiam na cobiça.

Houve um momento de silêncio total no porão abafado. Então a água voltou a pingar, e os vermes, a se arrastarem.

— Uma hora de dianteira, não esqueçam.

— Claro — respondeu o sr. Croup.

O marquês De Carabás jogou a estátua para o sr. Croup, que a pegou com voracidade, como um viciado agarrando um papelote cheio de pó branco de qualidade duvidosa. Então, sem nem olhar para trás, o marquês deixou o porão.

O sr. Croup examinou a estatueta atentamente, virando-a para todos os lados, como um personagem de Dickens que fosse curador do Museu dos Amaldiçoados e contemplasse a peça mais valiosa da exposição. Sua língua volta e meia surgia por entre os lábios, como uma serpente. As faces pálidas ficaram perceptivelmente coradas.

— Ah, excelente, excelente — sussurrou. — Genuíno da dinastia T'ang. Mil e duzentos anos, as melhores estatuetas de cerâmica já moldadas no planeta. Esta foi criada por Kai Lung, o melhor dos ceramistas: não há igual em todo o mundo. Repare na cor do esmalte, na sensação de proporção, na vida... — Ele sorria feito um bebê; um sorriso inocente que parecia perdido e confuso no terreno nebuloso do rosto do sr. Croup. — Traz um pouco mais de beleza e maravilha ao mundo.

Então abriu um sorriso, um sorriso muitíssimo largo, e baixou o rosto até a estatueta. E esmagou a cabeça da peça entre os dentes, mordendo e mastigando com ferocidade, engolindo em grandes porções. A porcelana moída em sua boca virou um pó fino, que se espalhou pela parte inferior do seu rosto.

O sr. Croup exultava naquele momento de destruição, lançando-se à tarefa com a loucura estranha e a sede de sangue descontrolada de uma raposa no galinheiro. Por fim, quando a estatueta não passava de poeira, virou-se para o sr. Vandemar. Parecia estranhamente relaxado, quase languído.

— Quanto tempo prometemos a ele?

— Uma hora.

— Hm. E quanto já passou?

— Seis minutos.

O sr. Croup baixou a cabeça. Passou a mão pelo queixo e lambeu o pó de argila da ponta do dedo.

— Vá você atrás dele, senhor Vandemar. Preciso de mais um tempo para saborear a ocasião.

Hunter os ouvia descendo os degraus. Estava parada nas sombras, os braços cruzados, na mesma posição de quando a deixaram. Richard cantarolava alto. Door dava risadinhas, sem conseguir se conter; volta e meia parava e mandava o companheiro ficar quieto, mas logo começava a rir outra vez. Passaram por Hunter sem sequer notá-la.

A guarda-costas emergiu da escuridão.

— Vocês ficaram fora por oito horas. — Foi uma afirmação sem tom de repreensão nem de curiosidade.

Door ficou surpresa.

— Não *pareceu* tanto tempo.

Hunter não respondeu.

Richard olhou para a mulher, ainda se recuperando de tanto rir.

— Não quer saber o que aconteceu? Fomos emboscados pelo senhor Croup e pelo senhor Vandemar. Infelizmente, não tínhamos guarda-costas por perto, mas eu dei um jeito neles.

Hunter ergueu a sobancelha perfeita.

— Fico espantada com seus talentos pugilísticos — comentou ela, com frieza.

Door deu mais risadinhas.

— É brincadeira. Na verdade... os dois nos mataram.

— Como especialista na interrupção de funções vitais, devo discordar — disse Hunter. — Vocês não estão mortos. Se tivesse que apostar, diria que estão ambos muito bêbados.

Door deu a língua para a mulher.

— Bobagem. Só tomei um gole. Só *isso* aqui. — Ela mostrou dois dedos, para deixar claro como era pouco o “só isso”.

— Acabei de sair de uma festa — disse Richard. — Vi Jessica. Vi também um anjo de verdade e ganhei um bonequinho preto e aí voltei para cá.

— Só um golinho — repetiu Door, enfática. — Uma bebida beeeem velha. Só um golinhozinho. Bem pequeno. Quase nada. — Ela começou a soluçar. Deu mais uma risadinha. Um soluço a interrompeu, e, de repente, ela se sentou no piso da plataforma. — Talvez a gente esteja meio alto — comentou, mais sóbria.

Então fechou os olhos e começou a roncar solenemente.

O marquês De Carabás corria pelos esgotos como se todos os cães do inferno tivessem farejado seu cheiro e o estivessem perseguindo. Espirrava a água cinzenta do Tyburn, o rio do carrasco, guardado na escuridão de um túnel com paredes em tijolos que corria abaixo da Park Lane, na direção do Palácio de Buckingham. Fazia dezessete minutos que estava correndo.

A uns dez metros do Marble Arch, ele parou. Ali, o túnel se dividia em dois. O marquês seguiu pelo da esquerda.

Minutos depois, o sr. Vandemar passava tranquilamente pelo local. Quando chegou à junção, também ele, por sua vez, parou por alguns instantes, farejando o ar. E então também ele, por sua vez, pegou o túnel da esquerda.

Com um grunhido, Hunter jogou o corpo inconsciente de Richard Mayhew em um monte de palha. Ele rolou para o lado, disse algo que soou como “Abanthil brug morli canhadas” e voltou a dormir. Em seguida, com mais gentileza, Hunter deitou Door na palha ao lado dele. E ficou de pé ao lado dela, nos estábulos escuros abaixo da superfície, em guarda.

O marquês De Carabás estava exausto. Recostou-se na parede do túnel e encarou os degraus à frente. Pegou o relógio de bolso e olhou a hora. Trinta e cinco minutos tinham se passado desde que ele deixara o porão do hospital.

— Já deu uma hora? — perguntou o sr. Vandemar, que limpava as unhas com uma faca, sentado nos degraus à frente do marquês.

— Falta muito — respondeu o marquês, ofegante.

— Devo ter me enganado — concluiu o sr. Vandemar, prestativo.

Um calafrio percorreu o mundo, e o sr. Croup surgiu de pé atrás do marquês, o queixo ainda sujo de pó. De Carabás o encarou. Virou-se para encarar o sr. Vandemar. Então, involuntariamente, começou a rir. O sr. Croup sorriu.

— Acha que somos engraçados, é, *messire* marquês? Proporcionamos diversão, hã? Com nossas roupas bonitas e nossa rebuscada verborragia...

— Eu não tenho isso de verborra... — resmungou o sr. Vandemar.

— ... e com nossos modos e trejeitos peculiares. Talvez sejamos mesmo engraçados. — O sr. Croup ergueu um dedo e o apontou acusadoramente para o marquês. — Mas não se pode nunca assumir, *messire* marquês, que só porque algo é engraçado, não vá ser perigoso também.

E o sr. Vandemar arremessou uma faca, com força e precisão. O cabo o atingiu na têmpora. Ele revirou os olhos e caiu de joelhos.

— Verborragia — explicou o sr. Croup ao sr. Vandemar — é o hábito de se prolongar ao se expressar. Digressão. Palavras em excesso.

O sr. Vandemar ergueu o marquês De Carabás pelo cinto e o arrastou escada acima, a cabeça inerte batendo-batendo-batendo em cada degrau, e assentiu.

— Imaginei — respondeu o sr. Vandemar.

Guardando, agora, os sonhos dos dois enquanto dormem.

Hunter dorme de pé.

Em seu sonho, ela está na cidade subterrânea de Bangcoc. O lugar é um misto de labirinto e floresta, uma vez que a natureza selvagem da Tailândia recuou para as profundezas do subsolo — embaixo do aeroporto, dos hotéis e das ruas. O mundo cheira a temperos e manga desidratada, e cheira também a sexo, não de um jeito ruim. O clima é úmido, e ela transpira. Está escuro, exceto por trechos fosforescentes nas paredes, a bioluminescência de fungos verde-acinzentados que geram luz suficiente para enganar a vista, o suficiente para guiar os passos.

No sonho, Hunter transita pelos túneis molhados em um silêncio de fantasma, abrindo caminho pela vegetação. Leva uma lança pesada na mão direita. Um escudo de couro cobre o braço esquerdo.

No sonho, sente o cheiro, um odor pungente e animal. Ela para ao lado de uma parede de tijolos desgastados e espera, fundida às sombras, unida à escuridão. Hunter acredita que, tal como a vida, caçar consiste primariamente em esperar. No sonho, porém, ela não espera. Assim que Hunter chega, a criatura avança pelo mato baixo, um borrão marrom e branco, ondulando de leve, como uma cobra, olhos vermelhos brilhando, perfurando a escuridão, dentes afiados feito agulhas, um animal carnívoro e destruidor. A criatura foi extinta no mundo acima: apresenta semelhança com a marta e o furão na mesma medida em que um lobo se parece com um yorkshire terrier. Pesa quase cento e cinquenta quilos e mede aproximadamente cinco metros de comprimento, da ponta do focinho até a extremidade da cauda.

Ao passar por Hunter, ela sibila como uma cobra e, por um momento, os velhos instintos entrando em ação, fica paralisada. Então, munida apenas de ódio e dentes afiados, lança-se contra a mulher. É quando Hunter lembra, no sonho, que tudo isso já aconteceu antes e que, quando aconteceu, ela enfiou na boca da criatura o braço protegido pelo escudo de couro e esmagou-lhe o crânio com a lança de chumbo, tomando cuidado para não danificar a pele. Hunter lembra que presenteou a pele do Grande Furão a uma garota que lhe atraiu a atenção e que a moça agradeceu de maneira apropriada.

Mas agora, no sonho, isso não acontece. O furão estende a pata dianteira para ela, que derruba a lança e aceita a oferta. E bem ali, na cidade subterrânea de Bangcoc, os dois dançam juntos, uma eterna e complexa dança: e Hunter assiste à cena de fora do próprio corpo, e admira os movimentos elaborados dos dois em evoluções, cauda e pernas e braços e

dedos e olhos e pelos girando e se inclinando com força e estranheza pelas profundezas, a cruzar a eternidade.

Hunter ouve um ruído mínimo no mundo desperto, um lamento adormecido da pequena Door, e transita do sono para a vigília fluidamente, instantaneamente — está outra vez alerta, de prontidão. Ela esquece o sonho ao acordar.

Door sonha com o pai.

No sonho, ele a ensina a abrir coisas. Pega uma laranja e faz um gesto: com um movimento fluido, a fruta é virada do avesso e se contorce: a polpa fica por fora e a casca vai para o meio. *É preciso sempre manter a paridade*, explica o pai, tirando um gomo da laranja ao avesso para a filha. *Paridade, simetria, topologia: estas serão suas matérias de estudo nos próximos meses, Door. Porém, o mais importante a entender é o seguinte: todas as coisas querem ser abertas. Você precisa sentir a demanda e tirar proveito dela.* O pai tem cabelo castanho e basto, uma vez que a conversa aconteceu uma década antes de sua morte, e tem um sorriso tranquilo, do qual Door ainda se lembra, mas que o tempo reduziu com o passar dos anos.

No sonho, o pai lhe entrega um cadeado. Ela o aceita. Suas mãos têm o mesmo tamanho e formato que têm hoje, embora ela saiba que, na verdade, a cena se passou quando ela era uma criança, que está selecionando momentos, conversas e lições que aconteceram ao longo de mais de doze anos e condensando tudo em uma única lição. *Abra*, instrui o pai.

Door segura o cadeado, sentindo o metal gelado, o peso do objeto. Algo a incomoda. Há alguma coisa que ela precisa saber. Door aprendeu a abrir tão logo aprendeu a andar. Ela se lembra da mãe segurando sua mão com firmeza, abrindo uma porta que levava do quarto da menina para o quarto de brinquedos, lembra-se de ver o irmão, Arch, separando anéis de uma corrente de prata e os unindo de novo.

Ela tenta abrir o cadeado. Manipula o fecho com os dedos e com a mente. Nada acontece. Door joga o cadeado no chão e chora. O pai se abaixa, pega o cadeado e o coloca de volta na mão da filha. Limpa uma lágrima da bochecha dela com o dedo comprido.

Lembre-se, diz ele, o cadeado quer se abrir. Basta deixá-lo fazer o que quer.

O cadeado está nas mãos dela, gelado, inerte e pesado. Então, de súbito, Door entende e, em algum lugar em seu coração, deixa que o objeto seja o que deseja ser. Ouve-se um estalido alto e o cadeado se abre. O pai está sorrindo.

Pronto, diz Door.

Boa menina, diz o pai. É só isso o que precisamos saber. Tudo o mais é só uma questão de prática.

Ela entende o que a está incomodando. *Pai, o seu diário: quem o escondeu? Quem pode ter feito isso?* Mas o pai vai se afastando, e ela já começa a esquecer. Door o chama, mas ele não consegue ouvi-la, e, embora a garota ainda ouça a voz dele ao longe, não há como compreender o que ele diz.

No mundo desperto, Door solta um leve gemido. Então rola para o lado, aconchega o rosto no braço, ronca uma, duas vezes e volta a dormir, um sono sem sonhos.

Richard sabe o que espera por eles. A sensação de urgência e a pressão aumentam a cada túnel, a cada curva, a cada ramificação do esgoto. Ele sabe que está lá, esperando, e a cada passo cresce a sensação de catástrofe iminente. Sabe que deveria se sentir aliviado ao virar a última curva e vê-la parada ali, enquadrada pelas paredes do túnel, esperando por ele, mas sente apenas pavor. No sonho, a criatura tem o tamanho do planeta: não existe outra coisa no mundo inteiro, apenas a Besta, os flancos em alvoroço, lanças quebradas e pedaços de armas antigas presas no couro. Os chifres e as presas estão sujos de sangue seco. É uma criatura repulsiva, vasta e maligna.

Ela avança.

Richard ergue a mão (mas não é sua mão) e arremessa a lança.

Ele vê os olhos da fera, vermelhos e cruéis e cheios de satisfação maligna, se aproximarem, tudo em uma fração de segundo que se torna uma breve eternidade. E a criatura o alcança...

A água gelada atingiu seu rosto como uma bofetada. Seus olhos se abriram de repente, e ele arfou. Hunter estava de pé olhando para ele, um grande balde de madeira na mão. Vazio. Richard ergueu o braço, sentiu o cabelo encharcado e o rosto molhado. Limpou a água dos olhos, teve um tremor de frio.

— Não precisava fazer isso — reclamou ele. O gosto que sentia era como se sua boca tivesse sido usada como mictório por vários animais de pequeno porte e depois se liquefeito em uma crosta vagamente verde. Tentou se levantar, mas se deixou desabar de volta. — Opaaa — explicou.

— Como está a cabeça? — perguntou Hunter, em tom profissional.

— Já esteve melhor.

Hunter pegou outro balde de madeira, só que cheio d'água, e o arrastou pelo chão do estábulo.

— Não sei o que vocês beberam, mas deve ter sido bem forte — comentou.

Hunter mergulhou a mão no balde e espirrou algumas gotas no rosto de Door. A garota piscou, abriu os olhos.

— Não foi à toa que Atlântida afundou — resmungou Richard. — Se as ressacas eram assim, deve ter sido um alívio para eles. Onde estamos?

A guarda-costas espirrou mais um pouco de água no rosto de Door.

— Nos estábulos de uma amiga.

Richard olhou ao redor. O lugar não parecia um estábulo. Será que era mesmo para cavalos? Que tipo de cavalo viveria abaixo da superfície? Na parede havia um símbolo pintado: a letra S (ou era uma cobra? Ele não sabia) dentro de um círculo formado por sete estrelas.

Door levou a mão à cabeça, hesitante, e a tocou com receio, como se não soubesse o que encontraria.

— Urgh — resmungou, quase em um sussurro. — Pelo Templo e pelo Arco. Eu morri?

— Não — respondeu Hunter.

— Que pena.

A guarda-costas a ajudou a se levantar.

— Ele bem que nos avisou que era forte — comentou Door, sonolenta.

Então se levantou de uma vez e, em um movimento rápido e decidido, agarrou Richard pelos ombros e apontou para a pintura na parede, o S serpentino com estrelas em volta. Soltou uma exclamação de surpresa e olhou para todos os lados como um ratinho se dando conta de que foi parar em uma colônia de férias para gatos.

— Serpentine — disse ela a Richard e Hunter. — É o emblema de Serpentine. Richard, levante-se! Precisamos fugir... antes que ela descubra que estamos aqui...

— E você acha que poderia entrar na casa de Serpentine sem que Serpentine soubesse, criança? — indagou uma voz seca, da porta.

Door apoiou as costas na parede de madeira do estábulo. Ela tremia. Richard notou, mesmo com a cabeça latejando, que nunca vira Door tão obviamente apavorada.

Serpentine estava parada na entrada. Usava um espartilho de couro branco, botas de couro branco de cano alto e trapos que um dia deviam ter sido um vestido de casamento em renda e seda, todo manchado e aos farrapos. A mulher era bem mais alta que os três: o cabelo grisalho e armado quase tocava o batente da porta. Ela tinha olhos argutos e uma boca que era um corte cruel na base de um rosto imperioso. A mulher olhava para Door como se aceitasse pavor como pagamento; como se tivesse se tornado tão habituada ao medo que já esperava por aquilo ou até gostava da reação.

— Calma — pediu Hunter.

— Mas é Serpentine — gemeu Door. — Das Sete Irmãs.

A mulher inclinou a cabeça cordialmente. Então entrou e foi até eles. Atrás dela vinha outra mulher, de rosto sério e longos cabelos pretos, com um vestido preto extremamente justo na cintura. A segunda mulher nada falou. Serpentine se aproximou de Hunter.

— Hunter trabalhou para mim há muito tempo — explicou ela, estendendo um dedo branco e acariciando o rosto bronzeado de Hunter,

um gesto que indicava afeto e demarcava posse. — Você manteve sua aparência melhor do que mantive a minha, Hunter. — A guarda-costas baixou os olhos. — Os amigos dela são meus amigos, criança. Você é Door?

— Sim — respondeu a garota, com a boca seca.

Serpentine se virou para Richard.

— E você? É o quê? — indagou, indiferente.

— Richard — respondeu Richard.

— Eu sou Serpentine — apresentou-se a mulher, graciosamente.

— Reparei — retrucou Richard.

— Tem comida esperando por vocês, se quiserem quebrar o jejum.

— Céus, não — choramingou ele, educadamente.

Door não respondeu. Continuava com as costas coladas à parede, ainda tremendo um pouco, como uma folha ao sabor de uma brisa de outono. O fato de Hunter claramente tê-los levado até ali por ser um local seguro não aplacava o medo da garota.

— O que tem para comer? — perguntou a guarda-costas.

Serpentine olhou para a mulher de cintura finíssima à porta.

— E então?

A mulher deu o sorriso mais frio que Richard já vira em um rosto humano.

— Ovos fritos ovos cozidos ovos em conserva veado ao curry cebolas em conserva arenque em conserva arenque defumado arenque salteado cozido de cogumelo bacon salteado repolho recheado ensopado de carneiro geleia de mocotó...

Ele chegou a abrir a boca para pedir à mulher que parasse, mas era tarde demais. Vomitou repentinamente, violentamente, terrivelmente.

Queria que alguém o abraçasse e lhe dissesse que ficaria tudo bem, que logo voltaria a se sentir bem; que alguém lhe desse uma aspirina e um copo d'água e o levasse de volta para a cama. Mas ninguém fez isso; e sua cama estava a uma vida de distância. Ele lavou o vômito do rosto e das mãos com a água do balde. Enxaguou a boca. E, ainda meio tonto, foi com as quatro mulheres para o local do café da manhã.

— Passe a geleia de mocotó — pediu Hunter, de boca cheia.

A sala de jantar de Serpentine ficava no que parecia ser a menor estação de metrô que Richard já vira. Tinha cerca de três metros de comprimento, do qual grande parte era tomada por uma mesa de jantar. Uma toalha de damasco branco cobria a superfície e um jogo completo de prataria tinha sido colocado em uso. Uma infinidade de comidas variadas, todas com um cheiro horrível, se amontoava sobre a mesa. Para Richard, o pior cheiro vinha dos ovos de codorna em conserva.

Ele sentia a pele desagradavelmente úmida e gelada, e os olhos pareciam ter sido reinseridos nas órbitas na posição errada, enquanto o crânio devia ter sido trocado por outro duas ou três vezes menor enquanto ele dormia. Um trem do metrô passou a poucos metros deles, o vento soprando a mesa. O barulho dos vagões passando atravessou a cabeça de Richard como uma faca quente penetrando um cérebro. Richard gemeu.

— Vejo que seu herói é meio fraco para bebida — comentou Serpentine, sem expressão.

— Ele não é meu herói — retrucou Door.

— Temo que seja. A gente aprende a reconhecer o tipo. Tem algo nos olhos deles, acho. — Ela se virou para a mulher de preto, que parecia uma espécie de governanta. — Traga um tônico revigorante para o cavalheiro.

A mulher deu um leve sorriso e se retirou discretamente.

Door beliscava os cogumelos do prato.

— Somos muito gratos por tudo isso, lady Serpentine.

— Pode me chamar pelo nome, criança. Não tenho tempo para honrarias tolas e títulos imaginários. Então: você é a filha mais velha de Portico.

— Sim.

A mulher mergulhou o dedo no molho salgado que continha pequenas enguias, lambeu o dedo e assentiu em aprovação.

— Eu não tinha muita paciência para seu pai. Toda aquela bobagem de unificar o Submundo. Uma inutilidade. Homem tolo, só procurava encrenca. Da última vez que o vi, disse que o transformaria em uma cobra-cega se ele aparecesse aqui outra vez. — Ela se voltou para Door. — Falando nisso, como vai ele?

— Morreu.

Serpentine parecia mais do que satisfeita.

— Viu só? Exatamente.

Door não respondeu. Serpentine pegou alguma coisa que se movia em seu cabelo grisalho, examinou-a com atenção, esmagou-a entre o indicador e o polegar e a jogou na plataforma. Então se virou para Hunter, que estava ocupada em demolir uma pequena colina de arenques em conserva.

— Está caçando a Besta, é? — perguntou Serpentine.

Hunter apenas assentiu, de boca cheia.

— Vai precisar da lança, é claro.

A mulher de cintura minúscula surgiu ao lado de Richard com uma bandeja pequena. Ela trazia um copinho que continha um líquido de um tom agressivamente esmeralda. Ele olhou para o copo, depois olhou para Door.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Nada que vá fazer mal — respondeu Serpentine, com um sorriso gélido. — Vocês são meus convidados.

Richard tomou o líquido verde de uma vez. Tinha gosto de tomilho, hortelã e manhãs de inverno. Sentiu a bebida descer pela garganta e se preparou para impedi-la de subir de volta. Mas não precisou: apenas respirou fundo e percebeu, com certa surpresa, que a cabeça não doía mais e que estava morrendo de fome.

O Velho Bailey não era, intrinsecamente, uma daquelas pessoas nascidas para contar piadas. Mesmo com essa deficiência, no entanto, ele insistia em contá-las. Suas piadas em geral eram ladainhas entediadas que sempre terminavam em lamentáveis trocadilhos, embora na maior parte das vezes ele esquecesse o final. A única plateia para as piadas do Velho Bailey era um pequeno grupo fiel de pássaros que, em especial as gralhas-calvas, ouviam as anedotas como se fossem parábolas profundas e filosóficas, cheias de revelações transformadoras sobre a natureza do ser humano, e eram também eles que, de vez em quando, pediam a ele que contasse mais uma de suas divertidas histórias.

— Tudo bem, tudo bem — dizia o Velho Bailey. — Vocês me avisem se já tiverem ouvido essa. Um homem entra num bar. Não, um homem não. Essa é a piada. Desculpem. É um cavalo. Um cavalo... Não, um barbante. Três barbantes. Isso. Três barbantes entram num bar.

Uma gralha velha e grandalhona grasnou uma pergunta. O Velho Bailey coçou o queixo e deu de ombros.

— Eles simplesmente entraram. É uma piada. Nessa piada os barbantes andam. Um deles vai até o balcão e pede bebidas para ele mesmo e os amigos. O barman responde: “Não atendemos barbantes.” Eles diz isso ao barbante. Então. Esse barbante vai até os amigos e explica que “não atendem barbantes naquele bar”. Como é uma piada, o segundo barbante também vai. São três, veja você, e o segundo vai lá e pede bebidas, é. Quando chega a vez do último, ele dá um nó em si próprio, na cintura, e puxa a parte de cima para cima do rosto de barbante, escondendo o rosto. Aí ele vai até o balcão tateando, fingindo fechar os olhos. E pede uma bebida.

A gralha grasnou outra vez, sabiamente.

— Três bebidas. Isso. E o barman pergunta: “Ei, você não é um daqueles barbantes?” Aí o barbante responde: “Não, eu sou um nó cego.” “Nó cego”, entendeu? Rá! Um “nó cego”. Muito engraçado.

Os estorninhos emitiram grasnidos educados. As gralhas assentiram em aprovação, inclinaram a cabeça. A mais velha delas grasniou para o Velho Bailey.

— Outra? Até meu estoque tem limites. Deixa eu ver...

Nessa hora, ouviram um barulho vindo de dentro da barraca, um som grave e pulsante como um coração batendo ao longe. O Velho Bailey correu até lá. O barulho vinha de um velho baú de madeira onde ele guardava suas posses mais estimadas. Quando o abriu, o barulho pulsante ficou muito mais alto. A caixinha de prata estava em cima de todos os tesouros do Velho Bailey. Ele a pegou. Uma luz vermelha pulsava e brilhava ritmicamente lá dentro, como o pulsar de um coração, e a luz vazava pelas frestas da prata entalhada.

— Ele está em perigo — comentou o Velho Bailey.

A mais velha das gralhas grasnou uma pergunta.

— Não, não é uma piada. É o marquês — explicou o velho. — Ele está muito enrascado.

Richard estava na metade do segundo prato quando Serpentine se levantou.

— Acho que cumpri minha cota de hospitalidade. Minha criança e meu jovem, tenham um bom dia. Hunter... — A mulher fez uma pausa. Então, passou um dedo em garra pelo contorno do maxilar da guarda-costas. — Hunter, você é sempre bem-vinda aqui.

Ela cumprimentou a todos com um aceno de cabeça imperioso e se afastou, seguida pela governanta de cinturinha esmagada.

— Precisamos ir — anunciou Hunter, levantando-se.

Door e Richard (ele um pouco mais relutante) fizeram o mesmo.

Seguiram por um corredor tão estreito que só passava uma pessoa por vez. Subiram alguns degraus de pedra. Cruzaram uma ponte de ferro na escuridão, enquanto trens do metrô ecoavam abaixo. Entraram no que parecia uma rede infinita de cofres subterrâneos que cheiravam a umidade e decomposição, a tijolos e pedras e tempo.

— Sua ex-chefe, é? Ela parece legal — comentou Richard.

Hunter não respondeu.

— Aqui no Submundo, quando querem que as crianças se comportem, as pessoas dizem: “Comporte-se, ou Serpentine vai pegar você” — contou Door, um pouco abatida.

— Ah. E você trabalhou para ela, Hunter? — perguntou Richard.

— Trabalhei para todas as Sete Irmãs.

— Achei que elas não se falassem há, sei lá, uns trinta anos, no mínimo — comentou Door.

— É bem provável. Mas ainda se falavam na época.

— Quantos anos você tem? — perguntou Door.

Richard ficou feliz por ela ter perguntado, pois ele próprio nunca teria coragem de fazê-lo.

— Sou tão velha quanto minha língua — respondeu a guarda-costas, em um tom calculado. — E um pouco mais velha que meus dentes.

— Enfim — interveio Richard, no tom despreocupado de quem acabou de sair de uma ressaca e ciente de que, em algum lugar bem acima, alguém curtia um belo dia. — Foi bacana. A comida estava boa. E ninguém tentou nos matar.

— Tenho certeza de que isso vai mudar ao longo do dia — retrucou Hunter, muito acertadamente. — Que caminho tomaremos até Black Friars, milady?

Door parou e se concentrou.

— Vamos seguir o rio. Por aqui.

— Ele já acordou? — perguntou o sr. Croup.

O sr. Vandemar cutucou o corpo inerte com um dedo comprido. A respiração estava fraca.

— Ainda não, senhor Croup. Acho que quebrei o marquês.

— Você precisa ter mais cuidado com seus brinquedos, senhor Vandemar — ralhou o sr. Croup.

ONZE

— MAS ENTÃO, o que você está buscando? — perguntou Richard a Hunter.

Os três andavam com extrema cautela pela margem de um rio subterrâneo. O lugar era escorregadio, um caminho estreito sobre rochas escuras e bem lapidadas. Richard observava com ar respeitoso a água cinzenta que corria e borbulhava muito perto. Não era o tipo de rio do qual a pessoa conseguiria sair se caísse ali; era do outro tipo.

— Buscando?

— Bem, eu, por exemplo, estou tentando voltar para a Londres de verdade e para minha vida antiga. Door quer descobrir quem matou a família dela. E você? Está buscando o quê?

Espremiam-se pela margem, um passo por vez, Hunter à frente. Ela não respondeu. O rio foi perdendo velocidade até desembocar em um pequeno lago subterrâneo. Acompanharam o curso d'água, a luz dos lampiões se refletindo na superfície negra, os próprios reflexos borrados pela névoa das águas.

— Então, o que é? — insistiu Richard. Não esperava resposta.

— Nos esgotos de Nova York, eu enfrentei o enorme e cego rei-jacaré, dos jacarés brancos — começou Hunter, em voz baixa e intensa. Ela não parou de andar enquanto respondia. — Tinha nove metros e meio de comprimento. Era gordo de tanto esgoto que comia. E feroz. Mas eu me saí melhor e o matei. Os olhos dele eram como pérolas gigantescas na escuridão.

O sotaque estranho de Hunter ecoava pelo subsolo, fundia-se na névoa, na noite abaixo da terra.

— Enfrentei o urso que assolava a cidade abaixo de Berlim. Ele já tinha matado mil homens e suas garras estavam manchadas de marrom e preto pelo sangue seco de um século de matança, mas caiu diante de mim. Sussurrou palavras em uma das línguas dos homens enquanto morria.

A névoa d'água pairava baixa sobre o lago. Richard fingia ver as criaturas das quais Hunter falava como formas brancas desenhadas no vapor.

— Havia um tigre negro na cidade abaixo de Calcutá. Devorador de homens, brilhante e amargo, do tamanho de um elefante pequeno. O tigre é um adversário digno. Acabei com ele apenas com as mãos. — Richard

olhou para Door. A garota escutava com atenção: tudo aquilo era novidade para ela também. — E hei de eliminar a Besta de Londres. Dizem que sua pele está cravejada das muitas espadas, lanças e fâças dos que tentaram e falharam. As presas são lâminas, e as patas, trovões. Vou matá-la ou morrerei tentando.

Os olhos de Hunter brilharam quando ela falou em sua presa. O borrifo do rio se transformara em um nevoeiro denso e amarelo.

Um sino tocou, um pouco à frente, três vezes, e o som foi carregado pela água. O mundo começou a clarear. Richard pensou ter visto os traços achatados de construções em volta. O nevoeiro amarelo-esverdeado ficou mais denso: tinha gosto de cinzas, fuligem e poluição urbana de mil anos. Grudava nos lampiões, abafando a luz.

— O que é isso? — perguntou Richard.

— A névoa de Londres — explicou Hunter.

— Mas isso não acabou há anos? Com a implementação da Lei do Ar Puro de 1956, e tal? — Richard começou a se lembrar dos livros de Sherlock Holmes que lera na infância. — Como é que chamaram o fenômeno?

— O Grande Nevoeiro de 1952 — respondeu Door. — Fumaça negra. Densos rios de névoa amarela misturada com fumaça de carvão e toda porcaria que foi despejada no ar nos últimos cinco séculos. Não acontece no Mundo Superior há, sei lá, quarenta anos, mas aqui embaixo ainda temos os espectros daquilo. Hmm... espectros não. “Ecos” faz mais sentido.

Richard respirou dentro de uma nuvem de névoa amarela-esverdeada e começou a tossir.

— Essa tosse não me soa muito saudável — comentou Door.

— Entrou na minha garganta.

O solo estava cada vez mais pegajoso e lamacento: sugava os pés de Richard enquanto ele andava.

— Bom, ninguém nunca morreu com um pouquinho de poluição — disse ele, tentando se reconfortar.

Door o encarou com aqueles seus olhos grandes de fada.

— O Nevoeiro de 1952 somou quatro mil mortos.

— Gente daqui? — indagou Richard. — Da Londres Inferior?

— Sua gente — respondeu Hunter.

Richard não duvidava. Pensou em prender a respiração, mas o nevoeiro estava cada vez mais denso e o solo, mais pegajoso.

— Não entendo uma coisa: como é que tem nevoeiros tóxicos aqui embaixo se esse troço não existe mais lá em cima?

Door coçou o nariz.

— Existem pequenas bolhas de tempos antigos em Londres, onde coisas e lugares permanecem iguais, como momentos presos no âmbar — explicou

ela. — Tem um monte de tempo em Londres, e ele precisa ir para algum lugar... O tempo não é usado todo de uma vez.

— Acho que ainda estou de ressaca. — Richard suspirou. — Isso quase fez sentido.

O abade sabia que aquele dia traria peregrinos. A presciência era parte de seus sonhos; cercava-o, como a escuridão. O dia, portanto, foi marcado pela espera, que era, como bem sabia, um pecado: momentos deveriam ser vivenciados; esperar era um pecado tanto contra o tempo ainda por vir quanto contra os momentos que eram ignorados. No entanto, ele aguardava. Durante as cerimônias do dia, durante as refeições parcas, o abade se manteve atento aos sons, à espera do soar do sino, à espera de saber quem e quantos seriam.

Pegou-se na esperança de uma morte rápida. O último peregrino havia durado quase um ano, uma criaturinha que só fazia gritar e balbuciar. O abade não considerava a própria cegueira como benção nem maldição: simplesmente *era*; contudo, sentia-se grato por nunca ter visto o rosto do pobre homem. O irmão Jet, que havia cuidado da criatura, ainda acordava no meio da noite, gritando, vendo diante de si aquele rosto contorcido.

O sino tocou no fim da tarde, três vezes. O abade estava no santuário, de joelhos, contemplando o fardo do qual se encarregavam. Levantou-se e foi até o corredor, onde aguardou.

— Padre? — Era a voz do irmão Fuliginoso.

— Quem guarda a ponte? — perguntou o abade. Sua voz era surpreendentemente grave e melódica para um homem tão idoso.

— Zibelina — veio a resposta, da escuridão.

O abade se apoiou no ombro do jovem e foi caminhando vagarosamente ao lado dele, pelos corredores da abadia.

Não havia solo firme; não havia lago. Os pés deles afundavam e espirravam água por uma espécie de pântano, envolto pela névoa amarela.

— Isso é nojento — declarou Richard.

A substância penetrava pelos sapatos dele, invadia as meias e forçava uma intimidade com os dedos que não o agradava muito.

Diante deles havia uma ponte, erguendo-se do pântano. Uma figura de preto aguardava logo no início da ponte. Usava o hábito preto de um monge dominicano. Tinha pele em tom marrom-escuro como mogno envelhecido. Era um homem alto, e segurava uma lança tão alta quanto ele.

— Parem — comandou. — Digam seus nomes e classificações.

— Sou lady Door — respondeu Door. — Filha de Portico, da Casa do Arco.

— Sou Hunter. Guarda-costas.

— Sou Richard Mayhew. Encharcado.

— E desejam passar?

Richard deu um passo à frente.

— Para falar a verdade, sim. Viemos atrás de uma chave.

O monge não respondeu. Ergueu a lança e a usou para empurrar Richard de leve. Ele sentiu os pés escorregarem e caiu na água lamacenta; ou melhor, para ser ligeiramente mais preciso, na lama aquosa. O monge aguardou alguns momentos, para ver se Richard se levantaria e começaria a lutar. Ele nem tentou.

Mas Hunter sim.

Richard se levantou da lama e, boquiaberto, assistiu pela primeira vez na vida a uma luta de bastões. O monge era bom. Era maior e — suspeitava Richard — mais forte que Hunter. Por outro lado, ela era mais rápida. As lanças de madeira colidiam e ressoavam sob o nevoeiro.

De repente, o monge atingiu Hunter na boca do estômago, derrubando-a na lama. Ele avançou — até demais, pois descobriu que Hunter tinha fingido a queda. Ela o atingiu, com força e precisão, atrás dos joelhos, e as pernas do monge se viram incapazes de sustentar o corpo. Ele caiu na lama úmida. Hunter encostou a ponta da lança na nuca do sujeito.

— Chega — disse uma voz que parecia vir da ponte.

Hunter recuou um passo e parou outra vez ao lado de Richard e Door. Nem suava. O monge grandalhão se levantou da lama. Seu lábio sangrava. Ele fez uma grande reverência a Hunter e se encaminhou ao pé da ponte.

— Quem são eles, irmão Zibelina? — inquiriu a voz.

— Lady Door, filha de lorde Portico, da Casa do Arco; acompanhada de Hunter, sua guarda-costas; e Richard Mayhew Encharcado — anunciou o irmão Zibelina, com os lábios inchados. — Ela me superou em uma luta justa, irmão Fuliginoso.

— Deixe que passem — comandou a voz.

Hunter liderou o grupo pela ponte. No ponto mais alto, outro monge aguardava por eles: o irmão Fuliginoso. Era mais novo e menor que o primeiro monge, mas se vestia da mesma maneira. Sua pele era de um castanho intenso. Havia outras figuras de preto, nos limites da área visível, sob o nevoeiro amarelado. Então aqueles eram os Monges Negros, concluiu Richard. O segundo monge encarou o trio por um segundo e recitou:

— *Eu viro a cabeça e você vai aonde quiser.*

Viro outra vez, e você fica onde está.

Rosto não tenho, mas meus dentes tortos

São a razão para que eu viva ou morra.

Quem sou eu?

Door deu um passo à frente. Umedeceu os lábios e estreitou os olhos.

— Eu viro a cabeça... — repetiu, pensando consigo mesma. — Dentes tortos... vai aonde... — Um sorriso surgiu em seu rosto. Ela ergueu os olhos para o irmão Fuliginoso. — Uma chave. Você é uma chave.

— Uma sábia — reconheceu o irmão Fuliginoso. — Avançaram o segundo passo. Resta um.

Um homem muito velho emergiu do nevoeiro amarelado e foi andando até eles com cautela, segurando-se na mureta de pedra da ponte com a mão nodosa. Ele parou ao alcançar o irmão Fuliginoso. Seus olhos tinham o azulado leitoso do glaucoma e da catarata. Richard gostou dele imediatamente.

— Quantos são? — perguntou o velho ao mais jovem, em uma voz grave e tranquilizadora.

— Três, abade.

— E um deles venceu o primeiro guardião?

— Sim, abade.

— E um deles respondeu corretamente ao segundo guardião?

— Sim, abade.

Havia pesar na voz do velho.

— Então, resta um para enfrentar a Provação da Chave. Aproxime-se.

— Ah, não... — murmurou Door.

— Eu assumo o lugar dele — disse Hunter. — Enfrentarei a provação.

O irmão Fuliginoso balançou a cabeça.

— Não podemos permitir isso.

Quando criança, Richard visitara um castelo em uma excursão escolar. Junto com a turma, ele escalara os muitos degraus até o ponto mais alto do castelo, uma torre em ruínas. As crianças se aglomeraram no alto da torre enquanto a professora mostrava a vista, do campo que se estendia lá embaixo. Já naquela idade, Richard não lidava muito bem com altura. Ele ficou agarrado ao corrimão de segurança, de olhos bem fechados, tentando não olhar para baixo. A professora tinha dito que era uma queda de cem metros da antiga torre até o pé da colina que se via dali do alto, e completara explicando que se jogassem uma moeda lá de cima, a moeda alcançaria o chão a tamanha velocidade que poderia penetrar o crânio de um homem, rachando-o com a potência de uma bala de pistola. Naquela noite, ao se deitar, Richard não conseguira dormir, imaginando uma moeda caindo com a força de um raio. Ainda seria uma moeda, mas uma moeda assassina, no momento da queda...

Uma provação.

Então, a ficha caiu. E despencou com a força de um raio, tal qual uma moeda lançada do alto da torre.

— Peraí. Como assim... hã... provação? Alguém vai passar por uma provação. Alguém que não ficou de briguinha na lama e que não adivinhou

aquele negócio lá da chave e tal...

Richard estava tagarelando sem pensar. Ouvia a si mesmo falando incoerências, mas não dava a mínima.

— Essa sua provação... — continuou Richard, dirigindo-se ao abade. — Seria uma *provação* ou só uma *provaçãozinha*? Uma provação do tipo visitar uma tia velha e maluca ou do tipo enfiar o braço na água fervente para ver quanto tempo leva para a pele se dissolver?

— Por aqui — disse o abade.

— Não é ele que você quer — interveio Door. — Leve uma de nós.

— Três vieram até nós. Três testes fazemos. Um teste para cada um de vocês: é justo — retrucou o abade. — Se passar pela provação, ele retornará.

Uma brisa leve dispersou o nevoeiro. As outras figuras negras portavam bestas. Cada besta estava apontada para Richard, Hunter ou Door. Os monges se aproximaram, separando Richard do restante do grupo.

— Viemos em busca de uma chave — comentou Richard, baixinho, para o abade.

— Sim — respondeu o abade, plácido.

— É para um anjo — explicou Richard.

— Sim — concordou o abade, e enganchou o braço no do irmão Fuliginoso.

Richard continuou, falando ainda mais baixo:

— Olha, não se pode dizer não a um anjo, ainda mais um homem da batina feito você... Por que a gente não esquece esse negócio de provação? Você me dá logo a chave e eu digo a eles que fizemos a provação e tudo mais.

O abade começou a descer a ponte. Havia uma porta aberta no outro lado. Richard o seguiu. Às vezes, não há o que fazer.

— A chave nos foi confiada quando da fundação de nossa ordem — contou o abade. — É uma das relíquias mais sagradas e poderosas de todas as relíquias sagradas. É nossa missão entregá-la apenas àquele que passar pela provação e se provar merecedor.

Avançaram por corredores tortuosos e estreitos. Richard deixava uma trilha de lama.

— Se eu falhar na provação, não pegaremos a chave, não é?

— Não, meu filho.

Richard pensou um pouco sobre o assunto.

— Posso tentar de novo numa outra ocasião?

O irmão Fuliginoso tossiu.

— Para falar a verdade, não, meu filho — respondeu o abade. — Se isso acontecer, você provavelmente — ele fez uma pausa — estará em uma situação irremediável. Mas nada tema. Talvez você seja aquele que receberá a chave, hein? — Havia a vaga sugestão de um tom tranquilizador na voz

dele, o que era mais aterrorizante do que seria qualquer tentativa de amedrontá-lo.

— Vocês me matariam?

O abade encarou o caminho à frente com seus olhos azuis leitosos.

— Somos homens santos — respondeu ele, em um leve tom de reprovação. — Não: é a provação que mata.

Desceram um lance de escadas até uma sala baixa que parecia uma cripta, com paredes decoradas peculiarmente.

— Muito bem. Sorria! — ordenou o abade.

Richard ouviu o zumbido elétrico de um flash, que o deixou momentaneamente cego. Quando recobrou a visão, o irmão Fuliginoso tinha nas mãos uma velha Polaroid desgastada e fazia força para puxar a fotografia. O monge esperou a imagem se revelar e prendeu o instantâneo na parede.

— Este é o mural dos que falharam — explicou o abade, com um suspiro. — Para que nenhum deles seja esquecido. É também nosso fardo: a memória.

Richard observou os rostos. Poucas polaroides; vinte ou trinta fotografias de outros tipos, algumas em sépia e alguns daguerreótipos; havia, ainda, retratos a lápis, aquarelas e pinturas muito pequenas. Ocupavam uma parede inteira. Os monges cumpriam aquela função havia muito tempo.

Door sentiu um calafrio.

— Como eu sou idiota — resmungou. — Devia ter imaginado. Éramos três. Eu não devia ter vindo direto para cá.

Hunter mexia a cabeça de um lado para o outro. Tinha observado a posição de cada monge e de cada uma das bestas. Primeiro, calculara as chances de levar Door até o outro lado da ponte mantendo-a intacta; depois, com apenas ferimentos leves; por último, ela própria com ferimentos sérios e Door apenas com ferimentos leves. Estava recalculando novamente.

— E o que você teria feito de diferente se soubesse? — perguntou Hunter.

— Em primeiro lugar, não teria trazido *Richard*. Teria procurado o marquês.

Hunter inclinou a cabeça para o lado.

— Você confia nele? — perguntou, sem rodeios, e Door sabia que ela falava do marquês, não de Richard.

— Sim. Meio que confio.

Fazia apenas dois dias que Door completara cinco anos. O Mercado daquele dia era no Gardens, em Kew, e o pai a tinha levado como presente de aniversário. Era sua primeira vez ali. Estavam na casa das borboletas, cercados de asas em cores

vibrantes, coisas iridescentes e sem peso que a encantavam e a fascinavam, quando o pai se agachou ao lado dela.

— Door, dê a volta devagar e olhe ali, perto da porta.

Ela se virou e olhou. Junto à porta estava um homem de pele negra e cabelo preto amarrado em um longo rabo de cavalo, conversando com um casal de gêmeos de pele dourada. A menina chorava daquele jeito dos adultos, contendo as lágrimas o máximo possível e odiando as que escapavam, o que as deixava feias e estranhas ao olhar. Door voltou a atenção às borboletas.

— *Você viu aquele homem?* — perguntou o pai. *Ela assentiu. — Ele se apresenta como marquês De Carabás. É um enganador, uma fraude, talvez até uma espécie de monstro. Procure por ele se alguma vez você se vir em perigo. Ele vai protegê-la, querida. Ele tem essa obrigação.*

Door olhou novamente. O homem tinha pousado cada uma das mãos sobre o ombro de um dos gêmeos e os conduzia para fora da sala, mas olhou para trás enquanto saía — olhou para Door, sorriu um sorriso enorme; e deu uma piscadela.

Os monges que as cercavam eram fantasmas escuros na névoa. Door ergueu a voz.

— Com licença, irmão — chamou ela, dirigindo-se a Zibelina. — Nosso amigo que foi buscar a chave... Se ele falhar na provação, o que acontece com a gente?

O monge deu um passo na direção delas, hesitante.

— Escoltamos as duas para fora daqui e as deixamos partir.

— E quanto a Richard?

Door viu o monge balançando a cabeça por baixo do capuz, de um jeito triste e desesperançoso.

— Eu devia ter trazido o marquês — repetiu, se perguntando onde ele estaria e o que estaria fazendo.

O marquês De Carabás estava sendo crucificado em uma estrutura enorme em formato de X que, ao que parecia, o sr. Vandemar montara com tábuas velhas, pedaços de uma cadeira, um portão de madeira e um carrinho de mão. Usara também quase todos os pregos enferrujados que encontrara em uma caixa enorme. O sr. Croup tinha supervisionado a construção, fazendo algumas sugestões úteis, além de vasculhar o hospital em busca de apetrechos proveitosos ao projeto. Naquele momento, o sr. Vandemar se encontrava no topo de uma escada movendo a estrutura, com marquês e tudo.

— Um pouco mais para cima — instruiu o sr. Croup, no pé da escada. — Mais para a esquerda. Isso. Agora, sim. Perfeito.

Fazia um bom tempo desde a última vez que haviam crucificado alguém.

Com os braços e as pernas esticados, o corpo do marquês formava um X largo. Pregos fixavam suas mãos e seus pés, e uma corda prendia sua cintura. Estava, para todos os efeitos, inconsciente. A estrutura balançava no ar, suspensa por várias cordas, em uma sala que já fora o refeitório dos funcionários. No chão, o sr. Croup reunira uma vasta seleção de objetos cortantes, de lâminas de barbear a facas de cozinha, bisturis e escalpelos, além de várias outras ferramentas interessantes que o sr. Vandemar encontrara na antiga ala odontológica. Havia até mesmo um espalhador de brasa, achado na sala das caldeiras.

— Que tal você conferir como ele está, senhor Vandemar? — sugeriu o sr. Croup.

O sr. Vandemar cutucou o marquês de leve com um martelo.

O marquês De Carabás não era um homem bom e conhecia a si mesmo com clareza suficiente para saber que tampouco era corajoso. Havia muito se convencera de que o mundo, tanto o Superior quanto o Inferior, era um lugar que desejava ser enganado. Portanto, tirara o próprio nome de uma mentira de um conto de fadas e assim se reinventara — vestimentas, gestos, porte — como uma grande piada.

Sentia uma dor entorpecente nos pulsos e nos pés e estava cada vez mais difícil de respirar. De nada lhe valeria continuar se passando por desmaiado, então ergueu a cabeça como pôde e cuspiu uma bola de sangue escarlate na cara do sr. Vandemar.

Foi um ato bastante corajoso, concluiu. E estúpido. Talvez lhe proporcionassem uma morte tranquila se não o tivesse feito. Agora, sem dúvida, o machucariam ainda mais.

E talvez a morte chegasse mais rápido.

A água fervia intensamente na chaleira destampada. Richard observava o borbulhar e o vapor denso, imaginando o que fariam com aquilo. Sua imaginação lhe ofereceu diversas explicações possíveis, a maioria absurdamente dolorosa, nenhuma correta.

A água fervente foi despejada em um bule, em que o irmão Fuliginoso colocou três colheres de folhas secas aos pedaços. O líquido resultante passou por um coador de chá e foi servido em três xícaras de porcelana. O abade ergueu a cabeça cega, farejou o ar e sorriu.

— A primeira parte da Provação da Chave é uma boa xícara de chá — explicou. — Açúcar?

— Não, obrigado — respondeu Richard, desconfiado.

O irmão Fuliginoso colocou um pouco de leite no chá e passou a xícara e o pires para Richard.

— Está envenenado?

— Pelo amor de Deus, claro que não — respondeu o abade, parecendo quase ofendido.

Richard tomou um gole. O gosto era basicamente de chá.

— Mas isso é parte da provação?

O irmão Fuliginoso tomou as mãos do abade e depositou nelas uma xícara de chá.

— De certa forma, sim — respondeu o abade. — Gostamos de dar uma xícara de chá aos que buscam, antes de começar. É parte da nossa provação. Não da sua. — O velho bebeu um pouco e um sorriso beatífico se abriu em seu rosto ancião. — Até que é um chá bem gostoso.

Richard baixou a xícara, a bebida quase intocada.

— Se não for um incômodo, será que podemos começar logo?

— Claro, claro.

O abade se levantou, e os três foram até uma porta do outro lado da sala.

— Vocês podem... — Richard hesitou, tentando definir o que perguntar. — Vocês podem me adiantar alguma coisa sobre essa tal provação?

O abade balançou a cabeça. Não havia muito a dizer: ele apenas conduzia os buscantes até a porta. E aguardava uma ou duas horas, no corredor de acesso. Depois, voltava, removia do santuário os restos mortais do sujeito e o sepultava nas catacumbas. Às vezes, infelizmente, não os encontrava mortos, embora o que restava dificilmente pudesse ser chamado de *vivo*. E os Monges Negros cuidavam como podiam daqueles pobres coitados.

— Então tá. — Richard abriu um sorriso sem convicção. — Bem, para o alto e adiante!

O irmão Fuliginoso puxou os ferrolhos de metal da porta, que se abriram com um estrondo como dois tiros gêmeos. Richard entrou. O irmão Fuliginoso fechou a porta depois que ele passou e fechou os ferrolhos. Guiou o abade de volta até a cadeira e lhe devolveu a xícara de chá. O abade tomou um gole em silêncio. Então comentou, com arrependimento sincero na voz:

— O certo é “para o alto e avante”. Mas não tive coragem de corrigir. Parecia um bom rapaz.

DOZE

RICHARD MAYHEW CAMINHAVA pela plataforma do metrô. Era uma estação da linha District: a placa dizia BLACKFRIARS. Estava tudo deserto. Em algum lugar ao longe, um trem rugia e chacoalhava, provocando uma lufada de ar fantasmagórica que soprava pela plataforma, espalhando até os trilhos as páginas de um exemplar do tabloide *The Sun*, com seios estampados em quatro cores e insultos em preto e branco.

Ao final da plataforma, ele se sentou em um banco e esperou.

Nada aconteceu.

Esfregou a cabeça e se sentiu meio enjoado.

Ouviu passos se aproximando: uma menina toda arrumadinha passou por ele de mãos dadas com uma mulher que parecia uma versão maior e mais velha da menina. As duas o olharam de soslaio e logo desviaram o olhar, sem o menor constrangimento.

— Não fique muito perto dele, Melanie — aconselhou a mulher, em um sussurro bastante audível.

A menina o encarou daquele jeito típico das crianças, sem pudor nem consciência. Então olhou de volta para a mãe.

— Por que existe esse tipo de gente? — perguntou, curiosa.

— Eles não têm coragem de dar fim ao próprio sofrimento — explicou a mulher.

A menina arriscou outra olhada breve para Richard.

— Patético — murmurou ela.

Os pés das duas se afastaram pela plataforma e logo desapareceram. Será que aquilo tinha sido imaginação sua? Richard tentou lembrar o que estava fazendo ali naquela plataforma. Esperando o metrô? Para ir aonde? Ele sabia que a resposta estava em algum lugar de sua mente, um lugar fácil de encontrar, mas não conseguia encontrá-la, não conseguia recuperá-la dos lugares perdidos. Continuou ali sentado, sozinho e pensativo. Seria um sonho? Tateou o banco de plástico duro e vermelho, pisou firme na plataforma com os pés sujos de lama (de onde tinha vindo aquela lama?), tocou o próprio rosto... Não. Não era um sonho. Onde quer que estivesse, aquilo era real. Sentiu-se estranho: distante, deprimido e terrivelmente,

estranhamente entristecido. Alguém se sentou ao lado dele. Richard não ergueu os olhos nem virou a cabeça.

— E aí? — cumprimentou uma voz familiar. — Como vai, Dick? Tudo bem?

Ele ergueu os olhos. Sentiu o rosto começando a formar um sorriso, a esperança o atingindo em cheio como um soco no peito.

— Garry? — disse, assustado. — Você consegue me ver?

O homem abriu um sorriso.

— Você sempre foi um piadista. Um cara muito, muito engraçado.

Garry estava de terno e gravata, a barba feita e sem um fio de cabelo fora do lugar. Richard imaginou a si mesmo: enlameado, com barba por fazer, amarfanhado...

— Garry, eu... Olha, sei que estou com uma aparência horrível. Mas posso explicar. — Pensou por um momento. — Quer dizer... não. Não posso.

— Tudo bem — respondeu ele, em um tom tranquilizador e calmo. — Preciso lhe contar uma coisa, mas não sei como. É meio esquisito. — Garry procurou as palavras. — Então. Na verdade, eu não estou aqui.

— Está, sim — retrucou Richard.

Garry balançou a cabeça, compreensivo.

— Não, não estou. Eu sou você. Você está falando sozinho.

Richard considerou, vagamente, a possibilidade de aquilo ser mais uma das piadas do colega.

— Talvez isto ajude — disse Garry, e levou as mãos ao rosto, apertou, girou e remodelou. Seu rosto escorria como massinha molhada. — Melhor assim? — perguntou a pessoa que tinha sido Garry, em uma voz perturbadoramente familiar.

Richard conhecia o novo rosto: barbeara aquela pele quase todos os dias desde que terminara o colégio; escovara aqueles dentes, espremera as espinhas e vez ou outra torcera para que fosse mais parecido com o de Tom Cruise ou com o de John Lennon, ou com o de qualquer outra pessoa, para ser sincero. Era seu próprio rosto, é claro.

— Você está sentado na estação Blackfriars na hora do rush — disse o outro Richard, muito descontraído. — Falando sozinho. E você sabe o que dizem sobre quem fala sozinho. O fato é que você está começando a esbarrar de volta na sanidade.

O Richard molhado e enlameado encarou o Richard limpo e bem-vestido.

— Não sei quem é você ou o que está tentando fazer, mas não está sendo muito convincente. Nem se parece comigo. — Era mentira, e ele sabia disso.

O outro Richard abriu um sorriso encorajador e balançou a cabeça.

— Eu sou você, Richard. Sou o pouco que restou da sua sanidade mental...

Não era como o eco vergonhoso da própria voz em secretárias eletrônicas ou vídeos caseiros, aquela paródia horrível de uma voz que se passava pela dele. Não; aquele homem falava com a verdadeira voz de Richard, a voz que ele ouvia quando falava, ressonante e real.

— Concentre-se! — gritou o homem com o rosto dele. — Olhe para este lugar, tente enxergar as pessoas, tente enxergar a verdade... Você já está mais perto da realidade do que esteve a semana inteira...

— Isso é ridículo — retrucou Richard, sem emoção, mas cheio de desespero.

Ele balançou a cabeça, negando tudo que seu outro eu dizia, mas mesmo assim olhou para a plataforma, perguntando-se o que deveria estar vendo. Então alguma coisa tremulou em sua visão periférica. Ele virou a cabeça, mas, fosse o que fosse, já desaparecera.

— Olhe — sussurrou o clone. — Veja.

O barulho e a luz o acertaram como uma garrafada no meio da cara: estava de pé no meio da estação Blackfriars, em plena hora do rush. Pessoas esbarravam nele ao passar: um pandemônio de barulho, luz, empurrões, humanidade em movimento. Um trem esperava na plataforma. Richard viu o próprio reflexo em uma das janelas. Parecia um doido: barba de uma semana; restos de comida em volta da boca e na barba; um olho roxo; e uma espinha enorme, um horrível abscesso vermelho começava a se formar na lateral do nariz. Estava imundo, coberto de uma camada preta de terra endurecida que obstruía os poros e se instalara debaixo das unhas; os olhos estavam injetados e embaçados, o cabelo desgrenhado e grudento. Era um desses sem-teto doidos, e estava na plataforma de uma estação de metrô lotada no horário mais movimentado do dia.

Richard escondeu o rosto nas mãos.

Quando ergueu os olhos, todos haviam desaparecido. A plataforma estava escura de novo, e ele estava sozinho. Sentou-se no banco e fechou os olhos. Uma mão encontrou a dele, segurou-a por alguns momentos e a apertou. Era a mão de uma mulher: ele sentiu o perfume familiar.

O outro Richard estava sentado à esquerda dele, e Jessica surgira à direita, segurando sua mão e encarando-o com compaixão. Richard nunca vira aquela expressão no rosto dela.

— Jess?

Ela balançou a cabeça em negativa. Soltou a mão dele.

— Infelizmente, não — respondeu. — Continuo sendo você. Mas você precisa me ouvir, querido. Está mais próximo da realidade do que...

— Vocês não param de falar sobre estar próximo da realidade, próximo da sanidade, próximo de não sei o quê... — Richard hesitou. Lembrou-se

de algo. Olhou para a outra versão de si mesmo, depois para a mulher que amara. — Isso faz parte da provação?

— Provação? — repetiu Jessica.

Ela trocou um olhar preocupado com o Outro Richard Que Não Era Ele.

— Sim. Provação. Com os Monges Negros que vivem sob Londres — explicou Richard. Enquanto falava, aquilo se tornava mais verdadeiro. — Preciso levar uma certa chave para um anjo chamado Islington. Se eu lhe entregar essa chave, ele vai dar um jeito de eu voltar para casa...

Richard sentiu a boca seca. Não conseguiu continuar.

— Ouça o que você está dizendo — falou o outro Richard, todo gentil. — Não vê que é ridículo?

Jessica parecia tentar conter o choro. Seus olhos reluziam.

— Não existe provação nenhuma, Richard. Você... você teve um esgotamento nervoso. Algumas semanas atrás. Acho que você só surtou. Eu terminei o nosso noivado... Você estava agindo de um jeito muito estranho, parecia outra pessoa, e eu... eu não aguentei... E aí você sumiu...

As lágrimas começaram a descer pelo rosto de Jessica. Ela fez uma pausa para assoar o nariz com um lençinho de papel.

— Vaguei, só e louco, pelas ruas de Londres — disse o outro Richard —, dormindo debaixo de pontes, pegando restos de comida do lixo. Tremendo, perdido e solitário. Falando sozinho ou com gente que não existia...

— Eu sinto muito, Richard — disse Jessica.

Ela chorava, o rosto contorcido e feio. O rímel começou a borrar e o nariz estava vermelho. Richard, que nunca a vira chorando, só desejava tirá-la daquele sofrimento. Tentou tocá-la, abraçá-la, confortá-la e tranquilizá-la, mas o mundo fugiu de seu alcance, se distorcendo e se transformando...

Alguém tropeçou nele, xingou e continuou andando. Richard estava caído de bruços na plataforma, durante o pico da hora do rush. A lateral de seu rosto estava grudenta e gelada. Ergueu a cabeça: estava caído em uma poça do próprio vômito. Quer dizer, esperava que fosse seu. Pessoas o encaravam com repulsa, ou, depois do mais breve olhar, o ignoravam.

Ele limpou o rosto com as mãos e tentou se levantar, mas não sabia mais como. Começou a choramingar. Fechou bem os olhos e os manteve fechados. Quando os abriu — trinta segundos, ou uma hora, ou um dia inteiro depois —, a plataforma se encontrava em semiescuridão. Levantou-se. Havia apenas uma pessoa ali.

— Ei! — chamou. — Me ajude. Por favor.

Era Garry, sentado no banco, observando-o.

— Que foi? Ainda precisa que alguém lhe diga o que fazer? — Garry se levantou e foi até ele. — Richard, eu sou você — afirmou, com urgência.

— O único conselho que tenho a oferecer é exatamente a mesma coisa que você tem dito a si mesmo. Só que talvez você tenha medo de ouvir.

— Você não sou eu — retrucou Richard, mas já não acreditava mais nisso.

— Encoste em mim.

Richard obedeceu: sua mão entrou no rosto de Garry, amassando-a e distorcendo-o como se estivesse mergulhando em um creme denso. Richard não sentia nada na mão. Baixou o braço.

— Viu só? Eu não estou aqui. É só você, andando de lá para cá pela plataforma, falando sozinho e tentando tomar coragem para...

Richard não tinha intenção de falar, mas sua boca se mexeu e ele ouviu a própria voz perguntar:

— Tentando tomar coragem para o quê?

Uma voz grave soou pelos alto-falantes e ecoou distorcida pela plataforma:

— *O Metrô de Londres lamenta o atraso. Houve um incidente na estação Blackfriars.*

— Para fazer isso — respondeu Garry, inclinando a cabeça. — Para se tornar um incidente na estação Blackfriars. Para dar um fim a tudo. Sua vida é uma farsa vazia, sem alegria e sem amor. Você não tem amigos...

— Eu tenho você... — murmurou Richard.

Garry lhe lançou um olhar sincero.

— Eu acho você um idiota — declarou, honestamente. — Uma piada.

— Eu tenho Door, Hunter e Anaesthesia.

Garry abriu um sorriso. Um sorriso cheio de piedade sincera, que doeu em Richard muito mais do que ódio ou inimizade doeriam.

— Mais amigos imaginários? O pessoal do escritório tirava onda da sua cara por causa daqueles trolls. Ficavam na sua mesa, lembra?

Garry riu. Richard também começou a rir. Era tudo terrível demais: não havia mais nada a fazer. Depois de um tempo, pararam de rir. Garry enfiou a mão no bolso e pegou um pequeno troll de plástico, com cabelo lilás eriçado. Era o que, antigamente, ficava em cima do monitor de Richard.

— Toma — disse Garry, jogando o brinquedo.

Richard tentou pegá-lo, as mãos estendidas, mas o boneco as atravessou como se não estivessem ali. Richard caiu de joelhos, procurando o troll no chão, aquele único fragmento que restava de sua vida real: sentia que, se conseguisse pegá-lo, talvez recuperasse tudo...

Flash.

Hora do rush outra vez. Um trem regurgitava centenas de pessoas na plataforma enquanto outras centenas tentavam embarcar. Richard estava de quatro no piso. Os passageiros o chutavam e esbarravam nele. Alguém pisou em seus dedos, com força. Ele deu um grito agudo e enfiou os dedos na boca instintivamente, como uma criança que acabasse de se queimar. Um

gosto horrível, mas ele não ligou: via o troll na borda da plataforma, a menos de três metros dali, e foi engatinhando devagar pela multidão, cruzando a plataforma. As pessoas o xingavam, cortavam seu caminho, esbarravam nele. Richard nunca tinha imaginado que três metros fosse uma distância tão longa a ser percorrida.

Ouviu uma voz esganiçada dando risadinhas. Ficou se perguntando quem poderia ser. Era uma risadinha perturbadora, desagradável e estranha. Ficou imaginando que tipo de maluco ria daquele jeito. Engoliu em seco; a risadinha parou. Então, ele soube.

Estava quase na borda da plataforma. Uma senhora idosa entrou no trem, chutando sem querer o troll de cabelo lilás para a escuridão do vão entre o trem e a plataforma.

— Não! — exclamou Richard.

Ele ainda ria, uma risada desajeitada e chiada, mas lágrimas faziam seus olhos arderem, desciam pelo seu rosto. Esfregou os olhos, mas só conseguiu fazê-los arder ainda mais.

Flash.

Plataforma deserta e escura outra vez. Ele conseguiu se levantar e se aproximou, cambaleante, da beirada da plataforma. Lá estava, perto do terceiro trilho: uma manchinha lilás, seu troll. Olhou para a frente, para os cartazes enormes colados na parede do outro lado dos trilhos. Anúncios de cartões de crédito, marcas de tênis e pacotes de viagem para o Chipre. As palavras dos cartazes se retorceram e transmutaram diante de seu olhar.

Novas mensagens se formaram:

ACABE COM TUDO

era uma delas.

DÊ UM FIM AO SEU SOFRIMENTO!

SEJA HOMEM: DESISTA.

SOFRA UM ACIDENTE FATAL HOJE MESMO!

Richard assentiu para si mesmo. É, estava falando sozinho. Aqueles cartazes não estavam dizendo aquilo. Sim, estava falando sozinho, e era hora de se dar ouvidos. Um trem chacoalhava não muito longe dali, chegando à estação. Richard cerrou os dentes e se balançou para a frente e para trás, como se ainda estivesse sendo empurrado pelo movimento dos passageiros. No entanto, ele estava sozinho na plataforma.

O trem se aproximava, a luz dos faróis se projetando de dentro do túnel como os olhos de um dragão monstruoso em um pesadelo de criança.

Naquele instante, Richard entendeu como seria fácil fazer a dor parar — pegar toda a dor que já sentira e toda a dor que viria a sentir e fazer tudo desaparecer para todo o sempre. Enfiou as mãos nos bolsos e respirou fundo. Seria tão fácil... Apenas um momento de dor, e depois mais nada...

Sentiu algo no bolso. Apalpou o objeto com os dedos. Era macio, duro e mais ou menos esférico. Ele o pegou e o examinou: uma missanga de quartzo. Então se lembrou do momento em que o guardara no bolso, do outro lado da Ponte da Noite. Era parte do colar de Anaesthesia.

De algum lugar, dentro ou fora de sua cabeça, ele pensou ouvir a menina-rata:

— Agente firme, Richard.

Não sabia se alguém o estava ajudando naquele momento. Suspeitava de que estivesse de fato falando consigo mesmo, de que finalmente estava dando ouvidos a seu verdadeiro eu.

Richard assentiu e guardou a missanga de volta no bolso. Continuou ali na plataforma, esperando. O trem chegou e reduziu a velocidade até parar de vez.

As portas se abriram com um sibilar. O vagão estava cheio de pessoas de todos os tipos e cores, todas, sem sombra de dúvida, mortas. Cadáveres recentes, com um rasgo na garganta ou buracos de bala nas têmporas; cadáveres antigos, já ressequidos; cadáveres pendendo de cordas, cobertos de teias de aranha; repulsivos cadáveres cancerosos, largados nos bancos. Pelo que podia notar, todos os defuntos tinham sido mortos pelas próprias mãos. Havia homens, havia mulheres. Richard pensou ter visto alguns daqueles rostos pendurados em algum mural extenso, mas não conseguia lembrar onde nem quando. O vagão cheirava como um necrotério sem ar-condicionado ao fim de um longo verão.

Richard não fazia mais ideia de quem era. Não fazia ideia do que era ou não era real, se ele próprio era valente ou covarde, louco ou são. Mas sabia o que precisava fazer. Entrou no vagão, e todas as luzes se apagaram.

Os ferrolhos foram abertos. Duas batidas altas ecoaram pela sala. A porta para o pequeno santuário foi aberta, permitindo a entrada da luz das lâmpadas que iluminavam o saguão externo.

Era uma salinha com pé-direito alto e teto arqueado. Uma chave prateada estava pendurada por um fio preso ao ponto mais alto. O vento que soprou quando a porta foi aberta fez a chave balançar para a frente e para trás e rodopiar lentamente, primeiro para um lado, depois para o outro. O abade segurava o braço do irmão Fuliginoso. Os dois entraram no santuário lado a lado.

— Pegue o corpo, irmão Fuliginoso — ordenou o abade, soltando o braço do outro.

— Mas... mas, abade...

— O que foi?

O irmão Fuliginoso se abaixou, apoiando-se em um dos joelhos. O abade ouviu dedos tocarem tecido e pele.

— Ele não está morto.

O abade suspirou. Era horrível pensar aquilo, ele sabia, mas, para ser honesto, achava que uma morte rápida seria mais misericordiosa. Sobreviver era muito pior.

— É um daqueles, hein? Bem, vamos cuidar do pobre coitado até que ele termine a jornada rumo à recompensa final. Leve-o até a enfermaria.

E uma voz fraca mas firme respondeu:

— Não sou um pobre coitado.

O abade ouviu alguém se levantar. Ouviu o irmão Fuliginoso respirar fundo.

— Acho... acho que passei no teste — disse a voz de Richard Mayhew, repentinamente insegura. — A não ser que isso seja mais uma parte da provação.

— Não, meu filho — respondeu o abade, e algo em sua voz parecia admiração, mas também pesar.

Fez-se silêncio.

— Bem... acho que agora aceito aquele chá, se não for incômodo.

— Claro. Por aqui — respondeu o abade.

Richard encarou o velho abade, cujos olhos cegos contemplavam o mais absoluto nada. Parecia satisfeito por Richard estar vivo, mas...

— Com licença, senhor — chamou o irmão Fuliginoso, em tom de reverência, interrompendo os pensamentos de Richard. — Não esqueça a chave.

— Ah. É. Obrigado.

Tinha até esquecido. Ele esticou o braço e agarrou a chave prateada que girava lentamente no cordão. Com um puxão, a linha se rompeu sem dificuldade.

Richard abriu a mão. A chave o encarava.

— Meus dentes tortos... — repetiu Richard, lembrando. — Quem sou eu?

Guardou a chave no bolso, junto da pequena miçanga de quartzo, e, juntos, os três deixaram aquele lugar.

O nevoeiro começava a se dissipar, Hunter ficou satisfeita em notar. Agora estava confiante de que, caso fosse necessário, conseguiria fazer lady Door

escapar ilesa dos monges e sair, ela própria, apenas com ferimentos leves.

Então notaram movimento do outro lado da ponte.

— Tem alguma coisa acontecendo — comentou Hunter com Door, bem baixinho. — Prepare-se para correr.

Os monges começaram a recuar. Richard Mayhew, o habitante da Superfície, cruzava o nevoeiro, caminhando ao lado do abade. Parecia diferente. Hunter o observou atentamente, tentando identificar o que havia mudado. O ponto de equilíbrio de Richard estava mais baixo, ele estava mais centrado. Não... não era só isso. Parecia menos um garoto. Parecia que começara a amadurecer.

— Está vivo, hein? — comentou Hunter.

Richard assentiu e enfiou a mão no bolso, pegando a chave prateada e a jogando para Door. Ela a segurou e se jogou nos braços de Richard, abraçando-o com força.

Então o soltou e correu até o abade.

— Nem sei como dizer o quanto isso significa para nós — disse ela.

O homem deu um sorriso fraco, mas gracioso.

— Que o Templo e o Arco os protejam na jornada pelo Submundo — respondeu ele.

Door fez uma mesura e, apertando bem a chave na mão, voltou para junto de Richard e Hunter. Os três viajantes atravessaram a ponte e se foram. Os monges permaneceram ali até os perderem de vista, ocultos no velho nevoeiro do mundo abaixo do mundo.

— Perdemos a chave — murmurou o abade, para si mesmo e para todos os outros. — Que Deus tenha piedade de nós.

TREZE

O ANJO ISLINGTON sonhava um sonho sombrio e agitado.

Ondas gigantes se elevavam e arrebatavam sobre a cidade; forquilhas de raios brancos tomavam o céu noturno de uma ponta a outra do horizonte; a chuva caía como lençóis, a cidade estremecia; focos de incêndio surgiam perto do grande anfiteatro e se alastravam pela cidade, rapidamente, desafiando a tempestade. Islington via tudo aquilo bem de cima, pairando no ar daquela forma que as pessoas pairam nos sonhos, da forma que ele próprio flutuara nos tempos longínquos. Aquela cidade tinha prédios enormes, com centenas de metros de altura, mas pareciam mínimos diante das ondas verde-acinzentadas. Então o anjo ouviu os gritos. Quatro milhões de pessoas viviam em Atlântida, e, no sonho, Islington ouvia claramente cada uma daquelas vozes, uma a uma, gritando, engasgando, queimando, se afogando, morrendo. As ondas engoliram a cidade, até, enfim, a tempestade se acalmar.

Quando amanheceu, não havia indício algum de que houvera uma cidade por ali, muito menos uma ilha duas vezes maior que a Grécia. Nada restara de Atlântida além dos corpos inchados de crianças, mulheres e homens boiando ao sabor das ondas frias da manhã — corpos que as gaivotas, cinzentas e brancas, já cutucavam com seus bicos cruéis.

E Islington acordou. Estava em um octógono de pilares de ferro, ao lado de uma enorme porta preta feita de prata enegrecida e sílex. Tocou a superfície lisa da pedra, a frieza do metal. Tateou a mesa. Passou os dedos de leve pelas paredes. Andou pelas câmaras de sua morada, uma após a outra, tocando todos os elementos como se precisasse se convencer da existência de cada um deles, se convencer de que estavam lá. Seguiu os mesmos caminhos de sempre, percorrendo as trilhas de chão suave que seus pés descalços haviam criado na rocha ao longo dos séculos. Parou quando chegou à piscina de rochas, ajoelhando-se e deixando os dedos tocarem a água gelada.

Seus dedos criaram ondulações na água, que foram se espalhando até tocarem as bordas da piscina. Os reflexos no espelho d'água, tanto do anjo quanto das velas que o iluminavam, tremeram e se transformaram. Agora

davam vista para um porão. Concentrando-se, o anjo ouviu um telefone tocar em algum lugar ao longe.

O sr. Croup foi até o aparelho e atendeu. Parecia deveras satisfeito.

— Croup e Vandemar — esbravejou. — Removemos olhos, torcemos narizes, perfuramos línguas, partimos queixos e trespassamos gargantas.

— Senhor Croup, eles conseguiram a chave — começou o anjo. — Quero que vocês protejam a garota chamada Door ao longo da jornada de volta a mim.

— Proteger — repetiu o sr. Croup, indiferente. — Certo. Vamos fazer isso. Que ideia esplêndida... bastante original. Fantástica. A maioria dos clientes procura assassinos para encomendar execuções, mortes sigilosas e até crimes hediondos. Só o senhor contrataria dois dos melhores matadores do espaço-tempo para zelarem pela segurança de uma garotinha.

— Atenda meu pedido, senhor Croup. A garota deve ser protegida de qualquer perigo. Se permitir que ela sofra algum mal pelo caminho, você me deixará profundamente infeliz. Compreende?

— Sim — respondeu o sr. Croup, com certo desconforto.

— Algo mais? — perguntou Islington.

— Sim, senhor. — Croup abafou uma tosse com a mão. — Lembra-se do marquês De Carabás?

— Claro.

— Imagino que não haja restrições similares quanto a estripar o marquês...

— Não mais — respondeu o anjo. — Apenas proteja a garota.

O anjo tirou a mão da água. O reflexo voltou a mostrar apenas velas e um anjo de beleza magnífica e andrógina. Levantou-se e fez o caminho de volta para as câmaras internas, onde aguardaria os visitantes.

— O que ele disse? — perguntou o sr. Vandemar.

— Ele disse, senhor Vandemar, que podemos fazer o que bem entendermos com o marquês.

Vandemar assentiu.

— Isso inclui matá-lo de forma dolorosa? — indagou, um pouco afetado.

— Sim. Eu diria, refletindo sobre o que foi tratado, que sim.

— Ótimo, senhor Croup. Eu odiaria ser repreendido outra vez. — Ele olhou para a criatura sangrenta pendurada na cruz. — Melhor nos livrarmos do corpo, então.

Uma das rodinhas dianteiras do carrinho de supermercado rangia e apresentava a forte tendência de puxar para a esquerda. O sr. Vandemar o encontrara abandonado perto do hospital, em uma rotatória já tomada pela grama. Logo que o viu, achou que tinha o tamanho perfeito para transportar um corpo. Ele mesmo poderia ter carregado, é claro, mas ficaria coberto de sangue e de outros fluidos. E só tinha aquele terno. Então lá ia ele agora, empurrando o carrinho com o corpo do marquês pelo túnel de escoamento fluvial, a roda fazendo *nhec-nhec* e puxando para a esquerda. Bem que o sr. Croup podia empurrar um pouco, para variar. Mas o sr. Croup estava falando.

— Sabe, senhor Vandemar, estou deveras feliz e satisfeito, para não dizer total e ilimitadamente em êxtase, por não precisarmos mais lamentar, resmungar ou reclamar... e por, finalmente, termos permissão para fazer o que fazemos melhor...

O sr. Vandemar se demorou em uma curva complicada.

— Matar?

O sr. Croup abriu um sorriso enorme.

— De fato, me refiro a matar, senhor Vandemar, meu bravo companheiro, de alma luzidia. O senhor, contudo, já deve ter sentido a essa altura que há um “porém” à espreita sob meu exterior jubiloso e falastrão. Um aborrecimento diminuto, como um pedacinho irritante de fígado grudado dentro da bota. O senhor já deve estar dizendo a si mesmo: “Algo aflige o peito do senhor Croup. Devo convencê-lo a se abrir comigo quanto ao que o perturba.”

O sr. Vandemar ponderou sobre aquilo enquanto arrombava uma porta de ferro redonda que separava o escoamento fluvial e o esgoto. Passou por ali com dificuldade. Ele ergueu o carrinho de arame com o corpo do marquês De Carabás e o atravessou pela passagem. Então, mais ou menos certo de não ter pensado absolutamente nada daquele tipo, respondeu:

— Não.

O sr. Croup ignorou o comentário.

— Em resposta às suas súplicas, fosse eu explicar o que me atormenta, confessaria que minha alma se indispõe ante a necessidade de nos ocultarmos. Deveríamos estar exibindo os deprimentes restos mortais do ex-marquês na forca mais alta da Londres de Baixo, em vez de descartá-lo como um... — Ele hesitou, procurando a analogia perfeita.

— Rato? — sugeriu o sr. Vandemar. — Periquito? Baço?

Nheec-nheec, faziam as rodas do carrinho.

O sr. Croup não se satisfaz com nenhuma das sugestões.

— Ah, não importa.

À frente deles havia um canal de profundas águas marrons. Ilhas de espuma encardida, camisinhas usadas e fragmentos de papel higiênico flutuavam na superfície. O sr. Vandemar parou o carrinho. O sr. Croup se

abaixou, puxou a cabeça do marquês pelo cabelo e sussurrou em sua orelha morta:

— Quanto mais cedo terminarmos este trabalho, mais feliz ficarei. Outros lugares e outros tempos apreciariam mais adequadamente os serviços de um par de mãos especializadas no garrote e na faca de desossar. — Ele se levantou. — Boa noite, meu bom marquês. Mande notícias.

O sr. Vandemar virou o carrinho. O corpo do marquês saiu rolando até cair nas águas marrons. Em seguida, o sr. Vandemar jogou no esgoto também o carrinho, que passara a odiar com intensidade, e ficou observando a correnteza levá-lo para longe.

O sr. Croup ergueu a lamparina bem alto e examinou o lugar onde estavam.

— É triste pensar que há pessoas andando nas ruas lá em cima que nunca conhecerão a beleza destes esgotos, senhor Vandemar. As catedrais de tijolos vermelhos abaixo dos seus pés.

— Excelente obra — concordou o sr. Vandemar.

Os dois deram as costas para a água marrom e voltaram para os túneis.

— Assim como acontece com as pessoas, senhor Vandemar, o estado das cidades depende muito das condições dos intestinos.

Door prendeu a chave ao redor do pescoço com um pedaço de barbante que encontrou no bolso da jaqueta.

— Não parece muito bem preso — comentou Richard. Ela fez uma careta. — Ué, mas não parece mesmo.

Ela deu de ombros.

— Tá. Vou arranjar uma corrente no Mercado — respondeu.

Andavam por um labirinto de cavernas e túneis profundos escavados em calcário que Richard acreditava ser quase pré-histórico. Ele riu sozinho.

— Qual é a graça? — perguntou Door.

Ele sorriu.

— Eu só estava pensando na cara do marquês quando souber que conseguimos pegar a chave dos monges sem a ajuda dele.

— Com certeza ele vai fazer um comentário sarcástico — disse Door. — Bem, temos que voltar até o anjo. Pelo “caminho longo e perigoso”. Seja lá qual for.

Richard estava prestes a dizer que devia ser um caminho longo e perigoso, mas se conteve. Apenas admirou as pinturas nas paredes das cavernas. Traços rudimentares em vermelho, ocre e marrom-avermelhado delineavam javalis avançando, gazelas em disparada, mastodontes peludos e preguiças gigantes: imaginou que as pinturas tivessem milhares de anos, mas, ao virar uma curva, notou outras no mesmo estilo retratando caminhões,

gatos, carros e — menos detalhados que as outras imagens, como se fossem vistos com pouquíssima frequência e de bem longe — aviões.

Nenhuma das pinturas estava muito acima do solo. Richard se pegou imaginando se os autores seriam uma raça de pigmeus neandertais subterrâneos. Era tão provável quanto todo o restante daquele mundo estranho.

— Então, onde vai ser o próximo Mercado? — perguntou ele.

— Não faço a menor ideia — respondeu Door. — Hunter?

— Não sei — respondeu a guarda-costas, emergindo das sombras.

Uma figura diminuta passou correndo por eles na direção contrária, pelo caminho de onde tinham vindo. Instantes depois, outros seres pequeninos surgiram em perseguição ao primeiro. Hunter estendeu a mão e agarrou um garotinho pela orelha.

— Ai! — reclamou o menino, daquele jeito típico de garotos. — Me solta! Ela roubou meu pincel!

— Isso mesmo! — concordou uma voz esganiçada mais à frente. — Ela roubou!

— Não roubei, não! — respondeu uma voz ainda mais esganiçada e ainda mais adiante.

Hunter apontou para as pinturas na parede.

— Foram vocês que fizeram isso? — perguntou.

O garoto tinha aquela arrogância vista apenas nos grandes artistas e em todos os meninos de nove anos.

— É — respondeu, com truculência. — Alguns.

— Nada mau — comentou Hunter.

O garoto olhou feio para ela.

— Onde vai ser o próximo Mercado Flutuante? — perguntou Door.

— Belfast. Hoje.

— Obrigada — respondeu Door. — Espero que consiga seu pincel de volta. Solte o menino, Hunter.

Ela obedeceu. Mas o menino não se mexeu. Encarou Hunter de cima a baixo e fez uma careta para deixar claro que não estava nem um pouco impressionado.

— *Você* é a Hunter? — perguntou ele.

Ela deu um sorriso humilde. O garoto fungou.

— *Você* é a melhor guarda-costas do Submundo? — insistiu ele.

— É o que dizem.

O menino arqueou a mão para trás e a lançou à frente em um movimento suave. Então parou, perplexo, abriu a mão e ergueu um olhar confuso para Hunter. Ela também abriu a mão, revelando um pequeno canivete com uma lâmina curva, e o ergueu fora do alcance do menino, que torceu o nariz.

— Como você fez isso?

— Cai fora — ordenou a guarda-costas.

Ela fechou o canivete e o jogou de volta para o garoto, que saiu correndo pelo túnel sem olhar para trás, retomando a busca pelo pincel.

O corpo do marquês De Carabás vagava pelos esgotos, o rosto para baixo, sendo levado pela água.

Os esgotos de Londres iniciaram sua existência como rios e córregos que iam do norte ao sul (e, na área ao sul do Tâmis, do sul ao norte) carregando lixo, carcaças de animais e o conteúdo dos penicos da cidade e depositando tudo no Tâmis, que, quando se sentia disposto, levava todo aquele material desagradável para o mar. Esse sistema pouco elaborado funcionou mais ou menos bem por muitos anos, até que, no ano de 1858, o volume enorme de dejetos produzidos pela população e pelas indústrias de Londres, combinado com um verão muito quente, produziu um fenômeno conhecido como o Grande Fedor: o rio Tâmis virou um esgoto a céu aberto. Quem pôde, foi embora de Londres; os que ficaram tiveram que enrolar no rosto um pano encharcado em algum composto neutralizador de aroma e tentar não respirar pelo nariz. O Parlamento foi forçado a adiantar o recesso e, no ano seguinte, deu início ao programa de instalação de esgotos. Os milhares de quilômetros de tubos à época foram construídos com uma sutil elevação no sentido oeste-leste. Em determinado ponto depois de Greenwich, o esgoto era bombeado para o estuário do Tâmis e os detritos desembocavam no Mar do Norte. Era esse o percurso que o corpo do marquês De Carabás fazia naquele momento, viajando do oeste para o leste, rumo ao pôr do sol e às estações de tratamento.

Alguns ratos, que estavam ocupados fazendo o que os ratos fazem quando não tem ninguém olhando, viram o corpo passar. O maior deles, um macho preto bem grande, guinchou. Uma fêmea, marrom e menor, guinchou em resposta, saltou para as costas do marquês e navegou o corpo correnteza abaixo por uma curta distância; farejou o cabelo e o casaco, provou o sangue e, com certa dificuldade, inclinou-se para observar o pouco que podia ver do rosto.

Então, saltou da cabeça morta para a água imunda e nadou incansavelmente até a margem, onde escalou os tijolos escorregadios. Acelerou o passo, percorrendo a viga de sustentação, e reencontrou seus companheiros.

— Belfast? — indagou Richard.

Door deu um sorriso maroto.

— Você vai ver — respondeu, quando ele insistiu.

Richard mudou de assunto.

— Como você sabe que aquele moleque estava falando a verdade sobre o Mercado?

— Ninguém aqui embaixo mente sobre isso. Eu acho... acho que nem conseguimos mentir quando o assunto é o Mercado. — Door hesitou. — O Mercado é especial.

— E como o moleque sabia onde vai ser?

— Alguém contou a ele — respondeu Hunter.

Richard pensou um pouco.

— E como esse alguém soube? — insistiu.

— Ouviu de outra pessoa.

— Mas...

Ele se perguntou quem é que escolhia o local e como a informação se espalhava. Tentava compor uma pergunta que não soasse idiota quando uma grave voz feminina chamou da escuridão:

— Ei. Têm ideia de onde vai ser o próximo Mercado?

A mulher avançou para a luz. Usava joias prateadas e o cabelo preto perfeitamente penteado. Era muito pálida e usava um vestido de veludo preto. Richard soube na hora que já a tinha visto em algum lugar, mas demorou para lembrar onde. Ah, sim: no primeiro Mercado Flutuante, na Harrods. A mulher tinha sorrido para ele.

— Hoje à noite — respondeu Hunter. — Belfast.

— Obrigada. — A mulher tinha olhos incríveis, notou Richard. Eram púrpura. — Vejo vocês lá — completou, encarando Richard. Então desviou o olhar, um pouco tímida, e voltou a desaparecer na escuridão.

— Quem era essa? — perguntou ele.

— Elas se chamam de Aveludadas — explicou Door. — Dormem aqui embaixo durante o dia e vagam pelo Mundo Superior à noite.

— São perigosas?

— Todo mundo é perigoso — respondeu Hunter.

— Então, voltando ao Mercado: quem decide onde e quando vai ser? E como as primeiras pessoas descobrem o local?

Hunter deu de ombros.

— Door? — tentou Richard.

— Nunca pensei nisso. — Eles viraram uma curva. Door ergueu a lanterna e comentou: — Nada mau.

— E foi rápido — completou a guarda-costas.

Ela tocou de leve a pintura na parede de pedra. A tinta ainda estava molhada. Era um retrato de Hunter, Door e Richard. Bem pouco elogioso.

O rato preto entrou na toca dos Dourados com deferência, de cabeça baixa e orelhas para trás. Avançou guinchando.

A toca dos Dourados ficava em uma pilha de ossos que pertenceram a um mamute dos tempos gelados, na época em que as grandes bestas peludas marchavam pela tundra nevada do sul da Inglaterra como se, na opinião dos Dourados, fossem donas do pedaço. Aquele mamute específico, pelo menos, fora convencido do contrário pelos Dourados, total e definitivamente.

O rato negro fez suas reverências na base da pilha de ossos e se deitou de costas, deixando a garganta exposta. Ali, fechou os olhos e esperou, até que um guinchado lá em cima anunciou que ele podia voltar à posição normal.

Um dos Dourados saiu do crânio do mamute, no topo do monte de ossos, e foi se arrastando pela velha presa de marfim: um rato do tamanho de um gato bem grande, de pelo dourado e olhos cor de cobre.

O rato negro se pronunciou. O Dourado pensou por um instante e guinchou uma ordem. O rato negro rolou de costas novamente, expondo a garganta por um breve momento, depois se revirou, girou o corpo e partiu.

O Povo do Esgoto já existia antes do Grande Fedor, é claro. Eles viviam nos dutos elisabetanos, depois nos túneis da Restauração, depois nos da Regência, à medida que mais e mais vias fluviais de Londres eram confinadas a canos e passagens cobertas e a população em expansão produzia mais lixo, mais porcarias, mais dejetos. No entanto, foi só depois do Grande Fedor, após o grande programa de construção dos esgotos vitorianos, que eles se estabeleceram em um determinado lugar. Era possível encontrá-los ao longo de toda a extensão dos esgotos, mas se instalaram de forma permanente em espaços semelhantes a igrejas, de tijolinhos vermelhos, ao leste, onde convergiam muitos rios de águas espumantes. Lá, sentavam-se ao lado de varas, redes e ganchos improvisados e observavam a superfície da água suja.

Usavam roupas marrons e verdes cobertas por uma grossa camada do que poderia ser tanto mofo quanto detritos petroquímicos, mas que provavelmente era coisa bem pior. Tinham cabelo comprido e embaraçado. Cheiravam mais ou menos como se poderia imaginar. Lâmpioes velhos ficavam pendurados ao longo dos túneis. Ninguém sabia o que o Povo do Esgoto usava como combustível, mas os lâmpioes queimavam com chamas em insalubres tons de azuis e verdes.

Não se sabia ao certo como o Povo do Esgoto se comunicava entre si. Nas poucas vezes que interagiam com o mundo exterior, usavam uma espécie de linguagem de sinais. Aqueles homens, mulheres e crianças silenciosas viviam em um mundo de goteiras e gorgolejos.

Dunnikin avistou algo na água. Era o chefe do Povo do Esgoto, o mais sábio e mais velho. Conhecia os esgotos melhor até que os primeiros construtores. Dunnikin pegou uma rede de camarões bem longa e, com um movimento habitual, pescou um celular imundo. Foi até uma pequena pilha de porcarias no canto e deixou o aparelho junto com o restante da pescaria do dia. Até aquela hora, o trabalho tinha rendido duas luvas de pares diferentes, um sapato, um crânio de gato, um exemplar de guia turístico, um maço de cigarros encharcado, uma perna artificial, um cocker spaniel morto, uma galhada de cervo (na devida moldura de parede) e a base de um carrinho de bebê.

Não fora um dia produtivo. E a noite seria de Mercado a céu aberto. Então, Dunnikin manteve os olhos na água. Nunca se sabe o que vai aparecer.

O Velho Bailey estava pendurando a roupa lavada. Cobertores e lençóis se agitavam ao vento no alto do Centre Point, o arranha-céu horrendo e típico dos anos 1960 que demarca o extremo ocidental da Oxford Street, próximo à estação Tottenham Court Road. O Velho Bailey não dava muita bola para o Centre Point em si, mas, como sempre dizia aos pássaros, a vista de lá de cima era incomparável. Além disso, aquele era um dos poucos lugares no West End de Londres onde não havia o risco de pousar o olhar no Centre Point.

O vento arrancou algumas penas do casaco do Velho Bailey e as soprou para longe, lançando-as sobre a cidade de Londres. Ele não se importou. Como, mais uma vez, dizia aos pássaros, havia mais penas de onde aquelas tinham vindo.

Um rato enorme passou pela grade arrebitada do duto de ar, olhou ao redor e foi até a tenda abarrotada de pássaros. O rato subiu pela lateral da tenda e pelo varal. Então, guinchou para o Velho Bailey com urgência.

— Devagar, devagar — pediu o velho.

O rato repetiu a mensagem, mais baixo, porém com a mesma urgência.

— Meu Deus! — exclamou Bailey.

Ele correu para dentro da tenda e voltou com armas: o espeto de churrasco e uma pá de carvão. Em seguida, correu novamente lá para dentro e voltou com algumas ferramentas de barganha. E voltou uma terceira vez, quando abriu o baú de madeira e pegou a caixinha prateada, guardando-a no bolso.

— Eu realmente não tenho tempo para essas tolices — comentou com o rato ao sair da tenda pela última vez. — Sou um homem muito ocupado. Ninguém vai pegar pássaros por mim, sabe?

O rato guinchou para ele. O Velho Bailey soltava um rolo de corda enrolado na cintura.

— Bem, outra pessoa poderia ir pegar o corpo — respondeu. — Já não sou mais tão jovem. Não gosto de lugares subterrâneos. Sou um homem dos telhados, sou sim, nascido e criado aqui.

O rato soltou um guincho rude.

— Devagar se vai longe — retrucou o velho. — Estou indo, juvenzinho insolente. Conheci seu tataravô, ratinho, então não me venha com essa atitude... Mas, então, onde vai ser o Mercado?

O rato informou onde seria. O Velho Bailey enfiou a criaturinha no bolso e desceu pela lateral do edifício.

Sentado no parapeito ao lado do esgoto em sua cadeira de plástico, Dunnikin foi tomado por um pressentimento de riqueza e prosperidade. A sensação veio do leste, na direção deles.

Bateu as mãos bem alto. Outros homens, mulheres e crianças correram na direção dele, pegando ganchos, redes e linhas enquanto respondiam ao chamado. Reuniram-se no parapeito escorregadio do esgoto sob a luz intermitente dos lampiões esverdeados. Dunnikin apontou, e eles esperaram em silêncio, como esperava o Povo do Esgoto.

O corpo do marquês De Carabás veio flutuando com a cabeça submersa, carregado pela corrente lenta e constante que fazia as vezes de barça funerária. As pessoas o puxaram com os ganchos e redes, ainda em silêncio, e em pouco tempo tinham colocado o corpo no parapeito. Tiraram o casaco, as botas, o relógio de ouro e tudo o mais que estava nos bolsos do casaco, mas deixaram o restante das roupas.

Dunnikin sorria de orelha a orelha observando a pilhagem. Bateu palmas outra vez, e o Povo do Esgoto começou a se preparar para o Mercado. Agora tinham algo de valor para vender.

— Tem certeza de que vamos encontrar o marquês no Mercado? — perguntou Richard a Door.

O caminho começava, aos poucos, a ficar íngreme.

— Ele não vai nos deixar na mão — respondeu ela, no tom mais confiante que conseguiu. — Tenho certeza de que vai estar lá.

CATORZE

O HMS *BELFAST* é um navio canhoneiro da Marinha britânica de onze toneladas que foi posto em serviço em 1939 e utilizado durante a Segunda Guerra Mundial. Desde então, encontra-se ancorado na margem sul do Tâmisa, no paraíso dos pontos turísticos, entre a Tower Bridge e a Ponte de Londres, em frente à Torre de Londres. Do alto do convés, é possível ver a Catedral de St. Paul e o topo dourado do monumento semelhante a uma coluna que foi erigido em memória ao Grande Incêndio de Londres, construído, assim como a maior parte de Londres, por Christopher Wren. O navio abriga um museu flutuante e faz as vias de memorial e campo de treinamento.

As pessoas atravessavam a rampa que liga o navio a terra firme, em pares e trios e grupos numerosos. Os vendedores tinham armado suas tendas o quanto antes — todas as tribos da Londres de Baixo unidas pela Trégua do Mercado e pelo desejo de instalar suas tendas o mais longe possível das do Povo do Esgoto.

Mais de um século antes, fora acordado que o Povo do Esgoto só poderia armar suas tendas em Mercados ao ar livre. Dunnikin e sua tribo despejaram as riquezas postas à venda em uma pilha alta sobre um tapete de borracha abaixo de uma torre de artilharia. Ninguém ia visitar o estande do Povo do Esgoto logo no começo, mas, quando o fim do evento se aproximasse, eles dariam uma passada por lá: aqueles em busca de pechinchas, os curiosos e os poucos que tinham a sorte de um olfato não muito apurado.

Richard, Hunter e Door abriam caminho pela multidão que tomava o convés. Ele percebeu que, sabe-se lá como, perdera o ímpeto de parar e ficar olhando fixamente para o que havia nos arredores. As pessoas ali não eram menos estranhas do que as do Mercado anterior, mas Richard achou que ele próprio devia parecer igualmente estranho a elas. Olhou ao redor enquanto avançavam, examinando os rostos, caçando o sorriso irônico do marquês.

— Não estou vendo o marquês por aqui — comentou.

Aproximavam-se da barraca do ferreiro, onde um homem que poderia muito bem ser confundido com uma pequena montanha, bastando apenas ignorar a barba marrom e malcuidada, jogava um lingote de metal vermelho

derretido do braseiro para a bigorna. Richard nunca vira uma bigorna. Sentia o calor do metal derretido e do braseiro a metros de distância.

— Continue procurando. Ele vai aparecer — disse Door, olhando para trás. — Quem é vivo sempre aparece. — E, antes que Richard pudesse responder, gritou: — Hammersmith!

A montanha barbuda ergueu os olhos e parou de açoitar o metal maleável.

— Pelo Tempo e pelo Arco! Lady Door! — vociferou a montanha, e a levantou como se ela não pesasse mais que um ratinho.

— Olá, Hammersmith — cumprimentou Door. — Estava torcendo para encontrar você.

— Eu nunca perco um Mercado, milady — trovejou o ferreiro, contente. Então confidenciou, como uma explosão contando um segredo: — É aqui que os negócios acontecem, sabe? Opa... — Ele pareceu se lembrar do metal que esfriava sobre a bigorna. — Espere só um pouquinho.

O sujeito depositou Door sobre a bancada onde trabalhava, três metros acima do convés.

Ele martelou o lingote de metal, torcendo o material com instrumentos que Richard julgou, corretamente, serem tenazes. Sob as batidas do martelo, o metal deixou de ser uma bolha laranja para virar uma linda flor negra. Era um trabalho maravilhosamente delicado, cada pétala perfeita e distinta. Por fim, Hammersmith mergulhou a flor em um balde de água gelada ao lado da bigorna. Emitindo um chiado, o metal fez a água evaporar. Então, o ferreiro tirou seu trabalho do balde, enxugou o metal e entregou a peça a um homem gordo usando uma cota de malha, que aguardava pacientemente. O gordo se declarou muito satisfeito e, em retribuição, deu a Hammersmith uma sacola de plástico verde da Marks and Spencer cheia de diversos tipos de queijo.

— Hammersmith — chamou Door, de seu poleiro —, estes são meus amigos.

O ferreiro cobriu a mão de Richard com a sua, que era muito maior. Foi um cumprimento entusiástico mas gentil, dando a impressão de que ele já havia provocado muitos acidentes em ocasiões daquele tipo e passara a praticar um modo mais suave de aperto de mão.

— Encantado — ribombou o sujeito.

— Eu sou Richard — disse Richard.

Hammersmith recebeu a informação com uma expressão de deleite.

— Richard! Belo nome! Já tive um cavalo chamado Richard. — Ele soltou a mão de Richard e se virou para Hunter. — E você é... Hunter? Hunter! Pelas barbas enormes do profeta! É você!

Corando feito um garotinho, o ferreiro cuspiu na palma da mão e tentou ajeitar o cabelo. Em seguida, estendeu a mão, mas logo se lembrou do cuspe e teve que limpá-la no avental. Parecia constrangido, sem saber como agir.

— Hammersmith — cumprimentou Hunter, com um perfeito sorriso cor de caramelo.

— Hammersmith? — chamou Door. — Pode me ajudar a descer?

O sujeito pareceu envergonhado.

— Mil perdões, milady — disse ele, ajudando-a a descer.

Richard percebeu que Hammersmith conhecia Door desde que ela era criança, e sentiu uma inveja absurda daquele homenzarrão.

— Bem, como posso ajudar? — perguntou o ferreiro.

— Preciso de algumas coisas. Antes de mais nada... — Door se virou para Richard. — Richard, tenho um trabalho para você.

Hunter ergueu a sobancelha.

— Para ele?

Door assentiu.

— Para vocês dois. Podem buscar comida? Por favor?

Richard sentiu um orgulho esquisito. Tinha provado seu valor durante a provação. Era Um Deles. Agora partiria para a missão de Buscar Comida. Ele estufou o peito.

— Sou sua guarda-costas. Vou ficar ao seu lado — argumentou Hunter.

Door abriu um sorriso. Seus olhos cor de opala faiscaram.

— No Mercado? Está tudo bem, Hunter. A Trégua prevalece. Ninguém vai me machucar aqui. E Richard precisa de mais proteção do que eu.

Richard murchou, mas não tinha ninguém olhando para reparar.

— E se alguém violar a Trégua? — perguntou a guarda-costas.

Hammersmith sentiu um calafrio, apesar do calor do braseiro.

— Violar a Trégua? Cruzes!

— Isso não vai acontecer. Podem ir. Curry, por favor. E paparis. Com pimenta.

Hunter passou a mão pelo cabelo, deu meia-volta e sumiu na multidão, com Richard em seu encalço.

— O que aconteceria se alguém violasse a Trégua do Mercado? — perguntou Richard enquanto abriam caminho pelo mundaréu de gente.

Hunter pensou um pouco antes de responder:

— A última vez que isso aconteceu foi cerca de trezentos anos atrás. Dois amigos começaram a discutir por uma mulher bem no meio do Mercado. Alguém puxou uma faca, e um deles morreu. O outro fugiu.

— O que aconteceu com ele? Foi morto?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Pelo contrário. E ainda deve desejar ter sido o que morreu.

— Ele ainda está vivo?

Hunter comprimiu os lábios.

— Errr... Mais ou menos — respondeu a mulher, depois de um tempo.

Instantes depois, Richard exclamou:

— Eca! — Sentiu que iria vomitar. — O que é esse... esse fedor?

— O Povo do Esgoto.

Richard virou a cabeça para o outro lado e tentou não respirar pelo nariz até que se vissem bem longe da barraca do Povo do Esgoto.

— Algum sinal do marquês? — perguntou.

Hunter balançou a cabeça. Os dois subiram uma rampa na direção das tendas de comida, de aromas mais convidativos.

O Velho Bailey não precisou procurar muito pelo Povo do Esgoto, foi só seguir o próprio nariz.

Ele sabia o que precisava fazer, e lhe dava certo prazer transformar a tarefa em um pequeno espetáculo, examinando minuciosamente o cocker spaniel morto, a prótese de perna, o telefone encharcado, balançando a cabeça com um ar de angústia para cada um dos objetos. Então, encenou surpresa ao notar o corpo do marquês. Coçou o nariz. Botou os óculos e observou o cadáver. Assentiu, taciturno, tentando aparentar vagamente ser um homem em busca de um corpo mas desapontado pela seleção disponível e notando que precisaria se virar com aquilo mesmo. Chamou Dunnikin com um aceno e apontou.

Dunnikin abriu as mãos e estendeu os braços, deu um sorriso beatífico e ergueu o olhar para os céus, demonstrando a benção representada pela entrada do corpo do marquês em sua vida. Levou a mão à testa e a abaixou, devastado, para representar a tragédia que seria perder um corpo tão distinto.

O Velho Bailey enfiou a mão no bolso, pegou um desodorante em barra usado até a metade e o entregou a Dunnikin. O sujeito o manuseou, lambeu e devolveu, sem interesse. O Velho Bailey o guardou. Olhou para o corpo do marquês, seminu, descalço e ainda inchado depois de percorrer os esgotos. Estava acinzentado, já que o sangue fora drenado pelos muitos cortes, tanto pequenos quanto grandes, a pele enrugada por conta de tanto tempo dentro d'água.

Ele sacou uma garrafa com um líquido amarelo e a entregou a Dunnikin. O sujeito olhou com suspeita. O Povo do Esgoto reconheceu o frasco de Chanel No. 5 e se reuniu ao lado do líder, encarando o objeto. Com muito cuidado, dando importância a cada movimento, o homem desenroscou a tampa e pingou uma gotinha minúscula no pulso. Então, com uma seriedade de fazer inveja ao melhor *parfumeur* de Paris, inalou o aroma. Assentiu com entusiasmo e se aproximou do Velho Bailey para abraçá-lo e concluir a negociação. Bailey virou o rosto e prendeu a respiração até o abraço acabar.

O Velho Bailey ergueu um dedo e tentou demonstrar, o melhor possível, que não era mais tão jovem e que, morto ou não, o marquês era pesado demais. Dunnikin enfiou o dedo no nariz, diligente, e, com um gesto,

indicou que possuía uma generosidade não apenas magnânima, mas também tola, algo que obviamente o levaria à miséria, assim como a seu povo. Então, fez um dos jovens do Povo do Esgoto amarrar o corpo na base do carrinho de bebê.

O velho dos telhados cobriu o corpo com um pano e saiu empurrando-o pelo convés lotado, para longe do Povo do Esgoto.

— Uma porção de curry vegetariano, por favor — pediu Richard à mulher da barraquinha. — E, hm, eu estava aqui pensando... O de carne... que tipo de carne é? — A mulher respondeu. — Ah. Entendi. Bem, melhor eu levar do vegetariano para todo mundo.

— Olá de novo — disse uma voz grave atrás dele. Era a mulher pálida que tinham encontrado nas cavernas, de vestido preto e olhos cor de púrpura.

— Oi — respondeu Richard, com um sorriso. E, voltando-se para a vendedora: — Ah, quero também paparis, por favor... — E novamente para a mulher: — E aí? Hã... veio comprar curry?

A Aveludada fixou os olhos violeta nele e respondeu, imitando Bela Lugosi:

— Eu não como... curry.

Ela riu; uma risada divertida e sedutora. Naquele momento, Richard percebeu que já fazia muito tempo que não ria de uma piada com uma mulher.

— Ah! Hm! Sou Richard Mayhew. — Ele estendeu a mão.

A mulher o tocou com um gesto semelhante a um pequeno aperto de mão. Tinha os dedos muito gelados, mas tudo é muito gelado quando você se encontra no alto de um navio no Tâmis, tarde da noite, no fim do outono.

— Sou Lamia. Uma Aveludada.

— Ah. Certo. E existem muitas de vocês?

— Algumas.

Richard pegou os potes de curry.

— E o que vocês fazem? — perguntou.

— Quando não estou atrás de comida, sirvo de guia — respondeu a mulher, com um sorriso. — Conheço cada centímetro do Submundo.

Richard podia jurar que Hunter estava do outro lado da venda, mas a guarda-costas surgiu de repente ao lado de Lamia.

— Ele não é seu — declarou.

Lamia abriu um sorriso doce.

— Quem decide isso sou eu.

— Hunter, esta é Lamia. Ela é uma... Avariada?

— A-ve-lu-da-da — corrigiu Lamia, com doçura.

— Uma guia.

— Levo vocês aonde quiserem ir.

Hunter pegou a sacola com comida das mãos de Richard.

— Hora de voltar — declarou.

— Bem, se vamos para você sabe onde, talvez ela possa ajudar.

Hunter não respondeu, apenas o encarou. Se a guarda-costas tivesse olhado daquela maneira para ele no dia anterior, Richard teria deixado o assunto de lado. Mas as coisas mudaram.

— Vamos ver o que Door acha — sugeriu. — Algum sinal do marquês?

— Ainda não.

Com a ajuda do carrinho, o Velho Bailey arrastara o corpo rampa abaixo como um Guy Fawkes, um daqueles bonecos que, até não muito tempo atrás, as crianças de Londres levavam para cima e para baixo no começo de novembro, exibindo-os para os transeuntes antes de dar um fim a eles nas chamas das fogueiras do Cinco de Novembro, a Noite das Fogueiras. Ele puxou o corpo pela Tower Bridge e o arrastou ladeira acima, resmungando e reclamando. Passando pela Torre de Londres, seguiu na direção da estação Tower Hill e parou pouco antes da estação em si, junto a um pedaço largo de muro cinza. Não era um telhado, pensou, mas serviria.

Aquele era um dos últimos resquícios da Muralha de Londres. Conta-se que a Muralha foi construída por ordem do imperador romano Constantino, o Grande, no século III a.C., a pedido da mãe dele, Helena, que era de Londres e estava cansada de potentados e líderes de todas as partes do Império se gabando, muito casualmente, das muralhas das cidades de onde vinham, para então perguntarem como eram as da terra natal dela. Quando a construção foi concluída, todo o centro da cidade se viu cercado; tinha dez metros de altura, três de comprimento e era, inegavelmente, a Muralha de Londres.

Não tinha mais dez metros de altura, pois o chão se elevava desde os tempos da mãe de Constantino (hoje em dia, grande parte da Muralha original fica cinco metros abaixo do solo) e não cercava mais toda a cidade. Ainda assim, era um pedaço de muro impressionante. O Velho Bailey assentiu com vigor para si mesmo. Amarrou uma corda na base do carrinho e escalou o muro como pôde. Então, resmungando e murmurando infinitos carambas, içou o corpo do marquês até o alto da muralha. Desamarrou o cadáver das rodas do carrinho e o depositou ali com delicadeza, deixando os braços para os lados. Alguns ferimentos ainda escorriam. Ele estava bem morto.

— Seu panaca — sussurrou o velho, tristonho. — Por que foi inventar de morrer, hein?

A lua estava brilhante e pequena no alto do frio céu noturno, e as constelações de outono pontuavam o céu negro-azulado como pó de diamantes. Um rouxinol voou até a muralha, examinou o corpo do marquês e deu um trinado suave.

— Não é para o seu bico — retrucou o Velho Bailey, com grosseria. — E vocês, pássaros, também não cheiram muito bem.

A ave chilreou um indecoro melódico dos rouxinóis e saiu voando noite adentro.

O Velho Bailey pegou do bolso o rato preto, que dormia. O animal o encarou preguiçosamente e bocejou, exibindo a comprida língua malhada de rato.

— Eu, pessoalmente, ficaria feliz se nunca mais sentisse cheiro nenhum — comentou o Velho Bailey.

Ele depositou o rato de pé nas pedras da Muralha, e o animal guinchou em resposta, gesticulando com as patas dianteiras. O velho bufou. Com muito cuidado, pegou a caixa prateada do bolso e, de um bolso interno, o espeto.

Ele colocou a caixinha prateada sobre o peito do marquês e, com certo nervosismo, usou o espeto para abrir a tampa. Dentro, em um berço de veludo vermelho, jazia um enorme ovo de pata reluzindo azul e verde ao luar. O Velho Bailey ergueu o espeto, cerrou os olhos e esmagou o ovo.

OuvIU-se um *gulp* quando o ovo implodiu.

Tudo ficou muito parado por alguns segundos. Então, o vento começou. Sem direção, como se viesse de todos os lados; um súbito rodamoinho. Folhas de árvores, páginas de jornal e toda a sujeira da cidade foi erguida do chão e levada pelo ar. O vento tocou a superfície do Tâmis e carregou até o céu uma nuvem de gotículas geladas. Era um vento alucinado, um vento perigoso e insano. Os vendedores no convés do *Belfast* soltaram palavrões e agarraram suas posses para evitar que fossem levadas.

Por fim, quando a intensidade do vento parecia capaz de erguer o mundo, espantar as estrelas e lançar gente pelo ar como folhas ressecadas de outono...

Bem naquele instante...

... tudo cessou. E as folhas, os jornais e as sacolas de plástico caíram no chão, nas ruas, na água.

No alto do que restava da Muralha de Londres, o silêncio que se seguiu ao vento foi, à sua própria maneira, tão intenso quanto a ventania. Foi quebrado por uma tosse, uma tosse horrível e encharcada. Em seguida, veio o som de alguém rolando para o lado meio sem jeito e, por fim, o arquejar de quem está prestes a vomitar terrível e obscenamente.

O marquês De Carabás se debruçou na beirada da Muralha e expeliu a água do esgoto, lançando uma imundície marrom pelas pedras cinzentas. Levou um bom tempo para expurgar a água do corpo. Quando se pronunciou, sua voz saiu áspera, pouco mais que um suspiro rouco:

— Acho que cortaram minha garganta. Você tem alguma coisa que eu possa usar para dar um jeito nisso?

O Velho Bailey vasculhou os bolsos e encontrou um farrapo sujo, que entregou ao marquês. Ele deu algumas voltas com o pano no pescoço, bem apertado. Aquilo trouxe ao Velho Bailey a lembrança incongruente dos colarinhos exagerados e vistosos, ao estilo Beau Brummel, dos tempos vaidosos da Regência.

— Alguma coisa para beber? — pediu o marquês, em um fiapo de voz.

O Velho Bailey pegou uma garrafa de bolso, desenroscou a tampa e a entregou ao marquês, que entornou um senhor gole, estremeceu de dor e deu uma tossida fraca. O rato preto, que assistira a tudo com grande interesse, desceu o resquício de muralha e sumiu de vista. Ia contar aos Dourados: todos os favores tinham sido pagos, todas as dívidas estavam quitadas.

O marquês devolveu a garrafinha ao Velho Bailey, que a guardou no bolso.

— Como se sente?

— Já estive melhor.

O marquês se sentou, tremendo. Ele fungava e piscava sem parar: encarava o mundo como se nunca o tivesse visto.

— Por que você foi cismar de sair por aí para ser morto, afinal? É só o que eu quero saber.

— Informação — respondeu o marquês, num sussurro. — As pessoas contam muitas coisas a quem está prestes a morrer. E ainda mais depois que ela morreu.

— Então você descobriu o que queria saber?

O marquês cutucou os ferimentos nos braços e pernas.

— Ah, sim. Uma boa parte. Agora tenho uma boa ideia do que está por trás dessa história toda.

Ele fechou os olhos de novo, abraçou o próprio corpo e ficou se balançando para a frente e para trás, bem devagar.

— E como é? — perguntou o Velho Bailey. — Como é estar morto?

O marquês suspirou, contraiu os lábios em um sorriso torto e, com um lampejo do bom e velho marquês, respondeu:

— Viva muito, Bailey, e descobrirá por si mesmo.

O velho pareceu desapontado.

— Desgraçado. Depois de tudo que fiz para salvar você desse caminho sem volta. Quer dizer, geralmente sem volta.

O marquês ergueu o olhar para ele. O luar destacava o branco de seus olhos. Ele suspirou.

— Como é estar morto? É muito frio, meu amigo. Muito escuro e muito frio.

Door segurou a corrente. A chave de prata refletia o vermelho e o laranja do braseiro.

— Bom trabalho, Hammersmith — disse ela, sorrindo.

— Obrigado, milady.

Ela colocou a corrente de volta no pescoço e escondeu a chave nas camadas de roupas.

— O que posso lhe oferecer em troca?

O ferreiro pareceu constrangido.

— Não quero abusar de sua bondade... — murmurou ele, evasivo.

Door fez sua melhor cara de “desembucha”. O sujeito se agachou e pegou uma caixa preta de sob uma pilha de ferramentas. Era toda em madeira escura entalhada com marfim e madrepérola e do tamanho de um dicionário. Ele a revirou para todos os lados.

— É uma caixa-segredo — explicou. — Recebi como pagamento por um trabalho que fiz alguns anos atrás. Não consigo abrir, já tentei de tudo.

Door pegou a caixa e percorreu os dedos pela superfície lisa.

— Não fico surpresa que você não tenha conseguido. O mecanismo está todo emperrado.

Hammersmith ficou desolado.

— Então nunca vou saber o que tem dentro.

Door pareceu achar graça. Com os dedos, ela explorou a superfície da caixa. Uma haste cilíndrica deslizou pela lateral. Ela empurrou metade da haste de volta e girou a caixa. Ouviu-se um barulho vindo bem lá de dentro, e uma portinhola lateral se abriu.

— Pronto.

— Milady... — falou Hammersmith.

Ele pegou a caixa e abriu a portinhola. Havia uma gaveta lá dentro. De dentro da gaveta, um sapinho coaxou e olhou para os lados com olhinhos de cobre, indiferente. O ferreiro pareceu desapontado.

— Esperava pérolas e diamantes — comentou.

Door acariciou a cabeça do sapo.

— Ele tem olhos bonitos — comentou. — Cuide do sapinho, Hammersmith. Vai lhe trazer sorte. E, mais uma vez, obrigada. Sei que posso contar com seu sigilo.

— É claro, milady — respondeu o ferreiro, muito sério.

Os dois ficaram sentados ali no alto da Muralha de Londres, sem conversar. O Velho Bailey desceu o carrinho até o chão, bem devagar.

— Onde está sendo o Mercado? — perguntou o marquês.

— Ali — respondeu o Velho Bailey, apontando para o *Belfast*.

— Door e os outros... devem estar esperando por mim.

— Você não está em condição de ir a lugar algum.

O marquês deu uma tosse dolorida. Pelo som, o Velho Bailey achou que ainda tinha esgoto demais nos pulmões dele.

— Minha jornada de hoje já foi bem longa — sussurrou o marquês. — Ir um pouquinho mais longe não vai me matar.

Ele examinou as próprias mãos, mexeu os dedos devagar, conferindo se fariam o que ele desejava. Então, se revirou e começou, bem desengonçado, a descer da muralha. Mas antes disso, declarou, com uma voz rouca e talvez um pouco tristonha:

— Velho Bailey, acho que lhe devo um favor.

Quando Richard voltou com a comida, Door correu até ele e o abraçou. O abraço foi bem apertado, e a garota até lhe deu um tapinha no bumbum antes de pegar o saco de papel de suas mãos e abri-lo com entusiasmo. Ela pegou um dos potes com curry de legumes e começou a comer animadamente.

— Obrigada — disse, de boca cheia. — Algum sinal do marquês?

— Nada — respondeu Hunter.

— E Croup e Vandemar?

— Também não.

— Gostoso, esse curry. Bom demais.

— Tudo certo com a corrente? — perguntou Richard.

Door puxou a corrente um pouquinho, só para mostrar que estava lá, e logo a soltou, deixando o peso da chave puxá-la para baixo.

— Door, esta é Lamia — apresentou Richard. — Ela é uma guia. E diz que pode nos levar a qualquer lugar do Submundo.

— Qualquer lugar? — perguntou a garota, mastigando um papari.

— Qualquer lugar — confirmou Lamia.

Door inclinou a cabeça.

— Você sabe chegar ao anjo Islington?

Lamia piscou devagar, deixando os longos cílios cobrirem os olhos cor de púrpura.

— Islington? — repetiu ela. — Vocês não podem ir lá...

— Sabe ou não sabe?

— Down Street. No fim da rua. Mas é perigoso.

— Não precisamos de guia — disse Hunter, que até então acompanhava a conversa de braços cruzados e ar indiferente.

— Pois eu acho que precisamos, sim — insistiu Richard. — O marquês não está por aqui. Sabemos que é uma jornada perigosa. Temos que levar a... aquele negócio que eu peguei... para o anjo. E aí ele vai explicar a Door o que aconteceu com a família dela e me dizer como voltar para casa.

Lamia olhou para Hunter com grande prazer.

— E ele pode dar um cérebro para você, além de um coração para mim — comentou, alegremente.

Door passou os dedos no pote para pegar o último vestígio de curry e lambeu os dedos.

— Vamos ficar bem só nós três, Richard. Não podemos arcar com os custos de uma guia.

Lamia se empertigou.

— Quem vai me pagar é ele, não vocês.

— E que tipo de pagamento vocês costumam exigir? — inquiriu Hunter.

— Isso cabe a mim saber e a ele imaginar — respondeu Lamia, com um sorriso meigo.

— De jeito nenhum — disse Door.

Richard bufou.

— Vocês só não gostam de eu estar resolvendo as coisas, para variar, em vez de apenas seguir as duas cegamente, cumprindo ordens.

— Não é nada disso.

Richard se virou para Hunter.

— Bem, e você sabe como chegar até Islington?

A guarda-costas balançou a cabeça.

Door deu um suspiro.

— É melhor irmos. Down Street, não é?

Lamia abriu os lábios cor de ameixa em um sorriso.

— Sim, milady.

Quando o marquês chegou ao Mercado, eles já tinham partido.

QUINZE

SAÍRAM DO NAVIO pela rampa comprida. Chegando à margem, desceram alguns degraus, percorreram uma extensa passagem subterrânea mal iluminada e subiram de novo. Lamia ia à frente do grupo, a passos resolutos. Ela os conduziu a uma viela de paralelepídeos. Lâmpadas a gás bruxuleavam nas paredes.

— Terceira porta — anunciou ela.

Pararam em frente à porta, em que uma placa de bronze anunciava:

SOCIEDADE REAL
DE PREVENÇÃO À CRUELDADE
CONTRA AS CASAS.

E abaixo, em letras menores:

DOWN STREET. BATA ANTES DE ENTRAR.

— Para chegar à rua é preciso atravessar a casa? — perguntou Richard.

— Não — respondeu Lamia. — A rua fica dentro da casa.

Richard assim fez. Nada aconteceu. Esperaram, tremendo no frio da madrugada. Ele bateu outra vez. Finalmente, tocou a campainha. A porta foi aberta por um soldado sonolento, que usava uma peruca torta e empoeirada e uma farda escarlate. O soldado olhou para eles com cara de quem se arrependeu de ter saído da cama para ver aquela ralé.

— Posso ajudar?

Richard já fora mandado à merda com mais empolgação e bom humor.

— Down Street — respondeu Lamia, imperiosa.

— Por aqui — disse o soldado, com um suspiro. — Limpem os pés.

Entraram em um saguão impressionante. Esperaram enquanto o soldado acendia, uma a uma, as velas de um candelabro do tipo que costuma ser visto em capas de livros de edição barata, tradicionalmente sendo segurado

por uma jovem de camisola esvoaçante fugindo de uma mansão cuja única luz acesa sai da janela do sótão.

Desceram por uma escadaria estonteante, revestida por um carpete luxuoso. Depois, desceram por uma segunda escadaria, menos impressionante e revestida por um carpete menos luxuoso. Desceram por uma terceira escadaria, esta totalmente ordinária, revestida com um carpete marrom gasto e velho. Por fim, desceram por uma escadaria de madeira sem carpete.

Ao pé do último lance de escada havia um elevador de carga muito antigo, com uma placa que dizia:

FORA DE SERVIÇO

O soldado ignorou a placa e abriu a grade que fazia as vias de porta exterior, produzindo um baque metálico. Lamia agradeceu educadamente e entrou no elevador, seguida pelos outros. O soldado deu as costas para o grupo. Richard ficou olhando através da grade o sujeito segurando o candelabro, subindo a escada de madeira.

Lamia apertou o primeiro de uma pequena fileira de botões pretos na parede do elevador, e a porta de metal se fechou com estardalhaço. O motor entrou em ação, e o elevador começou a descer bem devagar, rangendo. Os quatro ficaram apertados lá dentro. Richard notou que sentia o cheiro de cada uma das mulheres: Door cheirava basicamente a curry; Hunter, a suor, mas não de um jeito desagradável, e sim de um modo que lembrava felinos presos em zoológicos; já Lamia tinha um cheiro intoxicante de madressilva, lírio e almíscar.

O elevador continuava a descer. Richard suava, um suor frio e úmido cobrindo seu corpo, e mantinha os punhos cerrados, cravando as unhas nas palmas das mãos.

— Seria péssimo se alguém descobrisse agora que é claustrofóbico, né?
— comentou ele, no tom mais casual que conseguiu.

— Pois é — respondeu Door.

— Então não vou pensar nisso.

Desceram ainda mais.

Finalmente, sentiram um solavanco, as engrenagens rangeram e o elevador parou. Hunter abriu a porta, olhou em volta e só então pulou para um patamar estreito de madeira.

Richard olhou para fora. Estavam no alto de uma estrutura parecida com um quadro que ele vira certa vez, representando a Torre de Babel — ou melhor, como seria o quadro se a Torre tivesse sido pintada ao contrário: era uma longa descida em espiral na rocha, ao redor de um poço central, muito ornamentada. Luzes fracas bruxuleavam aqui e acolá nas paredes e

pequenas fogueiras queimavam lá embaixo. O elevador estava equilibrado sobre o poço central, mais de meio quilômetro acima do solo. E balançava ligeiramente.

Ele respirou fundo e, assim como as mulheres, saiu para o patamar. Mesmo sabendo que era uma péssima ideia, olhou para baixo: apenas a placa de madeira o separava do chão de rocha, muito distante. Uma longa prancha se estendia entre o patamar, onde estavam, e o caminho nas rochas, cinco metros à frente.

— E também acredito que não seja uma boa hora para anunciar que morro de medo de altura — comentou ele, em um tom muito menos despreocupado do que imaginava.

— É seguro — disse Lamia. — Pelo menos era, da última vez que vim aqui. Veja.

Ela percorreu a prancha, um farfalhar de veludo preto. Poderia estar equilibrando uma dezena de livros na cabeça que não derrubaria um sequer. Quando chegou ao caminho aberto na pedra, ela parou e se virou para eles com um sorriso encorajador. Hunter foi a seguinte. Ao alcançar Lamia, se virou e ficou esperando ao lado dela.

— Viu? — disse Door, e deu um aperto reconfortante no braço de Richard. — Está tudo bem.

Richard assentiu e engoliu em seco. *Tudo bem.*

Door atravessou a prancha. Não parecia estar gostando muito daquilo, mas a cruzou mesmo assim. Agora, as três esperavam por Richard, que continuava lá parado. Depois de um tempo, ele notou que, apesar dos comandos de “Ande!” que enviava às pernas, não conseguia sair do lugar.

Lá no alto, alguém apertou um botão: Richard ouviu o solavanco e o ruído distante de um motor muito velho. A porta do elevador se fechou atrás dele, deixando-o equilibrado precariamente em uma plataforma de madeira não mais larga que a prancha em si.

— Richard! — gritou Door. — Venha!

O elevador começou a subir. Richard deu um passo, saindo da plataforma trêmula para a prancha de madeira. Foi quando suas pernas viraram geleia e ele se viu de quatro, agarrando-se à prancha desesperadamente. Uma pequena parte racional de sua mente se perguntava quem tinha chamado o elevador e por quê, mas todo o restante de seu cérebro se concentrava em ordenar às extremidades do corpo que se agarrassem à prancha com firmeza e em gritar, nos mais altos brados de sua voz mental: “Eu não quero morrer!” Ele fechou os olhos com força, certo de que, se os abrisse e visse as rochas lá embaixo, simplesmente se soltaria e cairia, cairia, cairia...

Não estou com medo de cair, disse a si mesmo. *Eu tenho medo é da parte em que paro de cair e começo a morrer.* Mas sabia que era mentira. Era a queda que

o assustava: tropeçar e sair girando indefinidamente no ar até o chão, sabendo que nada seria capaz de salvá-lo, nem mesmo um milagre...

Aos poucos, tomou consciência de que alguém falava com ele.

— É só se arrastar pela prancha, Richard — dizia esse alguém.

— Eu... não... consigo — sussurrou ele em resposta.

— Você passou por coisa pior para pegar a chave, Richard — insistiu a pessoa. Era Door.

— Eu realmente não me dou bem com alturas — disse ele, obstinado, o rosto colado na madeira, batendo os dentes. — Quero ir para casa.

Sentia a madeira em contato com o rosto. A prancha começou a tremer.

— Não sei quanto peso a placa vai aguentar. — Era a voz de Hunter. — Vocês duas, apoiem-se ali.

A prancha vibrava como se alguém estivesse andando sobre ela. Richard se agarrou com mais força ainda, os olhos sempre fechados. Então ouviu a voz de Hunter, calma e confiante, próxima de seu ouvido:

— Richard?

— O quê?

— É só se arrastar para a frente. Um pouquinho de cada vez. Vamos lá...

— Seus dedos cor de caramelo acariciaram a mão dele, que já estava com os nós dos dedos brancos de tanta força com que agarrava a prancha. — Vamos lá.

Ele respirou fundo e avançou um centímetro. Congelou outra vez.

— Isso. Muito bem. Vamos lá — incentivou Hunter.

E, arrastando-se centímetro por centímetro, Richard foi guiado por Hunter ao longo da prancha. No fim, ela simplesmente o ergueu, pegando-o por baixo dos braços, e o depositou em terra firme.

— Obrigado. — Não lhe ocorreu o que mais poderia dizer. Nada seria capaz de exprimir o que a guarda-costas acabara de fazer por ele. Então repetiu: — Obrigado. — E se dirigiu às três: — Me desculpem.

— Não tem problema — disse Door. — Está tudo bem agora.

Richard olhou para o caminho sinuoso que descia em espiral naquele espaço abaixo do mundo, descendo e descendo e descendo. Então olhou para Hunter, Door e Lamia e riu até chorar.

— Qual é a graça? — inquiriu Door, quando ele enfim parou de rir.

— “Tudo bem” — disse apenas. Door o encarou e também sorriu. — Então, para onde vamos?

— Para baixo — respondeu Lamia.

E começaram a descer a Down Street. Hunter ia na frente, com Door ao lado. Richard ia ao lado de Lamia, inspirando o aroma de lírios e madressilva e aproveitando a companhia dela.

— Agradeço muito por ter vindo conosco — disse ele. — Por ser nossa guia. Espero que não lhe dê azar nem nada.

Ela fixou os olhos púrpura na direção dele.

— Por que me daria azar?

— Você conhece os arautos dos ratos?

— Claro.

— Uma garota chamada Anaesthesia, dos arautos, ela... Bem, chegamos a ficar um pouco amigos, e ela estava me guiando até um lugar. Mas ela foi roubada. Na Ponte da Noite. Não consigo parar de pensar no que deve ter acontecido com ela.

A mulher abriu um sorriso compreensivo.

— Meu povo conta histórias sobre esse lugar. Algumas delas talvez sejam até verdadeiras.

— Então me conte.

Estava frio. A respiração de Richard se condensava no ar.

— Um dia, quem sabe — disse a mulher, e seu hálito não se condensava.

— Foi muito gentil da parte de vocês terem me trazido.

— Era o mínimo que podíamos fazer.

Door e Hunter viraram uma curva à frente e sumiram de vista.

— Sabe, aquelas duas estão começando a ficar muito à frente — comentou Richard. — É melhor a gente apertar o passo.

— Não tem problema — disse Lamia, baixinho. — Depois a gente as alcança.

Aquilo, estranhamente, pareceu a Richard como ir ao cinema com uma garota durante a adolescência. Ou melhor, como voltar para casa a pé depois do filme: parando em pontos de ônibus e em muros para roubar um beijo, o toque apressado da pele e as línguas entrelaçadas, depois correr para alcançar os amigos...

Lamia passou um dedo gelado pelo rosto dele.

— Você é tão quentinho — comentou, admirada. — Deve ser maravilhoso ter tanto calor no corpo.

Richard tentou transmitir modéstia.

— Na verdade, nunca pensei sobre isso — admitiu.

Lá no alto soou o ruído metálico da porta do elevador sendo batida.

Lamia o encarou com doçura e carência.

— Você me daria um pouco do seu calor, Richard? — perguntou. — Estou com tanto frio...

Richard ponderou se deveria beijá-la.

— O quê? Eu...

— Não gosta de mim? — perguntou ela, parecendo desapontada.

Ele torcia para que não tivesse falado nada ofensivo.

— Claro que gosto. — Ele ouviu a própria voz responder. — Você é ótima.

— E você não está usando todo esse calor, está? — indagou a mulher, com certa razão.

— Acho que não...

— E você disse que me pagaria pelo serviço de guia. É isso o que eu quero como pagamento. Calor. Posso pegar um pouco?

Qualquer coisa que ela quisesse. Qualquer coisa. Os aromas de madressilva e lírio o envolveram, e os olhos dele só viam a pele clara, os lábios escuros cor de ameixa e o cabelo preto. Ele assentiu. Um grito soava dentro dele, mas, fosse o que fosse, podia esperar. Lamia segurou o rosto de Richard, puxou-o para si delicadamente e o beijou, um beijo lânguido e demorado. Após o choque inicial ao sentir a boca e a língua geladas da mulher, ele sucumbiu por completo.

Depois de um tempo, ela se afastou.

Richard sentia o gelo nos próprios lábios. Cambaleou para trás, apoiando-se na parede. Tentou piscar, mas sentia como se os olhos tivessem congelado. Lamia sorriu para ele em deleite; sua pele estava agora corada, os lábios escarlate, e sua respiração se condensava no ar. Ela umedeceu os lábios vermelhos com uma língua quente e carmesim. O mundo começou a escurecer. Richard pensou ter visto um vulto pelo canto de olho.

— Mais — declarou ela.

E o puxou novamente.

Ele viu a Aveludada puxar Richard para o primeiro beijo, viu quando o branco gélido se espalhou pela pele dele. Viu quando a mulher se afastou, feliz. Então se aproximou por trás dela e, quando ela avançou para terminar o que havia começado, ele a segurou com força pelo pescoço, erguendo-a no ar.

— Devolva — ordenou ele, no ouvido dela. — Devolva a vida dele.

A Aveludada reagiu como um gatinho sendo jogado na banheira: chiando, cuspiendo, arranhando e se sacudindo. Nada funcionou: a mão em sua garganta não soltaria.

— Você não pode me forçar — disse ela, em um tom decididamente nada musical.

Ele apertou ainda mais.

— Devolva a vida dele — repetiu, em um tom áspero e franco. — Ou quebro seu pescoço.

Lamia estremeceu. Ele a empurrou na direção de Richard, que estava congelado e encolhido contra a parede de rocha.

A mulher pegou a mão de Richard e soltou o ar diante do nariz e da boca dele. O vapor saiu de sua boca e penetrou na de Richard. O gelo que cobria a pele e o cabelo dele começou a derreter.

Ele apertou o pescoço de Lamia mais uma vez.

— Tudo, Lamia.

A mulher chiou e abriu a boca de novo, com extrema má vontade. Uma baforada final de vapor se transferiu de sua boca para a de Richard e desapareceu lá dentro. Richard piscou. O gelo em seus olhos se derreteu em lágrimas, que escorreram por suas faces.

— O que você fez comigo? — perguntou.

— Ela estava bebendo a sua vida — explicou o marquês De Carabás, com um sussurro áspero. — Tomando o seu calor. Transformando você em um ser gelado como ela.

A mulher fazia careta, como uma criancinha privada de seu brinquedo preferido. Seus olhos púrpura brilharam.

— Eu preciso da vida mais do que ele — reclamou ela.

— Achei que você gostasse de mim — comentou Richard, ainda sem entender.

O marquês ergueu Lamia com uma das mãos e aproximou seu rosto do da mulher.

— Se chegar perto dele outra vez, você ou qualquer um das suas Crianças Aveludadas, vou aparecer na sua caverna durante o dia, enquanto vocês estiverem dormindo, e colocar fogo em tudo. Entendeu?

Ela assentiu. O marquês a soltou, fazendo-a cair no chão. A mulher se levantou e se empertigou — embora não tenha parecido muito mais alta —, ergueu a cabeça e cuspiu com vontade no rosto do marquês. Então, agarrou a frente do vestido de veludo preto e começou a subir pelo sinuoso caminho na rocha, seus passos ecoando pela Down Street enquanto a saliva gelada escorria pela bochecha do marquês. Ele limpou o rosto com as costas da mão.

— Ela ia me matar — balbuciou Richard.

— Não imediatamente — explicou o marquês, indiferente. — Mas você iria morrer, quando ela terminasse de consumir sua vida.

Richard encarou o marquês: a pele estava imunda e ele parecia meio cinza por baixo da cobertura negra. O casaco desaparecera. De Carabás usava agora um cobertor velho enrolado nos ombros como um poncho, com algo volumoso — Richard não identificou o quê — amarrado por baixo. Estava descalço e usava um pano meio descolorido no pescoço, o que Richard concluiu ser algum adereço esquisito.

— Estávamos procurando você — comentou Richard.

— E agora me encontraram — respondeu o marquês, de forma seca e com a voz ainda fraca.

— Pensamos que o encontraríamos no Mercado.

— Pois é. Então. Algumas pessoas pensaram que eu estava morto. Foi necessário que eu ficasse um tempo fora do radar.

— Por que... por que essas pessoas acharam que você estava morto?

O marquês o encarou com aqueles olhos que haviam testemunhado mais do que deveriam.

— Porque elas me mataram. Agora vamos, aquelas duas não podem estar muito longe.

Richard olhou para o caminho e viu Door e Hunter do outro lado do fosso, um nível abaixo. Estavam procurando alguma coisa — provavelmente, ele. Richard as chamou, gritando e sacudindo os braços, mas o som não se propagava. O marquês tocou o braço dele.

— Olhe — disse, apontando para o nível abaixo de Door e Hunter.

Algo se moveu. Richard estreitou os olhos: distinguiu duas pessoas esperando nas sombras.

— Croup e Vandemar — explicou o marquês. — É uma armadilha.

— O que devemos fazer?

— Correr! — respondeu o marquês. — Vá avisá-las. Ainda não consigo correr... Vá logo!

Richard correu. Correu o mais rápido possível, o mais intensamente possível, descendo o caminho rochoso abaixo do mundo. Sentiu uma dor forte no peito: uma pontada. Mas se obrigou a continuar, a não parar.

Ao virar uma curva, viu todos eles.

— Hunter! Door! — gritou, ofegante. — Parem! Cuidado!

No mesmo momento em que Door se virou, o sr. Croup e o sr. Vandemar saíram de trás de um pilar. Em um único movimento, o sr. Vandemar puxou as mãos de Door e as amarrou às costas. O sr. Croup segurava algo comprido e fino coberto por uma capa marrom que lembrava as que o pai de Richard usava para carregar as varas de pesca. Hunter ficou parada, boquiaberta.

— Hunter! Rápido! — gritou Richard.

Ela assentiu e, em um movimento fluido, girou e deu um chute, quase como se executando um passo de balé.

O pé foi certo na barriga de Richard, que caiu no chão a alguns metros dela, sem fôlego e dolorido.

— Hunter? — disse ele, quase sem voz.

— Sim — respondeu a mulher, e deu as costas.

Richard se sentia enjoado e triste. A traição doera tanto quanto o chute.

O sr. Croup e o sr. Vandemar ignoraram Richard e Hunter. O sr. Vandemar amarrava os braços de Door, enquanto o sr. Croup apenas observava.

— Não pense em nós como assassinos cortadores de garganta, moça — dizia o sr. Croup, casualmente. — Digamos que somos um serviço de acompanhantes.

— Mas sem peitos — acrescentou o sr. Vandemar, levemente encabulado.

O sr. Croup virou-se para o sr. Vandemar.

— *Acompanhante* no sentido de escolta, senhor Vandemar. De garantir que esta nobre moça chegue a salvo aonde precisa chegar. Não estou

comparando o senhor com uma mulher da noite, tampouco com uma prostituta de rua.

— O senhor disse que éramos um serviço de acompanhantes — resmungou o sr. Vandemar. — Sei bem o que é isso.

— Retire a menção dos autos, senhor Vandemar. Cometi uma gafe. Daqui em diante, seremos chamados de guias. Guardas. Agentes de escolta.

O sr. Vandemar coçou o nariz com o anel de crânio de corvo.

— Está bem — concordou.

Hunter permaneceu junto à parede de rocha, evitando olhar para qualquer um deles, e Richard permaneceu no chão, se revirando de dor e tentando dar um jeito de enfiar ar nos pulmões outra vez. O sr. Croup voltou a atenção para Door e sorriu, mostrando dentes demais.

— Veja bem, lady Door, vamos garantir sua chegada em segurança ao seu destino final.

Ela o ignorou.

— Hunter, o que está acontecendo? — perguntou.

Hunter não se mexeu, tampouco respondeu.

O sr. Croup abriu um enorme sorriso de orgulho.

— Antes de aceitar trabalhar para você, Hunter aceitou trabalhar para nosso empregador. Cuidando de você.

— Nós avisamos — vangloriou-se o sr. Vandemar. — Avisamos que um de vocês era traidor. — Ele jogou a cabeça para trás e uivou como um lobo.

— Achei que estivessem falando do marquês — disse Door.

O sr. Croup coçou teatralmente a cabeleira alaranjada.

— Falando no marquês, onde estará ele, eu me pergunto? Ouvimos agora há pouco o barulho das *botas* dele, não foi, senhor Vandemar?

— De fato, senhor Croup, as *botas*. Um barulho alto, como se fossem batidas.

O sr. Croup deu uma tossidela performática enquanto continuava o gracejo.

— Então podemos concluir que o marquês De Carabás tenha batido as botas, não? Temo que ele esteja um tantinho assim...

— ... morto — concluiu o sr. Vandemar.

Richard finalmente conseguiu puxar ar o suficiente para balbuciar:

— Traidora maldita.

Hunter baixou os olhos.

— Sem ressentimentos — sussurrou ela.

— A chave que vocês pegaram com os Monges Negros: quem está com ela? — perguntou o sr. Croup a Door.

— Está comigo — disse Richard, ofegante. — Pode me revistar, se quiser. Aqui.

Ele vasculhou os bolsos. Sentiu algo duro e desconhecido no bolso de trás, mas não tinha tempo para descobrir o que era, apenas pegou a chave de casa. Conseguiu se levantar, com muito esforço, e foi cambaleando até o sr. Croup e o sr. Vandemar.

— Aqui está.

O sr. Croup pegou a chave.

— Mas que coisa fantástica — comentou, sem nem olhar direito para a chave. — Estou profundamente comovido com a engenhosidade deste rapaz, senhor Vandemar.

Ele passou a chave para o sr. Vandemar, que a segurou entre o dedão e o indicador e a esmagou como se fosse feita de papel-alumínio.

— Fomos enganados mais uma vez, senhor Croup.

— Machuque-o, senhor Vandemar.

— Com prazer, senhor Croup — respondeu o sr. Vandemar, e deu um chute na rótula do joelho de Richard.

Ele caiu no chão, em agonia, mas ainda ouvia a voz do sr. Vandemar, como se viesse de muito longe, explicando alguma coisa com ar professoral:

— As pessoas acham que a força do chute é o que faz doer, mas não: é a parte do corpo. Por exemplo, este chute é bem fraquinho...

Algo atingiu Richard no ombro esquerdo. O braço ficou dormente, e uma flor de dor púrpura e branca desabrochou no local. Ele sentia como se o braço inteiro estivesse ao mesmo tempo em chamas e congelando, como se alguém tivesse enfiado um eletrodo por baixo da pele e acionasse a corrente na intensidade máxima. Ele choramingou. E o sr. Vandemar dizia:

— ... mas machuca tanto quanto *este*, que é muito mais forte...

A bota o acertou na lateral do corpo como uma bala de canhão. Richard ouviu a si mesmo gritar e soluçar, sem saber como fazer aquilo parar.

— A chave está comigo — ele ouviu Door dizer.

— Pena que você não tem um canivete suíço — comentou o prestativo sr. Vandemar, dirigindo-se a Richard. — Se tivesse, eu poderia mostrar o que faço com cada ferramenta. Até o abridor de garrafas e aquela coisa para tirar pedras das ferraduras dos cavalos são úteis.

— Deixe o rapaz, senhor Vandemar. Haverá bastante tempo para canivetes suíços. Ela está com o amuleto?

O sr. Croup vasculhou os bolsos de Door e encontrou a estatueta esculpida em obsidiana: a pequena Besta que o anjo lhe dera.

— E quanto a mim? Cadê meu pagamento? — perguntou Hunter, a voz baixa e ressonante.

Com uma fungada de desdém, o sr. Croup jogou para ela a capa para vara de pesca. Hunter a pegou com uma das mãos.

— Boa caçada — desejou o sr. Croup.

Com isso, ele e o sr. Vandemar se viraram e começaram a descer a sinuosa Down Street, com Door entre os dois. Richard permaneceu deitado

no chão, vendo-os partir. Uma terrível sensação de desespero se projetava de seu peito.

Hunter se ajoelhou e começou a desamarrar as tiras da capa de couro. Seus olhos brilhavam, arregalados. Richard sentia dor.

— O que é isso? — perguntou ele. — Trinta moedas de prata?

Hunter tirou o objeto da capa e o acariciou, sentindo-o, amando-o.

— Uma lança — respondeu ela, lacônica.

Era de um metal cor de bronze; a lâmina era comprida e curva como uma *kris*, um gume afiado e o outro serrilhado; havia rostos esculpidos em ambos os lados da haste, que era de um verde oxidado, com ornamentos estranhos e arabescos inusitados. O comprimento da arma era de mais ou menos um metro e meio de comprimento, desde a ponta da lâmina até a base do cabo. Hunter a tocou, quase temerosa, como se fosse a coisa mais bonita que já vira.

— Você vendeu Door por uma lança — acusou Richard.

Ela não respondeu. Molhou a ponta do dedo na língua rosada e o passou pela lateral da cabeça da lança, suavemente, testando a lâmina. Então abriu um sorriso, como se satisfeita com o que sentira.

— Vai me matar? — perguntou Richard, e ficou surpreso por não ter mais medo da morte, ou, pelo menos, não daquela morte.

Hunter virou a cabeça para encará-lo. Parecia mais viva do que nunca: mais bela e mais perigosa.

— E qual seria o desafio em caçar você, Richard Mayhew? — disse ela, com um sorriso vívido. — Há presas maiores à minha espera.

— Essa é a tal lança para caçar a Grande Besta de Londres, não é?

Ela olhou para a lança como mulher alguma olhara para Richard.

— Dizem que nada resiste a ela.

— Mas Door confiou em você. *Eu* confiei em você.

Ela não sorria mais.

— Chega.

A dor ia diminuindo aos poucos, reduzindo-se a um incômodo fraco, ainda que permanente, no ombro e na lateral do joelho.

— E para quem você está trabalhando? Para onde vão levá-la? Quem está por trás disso?

— Conte a ele, Hunter — disse o marquês De Carabás.

Ele segurava uma besta, apontada para a mulher. Seus pés descalços estavam firmes no chão, o rosto implacável.

— Fiquei me perguntando se você estava mesmo morto, como Croup e Vandemar sugeriram — comentou Hunter, praticamente sem nem virar a cabeça. — Você se provou um homem difícil de matar.

Ele inclinou a cabeça em uma reverência irônica, mas seu olhar se manteve fixo e as mãos, firmes.

— Você me passa a mesma impressão, mocinha, mas um disparo na garganta e uma queda de muitos metros pode mudar isso, não é mesmo? Abaixе essa lança e dê um passo para trás.

Hunter colocou a lança no chão, com muito cuidado e delicadeza, então se levantou e deu um passo para trás.

— É melhor responder à pergunta dele, Hunter — insistiu o marquês. — Eu já sei. Descubri do jeito mais difícil. Conte a ele quem está por trás disso tudo.

— Islington — respondeu ela.

Richard balançou a cabeça, como se tentasse espantar uma mosca.

— Não pode ser. Eu conheci Islington. Ele é um anjo. — E completou, em um tom quase de desespero: — Por quê?

O marquês não desgrudou os olhos de Hunter e a mira da besta também não vacilou.

— Eu bem que gostaria de saber. Mas Islington está no fim da Down Street e de toda essa sucessão de tramas. E entre Islington e nós há o labirinto e a Besta. Richard, pegue a lança. Hunter, vá na minha frente, por favor.

Richard pegou a lança e, meio sem jeito, usando a arma como apoio, conseguiu se levantar.

— Ela vai com a gente? — perguntou, perplexo.

— Prefere que ela vá atrás? — retrucou o marquês, seco.

— Por que não matá-la?

— É o que vou fazer, se não houver alternativa, mas muito me desagrada descartar uma opção se não for estritamente necessário. Além disso, a morte é algo muito definitivo.

— É? — questionou Richard.

— Às vezes — respondeu o marquês.

Eles desceram.

DEZESSEIS

ANDARAM EM SILÊNCIO por horas, descendo o caminho sinuoso de pedra. Richard ainda sentia dor; mancava e sofria estranhas agitações mentais e físicas: a sensação de derrota e traição se revirava dentro dele, o que, somado ao fato de quase ter perdido a vida para Lamia, aos danos infligidos pelo sr. Vandemar e à tortura que tinha sido atravessar a prancha, o deixara em frangalhos. Para piorar, tinha certeza de que os últimos eventos em sua vida eram meras banalidades se comparados a tudo que o marquês vivenciara, então se manteve em silêncio.

De Carabás também não falava nada, pois a garganta doía a cada palavra que pronunciava. Parecia resignado a deixar que cicatrizasse sozinha, preferindo se concentrar em Hunter. Ele sabia que, se desviasse a atenção por uma fração de segundo que fosse, ela aproveitaria para fugir ou se voltar contra eles. Então, se manteve em silêncio.

Hunter andava um pouco à frente. Ela também se manteve em silêncio.

Chegaram ao fim da Down Street depois de algumas horas. A rua terminava em um portal colossal feito de blocos enormes de pedra. *Construído por gigantes*, pensou Richard, lembrando vagamente lendas de reis da Londres mítica mortos havia muito, histórias do rei Bran, o Abençoado, e dos gigantes Gog e Magog, que tinham mãos do tamanho de carvalhos e cujas cabeças decapitadas eram grandes como colinas. Desde então, o portal foi tomado por ferrugem e decadência. Havia fragmentos na lama em que pisavam e pendendo inúteis de uma dobradiça enferrujada na lateral do portão, que era mais alta que Richard.

O marquês fez um gesto para que Hunter parasse.

— Este portão marca o fim da Down Street e o começo do labirinto — explicou, após umedecer os lábios. — O anjo Islington nos espera depois do labirinto. E, dentro do labirinto, a Besta.

— Ainda não entendi — disse Richard. — Islington. Eu o conheci. Ele é um anjo. Um anjo de verdade.

O marquês abriu um sorriso amargo.

— Quando anjos ficam maus, Richard, são piores que os seres comuns. Lembre-se: Lúcifer era um anjo.

Hunter observava Richard com seus olhos castanhos.

— O lugar que você visitou se chama Fortaleza de Islington. Uma fortaleza que é também uma prisão — explicou ela. Fazia horas que não falava nada. — Islington não pode sair.

— Imagino que o labirinto e a Besta estejam lá para desencorajar os visitantes — disse o marquês, dirigindo-se a ela.

Hunter inclinou a cabeça.

— Imagino o mesmo.

Richard se virou para o marquês, soltando de uma vez toda a raiva, a impotência e a frustração contidas:

— Por que ainda está falando com ela? Por que ela está nos acompanhando? É uma traidora... que tentou nos induzir a pensar que o traidor era você.

— E eu salvei sua vida, Richard Mayhew. Muitas vezes. Na ponte, no vão do metrô, na prancha lá em cima — interveio Hunter, contida, encarando-o.

Foi Richard quem desviou o olhar.

Então algo ecoou pelos túneis: um urro, talvez um rugido. Richard sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Vinha de muito longe, o que era o único aspecto da situação que servia de consolo. Richard conhecia aquele som: escutara em seus sonhos, mas não soava mais como um touro ou um javali. Soava como um leão; soava como um dragão.

— O labirinto é um dos lugares mais antigos da Londres de Baixo — comentou o marquês. — Antes de o rei Lud fundar a vila nos pântanos do Tâmisa, havia um labirinto aqui.

— Mas sem a Besta — disse Richard.

— Não naquele tempo.

Richard hesitou. O rugido distante recomeçou.

— Acho... acho que tive alguns sonhos com a Besta.

O marquês ergueu uma sobrancelha.

— Que tipo de sonhos?

— Do tipo ruim.

O marquês pensou um pouco, os olhos agitados.

— Escute, Richard, eu vou levar Hunter, mas se você quiser esperar aqui... bem, ninguém pode acusá-lo de covardia.

Mas Richard balançou a cabeça em negativa: às vezes, não há nada que se possa fazer.

— Não vou voltar. Não agora. Eles estão com Door.

— Certo — concordou o marquês. — Muito bem. Podemos prosseguir?

A boca perfeita de Hunter, cor de caramelo, se contorceu em um sorriso de escárnio.

— Você é doido de entrar aí. Sem o amuleto do anjo, nunca vai encontrar o caminho. Não vai nem conseguir passar pela Besta.

O marquês enfiou a mão no poncho e pegou a estatueta de obsidiana que roubara do escritório do pai de Door.

— Está falando disto aqui?

Naquele momento, o marquês sentiu que todo o sofrimento da última semana foi recompensado pela expressão no rosto de Hunter. Eles atravessaram o portão e entraram no labirinto.

Door caminhava com os braços amarrados às costas, o sr. Vandemar ao lado, apoiando a mão pesada e cheia de anéis no ombro dela, empurrando-a pelo caminho. O sr. Croup ia à frente, erguendo bem alto o talismã de obsidiana que tomara dela, olhando para todos os lados como uma doninha pretensiosa prestes a saquear o galinheiro.

O labirinto era um lugar de pura insanidade. Fora construído a partir de fragmentos perdidos da Londres de Cima: vielas, ruas, corredores e esgotos que haviam escorregado pelas margens ao longo dos milênios, caindo no mundo das coisas perdidas e esquecidas. Dois homens e uma garota percorriam a trilha de pedras, de lama, de vários tipos de dejetos e de tábuas de madeira apodrecida. Caminharam durante o dia e durante a noite, cruzando ruas iluminadas por lâmpadas elétricas, ruas iluminadas por lâmpadas a gás, ruas iluminadas por velas e bastões incandescentes. Era um lugar em constante transformação: e cada caminho se ramificava e dava voltas e acabava em si mesmo.

O sr. Croup sentiu o puxão do talismã e se deixou guiar. Tomaram uma via apertada em que, no passado, havia um bordel vitoriano (um cortiço que consistia em partes iguais de roubo e bebida barata, com o dobro de miséria e sexo pela metade do preço) e ouviram fungadas e bufadas nos arredores. Então a criatura soltou um rugido profundo e sombrio. O sr. Croup hesitou, depois avançou depressa, subindo alguns degraus de madeira, e parou no fim da ruela, estreitando os olhos e observando em volta para então guiar o grupo por mais alguns degraus até um longo túnel de pedra que já fora um caminho pelos pântanos de Fleet, na época dos Templários.

— Você está com medo — disse Door.

O sr. Croup olhou feio para ela.

— Segure sua língua.

Ela abriu um sorriso, mesmo sem a menor vontade.

— Você tem medo de que esse símbolo de salvo-conduto não nos ajude a passar pela Besta. O que pretende fazer? Sequestrar Islington? Vender a mim e a ele para quem oferecer mais?

— Quieta — mandou o sr. Vandemar.

O sr. Croup simplesmente riu. E, naquele momento, Door soube que o anjo Islington não estava do lado dela.

Ela começou a gritar.

— Ei! Besta! Estamos aqui! Eeeeei! Dona Besta!

O sr. Vandemar acertou um tabefe na cabeça dela e a empurrou contra a parede.

— Mandei ficar quieta — disse ele, muito calmo.

Door sentiu gosto de sangue na boca e cuspiu o líquido escarlate na lama. Então abriu a boca e recomeçou a gritaria. Já prevendo aquilo, o sr. Vandemar tinha pegado um lenço do bolso, que enfiou na boca da garota. Ela tentou morder o dedo dele, mas não obteve resultados significantes.

— Agora você vai ficar quieta.

O sr. Vandemar tinha muito orgulho daquele lenço borrado de verde, marrom e preto que pertencera originalmente a um mercador de rapé bastante rotundo, nos idos de 1820. O sujeito morrera de apoplexia e fora enterrado com esse lenço no bolso. Volta e meia o sr. Vandemar encontrava no tecido fragmentos do mercador de rapé, mas, afora isso, sabia que se tratava de um lenço de qualidade.

Eles continuaram o caminho em silêncio.

No salão de rochas ao fim do labirinto, que era tanto prisão quanto fortaleza, o anjo Islington estava fazendo algo que não fazia havia milhares de anos: cantar. Sua voz era bela, doce e melódica. E, como a de todos os anjos, perfeitamente afinada. Islington cantava uma música de Irving Berlin. E dançava graciosamente, em movimentos suaves e perfeitos, no salão cheio de velas.

*Heaven, I'm in Heaven,
and my heart beats so that I can hardly speak...*

Parou de dançar quando chegou à porta negra da câmara, que era de sílex e prata escurecida. Islington percorreu com os dedos, lentamente, a superfície da porta e apoiou a bochecha no material gelado. E continuou a cantar, agora um pouco mais contido:

*Heaven...
I'm in Heaven...
I'm in Heaven...
I'm in Heaven...*

Abriu um sorriso doce e ameno, e o sorriso do anjo Islington era algo monstruoso de se contemplar. O anjo enunciava as palavras para si mesmo, repetindo-as sem parar, cada sílaba flutuando desolada no ar, envolta pela escuridão pontuada pelas luzes das velas.

— Estou no Paraíso... — murmurou.

Richard escrevia mais uma vez em seu diário mental. *Querido diário, hoje sobrevivi ao andar na prancha, ao beijo da morte e a uma aula sobre chutes. No momento, estou andando por um labirinto na companhia de um doido varrido que voltou dos mortos e uma guarda-costas que se mostrou ser... o oposto de uma guarda-costas, seja lá qual for o termo para isso. Me sinto imerso em algo tão surreal que...* Nesse ponto, faltou uma boa metáfora. Havia muito que deixara para trás o mundo das metáforas e comparações, passando para o lugar das coisas que são, e isso o estava transformando.

Passavam a vau por uma trilha estreita de terreno pantanoso, entre paredes de rocha escura. O marquês segurava a estatueta e a besta, tomando o cuidado de se manter sempre três metros atrás de Hunter. Richard ia na frente, levando a lança da Besta, que Hunter recebera como pagamento, e um sinalizador amarelo que o marquês trouxera debaixo do cobertor e que iluminava as paredes e a lama. Richard estava bem à frente da guarda-costas. O pântano fedia, e os enormes pernilongos começavam a pousar em seus braços, suas pernas e seu rosto, dando picadas dolorosas que inchavam e coçavam muito. Nem Hunter nem o marquês tinham sequer mencionado os pernilongos.

Richard começava a suspeitar de que estavam completamente perdidos. E, só para piorar seu estado de espírito, havia um grande número de gente morta pelo pântano: corpos preservados sob pele coriácea, esqueletos descorados, defuntos pálidos e inchados de água. Ele se perguntava quanto tempo teriam os cadáveres e se haviam sido mortos pela Besta ou pelos mosquitos. Não fez comentários pelos cinco minutos e onze picadas seguintes, até que, enfim, quebrou o silêncio.

— Acho que estamos perdidos. Já passamos por aqui.

O marquês ergueu o amuleto.

— Não. É o caminho certo. O amuleto está nos guiando. É uma coisinha bem útil.

— Sei — disse Richard, cético. — Uma maravilha.

Foi quando o marquês, descalço, pisou sem querer na caixa torácica despedaçada de um cadáver parcialmente enterrado. O osso perfurou seu calcanhar, fazendo-o tropeçar, e a estatueta negra saiu voando de sua mão, indo mergulhar no pântano escuro com um *ploft* digno de um peixe voltando à água após saltar. O marquês se levantou e voltou a apontar a

besta para as costas de Hunter. Sentia um latejar e uma dor aguda no calcanhar direito. Torceu para que o corte não tivesse sido muito profundo; não tinha sangue o suficiente para se dar ao luxo de perder mais.

— Richard! — chamou. — Eu derrubei a estatueta. Você pode vir até aqui?

Richard foi até ele, erguendo o sinalizador bem no alto e atento a algum reflexo da chama na obsidiana, mas viu apenas lama.

— Abaix-se na lama para procurar — mandou o marquês.

Richard deu um gemido de má vontade.

— Você sonhou com a Besta, Richard — disse De Carabás. — Quer mesmo vê-la frente a frente?

Após ponderar por um breve momento, ele fincou a haste da lança de bronze no pântano, prendeu nela o sinalizador, iluminando a superfície com a luz âmbar vacilante, e se pôs de quatro para procurar a estatueta. Passou as mãos pela superfície do charco, torcendo para não encontrar rostos ou mãos de gente morta.

— É inútil. Pode ter caído em qualquer parte.

— Continue procurando — insistiu o marquês.

Richard tentou lembrar como fazia para encontrar coisas. Primeiro, esvaziou a mente, e, em seguida, deixou os olhos vagarem pela superfície do brejo, a esmo, sem pressa. Algo brilhou na água pantanosa à sua esquerda, a menos de dois metros dele. Era a estatueta da Besta.

— Está ali!

Foi chafurdando na lama até lá. A pequena besta reluzente estava de cabeça para baixo em uma poça de água escura. Talvez a lama tenha sido perturbada por seus passos; ou, o que era mais provável, e era a opção da qual Richard se convenceu para sempre: foi simplesmente obra da perversidade do mundo material. Independentemente da causa, o fato é que ele estava quase lá quando o pântano fez um barulho que soou como o ronco de um estômago gigante, e uma bolha de gás bem grande subiu à superfície e estourou, espalhando um fedor nojento e obsceno ao lado da estatueta, que desapareceu debaixo d'água.

Quando chegou ao ponto em que avistara a estatueta, ele enfiou os braços na lama, procurando em desespero, sem se importar com o que mais seus dedos poderiam tocar. Não adiantou. A estatueta se fora.

— E agora, o que faremos? — indagou Richard.

— Volte aqui — respondeu o marquês, com um suspiro. — Vamos pensar em alguma coisa.

— Tarde demais — murmurou Richard.

Ela se aproximava tão devagar e a passos tão pesados que, por uma fração de segundo, Richard a supôs velha e doente, talvez até próxima da morte. Foi sua primeira impressão. Só então se deu conta da grande distância que cobria a cada galope, da grande quantidade de lama e água suja que as patas

espirravam. Tinha se enganado em julgá-la lenta. A uns dez metros deles, a Besta reduziu a velocidade e parou, com um ronco. Os flancos da criatura fumegavam. Ela urrou, em triunfo e desafio. Lanças quebradas, espadas partidas e facas enferrujadas jaziam fincadas nas laterais e na traseira do seu corpo. A luz amarelada do sinalizador reluzia nos olhos vermelhos, nas presas e nas patas.

A criatura baixou a cabeça gigantesca. Richard achou que fosse algum tipo de javali, mas não fazia sentido: não havia javalis tão grandes. Era do tamanho de um boi, de um elefante, de uma vida inteira. A criatura os encarou, em uma pausa que durou cem anos.

Em um único movimento fluido, Hunter se ajoelhou e arrancou a lança do pântano.

— Até que enfim — disse ela, sua voz exalando contentamento.

Hunter esqueceu todos em volta: Richard mergulhado na lama, o marquês com sua besta inútil, o mundo. Em deleite, ela se transportara para um lugar perfeito, para o mundo que sempre buscara. Em seu universo, havia apenas ela própria e a Besta. E a Besta sabia disso. Era o embate perfeito: caça e caçadora. E só o tempo revelaria quem era quem, qual papel lhes cabia; o tempo e a dança.

A Besta avançou.

Hunter esperou até a criatura estar próxima o suficiente para que ela enxergasse a espuma branca da saliva a pingar de sua boca e só então fez o golpe, no momento em que a fera abaixou a cabeça. Mas, quando tentou afundar a lâmina no flanco, percebeu que se movera uma fração de segundo mais tarde do que deveria: a lança saiu voando de suas mãos dormientes e uma presa mais afiada que a lâmina mais afiada rasgou a lateral de seu corpo. Enquanto caía sob o peso monstruoso, Hunter sentiu as patas descendo com fúria sobre seu braço, sua costela e sua cintura. E, por fim, ela se foi, mergulhando novamente na escuridão, pois a dança acabara.

O sr. Croup jamais admitiria como estava aliviado por ter conseguido atravessar o labirinto. Finalmente tinham chegado ao fim do caminho, ele e o sr. Vandemar ilesos, assim como a presa que conduziam. Um paredão de rocha se erguia à frente do grupo, com uma porta dupla de carvalho nele embutida, um espelho oval na face direita.

O sr. Croup tocou o espelho com a mão suja. A superfície ficou nebulosa, tremeluziu brevemente, borbulhando e se revolvendo como um barril de mercúrio efervescente, e por fim voltou à quietude inicial. Do outro lado, o anjo Islington olhou para eles. O sr. Croup pigarreou.

— Bom dia, senhor. Somos nós, com a jovem senhorita que fomos incumbidos de trazer à sua presença.

— E a chave?

A voz suave do anjo parecia vir de todos os lados.

— No pescocinho de cisne da moça — respondeu o sr. Croup, transparecendo um pouco mais de tensão do que gostaria.

— Então, entrem.

As portas de carvalho se abriram ante as palavras, e os três entraram.

Aconteceu tudo muito rápido. A Besta surgiu da escuridão. Hunter pegou a lança. A fera atacou e sumiu outra vez na escuridão.

Richard se concentrou, tentando identificar ruídos da Besta, mas ouviu apenas o lento gotejar de água ali perto e o zumbido lamentoso dos pernilongos, alto e enlouquecedor. A mulher estava caída de costas na lama, um dos braços torcido em um ângulo peculiar. Richard foi rastejando pelo charco até ela.

— Hunter? — sussurrou. — Está me ouvindo?

Silêncio. Então ouviu um murmúrio, tão baixo que a princípio pensou ter imaginado:

— Sim.

O marquês ainda estava a alguns metros dali, completamente imóvel contra a parede.

— Richard... fique onde está — aconselhou ele. — A criatura só está ganhando tempo. Ela vai voltar.

Richard o ignorou.

— Você vai... — Ele hesitou. Parecia uma pergunta muito idiota, mas perguntou mesmo assim: — Você vai ficar bem?

Hunter riu, os lábios ensanguentados, e balançou a cabeça em negativa.

— Tem algum médico aqui embaixo? — perguntou Richard ao marquês.

— Não o tipo de médico que você tem em mente. Temos curandeiros, trepanadores e especialistas em sanguessugas...

Hunter tossiu e se encolheu de dor. Escorria sangue arterial, vermelho e brilhante, pelo canto da boca. O marquês se aproximou ligeiramente.

— Você guarda sua vida em algum lugar, Hunter? — perguntou.

— Sou uma caçadora — sussurrou a mulher, com desdém. — Não fazemos esse tipo de coisa. — Com esforço, ela sugou ar para os pulmões e exalou, como se o simples ato de inspirar estivesse se tornando difícil. — Richard, você já usou uma lança?

— Não.

— Pegue esta.

— Mas...

— Pegue — repetiu ela, em voz baixa mas urgente. — Pegue-a. Segure pela extremidade que não tem lâmina.

Richard obedeceu.

— Essa parte eu sabia — resmungou.

A sombra de um sorriso passou pelo rosto de Hunter.

— Eu sei.

— Olha — começou Richard, sentindo-se, não pela primeira vez, como a única pessoa sã dentro de um manicômio —, que tal a gente ficar bem parado e quietinho? Talvez esse bicho vá embora. E aí podemos buscar ajuda para você.

E, não pela primeira vez, a pessoa a quem ele se dirigia o ignorou completamente.

— Eu cometi um erro, Richard Mayhew — sussurrou a mulher, entristecida. — Cometi um grande erro. Porque eu queria ser aquela que mataria a Besta. Porque eu precisava da lança.

Então, embora impossível, ela começou a se levantar. Richard ainda não tinha notado a seriedade dos ferimentos de Hunter, tampouco podia imaginar a dor que ela estaria sentindo: viu o braço direito pendendo inutilmente, um fragmento de osso branco despontando da pele de um jeito horrível. Um corte na lateral de seu corpo sangrava. A caixa torácica parecia *esquisita*.

— Pare — disse Richard, inutilmente. — Sente-se.

Com a mão esquerda, Hunter pegou uma faca do cinto e a colocou na direita, fechando os dedos sem nervos ao redor do cabo.

— Eu cometi um erro — repetiu. — E agora vou consertá-lo.

Ela começou a cantarolar. Cantarolou em uma mistura de tons graves e agudos, até chegar a uma nota que fazia as paredes, os canos e a ala reverberarem. E prosseguiu até todo o labirinto ecoar o canto. Então, puxando ar para dentro da caixa torácica estraçalhada, gritou:

— Ei! Ei, monstrengo! Cadê você?

Não houve resposta. Nenhum som além do gotejar de água. Até os pernilongos estavam quietos.

— Talvez ela tenha ido embora — sugeriu Richard, segurando a lança com tanta força que as mãos começaram a doer.

— Duvido muito — murmurou o marquês.

— Vamos lá, sua maldita! — gritou Hunter. — Está com medo?

Um rugido muito grave soou em algum lugar à frente, e a Besta ressurgiu da escuridão e partiu de novo para cima deles. Dessa vez, não havia margem para erros. *A dança*, pensou Hunter. *A dança ainda não acabou*.

A Besta baixou os chifres enquanto avançava na direção dela.

— Agora! — gritou Hunter. — Richard! Ataque! De baixo para cima! *Agora!*

E foi quando a Besta a acertou, transformando suas palavras em um grito sem sentido.

Richard viu a criatura adentrar o halo de luz do sinalizador. Tudo aconteceu muito devagar. Era como em um sonho. Como todos os sonhos que ele tivera. A Besta estava tão perto que dava para sentir o fedor de excrementos e sangue, tão perto que dava para sentir seu calor. Ele arremeteu o mais rápido que pôde, cravando a lança bem fundo em um dos flancos, deixando a lâmina penetrar a carne.

Um rugido se seguiu, um urro de agonia, de ódio, de dor. E, então, silêncio.

Ele ouvia o próprio coração pulsando nas têmporas, ouvia a água gotejando. Os pernilongos recomeçaram a zumbir. Richard notou que ainda segurava firme a haste da lança, embora a lâmina estivesse enterrada no corpo da criatura imóvel. Ele soltou o cabo e contornou a fera, cambaleante, à procura de Hunter. Encontrou-a presa sob o corpo da Besta. Teve medo de matá-la se tentasse movê-la, tirá-la dali, então optou por tentar empurrar a Besta pelos flancos mornos. Era como tentar mover um tanque Sherman, mas por fim, meio sem jeito, conseguiu quase emborcar a criatura.

A mulher estava caída de costas, encarando a escuridão, os olhos abertos e desfocados. De algum modo, Richard soube que ela não estava enxergando.

— Hunter? — chamou.

— Ainda estou aqui, Richard Mayhew. — A voz dela soava quase separada do corpo. Nem tentou olhar para ele, nem tentou focar a visão. — Morreu?

— Acho que sim. Parou de se mexer.

E ela riu: uma risada estranha, como se tivesse acabado de ouvir a melhor piada que alguém já contara a algum caçador. Então, entre os espasmos de riso e os acessos de tosse molhada e sufocante que os interrompiam, compartilhou a piada com Richard:

— Você matou a Besta. Agora, você é o maior caçador da Londres de Baixo. O Guerreiro... — Ela parou de rir. — Não sinto mais as mãos. Pegue minha mão direita.

Richard vasculhou por baixo do corpo da Besta e envolveu os dedos gélidos de Hunter com a própria mão. Pareciam tão pequenos.

— A faca ainda está aí? — sussurrou a mulher.

— Sim.

Sentia o metal, frio e grudento.

— Pegue-a. É sua.

— Não quero a sua...

— *Pegue.*

Ele arrancou a faca dos dedos dela.

— Agora é sua — murmurou Hunter. Apenas seus lábios se mexiam. Os olhos começavam a ficar turvos. — Ela sempre me protegeu. Limpe meu sangue da lâmina... não a deixe enferrujar... um caçador sempre cuida de suas armas. — Ela engoliu em seco. — Agora... passe o sangue da Besta... nos olhos e na língua...

Richard não sabia se tinha ouvido direito ou mesmo se acreditara no que ouvira.

— O quê?

Ele não tinha notado o marquês se aproximando, mas o ouviu falar ao seu ouvido, com firmeza:

— Faça o que ela diz. Isso vai guiá-lo pelo labirinto. Vamos.

Richard apoiou uma das mãos na lança e percorreu a haste até chegar ao couro da Besta, com o grude morno do sangue. Embora se sentisse meio tolo, levou a mão à língua, provando o sal do sangue da criatura: para sua surpresa, o gosto não foi asqueroso. Era deveras natural, como provar o oceano. Levou os dedos ensanguentados aos olhos, onde o sangue pinicou como suor.

— Pronto — anunciou.

— Muito bem — sussurrou Hunter.

E não disse mais nada.

O marquês estendeu a mão e fechou os olhos dela. Richard limpou a faca de Hunter na camisa, como ela mandou. Evitava ter que pensar no que fazer.

— É melhor continuarmos — comentou o marquês, levantando-se.

— Não podemos simplesmente deixá-la aqui.

— Podemos sim. Podemos voltar para buscar o corpo depois.

Richard poliu a lâmina com força na camisa. Estava chorando, mas ainda não tinha notado.

— E se não houver depois?

— Então vamos torcer para que alguém cuide dos nossos corpos. Incluindo o de Door. E ela deve estar cansada de esperar.

Richard baixou os olhos. Limpou o restinho do sangue de Hunter da faca e a enfiou no cinto. Então assentiu.

— Vá na frente — mandou o marquês. — Vou seguir o mais rápido que puder.

Richard hesitou, então correu o mais depressa que pôde.

Talvez tenha sido por conta do sangue da Besta. Não tinha outra explicação. Fosse qual fosse a razão, avançou certo pelo labirinto, que não guardava mais nenhum mistério. Sentia que conhecia cada curva, cada caminho, cada viela, rua e túnel. Correu, tropeçando e caindo, mas continuou correndo,

exausto, percorrendo o labirinto com o sangue pulsando nas têmporas. Um versinho invadiu seu cérebro enquanto ele corria, batendo e ecoando no ritmo de seus pés. Era um verso que ouvira quando criança.

Esta noite, esta noite
Todas as noites em eterno,
Brasas e velas aquecerão teu lar,
E Cristo receberá tua alma.

As palavras não paravam de se repetir em sua cabeça, soando como um hino fúnebre. *Brasas e velas aquecerão teu lar...*

No fim do labirinto, encontrou um paredão de granito, e na rocha fora cravada uma porta dupla de madeira, bem alta. Um espelho oval estava pendurado em uma das portas. Fechadas. Ele encostou na madeira, e a porta se abriu silenciosamente.

Entrou.

DEZESSETE

RICHARD PERCORREU O caminho cercado de velas incandescentes que seguia pelas catacumbas até o salão. Reconheceu os arredores: fora onde bebera o vinho de Islington. Um octógono de pilares de ferro servia de suporte para o teto de pedra, e o lugar também abrigava a enorme porta de pedra e metal pretos, uma velha mesa de madeira e as velas.

Door estava acorrentada, estirada entre dois pilares ao lado da porta de prata e sílex. A garota o encarou quando ele entrou, arregalando, assustada, os olhos de fada com cores inusitadas. O anjo, que estava ao lado dela, virou-se e sorriu para Richard. Era a parte mais incômoda da situação: a compaixão e a doçura daquele sorriso.

— Entre, Richard Mayhew. Entre — chamou o anjo. — Meu Deus, você está um caco. — A preocupação na voz era genuína. Richard hesitou. — Por favor. — O anjo flexionou o indicador branco, chamando-o mais para perto. — Acho que todos nos conhecemos. Você conhece lady Door, é claro, assim como meus associados, o senhor Croup e o senhor Vandemar. — Richard se virou. Croup e Vandemar estavam de pé ao lado dele. O sr. Vandemar sorriu. O sr. Croup, não. — Estava torcendo para que você aparecesse — continuou o anjo. Ele inclinou a cabeça e perguntou: — Aproveitando o ensejo, onde está Hunter?

— Morreu — respondeu Richard. Ouviu Door ofegar.

— Ah. Pobre coitada — comentou Islington.

Ele balançou a cabeça, tristonho, obviamente lamentando a perda sem sentido de uma vida humana, a fragilidade de todos os mortais, nascidos para sofrer e morrer.

— Bem — comentou o sr. Croup, contente —, não dá para fazer omelete sem matar umas pessoas.

Richard fez o possível para ignorá-los.

— Door? Tudo bem? — perguntou ele.

— Mais ou menos, Richard. Por enquanto. Obrigada.

Os lábios inferiores da garota estavam inchados, e havia um hematoma em sua bochecha.

— Temo dizer que lady Door tem se mostrado um tanto intransigente — explicou o anjo. — Agora mesmo, eu estava me perguntando se deveria

pedir ao senhor Croup e ao senhor Vandemar que... — Ele hesitou. Era óbvio que considerava algumas coisas terríveis demais para serem ditas.

— ... a torturassem — sugeriu o sr. Vandemar, prestativo.

— Afinal de contas — interveio o sr. Croup —, toda a criação conhece a fama de nossas habilidades nas artes excruciantes.

— Somos bons em machucar pessoas — explicou o sr. Vandemar.

O anjo continuou falando, o olhar intenso fixo em Richard, como se não tivesse ouvido nenhum dos dois.

— No entanto, lady Door não parece ser o tipo de pessoa que muda de opinião assim tão fácil.

— Só precisamos de tempo — alegou o sr. Croup. — Podemos quebrar essa resistência dela.

— Em vários pedacinhos — acrescentou o sr. Vandemar.

Islington balançou a cabeça e abriu um sorriso cheio de clemência diante da demonstração de entusiasmo.

— Não temos tempo — explicou ao recém-chegado. — Não temos tempo. Entretanto, ela parece ser o tipo de pessoa que tomaria alguma atitude para prevenir a dor e o sofrimento de um amigo, um companheiro mortal como você, Richard...

Foi então que o sr. Croup atingiu Richard no estômago: um chute rápido e certeiro. Ele se curvou. Sentiu os dedos do sr. Vandemar em sua nuca, puxando-o para trás, para que ficasse de pé.

— Mas isso é errado — retrucou Door.

Islington parecia pensativo.

— Errado? — indagou, perplexo e entretido.

O sr. Croup puxou a cabeça de Richard para perto da sua e deu seu sorriso de cemitério.

— Esse aí já está tão distante de conceitos como certo e errado que não conseguiria distingui-los nem com um telescópio em uma noite sem nuvens — confidenciou. — Bem, senhor Vandemar, pode fazer as honras?

O sr. Vandemar pegou a mão esquerda de Richard. Ele agarrou o mindinho com os dedos enormes e o entortou até quebrar. Richard gritou.

O anjo se virou bem devagar. Parecia distraído. Piscou os olhos de pérola cinzenta.

— Tem mais alguém lá fora. Senhor Croup?

Um vulto negro tremulou onde o sr. Croup estivera, e ele sumiu de lá.

O marquês De Carabás estava encolhido contra a lateral do paredão de granito vermelho, observando as portas de carvalho que levavam à morada de Islington.

Planos e estratégias passavam depressa por sua mente, mas cada esquema provava-se inútil logo que era concebido. Seria melhor se já soubesse o que fazer àquela altura e estava descobrindo, para seu desgosto, que não fazia a menor ideia. Não tinha mais favores para cobrar, alavancas para empurrar ou botões para apertar, então analisou as portas e se perguntou se eram protegidas e se o anjo saberia se fossem abertas. Tinha que haver alguma solução óbvia que passara despercebida, precisava pensar com mais afinco: talvez algo viesse à sua mente. Animou-se um pouco em pensar que pelo menos tinha o elemento surpresa.

Mas pensou nisso só até sentir a ponta gelada de uma faca afiada contra sua garganta e ouvir a voz escorregadia do sr. Croup sussurrando em seu ouvido:

— Eu já matei você uma vez hoje. Tem gente que não aprende.

Richard estava algemado e acorrentado entre dois pilares de ferro quando o sr. Croup voltou, cutucando o marquês De Carabás com a faca. O anjo olhou cheio de desapontamento para o marquês e balançou de leve a cabeça lindíssima.

— Você me disse que ele estava morto — comentou.

— E está — retrucou o sr. Vandemar.

— Estava — corrigiu o sr. Croup.

A voz do anjo soou um pouco menos gentil e caridosa:

— Não gosto que mintam para mim.

— Nós nunca mentimos — retrucou o sr. Croup, contrariado.

— Mentimos, sim — corrigiu o sr. Vandemar.

O sr. Croup passou a mão encardida pelo cabelo ruivo imundo. Estava exasperado.

— É verdade. Mas não mentimos dessa vez.

A dor na mão de Richard não dava sinais de que diminuiria.

— Como você pode se comportar assim? — indagou, irritado. — Você é um anjo.

— Você se lembra do que eu falei, Richard? — perguntou o marquês, secamente.

Richard pensou por um momento.

— Você disse que Lúcifer era um anjo.

Islington deu um sorriso arrogante.

— Lúcifer? — indagou. — Lúcifer era um idiota. Acabou como senhor e mestre de absolutamente nada.

O marquês sorriu.

— E você acabou como senhor e mestre de dois capangas e uma sala cheia de velas?

O anjo umedeceu os lábios.

— Disseram que era minha punição por Atlântida. Eu disse a eles que eu não tinha mais o que fazer. Foi... — ele hesitou, como se buscasse a palavra certa — ... um infortúnio — completou, com certo remorso.

— Mas milhões de pessoas morreram — argumentou Door.

Islington uniu as mãos ao peito, como se estivesse posando para uma foto.

— Acontece — explicou, cheio de razão.

— Ah, claro que acontece — retrucou o marquês, com a voz contida, deixando a ironia implícita nas palavras, não no tom. — Cidades afundam todos os dias. E você não teve nada a ver com isso?

Era como se De Carabás tivesse removido a tampa de um recipiente repleto de coisas sombrias e distorcidas: um lugar de loucura, fúria e maldade extrema. Naquele momento de descobertas assustadoras, era a coisa mais apavorante que Richard já vira. A beleza serena do anjo caiu por terra, seus olhos brilharam, e ele gritou, descontrolado, alucinado, sem a menor sombra de dúvida na voz:

— *Eles mereceram.*

Houve um momento de silêncio. Em seguida, o anjo baixou a cabeça, soltou um suspiro e a ergueu outra vez. Então completou, em uma voz baixa e cheia de arrependimento:

— Acontece. — Ele apontou para o marquês. — Prendam-no com as correntes.

Croup e Vandemar apertaram os grilhões nos pulsos do marquês e os acorrentaram aos pilares ao lado de Richard. O anjo voltou a atenção para Door. Ele foi até a garota, esticou a mão e a pousou sobre o queixo protuberante, erguendo a cabeça de fada e a olhando nos olhos.

— Sua família — falou, baixinho. — Você vem de uma família muito inusitada. E bem impressionante.

— Então por que matou todos eles?

— Nem todos — retrucou o anjo. Richard achou que ele estivesse falando de Door, mas Islington completou: — Existia a possibilidade de você não... não se sair tão bem assim. — Ele soltou o queixo da garota e acariciou seu rosto com os dedos brancos e compridos. — Sua família consegue abrir portas. Vocês criam portas onde as portas não existem. Vocês podem abrir portas fechadas. Abrir portas que nunca deveriam ter sido abertas. — Ele percorreu os dedos delicadamente pelo pescoço de Door, como se a acariciasse, então agarrou a chave. — Quando fui sentenciado a este lugar, me deram acesso à porta da minha prisão. E tiraram a chave, mas também a esconderam em algum lugar aqui embaixo. Uma forma peculiar de tortura.

Islington puxou a corrente com delicadeza, retirando-a de sob as camadas de seda, algodão e renda, revelando a chave prateada. Acariciou o objeto, como se explorasse seus lugares secretos.

Foi aí que Richard soube:

— Os Monges Negros estavam mantendo a chave a salvo de você.

Islington soltou a chave. Door estava acorrentada ao lado da porta de sílex negra e prata escurecida. O anjo foi até ela e colocou a mão na porta, o branco de sua pele em contraste com o negrume.

— Sim, de mim — concordou Islington. — Uma chave. Uma porta. Uma abridora de portas. Note que é preciso ter os três: uma piada refinada. A ideia era que, quando decidissem que eu merecia o perdão e a liberdade, enviariam uma abridora de portas e me dariam a chave. Eu só decidi resolver as coisas por conta própria e sair um pouco mais cedo.

O anjo se virou para Door. Acariciou a chave mais uma vez. Então agarrou o objeto e puxou com força. A corrente se partiu. Door estremeceu.

— Eu falei com seu pai primeiro, Door — continuou. — Ele estava muito preocupado com o Submundo. Queria unir a Londres de Baixo, unir os feudos e os baronatos... quem sabe até forjar alguma ligação com a Londres de Cima. Eu disse a ele que o ajudaria se ele me ajudasse. Quando contei o tipo de ajuda de que precisava, ele riu de mim. — Islington recontava a história como se ainda não conseguisse acreditar. — Ele riu. De mim.

Door balançou a cabeça.

— Você matou meu pai porque ele recusou sua oferta?

— Eu não matei seu pai — corrigiu Islington, com gentileza. — Mandei matá-lo.

— Mas ele disse que eu podia confiar em você. Disse que era para eu vir até aqui. No diário.

O sr. Croup começou a rir baixinho.

— Não disse, não — revelou. — Ele nunca disse isso. Fomos nós. O que foi que ele disse, senhor Vandemar?

— Door, minha filha, não confie em Islington — declarou o sr. Vandemar, imitando com perfeição a voz do pai dela. — Islington deve estar por trás disso tudo. Ele é perigoso, Door... fique longe dele...

Islington acariciou a bochecha da garota com a chave.

— Achei que minha versão a traria mais rápido até aqui.

— Nós pegamos o diário — explicou o sr. Croup —, alteramos a entrada e o devolvemos.

— Para onde aquela porta leva? — indagou Richard.

— Para casa — respondeu o anjo.

— Para o Paraíso?

Islington não respondeu, mas sorriu como um gato que não devorou só o leite e o canário, mas também a galinha que estava guardada para o jantar e o *crème brûlée* da sobremesa.

— E você acha que não vão notar seu retorno? — zombou o marquês.
— Vão só dizer: “Olha, outro anjo! Aqui, pegue esta harpa e vamos continuar com os hosanas”?

Os olhos cinzentos de Islington brilhavam.

— As agonias da adulação, hinos, auréolas e preces de autoconhecimento não são para mim — retrucou. — Eu tenho... meus próprios planos.

— E agora você tem a chave — declarou Door.

— E também tenho você — completou o anjo. — Você é a abridora. Sem você, a chave é inútil. Abra a porta para mim.

— Você matou a família dela — interveio Richard. — E a caçou pela Londres de Baixo. Agora quer que ela abra uma porta para que você possa invadir o Paraíso? Você não é muito bom em lidar com pessoas, hein? Ela nunca fará isso.

O anjo o encarou, e seus olhos eram mais antigos que a Via Láctea.

— Que lástima — comentou, dando as costas, como se não fosse capaz de testemunhar as coisas desagradáveis que estavam prestes a ocorrer.

— Machuque-o mais um pouco, senhor Vandemar — pediu o sr. Croup.
— Arranque a orelha dele.

O sr. Vandemar ergueu a mão. Estava vazia. Ele sacudiu o braço em um movimento quase imperceptível, e uma faca surgiu entre seus dedos.

— Eu avisei que um dia você descobriria o gosto do próprio fígado — lembrou a Richard. — Hoje é seu dia de sorte.

O sr. Vandemar deslizou a faca sem pressa por baixo do lóbulo auricular de Richard. Ele não sentiu dor — talvez, pensou, tivesse esgotado a cota de dor daquele dia, ou talvez a lâmina fosse afiada demais para incomodar. Mas sentiu o sangue morno pingar da orelha e escorrer pelo pescoço. Door o encarava, e aquele rosto élfico com olhos enormes cor de opala preenchiam seu campo de visão. Richard tentou enviar mensagens mentais para ela. *Agente firme. Não deixe que a forcem a fazer isso. Vai ficar tudo bem.* Então, o sr. Vandemar aplicou um pouco mais de pressão na faca, e Richard começou a gritar.

— Mande eles pararem — pediu Door. — Vou abrir essa sua porta.

Islington fez um gesto brusco, e o sr. Vandemar soltou um suspiro de lamento e baixou a faca. O sangue morno escorria pelo pescoço de Richard, fazendo uma poça no côncavo da clavícula. O sr. Croup foi até Door e abriu os grilhões da mão direita dela. A garota massageou o punho, emoldurada pelos pilares. Ainda estava acorrentada à coluna da esquerda, mas tinha alguma liberdade de movimento. Ela esticou a mão para pegar a chave.

— Lembre-se de que estou com seus amigos — declarou Islington.

Door o encarou com desprezo absoluto, a imagem cuspida e escarrada de lorde Portico.

— Me dê a chave — mandou.

O anjo entregou a chave prateada para ela.

— Não faça isso — disse Richard. — Não o liberte. Nós não somos importantes.

— Na verdade — interveio o marquês —, eu sou muito importante. Mas devo concordar: não faça isso.

O olhar dela foi de Richard para o marquês, demorando-se um pouco mais nas mãos algemadas e nas pesadas correntes que os prendiam às pilastras de ferro negro. Door parecia tão vulnerável. Ela deu as costas aos dois e avançou até onde permitia a corrente, ficando frente a frente com a porta negra de sílex e prata escurecida. Não havia fechadura. Ela apoiou a palma da mão direita sobre a porta e fechou os olhos, deixando que a porta lhe dissesse onde ficava a abertura e o que poderia fazer, encontrando as partes dentro dela que tinham relação com a porta. Quando afastou a mão, revelou uma fechadura que não existia antes. Uma luz branca emanava do outro lado da fechadura, brilhante e intensa como um raio laser na escuridão do salão iluminado apenas por velas.

Door inseriu a chave prateada na fechadura. Ela fez uma pausa e virou a chave. Ouviram um *clique*, seguido do badalar de sinos e, de repente, a porta foi emoldurada por luz.

— Quando eu for embora — anunciou o anjo, dirigindo ao sr. Croup e ao sr. Vandemar com muita calma, charme, compaixão e bondade —, mate todos eles da maneira que desejarem.

Islington se virou para a porta que Door abria; o processo era lento, como se a porta fizesse uma enorme resistência. Ela suava.

— Bem, seu empregador está partindo — comentou o marquês com o sr. Croup. — Espero que os dois tenham sido pagos integralmente.

Croup olhou para o marquês e perguntou:

— Hã?

— Vocês realmente acham que vão ver esse anjo outra vez? — interveio Richard, ainda sem entender o que o marquês estava fazendo, mas entrando no jogo.

O sr. Vandemar piscou devagar, como uma câmera antiga, e indagou:

— Hã?

O sr. Croup coçou o queixo.

— Os futuros defuntos têm razão — disse ao sr. Vandemar. Ele foi até o anjo, que aguardava de braços cruzados em frente à porta. — Senhor? Seria sábio de sua parte acertar o pagamento antes de começar o próximo estágio de suas viagens.

O anjo se virou e o olhou de cima, como se o sujeito fosse menos importante que o menor dos grãos de pó. Então se virou para o outro lado. Richard se perguntou o que Islington estaria pensando.

— Isso não importa agora — retrucou o anjo. — Em breve vocês terão todas as recompensas que puderem conceber com suas pequeninas mentes

tenebrosas. Quando eu tomar meu trono.

— Antes tarde do que nunca, né? — comentou Richard.

— Não gosto de gente que chega tarde — declarou o sr. Vandemar. — Fico entediado esperando.

O sr. Croup agitou o dedo na direção do sr. Vandemar.

— Ele está querendo nos dar um calote. Ninguém dá calote no senhor Croup e no senhor Vandemar, meu caro. Nós recebemos tudo o que é devido.

O sr. Vandemar foi até o sr. Croup.

— E no valor integral — completou.

— Com juros — acrescentou o sr. Croup.

— Não pode esquecer a correção monetária — completou o sr. Vandemar.

— E o pagamento vai vir do Paraíso? — indagou Richard, atrás deles.

O sr. Croup e o sr. Vandemar foram até o anjo, que estava perdido em pensamentos.

— Ei! — chamou o sr. Croup.

A porta se abriu: apenas uma fresta, mas estava aberta. A luz transbordava pela abertura. O anjo deu um passo à frente. Parecia sonhar acordado. A luz da fenda banhava seu rosto, e ele a sorvia como vinho.

— Não temam. Quando toda a criação for minha e se reunirem ao redor do meu trono para cantar hosanas em meu nome, recompensarei os dignos e punirei os que considerar abomináveis.

Então murmurou outra coisa, bem baixinho. Richard nunca soube ao certo o quê, embora, ao se lembrar mais tarde, achasse que soava bastante como:

— O maldito do Gabriel, por exemplo.

Com esforço, Door abriu a porta inteira. Do outro lado havia uma paisagem tão intensa que cegava: um redemoinho de cores e luzes. Richard estreitou os olhos e virou a cabeça para longe do clarão, com tons de laranja lancinantes e roxos aflitivos. *O céu é assim? Parece mais o inferno.*

Então sentiu o vento.

Uma vela passou voando por cima de sua cabeça e desapareceu porta adentro. Mais uma. O ar ficou repleto de velas, todas girando e se chocando, avançando em direção à luz. Era como se toda a sala estivesse sendo sugada pela porta. Mas era mais que vento. Richard sabia disso. Seus pulsos começaram a doer onde as algemas o prendiam... era como se, de repente, ele tivesse o dobro do peso. Então sua perspectiva mudou. A porta estava inclinada para baixo: não era só o vento puxando tudo para ela. Era a gravidade. O vento era só o ar do salão sendo sugado pelo lugar do outro lado da porta. Richard ponderou sobre o que haveria do outro lado — quem sabe a superfície de uma estrela, um buraco negro em formação, ou alguma outra coisa que ele não conseguia nem imaginar.

Islington agarrou o pilar ao lado da porta e o segurou em desespero.

— Isto não é o Paraíso! — gritou, os olhos cinzentos reluzindo, os lábios perfeitos espumando. — Sua bruxa louca! O que você fez?

Door agarrava-se com tanta força às correntes que a prendiam ao pilar preto que os nós de seus dedos ficaram brancos. Havia um brilho de triunfo em seus olhos. O sr. Vandemar se agarrara ao pé de uma mesa, e o sr. Croup se agarrara ao sr. Vandemar.

— Não era a chave verdadeira — declarou a garota, triunfante, sobre o rugido do vento. — Era só uma cópia que pedi para Hammersmith fazer, no Mercado.

— Mas ela abriu a porta! — gritou o anjo.

— Não — retrucou a garota com olhos de opala, com frieza. — Eu abri uma porta. Abri uma porta para o lugar mais longe e horrível que consegui imaginar.

Todos os traços de bondade e compaixão haviam desaparecido do semblante do anjo: restava apenas o ódio mais puro, sincero e gélido.

— Vou matar você — declarou.

— Como fez com a minha família? Acho que você não vai matar mais ninguém.

O anjo estava pendurado no pilar com os dedos brancos pelo esforço, mas seu corpo estava num ângulo de noventa graus em relação ao chão, e boa parte já atravessara a porta. Era ao mesmo tempo cômico e terrível. Ele umedeceu os lábios.

— Pare! — suplicou. — Feche a porta! Posso contar onde está a sua irmã... ela ainda está viva...

Door hesitou.

E Islington foi sugado para o outro lado da porta, uma figura minúscula, desabando, encolhendo cada vez mais enquanto era puxado pelo abismo luminoso além da realidade. A pressão ficava maior. Richard rezou para que as correntes e os grilhões o segurassem: sentia seu corpo sendo sugado na direção da abertura e, de esguelha, viu o marquês pendurado pelas correntes como uma marionete sendo puxada por um aspirador de pó.

A mesa, cuja perna o sr. Vandemar segurava firme, saiu voando e ficou entalada na porta. O sr. Croup e o sr. Vandemar estavam pendurados para fora do portal. O sr. Croup, literalmente agarrado à barra do terno do sr. Vandemar, respirou fundo e começou a escalar as costas do companheiro aos poucos, botando uma mão à frente da outra. A mesa rachou. O sr. Croup olhou para Door e sorriu como uma raposa que acabara de tomar um coquetel de drogas pesadas.

— *Eu* matei sua família — declarou. — Não ele. E, agora, vou finalmente terminar o que...

Foi naquele momento que o tecido do terno escuro do sr. Vandemar se rasgou. O sr. Croup cambaleou para o vácuo, aos gritos, agarrando-se a um

longo pedaço de tecido preto. O sr. Vandemar olhou para a figura do sr. Croup, agitando-se em desespero enquanto caía para longe. Também olhou para Door, mas não havia o menor ar de ameaça em seu semblante. Ele deu de ombros, pelo menos o quanto alguém pode dar de ombros quando está agarrado a um pé de mesa para salvar a própria vida, e declarou, tranquilamente:

— Tchau, tchau.

E soltou o pé da mesa.

O sr. Vandemar mergulhou no portal em silêncio, avançando na direção da luz, sua figura diminuindo à medida que caía e se aproximava da figura diminuta do sr. Croup. Logo as duas formas viraram um único ponto minúsculo de escuridão em um mar de roxo intenso e luz laranja e branca. Então o ponto negro desapareceu. Richard achou que sua decisão de pular até que fez sentido: afinal, eram uma equipe.

Ficava cada vez mais difícil de respirar. Richard ficou tonto e desorientado. A mesa se estilhaçou e foi sugada para dentro. Um dos grilhões se abriu, e o braço direito de Richard se soltou. Ele agarrou a corrente que prendia a mão esquerda, segurando o mais forte que podia; felizmente o dedo quebrado estava na mão ainda presa. Mesmo assim, clarões de dor vermelhos e azuis emanavam do braço esquerdo. Ouviu a si mesmo gritando de dor, ao longe.

Não conseguia respirar. Borrões de luz branca explodiam por trás de seus olhos. Sentia a corrente começar a ceder...

O som da porta negra se fechando envolveu toda a sua realidade. Ele bateu as costas com força no pilar de ferro gelado e desabou no chão. O salão no subsolo ficou imerso em silêncio — silêncio e escuridão total. Richard fechou os olhos: a escuridão era tanta que não fez a menor diferença, então abriu os olhos de novo.

O silêncio foi quebrado pela voz do marquês, que perguntou, sem rodeios:

— Então, para onde você os mandou?

Richard ouviu uma voz de garota respondendo. Sabia que deveria ser Door, mas ela soava tão jovem, como uma criancinha prestes a pegar no sono depois de um dia longo e exaustivo.

— Eu não sei... muito, muito longe... estou tão cansada. Eu...

— Door, acorde — disse o marquês.

Richard achou bom ele ter dito aquilo, afinal, alguém precisava falar, coisa que ele não lembrava mais como fazer. Ouviu um clique na escuridão: o som de um grilhão se abrindo, seguindo pelo barulho de correntes batendo no pilar de metal. E o som de um fósforo sendo riscado. Uma vela foi acesa: a chama era fraca e bruxuleante no ar rarefeito. *Brasas e velas aquecerão teu lar*, pensou Richard, sem conseguir lembrar por quê.

Segurando a vela, Door cambaleou até o marquês. Estendeu a mão, tocou as correntes, e os grilhões se abriram. De Carabás massageou os pulsos. Em seguida, ela foi até Richard e tocou o grilhão restante, que despencou, aberto. Door suspirou e se sentou ao lado de Richard. Ele esticou o braço bom e apoiou a cabeça dela, puxando-a para bem perto. Ninou-a para a frente e para trás, bem devagar, cantarolando uma cantiga de ninar. Estava muito frio no salão vazio do anjo, mas o calor do sono logo envolveu os dois.

O marquês De Carabás observou as crianças adormecidas. A ideia de dormir, de retornar — mesmo que por um breve momento — a um estado tão assustadoramente próximo da morte o apavorava mais do que conseguia acreditar. Mas, por fim, ele também apoiou a cabeça no braço e fechou os olhos.

E não havia mais ninguém.

DEZOITO

LADY SERPENTINE, QUE era, à parte sua irmã Olympia, a mais velha das Sete Irmãs, avançou pelo labirinto depois da Down Street, mantendo a cabeça erguida enquanto as botas de couro branco chapinhavam na lama escura. Era, afinal, o mais longe que estivera de casa nos últimos cem anos. A governanta de cinturinha fina, vestida de couro preto dos pés à cabeça, ia na frente carregando um lampião de carruagem. Outras duas mulheres do séquito de Serpentine, vestidas de forma similar, a seguiam a uma distância respeitosa.

A cauda de renda do vestido de Serpentine arrastava-se no brejo atrás dela, mas a mulher não parecia ligar. Notou um reflexo do lampião em um ponto à sua frente, ao lado de uma forma escura e volumosa.

— Ali.

As duas mulheres que iam atrás adiantaram-se, fazendo a água do pântano respingar para todos os lados enquanto corriam; quando a governanta se aproximou, trazendo com ela um círculo oscilante de luz quente, as formas tornaram-se objetos definidos. A luz refletia em uma longa lança de bronze. O corpo de Hunter, contorcido, ensanguentado e em estado deplorável, estava jogado de costas, meio enterrado na lama, em uma poça enorme de gosma escarlate, as pernas presas debaixo do corpo da criatura gigantesca que parecia um javali. Seus olhos estavam fechados.

As ajudantes de Serpentine retiraram o corpo de debaixo da Besta e o deitaram na lama. Serpentine ajoelhou-se no brejo úmido e passou o dedo pelo rosto frio de Hunter, até chegar aos lábios manchados de sangue negro, onde se demorou por alguns instantes. Então, Serpentine se levantou.

— Tragam a lança — mandou.

Uma das aias pegou o corpo de Hunter enquanto a outra tirava a lança da carcaça da Besta e a apoiava no ombro. As quatro figuras deram meia-volta e seguiram pelo caminho de onde tinham vindo, uma procissão silenciosa nas profundezas do mundo. A luz do lampião bruxuleava, iluminando o rosto devastado de Serpentine, mas que não revelava emoção alguma, nem alegria nem tristeza.

DEZENOVE

ASSIM QUE ACORDOU, ficou um instante sem ter a menor ideia de quem era. A sensação era extremamente libertadora, estava livre para ser quem quisesse. Poderia ser qualquer um — podia experimentar qualquer identidade, ser homem ou mulher, rato ou pássaro, monstro ou deus. Então ouviu um farfalhar e terminou de acordar, descobrindo no processo que era Richard Mayhew, quem quer que fosse essa pessoa, e que não sabia onde estava.

Uma faixa de tecido rígido pressionava seu rosto. Tudo doía; alguns lugares — como, por exemplo, o dedo mindinho na mão esquerda —, mais que os outros.

Tinha alguém ali perto. Richard ouviu uma respiração e os ruídos hesitantes e suaves da pessoa que tentava ser discreta naquele mesmo cômodo. Ele ergueu a cabeça, o que o fez descobrir que mais lugares doíam. E alguns doíam demais. Pessoas cantavam ao longe, a muitos aposentos de distância. A música era tão distante e baixa que Richard sabia que pararia de ouvir se abrisse os olhos: um cântico profundo e melódico...

Abriu os olhos. Era um aposento pequeno e parcamente iluminado. Estava deitado em uma cama baixa, e o som suave que ouvira fora feito por uma figura encolhida dentro de um roupão preto, de costas para Richard. Outra figura negra espanava a sala com um espanador tão brilhante e colorido que chegava a ser incongruente.

— Onde estou? — perguntou Richard.

A figura negra quase derrubou o espanador, então se virou para ele, ansiosa, revelando um rosto marrom-escuro.

— Gostaria de um pouco de água? — indagou o Monge Negro, daquele jeito que uma pessoa perguntaria se tivesse sido instruída a oferecer água ao paciente caso ele acordasse, e passado os últimos quarenta minutos repetindo a ordem, para garantir que não esqueceria.

— Eu... — Richard notou que estava morto de sede. Sentou-se na cama. — Sim, adoraria. Muito obrigado.

O monge despejou um pouco de água de uma garrafa velha de metal em um copo velho de metal e entregou o copo para o paciente. Richard

bebericou a água bem devagar, resistindo ao impulso de virar tudo de uma vez. Era fria e cristalina e tinha gosto de diamantes e gelo.

Richard examinou o próprio corpo. Suas roupas tinham sumido. Usava um roupão comprido, exatamente como o hábito dos Monges Negros, mas cinza. O dedo quebrado estava preso em uma tala e enfaixado com cuidado. Levou um dedo à orelha: estava coberta por um gesso grudento e parecia haver pontos abaixo do curativo.

— Você é um dos Monges Negros — declarou Richard.

— Sim, senhor.

— Como cheguei aqui? Onde estão meus amigos?

O monge apontou para o corredor, ansioso, sem soltar uma só palavra. Richard saiu da cama. Olhou por baixo do roupão cinza: estava nu. O torso e as pernas estavam cobertas por diversos hematomas escuros, azuis e roxos, e pareciam ter sido besuntados com algum tipo de pomada: cheirava a xarope para tosse e torrada amanteigada. O joelho direito estava enfaixado. Perguntou-se onde estariam suas roupas. Havia um par de sandálias ao lado da cama, e ele as calçou antes de sair para o corredor. O abade vinha andando em sua direção, apoiado no braço do irmão Fuliginoso, os olhos cegos cor de pérola despontando na escuridão abaixo do capuz.

— Ah, Richard Mayhew, você despertou — comentou. — Como se sente?

Richard fez careta.

— Minha mão...

— Arrumamos o dedo. Estava quebrado. Cuidamos de seus cortes e ferimentos. E você precisava de descanso, coisa que proporcionamos.

— Onde está Door? E o marquês? Como chegamos aqui?

— Mande trazê-los até aqui — explicou o abade.

Os dois monges continuaram a andar pelo corredor, e Richard foi junto.

— Hunter — lembrou. — Vocês trouxeram o corpo dela?

O abade sacudiu a cabeça.

— Não havia corpo. Apenas a Besta.

— Ah, bem. Minhas roupas...

Chegaram à porta de uma cela muito parecida com a que Richard deixara ao acordar. Door estava sentada na beirada da cama, lendo uma cópia de *Mansfield Park* que Richard tinha certeza que os monges sequer sabiam que possuíam. A garota também usava um manto cinzento de monge, que era muito maior do que ela e causava um efeito quase cômico. Ela ergueu os olhos quando os três entraram.

— Olá — cumprimentou a garota. — Estou acordada há um tempão. Como se sente?

— Bem, acho. E você?

Door sorriu. Não foi um sorriso muito convincente.

— Um pouco abatida — admitiu.

Um barulho alto veio do corredor. Richard se virou e deu de cara com De Carabás sendo empurrado em uma cadeira de rodas antiquíssima e um tanto frágil. Quem empurrava era um Monge Negro grandalhão. Richard se perguntou como o marquês conseguira fazer com que ser empurrado por aí parecesse nobre e valente. O marquês saudou os presentes com um enorme sorriso.

— Boa tarde, camaradas.

— Bem, agora que estamos todos aqui, precisamos conversar — disse o abade.

Ele os levou a uma sala grande aquecida por uma fogueira crepitante. Acomodaram-se ao redor de uma mesa. O abade gesticulou para que todos se sentassem. Ele bateu até encontrar uma cadeira e se sentou. Então mandou o irmão Fuliginoso e o irmão Tenebrae (que empurrava a cadeira do marquês) saírem da sala.

— Bem, vamos aos negócios — declarou o abade. — Onde está Islington?

Door deu de ombros.

— Eu o mandei para o mais longe que pude. No meio do caminho para os confins do espaço e do tempo.

— Entendi. Que bom.

— Por que você não nos alertou sobre ele? — indagou Richard.

— Não era nossa responsabilidade.

Richard bufou.

— E o que vai acontecer agora? — perguntou ele, dirigindo-se a todos.

O abade não respondeu.

— O que vai acontecer? Em que sentido? — indagou Door.

— Bem, você queria vingar sua família. E conseguiu. Enviou todos os envolvidos para algum lugar no meio do nada. Então, ninguém mais vai tentar matá-la, não é mesmo?

— Por enquanto, não — respondeu Door, séria.

— E você? — perguntou Richard ao marquês De Carabás. — Conseguiu o que queria?

O marquês assentiu.

— Acredito que sim. Paguei integralmente minha dívida com lorde Portico e lady Door me deve um favor bem grande.

Richard olhou para Door. Ela assentiu.

— E eu? — indagou.

— Bem, não teríamos conseguido sem você — declarou Door.

— Não foi isso que eu quis dizer. E aquela história de me mandar de volta para casa?

O marquês ergueu a sobrancelha.

— Quem você pensa que ela é, o mágico de Oz? Não temos como mandar você para casa. Sua casa é aqui.

— Eu tentei explicar isso a você — alegou Door.

— Tem que ter um jeito — retrucou Richard, batendo a mão esquerda na mesa com força e ênfase. Então soltou um gemido de dor, porque usar a mão com um dedo quebrado para bater na mesa não é a coisa mais sábia a se fazer. Mas o gemido saiu baixinho: afinal, já passara por coisa pior.

— Onde está a chave? — perguntou o abade.

Richard inclinou a cabeça.

— Com Door.

A garota balançou a cabeça de fada.

— Não está comigo — revelou. — Eu a enfiei de volta no seu bolso quando estávamos no Mercado. Quando você trouxe o curry.

Richard abriu a boca e a fechou. Então a abriu de novo e disse:

— Quer dizer que, quando eu disse a Croup e Vandemar que estava com a chave e que os dois podiam me revistar... estava mesmo comigo?

Door assentiu. Richard se lembrou do objeto duro que encontrara no bolso de trás, ainda na Down Street. Lembrou-se de como Door o abraçara no navio...

— Nossa — murmurou.

O abade estendeu o braço. Seus dedos marrons e enrugados agarraram um pequeno sino que estava no tampo da mesa, e ele o tocou para convocar o irmão Fuliginoso.

— Traga-me a calça do Guerreiro — mandou.

Fuliginoso assentiu e saiu da sala.

— Não sou um guerreiro — interveio Richard.

O abade abriu um sorriso simpático.

— Você matou a Besta — explicou, quase com pesar. — É o Guerreiro.

Richard cruzou os braços, exasperado.

— Então, depois de tudo isso, continuo sem poder voltar para casa, mas, como prêmio de consolação, entrei em alguma lista honorária arcaica aqui do Submundo?

O marquês parecia indiferente.

— Você não pode voltar para a Londres de Cima. Alguns indivíduos conseguem ter uma espécie de vida intermediária... você conheceu Iliaster e Lear. Mas isso é o máximo que dá para conseguir, e não é uma vida boa.

Door estendeu a mão e tocou o braço de Richard.

— Sinto muito — declarou. — Mas pense em tudo o que fez de bom. Você pegou a chave para nós.

— É, e serviu para quê? Você foi lá e forjou uma chave nova...

O irmão Fuliginoso reapareceu, trazendo a calça de Richard. Estava rasgada, coberta de lama, salpicada de sangue seco e fedida. O monge a entregou para o abade, que começou a vasculhar os bolsos. Door abriu um sorriso doce.

— Hammersmith não teria conseguido fazer uma cópia sem a original — explicou ela.

O abade pigarreou.

— Vocês são todos muito idiotas e não sabem de absolutamente nada — comentou, com delicadeza. Ele ergueu a chave prateada. O objeto brilhava à luz da fogueira. — Richard passou pela Provação da Chave. Ele é seu mestre, até que a devolva para nossa proteção. A chave tem poder.

— É uma chave para o Paraíso... — começou Richard, sem entender onde o abade queria chegar, o que ele estava tentando dizer.

A voz do velho soava profunda e melódica:

— Esta é a chave para toda a realidade. Se Richard quiser voltar para a Londres de Cima, a chave vai levá-lo para a Londres de Cima.

— Simples assim? — indagou Richard.

O velho assentiu com a cabeça cega escondida sob as sombras do capuz.

— Então podemos fazer isso? — pediu.

— Assim que você estiver pronto — respondeu o abade.

Os monges devolveram suas roupas, todas limpas e consertadas. O irmão Fuliginoso o guiou pela abadia, subindo uma série de escadas e degraus vertiginosos até a torre do sino. Havia um pesado alçapão de madeira no topo da torre. O irmão Fuliginoso o destrancou, e os dois empurraram a porta, entrando em um túnel estreito cheio de teias de aranhas, com degraus de metal em uma das paredes. Escalaram os degraus e subiram pelo que pareceram trezentos metros, saindo na plataforma empoeirada de uma estação do metrô.

NIGHTINGALE LANE

anunciavam as velhas placas nas paredes. O irmão Fuliginoso desejou boa sorte a Richard e disse a ele que esperasse ali, pois viriam buscá-lo, então desceu pela escada na parede e desapareceu de vista.

Richard ficou esperando sentado na plataforma por vinte minutos, se perguntando que tipo de estação seria aquela: não parecia nem abandonada como a do Museu Britânico, nem de verdade, como a Blackfriars — parecia uma estação fantasma, um lugar imaginário, esquecido e estranho. Perguntou-se por que o marquês não tinha se despedido. Richard perguntou a Door, ela respondeu que não sabia, mas que talvez despedidas fossem mais uma das coisas nas quais o marquês não era muito bom, como confortar pessoas. Então alegou que um cisco caíra em seu olho, entregou a Richard um papel com instruções e foi embora.

Algo tremulou na escuridão do túnel: era branco. Era um lenço preso a uma vara.

— Olá? — chamou Richard.

A figura rotunda e envolta em penas do Velho Bailey saiu do escuro, parecendo constrangida e indisposta. Ele agitava o lenço que Richard lhe dera, suando em bicas.

— É a minha bandeirinha — explicou, apontando para o lenço.

— Fico feliz que seja útil.

O Velho Bailey abriu um sorriso inseguro.

— Certo. Só queria dizer uma coisa. Trouxe um negócio para você. Aqui está.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma pena preta e comprida, com reflexos azuis, roxos e verdes. Havia um fio vermelho enrolado na ponta.

— Ah. Bem, obrigado — respondeu Richard, sem saber ao certo o que fazer com aquilo.

— É uma pena — explicou o velho. — E das boas. Uma lembrancinha. De souvenir. Para você guardar. E é de graça. Um presente. Uma forma de agradecimento.

— Ah. Sim. Bem, muita gentileza sua.

Richard guardou a pena no bolso. Um vento morno soprou pelo túnel: um trem se aproximava.

— Deve ser o seu trem — comentou o Velho Bailey. — Eu não pego trens. Prefiro mil vezes um bom telhado.

Ele apertou a mão de Richard e foi embora.

O trem chegou à estação, os faróis apagados e a cabine de controle vazia. A embarcação da vez: todos os vagões estavam escuros, e nenhuma porta se abriu. Richard bateu na porta à sua frente, torcendo para ser a certa. A porta se arreganhou, inundando a estação imaginária com uma luz amarelada e quente. Dois velhinhos baixinhos, carregando duas trombetas cor de cobre, desceram do trem e pisaram na plataforma. Richard os reconheceu: Dagvard e Halvard, da Corte do Conde. Só não conseguia lembrar, se é que algum dia soube, quem era quem. Os dois levaram as trombetas às bocas e tocaram uma fanfarra mal executada, mas de coração. Richard embarcou no trem, e eles entraram atrás.

O Conde estava sentado no fundo do vagão, acariciando um gigantesco wolfhound irlandês. O bobo da corte — *acho que o nome dele é Toley*, pensou Richard — estava de pé ao lado do trono. Sem contar eles e os dois soldados, o vagão estava deserto.

— Quem é? — perguntou o Conde.

— É ele, meu senhor — respondeu o bobo. — Richard Mayhew. O homem que matou a Besta.

— O Guerreiro? — O Conde coçou a barba ruiva e grisalha, pensativo.
— Traga-o até aqui.

Richard foi até a cadeira do Conde, que o encarou de cima a baixo com pesar, e não demonstrou qualquer indicação de que sequer se lembrava de tê-lo conhecido antes.

— Achei que você seria mais alto — comentou, depois de um tempo.

— Peço desculpas.

— Bem, é melhor acabarmos logo com isso. — O velho se levantou e anunciou para o vagão vazio: — Boa noite. Estamos aqui para honrar o jovem Mayflower. O que foi mesmo que o bardo disse? — Então recitou, em um ribombar rítmico e cheio de aliterações: — *Eis os cortes escarlates na carcaça/ Iminente é a queda do inimigo/ Diante do destemido defensor/ Grande é entre os garotos...* Mas ele não é bem um garoto, é, Tooley?

— Não muito, Vossa Graça.

O Conde estendeu a mão.

— Me dê sua espada, garoto.

Richard levou a mão ao cinto e puxou a faca que Hunter lhe dera.

— Serve isso?

— Sim, sim — respondeu o velho, tomando a faca de suas mãos.

— Ajoelhe-se — mandou Tooley, em um sussurro alto, apontando para o piso do trem.

Richard se abaixou, apoiando-se em um joelho. O Conde tocou gentilmente com a faca em cada um de seus ombros.

— Levante-se, Sir Richard de Maybury. Com esta faca, concedo a você a liberdade do Submundo. Que você possa andar livre, sem obstáculos ou impedimentos... etc e tal... blá-blá-blá... essas coisas... — Sua voz foi minguando, levada pelo esquecimento.

— Obrigado — disse Richard. — E, para falar a verdade, é Mayhew.

Mas o trem havia parado.

— É aqui que você desce — instruiu o Conde.

Ele devolveu a faca a Richard — a faca de Hunter —, deu um tapinha em seu ombro e apontou para a porta.

O lugar onde Richard saltou não era uma estação de metrô. Ficava na superfície, e lembrava um pouco a estação St. Pancras — havia algo de grandioso e um tanto gótico na arquitetura. Mas também havia aquela característica meio errada que marcava o lugar como parte da Londres de Baixo. A luz tinha aquele tom de cinza escorrido e estranho que só aparece pouco antes do amanhecer ou momentos depois do pôr do sol, quando o mundo mergulha em um estado sombrio e fica impossível discernir a cor e a distância.

Havia um homem sentado em um banco de madeira, observando-o. Richard se aproximou com cautela, incapaz de discernir quem era na penumbra ou de ver se era alguém que já conhecia. Ainda segurava a faca de Hunter — a sua faca —, e redobrou o aperto no cabo, buscando conforto. O homem ergueu os olhos enquanto Richard se aproximava e se levantou depressa. Ajeitou o topete, coisa que Richard só vira acontecer em adaptações de romances clássicos para a televisão. Parecia tanto cômico quanto desagradável. Richard o reconheceu; era o lorde Arauto dos Ratos.

— Ora, ora. Ah, sim — comentou o sujeito, agitado, se embolando para falar. — Só vim dizer... a garota Anaesthesia. Sem ressentimentos. Os ratos continuam seus amigos. Quanto aos arautos dos ratos... se vier até nós... vamos tratá-lo bem.

— Obrigado — respondeu Richard.

Anaesthesia vai levá-lo, pensou. Ela é descartável.

O lorde Arauto dos Ratos mexeu em alguma coisa no banco e presenteou Richard com uma mochila preta de vinil. Era muito familiar.

— Está tudo aí dentro. Tudo. Pode olhar.

Richard abriu a mochila. Todos os seus pertences estavam lá, incluindo a carteira, em cima de uma calça dobrada com cuidado. Ele fechou o zíper, jogou a mochila por cima do ombro e foi para longe do homem, sem agradecer ou olhar para trás.

Richard saiu da estação e desceu alguns degraus de pedra cinzenta.

Tudo estava quieto. Tudo estava vazio. Folhas mortas de outono voavam pela praça em uma lufada amarela, ocre e marrom, uma rajada repentina de cores opacas reluzindo sob a luz fraca. Richard atravessou a praça e desceu alguns degraus até a passagem subterrânea. Algo se moveu na semiobscuridade, e ele se virou para olhar, preocupado. Havia dez delas no corredor atrás dele, que foram deslizando em sua direção quase sem fazer barulho, produzindo apenas um farfalhar de veludo escuro e, aqui e ali, o cintilar de joias de prata. As folhas ao vento faziam muito mais barulho do que as mulheres pálidas. Elas o observavam com olhos famintos.

Ele ficou com medo. Tinha uma faca, claro, mas conseguiria lutar com ela tão bem quanto conseguiria atravessar o Tâmis com um só pulo. Torceu para que conseguisse afugentá-las com a arma, caso o atacassem. Sentiu o cheiro de lírio, madressilva e almíscar.

Lamia foi abrindo caminho até chegar à frente do grupo de Aveludadas e deu um passo à frente. Richard ergueu a faca, nervoso, lembrando-se da paixão refrescante do abraço da mulher, de como ela era agradável e fria. Lamia sorriu para ele e inclinou a cabeça com doçura. Beijou a ponta dos dedos e soprou o beijo para Richard.

Ele sentiu um calafrio. Algo estremeceu na escuridão da passagem subterrânea e, quando ele voltou a prestar atenção, não havia mais ninguém entre as sombras.

Depois da passagem subterrânea, Richard subiu alguns degraus e chegou ao topo de uma pequena colina esverdeada. Estava começando a amanhecer, e seus olhos mal distinguiam os detalhes da região ao redor: carvalhos, freixos e faias quase sem folhas, fáceis de identificar pela forma dos seus troncos. Um rio largo de águas limpas e tranquilas cortava a paisagem interiorana. Enquanto olhava ao redor, percebeu que estava em uma espécie de ilha — dois rios menores juntavam-se em um maior, separando a pequena colina do restante da campina. Então soube com toda a certeza, mesmo sem saber como, que ainda estava em Londres, mas era a Londres que existe há mais ou menos três mil anos, quem sabe até antes de a primeira pedra que compôs a primeira habitação humana ser colocada sobre outra.

Abriu o zíper da bolsa e guardou a faca ao lado da carteira. Fechou o zíper de novo. O céu começava a clarear, mas a luz era esquisita. Talvez fosse mais nova que a luz do sol com que estava acostumado — mais pura, quem sabe. Um sol vermelho-alaranjado nasceu no leste, onde um dia ficariam as docas, e Richard ficou vendo o amanhecer cair sobre as florestas e os pântanos que remetiam a Greenwich, Kent e o mar.

— Olá — cumprimentou Door.

Richard não a viu se aproximar. Ela usava roupas diferentes sob a velha jaqueta de couro: ainda remendadas, esgarçadas e organizadas em camadas, mas eram feitas de tafetá, renda e brocado. O cabelo curto e ruivo brilhava à luz do amanhecer como cobre polido.

— Olá — respondeu ele.

A garota ficou parada ao seu lado e entrelaçou os dedinhos na mão direita dele, a mão que segurava a mochila.

— Onde estamos? — perguntou Richard.

— Na maravilhosa e terrível ilha de Westminster.

Parecia que ela citava alguma passagem, mas ele achava que nunca tinha nem ouvido a frase. Puseram-se a caminhar juntos pela grama alta, úmida e esbranquiçada pela geada que se derretia. Suas pegadas deixaram um rastro verde-escuro, indicando de onde tinham vindo.

— Veja — disse Door. — Agora que o anjo se foi, tem muitas coisas para resolver na Londres de Baixo. E ficou tudo nas minhas mãos. Meu pai queria unir a Londres de Baixo... Acho que vou tentar terminar o que ele começou. — Andavam rumo ao norte de mãos dadas, para longe do Tâmisa. Gaivotas brancas guinchavam, chamando do céu acima. — Richard, você ouviu o que Islington falou sobre ter mantido minha irmã viva por precaução. Posso não ser a última remanescente da minha família. E você salvou minha vida. Mais de uma vez.

Door hesitou, então desabafou de repente:

— Você foi um ótimo amigo, Richard. Eu meio que gostei bastante de tê-lo por perto. Por favor, não vá embora.

Richard apertou a mão dela de leve.

— Bem, eu também meio que gostei bastante de ter você por perto. Mas não pertenço a este mundo. Na minha Londres... bem, o máximo de preocupação que tenho são táxis apressados ou o medo de chegar atrasado ao trabalho. Eu também gosto de você. Gosto muito. Mas preciso voltar para casa.

Door o encarou com aqueles olhos de cores inusitadas, verde, azul e incandescente.

— Então nunca mais nos veremos — comentou.

— Acho que não.

— Obrigada por tudo — declarou, séria.

Então o abraçou, tão forte que os hematomas e ferimentos nas costelas doeram. Ele a abraçou de volta com a mesma intensidade, fazendo todos os machucados protestarem bem alto, mas simplesmente não se importava.

— Bem — disse Richard, depois de um tempo —, foi muito bom conhecer você.

Door piscava sem parar. Richard se perguntou se ela ia alegar que outro cisco caíra nos olhos. Mas não:

— Pronto?

Ele assentiu.

— Trouxe a chave?

Richard baixou a mochila, vasculhou o bolso de trás com a mão boa, pegou a chave e a entregou a Door. A garota a estendeu à frente do corpo, como se a inserisse em uma porta imaginária.

— Ok — disse. — É só sair andando. Não olhe para trás.

Ele começou a descer a pequena colina, afastando-se das águas azuis do Tâmisa. Uma gaivota cinzenta passou voando perto dele. Quando chegou no sopé da colina, olhou para trás. Door estava lá no alto, a silhueta emoldurada pelo sol nascente. Suas bochechas brilhavam. A luz do sol laranja reluzia na chave.

Door virou a chave com um movimento decisivo.

O mundo foi tomado pela escuridão, e um rugido grave invadiu a mente de Richard, o rosnado insano de milhares de bestas enraivecidas.

VINTE

O MUNDO FOI tomado pela escuridão, e um rugido grave invadiu a mente de Richard, o rosnado insano de milhares de bestas enraivecidas. Ele piscou no escuro e segurou a mochila bem firme. Pensou se teria sido tolice guardar a faca. Algumas pessoas esbarraram nele em meio à escuridão. Richard tentou ficar longe de todos. Havia degraus à sua frente, e ele começou a subir e, enquanto subia, o mundo foi se redefinindo, ganhando forma e nitidez.

O rugido era o caos do tráfego, e Richard estava saindo da passagem subterrânea da Trafalgar Square. O céu era de um azul perfeito e incólume, como uma tela de TV sintonizada em um canal sem sinal.

Era o meio da manhã de um dia quente de outubro, e ele ficou parado ali na praça, segurando a mochila e piscando contra o sol. Táxis pretos, ônibus vermelhos e carros multicoloridos rugiam e passavam depressa ao redor da praça, enquanto turistas jogavam punhados de ração para as legiões de pombos rechonchudos e tiravam fotos da Coluna de Nelson e dos leões de bronze esculpidos por Edwin Landseer. Richard andou pela praça, se perguntando se aquilo era mesmo real. Os turistas japoneses o ignoraram. Tentou falar com uma garota loira e bonita, que riu, balançou a cabeça e respondeu em um idioma que Richard pensou ser italiano, mas, na verdade, era finlandês.

Uma criancinha de sexo indeterminado encarava os pombos enquanto demolia uma barra de chocolate com a boca. Richard se ajoelhou ao lado dela.

— Hã... oi, criancinha.

A criança chupava a barra de chocolate com muita determinação e não deu a menor indicação de que reconhecia Richard como outro ser humano.

— Olá — repetiu Richard, um traço de desespero surgindo na voz. — Consegue me ver? Criancinha? Oi?

Os dois olhinhos se desviaram do chocolate e o encararam. Então, o lábio inferior da criança começou a tremer, e ela saiu correndo, agarrando-se às pernas da adulta mais próxima e gritando:

— Ma-nhê! Esse homem está me incomodando. Ele está me incomodando, mãe.

A mãe da criança se virou para Richard com uma careta magnífica.

— Por que você está incomodando Leslie? — inquiriu. — Existem lugares feitos especialmente para gente como você.

Richard começou a sorrir. Era um sorriso grande e feliz. E não iria embora nem que alguém acertasse um tijolo em sua cabeça.

— Sinto muito, muitíssimo mesmo — respondeu, sorrindo como o Gato de Cheshire.

Então, segurando a mochila, atravessou a Trafalgar Square correndo, acompanhado pelos pombos em revoada, subindo aos céus com medo.

Tirou o cartão de débito da carteira e o inseriu no caixa eletrônico. A máquina reconheceu a senha de quatro dígitos, aconselhou-o a manter o número em segredo e a não revelá-lo para ninguém e perguntou que serviço ele gostaria de utilizar. Richard selecionou o saque, e o caixa lhe deu dinheiro em abundância. Ele socou o ar com alegria. Logo depois, envergonhado, fez de conta que chamava um táxi.

O táxi parou para ele — parou mesmo! Para ele! — e Richard embarcou, sentando-se no banco com um sorriso enorme. Pediu ao taxista que o levasse até o escritório. E, quando o taxista comentou que seria mais rápido ir andando, o sorriso de Richard aumentou ainda mais e ele respondeu que não se importava. No caminho, ele pediu — praticamente suplicou — para que o motorista o bombardeasse com opiniões sobre os problemas do tráfego no centro de Londres, estabelecesse maneiras de lidar com o crime e discorresse acerca das picuinhas políticas do momento. O taxista o acusou de estar “tirando onda com a cara dele” e ficou emburrado durante toda a jornada de cinco minutos até o Strand. Richard não se importou. Deu uma gorjeta ridiculamente grande para o sujeito, apesar de tudo. Então andou até o escritório.

Quando entrou no edifício, sentiu o sorriso desaparecer do rosto. Cada degrau que subia o deixava mais ansioso, mais inseguro. E se continuasse desempregado? Que diferença fazia que criancinhas cobertas de chocolate e taxistas pudessem vê-lo, se, por algum azar da existência, continuasse invisível para os colegas de trabalho?

O sr. Figgis, segurança do prédio, ergueu os olhos da cópia de *Ninfetas safadinhas* que escondera dentro de um exemplar do *The Sun* e bufou.

— Bom dia, senhor Mayhew.

Não foi um bom-dia muito acolhedor. Era o tipo de cumprimento que indicava a total indiferença do emissor, que pouco se importava se o receptor estava vivo ou morto — ou até mesmo se era ou não dia.

— Figgis! — exclamou Richard, em deleite. — Olá para você também, senhor Figgis, segurança excepcional!

Ninguém nunca dissera qualquer coisa remotamente parecida com aquilo para o sr. Figgis, nem mesmo as mulheres nuas em seus devaneios. O sujeito encarou Richard com suspeita até ele entrar no elevador e sumir de vista, então voltou a atenção para as *Ninfetas safadinhas* — nenhuma das quais, começava a suspeitar, tinha menos de vinte e nove anos, com ou sem pirulito nas mãos.

Richard saiu do elevador e foi andando meio hesitante pelo corredor. *Tudo vai ficar bem*, disse a si mesmo, *contanto que minha mesa esteja lá. Se minha mesa estiver lá, vai ficar tudo bem*. Ele entrou no escritório grande e sem salas fechadas onde trabalhara durante os últimos três anos. Pessoas se ocupavam diante de suas mesas, falando ao telefone, vasculhando gabinetes de arquivos, tomando chá ruim e café pior ainda. Era mesmo seu escritório.

E lá estava o cubículo perto da janela, onde antes ficava sua mesa, mas que naquele momento era ocupado por um conjunto de arquivos cinza e um pé de mandioca envasado. Richard estava prestes a dar as costas e sair correndo quando alguém lhe entregou um pouco de chá em um copo de isopor.

— O retorno do filho pródigo, hein? — indagou Garry. — Toma.

— Olá, Garry — respondeu Richard. — Onde está minha mesa?

— Logo ali — respondeu o colega. — Como foi lá em Maiorca?

— Maiorca?

— Não é para lá que você sempre vai? — indagou Garry.

Estavam subindo as escadas que levavam ao quarto andar.

— Não dessa vez — respondeu Richard.

— E eu ia mesmo dizer que senti falta do bronzado.

— Pois é. Bem, você sabe... eu precisava de novos ares.

Garry assentiu. Apontou para a porta que, pelo que Richard lembrava, guardava os arquivos executivos e os suprimentos de escritório.

— Novos ares? Bem, você com certeza vai ter isso. Posso ser o primeiro a lhe dar os parabéns?

A placa na porta dizia:

R. O. MAYHEW
SÓCIO JÚNIOR

— Seu filho da mãe sortudo — comentou Garry, afetuosamente.

Ele se afastou, e Richard atravessou a porta, embasbacado. A sala não continha mais suprimentos e arquivos: tudo fora retirado, as paredes tinham sido pintadas de cinza, preto e branco, havia um carpete novo e, no centro do escritório, uma mesa grande. Ele a examinou: sem sombra de dúvidas, era sua mesa. Os trolls estavam devidamente guardados em uma das gavetas, e ele retirou todos e os organizou pelo escritório. Tinha a própria janela,

com uma bela vista para o rio sujo e marrom e, ao fundo, a margem sul do Tâmisa. Uma grande planta verde jazia em um vaso, com folhas grandes e enceradas — do tipo que parece artificial, mas não é. O computador cor de creme, velho e empoeirado fora substituído por um terminal preto muito mais moderno e estiloso, que ocupava bem menos espaço na mesa.

Richard foi até a janela e bebericou o chá, encarando o rio sujo e marrom.

— Então, tudo nos conformes?

Ele ergueu os olhos. Sylvia, a AP do DG, ágil e eficiente, estava parada na porta. Ela sorriu ao vê-lo.

— Ah, sim. Olha, preciso resolver umas coisas em casa... tem problema se eu tirar o resto do dia de folga e...

— Como preferir. Era para você só voltar amanhã mesmo.

— Sério? — indagou Richard. — Sei.

Sylvia franziu a testa.

— O que aconteceu com o seu dedo?

— Quebrei.

A mulher olhou para a mão dele com certa preocupação.

— Andou brigando, é?

— Eu?

Ela sorriu.

— Brincadeirinha. Aposto que prendeu em uma porta. Foi assim que minha irmã quebrou o dela.

— Não, eu entrei numa bri... — começou a admitir Richard. Sylvia ergueu uma sobrancelha. — Foi uma porta — corrigiu, com certa vergonha.

Pegou um táxi até o prédio onde morava. Ainda não tinha certeza se andar de metrô seria uma boa ideia. Ainda não. Como não tinha chave, bateu à porta e ficou mais do que desapontado quando foi aberta pela mulher que conhecera (ou melhor, não conhecera) no banheiro. Ele se apresentou como o ocupante anterior e logo esclareceu que a) ele, Richard, não morava mais lá e b) ela, a sra. Buchanan, não tinha a menor ideia do que acontecera com seus pertences. Richard fez algumas anotações, despediu-se com gentileza e pegou outro táxi para encontrar o homem do casaco de pelo de camelo.

O homem simpático de casaco de pelo de camelo não estava usando o casaco de pelo de camelo e, na verdade, pareceu bem menos simpático do que da última vez que Richard o vira. Estavam sentados no escritório do sujeito, que escutou a lista de reclamações de Richard com a expressão de alguém que acabara de engolir uma aranha viva sem querer e estava começando a senti-la se mover dentro de si.

— Bem, sim — admitiu o sujeito, depois de consultar os arquivos. — Parece que tem mesmo um problema, agora que você mencionou. Não sei

como isso pode ter acontecido.

— Acho que não importa “como” — retrucou Richard, soando racional. — O fato é que, enquanto fiquei fora por algumas semanas, você alugou meu apartamento para — ele consultou as anotações — George e Adele Buchanan. Que não têm a menor intenção de deixar o local.

O homem fechou o arquivo.

— Bem, erros acontecem. Falha humana. Infelizmente, não há nada que eu possa fazer.

O velho Richard, o homem que vivera no lar que agora pertencia aos Buchanan, teria entrado em desespero, pedido desculpas pelo incômodo e ido embora. Mas Richard falou:

— Sêrio? Não há nada que você possa fazer? Você alugou para outra pessoa uma propriedade que eu estava alugando legalmente com a sua empresa e, no processo, perdeu todos os meus móveis e pertences, e não há nada que possa fazer? Ora, eu acho, ou melhor, eu tenho certeza de que meu advogado vai concordar que há muita coisa que você possa fazer.

O homem sem o casaco de pelo de camelo fez cara de quem sentia a aranha começar a se arrastar pela garganta.

— Mas não temos nenhum outro apartamento como o seu vago naquele prédio — explicou. — Só a cobertura.

— O que vai me servir muito bem — retrucou Richard, com frieza.

O homem pareceu relaxar.

— Agora vamos tratar da compensação pela perda dos meus pertences.

O novo apartamento era muito melhor que o anterior. Tinha mais janelas, uma sacada, uma sala espaçosa e um quarto extra de verdade. Richard andou de um lado para o outro, insatisfeito. O homem sem casaco de pelo de camelo, muito a contragosto, concordara em mobiliar o apartamento com uma cama, um sofá, várias cadeiras e um aparelho de televisão.

Richard colocou a faca de Hunter na cornija da lareira.

Comprou curry para viagem no restaurante indiano do outro lado da rua, sentou-se no chão acarpetado do novo apartamento e comeu, ponderando se teria de fato comido curry tarde da noite em um mercado de rua no convés de uma canhoneira ancorada perto da Tower Bridge. Não parecia muito provável, se parasse para pensar.

A campainha tocou. Richard se levantou e atendeu a porta.

— Encontramos muitas das suas coisas, sr. Mayhew — anunciou o homem que usava outra vez o casaco de pelo de camelo. — Acabou indo parar no armazém. Certo, pessoal, levem as coisas para dentro.

Dois homenzarrões carregaram várias caixas de madeira atulhadas com as coisas de Richard e as depositaram no carpete, bem no meio da sala de

estar.

— Obrigado — disse Richard.

Ele abriu a primeira caixa e desembalou um objeto enrolado em papel: era um porta-retratos com a foto de Jessica. Encarou-a por alguns momentos, então o guardou de volta na caixa. Encontrou a caixa que continha suas roupas, tirou-as de lá e guardou-as no quarto, mas deixou as outras caixas no meio da sala de estar, intocadas. Conforme os dias passavam, sentia-se cada vez mais culpado por não desempacotá-las. Mas não o fez.

Estava no escritório, sentado à sua mesa, olhando pela janela, quando o intercomunicador tocou.

— Richard — chamou Sylvia. — O DG quer fazer uma reunião no escritório dele em vinte minutos para discutir o Relatório da Wandsworth.

— Beleza — respondeu.

Então, como não tinha nada melhor para fazer durante os próximos dez minutos, pegou um troll laranja e o usou para ameaçar um troll de cabelo verde ligeiramente menor.

— Eu sou o maior guerreiro da Londres de Baixo. Prepare-se para morrer! — exclamou, com uma voz perigosa e parecida com a de um troll, balançando o troll laranja.

Então pegou o troll de cabelo verde e respondeu, com uma voz igualmente monstruosa, mas diminuta:

— Arrá! Mas, primeiro, você deve tomar uma bela xícara de chá...

Alguém bateu à porta e, sentindo-se meio culpado, ele guardou os trolls.

— Pode entrar — gritou.

A porta se abriu, e Jessica entrou e ficou parada sob o batente. Parecia nervosa. Ele se esquecera de como ela era linda.

— Oi, Richard.

— Oi, Jess — respondeu ele, mas logo se corrigiu: — Desculpa... Jessica. Ela sorriu e balançou o cabelo.

— Ah, pode ser Jess — respondeu, parecendo bem sincera. — Jessica... Jess. Ninguém me chama assim há muito tempo. Até senti falta.

— Então, o que traz... a que devo a honra... você, hã...

— Eu só queria ver você.

Richard não sabia o que dizer.

— Que bom.

Ela fechou a porta do escritório e avançou alguns passos na direção dele.

— Richard. Sabe o que é mais estranho? Eu me lembro de ter ligado e terminado o noivado, mas não consigo lembrar muito bem por que brigamos.

— Não?

— Mas não importa, não é? — Jessica olhou para o escritório. — Você foi promovido?

— Sim.

— Fico feliz por você. — A mulher enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma caixinha marrom. Colocou-a na mesa de Richard. Ele abriu a caixa, mesmo sabendo o que havia lá dentro. — É a nossa aliança de noivado. Achei que deveria devolver, e, se as coisas derem certo, quem sabe um dia você possa me dar de novo.

A aliança reluzia ao sol: a maior fortuna que ele já gastara de uma vez só. Richard fechou a caixa e a devolveu.

— Pode ficar, Jessica. Sinto muito.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você conheceu alguém?

Richard hesitou. Pensou em Lamia, em Hunter, em Anaesthesia e até mesmo em Door, mas nenhuma delas era alguém no sentido que Jessica estava perguntando.

— Não. Ninguém. — E, percebendo que dizia a verdade, completou: — Eu só mudei, foi isso.

O intercomunicador zuniu.

— Richard? Estamos esperando.

Ele apertou o botão.

— Já estou descendo, Sylvia.

Richard olhou para Jessica. Ela não disse nada. Talvez temesse dizer alguma coisa. Por fim, ela saiu da sala e fechou a porta.

Richard pegou os papéis que precisaria com uma das mãos. Com a outra, esfregou o rosto como se o limpasse da mágoa, das lágrimas, ou, talvez, de Jessica.

Voltou a andar de metrô para ir e voltar do trabalho, mas logo notou que deixara de comprar jornais para ler nas jornadas matutinas e vespertinas — em vez de ler, observava os rostos das outras pessoas nos vagões, rostos de todos os tipos e cores, e se perguntava se eram mesmo todas da Londres de Cima, imaginando o que se passava por trás de seus olhos.

Alguns dias após o encontro com Jessica, durante a hora do rush da tarde, pensou ter visto Lamia no outro vagão, de costas para ele, com o cabelo escuro preso bem alto e o longo vestido negro. Seu coração começou a bater forte, e ele abriu caminho até ela pelo vagão lotado. Enquanto se aproximava, o trem parou em uma estação, as portas se abriram com um sibilo, e ela desceu. Mas não era Lamia. Só outra gótica londrina saindo para a noitada, percebeu, desapontado.

Em uma tarde de sábado, viu um enorme rato marrom parado no topo das latas de lixo nos fundos da Newton Mansions, limpando os bigodes como se fosse o dono do mundo. Quando Richard se aproximou, o animal saltou para o chão e ficou esperando nas sombras das latas de lixo, encarando-o com os olhos negros e preocupados que lembravam missangas.

Richard se agachou.

— Olá — cumprimentou, com gentileza. — A gente se conhece? — O rato não pareceu emitir qualquer resposta, pelo que Richard foi capaz de notar, mas também não fugiu. — Meu nome é Richard Mayhew — continuou, em voz baixa. — Na verdade, não sou um arauto dos ratos, mas... hã, conheço alguns ratos e... bem, conheci alguns e estava pensando se você conhece lady Door...

Ouviu um sapato se arrastar no pavimento atrás dele e virou-se, vendo que os Buchanan o encaravam, perplexos.

— Você... perdeu alguma coisa? — perguntou a sra. Buchanan.

Richard ouviu, mas ignorou, quando o marido resmungou em resposta:

— Só a noção.

— Não — respondeu Richard, honestamente. — Estava só cumprimentando um...

O rato saiu em disparada.

— Aquilo era um rato? — indagou George Buchanan. — Vou reclamar com o condomínio. Que desgraça. Mas assim é a nossa Londres, não é mesmo?

Sim, concordou Richard. Era. Era mesmo.

Seus pertences continuavam intocados nas caixas de madeira no meio da sala de estar.

Ainda não ligara a televisão. Voltava para casa de noite e jantava, então ficava de pé na janela, observando Londres, os carros, os telhados e as luzes enquanto o crepúsculo do outono se transformava em noite e as luzes pontilhavam toda a cidade. Ficava olhando até as luzes começarem a ser apagadas, sozinho no apartamento escuro. Eventualmente, depois de muito relutar, tirava a roupa, deitava na cama e dormia.

Sylvia foi até seu escritório na tarde de sexta-feira. Richard estava abrindo envelopes com sua faca — a faca de Hunter.

— Richard? Eu estava aqui pensando... Você não tem saído muito ultimamente, não é? — Ele balançou a cabeça. — Então, o pessoal vai sair hoje à noite. Quer ir com a gente?

— Hã... Claro. Sim. Seria ótimo.

Seria um saco.

Eram oito pessoas: Sylvia e o namorado mais novo, que trabalhava com carros retrô; Garry, da contabilidade, que acabara de terminar com a namorada por algo que ele insistia em descrever como leve desentendimento (Garry achava que ela não fora tão compreensiva quanto esperava ao descobrir que ele tinha dormido com a melhor amiga dela); várias pessoas perfeitamente legais e os amigos dessas pessoas legais; além da menina nova da informática.

Primeiro viram um filme no Odeon, na Leicester Square. O mocinho ganhou, e havia muitas explosões e objetos voando para todos os lados. Sylvia decidiu que Richard deveria se sentar ao lado da garota da informática, pois, como explicou, ela acabara de chegar na empresa e não conhecia muita gente.

Andaram até a Old Compton Street, na fronteira do Soho, onde o cafona e o chique ficavam lado a lado, em um acordo de mútuo benefício, e comeram no La Reache — encheram a pança de cuscuz e de dezenas de aperitivos maravilhosos e exóticos cujos muitos pratos cobriram a mesa e transbordaram para a do lado. De lá, andaram até um pequeno pub de que Sylvia gostava muito, perto da Berwick Street, onde tomaram uns drinques e bateram papo.

A menina nova da informática sorria muito para Richard, conforme a noite avançava, e ele não tinha muito o que dizer a ela. Pagou uma rodada de bebida para todos, e a menina da informática o ajudou a carregar os copos até a mesa. Garry foi ao banheiro, e a garota da informática se sentou ao lado de Richard, tomando o lugar dele. Richard sentia a cabeça cheia de tilintar dos copos, do barulho da caixa de música e do cheiro forte de cerveja, Bacardi derramado e fumaça de cigarro. Tentou ouvir as conversas ao redor da mesa e notou que não conseguia mais se concentrar no que as pessoas diziam e, para piorar, não estava nem um pouco interessado no pouco que conseguia compreender.

Então, tudo ficou claro, tão claro e definitivo como se tivesse assistido à cena na telona do Odeon, na Leicester Square: via o resto de sua vida. Naquela noite, levaria a garota da informática para casa e fariam amor com muita delicadeza; no dia seguinte, como era um sábado, passariam a manhã na cama. Sairiam da cama e, juntos, desencaixotariam as coisas de Richard e guardariam tudo. Em pouco menos de um ano, ele se casaria com a garota da informática, receberia outra promoção, e eles teriam dois filhos: um menino e uma menina. Então se mudariam para os subúrbios, para Harrow, Croydon, Hampstead ou até mesmo a distante Reading.

E não seria uma vida ruim. Também sabia disso. Às vezes, não há nada que se possa fazer.

Quando Garry voltou do banheiro, olhou ao redor perplexo. Todo mundo continuava lá, exceto...

— Dick? — chamou. — Alguém viu Richard?

A garota da informática deu de ombros.

Garry saiu do bar, que ficava na Berwick Street. O frio da noite batia em seu rosto como se tivessem jogado água. Sentia o gosto de inverno no ar.

— Dick? — chamou. — Ei? Richard?

— Aqui.

Richard estava encostado em um muro, nas sombras.

— Estou só tomando um ar.

— Tudo bem?

— Sim — respondeu Richard. — Não. Não sei.

— Bem, acho que isso cobre todas as opções. Quer conversar?

Richard o encarou, muito sério.

— Você vai rir da minha cara.

— Eu vou fazer isso de qualquer maneira.

Richard olhou para Garry. E Garry ficou aliviado em vê-lo sorrir, como uma confirmação de que ainda eram amigos. Ele olhou de volta para o pub. Então enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Vamos lá — pediu. — Vamos dar uma volta. Você tira esse peso das costas, e *aí* eu rio da sua cara.

— Idiota — retrucou Richard, soando muito mais como o Richard que ele conhecia do que o Richard das últimas semanas.

— É para isso que servem os amigos.

Eles começaram a caminhar sob as luzes dos postes.

— Sabe, Garry — começou Richard —, você já parou para pensar se a vida é só isso?

— Como assim?

Richard fez um gesto vago, indicando tudo ao redor.

— Trabalho. Casa. Bares. Conhecer mulheres. Morar na cidade. A vida. Será que é só isso?

— Acho que é bem por aí, sim.

Richard bufou.

— Bem, para começo de conversa, eu não fui para Maiorca. Sério. Não fui *mesmo*.

Richard ia falando enquanto andava pelas ruas movimentadas dos fundos do Soho, entre a Regent Street e a Charing Cross Road. Falou e falou, começando pela história de como encontrou uma garota sangrando na calçada e tentou ajudá-la, já que não tinha como deixá-la lá, largada, e o que acontecera em seguida. E, quando ficou frio demais para andar, entraram em um café mequetrefe vinte e quatro horas. Até que era arrumadinho, do tipo que cozinha tudo em gordura de porco e servia chá em canecas brancas e grandes com lasquinhas na cerâmica, reluzindo por causa da gordura de bacon. Richard e Garry procuraram um lugar para sentar enquanto Richard falava e Garry ouvia, então pediram ovos fritos, *baked beans* e torradas e comeram tudo enquanto Richard continuava a falar e Garry continuava a ouvir. Esfregaram torrada no restinho de gema mole. Beberam mais chá até que, por fim, Richard falou:

— ... aí Door fez alguma coisa com a chave, e eu voltei para cá. Para a Londres de Cima. Bem, a Londres de verdade. O resto você já sabe.

Ficaram em silêncio.

— Foi isso — concluiu Richard. E terminou o chá.

Garry coçou a cabeça.

— Ei — começou a dizer, depois de um tempo —, isso é verdade? Não é uma daquelas pegadinhas sem graça? Quer dizer, não vai aparecer alguém segurando uma câmera escondida, saindo de trás da mesa, e dizer que é uma pegadinha, né?

— Eu sinceramente espero que não — retrucou Richard. — Você... você acredita em mim?

Garry olhou para a conta em cima da mesa, contou suas moedas e as colocou sobre a superfície de fórmica, ao lado do pote de plástico de ketchup com o formato de um tomate de proporções exageradas e restos de molho duro na tampa.

— Bem, eu acredito que *alguma* coisa aconteceu com você, obviamente... Olha, vou ser direto: *você* acredita?

Richard o encarou. Tinha círculos escuros ao redor dos olhos.

— Se eu acredito? Não sei. Acreditei. Estive lá. Em dado momento, você até apareceu, sabe.

— Você não tinha mencionado isso.

— Foi uma parte bem assustadora. Você me disse que eu estava maluco, alucinando enquanto perambulava por Londres como um doido varrido.

Saíram do café e seguiram na direção de Piccadilly Circus.

— Bem, convenhamos que isso faz muito mais sentido do que sua Londres mágica e subterrânea, onde vão parar as pessoas que caem pelas fendas. Já passei pelas pessoas que caíram e foram esquecidas pela sociedade, Richard: elas dormem nas portas das lojas lá perto da Strand Street. E não vão para uma Londres especial. Elas congelam e morrem durante o inverno.

Richard não respondeu.

— Acho que você pode ter levado uma pancada na cabeça — continuou Garry. — Ou sofrido algum choque quando levou o fora de Jessica. Você pirou por um tempo. Aí melhorou.

Richard sentiu um calafrio.

— Sabe o que mais me assusta? Acho que você pode estar certo.

— E daí que a vida não é empolgante? — continuou Garry. — Beleza. Eu consigo viver com o tédio. Pelo menos sei onde vou comer e dormir hoje à noite. Ainda terei meu emprego na segunda. Não é?

Ele se virou para Richard, que assentiu, hesitante.

— É.

Garry olhou para o relógio.

— Caramba! — exclamou. — Já passou das duas. Espero que ainda tenha algum táxi passando por aqui.

Andaram pela Brewer Street, onde o Soho fazia fronteira com a Piccadilly, passaram pelas luzes dos bordéis e clubes de strip-tease. Garry reclamava dos táxis. Não dizia qualquer coisa original, muito menos interessante. Simplesmente cumpria sua obrigação, como todo londrino, de reclamar dos táxis:

— ... e estava com a luz acesa e tudo mais — ia dizendo. — Eu falei para onde queria ir, e ele respondeu: “Me desculpe, mas estou indo para casa.” E eu falei: “Onde é que vocês, taxistas, moram, afinal? E por que não é mais perto de mim?” O truque é entrar no táxi primeiro, e só então dizer que você mora ao sul do rio. Tipo, e o que ele queria dizer com isso? Do jeito que dirigiu até Battersea, parecia que seria o mesmo que ir até Katmandu...

Richard parou de prestar atenção. Quando chegaram à Great Windmill Street, ele atravessou a rua e examinou a vitrine da *Revistaria Vintage*, examinando as caricaturas de estrelas de cinema esquecidas, os velhos cartazes e as revistas de quadrinhos em exibição. Um vislumbre de um mundo de aventura e imaginação. E não era real. Disse isso a si mesmo.

— E aí, o que você acha? — indagou Garry.

Richard voltou ao presente com um solavanco.

— De quê?

Garry percebeu que Richard não ouvira uma palavra do que ele havia dito. Então repetiu:

— Se não encontrarmos um táxi, podemos pegar o ônibus noturno.

— Sim — concordou Richard. — Beleza. Sem problemas.

Garry fez careta.

— Você está me deixando preocupado.

— Desculpa.

Desceram a Great Windmill Street na direção da Piccadilly. Richard enfiou as mãos bem fundo nos bolsos. Ficou perplexo por um instante e

tirou uma pena negra e amassada de corvo, com uma linha vermelha amarrada ao redor da ponta.

— O que é isso? — perguntou Garry.

— É uma... — Hesitou. — É só uma pena. Você tem razão. É lixo.

Ele jogou a pena na sarjeta e não olhou para trás.

Garry hesitou. Então sugeriu, escolhendo as palavras com cuidado:

— Já pensou em procurar um médico?

— Procurar um médico? Olha, Garry, eu não estou louco.

— Tem certeza?

Um táxi se aproximou com a luz de serviço acesa.

— Não — respondeu Richard, sinceramente. — Olha, um táxi. Pode pegar. Eu espero o próximo.

— Obrigado.

Garry fez sinal e entrou antes de dizer ao motorista que queria ir para Battersea. Ele baixou o vidro enquanto o táxi saía e disse:

— Richard... essa é a realidade. Acostume-se a ela. É tudo que existe. A gente se vê na segunda.

Richard acenou para Garry e ficou olhando o táxi partir. Então deu a volta e caminhou para longe das luzes da Piccadilly, subindo a Brewer Street outra vez. A pena não estava mais na sarjeta. Richard parou ao lado de uma velha que dormia um sono pesado na porta de uma loja. Ela estava enrolada em um cobertor velho, e suas poucas posses — duas caixas de papelão cheias de tralhas e um guarda-chuva sujo que já fora branco — estavam amarrados ao pulso por um barbante, assim ninguém poderia roubá-los enquanto ela dormia. A velha usava um gorro de lã sem cor determinada.

Richard pegou a carteira, achou uma nota de dez libras e inclinou-se para enfiar a nota dobrada na mão da mulher. A velha abriu os olhos e acordou com um susto. Ela piscou ao ver o dinheiro com seus olhos velhos.

— O que é isso? — indagou, sonolenta, irritada por ter sido acordada.

— É para você — respondeu Richard.

Ela desdobrou o dinheiro e o guardou na manga da jaqueta.

— Quequívocêquê? — perguntou, cheia de suspeitas.

— Nada — respondeu Richard. — Sério, não quero nada. Mesmo. — Então percebeu como era real aquela frase; quão terrível a situação havia se tornado. — Você já teve tudo que sempre quis? Aí percebeu que não era o que queria?

— Não que eu lembre — respondeu a mulher, limpando a remela do canto dos olhos.

— Eu achei que quisesse isso — contou Richard. — Achei que quisesse uma vida normal e tranquila. Sabe, talvez eu esteja doido. Talvez. Mas se isso é tudo que há, então não quero ser são. Sabe? — A mulher balançou a

cabeça. Ele enfiou a mão no bolso interno do casaco. — Está vendo isso? — perguntou, mostrando a faca. — Hunter me deu isso ao morrer.

— Não me machuque — pediu a velha. — Eu não fiz nada.

Havia uma intensidade estranha em sua voz, quando ele continuou:

— Eu limpei o sangue dela da lâmina. Um caçador cuida de suas armas. O Conde me sagrou cavaleiro com isso aqui. Ele me concedeu a liberdade do Submundo.

— Não sei de nada disso — respondeu a velha. — Por favor. Guarde essa faca. Isso, bom menino.

Richard ergueu a faca. Então se lançou contra o muro de tijolos ao lado da porta na qual a mulher dormia. Cortou três vezes, riscando o muro: uma na horizontal e duas na vertical.

— O que você está fazendo? — perguntou a mulher, preocupada.

— Uma porta.

Ela bufou.

— É melhor guardar isso. Se a polícia vir, vão levar você preso.

Richard olhou para o desenho da porta que rabiscara na parede. Guardou a faca no bolso e começou a dar socos na parede.

— Ei — gritou. — Tem alguém aí? Alguém me escuta? Sou eu... Richard. Door? Alguém?

Ele machucou as mãos, mas continuou batendo, castigando a alvenaria.

Quando a loucura o deixou, ele parou de bater.

— Desculpa — pediu à velha.

Ela não respondeu. Voltara a dormir, ou, o que era mais provável, fazia de conta que voltara a dormir. Roncos senis, reais ou inventados, vieram de perto do batente. Richard sentou-se na calçada e se perguntou como alguém conseguia bagunçar tanto a própria vida como ele acabara de fazer. Então olhou outra vez para a porta que desenhara na parede.

Havia um buraco em forma de porta na parede, onde ele riscara com a faca. Um homem estava ali parado, com os braços dobrados de forma teatral. Ele ficou lá até ter certeza de que Richard o vira. Então deu um bocejo exagerado, cobrindo a boca com a mão escura.

O marquês De Carabás ergueu uma sobrancelha.

— E aí? — indagou, irritado. — Você vem ou não?

Richard o encarou por um milésimo de segundo.

Então assentiu, sem confiar no que poderia dizer, e se levantou. Eles foram embora juntos, passando pelo buraco na parede, de volta à escuridão, sem deixar nada para trás; nem mesmo uma porta.

UMAS COISINHAS A MAIS...



UM PRÓLOGO COMPLETAMENTE DIFERENTE, QUATROCENTOS ANOS ANTES

ERAM MEADOS DO século XVI e chovia na Toscana: uma chuva fria e incômoda que deixava o mundo acinzentado.

Um borrão de fumaça preta se erguia para o céu da manhã, vinda do pequeno mosteiro na colina.

Dois homens estavam sentados lá, observando o edifício que começava a pegar fogo.

— Será uma ótima conflagração, senhor Vandemar — comentou o menor dos dois, apontando para a fumaça com a mão sebosa. — Assim que terminar de conflagrar. Embora minha enorme consideração com a verdade possa me compelir a confessar minhas dúvidas quanto às chances de que algum dos habitantes esteja em posição de apreciar este fato de forma plena.

— Por estarem mortos, você quer dizer, senhor Croup? — perguntou o outro.

Ele comia algo que parecia já ter sido um cachorrinho, usando a faca para cortar pedaços volumosos da carcaça e enfiá-los na boca.

— Sim, por estarem mortos, como o senhor pontuou de forma tão erudita, meu sapiente amigo.

Para se diferenciar os dois interlocutores, é preciso observar: primeiro, o sr. Vandemar é cinco palmos mais alto que o sr. Croup.

Segundo, o sr. Croup tem olhos de porcelana azul desgastada, enquanto os do sr. Vandemar são castanhos.

Terceiro, o sr. Vandemar usa na mão direita anéis confeccionados com os crânios de quatro corvos bem avantajados, enquanto o sr. Croup não ostenta joias visíveis.

E, quarto, o sr. Croup aprecia palavras, enquanto o sr. Vandemar está sempre com fome.

Com uma lufada de ar quente, o monastério ficou imerso em chamas: conflagrou-se.

— Não me chame de sapiente. Eu não gosto de sapos — pediu o sr. Vandemar. — Sapos têm gosto estranho.

Alguém gritou; os dois ouviram um barulho bem alto quando o telhado desabou; o estrondo das chamas aumentou.

— Alguém não estava morto — comentou o sr. Croup.

— Agora está — disse o sr. Vandemar, comendo outra fatia de cachorrinho cru. Encontrara seu almoço largado em uma vala, morto, no caminho de volta do monastério. Ele gostava do século XVI. — O que faremos depois disso?

O sr. Croup sorriu, exibindo dentes que lembravam um cemitério depois de um terremoto.

— Cerca de quatrocentos anos no futuro — respondeu. — Na Londres de Baixo.

O sr. Vandemar digeriu a ideia com mais um pouco do cachorrinho. Depois de um tempo, perguntou:

— Matar pessoas?

— Ah, sim — respondeu o sr. Croup. — Creio que posso garantir isso com plena certeza.

COMO O MARQUÊS RECUPEROU SEU CASACO

Comecei esta história em 2002 e parei de escrever quase que na mesma hora. Sempre quis voltar a ela, mas nunca o fiz.

Em 2013, a Radio 4 da BBC transmitiu uma adaptação de Lugar Nenhum. Foi adaptada por Dirk Maggs e estrelada por James McAvoy, Natalie Dormer e Benedict Cumberbatch. Eles enviaram uma versão para que eu ouvisse.

É maravilhosa, pensei. Queria que tivesse mais material.

Então, terminei a história sobre o marquês e seu casaco. No livro que você acabou de ler, ela se passa pouco depois de o marquês perder o casaco e a vida.

Foi bom retornar. Foi bom finalmente reencontrar personagens que imaginei pela primeira vez há mais de vinte anos. E você pode achar que isso me deu uma vontade danada de retornar à Londres de Baixo. E deu, um pouco.

Mas, muito em breve, vai chegar a hora de retornar para uma jornada muito maior.

Neil Gaiman

ERA LINDO. NOTÁVEL. Único. Era o motivo para o marquês De Carabás estar acorrentado a um poste no meio de uma sala circular, nas profundezas mais profundas do Submundo, enquanto o nível da água subia lentamente, cada vez mais. Tinha trinta bolsos, sete bem evidentes e dezenove escondidos, além de outros quatro mais ou menos impossíveis de serem encontrados — de vez em quando, até pelo próprio marquês.

Certa vez (retornaremos ao poste, à sala e à água na hora certa), ganhara — embora o termo *ganhar* possa ser considerado exagero de uma fatalidade, mesmo que justificada — uma lente de aumento da própria rainha Vitória. Era uma peça maravilhosa: ornamentada, dourada, com uma corrente de gárgulas e pequenos querubins, e a lente tinha a habilidade inusitada de tornar transparente qualquer coisa observada através dela. O marquês não sabia onde Vitória conseguira aquela lente de aumento, mas mesmo assim aceitara como uma compensação que não tinha muita certeza se fora ou não acordada — afinal, havia apenas um Elefante, e obter o diário do Elefante não fora fácil, assim como não fora fácil escapar do Elefante e do Castelo, logo que o obteve. O marquês deslizara a lente de aumento de Vitória para dentro de um dos quatro bolsos que praticamente não existiam e nunca mais conseguiu encontrá-la.

Além dos bolsos inusitados, tinha mangas magníficas, um colarinho imponente e uma fenda nas costas. Era feito de algum tipo de couro, tinha cor de rua molhada à meia-noite e, acima e além disso tudo, tinha estilo.

Há quem diga que as roupas fazem o homem, mas eles estão enganados. Entretanto, seria perfeitamente correto dizer que, quando o garoto que se tornaria o marquês vestiu aquele casaco pela primeira vez e encarou seu reflexo no espelho, empertigou-se na mesma hora — sua postura mudou porque ele sabia, vendo aquele reflexo, que o tipo de pessoa que usava um casaco como aquele não poderia ser um jovem qualquer, muito menos um batedor de carteiras ou mercador de favores. O garoto que vestiu o casaco, na época grande demais, sorriu para o próprio reflexo e se lembrou de uma ilustração que vira em um livro: o gato de um moleiro erguido nas patas traseiras. Um gato viajante que usava um casaco elegante e botas grandes e portentosas. E foi assim que deu um nome a si mesmo.

Sabia que um casaco como aquele só poderia ser usado pelo marquês De Carabás. Nunca soube ao certo, seja naquela época ou depois, como pronunciar marquês “De Carabás”. Tinha dias que dizia de um jeito, tinha dias que dizia de outro.

A água chegou a seus joelhos, e ele pensou: *Nada disso teria acontecido se eu ainda tivesse meu casaco.*

Era dia de Mercado Flutuante depois da pior semana da vida do marquês, e as coisas não pareciam prestes a melhorar. No entanto, ele não estava mais morto, e a garganta cortada estava melhorando depressa. Até considerava bastante atraente a rouquidão causada pelo corte. Tinha lá suas vantagens.

Mas havia desvantagens óbvias em morrer, ou, pelo menos, em passar um tempo morto, e perder o casaco era a pior delas.

O Povo do Esgoto não foi de muita ajuda.

— Vocês venderam meu corpo — alegou o marquês. — Essas coisas acontecem. Vocês também venderam meus pertences. Quero tudo de volta. Eu pago.

Dunnikin, do Povo do Esgoto, deu de ombros.

— Vendemos — respondeu. — Assim como vendemos você. Não podemos sair por aí pegando de volta as coisas que vendemos. Não é bom para os negócios.

— Estamos falando do meu casaco — retrucou o marquês. — E estou decidido a recuperá-lo.

Dunnikin deu de ombros.

— Para quem você vendeu? — perguntou o marquês.

O homem não respondeu. Agiu como se não tivesse ouvido a pergunta.

— Posso lhe dar perfumes em troca — ofereceu o marquês, ocultando a irritação com toda a gentileza que conseguiu reunir. — Perfumes gloriosos, magníficos e cheirosos. Você sabe que quer.

Dunnikin encarou o marquês com um rosto de pedra. Então passou o dedo pela garganta. Em termos de gestos, refletiu o marquês, aquele foi de muito mau gosto. Ainda assim, surtiu o efeito desejado. De Carabás parou de fazer perguntas: não encontraria mais respostas ali.

O marquês foi até a ala das barraquinhas de comida. Naquela noite, o Mercado Flutuante acontecia na Tate Gallery. As barraquinhas de comida estavam no salão Pré-Rafaelita, e a maioria das tendas já estava desmontada. Quase não havia mais mercadorias expostas, apenas um sujeito deprimente vendendo algum tipo de linguiça lá no canto, debaixo da pintura de Burne-Jones que retratava moças em roupões transparentes descendo escadas. Alguns membros do Povo dos Cogumelos ainda estavam nas barracas, com os banquinhos, a bancada e uma grelha. O marquês já comera a linguiça do homem deprimente, e ele tinha a política estrita de nunca repetir o mesmo erro, pelo menos não intencionalmente. Portanto, foi até a venda do Povo dos Cogumelos.

Havia três deles tomando conta da barraca, dois jovens e uma garota. Cheiravam a umidade. Usavam casacos de campanha e jaquetas militares e espiavam por trás de cabelos sebosos, como se a luz machucasse seus olhos.

— O que estão vendendo? — perguntou o marquês.

— O Cogumelo. O Cogumelo com torrada. Cru é o Cogumelo.

— Quero um pouco do Cogumelo com torrada — declarou o marquês, e um dos membros do Povo dos Cogumelos, uma jovem pálida, magra e cor de mingau amanhecido, cortou uma fatia do fungo do tamanho de um toco de árvore. — E quero cozido e bem-passado.

— Seja valente. Coma cru — sugeriu a garota. — Junte-se a nós.

— Eu já me aventurei com o Cogumelo — retrucou o marquês. — Nós dois chegamos a um acordo.

A mulher colocou a fatia de cogumelo na grelha portátil.

Um dos garotos, um jovem alto com ombros arqueados e um casaco de campanha que cheirava a porão antigo, inclinou-se para perto do marquês e serviu um copo de chá de cogumelo. Ele se aproximou ainda mais, e o marquês notou uma pequena muda de cogumelos pálidos espalhados como espinhas sobre sua bochecha.

O sujeito Cogumelo perguntou:

— Você é De Carabás? O facilitador?

O marquês não se considerava um facilitador.

— Sim — respondeu.

— Ouvi dizer que está procurando o seu casaco. Eu estava presente quando o Povo do Esgoto o vendeu. Foi no começo do último Mercado. No *Belfast*. Vi quem comprou.

O marquês sentiu os pelos da nuca se eriçarem.

— E o que quer em troca dessa informação?

O jovem Cogumelo umedeceu os lábios com uma língua liquenácea.

— Eu gosto de uma garota, mas ela nem olha para mim.

— Uma garota Cogumelo?

— Quem dera eu tivesse tamanha sorte. Se fôssemos um no amor e no corpo do Cogumelo, não precisaria me preocupar. Não. Ela é da Raven's Court. Mas, de vez em quando, come aqui. E nós conversamos. Que nem eu e você estamos fazendo.

O marquês não abriu um sorriso de pena nem se retraiu. Praticamente nem reagiu.

— E, mesmo assim, ela não retribui seu ardor. Que estranho. O que quer que eu faça a respeito?

O jovem enfiou a mão cinzenta no bolso do longo casaco de campanha e pegou um envelope, que estava dentro de um saco transparente.

— Escrevi uma carta para ela. É mais um poema, por assim dizer, embora eu não seja um bom poeta. É para dizer como eu me sinto. Mas não sei se ela vai ler, se eu entregar. Aí vi você e pensei: se você entregasse esse poema para ela, com todas as suas palavras elegantes e floreios chiques...

— Você acha que assim ela leria e ficaria mais aberta a seus gracejos.

O jovem encarou o marquês, perplexo.

— Gracejos? Mas eu não quero que ela dê risada. Quero que ela goste de mim.

O marquês tentou não soltar um suspiro. A garota Cogumelo colocou na frente dele um prato de plástico rachado com uma fatia fumegante do Cogumelo grelhado e uma de torrada crocante.

O marquês cutucou o Cogumelo com cuidado para se certificar de que estava bem cozido e de que não continha esporos ativos. É melhor prevenir do que remediar, e o marquês se considerava egoísta demais para encarar a simbiose.

Estava gostoso. Ele mastigou e engoliu, embora tenha feito a garganta doer.

— Então você quer que eu garanta que ela leia sua missiva de desejo?

— Está falando da carta? Do poema?

— Sim.

— Então, é. E quero que você esteja lá, do lado dela, e garanta que ela não guarde o envelope sem abrir. E quero que traga a resposta dela.

O marquês encarou o jovem. Ele tinha mesmo pequenos cogumelos brotando do pescoço e das bochechas, o cabelo era pesado de sujeira, e ele cheirava a lugares abandonados, mas, por trás do visual grosseiro, também tinha olhos de um azul-claro intenso, era alto e não tão feio assim. O marquês o imaginou banhado, limpo e um pouco menos fúngico, e gostou da imagem.

— Guardei a carta nesse saquinho para que não se molhasse no caminho — explicou o jovem.

— Muito sábio da sua parte. Agora, me diga: quem comprou meu casaco?

— Ainda não, apressadinho. Você sequer me perguntou sobre meu verdadeiro amor. O nome dela é Drusilla. Vai saber quem é, já que ela é a mulher mais linda de toda a Raven's Court.

— Tradicionalmente, a beleza está nos olhos de quem vê. Preciso de mais informações.

— Eu já falei. O nome dela é Drusilla. Não tem igual. Ela tem uma marca de nascença enorme que parece uma estrela, nas costas da mão.

— Parece uma combinação amorosa improvável. Um homem do Povo do Cogumelo com uma dama da Raven's Court. O que o faz pensar que ela vai abandonar a vida que leva e segui-lo até os porões úmidos de prazeres fúngicos?

O jovem Cogumelo deu de ombros.

— Ela vai se apaixonar quando ler o poema — respondeu. Ele torceu o caule de um pequeno cogumelo guarda-sol que crescia em sua bochecha direita e, quando o fungo caiu sobre a bancada da tenda, coletou-o entre os dedos e continuou a girá-lo. — Temos um acordo?

— Temos um acordo.

— O camarada que levou seu casaco tinha um cajado — declarou o jovem Cogumelo.

— Muitas pessoas usam cajados — retrucou De Carabás.

— Mas esse cajado tinha a ponta em forma de gancho. O sujeito parecia um sapo. Baixinho. Meio gordo. Tinha cabelo cor de cascalho. Precisava de um casaco e gostou do seu.

O jovem enfiou na boca o cogumelo guarda-sol.

— Informação útil. Transmitirei seu ardor e felicitações à bela Drusilla, sem sombra de dúvida — declarou De Carabás, com uma animação que definitivamente não sentia.

O marquês pegou o saquinho das mãos do jovem do outro lado da bancada. Enfiou a encomenda em um dos bolsos costurados dentro da camisa.

E foi embora, pensando em um homem que usava um cajado com um gancho na ponta.

O marquês De Carabás usava um cobertor como substituto do casaco. Ficava enrolado nos ombros, um poncho infernal. Não estava nem um pouco feliz com aquilo. Queria seu casaco de volta. *Nem tudo que reluz é ouro*, sussurrou uma vozinha em sua mente, algo que ouvira ainda garoto. Suspeitava que fosse a voz do irmão e fez o possível para esquecer que ela tinha se pronunciado.

Um cajado com um gancho na ponta: o homem que comprara seu casaco do Povo do Esgoto carregava um cajado com um gancho na ponta.

Pensou bastante.

O marquês De Carabás gostava de ser quem era e, quando corria riscos, gostava que fossem calculados. E era alguém que calculava os riscos duas ou três vezes antes de ter certeza.

Fez as contas pela quarta vez.

O marquês De Carabás não confiava nas pessoas. Era ruim para os negócios e poderia criar precedentes problemáticos. Não confiava nos amigos, nas ocasionais amantes, e nunca, jamais, confiava em quem o contratava. Dedicava toda a confiança que tinha ao marquês De Carabás, uma figura imponente que usava um casaco imponente e era capaz de falar melhor, pensar melhor e planejar melhor que qualquer um.

Só havia dois tipos de pessoas que carregavam cajados com pontas em forma de gancho: bispos e pastores.

Em Bishopsgate, os cajados eram decorativos e puramente simbólicos. E os bispos não precisavam de casacos. Usavam batinas, afinal de contas. Batinas brancas e bonitas, bem bispais.

O marquês não tinha medo dos bispos. Sabia que o Povo do Esgoto não tinha medo dos bispos. Já com os habitantes do Shepherd's Bush a coisa era diferente. Mesmo com seu casaco, no auge de sua forma, com toda a sorte

do mundo e um pequeno exército à disposição, o marquês não gostaria de encontrar com os pastores.

Ponderou se seria boa ideia visitar Bishopsgate, passar alguns dias agradáveis por lá para confirmar que seu casaco não estava de posse de algum dos bispos.

Então soltou um suspiro dramático e foi para o Poleiro dos Guias. Lá, tentou contratar um guia que pudesse ser persuadido a levá-lo ao Shepherd's Bush.

A guia era notadamente baixinha e tinha um cabelo loiro bem curto. No começo, o marquês achou que fosse uma adolescente. Porém, depois de viajar com ela durante metade de um dia, concluiu que a mulher tinha vinte e poucos anos. Falou com meia dúzia de guias antes de encontrá-la. Seu nome era Knibbs, e ela parecia digna de confiança — e o marquês precisava de alguém confiável. Revelou os dois lugares para onde precisava ir assim que saíram do Poleiro dos Guias.

— Então, aonde você quer ir primeiro? — perguntou Knibbs. — Shepherd's Bush ou Raven's Court?

— A visita à Raven's Court é pura formalidade, não passa de uma entrega de correspondência. Para uma jovem chamada Drusilla.

— Uma carta de amor?

— Acredito que sim. Por que pergunta?

— Ouvi dizer que Drusilla é terrivelmente bela e tem o péssimo hábito de transformar os que a desagradam em aves de rapina. Você deve amá-la demais para os dois trocarem correspondências.

— Temo dizer que não conheço a jovem em questão. A carta não é minha. E não importa qual dos dois visitemos primeiro.

— Sabe — comentou Knibbs, pensativa —, é melhor irmos à Raven's Court primeiro, para o caso de alguma coisa terrivelmente desastrosa acontecer com você quando estivermos com os pastores. Assim, a bela Drusilla vai receber a carta. Não estou dizendo que algo horrível vai acontecer, ok? Só é melhor prevenir do que... morrer.

O marquês De Carabás olhou para o próprio corpo envolto no cobertor. Estava indeciso. Sabia que, se estivesse usando seu casaco, não se sentiria assim; saberia exatamente o que fazer. Olhou para a garota e abriu o sorriso mais convincente que conseguiu.

— Vamos para a Raven's Court, então.

Knibbs assentiu e se encaminhou para lá. O marquês foi atrás.

Os caminhos da Londres de Baixo não são os mesmos da Londres de Cima: dependem muito de crença, opinião e tradição, ao menos tanto quanto da realidade dos mapas.

De Carabás e Knibbs eram duas figuras diminutas andando por um túnel alto de teto arqueado, esculpido na rocha branca muito antiga. Seus passos ecoavam.

— Você é o marquês De Carabás, não é? — indagou Knibbs. — Você é famoso. Sabe chegar aos lugares. Por que precisa de um guia?

— Duas cabeças pensam melhor que uma — respondeu De Carabás. — E dois pares de olhos veem muito mais.

— Você não tinha um casaco bacana?

— Sim, eu tinha.

— O que aconteceu com ele?

O marquês ficou alguns instantes em silêncio.

— Mudei de ideia — disse, por fim. — Vamos primeiro ao Shepherd's Bush.

— Sem problemas — respondeu a guia. — É fácil chegar a qualquer um dos dois. Vou esperar fora da feitoria dos pastores, se não se importa.

— Garota esperta.

— Meu nome é Knibbs. Não me chame de garota. Quer saber por que virei guia? É uma história interessante.

— Para falar a verdade, não — respondeu o marquês. Não se sentia particularmente propenso a conversar, e a guia seria bem paga pelo trabalho.

— Por que não caminhamos em silêncio?

Knibbs assentiu e não falou mais até chegarem ao fim do túnel, nem quando desceram por uma escada de metal presa a uma parede. Só voltou a falar quando chegaram às margens do Mortlake, o vasto Lago dos Mortos no subterrâneo, enquanto acendia uma vela na praia para chamar o barqueiro.

— A parte interessante de ser guia é que somos vinculados. Então as pessoas sabem que não vamos levá-las para o lugar errado.

O marquês grunhiu em resposta. Estava pensando no que dizer aos pastores na feitoria, testando alternativas em meio às várias probabilidades e possibilidades. O problema era que não possuía qualquer coisa que fosse do interesse deles.

— Se levar alguém para o caminho errado, a pessoa nunca mais consegue trabalho como guia — comentou Knibbs. — É por isso que somos vinculados.

— Eu sei — respondeu o marquês.

Que guia irritante, pensou. Duas cabeças pensam melhor que uma se a outra cabeça calar a boca e não ficar dizendo coisas que ele já sabe.

— Fui vinculada na Bond Street — continuou a garota.

Ela indicou a correntinha amarrada no pulso.

— Não estou vendo o barqueiro — comentou o marquês.

— Ele já vai chegar. Fique de olho naquela direção e faça sinal quando ele aparecer. Vou olhar para o outro lado. De um jeito ou de outro, vamos vê-lo.

Ficaram observando a água negra do lago. Knibbs voltou a tagarelar:

— Antes de eu ser guia, quando era pequena, meu povo me treinou para isso. Disseram que era o único jeito de satisfazer a honra.

O marquês olhou para ela. A garota segurava a vela diante dos olhos. *Está tudo estranho*, pensou o marquês, e notou que deveria ter prestado atenção na garota desde o princípio. *Está tudo errado*.

— Quem é o seu povo, Knibbs? De onde você vem?

— Venho de um lugar onde você não é mais bem-vindo — respondeu a garota. — Fui nascida e criada para prestar vassalagem e lealdade ao Elefante e ao Castelo.

Algo o acertou na nuca, algo como uma martelada, e o marquês viu estrelas na escuridão da mente enquanto desabava no chão.

De Carabás não conseguia mexer os braços. Reparou que estavam amarrados às costas. Ele estava deitado de lado.

Estivera inconsciente. Se as pessoas que tinham feito aquilo continuassem achando que ele estava inconsciente, o melhor seria não convencê-las do contrário. Abriu os olhos o mínimo possível e espiou o mundo.

Uma voz grave e rouca comentou:

— Ah, não seja tolo, De Carabás. Não acredito que você ainda esteja apagado. Tenho orelhas grandes. Posso ouvir as batidas do seu coração. Abra os olhos de uma vez, seu pilantra. Encare-me como homem.

O marquês reconheceu a voz e torceu para estar enganado. Abriu os olhos. Viu pernas; pernas humanas e pés descalços. Dedos grossos e bem juntos. As pernas e os pés tinham cor de teca. Conhecia aquelas pernas. Não estava enganado.

Sua mente se dividiu em duas: uma pequena parte o crucificava pela tolice e falta de atenção. Knibbs *contara* a ele, pelo Templo e pelo Arco, ele é que não tinha ouvido. Mas, mesmo furioso com a própria tolice, o restante do cérebro assumiu o controle, e ele forçou um sorriso e disse:

— Mas que honra. Você não precisava de todo esse esforço para nos encontrarmos. Ora, a mera menção de que Vossa Proeminência tivesse o menor dos desejos de me ver...

— Faria você correr na direção oposta o mais rápido que essas perninhas magrelas permitissem, como o covarde que é — completou o sujeito com pernas cor de teca. Ele estendeu a tromba verde e azulada, longa e flexível, que chegava aos tornozelos, e deitou o marquês de costas no chão.

De Carabás começou a esfregar os pulsos amarrados bem devagar no concreto abaixo do corpo.

— De maneira alguma. Pelo contrário. Não tenho palavras para descrever o prazer que sinto diante de vossa paquidérmica presença. Posso

sugerir que me solte e me permita cumprimentá-lo de homem para... elefante?

— Melhor não, ainda mais depois de todo o esforço que despendi para ter esse encontro — retrucou o sujeito. Tinha a cabeça de um elefante verde e cinzento. As presas eram afiadas e manchadas de marrom avermelhado nas pontas. — Sabe, quando descobri o que você tinha feito, jurei que o faria gritar e implorar por misericórdia. E jurei que diria não, recusando a clemência quando você a pedisse.

— Em vez disso, você poderia dizer sim — sugeriu o marquês.

— Não tenho como dizer sim. Você abusou da minha hospitalidade — retrucou o Elefante. — E eu nunca esqueço.

Quando ele e o mundo eram muito mais jovens, o marquês fora contratado para levar o diário do Elefante até a rainha Vitória. O Elefante regia seu feudo com arrogância e, às vezes, até malícia, sem o menor senso de humor ou qualquer sensibilidade, e o marquês achou que ele fosse idiota. Chegou até a acreditar que não tinha como o Elefante identificar corretamente o papel do marquês no desaparecimento do diário. Mas isso tudo acontecera havia muito tempo, quando o marquês era jovem e tolo.

— Todo esse esforço com o treinamento de uma guia para me trair na eventualidade de eu contratá-la — comentou o marquês. — Não é exagero?

— Você não diria isso se me conhecesse bem — retrucou o Elefante. — Quem me conhece bem sabe que fui muito moderado. E também fiz várias outras coisas para encontrá-lo.

O marquês tentou se sentar. O Elefante o empurrou de volta para o chão com o pé descalço.

— Implore por misericórdia — exigiu.

Essa era fácil.

— Misericórdia! — exclamou o marquês. — Estou implorando! Seja misericordioso, este é o maior dom que existe. Combina com você, ó poderoso Elefante, que é senhor de seu próprio território, tenha misericórdia com aquele que não é sequer digno de limpar a sujeira de seus dedos soberbos...

— Sabia que tudo que você fala soa sarcástico? — indagou o Elefante.

— Não. E peço desculpas. Cada palavra que eu disse é sincera.

— Grite — mandou o Elefante.

O marquês De Carabás gritou muito alto por um bom tempo. É difícil gritar quando a garganta foi cortada recentemente, mas ele deu o grito mais alto e cheio de autocomiseração que conseguiu.

— Até seus gritos são sarcásticos — comentou o Elefante.

Um grande cano de ferro saía da parede. Uma válvula ao lado do cano abria e fechava a vazão de seja lá o que saísse dali. O Elefante girou a

válvula com os braços poderosos, e um pouco de líquido preto escorreu, seguido por um esguicho de água.

— É o cano de drenagem — explicou. — Bem, é o seguinte: eu fiz minha lição de casa. Você mantém a vida bem escondida, De Carabás. Fez isso por todos esses anos, desde a primeira vez que nossos caminhos se cruzaram. Nem adianta tentar algum dos meus truquezinhos enquanto sua vida estiver guardada. Tenho gente infiltrada por todos os cantos da Londres de Baixo... gente com quem você partilhou refeições, dormiu, riu ou foi dar uma volta pelado na torre do Big Ben... Mas nada adiantava, não enquanto sua vida estivesse protegida de qualquer mal. Até semana passada, quando todo mundo ficou sabendo que sua vida saiu do esconderijo. Foi quando anunciei que daria a liberdade do Castelo para a primeira pessoa que permitisse...

— Que você me visse gritando por misericórdia — completou De Carabás. — Você já falou.

— Você me interrompeu — reclamou o Elefante, em tom contido. — Eu ia dizer que anunciei que daria a liberdade do Castelo à primeira pessoa que me permitisse ver seu corpo.

Ele abriu a válvula até o fim, e o esguicho de água virou um jato.

— Devo avisar que existe uma maldição sobre aquele que me matar — anunciou De Carabás.

— Vou correr o risco. Embora você provavelmente tenha inventado isso. Você vai gostar da próxima parte: a sala vai se encher de água, então você vai se afogar. Aí, vou esvaziar a água, entrar aqui e rir horrores. — Ele fez um som semelhante a um trompete que o marquês achou que, no caso de um elefante, poderia ser considerado uma risada.

O Elefante saiu de seu campo de visão.

De Carabás ouviu a porta se fechar com um estrondo. Estava deitado em uma poça. Sacudiu-se e se remexeu, e conseguiu ficar de pé. Olhou para baixo: uma algema de metal prendia seu tornozelo a uma corrente enrolada no poste de metal no meio da sala.

Queria muito estar usando seu casaco: dentro dele tinha lâminas, gazuas, botões aparentemente inocentes que de inocentes não tinham nada. Esfregou a corda que amarrava os pulsos ao poste de metal, torcendo para que se rompesse, sentindo a pele dos pulsos e das palmas das mãos se esfoliando enquanto a corda absorvia água e apertava ainda mais. O nível da água continuou a subir, já estava na cintura.

De Carabás examinou a câmara. Só precisava soltar as amarras dos pulsos — o que obviamente conseguiria soltando o poste na qual estava preso —, abrir as algemas que prendia os tornozelos, fechar o registro, sair da sala, evitar o Elefante vingativo ou qualquer um de seus capangas e fugir.

Puxou o poste, que não se moveu. Puxou com mais força. O poste se moveu menos ainda.

Encostou-se no poste e pensou na morte, uma morte final e verdadeira. Pensou no casaco.

Uma voz sussurrou em seu ouvido:

— Fique quieto!

Alguma coisa puxou seus pulsos, e as amarras caíram. Só quando a vida lhe voltou às mãos é que ele notou como os nós estavam apertados. Deu meia-volta.

— Como assim? — indagou o marquês.

O rosto que viu era tão familiar quanto o seu próprio. O sorriso era devastador, e os olhos, aventureiros e inocentes.

— Tornadozelo — disse o homem, com um sorriso ainda mais devastador que o anterior.

O marquês De Carabás não estava devastado. Ergueu a perna, e o homem se abaixou, fez algo com um pedaço de fio e removeu a algema.

— Ouvi dizer que você estava metido em uma situação meio problemática — explicou o sujeito.

Sua pele era tão escura quanto a do marquês. Ele era menos de um centímetro mais alto que De Carabás, mas se portava de tal modo que parecia muito mais alto que qualquer um que ele conhecesse.

— Não. Nada problemática. Estou bem — retrucou o marquês.

— Não está, não. Acabei de resgatar você.

De Carabás o ignorou.

— Onde está o Elefante?

— Do outro lado daquela porta, com muitas pessoas trabalhando para ele. As portas travam automaticamente quando a sala se enche de água. Ele precisava ter certeza de que não ficaria trancado aqui dentro com você. Era com isso que eu estava contando.

— Contando?

— Claro. Estou seguindo esse pessoal faz algumas horas. Desde que fiquei sabendo que você tinha saído por aí com um dos agentes infiltrados do Elefante. *Péssima escolha*, pensei. *Ele vai precisar de uma mãozinha*.

— Ficou sabendo...?

— Ei — interrompeu o homem. Ele parecia um pouco o marquês De Carabás, só que um pouco mais alto, e algumas pessoas (mas não o próprio marquês, claro) talvez o considerassem um tantinho mais atraente. — E você achou que eu deixaria alguma coisa acontecer com meu irmãozinho?

A água chegava até a cintura dos dois.

— Eu estava bem — resmungou De Carabás. — Estava tudo sob controle.

O homem foi até o outro extremo da sala. Ajoelhou-se, remexeu em alguma coisa submersa e tirou da mochila algo que parecia um pequeno pé de cabra. Pressionou uma das extremidades abaixo da superfície.

— Prepare-se. Acho que vai ser o caminho mais rápido para fora daqui.

O marquês ainda estava estalando os dedos que formigavam, tentando fazê-los voltar à vida.

— E qual é? — indagou, fingindo indiferença.

— Vamos nessa — anunciou o sujeito, puxando um grande quadrado de metal. — É o ralo.

De Carabás não teve a chance de protestar, pois o irmão o carregou e o jogou dentro do buraco no chão.

Deveriam instalar atrações como essa nos parques, pensou De Carabás. Conseguia imaginá-las. Moradores do mundo de cima pagariam muito dinheiro para curtir aquela atração, se tivessem certeza de que sobreviveriam.

Ele foi batendo pelos canos, deslizando com o fluxo de água, descendo cada vez mais. Não sabia ao certo se sobreviveria à atração e não estava se divertindo.

O marquês se ralou e se bateu nas paredes enquanto descia pelo cano. Cambaleou para fora, caindo de cara em uma caçamba de metal, que parecia pouco capaz de sustentar seu peso. Arrastou-se para fora da caçamba e caiu no piso de pedra ao lado. Sentiu um arrepio.

Ouviu um barulho improvável, seguido pelo ruído do irmão se projetando para fora do cano e aterrissando de pé, como se tivesse praticado.

— Legal, né? — disse o irmão, sorrindo.

— Não muito — retrucou De Carabás. Teve que perguntar: — Você estava gritando “Uhul”?

— Claro! Você não?

De Carabás se levantou meio sem jeito.

— Como você se chama, hoje em dia? — indagou.

— O mesmo nome. Eu não mudo.

— Esse não é o seu nome real, Falcão — retrucou De Carabás.

— Mas me serve bem. Demarca meu território e minhas intenções. E você, ainda diz que é marquês?

— Sim. E sou mesmo, pois é quem digo que sou — retrucou o marquês. Tinha certeza de que soara pouco convincente. Sentiu-se tolo e diminuto.

— A escolha é sua. Enfim, tenho que ir. Você não precisa mais da minha ajuda. Fique longe de problemas. Nem precisa agradecer.

O irmão dispensou os agradecimentos de coração. Era o que mais doía.

O marquês De Carabás odiou a si mesmo. Não queria ter que dizer, mas precisava ser dito:

— Obrigado.

— Ah! — lembrou o Falcão. — Seu casaco. Corre o boato de que foi parar no Shepherd’s Bush. É só o que sei. Então... quer um conselho? Bem sincero. Sei que você não gosta de conselhos. Mas sabe esse casaco? Deixe para lá. Esqueça. Arranje um novo. Sério.

— Muito bem — interrompeu o marquês.

— Ótimo — concluiu o Falcão, sorrindo e se sacudindo como um cachorro, espirrando água para todos os lados antes de pular para as sombras e desaparecer.

O marquês De Carabás ficou de pé, pingando horrores.

Ainda tinha algum tempo antes que o Elefante descobrisse a falta de água e a falta de um corpo na sala e ir atrás dele.

Conferiu o bolso da camisa: o saquinho plástico continuava lá, e o envelope parecia seco e a salvo.

Ponderou, por um momento, sobre algo que o incomodara desde o Mercado. Por que o garoto Cogumelo usara a ele, De Carabás, para enviar uma carta à bela Drusilla? E que tipo de carta poderia persuadir uma mulher da Raven's Court, ainda mais uma com estrela na mão, a desistir da vida na corte e amar alguém do Povo do Cogumelo?

Teve uma suspeita. Não era uma ideia reconfortante, muito menos caridosa, mas a deixou de lado em nome dos problemas mais imediatos.

Poderia se esconder: ficar um tempo na encolha. Tudo aquilo passaria. Mas não parava de pensar no casaco. Fora resgatado — resgatado! — pelo irmão, algo que não aconteceria se tudo estivesse normal. Poderia encontrar um casaco novo. Claro que sim. Mas não seria o *seu* casaco.

Um pastor estava usando seu casaco.

O marquês De Carabás sempre tinha um plano e um plano de emergência; e por trás desses planos ficava o plano real, aquele que nem ele sabia, para quando tanto o plano original quanto o de emergência falhassem.

Doía muito admitir que, dessa vez, não tinha plano. Não tinha sequer um plano normal, tedioso e óbvio para abandonar assim que as coisas ficassem complicadas. Tinha apenas uma necessidade, e isso o impulsionava da mesma forma que a demanda por comida, amor ou segurança impulsionava aqueles que o marquês considerava inferiores.

Era um homem sem plano. E só queria seu casaco de volta.

O marquês De Carabás começou a andar. Tinha no bolso um envelope contendo um poema romântico, estava enrolado em um cobertor molhado e odiava o irmão por tê-lo resgatado.

Quando você se reinventa do zero, precisa de algum modelo, algo em que se inspirar ou do qual se distanciar o máximo possível — todas as coisas que ele queria ou não queria ser.

O marquês sabia quem não queria ser desde criança. Definitivamente, não queria ser como o Falcão. Não queria ser como ninguém, para falar a verdade. Queria ser elegante, brilhante, ardiloso e, acima de tudo, único.

Assim como o Falcão.

O problema é que os pastores nunca forçavam ninguém a nada. Só pegavam os impulsos e desejos naturais e os incentivavam e reforçavam, de modo que a pessoa agia de maneira bastante natural, mas só fazia o que eles queriam. Ouvira isso de um antigo pastor fugitivo a quem ajudara a cruzar o rio Tyburn rumo à liberdade e a uma vida curta mas feliz, como artista do acampamento da Legião Romana que aguardava ao lado do rio por ordens que nunca viriam.

Lembrou-se daquilo e esqueceu tudo, pois tinha medo de ficar sozinho.

Até o momento, o marquês não sabia que tinha tanto medo de ficar sozinho, e se surpreendeu com a felicidade que sentiu ao ver várias pessoas andando na mesma direção que ele.

— Fico feliz que você esteja aqui — anunciou um deles.

— Fico feliz que você esteja aqui — comentou o outro.

— Também fico feliz por estar aqui — respondeu De Carabás.

Para onde estava indo? Para onde todos estavam indo? Que bom que estavam viajando na mesma direção, juntos. Andar em grupo era sempre mais seguro.

— É bom ter companhia — comentou uma mulher branca e magra, com um suspiro feliz. E era mesmo.

— É bom ter companhia — repetiu o marquês.

— É mesmo. É bom ter companhia — concordou a pessoa do outro lado dele.

Havia algo familiar naquele sujeito. Tinha orelhas grandes como leques, e seu nariz parecia uma cobra grossa, verde-acinzentada. O marquês começou a ponderar se conhecia aquela pessoa, tentando se lembrar exatamente de onde, quando um homem que segurava um cajado com a ponta em gancho o cutucou de leve no ombro.

— Não queremos perder o ritmo, né? — comentou o homem, em um tom razoável.

O marquês pensou: *Claro que não queremos*, e acelerou o passo para não perder o ritmo.

— Que bom. Perder o ritmo é como perder a razão — explicou o homem com o cajado, e seguiu seu caminho.

— Perder o ritmo é perder a razão — repetiu o marquês em voz alta, se perguntando por que nunca reparara em algo tão óbvio e básico. Uma pequena porção deveras distante de sua mente ponderava qual seria o verdadeiro sentido daquilo.

Chegaram ao destino, e era bom estar entre amigos.

O tempo passava de forma estranha naquele lugar, mas o marquês e o amigo de rosto verde-acinzentado e nariz comprido logo receberam uma tarefa, um trabalho de verdade. Era o seguinte: precisavam se livrar de membros do rebanho que não conseguiam mais se mover ou servir, pois tudo que podia ser usado fora removido e reaproveitado. Reuniram os

últimos que restavam, com pelo, gordura e tudo mais, e os arrastaram até o fosso, onde jogaram os restos. Os turnos eram longos e cansativos, e o trabalho era sujo, mas os dois trabalharam juntos e mantiveram o ritmo.

Trabalharam orgulhosamente por vários dias, até que o marquês notou algo irritante. Alguém parecia tentar atrair sua atenção.

— Segui você — sussurrou o estranho. — Sei que você não queria que eu seguisse, mas... Bem, é a força do hábito.

O marquês não sabia do que o estranho estava falando.

— Tenho um plano de fuga, vou botá-lo em prática assim que você acordar — anunciou o estranho. — Por favor, acorde.

O marquês estava acordado. Mais uma vez, notou que não fazia ideia do que o estranho falava. Por que aquele homem achava que ele estivesse dormindo? O marquês teria dito algo a respeito, mas precisava trabalhar. Ficou pensando naquilo enquanto desmembrava outro ex-membro do rebanho, até decidir o que poderia dizer para explicar ao estranho por que ele o irritava. E disse em voz alta:

— É bom trabalhar.

Seu amigo de nariz comprido e flexível e orelhas enormes assentiu.

Eles trabalharam. Depois de um tempo, o amigo arrastou os restos de alguns ex-membros do rebanho até o fosso e os empurrou. O fosso era bem fundo.

O marquês tentou ignorar o estranho, que decidira ficar atrás dele. Estava bem incomodado, e sentiu algo cobrir sua boca enquanto suas mãos eram amarradas às costas. Não sabia o que aquilo significava. A sensação o fez se sentir bastante fora de ritmo com o rebanho. E teria reclamado, teria chamado seu amigo, mas seus lábios estavam colados, e ele era incapaz de produzir qualquer coisa além de ruídos ineficazes.

— Sou eu — sussurrou a voz atrás dele, com urgência. — Falcão. Seu irmão. Você foi capturado pelos pastores. Precisamos tirá-lo daqui. — Então completou: — Ah, não.

Um barulho invadiu o ar, semelhante a um latido. Ficou mais próximo: era um latido agudo que, de repente, se transformou em uivo triunfante e foi respondido por outros uivos ao redor.

Uma voz indagou, irritada:

— Onde está seu irmão de rebanho?

A voz grave e elefântica ribombou:

— Foi para lá. Com o outro.

— *Outro?*

O marquês torcia para que chegassem logo, encontrassem-no e resolvessem toda aquela confusão. Obviamente, aquilo era um mal-entendido. Queria estar em ritmo com o rebanho, mas estava fora de sintonia, era vítima, metera-se naquilo contra a própria vontade. Queria trabalhar.

— Pelo portão de Lud! — murmurou o Falcão.

Eles foram cercados por formas de pessoas que não eram bem pessoas: tinham rosto fino e vestiam peles. Falavam muito animadamente umas com as outras.

A pessoa desamarrou as mãos do marquês, embora tenha mantido a fita sobre sua boca. Ele não se importava. Não tinha nada a dizer.

O marquês ficou aliviado por tudo estar prestes a acabar, estava ansioso para voltar a trabalhar, mas, para sua surpresa, o sequestrador e o amigo de nariz comprido e flexível foram levados para longe do fosso, por uma passagem que acabava em uma colmeia de salinhas, cada uma cheia de gente trabalhando no ritmo.

Subiram escadas estreitas. Um de seus guardas, usando pele robusta, arranhou uma porta. Uma voz chamou:

— Entrem!

E o marquês sentiu uma empolgação quase sexual. Aquela voz. Era de alguém a quem o marquês passara a vida toda querendo agradar (a vida toda tinha se resumido a, sei lá, uma semana? Duas?).

— Um cordeiro desgarrado — anunciou um dos guardas. — E seu predador. E também o irmão de rebanho.

A sala era grande e repleta de pinturas a óleo: paisagens, a maioria manchada pela idade, por fumaça e por pó.

— Por quê? — indagou o homem, sentando-se diante da escrivaninha no fundo da sala. Ele não se virou. — Por que me perturbam com essa tolice?

— Porque — respondeu a voz, e o marquês reconheceu que era de seu sequestrador — você deu ordens de que, caso eu fosse capturado nos domínios dos pastores, fosse trazido até você para ser descartado pessoalmente.

O homem empurrou a cadeira e se levantou. Foi andando até eles, adentrando um fecho de luz. Um cajado com a ponta em forma de gancho estava encostado na parede, e ele o pegou enquanto caminhava. Olhou para o grupo por um bom tempo.

— Falcão? — indagou, finalmente, e o marquês ficou animado ao ouvir sua voz. — Ouvi dizer que você tinha se aposentado. Virado monge ou algo do gênero. Nunca sonhei que ousaria voltar aqui.

(Alguma coisa muito grande começava a ocupar a cabeça do marquês. Algo começava a envolver seu coração e sua mente. Era algo enorme, algo que ele quase podia tocar.)

O pastor arrancou a fita da boca do marquês. De Carabás sabia que deveria ter ficado feliz por isso, empolgadíssimo por atrair a atenção daquele homem.

— Agora eu entendo... Quem diria? — A voz do pastor era grave e vibrante. — Ele já está aqui. E já é um de nós? O marquês De Carabás. Sabe, Falcão, passei muito tempo desejando arrancar sua língua e moer seus

dedos enquanto você assistia, mas agora acho que seria muito mais prazeroso saber que a última coisa que você viu foi seu próprio irmão como um membro do nosso rebanho sendo o instrumento da sua destruição.

(Algo enorme encheu a cabeça do marquês.)

O pastor era rechonchudo, bem alimentado e usava roupas excelentes. Tinha um cabelo que mesclava a cor de areia com o cinza e uma expressão fustigante. Usava um casaco formidável, ainda que um pouco apertado. O casaco tinha cor de rua molhada à meia-noite.

A coisa enorme que enchia a cabeça do marquês, percebeu ele, era fúria. Era fúria e queimava dentro dele como um incêndio florestal, devorando tudo na rota das chamas vermelhas.

O casaco. Era elegante. Era lindo. Estava tão perto que ele poderia tocá-lo.

E era, inquestionavelmente, *seu*.

O marquês De Carabás não deu qualquer indicativo de que estava acordado. Teria sido um erro. Ele pensou — e pensou rápido —, e suas ideias não tinham nada a ver com a sala onde estava. O marquês tinha uma única vantagem sobre o pastor e seus cães: sabia que estava desperto e no controle de seus pensamentos, e eles, não.

Criou uma hipótese. Testou a hipótese na cabeça. Então, agiu.

— Com licença — chamou, baixinho. — Temo que é chegada minha hora de partir. Podemos acabar logo com isso? Estou atrasado para um compromisso extremamente importante.

O pastor apoiou-se no cajado. Não parecia preocupado com a situação. Apenas disse:

— Você deixou o rebanho, De Carabás.

— Parece que sim — respondeu o marquês. — Olá, Falcão. É fantástico vê-lo tão cheio de energia. E o Elefante. Que beleza. Todo mundo aqui. — Ele voltou a atenção para o pastor. — É um prazer encontrá-lo. Adorei passar um tempo com seu bando de pensadores iluminados. Mas preciso mesmo ir. É uma missão diplomática importante. Preciso entregar uma carta. Sabe como é.

— Irmão, acho que você não entendeu a gravidade da situação... — comentou o Falcão.

O marquês, que entendia perfeitamente a gravidade da situação, respondeu:

— Tenho certeza de que esses bons homens — indicou o pastor e os três sujeitos vestidos com peles, de rosto fino e parecidos com cães — vão me deixar sair, se você ficar para trás. É você quem eles querem, não eu. E tenho algo extremamente importante para entregar.

— Eu posso dar conta do recado — anunciou o Falcão.

— Você precisa ficar quieto — mandou o pastor. Pegou o pedaço de fita que tirara da boca do marquês e tapou a do Falcão.

O pastor era menor que o marquês, e mais gordo, e aquele casaco magnífico parecia meio ridículo nele.

— Algo importante para entregar? — indagou, limpando a sujeira dos dedos. — Do que estamos falando?

— Sinto muito, mas não posso revelar — respondeu o marquês. — Afinal de contas, você não é o destinatário desse comunicado diplomático.

— Por que não? O que é? E para quem?

O marquês deu de ombros. O casaco estava tão perto que ele poderia acariciá-lo.

— Só uma ameaça de morte me obrigaria a mostrá-la a você — explicou, relutante.

— Bem, isso é fácil de resolver. Considere-se ameaçado. E essa ameaça se soma à sentença de morte que você já tem por ser renegado do rebanho. E, para o engraçadinho aqui — o pastor indicou o Falcão, que nem estava rindo, com o cajado —, que tentou roubar um membro do rebanho, também há uma sentença de morte, além de tudo o que já planejamos fazer com ele.

O pastor olhou para o Elefante e perguntou:

— E eu sei que deveria ter perguntado antes, mas, pelo Bezerra Desgarrado, o que é *isso*?

— Sou um membro leal do rebanho — respondeu o Elefante, humildemente, com sua voz grave, e o marquês se perguntou se também soara tão desalmado e neutro quando fizera parte do rebanho. — Permaneci leal e no ritmo, mesmo quando esse aqui falhou.

— E o rebanho agradece por todo o seu trabalho — disse o pastor. Ele estendeu a mão e tocou a ponta afiada da presa elefântica, curioso. — Nunca vi alguém como você e, se vir outro, vai ser demais. Melhor você morrer também.

O Elefante sacudiu as orelhas.

— Mas sou parte do rebanho...

O pastor encarou o rosto enorme do Elefante.

— É melhor prevenir do que remediar — explicou. E se virou para o marquês. — E então? Onde está essa carta importantíssima?

— Dentro da minha camisa — respondeu De Carabás. — Preciso repetir que é um documento de suma importância cuja entrega está sob minha responsabilidade. Para sua própria segurança, devo pedir que não leia.

O pastor puxou a frente da camisa do marquês. Os botões saíram voando e ricochetearam das paredes para o chão. A carta estava no bolso interno.

— Uma pena. Acredito que vá ler em voz alta para todos antes de nossa morte — comentou o marquês. — Seja como for, eu lhe asseguro que eu e Falcão nem conseguiremos respirar, de tanta ansiedade. Não é mesmo, Falcão?

O pastor abriu o saquinho e olhou para o envelope. Ele o abriu e puxou uma folha de papel descolorido de lá de dentro. Saiu poeira do envelope junto com a carta. A poeira pairou no ar da sala pouco iluminada.

— Minha querida Drusilla — leu o pastor, em voz alta. — Embora eu saiba que você não sente o mesmo que sinto por você... Que *tolice* é essa?

O marquês não respondeu. Sequer sorriu. Como explicara, estava prendendo a respiração e torcia para que o Falcão tivesse entendido o recado. Estava contando, pois, naquele momento, contar parecia a melhor forma de se distrair da necessidade de respirar. Em breve precisaria de um pouco de ar.

Trinta e cinco... trinta e seis... trinta e sete...

Por quanto tempo os esporos dos cogumelos permaneceriam no ar?

Quarenta e três... quarenta e quatro... quarenta e cinco... quarenta e seis...

O pastor parou de falar.

O marquês deu um passo para trás, temendo uma facada nas costelas ou uma dentada na garganta de um dos cães de guarda humanos, mas nada aconteceu. Andou para trás, para longe dos homens-cachorro e do Elefante.

Viu que o Falcão também andava para trás.

Seus pulmões doíam. Sentia o coração pulsando nas têmporas, batendo alto o suficiente para abafar o som agudo em seus tímpanos.

Só quando suas costas encostaram na prateleira de livros da parede, o mais longe possível do envelope, é que ele se permitiu respirar. Ouviu o Falcão respirar também.

Escutou o barulho de algo sendo arrancado. O Falcão arreganhou a boca, e a fita caiu no chão.

— Que diabos foi isso? — perguntou o irmão.

— Nossa passagem de saída daqui e do Shepherd's Bush, se eu estiver certo — explicou De Carabás. — E quase sempre estou certo. Poderia fazer o favor de soltar meus pulsos?

Sentiu as mãos do Falcão sobre as suas, e as amarras caíram.

Ouviu um ribombar grave.

— Vou matar alguém — anunciou o Elefante. — Assim que descobrir o quê.

— Calma lá, meu querido — comentou o marquês, esfregando as mãos.

— O certo a dizer é *quem*. E posso lhe assegurar que você não vai matar ninguém, não até voltar em segurança para o Castelo.

A tromba do Elefante balançava irritantemente.

— Com certeza vou matar *você*.

— Você está me forçando a cantarolar *lero-lero* — retrucou o marquês, sorrindo. — Ou “quem espera sempre alcança”. Até o momento, nunca tive a menor vontade de dizer “quem espera sempre alcança”. Mas posso afirmar que estou sentindo a vontade surgindo dentro de mim...

— Pelo Templo e pelo Arco, o que há de errado com você? — indagou o Elefante.

— Pergunta errada. Mas vou fazer a pergunta certa em seu nome. A pergunta certa é: o que *não* há de errado com nós três? Não há nada de errado comigo e com Falcão, porque prendemos a respiração. Não há nada de errado com você porque... sei lá, provavelmente, por você ser um elefante de pele bem grossa e, principalmente, por estar respirando pela tromba, que está mais perto do chão. E o que há de errado com nossos captores? A resposta está nos esporos que não conseguiram entrar em nós, mas entraram no imponente pastor e em seus companheiros pseudocaninos.

— Esporos do Cogumelo? — perguntou o Falcão. — Do Cogumelo do Povo do Cogumelo?

— Isso mesmo. Exatamente esse Cogumelo — confirmou o marquês.

— Minha nossa — murmurou o Elefante.

— E é por isso que, se você tentar me matar ou matar o Falcão, não apenas vai falhar, como vai condenar a todos nós — explicou De Carabás. — Porém, se você fechar essa matraca e se fizermos de conta que ainda somos parte do rebanho, talvez tenhamos uma chance. Os esporos devem estar se infiltrando no cérebro deles. E, a qualquer momento, o Cogumelo vai chamá-los de volta para casa.

O pastor caminhava decidido. Segurava um cajado com a ponta em forma de gancho. Três homens o seguiam. Um deles tinha cabeça de elefante, outro era alto e ridiculamente bonitão, e o último do rebanho usava um casaco magnífico. Caía perfeitamente nele e tinha cor de rua molhada à meia-noite.

O rebanho era seguido por cães de guarda, que se moviam como se estivessem prontos para atravessar o fogo para chegar aonde acreditavam estar indo.

Não era incomum, no Shepherd's Bush, ver um pastor e parte do rebanho andando de um lugar para o outro, acompanhado por vários dos cães ferozes (que eram humanos, ou já tinham sido). Então, quando as pessoas viram um pastor e seus três cães aparentemente levando três membros do rebanho para longe do Shepherd's Bush, ninguém do grande rebanho deu atenção. Os membros do rebanho que os viram simplesmente continuaram fazendo o que precisavam fazer, como bons membros do rebanho, e, se notaram que a influência dos pastores diminuía um pouco, esperaram pacientemente pela chegada de outro pastor para tomar conta deles e mantê-los a salvo dos predadores e do mundo. Afinal de contas, a ideia de ficar sozinho era muito assustadora.

Ninguém notou quando eles cruzaram as fronteiras do Shepherd's Bush e continuaram andando.

Os sete alcançaram as margens do Kilburn, onde pararam, e o ex-pastor e os três homens-cães avançaram em direção à água.

O marquês sabia que, naquele momento, não havia nada na cabeça daqueles quatro além da necessidade de chegar ao Cogumelo para provar outra vez de sua carne e deixá-lo viver dentro deles, para servi-lo — e servi-lo bem. Em troca, o Cogumelo resolveria todos os problemas internos que eles odiavam: tornaria suas vidas muito mais felizes e interessantes.

— Você devia ter me deixado matar todos eles — reclamou o Elefante, enquanto o ex-pastor e os cães de guarda desapareciam ao longe.

— Seria inútil — respondeu o marquês. — Mesmo que por vingança. As pessoas que nos capturaram não existem mais.

O Elefante bateu as orelhas com força e as coçou com vigor.

— Falando em vingança, quem mandou você roubar meu diário?

— Vitória — admitiu De Carabás.

— Ela nunca esteve na minha lista de ladrões em potencial. Como é ardilosa! — comentou o Elefante, depois de um instante.

— Não posso discordar — declarou o marquês. — Aliás, ela não me pagou a quantia acordada. Tive de pegar um brinde por minha conta para complementar o pagamento.

Ele enfiou a mão escura no bolso do casaco. Os dedos encontraram os bolsos óbvios, os menos óbvios e, para sua surpresa, o mais escondido de todos. Enfiou a mão ali e tirou a lente de aumento presa a uma corrente.

— Era de Vitória — contou. — Acredito que seja usada para ver através de materiais sólidos. Talvez você possa considerá-la como um pequeno pagamento para satisfazer minha dívida...?

O elefante tirou algo de dentro do próprio bolso — o marquês não conseguiu ver o que era — e o examinou através da lente de aumento. Então fez um barulho que misturava um ronco de leite e uma trombeta de satisfação.

— Que bom, muito bom — comentou. Enfiou ambos os objetos no bolso. Então completou: — Imagino que salvar minha vida supere o roubo do diário. E, embora eu saiba que não precisaria ser salvo se não tivesse seguido você pelo ralo, qualquer acusação posterior seria desproposital. Considere sua vida como sua novamente.

— Espero poder visitá-lo no Castelo algum dia — respondeu o marquês.

— Não exagere, camarada — retrucou o Elefante, com um sopro irritado da tromba.

— Não vou exagerar — concordou o marquês, resistindo ao desejo de dizer que seus exageros foram exatamente as razões pelas quais vivera até aquele momento. Olhou para os lados e notou que o Falcão desaparecera

misteriosa e irritantemente nas sombras, mais uma vez sem sequer se despedir.

O marquês odiava quando as pessoas faziam isso.

Fez uma reverência curta para o Elefante, e o casaco — seu glorioso casaco — seguiu o fluxo da reverência, amplificando-a, tornando-a perfeita, transformando-a no tipo de reverência que só o marquês De Carabás era capaz de fazer. Quem quer que ele fosse.

O Mercado Flutuante seguinte foi realizado no Jardim do Telhado da loja Derry & Tom, que fechara em 1973, mas o tempo, o espaço e a Londres de Baixo tinham um acordo desagradável, e o jardim do telhado era mais jovem e inocente do que seria hoje em dia. As pessoas da Londres de Cima (que eram jovens e passavam com seus saltos e solas por cima das plantas, distraídas em discussões vigorosas) ignoravam completamente as pessoas da Londres de Baixo.

O marquês De Carabás avançou a passos largos pelo jardim do telhado, como se fosse dono do lugar, andando com agilidade até chegar à praça de alimentação. Passou por uma mulherzinha vendendo sanduíches de queijo trançado guardados em um barril com pilhas de coisas, uma barraca de curry, um homem baixinho com uma enorme tigela de peixe branco e cego e um garfo de churrasqueira e, finalmente, chegou à barraca que vendia o Cogumelo.

— Uma fatia do Cogumelo, bem-passado, por favor — pediu De Carabás.

O homem que pegou o pedido era mais baixo que ele, mas também mais corpulento. Era calvo e seu pouco cabelo restante tinha cor de areia, seu rosto imerso em conflito.

— Saindo — respondeu o sujeito. — Mais alguma coisa?

— Não, só isso. — Então, curioso, o marquês perguntou: — Lembra-se de mim?

— Infelizmente, não — respondeu o homem Cogumelo. — Mas devo dizer que seu casaco é lindíssimo.

— Obrigado. — O marquês olhou ao redor. — Onde está o mocinho que trabalhava aqui?

— Ah, meu senhor. É uma história muito curiosa — respondeu o sujeito. Ele não cheirava a umidade, embora tivesse uma pequena colônia de cogumelos na lateral do pescoço. — Fui informado de que alguém disse à bela Drusilla, da Raven's Court, que nosso Vince tinha pretensões com ela e que enviou uma carta cheia de esporos com a intenção de transformá-la em sua noiva perante o Cogumelo. Mas não posso garantir essa última parte, embora tenha certeza de que é verdade.

O marquês ergueu uma sobrancelha, perplexo, embora não achasse nada daquilo surpreendente. De fato, ele mesmo contara a Drusilla e, inclusive, mostrara a carta original.

— Ela recebeu as notícias de bom grado?

— Acredito que não, meu senhor. Não mesmo. Ela e várias de suas irmãs estavam esperando por Vince e nos encontraram no caminho para o Mercado. Drusilla disse a ele que tinham assuntos de natureza íntima a tratar. Vince parecia muito feliz com a notícia e partiu com ela para descobrir quais assuntos eram. Estou esperando Vince chegar ao Mercado para trabalhar desde o começo da tarde, mas não acho que ele vá aparecer.

— Então completou, em um tom melancólico: — Que casaco esplêndido. Acho que fui dono de um bem parecido, em outra vida.

— Não tenho dúvidas — respondeu o marquês, satisfeito com o que ouvira, cortando um pedaço do Cogumelo grelhado. — Mas este em especial é, definitivamente, meu.

Enquanto saía do Mercado, De Carabás passou por um grupo de pessoas que descia as escadas e parou para acenar para uma jovem de beleza incomum. A jovem tinha o cabelo comprido e alaranjado e o perfil achatado da beleza pré-rafaelita, além de uma marca de nascença no formato de estrela de cinco pontas nas costas de sua mão. A outra mão acariciava a cabeça de uma grande coruja amarrotada, que observava o mundo desconfortavelmente com olhos inusitados para um pássaro daquele tipo, de um azul pálido e intenso.

O marquês a cumprimentou cordialmente e continuou a descer.

Drusilla correu atrás dele. Parecia ter algo a dizer.

O marquês De Carabás chegou ao pé da escada antes dela. Parou por um momento, pensando nas pessoas, nas coisas e em como era difícil fazer algo pela primeira vez. Então, envolto pelo belo casaco, desapareceu misteriosamente — até irritantemente — nas sombras, sem sequer se despedir. E sumiu.

AGRADECIMENTOS

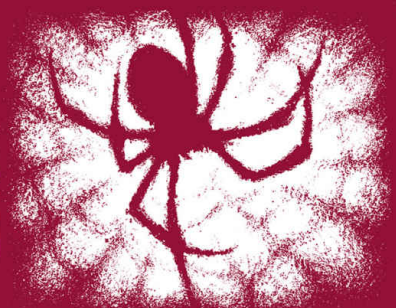
AGRADEÇO A TODOS os leitores deste livro, em seus vários rascunhos e versões, pelas sugestões, ideias e impressões, em especial Steve Brust, Martha Soukup, Dave Longford, Gene Wolfe, Cindy Wall, Lorraine Garland e Kelli Bickman. Agradeço a Doug Young e Sheila Ableman, da BBC Books, pela ajuda e pelas ideias, e também a Jennifer Hershey e Lou Aronica, da Avon Books. Também gostaria de agradecer a todos que vieram em meu auxílio quando pedaços deste romance sumiram no computador, e ao Norton Utilities.

Por fim, gostaria de agradecer a Pete Atkins, pela ajuda na montagem da versão final do texto.

Neil Gaiman

NEIL
GAIMAN

AUTOR DE O OCEANO NO FIM DO CAMINHO



“Sensacional, divertido e emocionante.” — *The Washington Post*

OS FILHOS
DE
ANANSI



NEIL
GAIMAN

OS FILHOS
DE
ANANSI

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2005 by Neil Gaiman

Imagem da aranha [no capítulo 14](#) © by Neil Gaiman

A música “Some of These Days” teve permissão da Jerry Vogel Company, Inc para ser reproduzida neste livro

TÍTULO ORIGINAL

Anansi Boys

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Flora Pinheiro

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Houston Trueblood

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sabe como é, você pega um livro, procura a dedicatória e descobre que,
mais uma vez, o autor o dedicou a outra pessoa, não a você.

Mas não desta vez.

Porque nunca nos vimos/nos conhecemos apenas de vista/somos loucos um
pelo outro/não nos vemos há muito tempo/temos algum tipo de ligação/
jamais vamos nos conhecer, mas, apesar disso, tenho certeza de que
pensaremos com carinho um no outro...

Este livro é para você.

Você sabe com o quê, e deve saber por quê.

NOTA: o autor gostaria de aproveitar a oportunidade para tirar o chapéu, respeitosamente, para os
espíritos de Zora Neale Hurston, Thorne Smith, P. G. Wodehouse e Frederick “Tex” Avery.

CAPÍTULO

UM

QUE DISCORRE
PRINCIPALMENTE
SOBRE
NOMES
E RELAÇÕES
FAMILIARES

ESTA HISTÓRIA COMEÇA assim como a maioria das coisas: com uma canção.

Afinal, no princípio existiam as palavras, e elas vinham com uma melodia. Foi assim que o mundo foi feito, foi assim que o vazio se dividiu, que as terras, as estrelas, os sonhos, os pequenos deuses e os animais surgiram no mundo.

Eles foram cantados.

As grandes criaturas foram cantadas para a vida depois que o Cantor terminou os planetas, as montanhas, as árvores, os oceanos e os animais menores. Os penhascos que limitam a existência foram cantados, assim como os campos de caça e a escuridão.

As canções permanecem. Elas duram. A canção certa pode transformar um imperador em motivo de piada, pode derrubar dinastias. Uma canção pode continuar a existir muito tempo depois de os eventos e pessoas nela cantados terem virado pó, depois sonhos e, então, terem desaparecido. Esse é o poder das canções.

Há outras coisas que se pode fazer com canções. Elas não apenas constroem mundos ou recriam existências. O pai de Fat Charlie Nancy, por exemplo, as estava usando apenas para ter o que ele queria e esperava que fosse uma noitada maravilhosa.

Antes de o pai de Fat Charlie entrar no bar, o barman achava que aquela noite de karaokê seria um fracasso total. Mas aí o velhinho entrou no salão com um andar afetado e passou pela mesa de várias loiras com seus sorrisos de turista e pele avermelhada de sol sentadas perto do palco improvisado no canto. Cumprimentou-as tocando a aba do chapéu — pois ele usava chapéu,

um fedora verde imaculado, além de luvas cor de lima —, e em seguida caminhou até a mesa onde estavam as mulheres, que deram risada.

— Estão se divertindo, senhoritas? — perguntou.

Elas continuaram a rir e disseram que se divertiam muito, obrigada, e que estavam ali de férias. Ele respondeu que a noite ainda ia melhorar, era só esperarem para ver.

Ele era mais velho que elas, muito, muito mais velho, mas era extremamente charmoso, parecia saído de uma era perdida, quando boas maneiras e gestos corteses valiam alguma coisa. O barman relaxou. Com alguém como ele no bar, seria uma noite boa.

Havia karaokê. Havia dança. Naquela noite, o velho cantou no palco improvisado não uma, mas duas vezes. Ele tinha uma bela voz, um sorriso contagiante e pés que reluziam ao dançar. Na primeira vez que subiu no palco, cantou “What’s New Pussycat?”. Na segunda, acabou com a vida de Fat Charlie.

★ ★ ★

Fat Charlie só foi gordo por algum tempo. Desde pouco antes dos dez anos de idade — quando sua mãe anunciou para o mundo que se havia alguma coisa que ela já não aguentava mais (e se o cavalheiro em questão tivesse algum problema com isso, podia simplesmente enfiá-lo você sabe onde) era o casamento com aquele bode velho com quem cometera o erro infeliz de se desposar e que partiria na manhã seguinte para algum lugar bem distante e era melhor que ele não tentasse segui-la — até os catorze anos, quando Fat Charlie cresceu um pouco e se exercitou um tanto mais. Ele não era gordo. Para falar a verdade, não era nem mesmo gordinho, apenas tinha as extremidades arredondadas e de aparência macia. Mas o apelido Fat Charlie grudou como um chiclete na sola de um tênis. Ele se apresentava como Charles, ou, quando tinha vinte e poucos anos, Chaz, ou, por escrito, C. Nancy, mas não adiantava: o apelido penetrava e se infiltrava na nova fase de sua vida da mesma maneira que baratas invadem as rachaduras e o mundo atrás da geladeira em uma cozinha nova. E aí, gostando ou não, e ele não gostava, Charlie virava Fat Charlie outra vez.

Ele sabia, em um nível irracional, que aquilo acontecia porque seu pai lhe dera o apelido, e quando o pai dava nomes às coisas, eles pegavam.

Havia um cachorro na casa em frente, na Florida Street, onde Fat Charlie crescera. Era um boxer castanho, de pernas longas e orelhas cortadas, com um focinho que dava a impressão de que o bicho, quando filhote, havia batido de cara na parede. Mantinha a cabeça erguida e o coto da cauda ereto. Era com certeza um aristocrata entre os caninos. Participara de exposições. Tinha medalhas de Melhor da Raça, Melhor da Classe, e até

uma medalha de Melhor da Exposição. Esse cão respondia pela graça de Campbell's Macinrory Arbuthnot, o Sétimo, mas seus donos, na intimidade, o chamavam de Kai. Isso durou até o dia em que o pai de Fat Charlie, sentado na velha cadeira de balanço da varanda da frente, bebendo cerveja, notou o cachorro que caminhava lentamente de um lado para outro no jardim do vizinho, em uma guia que ia de uma palmeira a um moirão de cerca.

“Mas que cachorro pateta”, comentou o pai de Fat Charlie. “Parece aquele amigo do Pato Donald. Ei, Pateta!”

E aquele que já tinha sido o Melhor da Exposição de repente deixou de ser. Para Fat Charlie, foi como se ele passasse a ver o cão pelos olhos do pai, e, nossa, como aquele cachorro era pateta, afinal de contas. Parecia de borracha.

Não demorou para o nome se espalhar pela rua inteira. Os donos de Campbell's Macinrory Arbuthnot, o Sétimo, lutaram contra isso, mas enfrentado e discutido com um furacão teria o mesmo efeito. Completos estranhos acariciavam a cabeça do até então orgulhoso boxer e diziam: “Olá, Pateta. Como vai, garoto?” Os donos do cachorro pararam de inscrevê-lo em competições pouco depois disso. Não tinham mais coragem. “Cachorro com cara de pateta”, anunciavam os juízes.

Os nomes que o pai de Fat Charlie dava pegavam. Funcionava assim, e ponto final.

Isso estava longe de ser a pior coisa sobre o pai de Fat Charlie.

Quando Fat Charlie estava crescendo, houve uma série de candidatas ao posto de pior coisa sobre seu pai: os olhares descarados e os dedos igualmente aventureiros, pelo menos segundo as moças da região, que reclamavam com a mãe de Fat Charlie — e aí o pai ficava encrocado —, as pequenas cigarrilhas pretas que ele fumava e insistia em chamar de charutos, cujo fedor impregnava tudo que ele tocava; o gosto por uma forma peculiar de sapateado arrastado que, Fat Charlie desconfiava, tinha sido moda por apenas meia hora no Harlem, nos anos 1920, e a ignorância total e insuperável sobre os assuntos do mundo atual, combinada com uma aparente convicção de que os seriados de comédia da TV eram reflexões de meia hora sobre a vida e a luta de pessoas reais. Sozinhos, na opinião de Fat Charlie, nenhum desses pontos era a pior coisa sobre seu pai, apesar de cada um ter contribuído para a pior coisa.

A pior coisa sobre o pai de Fat Charlie era simplesmente isto: ele era constrangedor.

Claro, todo mundo tem vergonha dos pais. Faz parte. É da natureza dos pais constranger apenas por existir, assim como é da natureza das crianças de certa idade morrer de constrangimento, vergonha e mortificação se os pais sequer falarem com elas na rua.

O pai de Fat Charlie, é claro, tinha elevado isso a uma forma de arte, e o fazia com prazer, assim como adorava pegadinhas, que iam desde as mais simples — Fat Charlie jamais se esqueceria da primeira vez em que tentara deitar em uma cama com o lençol dobrado de um jeito que ele não conseguia entrar embaixo das cobertas — às absurdamente complexas.

— Como o quê? — perguntou Rosie, a noiva de Fat Charlie, certa noite, quando ele, que não costumava falar sobre o pai, tentara, de forma atrapalhada, explicar por que achava que convidá-lo para o casamento que se aproximava era uma ideia terrível.

Estavam em um pequeno bar de vinhos em South London. Fat Charlie há muito era da opinião de que seis mil quilômetros e o oceano Atlântico eram uma boa distância para manter entre ele e o pai.

— Bem... — começou Fat Charlie, e lembrou-se de um desfile de indignidades, cada uma capaz de fazer seus dedos dos pés se contorcerem involuntariamente. Escolheu uma delas. — Bem, quando troquei de escola, ainda criança, meu pai fez questão de dizer como, quando ele era novo, sempre ficava ansioso para o Dia dos Presidentes. Isso acontecia porque, segundo a lei, no Dia dos Presidentes as crianças que vão à escola vestidas como seus presidentes favoritos ganham um grande saco cheio de doces.

— Ah, é uma bela lei — comentou Rosie. — Gostaria que tivéssemos algo assim aqui na Inglaterra.

Rosie nunca tinha saído do Reino Unido, sem contar uma viagem de férias do Club 18-30 a uma ilha que, ela estava quase certa, ficava no mar Mediterrâneo. Rosie tinha olhos castanhos cálidos e um bom coração, ainda que geografia não fosse seu forte.

— Não é uma boa lei — retrucou Fat Charlie. — Nem mesmo é uma lei. Ele inventou tudo. A maioria dos estados nem tem aula no Dia dos Presidentes, e, mesmo nos que têm, não existe essa tradição de ir à escola fantasiado do seu presidente favorito. Crianças vestidas de presidente não ganham grandes sacos cheios de doces por causa de uma lei do Congresso, nem sua popularidade pelos anos seguintes, durante todo o ensino fundamental e médio, é definida pelo presidente que você escolheu. Não é como se as crianças pouco populares se vestissem como os presidentes óbvios, os Lincolns, Washingtons e Jeffersons, enquanto as que se tornariam muito populares se vestissem como John Quincy Adams ou Warren Gamaliel Harding, ou alguém assim. E dá azar falar sobre isso antes do dia. Ou melhor, não dá, mas ele disse que dava.

— Meninos e meninas se vestem de presidente?

— Ah, sim. Meninos e meninas. Por isso passei a semana inteira antes do Dia dos Presidentes lendo tudo o que havia para ler sobre eles na *Enciclopédia Mundial*, tentando escolher o certo.

— Em nenhum momento você desconfiou de que ele estivesse lhe pregando uma peça?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Não é o tipo de coisa em que você pensa quando meu pai começa a fazer sua cabeça. Ele é um grande mentiroso. E é convincente.

Rosie tomou um gole do Chardonnay.

— Então, de que presidente você foi?

— Taft. Ele foi o vigésimo sétimo presidente. Vesti um terno marrom que meu pai tinha encontrado em algum lugar, dobrei as barras da calça várias vezes e enfiei um travesseiro na barriga. Pintei um bigode. Meu pai me levou pessoalmente à escola nesse dia. Eu estava todo orgulhoso. As outras crianças começaram a gritar e apontar, e em algum momento no meio disso tudo eu me tranquei em uma das cabines do banheiro masculino e chorei. Eles não quiseram me deixar voltar para casa para trocar de roupa. Passei o dia inteiro daquele jeito. Foi um inferno.

— Você devia ter inventado alguma coisa — sugeriu Rosie. — Devia ter dito que iria a uma festa a fantasia depois, ou algo assim. Ou apenas contado a verdade.

— É — respondeu Fat Charlie, pensativo e sombrio, perdido em lembranças.

— O que seu pai disse quando você chegou em casa?

— Ah, ele caiu na gargalhada. Riu, fez piada, deu muita risada e tal. Depois falou que talvez não fizessem mais aquilo de Dia dos Presidentes. Ora, por que não íamos juntos à praia procurar sereias?

— Procurar... sereias?

— Nós íamos à praia e ficávamos andando por lá, e ele me fazia passar mais vergonha do que qualquer outro ser humano na face da Terra. Começava a cantar e a fazer uma espécie de dança na areia arrastando os pés, e falava com as pessoas que passavam. Pessoas que ele nem conhecia, pessoas que nunca tinha visto, e eu odiava isso. Só que ele me dizia que havia sereias no Atlântico, e que, se eu olhasse rápido e com atenção, conseguiria ver uma. “Ali!”, dizia ele. “Viu aquela? Era uma ruiva das grandes, com rabo verde.” E eu olhava e olhava, mas nunca via.

Fat Charlie balançou a cabeça. Então pegou um punhado do mix de castanhas da tigela na mesa e começou a jogá-las na boca, mordendo-as como se cada noz fosse uma indignidade de vinte anos atrás que nunca poderia ser apagada.

— Bem — disse Rosie, animada. — Acho que ele parece ser um doce, uma figura! Temos que convidá-lo para o casamento. Ele seria a alma da festa.

O que, explicou Fat Charlie depois de um breve momento engasgado com uma castanha-do-pará, era a última coisa que alguém poderia querer no casamento, não era? O pai aparecer e se tornar a alma da festa? Ele disse que o pai ainda era, sem sombra de dúvida, a pessoa mais constrangedora nesta terra maravilhosa criada por Deus. Acrescentou que estava

perfeitamente feliz sem ver o bode velho por tantos anos, e que a melhor coisa que a mãe tinha feito na vida foi ter abandonado o pai e ido para a Inglaterra morar com tia Alanna. E completou o argumento declarando, categórico, que nem que a vaca tussa, nem que o rebanho inteiro tussa, nem que todos os bichos da fazenda morram de tanto tossir, ele convidaria o pai. Na verdade, continuou Fat Charlie, para encerrar o assunto, a *melhor* coisa de se casar era *não* ter que chamar o pai para a cerimônia.

E então Fat Charlie viu a expressão no rosto de Rosie, o brilho gelado em seus olhos normalmente amistosos, e se corrigiu depressa, explicando que quisera dizer que na verdade aquela era a segunda melhor coisa, mas aí já era tarde demais.

— Você vai ter que se acostumar à ideia — respondeu Rosie. — Afinal de contas, um casamento é uma oportunidade maravilhosa para reaproximações e reconciliações. É sua chance de mostrar a ele que não há ressentimentos.

— Mas *há* ressentimentos — retrucou Fat Charlie. — Muitos.

— Você tem o endereço dele? Ou o telefone? Acho que você deveria ligar. Cartas são um pouco formais demais quando seu único filho está se casando... Você é o único filho dele, não é? Ele tem e-mail?

— É, sou o único filho dele. Não tenho a menor ideia se ele tem e-mail. Acho que não — respondeu Fat Charlie.

Cartas são uma boa opção, pensou. *Para começar, os correios podem perdê-las.*

— Bem, você deve ter um endereço ou um número de telefone.

— Não tenho — retrucou Fat Charlie, sendo sincero.

Talvez o pai tivesse se mudado. Podia ter deixado a Flórida e ido para algum lugar onde não houvesse telefones. Nem endereços.

— Bem — inquiriu Rosie, com rispidez. — Quem tem?

— A sra. Higgler — respondeu Fat Charlie, desistindo de discutir com a noiva.

Rosie deu um sorriso carinhoso.

— E quem é a sra. Higgler?

— Uma amiga da família. Era nossa vizinha quando eu era criança.

Ele tinha falado com a sra. Higgler vários anos antes, quando a mãe estava morrendo. Tinha, a pedido da mãe, ligado para que ela avisasse ao pai e pedisse a ele que entrasse em contato. E, alguns dias depois, havia uma mensagem na secretária eletrônica de Fat Charlie, deixada quando ele estava no trabalho, com uma voz que era inconfundivelmente de seu pai, mesmo que soasse um tanto mais rouca e um pouco bêbada.

O pai dizia que não era uma boa hora, que alguns negócios o impediam de deixar os Estados Unidos. Depois acrescentava que, apesar de tudo, a mãe de Fat Charlie era uma mulher incrível. Alguns dias depois, um vaso com flores variadas foi entregue na enfermaria do hospital. A mãe bufou ao ler o cartão.

— Seu pai acha que pode me enrolar assim tão fácil? — perguntou. — Ele está aprontando alguma, aposto.

Mas a mãe pediu à enfermeira que pusesse as flores em um lugar de honra ao lado da cama e depois, várias vezes, perguntou a Fat Charlie se ele ouvira alguma coisa sobre o pai visitá-la antes que ela morresse.

Fat Charlie dizia que não. Começou a odiar a pergunta, a resposta e a expressão no rosto dela quando ouvia que não, o pai não viria.

O pior dia, na opinião de Fat Charlie, foi quando o médico, um homem baixo e taciturno, o puxou para um canto e lhe disse que não ia demorar muito, a mãe estava piorando rápido e era apenas uma questão de mantê-la confortável até o fim.

Fat Charlie assentiu e foi vê-la. Ela segurou sua mão e estava perguntando se ele tinha lembrado de pagar a conta de gás quando o barulho no corredor começou. Um som cheio de batidas altas, estrondos, buzinas, chocalhos, passos, o soar de pratos metálicos e tambores, o tipo de som que não costuma ser ouvido em hospitais, onde as placas nas escadas exigem silêncio e são reforçadas pelos olhares gelados das enfermeiras.

O barulho aumentava.

Por um instante, Fat Charlie pensou que pudessem ser terroristas. Mas sua mãe deu um leve sorriso ante aquela cacofonia.

— “Yellow Bird” — sussurrou.

— O quê? — perguntou Fat Charlie, com medo de que ela tivesse perdido a lucidez.

— “Yellow Bird” — repetiu ela, mais alto e com mais firmeza. — É o que eles estão tocando.

Fat Charlie abriu a porta e olhou para fora.

Avançando pelo corredor do hospital, ignorando os protestos dos enfermeiros e os olhares dos pacientes de pijama acompanhados de suas famílias, havia o que parecia ser uma banda muito pequena de jazz de Nova Orleans. Havia um saxofone, uma tuba e um trompete. Havia um homem enorme com o que parecia ser um baixo acústico pendurado no pescoço grosso. Outro tocava tambor. E, à frente do grupo, em um elegante terno xadrez, usando um chapéu fedora verde e luvas cor de lima, estava o pai de Fat Charlie. Ele não tocava instrumento algum, mas vinha sapateando de um jeito arrastado pelo linóleo encerado do chão do hospital, tirando o chapéu para todos os membros da equipe médica de plantão, apertando a mão de qualquer pessoa que chegasse perto o bastante para falar com ele ou tentar reclamar do barulho.

Fat Charlie mordeu o lábio e rezou a quem quer que o estivesse ouvindo. Pedia que a terra se abrisse e o engolissem, ou, se isso não fosse possível, que sofresse um ataque cardíaco fulminante, piedoso e absolutamente fatal. Não teve tanta sorte. Permaneceu entre os vivos, a

banda continuava a se aproximar, e o pai ainda dançava, apertando mãos e sorrindo.

Se há alguma justiça neste mundo, pensou, meu pai vai passar direto por nós e continuar por esse corredor até o setor de urologia. Entretanto, não houve justiça, e o pai chegou à entrada da enfermaria da oncologia e parou.

— Fat Charlie — cumprimentou ele, alto o suficiente para que todos na enfermaria, no andar, no hospital, fossem capazes de entender que aquele era alguém que o conhecia. — Fat Charlie, saia do caminho. Seu pai chegou.

Ele saiu do caminho.

A banda, regida pelo pai, entrou na enfermaria e fez um caminho sinuoso até chegar à cama da mãe. Ela olhou para eles, enquanto se aproximavam, e sorriu.

— “Yellow Bird” — disse, sem forças. — Minha música favorita.

— E que tipo de homem eu seria se me esquecesse disso? — perguntou o pai de Fat Charlie.

Ela balançou a cabeça de leve, estendeu a mão e apertou a dele, dentro da luva cor de lima.

— Com licença — chamou uma mulher branca e baixinha, com uma prancheta. — Essas pessoas estão com o senhor?

— Não — respondeu Fat Charlie, corando. — Não estão. Não mesmo.

— Mas essa é *sua* mãe, certo? — inquiriu a mulher, com um olhar mortal. — Preciso pedir para que essas pessoas deixem a enfermaria agora mesmo, e sem provocar maiores tumultos.

Fat Charlie murmurou uma resposta.

— O quê?

— Disse que tenho quase certeza de que não vou conseguir obrigá-los a nada.

Quando Fat Charlie achava que as coisas não poderiam ficar piores, seu pai pegou uma bolsa com o baterista e começou a tirar latas de cerveja escura e distribuir para a banda, para a equipe de enfermagem, para os pacientes. Em seguida, acendeu um charuto.

— Com licença — disse a mulher com a prancheta ao ver a fumaça, então se lançou pela sala na direção do pai de Fat Charlie como se fosse um míssil Scud teleguiado.

Fat Charlie aproveitou o momento para ir embora. Pareceu a decisão mais sábia.

Naquela noite, ficou sentado em casa esperando o telefone tocar ou baterem à porta, tão animado quanto um homem ajoelhado na guilhotina espera que a lâmina beije seu pescoço. Mesmo assim, o aparelho não tocou.

Ele mal dormiu. Entrou discretamente no hospital, na manhã seguinte, preparado para o pior.

A mãe, na cama, parecia mais feliz e confortável do que jamais estivera em meses.

— Ele se foi — explicou ela, quando Fat Charlie chegou. — Não podia ficar. Preciso dizer que preferia que você não tivesse ido embora daquele jeito. Acabamos fazendo uma festa por aqui. Nós nos divertimos muito.

Fat Charlie não podia pensar em nada pior do que estar em uma festa dada pelo pai na ala de oncologia do hospital com uma banda de jazz. Mas não respondeu.

— Ele não é um homem mau — continuou a mãe, com um brilho nos olhos. Em seguida, franziu a testa. — Ora, isso não é bem verdade. Ele com certeza não é um homem bom. Mas me passou muitas energias positivas ontem à noite. — E ela sorriu, um sorriso de verdade, e por apenas um instante pareceu jovem outra vez.

A mulher com a prancheta estava parada à porta e o chamou com o dedo indicador. Fat Charlie foi rastejando pela enfermaria na direção dela, desculpando-se antes mesmo que ela conseguisse ouvir. A expressão da mulher, percebeu ele, ao se aproximar, não era mais de uma serpente com dor de barriga. Agora ela se parecia muito com um gatinho.

— Seu pai — disse ela.

— Sinto muito — respondeu Fat Charlie.

Era o que ele sempre dizia, desde criança, toda vez que mencionavam o pai.

— Não, não, não — retrucou a ex-serpente. — Não há nada pelo que se desculpar. Eu só estava curiosa. Seu pai. Caso a gente precise entrar em contato com ele, não temos número de telefone nem endereço no arquivo. Eu devia ter pedido a ele ontem à noite, mas esqueci completamente.

— Acho que ele não tem telefone — respondeu Fat Charlie. — E a melhor maneira de encontrá-lo é ir à Flórida e dirigir até a autoestrada A1A. É a estrada que percorre boa parte da costa leste do estado. À tarde, a senhora pode encontrá-lo pescando em uma ponte. À noite, ele estará em um bar.

— Que homem charmoso — comentou ela, desejosa. — O que ele faz da vida?

— Já falei. Ele diz que é o milagre da multiplicação dos peixes e da criação do vinho.

Ela encarou Fat Charlie sem expressão, e ele se sentiu um idiota. Quando o pai dizia aquilo, as pessoas riam.

— Hum, que nem na Bíblia. Jesus multiplicou os peixes e transformou a água em vinho. Meu pai costuma dizer que não faz nada, só pesca e bebe, e é um milagre que ainda ganhe dinheiro. É uma piada.

Um olhar sonhador.

— É. Ele conta piadas muito engraçadas. — Então a mulher estalou a língua e voltou a falar sério. — Bem, preciso que o senhor volte aqui às

cinco e meia.

— Por quê?

— Para pegar sua mãe e as coisas dela. O dr. Johnson não contou que ela vai receber alta?

— Vocês vão mandá-la para casa?

— Sim, sr. Nancy.

— Mas e... E o câncer?

— Parece ter sido alarme falso.

Fat Charlie não conseguia entender como podia ter sido alarme falso. Na semana anterior estavam falando sobre mandar a mãe para uma casa de repouso com assistência permanente. O médico usava expressões como “semanas, não meses” e “deixá-la o mais confortável possível enquanto aguardamos o inevitável”.

Apesar disso, Fat Charlie voltou às cinco e meia e apanhou a mãe, que não pareceu nada surpresa ao descobrir que não estava mais morrendo. No caminho de casa, ela contou a Fat Charlie que usaria o que economizara durante toda a vida para dar a volta ao mundo.

— Os médicos diziam que eu tinha três meses — explicou ela. — E me lembro de pensar que, se saísse daquela cama de hospital, ia conhecer Paris, Roma e lugares assim. Vou voltar a Barbados e a Saint Andrews. Talvez vá à África. E à China. Gosto de comida chinesa.

Fat Charlie não tinha certeza do que estava acontecendo, mas, o que quer que fosse, a culpa era do pai. Ele acompanhou a mãe e uma mala enorme até o Aeroporto de Heathrow e se despediu dela no portão de embarque internacional. Ela estava com um enorme sorriso ao entrar, agarrada ao passaporte e às passagens, e parecia mais jovem do que ele se lembrava em muitos anos.

A mãe enviou cartões-postais de Paris, Roma e Atenas, e também de Lagos e da Cidade do Cabo. No cartão-postal de Nanquim estava escrito que ela com certeza não gostava do que eles consideravam comida chinesa na China, e que mal podia esperar para voltar a Londres e comer comida chinesa *decente*.

Ela morreu dormindo em um hotel em Williamstown, na ilha de Saint Andrews, no Caribe.

No funeral, em um crematório de South London, Fat Charlie passou o tempo inteiro esperando ver o pai. Talvez o velho fosse fazer uma entrada triunfal à frente de uma banda de jazz, ou avançar pelo corredor da igreja seguido por uma trupe de palhaços ou meia dúzia de chimpanzés andando de velocípedes e fumando charutos. Fat Charlie não parou de olhar para trás, na direção da porta da capela, nem mesmo durante a cerimônia. Mas o pai não estava lá, só os amigos da mãe e parentes distantes, a maioria mulheres gordas de chapéu preto, que assoavam o nariz, enxugavam os olhos e balançavam a cabeça.

Foi durante o cântico final, depois que já tinham apertado o botão e a mãe de Fat Charlie havia deslizado lentamente pela esteira rolante até sua recompensa final, que Fat Charlie percebeu um homem mais ou menos da sua idade de pé no fundo da capela. Não era seu pai, obviamente. Era alguém que ele não conhecia, alguém que talvez nem tivesse percebido, lá no fundo, nas sombras, se não estivesse à procura do pai... até ver o estranho, de terno preto e elegante, com os olhos baixos e as mãos entrelaçadas.

O olhar de Fat Charlie se demorou um pouco mais do que devia, e o estranho olhou para ele e deu um sorriso sem graça, do tipo que sugeria que os dois estavam naquela juntos. Não era o tipo de expressão que se vê no rosto de estranhos, mas, mesmo assim, Fat Charlie não conseguiu identificar o homem. Ele virou o rosto de volta para a frente da capela. Cantaram “Swing Low, Sweet Chariot”, uma canção que Fat Charlie tinha quase certeza de que a mãe detestava, e o reverendo Wright os convidou a ir à casa de sua tia-avó, Alanna, para comer alguma coisa.

Não havia ninguém na casa da tia-avó de Fat Charlie que ele já não conhecesse. Nos anos que se seguiram à morte da mãe, ele às vezes pensava naquele estranho. Perguntava a si mesmo quem era e por que estava lá. Às vezes, Fat Charlie achava que tinha apenas imaginado o homem...

— Então — continuou Rosie, terminando o Chardonnay. — Você vai ligar para a sra. Higgler e passar o número do meu celular. Conte a ela sobre o casamento e a data... Aliás, você acha que devíamos convidá-la?

— Podemos, se quisermos — respondeu Fat Charlie. — Acho que ela não virá. É uma velha amiga da família. Conheceu meu pai ainda na era medieval.

— Bem, dê uma sondada. Descubra se devemos enviar um convite.

Rosie era uma pessoa naturalmente boa. Havia nela um pouco da essência de Francisco de Assis, Robin Hood, Buda e Glinda, a Fada Boa do Norte. Saber que estava prestes a unir seu amor verdadeiro e o pai dele, com quem não tinha mais contato, dava ao casamento iminente uma dimensão extra, concluiu ela. Não era mais apenas um casamento: era praticamente uma missão humanitária. E Fat Charlie conhecia Rosie havia tempo suficiente para saber que nunca devia ficar entre a noiva e sua necessidade inata de Fazer o Bem.

— Vou ligar para a sra. Higgler amanhã.

— Sabe de uma coisa — retrucou Rosie, com uma ruguinha no nariz. — Ligue para ela esta noite. Afinal de contas, ainda não é muito tarde nos Estados Unidos.

Fat Charlie assentiu. Eles saíram juntos do bar de vinhos. Rosie avançava com passos alegres, e Fat Charlie como um homem indo para a forca. Ele disse a si mesmo que deixasse de ser bobo: afinal de contas, talvez a sra.

Higgler tivesse se mudado, ou o telefone estivesse desligado. Era possível. Tudo era possível.

Eles foram até a casa de Fat Charlie, o segundo andar de uma casinha pequena na Maxwell Gardens, perto da Brixton Road.

— Que horas são na Flórida? — perguntou Rosie.

— Fim da tarde — respondeu Fat Charlie.

— Bem, então ligue.

— Talvez fosse melhor esperar um pouco. Ela pode ter saído.

— E talvez fosse melhor ligar agora, antes que ela comece a jantar.

Fat Charlie encontrou a velha agenda telefônica de papel e, na letra H, havia um pedaço de envelope velho com a letra da mãe em que estava anotado um número de telefone e, embaixo, *Callyanne Higgler*.

O telefone chamou várias vezes.

— Ela não está — disse a Rosie, mas, naquele momento, alguém atendeu, e uma voz feminina disse:

— Alô? Quem fala?

— Hum... É a sra. Higgler?

— Quem está falando? — inquiriu a sra. Higgler. — Se é um desses malditos atendentes de telemarketing, pode me tirar da sua lista agora mesmo, ou eu vou abrir um processo. Conheço meus direitos.

— Não. Sou eu. Charles Nancy. Eu era seu vizinho.

— Fat Charlie? Que coincidência. Passei a manhã inteira procurando seu telefone. Virei este lugar de cabeça para baixo atrás disso, e acha que consegui encontrar? Devo ter anotado nos meus cadernos de despesas velhos. Revirei tudo. E disse a mim mesma: Callyanne, essa é uma boa hora para rezar e torcer para que o Senhor escute suas preces, por isso eu me ajoelhei... Bem, quer dizer, meus joelhos já não são mais os mesmos, sabe, por isso só uni as mãos, mas, enfim, não consegui achar seu telefone. Então, veja só, você me ligou, e isso é até melhor, de certo modo, ainda mais porque dinheiro não cresce em árvore e não posso me dar ao luxo de ficar ligando para outros países desse jeito, nem por motivos como esse. Mas eu ia ligar para você, pode ficar tranquilo, dadas as circunstâncias...

E ela parou de repente para tomar fôlego ou para dar um gole na grande caneca de café quente demais que sempre carregava na mão esquerda, e, durante o breve silêncio, Fat Charlie disse:

— Quero convidar meu pai para vir ao meu casamento. Vou me casar.

— Houve silêncio do outro lado da linha. — Mas é só no fim do ano — continuou. Silêncio. — O nome dela é Rosie — acrescentou, tentando ajudar. Estava começando a se perguntar se a ligação tinha caído. As conversas com a sra. Higgler em geral eram atividades sociais que tendiam muito para um dos lados, quase sempre com ela respondendo às próprias perguntas, e lá estava ela, deixando-o dizer três frases inteiras sem

interromper. Ele decidiu tentar a quarta. — A senhora também está convidada, se puder vir.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus — começou a sra. Higgler. — Ninguém contou *a você*?

— Contou o quê?

Então ela contou, tudo e em detalhes, enquanto Fat Charlie ficava ali parado, sem falar nada. Quando ela terminou, ele disse:

— Obrigado, sra. Higgler. — Ele escreveu algo em um pedaço de papel, depois repetiu: — Obrigado. Não, de verdade, obrigado.

E desligou o telefone.

— E então? — perguntou Rosie. — Conseguiu o telefone dele?

— Meu pai não vem ao casamento. Preciso ir à Flórida.

Sua voz estava inexpressiva e sem emoção. Ele podia muito bem estar dizendo: preciso pedir um talão de cheques novo.

— Quando?

— Amanhã.

— Por quê?

— Funeral. Do meu pai. Ele morreu.

— Ah. Sinto muito. Sinto muito mesmo. — Rosie passou os braços ao redor dele e o abraçou. Fat Charlie ficou parado em seus braços, como um manequim de vitrine. — Como foi que, como ele... Ele estava doente?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso — respondeu.

Então Rosie o apertou forte, balançou a cabeça em solidariedade e o deixou em paz. Achou que ele estivesse tomado por uma tristeza grande demais para falar sobre o assunto.

Ele não estava. Não era nada disso. Na verdade, ele estava muito constrangido.

★ ★ ★

Devia haver cem mil maneiras respeitáveis de morrer. Pular de uma ponte para salvar uma criança que estava se afogando, por exemplo, ou ser atingido por uma saraivada de balas enquanto invadia, sozinho, um covil de criminosos. Modos perfeitamente respeitáveis de morrer.

Para falar a verdade, havia até maneiras menos respeitáveis que não teriam sido tão ruins. Combustão espontânea: é questionável, de acordo com a medicina, e improvável, de acordo com a ciência, mas, mesmo assim, as pessoas insistem em virar fumaça, sem deixar nada além de uma mão carbonizada agarrada a um cigarro não terminado. Fat Charlie tinha lido sobre isso em uma revista. Não teria se importado se o pai tivesse morrido

assim. Ou mesmo se sofresse um ataque cardíaco enquanto corria pelas ruas atrás do homem que roubara seu dinheiro da cerveja.

Foi assim que o pai de Fat Charlie morreu:

Ele tinha chegado cedo no bar e aberto a noite de karaokê cantando “What’s New Pussycat” a plenos pulmões, segundo a sra. Higgler, que não estava lá. A música foi cantada de um jeito que teria feito Tom Jones parecer um maricas de calcinha rendada e que valeu ao pai de Fat Charlie o prêmio de uma cerveja de cortesia, oferecido por várias turistas loiras do Michigan, que acharam que ele era a coisa mais fofa que já tinham visto.

— Foi culpa delas — disse a sra. Higgler, com amargura, pelo telefone.
— Elas o *encorajaram*!

As mulheres tinham se enfiado em tops tomara que caia e estavam com a pele vermelha de tanto pegar sol, e todas tinham idade para ser filhas dele.

E logo o pai de Fat Charlie estava sentado à mesa delas, fumando seus charutos e dando a entender que tinha sido da inteligência do exército durante a guerra, apesar de ter o cuidado de omitir qual guerra, e que podia, sem o menor esforço, matar um homem de dez maneiras diferentes usando só as mãos.

Então ele pegou a turista mais loira e peituda e a puxou para a pista de dança, como sempre fazia, enquanto uma das amigas dela desafinava “Strangers in the Night” no palco. O homem parecia estar se divertindo, apesar de a turista ser um pouco mais alta, e o sorriso dele estar na altura dos peitos dela.

E então, quando a dança terminou, o pai de Fat Charlie anunciou que era a vez dele de cantar de novo. E, se havia uma coisa que se podia afirmar com certeza sobre o pai de Fat Charlie era a total segurança que tinha sobre sua sexualidade, então ele cantou “I Am What I Am” para o bar, mas em especial para a turista mais loira na mesa logo abaixo do palco. Ele deu tudo o que tinha. Quando chegou a parte de explicar a todos os que ouviam que, na opinião dele, a vida não valeria droga nenhuma se ele não pudesse dizer a todo mundo que era quem era, o pai de Fat Charlie fez uma careta, pressionou uma das mãos contra o peito, estendeu a outra e caiu do palco improvisado, devagar e com tanta graça quanto um homem pode cair, bem em cima da turista mais loira, e de cima dela para o chão.

— Foi como ele gostaria de ter morrido. — A sra. Higgler suspirou.

E então contou a Fat Charlie como o pai dele tinha, em seu gesto final, enquanto caía, estendido a mão e agarrado alguma coisa, que por acaso foi o top da turista loira. Por isso, a princípio, algumas pessoas acharam que ele tinha saltado do palco de forma lasciva, com o único objetivo de expor os seios em questão, já que ela ficou lá, gritando, os peitos à mostra para todo o salão, enquanto a música “I Am What I Am” continuava a tocar, só que, depois disso, sem ninguém cantando.

Quando as pessoas que observavam perceberam o que tinha acontecido de fato, fizeram dois minutos de silêncio, e o pai de Fat Charlie foi levado para fora e colocado em uma ambulância, enquanto a turista loira tinha um ataque histérico no banheiro feminino.

Fat Charlie não conseguia tirar os peitos da cabeça. Em sua mente, eles o seguiam acusadoramente pela sala, como olhos em uma pintura. A vontade de se desculpar com um monte de gente que ele não conhecia não passava. E saber que o pai teria achado tudo muito divertido só o deixava ainda mais mortificado. É pior quando você fica constrangido por algo que nem estava presente para ver: a mente não para de aumentar os acontecimentos e voltar a eles, nem de revirá-los e examiná-los por todos os ângulos. Bem, talvez isso não aconteça com você, mas com Fat Charlie sem dúvida era assim.

Em geral, Fat Charlie sentia a vergonha nos dentes e na boca do estômago. Se algo que tivesse uma mínima chance de parecer constrangedor estivesse prestes a acontecer na TV, Fat Charlie se levantava e a desligava. Se isso não fosse possível, digamos, se outras pessoas estivessem presentes, ele arrumava um pretexto para sair da sala e esperava até ter certeza de que o momento constrangedor passara.

Fat Charlie morava em South London. Ele se mudara para lá aos dez anos, com um sotaque americano que fora motivo permanente de provocações, e se esforçara muito para perdê-lo, finalmente extirpando as últimas consoantes suaves e os Rs enrolados enquanto aprendia o uso e o contexto corretos das gírias locais. Ele conseguiu perder de vez o sotaque ao fazer dezesseis anos, quando seus colegas de escola decidiram que precisavam falar como se tivessem saído dos guetos americanos. Logo todos eles, menos Fat Charlie, começaram a falar como pessoas que queriam falar como Fat Charlie falava ao chegar à Inglaterra. Só que ele nunca poderia usar aquela linguagem em público sem a mãe lhe dar um tapa na orelha.

Tudo estava na voz.

Quando a vergonha pelo método que o pai escolhera para morrer começou a passar, Fat Charlie apenas se sentiu vazio.

— Não tenho mais família nenhuma — disse para Rosie, quase irritado.

— Você tem a mim — respondeu ela. O que fez Fat Charlie sorrir. — E você tem minha mãe — acrescentou, o que matou o sorriso no meio do caminho.

Ela o beijou no rosto.

— Você podia passar a noite aqui — sugeriu. — Para me confortar e tal.

— Podia — concordou ela. — Mas não vou.

Rosie não ia dormir com Fat Charlie antes do casamento. Ela explicou que era decisão dela, e que a havia tomado aos quinze anos. Não que conhecesse Fat Charlie na época, mas havia decidido. Então Rosie lhe deu outro abraço, um demorado, e disse:

— Você precisa fazer as pazes com seu pai, sabe?

E então foi para casa.

Fat Charlie passou uma noite conturbada, às vezes dormia, depois despertava, pensava muito e aí dormia de novo.

Ao amanhecer, estava de pé. Quando as pessoas chegassem ao trabalho, ligaria para o agente de viagens e perguntaria sobre as tarifas especiais de luto para uma viagem até a Flórida, então ligaria para a Agência Grahame Coats e informaria que, devido a uma morte na família, precisava tirar uns dias de folga, e, sim, sabia que teria que descontar de sua quota de licença médica ou das férias. Mas, por enquanto, sentia-se grato pelo fato de o mundo estar tranquilo.

Ele seguiu pelo corredor até o quartinho nos fundos da casa e olhou para os jardins abaixo. A luz coral do amanhecer tinha surgido, dava para ver melros e pequenos pardais pulando pela cerca viva, e um tordo de peito pintado estava parado, solitário, nos galhos de uma árvore próxima. Fat Charlie pensou que um mundo no qual os passarinhos cantavam pela manhã era um mundo normal, um mundo sensato, um mundo do qual ele não via problemas em fazer parte.

Mais tarde, quando os pássaros se tornaram algo a ser temido, Fat Charlie ainda se lembraria daquela manhã como algo bom e puro, mas também como o momento em que tudo havia começado. Antes da loucura. Antes do medo.

CAPÍTULO

DOIS

QUE DISCORRE
PRINCIPALMENTE
SOBRE AS
COISAS
QUE ACONTECEM
DEPOIS DOS
FUNERAIS

FAT CHARLIE AVANÇAVA, ofegante, pelo Memorial Jardim do Repouso, os olhos semicerrados contra o brilho do sol da Flórida. Manchas de suor se espalhavam pelo terno, concentrando-se nas axilas e no peito. O suor começou a escorrer pelo rosto enquanto ele corria.

O Memorial Jardim do Repouso parecia mesmo um jardim, mas um jardim muito estranho, onde todas as flores eram artificiais e cresciam em vasos de metal que saíam de placas metálicas presas ao chão. Fat Charlie passou por uma placa que dizia: “Sepulturas GRATUITAS para todos os veteranos dispensados com honras!” Passou pela Bebelândia, onde moinhos de vento multicoloridos e ursinhos de pelúcia azuis e cor-de-rosa encharcados se juntavam às flores artificiais no gramado da Flórida. Um Ursinho Pooh em destroços admirava, inerte, o céu azul.

Fat Charlie já conseguia ver onde se realizava o funeral, e mudou de rumo ao encontrar uma trilha que lhe permitiu correr direto até lá. Havia trinta pessoas, talvez mais, paradas ao redor do túmulo. As mulheres usavam vestidos escuros e chapéus pretos grandes enfeitados com renda negra no formato de flores fabulosas. Os homens vestiam ternos sem manchas de suor. As crianças pareciam solenes. Fat Charlie reduziu o passo para uma caminhada respeitosa, ainda tentando ir rápido, mas sem querer deixar ninguém perceber que ele na verdade estava com pressa. Ao alcançar o grupo enlutado, tentou abrir caminho até as fileiras da frente sem atrair muita atenção. Como àquela altura estava arfando como uma morsa que

acabara de subir um lance de escada, pingando de suor, e como pisou em vários pés ao passar, a tentativa foi um fracasso.

Recebeu olhares irritados, que tentou fingir não perceber. Todos entoavam um cântico que ele não conhecia. Ele moveu a cabeça no ritmo da música e tentou dar a impressão de que estava cantando junto. Moveu os lábios de um jeito que podia indicar que cantava mesmo, só que em um tom mais baixo, ou que talvez murmurasse uma oração, ou que, quem sabe, fossem apenas movimentos labiais aleatórios. Aproveitou a oportunidade para olhar para o caixão. Ficou feliz em notar que estava fechado.

O caixão era glorioso, feito do que parecia aço pesado e reforçado, grafite.

Na eventualidade de uma gloriosa ressurreição, pensou Fat Charlie, quando Gabriel soprar sua poderosa trompa e os mortos escaparem dos caixões, meu pai ficaria preso no túmulo, socando a tampa sem resultado, desejando que tivesse sido enterrado com um pé de cabra e, talvez, um maçarico de acetileno.

Um último “aleluia” profundamente melódico foi perdendo a intensidade. No silêncio que se seguiu, Fat Charlie ouviu alguém gritar do outro lado do Memorial Jardim, perto de por onde ele entrara.

O pastor perguntou:

— Alguém tem algo a dizer em memória desta pessoa querida que partiu?

Pelas expressões nos rostos dos que estavam mais perto do túmulo, era óbvio que vários deles tinham planejado dizer alguma coisa. Mas Fat Charlie sabia que esse era um daqueles momentos agora-ou-nunca. *Você precisa fazer as pazes com seu pai, sabe?* Certo.

Ele respirou fundo e deu um passo à frente, ficando bem na beira do túmulo. Então disse:

— Hã. Com licença. Certo. Eu acho que tenho algo a dizer.

Os gritos ao longe estavam ficando mais altos. Vários dos presentes começaram a olhar para trás, para ver de onde vinham. O restante encarava Fat Charlie.

— Eu nunca fui muito próximo do meu pai — explicou Fat Charlie. — Acho que, na verdade, nós não sabíamos como fazer isso. Não fiz parte da vida dele por vinte anos, e ele não fez parte da minha. Há muitas coisas difíceis de perdoar, mas um dia você olha em volta e percebe que não tem mais família. — Ele passou a mão na testa. — Acho que nunca disse “eu te amo, pai” em toda a minha vida. Todos vocês deviam conhecê-lo melhor do que eu. Alguns podem tê-lo amado. Vocês eram parte da vida dele, e eu, não. Por isso não tenho vergonha de que alguém aqui me ouça dizer isso. De que alguém me ouça dizer, pela primeira vez em pelo menos vinte anos. — Ele baixou os olhos para a tampa inexpugnável de metal. — Eu te amo. E nunca vou esquecê-lo.

Os gritos ficaram ainda mais altos, agora altos e nítidos o bastante, no silêncio que se seguiu à declaração de Fat Charlie, para todos conseguirem identificar as palavras que eram berradas através dos jardins do cemitério:

— Fat Charlie! Pare *agora mesmo* de incomodar essas pessoas e arraste esse seu corpo mole até aqui!

Fat Charlie encarou o mar de rostos desconhecidos, as expressões eram uma mistura fervilhante de choque, perplexidade, raiva e horror. Com as orelhas queimando de vergonha, ele percebeu a verdade.

— Hã. Sinto muito. Funeral errado — disse.

Um garotinho com orelhas de abano e um sorriso enorme anunciou, com orgulho:

— Essa era minha avó.

Fat Charlie recuou, passando pela pequena multidão e ainda balbuciando desculpas pouco coerentes. Queria que o mundo acabasse naquele momento. Sabia que não era culpa do pai, mas também sabia que ele teria achado aquilo engraçadíssimo.

Parada na trilha com as mãos nos quadris estava uma mulher gorda de cabelos grisalhos e expressão severa. Fat Charlie caminhou na direção dela da mesma maneira que teria atravessado um campo minado, sentindo-se outra vez com nove anos de idade e muito encrencado.

— Você não me ouviu berrar? — perguntou ela. — Andou, andou e nem me viu. Que situação embaraçosa em que você se meteu! — Ela falou *embaraçosa* de um jeito que a palavra parecia começar na letra *R*. — É por aqui — informou. — Perdeu a cerimônia e tudo o mais. Mas ainda tem uma pá de terra esperando por você.

A sra. Higglar quase não mudara nas últimas duas décadas: estava um pouco mais gorda, um pouco mais grisalha. Seus lábios estavam contraídos, e ela ia na frente, guiando Fat Charlie por uma das muitas trilhas do Memorial Jardim. Ele desconfiou de que não causara a melhor das primeiras impressões. A mulher indicava o caminho, e, sentindo-se péssimo, ele a seguia.

Um lagarto passou correndo por uma das barras da cerca de metal que limitava o Memorial Jardim, então se posicionou em uma das extremidades afiadas, saboreando o ar denso da Flórida. O sol entrara atrás de uma nuvem, mas, mesmo assim, a tarde estava ficando mais quente. O lagarto inflou o pescoço, um balão laranja colorido.

Duas garças de pernas compridas que Fat Charlie pensara ser enfeites de jardim o encararam quando ele passou. Uma delas enfiou a cabeça na água e a levantou com um grande sapo pendurado no bico. Ela começou a sacudir a cabeça em uma série de golpes no ar para tentar engolir o bicho, que se debatia e sacudia.

— Vamos — incentivou a sra. Higglar. — Pare de se arrastar. Já é bem ruim ter perdido o enterro do próprio pai.

Fat Charlie conteve-se para não comentar que viajara seis mil quilômetros naquele dia, alugara um carro em Orlando, pegara a saída errada, e que, afinal, de quem fora a ideia de enfiar um cemitério atrás de um Wal-Mart bem na periferia da cidade? Os dois continuaram andando, passaram por um grande prédio de concreto que fedia a formol e chegaram a uma sepultura aberta na extremidade mais distante do terreno. Não havia nada depois dela, apenas uma cerca alta e, depois, uma floresta de árvores, palmeiras e mato. Na cova, havia um modesto caixão de madeira. Vários montinhos de terra jaziam sobre a tampa. Havia uma pilha de terra e uma pá ao lado da sepultura.

A sra. Higgler pegou a pá e a entregou a Fat Charlie.

— Foi uma cerimônia bonita — comentou. — Vieram alguns dos velhos amigos de bar do seu pai e todas as mulheres da rua. Mesmo depois que ele se mudou, mantivemos contato. Ele teria gostado. Mas é claro que teria gostado mais se você estivesse presente. — A mulher balançou a cabeça. — Agora jogue essa terra aí em cima. E, se você tiver algo a dizer para se despedir, pode dizer enquanto coloca essa pá para trabalhar.

— Achei que fosse para eu jogar só uma ou duas pás de terra — retrucou Fat Charlie. — Um gesto simbólico.

— Dei trinta pratas pro sujeito ir embora — explicou a sra. Higgler. — Disse que o filho do morto tava vindo de avião da Inglaterra e que queria honrar o pai. Fazer o que é certo, não um *gesto simbólico*.

— Está bem — respondeu Fat Charlie. — Tem razão. Entendi.

Ele tirou o paletó do terno e o pendurou na cerca. Solto a gravata, puxou-a por cima da cabeça e a enfiou no bolso do paletó. Jogou a terra negra dentro da cova aberta enquanto respirava o ar da Flórida, denso como sopa.

Após algum tempo, começou a choviscar, o que quer dizer que caiu o tipo de chuva que você nunca consegue decidir se é mesmo chuva ou não. Se estivesse dirigindo, você nunca teria certeza se era para ligar ou não os limpadores de para-brisa. Debaixo dela, mexendo na terra, você só ficaria mais suado, mais molhado e mais desconfortável. Fat Charlie continuou a jogar a terra, e a sra. Higgler ficou ali, os braços cruzados nos seios colossais, a quase-chuva umedecendo o vestido negro, e o chapéu de palha enfeitado com uma única rosa de seda preta, observando-o encher o buraco.

A terra virou lama, o que só serviu para deixá-la mais pesada.

Depois do que pareceu uma vida inteira, e uma vida muito desconfortável, Fat Charlie bateu a pá para assentar o último bocado de terra.

A sra. Higgler caminhou até ele. Pegou seu paletó na cerca e o entregou.

— Você está encharcado até os ossos e coberto de terra e suor, mas cresceu. Bem-vindo ao lar, Fat Charlie — disse, então deu um sorriso e o abraçou contra o peito farto.

— Não estou chorando.

— Shh, fique quietinho — respondeu a sra. Higglar.

— É a chuva no meu rosto — explicou Fat Charlie.

A sra. Higglar não disse uma palavra. Apenas o abraçou e se balançou para a frente e para trás. Depois de algum tempo, ele disse:

— Está tudo bem. Estou melhor agora.

— Tem comida lá em casa — comentou a sra. Higglar. — Vamos, você precisa comer.

Ele limpou a lama dos sapatos no estacionamento, entrou no carro cinza alugado e seguiu a sra. Higglar, em uma perua marrom, por ruas que não existiam vinte anos antes. A mulher dirigia como alguém que tinha acabado de arrumar uma caneca enorme e muito necessária de café, alguém cuja principal missão era beber o máximo de café que conseguisse enquanto dirigia o mais rápido possível. Fat Charlie ia atrás dela, acompanhando-a o melhor que podia, avançando a toda a velocidade de sinal em sinal enquanto tentava identificar mais ou menos onde estavam.

Então eles entraram em uma rua e, com crescente apreensão, Fat Charlie percebeu que a reconhecia. Aquela era a rua onde morara quando criança. Até as casas pareciam mais ou menos as mesmas, apesar de a maioria agora ter adquirido impressionantes cercas de aramado ao redor dos jardins.

Já havia vários carros estacionados diante da casa da sra. Higglar. Ele parou atrás de um velho Ford cinza. A sra. Higglar caminhou até a porta da frente e a abriu com a chave.

Fat Charlie olhou para si mesmo, enlameado e ensopado de suor.

— Não posso entrar aí assim — disse.

— Já vi coisa pior — retrucou a mulher, e então sugeriu: — Vamos fazer o seguinte. Você entra lá, vai direto para o banheiro, lava as mãos e o rosto, se limpa e, quando estiver pronto, encontra a gente na cozinha.

Ele foi para o banheiro. Tudo cheirava a jasmim. Tirou a camisa enlameada e lavou o rosto e as mãos em uma pia pequena, usando um sabonete que também cheirava a jasmim. Pegou uma toalha, secou o peito e limpou as partes mais sujas da calça do terno. Olhou para a camisa, que era branca quando a vestiu naquela manhã, mas que se transformara em um marrom especialmente sujo, e resolveu não vesti-la outra vez. Tinha outras camisas na bolsa, no banco traseiro do carro alugado. Sairia da casa de fininho, vestiria uma camisa limpa e depois enfrentaria as pessoas lá dentro.

Destrancou a porta do banheiro e a abriu.

Quatro senhoras idosas estavam paradas no corredor, o olhar fixo nele. Fat Charlie conhecia todas elas.

— O que você está fazendo? — perguntou a sra. Higglar.

— Trocando de camisa — respondeu Fat Charlie. — Camisa no carro. É. Volto logo.

Ele ergueu bem o queixo, atravessou o corredor a passos largos e saiu pela porta da frente.

— Que idioma foi esse que ele falou? — perguntou a pequena sra. Dunwiddy depois que ele se virou, bem alto.

— Isso não é algo que se vê todo dia — comentou a sra. Bustamonte, apesar de estarem na Flórida, na Treasure Coast, e de que, se há algo que se vê todo dia por lá, são homens sem camisa, apesar de eles raramente combinarem isso com calças compridas enlameadas.

Fat Charlie trocou de camisa no carro e voltou para a casa. As quatro senhoras estavam na cozinha, ocupando-se com o trabalho de guardar em potes de plástico o que até pouco tempo parecia ter sido uma grande quantidade de comida.

A sra. Higgler era mais velha do que a sra. Bustamonte, e as duas eram mais velhas do que a srta. Noles, mas nenhuma era mais velha que a sra. Dunwiddy. A sra. Dunwiddy era velha, e aparentava a idade que tinha. Deviam existir eras geológicas mais jovens do que a sra. Dunwiddy.

Quando criança, Fat Charlie imaginara a sra. Dunwiddy na África Equatorial, lançando um olhar de reprovação para hominídeos recém-erectos por trás dos óculos de armação grossa.

— Saia do meu jardim — diria ela para um recém-evoluído e bastante ansioso espécime de *Homo habilis* —, ou vou arrastá-lo pela orelha para fora, juro que vou.

A sra. Dunwiddy cheirava a água de violetas, e por baixo daquilo, tinha cheiro de uma mulher muito, muito velha. Era uma senhorinha que podia ser mais assustadora do que uma tempestade, e Fat Charlie, que, mais de duas décadas antes, entrara em seu quintal atrás de uma bola de tênis perdida e quebrara um dos enfeites de jardim, ainda ficava aterrorizado ao vê-la.

Naquele exato momento, a sra. Dunwiddy comia com as mãos alguns bocados de curry de cabrito em um dos potinhos de plástico.

— Acho um desperdício — disse, e jogou os pedaços de osso de cabrito em um pires de porcelana.

— Está com fome, Fat Charlie? — perguntou a srta. Noles.

— Estou bem — respondeu ele. — Sério.

Quatro pares de olhos o encararam com reprovação por trás de quatro pares de óculos.

— Não é bom passar fome quando se está de luto — argumentou a sra. Dunwiddy, lambendo a ponta dos dedos e pegando outro pedaço de carne marrom e gordurosa de cabrito.

— Não estou fazendo isso. Só estou sem fome. Só isso.

— A tristeza o fará definhar e deixará você só pele e ossos — comentou a srta. Noles, com uma satisfação lúgubre.

— Acho que não.

— Vou servir um prato para você — anunciou a sra. Higgler. — Vá se sentar à mesa. Não quero ouvir nem mais uma palavra. Sobrou muita comida, então não se preocupe com isso.

Fat Charlie sentou-se no lugar que ela indicou, e, em segundos, viu diante de si um prato com uma pilha alta de ensopado de ervilha com arroz, pudim de batata-doce, carne de porco, curry de cabrito, curry de frango, banana-da-terra frita e mocotó em conserva. Fat Charlie já podia sentir a azia, e ainda nem tinha colocado uma garfada na boca.

— Onde está todo mundo? — perguntou.

— Os amigos de bebedeira do seu pai foram beber. Saíram para uma pescaria comemorativa na ponte, em memória dele. — A sra. Higgler derramou na pia o resto de café da caneca de viagem do tamanho de um balde e o substituiu pelo conteúdo fumegante de um bule de café fresco.

A sra. Dunwiddy lambeu e limpou os dedos com a língua pequena e roxa e foi arrastando os pés até onde Fat Charlie estava sentado, a comida ainda intocada. Quando era pequeno, ele realmente acreditava que a sra. Dunwiddy era bruxa. Não uma bruxa boa, mas o tipo que as crianças tinham que empurrar dentro do forno se quisessem sobreviver. Aquela era a primeira vez que a encontrava em mais de vinte anos, e ainda precisava resistir ao impulso de gritar e se esconder embaixo da mesa.

— Vi muita gente morrer na minha vida. Fique muito velho e você também verá. Todas as pessoas um dia morrem, é só dar tempo a elas. — A sra. Dunwiddy fez uma pausa. — Mesmo assim, nunca achei que isso fosse acontecer com seu pai.

Ela balançou a cabeça.

— Como ele era? — perguntou Fat Charlie. — Quando era novo?

A sra. Dunwiddy olhou para ele por trás dos óculos muito, muito grossos, comprimiu os lábios e balançou a cabeça.

— Isso foi antes da minha época. — Foi tudo que ela disse. — Coma o mocotó.

Fat Charlie deu um suspiro e começou a comer.

★ ★ ★

Era fim de tarde, e os dois estavam sozinhos na casa.

— Onde você vai dormir hoje? — perguntou sra. Higgler.

— Pensei em procurar um quarto de motel — respondeu Fat Charlie.

— Mesmo tendo um quarto muito bom aqui? E uma casa muito boa nesta mesma rua? Você ainda nem foi vê-la. Se quer saber o que eu acho, diria que seu pai gostaria que você ficasse lá.

— Eu prefiro ficar sozinho. E não acho que seria certo dormir na casa do meu pai.

— Bem, não é meu dinheiro que está sendo jogado fora — retrucou a sra. Higgler. — De qualquer jeito, você vai ter que resolver o que fazer com a casa do seu pai. E com todas as coisas dele.

— Não me importo com isso — respondeu Fat Charlie. — Podemos fazer uma venda de garagem. Anunciar no e-Bay. Levar tudo para um lixão.

— Mas que negócio é esse? — Ela remexeu em uma gaveta na cozinha e pegou uma chave com uma grande etiqueta de papel colada. — Ele me deu uma cópia quando se mudou — explicou. — Caso perdesse a dele, ou ficasse trancado do lado de fora, ou algo assim. Costumava dizer que podia esquecer a cabeça em algum lugar, se ela não estivesse grudada no pescoço. Quando vendeu a casa ao lado, ele me disse: *Não se preocupe, Callyanne, não vou para longe*. Seu pai morava naquela casa desde que eu me entendia por gente, mas, de repente, resolveu que ela era grande demais e que ele precisava se mudar... — E, sem parar de falar, ela o arrastou até a calçada, o enfiou na perua marrom e dirigiram por várias ruas até chegarem a uma casa de madeira de apenas um andar.

Ela abriu a porta da frente, e os dois entraram.

O cheiro era familiar: levemente adocicado, como se cookies com gotas de chocolate tivessem sido feitos na última vez em que a cozinha foi usada, mas isso tinha sido muito tempo atrás. Estava quente demais ali. A sra. Higgler o conduziu até a pequena sala de estar e ligou um aparelho de ar-condicionado encaixado na janela. Ele sacudiu com um estrondo, além de feder como um cachorro molhado, e fez o ar quente circular.

Havia pilhas de livros ao redor de um sofá decrépito que Fat Charlie se lembrava de sua infância, e também havia fotos em porta-retratos. Uma delas era uma foto em preto e branco da mãe de Fat Charlie quando nova, o cabelo preso no alto da cabeça, preto e reluzente, usando um vestido brilhante. Ao lado dessa, havia uma foto do próprio Fat Charlie, talvez com cinco ou seis anos, parado ao lado de uma porta espelhada, então parecia, à primeira vista, que havia dois Fat Charlies lado a lado, os dois encarando o observador com muita seriedade.

Fat Charlie pegou o livro no alto da pilha. Era um livro sobre arquitetura italiana.

— Ele se interessava por arquitetura?

— Era apaixonado pelo assunto. Sim.

— Eu não sabia.

A sra. Higgler deu de ombros e tomou um gole de café.

Fat Charlie abriu o livro e viu o nome do pai escrito com muito cuidado na primeira página. Logo depois, o fechou.

— Eu nunca o conheci — comentou Fat Charlie. — Não de verdade.

— Ele nunca foi um homem fácil de conhecer — respondeu a sra. Higgler. — Eu o conheci por quanto tempo? Quase sessenta anos? E não o conhecia.

— Você deve tê-lo conhecido quando ele era garoto.

A sra. Higgler hesitou. Parecia estar se lembrando. Então disse, bem baixinho:

— Eu o conheci quando era menina.

Fat Charlie achou que deveria mudar de assunto, então apontou para a foto da mãe.

— Ele tem uma foto da mamãe aqui — comentou.

A sra. Higgler tomou um gole de café.

— Tiraram em um barco — contou. — Bem antes de você nascer. Um desses barcos em que as pessoas saíam para jantar e navegavam até uns cinco quilômetros além das águas territoriais, então os jogos de azar eram permitidos. Depois voltavam. Não sei se esses barcos ainda existem. Sua mãe disse que foi a primeira vez que ela comeu um bife na vida.

Fat Charlie tentou imaginar como eram seus pais antes de ele nascer.

— Ele sempre foi um homem bonito — recordou a sra. Higgler, como se estivesse lendo sua mente. — Dos pés à cabeça. Tinha um sorriso capaz de levar uma garota à loucura. E se vestia sempre muito bem. Todas as moças o adoravam.

Fat Charlie sabia a resposta antes mesmo de fazer a pergunta.

— A senhora...?

— Que tipo de pergunta é essa para se fazer a uma viúva respeitável? — Ela bebeu o café. Fat Charlie esperou a resposta. Ela disse: — Eu o beijei. Há muito, muito tempo, antes mesmo de ele conhecer sua mãe. Ele beijava muito, muito bem. Eu torcia para que ele me chamasse para sair, me levasse para dançar de novo, mas, em vez disso, ele desapareceu. Sumiu por quanto tempo, um ano? Dois? E, quando voltou, eu estava casada com o sr. Higgler, e ele estava com sua mãe. Ele a conheceu nas ilhas.

— A senhora ficou chateada?

— Eu era uma mulher casada. — Outro gole de café. — E era impossível odiá-lo. Não dava nem para sentir raiva direito. E o jeito como ele olhava para ela... Droga, se ele algum dia olhasse para mim daquele jeito, eu morreria feliz. Sabe que fui madrinha do casamento deles?

— Não sabia.

O aparelho de ar-condicionado estava começando a soltar ar frio. Ainda fedia a cachorro molhado.

Ele perguntou:

— A senhora acha que eles foram felizes?

— No início. — Ela ergueu a enorme caneca térmica, pareceu prestes a dar um gole e então mudou de ideia. — No início. Mas nem mesmo ela conseguiu prender a atenção dele por muito tempo. Ele tinha tanta coisa para fazer. Seu pai era muito ocupado.

Fat Charlie tentou descobrir se a sra. Higgler estava brincando ou não. Não soube dizer. Mas ela não sorriu.

— Tanta coisa para fazer? Como o quê? Pescar em uma ponte? Jogar dominó na varanda? Esperar a invenção inevitável do karaokê? Ele não era ocupado. Acho que ele não trabalhou um só dia durante o tempo em que moramos juntos.

— Não diga essas coisas sobre seu pai!

— Ora, é verdade. Ele era um lixo. Um péssimo marido e um péssimo pai.

— Claro que era! — concordou a sra. Higgler. — Mas você não pode julgá-lo como julgaria um homem. Fat Charlie, você não pode esquecer que seu pai era um deus.

— Um deus entre os homens?

— Não. Um deus, só isso. — Ela falou aquilo sem qualquer ênfase, de modo tão trivial e natural como se dissesse que “ele era diabético” ou apenas “ele era negro”.

Fat Charlie quis fazer uma piada sobre aquilo, mas havia um brilho nos olhos da sra. Higgler, e de repente não conseguiu pensar em nada engraçado para dizer. Por isso falou, com muita delicadeza:

— Ele não era um deus. Deuses são especiais. Míticos. Fazem milagres e coisas do tipo.

— Isso mesmo — disse a sra. Higgler. — Não podíamos contar a você enquanto ele era vivo, mas, agora que ele se foi, não deve fazer mal.

— Ele não era um deus. Ele era meu pai.

— Dá para ser os dois — retrucou ela. — Acontece.

É como discutir com uma louca, pensou Fat Charlie. Percebeu que devia se calar, mas a boca não parava quieta. Naquele mesmo instante, ia dizendo:

— Veja bem, se meu pai fosse um deus, teria poderes divinos.

— Ele tinha. Nunca fez muita coisa com eles, é verdade. Mas ele era velho. Afinal, como você acha que ele se virava sem trabalhar? Sempre que precisava de dinheiro, jogava na loteria ou ia a Hallendale e apostava nos cachorros ou nos cavalos. Nunca ganhava o suficiente para atrair atenção. Só o bastante para ir levando.

Fat Charlie nunca ganhara nada na vida. Nada, mesmo. Nos vários bolões em que apostara no escritório, só podia contar com a certeza de que o cavalo escolhido nem passaria pelos portões de largada, ou que o time perderia para algum outro de uma divisão desconhecida vinda de algum lugar do limbo do esporte. Era irritante.

— Se meu pai era um deus, e devo dizer que não acredito nem por um instante nisso, de jeito nenhum, então por que é que *eu* também não sou um deus? Quer dizer, a senhora está afirmando que sou filho de um deus, não está?

— É óbvio.

— Então por que é que eu não posso apostar nos cavalos vencedores ou fazer milagres, mágicas e coisas do tipo?

Ela fungou.

— Seu irmão ficou com toda a parte boa.

Fat Charlie percebeu que sorria. Então respirou, aliviado. Aquilo tudo não passava de uma piada.

— Ah, sabe, sra. Higgler, eu não tenho irmão.

— Claro que tem. Vocês dois estão naquela foto.

Apesar de saber o que estava retratado, Fat Charlie olhou para a foto. A mulher estava mesmo louca. Completamente pirada.

— Sra. Higgler — começou, no tom mais delicado possível. — Na foto só tem *eu*. Sou eu quando era criança. É uma porta espelhada. Estou parado ao lado dela. É só eu e meu reflexo.

— É você. E também é seu irmão.

— Eu nunca tive irmão.

— Claro que teve. Eu não sinto muita falta dele. Você sempre foi o bonzinho, sabia? Ele era uma criança muito difícil, quando ainda estava por aqui. — E, antes que Fat Charlie pudesse dizer qualquer outra coisa, acrescentou: — Ele foi embora quando você era pequeno.

Fat Charlie se inclinou para a frente. Então colocou sua mão grande sobre a mão ossuda da sra. Higgler, a que não estava segurando a caneca de café.

— Não é verdade — disse.

— Louella Dunwiddy o mandou embora — explicou a mulher. — Seu irmão tinha medo dela. Mas ele voltava de vez em quando. Sabia ser muito agradável quando queria.

Ela terminou o café.

— Eu sempre quis um irmão — comentou Fat Charlie. — Alguém com quem brincar.

A sra. Higgler se levantou.

— Este lugar não vai se limpar sozinho — comentou. — Eu trouxe sacos de lixo, estão no carro. Acho que precisaremos de muitos sacos.

— É — concordou ele.

Fat Charlie passou aquela noite em um motel. Pela manhã, ele e a sra. Higgler se encontraram de novo na casa do pai e encheram grandes sacos de lixo pretos com um monte de tranqueira. Separaram alguns sacos com objetos para serem doados. Também encheram uma caixa com coisas que Fat Charlie quis guardar por razões sentimentais, a maioria fotos de sua infância e de coisas anteriores a seu nascimento.

Tinha um baú antigo, que mais parecia uma pequena arca de tesouro pirata, cheio de documentos e papéis velhos. Fat Charlie se sentou no chão para examiná-los. A sra. Higgler veio do quarto com outro saco de lixo cheio de roupas comidas por traças.

— Foi seu irmão quem deu esse baú a ele — comentou, do nada.

Era a primeira vez que ela mencionava algum dos delírios da noite anterior.

— Como eu gostaria ter tido um irmão — retrucou Fat Charlie, e não percebeu que tinha falado em voz alta até a sra. Higgler responder:

— Eu já disse: você *tem* um irmão.

— Então — insistiu ele —, onde eu poderia encontrar esse irmão mítico?

Mais tarde, ele pensaria no motivo de ter feito aquela pergunta. Será que foi só para agradá-la? Era provocação? Ou foi apenas porque precisava dizer algo para preencher o silêncio? Qualquer que tenha sido a razão, ele *fez* a pergunta. E a sra. Higgler mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça.

— Você precisa saber. É sua herança. Sua linhagem. — Ela caminhou até ele e curvou o indicador, chamando-o mais para perto. Fat Charlie se inclinou. Os lábios daquela senhora tocaram seu ouvido de leve, enquanto ela sussurrava:

— ... *precisar dele... conte para...*

— O quê?

— Estou dizendo — continuou ela, com a voz normal — que se precisar dele, é só contar para uma aranha. Ele virá correndo.

— Contar para uma aranha?

— Foi o que eu disse. Acha que eu estou falando por falar? Que estou exercitando os pulmões? Nunca ouviu falar em conversar com abelhas? Quando eu era menina, em Saint Andrews, antes dos meus pais virem para cá, contávamos todas as boas notícias para as abelhas. Bem, é a mesma coisa. Conte para uma aranha. Era assim que eu mandava recados para seu pai, quando ele sumia.

— ... Sei.

— Não me venha com esse “sei”.

— Como assim?

— Você fala como se eu fosse uma velha maluca que não diz coisa com coisa. Acha que estou gagá?

— Hã. Para ser sincero, tenho quase certeza de que está, sim.

A sra. Higgler não se acalmou. Ela não estava nem um pouco satisfeita. A mulher pegou a caneca de café na mesa e a sacudiu em reprovação. Fat Charlie tinha passado dos limites, e a sra. Higgler estava determinada a garantir que ele soubesse disso.

— Eu não tenho a menor obrigação de fazer isso, sabia? — reclamou. — Não tenho que ajudar você. Só estou fazendo isso porque seu pai era especial, e sua mãe, uma boa mulher. Estou contando coisas importantes. Você devia me ouvir. Devia acreditar em mim.

— Eu acredito na senhora — respondeu Fat Charlie, do modo mais convincente possível.

— Não, você só está tentando agradar uma velha.

— Não — mentiu ele —, não estou. De verdade, juro que não estou.

As palavras soavam honestas, sinceras e verdadeiras. Ele estava a milhares de quilômetros de Londres, na casa do falecido pai, acompanhado de uma mulher maluca à beira de um ataque apoplético. Teria dito até que a lua é só uma espécie de fruta tropical exótica se isso fosse acalmá-la, e teria dito com toda a sinceridade que conseguisse reunir.

Ela fungou.

— Esse é o problema com vocês, jovens — resmungou. — Vocês acham que, por não estarem aqui há muito tempo, sabem de tudo. Durante a vida, já me esqueci de mais do que você algum dia vai sequer pensar em saber. Você não sabe nada sobre seu pai, garoto, não sabe nada sobre sua família. Eu revelo que seu pai é um deus, e você nem me pergunta de que deus estou falando.

Fat Charlie tentou se lembrar do nome de alguns deuses.

— Zeus? — sugeriu.

A sra. Higglar soltou um chiado que parecia o de uma chaleira prestes a ferver. Fat Charlie teve bastante certeza de que Zeus não era a resposta certa.

— Cupido?

Ela fez outro barulho, um que começou como uma fungada e terminou em uma risada.

— Até consigo imaginar seu pai usando só uma fralda gigante e fofa, segurando um arco e flecha. — Ela riu mais um pouco. Então bebeu mais um gole de café. — Na época em que ele era um deus... Naquela época, o chamavam de Anansi.

★ ★ ★

Bem, você deve conhecer algumas histórias de Anansi. No mundo inteiro, não deve existir uma única pessoa que não conheça alguma história dele.

Anansi era uma aranha, isso quando o mundo era jovem, e todas as histórias estavam sendo contadas pela primeira vez. Ele se metia em muitos problemas, e também saía desses problemas. Sabe a história do boneco de piche, aquela que contam dizendo que foi com um macaco? Ela antes foi uma história de Anansi. Tem quem pense que Anansi era um macaco. Mas essas pessoas estão enganadas. Ele não era um macaco. Era uma aranha.

As histórias de Anansi são tão antigas quanto o costume de contar histórias. Na África, onde tudo começou, mesmo antes de as pessoas pintarem leões-das-cavernas e ursos nas paredes de pedra, mesmo naquela época, já se contava histórias. Eram sobre macacos, leões e búfalos: grandes histórias de sonhos. As pessoas sempre foram propensas a isso. Era assim que davam sentido ao mundo em que viviam. Tudo que corria, rastejava,

balançava ou serpenteava teve parte nessas histórias, e tribos de povos diferentes veneravam criaturas diferentes.

Mesmo naquela época, o Leão era o rei dos animais, a Gazela, o bicho de patas ligeiras, o Macaco, o mais bobo, e o Tigre, o mais terrível. Mas as pessoas não queriam ouvir histórias sobre eles.

Anansi deixou sua marca nas histórias. Toda história é dele. Em algum tempo, antes que as histórias fossem de Anansi, elas pertenciam ao Tigre (que é o nome que o povo da ilha dá a todos os grandes felinos). As histórias eram sombrias, malignas e cheias de sofrimento, e nenhuma delas tinha final feliz. Mas isso foi há muito tempo. Hoje em dia, as histórias são de Anansi.

Já que acabamos de sair de um funeral, vou contar uma história sobre Anansi, de quando a avó dele morreu. (Não fique triste: ela era uma mulher muito velha e morreu dormindo. Acontece.) Ela morreu muito longe de casa, então Anansi atravessou a ilha inteira empurrando um carrinho de mão, pegou o corpo da avó, colocou-o no carrinho e a levou de volta para casa. Ele queria enterrá-la debaixo de uma figueira-de-bengala que ficava nos fundos da cabana em que morava, veja só.

Depois de passar a manhã inteira empurrando o corpo da avó, Anansi estava passando pela aldeia e pensou: *Preciso de um pouco de uísque*. Então entrou na loja, já que havia uma loja lá, uma loja que vendia de tudo e que tinha, inclusive, um vendedor muito impaciente. Anansi entrou e bebeu um gole de uísque. Bebeu outro gole de uísque e pensou: *Vou pregar uma peça nesse sujeito*. Então virou para o comerciante e disse:

— Vá lá fora e leve um pouco de uísque para minha avó, ela está dormindo no carrinho de mão. Talvez você tenha que acordá-la; ela tem um sono muito pesado.

O comerciante saiu com uma garrafa e se virou para a senhora, deitada no carrinho.

— Ei, aqui está seu uísque. — Mas a velha não disse nem uma palavrinha em resposta. O comerciante foi ficando com cada vez mais raiva, pois era um homem muito irritadiço, e já foi dizendo: — Levante-se, velha, levante-se e beba este uísque.

Mas a velha não respondia. Então ela fez uma coisa que os mortos às vezes fazem quando o dia está quente: liberou gases barulhentos. Bem, o comerciante ficou com tanta raiva daquela mulher que tinha acabado de peidar na cara dele que deu uma porrada nela. E depois bateu nela outra vez, e de novo, até que ela caiu do carrinho e foi parar no chão.

Anansi saiu correndo e começou a gritar e a chorar, abraçado ao corpo da avó, balançando para a frente e para trás:

— Minha avó, ela está morta, olhe só o que você fez! Assassino! Monstro!

Então o comerciante pediu a Anansi para não contar a ninguém o que ele tinha feito. Para se certificar de que a testemunha iria embora e ficaria

de bico calado, o comerciante deu a Anansi cinco garrafas de uísque, um saco de ouro e um saco de bananas, além de abacaxis e mangas.

(Veja bem, ele achava que tinha matado a velha.)

Então Anansi empurrou o carrinho de mão até sua casa e enterrou a avó embaixo da figueira-de-bengala.

Bem, no dia seguinte, o Tigre estava passando pela casa de Anansi e sentiu o cheiro de comida no fogão. Por isso se convidou para entrar e deu de cara com Anansi, que preparava um banquete. Já que Anansi não tinha outra opção, convidou o Tigre para a ceia.

O Tigre perguntou:

— Irmão Anansi, onde foi que você conseguiu toda essa comida maravilhosa? Não minta para mim. E onde conseguiu essas garrafas de uísque e esse grande saco cheio de moedas de ouro? Se você mentir para mim, vou rasgar sua garganta.

Então Anansi respondeu:

— Não posso mentir para você, Irmão Tigre. Ganhei isso tudo porque levei minha avó morta até a aldeia em um carrinho de mão. O dono da loja me deu essas coisas todas por levar minha avó morta até ele.

Bem, o Tigre não tinha nenhuma avó viva, mas sua esposa tinha mãe, então ele foi para casa e chamou a mãe da esposa, dizendo:

— Vovó, saia agora, você e eu precisamos ter uma conversa.

A velha saiu, olhou ao redor e perguntou:

— O que foi?

Bem, foi aí que o Tigre a matou, apesar de sua esposa amar a mãe, e colocou o corpo em um carrinho de mão. Ele foi até a aldeia empurrando o carrinho com a sogra morta.

— Quem quer um cadáver? — gritava o Tigre. — Quem quer uma avó morta?

Mas todo mundo apenas zombava e ria, e, quando viram que o Tigre estava falando sério e que não ia sair dali, começaram a atirar frutas podres nele até ele fugir.

Não foi a primeira vez que Anansi fez o Tigre de bobo, e nem seria a última. A mulher do Tigre nunca o deixou esquecer que ele matara sua mãe. Alguns dias, o Tigre achava que seria melhor se ele nunca tivesse nascido.

Essa é uma história de Anansi.

Mas é claro que todas as histórias são histórias de Anansi.

Nos velhos tempos, todos os animais queriam histórias com seus nomes, na época em que as canções que cantavam o mundo ainda estavam sendo entoadas, na época em que ainda estavam cantando o mar, o arco-íris e o oceano. Foi naquela época, quando os animais eram gente e animais ao mesmo tempo, que Anansi, a Aranha, enganou todos eles. Especialmente o Tigre, que queria que todas as histórias fossem sobre ele.

Histórias são como aranhas, com todas aquelas pernas compridas. E histórias também são como teias, coisas em que os homens acabam se embolando, mas que parecem lindas quando as vemos sob uma folha coberta pelo orvalho da manhã, além de terem a mesma forma elegante de se conectarem uma com as outras, todas juntas.

O que foi? Você quer saber se Anansi tinha aparência de aranha? Mas é claro que sim, só que ele também parecia um homem.

Não, ele nunca mudava de forma. É só uma questão de como a história é contada. Só isso.

CAPÍTULO
TRÊS

NO QUAL
HÁ UMA
REUNIÃO DE
FAMÍLIA

FAT CHARLIE PEGOU o avião de volta para casa, para a Inglaterra. Ou melhor, para o lugar mais parecido com uma “casa” que ele conhecia.

Rosie estava esperando quando ele saiu da alfândega trazendo uma mala pequena e uma enorme caixa de papelão fechada com fita adesiva. Ela lhe deu um abraço bem apertado.

— Como foi? — perguntou.

Fat Charlie deu de ombros.

— Podia ter sido pior.

— Bem — começou ela —, pelo menos você não precisa mais se preocupar em convidar seu pai para o casamento e passar vergonha por causa dele.

— É verdade.

— Minha mãe disse que devíamos adiar o casamento por alguns meses, em sinal de respeito.

— Sua mãe quer é que o casamento seja adiado, só isso.

— Bobagem. Ela acha que você é um ótimo partido.

— Sua mãe não descreveria nem mesmo uma mistura de Brad Pitt, Bill Gates e o príncipe William como “ótimo partido”. Não há ninguém neste mundo bom o suficiente para assumir o posto de genro dela.

— Ela gosta de você — retrucou Rosie, meio que por obrigação e sem soar muito convencida.

A mãe de Rosie não gostava de Fat Charlie, e todos sabiam disso. A mãe de Rosie era um emaranhado de preconceitos infundados, preocupações e intrigas. Ela morava em um apartamento magnífico na Wimpole Street, junto com uma enorme geladeira vazia, exceto por garrafas de água vitaminada e biscoitos de centeio. Frutas de cera repousavam em cestas sobre os aparadores antigos e eram limpas duas vezes por semana.

Em sua primeira visita à casa da mãe de Rosie, Fat Charlie mordeu uma das maçãs de cera. Ele estava muito nervoso, tão nervoso que pegou a maçã — em sua defesa, era uma maçã muito realista — e deu uma mordida. Rosie tinha começado a gesticular freneticamente. Fat Charlie cuspiu o pedaço de cera na mão e até considerou fingir que gostava de comer frutas de cera, ou pelo menos que sabia que a maçã era de mentira e que fizera aquilo só de brincadeira. Mas a mãe de Rosie ergueu uma sobrancelha, foi até ele, pegou os restos da maçã, deu uma breve explicação sobre como frutas de cera realistas eram caras hoje em dia, isso quando conseguia encontrar uma boa, e jogou a maçã no lixo. Fat Charlie passou o restante da tarde sentado no sofá, com um gosto forte de vela na boca, enquanto a mãe de Rosie o encarava fixamente, tentando se assegurar de que ele não tentaria morder qualquer outra fruta de cera de sua preciosa coleção ou roer a perna de uma cadeira Chippendale.

Grandes fotos coloridas expostas em porta-retratos de prata descansavam sobre o aparador do apartamento. Eram retratos de Rosie quando menina e também da mãe e do pai, e Fat Charlie as analisou com atenção, procurando pistas para o mistério que era sua noiva. O pai dela, que morreu quando Rosie tinha quinze anos, era um homem enorme. Ele primeiro tinha sido cozinheiro, depois chef e, por fim, dono de um restaurante. Estava impecável em todas as fotos, como se uma equipe de figurinistas o produzisse antes de cada sessão, e sempre rotundo e sorridente, o braço arqueado para que a mãe de Rosie o segurasse.

— Ele era um cozinheiro maravilhoso — comentou Rosie.

Nas fotos, a mãe de Rosie era curvilínea e sorridente. Mas, doze anos depois, parecia uma Eartha Kitt esquelética, e Fat Charlie nunca a vira sorrir.

— Sua mãe cozinha? — perguntou Fat Charlie, depois do primeiro encontro.

— Não sei. Eu nunca a vi cozinhando.

— O que ela come? Quer dizer, ela não pode viver de biscoitos e água.

— Acho que ela pede comida por telefone — respondeu Rosie.

Fat Charlie achava muito provável que a mãe de Rosie saísse à noite em forma de morcego para sugar o sangue de inocentes adormecidos. Já tinha mencionado essa teoria para a noiva, mas ela não achava a menor graça.

A mãe dissera a Rosie que tinha certeza de que Fat Charlie estava casando com ela pelo dinheiro.

— Que dinheiro?

A mãe de Rosie gesticulou, indicando o apartamento — um gesto que abrangia as frutas de cera, a mobília antiga e os quadros nas paredes — e comprimiu os lábios.

— Mas isso tudo é seu — retrucou Rosie.

Ela se sustentava com o salário de seu emprego em uma instituição de caridade de Londres — um salário que não era alto. Para complementá-lo, Rosie gastara o dinheiro da herança do pai para comprar um pequeno apartamento, que ela dividia com uma sucessão de australianas e neozelandesas, e um Golf de segunda mão.

— Eu não vou viver para sempre — retorquiu a mãe, torcendo o nariz de uma maneira que sugeria que ela tinha, sim, intenção de viver para sempre, cada vez mais severa, mais magra e mais parecida com uma pedra, e comendo cada vez menos, até conseguir sobreviver apenas de ar, frutas de cera e rancor.

Enquanto dirigia, depois de buscar Fat Charlie no Heathrow para levá-lo para casa, Rosie decidiu mudar de assunto. Ela anunciou:

— Estou sem água no meu apartamento. Está faltando no prédio inteiro.

— Teve algum problema?

— A sra. Klinger, do andar de baixo. Disse que alguma coisa provocou um vazamento.

— E essa coisa deve ter sido a própria sra. Klinger.

— *Charlie*. Então, eu estava pensando... Será que eu podia tomar banho na sua casa, hoje à noite?

— Quer que eu esfregue as suas costas?

— *Charlie*.

— Claro. Sem problema.

Rosie encarava a traseira do carro à frente, mas tirou a mão da alavanca de câmbio, estendeu o braço e apertou a enorme mão de Fat Charlie.

— Logo estaremos casados — disse ela.

— Eu sei — respondeu Fat Charlie.

— Bem, o que estou dizendo — continuou ela — é que teremos bastante tempo para isso, não é?

— Bastante — concordou Fat Charlie.

— Quer saber uma coisa que minha mãe me disse, certa vez?

— Hã... Tem a ver com trazer de volta a pena de morte por enforcamento?

— Não tem, não. Ela disse que se um casal recém-casado guardar uma moeda em um jarro cada vez que fizer amor durante o primeiro ano e, nos anos seguintes, tirar uma moeda a cada vez que fizer amor, o jarro nunca vai esvaziar.

— E isso quer dizer que...?

— Bem — retrucou ela —, é interessante, não é? Eu e meu patinho de borracha chegaremos na sua casa às oito. Como está a situação das suas toalhas?

— Hã...

— Eu levo a minha.

Fat Charlie achava que não seria o fim do mundo se uma moeda ou outra acabasse entrando no pote antes de eles dizerem sim e cortarem o bolo, mas Rosie tinha outra opinião sobre o assunto, e a discussão parava por aí. O pote permanecia absolutamente vazio.

★ ★ ★

Assim que chegou em casa, após desembarcar em Londres depois de uma breve viagem, Fat Charlie percebeu que o problema é que, se a chegada for de manhã cedo, não há muito para fazer no restante do dia.

Fat Charlie era o tipo de homem que preferia trabalhar. Para ele, ficar deitado no sofá assistindo *Countdown* era um lembrete da época em que era membro do clube dos desempregados. Então decidiu que o mais razoável a fazer era voltar ao trabalho um dia antes. Ele se sentiria parte do movimento universal se estivesse dentro dos escritórios da Aldwick, na Agência Grahame Coats, que ficava no quinto e último andar. Teria conversas interessantes com os colegas de trabalho na sala de chá. Todos os espólios da vida se desenrolariam diante dele, uma tapeçaria majestosa, um empreendimento engenhoso, implacável e inflexível. As pessoas ficariam satisfeitas em vê-lo.

— Era para o senhor voltar só amanhã — comentou Annie, a recepcionista, quando Fat Charlie chegou. — Eu disse às pessoas que você só voltaria amanhã. Quando telefonaram.

Ela não estava muito feliz.

— Não consegui ficar longe por muito tempo — explicou Fat Charlie.

— É óbvio que não — retrucou ela, com uma expressão de escárnio. — O senhor precisa retornar as ligações de Maeve Livingstone. Ela telefonou todos os dias.

— Achei que ela fosse cliente do Grahame Coats.

— Bem, ele quer que o senhor fale com ela. Espere um momento.

Annie pegou o telefone.

Sempre se falava de Grahame Coats assim, com os dois nomes juntos. Não era sr. Coats. E nunca era apenas Grahame. Era a agência dele, um lugar que representava pessoas e, pela gentileza de representá-las, cobrava como comissão um percentual do que elas ganhavam.

Fat Charlie foi para o escritório, uma salinha que dividia com vários arquivos. Havia um post-it amarelo grudado na tela do computador com a mensagem: “Venha me ver. GC.” Então Fat Charlie seguiu o corredor até o enorme escritório de Grahame Coats. A porta estava fechada. Ele bateu, e, sem ter certeza se tinha ouvido alguém falar alguma coisa, abriu a porta e enfiou a cabeça na sala.

O lugar estava vazio. Não havia ninguém ali.

— Hã, olá? — chamou Fat Charlie, não muito alto. Não houve resposta. Mas a sala estava uma bagunça: a estante de livros estava afastada da parede em um ângulo peculiar, e, do espaço atrás dela, dava para ouvir o som de batidas surdas que podiam muito bem ser marteladas.

Ele fechou a porta fazendo o mínimo de barulho possível e voltou para sua sala.

O telefone tocou. Ele atendeu.

— Aqui é Grahame Coats. Venha falar comigo.

Dessa vez, Grahame Coats estava sentado atrás da mesa, a estante encostada na parede. Ele não pediu a Fat Charlie que se sentasse. Era um homem branco de meia-idade com cabelos bem claros e entradas pronunciadas. Você não seria a primeira pessoa a olhar para Grahame Coats e, na mesma hora, pensar em uma fuinha albina de terno caro, caso isso acontecesse.

— Vejo que você voltou — comentou Grahame Coats. — Tudo está como antes.

— É — concordou Fat Charlie. Então, já que Grahame Coats não parecia muito satisfeito com o retorno antecipado, acrescentou: — Desculpe.

Grahame Coats apertou os lábios em um bico, olhou para um papel na mesa e ergueu os olhos outra vez.

— Pelo que entendi, era para você só voltar amanhã. Estamos um pouco adiantados, não é mesmo?

— Estamos... Quer dizer, eu... cheguei hoje de manhã. Da Flórida. E pensei em vir para cá. Tenho muito o que fazer. Queria parecer diligente. Se não tiver problema.

— Claro que de jeito nenhum — respondeu Grahame Coats. A expressão, uma colisão automobilística entre *claro que sim* e *de jeito nenhum*, sempre deixava Fat Charlie muito incomodado. — O funeral é seu.

— Na verdade, foi do meu pai.

Ele inclinou a cabeça, igualzinho a uma fuinha.

— Mesmo assim vou contar como uma das folgas por motivo de saúde.

— Certo.

— Maeve Livingstone, a viúva de Morris, está preocupada. Precisa ser tranquilizada. Belas palavras e belas promessas. Roma não foi construída em um dia. Então a tarefa de fazer um inventário das propriedades de Morris Livingstone e fornecer dinheiro à viúva continua em progresso. Ela me liga quase todos os dias em busca de informações. Nesse meio-tempo, vou deixar o serviço com você.

— Certo — respondeu Fat Charlie. — Está na hora de arregaçar as mangas.

— É preciso garantir o leite das crianças — retrucou Grahame Coats, balançando o indicador erguido com ar de sabedoria.

— Então é para eu botar a mão na massa? — sugeriu Fat Charlie.

— Mãos à obra — concordou Grahame Coats. — Bem, foi ótimo conversar com você. Mas nós dois temos muito trabalho a fazer.

Estar perto de Grahame Coats sempre fazia Fat Charlie (A) falar em clichês e (B) começar a sonhar acordado com enormes helicópteros negros abrindo fogo sobre a Agência Grahame Coats e depois jogando baldes de napalm em chamas sobre os escritórios. Fat Charlie nunca estava no escritório nesses devaneios. Ele ficava sentado em uma cadeira, na varanda de uma cafeteria do outro lado da Aldwych Street, bebendo um café cheio de espuma e volta e meia vibrando quando um balde de napalm era arremessado de um modo excepcionalmente eficiente.

Sabendo disso, é de se pensar que há pouco para se saber sobre o emprego de Fat Charlie, bastava a ciência de que ele estava infeliz. No geral, esse pensamento é correto. Fat Charlie tinha uma habilidade com números que o mantinha empregado, além do constrangimento e de uma modéstia que o impediam de dizer aos outros o que de fato fazia e o quanto realmente trabalhava. Fat Charlie sempre via os outros ascenderem de forma implacável de acordo com seus níveis de incompetência, mas ele permanecia em um cargo subalterno, desempenhando funções básicas. Até o dia em que retornava à massa dos desempregados e voltava a assistir aos programas vespertinos da TV. Ele nunca ficava muito tempo sem trabalho, mas isso já tinha acontecido vezes demais na última década para que Fat Charlie se sentisse confortável em qualquer cargo. Apesar de tudo, ele nunca achava que o problema fosse algo pessoal.

Fat Charlie telefonou para Maeve Livingstone, viúva de Morris Livingstone, que tinha sido o comediante baixinho de Yorkshire mais famoso da Grã-Bretanha, cliente de longa data da Agência Grahame Coats.

— Alô — cumprimentou. — Aqui é Charles Nancy, do departamento de contabilidade da Agência Grahame Coats.

— Ah — respondeu uma voz feminina do outro lado da linha. — Achei que o próprio Grahame fosse ligar.

— Ele está um pouco ocupado. Foi por isso que, hã, delegou a tarefa — respondeu Fat Charlie. — Para mim. Então. Como posso ajudá-la?

— Não tenho certeza. Eu estava querendo saber... Bem, o gerente do banco estava querendo saber, na verdade... Quando é que o restante do dinheiro do espólio de Morris vai entrar. Na última vez, Grahame Coats me explicou... Bem, acho que foi na última vez que nos falamos... Ele me explicou que estava investindo, quer dizer, entendo que essas coisas levam tempo... Ele disse que, do contrário, eu poderia perder muito dinheiro...

— Bem — interveio Fat Charlie. — Tenho certeza de que ele está trabalhando nisso. Mas essas coisas levam tempo mesmo.

— É — respondeu ela. — Acho que sim. Liguei para a BBC, e eles disseram que fizeram vários pagamentos desde a morte de Morris. Sabia que

eles lançaram todo o *Eu sou Morris Livingstone* em DVD? E vão lançar as duas séries de *Piadinhas de baixo calão* no Natal.

— Eu não sabia — admitiu Fat Charlie. — Mas tenho certeza de que Grahame Coats sabe. Ele está sempre ciente desse tipo de coisa.

— Eu tive que comprar meu próprio DVD — continuou ela, melancólica. — E, mesmo assim, todas as memórias voltaram. O brilho da maquiagem, o cheiro do estúdio. Veja só, aquilo me deu saudades dos holofotes. Foi assim que conheci Morris, sabia? Eu era dançarina. Tinha uma carreira.

Fat Charlie explicou que informaria Grahame Coats sobre como o gerente do banco estava preocupado, então desligou o telefone.

Ele se perguntou como alguém podia sentir falta dos holofotes.

Em seus piores pesadelos, um holofote descia de um céu escuro e apontava para ele, que estava em um enorme palco, enquanto figuras invisíveis tentavam obrigá-lo a ficar sob a luz e cantar. E não importava o quão longe ou quão depressa corresse nem quão bem se escondesse, eles sempre o encontravam e o arrastavam para o palco, diante de dezenas de rostos à sua espera. Ele sempre acordava antes de chegar a hora de cantar, suando e tremendo, o coração batendo forte como um canhão.

Um dia de trabalho passou. Fat Charlie trabalhava ali havia quase dois anos. Era o funcionário mais antigo, sem contar o próprio Grahame Coats, pois a rotatividade na Agência Grahame Coats era alta. E, mesmo assim, ninguém parecia feliz em vê-lo.

Fat Charlie às vezes se sentava diante da escrivaninha e ficava olhando pela janela, observando a chuva cinza e sem graça que fustigava o vidro, imaginando-se em uma praia tropical em algum lugar onde as ondas de um mar incrivelmente azul arrebentassem nas areias incrivelmente amarelas. Era comum Fat Charlie ficar pensando se as pessoas que observavam as rajadas de espuma branca se agitando na direção da areia e ouviam as aves tropicais piando nas palmeiras de sua praia imaginária algum dia sonhavam que estavam na Inglaterra, em um dia chuvoso, em uma sala do tamanho de um armário dentro de uma empresa no quinto andar, a uma distância segura do tédio de uma areia dourada e do fastio infernal de um dia tão perfeito que nem mesmo um drinque cremoso com um leve excesso de rum e um enfeite de guarda-chuva pode aliviar. Isso o confortava.

Ele parou na loja de bebidas e comprou uma garrafa de vinho branco alemão, foi ao pequeno mercado ao lado da loja e comprou uma vela com aroma de patchuli, então pediu uma pizza em uma pizzeria próxima.

Rosie ligou da aula de ioga às sete e meia para avisar que ia se atrasar um pouco, depois telefonou do carro, às oito, para avisar que estava presa no trânsito, e às nove e quinze para dizer que estava bem na esquina. A essa altura, Fat Charlie tinha bebido a maior parte do vinho branco e consumido toda a pizza, menos uma fatia.

Mais tarde, ele se perguntou se foi o vinho que o levou a dizer aquilo.

Rosie chegou às nove e vinte com toalhas e uma sacola de supermercado cheia de xampus, sabonetes e um pote grande de creme de cabelo. Ela recusou a taça de vinho branco e a fatia de pizza de forma ríspida, mas animada. Explicou que tinha comido no engarrafamento. Pedira comida pelo telefone. Então Fat Charlie se sentou na cozinha, serviu-se da última taça de vinho branco e beliscou o queijo e o pepperoni da cobertura da pizza fria enquanto Rosie tomava seu banho. Até que, de repente, ela começou a gritar bem alto.

Fat Charlie chegou ao banheiro antes que o som do primeiro grito parasse de ecoar, e Rosie já enchia os pulmões para dar o segundo. Estava convencido de que a encontraria jorrando sangue. Para sua surpresa e alívio, ela não estava sangrando. Estava de sutiã e calcinha azuis, apontando para a banheira, no centro da qual havia uma enorme aranha-de-jardim marrom.

— Desculpe — gemeu ela. — Ela me pegou de surpresa.

— Elas são boas nisso — comentou Fat Charlie. — Vou ligar a água, aí ela desce pelo ralo.

— Não se atreva — retrucou Rosie, veemente. — É um ser vivo. Leve-a lá para fora.

— Está bem.

— Vou esperar na cozinha. Me avise quando voltar.

Depois de ter bebido uma garrafa inteira de vinho branco, convencer uma aranha-de-jardim um pouco arisca a entrar em um copo de plástico transparente usando apenas um cartão de aniversário velho vira um desafio maior do que o normal para a coordenação motora. Um desafio que não fica mais fácil com a ajuda de uma noiva seminua à beira de um ataque de nervos que, apesar de ter anunciado que esperaria na cozinha, preferiu se debruçar sobre seu ombro e dar palpites.

Mas, apesar da ajuda, em pouco tempo ele conseguiu prender a aranha dentro do copo, cuja boca deixou firmemente coberta por um cartão que recebera de um velho colega de escola. No cartão estava escrito SABIA QUE VÁRIAS PESSOAS FAMOSAS FAZEM ANIVERSÁRIO HOJE? (o que era pontuado com uma piadinha: PENA QUE VOCÊ NÃO É UMA DELAS — FELIZ ANIVERSÁRIO!).

Ele desceu as escadas com a aranha, levando-a para fora da casa, até o jardim, que consistia em uma cerca viva, um lugar para as pessoas vomitarem e várias lajotas de pedra enfileiradas, a grama crescendo entre elas. Fat Charlie ergueu o copo. Sob a luz amarela do poste, a aranha ficava negra. Ele imaginou que ela o encarava.

— Desculpe por isso — falou para a aranha, e, como o vinho branco se agitava dentro dele de um jeito muito agradável, falou em voz alta.

Ele colocou o cartão e o copo sobre uma pedra rachada, levantou o copo e esperou que a aranha saísse correndo. Em vez disso, ela ficou ali parada,

imóvel, diante do urso de pelúcia animado desenhado no cartão de aniversário. Homem e aranha se observaram com atenção.

Foi então que ele se lembrou de algo que a sra. Higgler dissera, e as palavras saíram de sua boca antes que ele conseguisse impedi-las. Talvez fosse o diabinho em seu ombro. Talvez fosse o álcool.

— Se encontrar meu irmão — começou Fat Charlie, falando com a aranha —, diga a ele para passar por aqui e dar um alô.

A aranha ficou parada por um tempo e levantou uma pata, quase como se estivesse pensando no assunto, então saiu correndo pela lajota de pedra na direção da cerca viva e desapareceu.

★ ★ ★

Rosie tomou banho e deu um beijo carinhoso no rosto do noivo, então foi para casa.

Fat Charlie ligou a TV, mas estava quase caindo de sono, então a desligou e foi para cama, onde sonhou um sonho tão vívido e peculiar que nunca mais conseguiria esquecê-lo.

Uma maneira de saber que está sonhando é notar que o sonho se passa em um lugar onde nunca esteve na vida real. Fat Charlie nunca fora à Califórnia. Nunca fora para Beverly Hills. Já tinha visto a paisagem várias vezes em filmes e na TV, o suficiente para sentir uma vibração confortável de reconhecimento. Estava rolando uma festa.

As luzes de Los Angeles cintilavam e tremeluziam abaixo deles.

As pessoas na festa pareciam bem divididas entre as que carregavam bandejas de prata cobertas de canapés perfeitos e as que pegavam ou recusavam a comida nas bandejas de prata. As que estavam sendo alimentadas circulavam pela casa enorme fofocando, sorrindo e conversando, todas seguras de sua relativa importância no mundo de Hollywood, assim como os cortesãos na antiga corte japonesa — e, tal como na antiga corte japonesa, todos tinham a certeza de que bastava galgar mais um degrau para estarem em segurança. Havia atores que queriam ser astros, astros que queriam ser produtores independentes, produtores independentes que ansiavam pela segurança de um emprego em um estúdio, diretores que queriam ser astros, chefes de estúdios que queriam ser chefes de estúdios menos precários, advogados de estúdios que queriam ser apreciados pelo que eram ou, se isso não fosse possível, serem apenas apreciados.

No sonho de Fat Charlie, além de se ver por dentro e por fora ao mesmo tempo, ele não era ele mesmo. Se fosse um sonho habitual, havia grandes chances de que estivesse acabando de se sentar para fazer uma prova sobre o método das partidas dobradas em contabilidade, uma prova para a qual se esquecera de estudar. Além disso, estaria em uma situação tão

embaraçosa que, com certeza, quando finalmente se levantasse, descobriria que estava nu da cintura para baixo. Em seus sonhos, Fat Charlie sempre era ele mesmo, só que mais desajeitado.

Não naquele sonho.

Naquele sonho, Fat Charlie era descolado, muito descolado. Era maneiro, era bacana, era esperto — era a única pessoa na festa sem uma bandeja de prata que não tinha convite. E (o que era espantoso para o Fat Charlie adormecido na cama, que não conseguia pensar em nada mais embaraçoso do que ir a algum lugar sem convite) estava se divertindo horrores.

A cada pessoa que perguntava, ele contava uma história diferente sobre quem era e por que estava lá. Depois de meia hora, a maioria dos convidados estava convencida de que ele era o representante de uma empresa estrangeira de investimentos que desejava adquirir o controle total das ações de um dos estúdios. Depois de outra meia hora, era de conhecimento geral que ele faria uma oferta pela Paramount.

Sua risada era rouca e contagiante, e ele obviamente parecia estar se divertindo mais do que qualquer outra pessoa naquela festa. Ensinou o barman a preparar um coquetel que chamou de “Double Entendre”, uma bebida que, apesar de parecer começar com uma base de champanhe, na verdade já tinha sido comprovada cientificamente como não alcoólica. Continha um pouco disso e um pouco daquilo, até ficar de um roxo vivo. Ele ofereceu o drinque aos convivas, insistindo com alegria e entusiasmo, até que mesmo as pessoas que bebericavam água com gás com muita delicadeza, como se ela estivesse prestes a explodir, começaram a entornar os drinques roxos com muito prazer.

E então, seguindo a lógica dos sonhos, ele estava conduzindo todos até a piscina, propondo uma aula sobre o truque de Caminhar Sobre as Águas. Explicou que era uma simples questão de autoconfiança, de atitude, de abordagem, de saber como fazer. E, para todos na festa, parecia que caminhar sobre a água seria um belo truque para aprender, algo que, bem lá no fundo de suas almas, sempre souberam fazer, mas que tinham esquecido. E lembrariam a técnica graças àquele homem.

“Tirem os sapatos”, disse a todos, e todos obedeceram.

Sergio Rossis, Christian Louboutins e Renè Caovillas foram alinhados lado a lado com Nikes, Dr. Martens e sapatos de salto de couro preto sem marca. Então ele os conduziu em uma espécie de trenzinho de conga, dando a volta na beira da piscina, depois por sobre a superfície. A água estava fria ao toque e tremia como gelatina dura sob os pés. Algumas mulheres e vários homens morreram de rir com aquilo, e alguns dos agentes mais jovens começaram a pular para cima e para baixo na superfície da piscina, como crianças em uma cama elástica. Muito abaixo deles, as luzes de Los Angeles brilhavam através das nuvens e da poluição, parecendo galáxias distantes.

Em pouco tempo, cada centímetro da piscina estava tomado pelos convidados — alguns parados, outros dançando, se sacudindo ou pulando para cima e para baixo na água. A multidão estava tão embolada que o cara maneiro, o Charlie-do-sonho, voltou para o chão de concreto para pegar uma bolinha de sashimi e falafel em uma bandeja de prata.

Uma aranha caiu de um pé de jasmim bem no ombro do cara maneiro. Ela desceu correndo pelo braço até chegar à palma da mão, onde foi cumprimentada com um “E aiiiii” animadíssimo.

Houve um momento de silêncio, como se ele estivesse escutando a aranha dizer alguma coisa, algo que só ele pudesse ouvir. Em seguida, ele respondeu:

“É só pedir e seu desejo será concedido. Não é verdade?”

Ele colocou a aranha com cuidado em uma folha de jasmim.

Naquele momento, cada uma das pessoas descalças sobre a superfície da piscina lembrou que a água era líquida, não sólida, e que havia uma razão para não andarem e muito menos dançarem ou pularem sobre ela: a impossibilidade.

Aquelas pessoas eram as engrenagens e botões da máquina de sonhos, e de repente estavam se debatendo, completamente vestidas, mergulhadas em uma profundidade que variava de um a três metros de água, todas molhadas, desesperadas e apavoradas.

O cara maneiro atravessou a piscina a pé, na maior tranquilidade, pisando nas cabeças de algumas pessoas e nas mãos de outras, sem perder o equilíbrio nem uma vez. Então, quando chegou do outro lado, onde o terreno acabava em uma encosta íngreme, deu um grande salto e mergulhou nas luzes noturnas de Los Angeles, que brilharam e o engoliram como um oceano.

As pessoas na piscina saíram depressa, todas com raiva, nervosas, confusas, molhadas e, em alguns casos, quase afogadas...

Era manhã cedo em South London. A luz era de um azul acinzentado.

Fat Charlie saiu da cama agitado por causa do sonho e caminhou até a janela. As cortinas estavam abertas. Dava para ver o sol começando a surgir, uma enorme toranja no céu matinal cercada de nuvens cinzentas tingidas de escarlate. Era o tipo de céu que faz até a pessoa mais prosaica descobrir uma necessidade profunda de começar a estudar pintura a óleo.

Fat Charlie examinou o alvorecer. *Céu vermelho de manhã*, pensou. *Lá vem tempestade.*

O sonho tinha sido muito estranho. *Uma festa em Hollywood. O segredo de Caminhar Sobre as Águas. E aquele homem, aquele homem que era ele e não era...*

Fat Charlie percebeu que *conhecia* o homem do sonho, conhecia de algum lugar, e também percebeu que, se deixasse o assunto de lado, ficaria incomodado com aquilo até o fim do dia. Era como um pedaço de fio dental preso entre os dentes, ou como a diferença precisa entre as palavras *lúbrico* e *lascivo*: aquilo permaneceria lá e o deixaria irritado.

Ele olhou pela janela.

Mal tinha dado seis da manhã, e o mundo estava em silêncio. No fim da rua, uma pessoa que levava o cachorro para passear bem cedo encorajava um lulu-da-pomerânia a defecar. Um carteiro ia de casa em casa, bem devagar, depois voltava para a van vermelha. E então algo se moveu na calçada diante de sua casa, e Fat Charlie olhou para baixo.

Havia um homem parado junto à cerca viva. Quando ele viu que Fat Charlie o encarava, ainda de pijamas, sorriu e acenou. Houve um momento de reconhecimento que deixou Fat Charlie completamente chocado: tanto o sorriso quanto o aceno eram familiares, apesar de, na hora, ele não ter entendido por quê. Algo do sonho ainda pairava em sua mente, deixando-o desconfortável, fazendo com que o mundo parecesse irreal. Ele esfregou os olhos, e a pessoa perto da cerca viva desapareceu. Fat Charlie torceu para que o homem tivesse seguido seu rumo, avançado pela rua entre os resquícios da névoa matinal que ainda persistiam, levando embora quaisquer esquisitices, irritações e loucuras que tivesse trazido.

Então, a campainha tocou.

Fat Charlie vestiu o roupão e desceu as escadas.

Ele nunca passara a corrente da trava antes de abrir a porta, nem uma única vez, mas, antes de girar a maçaneta, botou a extremidade da corrente no lugar e abriu a porta de entrada apenas dez centímetros.

— Pois não? — inquiriu, desconfiado.

O sorriso que atravessou a fresta da porta podia ter iluminado uma pequena aldeia.

— Você me chamou, e eu vim — anunciou o estranho. — Vai abrir a porta para mim, Fat Charlie?

— Quem é você? — Enquanto falava, ele lembrou onde vira o homem: no funeral da mãe, na pequena capela no crematório. Tinha sido a última vez que vira aquele sorriso. E soube a resposta, soube antes que o homem pudesse dizer as palavras.

— Sou seu irmão — anunciou o estranho.

Fat Charlie fechou a porta. Então tirou a corrente de segurança e a abriu por completo. O homem ainda estava lá.

Fat Charlie não tinha muita certeza de como cumprimentar o que poderia ser um irmão imaginário no qual ele antes não acreditava. Por isso os dois ficaram ali, parados, um de cada lado da porta, até que o irmão disse:

— Pode me chamar de Spider. Vai me convidar para entrar?

— Sim. Vou. Claro que vou. Por favor, entre.

Fat Charlie o conduziu para o andar de cima.

Coisas impossíveis acontecem. E, quando acontecem, a maioria das pessoas apenas lida com elas. No dia de hoje, como em todos os dias, cerca de cinco mil pessoas na face da Terra vão experimentar coisas que acontecem uma vez em um milhão, e nenhuma delas vai se recusar a

acreditar nas provas que seus sentidos lhe oferecem. A maioria vai dizer, em sua própria língua, o equivalente a: Que mundo estranho, não é? E depois vai seguir em frente. Então, embora parte de Fat Charlie tentasse encontrar explicações lógicas, sensatas e sãs para o que estava acontecendo, a outra parte muito maior simplesmente se acostumava à ideia de que um irmão que ele não sabia ter estava subindo a escada atrás dele.

Os dois entraram na cozinha e ficaram ali parados.

— Quer uma xícara de chá?

— Você tem café?

— Acho que só tem instantâneo.

— Tudo bem.

Fat Charlie ligou a chaleira.

— Então, você veio de longe? — perguntou.

— Los Angeles.

— Como foi o voo?

O homem se sentou à mesa da cozinha. Então deu de ombros. Foi o tipo de gesto que podia significar qualquer coisa.

— Hum. Você está planejando ficar muito tempo?

— Na verdade, não pensei muito nisso. — O homem, Spider, olhou para a cozinha de Fat Charlie como se nunca tivesse entrado em uma cozinha antes.

— Como é que você gosta do café?

— Negro como a noite, doce como o pecado.

Fat Charlie pôs a caneca diante do irmão e pegou um açucareiro.

— Sirva-se.

Enquanto Spider botava uma colherada de açúcar atrás da outra no café, Fat Charlie se sentou de frente para o irmão e o observou.

Havia traços muito semelhantes entre os dois homens, isso era inquestionável. Mas não explicava a intensa familiaridade que Fat Charlie sentiu ao ver Spider. O irmão era muito parecido com o que Fat Charlie gostaria de ser, sem as inibições do sujeito um tanto decepcionante que ele via no espelho do banheiro com regularidade monótona. Spider era mais alto, mais magro e mais descolado. O irmão estava usando um casaco de couro preto e vermelho e calças justas também de couro e parecia à vontade naquelas roupas. Fat Charlie tentou lembrar se eram as roupas que o cara maneiro estava usando no sonho. Ele possuía algo de grandioso: só o fato de estar do outro lado da mesa com aquele homem fazia Fat Charlie se sentir esquisito, desajeitado e também um pouco tolo. Não eram as roupas que Spider vestia, e sim a noção de que, se as vestisse, Fat Charlie pareceria estar com uma espécie de fantasia nada convincente. Não era o modo como Spider sorria — despreocupado e satisfeito —, mas a certeza fria e absoluta de que ele poderia praticar diante do espelho até o fim dos tempos, mas

nunca conseguiria dar sequer um sorriso com metade daquele charme, jovialidade, brilho e confiança.

— Você estava na cremação da nossa mãe — comentou Fat Charlie.

— Pensei em falar com você depois da cerimônia — respondeu Spider.
— Só não tinha certeza se seria uma boa ideia.

— Gostaria que você tivesse feito isso. — Fat Charlie pensou em uma coisa. Então falou: — Achei que você estaria no enterro do nosso pai.

— O quê?

— O enterro. Foi na Flórida, há uns dois dias.

Spider balançou a cabeça.

— Ele não morreu — declarou. — Tenho quase certeza de que eu saberia se ele estivesse morto.

— Ele morreu. Eu o enterrei. Bem, eu enchi a cova de terra. Pode perguntar para a sra. Higgler.

— Como foi que aconteceu? — perguntou Spider.

— Parada cardíaca.

— Isso não quer dizer nada. Só significa que ele morreu.

— Bem, sim. Ele morreu.

Spider tinha parado de sorrir. Estava olhando para o café como se achasse que a resposta estava ali.

— Vou verificar isso — anunciou. — Não é que eu não acredite em você. Mas, quando se trata do seu pai... Mesmo quando seu pai é o meu pai.

— Ele fez uma careta. Fat Charlie sabia o que aquela expressão significava. Ele a fizera, em pensamento, várias vezes, sempre que falavam no pai. — Ela ainda mora no mesmo lugar? Perto de onde crescemos?

— A sra. Higgler? Sim. Ainda está lá.

— Você não tem nada de lá, tem? Uma imagem? Talvez uma foto?

— Trouxe uma caixa delas para casa.

Fat Charlie não tinha aberto a enorme caixa de papelão. Ela ainda estava no meio do corredor. Ele levou a caixa para a cozinha e a apoiou em cima da mesa. Pegou uma faca e cortou a fita adesiva que a envolvia. Spider enfiou a mão com dedos finos na caixa, passando pelas fotos como se fossem cartas de baralho, até tirar uma da mãe com a sra. Higgler, as duas sentadas na varanda da sra. Higgler, vinte e cinco anos antes.

— Essa varanda ainda existe?

Fat Charlie tentou lembrar.

— Acho que sim — respondeu.

Mais tarde, ele não conseguia lembrar se a foto ficara muito grande, ou se Spider é que ficara muito pequeno. Podia jurar que nenhuma dessas coisas acontecera de verdade. Mesmo assim, foi indiscutível que Spider caminhou para dentro da fotografia, que tremeluziu, ondulou e o engoliu.

Fat Charlie esfregou os olhos. Estava sozinho na cozinha às seis da manhã. Tinha uma caixa cheia de fotografias e papéis na mesa da cozinha, junto

com uma caneca vazia, que ele botou na pia. Ele caminhou pelo corredor, foi até o quarto, deitou na cama e dormiu até o despertador tocar, às sete e quinze.

CAPÍTULO

QUATRO

QUE TERMINA COM UMA NOITE DE VINHO, MULHERES E MÚSICA

FAT CHARLIE ACORDOU.

Lembranças de sonhos de um encontro com um irmão astro do cinema se misturavam com um sonho no qual o presidente Taft tinha chegado para ficar, trazendo consigo todo o elenco de *Tom & Jerry*. Ele tomou banho e pegou o metrô para o trabalho.

Durante todo o dia, algo o incomodava no fundo da sua mente, e ele não sabia o que era. Perdia coisas. Esquecia coisas. Em determinado momento, começou a cantar, sentado à mesa, não porque estava feliz, mas por ter esquecido de que não deveria fazê-lo. Só percebeu o que estava fazendo quando o próprio Grahame Coats abriu a porta e enfiou a cabeça no armário de Fat Charlie para repreendê-lo.

— Nada de rádios, Walkmans, MP3 ou instrumentos musicais similares no escritório — reclamou Grahame Coats, com olhar de fuinha. — Isso demonstra uma atitude desleixada, do tipo abominável no mundo profissional.

— Não era o rádio — admitiu Fat Charlie, as orelhas quentes de vergonha.

— Não? Então, por favor, explique: o que era?

— Era eu.

— Você?

— Sim. Eu estava cantando. Sinto muito...

— Eu podia jurar que era o rádio. Mas, mesmo assim, me enganei. Meu Deus. Bem, com tamanha riqueza de talentos à sua disposição, com tanta habilidade, talvez você devesse nos trocar pelos palcos, entreter as

multidões, quem sabe fazer umas apresentações na rua, em vez de ocupar uma mesa em um escritório onde outras pessoas estão tentando trabalhar. Hein? Um lugar onde as pessoas estão tentando administrar suas carreiras.

— Não — respondeu Fat Charlie. — Não quero ir embora. Só não estava pensando direito.

— Então — continuou Grahame Coats —, você precisa aprender a se controlar e não cantar. Espere até estar no chuveiro, ou quem sabe na arquibancada, quando estiver torcendo por seu time de futebol. Eu, por exemplo, torço pelo Crystal Palace. Ou você vai acabar tendo que procurar um emprego remunerado em outro lugar.

Fat Charlie sorriu, depois percebeu que sorrir não era nem um pouco parecido com o que queria fazer, então ficou sério, mas, àquela altura, Grahame Coats já saíra da sala. Então Fat Charlie praguejou baixinho, cruzou os braços em cima da mesa e apoiou a cabeça neles.

— Era você cantando? — Era uma das garotas novas do departamento de Agenciamento de Artistas. Fat Charlie nunca conseguia decorar os nomes. As pessoas sempre iam embora antes.

— Sinto muito, era eu, sim.

— O que você estava cantando? Era bonito.

Fat Charlie percebeu que não sabia.

— Não tenho certeza. Eu não estava prestando atenção.

Ela riu, mas bem baixinho.

— Ele tem razão. Você devia estar gravando discos, não perdendo tempo aqui.

Fat Charlie não soube o que dizer. Com o rosto quente de vergonha, começou a comparar números, fazer anotações e recolher bilhetes em post-its e colocá-los na tela até ter certeza de que a garota tinha ido embora.

Maeve Livingstone telefonou: será que Fat Charlie podia, *por favor*, garantir que Grahame Coats telefonasse para o gerente do banco? Ele disse que faria o possível. Ela respondeu com um pedido de que ele se esforçasse bastante para fazer o possível.

Rosie ligou para o celular dele às quatro da tarde, avisando que a água tinha voltado no apartamento e contando as boas novas: sua mãe tinha resolvido mostrar interesse pelo casamento que se aproximava e a chamara para fazer uma visita naquela noite para discutir a cerimônia.

— Bem — comentou Fat Charlie —, vamos economizar uma fortuna em comida, se ela decidir organizar o jantar.

— Isso não tem a menor graça. Ligo para você hoje à noite para contar como foi.

Fat Charlie disse que a amava e desligou o telefone. Alguém o encarava. Ele se virou para descobrir quem.

Grahame Coats disse:

— Quem faz ligações pessoais no horário de trabalho colhe tempestades. Sabe quem disse isso?

— O senhor?

— Fui eu mesmo — respondeu Grahame Coats. — Fui eu mesmo. E nunca palavras mais verdadeiras foram ditas. Considere isso uma advertência formal. — Então ele sorriu, soltando o tipo de sorriso presunçoso que obrigava Fat Charlie a refletir sobre os vários possíveis resultados de enfiar o punho no tronco bem recheado de Grahame Coats. Resolveu que o resultado seria um empate entre a demissão e um processo por agressão. Nos dois casos, pensou, seria um bom resultado...

Fat Charlie não era violento por natureza. Mesmo assim, podia sonhar. Seus devaneios costumavam ser modestos e trazer conforto. Ele gostaria de ter dinheiro o bastante para comer em bons restaurantes sempre que quisesse. Queria um emprego no qual ninguém pudesse dizer a ele o que fazer. Queria poder cantar sem sentir vergonha, em algum lugar onde nunca houvesse gente por perto para ouvi-lo.

Entretanto, naquela tarde, os devaneios assumiram uma forma diferente: ele podia voar, para começar, e balas ricocheteavam em seu peitoral viril enquanto ele descia do céu em alta velocidade e resgatava Rosie de um bando de bandidos e marginais que a haviam sequestrado. Ela o abraçava forte enquanto os dois saíam voando sob o pôr do sol, em direção à Fortaleza do Descolado. Lá, ela ficaria tomada por tantos sentimentos de gratidão que decidiria, muito apaixonadamente, não se importar com toda aquela história de esperar-até-estarem-casados e começaria a descobrir quão depressa e até onde as moedas se acomodariam no jarro...

Os devaneios aliviavam o estresse da vida na Agência Grahame Coats, de dizer às pessoas que seus cheques estavam no correio ou de cobrar dinheiro devido à agência.

Às seis da tarde, Fat Charlie desligou o computador e desceu cinco lances de escada até a rua. Não tinha chovido. No céu, os estorninhos iam de um lado para outro, piando: o coral noturno de uma cidade. Todos na calçada corriam para chegar depressa a algum lugar. A maioria, como Fat Charlie, subia a Kingsway na direção do metrô da Holborn. Estavam de cabeça baixa e tinham a aparência de pessoas que queriam chegar em casa para passar a noite.

Entretanto, havia um homem na calçada que não estava indo a lugar algum. Ele ficou ali parado, encarando Fat Charlie e o restante das pessoas que voltava para casa. A jaqueta de couro se agitava ao vento. Ele não estava sorrindo.

Fat Charlie o viu do fim da rua. Enquanto caminhava na direção dele, tudo se tornava irreal. O dia inteiro se desmontou em sua mente, e ele se deu conta do que tinha passado o dia tentando se lembrar.

— Oi, Spider — cumprimentou ao se aproximar.

Parecia que no interior de Spider rugia uma tempestade. Podia ser que ele estivesse prestes a chorar. Fat Charlie não sabia. Havia emoção demais naquele rosto, no modo como ele se portava, o que fazia as pessoas desviarem o olhar, envergonhadas.

— Fui até lá — disse ele. A voz saiu embotada. — Vi a sra. Higgler. Ela me levou até o túmulo. Meu pai morreu, e eu não sabia.

— Ele também era meu pai, Spider. — Fat Charlie se perguntou como podia ter se esquecido de Spider, como podia ter sido tão fácil dispensá-lo como se tivesse sido um sonho.

— Verdade.

O céu do crepúsculo era riscado por estorninhos, voando de telhado em telhado por todos os lados.

Spider se endireitou de repente, ajustando a postura. Pareceu ter tomado uma decisão.

— Você tem razão — disse. — Precisamos fazer isso juntos.

— Isso mesmo — concordou Fat Charlie. Depois perguntou: — Fazer o quê?

Mas Spider já tinha chamado um táxi.

— Somos homens com problemas — disse Spider, para o mundo. — Não temos mais pai. Nossos corações pesam no peito. A tristeza cai sobre nós como o pólen polvilha pelo mundo na temporada de rinites. As trevas são nosso domínio, e o infortúnio, nossa única companhia.

— Certo, cavalheiros — começou o taxista animado —, para onde devo levá-los?

— Para onde possamos encontrar os três remédios para uma alma enegrecida — respondeu Spider.

— Que tal um pouco de curry? — sugeriu Fat Charlie.

— Há três coisas, apenas três, que podem aliviar a dor da mortalidade e remendar as ruínas da vida — explicou Spider. — Essas coisas são vinho, mulheres e música.

— Curry também é bom — observou Fat Charlie, mas ninguém lhe deu ouvidos.

— Alguma ordem em particular? — perguntou o taxista.

— Primeiro o vinho — anunciou Spider. — Rios, lagos e vastos oceanos de vinho.

— O senhor é quem manda — respondeu o taxista, se juntando ao tráfego.

— Tenho uma sensação particularmente ruim em relação a tudo isso — comentou Fat Charlie, querendo ajudar.

Spider assentiu.

— Uma sensação ruim. Sim. Nós dois temos uma sensação ruim. Esta noite, vamos pegar essas sensações ruins, compartilhá-las e enfrentá-las. Vamos chorar. Beber o resíduo amargo da mortalidade no fundo do copo.

Dor compartilhada, mano, não é dor em dobro, e sim dividida. Nenhum homem é uma ilha.

— Não queira saber por quem os sinos dobram — declamou o taxista —, eles dobram por ti.

— Uau — comentou Spider. — Isso aí é um *koan* e tanto, hein?

— Obrigado — respondeu o taxista.

— É assim mesmo que termina o poema. Você é uma espécie de filósofo. Eu sou Spider. Este é meu irmão, Fat Charlie.

— Charles — corrigiu Fat Charlie.

— Steve — apresentou-se o taxista. — Steve Burridge.

— Sr. Burridge — começou Spider —, o que acha de ser nosso motorista particular esta noite?

Steve Burridge explicou que já era o fim de seu turno e que estava prestes a encerrar o expediente e ir embora para casa, onde o jantar com a sra. Burridge e os pequenos Burridges o esperava.

— Ouviu isso? — perguntou Spider. — Um homem de família. Meu irmão e eu somos toda a família que nos resta. E esta é a primeira vez que nos encontramos.

— Parece uma história e tanto — comentou o taxista. — Houve alguma briga?

— Nenhuma. Ele simplesmente não sabia que tinha irmão.

— *Você* sabia? — perguntou Fat Charlie. — Sabia sobre mim?

— Talvez soubesse — retrucou Spider. — Mas é muito fácil esquecer uma coisa dessas.

O taxista parou junto ao meio-fio.

— Onde estamos? — indagou Fat Charlie.

Não tinham ido muito longe. Achou que estavam em algum lugar perto da Fleet Street.

— Onde tem o que ele pediu — respondeu o taxista. — Vinho.

Spider saiu do carro e olhou para o exterior de carvalho sujo e de vidro imundo do velho bar de vinhos.

— Perfeito — disse. — Pague o homem, irmão.

Fat Charlie pagou o taxista. Eles entraram: desceram os degraus de madeira até um porão onde advogados rubicundos bebiam lado a lado com gerentes de investimentos do mercado financeiro. O chão estava coberto de serragem, e havia uma lista de vinhos com uma letra ilegível escrita a giz em um quadro-negro atrás do balcão.

— O que você vai beber? — perguntou Spider.

— Só uma taça do vinho tinto da casa, por favor — disse Fat Charlie.

Spider o encarou com muita seriedade.

— Somos os últimos descendentes da linhagem de Anansi. Não choraremos a morte de nosso pai com o vinho tinto da casa.

— Hã. Certo. Bem, então vou beber o mesmo que você.

Spider foi até o bar, abrindo caminho entre a multidão como se as pessoas sequer estivessem ali. Depois de vários minutos, ele voltou carregando duas taças, um saca-rolha e uma garrafa bastante empoeirada. Spider abriu a garrafa com uma facilidade que impressionou muito Fat Charlie, que sempre acabava tendo que catar fragmentos de cortiça que caíam no vinho. O irmão serviu da garrafa um vinho tão fulvo que era quase negro. Ele encheu as duas taças e colocou uma diante do irmão.

— Um brinde — propôs — à memória de nosso pai.

— Ao nosso pai — concordou Fat Charlie, e bateu sua taça na de Spider, conseguindo, como que por milagre, não derramar nem uma gota. Então provou o vinho. Era de um amargor peculiar, e também herbáceo, e salgado. — O que é isso?

— Vinho de funeral, o tipo que se bebe pelos deuses. Não é produzido há muito tempo. É amadurecido com aloé, alecrim e lágrimas de virgens com o coração partido.

— E vendem isso em um bar de vinhos na Fleet Street? — Fat Charlie pegou a garrafa, mas o rótulo estava desbotado e empoeirado demais para ler. — Nunca ouvi falar nesse vinho.

— Esses lugares antigos têm coisas boas, é só pedir — respondeu Spider. — Ou talvez eu apenas ache que eles têm.

Fat Charlie deu outro gole no vinho. Era poderoso e pungente.

— Não é vinho para se beber aos golinhos — explicou Spider. — É um vinho de luto. É para ser bebido de uma vez só. Assim. — Ele deu um gole enorme. Então fez uma careta. — Isso também faz o gosto ficar melhor.

Fat Charlie hesitou, então deu um grande gole no vinho estranho. Podia imaginar que era capaz de sentir o gosto do aloé e do alecrim. E se perguntou se o sal era mesmo de lágrimas.

— Eles botam o alecrim para ativar a memória — explicou Spider, e começou a encher as taças. Fat Charlie abriu a boca para explicar que não estava disposto a beber vinho demais naquela noite e que tinha que trabalhar no dia seguinte, mas Spider o interrompeu: — É sua vez de fazer um brinde.

— Hã. Está bem — concordou Fat Charlie. — À nossa mãe.

Eles beberam em memória da mãe. Fat Charlie percebeu que começava a gostar do sabor do vinho amargo. Sentia os olhos formigarem e foi tomado por uma sensação de perda, profunda e dolorosa. Sentia saudades da mãe. Sentia saudades da infância. Sentia saudades até do pai. Do outro lado da mesa, Spider balançava a cabeça. Uma lágrima escorreu pelo rosto do irmão e pingou na taça de vinho. Ele pegou a garrafa e serviu mais aos dois.

Fat Charlie bebeu.

Enquanto bebia, foi sendo tomado pelo pesar, enchendo a cabeça e o corpo com a perda e a dor da ausência, crescendo dentro dele como as ondas no oceano.

Suas próprias lágrimas escorriam pelo rosto, gotejando na bebida. Ele procurou um lenço de papel nos bolsos. Spider serviu o que restava do vinho negro para os dois.

— Eles vendiam mesmo este vinho aqui?

— Havia uma garrafa guardada que eles não sabiam que tinham. Só precisaram ser lembrados.

Fat Charlie assoou o nariz.

— Não fazia ideia de que tinha um irmão.

— Eu sabia — respondeu Spider. — Sempre quis procurar você, mas me distraía. Você sabe como é.

— Na verdade, não sei.

— As coisas surgem.

— Que tipo de coisas?

— Coisas. Elas surgem. É o que as coisas fazem. Surgem. Não dá para esperar que eu consiga acompanhar todas.

— Bem, dê um exemplo.

Spider bebeu mais vinho.

— Está bem. Na última vez em que decidi que devíamos nos conhecer, eu, bem, passei dias planejando. Queria que tudo saísse perfeito. Tive que escolher o que vestir. Depois tive que decidir o que diria quando nos encontrássemos. Eu sabia que o encontro de dois irmãos é... Bem, é tema de épicos, não é mesmo? Resolvi que o único modo de tratar o encontro com a seriedade apropriada seria fazê-lo em verso. Mas que tipo de verso? Ia cantar um rap? Declamar? Quer dizer, eu não ia saudá-lo com um poeminha qualquer. Tinha que ser algo sombrio, poderoso, com ritmo, épico. Então eu encontrei o primeiro verso perfeito: *O sangue chama pelo sangue como sereias na noite*. Diz tanta coisa. Sabia que conseguiria botar tudo ali: pessoas morrendo em becos, suor e pesadelos, o poder indestrutível dos espíritos livres. Tudo estaria nele. Então tive que escrever o segundo verso, e foi aí que tudo foi por água abaixo. O melhor que consegui foi: *Blá-blá-blá tem medo da foice*.

Fat Charlie piscou.

— Quem é *Blá-blá-blá*?

— Não é ninguém. Só está aí para indicar onde deveriam estar as palavras. Mas nunca consegui avançar mais do que isso, e não podia aparecer só com o primeiro verso, um blá-blá-blá e três palavras de um poema épico, não é mesmo? Isso teria sido muito desrespeitoso com meu irmão.

— Bem...

— Exatamente. Por isso, fui passar a semana no Havaí. Como eu disse, surgiu uma coisa.

Fat Charlie bebeu mais do vinho. Estava começando a gostar. Às vezes, os sabores fortes combinam com as emoções fortes, e aquele era um desses momentos.

— Mas não pode ter sido *sempre* o segundo verso de um poema — insistiu.

Spider pôs a mão magra em cima da mão de Fat Charlie, mais larga.

— Chega de falar de mim — disse —, quero saber de você.

— Não tenho muito a dizer.

Ele contou ao irmão sobre sua vida. Sobre Rosie e a mãe de Rosie, sobre Grahame Coats e a Agência Grahame Coats. O irmão assentia. Não parecia exatamente com uma vida, agora que Fat Charlie a descrevia em palavras.

— Mesmo assim — continuou Fat Charlie, filosofando —, eu me lembro dessas pessoas sobre as quais lemos nas páginas de celebridades dos jornais. E elas sempre dizem que suas vidas são chatas, vazias e sem sentido.

Ele ergueu a garrafa de vinho acima da taça, na esperança de que tivesse restado bebida suficiente para mais um gole, mas não havia nem uma gota. A garrafa estava vazia. Havia durado mais do que tinha direito de durar, mas agora não restava nem um traço.

Spider se levantou.

— Conheci essas pessoas — comentou. — Essas das revistas de celebridades. Já circulei entre elas. Vi em primeira mão as vidas vazias e imaturas que elas levam. Já as observei entre as sombras, quando elas pensavam estarem sozinhas. E posso garantir: não há uma delas que trocaria de vida com você, nem mesmo com uma pistola na cabeça, irmão. Vamos.

— Hein? Aonde você está indo?

— Nós estamos indo. Completamos a primeira parte da missão tríplice da noite. Vinho foi bebido. Faltam duas.

— Hã...

Fat Charlie seguiu Spider, torcendo para que o ar frio noturno clareasse sua mente. Não adiantou. Parecia que a cabeça de Fat Charlie sairia flutuando se não estivesse bem presa ao pescoço.

— Agora, mulheres — anunciou Spider. — Depois, música.

★ ★ ★

Talvez deva ser mencionado que as mulheres não surgiam do nada no mundo de Fat Charlie. Era preciso ser apresentado a elas, era preciso reunir coragem para falar com elas, encontrar um assunto sobre o qual conversar, quando a coragem viesse, e, então, depois de atingir esses patamares, havia picos mais altos a escalar. Era preciso ousar perguntar a elas se queriam fazer alguma coisa no sábado à noite, e, diante da pergunta, a maioria dizia que precisava lavar o cabelo, atualizar os diários, cuidar da calopsita, ou apenas que precisavam esperar ao lado do telefone enquanto outro homem não ligava.

Mas Spider vivia em outro mundo.

Os dois caminharam na direção do West End, parando quando chegaram a um bar lotado. Os fregueses se espalhavam pela calçada, e Spider parou e cumprimentou o grupo do que se revelou ser a festa de aniversário de uma jovem chamada Sybilla, que ficou muito lisonjeada quando Spider insistiu em pagar uma rodada de bebidas de aniversário para ela e as amigas. Então contou piadas (“... e o pato respondeu: *‘Não estou sentindo nada: não sinto a asa, não sinto o bico...’*”) e riu das próprias piadas, soltando uma risada sonora e cheia de alegria. Conseguia lembrar os nomes de todos ao redor. Conversava com as pessoas e prestava atenção no que elas diziam. Quando Spider anunciou que era hora de procurar outro bar, todo o grupo da festa de aniversário resolveu, como uma só mulher, que ia acompanhá-lo...

Quando chegaram ao terceiro bar, Spider parecia saído de um clipe de rock. Estava cercado de garotas. Elas o abraçavam. Várias tinham trocado beijos com ele, meio que de brincadeira, meio a sério. Fat Charlie observava com um misto de horror e inveja.

— Você é o guarda-costas dele? — perguntou uma das garotas.

— O quê?

— O guarda-costas dele. É você?

— Não — respondeu Fat Charlie. — Sou o irmão.

— Uau — começou ela —, não sabia que ele tinha um irmão. Ele é maravilhoso.

— Também acho — concordou outra, que tinha passado algum tempo agarrada a Spider, até ser expulsa pela pressão de outros corpos com ideias parecidas. Ela notou a presença de Fat Charlie pela primeira vez. — Você é o empresário dele?

— Não. É o irmão — interveio a primeira garota. — Ela acabou de me contar isso — acrescentou, em provocação.

A segunda a ignorou.

— Você também é dos Estados Unidos? Você meio que tem um pouco de sotaque.

— A gente morava na Flórida — começou Fat Charlie —, quando eu era mais novo. Meu pai era americano, e minha mãe... Bem, ela nasceu em Saint Andrews, mas cresceu em...

Ninguém mais estava escutando.

Quando saíram dali, as garotas remanescentes da festa de aniversário os acompanharam. As mulheres cercavam Spider, perguntando aonde iriam em seguida. Deram diversas sugestões de restaurantes e boates. Spider apenas sorria e continuava a andar.

Fat Charlie seguia o grupo, sentindo-se mais excluído do que nunca.

Eles passaram por um mundo de letreiros neon. Spider estava abraçado a várias mulheres. Ele as beijava indiscriminadamente enquanto andava,

parecendo um homem que dava uma mordida na primeira fruta da estação, depois em outra. Nenhuma delas parecia se importar.

Isso não é normal, pensou Fat Charlie. *Nem um pouco*. Ele nem ao menos tentava acompanhar, só procurava não ser deixado para trás.

Ainda podia sentir o gosto amargo do vinho na língua.

Percebeu que uma garota andava ao seu lado. Era pequena e tinha uma beleza que lembrava uma fada. Ela puxou a manga da camisa dele.

— O que estamos fazendo? — perguntou. — Aonde estamos indo?

— Estamos lamentando a morte do meu pai — explicou ele. — Eu acho.

— Isso é um reality show da TV?

— Espero que não.

Spider parou e se virou. O brilho em seus olhos era perturbador.

— É aqui — anunciou. — Chegamos. Era isso que ele iria querer.

Havia uma mensagem escrita à mão em uma folha de papel laranja brilhante grudada na porta de entrada do bar. Nela estava escrito: *KARAOKE. Hoje à noite. Segundo andar.*

— Música — concluiu Spider. Então disse: — É hora do show!

— Não — retrucou Fat Charlie.

Ficou parado onde estava.

— Era o que ele amava — argumentou Spider.

— Eu não canto. Não em público. E estou bêbado. E realmente acho que não é uma ideia muito boa.

— É uma ótima ideia. — Spider ostentava um sorriso extremamente convincente. Usado da maneira correta, um sorriso daqueles poderia provocar uma guerra santa. Fat Charlie, entretanto, não estava convencido.

— Veja só... — começou, tentando afastar o pânico da voz. — Tem coisas que as pessoas não fazem, certo? Tem gente que não anda de avião. Tem quem não faça sexo em público. E tem quem não desapareça em uma nuvem de fumaça. Eu não faço nada disso, e também não canto.

— Nem mesmo pelo nosso pai?

— Muito menos por ele. Nosso pai não vai me fazer passar vergonha do além-túmulo. Bem, não mais do que já fez.

— Com licença — começou uma das garotas. — Com licença, mas a gente vai entrar ou não? Estou ficando com frio aqui fora, e a Sybilla precisa fazer xixi.

— Vamos entrar — respondeu Spider, que sorriu para ela.

Fat Charlie quis protestar, quis fazer valer sua opinião, mas acabou sendo arrastado para dentro, e se odiou por isso.

Ele alcançou Spider nas escadas.

— Vou entrar — disse. — Mas não vou cantar.

— Você já entrou.

— Eu sei. Mas não vou cantar.

— Não faz muito sentido dizer que não vai entrar se já está dentro.
— Não sei cantar.
— Você está dizendo que também herdei todo o talento musical?
— Estou dizendo que vou vomitar se tiver que abrir a boca para cantar em público.

Spider apertou o braço do irmão, tentando tranquilizá-lo.

— Veja só como eu faço — sugeriu.

A aniversariante e duas amigas subiram no pequeno palco e cantaram “Dancing Queen” aos risos. Fat Charlie bebeu um gim-tônica que alguém enfiou em sua mão, fazendo uma careta a cada nota que elas erravam, a cada mudança de tom que não acontecia. Houve uma salva de palmas do resto do grupo acompanhando a aniversariante.

Outra mulher subiu ao palco. Era a garota com jeito de fada que perguntara a Fat Charlie aonde estavam indo. Os acordes de abertura anunciaram a música “Stand by Me”, e ela começou a cantar, entoando a frase da maneira mais parecida com o ritmo possível. Errava todas as notas, entrava cedo ou tarde demais em todos os versos e lia a maioria deles errado. Fat Charlie sentiu pena dela.

Ela desceu do palco e se dirigiu ao bar. O rapaz ia fazer um comentário solidário, mas ela estava alegre e radiante.

— Foi o *máximo* — revelou ela. — Sério, foi simplesmente *fantástico*. — Fat Charlie pagou uma bebida para a mulher, um copo grande de vodca com laranja. — Foi *tão* divertido — continuou, falando com ele. — Você também vai? Vamos. Você precisa ir. Aposto que não vai se sair pior que eu.

Ele deu de ombros de um jeito que esperava que indicasse que continha dentro de si uma grande quantidade de fracasso ainda não revelado.

Spider foi até o pequeno palco, andando como se o refletor o seguisse.

— Aposto que isso vai ser bom — comentou a vodca com laranja. — Alguém disse que você era irmão dele?

— Não — murmurou Fat Charlie, de mau humor. — Eu disse que *ele* era *meu* irmão.

Spider começou a cantar “Under the Boardwalk”.

Não teria acontecido se Fat Charlie não gostasse tanto da música. Quando tinha treze anos, Fat Charlie achava que “Under the Boardwalk” era a melhor música do mundo (na época que virou um jovem de catorze anos entediado e cansado de tudo, a melhor música passou a ser “No Woman No Cry”, de Bob Marley). E Spider estava cantando sua música, e cantando bem. Ele cantava afinado, cantava com emoção. As pessoas pararam de beber, pararam de falar e olharam para ele, escutando.

Quando Spider terminou de cantar, as pessoas aplaudiram. Se estivessem usando chapéus, provavelmente teriam jogado para o alto.

— Entendo por que você não quer ir, depois desse show — comentou a vodca com laranja para Fat Charlie. — Quer dizer, não dá para superar, né?

— Bem... — começou Fat Charlie.

— Ora — interrompeu ela, sorrindo —, dá para ver quem ficou com todo o talento da família.

Ela inclinou a cabeça e apontou com o queixo. A culpa foi do movimento do queixo.

Fat Charlie avançou em direção ao palco, botando um pé na frente do outro em uma demonstração impressionante de coordenação motora. Estava suando.

Os minutos seguintes passaram como um borrão. Ele falou com o DJ, escolheu a música em uma lista — “Unforgettable” —, esperou pelo que pareceu uma breve eternidade e depois recebeu um microfone.

Sua boca estava seca. Seu coração palpitava no peito.

Na tela estava sua primeira palavra: *Unforgettable*...

Fat Charlie cantava *muito* bem. Sua voz tinha alcance, força e expressão. Quando cantava, todo o seu corpo virava um instrumento.

A música começou.

Em sua cabeça, Fat Charlie estava pronto para abrir a boca e cantar.

Cantaria “Unforgettable”. Cantaria para seu falecido pai, para seu irmão e para a noite, dizendo a todos que eram coisas impossíveis de esquecer.

Só que ele não conseguia. As pessoas o olhavam com atenção. Pouco mais de vinte, todas no segundo andar de um bar. Muitas eram mulheres. Quando tinha plateia, Fat Charlie não conseguia abrir a boca.

Ele podia ouvir a parte instrumental tocando, mas só ficou lá, parado. Sentiu muito frio. Os pés pareciam muito distantes.

Ele forçou a boca a se abrir.

— Acho — começou, muito decidido, ao microfone, acima do barulho da música. Ouviu as palavras ecoarem em cada canto do salão. — Acho que vou vomitar.

A saída do palco não foi bonita.

Depois disso, tudo começou a girar um pouco.

★ ★ ★

Há lugares míticos. Eles existem, cada um a seu modo. Alguns se sobrepõem ao mundo, outros existem por baixo dele, como uma camada anterior de tinta.

Há montanhas. São os lugares rochosos a que chegamos antes de alcançar os penhascos na borda do fim do mundo. E há cavernas nessas montanhas, cavernas profundas, que já eram habitadas muito antes dos primeiros homens caminharem sobre a terra.

Elas ainda são habitadas.

CAPÍTULO

CINCO

NO QUAL EXAMINAMOS AS MUITAS CONSEQUÊNCIAS DA MANHÃ SEGUINTE

FAT CHARLIE ESTAVA com sede.

Fat Charlie estava com sede e com dor de cabeça.

Fat Charlie estava com sede, com dor de cabeça, com um gosto horrível na boca, com os olhos espremidos dentro do crânio, com todos os dentes latejando, com o estômago queimando, com as costas doendo de um jeito que começava perto dos joelhos e subia até a testa e com bolas de algodão, agulhas e alfinetes no lugar do cérebro, e era por isso que doía tanto tentar pensar. E não era como se os olhos estivessem apenas espremidos no crânio, parecia que eles também tinham rolado para fora das órbitas durante a noite e alguém os prendera no lugar com pregos. Ele também tinha acabado de perceber que qualquer barulho mais alto que o produzido pelo suave movimento browniano das moléculas do ar flutuando com delicadeza umas em volta das outras estava acima do limite tolerável. Além disso, Fat Charlie queria morrer.

Ele abriu os olhos, o que foi um erro, já que com isso foi atingido pela luz do dia, o que doeu. O gesto também informou onde ele estava (na própria cama em seu quarto), e, como estava de frente para o relógio na mesa de cabeceira, foi informado das horas: onze e meia.

Isso, pensou, uma palavra de cada vez, é o pior que pode acontecer. Estava com o tipo de ressaca que poderia ter sido uma arma de um Deus do Velho Testamento contra os midianitas, e, na próxima vez que encontrasse Grahame Coats com certeza descobriria que fora demitido.

Ficou pensando se conseguiria fingir uma voz de doente convincente ao telefone, então percebeu o quão difícil seria fingir uma voz convincente de qualquer outra coisa.

Não conseguia se lembrar de ter chegado em casa na noite anterior.

Ligaria para o escritório assim que conseguisse lembrar o número do telefone. Pediria desculpas — uma gripe horrível o deixara de cama, não podia fazer nada...

— Sabe — falou uma pessoa, deitada ao lado dele. — Acho que tem uma garrafa de água aí do seu lado. Pode passá-la para cá?

Fat Charlie quis explicar que não tinha garrafa nenhuma ao seu lado e que, na verdade, a fonte de água mais próxima ficava na pia do banheiro. Isso se ele antes desinfetasse a caneca da escova de dentes. Mas então percebeu que olhava para uma de muitas garrafas de água dispostas em cima da mesa de cabeceira. Estendeu a mão e agarrou uma delas com dedos que pareciam pertencer à outra pessoa, fazendo o tipo de esforço que as pessoas costumam reservar para quando querem escalar os últimos metros de uma rocha íngreme, e então rolou para o lado.

Era a vodca com laranja.

E, além disso, ela estava nua. Pelo menos nas partes que ele conseguia ver.

Ela pegou a água e puxou o lençol para cima, cobrindo o peito.

— Valeu. Ele me pediu para, quando você acordasse, avisá-lo para não ligar para o trabalho dizendo que está doente. Disse que já resolveu tudo.

Fat Charlie não se sentiu mais tranquilo. Seus medos e preocupações não foram mitigados. No entanto, nas condições em que se encontrava, só conseguia arranjar espaço na mente para se preocupar com uma coisa de cada vez, e, naquele momento, estava se preocupando se ia ou não conseguir chegar ao banheiro a tempo.

— Você precisa se hidratar — comentou a garota. — Precisa repor os eletrólitos.

Fat Charlie conseguiu chegar ao banheiro a tempo. Como já estava lá, ficou debaixo do chuveiro até o cômodo parar de balançar, depois escovou os dentes tentando não vomitar.

Quando voltou para o quarto, viu que a vodca com laranja não estava mais lá, o que foi um alívio, já que estava torcendo para que a mulher fosse uma alucinação provocada pelo álcool, como elefantes cor-de-rosa ou a ideia aterradora de que subira ao palco para cantar, na noite anterior.

Não conseguia encontrar o roupão, então vestiu um agasalho de corrida para se sentir com roupa suficiente para ir à cozinha, na outra extremidade do corredor.

O telefone tocou, e ele revirou o paletó, caído no chão ao lado da cama, até encontrar o aparelho, então o abriu. Atendeu com um resmungo, tentando se manter o mais anônimo possível para o caso de ser alguém da Agência Grahame Coats em busca de seu paradeiro.

— Sou eu — anunciou a voz de Spider. — Está tudo bem.

— Você disse a eles que eu morri?

— Melhor que isso. Eu disse que era você.
— Mas... — Fat Charlie tentou pensar com clareza — Mas você não é eu.

— Ora, eu sei disso. Só disse a eles que era.
— Você nem mesmo é parecido comigo.
— Ah, mano, pare de fazer tempestade em copo d'água. Já está tudo resolvido. Ops, preciso ir. O chefão quer falar comigo.
— Grahame Coats? Olhe, Spider...

Mas Spider tinha desligado o telefone, e a tela estava apagada.

O roupão de Fat Charlie entrou pela porta. Havia uma garota dentro dele. Ficava muito melhor nela do que algum dia poderia vir a ficar nele. A garota carregava uma bandeja com um copo de água misturado com um efervescente ao lado de uma caneca com alguma coisa dentro.

— Beba os dois — instruiu. — Primeiro a caneca. De um gole só.
— O que tem nela?
— Gema de ovo, molho inglês, Tabasco, sal, umas gotas de vodca, coisas assim — explicou ela. — Ou você melhora, ou morre de vez. — E, em um tom que não permitia discussão, completou: — Beba.

Fat Charlie bebeu.

— Ah, meu Deus! — exclamou.
— É — concordou a mulher. — Mas você ainda está vivo.
Ele não tinha muita certeza. Bebeu o Alka-Seltzer mesmo assim. E se lembrou de uma coisa.

— Hum — começou. — Hum. Olha... Ontem à noite? Nós, hã...
Ela permaneceu inexpressiva.
— Nós o quê?
— Nós... você sabe. Transamos?
— Quer dizer que você não se lembra? — Ela pareceu desapontada. — Você disse que foi a melhor noite da sua vida. Que foi como se você nunca tivesse feito amor com uma mulher. Era uma mistura de deus, animal e máquina sexual incontrolável...

Fat Charlie não sabia para onde olhar. Ela deu risada.

— Estou só brincando — explicou a mulher. — Ajudei seu irmão a trazer você para cá, daí nós te ajeitamos para dormir. Depois disso, você sabe...

— Não — respondeu Fat Charlie —, não sei.
— Bem — continuou ela —, você estava apagado, e é uma cama grande. Não sei bem onde seu irmão dormiu. Ele é forte como um touro. Já estava de pé assim que amanheceu, todo alegre e sorridente.
— Ele foi trabalhar no meu lugar — explicou Fat Charlie. — Disse a todo mundo que era eu.

— Mas eles não vão notar a diferença? Quer dizer, não é como se vocês fossem gêmeos.

— Parece que não. — Fat Charlie balançou a cabeça. Então olhou para a mulher, que mostrou uma língua muito rosa e pequena.

— Qual é o seu nome?

— Ah, você esqueceu? Eu me lembro do *seu* nome. Fat Charlie.

— Só Charles — retrucou. — Só Charles já está bom.

— Eu me chamo Daisy — respondeu ela, e estendeu a mão. — É um prazer conhecê-lo.

Eles trocaram um aperto de mão bem solene.

— Eu me sinto um pouco melhor — comentou Fat Charlie.

— Foi o que eu disse — respondeu ela. — Ou você melhora, ou morre de vez.

★ ★ ★

Spider estava tendo um dia ótimo no escritório. Quase nunca trabalhava em escritórios. Quase nunca trabalhava. Tudo era novidade, tudo era estranho e maravilhoso, desde o pequeno elevador que o deixou no quinto andar até as salas apertadas da Agência Grahame Coats. Ele ficou olhando, fascinado, para a vitrine no saguão, cheia de troféus empoeirados. Passeou pelos escritórios e, quando alguém perguntava quem era, respondia:

— Sou Fat Charlie Nancy. — Usava sua voz de deus, que fazia com que tudo o que dissesse virasse praticamente verdade.

Encontrou a sala de chá e preparou várias xícaras. Levou-as para a mesa de Fat Charlie e as arrumou de um jeito artístico. Começou a brincar com a rede de computadores, que pediu uma senha.

— Sou Fat Charlie Nancy — disse ao computador, mas ainda havia lugares que não podia acessar, por isso disse: — Sou Grahame Coats. — Então a rede se abriu como uma flor.

Olhou as coisas no computador até ficar entediado.

Cuidou do que Fat Charlie tinha para fazer no dia. Depois resolveu as pendências.

Pensou que o irmão devia estar acordando àquela hora, então ligou para casa dele, para tranquilizá-lo. Já estava começando a achar que tinha feito algum progresso quando Grahame Coats enfiou a cabeça na porta, passou os dedos pelos lábios de fuinha e o chamou com um gesto.

— Preciso ir — disse Spider para o irmão. — O chefe quer falar comigo.

E desligou o telefone.

— Fazendo ligações pessoais no trabalho outra vez, Nancy — comentou Grahame Coats.

— Mas é claro — concordou Spider.

— E era a mim que você estava se referindo como “o chefe”? — perguntou Grahame Coats.

Eles caminharam até o fim do corredor e entraram na sala dele.

— O senhor é o maior — retrucou Spider — e o mais chefe.

Grahame Coats pareceu intrigado. Desconfiava que estava sendo motivo de piada, mas não tinha certeza, e isso o incomodava.

— Bem, sente-se, sente-se — convidou.

Spider se sentou.

Era costume de Grahame Coats manter uma rotatividade constante na equipe da Agência Grahame Coats. Algumas pessoas chegavam e logo partiam. Outras chegavam e ficavam até pouco antes de começarem a receber algum tipo de proteção trabalhista. Fat Charlie estava lá havia mais tempo do que qualquer outro: um ano e onze meses. Faltava um mês para que a indenização em caso de demissão e as leis trabalhistas se tornassem parte de sua vida.

Grahame Coats sempre fazia um pequeno discurso antes de demitir alguém. Um discurso do qual se orgulhava muito.

— Na vida de todos nós — começou —, sempre há momentos turbulentos. Mas depois da tempestade, vem a bonança.

— Não há nada como um dia após o outro — concordou Spider.

— Ah. Sim. Isso mesmo. Bem. E, ao atravessar esse vale de lágrimas, precisamos fazer uma pausa para refletir que...

— Gato escaldado — interveio Spider — tem medo de água fria.

— O quê? Ah. — Grahame Coats se atrapalhou para lembrar o que vinha depois. — A felicidade é como uma borboleta.

— Ou um azulão — concordou Spider.

— Exato. Eu posso terminar?

— Mas é claro. Por favor — respondeu Spider, animado.

— E acho que a felicidade de cada um aqui na Agência Grahame Coats é tão importante quanto a minha.

— Não sei como expressar o quanto isso me deixa feliz.

— Sim — concordou Grahame Coats.

— Bem, é melhor eu voltar ao trabalho — comentou Spider. — Mas foi muito divertido. Da próxima vez que o senhor quiser compartilhar mais pérolas de sabedoria, é só me chamar. Já sabe onde eu fico.

— A felicidade — insistiu Grahame Coats. A voz assumia um leve tom esganiçado. — Eu fico pensando, Nancy, Charles, se você é feliz aqui. Não acha que talvez fosse ser mais feliz em outro lugar?

— Não é isso que eu fico pensando — retrucou Spider. — O senhor quer saber no que *eu* fico pensando?

Grahame Coats não respondeu. Ninguém nunca reagira assim a um discurso seu. Em geral, àquela altura, as pessoas ficavam arrasadas e em

estado de choque. Às vezes, choravam. Grahame Coats nunca se importava quando elas choravam.

— O que eu fico pensando — continuou Spider — é em para que servem as contas nas Ilhas Cayman. Sabe, é que às vezes parece que o dinheiro que devia ir para a conta dos clientes vai direto para as contas nas Ilhas Cayman. E acho que é um jeito estranho de organizar as finanças, deixar dinheiro guardado nessas contas. Nunca tinha visto coisa parecida. Esperava que o senhor pudesse me explicar como funciona.

Grahame Coats ficou “branco-gelo”, uma dessas cores que só existem em catálogos de decoração com cores chamadas de “pergaminho” ou “magnólia”. Então disse:

— Como você teve acesso a essas contas?

— Computadores — disse Spider. — Eles também enlouquecem o senhor? Como lidar com eles?

Grahame Coats passou longos momentos meditando. Sempre gostou de pensar que suas finanças estavam emaranhadas de um jeito tão complexo que, mesmo que a polícia especializada em fraudes financeiras conseguisse chegar à conclusão que houvera algum crime, teriam muita dificuldade de explicar a um júri exatamente que tipo de crime.

— Não é ilegal ter contas no exterior — respondeu, do modo mais despreocupado possível.

— Ilegal? — perguntou Spider. — Ah, espero que não. Quer dizer, se eu visse algo ilegal, teria que relatar às autoridades competentes.

Grahame Coats pegou uma caneta de cima da mesa, depois a colocou de volta no lugar.

— Ah — começou. — Bem, apesar de ser mesmo ótimo conversar, trocar ideias, passar tempo e conviver com você, Charles, desconfio que nós dois temos trabalho a fazer. Afinal de contas, tempo é dinheiro. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.

— Se a vida lhe der limões, faça uma limonada.

— É, é, isso aí.

★ ★ ★

Fat Charlie já começava a se sentir humano outra vez. Não sentia mais dor, não sentia mais as ondas de náusea. Embora ainda não estivesse convencido de que o mundo era um lugar belo e alegre, não estava mais no nono círculo do inferno da ressaca, o que era bom.

Daisy estava no banheiro. Fat Charlie ouvira as torneiras sendo abertas e alguns respingos alegres.

Então ele bateu na porta do cômodo.

— Tem gente — disse Daisy. — Estou no banho.

— Eu sei — respondeu Fat Charlie. — Quer dizer, não sabia, mas achei que devia estar.

— E daí? — inquiriu Daisy.

— Só fiquei pensando — explicou ele, do outro lado da porta. — Fiquei pensando em por que você veio para cá. Ontem à noite.

— Bem — começou ela —, seu estado era lamentável. E seu irmão parecia precisar de ajuda. Como não trabalho hoje de manhã... *voilà*.

— *Voilà* — repetiu Fat Charlie.

Por um lado, ela estava com pena dele. Por outro, gostava mesmo de Spider. Viva. Fat Charlie tinha um irmão havia pouco mais de um dia e já sentia que não teria mais surpresas com essa nova relação familiar. Spider era o descolado, ele era o outro.

Ela comentou:

— Você tem uma voz linda.

— O quê?

— Você estava cantando no táxi, quando voltávamos para casa. “Unforgettable”. Foi lindo.

De algum modo, Fat Charlie tinha apagado o incidente do karaokê da memória, enfiado nos lugares sombrios onde as pessoas guardam as situações inconvenientes. Agora se lembrava, e desejou que isso não tivesse acontecido.

— Você cantou muito bem — continuou ela. — Pode cantar para mim depois?

Fat Charlie ficou em pânico tentando pensar em uma resposta, mas a campainha o salvou dos pensamentos desesperados.

— Tem alguém na porta — disse.

Ele desceu a escada, abriu a porta, e as coisas ficaram ainda piores. A mãe de Rosie lançou um olhar congelante a ele. Ela não disse uma palavra. Estava segurando um grande envelope branco.

— Olá — disse Fat Charlie. — Sra. Noah. É um prazer vê-la. Hã.

Ela fungou e estendeu o envelope diante de si.

— Ah — resmungou —, você está em casa. Então, não vai me convidar para entrar?

Isso mesmo, pensou Fat Charlie. *Sua espécie sempre precisa de convite. Basta dizer não, aí ela terá que ir embora.*

— Mas é claro, sra. Noah. Por favor, entre. — *Então é assim que os vampiros fazem.* — Gostaria de uma xícara de chá?

— Não pense que vai me distrair assim tão fácil — comentou ela. — Porque não vai.

— Hã. Certo.

Os dois subiram a escada estreita e entraram na cozinha. A mãe de Rosie olhou ao redor e fez uma careta, como se tentasse indicar que o local não

estava dentro de seus padrões de limpeza para armazenar — e ali realmente se armazenava — substâncias comestíveis.

— Café? Água? — *Não diga fruta de cera.* — Fruta de cera? — *Droga.*

— Pelo que Rosie comentou, seu pai faleceu há pouco tempo — disse ela.

— Sim, é verdade.

— Quando o pai de Rosie faleceu, publicaram um obituário de quatro páginas na *Cozinheiros cozinhando*. Disseram que ele foi o grande responsável pela introdução da *fusion cuisine* caribenha no país.

— Ah — respondeu Fat Charlie.

— E ele não me deixou sem dinheiro. Tinha seguro de vida e era sócio de dois restaurantes de sucesso. Levo uma vida de luxo. Quando eu morrer, vai tudo para Rosie.

— Quando nos casarmos — começou Fat Charlie —, vou cuidar bem dela. Não se preocupe.

— Não estou dizendo que você só está com ela pelo meu dinheiro — explicou a mãe de Rosie, em um tom que deixava claro que era exatamente aquilo que estava dizendo.

A dor de cabeça de Fat Charlie começou a voltar.

— Sra. Noah, posso ajudá-la de alguma forma?

— Andei conversando com Rosie, e decidimos que eu devia começar a ajudar na organização do casamento — explicou ela, afetada. — Preciso que você faça uma lista das pessoas que estava pensando em convidar. Nomes, endereços, e-mails e números de telefone. Fiz um formulário para você preencher. Pensei em economizar o correio e eu mesma deixá-lo aqui, já que ia passar por Maxwell Gardens de qualquer jeito. Não esperava encontrá-lo em casa. — Ela entregou o envelope branco grande a ele. — Teremos um total de noventa convidados. Você tem permissão de levar um total de oito membros da família e seis amigos. Os amigos e quatro dos familiares ficarão na Mesa H. O restante do seu grupo fica na mesa C. Seu pai ficaria sentado conosco na mesa principal, mas, visto que ele faleceu, passamos o lugar dele para a tia de Rosie, Winifred. Você já escolheu o padrinho?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Bem, quando o fizer, diga a ele que não pode haver grosserias no discurso. Não quero ouvir de seu padrinho nada que seja inapropriado para uma igreja. Está me entendendo?

Fat Charlie ficou pensando no que a mãe de Rosie ouvia na igreja. Provavelmente apenas gritos de “Para trás, besta do inferno!”, seguidos de “Ela está viva?” ansiosos e de questionamentos que percorreriam a multidão angustiada, querendo saber se alguém tinha se lembrado de levar as estacas e os martelos.

— Acho — começou Fat Charlie — que tenho mais de dez convidados. Quer dizer, tenho primos, tias-avós e tal.

— O que você sem dúvida não conseguiu entender — explicou a mãe de Rosie — é que casamentos custam dinheiro. Eu contratei um serviço de 175 libras por pessoa para as mesas de A até D. Temos a mesa A, que é a mesa principal, onde ficam as pessoas mais íntimas de Rosie e do clube feminino de que participo. Para as mesas E até G, cobraram 125 libras. É lá que vão ficar os parentes mais distantes, as crianças, e por aí vai.

— A senhora disse que meus amigos vão ficar na Mesa H.

— Esse é o nível seguinte. Eles não recebem as entradas de camarão com abacate nem o *sherry trifle*.

— Da última vez que conversei com Rosie sobre a cerimônia, decidimos servir comida indiana.

A mãe de Rosie fungou.

— Essa menina às vezes não sabe o que quer. Mas agora estamos em total acordo.

— Bem — começou Fat Charlie —, talvez seja melhor eu conversar com ela sobre isso e depois falar com a senhora.

— É só preencher os formulários — retrucou a mãe de Rosie. Então acrescentou, desconfiada. — Por que você não está no trabalho?

— Eu. Hã. Eu não fui. Quer dizer, estou de folga esta manhã. Não vou trabalhar hoje. Eu. Não vou.

— Espero que tenha dito isso a Rosie. Ela estava planejando almoçar com você. Por isso que não pôde almoçar comigo.

Fat Charlie absorveu a informação.

— Certo — respondeu. — Bem, obrigado por aparecer, sra. Noah. Vou conversar com Rosie e...

Daisy apareceu na cozinha. Estava com uma toalha enrolada na cabeça e usava o roupão de Fat Charlie, grudado ao corpo molhado. Então disse:

— Tem suco de laranja, não tem? Sei que vi um pouco quando estava bisbilhotando por aí, mais cedo. Como está a cabeça? Melhorou? — Ela abriu a porta da geladeira e se serviu um copo de suco de laranja.

A mãe de Rosie pigarreou. Não pareceu muito um pigarro, e sim o som de seixos rolando em uma praia.

— Olá — cumprimentou Daisy. — Eu sou Daisy.

A temperatura na cozinha começou a cair.

— É mesmo? — perguntou a mãe de Rosie. O fim da frase veio cheio de pingentes de gelo.

— Eu fico pensando em como teriam chamado as laranjas — comentou Fat Charlie — se elas não fossem laranja. Quer dizer, se fossem uma fruta azul desconhecida, será que seriam chamadas de *azuis*? Será que beberíamos suco de azul?

— O quê? — indagou a mãe de Rosie.

— Nossa. Você devia ouvir as coisas que saem dessa sua boca — comentou Daisy, bem-humorada. — Bem, vou ver se encontro minhas roupas. Foi um prazer conhecê-la.

Ela saiu. Fat Charlie ainda não conseguia respirar.

— Quem. É. Ela. — perguntou a mãe de Rosie, perfeitamente calma.

— Minha ir-prima. Minha prima — respondeu Fat Charlie. — É que eu penso nela como uma irmã. Nós éramos muito próximos, quando crianças. Ela resolveu passar a noite aqui. É um pouco rebelde. Bem. É. A senhora vai vê-la no casamento.

— Eu a deixaria na Mesa H — comentou a mãe de Rosie. — Ela vai ficar mais à vontade lá. — Isso foi dito do mesmo jeito que a maioria das pessoas diria coisas como: “Você quer uma morte rápida ou posso deixar Mongo se divertir um pouquinho?”

— Está certo — respondeu Fat Charlie. — Bem, foi um prazer. A senhora deve ter muito o que fazer. E eu preciso ir para o trabalho.

— Achei que você tivesse o dia livre.

— A manhã. Tirei a manhã de folga. E está quase acabando. E preciso sair para o trabalho agora, então, até mais.

Ela apertou a bolsa contra o corpo e ficou de pé. Fat Charlie a seguiu até o corredor.

— Foi um prazer — disse ele.

A mãe de Rosie piscou, fechando os olhos por um breve momento, como uma cobra antes de atacar.

— Até logo, Daisy! — gritou ela. — Até o casamento.

Daisy, agora de calcinha e sutiã, ainda enfiando uma camiseta, apareceu no corredor.

— Tchau — respondeu, e entrou outra vez no quarto de Fat Charlie.

A mãe de Rosie não disse mais nada enquanto Fat Charlie a conduzia escada abaixo. Ele abriu a porta da frente para a velha senhora e viu algo terrível em seu rosto, algo que fez seu estômago se embrulhar ainda mais. Era o que a mãe de Rosie fazia com a boca. Os cantos estavam repuxados para cima, formando um bico sorridente amedrontador. Como uma caveira com lábios.

Fat Charlie fechou a porta depois que ela passou e ficou parado no hall, trêmulo. Depois subiu as escadas de volta, parecendo um homem a caminho da cadeira elétrica.

— Quem é ela? — perguntou Daisy, acabando de se vestir.

— A mãe da minha noiva.

— Ela é um poço de alegria, não é?

Daisy estava vestida com as mesmas roupas da noite anterior.

— Você vai trabalhar assim?

— Minha nossa, não. Vou passar em casa e me trocar. Não me visto assim no trabalho. Você pode chamar um táxi?

— Para onde você vai?

— Hendon.

Ele ligou para um serviço de táxi. Então se sentou no chão do corredor e contemplou os possíveis cenários futuros, todos impossíveis de serem contemplados.

Havia alguém parado do seu lado.

— Tenho umas vitaminas B na bolsa — anunciou Daisy. — Ou você podia tentar tomar uma colherada de mel. Nunca fez efeito em mim, mas minha colega de apartamento jura que é ótimo para ressaca.

— Não é isso — explicou Fat Charlie. — É que eu disse que você era minha prima. Para que minha sogra não pensasse que você fosse minha... Que nós... Você sabe, uma garota estranha no apartamento, essas coisas.

— Prima? Bem, não se preocupe. Logo, ela deve esquecer que eu existo. E, se isso não acontece, diga que deixei o país misteriosamente. Você nunca mais vai me ver.

— Sério? Promete?

— Não precisa parecer tão feliz.

Um carro buzinou na rua lá fora.

— Deve ser o táxi. Levante-se para a gente se despedir.

Ele se levantou.

— Não se preocupe.

Daisy o abraçou.

— Acho que minha vida acabou — resmungou ele.

— Não. Não acabou, não.

— Estou perdido.

— Obrigada. — A mulher se esticou e deu um beijinho em sua boca, por mais tempo e com mais força do que poderia ser considerado apropriado para duas pessoas que tinham acabado de se conhecer. Depois sorriu, desceu as escadas animada e saiu.

— Isso — comentou Fat Charlie, em voz alta, quando a porta fechou — não deve estar acontecendo de verdade.

Ainda podia sentir o gosto dela nos lábios, era suco de laranja e framboesas. Aquilo era um beijo. Aquilo era um beijo de verdade. Havia uma energia sexual por trás daquele beijo que Fat Charlie nunca sentira em toda a vida, nem mesmo com...

— Rosie — falou.

Ele abriu o celular e apertou a tecla de discagem rápida.

— Você ligou para o celular da Rosie — anunciou a voz da noiva. — Estou ocupada ou perdi o celular de novo. Você caiu na caixa postal. Tente ligar para minha casa ou deixe um recado.

Fat Charlie fechou o celular. Então vestiu o casaco por cima do moletom e, apertando um pouco os olhos contra a luz terrível e ofuscante do dia, saiu para a rua.

★ ★ ★

Rosie Noah estava preocupada, o que por si só já era preocupante. Como tantas coisas no mundo de Rosie, admitisse ela ou não, a culpa era de sua mãe.

Rosie já se acostumara a viver em um mundo no qual sua mãe odiava a ideia de ela se casar com Fat Charlie Nancy. Ela tomou a oposição ao casamento como um sinal dos céus de que devia estar fazendo alguma coisa certa, mesmo sem ter muita certeza de que aquele era o caso.

E ela o amava, é claro. Ele era seguro, reconfortante, são...

A mudança de atitude da mãe em relação a Fat Charlie a deixou preocupada, e o entusiasmo repentino com os preparativos do casamento a deixou muito perturbada.

Tinha ligado para Fat Charlie na noite anterior para discutir o assunto, mas o noivo não atendera os telefonemas. Rosie achou que ele talvez tivesse decidido dormir cedo.

Foi por isso que resolveu abrir mão do horário de almoço para conversar com ele.

A Agência Grahame Coats ocupava o último andar de um prédio vitoriano cinzento em Aldwych. Para chegar lá, era preciso subir cinco lances de escada. Havia um elevador. Era bem antigo, tinha sido instalado cem anos antes pelo agente teatral Rupert “Binky” Butterworth. Era um elevador bem pequenininho, lerdo e chacoalhante, e a peculiaridade do projeto e das funções só se tornavam compreensíveis ao saber que Binky Butterworth tinha o tamanho e a forma de um jovem hipopótamo corpulento, além da mesma habilidade de se espremer em lugares pequenos. Ele projetou o elevador para caber, com aperto, Binky Butterworth e mais uma pessoa muito mais magra, como por exemplo uma corista ou um corista — Binky não era muito exigente. Para deixá-lo feliz, bastava se apertar no elevador com alguém em busca de representação no meio teatral em uma viagem bem lenta e sacolejante por todos os andares, até o topo. Quando chegavam ao último andar, era comum Binky estar tão transtornado com as pressões da viagem que precisava se deitar, deixando a corista ou o corista tomar chá de cadeira na sala de espera, preocupado com o fato de Binky ter sido acometido por uma terrível falta de ar e estar com rosto vermelho e ofegante desde os últimos andares indicasse que ele estava sofrendo algum tipo de embolia pré-eduardiana.

As pessoas entravam no elevador com Binky Butterworth uma vez, mas depois decidiam usar as escadas.

Grahame Coats, que comprara o que restava da Agência Butterworth da neta de Binky, mais de vinte anos antes, alegava que o elevador era parte da história.

Rosie fechou a grade pantográfica da parte interna, fechou a porta externa e foi até a recepção, onde disse à recepcionista que queria falar com Charles Nancy. Ela se sentou embaixo das fotografias de Grahame Coats com pessoas que ele tinha representado. Reconheceu Morris Livingstone, o comediante, algumas boy bands que já foram famosas e vários astros do esporte que, ao envelhecer, se tornaram “personalidades” — o tipo de gente que tentava ter o máximo de diversão possível até que um novo fígado estivesse disponível.

Um homem entrou na recepção. Ele não era muito parecido com Fat Charlie. Era mais moreno e sorria como se tudo o divertisse — de um modo bem excessivo e perigoso.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — anunciou o homem.

Rosie caminhou até Fat Charlie e deu um beijinho em seu rosto.

— Eu conheço você? — perguntou ele. O que foi algo estranho de dizer, então falou: — Claro que sim. Você é Rosie. E fica mais bonita a cada dia.

Ele retribuiu o beijo, encostando os lábios nos dela. Seus lábios apenas roçaram, mas o coração de Rosie começou a bater como o de Binky Butterworth após uma viagem bem sacolejante e apertada com uma corista.

— Almoço! — exclamou Rosie. — Estava pela vizinhança. Achei que seria uma boa ideia. Conversar.

— Claro — respondeu o homem que Rosie agora pensava ser Fat Charlie. — Vamos almoçar.

Ele passou um braço ao redor de Rosie, de um jeito bastante confortável.

— Quer almoçar em algum lugar especial?

— Ah, não sei — respondeu Rosie. — Pode ser qualquer lugar que você queira ir. — *O cheiro dele*, pensou. *Como nunca tinha reparado no quanto gostava do cheiro dele?*

— Vamos procurar um lugar — sugeriu ele. — Que tal descer pela escada?

— Se não se importar, acho que prefiro ir de elevador — respondeu Rosie.

Ela fechou a porta de grade com força, e os dois desceram até o térreo de forma bem lenta, sacolejando apertados um contra o outro.

Rosie não se lembrava da última vez em que se sentira tão feliz.

Quando chegaram à rua, o telefone de Rosie tocou, anunciando uma ligação perdida. Ela o ignorou.

Entraram no primeiro restaurante que encontraram. Até o mês anterior, era um japonês bem moderno, com uma esteira rolante que fazia circular pelo salão pequenas porções de peixe cru, e os preços eram de acordo com a cor do prato. O restaurante japonês tinha fechado e, na mesma hora — como acontece com todos os restaurantes de Londres —, foi substituído por um restaurante húngaro. O novo dono decidira manter a esteira rolante

como um acréscimo da modernidade ao mundo da culinária húngara, o que fazia tigelas — que esfriavam bem rápido — de goulash, bolinhos de páprica e potes de creme azedo circularem com muito estilo pelo salão.

Rosie achou que o lugar não conseguiria ter muito sucesso.

— Onde você estava ontem à noite? — perguntou.

— Saí — explicou ele. — Com meu irmão.

— Você é filho único — lembrou Rosie.

— Não sou. Parece que eu, na verdade, vim em dobro.

— Sério? Mais uma surpresa que seu pai deixou?

— Querida — respondeu o homem que ela achava ser Fat Charlie —, você não sabe da missa a metade.

— Bem — retrucou ela —, espero que ele vá ao casamento.

— Acho que ele não vai querer perdê-lo por nada. — O homem envolveu a mão dela com a dele, e Rosie quase deixou cair a colher no goulash. — O que você vai fazer até o fim da tarde?

— Quase nada. As coisas andam meio paradas no escritório. Preciso fazer algumas ligações para arrecadar fundos, mas isso pode esperar. Tem... Hã. Você... Hã. Por quê?

— Está um dia tão bonito. Quer dar um passeio?

— Eu adoraria — respondeu Rosie.

Eles foram até o dique do rio e começaram a caminhar ao longo da margem norte do Tâmis. Era um passeio lento, de mãos dadas, sem conversar sobre qualquer coisa em particular.

— E o *seu* trabalho? — perguntou Rosie, quando pararam para comprar sorvete.

— Ah — respondeu ele —, ninguém vai se importar. Acho que não vão nem perceber que saí.

★ ★ ★

Fat Charlie subiu correndo os degraus da Agência Grahame Coats. Ele sempre optava pela escada. Era mais saudável, para começo de conversa, e também significava que ele nunca mais teria que se preocupar em acabar enfiado com outra pessoa em um espaço apertado demais para fingir que ela não estava ali.

Ele entrou na recepção um pouco ofegante.

— Rosie passou aqui, Annie?

— Vocês se desconstraram? — perguntou a recepcionista.

Ele foi até seu escritório. A escrivanhinha estava particularmente arrumada. A pilha de correspondência tinha desaparecido. Havia um post-it amarelo grudado na tela do computador com a mensagem: “Fale comigo. GC.”

Ele bateu à porta do escritório de Grahame Coats. Dessa vez, uma voz lá dentro respondeu:

— Sim?

— Sou eu — disse ele.

— Ah — retrucou Grahame Coats. — Grande Nancy! Entre. Puxe uma cadeira. Andei pensando muito sobre a conversa que tivemos essa manhã. Sinto que o julguei mal. Você trabalha aqui há quanto tempo...?

— Quase dois anos.

— Você tem trabalhado muito, e arduamente. E agora, com a morte de seu pai, uma tristeza...

— Eu não o conhecia muito bem.

— Ah, você tem caráter, Nancy. Considerando que agora estamos na baixa temporada, o que acha de tirar umas semaninhas de folga com, eu nem preciso dizer, o salário integral?

— Salário integral? — repetiu Fat Charlie.

— Salário integral, mas é claro... Entendo a situação. Uma verba para despesas. Um dinheirinho extra cairia bem, não é mesmo?

Fat Charlie tentou entender em que universo tinha ido parar.

— Eu estou sendo demitido?

Grahame Coats deu risada, o que mais parecia uma fuinha com um osso pontudo entalado na garganta.

— Claro que de jeito nenhum. Muito pelo contrário. Na verdade, acredito que estamos entendidos. Seu emprego está perfeitamente seguro. Seguro como um banco. Enquanto você continuar a ser esse modelo de discricção que tem sido até agora.

— Bancos são bem seguros? — perguntou Fat Charlie.

— Extremamente seguros.

— É que eu li em algum lugar que bancos são assaltados com frequência.

— Então — retrucou Grahame Coats —, acho de vital importância que você dê uma passada no banco o mais rápido possível, antes de ir para casa. Aqui. — Ele entregou a Fat Charlie um pedaço retangular de papel. — Um pequeno agradecimento pelos dois anos de serviços dedicados à Agência Grahame Coats. — Em seguida, porque era o que ele sempre dizia quando dava dinheiro às pessoas, completou: — Não vá gastar tudo de uma vez.

Fat Charlie olhou para o papel. Era um cheque.

— Duas mil libras. Nossa. Com certeza não vou.

Grahame Coats sorriu para Fat Charlie. Se havia algum sinal de triunfo naquele sorriso, Fat Charlie estava intrigado demais, abalado demais, confuso demais para notar.

— Vá pela sombra — concluiu Grahame Coats.

Fat Charlie voltou ao seu escritório.

Grahame Coats espiou pela porta, tão distraidamente quanto um mangusto observando um ninho de serpentes.

— Uma pergunta boba. Se, enquanto você estiver fora se divertindo e relaxando, algo que sugiro que faça com insistência máxima, se durante esse período eu precisar acessar seus arquivos... Você pode me dizer a senha?

— Sua senha não dá acesso a qualquer coisa no sistema? — perguntou Fat Charlie.

— Sem dúvida — respondeu Grahame Coats, de forma casual. — Mas é só por garantia. Afinal de contas, você sabe como são os computadores.

— É *sereia* — revelou Fat Charlie. — S-E-R-E-I-A.

— Excelente — disse Grahame Coats. — Excelente.

Ele não esfregou as mãos, mas podia muito bem ter feito isso.

Fat Charlie desceu as escadas com um cheque de duas mil libras no bolso, pensando em como podia ter julgado o chefe tão mal nos últimos dois anos.

Ele dobrou a esquina e foi ao banco depositar o cheque.

Depois caminhou até o dique para respirar e pensar.

Estava duas mil libras mais rico. A dor de cabeça daquela manhã desaparecera por completo. Estava se sentindo sólido e próspero. Fat Charlie se perguntou se conseguiria convencer Rosie a tirar umas férias curtas com ele. Não teriam muito tempo para se preparar, mas mesmo assim...

E então viu Spider e Rosie andando de mãos dadas do outro lado da rua. Rosie estava terminando um sorvete. Então ela parou, jogou o que restava do doce no lixo, puxou Spider para perto e, com a boca suja de sorvete, começou a beijá-lo com gosto e entusiasmo.

Fat Charlie pôde sentir a dor de cabeça voltando. Sentia-se paralisado.

Ele viu os dois se beijarem. Achava que cedo ou tarde iam ter que parar para respirar, mas não pararam, então disparou na direção contrária, arrasado, até chegar ao metrô.

E foi para casa.

Quando chegou lá, Fat Charlie estava muito chateado, por isso foi para cama, que ainda tinha um leve cheiro de Daisy, e fechou os olhos.

O tempo passou, e agora Fat Charlie estava caminhando com o pai pelas dunas de uma praia. Os dois estavam descalços. Ele era criança de novo, e o pai não tinha uma idade definida.

“E aí”, dizia o pai. “Você e Spider estão se entendendo?”

“Estou sonhando”, observou Fat Charlie. “E não quero falar sobre isso.”

“Ah, meninos”, comentou o pai, balançando a cabeça. “Preste atenção. Vou contar uma coisa importante.”

“O quê?”

Mas o pai não respondeu. Algo na orla captara sua atenção, e ele se abaixou para apanhar o que quer que fosse. Cinco pernas pontudas moviam-se languidamente.

“Uma estrela-do-mar”, disse o pai, pensativo. “Quando você corta uma ao meio, cada parte vira uma nova estrela-do-mar.”

“Achei que você fosse me contar algo importante.”

O pai apertou o peito, desabou na praia e parou de se mexer. Vermes saíram da areia e o devoraram em instantes, deixando apenas os ossos.

“Pai?”

Fat Charlie acordou em seu quarto, o rosto molhado de lágrimas. Então parou de chorar. Não havia por que ficar triste. O pai não tinha morrido. Fora apenas um pesadelo.

Ele resolveu que convidaria Rosie para jantar em casa no dia seguinte. Iam comer bifes. Ele ia cozinhar. Tudo ia ficar bem.

Ele se levantou e se vestiu. Vinte minutos depois, estava na cozinha, comendo macarrão instantâneo, quando lembrou que, apesar do acontecido na praia ter sido um sonho, seu pai estava mesmo morto.

★ ★ ★

Rosie passou no apartamento da mãe, na Wimpole Street, no fim daquela tarde.

— Vi seu namorado hoje — comentou a sra. Noah.

Seu nome de batismo era Eutheria, mas, nas três últimas décadas, ninguém a chamara assim além do falecido marido, e depois que ele morreu, o nome se perdera, e era improvável que fosse ser usado outra vez enquanto ela vivesse.

— Eu também — retrucou Rosie. — Meu Deus, como eu amo aquele homem.

— Bem, é claro. Você vai se casar com ele, não vai?

— Bem, sim, quer dizer, sempre soube que o amava, mas hoje percebi o quanto o amo de fato. Amo tudo em relação a ele.

— Você descobriu onde ele estava na noite passada?

— Sim. Ele explicou tudo. Tinha saído com o irmão.

— Eu não sabia que ele tinha irmão.

— Ele não tinha mencionado antes. Os dois não são muito próximos.

A mãe de Rosie estalou a língua.

— Ele deve estar no meio de uma reunião de família e tanto. Ele também mencionou a prima?

— Prima?

— Ou seria irmã? Ele não pareceu ter muita certeza. Bonitinha, mas meio vulgar. Parecia chinesa. Se quer saber, eu não achei grande coisa. Mas toda a família dele é assim.

— Mãe, você não conhece a família dele.

— Eu conheci a garota. Ela estava na cozinha dele hoje de manhã, andando seminua. Uma desavergonhada. *Se é que* era mesmo prima.

— Fat Charlie não mentiria.

— Ele é homem, não é?

— Mãe!

— E por quê, afinal, ele não foi trabalhar hoje?

— Ele foi. Estava no trabalho. Almoçamos juntos.

A mãe de Rosie conferiu o batom no espelhinho de bolso, depois, com o indicador, limpou algumas manchas vermelhas nos dentes.

— O que mais você disse a ele? — perguntou Rosie.

— Nós só conversamos sobre o casamento, falei que não queria que o padrinho fizesse um daqueles discursos grosseiros. Ele me olhava como se estivesse bêbado. Você já sabe o que eu tenho a dizer sobre se casar com um homem que bebe.

— Bem, ele parecia perfeitamente bem quando o encontrei — contou Rosie, com ar de reprovação. — Ah, mãe. Tive o dia mais maravilhoso da minha vida. Passeamos, conversamos e, ah!, já disse a você como ele *cheira bem*? E as mãos dele são tão macias...

— Se quer saber minha opinião — retrucou a mãe —, isso não está me cheirando nada bem. Só digo uma coisa: na próxima vez que encontrá-lo, pergunte sobre a prima. Não estou afirmando que ela é prima dele, nem que não é. Só estou dizendo que, se é, então tem prostitutas, strippers e libertinas na família dele, e esse seu noivo não é o tipo de pessoa com quem você deveria se envolver.

Rosie se sentiu mais confortável agora que a mãe se voltava outra vez contra Fat Charlie.

— Mãe. Não quero ouvir mais nem uma palavra.

— Está bem. Não digo mais nada. Não sou eu quem vai se casar com ele, afinal. Não é a minha vida que está sendo jogada fora. Não sou eu quem vai ficar chorando no travesseiro quando ele passar a noite fora bebendo com vagabundas. Não sou eu quem vai ficar esperando, dia após dia, noite vazia após noite vazia, ele sair da prisão.

— Mãe! — Rosie tentou ficar indignada, mas a ideia de Fat Charlie na prisão era engraçada demais, absurda demais, e ela acabou tendo que segurar o riso.

O telefone de Rosie tocou. Ela atendeu, e então disse:

— Claro. Eu adoraria. Seria maravilhoso.

Ela guardou o celular.

— Era ele — informou à mãe. — Vou à casa dele amanhã à noite. Ele vai cozinhar para mim. Não é uma graça? — E completou: — Prisão, né?

— Eu sou mãe — retrucou a sra. Noah, em seu apartamento sem comida onde a poeira não ousava assentar —, e sei das coisas.

★ ★ ★

Enquanto o dia dava lugar à noite, Grahame Coats sentou-se em seu escritório e encarou a tela do computador. Ele abriu documento após documento, planilha após planilha. Modificou alguns. Apagou a maioria.

Era para ele viajar para Birmingham naquela noite, onde um ex-jogador de futebol, um de seus clientes, inauguraria uma casa noturna. Em vez disso, telefonou e pediu desculpas. Algumas coisas não podem ser deixadas para depois.

Logo a luz do lado de fora da janela sumiu por completo. Grahame Coats estava sentado diante do brilho da tela do computador. Ele modificava, reescrevia e deletava.

★ ★ ★

Eis outra história que contam sobre Anansi.

Há muitos e muitos anos, a mulher de Anansi resolveu plantar um canteiro de ervilhas. Eram as melhores ervilhas, as mais gordas e mais verdes que se possa imaginar. Eram de dar água na boca.

No momento em que Anansi viu a plantação de ervilhas, ele as desejou. Mas não desejou apenas algumas delas, pois Anansi era um homem de grande apetite. Ele não queria dividi-las. Queria tudo.

Então ele se deitou na cama e suspirou, um suspiro longo e alto, e sua mulher e seus filhos foram correndo.

— Estou morrendo — anunciou Anansi, com a voz fraca. — Minha vida está chegando ao fim.

A mulher e os filhos começaram a derramar lágrimas fervorosas.

Com a voz bem fraquinha, Anansi vira para eles e pede:

— Em meu leito de morte, vocês precisam me prometer duas coisas.

— Qualquer coisa, qualquer coisa — disseram a mulher e os filhos.

— Primeiro, vocês têm que prometer que vão me enterrar sob a grande árvore de fruta-pão.

— A grande árvore de fruta-pão perto da plantação de ervilha? Essa? — perguntou a mulher.

— Claro que é dessa que estou falando — retrucou Anansi. Então, com a voz fraca, completou: — E vocês têm que prometer mais uma coisa. Prometam que, em minha lembrança, farão uma fogueira ao pé de meu túmulo. E, para mostrar que não me esqueceram, vão manter o fogo aceso, e nunca deixarão que ele se apague.

— Faremos isso! Faremos! — afirmaram a mulher e os filhos de Anansi, chorando.

— E, perto do fogo, como marca de seu respeito e amor, desejo um caldeirão cheio de água salgada, para lembrá-los das lágrimas salgadas e quentes que derramaram com fervor em meu leito de morte.

— É claro! É claro!

Eles choraram, e Anansi só fechou os olhos e não respirou mais.

Então levaram Anansi até a grande árvore de fruta-pão que crescia junto da plantação de ervilhas e o enterraram sob sete palmos de terra. Ao pé do túmulo, acenderam uma fogueira e ao lado puseram um caldeirão cheio de água salgada.

Anansi passou o dia inteiro esperando lá embaixo, mas, quando caiu a noite, ele saiu do túmulo, foi até a plantação de ervilhas e colheu as maiores, mais maduras e suculentas. Ele as juntou e cozinhou no caldeirão, então se fartou até o estômago estufar e ficar duro como um barril.

E, antes do amanhecer, retornou para baixo da terra e voltou a dormir. Ele ainda dormia quando a mulher e os filhos descobriram que as ervilhas desapareceram. Estava dormindo quando viram o caldeirão vazio e o encheram outra vez. Ele dormia durante seu pesar.

Toda noite Anansi saía do túmulo, dançando e se deliciando com sua esperteza, e toda noite enchia o caldeirão e a barriga de ervilhas, comendo até não poder mais.

Passaram-se os dias, e a família de Anansi ficou cada vez mais magra, pois tudo que amadurecia era colhido à noite por Anansi, e eles ficavam sem nada.

A mulher de Anansi olhava para os pratos vazios e dizia para os filhos:

— O que seu pai faria?

Os filhos pensaram e se lembraram de todas as histórias que Anansi contara. Então foram até os poços de piche e gastaram seis *pence*, o suficiente para encher quatro baldes grandes, e levaram o piche para a plantação de ervilhas. E, bem no meio dela, moldaram um homem de piche: rosto de piche, olhos de piche, braços de piche, dedos de piche e tronco de piche. Era um belo homem, tão negro e orgulhoso quanto o próprio Anansi.

Naquela noite, o velho Anansi, mais gordo do que nunca, saiu de debaixo da terra e, nutrido e feliz, com a barriga inchada como um barril, foi até a plantação de ervilhas.

— Quem é você? — perguntou ao homem de piche.

O homem de piche não disse uma palavra.

— Isto me pertence — disse Anansi, para o homem de piche. — Esta é minha plantação de ervilhas. É melhor ir embora, se sabe o que é melhor para você.

O homem de piche não disse uma palavra, não moveu um músculo.

— Eu sou o sujeito mais forte, o mais poderoso que já existiu ou que vai existir — anunciou Anansi. — Sou mais feroz que o Leão, mais rápido que o Guepardo, mais forte que o Elefante, mais terrível que o Tigre. — Ele

estufou o peito de orgulho com seu poder, sua força e sua ferocidade, e esqueceu que era apenas uma pequena aranha. — Trema. Trema e fuja.

O homem de piche não tremeu nem fugiu. Para falar a verdade, ele só ficou ali parado.

Então Anansi bateu nele.

O punho do deus o acertou e ficou grudado.

— Solte minha mão — mandou, para o homem de piche. — Solte minha mão ou vou bater na sua cara.

O homem de piche não disse uma palavra nem moveu um músculo, e Anansi lhe deu um soco bem dado no rosto.

— Está bem — disse Anansi. — Uma piada é uma piada. Pode prender minhas mãos se quiser, mas tenho outras quatro mãos, e duas pernas ótimas, e você não pode segurar todas, por isso me solte e prometo que vou pegar leve com você.

O homem de piche não soltou as mãos de Anansi, e não disse uma palavra, por isso o deus o golpeou com todas as mãos e o chutou com os pés, um de cada vez.

— Está bem — disse Anansi. — Me solte agora, ou vou *morder* você.

O piche encheu sua boca e cobriu seu nariz e rosto.

E foi assim que, na manhã seguinte, a mulher e os filhos encontraram Anansi quando chegaram à plantação de ervilhas perto da velha árvore de fruta-pão: todo preso ao homem de piche, e mortinho.

Eles não ficaram surpresos ao vê-lo assim.

Naqueles dias, era comum ver Anansi daquele jeito o tempo todo.

CAPÍTULO

SEIS

NO QUAL

FAT CHARLIE

NÃO CONSEGUE
CHEGAR EM CASA
NEM DE TÁXI

DAISY ACORDOU COM o despertador e espreguiçou-se na cama como um gatinho. Ouviu o chuveiro, o que significava que a colega de apartamento já estava acordada. Vestiu um roupão rosa felpudo e foi até o corredor.

— Quer mingau? — perguntou para a porta do banheiro.

— Não exatamente — respondeu a colega. — Mas, se você preparar, eu como.

— Você sabe mesmo como fazer uma garota se sentir desejada — retrucou Daisy, indo para a pequena cozinha e colocando a mistura para mingau no fogo.

Voltou para o quarto, vestiu o uniforme e se olhou no espelho. Fez uma careta. Prendeu o cabelo em um coque apertado.

Carol, a colega de apartamento — uma mulher branca e de rosto fino, nascida em Preston —, enfiou a cabeça no cômodo. Estava enxugando o cabelo vigorosamente com a toalha.

— O banheiro é todo seu. Como está o mingau?

— Deve estar precisando de uma mexida.

— E onde você foi na noite passada? Disse que ia sair para tomar uns drinques e comemorar o aniversário da Sybilla, mas sei que não voltou.

— Isso não é da sua conta, né?

Daisy foi até a cozinha e mexeu o mingau. Acrescentou uma pitada de sal e mexeu mais um pouco. Então derramou o mingau em duas tigelas e as colocou sobre a bancada.

— Carol? O mingau está esfriando.

A amiga chegou, sentou-se e olhou para o mingau. Ainda não tinha terminado de se vestir.

— Isso não é um café da manhã de verdade, né? Se quer saber minha opinião, um café da manhã de verdade tem ovos fritos, salsichas, morcela e tomates grelhados.

— É só preparar — retrucou Daisy —, que eu como.

Carol polvilhou uma colherada de açúcar sobre o mingau na tigela, olhou para o resultado e repetiu o processo.

— Não, você não come droga nenhuma. Só diz que come. Mas, se eu fizesse, você ia começar a falar de colesterol ou do que as frituras fazem com os rins. — Carol provou o mingau com tanto cuidado que mais parecia que ele ia atacá-la. Daisy lhe entregou uma xícara de chá. — Você e esses seus rins. Na verdade, acho até que seria uma boa. Já comeu rins, Daisy?

— Uma vez. Na minha opinião, dá para obter o mesmo resultado grelhando duzentos e cinquenta gramas de fígado e depois fazendo xixi em cima de tudo.

Carol fungou.

— Isso foi desnecessário — reclamou.

— Coma seu café da manhã.

Elas terminaram os mingaus e os chás. Puseram as tigelas na lavadora de pratos, que não foi ligada porque ainda não estava cheia. Então foram de carro para o trabalho. Carol, agora de uniforme, dirigiu.

Daisy andou até sua mesa, que ficava em uma sala cheia de mesas vazias.

O telefone tocou assim que ela se sentou.

— Daisy, você está atrasada.

Ela olhou para o relógio de pulso.

— Não, não estou. Senhor. Mais alguma coisa em que eu possa ajudá-lo esta manhã?

— Óbvio. Você pode ligar para um homem chamado Coats. Ele é amigo do superintendente. Também é torcedor do Crystal Palace. Só esta manhã já recebi duas mensagens de texto sobre isso. Eu quero saber quem foi que ensinou o superintendente a mandar mensagens de texto.

Daisy anotou os detalhes e ligou para o número. Ela usou seu tom de voz mais profissional e eficiente.

— Aqui é a detetive assistente Day. Como posso ajudá-lo?

— Ah — respondeu uma voz masculina. — Bem, é que conversei com o superintendente ontem à noite... Ele é um sujeito incrível, um velho amigo. Um bom homem. E sugeriu que eu conversasse com alguém do seu departamento. Eu gostaria de fazer uma denúncia. Bem, na verdade, não tenho muita certeza se algum crime foi cometido. Deve haver uma explicação bem razoável. Houve certas irregularidades e... Bem, para ser sincero, dei uma folga de duas semanas ao meu contador, enquanto tento aceitar a possibilidade de que ele possa estar envolvido em, hã... Certas irregularidades financeiras.

— Acho que vou precisar de mais detalhes. Qual é seu nome completo, senhor? E do contador?

— Meu nome é Grahame Coats — respondeu o homem do outro lado da linha. — Da Agência Grahame Coats. Meu contador é um homem chamado Nancy. Charles Nancy.

Ela anotou os dois nomes. Não pareceram muito familiares.

★ ★ ★

Fat Charlie planejava ter uma conversa com Spider assim que o irmão chegasse em casa. Tinha ensaiado a discussão na cabeça, várias vezes, e ganhara todas de um modo justo e decisivo.

Mas Spider não voltara para casa na noite anterior, e Fat Charlie acabou pegando no sono na frente da TV, prestando pouca atenção ao programa barulhento e colorido para um público de tarados insones que parecia se chamar *Que show de bunda!*.

Ele acordou no sofá, com Spider abrindo as cortinas.

— É um lindo dia — comentou Spider.

— Você! — exclamou Fat Charlie. — Você estava beijando a Rosie. Não tente negar.

— Eu tive que beijá-la — defendeu-se Spider.

— Como assim, teve que beijá-la? Você não precisava fazer nada.

— Ela achava que eu era você.

— Bem, mas você sabia que não era eu. Não devia ter correspondido.

— Mas se eu tivesse me recusado, ela teria pensado que era você que não queria um beijo.

— Mas não era eu.

— Ela não sabia disso. Eu só estava tentando ajudar.

— Ajudar — repetiu Fat Charlie, do sofá — é algo que, em termos gerais, *não* envolve beijar minha noiva. Você podia ter dito que estava com dor de dente.

— Isso — respondeu Spider, parecendo muito honrado — teria sido mentira.

— Mas você já estava mentindo! Estava fingindo que era eu!

— Bem, de qualquer modo, isso só teria aumentado a mentira. Que só começou porque você não estava em condições de ir para o trabalho. Não, eu não conseguiria contar *mais* uma mentira, teria me sentido péssimo.

— Bem, eu é que *me senti* péssimo. Tive que ficar assistindo enquanto você beijava a minha noiva.

— Ah, mas ela *achava* que estava beijando *você*.

— Pare de dizer isso.

— Você devia se sentir lisonjeado. Quer almoçar?

— Claro que não quero almoçar. Que horas são?
— Hora do almoço — respondeu Spider. — E você está atrasado para o trabalho outra vez. Ainda bem que não tentei ajudar de novo, já que é assim que você me agradece.

— Não tem problema — explicou Fat Charlie. — Ganhei duas semanas de folga. E um bônus.

Spider ergueu uma sobrancelha.

— Olha — começou Fat Charlie, sentindo que era hora de avançar para o segundo round da discussão. — Não é que eu queira me livrar de você, nem nada parecido, mas queria saber: quando você pretende ir embora?

— Bem, quando vim para cá, planejava ficar só um dia. Talvez dois. Tempo o bastante para conhecer meu irmãozinho e seguir com minha vida. Sou um homem ocupado.

— Então você vai embora hoje.

— Esse *era* o plano. Mas aí conheci você. Não consigo acreditar que ficamos quase uma vida inteira sem a companhia um do outro, mano.

— Eu consigo.

— Os laços de sangue são mais fortes que a água — retrucou Spider.

— Água não é forte — protestou Fat Charlie.

— Mais forte que vodca, então. Ou que vulcões. Ou... ou amônia. Veja só, a questão é que ficar aqui com você é... Bem, é um privilégio. Nunca fomos parte da vida um do outro, mas isso está no passado. Agora vamos virar a página. Vamos deixar o passado para trás e criar novos laços, laços de irmandade.

— Você está caidinho pela Rosie — resmungou Fat Charlie.

— Caidinho — concordou Spider. — O que você planeja fazer em relação a isso?

— Fazer, eu? Bem, ela é *minha* noiva.

— Não se preocupe. Ela acha que eu sou você.

— Quer parar de falar isso?

Spider olhou para o céu e fez cara de inocente, depois arruinou o efeito passando a língua nos lábios.

— Então, qual é o seu plano? Casar com ela fingindo ser eu?

— Casar? — Spider fez uma pausa e pensou por um instante. — Que. Ideia. Horrível.

— Bem, na verdade, eu estou doido para me casar.

— Spider não se casa. Não sou esse tipo de homem.

— Então minha Rosie não é boa o suficiente para você, é isso?

Ele não respondeu. Apenas saiu da sala.

Fat Charlie achou que conseguira ganhar um ponto na discussão. Ele se levantou, pegou as embalagens vazias, que na noite anterior continham *chow mein* de frango com almôndegas de porco crocantes, e as jogou na lata de lixo. Então foi para o quarto, onde tirou a roupa com a qual dormira para

pôr roupas limpas, mas descobriu que, como não passara na lavanderia, não tinha roupas limpas. Por isso, escovou bem as roupas da véspera — tirando vários fios de macarrão grudados nela — e as vestiu outra vez.

Então entrou na cozinha.

Spider estava sentado à mesa, comendo um bife grande o suficiente para duas pessoas.

— De onde você tirou isso? — inquiriu, apesar de ter certeza de que já sabia.

— Eu perguntei se você queria almoçar — respondeu Spider, gentil.

— Onde você arranjou esse bife?

— Estava na geladeira.

— Esse — declarou Fat Charlie, agitando o indicador como um promotor se preparando para o momento decisivo da acusação. — *Esse* é o bife que eu comprei para o jantar desta noite. Para mim e Rosie. Para a refeição que eu ia preparar para ela! E você fica aí, parado, como uma... como uma pessoa comendo um bife, e... e comendo, e...

— Isso não é problema — disse Spider.

— Como assim “não é problema”?

— Bem, eu liguei para a Rosie hoje de manhã, vou levá-la para jantar. Então você não ia mesmo precisar do bife.

Fat Charlie abriu a boca. E tornou a fechá-la.

— Quero que você vá embora — anunciou.

— É bom para a ambição dos homens que os desejos sejam maiores do que eles podem... alcançar ou obter, sabe? Do contrário, para que serve o paraíso? — retrucou Spider, animado, entre garfadas do bife de Fat Charlie.

— Que diabos quer dizer isso?

— Quer dizer que não vou a lugar algum. Gosto daqui.

Ele cortou outro pedaço de bife e o enfiou na boca.

— Fora — disse Fat Charlie, então o telefone no corredor tocou. Fat Charlie deu um suspiro, foi até lá e atendeu.

— *Que é?*

— Ah, Charles. Que bom ouvir sua voz. Sei que você está aproveitando um merecido descanso, mas acha que estaria dentro de suas possibilidades dar uma passada aqui, coisa de meia hora, mais ou menos? Pode ser amanhã de manhã, por volta das dez?

— Sim. Claro. Sem problema.

— Ah, que maravilha. Preciso da sua assinatura em alguns documentos. Bem, até lá.

— Quem era? — perguntou Spider. Ele já tinha raspado o prato e estava limpando a boca com um guardanapo.

— Grahame Coats. Quer que eu passe no trabalho amanhã.

— Ele é um filho da mãe.

— E daí? Você também é.

— Sou um tipo diferente de filho da mãe. Ele não tem um bom coração. Você deveria procurar outro emprego.

— Eu adoro meu emprego!

Fat Charlie estava falando sério. Tinha conseguido se esquecer do quanto detestava o emprego, a Agência Grahame Coats e a presença assustadora do próprio Grahame Coats, que parecia espreitar por trás de cada porta.

Spider se levantou.

— O bife estava ótimo. Coloquei minhas coisas no quarto extra.

— Quê!?

Fat Charlie atravessou o corredor depressa, indo até o aposento que fazia sua residência ser qualificada, tecnicamente, como um apartamento de dois quartos. O aposento continha várias caixas de livros, um velho autorama, uma lata cheia de carrinhos Hot Wheels (a maioria com menos de quatro rodas), e vários outros resquícios da infância de Fat Charlie. Seria um quarto de bom tamanho para um gnomo de jardim de estatura normal ou, quem sabe, um anão pequeno, mas, para qualquer outra pessoa, era um armário com janela.

Ou melhor, tinha sido, não era mais.

Fat Charlie abriu a porta e ficou parado no corredor, piscando.

Havia um quarto, sim. Isso ainda era verdade. Mas era um quarto enorme. Um quarto magnífico. Com grandes janelas panorâmicas que davam para o que parecia ser uma cachoeira. Atrás da cachoeira, o sol tropical estava baixo no horizonte, banhando a tudo com sua luz dourada. Havia uma lareira grande o suficiente para assar dois bois, com três toras de lenha em brasa crepitando e soltando fagulhas. Em um dos cantos, uma rede estava pendurada ao lado de um sofá muito branco e de uma cama com dossel. Perto da lareira, ficava o que talvez fosse uma espécie de banheira de hidromassagem. Fat Charlie ficou na dúvida, pois só as havia visto em revistas de decoração. Havia um tapete de couro de zebra no chão, uma pele de urso pendurada na parede e o tipo de equipamento de som moderno que consiste basicamente de uma peça de plástico preto e brilhante para a qual o usuário apenas acena. Em uma das paredes estava pendurada uma TV de tela plana da largura do quarto que deveria estar ali. E tinha mais...

— O que você fez? — perguntou Fat Charlie.

Ele não entrou. Spider respondeu, atrás dele:

— Bem, como vou passar alguns dias aqui, achei melhor trazer minhas coisas.

— Trazer suas coisas? *Trazer suas coisas* é carregar umas sacolas de roupa suja, alguns jogos de PlayStation e um vaso de planta. Isso é... Isso é... — Ele estava sem palavras.

Spider deu tapinhas no ombro do irmão enquanto o empurrava para passar.

— Se precisar de mim, estarei no meu quarto.
E fechou a porta.
Fat Charlie sacudiu a maçaneta. A porta estava trancada.
Ele foi para a sala de TV, pegou o telefone do corredor e ligou para a sra. Higgler.
— Quem é que está ligando a essa hora da manhã? — inquiriu a velha senhora.
— Sou eu, Fat Charlie. Desculpe.
— E? Por que você está ligando?
— Bem, eu liguei para pedir um conselho. Sabe, meu irmão apareceu por aqui.
— Seu irmão?
— Spider. A senhora que me contou sobre ele. Você disse para eu pedir a uma aranha se quisesse vê-lo. Então eu fiz isso, e ele está aqui.
A sra. Higgler respondeu em um tom despreocupado:
— Ora, que bom.
— Não é nada bom.
— Por que não? Ele é da família, não é?
— Olhe, não posso entrar em detalhes agora. Só preciso que ele vá embora.
— Já tentou pedir com educação?
— Acabamos de conversar sobre isso. Ele disse que não vai. Montou o que parece ser o palácio dos prazeres de Kublai Khan no quartinho de tralhas aqui de casa, e... Sabe, preciso de permissão só para botar vidro duplo. Quer dizer, ele enfiou uma espécie de cachoeira no quarto. Não aqui dentro, mas dá para ver da janela. E ele está dando em cima da minha noiva.
— Como você sabe?
— Ele me contou.
A sra. Higgler explicou:
— Olhe, eu não consigo pensar direito antes de tomar o café da manhã.
— Eu só preciso saber como faço para mandá-lo embora.
— Eu não sei. Vou perguntar para a sra. Dunwiddy.
E a sra. Higgler desligou o telefone.
Fat Charlie andou até o fim do corredor e bateu à porta.
— O que foi?
— Quero conversar.
A porta fez um *clique* e se abriu sozinha. Fat Charlie entrou. Spider estava recostado, nu, na banheira. Estava bebendo algo com uma cor que parecia um pouco com eletricidade em um copo comprido e coberto de gelo. As grandes janelas panorâmicas estavam bem abertas, e o barulho da cachoeira contrastava com o jazz suave e fluido vindo de caixas acústicas escondidas em algum lugar no quarto.

— Veja bem — começou Fat Charlie —, você precisa entender que esta é a minha casa.

Spider piscou.

— *Isto? Isto* aqui é a sua casa?

— Bem, não exatamente. Mas é o mesmo princípio. Quer dizer, você está no meu quarto extra e é um hóspede. Hum.

Spider deu um gole no drinque e se afundou ainda mais na água quente, muito satisfeito.

— Dizem que hóspedes são como peixes. Começam a feder depois de uns três dias — comentou.

— Faz sentido — retrucou Fat Charlie.

— Mas é difícil. É difícil passar a vida inteira sem ver o irmão. É difícil ele ter passado tanto tempo sem nem saber que você existia. E é mais difícil ainda quando você finalmente o encontra e descobre que, na opinião dele, você não é melhor que um peixe morto.

— Mas... — começou Fat Charlie.

Spider se espreguiçou na banheira.

— Olha só. Não posso ficar aqui para sempre. Relaxe. Vou embora antes de você se dar conta. E nunca vou pensar em você como um peixe morto. Sei que nós dois estamos muito estressados. Então, não vamos mais falar sobre esse assunto. Por que você não sai para almoçar? Não se esqueça de deixar a chave de casa. Aproveite e vá ao cinema!

Charlie vestiu o paletó e saiu. Deixou a chave da porta ao lado da pia. O ar fresco estava maravilhoso, apesar do céu nublado e da garoa fina. Ele comprou um jornal para ler. Parou em uma barraquinha e comprou um saco grande de batatas fritas e uma linguiça *saveloy* empanada. A garoa parou, por isso Fat Charlie se sentou em um banco no pátio de uma igreja, onde leu o jornal e comeu a linguiça *saveloy* com fritas.

Ele queria muito ir ao cinema.

Andou até o Odeon e comprou uma entrada para a próxima sessão. Era um filme de ação e aventura, que já tinha começado quando ele entrou. Coisas explodiam. Foi ótimo.

Lá pela metade do filme, ocorreu a Fat Charlie que havia algo que ele não conseguia lembrar. A lembrança estava perdida em algum lugar da cabeça, como uma coceira um centímetro atrás dos olhos, e não parava de distraí-lo.

O filme acabou.

Fat Charlie percebeu que, apesar de ter gostado, na verdade não conseguia se lembrar muito bem do filme que acabara de ver. Então comprou um saco grande de pipoca e o assistiu de novo. Foi ainda melhor na segunda vez.

E na terceira.

Depois disso, achou que era melhor se preparar para voltar para casa, mas havia um programa duplo de fim de noite com *Eraserhead* e *Histórias Reais*, e Fat Charlie não tinha visto os dois, por isso assistiu aos filmes, apesar de, àquela altura, estar com muita fome. Foi por isso que, no fim, não sabia dizer com certeza sobre do que se tratava *Eraserhead*, nem o que a mulher estava fazendo no aquecedor, e ficou se perguntando se o deixariam ficar para ver de novo. Mas o pessoal do cinema explicou, várias vezes e com muita paciência, que estava na hora de fechar. Então perguntaram se ele não tinha uma casa para onde ir e se não era hora de ele estar dormindo.

E, é claro que ele tinha casa, e era mesmo hora de dormir, apesar de ter se esquecido disso por um tempo. Então voltou a pé até a Maxwell Gardens e ficou um pouquinho surpreso ao ver que a luz de seu quarto estava acesa.

Quando chegou mais perto da casa, viu que as cortinas estavam fechadas. Mesmo assim, havia duas silhuetas se movendo na janela. Ele achou que reconhecia as duas.

Elas se aproximaram. Uniram-se em uma só sombra.

Fat Charlie emitia um uivo profundo e terrível.

★ ★ ★

Na casa da sra. Dunwiddy havia um monte de animais de plástico. Lá, a poeira se movia pelo ar bem lentamente, como se estivesse mais acostumada aos raios de sol de uma era mais tranquila e não conseguisse lidar com toda aquela luz moderna e rápida. As poltronas e o sofá eram protegidos por uma cobertura de plástico transparente que estalava sempre que alguém se sentava.

Na casa da sra. Dunwiddy, o papel higiênico era duro e com aroma de pinho — rolos de papel reluzente, desconfortável e não absorvente. A sra. Dunwiddy adorava economizar, e o papel higiênico duro com aroma de pinho estava no âmago daquele impulso econômico. Ainda dava para comprar papel higiênico ruim daquele tipo, bastava procurar por tempo suficiente e estar disposto a pagar mais caro.

A casa da sra. Dunwiddy cheirava a água de violetas. Era uma casa velha. As pessoas esquecem que os filhos dos pioneiros da Flórida já eram homens e mulheres feitos quando os puritanos rígidos desembarcaram em Plymouth Rock. A casa não era tão antiga. Fora construída nos anos 1920, durante o esquema da expansão imobiliária do estado. Era para ser uma casa modelo, para representar as casas hipotéticas que todos os outros compradores acabariam impossibilitados de construir nos lotes de pântanos cheios de jacarés que estavam sendo vendidos. A casa da sra. Dunwiddy sobrevivera a furacões sem perder sequer uma telha.

Quando a campainha tocou, a sra. Dunwiddy estava recheando um pequeno peru. Ela fez um muxoxo, lavou as mãos e atravessou o corredor, olhando para o mundo através dos óculos de armação muito grossa, a mão esquerda se arrastando pelo papel de parede.

Ela entreabriu a porta e olhou quem era.

— Louella? Sou eu.

Era Callyanne Higgler.

— Entre.

A sra. Higgler seguiu a sra. Dunwiddy até a cozinha. A sra. Dunwiddy lavou as mãos depressa e retomou a tarefa, pegando punhados de recheio de pão de milho úmido e enfiando dentro do peru.

— Vai receber visita?

A sra. Dunwiddy respondeu com um ruído evasivo.

— É sempre bom estar preparada. Pode me dizer o que está acontecendo?

— O filho do Nancy. Fat Charlie.

— O que tem ele?

— Bem, contei para ele sobre o irmão, quando ele veio aqui, semana passada.

A sra. Dunwiddy tirou a mão de dentro do peru.

— Isso não é o fim do mundo — comentou.

— Expliquei como entrar em contato com o irmão.

— Ahhh — resmungou a sra. Dunwiddy. Era capaz de mostrar desaprovação com apenas uma sílaba. — E?

— Ele apareceu lá na Inglaterra. O garoto já está desesperado.

A sra. Dunwiddy pegou um punhado grande de pão de milho úmido e o enfiou dentro do peru com uma força que teria feito os olhos da ave lacrimejarem, se ela ainda os tivesse.

— Não consegue expulsá-lo?

— Não.

Olhos argutos espiaram através das lentes grossas. A sra. Dunwiddy falou:

— Fiz isso uma vez. Não posso fazer de novo. Não daquele jeito.

— Eu sei. Mas precisamos fazer alguma coisa.

A sra. Dunwiddy soltou um suspiro.

— O que dizem é verdade. Se você viver o bastante, terá que enfrentar as consequências dos seus atos.

— Não tem outro jeito?

A sra. Dunwiddy terminou de rechear o peru. Ela pegou um palito, puxou a pele e fechou a abertura. Depois cobriu a ave com papel-alumínio.

— Acho que vou botar isso aqui para assar amanhã de manhã. Vai ficar pronto depois do almoço. Aí boto de volta no forno quente no início da noite, para deixar pronto para o jantar.

— Quem você vai receber para jantar? — perguntou sra. Higgler.

— Você, Zorah Bustamonte, Bela Noles. E Fat Charlie Nancy. Quando o garoto chegar aqui, vai estar com muita fome.

A sra. Higgler continuou com as perguntas:

— Ele vem aqui?

— Você não está prestando atenção, menina? — retrucou a sra. Dunwiddy. Ela era a única que podia chamar a sra. Higgler de “menina” sem parecer boba. — Agora me ajude a levar este peru para a geladeira.

★ ★ ★

Podemos dizer que aquela foi a noite mais maravilhosa da vida de Rosie: mágica, perfeita, absolutamente incrível. Ela não conseguiria parar de sorrir nem se quisesse. A comida estava fabulosa, e, depois do jantar, Fat Charlie a levava para dançar. Era um salão de baile de verdade, com uma pequena orquestra e pessoas com roupas em tons pastel deslizando pela pista. Era como se tivessem viajado no tempo e decidido visitar uma época mais nobre. Rosie fazia aulas de dança desde os cinco anos, mas nunca tivera com quem dançar.

— Não sabia que você dançava — comentou.

— Há muitas coisas sobre mim que você não sabe — respondeu o noivo.

E aquilo a deixou feliz. Em pouco tempo, ela e aquele homem estariam casados. Havia coisas sobre ele que ela não sabia? Excelente. Teria a vida inteira para descobri-las. Todo tipo de coisas.

Enquanto caminhava ao lado dele, Rosie percebeu como as outras mulheres — e até os outros homens — olhavam para Fat Charlie. Estava feliz por ser a mulher em seus braços.

Eles caminharam pela Leicester Square, e Rosie pôde ver as estrelas cintilando no céu. A luz delas era bem forte, apesar da iluminação dos postes de rua.

Por um breve instante, ela se perguntou por que nunca se sentira daquele jeito com Fat Charlie. Às vezes, em algum lugar bem lá no fundo, Rosie desconfiava que talvez só estivesse com Fat Charlie porque a mãe não gostava muito dele, que só tivesse dito *sim* quando ele lhe pediu em casamento porque a mãe teria preferido que ela dissesse *não*...

Certa vez, Fat Charlie a levava ao West End. Eles foram ao teatro. Era uma surpresa de aniversário para ela, mas houvera um problema com os ingressos, que, na verdade, tinham sido emitidos para a véspera. A gerência foi muito compreensiva e prestativa, e Fat Charlie foi alocado em um assento atrás da coluna ao lado do palco, enquanto Rosie ficou no balcão superior, atrás de um grupo muito barulhento de Norwich. A noite não fora um sucesso, levando em conta esses detalhes.

Mas essa noite... Essa noite tinha sido mágica. Rosie não tivera muitos momentos perfeitos na vida, mas, independente de qual fosse o total, tinha sido aumentado em um.

Ela amava o modo como se sentia quando estava com ele.

Depois que terminaram de dançar, depois que cambalearam pela noite, inebriados pelo movimento e pelo champanhe, Fat Charlie — *Por que penso nele como Fat Charlie?*, pensou. *Ele não é nem um pouco gordo* — passou o braço ao redor dela e anunciou:

— Agora você vai para a minha casa. — Aquilo foi dito com uma voz tão profunda e real que fez seu abdome vibrar.

Ela não retrucou falando que teria que trabalhar no dia seguinte, explicando que haveria tempo suficiente para esse tipo de coisa quando estivessem casados. Na verdade, não falou coisa alguma, pois todo o tempo pensava em quanto não queria que aquela noite terminasse, em quanto desejava, ou melhor, *precisava* beijar e abraçar aquele homem.

E então, lembrando-se de que tinha que responder alguma coisa, respondeu que *sim*.

No táxi para a casa dele, com as mãos dadas a seu homem, ela se inclinou para perto e olhou para ele, os faróis dos carros e as luzes dos postes que passavam iluminando seu rosto.

— Você tem a orelha furada. Como foi que eu nunca percebi isso antes?

Ele respondeu sorrindo, a voz parecida com a vibração profunda de um baixo.

— Ei, como acha que eu me sinto quando você diz que nunca sequer percebeu uma coisa dessas? Nós estamos juntos há... Quanto tempo, mesmo?

— Um ano e meio — respondeu Rosie.

— Um ano e meio — repetiu o noivo.

Ela se encostou nele e inspirou seu perfume.

— Amo seu cheiro. Você está usando algum perfume?

— É meu cheiro mesmo — retrucou ele.

— Bem, você devia engarrafá-lo.

Ela pagou o táxi enquanto ele abria a porta da casa. Subiram a escada juntos. Quando chegaram à sala, ele pareceu seguir pelo corredor na direção do quarto extra nos fundos.

Ela interveio:

— Você sabe que o quarto é por aqui, seu bobo. Aonde vai?

— A lugar nenhum. Eu sei disso — retrucou ele.

Os dois entraram no quarto de Fat Charlie. Ela fechou as cortinas. Depois apenas o encarou. Estava feliz. Após algum tempo, perguntou:

— Bem, você não vai tentar me beijar?

— Acho que vou — respondeu o noivo.

E beijou. O tempo derreteu, se estendeu e se curvou. Podia ter durado um momento, uma hora ou uma vida. E então...

— O que foi isso?
— Não ouvi nada — respondeu ele.
— Parecia um grito de dor.
— Uma briga de gatos, talvez?
— Parecia uma pessoa.
— Deve ter sido uma dessas raposas que ficam na cidade. Elas fazem um barulho muito parecido com o dos seres humanos.
Ela ficou parada, a cabeça inclinada para o lado, ouvindo com muita atenção.
— Agora parou. Hum. Quer saber o que é ainda mais estranho?
— Aham — respondeu ele, os lábios agora acariciando seu pescoço. — Claro, pode contar o que é ainda mais estranho. Mas eu fiz o barulho parar. Não vai mais incomodá-la.
— O mais estranho — explicou Rosie — é que parecia a sua voz.

★ ★ ★

Fat Charlie caminhou pelas ruas tentando clarear as ideias. A atitude óbvia a tomar era bater à porta de sua própria casa até que o irmão descesse e o deixasse entrar, para então dizer umas verdades a Spider e Rosie. Isso era óbvio. Perfeita e absolutamente óbvio.

Ele só precisava voltar ao apartamento, explicar tudo para Rosie e deixar Spider constrangido o bastante para deixá-lo em paz. Era tudo o que precisava fazer. Quão difícil poderia ser?

Com certeza mais difícil do que deveria. Ele não sabia ao certo por que tinha saído andando para longe de casa. Sabia menos ainda como voltar para lá. As ruas que conhecia — ou achava que conhecia — pareciam ter se reconfigurado. Deu de cara com ruas sem saída e explorou infinitos becos, caminhando sem rumo pelo emaranhado de vias residenciais londrinas, tarde da noite.

Às vezes via a rua principal, com sinais de trânsito e luzes de lanchonetes. Sabia que, quando chegasse lá, conseguiria encontrar o caminho de volta para casa, mas sempre que ia em direção à rua principal, acabava chegando em outro lugar.

Os pés estavam começando a doer. O estômago roncava bem alto. Fat Charlie estava com raiva, e ela aumentava à medida que caminhava.

A raiva o deixou lúcido. As teias de aranha penduradas em sua mente começaram a sumir. O emaranhado de ruas onde passava começou a parecer mais simples. Ele virou uma esquina e chegou à rua principal, perto do restaurante 24 horas *Frango Frito de Nova Jersey*. Ele pediu uma porção tamanho família, sentou-se e comeu tudo sem a ajuda de ninguém da família. Quando terminou, ficou parado na calçada até surgir uma luz laranja

amistosa de “livre” grudada a um táxi preto e grande. Fez sinal para ele. O carro parou perto dele, e o motorista baixou a janela.

— Para onde?

— Maxwell Gardens — respondeu Fat Charlie.

— Isso é brincadeira, não é? — perguntou o motorista. — É logo ali na esquina.

— Você pode me levar lá? Eu dou mais cinco libras de gorjeta. Sêrio.

O taxista suspirou alto, os dentes cerrados. O resultado foi o ruído que um mecânico de carros faz antes de perguntar se você ainda usa o mesmo carro por razões sentimentais.

— O problema é seu. Entre.

Fat Charlie entrou. O taxista saiu com o carro, esperou que o sinal de trânsito abrisse e virou a esquina.

— Aonde o senhor disse que queria ir? — perguntou.

— Maxwell Gardens. Número 34. É logo depois da loja de bebidas.

Ele estava usando as mesmas roupas do dia anterior, e preferia que não fosse o caso. A mãe sempre dissera para usar uma roupa de baixo limpa, para o caso de ser atropelado, e para sempre escovar os dentes, para o caso de precisarem identificá-lo pela arcada dentária.

— Sei onde é. É logo antes de chegar à Park Crescent.

— Isso mesmo — confirmou Fat Charlie.

Estava quase dormindo no banco de trás.

— Devo ter pegado uma entrada errada — comentou o taxista. Ele pareceu irritado. — Vou desligar o taxímetro, está bem? Fica por cinco libras.

— Beleza — respondeu Fat Charlie, então se aconchegou no banco de trás e dormiu.

O táxi dirigia na noite escura, tentando simplesmente virar a esquina.

★ ★ ★

A detetive assistente Day, ainda no período de doze meses de experiência alocada na Divisão de Fraudes, chegou aos escritórios da Agência Grahame Coats às nove e meia da manhã. Grahame Coats estava à sua espera na recepção e a acompanhou até o escritório.

— Gostaria de um café ou chá?

— Não, obrigada, estou bem.

Ela pegou um caderno e se sentou, olhando para o homem, aguardando com expectativa.

— Bem, não sei como deixar mais claro que a discrição deve ser parte integrante de suas investigações. A Agência Grahame Coats tem uma reputação de honestidade e retidão. Aqui, o dinheiro dos clientes é

sacrossanto. É preciso dizer que, quando comecei a desconfiar de Charles Nancy, deixei as suspeitas de lado, por não serem compatíveis com o perfil de um homem decente e trabalhador. Se, há uma semana, alguém me perguntasse o que eu achava dele, minha resposta seria que o considerava uma pessoa extremamente íntegra.

— Tenho certeza que sim. Então, quando foi que o senhor descobriu que alguém pode ter desviado dinheiro das contas dos clientes?

— Bem, ainda não sei ao certo. Não me apresso em levantar suspeitas. Ou em atirar pedras. Não julgues, para que não sejas julgado.

Na televisão dizem coisas como “atenha-se aos fatos”, pensou Daisy. E desejou poder dizer aquilo, mas não disse.

Ela não gostou daquele homem.

— Imprimi todas as transações anômalas — continuou ele. — Como você pode ver, todas se originaram no computador de Nancy. Mais uma vez, preciso ressaltar que é essencial que essa operação seja o mais secreta possível: entre os clientes da Agência Grahame Coats há várias figuras públicas proeminentes, e, como eu disse ao seu superior, considero um favor pessoal a questão ser resolvida do modo mais discreto possível. Discrição deve ser seu lema. Acho que uma solução perfeitamente satisfatória para a situação seria, por acaso, conseguirmos convencer o sr. Nancy a simplesmente devolver os ganhos escusos. Não tenho intenção de prestar queixas.

— Vou fazer o possível, mas, no fim das contas, apenas reunimos a informação e a entregamos ao Serviço de Procuradoria da Coroa. — Ela se perguntou quanta influência aquele homem devia ter com o superintendente. — Então, o que o fez começar a suspeitar?

— Ah, sim. Bom, para ser bem honesto, foram certas peculiaridades de comportamento. O cachorro que não latiu durante a noite. O tanto que a salsa se misturou à manteiga. Nós, detetives, encontramos sentido mesmo nas menores coisas, não é mesmo, detetive Day?

— Hã, na verdade é detetive assistente. Bem, o senhor se importa de me entregar as páginas que imprimiu e mais qualquer outro documento, registro bancário e coisas do tipo? Seria um problema se a gente precisasse pegar o computador dele para dar uma olhada no disco rígido?

— Mas é claro que de jeito nenhum. — O telefone em sua mesa tocou. — Com licença, só um segundo. — O sr. Graham Coats atendeu. — Ele chegou? Meu bom Deus. Bem, peça a ele para me esperar na recepção. Já, já saio para recebê-lo. — Grahame Coats desligou o telefone. — Acredito que isso seja o que vocês policiais chamariam de “entregar de bandeja”.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— É o tal Charles Nancy de que falávamos, ele veio me ver. Vamos chamá-lo? Se precisar, pode usar um escritório como sala de entrevista. Com certeza tenho um gravador que você pode usar.

Daisy respondeu:

— Isso não será necessário. A primeira coisa que preciso fazer é analisar a papelada.

— Claro, mas que ideia a minha. Hã, a senhora... quer dar uma olhada nele?

— Não vejo como isso ajudaria em alguma coisa — retrucou Daisy.

— Ah, eu não pretendia dizer que ele é objeto de investigação — assegurou Grahame Coats. — Acho que assim ele fugiria para *costa-del-crime* antes que pudéssemos dizer *provas concretas*. Para ser sincero, gosto de pensar em mim como uma pessoa extremamente simpática aos problemas da polícia contemporânea.

Daisy percebeu que achava que qualquer um que roubasse dinheiro daquele sujeito não devia ser tão mau assim, o que sabia que não era jeito de um policial pensar.

— Vou acompanhá-la até a saída — anunciou Grahame Coats.

Havia um homem sentado na sala de espera. Ele parecia ter acordado com aquelas roupas. Estava com a barba por fazer e parecia um pouco confuso. Grahame Coats cutucou Daisy e inclinou a cabeça na direção do homem. Então falou, em voz alta:

— Meu Deus, Charles, olhe só o seu estado. Você está horrível.

Fat Charlie o encarou com olhos exaustos.

— Não consegui chegar em casa na noite passada. O táxi teve um contratempo.

— Charles, esta é a detetive assistente Day, da Polícia Metropolitana. Ela está aqui para resolver pendências rotineiras.

Fat Charlie percebeu que havia mais alguém na sala. Ele se concentrou e viu roupas sérias que podiam muito bem ser um uniforme. Depois olhou para o rosto.

— Hã...

— Bom dia — cumprimentou Daisy.

Mas isso foi o que a boca dela falou. Em sua cabeça, não parava de repetir: *drogadrogadropa*.

— É um prazer — respondeu Fat Charlie.

Intrigado, acabou fazendo uma coisa que nunca tinha feito: imaginou uma policial sem roupa. Então percebeu que a imaginação lhe fornecia uma representação bastante precisa da moça ao lado de quem acordara na manhã seguinte à bebedeira em homenagem ao pai. As roupas sérias a faziam parecer um pouco mais velha, mais austera e mais assustadora. Porém, sem dúvidas, era ela.

Como todos os seres conscientes, Fat Charlie tinha um limite para o tanto de esquisitice que podia suportar. O ponteiro estava no vermelho havia alguns dias, e às vezes dava saltos que o faziam chegar ao ponto máximo. Naquele momento, o medidor quebrou. Ele desconfiou que, a

partir de então, nada mais o surpreenderia. Ele não podia vivenciar uma situação mais esquisita. Chegara ao limite.

Mas estava enganado, é claro.

Fat Charlie observou Daisy ir embora e seguiu o chefe até o escritório.

Grahame Coats fechou a porta com firmeza. Então empoleirou o traseiro na mesa e sorriu como uma fuinha que tinha acabado de perceber que por acaso fora trancada em um galinheiro durante a noite.

— Sejam os diretos. Vou colocar as cartas na mesa. Nada de rodeios. Vamos... Vamos abrir o jogo.

— Está bem — concordou Fat Charlie. — Vamos. O senhor disse que precisava que eu assinasse uma coisa?

— Não é mais o caso. Pode esquecer. Vamos discutir sobre o que você comentou comigo, alguns dias atrás. Você me alertou que algumas transações não ortodoxas estavam ocorrendo aqui na agência.

— Eu fiz isso?

— É como dizem, Charles, tudo que vai, volta. É claro que meu primeiro impulso foi investigar. Por isso que a detetive assistente Day veio nos fazer uma visita, hoje. E desconfio que o que descobri não será nenhuma surpresa para você.

— Não?

— Na verdade, não. Como você observou, Charles, há indícios claros de irregularidades financeiras. Mas, infelizmente, os dedos inequívocos da suspeita apontam para apenas um lugar.

— É?

— É.

Fat Charlie se sentia muito perdido.

— Que lugar?

Grahame Coats tentou parecer preocupado, ou pelo menos pareceu tentar parecer preocupado, o que resultou em uma expressão que, em bebês, sempre indica que precisam dar um bom arroteio.

— Você, Charles. A polícia desconfia de você.

— É. Claro que desconfiam. Hoje foi um dia daqueles — concordou Fat Charlie.

E foi para casa.

★ ★ ★

Spider abriu a porta da frente. Tinha começado a chover, e Fat Charlie estava parado ali na frente, todo molhado, as roupas amassadas.

— E aí, quer dizer que já posso entrar na minha casa?

— Eu não faria nada para impedi-lo — retrucou Spider. — Afinal de contas, a casa é sua. Onde você passou a noite?

— Você sabe muito bem onde eu estava. Eu não conseguia chegar em casa. Não sei que tipo de feitiço você jogou em mim.

— Não foi feitiço — respondeu Spider, ofendido. — Foi um milagre.

Fat Charlie o empurrou para o lado e subiu a escada pisando firme. Entrou no banheiro, tampou o ralo da banheira e abriu as torneiras. Então se encostou na parede.

— Não me importa o nome. Você está fazendo isso na minha casa e me impediu de voltar para cá ontem à noite.

Ele despiu as roupas da antevéspera. Depois botou a cabeça para fora do banheiro.

— E a polícia está me investigando no trabalho. Você falou para Grahame Coats que encontrou irregularidades nas finanças?

— Claro que falei — respondeu Spider.

— Há! Bem, agora ele desconfia de mim.

— Ah, acho que não é o caso — retrucou Spider.

— Isso só mostra o quanto você sabe — argumentou Fat Charlie. — Falei com ele hoje. A polícia está envolvida. E também tem a Rosie. E você e eu teremos uma conversa muito longa sobre a minha noiva, quando eu sair do banho. Mas, antes de qualquer coisa, vou tomar banho. Passei a noite andando por aí. Só consegui dormir no banco de trás de um táxi. Quando acordei, eram cinco da manhã e o motorista estava quase se transformando em Travis Bickle. Ele estava declamando um monólogo. Eu disse a ele que podia desistir de procurar a Maxwell Gardens, já que aquela obviamente não era uma boa noite para ir à Maxwell Gardens. Ele acabou concordando, então fomos tomar café da manhã em um desses lugares que os taxistas frequentam. Ovos, feijão, salsichas, torradas e chá bem forte. Quando ele contou para os colegas que tinha passado a noite inteira procurando Maxwell Gardens... Bem, achei que fosse rolar sangue. Não rolou. Mas teve uma hora que acho que foi por pouco.

Fat Charlie parou para tomar fôlego. Spider parecia culpado.

— *Depois. Depois* de eu tomar banho.

Ele fechou a porta do banheiro.

Ele entrou na banheira.

Ele soltou um gemido.

Ele saiu da banheira.

Ele desligou as torneiras.

Ele enrolou uma toalha na cintura e abriu a porta do banheiro.

— Não tem água quente — explicou, com muita, muita calma. — Por acaso você sabe por que não tem água quente?

Spider ainda estava parado no corredor. Ele não tinha se mexido.

— Minha hidromassagem — explicou. — Desculpe.

— Bem, pelo menos Rosie não... Quer dizer, ela não teria...

Então viu a expressão no rosto de Spider.

— Quero que você vá embora daqui. Da minha vida. Da vida de Rosie. Desapareça — disse Fat Charlie.

— Eu gosto daqui — retrucou Spider.

— Você está destruindo a minha vida, porra.

— Que pena.

Spider atravessou o corredor e abriu a porta do quarto extra. A luz dourada de um sol tropical encheu o corredor por um momento. Então, ele fechou a porta.

Fat Charlie lavou o cabelo com água fria. Escovou os dentes. Revirou o cesto de roupa suja até encontrar uma calça jeans e uma camiseta que, por estarem no fundo, já pareciam praticamente limpas. Então as vestiu, junto com um suéter roxo com bordado de ursinho que ganhara da mãe e nunca usara, mas do qual nunca conseguira se livrar.

Ele foi até o fim do corredor.

O ritmo envolvente de um baixo e uma bateria atravessavam a porta.

Fat Charlie tentou a maçaneta, impaciente. Ela nem se mexeu.

— Se você não abrir esta porta, vou arrombá-la.

A porta se abriu sem aviso, e Fat Charlie entrou aos trancos no quartinho vazio do fim do corredor. A vista da janela dava para os fundos da casa vizinha, ou, pelo menos, o pouco que dava para ver com a chuva que açoitava o vidro.

Ainda assim, dava para ouvir um aparelho de som alto demais em algum lugar a apenas uma fina parede de distância, e tudo no quartinho vibrava ao ritmo da música.

— Tudo bem — anunciou Fat Charlie, em tom de conversa. — Mas você sabe que isso quer dizer que é guerra.

Aquele era o grito de guerra tradicional do macaco, quando provocado demais. Há lugares em que as pessoas acreditam que Anansi era um macaco malandro. Estão erradas, é claro: ele era uma aranha. Você pode até pensar que é fácil diferenciar as duas criaturas, mas as pessoas ainda se confundem com mais frequência do que se pode imaginar.

Fat Charlie foi para o quarto. Tirou o passaporte da gaveta ao lado da cama. Pegou a carteira onde a deixara, no banheiro.

Sob a chuva, caminhou até a rua principal e chamou um táxi.

— Para onde?

— Aeroporto de Heathrow.

— Beleza. Que terminal?

— Não faço ideia — respondeu Fat Charlie. Mas estava ciente de que deveria saber. Apenas alguns dias tinham se passado. — De onde saem os voos para a Flórida?

Grahame Coats tinha começado a planejar sua saída da Agência Grahame Coats na época em que John Major era primeiro-ministro. Nada que é bom dura para sempre, afinal de contas. Cedo ou tarde, como o próprio Grahame Coats adorava explicar aos outros, até mesmo a galinha dos ovos de ouro acabaria na panela. Apesar de ter tudo muito bem planejado, nunca dava para saber quando seria necessário sumir do mapa de uma hora para outra, e ele sabia que os acontecimentos haviam começado a se acumular, como nuvens cinzentas no horizonte. Desejava adiar a fuga até o último momento possível.

Muito tempo antes, chegara à conclusão de que o importante não era fugir, e sim sumir, evaporar, desaparecer sem deixar pistas.

Dentro de um cofre escondido em seu escritório — uma saleta anexa da qual tinha um orgulho especial, atrás de uma estante que ele mesmo montara e tivera que remontar havia pouco tempo, depois de ela despencar —, havia uma bolsinha de couro com dois passaportes, um em nome de Basil Finnegan, outro em nome de Roger Bronstein. Os dois homens tinham nascido cerca de cinquenta anos antes, assim como Grahame Coats, mas morreram com um ano de idade. As duas fotos nos passaportes eram de Grahame Coats. A bolsinha também continha duas carteiras com um conjunto próprio de cartões de crédito e identidades dos donos dos passaportes. Os dois nomes estavam autorizados a administrar as contas de Grahame Coats nas Ilhas Cayman, de onde o dinheiro era transferido para outras contas nas Ilhas Virgens Britânicas, na Suíça e em Liechtenstein.

Grahame Coats planejava sumir de vez no dia de seu quinquagésimo aniversário, dali a pouco mais de um ano, e estava pensando nessa questão com Fat Charlie.

Na verdade, ele não esperava que Fat Charlie fosse detido ou condenado, apesar de não fazer grandes objeções caso alguma dessas possibilidades se concretizasse. Ele o queria apavorado, desacreditado e, de preferência, longe de seus negócios.

Grahame Coats sentia um verdadeiro prazer em extorquir os clientes da Agência Grahame Coats, e era bom nisso. Teve uma surpresa muito agradável ao descobrir que, se escolhesse a clientela com cuidado, as celebridades e os artistas que representava teriam pouquíssimo conhecimento na área de finanças e ficariam aliviados ao encontrar alguém que os agenciasse, administrasse seu dinheiro e os assegurassem de que não teriam com que se preocupar. E se às vezes extratos ou cheques atrasavam, ou se os valores nem sempre eram o que os clientes esperavam, ou se havia débitos não identificados em suas contas... Bem, Grahame Coats tinha uma grande rotatividade de funcionários, em especial no departamento de contabilidade, e não havia nada que não fosse fácil de ser atribuído à incompetência de um ex-funcionário ou, raramente, acertado com algumas garrafas de champanhe e um grande cheque de desculpas.

Não é que as pessoas gostassem ou confiassem em Grahame Coats. Até as pessoas que ele representava achavam que ele era uma fuinha esperta. Mas acreditavam que era uma fuinha bem-treinada, que trazia dinheiro para elas, e nesse sentido estavam enganadas.

Grahame Coats só trazia dinheiro para si mesmo.

O telefone em sua mesa tocou, e ele o atendeu.

— Sim?

— Sr. Coats? Maeve Livingstone está na linha. Sei que o senhor disse para passá-la para Fat Charlie, mas, como ele não vem esta semana, não soube o que fazer. Digo a ela que o senhor está ocupado?

Grahame Coats pensou. Antes que o ataque cardíaco o levasse, Morris Livingstone fora o comediante baixinho de Yorkshire mais amado do país, estrelara séries de TV como *Piadinhas de baixo calão* e tivera o próprio programa de auditório nas noites de sábado, *Eu sou Morris Livingstone*. Ele chegou a ter um single no Top 10 na década de 1980, com a canção cômica “Bote uma roupa logo, essa visão vai me dar taquicardia”. Simpático e amigável, ele não só deixava todo e qualquer assunto financeiro sob o controle da Agência Grahame Coats, como também nomeou, por sugestão do próprio, Grahame Coats como administrador de seu espólio.

Teria sido um crime não ceder a uma tentação dessas.

Mas também havia Maeve Livingstone. É importante dizer que ela contracenara por muitos anos, sem saber, em papéis principais e secundários nas fantasias mais prazerosas e privadas de Grahame Coats.

Grahame Coats respondeu:

— Por favor. Pode transferi-la. — E então, todo solícito: — Maeve, é muito bom falar com você. Tudo bem?

— Não tenho certeza — retrucou ela.

Maeve Livingstone era dançarina quando conheceu Morris, e sempre foi muito mais alta do que o homenzinho. Os dois se adoravam.

— Bem, por que você não me conta o que há de errado?

— Falei com Charles há alguns dias. Bem, o gerente do banco estava preocupado. O dinheiro do espólio de Morris. Disseram que já deveríamos ter recebido alguma coisa.

Grahame Coats respondeu com o que considerava sua voz mais aveludada, a que usava para seduzir as mulheres:

— Maeve, o problema não é que o dinheiro não esteja lá, é apenas uma questão de liquidez. Como eu já disse, Morris fez vários investimentos equivocados antes de morrer. Mas, seguindo meus conselhos, fez outros, muito sólidos. Só temos que respeitar os vencimentos desses bons investimentos. Se sacarmos agora, vamos perder quase tudo. Mas não precisamos meter os pés pelas mãos. Tudo por um bom cliente. Vou mandar um cheque da minha própria conta bancária, para botar suas contas

em ordem e deixar você confortável. De quanto o gerente do banco precisa?

— Ele avisou que vai começar a devolver meus cheques. E a BBC disse que já começaram a enviar o dinheiro do lançamento dos DVDs dos programas antigos. *Esse dinheiro* não está investido, está? — indagou Maeve.

— Foi isso o que a BBC disse? Na verdade, *nós* é que estamos atrás deles por causa de dinheiro. Mas não quero botar a culpa toda na BBC Worldwide. Nossa contadora está grávida, e as coisas andam bastante confusas. E Charles Nancy, com quem você falou, anda meio perturbado: o pai morreu, e ele passou um bom tempo fora do país...

— Na última vez que nos falamos, você estava instalando um novo sistema de computadores — insistiu Maeve.

— É verdade. E, por favor, nem me fale nos programas de contabilidade. Como é que se diz? Errar é humano, mas é preciso um computador para fazer uma lambança daquelas. Algo do tipo. Vou investigar o problema com muito cuidado, à mão, se preciso, à moda antiga, e seu dinheiro logo será enviado. É o que Morris gostaria que acontecesse.

— O gerente do banco disse que preciso de dez mil libras agora mesmo, só para não começar a devolver os cheques.

— Então você vai receber dez mil libras. Estou fazendo um cheque agora mesmo, enquanto falamos.

Ele desenhou um círculo no bloco de notas, com uma linha saindo do topo. Lembrava um pouco uma maçã.

— Fico muito grata — respondeu Maeve, e Grahame Coats ficou todo prosa. — Espero não estar atrapalhando.

— Você nunca atrapalha. Não atrapalha nem um pouco.

Ele desligou o telefone. Grahame Coats sempre pensou que o mais engraçado era que o personagem cômico de Morris sempre fora a imagem do típico muquirana teimoso de Yorkshire, orgulhoso de controlar cada centavo.

Foi um belo investimento, pensou Grahame Coats, e acrescentou dois olhos à maçã, e duas orelhas. Ficou parecendo um gato, decidiu. Logo seria hora de trocar a vida de extorquir celebridades mimadas por uma vida de sol, piscinas, belas refeições, bons vinhos e, se possível, enormes quantidades de sexo oral. Grahame Coats estava convencido de que as melhores coisas da vida podiam ser compradas.

Desenhou uma boca no gato e a encheu de dentes afiados, o que o deixou parecido com um puma. Enquanto desenhava, começou a cantar, a voz de tenor esganiçada:

— *Quando eu era criança, meu pai sempre dizia:*

Bote uma roupa e saia, está um lindo dia,

Agora que estou velho, basta que eu sorria,

Dizem: bote uma roupa logo, essa visão vai me dar taquicardia...

Morris Livingstone tinha dado entrada e pagado todas as prestações da cobertura de Grahame Coats em Copacabana, além da instalação da piscina na ilha de Saint Andrews, e não pense que Grahame Coats não estava agradecido por isso.

— *Bote uma roupa logo, essa visão vai me dar taquicardia...*

★ ★ ★

Spider sentia-se estranho.

Havia alguma coisa errada: uma sensação esquisita que se espalhava por sua vida como névoa. Aquilo estava arruinando seu dia. Não conseguia identificar o que era, e não estava gostando nem um pouco.

E se havia uma coisa que ele com certeza *nunca* sentia era culpa. Era simplesmente o tipo de coisa que não sentia. Estava se sentindo muito bem. Sentia-se tranquilo. Não se sentia culpado. Não se sentiria culpado nem se fosse apanhado no flagra assaltando um banco.

Mesmo assim, ao seu redor havia um leve miasma de desconforto.

Até aquele momento, Spider acreditara que os deuses eram diferentes: não tinham consciências nem precisavam delas. A relação entre um deus e o mundo, mesmo que fosse um mundo em que ele estivesse caminhando, era uma conexão quase tão emocional quanto a de um jogador de videogame com o conhecimento da forma geral do jogo e armado com um série de códigos e macetes.

Spider sempre se divertia. Era o que fazia. Era uma coisa importante. Não saberia identificar a culpa nem se tivesse um guia ilustrado com todos os componentes claramente identificados. Não é que fosse irresponsável, era mais como se não tivesse comparecido no dia em que distribuíram a responsabilidade. Mas algo mudara — não sabia ao certo se fora em seu interior ou no exterior —, e isso o incomodava. Ele se serviu de outro drinque e balançou a mão, aumentando o volume da música. Então mudou de Miles Davis para James Brown. O que também não ajudou.

Ficou deitado na rede sob o sol tropical, ouvindo música, curtindo como era muito bacana ser quem era... e, pela primeira vez, isso, de algum modo, não foi o suficiente.

Ele saiu da rede e caminhou até a porta.

— Fat Charlie?

Ninguém respondeu. O apartamento parecia vazio. Do lado de fora das janelas, o dia estava cinza e chuvoso. Spider gostou da chuva. Pareceu apropriada.

O telefone tocou, um som agudo e suave. Spider atendeu.

Rosie disse:

— É você?

— Alô, Rosie.
— Ontem à noite... — começou. Depois não falou mais. Então disse: — Foi tão maravilhoso para você quanto foi para mim?
— Não sei. Foi bem maravilhoso para mim. Então acho que tem grandes chances de isso ser um sim.
— Hum — murmurou ela.
Eles ficaram um tempo sem falar.
— Charlie? — perguntou Rosie.
— Hã?
— Eu gosto até de ficar sem falar, só sabendo que você está do outro lado da linha.
— Eu também — concordou Spider.
Eles aproveitaram a sensação de ficar sem falar por mais um tempo, desfrutaram-na, fizeram-na durar.
— Quer vir à minha casa esta noite? — perguntou Rosie. — Minhas colegas de apartamento estão em Cairngorms.
— Essa é candidata a uma das frases mais lindas que existem. *Minhas colegas de apartamento estão em Cairngorms*. É poesia.
Ela riu.
— Bobo. Hã. Traga... sua escova de dentes?
E, depois de alguns minutos de “desliga você” e “não, desliga *voce*” dignos de casal de adolescentes cheios de hormônios, a ligação finalmente foi encerrada.
Spider deu um sorriso livre de culpa. Aquele mundo, considerando que era nele que estava Rosie, era o melhor mundo que qualquer mundo poderia ser. O nevoeiro se dissipara, e tudo brilhava outra vez, banhado em luz.
Spider nem parou para se perguntar aonde fora Fat Charlie. Por que devia se preocupar com essas trivialidades? As colegas de apartamento de Rosie estavam em Cairngorms, e, naquela noite... Ora, naquela noite ele levaria sua escova de dentes.

★ ★ ★

O corpo de Fat Charlie estava em um avião para a Flórida, esmagado em uma poltrona no meio de uma fileira de cinco pessoas, envolto em um sono profundo. O que era bom: os banheiros dos fundos apresentaram problemas assim que o avião decolou, e, apesar de os comissários de bordo terem pendurado placas nas portas anunciando que estavam COM DEFEITO, não adiantou para aliviar o fedor, que aos poucos se espalhou pelo avião, como uma nuvem química densa e desagradável. Adultos resmungavam, e crianças choramingavam. Uma facção de passageiros, que estava a caminho da

Disney, o tipo de gente que acreditava que as férias começavam logo ao embarcar, sentara-se em seus lugares e começara a cantar. Tinham um repertório de músicas como “Bibbidi-Bobbidi-Bum”, “Eu tenho prazer em ser tigre”, “Aqui no mar”, “Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou”, e até, acreditando também ser uma canção da Disney, “We’re Off to See the Wizard”, do Mágico de Oz.

Quando o avião já estava no ar, descobriu-se que, devido a uma confusão da companhia aérea, nenhuma refeição da classe econômica fora enviada. Em vez disso, haviam embalado apenas cafés da manhã. O que significava que cada passageiro receberia uma banana e uma porção de cereal, que teriam que comer com garfo e faca de plástico, já que infelizmente não havia colheres. O que pode ter sido uma coisa boa, já que, em pouco tempo, não havia mais leite para o cereal.

Foi um voo infernal, e Fat Charlie dormiu a viagem toda.

★ ★ ★

No sonho, Fat Charlie estava de fraque em um salão enorme. Rosie, ao seu lado, usava um vestido de noiva branco. Do outro lado dela, no palco, estava a mãe de Rosie, também de vestido de noiva — o que era um tanto assustador —, apesar de o dela estar coberto de pó e teias de aranha. Longe, no horizonte, que ficava no limite mais distante do salão, pessoas disparavam armas e agitavam bandeiras brancas.

“São só as pessoas na Mesa H”, explicou a mãe de Rosie. “Não dê atenção a elas.”

Fat Charlie se virou para Rosie, que dirigiu a ele seu sorriso doce e delicado. Então passou a língua nos lábios.

“O bolo”, disse Rosie, no sonho.

Aquela era a deixa para uma orquestra começar a tocar. Era uma banda de jazz de Nova Orleans, e a música era uma marcha fúnebre.

A assistente do chef era policial. Ela carregava um par de algemas. O chef levava o bolo até onde eles estavam em um carrinho.

“Agora”, instruiu Rosie, no sonho, “corte o bolo”.

As pessoas na Mesa B — que não eram pessoas, e sim camundongos, ratos e outros bichinhos com aspecto de desenho animado, todos com tamanho de gente — começaram a cantar músicas dos desenhos da Disney. Fat Charlie sabia que os bichos queriam que ele se juntasse à cantoria. Mesmo dormindo, podia sentir que entrava em pânico diante da mera ideia de ter que cantar em público: os membros estavam ficando dormentes, os lábios, formigando.

“Não posso cantar com vocês”, explicou, desesperado atrás de uma desculpa. “Preciso cortar o bolo.”

Com isso, o salão mergulhou em silêncio. E, no silêncio, entrou um chef empurrando um carrinho com algo em cima. O chef tinha a cara de Grahame Coats, e no carrinho havia um bolo de casamento branco e extravagante, cheio de camadas, enfeites e confeitos. Um pequenino casal de noivos estava empoleirado de forma precária no nível mais alto, parecendo duas pessoas tentando manter o equilíbrio no topo de um edifício Chrysler todo confeitado.

A mãe de Rosie enfiou a mão embaixo da mesa e sacou uma faca comprida — mais parecia um facão — com cabo de madeira e lâmina enferrujada. Ela a entregou a Rosie, que pegou a mão de Fat Charlie e a colocou sobre a sua. Juntos, os dois enfiaram a faca enferrujada na grossa camada de glacê branco da parte mais alta do bolo, enterrando-a entre o noivo e a noiva. A princípio, a lâmina encontrou resistência, e Fat Charlie pressionou com mais força, jogando todo o seu peso sobre a faca. Sentiu o bolo começar a ceder. Fez ainda mais força.

A faca cortou a camada superior do bolo de casamento. Então deslizou e cortou todo o bolo, todas as camadas e níveis, e, enquanto isso, o bolo se abria...

O eu do sonho de Fat Charlie achou que o bolo estivesse cheio de contas negras de vidro vulcânico ou de azeviche, mas percebeu, à medida que elas rolavam para fora da massa, que as contas tinham pernas — cada uma tinha oito pernas ligeiras, e saíam de dentro do bolo como uma onda negra. As aranhas avançaram e cobriram a toalha de mesa branca, cobriram a mãe de Rosie e até a própria Rosie, deixando os vestidos, que eram brancos, negros como ébano. Então, como se controladas por alguma inteligência poderosa e maligna, elas se dirigiram às centenas na direção de Fat Charlie. Ele se virou para correr, mas as pernas estavam presas a alguma espécie de substância viscosa, e ele caiu no chão.

Agora as aranhas estavam em cima dele, as perninhas minúsculas rastejando sobre a pele nua. Fat Charlie tentou levantar, mas se afogava em aranhas.

Queria gritar, mas a boca se encheu de aranhas. Elas cobriram seus olhos, e o mundo escureceu...

★ ★ ★

Fat Charlie abriu os olhos e viu apenas escuridão, mais nada. Então gritou, gritou e gritou. Aí percebeu que as luzes estavam apagadas, e as proteções das janelas, baixadas, porque os outros passageiros estavam assistindo ao filme de bordo.

Já era um voo infernal. Fat Charlie tinha acabado de torná-lo um pouco pior para todos.

Ele se levantou e tentou chegar ao corredor, tropeçando nos vizinhos de fileira. Então, quando estava quase chegando à liberdade, se esticou e bateu a testa no compartimento de bagagem, o que fez a porta abrir e a mala de alguém cair em sua cabeça.

As pessoas próximas, que estavam assistindo à cena, deram risada. Foi uma cena de comédia muito distinta, e as deixou bastante bem-humoradas.

CAPÍTULO

SETE

NO QUAL

FAT CHARLIE

FAZ UMA LONGA

VIAGEM

A FUNCIONÁRIA DA imigração franziu o rosto para o passaporte americano de Fat Charlie, como se estivesse decepcionada por ele não ser de uma nacionalidade que ela pudesse simplesmente impedir de entrar no país. Então, com um suspiro, gesticulou para que ele passasse.

Ele se perguntou o que faria depois de passar pela alfândega. *Vou alugar um carro, pensou. E comer.*

Ele saiu do trem que levava de um terminal a outro, passou pela segurança e saiu na grande área de shopping do Aeroporto de Orlando. Não ficou nem um pouco surpreso ao ver a sra. Higglar parada ali, examinando os rostos dos recém-chegados, a enorme caneca de café na mão. Encontraram os olhos um do outro mais ou menos ao mesmo tempo, e a velha senhora avançou na direção dele.

— Está com fome? — perguntou. Fat Charlie assentiu. — Bem, espero que goste de peru.

★ ★ ★

Fat Charlie ficou pensando se a perua marrom da sra. Higglar era a mesma que ele se lembrava de vê-la dirigir quando pequeno. Desconfiava que sim. O carro devia ter sido novo algum dia, fazia sentido pensar que sim. Tudo já foi novo algum dia, afinal. O couro dos bancos estava rachado e descascando, e o painel que imitava madeira, empoeirado.

Havia uma sacola de compras de papel pardo entre eles, no banco da frente.

O velho carro da sra. Higglar não tinha porta-copos, e ela segurava a gigantesca caneca de café entre as coxas enquanto dirigia. A perua parecia

ser anterior à invenção do ar-condicionado, e estava com as janelas abertas. Fat Charlie não se importou. Depois do frio úmido da Inglaterra, o calor da Flórida era mais que bem-vindo. A sra. Higgler seguiu para o sul, em direção à rodovia com pedágio. Ela falava enquanto dirigia: comentou sobre o último furacão e sobre como tinha levado o sobrinho, Benjamin, ao SeaWorld e à Disney, e como nenhum dos hotéis de hoje em dia era tão bom quanto os de antigamente. Falou sobre regras de construção, o preço do combustível, recontou com riqueza de detalhes o que dissera ao médico quando ele sugeriu uma prótese de quadril, explicou por que os turistas continuavam a alimentar jacarés e por que os recém-chegados construía casas na praia e depois ficavam surpresos quando a casa ou a praia desapareciam, ou quando os jacarés comiam seus cachorros. Fat Charlie deixou que aquilo tudo jorrasse sobre ele. A mulher estava só jogando conversa fora.

A sra. Higgler reduziu a velocidade e pegou o tíquete de acesso à rodovia com pedágio. E parou de falar. Parecia perdida em pensamentos. Daí disse:

— Então, quer dizer que você conheceu seu irmão.

— Sabe, a senhora bem que podia ter me avisado.

— Eu avisei que ele é um deus.

— Mas não mencionou que ele é um mala.

A sra. Higgler fungou e tomou um gole de café.

— Podemos parar em algum lugar para comer? — perguntou Fat Charlie. — Eles só serviram cereais e bananas no avião. Sem colher. E o leite acabou antes de chegar à minha fileira. Pediram desculpas e nos deram vouchers de refeição para compensar.

A sra. Higgler balançou a cabeça.

— Eu podia ter usado o voucher e comido um hambúrguer no aeroporto.

— Eu já expliquei que Louella Dunwiddy está preparando um peru para você. Como acha que ela vai se sentir se você chegar lá depois de encher o bucho no McDonald's e estiver sem apetite? Hein?

— Mas estou *com fome*. E ainda faltam duas horas.

— Ah, não do jeito que eu dirijo — retrucou ela, com firmeza.

E, com isso, a velha senhora pisou fundo no acelerador. Às vezes, enquanto a perua marrom sacolejava pela estrada, Fat Charlie fechava bem os olhos e, ao mesmo tempo, pisava firme com o pé esquerdo em um freio imaginário. Era bem exaustivo.

Em muito menos de duas horas, chegaram à saída da rodovia com pedágio e pegaram uma estradinha. Seguiram na direção da cidade. Passaram pela Barnes and Noble e pela Office Depot. Passaram por casas milionárias com portões automáticos. Desceram as ruas residenciais mais antigas, que Fat Charlie lembrava que eram muito mais bem-cuidadas quando era

pequeno. Passaram pela lanchonete caribenha e pelo restaurante com a bandeira da Jamaica nas janelas, ostentando placas escritas à mão anunciando os especiais de rabada e arroz, além de cerveja artesanal de gengibre e frango ao curry.

Fat Charlie ficou com água na boca. Seu estômago roncou.

O carro sacolejava sem parar. As casas daquela área eram mais velhas, e, dessa vez, tudo parecia familiar.

Os flamingos de plástico cor-de-rosa ainda se destacavam no jardim da frente da sra. Dunwiddy, apesar de, com o passar dos anos, o sol tê-los desbotado até ficarem quase brancos. Também havia um globo espelhado, e, quando o viu, por um instante Fat Charlie ficou mais assustado do que já ficara em toda a vida.

— As coisas estão muito ruins com o Spider? — perguntou a sra. Higgler, enquanto caminhavam até a porta da casa da sra. Dunwiddy.

— Só digo uma coisa: acho que ele está dormindo com minha noiva. O que é bem mais do que eu jamais fiz.

— Ah — respondeu a sra. Higgler, estalando a língua.

E tocou a campainha.

★ ★ ★

Era meio que como em Macbeth, pensou Fat Charlie, uma hora mais tarde. Na verdade, se as bruxas na peça fossem quatro velhinhas e se, em vez de caldeirões ferventes e encantamentos malignos, tivessem apenas recebido e alimentado Macbeth com peru, arroz e ervilhas servidos em pratos de porcelana branca sobre uma toalha de mesa de plástico com estampa xadrez vermelha e branca — sem falar no pudim de batata-doce e na salada de repolho apimentado — e o encorajado a repetir tudo duas, três vezes, e depois, quando Macbeth tivesse declamado que não, estava cheio e quase empanturrado e jurasse não aguentar comer mais nada, as bruxas o forçassem a engolir a receita especial de arroz-doce e uma fatia grande do famoso bolo de abacaxi da sra. Bustamonte, teria sido exatamente igual a *Macbeth*.

— Então, soube que seu irmão foi visitá-lo — falou a sra. Dunwiddy, tirando um farelo de bolo de abacaxi do canto da boca.

— É. Eu falei com uma aranha. Acho que foi culpa minha. Eu não esperava que isso fosse acontecer de verdade.

Um coro de *tsc, tsc, tsc* circulou pela mesa conforme a sra. Higgler, a sra. Dunwiddy, a sra. Bustamonte e a srta. Noles estalavam a língua e balançavam a cabeça.

— Ele costumava dizer que você era o burro — comentou a srta. Noles.
— Estou falando de seu pai. Nunca acreditei nele.

— Bem, como eu poderia saber? — protestou Fat Charlie. — Não é como se meus pais tivessem dito: “Por falar nisso, filho, você tem um irmão que não conhece. Convide-o para uma visita e ele fará com que você seja investigado pela polícia, dormirá com sua noiva e não vai apenas se mudar para sua casa, vai enfiar uma casa extra no quartinho dos fundos. Além disso, também vai fazer lavagem cerebral em você, obrigá-lo ir ao cinema e passar a noite inteira tentando chegar em casa e...”

Ele parou. Era o modo como as mulheres olhavam para ele.

Um suspiro circulou pela mesa. Passou da sra. Higgler para a srta. Noles, depois para a sra. Bustamonte e para a sra. Dunwiddy. Foi muito perturbador e um pouco assustador, mas a sra. Bustamonte arrotou, o que arruinou o efeito.

— Então, o que você quer? — perguntou a sra. Dunwiddy. — Diga para nós.

Fat Charlie pensou sobre o que queria, ali na pequena sala de jantar da sra. Dunwiddy. Lá fora, a luz do dia se esvaía em um crepúsculo suave.

— Minha vida está um inferno por causa dele — explicou. — Quero que as senhoras o façam ir embora. Só isso, ir embora. Achem que conseguem?

As três mulheres mais novas não responderam. Apenas olharam para a sra. Dunwiddy.

— Na verdade, não podemos fazê-lo ir embora — explicou ela. — Nós já... — Mas ela parou no meio da frase, dizendo: — Bem, já fizemos o possível em relação a isso, sabe?

Fat Charlie merece o crédito por não ter, por mais que quisesse muito, irrompido em lágrimas, começado a gritar ou murchado como um suflê solado. Ele apenas balançou a cabeça.

— Bem, então me desculpem pelo incômodo. Obrigado pelo jantar.

— Não podemos fazê-lo ir embora — continuou a sra. Dunwiddy, os velhos olhos castanhos quase negros por trás dos óculos de armação grossa como seixos —, mas podemos indicar alguém que possa.

★ ★ ★

A noite tinha apenas começado na Flórida, o que significava que já era bem tarde em Londres. Na grande cama de Rosie, onde Fat Charlie nunca estivera, Spider estremeceu.

Rosie pressionou o corpo nu contra o dele.

— Charles, tudo bem?

A mulher podia sentir o arrepio dele na pele de seu braço.

— Estou bem. Só tive uma sensação ruim, de repente.

— Algum espírito deve ter passado por aqui — comentou Rosie.

Ele a puxou para si e a beijou.

Enquanto isso, sentada na pequena sala de sua casa em Hendon, usando uma camisola verde-clara e pantufas rosa-shocking, Daisy estava diante da tela do computador, balançando a cabeça e clicando o mouse.

— Vai demorar muito? — perguntou Carol. — Você sabe que tem um setor enorme de computação que deveria estar fazendo isso. Não você.

Daisy emitiu um ruído. Não era um ruído de sim nem de não. Era um ruído do tipo sei-que-alguém-falou-comigo-e-se-eu-der-uma-resposta-qualquer-talvez-me-deixem-em-paz.

Carol já tinha ouvido esse ruído antes. E reclamou:

— Ei! Sua bundona! Ainda vai demorar muito? Quero atualizar meu blog.

Daisy processou as palavras. Apenas uma foi registrada.

— Tá dizendo que eu tenho a bunda grande?

— Não. Estou dizendo que está ficando tarde, e quero atualizar o blog. Vou fazê-lo transar com uma supermodelo no banheiro de uma boate não identificada de Londres.

Daisy suspirou.

— Está bem. É muito esquisito, só isso.

— O que é esquisito?

— Fraude. Eu acho. Bem, já desloguei do computador. É todo seu. Sabia que você pode ter problemas por se passar por um membro da família real?

— Cai fora.

Carol assinava um blog como um membro da família real: um homem jovem e irresponsável. Houvera discussões na imprensa sobre sua existência, muitos observando que várias coisas que Carol escrevera só poderiam ser do conhecimento de um verdadeiro membro da Família Real Britânica — ou de qualquer um que lesse revistas de fofoca.

Daisy se afastou do computador, ainda pensando nas finanças da Agência Grahame Coats.

Enquanto isso, no quarto de uma casa grande, mas sem exageros, em Purley, Grahame Coats dormia um sono profundo. Se houvesse alguma justiça no mundo, ele gemeria e suaria durante o sono, torturado por pesadelos, açoitado pela fúria de sua consciência como se ferroadado por escorpiões. Por isso, é doloroso admitir que Grahame Coats dormia como um bebê bem-alimentado cheirando a leite e não tinha sonhos.

Em algum lugar na casa de Grahame Coats, um relógio de pêndulo bateu baixinho, doze vezes. Era meia-noite em Londres. Na Flórida, eram apenas sete.

De qualquer modo, era a hora mais sombria.

A sra. Dunwiddy removeu a toalha de mesa de plástico com estampa xadrez vermelha e branca e a guardou.

Ela disse:

— Quem está com as velas pretas?

A srta. Noles respondeu:

— As velas estão comigo.

Aos seus pés, havia uma sacola de compras, e ela remexeu em seu interior e pegou quatro velas. Eram quase que completamente negras. Uma era grande e sem ornamentação. As outras três tinham formato de pinguim preto e amarelo, o pavio saindo da cabeça.

— Era tudo o que eles tinham — desculpou-se. — E precisei ir a três lojas até encontrar alguma coisa.

A sra. Dunwiddy não comentou, mas balançou a cabeça. Ela posicionou cada vela em um dos quatro cantos da mesa, botando a única que não era de pinguim na cabeceira, onde se sentou. Cada vela repousava sobre um pratinho descartável. A sra. Dunwiddy pegou uma caixa grande de sal grosso, abriu a tampa e derramou os cristais em uma pilha sobre a mesa. Depois analisou o sal e, com um dedo indicador ressecado, dividiu-o em montinhos e fileiras.

A srta. Noles voltou da cozinha com uma grande tigela de vidro, que colocou no centro da mesa. Ela retirou a tampa de uma garrafa de xerez e serviu uma quantidade generosa na tigela.

A sra. Dunwiddy prosseguiu:

— Agora a grama do diabo, a raiz de jalapão e o amaranto.

A sra. Bustamonte remexeu na sacola de compras e pegou um vidro pequeno.

— São ervas finas. Achei que serviriam.

— Ervas finas! — exclamou a sra. Dunwiddy. — *Ervas finas!*

— Isso vai criar problema? — perguntou a sra. Bustamonte. — É o que eu sempre uso quando a receita diz manjerição isso ou orégano aquilo. Não vivo sem. Se quer saber, para mim não passam de um monte de ervas misturadas.

A sra. Dunwiddy suspirou.

— Ponha aí dentro — disse.

Meio vidro de ervas finas foi derramado no xerez. As folhas secas boiaram na superfície do líquido.

A sra. Dunwiddy continuou, escolhendo as palavras com cuidado:

— Agora, as quatro terras. Espero que ninguém aqui vá me dizer que não conseguiu as quatro terras e vamos ter que nos virar com uma pedrinha, uma água-viva morta, um ímã de geladeira e um sabonete.

— Eu trouxe as terras — anunciou a sra. Higgler.

Ela pegou a sacola de papel pardo que trouxera e tirou de lá quatro sacos transparentes com o que parecia areia ou argila seca, cada um de uma cor

diferente. Ela esvaziou cada saco em um dos quatro cantos da mesa.

— Ainda bem que *alguém* estava prestando atenção — comentou a sra. Dunwiddy.

A srta. Noles acendeu as velas, comentando sobre como os pinguins acendiam com facilidade e como eram bonitos e engraçadinhos.

A sra. Bustamonte serviu uma taça do que restara de xerez para cada uma das quatro mulheres.

— Eu não ganho? — perguntou Fat Charlie, mesmo sem querer a bebida. Não gostava de xerez.

— Não. Você não. Você precisa estar bem lúcido para o ritual — retrucou a sra. Dunwiddy.

Ela enfiou a mão na bolsa e pegou uma caixinha de remédios dourada.

A sra. Higgler apagou as luzes.

Os cinco se sentaram em volta da mesa, sob a luz das velas.

— E agora? — perguntou Fat Charlie. — Vamos todos dar as mãos e fazer contato com os vivos?

— Não vamos, não — sussurrou a sra. Dunwiddy. — E não quero mais ouvir nem uma palavra saindo da sua boca.

— Desculpe — respondeu Fat Charlie, depois desejou não ter respondido.

A sra. Dunwiddy continuou:

— Preste atenção. Você irá aonde podem ajudá-lo. Mesmo assim, não ofereça nada que possua e não faça promessas. Você entendeu? Se precisar dar algo a alguém, tenha certeza de que vai receber em troca algo de mesmo valor. Tudo bem?

Fat Charlie quase disse “sim”, mas se segurou a tempo e apenas assentiu.

— Ótimo.

Em seguida, a sra. Dunwiddy começou a cantarolar uma melodia qualquer com sua voz velha, trêmula e hesitante.

A srta. Noles também começou a cantarolar, mas com um pouco mais de melodia. Sua voz era mais alta e forte.

A sra. Bustamonte não cantarolou. Em vez disso, sibilou. Era um sibilar intermitente, como o de uma cobra, que parecia encontrar o ritmo do cântico e serpentear através e por baixo dele.

A sra. Higgler abriu a boca, mas não cantarolou, nem sibilou. Ela zumbiu como uma mosca contra o vidro de uma janela, fazendo um ruído vibratório com a língua e os dentes que era tão estranho quanto improvável, como se tivesse um punhado de abelhas raivosas presas na boca, zumbindo contra os dentes e tentando escapar.

Fat Charlie imaginou se devia se juntar a elas, mas não tinha ideia do que deveria fazer, por isso se concentrou em ficar ali sentado e tentar não ficar com medo de todos aqueles ruídos estranhos.

A sra. Higgler jogou uma pitada de terra vermelha dentro da tigela com xerez e ervas mistas. A sra. Bustamonte jogou uma pitada de terra amarela. A srta. Noles, a terra marrom, e a sra. Dunwiddy se inclinou para a frente de um jeito agonizantemente lento e jogou um monte de lama negra.

A sra. Dunwiddy tomou um gole de xerez. Depois, com dedos artríticos, tateando e procurando, pegou algo da caixinha de comprimidos e jogou sobre a chama da vela. Por um instante, a sala ficou com cheiro de limão, mas depois restou apenas o odor de algo queimando.

A srta. Noles começou a tamborilar no tampo da mesa. Ela não parou de cantarolar. As chamas das velas tremeluziram, projetando grandes sombras dançantes nas paredes. A sra. Higgler começou a bater na mesa também, os dedos marcando um ritmo diferente do da srta. Noles, mais rápido e percussivo, as duas batidas se unindo para formar um novo ritmo.

Na mente de Fat Charlie, todos os ruídos começaram a se misturar em um novo som estranho: o cântico, o sibilar, o zumbido e as batidas. Ele começou a ficar tonto. Tudo era engraçado. Tudo era improvável. Nas vozes das mulheres, podia ouvir o som da vida selvagem na floresta, o crepitar de grandes chamas. Seus dedos pareciam esticados e elásticos, e os pés, extremamente distantes.

Sentiu, então, que estava em algum lugar acima da sala, em algum lugar acima de tudo, e que ali abaixo dele havia cinco pessoas ao redor de uma mesa. Aí uma das mulheres fez um gesto e jogou algo na tigela no centro, que se acendeu com um brilho tão forte que Fat Charlie ficou cego por um instante. Ele fechou os olhos, o que, logo percebeu, não adiantou nada. Mesmo com os olhos fechados, tudo estava claro demais.

Ele esfregou os olhos contra a luz do dia. Olhou em volta.

Uma encosta rochosa escarpada erguia-se como um arranha-céu atrás dele: a encosta de uma montanha. À sua frente, penhascos íngremes despencavam em direção ao desconhecido. Ele caminhou até a beira do precipício e, com cuidado, olhou para baixo. Viu algumas formas brancas, que achou que fossem ovelhas, até perceber que eram nuvens: nuvens grandes, brancas e felpudas, a uma boa distância abaixo. E, então, além das nuvens, não havia nada: conseguia ver o céu azul, e parecia que, se continuasse a olhar, poderia ver a escuridão do espaço e, mais além, o cintilar frio das estrelas.

Ele deu um passo atrás, saindo da beira do precipício.

Deu meia-volta e caminhou na direção das montanhas, que se erguiam cada vez mais, tão altas que ele não conseguia ver os cumes, tão altas que Fat Charlie se convenceu de que estavam caindo sobre ele, que iam desmoronar e enterrá-lo vivo, para sempre. Ele se obrigou a olhar para baixo de novo, a manter os olhos fixos no chão, e, ao fazer isso, notou buracos na parede de rocha que mais pareciam entradas de cavernas naturais.

Calculou que a área entre a encosta da montanha e os penhascos, onde ele estava, tinha menos de quinhentos metros de largura: um caminho polvilhado de rochas, pontilhado com áreas de mato e, aqui e ali, uma árvore seca empoeirada. A trilha parecia seguir a encosta até desaparecer em uma névoa distante.

Tem alguém me observando, pensou Fat Charlie.

— Olá? — chamou, inclinando a cabeça para trás. — Olá, tem alguém aí?

O homem que saiu da caverna mais próxima tinha a pele muito mais morena do que a de Fat Charlie, mais ainda que a de Spider. No entanto, o cabelo comprido era de um loiro acastanhado e emoldurava seu rosto como uma juba. Ele usava uma pele esfarrapada de leão na cintura, com uma cauda de leão presa a ela, e essa cauda espantou uma mosca de seus ombros.

O homem piscou os olhos dourados.

— Quem é você? — rugiu. — E quem lhe deu permissão para caminhar por este lugar?

— Sou Fat Charlie Nancy. Meu pai é Anansi, a Aranha.

O homem assentiu com sua enorme cabeça.

— E por que veio até aqui, filho de Compé Anansi?

Eles estavam sozinhos nas rochas, pelo menos até onde Fat Charlie sabia. Mesmo assim, parecia haver mais gente ouvindo, muitas vozes caladas, muitos ouvidos atentos. Fat Charlie falou alto, para que todos os que estivessem ali pudessem escutar.

— Meu irmão está arruinando minha vida. E não consigo mandá-lo embora.

— Então você quer nossa ajuda? — perguntou o homem-leão.

— Sim.

— E esse seu irmão. Ele é como você, tem sangue de Anansi?

— Ele não tem nada a ver comigo — explicou Fat Charlie. — Ele é do seu povo.

Em um movimento fluido, dourado, o homem-leão na entrada da caverna deu um salto leve e preguiçoso para baixo, passando pelas pedras cinzentas, cobrindo cinquenta metros em instantes. De repente, estava de pé ao lado de Fat Charlie, perguntando:

— E por que você mesmo não lida com isso?

A boca de Fat Charlie estava seca. A garganta parecia estar cheia de poeira. A criatura que o encarava, mais alta que qualquer homem, não tinha cheiro de gente. As pontas dos caninos repousavam sobre os lábios inferiores.

— Não posso — gemeu Fat Charlie.

Da entrada da caverna seguinte, projetou-se um homem imenso. A pele era cinza, quase marrom, além de enrugada e flácida, e tinha pernas muito, muito grossas. Ele falou:

— Se você e seu irmão brigaram, devem pedir ao seu pai que julgue a situação entre os dois. Submetam-se à vontade do chefe da família. Essa é a lei.

Ele jogou a cabeça para trás e soltou um ruído do fundo do nariz e da garganta, um som potente semelhante ao da trombeta. E Fat Charlie soube que estava olhando para o Elefante.

Ele engoliu em seco.

— Meu pai está morto — respondeu, com a voz clara outra vez, mais limpa e alta do que esperava. Ela ecoou pelo penhasco, voltou até ele de cem outras cavernas, com grandes afloramentos de rocha. Morto, *morto*, morto, *morto*, morto, disse o eco. — É por isso que estou aqui.

O Leão disse:

— Não gosto nada de Anansi, a Aranha. Uma vez, há muito tempo, ele me amarrou a um tronco e fez um jumento me arrastar pela terra até o trono de Mawu, aquela que criou todas as coisas.

Ele rosnou ao lembrar, e Fat Charlie desejou estar em outro lugar.

— Continue andando — mandou o Leão. — Pode haver alguém aqui que o ajude, mas essa pessoa não sou eu.

O Elefante completou:

— Nem eu. Seu pai me enganou e comeu a gordura da minha barriga. Ele disse que estava fazendo sapatos para mim, mas me cozinhou e deu risadas enquanto enchia a pança. O Elefante nunca esquece.

Fat Charlie seguiu em frente.

Na entrada da caverna seguinte havia um homem com um terno verde bem cortado e um chapéu elegante com uma fita de couro de cobra. Ele também usava botas e cinto de pele de cobra. E sibilou quando Fat Charlie passou.

— Continue seu caminho, filho de Anansi — disse a Cobra, a voz um chacoalhar seco. — Toda a sua família maldita só traz problemas. Não quero me meter em seus assuntos.

A mulher na entrada da caverna seguinte era muito bonita, e os olhos pareciam gotas negras de petróleo, e os bigodes eram muito brancos em contraste com a pele. Ela possuía duas fileiras de seios sobre o peito.

— Conheci seu pai. Há muito tempo. Nossa!

Ela sacudiu a cabeça ao lembrar, e Fat Charlie sentiu como se tivesse acabado de ler uma carta particular. Ela lhe mandou um beijo, mas balançou a cabeça quando ele tentou se aproximar.

Ele continuou andando. Uma árvore morta erguia-se à frente, como se fosse construída com ossos velhos e acinzentados. As sombras ficavam mais longas à medida que o sol descia lentamente no céu infinito, muito além de onde os precipícios mergulhavam para o fim do mundo. O sol era uma bola laranja-dourada monstruosa, e todas as pequenas nuvens abaixo dela brilhavam em púrpura e ouro.

Os assírios atacaram como um lobo no aprisco, pensou Fat Charlie, o verso do poema ressurgindo de alguma aula de literatura havia muito esquecida. *Com legiões reluzentes de púrpura e ouro*. Tentou lembrar o que era um aprisco, mas não conseguiu. Provavelmente, concluiu, devia ser uma espécie de esconderijo.

Algo se moveu perto de seu cotovelo, e ele percebeu que o que pensara ser uma rocha marrom sob a árvore morta na verdade era um homem, com pele da cor da areia e costas malhadas como as de um leopardo. O cabelo era comprido e negro e seu sorriso revelava grandes dentes de gato. Ele sorriu por apenas alguns instantes, e foi um sorriso sem calor, humor ou amizade.

— Sou o Tigre. Seu pai me feriu de cem maneiras diferentes, e me insultou de outras mil. O Tigre não esquece.

— Sinto muito — respondeu Fat Charlie.

— Vou acompanhá-lo. Pelo menos por enquanto. Você disse que Anansi morreu?

— Sim.

— Ora, ora, ora. Ele me fez de bobo tantas vezes. Há muito tempo, tudo me pertencia: as histórias, as estrelas, tudo. E ele tirou tudo de mim. Talvez, agora que esteja morto, parem de contar aquelas suas malditas histórias. E de rir de mim.

— Sem dúvida vão parar — afirmou Fat Charlie. — Eu nunca ri de você.

Olhos da cor de esmeraldas lapidadas brilharam no rosto do homem.

— Sangue é sangue. A linhagem de Anansi é Anansi.

— Eu não sou meu pai — retrucou Fat Charlie.

O Tigre exibiu os dentes. Eram afiados.

— É errado sair por aí fazendo as pessoas rirem de tudo — explicou o Tigre. — É um mundo grande e sério lá fora, não tem nada de engraçado. Nunca. Você precisa ensinar as crianças a temerem e a tremerem. Precisa ensiná-las a serem cruéis. Ensiná-las a serem o predador na escuridão. A se esconderem nas sombras e depois dar o bote, ou saltar, ou se atirar, mas sempre matar. Você sabe qual é o verdadeiro sentido da vida, não sabe?

— Hã... Amar uns aos outros?

— O sentido da vida é o sangue quente da sua presa na língua, a carne que se rasga sob os dentes, o cadáver do seu inimigo deixado ao sol como oferenda para os carniceiros. *Isso é a vida*. Eu sou o Tigre, e sou mais forte que Anansi jamais foi, maior, mais perigoso, mais poderoso, mais cruel, mais sábio...

Fat Charlie não queria estar naquele lugar, conversando com o Tigre. Não que o Tigre fosse louco. É que ele era bastante fervoroso em suas convicções, que eram todas igualmente desagradáveis. Além disso, ele o

lembrava de alguém, e mesmo sem saber dizer quem, sabia que era alguém de quem não gostava.

— Você pode me ajudar a me livrar do meu irmão?

O Tigre tossiu, como se tivesse uma pena, ou talvez um melro inteiro, preso na garganta.

— Quer que eu pegue água para você? — perguntou Fat Charlie.

O Tigre olhou para Fat Charlie com desconfiança.

— Na última vez em que Anansi me ofereceu água, acabei tentando comer a lua de dentro de um lago e me afoguei.

— Eu só estava tentando ajudar.

— Foi exatamente o que *ele* disse. — O Tigre se inclinou para perto de Fat Charlie e o encarou nos olhos. De perto, ele não parecia nem um pouco humano: seu nariz era muito achatado, os olhos, muito espaçados, e ele fedia como uma jaula no zoológico. A voz era um rugido grave. — É assim que você me ajuda, filho de Anansi, você e todo o seu sangue: fique bem longe de mim. Entendeu? Se quiser manter a carne colada aos ossos.

Então ele lambeu os beiços com a língua avermelhada de sangue fresco, mais comprida do que a de qualquer humano.

Fat Charlie recuou, certo de que, se desse as costas, se corresse, sentiria os dentes do Tigre em seu pescoço. Agora não havia nada sequer remotamente humano na criatura: ele estava do tamanho de um tigre de verdade. Era todo o grande felino que se voltara contra os homens, todo tigre que quebrara o pescoço de alguém como um gato doméstico abatendo um camundongo. Por isso não tirou os olhos do Tigre enquanto se afastava, e logo o animal caminhou silenciosamente de volta para a árvore morta e se esticou sobre as pedras, desaparecendo nas sombras irregulares. Só o agitar impaciente de sua cauda traía a posição.

— Você não precisa se preocupar com ele — comentou uma mulher, parada na entrada de uma caverna. — Venha aqui.

Fat Charlie não conseguia se decidir se ela era muito bonita ou feia como o diabo. Então foi em sua direção.

— Ele parece todo imponente, mas tem medo até da própria sombra. E mais medo ainda da sombra do seu pai. Não tem força nas mandíbulas. — Havia algo de canino no rosto dela. Não, não era canino... — Mas eu... Eu quebro os ossos. É onde fica a melhor parte. É onde estão escondidas as carnes mais doces, e ninguém sabe disso, só eu.

— Estou procurando alguém para me ajudar a me livrar do meu irmão.

A mulher jogou a cabeça para trás e deu risada, um riso que mais parecia um ruído selvagem, alto, longo e insano. Então Fat Charlie soube quem ela era.

— Você não vai encontrar ninguém disposto a ajudá-lo por aqui — explicou a mulher. — Todos acabaram na pior quando tentaram enfrentar seu pai. O Tigre odeia você e sua laia mais que qualquer pessoa já odiou

alguma coisa, mas nem ele vai ajudar enquanto seu pai estiver solto no mundo. Olha só, continue seguindo este caminho. Se quer saber, e eu tenho uma pedra de profecia atrás do olho, sei que você não vai encontrar ninguém para ajudá-lo até chegar a uma caverna vazia. Entre nela. Fale com quem quer que esteja lá. Entendeu?

— Acho que sim.

Ela riu. Não foi uma risada boa.

— Quer passar um tempo comigo, antes de ir? Eu sou muito interessante. É como dizem: não há criatura mais mesquinha, maligna e obscena que a Hiena.

Fat Charlie balançou a cabeça e continuou andando, passando pelas cavernas enfileiradas nas paredes de pedra do fim do mundo. Ao olhar para a boca negra de cada caverna, via pessoas de todas as formas e tamanhos, algumas minúsculas, outras altas, homens e mulheres. Quando passava, elas eram iluminadas por um breve momento, saindo das sombras, e Fat Charlie via patas, escamas, chifres ou garras.

As vezes, assustava os moradores, que recuavam mais para o fundo da caverna. Outros avançavam e o encaravam com um olhar ora agressivo, ora curioso.

Alguma coisa saiu rolando das rochas acima da entrada de uma das cavernas e caiu ao lado de Fat Charlie.

— Olá — disse a coisa, sem fôlego.

— Olá — respondeu Fat Charlie.

O recém-chegado era inquieto e peludo. Os braços e as pernas pareciam *errados*. Fat Charlie tentou identificá-lo. Os outros animais-pessoas eram animais, sim, mas também eram pessoas, e não havia nada de estranho nem contraditório naquilo. A animalidade e a humanidade eram combinadas como as listras de uma zebra, criando um cenário *diferente*. Mas aquela criatura parecia tanto humana quanto quase-humana, e a estranheza daquilo incomodava Fat Charlie. Então, ele entendeu.

— Macaco — anunciou. — Você é o Macaco.

— Tem um pêsego? — indagou o Macaco. — Tem uma manga? Tem um figo?

— Infelizmente, não — respondeu Fat Charlie.

— Me dê alguma coisa para comer e serei seu amigo.

A sra. Dunwiddy o alertara sobre aquilo. *Não dê nada*, pensou. *Não faça promessas*.

— Bem, é uma pena, mas não tenho nada para lhe oferecer.

— Quem é você? — perguntou o Macaco. — O que é você? Você parece meia coisa. Você é daqui ou de lá?

— Anansi era meu pai — explicou Fat Charlie. — Estou à procura de alguém que me ajude a lidar com meu irmão, fazê-lo ir embora.

— Isso pode deixar Anansi irritado — comentou o Macaco. — Ideia muito ruim, essa. Se deixar Anansi irritado, você não entra em mais nenhuma história.

— Anansi está morto — anunciou Fat Charlie.

— Morto lá — explicou o Macaco. — Pode até ser. Mas morto aqui? Isso já são outros quinhentos.

— Quer dizer que ele pode estar por aqui?

Fat Charlie olhou para o alto da montanha, um pouco mais preocupado. Era muito perturbadora a ideia de que poderia encontrar o pai parado na entrada de uma daquelas cavernas, o chapéu fedora verde enterrado na cabeça, indo para a frente e para trás em uma cadeira de balanço, bebendo uma latinha de cerveja escura e disfarçando um bocejo com as luvas cor de lima.

— Quem? O quê?

— Você acha que ele está aqui?

— Quem?

— Meu pai.

— Seu pai?

— Anansi.

O Macaco pulou para o alto de uma pedra, apavorado, e se espremeu contra a rocha. Os olhos iam de um lado para outro sem parar, como se achasse que um furacão fosse surgir de repente.

— Anansi? Ele está aqui?

— Foi isso que eu perguntei — explicou Fat Charlie.

De repente, o Macaco se balançou e ficou pendurado pelos pés, de cabeça para baixo. Encarou Fat Charlie.

— As vezes eu volto ao mundo — disse. — Sempre dizem: Macaco, Macaco sábio, venha, venha. Venha comer os pêssegos que trouxemos para você. E as nozes. E as larvas de inseto. E os figos.

— Meu pai está aqui? — perguntou Fat Charlie, bem paciente.

— Ele não tem uma caverna — explicou o Macaco. — Eu saberia se tivesse. Acho. Talvez ele tivesse uma caverna, e eu tenha esquecido. Se você me desse um pêssego, eu conseguiria lembrar melhor.

— Não trouxe nada comigo — respondeu Fat Charlie.

— Nenhum pêssego?

— Infelizmente, não.

O Macaco se balançou até o alto da pedra e desapareceu.

Fat Charlie avançou pelo caminho de pedra. O sol tinha baixado e estava na altura da trilha, queimando em um tom laranja forte. Lançava a luz antiga bem no interior das cavernas, revelando que todas eram habitadas. Aquele devia ser o Rinoceronte, de pele cinza, encarando o exterior com os olhos míopes. Ali, em águas rasas, da cor de um tronco em decomposição, estava o Crocodilo, os olhos negros como vidro vulcânico.

Algumas pedras rolaram às suas costas, e Fat Charlie se virou de supetão. O Macaco ergueu os olhos para ele, os nós dos dedos tocando o chão.

— Eu não tenho fruta nenhuma, sério — anunciou Fat Charlie. — Ou daria a você.

— Fiquei com pena — explicou o Macaco. — Talvez seja melhor você voltar para casa. Essa é uma ideia muito, muito, *muito* ruim. Né?

— Não é, não — retrucou Fat Charlie.

— Ah — disse Macaco. — Certo. Certo, certo, certo, certo, *certo*.

Ele parou de andar. De repente, disparou, passou por Fat Charlie e parou diante de uma caverna mais à frente.

— Não é para entrar aí — avisou. — Lugar ruim.

Ele apontou para a entrada da caverna.

— Por que não? — perguntou Fat Charlie? — Quem mora aí?

— Não tem ninguém aí — explicou o Macaco, em tom de triunfo. — Por isso não é quem você está procurando, é?

— Sim — respondeu Fat Charlie. — É, sim.

O Macaco gritou e pulou, mas Fat Charlie passou por ele e começou a escalar as pedras até chegar à boca da caverna vazia. O sol carmesim mergulhava nos penhascos do fim do mundo.

Caminhando pela trilha que seguia a borda das montanhas do lugar onde começa o mundo (só são as montanhas do fim do mundo quando a pessoa vem da outra direção), a realidade parecia muito estranha e deformada. Aquelas montanhas e suas cavernas são feitas do material das histórias mais antigas (isso foi muito antes dos humanos, é claro. O que o fez pensar que os seres humanos foram as primeiras coisas a contar histórias?), e, ao sair da trilha e entrar em uma das cavernas, Fat Charlie sentiu como se estivesse adentrando a realidade de outra pessoa. A caverna era profunda, o solo todo manchado de branco, de excrementos de aves. Também havia penas no chão. E em vários lugares, igualzinho a um espanador ressecado e abandonado, havia o cadáver de uma ave, achatado e seco.

No fundo da caverna, nada além de escuridão.

Fat Charlie chamou:

— Olá? — E o eco de sua voz retornou de lá de dentro: *Olá, olá, olá, olá*. Ele continuou andando. A escuridão na caverna parecia quase palpável, como se tivessem colocado algo escuro e fino sobre seus olhos. Ele avançava devagar, um passo de cada vez, os braços estendidos.

Algo se moveu.

— Olá?

Os olhos estavam aprendendo a usar aquele mínimo de luz disponível, e ele conseguiu vislumbrar alguma coisa. *Não é nada. Trapos e penas, só isso*. Outro passo, e o vento moveu as penas e agitou os trapos no chão da caverna.

Algo levantou voo perto dele, passou voando *através* dele, abanando o ar com o bater de asas de um pombo.

O vento redemoinhou. A poeira atingiu seus olhos, e Fat Charlie piscou para se proteger do vento frio e recuou um passo quando um redemoinho de poeira, trapos e penas se ergueu na sua frente. Então o vento parou, e, onde havia penas flutuando, surgiu uma figura humana. Ela estendeu a mão, pedindo a Fat Charlie que se aproximasse.

Ele teria recuado, mas a criatura estendeu a mão e o agarrou pela manga. O toque era leve e seco, e ela o puxou em sua direção...

Ele deu um passo à frente, para dentro da caverna...

... E percebeu que estava ao ar livre, em uma planície cor de cobre, sem árvores, sob um céu cor de leite azedo.

Criaturas diferentes têm olhos diferentes. Olhos humanos (ao contrário de, digamos, os olhos de um gato ou de um polvo) são feitos para ver apenas uma versão da realidade por vez. Fat Charlie viu apenas uma coisa com os olhos, mas viu outra com a mente, e a loucura espreitava no espaço entre as duas. Pôde sentir um pânico selvagem se formar dentro de si, mas respirou fundo e o conteve, o coração batendo forte contra o peito. Ele se obrigou a acreditar em seus olhos, não na mente.

Por isso, mesmo sabendo que estava diante de uma ave de olhos insanos e penas irregulares, maior que qualquer águia, mais alta que um avestruz, com bico de ave de rapina — uma arma cruel capaz de estraçalhar tudo — e penas cor de ardósia cobertas de um óleo brilhante que criava um efeito de arco-íris escuro em tons de roxos e verdes, percebeu tudo em apenas um instante, em algum lugar bem no fundo da mente. O que via com os olhos era uma mulher de cabelo negro como as penas de um corvo parada onde antes havia uma ideia de ave. Ela não era jovem ou velha, e o encarava com um rosto que podia ter sido esculpido em obsidiana ainda nos tempos antigos, quando o mundo era jovem.

Ela o observou e não se moveu. Nuvens passavam pelo céu cor de leite azedo.

— Eu sou Charlie — anunciou Fat Charlie. — Charlie Nancy. Algumas pessoas, bem, a maioria me chama de Fat Charlie. Você também pode. Se quiser.

Nenhuma resposta.

— Anansi era meu pai.

Nada, ainda. Nem um leve tremor, nem uma respiração.

— Quero sua ajuda para fazer meu irmão ir embora.

Ela inclinou a cabeça ao ouvir aquilo. O suficiente para mostrar que estava ouvindo, o suficiente para mostrar que estava viva.

— Não consigo fazer isso sozinho. Ele tem poderes mágicos e tal. Falei com uma aranha, e logo depois meu irmão apareceu. Agora não consigo fazê-lo ir embora.

Quando ela falou, a voz era rouca e profunda, como a de um corvo.

— O que você quer que eu faça em relação a isso?

— Me ajudar? — sugeriu Fat Charlie.

A mulher pareceu pensar.

Mais tarde, Fat Charlie tentou lembrar, sem sucesso, o que ela estava vestindo. Às vezes, achava que era uma capa de penas. Outras, acreditava que devia ser algum tipo de trapo, quem sabe uma capa de chuva esfarrapada, como a que ela usava quando a viu outra vez, mais tarde, em Piccadilly, quando tudo começou a dar errado. Mas ela não estava nua: disso tinha quase certeza. Teria lembrado se ela estivesse nua, não teria?

— Ajudá-lo — repetiu ela.

— Ajudar a me livrar dele.

A mulher assentiu.

— Você gostaria que eu o ajudasse a se livrar da linhagem de Anansi.

— Eu só quero que ele vá embora e me deixe em paz. Não quero que você o machuque nem nada do tipo.

— Então prometa que vai me dar a linhagem de Anansi.

Fat Charlie estava parado na vasta planície acobreada, que, de algum modo ficava, ele sabia, no interior da caverna nas montanhas no fim do mundo, que, por sua vez, ficava dentro da sala de estar com cheiro de violetas da sra. Dunwiddy. Ele tentou entender o que era aquele pedido.

— Eu não posso lhe dar coisa alguma. Nem posso fazer promessas.

— Você quer que ele vá embora — explicou a mulher. — Diga. Meu tempo é precioso. — Ela cruzou os braços e o encarou com os olhos insanos. — Eu não tenho medo de Anansi.

Ele se lembrou da voz da sra. Dunwiddy.

— Hã... — começou Fat Charlie. — Eu não devo fazer promessas. E preciso pedir algo de igual valor. Quer dizer, tem que ser uma troca.

A mulher-pássaro pareceu irritada, mas assentiu.

— Então darei algo de igual valor em troca. Eu lhe dou minha palavra.

— Ela pôs a mão sobre a dele, como se estivesse entregando algo, então fechou os dedos dele e deu uma apertadinha. — Agora diga.

— Eu lhe dou a linhagem de Anansi — disse Fat Charlie.

— Como é bom — falou uma voz.

Com isso, ela se desfez em pedaços. Literalmente.

Onde antes havia uma mulher, agora estava um bando de aves, levantando voo como se espantados por um tiro, avançando em direções diferentes. Logo o céu se encheu de aves, mais do que Fat Charlie poderia imaginar, aves marrons e negras, mergulhando e cruzando o firmamento, avançando como uma nuvem de fumaça negra mais vasta que a mente podia conceber, uma nuvem de mosquitos do tamanho do mundo.

— Você vai dar um sumiço nele? — perguntou Fat Charlie, gritando para o céu leitoso já escurecendo. As aves começaram a se movimentar.

Cada uma se movia apenas um pouco, sem nunca parar de voar, mas de repente Fat Charlie percebeu que encarava um rosto no céu, um rosto formado pelas aves em movimento. Era muito grande.

O rosto disse seu nome em meio aos gritos, pios e chamados de milhares, milhares e mais milhares de aves, e os lábios do tamanho de arranha-céus formaram as palavras lá no alto.

O rosto se dissolveu em caos e loucura quando as aves em formação desceram daquele céu pálido, dando um mergulho direto em sua direção. Fat Charlie cobriu o rosto com as mãos, tentando se proteger.

O golpe atingiu sua bochecha de repente, bem forte. Por um instante, ele acreditou ser possível que uma das aves o tivesse acertado, rasgando seu rosto com o bico ou as garras. Aí viu onde estava.

— Não precisa bater de novo! — exclamou. — Está tudo bem. Não precisa me bater!

Na mesa, os pinguins estavam derretendo e virando tocos. As cabeças e os ombros não existiam mais. Agora as chamas queimavam acima das bolhas disformes de branco e preto que antes eram as barrigas, e os pés estavam mergulhados em poças de cera escura solidificada. Três velhas o encaravam com atenção.

A srta. Noles jogou o conteúdo de um copo d'água em seu rosto.

— A senhora também não precisava fazer isso — reclamou Fat Charlie. — Estou aqui, não estou?

A sra. Dunwiddy entrou na sala segurando um vidrinho marrom e ostentando um ar triunfante.

— Amônia, para acordá-lo — anunciou. — Sabia que tinha um pouco em algum lugar. Comprei mais ou menos em... Hã, 1977 ou 1978. Não sei se ainda está boa. — Ela olhou para Fat Charlie, depois franziu a testa. — Ele acordou. Quem o acordou?

— O rapaz não estava respirando — explicou a sra. Bustamonte. — Então dei um tapa nele.

— E eu joguei água — completou a srta. Noles. — O que o ajudou a terminar de acordar.

— Não preciso cheirar amônia — disse Fat Charlie. — Já estou encharcado e dolorido.

Mas as mãos idosas da sra. Dunwiddy já tinham removido a tampa do vidrinho e o empurravam para o nariz de Fat Charlie. Ele inspirou enquanto recuava, inalando uma onda de amônia. Sentiu os olhos lacrimejarem, parecia que tinha levado um soco no nariz. Começou a suar e ficou com coriza.

— Pronto — disse a sra. Dunwiddy. — Está se sentindo melhor, agora?

— Que horas são? — perguntou Fat Charlie.

— São quase cinco da manhã — respondeu a sra. Higgler. Ela tomou um gole de café da caneca gigante. — Estávamos preocupadas com você. É

melhor nos contar o que aconteceu.

Fat Charlie tentou lembrar. Não que os acontecimentos tivessem evaporado, como acontece com sonhos, era mais como se a experiência das últimas horas tivesse acontecido com outra pessoa, alguém que não fosse ele, e Fat Charlie precisasse dar um jeito de entrar em contato com essa pessoa, fazendo uso de uma forma de telepatia que nunca praticara. Sua mente estava numa grande confusão, a realidade mágica e tecnicolor daquele outro lugar se dissolvia, voltando aos tons sépia da realidade.

— Tinha umas cavernas. Eu pedi ajuda. Havia também um monte de animais. Animais que eram pessoas. Nenhum deles queria ajudar. Todos tinham medo do meu pai. Então veio uma e disse que ia ajudar.

— Uma? — repetiu a sra. Bustamonte.

— Algumas criaturas eram homens, outras, mulheres — explicou Fat Charlie. — Essa era mulher.

— Você sabe o que ela era? Crocodilo? Hiena? Camundongo?

Ele deu de ombros.

— Eu podia ter lembrado, antes de as pessoas começarem a me bater e jogar água em mim. E a botar coisas no meu nariz. Isso faz as memórias fugirem.

A sra. Dunwiddy perguntou:

— Você se lembra do que eu falei? Não dar nada? Apenas trocar?

— Sim — respondeu ele, vagamente orgulhoso de si mesmo. — Sim. Tinha um macaco que queria que eu desse coisas a ele, e eu disse não. Olha, acho que preciso de uma bebida.

A sra. Bustamonte pegou um copo de alguma coisa que estava em cima da mesa.

— Achamos que você fosse precisar de uma bebida. Por isso demos uma peneirada no xerez. Pode ser que tenha umas ervas aí dentro, mas nada demais.

Ele estava com os punhos cerrados sobre o colo. Abriu a mão direita para pegar o copo oferecido pela velha senhora. Então parou e ficou olhando.

— O quê? — perguntou a sra. Dunwiddy. — O que foi?

Na palma de sua mão, preta, esmagada e disforme, havia uma pena. Então Fat Charlie lembrou. Ele se lembrou de tudo.

— Foi a mulher-pássaro.

★ ★ ★

O dia começava a amanhecer, cinzento, quando Fat Charlie entrou no banco do carona da perua da sra. Higgler.

— Tá com sono? — perguntou ela.

— Não muito. Só me sinto estranho.

— Aonde quer que eu leve você? Minha casa? A casa do seu pai? Um motel?

— Não sei.

Ela engatou a marcha e fez o carro sair para a rua.

— Aonde vamos?

A mulher não respondeu. Bebeu um pouco de café da megacaneca e disse:

— Talvez o que fizemos esta noite tenha sido o certo, talvez não. Às vezes, os problemas familiares devem ser deixados para a própria família resolver. Você e seu irmão. Os dois são muito parecidos. Acho que é por isso que brigam tanto.

— Imagino que essa seja uma interpretação obscura da palavra “parecido”, ainda da época dos colonizadores, que na verdade significa “não tem a menor semelhança”, certo?

— Não venha com esse seu humor britânico para cima de mim. Sei do que estou falando. Você, ele, os dois são farinha do mesmo saco. Lembro-me do seu pai dizendo: “Callyanne, meus filhos, os dois são mais burros que...” Sabe, não importa o que ele disse, a questão é que ele falou isso sobre os dois. — Uma ideia passou pela cabeça dela. — Ei. Quando você foi ao lugar onde ficam os deuses antigos, por acaso viu seu pai?

— Acho que não. Eu me lembraria.

A sra. Higgler assentiu e não disse nada, só continuou a dirigir.

Ela estacionou o carro, e os dois desceram.

Estava frio no amanhecer da Flórida. O Memorial Jardim do Repouso parecia saído de um filme: uma névoa baixa deixava tudo meio embaçado. A sra. Higgler abriu o pequeno portão, e eles caminharam pelo cemitério.

Antes havia apenas terra fresca enchendo a cova do pai, mas a grama crescera. Na cabeceira do túmulo, também havia uma placa de metal com um vaso, de metal, embutido. No vaso havia uma rosa amarela solitária.

— Que Deus tenha piedade do pecador nesta cova — recitou a sra. Higgler, emotiva. — Amém, amém, amém.

Eles tinham plateia: as duas garças de cabeça vermelha que Fat Charlie vira na visita anterior caminhavam na direção deles, as cabeças oscilando para frente e para trás, como dois aristocratas visitando uma prisão.

— Xô! — ralhou a sra. Higgler.

As aves a encararam sem muita curiosidade e não se afastaram.

Uma delas enfiou a cabeça na grama e a levantou com um lagarto se debatendo no bico. Uma sacudida e uma engolida depois, o lagarto virou uma saliência no pescoço da ave.

O coral do amanhecer estava começando: melros, corrupeções e tordos cantavam o dia na mata atrás do Memorial Jardim do Repouso.

— Vai ser bom voltar para casa — comentou Fat Charlie. — Com alguma sorte a mulher-pássaro já vai ter feito Spider ir embora quando eu

chegar. Aí tudo vai estar bem. Posso resolver as coisas com Rosie.

Fat Charlie foi tomado por um otimismo tranquilo. Aquele seria um bom dia.

★ ★ ★

Nas histórias antigas, Anansi vive em sua casa, igualzinho a você ou eu. É claro que é ganancioso, voluptuoso, trapaceiro e muito mentiroso. Mas tem bom coração, muita sorte e, às vezes, é até honesto. Às vezes faz coisas boas, às vezes faz coisas ruins. Mas nunca é mau. Na maior parte das vezes, toma-se o partido de Anansi. Isso porque é ele que possui todas as histórias. Mawu lhe deu as histórias ainda no começo dos tempos. Tirou-as do Tigre e as deu a Anansi, que tece as mais belas teias.

Nas histórias, Anansi é uma aranha, mas também é um homem. Não é difícil imaginar as duas coisas ao mesmo tempo. Até uma criança consegue.

As histórias de Anansi são contadas por avós e tias na África Ocidental, e também por todo o Caribe e em todo o mundo. As histórias chegaram aos livros infantis: o velho Anansi grande e sorridente aparece pregando peças engraçadas em todo mundo. O problema é que avós, tias e autores de livros infantis costumam deixar algumas coisas de fora. Algumas histórias não são muito apropriadas para criancinhas.

Esta é uma das histórias que não são contadas para as crianças pequenas. Eu a chamo de:

ANANSI E A AVE

Anansi não gostava da Ave porque ela comia muitas coisas quando estava com fome, e uma das coisas que a Ave comia eram aranhas. E a Ave estava sempre com fome.

Eles costumavam ser amigos, mas não eram mais.

Certo dia, durante uma caminhada, Anansi viu um buraco no chão e teve uma ideia.

Ele enfiou um monte de madeira no fundo do buraco, acendeu uma fogueira, botou uma panela por cima e encheu com raízes e ervas. Então começou a correr ao redor da panela, correndo e dançando, berrando e gritando, anunciando para todos:

— Eu me sinto bem. Eu me sinto *muuuuito* bem. Minha nossa, todas as minhas dores e mazelas sumiram, nunca me senti tão bem em toda a minha vida.

A Ave escutou a barulheira. Ela desceu dos céus bem depressa para ver do que se tratava toda aquela confusão. E perguntou:

— O que é isso que você está cantando? Por que está agindo como doido, Anansi?

Ele cantarolou em resposta:

— Eu estava com dor no pescoço, mas passou. Estava com dor na barriga, e não estou mais. Minhas juntas estalavam, mas agora estou tão flexível quanto uma palmeira, tão liso quanto a Cobra depois de trocar de pele. Tenho felicidade e energia para dar e vender. E a partir de agora serei perfeito, pois sei o segredo pra isso, e mais ninguém sabe.

— Que segredo? — perguntou a Ave.

— O segredo é meu — respondeu Anansi. — Todos vão ter que me dar suas coisas favoritas, suas coisas mais preciosas, só para aprender meu segredo. Viva! Oba! Eu me sinto tão bem!

A Ave deu um pulinho mais para perto e inclinou a cabeça para o lado. Então perguntou:

— Posso aprender esse segredo?

Anansi olhou para a Ave com desconfiança, então se posicionou em frente à panela enfiada no buraco, cuja água estava borbulhando.

— Acho que não — respondeu Anansi. — Talvez não tenha o suficiente para ficar espalhando. Deixe para lá.

A Ave retrucou:

— Bem, Anansi, sei que nem sempre fomos amigos. Mas vou lhe dizer uma coisa. Se você compartilhar esse segredo comigo, juro que ave nenhuma vai comer aranhas outra vez. Seremos amigos até o fim dos tempos.

Anansi coçou o queixo e balançou a cabeça.

— É um segredo grande e poderoso saber como deixar as pessoas outra vez jovens, ativas, vigorosas e livres da dor.

A Ave ajeitou as penas com o bico. Então disse:

— Ah, Anansi, você com certeza sabe que sempre o achei um homem muito bonito. Porque não nos deitamos juntos ao lado da estrada por um tempo? Tenho certeza de que posso fazê-lo esquecer todas essas reservas quanto a revelar esse segredo para mim.

Então eles se deitaram ao lado da estrada e começaram a se beijar, a se abraçar, a rir e a se divertir. Depois que Anansi conseguiu o que queria, a Ave perguntou:

— Então, Anansi, e o segredo?

— Bem, eu não ia contar a ninguém. Mas vou contar a você. É um banho de ervas, bem aqui nesse buraco. Veja, vou jogar essas folhas e essas raízes na água. Bem, qualquer um que tomar esse banho vai viver para sempre e sem sentir dor. Eu tomei, agora estou tão cheio de energia quanto um cabrito. Mas acho que não devo deixar mais ninguém tomar.

A Ave olhou para a água borbulhante e, mais do que depressa, mergulhou na panela.

— Está quente demais, Anansi — reclamou ela.

— O calor é bom para as ervas soltarem as coisas boas — explicou Anansi.

Então ele cobriu a panela com a tampa. Era uma tampa pesada, e Anansi colocou uma pedra no topo, para deixá-la ainda mais pesada.

Bam! Bam! Bam! fazem as batidas de lá de dentro.

— Se eu deixá-la sair agora, todo o efeito do banho borbulhante vai se desfazer — gritou Anansi. — Você precisa relaxar aí dentro, sintase cada vez mais saudável.

Mas a Ave não devia ter ouvido, porque as batidas e empurrões vindos do interior da panela continuaram por mais um tempo. Então pararam.

Naquela noite, Anansi e sua família comeram uma deliciosa sopa de Ave, servida junto com Ave cozida. Passaram muitos dias sem sentir fome.

Desde então, as aves comem aranhas sempre que têm a oportunidade, e as aranhas e as aves nunca mais voltaram a ser amigos.

Há outra versão dessa história em que também convencem Anansi a entrar na panela. As histórias são todas de Anansi, mas ele nem sempre leva a melhor.

CAPÍTULO

OITO

NO QUAL
UM BULE
DE CAFÉ
ACABA SENDO
BASTANTE
ÚTIL

SE TINHA ALGUMA coisa obrigando Spider a ir embora, ele não sabia o que era. Pelo contrário, Spider estava se divertindo horrores vivendo a vida de Fat Charlie. Estava se divertindo tanto fingindo que era o irmão que começou a se perguntar por que não fazia aquilo havia mais tempo. Era mais divertido que pentear macaco.★

A parte de ser Fat Charlie que Spider mais gostava era Rosie.

Até aquele momento, Spider via as mulheres mais ou menos como substituíveis. A ideia era sequer dizer seu nome real, além de, é claro, dar um endereço que não valesse por mais do que uma semana. Não dar qualquer coisa além de um número de celular pré-pago. Mulheres eram divertidas e decorativas, acessórios sensacionais, mas sempre havia mais delas. Eram como tigelas de goulash vindo em uma esteira rolante: quando você acabava com uma, bastava pegar a seguinte e jogar creme azedo por cima.

Mas Rosie...

Rosie era diferente.

Ele não saberia explicar por que ela era diferente. Já tentara, mas sem sucesso. Em parte era por causa de como ele se sentia quando estava com ela. Era como se, ao se ver aos olhos dela, ele se tornasse uma pessoa melhor por inteiro. Isso era parte da explicação.

Spider gostava de saber que Rosie sabia onde encontrá-lo. Isso lhe trazia conforto. Ele se deliciava em suas curvas macias, em como ela desejava o bem a todos, em seu jeito de sorrir. Não havia nada de errado com Rosie, além do tempo que tinha que passar longe dela e, é claro, como começava a

descobrir, a pequena questão da mãe de Rosie. Naquela noite em especial, enquanto Fat Charlie aguardava em um aeroporto a mais de seis mil quilômetros de distância, ainda no processo de ganhar um upgrade para a primeira classe, Spider estava no apartamento da mãe de Rosie, em Wimpole Street, descobrindo quem ela era da pior maneira possível.

Spider estava acostumado a alterar a realidade de leve, só um pouquinho, mas sempre tinha sido suficiente. Bastava mostrar à realidade quem é que mandava, e só. Tendo dito isso, ele nunca conhecera alguém que se apoiasse em sua própria realidade com tamanha firmeza quanto a mãe de Rosie.

— Quem é esse? — perguntou, com desconfiança, quando os dois entraram.

— Eu sou Fat Charlie Nancy — disse Spider.

— Por que ele está dizendo isso? — perguntou a mãe de Rosie. — Quem é ele?

— Eu sou Fat Charlie Nancy, seu futuro genro, e a senhora gosta muito de mim — disse Spider, com muita convicção.

A mãe de Rosie balançou a cabeça, piscou e o encarou.

— Você pode até ser Fat Charlie — respondeu ela, ainda em dúvida. — Mas não gosto de você.

— Bem — retrucou Spider —, mas devia. Eu sou muito simpático. Poucas pessoas são tão adoráveis quanto eu. Para ser sincero, não há limites para o quanto sou simpático. As pessoas se reúnem e fazem assembleias só para discutir o quanto gostam de mim. Ganhei vários prêmios, além de uma medalha de um pequeno país da América do Sul, tudo em tributo a quanto sou amado e à minha exuberância absoluta e sem limites. Não a trouxe comigo, claro. Guardo as medalhas na minha gaveta de meias.

A mãe de Rosie fungou. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas, fosse o que fosse, não gostava nem um pouco. Até aquele momento, pensava que já tinha conseguido entender quem Fat Charlie era muito bem. Admitia que talvez tivesse reagido de modo um pouco equivocado no início: acreditava que Rosie não teria se envolvido com Fat Charlie com tamanho entusiasmo se, após o primeiro encontro entre a mãe e namorado, a mãe não tivesse se expressado com tamanha veemência. *Ele é um mané*, dissera a mãe de Rosie, pois sentia o cheiro do medo como um tubarão farejando sangue do outro lado de uma baía. Mas não conseguira convencer Rosie a largá-lo, e agora sua principal estratégia envolvia assumir o controle dos planos do casamento, de forma a deixar Fat Charlie tão infeliz quanto possível, e contemplar as estatísticas de divórcio com certo sorriso de satisfação.

Mas agora algo diferente estava acontecendo, e ela não estava gostando nem um pouco. Fat Charlie não era mais um cara grande e vulnerável. Essa nova criatura parecia astuta e a deixava confusa.

Enquanto isso, Spider estava tendo trabalho.

A maioria das pessoas não repara nas outras. Mas a mãe de Rosie reparava. Ela percebia cada detalhe. Ela estava bebericando água quente de uma xícara de porcelana de ossos. A mulher sabia que acabara de perder uma batalha, mesmo se não soubesse dizer como ou muito menos pelo que estava batalhando. Portanto, moveu o ataque seguinte para uma posição mais elevada.

— Charles, querido, fale mais sobre sua prima, Daisy. Estou com medo de que sua família não tenha tantos representantes. Gostaria que ela tivesse um papel maior na festa de casamento?

— Quem?

— Daisy — respondeu a mãe de Rosie, em uma voz doce. — A moça que conheci em sua casa no outro dia. Estava andando para cima e para baixo quase sem roupa. Se é que ela era sua *prima*, claro.

— Mãe! Se Charlie disse que era prima...

— Deixe que ele mesmo se defenda, Rosie — interrompeu a mãe, tomando outro gole de água quente.

— Certo — disse Spider. — Daisy.

Ele fez a mente voltar à noite de vinho, mulheres e música: levava a mulher mais bonita e engraçada de volta para o apartamento, logo depois de dizer que a ideia tinha sido dela, e precisou de sua ajuda para subir as escadas com o volume semiconsciente de Fat Charlie. Como já tinha aproveitado as atenções de várias mulheres ao longo da noite, levava a baixinha divertida para casa da mesma forma que alguém separa um chocolate com menta para depois do jantar. Mas aí descobriu, ao chegar em casa e botar um Fat Charlie limpo na cama, que não estava mais a fim. Aquela Daisy.

— A minha querida e adorável priminha — continuou, sem fazer pausa. — Tenho certeza de que ela vai adorar se envolver no casamento, se estiver no país. É uma pena, mas ela trabalha na embaixada. Está sempre viajando. Um dia está aqui e, no outro, está entregando um documento confidencial em Murmansk.

— Você não tem o endereço dela? Nem o telefone?

— Eu e a senhora vamos procurar juntos — concordou Spider. — Mundo afora. Ela vive indo de um lado para o outro.

— Então — insistiu a mãe de Rosie, assim como Alexandre, o Grande, ordenaria o saque e a pilhagem de uma pequena aldeia persa. — Da próxima vez em que ela estiver no país, você precisa convidá-la para vir aqui. Eu a achei uma graça, e tenho certeza de que Rosie vai adorar conhecê-la.

— Claro — respondeu Spider. — Eu vou, sim. Vou mesmo.

Toda pessoa que já existiu, existe ou existirá tem uma canção. Não é uma canção que alguém escreveu. Tem melodia própria, tem palavras próprias. Pouquíssimas pessoas chegam a cantar a própria canção. A maioria teme que sua voz não faça justiça a ela, ou que as palavras sejam tolas, honestas ou estranhas demais. É por essa razão que as pessoas optam por, em vez disso, viver suas canções.

Veja Daisy, por exemplo. A canção dela, que durante a maior parte de sua vida não saía da cabeça, tinha um ritmo que era uma espécie de marcha reconfortante, cheia de palavras sobre proteger os fracos e um refrão que começava com “Malfeitores, cuidado!”, por isso era boba demais para ser cantada em voz alta. Mas, às vezes, Daisy a cantarolava baixinho no chuveiro, enquanto se ensaboava.

E isso é, mais ou menos, tudo o que é preciso saber sobre Daisy. No mais, são apenas detalhes.

O pai dela nascera em Hong Kong. A mãe vinha da Etiópia, de uma família rica de exportadores de tapete que tinha uma casa em Adis Abeba, além de outra casa e algumas terras perto de Mazret. Os pais de Daisy se conheceram em Cambridge — ele estudava computação, muito antes de esta ser considerada uma boa escolha de carreira, e ela devorava química molecular e direito internacional. Eram dois jovens ao mesmo tempo estudiosos, tímidos por natureza e quase sempre deslocados. Os dois sentiam saudades de casa, mas por motivos muito diferentes. No entanto, ambos jogavam xadrez, e se conheceram em uma quarta-feira à tarde, no clube de xadrez. Como eram novatos, foram encorajados a jogar juntos, e, durante a primeira partida, a mãe de Daisy derrotou o pai com folga.

Ele ficou incomodado com aquilo, o suficiente para pedir uma revanche — ainda que de forma bem tímida — na quarta-feira seguinte, e em todas as quartas-feiras sucessivas depois disso (com a exceção das férias e dos feriados) pelos dois anos seguintes.

A interação social dos dois aumentava à medida que suas habilidades e o inglês dela melhoravam. Juntos, eles uniram as mãos, formando parte de uma corrente humana, e protestaram contra a chegada de caminhões carregados de mísseis. Juntos, embora parte de um grupo muito maior, viajaram até Barcelona para protestar contra a onda irrefreável do capitalismo internacional e para deixar registrado seu protesto contra a hegemonia das grandes corporações. Essa também foi a época em que tiveram a experiência de receber um spray de gás lacrimogênio lançado pelas autoridades, e o sr. Day torceu o pulso quando foi empurrado para fora do caminho pela polícia espanhola.

E então, em uma quarta-feira, no início do terceiro ano em Cambridge, o pai de Daisy venceu a mãe de Daisy no xadrez. Ele ficou tão contente, tão exultante e triunfante que, reforçado e encorajado pela conquista, fez o

pedido de casamento. E a mãe de Daisy, que temia que, assim que vencesse uma partida, aquele homem perdesse o interesse nela, disse sim, é claro.

Eles ficaram na Inglaterra, permaneceram na universidade e tiveram apenas uma filha, que chamaram de Daisy, porque na época tinham (e para posterior diversão da filha, realmente usavam) uma *tandem* — uma bicicleta para duas pessoas, como na música “Daisy Bell”. Eles foram de universidade em universidade, passando por toda a Grã-Bretanha: ele dava aula de ciências da computação, e a esposa escrevia livros que ninguém queria ler, que eram sobre a hegemonia das corporações multinacionais, e livros que as pessoas queriam ler, que, por sua vez, eram sobre xadrez, suas estratégias e sua história. E assim, em um ano bom, ela ganhava mais dinheiro que ele, o que nunca era muito. O envolvimento do casal em política diminuiu à medida que envelheceram, e, ao se aproximarem da meia-idade, tinham se transformado em um casal feliz, sem interesses além do cônjuge, xadrez, Daisy e a reconstrução e depuração de sistemas operacionais esquecidos.

Nenhum dos dois entendia Daisy. Nem um pouquinho.

Achavam que a culpa era deles, que não tinham acabado com o fascínio da filha pela força policial assim que esse começou a se manifestar, mais ou menos na mesma época em que ela começou a falar. Daisy apontava para carros da polícia com a mesma animação que outras menininhas apontavam para pôneis. Seu aniversário de sete anos foi uma festa a fantasia, para que ela pudesse usar seu uniforme de policial. Ainda havia fotos guardadas em uma caixa no sótão da casa dos pais, o rosto da menina cheio da alegria perfeita de uma criança de sete anos diante da visão de seu bolo de aniversário: sete velas cintilando com uma luz azul piscante.

Daisy foi uma adolescente alegre, inteligente e aplicada, e deixou os pais muito felizes quando foi para a Universidade de Londres estudar direito e computação. O pai desejava que ela se tornasse professora de direito, a mãe acalentava sonhos de ver a filha abraçar a toga, talvez até se tornar juíza e usar a lei para esmagar as hegemonias das corporações, sempre que elas viessem à tona. E Daisy foi lá e estragou tudo ao prestar concurso para a polícia. A força policial a recebeu de braços abertos: por um lado, havia a diretriz de aumentar a diversidade do quadro de funcionários, por outro, crimes de informática e fraudes relacionadas a computação estavam cada vez mais frequentes. Eles precisavam de Daisy. Para falar a verdade, precisavam de um monte de Daisys.

Àquela altura, quatro anos depois, seria justo dizer que a carreira na força policial deixara a desejar para Daisy. Apesar de seus pais a terem alertado repetidas vezes, não era que a força policial fosse um monólito institucionalmente racista e sexista que esmagaria sua individualidade até transformá-la em alguma coisa uniforme que destruiria sua alma, que a tornaria tão alienada e parte de uma sociedade medíocre quanto café instantâneo. Não, a parte frustrante era fazer os outros tiras entenderem que

ela era um deles. Daisy tinha chegado à conclusão de que, para a maioria dos tiras, o trabalho policial era algo que faziam para proteger a classe média dos indivíduos assustadores oriundos do extrato social errado, que só deviam estar por perto para roubar alguns telefones celulares. Para ela, era bem diferente. Daisy sabia que, de um quarto na Alemanha, um garoto qualquer poderia criar um vírus capaz de fazer parar um hospital, causando mais dano do que uma bomba. Em sua opinião, os verdadeiros vilões da atualidade entendiam de sites de FTP, encriptação de alto nível e celulares pré-pagos descartáveis. Ela não tinha certeza se o lado do bem entendia isso.

Daisy tomou um gole do café de um copo plástico e fez uma careta. Enquanto passava de tela em tela, o café esfriara.

Ela tinha revisado toda a informação que Grahame Coats lhe entregara. Com certeza havia evidências o bastante para acreditar que algo estava errado — no mínimo, havia indícios de que, na semana anterior, Charles Nancy fizera um cheque de duas mil libras para si mesmo.

Só que... só que ela estava com um mau pressentimento.

Ela atravessou o corredor e bateu à porta do superintendente.

— Entre!

Camberwell fumara seu cachimbo sentado à mesa por trinta anos, até que o prédio instituíra uma política antifumo. Agora ele se virava com um pouco de massa de modelar, que enrolava, apertava, esmagava e furava com o dedo. O homem de cachimbo na boca era plácido, bem-humorado e, na opinião de seus subordinados, uma pessoa maravilhosa. O homem com massa de modelar na mão vivia tenso e de mau humor. Nos dias bons, ficava apenas um pouco rabugento.

— Que foi?

— O caso da Agência Grahame Coats.

— O que é que tem?

— Não tenho muita certeza.

— Não tem certeza do quê? O que há para não ter certeza?

— Bem, eu acho que deveria sair do caso.

O chefe não pareceu impressionado. Ela a encarou fixamente. Em cima da mesa, os dedos, sem serem vigiados, moldavam a massa de modelar azul no formato de um cachimbo.

— Por quê?

— Conheci o suspeito socialmente.

— E? Por acaso saiu de férias com ele? É avó dos netos dele? Ou o quê?

— Não. Eu o conheci uma noite dessas. E dormi na casa dele.

— Então está me dizendo que fizeram *aquilo*? — O homem soltou um suspiro profundo, que englobava partes iguais de cansaço, irritação e um desejo enorme de fumar um pouco de tabaco Condor.

— Não, senhor. Nada disso. Eu só dormi lá.

— E esse foi todo o seu envolvimento com ele?

— Sim, senhor.

Ele esmagou o cachimbo de massinha até voltar a ser uma bola disforme.

— Você sabe que está desperdiçando meu tempo, não sabe?

— Sim, senhor. Me desculpe, senhor.

— Vá fazer o que tem que fazer. Não me perturbe.

★ ★ ★

Maeve Livingstone subiu até o quinto andar de elevador, sozinha. A viagem longa e sacolejante deu a ela tempo suficiente para ensaiar o que diria a Grahame Coats, quando chegasse ao escritório.

Carregava uma pequena maleta marrom, que pertencera a Morris: um objeto bastante masculino. Vestia blusa branca, saia jeans azul, e, por cima de tudo, um casaco cinza. Tinha pernas bem compridas, pele bastante pálida, e cabelos que permaneciam, com um mínimo de assistência química, quase tão loiros quanto eram quando ela se casou com Morris Livingstone, vinte anos antes.

Amara muito Morris. Após a morte do marido, ela não o apagou da agenda do celular, nem mesmo depois de cancelar o número dele. Fora seu sobrinho quem tirara a foto de Morris que ela definira como contato no celular, e ela não queria perdê-la. Gostaria de poder ligar para Morris e pedir seu conselho.

Ela se anunciara no interfone, pedindo para liberarem sua entrada lá em baixo. Grahame Coats já estava a sua espera quando ela entrou na recepção.

— Ora, ora, como vai você, minha formosa dama? — perguntou ele.

— Precisamos conversar a sós, Grahame, agora mesmo.

Ele deu um sorrisinho malicioso. Por mais estranho que parecesse, muitas de suas fantasias começavam com Maeve dizendo algo bastante parecido, seguido de declarações como “Preciso de você, Grahame, agora mesmo”, ou “Grahame, eu fui uma menina muito, muito má. Preciso ser castigada”, e, em raras ocasiões, “Grahame, você é homem demais para uma mulher só, por isso deixe-me apresentar minha irmã gêmea idêntica e que está nua, Maeve II”.

Os dois entraram no escritório.

Maeve não disse nada sobre precisar de Grahame Coats ali mesmo, naquele instante, o que foi um pouco decepcionante, na opinião dele. A mulher nem tirou o casaco. Em vez disso, abriu a maleta e pegou uma pilha de papéis, que colocou em cima da escrivaninha.

— Grahame, por sugestão do gerente do meu banco, fiz uma auditoria independente de suas contas e extratos da última década. Desde a época em que Morris ainda estava vivo. Você pode olhar os resultados, se quiser. Os

números não batem. Nenhum deles. Achei que devia falar com você antes de ligar para a polícia. Senti que devia isso a você, em memória de Morris.

— E deve mesmo — concordou Grahame Coats, escorregadio como uma cobra em uma manteigueira. — Deve mesmo.

— E então?

Maeve Livingstone ergueu uma sobrancelha perfeita. A expressão em seu rosto não era tranquilizadora. Grahame Coats gostava mais dela em sua imaginação.

— Infelizmente, descobrimos que tivemos um funcionário desonesto na Agência Grahame Coats por um bom tempo, Maeve. Eu mesmo chamei a polícia, semana passada, quando percebi que havia algo errado. O braço da lei já está investigando a situação. Devido à natureza ilustre de vários clientes da Agência Grahame Coats, você entre eles, a polícia está agindo com o máximo de discrição possível. E quem pode culpá-los? — Ela não pareceu tão tranquilizada quanto ele esperara. Então tentou outra abordagem. — Os oficiais da lei têm grandes esperanças de recuperar boa parte, se não todo o dinheiro.

Maeve assentiu. Grahame Coats relaxou, mas apenas um pouco.

— Posso perguntar que funcionário foi esse?

— Charles Nancy. Tenho que admitir que confiava cegamente nele. Foi um grande choque.

— Ah. Ele é simpático.

— As aparências enganam.

Então ela sorriu, e foi um sorriso muito agradável.

— Não vai adiantar, Grahame. Isso está acontecendo há muito tempo. Desde muito antes de Charles Nancy começar a trabalhar aqui. Acho que até desde antes de mim. Morris confiava cegamente em você, e você o roubou. E está tentando incriminar um de seus funcionários. Ou talvez culpar um de seus cúmplices... Bem, não vai adiantar.

— Não — concordou Grahame Coats, pesaroso. — Me desculpe.

Ela pegou a pilha de papéis.

— Só por curiosidade: quanto você acha que roubou de Morris e de mim ao longo dos anos? Calculo que tenha sido uns três milhões de libras.

— Ah... — Ele não estava sorrindo. Com certeza tinha sido mais, mas mesmo assim... — Acho que foi mais ou menos isso.

Eles olharam um para o outro, e Grahame Coats fazia contas bem depressa. Precisava ganhar tempo. Era disso que precisava.

— E se... — sugeriu. — E se eu pagasse tudo em dinheiro, agora mesmo. Com juros. Digamos, cinquenta por cento sobre o valor em questão.

— Você está me oferecendo quatro milhões e meio de libras? Em dinheiro? E não teria problema?

Grahame Coats sorriu exatamente do mesmo modo que cobras prestes a dar o bote não costumam fazer.

— Claro que de jeito nenhum. Se você for à polícia, vou negar tudo e contratar advogados excelentes. Na pior das hipóteses, depois de um julgamento muito longo, no qual serei obrigado a denegrir o bom nome de Morris de todos os modos possíveis e imagináveis, serei condenado a passar no máximo de dez a doze anos na cadeia. Posso acabar cumprindo só cinco anos e sair por bom comportamento, e olha que serei um presidiário modelo. Considerando a superlotação das cadeias, passarei a maior parte da sentença em regime semiaberto, ou quem sabe em prisão domiciliar. Não acho muito problemático. Mas, por outro lado, garanto que, se você for à polícia, nunca receberá nem um centavo do dinheiro de Morris. A alternativa é ficar com a boca fechada, pegar todo o dinheiro de que precisa e um pouco mais, enquanto eu ganho tempo para... Para fazer a coisa certa. Se é que você me entende.

Maeve pensou a respeito.

— Eu *adoraria* ver você apodrecer na cadeia. — Então deu um suspiro e assentiu. — Está bem. Aceito o dinheiro. Nunca mais terei que vê-lo ou que lidar com você. Todos os futuros cheques de direitos autorais irão direto para mim. Algum problema com isso?

— Claro que de jeito nenhum. O cofre é por aqui — respondeu ele.

Havia uma estante na parede dos fundos, cheia de edições uniformes e encadernadas em couro, de Dickens, Thackeray, Trollope e Austen, todas não lidas. Ele puxou um livro, e a estante deslizou para o lado, revelando uma porta pintada para parecer a parede.

Maeve se perguntou se havia alguma senha para abrir o cofre, mas não, havia apenas uma pequena fechadura, que Grahame Coats destrancou com uma grande chave de latão. A porta se abriu.

Ele enfiou a mão lá dentro e acendeu a luz. Era um quarto estreito, os dois lados cobertos de prateleiras fixadas de modo um tanto amador. No fundo, havia um pequeno arquivo à prova de fogo.

— Você pode levar tudo em dinheiro, joias ou em uma combinação dos dois — explicou ele, sem rodeios. — Eu recomendaria essa última forma. Tem muito ouro antigo de qualidade, aqui. Super portátil.

Ele destrancou vários cofres e expôs os conteúdos. Anéis, correntes e pingentes brilhavam, reluziam e cintilavam.

Maeve ficou boquiaberta.

— Dê uma olhada.

A mulher passou por ele para entrar. Era uma caverna do tesouro.

Ela pegou um pingente de ouro preso a uma corrente, levantou-o na altura dos olhos e o encarou, maravilhada.

— Isso é lindo — disse. — Deve valer...

Maeve parou de repente. No ouro polido do medalhão, viu algo se mover atrás de si e se virou, então o martelo não a acertou bem no meio da

nuca, como era a intenção de Grahame Coats. Em vez disso, passou de raspão por seu rosto.

— Seu merda! — exclamou ela, dando um chute no homem.

A mulher tinha pernas definidas e um chute forte, mas ela e o agressor estavam próximos demais.

O pé de Maeve acertou a canela dele, e ela tentou tirar o martelo de suas mãos. Grahame Coats deu outro golpe, e dessa vez acertou. Maeve tombou para o lado. Seus olhos pareceram sair de foco. Ele a golpeou outra vez, bem no topo da cabeça, e outra, e outra, até que ela caiu no chão.

Grahame Coats desejou ter um revólver. Uma arma boa e confiável. Com silenciador, como nos filmes. Para falar a verdade, se tivesse passado por sua cabeça a ideia de matar alguém em seu próprio escritório, teria se preparado muito melhor para aquilo. Poderia ter até arranjado um pouco de veneno. O que teria sido sábio. Sem necessidade de toda aquela violência.

Na ponta do martelo, havia resquícios de sangue e de cabelo loiro. Ele o soltou com nojo, deu a volta na mulher caída e pegou os cofres com as joias. Derramou o conteúdo de todos em cima da escrivaninha e os devolveu ao cofre, onde pegou uma maleta contendo maços de notas de cem dólares e de quinhentos euros, além de um saquinho de veludo preto com muitos diamantes soltos. Grahame Coats removeu algumas pastas do arquivo. E, por último, mas — como ele teria observado — não menos importante, tirou do quarto secreto o pequeno nécessaire de couro com duas carteiras e dois passaportes.

Então empurrou a porta pesada até fechá-la e a trancou, depois moveu a estante de volta para o lugar.

Ficou ali parado, um pouco ofegante, até se recompor.

Considerando tudo que aconteceu, concluiu, estava bem orgulhoso de si mesmo. *Bom trabalho, Grahame.* Bom garoto. Bom espetáculo. Ele improvisara com o que tinha à mão, e fora muito bem-sucedido: blefara, fora ousado e criativo — disposto, como diria o poeta, a arriscar tudo em uma única cartada. Tinha arriscado e ganhara. Estava no comando do jogo. Um dia, em seu paraíso tropical, escreveria suas memórias, e as pessoas descobririam como ele conseguira vencer uma mulher perigosa. *Apesar de que, pensou, soaria melhor se ela estivesse segurando uma arma.*

Mas ele se deu conta, ao refletir sobre o assunto, que era *bem provável* que ela tivesse puxado uma arma. Tinha quase certeza de que a vira tentar pegá-la. Tinha sido muita sorte o martelo estar ali por perto, era muita sorte ter uma caixa de ferramentas no quartinho para momentos em que precisava fazer reparos, ou não teria sido capaz de agir em legítima defesa com tanta agilidade e eficiência.

Foi só então que pensou em trancar a porta principal do escritório.

Percebeu que havia sangue em sua camisa e na mão, além de na sola de um dos sapatos. Tirou a camisa e limpou o sapato com ela. Então jogou a

camisa na lata de lixo que ficava embaixo da escrivaninha. E se surpreendeu levando a mão à boca e usando a língua vermelha para lambar a gota de sangue que havia ali, como um gato.

Então bocejou. Pegou os papéis de Maeve de cima da mesa e os passou pela trituradora de papel. Havia uma cópia dos documentos na pasta, e ele também passou pela trituradora. Depois repicou o papel picado.

Havia um armário no canto do escritório, onde tinha um terno pendurado, camisas, meias e cuecas extras, entre outras coisas. Nunca dava para saber quando seria preciso ir a uma estreia direto do escritório, afinal. Ele tinha que estar preparado.

Grahame Coats se vestiu com cuidado.

Também havia uma pequena mala de rodinhas no armário, o tipo feito para ser deixada no compartimento superior de bagagens, na cabine de um avião. Ele botou coisas dentro dela, organizando-as para arrumar espaço.

Então ligou para a recepção.

— Annie, será que você pode dar uma saidinha e comprar um sanduíche para mim? Não, no Prêt, não. Pensei naquele do lugar novo, na Brewer Street. Estou finalizando as coisas com a sra. Livingstone. Pode ser que eu a leve para almoçar em algum lugar, mas é melhor estar prevenido.

Ele passou vários minutos na frente do computador, rodando o tipo de programa de limpeza de disco que pega a informação, escreve alguns zeros aleatórios por cima dela, depois a transforma em pedaços bem pequenos antes de, finalmente, depositá-la no fundo do Tâmbisa com pesos de concretos presos aos pés. Em seguida, foi até o corredor, puxando a mala de rodinha atrás de si.

Ele enfiou a cabeça em um escritório, pela abertura da porta.

— Vou dar uma saída rápida — anunciou. — Se alguém perguntar, volto por volta das três.

Annie não estava na recepção, o que ele achou que era uma coisa boa. As pessoas pensariam que Maeve Livingstone já tinha ido embora da Agência e ficariam esperando que Grahame Coats voltasse a qualquer momento. Quando comesçassem a procurá-lo, ele já estaria bem longe.

Grahame Coats desceu pelo elevador. *Tudo estava acontecendo cedo demais*, pensou. Ainda faltava mais de um ano para seu quinquagésimo aniversário. Mas os mecanismos de fuga já estavam preparados. Ele só precisava pensar naquilo como uma indenização extra pelo afastamento ou talvez como um bote salva-vidas.

Então, puxando a mala de rodinhas, ele saiu pela porta da frente, adentrando a manhã ensolarada da Aldwych Street, deixando para sempre a Agência Grahame Coats.

Spider tivera um sono muito tranquilo em sua cama enorme, no lugar que arrumara para si no quarto extra da casa de Fat Charlie. Tinha começado a se perguntar, de modo um tanto vago, se o irmão partira para sempre, e decidiu investigar a questão da próxima vez que pudesse se dar ao trabalho de fazer isso, a menos que algo mais interessante o distraísse, ou que ele esquecesse.

Tinha ido dormir tarde, e agora encontraria Rosie para almoçar. Ia buscá-la em seu apartamento, e os dois iriam a algum lugar agradável. Era um belo dia de início de outono, e a felicidade de Spider era contagiante. Isso porque ele era, mais ou menos, um deus. Quando se é um deus, suas emoções são contagiantes — outras pessoas podem captá-las. Se alguém ficasse perto de Spider em um dia em que ele estivesse feliz, a vida daquela pessoa pareceria um pouco mais alegre. Se ele cantarolava uma canção, outras pessoas ao redor começavam a cantarolar no mesmo tom, como se fosse um musical. Claro, se ele bocejasse, cem pessoas próximas bocejariam, e se ele estivesse infeliz, o sentimento se espalharia como névoa úmida sobe um rio, tornando o mundo ainda mais lúgubre para todos os afetados. Não era algo que ele fazia. Era algo que ele *era*.

Naquele momento, a única coisa que diminuía um pouco sua felicidade era o fato de ter decidido contar a verdade a Rosie.

Spider não era muito bom em dizer a verdade. Ele enxergava a verdade como fundamentalmente maleável, mais ou menos uma questão de opinião, e ele era capaz de emitir algumas opiniões bem impressionantes quando precisava.

Ser um impostor não era o problema. Ele gostava de ser um impostor. Era bom nisso. E isso se encaixava em seus planos, que eram bem simples e, até agora, podiam ser resumidos mais ou menos como: (A) ir a algum lugar; (B) se divertir; e (C) ir embora antes de ficar entediado. E, lá no fundo, ele sabia que era hora de ir embora. O mundo ia servir-lhe de lagosta, e ele já estava com guardanapo em volta do pescoço e tinha à disposição um pote de manteiga derretida e um conjunto de instrumentos e aparelhos horrendos — embora eficientes — para comer lagostas.

Só que...

Só que ele não queria ir.

Ele estava repensando tudo, algo que Spider achava bastante desconcertante. Em geral, ele sequer pensava sobre as coisas. A vida sem pensar fora perfeitamente agradável: instinto, impulso e uma quantidade obscena de sorte lhe tinham sido muito úteis até então. Mas até os milagres só podiam levá-lo até certo ponto. Spider desceu a rua e as pessoas sorriam para ele.

Combinara com Rosie de encontrá-la em seu apartamento, então teve uma surpresa agradável ao vê-la parada no fim da rua, esperando por ele. Sentiu uma pontada de algo que ainda não era totalmente culpa e acenou.

— Rosie? Ei!

Ela veio em sua direção, e ele começou a sorrir. Os dois iam encontrar uma solução para aquilo. Tudo se resolveria da melhor maneira possível. Tudo ficaria bem.

— Você está linda nessa roupa — comentou. — Mais do que linda. O que você está com vontade de comer?

Rosie sorriu e deu de ombros.

Os dois passaram por um restaurante grego.

— Que tal comida grega?

Ela assentiu. Os dois desceram alguns degraus e entraram no restaurante. O lugar tinha acabado de abrir, e estava escuro e vazio. O dono levou para um cantinho nos fundos, um lugar que mal dava para ver da entrada.

Eles sentaram de frente um para o outro. A mesa só tinha lugar para dois.

— Tem uma coisa sobre a qual eu queria conversar com você — disse Spider. Rosie não respondeu. — Não é ruim — prosseguiu. — Também não é bom. Mas. Bem, é algo que você precisa saber.

O dono veio perguntar se já queriam fazer o pedido.

— Café — respondeu Spider, e Rosie assentiu, concordando. — Dois cafés. E, se der, gostaríamos de... hã... Uns cinco minutinhos? Preciso de um pouco de privacidade aqui.

O dono se retirou.

Rosie olhou para Spider, intrigada.

Ele respirou fundo.

— Certo. Está bem. Vou dizer de uma vez, porque não é fácil, e não sei se consigo... certo. Está bem. Veja bem... Eu não sou Fat Charlie. Sei que você acha que sou, mas não sou. Eu sou Spider, o irmão dele. Você acha que eu sou ele porque somos um pouco parecidos.

Ela não disse uma palavra.

— Bem, na verdade, eu não pareço muito com ele. Mas... Sabe, isso não é nem um pouco fácil. Está bem. Hã. Não consigo parar de pensar em você. Por isso, quer dizer, sei que você está noiva do meu irmão, mas estou meio que perguntando... Bem, o que você acha de, quem sabe, largá-lo e aí, quem sabe, ficar comigo.

Um bule de café chegou sobre uma bandeja de prata, junto com duas xícaras.

— Café grego — anunciou o proprietário, que trouxera a bandeja.

— Sim. Obrigado. Eu *tinha pedido* alguns minutos...

— Está muito quente — continuou o dono. — Café muito quente. Forte. Grego. Não turco.

— Isso é ótimo. Escute, se não se importa, cinco minutos. Por favor?

O proprietário deu de ombros e saiu andando.

— Você deve estar morrendo de ódio — comentou Spider. — Se eu fosse você, acho que também estaria. Mas estou falando sério. Mais sério do

que já falei em toda a vida. — Ela só olhava para ele, sem qualquer expressão. — Por favor. Diga alguma coisa. Qualquer coisa.

Os lábios dela se moveram, como se ela estivesse tentando encontrar as palavras certas.

Spider esperou.

Rosie abriu a boca.

A primeira coisa que ele pensou foi que Rosie estava comendo alguma coisa, porque o que viu entre os dentes era marrom e com toda certeza não era uma língua. Então a coisa moveu a cabeça, e olhos, vários olhinhos de contas negras, o encararam. Rosie escancarou a boca de um jeito absurdo, e as aves saíram.

— Rosie?

Então o ar ficou cheio de bicos, penas e garras. Uma atrás da outra, as aves jorravam da garganta dela, todas acompanhadas por um ruído baixo, um misto de tosse e engasgo. O fluxo era dirigido a ele.

Spider ergueu os braços para proteger os olhos, e algo machucou seu pulso. Ele sacudiu a mão, e algo voou na direção de seu rosto, indo direto para os olhos. Ele moveu a cabeça para trás, e um bico perfurou sua bochecha.

Houve um momento de clareza horripilante: ainda havia uma mulher sentada diante dele. O que ele não conseguia entender era como podia tê-la confundido com Rosie. Para começar, ela era mais velha e tinha cabelo negro azulado com mechas grisalhas. A pele não era do mesmo moreno quente da pele de Rosie, e sim negra como obsidiana. Estava usando uma capa de chuva marrom esfarrapada. Ela sorriu e abriu bem a boca outra vez, e lá dentro Spider pôde ver os bicos cruéis e olhos insanos de gaivotas...

Spider não parou para pensar. Ele agiu. Segurou a asa do bule e o puxou para si com uma das mãos, enquanto a outra retirava a tampa. Em seguida, jogou-o na direção da mulher diante dele. O conteúdo do bule, um café negro, escaldante de quente, caiu todo em cima dela.

Ela urrou de dor.

Os pássaros se batiam e debatiam pelo restaurante no subsolo, mas agora não havia mais ninguém sentado diante dele, e os animais voavam sem rumo, batendo-se nas paredes.

O proprietário disse:

— Senhor? Está ferido? Sinto muito. Eles devem ter vindo da rua.

— Estou bem — respondeu Spider.

— Seu rosto está sangrando.

Ele entregou um guardanapo a Spider, que o apertou no rosto. O corte doía.

Spider se ofereceu para ajudar o proprietário a espantar os pássaros. Ele abriu a porta para a rua, mas o lugar estava tão sem animais como quando antes de ele chegar.

Ele pegou uma nota de cinco libras.
— Aqui — disse. — Pelo café. Preciso ir.
O proprietário assentiu, agradecido.
— Pode ficar com o guardanapo.
Spider parou e pensou.
— Quando eu entrei, por acaso estava com uma mulher?
O proprietário pareceu intrigado, talvez até assustado, Spider não tinha certeza.
— Não me lembro — confessou, como se estivesse confuso. — Se o senhor estivesse sozinho, eu não o teria acomodado naquela mesa. Mas não sei.
Spider voltou para a rua. O dia ainda estava claro, mas a luz do sol não era mais reconfortante. Ele olhou ao redor. Viu um pombo, ciscando e bicando uma casquinha de sorvete, além de um pardal no batente de uma janela, e, bem lá no alto, apenas um brilho branco à luz do sol: uma gaivota voava em círculo, as asas estendidas.

★ Alguns anos antes, Spider ficara muito decepcionado ao tentar pentear macacos. Eles não reagiam de uma forma que Spider considerasse especialmente divertida, a não ser por emitir ruídos interessantes. Quando os ruídos cessaram e os macacos pararam de reagir — exceto, talvez, a nível orgânico —, ele teve que se livrar dos macacos e do pente na calada da noite.

CAPÍTULO

NOVE

NO QUAL
FAT CHARLIE
ATENDE À PORTA
E SPIDER
ENCONTRA
FLAMINGOS

A sorte de Fat Charlie estava mudando. Ele podia sentir. O voo que marcara para voltar a Londres estava lotado, e ele recebera um upgrade para a primeira classe. A refeição fora excelente. Enquanto sobrevoavam o Atlântico, uma comissária de bordo se aproximou e lhe informou que ele tinha ganhado uma caixa de chocolates de cortesia. Fat Charlie guardou a caixa no bagageiro e pediu uma dose de uísque com gelo.

Ia chegar em casa. Ia resolver tudo com Grahame Coats. Afinal de contas, se havia uma coisa de que Fat Charlie tinha certeza, era da honestidade de seu próprio trabalho. Ia resolver a situação com Rosie. Tudo ia ficar simplesmente maravilhoso.

Ele ficou pensando se Spider já teria ido embora quando ele chegasse em casa ou se teria a satisfação de expulsá-lo. Torceu pela segunda opção. Fat Charlie queria ver o irmão se desculpar, talvez até implorar seu perdão. Começou a imaginar tudo o que iria dizer.

— Vá embora! — exclamou. — E leve junto esse sol, essa banheira e esse quarto!

— Perdão? — perguntou a comissária de bordo.

— Falando. Sozinho. Só isso. Hum.

Mas mesmo a vergonha que sentiu não foi tão ruim. Ele nem mesmo torceu para o avião cair e acabar com seu sofrimento. A vida com certeza parecia estar melhorando.

Abriu o pequeno kit de uso pessoal que recebera no avião, botou a máscara para dormir e reclinou completamente a poltrona, o que o deixou quase na horizontal. Pensou em Rosie, apesar da Rosie dos seus pensamentos não parar de se transformar em uma mulher menor, que na

verdade não estava usando muitas roupas. Sentindo-se culpado, imaginou-a vestida. Ficou mortificado ao notar que ela parecia estar com um uniforme da polícia. Sentiu-se horrível por pensar naquilo, e ralhou consigo mesmo, o que não pareceu adiantar de muita coisa. Ele deveria ter vergonha de si mesmo. Ah, deveria...

Fat Charlie se acomodou no assento e soltou um ronco baixo e satisfeito.

Ainda estava de ótimo humor quando aterrissou em Heathrow. Pegou o trem expresso para Paddington e ficou feliz ao notar que, em sua breve ausência da Inglaterra, o sol resolvera sair.

Every little thing is going to be all right, cantarolou para si mesmo.

O único detalhe esquisito, e que lhe rendeu uma sensação ruim naquela manhã, ocorreu na metade da viagem de trem. Estava olhando pela janela, pensando que devia ter comprado um jornal em Heathrow. O trem passava por uma grande área gramada, talvez os campos esportivos de uma escola, quando o céu pareceu escurecer de repente, e, com o guincho dos freios, o trem parou em um sinal.

Isso não incomodou Fat Charlie. Era outono na Inglaterra: o sol, por definição, só aparecia quando não estava nublado ou chovendo. Mas havia uma pessoa parada na beira do gramado, perto de um aglomerado de árvores.

À primeira vista, achou que fosse um espantalho.

Que bobagem. Não podia ser um espantalho. Só se via espantalhos em plantações, não em campos de futebol. Espantalhos com certeza não são deixados perto de bosques. E, bem, se fosse mesmo um espantalho, estava fazendo um péssimo trabalho.

Afinal, havia grandes corvos negros por toda parte.

E então a coisa se mexeu. Estava longe demais para ser mais do que uma silhueta, uma figura indistinta usando uma capa de chuva marrom esfarrapada. Mesmo assim, Fat Charlie soube. Soube que se estivesse perto o suficiente teria visto um rosto esculpido em obsidiana, cabelos negros como as penas de um melro e olhos transbordando loucura.

Então o trem deu um tranco e começou a acelerar, e, em instantes, a mulher de capa de chuva marrom sumiu de vista.

Fat Charlie sentiu-se desconfortável. Àquela altura, tinha quase se convencido de que o que acontecera — o que *pensou* que acontecera na sala de estar da sra. Dunwiddy — não passara de uma alucinação, um sonho extremamente realista, com algum nível de verdade, mas não real. Não algo que acontecera de fato. Era, em vez disso, uma verdade superior, simbólica. Ele não podia ter realmente ido para aquele lugar nem feito um acordo de verdade, podia?

Afinal de contas, tudo não passava de uma metáfora.

Fat Charlie não se perguntou por que estava tão certo de que as coisas logo começariam a melhorar. Havia a realidade e a *realidade*, e algumas

coisas eram mais reais do que outras.

Cada vez mais rápido, o trem chacoalhava e invadia Londres.

★ ★ ★

Spider estava quase chegando em casa após deixar o restaurante grego, o guardanapo ainda na bochecha, quando alguém tocou seu ombro.

— Charles? — indagou Rosie.

Spider deu um pulo, ou pelo menos estremeceu, e soltou um ruído assustado.

— Charles? Você está bem? O que aconteceu com seu rosto?

Ele olhou fixamente para ela.

— Você é mesmo você? — perguntou.

— O quê?

— Você é mesmo a Rosie?

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que sou eu. O que aconteceu com seu rosto?

Ele pressionou o guardanapo na bochecha.

— Me cortei — explicou.

— Posso ver? — Ela afastou a mão dele. O centro do guardanapo branco tinha uma mancha vermelha, como se sangue tivesse jorrado nele, mas o rosto estava inteiro e intocado. — Não tem nada aí.

— Ah...

— Charles? Você está bem?

— Estou. É. Mais ou menos. Acho que devíamos ir para a minha casa. Vou me sentir mais seguro lá.

— Nós íamos almoçar — argumentou Rosie, no tom de voz de uma pessoa que só vai entender o que realmente está acontecendo quando um apresentador de TV surgir de repente e revelar as câmeras escondidas.

— É. Eu sei. Mas acho que alguém tentou me matar. E se passou por você.

— Ninguém está tentando matar você — afirmou Rosie, falhando em não soar condescendente.

— Mesmo que ninguém esteja querendo me matar, podemos esquecer o almoço e ir para minha casa? Tem comida lá.

— Claro.

Rosie o seguiu pela rua, se perguntando quando foi que Fat Charlie perdeu todo aquele peso. *Ele é tão bonito*, pensou. *Muito bonito*. Entraram na Maxwell Gardens em silêncio.

Ele disse:

— Olha só.

— O quê?

E mostrou a ela.

A mancha de sangue-vivo tinha desaparecido do guardanapo. Ele agora estava perfeitamente branco.

— É um truque de mágica?

— Se é, não fui eu quem fiz. Pelo menos dessa vez.

Ele jogou o guardanapo em uma lata de lixo. Ao fazer isso, um táxi parou diante da casa de Fat Charlie, e Fat Charlie desembarcou, amarrotado, piscando e carregando um saco plástico.

Rosie olhou para Fat Charlie. Olhou para Spider. Olhou de volta para Fat Charlie, que tinha aberto o saco e tirado uma caixa enorme de chocolate de lá.

— São para você — disse.

Rosie pegou os chocolates.

— Obrigada.

Havia dois homens, que eram e falavam de modo completamente diferente, e mesmo assim ela não conseguia identificar qual deles era seu noivo.

— Estou ficando louca, não estou? — perguntou, com a voz tensa.

Agora parecia óbvio que havia algo errado. O mais magro dos dois Fat Charlies, o que tinha brinco, pôs a mão em seu ombro.

— Você precisa ir para casa e dormir um pouco. Quando acordar, terá esquecido tudo isso.

Bem, pensou ela. *Isso torna tudo mais fácil. É bom ter um plano.* Ela voltou a pé para seu apartamento, apressada, levando a caixa de chocolates.

— O que você fez? — perguntou Fat Charlie. — Parece que ela só trocou o canal em um rádio mental.

Spider deu de ombros.

— Eu não queria aborrecê-la.

— Por que não contou a verdade?

— Não me pareceu apropriado.

— Como se você soubesse o que é apropriado...

Spider tocou a porta da casa, e ela se abriu.

— Eu tenho a chave, sabia? — disse Fat Charlie. — É a porta da *minha* casa.

Eles atravessaram o corredor e subiram a escada.

— Onde você esteve? — perguntou Spider.

— Lugar nenhum — respondeu Fat Charlie, como um adolescente.

— Fui atacado por aves no restaurante esta manhã. Você sabe alguma coisa sobre isso? Sabe, não é?

— Na verdade, não. Talvez. Acho melhor você ir embora, só isso.

— Não faça nenhuma besteira — alertou Spider.

— Eu? *Eu* fazer uma besteira? Acho que tenho sido um modelo de moderação. Você surgiu na minha vida. Aborreceu meu chefe e botou a

polícia na minha cola. Você... você fica beijando minha noiva. Você ferrou a minha vida.

— Ei. Se quer saber, você já faz um belo trabalho ferrando a própria vida.

Fat Charlie cerrou os punhos e acertou o queixo do irmão, como nos filmes. Spider cambaleou para trás, mais surpreso que machucado. Ele levou a mão ao lábio, que estava sujo de sangue.

— Você me bateu — disse.

— E posso fazer de novo — afirmou Fat Charlie, mas não estava muito certo disso. Sua mão doía.

— Ah, é?

E Spider se lançou sobre o irmão, atacando-o com os punhos. Fat Charlie caiu, mas agarrou o outro pela cintura, derrubando-o junto.

Eles rolaram de um lado para outro pelo corredor, entre socos e investidas. Fat Charlie meio que esperava que Spider lançasse algum tipo de contra-ataque mágico ou que tivesse uma força sobrenatural, mas os dois pareciam estar no mesmo nível. Lutavam sem técnica, como meninos — como irmãos —, e, enquanto brigavam, Fat Charlie achou que se lembrava de já ter feito aquilo muito, muito tempo antes. Spider era mais esperto e rápido, mas se Fat Charlie conseguisse ficar por cima dele e tirasse as mãos de Spider do caminho...

Ele segurou a mão direita do irmão e a torceu às suas costas, então se sentou sobre o peito de Spider, jogando todo o peso sobre ele.

— Desiste?

— Não.

Spider se debatia e se contorcia, mas Fat Charlie estava bem posicionado, sentado sobre o peito dele.

— Quero que você prometa sair da minha vida para sempre, e deixar a mim e a Rosie em paz.

Spider o empurrou com raiva, finalmente tirando Fat Charlie de cima de seu peito. Ele aterrissou esparramado no chão da cozinha.

— Olha só — começou Spider. — Eu já *falei* para você...

Eles ouviram uma batida na porta do primeiro andar, uma batida forte, autoritária, do tipo que indicava que alguém precisava entrar com certa urgência. Fat Charlie encarou Spider, que franziu a testa para o irmão, e lentamente os dois ficaram de pé.

— Devo atender? — perguntou Spider.

— Não — retrucou Fat Charlie. — É a *minha* casa, droga. E *eu* vou atender a droga da *minha* porta, muitíssimo obrigado.

— Você é quem sabe.

Fat Charlie se dirigiu para a escada. Então se virou para o irmão.

— Assim que eu resolver isso, vamos terminar nossa conversa. Faça as malas. Você vai embora hoje.

Ele desceu a escada, botando a camisa para dentro da calça, espanando a poeira e, em geral, tentando parecer que não tinha brigado no chão.

Abriu a porta. Havia dois grandes policiais uniformizados e uma policial menor e bem mais exótica vestindo roupas civis extremamente simples.

— Charles Nancy? — perguntou Daisy.

Ela olhou para ele como se Fat Charlie fosse um estranho, os olhos inexpressivos.

— Hum — respondeu Fat Charlie.

— Sr. Nancy, o senhor está preso. Tem o direito de...

Fat Charlie se virou para o interior da casa.

— Desgraçado! — gritou para as escadas. — Seu desgraçado *filho da mãe!*

Daisy deu um tapinha no braço dele.

— Você virá sem oferecer resistência? — perguntou, com delicadeza. — Se não, podemos subjugar-lo. Eu, porém, não recomendaria isso. Aqueles dois adoram subjugar as pessoas.

— Não vou resistir — respondeu Fat Charlie.

— Ótimo.

Ela acompanhou Fat Charlie até a traseira de uma van preta da polícia e o trancou lá dentro.

Os policiais fizeram uma busca no apartamento. O lugar estava vazio. No fim do corredor havia um quartinho extra com várias caixas de livros e carrinhos de brinquedo. Revistaram tudo, mas não encontraram nada interessante.

★ ★ ★

Spider estava deitado no sofá em seu quarto, mal-humorado. Fora para lá quando Fat Charlie descera para atender à porta. Precisava ficar sozinho. Não gostava de confrontos. Aquele era o ponto em que normalmente decidia ir embora, e, naquele momento, Spider sabia que estava na hora de partir, mas não queria ir.

Não tinha certeza se mandar Rosie para casa fora a coisa certa a se fazer.

O que ele queria de verdade — e Spider era movido por vontades, nunca por necessidades ou deveres — era dizer a Rosie que a desejava. Que *ele*, Spider, a desejava. Que não era Fat Charlie. Que era algo bem diferente. E isso, por si só, não era um problema. Ele podia simplesmente ter dito a ela, com bastante convicção: “Na verdade sou Spider, irmão de Fat Charlie, e você não vê problema nenhum nisso. Isso não a incomoda.” E o universo teria dado uma forcinha, e Rosie teria aceitado, da mesma forma como fora para casa mais cedo. Ela teria aceitado. Não se importaria nem um pouco.

Só que ele sabia que, bem no fundo, ela se importaria.

Os humanos não gostam de ser manipulados por deuses. Pode parecer que sim, na superfície, mas em algum lugar lá no fundo, por baixo de tudo, eles sentem e se ressentem. Eles *sabem*. Spider podia dizer a ela para ficar feliz com a situação, e ela ficaria feliz, mas seria tão real quanto pintar um sorriso em seu rosto, um sorriso no qual ela acreditaria mesmo, de todas as maneiras que importassem, que era dela própria. A curto prazo (e até agora Spider só tinha pensado a curto prazo), nada disso teria importância, mas a longo prazo só poderia causar problemas. Ele não queria alguém revoltado e furioso, uma pessoa que, apesar de no fundo odiá-lo, agisse de forma plácida e educada e normal na superfície. Queria Rosie.

E aquela não seria Rosie, seria?

Spider olhou pela janela para a cachoeira maravilhosa e o céu tropical, e começou a se perguntar quando Fat Charlie iria bater à porta. Algo acontecera naquela manhã no restaurante, e ele estava certo de que o irmão sabia mais do que deixara transparecer.

Após algum tempo, ele se cansou de esperar e saiu para o apartamento do irmão. Não havia ninguém lá. O lugar também estava uma bagunça, parecia ter sido revirado por profissionais treinados. Spider chegou à conclusão de que, com toda a certeza, Fat Charlie tinha bagunçado o lugar para mostrar como estava aborrecido por ter perdido a briga.

Ele olhou pela janela. Havia um carro de polícia e uma van preta estacionados lá fora. Enquanto observava, os dois foram embora.

Ele preparou torradas, passou manteiga e as comeu. Depois caminhou pelo apartamento, tomando o cuidado de fechar todas as cortinas.

A campainha tocou. Spider fechou a última cortina e desceu a escada.

Quando abriu a porta, deu de cara com Rosie. Ela ainda parecia um pouco confusa. Spider ficou olhando para ela.

— Então? Não vai me convidar para entrar?

— É claro. Entre.

Ela subiu a escada.

— O que aconteceu? Parece que um furacão passou por aqui.

— Ah, é?

— E por que você está no escuro?

Ela foi abrir as cortinas.

— Não! Deixe-as fechadas.

— Do que você tem tanto medo? — perguntou Rosie.

Spider olhou pela janela.

— Pássaros — respondeu, após algum tempo.

— Mas os pássaros são nossos amigos — disse Rosie, como se estivesse falando com uma criança pequena.

— Os pássaros são os últimos dinossauros. Pequenos velociraptores com asas. Devoram seres indefesos, nozes, peixes e outras aves. E adoram

minhocas. Você já viu uma galinha comer? Elas podem parecer inocentes, mas as aves são, bem, elas são malignas.

— Vi uma reportagem na TV outro dia sobre um pássaro que salvou a vida de um homem.

— Isso não muda o fato de que... — disse Rosie.

— Foi um corvo, ou talvez um melro. Um desses pássaros pretos e grandes. O homem estava deitado no quintal de casa, na Califórnia, lendo uma revista quando começou a ouvir um grasnar insistente. Era um corvo, tentando chamar sua atenção. Então ele se levantou e se aproximou da árvore em que ele estava empoleirado, e embaixo dela havia um puma, que estava se preparando para atacá-lo. Aí o homem correu para dentro de casa. Se aquele corvo não o tivesse avisado, ele teria virado comida de puma.

— Não acho que esse seja o comportamento habitual dos corvos — retrucou Spider. — Mas, mesmo se um corvo uma vez salvou a vida de um cara ou não, isso não muda nada. As aves ainda querem me pegar.

— Está bem — concordou Rosie, tentando parecer não estar achando graça. — As aves querem pegar você.

— Querem.

— Por quê?

— Hã...

— Deve haver uma razão. Você não pode me dizer que toda a classe das aves simplesmente resolveu tratá-lo como uma minhoca sem qualquer motivo aparente.

— Acho que você não ia acreditar em mim — disse ele, e estava falando sério.

— Charlie. Você sempre foi muito honesto. Quer dizer, eu confio em você. Se me contar uma coisa, vou fazer o possível para acreditar. Vou me *esforçar* para isso. Eu te amo, e acredito em você. Por que não me deixa decidir por mim mesma se acredito ou não?

Spider pensou no assunto. Então segurou a mão dela e a apertou.

— Preciso lhe mostrar uma coisa.

Ele a conduziu até o fim do corredor. Eles pararam diante da porta do quarto extra de Fat Charlie.

— Tem algo aí dentro. E acho que isso vai conseguir explicar um pouco melhor do que eu.

— Você é um super-herói, e é aí que fica a entrada da batcaverna — supôs a mulher.

— Não.

— É algum tipo de fetiche? Você gosta de usar lingerie e um colar de pérolas e que o chamem de Dora?

— Não.

— Não é... um trem em miniatura, é?

Spider abriu a porta do quarto extra de Fat Charlie e, ao mesmo tempo, a porta do próprio quarto. As janelas panorâmicas ao fundo mostravam uma cachoeira que despencava em um lago no meio de uma floresta. O céu através das janelas era mais azul que safiras.

Rosie soltou um grito abafado.

Ela se virou, saiu para o corredor, caminhou até a cozinha e olhou pela janela para o céu cinzento de Londres, pesado e hostil. Então voltou.

— Eu não entendo. Charlie? O que está acontecendo?

— Eu não sou Charlie. Olhe para mim. Olhe *mesmo* para mim. Eu não sou nem *parecido* com ele.

Ela não estava mais achando nenhuma graça. Seus olhos estavam arregalados e assustados.

— Sou o irmão dele — explicou. — Eu estraguei tudo. Tudo. E acho que a melhor coisa que posso fazer é sair da vida de vocês e ir embora.

— Então onde está Fat... onde está Charlie?

— Não sei. Nós brigamos. Ele foi atender à porta, eu fui para o meu quarto, e ele não voltou.

— Ele não voltou? E você nem *tentou* descobrir o que aconteceu?

— Hã... Ele pode ter sido levado pela polícia. É só uma teoria. Não tenho como provar nem nada.

— Qual é o seu nome?

— Spider.

Rosie repetiu:

— Spider.

Do lado de fora da janela, acima dos borrifos da cachoeira, ela podia ver um bando de flamingos planando. O sol refletia em suas asas rosadas. Eles eram magníficos e incontáveis, e eram uma das coisas mais bonitas que Rosie já tinha visto. Ela olhou novamente para Spider e, ao observá-lo, não conseguiu entender como tinha acreditado que aquele homem fosse Fat Charlie. Fat Charlie era tranquilo, amigável e desajeitado, e aquele homem era como uma barra de aço envergada para trás, pronta para se soltar.

— Você não é ele de verdade, é?

— Eu disse a você que não era.

— Então. Então quem. Com quem eu. Quem era... Com quem eu dormi?

— Nesse caso, fui eu — respondeu Spider.

— Imaginei.

Rosie deu um tapa na cara dele com toda força. Spider sentiu o lábio recomeçar a sangrar.

— Acho que mereci isso.

— Claro que mereceu. — Ela fez uma pausa. — Fat Charlie sabia? Sobre você? Que você estava saindo comigo?

— Bem, sim. Mas ele...

— Vocês dois são doentes. São homens ruins e muito, muito doentes. Espero que apodreçam no inferno.

Ela lançou mais um olhar intrigado para o quarto enorme, então deu as costas à janela panorâmica com as árvores, a cachoeira e o bando de flamingos e disparou pelo corredor.

Spider sentou-se no chão com um fio de sangue escorrendo do lábio inferior, sentindo-se um idiota. Ele ouviu a porta da frente bater. Andou até a banheira de hidromassagem e enfiou a ponta de uma toalha felpuda na água quente. Então a torceu e a pressionou na boca.

— Não preciso de nada disso — exclamou Spider. Ele falou em voz alta. É mais fácil mentir para si mesmo quando se diz as coisas em voz alta. — Não precisava de vocês havia uma semana e não preciso de vocês agora. Não estou nem aí. Para mim, chega.

Os flamingos atravessaram a janela como balas de canhão de penas rosa, e o vidro explodiu. Estilhaços voaram por toda parte, se espalhando pelo quarto e cravando nas paredes, no chão e na cama. O ar se encheu de corpos rosa-claros, uma confusão de asas cor-de-rosa enormes e bicos negros e curvos. O ronco de uma cachoeira explodiu no interior do quarto.

Spider se encostou à parede. Havia flamingos entre ele e a porta, centenas deles: aves de um metro e meio, só pernas e pescoço. Ele ficou de pé e deu alguns passos através do campo minado de aves raivosas, cada uma delas o encarando com seus olhos rosa alucinados. A distância, elas podiam ser bonitas. Um flamingo bicou a mão de Spider. Não chegou a perfurar a pele, mas doeu.

O quarto era grande, mas estava se enchendo rápido com flamingos. E havia uma mancha escura no céu azul acima da cachoeira que parecia ser outro bando a caminho.

As aves o bicavam e o machucavam com as garras e as asas, e ele sabia que esse não era o problema real. O problema seria sufocar sob um cobertor de plumas cor-de-rosa com aves presas a elas. Seria uma maneira surpreendentemente indigna de morrer, esmagado por aves, e nem eram aves lá muito inteligentes.

Pense, disse a si mesmo. São flamingos burros. Você é o Spider.

E daí?, pensou em resposta a si mesmo, irritado. *Me diga alguma coisa que eu não sei.*

Os flamingos no chão avançavam. Os que entravam pela janela mergulhavam em sua direção. Ele puxou a jaqueta sobre a cabeça, e então os flamingos no ar começaram a atingi-lo. Era como ser alvejado por galinhas. Ele tropeçou e caiu.

Bem, engane-os, idiota.

Spider conseguiu se levantar e se arrastou através do mar de penas e bicos até chegar à janela, que agora era uma mandíbula com dentes de vidro.

— Aves estúpidas — disse, animado.

E subiu no parapeito da janela.

Flamingos não são famosos por sua inteligência brilhante nem pela habilidade em resolver problemas: confrontado com um pedaço de arame e uma garrafa com comida dentro, um corvo pode tentar fazer uma ferramenta com o arame e alcançar o conteúdo da garrafa. Um flamingo, por outro lado, vai tentar comer o arame se ele parecer um camarão ou até mesmo que não pareça, só para o caso de ser um tipo novo de camarão. Então se havia algo levemente *desfocado* e etéreo no homem que estava em pé na janela os insultando, os flamingos não perceberam. Olharam para ele com olhos alucinados de rubi, como os dos coelhos assassinos, e dispararam em sua direção.

O homem pulou da janela nas águas da cachoeira, e mil flamingos se lançaram no ar atrás dele, muitos deles, devido a distância que um flamingo necessita para decolar, despencando como pedras.

Logo o quarto continha apenas flamingos feridos ou mortos: os que tinham quebrado as janelas, os que tinham batido contra as paredes, os que haviam sido esmagados sob outros flamingos. As aves que estavam vivas viram a porta do quarto se abrir, aparentemente sozinha, e tornar a se fechar, mas, como eram flamingos, não deram muita importância ao fato.

Spider ficou parado no corredor do apartamento de Fat Charlie, tentando recuperar o fôlego. Ele se concentrou em fazer o quarto desaparecer, algo que odiava fazer, principalmente porque tinha muito orgulho de seu sistema de som e porque era lá que guardava suas coisas.

Mas você sempre pode conseguir mais coisas.

Se você é o Spider, basta pedir.

★ ★ ★

A mãe de Rosie não era uma mulher dada a demonstrações de alegria perante o sofrimento alheio, por isso, quando a filha irrompeu em lágrimas no sofá Chippendale, ela evitou dar vivas, cantar ou fazer uma pequena dança da vitória, chacoalhando os ombros pela sala. Um observador atento, porém, poderia perceber um brilho de triunfo em seus olhos.

Ela ofereceu a Rosie um copo grande de água vitaminada com uma pedra de gelo e ouviu a ladainha lacrimosa da filha sobre mentiras e decepções amorosas. Quando terminou, o brilho de triunfo tinha sido substituído por uma expressão confusa, e sua cabeça estava começando a girar.

— Então Fat Charlie na verdade não era Fat Charlie? — perguntou a mãe de Rosie.

— Não. Quer dizer, sim. Fat Charlie é Fat Charlie, mas na semana passada eu saí com o irmão dele.

— Eles são gêmeos?

— Não. Eles nem são parecidos. Não sei. Estou muito confusa.

— Então com qual dos dois você terminou?

Rosie assoou o nariz.

— Eu terminei com Spider, o irmão de Fat Charlie.

— Mas você não estava noiva dele.

— Não, mas achei que estivesse. Achei que ele fosse Fat Charlie.

— Então você rompeu com Fat Charlie também?

— Mais ou menos. Eu ainda não contei a ele.

— Ele... ele sabia sobre essa história do irmão? Isso foi algum tipo de conspiração perversa e doentia que fizeram com minha pobre menininha?

— Acho que não. Mas não importa. Não posso me casar com ele.

A mãe concordou:

— Não. Com certeza não. De jeito nenhum. — Em sua cabeça, ela fez uma dança da vitória e soltou muitos fogos de artifício de muito bom gosto.

— Vamos encontrar um bom rapaz para você. Não se preocupe. Aquele Fat Charlie nunca prestou. Soube desde o primeiro momento em que o vi. Ele comeu minha fruta de cera. Eu sabia que ele só traria problemas. Onde ele está, agora?

— Não tenho certeza. Spider disse que talvez ele tenha sido levado pela polícia.

— *Há!* — exclamou a mãe, que aumentou os fogos de artifício para proporções de “Ano-novo na Disney” e sacrificou mentalmente doze touros negros, por garantia. Em voz alta, tudo o que disse foi: — Deve estar mesmo na prisão, se quer saber. É o melhor lugar para ele. Sempre disse que esse rapaz ia acabar lá.

Rosie começou a chorar, talvez ainda mais do que antes. Ela puxou outro lenço de papel da caixa e assoou o nariz ruidosamente. Então fungou com bravura. Depois chorou mais um pouco. A mãe dava tapinhas nas costas da mão de Rosie do modo mais reconfortante que podia.

— Claro que você não pode se casar com ele. Você não pode se casar com um presidiário. Mas, se ele está mesmo na cadeia, será fácil romper o noivado. — O fantasma de um sorriso despontou nos cantos de seus lábios quando ela falou: — Posso avisar a ele por você. Ou posso ir até lá no dia da visitação e dizer que ele é um bandido desgraçado e que você nunca mais quer vê-lo outra vez. Podemos conseguir uma ordem de restrição, também — acrescentou, prestativa.

— N-ão é por isso que não posso me casar com Fat Charlie.

— Não? — perguntou a mãe, erguendo uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

— Não. Não posso me casar com Fat Charlie porque eu não o amo.

— Claro que não. Eu sempre soube disso. Era uma paixonite infantil, mas agora você viu a verdade...

— Eu amo Spider — prosseguiu Rosie, como se a mãe não tivesse falado. — O irmão dele. — A expressão que tomou conta do rosto da mãe naquele momento pareceu uma nuvem de vespas chegando a um piquenique. — Está tudo bem, também não vou me casar com ele. Eu disse a ele que nunca mais quero vê-lo na vida.

A mãe de Rosie comprimiu os lábios.

— Bem, não vou fingir que entendo o que está acontecendo, mas também não vou dizer que são más notícias. — As engrenagens em sua mente começaram a girar, e as roldanas de seus pensamentos se encaixaram de maneiras novas, interessantes. Parafusos giraram. Molas se tensionaram. — Sabe o que seria a melhor coisa para você agora? Tirar umas férias curtas. Eu adoraria pagar. Afinal, vou economizar muito dinheiro sem o casamento...

Isso pode ter sido a coisa errada a dizer. Rosie começou a soluçar de novo em seus lenços de papel. A mãe prosseguiu:

— Enfim, seria um presente. Sei que você pode tirar férias no trabalho. E você disse que agora as coisas estão tranquilas. Em momentos como esse, uma moça precisa se afastar de tudo e relaxar um pouco.

Rosie se perguntou se teria julgado mal a mãe por todos aqueles anos. Ela fungou e disse:

— Isso ia ser bom.

— Então está combinado. Eu vou com você, para cuidar do meu bebê.

Em sua cabeça, sob o *grand finale* do show de fogos de artifício, acrescentou: *E para garantir que meu bebê só conheça o tipo certo de homem.*

— Aonde vamos?

— Vamos fazer um cruzeiro — explicou a mãe.

★ ★ ★

Fat Charlie não foi algemado. Isso foi bom. Todo o resto foi ruim, mas pelo menos ele não foi algemado. A vida se tornara um borrão confuso cheio de detalhes muito nítidos: o sargento de plantão coçando o nariz, registrando sua entrada (“A cela seis está livre.”) e indicando uma porta verde, depois o cheiro das celas, um fedor penetrante que ele nunca havia sentido, mas que na mesma hora lhe pareceu horivelmente familiar, um mistura de vômito do dia anterior, desinfetante, fumaça, cobertores mofados, vasos sanitários entupidos e desespero. Era o cheiro das coisas nas profundezas, e era lá onde Fat Charlie parecia ter ido parar.

— Quando precisar dar descarga — instruiu o policial que o acompanhava pelo corredor —, aperte o botão na cela. Em algum

momento, um de nós vai aparecer para puxar a corrente para você. Isso evita que alguém jogue provas pela descarga.

— Que provas?

— Não enche, cara.

Fat Charlie suspirou. Ele puxava a descarga para se livrar dos dejetos produzidos pelo próprio corpo desde que tinha idade suficiente para ter algum orgulho na atividade, e perder isso, mais que perder sua liberdade, mostrou a ele que tudo havia mudado.

— É sua primeira vez — comentou o policial.

— Como?

— Drogas?

— Não, obrigado — respondeu Fat Charlie.

— É por isso que você está aqui?

— Não sei por que eu estou aqui. Sou inocente.

— Crime de colarinho-branco, hein? — comentou o policial, balançando a cabeça. — Vou lhe dizer uma coisa que quem vem de baixo já sabe. Quanto menos trabalho vocês derem para nós, mais fácil será para vocês. Vocês, gente da classe alta. Sempre exigindo seus direitos. Só tornam as coisas mais difíceis para si mesmos.

Ele abriu a porta da cela seis.

— Lar, doce lar.

O fedor da cela era pior no interior, que tinha sido pintado com um tipo de tinta texturizada resistente a pichações e continha apenas uma cama embutida na parede, próxima ao chão, e um vaso sanitário sem tampa no canto.

Fat Charlie pôs o cobertor que tinham lhe dado em cima da cama.

— Certo — disse o policial. — Bem, sinta-se em casa. E, caso fique entediado, por favor, não entupa a privada com o cobertor.

— Por que eu faria isso?

— Eu mesmo vivo me perguntando isso. Por quê, não é? Talvez quebre a monotonia. Não sei. Como um cidadão de bem com uma aposentadoria à minha espera, nunca tive que passar muito tempo em celas.

— Sabe, eu não fiz nada — comentou Fat Charlie. — Seja lá o que for.

— Isso é bom.

— Por favor, pode me emprestar alguma coisa para ler?

— Você acha que isto aqui tem cara de biblioteca?

— Não.

— Quando eu era novato, um preso me pediu algo para ler. Emprestei a ele o livro que eu estava lendo, J. T. Edson, acho, ou talvez Louis L'Amour. E acredita que o cara entupiu a privada com ele? Nunca mais vou cair nessa.

Então ele saiu e trancou a porta com Fat Charlie dentro da cela, e ele do lado de fora.

★ ★ ★

A coisa mais estranha, pensou Grahame Coats, que não era dado à autorreflexão, era como, em geral, ele se sentia normal, alegre e bem.

O capitão pediu a todos para apertarem os cintos e avisou que em pouco tempo iriam aterrissar em Saint Andrews. Saint Andrews era uma pequena ilha do Caribe que, ao declarar sua independência em 1962, tinha decidido demonstrar sua liberdade do domínio colonial de várias maneiras, entre elas com a criação de seu próprio sistema judiciário e uma singular não existência de tratados de extradição com o resto do mundo.

O avião aterrissou. Grahame Coats desembarcou e caminhou pelo asfalto quente, arrastando a mala de rodinhas atrás de si. Sacou o passaporte correto, o de Basil Finnegan, entregou-o para que fosse carimbado, buscou o restante da bagagem na esteira e saiu caminhando pela alfândega vazia do pequeno aeroporto, e de lá para um lindo dia ensolarado. Ele usava camiseta com sandálias e shorts e parecia um turista britânico.

Seu caseiro o esperava do lado de fora do aeroporto. Grahame Coats sentou-se no banco de trás do Mercedes preto e disse a ele:

— Vamos para casa, por favor.

Na estrada que saía de Williamstown, a estrada para sua propriedade no alto de um morro, ele olhou para a ilha com um sorriso satisfeito e senhorial no rosto.

Então lembrou que, ao sair da Inglaterra, havia deixado uma mulher aparentemente morta no escritório. Perguntou-se se ela ainda estaria viva, mas duvidava muito. Aquela morte não o incomodava. Em vez disso, sentia grande satisfação, como algo que precisasse fazer para se sentir completo. Ele se perguntou se um dia teria a chance de repetir aquela experiência.

E se perguntou se esse dia chegaria logo.

CAPÍTULO
DEZ

NO QUAL
FAT CHARLIE
VÊ O MUNDO
E MAEVE
LIVINGSTONE FICA
IRRITADA

FAT CHARLIE SENTOU-SE no cobertor sobre a cama de metal e esperou, mas nada aconteceu. Passou-se o que pareceram vários meses de forma muito, muito lenta. Ele tentou dormir, mas não conseguia lembrar como.

Bateu na porta. Alguém gritou “Cale a boca!”, mas ele não soube dizer se foi um policial ou outro preso.

Ele caminhou pela cela pelo que, em uma estimativa razoável, achou que deviam ter sido uns dois ou três anos. Depois sentou e deixou-se ser levado pela eternidade. A luz do dia era visível através de um retângulo de vidro grosso no alto da parede que fazia as vezes de janela, e provavelmente era a mesma luz do dia de quando a porta se fechou atrás de si naquela manhã.

Fat Charlie tentou lembrar o que as pessoas faziam na prisão para passar o tempo, mas tudo que conseguiu pensar foi em manter diários secretos e esconder coisas na bunda. Ele não tinha no que escrever, e acreditava que um modo de definir com certeza se uma pessoa estava ou não se dando bem na vida era ela não precisar esconder coisas na bunda.

Nada aconteceu. Nada Aconteceu 2. Mais Nada. Nada: O Retorno. O Filho do Nada. O Nada Contra-Ataca. Nada, Abbott e Costello às Voltas com Fantasma...

Quando a porta foi destrancada, Fat Charlie quase comemorou.

— Certo. Para o pátio. Você pode fumar um cigarro se quiser.

— Eu não fumo.

— É mesmo um hábito horrível.

O pátio consistia em uma área aberta no meio da delegacia delimitada por muros e cercas de arame. Fat Charlie caminhou por ali enquanto decidia que, se havia um lugar onde não gostava de estar, era sob custódia

policial. Fat Charlie nunca gostara da polícia, mas, até então, tinha conseguido ater-se a uma crença fundamental na ordem natural do mundo, uma convicção de que existia alguma espécie de poder — algo que um vitoriano teria chamado de Providência — que assegurava que os culpados seriam punidos, e os inocentes, libertados. Essa fé desmoronara diante dos eventos recentes e fora substituída pela desconfiança de que passaria o resto da vida tentando provar sua inocência a vários juízes implacáveis e torturadores, muitos dos quais se pareceriam com Daisy, e pela certeza de que acordaria na cela seis na manhã seguinte e descobriria que havia se metamorfoseado em uma barata gigante. Fat Charlie com certeza fora transportado para o tipo de universo maligno que transformava pessoas em baratas...

Algo surgiu do céu e pousou na cerca. Fat Charlie olhou para cima. Um melro o encarava com certo desinteresse. Ouviu novamente o som de asas, e vários pardais se juntaram ao melro, e também um pássaro que Fat Charlie achou que fosse um sabiá.

Eles olhavam para ele; Fat Charlie os encarava de volta.

Mais pássaros apareceram.

Seria difícil para ele dizer quando o acúmulo de aves sobre a cerca passou de interessante para apavorante. Talvez por volta do centésimo, mais ou menos. E eles não piavam, cantavam, trinavam ou gorjeavam. Simplesmente pousavam no arame e olhavam para ele.

— Xô, xô — disse Fat Charlie.

Como se fossem uma só ave, elas não se moveram. Em vez disso, falaram. Disseram o nome dele.

Fat Charlie correu até a porta no canto e bateu nela.

— Com licença — disse algumas vezes, para então começar a gritar: — Socorro!

A porta se abriu, e um oficial de pálpebras caídas da força policial de Vossa Majestade disse:

— É melhor que seja importante.

Fat Charlie apontou para cima. Ele não disse nada. Não precisou. O queixo do policial caiu de um jeito muito peculiar, e ficou ali, parado, inerte. A mãe de Fat Charlie teria dito ao homem para fechar a boca para não entrar mosca.

O arame envergava com o peso de milhares de aves. Pequenos olhos avícolas os encaravam sem piscar.

— Meu Deus — comentou o policial, e levou Fat Charlie apressado para o bloco de celas, sem dizer mais uma palavra.

Maeve Livingstone estava caída no chão, com muita dor. Ela despertou, e seu cabelo e rosto estavam molhados e quentes, e então dormiu. Quando tornou a acordar, o cabelo e o rosto estavam grudentos e frios. Ela sonhou e acordou e sonhou de novo, ficou desperta o suficiente para notar a dor na parte de trás da cabeça, e então, como era mais fácil dormir, e como dessa forma não sentia dor, ela deixou que o sono a envolvesse como um cobertor confortável.

Em seus sonhos, ela caminhava por um estúdio de televisão, procurando Morris. De vez em quando, captava vislumbres dele nos monitores. Ele sempre parecia preocupado. Maeve tentava encontrar uma saída, mas sempre voltava para o centro do estúdio.

Estou com tanto frio, pensou, e soube que estava acordada outra vez. A dor, porém, tinha diminuído. Considerando a situação, ela até que estava bastante bem.

Algo a preocupava, mas ela não tinha certeza exatamente do que. Talvez fosse um resquício de seu sonho.

Estava escuro, onde quer que ela estivesse. Parecia uma espécie de armário de vassouras. Maeve estendeu os braços à frente para evitar esbarrar em alguma coisa e, com os olhos fechados, deu alguns passos hesitantes. Suas pálpebras se abriram. Agora estava em uma sala familiar. Era um escritório.

O escritório de Grahame Coats.

Então ela lembrou. A confusão do despertar súbito ainda estava presente — ela ainda não pensava com clareza, e sabia que não estaria totalmente lúcida até tomar sua primeira xícara de café do dia —, mas mesmo assim, tudo lhe veio à mente: as mentiras de Grahame Coats, sua traição, seus crimes, seu...

Ora, pensou ela, *ele me atacou. Bateu em mim*. E em seguida: *A polícia. Eu tenho que chamar a polícia*.

Ela estendeu a mão e pegou, ou tentou pegar, o telefone, mas ele pareceu muito pesado, ou escorregadio, ou os dois, e não conseguiu segurá-lo direito. Ele não se encaixou bem em seus dedos.

Devo estar mais fraca do que pensei, concluiu Maeve. *Melhor pedir a eles para mandar uma ambulância também*.

No bolso da jaqueta, havia um pequeno celular prateado que tocava “Greensleeves” quando alguém ligava. Ela ficou aliviada ao encontrar o telefone ainda lá e por não ter nenhuma dificuldade de pegá-lo. Ela discou para a emergência. Enquanto esperava que alguém atendesse, se perguntou por que ainda se dizia *discar* quando não havia mais discos nos telefones, não desde que ela era muito nova, e depois dos telefones de disco vieram os telefones com teclas, que tinham uma campanha especialmente irritante. Quando era adolescente, teve um namorado que sabia imitar o *triiim* de um daqueles telefones, e ele fazia isso sempre. Na verdade, concluiu Maeve, ao lembrar-se, essa habilidade fora sua única realização verdadeira. Ela se

perguntou o que acontecera com ele. Perguntou-se como um homem que sabia imitar uma campainha de telefone podia lidar com um mundo no qual telefones podiam e soavam como *qualquer coisa*...

— Pedimos desculpas pela demora no atendimento — anunciou uma voz eletrônica. — Por favor, aguarde na linha.

Maeve sentiu-se estranhamente calma, como se nada de ruim pudesse acontecer a ela de novo.

Um homem atendeu.

— Alô? — A voz soava extremamente eficiente.

— Preciso falar com a polícia.

— A senhora não precisa falar com a polícia — respondeu a voz. — Todos os crimes serão resolvidos pelas autoridades competentes e implacáveis.

— Sabe, acho que liguei para o número errado.

— No fim das contas, todos os números são corretos. Eles são apenas números, portanto, não podem estar certos ou errados.

— Você pode até falar isso — começou Maeve —, mas eu preciso *mesmo* falar com a polícia. Talvez também precise de uma ambulância. E obviamente liguei para o número errado.

Ela desligou. Talvez o telefone de emergência não funcionasse em celulares. Procurou nos contatos o número da irmã. O telefone chamou uma vez, e uma voz familiar respondeu:

— Deixe-me explicar, então: não estou dizendo que você ligou para o número errado de propósito. Mas sim que todos os números são, por natureza, corretos. Bem, exceto o *pi*, é claro. Não sei lidar com o *pi*. Fico com dor de cabeça só de pensar nele, que continua, e continua, e continua, e continua para sempre...

Maeve apertou o botão vermelho e encerrou a ligação. Ela discou para seu gerente no banco.

A voz que atendeu disse:

— Mas aqui estou eu, percorrendo sobre a maravilha que são os números, e você com certeza achando que esta não é a hora para isso...

Clique. Ligou para a melhor amiga.

— ... e que, na verdade, deveríamos estar discutindo a sua situação. Infelizmente o trânsito está muito ruim esta tarde, então, se não se importar em esperar um pouco onde está, você vai ser apanhada...

Era uma voz tranquilizante, a voz de um vigário prestes a lhe dizer o pensamento do dia no rádio.

Se Maeve não estivesse tão calma, ela teria entrado em pânico. Em vez disso, parou e pensou. Vendo que seu telefone tinha sido, como se dizia mesmo, “grampeado”?, ela teria que encontrar um policial na rua e fazer uma queixa formal. Nada aconteceu quando Maeve apertou o botão do elevador, por isso ela desceu as escadas com o pensamento de que nunca

havia um policial por perto quando você mais precisava, eles estavam sempre correndo naqueles carros com sirenes estridentes. A polícia, pensou Maeve, deveria passear por aí em dupla dizendo a hora às pessoas ou esperando dentro dos esgotos até que ladrões com sacos nos ombros descessem...

Bem ao pé da escada, no corredor, havia dois policiais, um homem e uma mulher. Eles estavam à paisana, mas sem dúvida eram policiais. Não havia como confundi-los. O homem era corpulento e tinha o rosto avermelhado, e a mulher era baixinha e morena, e podia, em outras circunstâncias, ser extremamente bonita.

— Sabemos que ela veio até aqui — estava dizendo a mulher. — A recepcionista se lembra de tê-la visto chegar pouco antes de sair para o almoço. Quando voltou, os dois não estavam mais aqui.

— Você acha que eles fugiram juntos? — perguntou o homem corpulento.

— Hã, com licença — pediu Maeve Livingstone com educação.

— É possível. Deve haver alguma explicação simples para o desaparecimento de Grahame Coats e Maeve Livingstone. Pelo menos temos Nancy sob custódia.

— Nós com certeza não fugimos juntos — disse Maeve, mas eles a ignoraram.

Os policiais entraram no elevador e bateram as portas atrás deles. Maeve os viu subirem e se afastarem sacolejando na direção do último andar.

Ela ainda segurava o celular. Ele vibrou em sua mão e então começou a tocar “Greensleeves”. Maeve o encarou, e a foto de Morris apareceu na tela. Nervosa, ela atendeu ao telefone.

— Alô?

— Oi, amor. Como estão as coisas?

— Tudo ótimo, obrigada. Morris? Não, não está nada bem. Na verdade, as coisas estão horríveis.

— É. Achei que sim. Mesmo assim, não há nada que você possa fazer sobre isso. São águas passadas.

— Morris? *De onde* você está ligando?

— É um pouco complicado. Quer dizer, na verdade não estou ao telefone. Eu só queria muito ajudar você.

— Grahame Coats era um ladrão.

— É, amor — concordou Morris. — Mas é hora de esquecer tudo isso. Deixar tudo para trás.

— Ele me acertou na cabeça. E tem roubado nosso dinheiro.

— São apenas coisas materiais, amor — respondeu Morris, com uma voz reconfortante. — Agora que você passou dessa para uma melhor...

— Morris, aquele vermezinho repulsivo tentou assassinar sua esposa. Eu *acho* que você deveria mostrar um pouco mais de preocupação.

— Não fique assim, querida. Estou só tentando explicar...

— Vou lhe dizer que se você continuar com esse tipo de atitude, vou simplesmente lidar com isso sozinha. Com certeza não vou me esquecer disso. Tudo bem para você, que está morto. Você não tem que se preocupar com essas coisas.

— Você também está morta, amor.

— Isso não tem *nada* a ver com... Eu estou o quê? — E em seguida, antes que ele pudesse falar qualquer coisa, disse: — Morris, eu disse que ele *tentou* me matar. Não que ele conseguiu.

— Hã... — O falecido Morris Livingstone pareceu ficar sem palavras. — Maeve. Querida. Sei que isso pode ser um choque para você, mas a verdade é q...

O telefone apitou, e a imagem de uma bateria vazia surgiu na tela.

— Infelizmente não ouvi o que você disse, Morris. Acho que a bateria do celular está acabando.

— Você não tem bateria. Você não tem celular. É tudo uma ilusão. Eu continuo tentando lhe dizer: você agora atravessou para o lado de cá, e está se transformando, ah, droga, é como as minhocas e borboletas, amor. Você sabe.

— Lagartas. Acho que você quis dizer lagartas e borboletas.

— É, acho que é isso. Lagartas. Foi isso o que eu quis dizer. Então no que as minhocas se transformam?

— Elas não se transformam em nada, Morris — respondeu Maeve, um pouco irritada. — São apenas minhocas.

O telefone prateado apitou, mostrou outra vez a imagem de uma bateria vazia e desligou sozinho.

Maeve o fechou e o guardou de volta no bolso. Ela caminhou até a parede mais próxima e experimentou pressionar um dedo contra ela. A parede pareceu grudenta e gelatinosa ao toque. Então fez um pouco mais de pressão, e toda a sua mão penetrou nela e a atravessou.

— Nossa — exclamou Maeve, e desejou, não pela primeira vez na vida, ter dado ouvidos a Morris. Afinal de contas, a essa altura ele sabia muito mais sobre estar morto do que ela. *Ah, bem, pensou. Estar morta provavelmente é como tudo mais na vida: você aprende um pouco no processo e depois inventa o resto.*

Ela saiu pela porta da frente e se viu atravessando a parede dos fundos do saguão para dentro do prédio. Tentou outra vez, com o mesmo resultado. Então entrou na agência de viagens que ocupava o primeiro piso do prédio e tentou atravessar a parede oeste.

Ela surgiu outra vez no saguão de entrada, dessa vez pelo leste. Era como estar em uma TV e tentar sair da tela. Em termos topográficos, o prédio comercial parecia ter se transformado em seu universo.

Ela tornou a subir para ver o que os detetives estavam fazendo. Os dois estavam olhando com atenção para a mesa, para a bagunça que Grahame Coats deixou quando fez as malas.

Maeve tentou ajudar.

— Ei, estou em um quartinho atrás da estante de livros. Estou ali dentro.

Eles a ignoraram.

A mulher se agachou e remexeu a lata de lixo.

— Bingo — disse, e tirou de lá uma camisa social branca masculina manchada de sangue seco.

Ela a guardou em um saco plástico. O homem corpulento pegou seu telefone.

— Mandem a perícia para cá.

★ ★ ★

Fat Charlie agora se via pensando na cela mais como um refúgio do que uma prisão. Para começar, as celas ficavam nas profundezas do prédio, longe até mesmo das aves mais aventureiras. E seu irmão não estava em nenhum lugar à vista. Ele nem se importava mais que nada acontecesse na cela seis. Nada era infinitamente preferível à maioria das coisas que ele imaginava. Até um mundo habitado apenas por castelos, baratas e pessoas cujo nome começa com a letra K era preferível a um mundo cheio de aves malignas que sussurravam seu nome em coro.

A porta se abriu.

— Vocês não batem? — perguntou Fat Charlie.

— Na verdade, não. Seu advogado está aqui.

— Dr. Merryman?

Fat Charlie hesitou. Leonard Merryman era um senhor rotundo com pequenos óculos de armação dourada. O homem atrás do policial não se parecia nem um pouco com ele.

— Está tudo bem — disse o homem que não era seu advogado. — Você pode nos deixar aqui.

— Toque a campainha quando terminar — disse o policial, e fechou a porta.

Spider segurou a mão de Fat Charlie.

— Vou ajudar você a fugir daqui.

— Mas não quero fugir daqui. Eu não *fiz* nada.

— Uma ótima razão para ir embora.

— Mas, se eu sair, aí eu *terei* feito algo. Serei um fugitivo.

— Você não é um prisioneiro. Ainda não foi acusado de nada. Só está ajudando nas investigações. Ei, está com fome?

— Um pouco.

— O que você quer? Chá? Café? Chocolate quente?
Chocolate quente lhe pareceu uma ótima ideia.
— Eu adoraria um chocolate quente.
— Certo. — Ele segurou a mão de Fat Charlie e mandou: — Feche os olhos.

— Por quê?
— Deixa as coisas mais fáceis.
Fat Charlie fechou os olhos, apesar de não ter certeza do que exatamente ia ficar mais fácil. O mundo se expandiu e contraiu, e Fat Charlie teve certeza de que ia vomitar. Então sua mente se acalmou, e ele sentiu uma brisa cálida tocar seu rosto.

Abriu os olhos.
Eles estavam ao ar livre, em uma grande praça em algum lugar que não lembrava em nada a Inglaterra.
— Que lugar é este?
— Acho que se chama Skopsie. Uma cidade na Itália ou algo assim. Comecei a vir aqui há alguns anos. Eles fazem um chocolate quente maravilhoso. O melhor que já provei.

Eles se sentaram em uma pequena mesinha de madeira vermelha. Um garçom se aproximou e disse algo a eles em uma língua que Fat Charlie não reconheceu como italiano. Spider fez o pedido.

— *Dos chocolates, cara.*
O homem assentiu e foi embora.
— Certo. Agora você me meteu em um problema ainda maior. Eles vão começar a procurar por mim, acho. Vou aparecer nos jornais.

— O que eles vão fazer? Mandar você para a cadeia?
— Ah, por favor.
O chocolate quente chegou em duas xícaras pequenas. Estava mais ou menos na temperatura de lava derretida, a meio caminho de uma sopa de chocolate e um creme de chocolate. Tinha um cheiro delicioso.

— Nós fizemos uma grande confusão com essa história de reunião familiar, não foi? — comentou Spider.

— *Nós* fizemos uma grande confusão? — Fat Charlie controlou o ultraje extremamente bem. — Não fui *eu* quem roubou minha noiva. Não fui *eu* quem me fez ser demitido. Não fui *eu* quem me fez ser preso...

— Não — concordou Spider. — Mas foi você quem trouxe as aves para a jogada, não é?

Fat Charlie deu um golinho em seu chocolate quente.
— Ai! Acho que queimei a boca. — Ele olhou para o irmão e viu a própria expressão refletida em seu rosto: preocupação, cansaço, medo. — É, fui eu quem trouxe as aves. Então, o que nós fazemos agora?

— Mudando de assunto, aqui eles fazem uma espécie de ensopado com macarrão muito gostoso mesmo.

— Tem certeza que estamos na Itália?

— Na verdade, não.

— Posso fazer uma pergunta?

Spider assentiu.

Fat Charlie tentou pensar na melhor maneira de formulá-la.

— Essa coisa das aves. De parecerem ter escapado de um filme de Alfred Hitchcock. Você acha que isso só acontece na Inglaterra?

— Por quê?

— Porque acho que aqueles pombos estão encarando a gente.

Ele apontou para a outra extremidade da praça. Os pombos não estavam fazendo as coisas normais que pombos fazem. Não estavam ciscando farelos de sanduíches nem rodeando turistas com a cabeça baixa atrás de restos de comida. Estavam imóveis, olhando fixamente para os dois. Ouviram um bater de asas, e outras cem aves surgiram, a maioria pousando na estátua de um homem gordo com um chapéu enorme no centro da praça. Fat Charlie olhou para os pombos, e os pombos olharam para ele.

— Então, o que é o pior que pode acontecer? — perguntou a Spider, em voz baixa. — Eles cagarem na gente?

— Não sei. Mas imagino que possam fazer mais do que isso. Mas primeiro, termine seu chocolate quente.

— Mas está *quente*.

— E vamos precisar de umas garrafas de água, não acha? *Garçon?*

Um farfalhar baixo de asas, o ruído de mais aves chegando, e, sob esse som, arrulhos baixos e indefinidos.

O garçom lhes trouxe garrafas de água. Spider, que agora voltara a usar sua jaqueta de couro preta e vermelha, as botou nos bolsos.

— São só pombos. — Mas, mesmo ao dizer aquilo, Fat Charlie sabia que as palavras não eram apropriadas. Eles não eram só pombos. Eram um exército. A estátua do homem tinha quase desaparecido embaixo das penas cinza e arroxeadas.

— Acho que gostava mais das aves quando não éramos inimigos.

— E estão em todo lugar. — Então Spider pegou a mão do irmão. — Feche os olhos.

Os pássaros levantaram voo como uma só ave. Fat Charlie fechou os olhos.

Os pombos atacaram como um lobo no aprisco...

Houve o silêncio e a sensação de distanciamento, e Fat Charlie pensou: *Estou em um forno*. Ele abriu os olhos e percebeu que era verdade: um forno de dunas vermelhas que se estendiam a distância até desaparecerem sob um céu madrepérola.

Spider anunciou:

— Um deserto. Pareceu uma boa ideia. Sem aves à vista. Um bom lugar para terminar nossa conversa. Tome.

Ele entregou uma garrafa de água a Fat Charlie.

— Obrigado.

— Então, você gostaria de me dizer de onde as aves vêm?

— Fui em um lugar aí. Havia muitas pessoas-bicho lá. Elas, hum... todas elas conheciam nosso pai. E tinha essa mulher, uma espécie de mulher-pássaro.

Spider olhou para ele.

— *Fui em um lugar aí?* Isso explica tudo.

— Tem um paredão com cavernas. E também esses penhascos, que dão para o nada. É como o fim do mundo.

— É o começo do mundo — corrigiu Spider. — Já ouvi falar nessas cavernas. Uma garota que conheci me contou uma vez sobre elas. Mas nunca estive lá. Então você conheceu a mulher-pássaro e...

— Ela se ofereceu para fazer você ir embora. E, hã... bem, eu fiz um acordo com ela.

— Isso — disse Spider, com um sorriso de astro do cinema — foi uma grande burrice.

— Eu não pedi a ela para *machucar* você.

— O que você achava que ela ia fazer para se livrar de mim? Mandar uma carta grosseira?

— Não sei. Eu não pensei direito. Estava chateado.

— Ótimo. Bem, se ela conseguir o que quer, você vai ficar chateado, e eu estarei morto. Você podia simplesmente ter me pedido para ir embora, sabia?

— Eu pedi!

— E o que foi que eu disse?

— Que você gostava da minha casa e que não ia a lugar algum.

Spider tomou um gole da água.

— O que *exatamente* você prometeu a ela?

Fat Charlie tentou lembrar. Agora que pensava naquilo, pareceu uma coisa estranha de se dizer.

— Que eu ia dar a ela a linhagem de Anansi — respondeu com relutância.

— O quê?

— Foi o que ela me pediu para dizer.

Spider pareceu incrédulo.

— Mas isso também inclui você.

A boca de Fat Charlie ficou muito seca de repente. Ele torceu para ser o ar do deserto e deu um gole em sua garrafa.

— Espere aí. Por que o deserto? — perguntou Fat Charlie.

— Não tem aves. Lembra?

— Então o que é aquilo?

Ele apontou. A princípio, pareciam pequeninas, depois notava-se que estavam apenas muito alto: voavam em círculos planando no céu.

— Abutres — respondeu Spider. — Eles não atacam coisas vivas.

— Certo. E pombos têm medo de gente — apontou Fat Charlie.

Os pontinhos no céu voavam em círculos cada vez mais baixos, e as aves pareceram ficar maiores.

— Boa observação. Merda.

Eles não estavam sozinhos. Alguém os estava observando de uma duna distante. Um observador desatento poderia ter confundido a figura com um espantalho.

— Vá embora! — gritou Fat Charlie, a voz engolida pela areia. — Eu retiro tudo o que disse. Eu não quero um acordo! Nos deixe em paz!

A capa de chuva esvoaçou no vento quente, e então a duna ficou deserta.

— Ela foi mesmo embora — disse Fat Charlie. — Quem poderia imaginar que seria tão simples?

Spider tocou seu ombro e apontou. Agora a mulher usando uma capa de chuva marrom estava parada sobre a duna mais próxima, tão perto que Fat Charlie podia ver o negro vítreo de seu olhar.

Os abutres, que não passavam de sombras negras no céu, pousaram: seus pescoços e cabeças de pele rosada — sem penas para facilitar enfiar a cabeça no interior de carcaças em decomposição — esticavam-se enquanto eles olhavam de perto para os irmãos, como se estivessem se perguntando se deviam esperar os dois homens morrerem ou se deviam fazer algo para agilizar o processo.

— O que mais entrou no acordo? — perguntou Spider.

— Hã?

— Teve mais alguma coisa? Ela lhe ofereceu alguma coisa para fechar o acordo? Esse tipo de coisa normalmente envolve uma troca.

Os abutres estavam avançando aos poucos, fechando o cerco. Havia mais riscos negros no céu, crescendo e descendo na direção deles. A mão de Spider se fechou em torno da mão de Fat Charlie.

— Feche os olhos.

O frio atingiu Fat Charlie como um soco no estômago. Ele respirou fundo e sentiu como se alguém tivesse congelado seus pulmões. Tossia sem parar enquanto o vento uivava como uma fera enorme.

Ele abriu os olhos.

— Posso perguntar onde estamos dessa vez?

— Antártida. — Spider fechou o zíper da jaqueta de couro e não pareceu se importar com o frio. — É um pouco gelado, infelizmente.

— Você não tem meio-termo? Direto do deserto para uma geleira?

— Não tem aves aqui — disse Spider.

— Não seria mais fácil irmos para dentro de um prédio seguro e sem aves? Podíamos almoçar.

— Certo. Agora você vai reclamar só por causa de um friozinho.

— Não é um friozinho. Deve estar cinquenta graus abaixo de zero aqui. E, de qualquer modo, *veja*.

Fat Charlie apontou para o céu. Uma linha pálida, como uma pequena letra *m* desenhada a giz no céu, pairava imóvel no ar gelado.

— Albatroz — disse.

— Fragata — corrigiu Spider.

— Como?

— Não é um albatroz. É uma fragata. E provavelmente nem nos viu.

— Talvez não, mas *eles* viram.

Spider se virou, e disse algo que soou muito com um palavrão. Podia não haver um milhão de pinguins andando e escorregando e deslizando sobre a barriga na direção dos irmãos, mas com certeza parecia ser isso. No geral, as únicas coisas que ficam amedrontadas pela aproximação de pinguins costumam ser peixes pequenos, mas quando estão em um grupo grandes o suficiente...

Fat Charlie estendeu a mão e segurou a de Spider sem que ele pedisse. Ele fechou os olhos.

Quando tornou a abri-los, estava em um lugar mais quente, apesar de ter aberto os olhos não ter feito diferença. Tudo era escuridão.

— Eu fiquei cego?

— Estamos em uma mina de carvão abandonada — explicou Spider. — Vi uma foto deste lugar em uma revista há alguns anos. A menos que haja bandos de tentilhões cegos que evoluíram para se adaptar a escuridão e se alimentar de restos de carvão, estamos seguros.

— Isso é uma piada, não é? Sobre os tentilhões cegos?

— Mais ou menos.

Fat Charlie suspirou, e o suspiro ecoou pela caverna subterrânea.

— Sabe, se você simplesmente tivesse ido embora, se tivesse deixado minha casa quando eu pedi, não estaríamos nessa situação.

— Isso não ajuda muito.

— Não era a intenção. Só Deus sabe como vou explicar isso para a Rosie.

Spider pigarreou.

— Não acho que você tenha que se preocupar com isso.

— Por quê?

— Ela terminou com a gente.

Houve um longo silêncio.

— É claro que sim — disse Fat Charlie.

— Eu criei uma confusão enorme, hein? — Spider pareceu desconfortável.

— Mas e se eu me explicar para ela? Quer dizer, e se eu contar a ela que eu não era você, que você estava fingindo ser eu...

— Eu já fiz isso. Foi quando ela decidiu que não queria ver nenhum de nós dois nunca mais.

— A mim também?

— Infelizmente, sim. Mas eu nunca tive a intenção de... Bem, quando fui ver você, tudo o que eu queria era dizer oi. Não... Hum... Eu estraguei tudo, não foi?

— Você está tentando pedir desculpas?

Silêncio. Então:

— É, acho que sim. Talvez.

Mais silêncio.

— Bem, então eu sinto muito mesmo por ter pedido à mulher-pássaro para se livrar de você.

De algum modo, não ver Spider enquanto falavam tornava isso mais fácil.

— É. Valeu. Agora eu só queria saber como me livrar dela.

— *A pena!* — exclamou Fat Charlie.

— Hã?

— Você me perguntou se ela me ofereceu alguma coisa em troca para fechar o acordo. Ela me deu uma pena.

— E onde ela está?

Fat Charlie tentou lembrar.

— Não tenho certeza. Estava comigo quando acordei na sala da sra. Dunwiddy, mas não quando embarquei no avião. Imagino que ainda deva estar com a sra. Dunwiddy.

Houve um silêncio longo, sombrio e ininterrupto. Fat Charlie começou a se perguntar se Spider tinha ido embora, se fora abandonado na escuridão sob o mundo. Por fim, ele disse:

— Você ainda está aí?

— Estou.

— Ufa, que alívio. Se você me abandonasse aqui, ia ficar preso para sempre.

— Não me dê ideias.

Mais silêncio.

— Em que país estamos? — perguntou Fat Charlie.

— Acho que na Polônia. Como eu disse, eu vi uma foto daqui. Só que na foto as luzes estavam acesas.

— Você só precisa ver as fotos dos lugares para ir até eles?

— Preciso saber onde eles estão.

Era impressionante, pensou Fat Charlie, como era tão silencioso na mina. O lugar tinha seu próprio silêncio especial. Ele começou a pensar sobre silêncios. Será que o silêncio de um túmulo era de um tipo diferente do silêncio, digamos, do espaço?

— Lembro da sra. Dunwiddy. Ela tem cheiro de violeta — comentou Spider.

Pessoas já tinham dito “Não há mais esperança, vamos todos morrer” com mais entusiasmo.

— Essa mesmo. Baixinha, muito velha. Óculos grossos. Acho que vamos ter que ir até lá buscar a pena. Depois vamos devolvê-la à mulher-pássaro. E esse pesadelo vai acabar. — Fat Charlie terminou o resto da água em sua garrafa, vinda de uma pracinha em algum lugar que não era a Itália. Ele fechou a tampa e botou a garrafa no chão no escuro, se perguntando se aquilo era jogar lixo na rua, se ninguém ia ver. — Então vamos dar as mãos e encontrar a sra. Dunwiddy.

Spider fez um ruído. O ruído não foi presunçoso. Foi preocupado e desconfiado. Na escuridão, Fat Charlie imaginou Spider murchando, como um sapo-boi ou um balão depois de uma semana. Fat Charlie queria que o irmão baixasse um pouco a bola. Mas não desejava ouvi-lo fazer o som de uma criança de seis anos apavorada.

Então ele perguntou:

— Espere aí. Você está com medo da sra. Dunwiddy?

— Eu... eu não posso chegar perto dela.

— Bem, se serve de consolo, eu também tinha medo dela quando era pequeno, mas, quando a reencontrei no funeral, percebi que não era tão má assim. Não mesmo. É só uma velhinha. — Em sua cabeça, ela acendeu as velas pretas mais uma vez e jogou as ervas na tigela. — Talvez um pouco assustadora. Mas você vai ficar bem quando encontrá-la.

— Ela me fez ir embora — disse Spider. — Eu não queria ir. Mas eu quebrei um globo no jardim dela. Uma coisa grande e espelhada, como um enfeite de natal gigante.

— Eu também fiz isso. Ela ficou furiosa.

— Eu sei. — A voz na escuridão era tímida, preocupada e confusa. — Foi nesse mesmo dia. Foi quando tudo começou.

— Bem. Não é o fim do mundo. Você me leva até a Flórida, eu posso ir lá e pegar a pena com a sra. Dunwiddy. Eu não tenho medo. Você não precisa aparecer.

— Não posso fazer isso. Não posso ir aonde ela estiver.

— Então, o que você está tentando dizer? Ela conseguiu alguma espécie de ordem de restrição mágica?

— Mais ou menos. Sim. — Então Spider disse: — Sinto saudades da Rosie. Sinto muito. Você sabe.

Fat Charlie pensou em Rosie. Ele achou estranhamente difícil se lembrar de seu rosto. Ele pensou em como seria não ter a mãe de Rosie como sua sogra, sobre as duas silhuetas nas cortinas da janela de seu quarto.

— Não precisa se sentir mal. Bem, na verdade pode se sentir mal sobre isso se quiser, porque você foi um grande filho da mãe. Mas, talvez, no fundo, tenha sido melhor assim.

Fat Charlie sentiu um aperto na região do coração, mas ele sabia que estava dizendo a verdade. É mais fácil falar a verdade no escuro.

— Sabe o que não faz sentido aqui? — perguntou Spider.

— Tudo?

— Não. Só uma coisa. Não entendo por que a mulher-pássaro se envolveu. Isso não faz sentido.

— Nosso pai a deixou furiosa...

— Ele deixava *todo mundo* furioso. Mas ela está errada. Se ela quer mesmo nos matar, por que não tenta fazer isso?

— Eu dei a ela nossa linhagem.

— Foi o que você disse. Não, tem mais alguma coisa acontecendo, e eu não *entendo*. — Silêncio. Em seguida, Spider disse: — Segure minha mão.

— Preciso fechar os olhos?

— Se quiser.

— Aonde nós vamos? Para a lua?

— Vou levar você para um lugar seguro — disse Spider.

— Ah, bom — respondeu Fat Charlie. — Gosto de segurança. Onde?

Mas então, sem mesmo abrir os olhos, Fat Charlie soube. O cheiro entregou no ato: corpos e vasos sanitários sujos, desinfetante, cobertores mofados e apatia.

— Aposto que eu estaria igualmente seguro em um quarto de hotel de luxo — disse em voz alta, mas não havia ninguém ali para ouvi-lo. Ele sentou na cama embutida na parede da cela seis e jogou o cobertor fino sobre os ombros. Sentia como se estivesse ali por uma eternidade.

Meia hora mais tarde, alguém apareceu e o levou à sala de interrogatório.

★ ★ ★

— Olá — cumprimentou Daisy com um sorriso. — Gostaria de uma xícara de chá?

— É melhor nem começar — retrucou Fat Charlie. — Já vi na TV. Sei como isso funciona. É aquela história de tira bom e tira mau, não é? Você vai me dar uma xícara de chá e uns bolinhos, daí vai entrar um sujeito grande e durão, todo nervosinho, e vai gritar comigo, jogar o chá fora e começar a comer meus bolinhos. Aí você vai impedi-lo de me agredir e vai fazê-lo me devolver o chá e os biscoitos. Então, por gratidão, vou contar tudo o que você quer saber.

— Então podemos pular toda essa parte — sugeriu Daisy. — E você pode nos contar de uma vez tudo o que queremos saber. De qualquer forma, não temos bolinhos.

— Eu já contei tudo que sei — explicou Fat Charlie. — Tudo. Grahame Coats me deu um cheque de duas mil libras e disse para eu tirar duas

semanas de folga. Ele falou que estava muito feliz por eu ter chamado atenção para algumas irregularidades. Então pediu minha senha e se despediu de mim. Fim da história.

— E você continua afirmando que não sabe nada a respeito do desaparecimento de Maeve Livingstone?

— Acho que nunca a conheci em pessoa. Talvez a tenha visto uma vez, quando ela passou no escritório. Conversamos por telefone algumas vezes. Ela queria falar com Grahame Coats. Era para eu informá-la que o cheque estava no correio.

— E estava?

— Não sei. Eu achava que sim. Olha, não é possível que você pense que tive alguma coisa a ver com o desaparecimento dela.

— Não — concordou ela, animada. — Eu não acredito.

— Porque, honestamente, não sei o que poderia... Você o quê?

— Não acredito que você tenha alguma relação com o desaparecimento de Maeve Livingstone. E também não acredito que você tenha alguma relação com as irregularidades financeiras cometidas na Agência Grahame Coats, apesar de parecer que alguém teve muito trabalho para fazer parecer que tenha, sim. Mas é bastante óbvio que as práticas contábeis suspeitas e o desvio permanente de dinheiro são anteriores à sua entrada. Você está lá há apenas dois anos.

— Mais ou menos isso — concordou Fat Charlie.

Percebeu que estava de boca aberta. Então a fechou.

— Bem, sei que os policiais nos livros e nos filmes costumam ser uns idiotas, ainda mais no tipo de livro que tem um policial aposentado que luta contra o crime ou um detetive particular durão. E eu sinto muito, mesmo, por não termos bolinhos. Mas não somos completos idiotas.

— Eu não disse que eram — retrucou Fat Charlie.

— Não — concordou ela. — Mas estava pensando isso. Você está livre para ir embora. E com um pedido de desculpas, se quiser.

— Onde ela, hã, desapareceu? — perguntou Fat Charlie.

— A sra. Livingstone? Bem, na última vez que foi vista, ela estava entrando no escritório de Grahame Coats acompanhada dele.

— Ah.

— Eu falei sério quando ofereci a xícara de chá. Quer uma?

— Quero. Muito. Hã... Imagino que seu pessoal já tenha conferido a sala secreta no escritório dele. A que fica atrás da estante?

— Não, acho que não.

Daisy merece crédito por ter dito apenas aquilo, na maior calma.

— Bom, acho que não era para ninguém saber sobre ela — explicou Fat Charlie. — Mas uma vez entrei lá e a estante estava fora do lugar. E Grahame Coats estava lá dentro. Aí eu saí — acrescentou. — Não estava espionando, nem nada assim.

Daisy apenas disse:

— Podemos comprar uns bolinhos no caminho.

★ ★ ★

Fat Charlie não tinha certeza se gostava da liberdade. Havia muito espaço a céu aberto.

— Você está bem? — perguntou Daisy.

— Estou.

— Você parece um pouco nervoso.

— Acho que estou sim. Você vai achar besteira, mas estou com um pouco... Bem, eu tenho um problema com aves.

— O quê, uma fobia?

— Mais ou menos.

— Bem, é o termo que se usa para descrever o medo irracional de aves.

— Então como se chama um medo racional de aves? — Ele mordiscou o bolinho.

Ficaram em silêncio. Então Daisy disse:

— Bem, não tem nenhuma ave neste carro.

Ela estacionou em local proibido, próximo dos escritórios da Agência Grahame Coats, e eles entraram juntos.

★ ★ ★

Rosie estava deitada ao sol à beira da piscina na popa do convés de um cruzeiro coreano★ com uma revista sobre a cabeça e a mãe a seu lado. Ela tentava lembrar por que tinha em algum momento achado que tirar férias com a mãe poderia ser uma boa ideia.

Não havia jornais ingleses a bordo do cruzeiro, e Rosie não sentia falta deles. Mas sentia falta de todo o resto. Em sua cabeça, o cruzeiro era uma espécie de purgatório flutuante, que se tornava suportável apenas pelas ilhas que visitavam quase diariamente. Os outros passageiros desembarcavam para fazer compras, voar de *parasail* ou fazer passeios em alto-mar regados a rum em barcos piratas. Rosie, por outro lado, caminhava e conversava com as pessoas.

Ela encontrava pessoas sofrendo, pessoas que pareciam famintas ou infelizes, e queria ajudar. Tudo parecia ter jeito, para Rosie. Só precisava de alguém para consertar.

★ ★ ★

Maeve Livingstone esperava que a morte fosse várias coisas, mas *irritante* nunca foi uma delas. Mesmo assim, estava irritada. Estava cansada de passarem através dela, cansada de ser ignorada e, acima de tudo, cansada de não poder sair do prédio comercial na Aldwych.

— Quer dizer, se eu tiver que assombrar algum lugar — comentou com a recepcionista —, por que não a Somerset House, aqui perto? É uma linda construção, com uma vista maravilhosa do Tâmesa e detalhes arquitetônicos impressionantes. Também tem alguns restaurantezinhos muito simpáticos. Mesmo quando não precisamos comer, é bom ficar olhando as pessoas.

Annie, a recepcionista, cujo trabalho desde que Grahame Coats desaparecera tinha sido apenas atender o telefone com voz entediada e dizer “Infelizmente não sei” para quase todas as perguntas que faziam, e que, quando não estava desempenhando essa função, ligava para os amigos e discutia o mistério em voz baixa, mas animada, não respondeu. O que também fizera com tudo o mais que Maeve dissera a ela.

A monotonia foi interrompida pela chegada de Fat Charlie Nancy, acompanhado pela policial feminina.

Maeve sempre gostou muito de Fat Charlie, mesmo quando a função dele era garantir que ela logo receberia um cheque pelo correio, mas agora via coisas que nunca vira: sombras flutuavam acima dele, sempre mantendo certa distância. Coisas ruins que se aproximavam. Ele parecia estar fugindo de algo, e aquilo a deixou preocupada.

Ela os seguiu até o escritório de Grahame Coats e ficou muito feliz ao ver Fat Charlie ir direto para a estante no fundo da sala.

— Então, onde é o painel secreto? — perguntou Daisy.

— Não é um painel. Era uma porta. Atrás dessa estante aqui. Não sei. Talvez tenha um mecanismo secreto, ou algo do tipo.

Daisy olhou para a estante.

— Grahame Coats já escreveu uma autobiografia?

— Não que eu saiba.

Ela empurrou, então, o exemplar encadernado em couro de *Minha vida, por Grahame Coats*. Fez-se um clique, e a estante se afastou da parede, revelando uma porta trancada.

— Vamos precisar de um chaveiro — disse ela. — E acho que não precisamos mais do senhor por aqui, sr. Nancy.

— Certo — concordou Fat Charlie. — Bem... Foi, hã... Interessante. — Então acrescentou: — Imagino que você não gostaria. De ir comer alguma coisa. Comigo. Um dia desses?

— Comida chinesa. Domingo, no almoço. Cada um paga o seu. Você precisa chegar na hora que o restaurante abre, às onze e meia, ou vamos esperar uma eternidade na fila. — Ela anotou o endereço em um papel e o entregou a Fat Charlie. — Cuidado com os pássaros no caminho de casa.

— Pode deixar — respondeu ele. — Até domingo.

O chaveiro abriu uma carteira de tecido preto e retirou várias ferramentas finas de metal.

— Para ser sincero — começou —, é de se pensar que eles já teriam aprendido. Não é como se as fechaduras boas fossem caras. Quer dizer, você olha para essa porta: é muito bem-feita. É sólida. Levaria um dia inteiro para abri-la com um maçarico. E aí eles estragam tudo com uma fechadura que até uma criança de cinco anos munida de uma colher conseguiria abrir... Pronto, aqui está... Mamão com açúcar.

Ele empurrou a porta. A porta se abriu, e os dois viram algo no chão.

— Ora, pelo amor de Deus — comentou Maeve Livingstone. — Isso aí não sou *eu*.

Ela achou que teria mais afeição por seu corpo, mas não: para ela, aquilo parecia um bicho morto na beira da estrada.

Logo, o aposento ficou cheio de gente. Maeve, que nunca tivera muita paciência para histórias de detetive, logo ficou entediada, e só se interessou pelo que estava acontecendo quando sentiu que uma força a puxava para o térreo e para o exterior do prédio. Isso aconteceu quando seus restos mortais foram levados embora em um saco plástico azul discreto.

— Assim está melhor — comentou Maeve Livingstone.

Ela tinha saído.

Pelo menos tinha saído do escritório na Aldwych.

Sabia que, obviamente, havia regras. Tinha que haver. Só que ela não sabia muito bem quais eram.

Ela percebeu que desejava ter sido mais religiosa em vida, mas nunca conseguira. Quando pequena, fora incapaz de imaginar um Deus que desgostava de algumas pessoas o bastante para condená-las a serem torturadas no inferno pela eternidade, o que quase sempre acontecia por elas não acreditarem Nele do jeito certo. Depois de crescer, as dúvidas infantis se solidificaram em uma certeza sólida de que a Vida, do nascimento ao túmulo, era tudo o que havia, e todo o resto era imaginação. Tinha sido uma coisa boa de acreditar, pois lhe permitira lidar com a dor da vida, mas agora a crença estava sendo fortemente testada.

Para falar a verdade, ela nem mesmo tinha certeza se passar a vida frequentando o tipo certo de igreja a teria preparado para aquilo. Maeve estava chegando depressa à conclusão de que, em um mundo organizado, a Morte seria como uma viagem de luxo com todas as despesas pagas, e logo no início os passageiros receberiam um folheto cheio de tickets, vouchers de descontos, informações de tudo o que foi programado e vários telefones para ligar, em caso de problema.

Ela não andava. Não voava. Ela se movia como o vento, como um vento frio de outono, fazendo as pessoas tremerem ao passar e soprando as folhas caídas na calçada.

Ela foi ao primeiro lugar onde ia quando viajava para Londres: a Selfridges, uma loja de departamentos na Oxford Street. Maeve trabalhara no departamento de cosméticos da Selfridges quando era mais nova, entre os bicos que conseguia como dançarina, e fazia questão de voltar sempre que podia e comprar maquiagem cara, como prometera a si mesma que faria, nos velhos tempos.

Ela assombrou o departamento de maquiagem até ficar entediada, depois deu uma olhada na área de móveis e decoração. Nunca mais compraria uma mesa de jantar, mas olhar não matava...

Então ela flutuou pelo departamento de áudio e vídeo da loja, cercada por telas de televisão de todos os tamanhos. Algumas mostravam o noticiário. Estavam todas no mudo, mas a imagem que enchia as telas era de Grahame Coats. A raiva ferveu e queimou dentro dela, como lava derretida. A imagem mudou, e então ela viu a si mesma, um clipe dela ao lado de Morris. Maeve reconheceu o esquete “Por cinco pratas eu chupo até o carão” do *Eu sou Morris Livingstone*.

Ela desejou poder descobrir um meio de recarregar o telefone. Mesmo que a única pessoa com quem conseguisse conversar fosse aquela com a voz irritante que parecia a de um vigário, achou que não se importaria nem de falar com ele. Mas queria mesmo falar com Morris. Ele saberia o que fazer. Dessa vez, pensou, ela o deixaria falar. Dessa vez, escutaria.

— Maeve?

O rosto de Morris a encarava de cem telas de televisão. Por um instante, ela pensou que estava imaginando coisas. Depois achou que fosse parte do noticiário. Então ele a encarou, preocupado, disse seu nome outra vez, e Maeve soube que era ele, mesmo.

— Morris...?

Ele deu o famoso sorriso, e todos os rostos em todas as telas se concentraram nela.

— Olá, meu amor. Estava aqui me perguntando por que você estava demorando tanto. Bem, chegou a hora de você vir para cá.

— Aí?

— Do outro lado. Basta cruzar o vale. Ou talvez atravessar o véu. Enfim, isso aí.

Ele estendeu cem mãos, de cem telas.

Ela sabia que tudo o que precisava fazer era estender o braço e segurar a mão dele. Mas se surpreendeu ao dizer:

— Não, Morris. Acho que não.

Cem rostos idênticos ficaram perplexos.

— Maeve, meu amor. Você precisa deixar a carne para trás.

— Mas é óbvio, querido. E vou fazer isso. Juro. Assim que estiver pronta.

— Maeve, você está morta. Não tem como ficar mais pronta que isso.

Ela suspirou.

— Ainda preciso resolver umas coisas por aqui.

— Por exemplo?

Maeve se aprumou.

— Bem — disse —, eu estava planejando encontrar aquela criatura repugnante, Grahame Coats, e fazer... o que quer que fantasmas façam. Eu podia assombrá-lo, ou algo do tipo.

Morris pareceu ligeiramente incrédulo.

— Você quer assombrar Grahame Coats? Mas por quê?

— Porque — insistiu ela — ainda tenho assuntos para resolver por aqui.

Maeve apertou os lábios em uma linha fina e empinou o nariz.

Das cem telas de TV, Morris Livingstone a encarou e balançou a cabeça com um misto de admiração e desespero. Casara-se com ela porque Maeve nunca deixava que lhe dissessem o que fazer, e a amara por isso, mas desejou que pudesse, só daquela vez, convencê-la de alguma coisa. Em vez disso, disse.

— Bem eu não vou a lugar nenhum, amoreco. Avise quando estiver pronta.

E começou a desaparecer.

— Morris. Você tem alguma ideia de como faço para encontrá-lo?

Mas a imagem do marido tinha desaparecido por completo, e as televisões mostravam a previsão do tempo.

★ ★ ★

No domingo, Fat Charlie encontrou Daisy para comerem *dim sum* em um restaurante meio escuro na pequena Chinatown de Londres.

— Você está bonita — comentou.

— Obrigada — respondeu ela. — Eu me sinto horrível. Fui tirada do caso Grahame Coats. Agora é uma investigação de homicídio grandiosa. Acho até que tive sorte por ficar tanto tempo no caso.

— Bem — retrucou, animado. — Se você não tivesse sido parte dele, nunca teria tido o prazer de me prender.

— É verdade. — Ela teve a decência de parecer um pouquinho arrependida.

— Encontraram alguma pista?

— Mesmo se tivessem — retrucou ela —, eu não poderia conversar com você sobre elas. — Um carrinho barulhento parou ao lado da mesa, e Daisy escolheu vários pratos expostos. — Existe a teoria de que Grahame Coats se

jogou da borda de uma balsa, no canal da Mancha. Foi a última compra em um de seus cartões de crédito, uma passagem diurna para Dieppe.

— Você acha isso provável?

Ela usou os palitinhos para pinçar um *dim sum* do prato e o enfiou na boca.

— Não — respondeu. — Meu palpite é que ele foi para algum lugar sem tratado de extradição. Provavelmente o Brasil. Matar Maeve Livingstone pode ter sido um impulso, mas todo resto todo foi planejado de forma bem meticulosa. Ele tinha um esquema. O dinheiro entrava na conta dos clientes, aí Grahame tirava seus quinze por cento, e algumas procurações garantiam que muito mais fosse transferido para ele por baixo dos panos. Muitos cheques estrangeiros sequer entraram nas contas dos clientes. O impressionante é ele ter conseguido manter a farsa por tanto tempo.

Fat Charlie mastigou um bolinho de arroz com algo doce no interior.

— Acho que você sabe onde ele está — disse.

Daisy parou de mastigar o *dim sum*.

— É por causa do jeito como você disse que ele tinha ido para o Brasil. Como se soubesse que ele não está lá.

— Isso é assunto policial — retrucou ela. — E infelizmente não posso comentar. Como está seu irmão?

— Não sei. Acho que foi embora. O quarto dele não estava lá em casa, quando eu cheguei.

— O quarto?

— As coisas dele. Ele tinha levado as coisas para lá. Depois que cheguei, não vi nem sinal dele. — Fat Charlie tomou um gole do chá de jasmim. — Espero que ele esteja bem.

— Acha que tem chance de ele não estar?

— Bem, meu irmão tem a mesma fobia que eu.

— Ah, o problema com as aves. Certo. — Daisy balançou a cabeça, condescendente. — E como vão a noiva e a futura sogra?

— Hã. Acho que nenhuma dessas descrições ainda é, hã, válida.

— Ah.

— As duas decidiram sumir.

— Por causa da prisão?

— Pelo que eu saiba, não.

Ela olhou para ele, parecia uma fada solidária.

— Sinto muito.

— Bem — argumentou Fat Charlie —, no momento não tenho emprego, não tenho vida amorosa e, em grande parte graças aos seus esforços, os vizinhos estão convencidos de que sou um assassino da máfia. Alguns passaram a atravessar a rua para me evitar. Por outro lado, o jornalista me pediu para dar uma lição no sujeito que engravidou a filha dele.

— O que você respondeu?

— A verdade. Mas acho que ele não acreditou. Ele me deu um pacote de salgadinhos de queijo com cebola e uma caixinha de chicletes e disse que haveria mais de onde aquilo tinha saído depois que eu concluísse o serviço.

— Isso vai passar.

Fat Charlie suspirou.

— Essa coisa toda me deixa mortificado.

— Mesmo assim — insistiu Daisy —, não é o fim do mundo.

Eles dividiram a conta, e o garçom entregou dois biscoitos da sorte junto com o troco.

— O que diz o seu? — perguntou Fat Charlie.

— *Sua persistência será recompensada* — disse ela. — E o seu?

— O mesmo que o seu — respondeu —, a boa e velha persistência.

Ele amassou o papel em uma bolinha do tamanho de uma ervilha e a enfiou no bolso. Caminhou com Daisy pela Leicester Square até a estação do metrô.

— Parece que é seu dia de sorte — disse ela.

— Como assim?

— Não tem nenhuma ave por aqui — explicou Daisy.

E, quando ela disse isso, Fat Charlie percebeu que era verdade. Não havia pombos ou estorninhos. Nem mesmo pardais.

— Mas *sempre* tem aves na Leicester Square.

— Bem, não hoje — retrucou ela. — Talvez estejam ocupadas.

Eles pararam no metrô e, por um momento idiota, Fat Charlie achou que fossem trocar um beijo de despedida. Daisy não o beijou. Apenas sorriu e disse “tchau”, e ele deu um aceno discreto, uma mão incerta em um movimento que podia ser um aceno e também podia muito bem ser um gesto involuntário. Então ela desceu as escadas e sumiu de vista.

Fat Charlie voltou andando pela Leicester Square na direção de Piccadilly Circus.

Ele pegou o papel do biscoito da sorte no bolso e o desamassou. *Encontro você perto de Eros*, estava escrito, e ao lado havia um desenho pequenino de algo que parecia um asterisco grande feito as pressas e que poderia muito bem ser uma aranha.

Ele examinava os céus e os prédios enquanto caminhava, mas não havia aves. O que era estranho, pois sempre havia aves em Londres. Havia aves em toda parte.

Spider estava sentado sob a estátua, lendo o tabloide *News of the World*. Ele ergueu os olhos quando Fat Charlie se aproximou.

— Na verdade não é Eros, sabia? — comentou Fat Charlie. — Representa a Caridade Cristã.

— Então por que ele está pelado e com arco e flecha na mão? Isso não me parece um gesto especialmente caridoso, muito menos uma atitude

muito cristã.

— Só estou dizendo o que li — retrucou Fat Charlie. — Por onde você andou? Fiquei preocupado.

— Eu estou bem. Estava só evitando as aves, tentando entender o que aconteceu.

— Percebeu que hoje não há nenhuma ave por aqui? — indagou Fat Charlie.

— Percebi. Não sei o porquê. Mas andei pensando. E, sabe... Tem alguma coisa errada nessa história.

— Para começar, está tudo errado — retrucou Fat Charlie.

— Não. Estou falando que tem algo errado com a mulher-pássaro tentando nos matar.

— É. Isso é errado. É uma coisa muito feia de se fazer. Você quer dizer a ela, ou eu digo?

— Não errado desse jeito. Errado como... Bem, pense nisso. Quer dizer, apesar do filme do Hitchcock, pássaros não são a melhor arma para usar contra alguém. Eles podem ser bastante mortais para insetos, mas não são muito bons em atacar pessoas. Tiveram milhões de anos para aprender que, em geral, é mais provável as pessoas os comerem primeiro. O instinto deles é nos deixar em paz.

— Não de todos — retrucou Fat Charlie. — Não é assim com abutres. Ou corvos. Mas eles só aparecem no campo de batalha quando a luta já terminou. Ficam esperando a pessoa morrer.

— O quê?

— Eu disse: exceto abutres e corvos. Não quis dizer nada...

— Não. — Spider se concentrou. — Não. Passou. Você me fez pensar em alguma coisa, e eu quase entendi. Bem, você já conseguiu entrar em contato com a sra. Dunwiddy?

— Liguei para a sra. Higgler, mas ninguém atende.

— Então vá lá falar com elas.

— É fácil para você dizer isso, mas eu estou duro. Quebrado. Falido. Não posso ficar indo de um lado a outro do Atlântico de avião. Nem emprego tenho mais. Eu...

Spider enfiou a mão na parte de dentro da jaqueta preta e escarlate e tirou uma carteira. Pegou um maço de notas em dinheiro de lugares diferentes e as colocou na mão de Fat Charlie.

— Aqui. Isso deve bastar para você ir e voltar. Só consiga a pena de volta.

— Escuta, você por acaso considerou a possibilidade de que nosso pai não esteja morto, afinal?

— O quê?

— Bem, eu estava pensando. Talvez tudo isso seja uma de suas piadas. Parece o tipo de coisa que ele faria, não é?

— Não sei. Pode ser — respondeu Spider.

— Tenho certeza disso — comentou Fat Charlie. — É a primeira coisa que vou fazer. Vou direto até o túmulo dele e...

Mas ele não conseguiu dizer nem mais uma palavra, porque foi naquele instante que as aves chegaram. Eram pássaros urbanos, pombos, corvos e estorninhos, milhares e milhares deles. As aves se moviam pelo ar, entrelaçando-se como uma tapeçaria, formando uma muralha e avançando pela Regent Street na direção de Spider e de Fat Charlie. Um pelotão emplumado, grande como um arranha-céu, em perfeita formação e perfeitamente impossível. Estava em movimento, voando, mergulhando e costurando o céu. Fat Charlie via aquilo, mas a imagem não entrava em sua mente, só escorregava, se contorcia e retorcia sem parar dentro de sua cabeça. Ele olhou para cima e tentou compreender o que via.

Spider puxou o irmão pelo cotovelo e gritou:

— Corra!

Fat Charlie se virou para correr. Spider dobrava o jornal metodicamente e o botava na lata de lixo.

— Você também tem que fugir!

— Ela não quer *você*. Não ainda — retrucou Spider, e sorriu. Foi um sorriso que, em outras oportunidades, convencera mais pessoas do que se pode imaginar a fazer coisas que não queriam fazer. E Fat Charlie queria muito correr. — Traga a pena. Traga nosso pai também, se acha que ele está mesmo vivo. Mas *vá*.

Fat Charlie foi.

A muralha de pássaros começou a girar e se transformou, tornou-se um furacão de aves avançando na direção da estátua de Eros e do homem aos pés dela. Fat Charlie correu e entrou por uma porta, então observou a base do furacão escuro golpear Spider. Achou que podia ouvir o irmão gritando por cima do farfalhar ensurdecedor das asas. Talvez pudesse, mesmo.

Então as aves se dispersaram, e a rua ficou vazia. O vento levantou algumas penas sobre a calçada cinzenta.

Fat Charlie ficou ali parado, sentindo-se enjoado. Se algum dos passantes tinha percebido o que acontecera, não esboçou reação. Ele tinha certeza de que, sabe-se lá como, ninguém vira aquilo além dele.

Havia uma mulher parada embaixo da estátua, perto de onde o irmão estivera. A capa de chuva esfarrapada tremulava ao vento. Fat Charlie andou na direção dela.

— Olha — disse —, quando eu disse para fazê-lo ir embora, só quis dizer para tirá-lo da minha vida. Não para fazer o que quer que você tenha feito.

Ela o encarou e não disse uma palavra. Há uma loucura nos olhos de certas aves de rapina, uma ferocidade que pode ser muito intimidadora. Fat Charlie tentou não ficar intimidado por ela.

— Eu cometi um erro — declarou. — Estou disposto a pagar por ele. Leve-me, em vez dele. Traga-o de volta.

Ela continuou a encará-lo. Então disse:

— Sua vez também chegará, filho de Compé Anansi. Na hora certa.

— Por que você o quer?

— Eu não o quero — respondeu ela. — Por que ia querer? Eu tinha uma dívida com outro. Agora vou entregá-lo, então minha dívida estará paga.

O jornal foi sacudido pelo vento, e Fat Charlie ficou sozinho.

* O navio se chamava *Baía das Gaivotas* até os passageiros sofrerem um grande caso de intoxicação alimentar, que foi parar nas manchetes internacionais. O presidente do conselho, que não era um homem tão sensato quanto pensava, fez uma tentativa barata de trocar o nome sem mudar as iniciais do navio, o que gerou o maravilhoso nome de *Baía dos Gases*.

CAPÍTULO
ONZE

NO QUAL
ROSIE APRENDE
A DIZER NÃO
PARA ESTRANHOS E
FAT CHARLIE
GANHA UM LIMÃO

FAT CHARLIE OLHOU para a sepultura do pai.

— Você está aí? — perguntou, bem alto. — Se estiver, saia. Preciso falar com você.

Ele caminhou até a lápide com padrões floridos e olhou para baixo. Não sabia ao certo o que esperava. Talvez pensasse que uma mão sairia da terra, esticando-se até agarrar sua perna, mas nada do tipo parecia prestes a acontecer.

Tivera tanta certeza.

Fat Charlie fez o caminho de volta pelo Memorial Jardim do Repouso sentindo-se idiota, como um participante de um programa de TV de perguntas e respostas que acabou de cometer o erro de apostar todos os milhões que ganhara na afirmativa de que o Mississippi era um rio maior do que o Amazonas. Devia ter pensado melhor naquilo. O pai estava mais morto do que um bicho atropelado na estrada, e ele desperdiçara o dinheiro de Spider em uma busca infrutífera. Sentou perto dos moinhos da Bebelândia e chorou. Os brinquedos destruídos pareciam ainda mais tristes e solitários do que ele se lembrava.

A velha senhora estava esperando por ele no estacionamento, apoiada no carro velho, fumando um cigarro. Não parecia muito à vontade.

— Olá, sra. Bustamonte — cumprimentou Fat Charlie.

Ela deu um último trago no cigarro, jogou a bituca no asfalto e a amassou sob a sola do sapato sem salto. Estava vestida de preto. Parecia cansada.

— Olá, Charles.

— Se eu soubesse que encontraria alguém aqui, pensaria na sra. Higglar. Ou quem sabe na sra. Dunwiddy.

— Callyanne não está. E a sra. Dunwiddy me mandou vir aqui. Ela quer ver você.

É como a máfia, pensou Fat Charlie. *Uma máfia pós-menopausa.*

— Ela vai me fazer uma oferta irrecusável?

— Duvido. Ela não está muito bem.

— Ah.

Ele entrou no carro alugado e seguiu o Camry da sra. Bustamonte pelas ruas da Flórida. Tivera tanta certeza a respeito do pai. Tivera certeza de que o encontraria vivo. Certeza de que ele o ajudaria...

Estacionaram em frente à casa da sra. Dunwiddy. Fat Charlie olhou para o jardim com os flamingos de plástico desbotado, os gnomos e o globo de vidro vermelho espelhado que ficava apoiado sobre uma pequena base de concreto, como um enorme enfeite de árvore de natal. Caminhou até a bola, que era igual à que ele quebrara quando menino, e viu seu reflexo distorcido a encará-lo.

— Para que serve? — perguntou.

— Para nada. Ela só gosta dele.

O aroma de água de violetas, denso e enjoativo, pairava dentro da casa. Sua tia-avó Alanna sempre tinha um pacote de balas violetas na bolsa, que Fat Charlie só comia se não houvesse outra opção, mesmo sendo uma criança gorducha e louca por doces. A casa tinha o mesmo cheiro do gosto daquelas balas. Fat Charlie não pensava nelas havia vinte anos. Ficou pensando se ainda eram fabricadas. E se perguntou por que tinham pensado em fabricá-las, para começo de conversa...

— Ela está no fim do corredor — explicou a sra. Bustamonte, então parou e apontou.

Fat Charlie entrou no quarto da sra. Dunwiddy.

Não era uma cama grande, mas a mulher deitada mais parecia uma boneca enorme largada ali. Estava de óculos. No topo da cabeça, a velha senhora usava a primeira touca de dormir que Fat Charlie via na vida: uma coisa amarelada que se assemelhava muito a uma capa de bule de chá, com as bordas enfeitadas de renda. Quando ele entrou, a mulher estava apoiada em uma montanha de travesseiros e roncava de leve, a boca aberta.

Ele pigarreou.

A sra. Dunwiddy levantou a cabeça de repente, abriu os olhos e o encarou. Então apontou o dedo para a mesa de cabeceira ao lado da cama, e Fat Charlie pegou o copo de água que estava ali e o entregou a ela. A mulher o segurou com as duas mãos, como um esquilo faz com uma noz, e deu um grande gole antes de devolver o copo.

— Minha boca fica toda seca. Sabe quantos anos eu tenho?

— Hã... — Ele concluiu que não havia resposta certa. — Não.

— Cento e quatro.

— Isso é incrível. A senhora está em ótima forma. Quer dizer, é maravilhoso...

— Cale a boca, Fat Charlie.

— Desculpe.

— Não peça desculpas desse jeito, como um cachorro enxotado depois de sujar o chão da cozinha. Cabeça erguida. Encare o mundo de frente. Está me ouvindo?

— Estou. Desculpe. Quer dizer, estou.

Ela suspirou.

— Querem me levar para um hospital. Eu disse que, depois de viver cento e quatro anos, tenho o direito de morrer na minha própria cama. Fiz bebês nesta cama, há muito tempo. Depois dei à luz muitos bebês, nesta mesma cama. E nem que a vaca tussa vou morrer em outro lugar. E tem mais... — A mulher parou de falar, fechou os olhos e deu um suspiro lento e profundo. Quando Fat Charlie estava convencido de que a velha tinha caído no sono, os olhos dela se abriram, e a sra. Dunwiddy continuou: — Fat Charlie, se algum dia lhe perguntarem se você quer viver até os cento e quatro anos, diga que não. Tudo dói. Tudo. Sinto dor em lugares que as pessoas ainda nem descobriram que existem.

— Vou me lembrar disso.

— Pare com essas respostas espertinhas.

Fat Charlie olhou para a pequena mulher, deitada na cama de madeira branca.

— Devo pedir desculpas?

A mulher virou o rosto, parecendo culpada.

— Eu fiz mal a você. Há muito tempo, eu fiz mal a você.

— Eu sei — respondeu Fat Charlie.

A sra. Dunwiddy podia estar morrendo, mas ainda conseguia lançar o tipo de olhar que fazia crianças de menos de cinco anos saírem correndo e gritando por suas mães.

— Como assim, você sabe?

— Eu descobri. Acho que não tudo, mas alguma coisa. Não sou burro.

Ela o examinou com frieza através do vidro grosso dos óculos e disse:

— Não. Não descobriu nada. *Isso* sim é verdade. — A mulher estendeu a mão encarquilhada. — Me dê mais água. — Ela bebericou a água, sorvendo-a com a pequena língua roxa. — É bom que você esteja aqui hoje. Amanhã a casa inteira estará cheia de netos e bisnetos tristes, todos tentando me fazer morrer no hospital, me bajulando para que eu lhes dê coisas. Eles não me conhecem. Vivi mais que todos os meus filhos. Todos.

— A senhora vai falar sobre a coisa ruim que fez comigo?

— Você nunca devia ter quebrado o globo de vidro do meu jardim.

— Tenho certeza disso.

Ele lembrou, ainda daquele jeito que a gente lembra as coisas da infância: parte memória, parte memória da memória. Seguiu a bola de tênis até o jardim da sra. Dunwiddy, e, quando estava lá, por curiosidade pegou o globo espelhado para ver seu rosto refletido, uma imagem grande e distorcida. Sentiu-o cair no chão de pedra, observou-o se estilhaçar em milhares de pequeninos fragmentos de vidro. Ele se lembrou dos dedos velhos e fortes que o agarraram pela orelha e o arrastaram pelo jardim até o interior da casa...

— A senhora mandou Spider embora, não foi?

A mulher assentiu, tão tensa quanto um touro mecânico.

— Eu o bani. Mas não queria que fosse da forma que foi. Antigamente, todo mundo conhecia um pouco de magia. Não tínhamos todos esses DVDs, celulares e micro-ondas, mas ainda assim sabíamos de muita coisa. Eu só queria lhe ensinar uma lição. Você era muito cheio de si, todo travesso, respondão e atrevido. Então eu arranquei Spider de você, para lhe ensinar uma lição.

Fat Charlie ouviu o que ela dizia, mas as palavras não faziam sentido.

— Você o arrancou?

— Eu o separei de você. Toda a malandragem. Toda a malícia. Toda a maldade. Tudo isso. — Ela suspirou. — Foi um erro meu. Ninguém tinha me avisado que perto de... Perto de pessoas com a linhagem de seu pai, a magia é amplificada. Fica mais poderosa. — Outro gole de água. — Sua mãe nunca acreditou. Não de verdade. Mas aquele Spider, ele era pior que você. Seu pai nunca disse uma palavra sobre o assunto, até o dia que eu mandei Spider embora. Mesmo então, tudo o que ele falou foi que, se você não conseguisse resolver isso, não era filho dele.

Fat Charlie quis discutir, dizer a ela que aquilo não fazia sentido, que Spider não era parte dele. Que aquilo fazia tanto sentido quanto ele, Fat Charlie, ser parte do mar ou da escuridão. Em vez disso, falou:

— Onde está a pena?

— De que pena você está falando?

— Quando voltei daquele lugar. O lugar dos penhascos e das cavernas. Eu estava segurando uma pena. O que a senhora fez com ela?

— Não lembro. Sou velha. Tenho cento e quatro anos.

— Onde está? — inquiriu Fat Charlie.

— Esqueci.

— Por favor, me diga.

— Não está comigo.

— Está com quem?

— Callyanne.

— A sra. Higgler?

Ela se inclinou para a frente, como se fosse contar um segredo.

— As outras duas são apenas meninas. São avoadas.

— Liguei para a sra. Higgler antes de vir. Passei na casa dela antes de ir ao Memorial. A sra. Bustamonte disse que ela foi embora.

A sra. Dunwiddy balançava delicadamente de um lado para outro na cama, como se estivesse se embalando para dormir.

— Não vou ficar aqui por muito mais tempo. Parei de comer alimentos sólidos depois que você foi embora, na última vez em que estive aqui. Para mim, chega. Só água. Algumas mulheres dizem que amam seu pai, mas eu o conheço há muito mais tempo. Quando eu ainda era bonita, ele me levava para dançar. Vinha me buscar, me levava para passear. Já era um senhor na época, mas sempre soube fazer as garotas se sentirem especiais. Não dá para se sentir... — Ela parou e tomou outro gole de água. As mãos estavam trêmulas. Fat Charlie pegou o copo vazio. — Cento e quatro. E nunca fiquei na cama durante o dia, a não ser para dar à luz. E agora, chega.

— Tenho certeza de que a senhora vai chegar aos cento e cinco — comentou Fat Charlie, desconfortável.

— Não diga isso! — Ela parecia assustada. — *Não!* Sua família já criou problemas o bastante. Não vá fazer essas coisas acontecerem.

— Não sou como meu pai — retrucou Fat Charlie. — Não tenho um pingo de magia. Spider herdou toda essa parte, lembra?

Ela não parecia ouvir.

— Quando íamos dançar, muito antes da Segunda Guerra, seu pai falava com o líder da banda, e várias vezes o convidavam para subir ao palco e cantar com eles. Todo mundo ria e vibrava. É assim que ele faz as coisas acontecerem. Cantando.

— Onde está a sra. Higgler?

— Foi para casa.

— A casa dela está vazia. O carro não está lá.

— Foi para *casa*.

— Hã... a senhora quer dizer que ela morreu?

A velha, deitada nos lençóis brancos, respirou ruidosamente e fez um esforço para recuperar o fôlego. Parecia incapaz de continuar falando. Então gesticulou para ele.

— Quer que eu busque ajuda?

Ela assentiu e continuou a arfar, engasgando e respirando com dificuldade, enquanto Fat Charlie saía para buscar a sra. Bustamonte. A mulher estava sentada na cozinha, assistindo *Oprah* em uma TV portátil bem pequena.

— Ela está chamando a senhora — anunciou.

A sra. Bustamonte saiu. E voltou carregando a jarra de água vazia.

— O que você disse para deixá-la agitada daquele jeito?

— Ela estava tendo um ataque ou coisa do tipo?

A sra. Bustamonte olhou bem para ele.

— Não, Charles. Ela estava rindo de você. Disse que você a faz se sentir bem.

— Ah. A sra. Dunwiddy disse que a sra. Higgler tinha ido para casa. Aí eu perguntei se aquilo queria dizer que ela estava morta.

A sra. Bustamonte abriu um sorriso.

— Saint Andrews — explicou. — Callyanne foi para Saint Andrews.

Ela encheu a jarra na pia.

— Quando isso tudo começou, eu achava que estava contra Spider, e que vocês quatro estavam do meu lado. Agora levaram Spider, e sou eu contra vocês quatro — falou Fat Charlie. A velha desligou a água e o encarou, irritada. — Não acredito em mais ninguém. A sra. Dunwiddy deve estar fingendo essa doença. Acho que assim que eu sair daqui, ela vai se levantar daquela cama e dançar pelo quarto que nem uma doida.

— Ela não está mais comendo. Disse que a comida a faz se sentir mal por dentro. Não precisa de quase nada para encher a barriga. Só água.

— Onde exatamente ela está, em Saint Andrews? — perguntou Fat Charlie.

— Vá embora — retrucou a sra. Bustamonte. — Essa sua família... Vocês já causaram problemas demais por aqui.

Fat Charlie pareceu prestes a dizer algo, mas não disse. Saiu sem mais uma palavra.

A sra. Bustamonte levou a jarra de água para a sra. Dunwiddy, que estava deitada na cama, bem quieta.

— O filho de Nancy nos odeia. O que você disse a ele, afinal?

A sra. Dunwiddy não respondeu. A sra. Bustamonte parou para escutar. Então, quando teve certeza de que a velha ainda estava respirando, tirou os óculos grossos de seu rosto e os botou ao lado da cama, depois puxou o lençol para cobrir seus ombros.

Daí em diante, ficou só esperando o fim.

★ ★ ★

Fat Charlie entrou no carro e deu o fora, sem muita certeza de para onde ir. Atravessara o Atlântico pela terceira vez em duas semanas, e o dinheiro que Spider lhe dera estava quase acabando. Dirigia sozinho. Como não tinha ninguém ao redor, começou a cantarolar.

Passava por um aglomerado de restaurantes jamaicanos quando percebeu uma placa na vitrine de uma loja: *Preços reduzidos para as Ilhas*. Parou o carro e entrou.

— Nós da Viagens Classe-A estamos aqui para atender a todas as suas necessidades durante as férias — anunciou o agente de viagens, no tom de

voz baixo e pesaroso que os médicos costumam reservar para quando precisam dizer às pessoas que o membro em questão terá que ser amputado.

— Hã... Sim. Obrigado. Hã... Qual é a maneira mais barata de chegar a Saint Andrews?

— É uma viagem de férias?

— Na verdade, não. Só preciso passar um dia, lá. Talvez dois.

— E quando é a data de partida?

— Hoje à tarde.

— Imagino que isso seja uma piada.

— De jeito nenhum.

Ele encarou a tela, infeliz. Então digitou no teclado.

— Parece que não há nada disponível por menos de mil e duzentos dólares.

— Ah.

Fat Charlie pareceu desanimado.

Mais cliques no teclado. O homem fungou.

— Isso não pode estar certo. Espere aí. — Ele fez um telefonema. — Essa tarifa ainda está valendo? — Anotou alguns números em um bloco de notas e olhou para Fat Charlie. — Se você puder ficar uma semana e se hospedar no hotel Dolphin, posso conseguir uma semana de férias por quinhentos dólares, com as refeições incluídas. O voo vai custar só a taxa de embarque.

Fat Charlie piscou.

— Tem alguma pegadinha?

— É uma promoção de turismo da ilha. Alguma coisa a ver com o festival de música. Achei que não estivesse mais valendo. Mas você sabe o que dizem: a gente recebe por aquilo que paga. Se quiser comer em qualquer outro lugar que não o hotel, terá que pagar por fora.

Fat Charlie entregou ao homem cinco notas de cem dólares amarrotadas.

★ ★ ★

Daisy estava começando a se sentir o tipo de policial que só existe nos filmes: durona, cínica e prontíssima para enfrentar o sistema. O tipo de tira que quer saber se o interlocutor se sente com sorte, ou se está interessado em melhorar o dia dele. E, em especial, sentia-se o tipo de tira que diz: “Estou ficando velho demais para essa merda.” Daisy tinha vinte e seis anos, mas queria dizer às outras pessoas que estava velha demais para aquela merda. Ela tinha total consciência de como aquilo soava ridículo, muito obrigada.

Naquele momento, estava parada no gabinete do superintendente Camberwell, dizendo:

— Sim, senhor. Saint Andrews.

— Fui lá durante as férias, há alguns anos, com a antiga sra. Camberwell. Lugar muito agradável. A comida era uma delícia.

— Parece que é esse o lugar, senhor. As imagens que conseguimos do circuito fechado do aeroporto de Gatwick com certeza são de Grahame Coats. Ele está viajando sob o nome de Bronstein. Roger Bronstein voou para Miami, trocou de avião e pegou uma conexão para Saint Andrews.

— Tem certeza de que é ele?

— Tenho.

— Bem, isso nos deixa em um beco sem saída, sabia? Não há tratado de extradição lá.

— Deve haver *alguma coisa* que a gente possa fazer.

— Hum. Podemos congelar o restante das contas dele e bloquear os bens, e é o que vamos fazer. E isso vai ser tão útil quanto um guarda-chuva que dissolve em água, porque ele deve ter muito dinheiro guardado em algum lugar onde não podemos encontrar ou tocar.

— Mas isso não é *justo* — reclamou Daisy.

Ele a encarou como se não tivesse certeza de para o que estava olhando.

— Não estamos brincando de pique-pegas no parquinho. Se eles respeitassem as regras, estariam do nosso lado. Se ele voltar, nós o prendemos. — O superintendente esmagou um pequenino homem de massa de modelar em uma bola, então começou a achatá-la, moldando-a entre o indicador e o polegar. — Antigamente, podiam pedir até abrigo no santuário de uma igreja. Se a pessoa ficasse lá dentro, a lei não podia tocá-la. Mesmo se ela tivesse cometido um assassinato. Claro que isso limitava a vida social. Mas era assim.

Ele encarou a subordinada como se esperasse que ela fosse embora. Mas Daisy retrucou:

— Ele matou Maeve Livingstone. Passou anos roubando descaradamente dos clientes.

— E?

— Ele deveria ser preso.

— Não precisa ficar nervosa.

Estou ficando velha demais para essa merda, pensou Daisy. Mas manteve a boca fechada, e as palavras dando círculos dentro de sua cabeça.

— Não precisa ficar nervosa — repetiu o chefe. Então moldou a massa de modelar em um cubo grosseiro, depois o apertou com força entre o polegar e o indicador. — Eu não fico mais nervoso com essas coisas. Pense nessa situação como se fosse um guarda de trânsito. Grahame Coats é só um carro que estacionou em lugar proibido, mas saiu antes que você pudesse multá-lo. Entendeu?

— Claro — respondeu Daisy. — Claro. Desculpe.

— Certo.

Ela voltou para a escrivaninha, entrou no site interno da polícia e analisou as opções por várias horas. Finalmente, foi para casa. Carol estava assistindo à novela e comendo uma refeição congelada.

— Vou tirar uma folga — comentou Daisy. — Sair de férias.

— Você não tem tempo de férias para tirar — observou Carol.

— Que pena. Estou velha demais para essa merda.

— Ah, é? E aonde você vai?

— Vou pegar um bandido — respondeu Daisy.

★ ★ ★

Fat Charlie gostou da CaribeAir. Podiam até ser uma empresa aérea internacional, mas pareciam uma empresa de ônibus local. A comissária de bordo o chamou de “querido” e disse a ele que podia se sentar onde achasse melhor.

Fat Charlie se esticou sobre três poltronas e dormiu. Em seu sonho, ele caminhava sob um céu acobreado, e o mundo estava silencioso e imóvel. Andava na direção de uma ave que era maior que uma cidade, os olhos em chamas, o bico aberto. Fat Charlie entrou pelo bico e desceu pela garganta da criatura.

Então, como acontece nos sonhos, foi parar em uma sala com paredes cobertas de penas macias e olhos redondos como os de corujas, mas que não piscavam.

Spider estava no centro da sala, as pernas e os braços estendidos. Estava pendurado por correntes feitas de ossos, que mais pareciam os ossos do pescoço de uma galinha. As correntes começavam em cada canto da sala e o prendiam firme, como uma mosca em uma teia.

“Ah”, disse Spider. “É você.”

“Sim”, respondeu Fat Charlie, em seu sonho. As correntes de ossos repuxaram a carne de Spider, e ele pôde ver dor no rosto do irmão. “Bem, acho que poderia ser pior.”

“Eu não acho que isso seja tudo”, disse o irmão. “Acho que ela tem planos para mim. Planos para nós dois. Só não sei quais são.”

“São apenas aves”, retrucou Fat Charlie. “Não pode ser tão ruim assim.”

“Já ouviu falar em Prometeu?”

“Hã...”

“Deu o fogo ao homem. Foi condenado pelos deuses a ser acorrentado a uma rocha. Todos os dias, uma águia descia dos céus e devorava o fígado dele.”

“Ele nunca ficava sem fígado?”

“Crescia um novo todo dia. É coisa de deus.”

Houve uma pausa. Os dois irmãos se entreolharam.

“Vou endireitar as coisas”, prometeu Fat Charlie. “Vou resolver isso.”

“Assim como resolveu o resto da sua vida, imagino.”

Spider deu um sorriso sem emoção.

“Me desculpe.”

“Não, eu é que tenho que pedir desculpas.” Spider suspirou. “E aí, tem algum plano?”

“Plano?”

“Vou considerar isso como um não. Só faça o que tiver que fazer. Me tire deste lugar.”

“Aqui é o inferno?”

“Não sei. Se isto aqui for mesmo algum lugar, é o Inferno das Aves. Você precisa me tirar daqui.”

“Como?”

“Você é filho do meu pai, não é? É meu irmão. Invente alguma coisa. Só me tire daqui.”

Fat Charlie acordou trêmulo. A comissária de bordo trouxe café, que ele bebeu, agradecido. Estava desperto, e não tinha a menor vontade de voltar a dormir, então leu a revista de bordo da CaribeAir e aprendeu muitas coisas úteis sobre Saint Andrews.

Aprendeu que Saint Andrews não é a menor ilha do Caribe, mas costuma ser uma das que as pessoas se esquecem ao fazerem listas. Foi descoberta pelos espanhóis por volta de 1500, quando era um monte vulcânico desabitado e com animais em abundância, sem falar na diversidade de plantas. Dizia-se que qualquer coisa que se plantasse em Saint Andrews crescia.

A ilha pertenceu aos espanhóis, depois aos britânicos, depois aos holandeses, depois outra vez aos britânicos, e então, por um curto período após se tornar independente, em 1962, pertenceu ao major F. E. Garret. Ele assumiu o governo, rompeu relações diplomáticas com todos os outros países, exceto a Albânia e o Congo, e governou a ilha como punhos de ferro. Até que sofreu uma morte infeliz ao cair da cama, vários anos mais tarde. Foi uma queda tão intensa que ele quebrou vários ossos do corpo, apesar de haver um esquadrão inteiro de soldados em seu quarto. Todos testemunharam que tentaram, sem sucesso, impedir que o major Garret caísse e que, apesar de todos os esforços, ele já estava morto ao chegar ao único hospital da ilha. Desde então, Saint Andrews era administrada por um governo local, benevolente e eleito, e a ilha era aberta a todos.

Tinha quilômetros de praias arenosas e uma floresta tropical bem pequena no centro. Tinha bananas e cana-de-açúcar, um sistema bancário que encorajava investimentos estrangeiros e operações bancárias de empresas *offshore*, e nenhum tratado de extradição, exceto, talvez, com o Congo e a Albânia.

Se dava para dizer que Saint Andrews era conhecida por alguma coisa, tinha que ser pela culinária: os habitantes afirmavam que já faziam frango com molho *jerk* antes dos jamaicanos, que criaram o curry de cabrito antes dos nativos de Trinidad e que fritavam peixe-voador antes dos habitantes de Barbados.

Havia duas cidades em Saint Andrews: Williamstown, no lado sudeste da ilha, e Newcastle, no lado norte. Havia feiras onde tudo o que crescia na ilha podia ser comprado, além de vários supermercados, que vendiam os mesmos alimentos pelo dobro do preço. Um dia, Saint Andrews teria um aeroporto internacional de verdade.

Se a profundidade do porto de Williamstown era uma coisa boa ou não era uma questão de opinião. Mas inquestionável era o fato de que era isso que atraía os cruzeiros — ilhas flutuantes cheias de gente, que já começavam a mudar a economia e a natureza do lugar, assim como de muitas ilhas do Caribe. Na alta temporada, chegava a ter meia dúzia de navios na Baía de Williamstown, e com eles milhares de pessoas esperando para desembarcar, esticar as pernas e ir às compras. E as pessoas de Saint Andrews reclamavam, mas sempre recebiam os visitantes em terra, vendiam seus produtos e os alimentavam até que eles não aguentassem mais comer, depois os mandavam de volta para os barcos...

O avião da CaribeAir aterrissou com um baque que fez Fat Charlie deixar a revista cair. Ele a enfiou no bolso da poltrona à frente, desceu a escada e caminhou pela pista de asfalto.

Era fim de tarde.

Fat Charlie pegou um táxi do aeroporto até o hotel. Durante a corrida, aprendeu várias coisas que não tinham sido mencionadas na revista da CaribeAir. Por exemplo: música, música de verdade, música boa mesmo, era música country. Em Saint Andrews, até os rastafáris ouviam isso. Johnny Cash? Era um deus. Willie Nelson? Um semideus.

Aprendeu que não havia motivos para deixar Saint Andrews. O próprio taxista nunca encontrara sequer uma razão para deixar o lugar, e pensara muito em fazê-lo. A ilha tinha uma caverna, uma montanha e uma floresta tropical. Hotéis? Tinha vinte. Restaurantes? Dezenas. Tinha uma cidade de porte médio, três vilas e vários vilarejos. Comida? Tudo crescia por ali. Laranja. Banana. Noz-moscada. Tinha até limões, afirmava o homem.

— Sério? — comentou Fat Charlie, mais para sentir que fazia parte da conversa do que por julgar a informação falsa.

O taxista, no entanto, pareceu encarar aquilo como uma dúvida do seu caráter. O homem pisou no freio, estacionou o carro no acostamento, saiu do veículo, estendeu a mão por cima de uma cerca, puxou algo de uma árvore e voltou para o carro.

— Olhe só isso aqui! — mandou. — Que ninguém lhe diga que sou um mentiroso. O que é isso?

— Um limão? — indagou Fat Charlie.

— Exatamente.

O taxista jogou o carro de volta para a estrada. Ele explicou que o Dolphin era um hotel excelente. Perguntou se por acaso Fat Charlie tinha família na ilha. Se conhecia alguém dali.

— Na verdade, vim só para procurar uma pessoa. Uma mulher.

O taxista achou aquela ideia maravilhosa, já que Saint Andrews era o lugar perfeito para encontrar uma mulher. Explicou que isso acontecia porque as mulheres de Saint Andrews tinham mais curvas que as mulheres da Jamaica, além de serem menos propensas a trazer tristeza e sofrimento que as de Trinidad. Além disso, eram mais bonitas que as mulheres da República Dominicana, e não havia melhores cozinheiras em nenhum outro canto do planeta. Se Fat Charlie estava à procura de uma mulher, tinha ido ao lugar certo.

— Não é qualquer mulher. É uma mulher específica — explicou Fat Charlie.

O motorista disse a Fat Charlie que aquele era seu dia de sorte, pois ele se orgulhava de conhecer todos que viviam na ilha. Quando alguém passa a vida toda em um lugar, explicou, consegue fazer isso. Ele podia apostar que seu passageiro não conhecia de vista todas as pessoas da Inglaterra, e Fat Charlie admitiu que era verdade.

— Ela é uma amiga da família. O nome dela é sra. Higgler. Callyanne Higgler. Já ouviu falar?

O motorista ficou em silêncio por um tempo. Parecia estar pensando. Então respondeu que não, nunca ouvira falar nela. O táxi parou em frente ao hotel Dolphin, e Fat Charlie pagou ao homem.

Ele entrou na recepção, onde havia uma moça para atendê-lo. Mostrou o passaporte e o número da reserva. Então colocou o limão em cima do balcão.

— O senhor tem bagagem?

— Não — respondeu Fat Charlie, um pouco tímido.

— Nada?

— Nada. Só esse limão.

Ele preencheu vários formulários, e a mulher lhe entregou uma chave e deu instruções para chegar ao quarto.

Fat Charlie estava na banheira quando bateram à porta. Ele enrolou uma toalha na cintura. Era um funcionário do hotel.

— O senhor esqueceu o limão na recepção — explicou, entregando-lhe a fruta.

— Obrigado.

Então Fat Charlie foi para a cama e teve sonhos inquietos.

Em sua casa, no alto do penhasco, Grahame Coats também teve sonhos muito estranhos, sombrios e agitados, talvez até desagradáveis. Não conseguia se lembrar muito bem deles ao acordar, mas abria os olhos na manhã seguinte com a vaga impressão de ter passado a noite perseguindo pequenas criaturas na relva alta, matando-as com uma patada e rasgando os corpos com os dentes.

Em seus sonhos, tinha dentes que eram verdadeiras armas de destruição. Acordava perturbado e exausto.

Um novo dia começava a cada manhã, e, apenas uma semana após abandonar sua antiga vida, Grahame Coats já experimentava a frustração de um fugitivo. Tudo bem que ele tinha uma piscina, cacaueros, pés de toranja e noz-moscada, uma adega de vinhos cheia, uma antiga despensa de carnes subterrânea vazia e um home theater. Também tinha TV por satélite e uma grande coleção de DVDs, sem falar em quadros avaliados em milhares de dólares pendurados em todas as paredes. Tinha um cozinheiro, que aparecia todos os dias para preparar suas refeições, uma empregada e um jardineiro (um casal que todo dia passava algumas horas na casa). A comida era excelente, e o clima, para quem gostava de dias quentes e ensolarados, perfeito. Mas nenhuma dessas coisas deixava Grahame Coats tão feliz quanto deveria.

Ele não fizera a barba desde que saíra da Inglaterra, o que ainda não o deixara com uma barba de respeito, apenas uma cobertura rala que daria um ar ardiloso a qualquer homem. Seus olhos, com olheiras de panda, tinham bolsas tão escuras que pareciam hematomas.

Ele nadava na piscina toda manhã, mas, fora isso, evitava o sol. Não juntara uma fortuna por meios ilícitos para perdê-la para um câncer de pele, dizia a si mesmo. Nem para qualquer outra coisa.

Pensava muito em Londres. Lá, todos os seus restaurantes favoritos tinham maitres que o conheciam pelo nome e se certificavam de que ele sempre saísse satisfeito. Em Londres, havia gente que lhe devia favores, e Grahame nunca tinha dificuldade em conseguir entradas para as estreias. Por falar nisso, em Londres havia teatros com estreias. Sempre achou que se adaptaria bem ao exílio, mas começava a desconfiar que estava enganado.

Como precisava colocar a culpa em alguém, chegou à conclusão de que era tudo culpa de Maeve Livingstone. Ela o seduzira. Tentara roubá-lo. Era uma megera perversa e insolente. Maeve merecera tudo o que tinha sofrido. Fora até pouco. Já podia imaginar seu discurso caso fosse convidado para dar uma entrevista em algum programa de TV. Podia ouvir sua voz — inocente, ferida — enquanto explicava que só estava tentando defender sua

honra e suas posses de uma mulher louca e perigosa. Na verdade, fora um milagre ter conseguido sair vivo daquele escritório...

Além de tudo, ele *gostava* de ser Grahame Coats. Agora era Basil Finnegan, como sempre que visitava a ilha, e isso o incomodava. Não se sentia como Basil. Fora difícil conquistar sua basildade — o Basil original morrera quando bebê, mas tinha uma data de nascimento próxima a de Grahame. Com uma cópia da certidão de nascimento que mais tarde foi anexada à carta de um clérigo imaginário, Grahame obteve um passaporte e uma identidade. E mantivera a identidade viva: Basil tinha um histórico bancário sólido, sempre viajava para lugares exóticos e comprara uma casa luxuosa em Saint Andrews sem sequer visitá-la. Só que, na cabeça de Grahame, Basil trabalhava para ele, e agora o empregado tinha virado o patrão. Basil Finnegan devorara Grahame Coats vivo.

— Vou enlouquecer aqui.

— O que o senhor disse? — perguntou a empregada, espiando dentro do quarto com um espanador na mão.

— Nada — respondeu Grahame Coats.

— Achei que o senhor tivesse dito que ia enlouquecer aqui dentro. O senhor deveria sair para dar uma volta. Caminhar faz bem para a alma.

Grahame Coats não saía para caminhar. Tinha pessoas para fazer isso por ele. *Talvez Basil Finnegan saísse para fazer caminhadas*, pensou. Pôs um chapéu de aba larga e trocou as sandálias por tênis. Pegou o celular, deu instruções ao jardineiro para ir buscá-lo quando ele ligasse e saiu da casa à beira do penhasco, caminhando em direção à cidadezinha mais próxima.

É um mundo pequeno. Não é preciso viver nele muito tempo para aprender isso sozinho. Existe a teoria de que, no mundo inteiro, há apenas quinhentas pessoas de verdade — o elenco, por assim dizer; todas as outras não passam de figurantes. E tem mais: todas se conhecem. E é verdade, ou pelo menos em parte. Na verdade, o mundo é composto de milhares de grupos de quinhentas pessoas, e elas passam a vida se esbarrando, tentando se evitar e se encontrando na mesma improvável casa de chá em Vancouver. É simplesmente inevitável. Não é sequer uma coincidência. É só o modo como as coisas funcionam, sem se importar com os indivíduos ou a conveniência.

Bem, Grahame Coats entrou em uma pequena cafeteria à beira da estrada para Williamstown com o intuito de comprar um refrigerante, descansar um pouco e ligar para o jardineiro ir buscá-lo.

Ele pediu uma Fanta e sentou-se a uma mesa. O lugar estava praticamente vazio: havia apenas duas mulheres, uma jovem e outra mais velha, sentadas no canto oposto, bebendo café e escrevendo em cartões-postais.

Grahame Coats olhou pela vitrine da loja, admirando a praia do outro lado da estrada. Era o paraíso, pensou. Aquela paisagem podia estimulá-lo a

se envolver ainda mais com a política local, talvez como um patrono das artes. Já fizera várias doações substanciais para a força policial da ilha, e talvez fosse necessário se assegurar de que...

Uma voz às suas costas, animada e hesitante, perguntou:

— Sr. Coats?

Ele sentiu o coração disparar. A mais jovem das mulheres sentou-se ao seu lado. Ela tinha um sorriso muito caloroso.

— Que coincidência encontrá-lo aqui. Também está de férias?

— Mais ou menos.

Ele não fazia ideia de quem era aquela mulher.

— O senhor se lembra de mim, não? Rosie Noah. Eu era noiva do Fat... do Charlie Nancy. Lembra?

— Olá. Rosie. Sim, claro.

— Estou fazendo um cruzeiro com minha mãe. Ela ainda está escrevendo nos cartões-postais que vamos mandar para casa.

Grahame Coats olhou por cima do ombro, perscrutando o fundo da pequena cafeteria, e algo que mais parecia uma múmia sul-americana com um vestido florido o encarou de volta.

Rosie continuou:

— Na verdade, cruzeiros não são muito a minha praia. Dez dias indo de ilha em ilha. É um alívio ver um rosto conhecido, não é mesmo?

— É, sim — concordou Grahame Coats. — Devo presumir que você e nosso Charles não são mais... Bem, um casal?

— É. Acho que sim. Quer dizer, não somos.

Por fora, Grahame Coats sorriu com compaixão. Pegou a Fanta e acompanhou Rosie até a mesa no canto. A mãe dela emanava ondas de mau humor, assim como um velho aquecedor de ferro irradiava frio, mas Grahame Coats foi muito encantador, totalmente solícito e concordou com tudo que ela dizia. As coisas que as companhias de cruzeiros achavam que podiam fazer hoje em dia davam mesmo nos nervos. Era revoltante ver como deixavam que os funcionários do navio ficassem tão relaxados, era um choque notar como havia pouca coisa para se fazer nas ilhas. Além disso, era muito ultrajante o que se esperava que os passageiros deviam suportar: dez dias sem banheira, apenas um cubículo com chuveiro. Um absurdo.

A mãe de Rosie contou a ele sobre as várias inimizades que conseguira cultivar com certos passageiros americanos cujo principal crime, pelo que Grahame Coats entendeu, era encher demais os pratos na fila do bufê do *Baía dos Gases* e pegar sol na área da piscina que a mãe de Rosie decidira, logo no primeiro dia, ser inquestionavelmente dela.

Enquanto era banhado naquele veneno, Grahame Coats assentia e fazia ruídos que indicavam simpatia, estalando a língua, concordando e rindo, até que a mãe de Rosie estava pronta para superar a aversão por estranhos e por

peessoas ligadas a Fat Charlie. E ela falava, falava e falava. Mas Grahame Coats não escutava. Grahame Coats estava pensando.

Seria muito ruim se alguém voltasse a Londres e informasse às autoridades que Grahame Coats fora avistado em Saint Andrews, pensava. Era inevitável que um dia ele fosse descoberto, mas, mesmo assim, era possível adiar o inevitável.

Então fez uma sugestão:

— Acho que tenho a solução para pelo menos um de seus problemas. Pouco acima, nesta mesma estrada, tenho uma casa de veraneio. Acredito que seja uma casa bem bonita. E banheira é uma coisa que ela tem de sobra. Vocês gostariam de fazer uma visita e aproveitar a oportunidade?

— Não, obrigada — respondeu Rosie.

Se ela tivesse concordado, havia grandes chances de a mãe comentar que precisavam estar de volta ao porto de Williamstown no fim da tarde, para regressar ao navio, e, mais tarde, repreender a filha por aceitar o convite de um homem praticamente estranho. Mas Rosie negou.

— É muita gentileza sua — retrucou a mãe de Rosie. — Seria um prazer.

Pouco depois, o jardineiro parou com o Mercedes preto do lado de fora da loja, e Grahame Coats abriu a porta do banco de trás para Rosie e sua mãe. Garantiu a elas que iria, claro, sem problema nenhum, levá-las até a baía bem antes do último barco para o navio partir.

— Para onde vamos, sr. Finnegan? — perguntou o jardineiro.

— Para casa — respondeu ele.

— Sr. Finnegan? — perguntou Rosie.

— É um velho nome de família — explicou Grahame Coats, e tinha certeza de que era. Da família de alguém, pelo menos.

Ele fechou a porta e deu a volta até o banco do carona.

★ ★ ★

Maeve Livingstone estava perdida. Tinha começado tão bem: desejou estar em casa, em Pontefract, então tremeluziu e sentiu um vento muito forte, e, uma lufada ectoplásmica depois, lá estava ela. Maeve caminhou pela casa uma última vez, então saiu para a manhã de outono. Queria ver a irmã em Rye, e, antes que pudesse pensar bem naquilo, estava em Rye, no jardim da irmã, vendo-a levar seu springer spaniel para passear.

Parecia tão fácil.

Foi nesse momento que decidira que queria ver Grahame Coats, e, desde então, tudo ia de mal a pior. Por alguns momentos, se viu de volta ao escritório em Aldwych, depois foi parar em uma casa vazia em Purley, onde se lembrava de ter ido a um jantar oferecido por Grahame Coats, uma década antes, e então...

Ela se perdeu. E as coisas só pioravam independentemente do lugar que tentava ir.

Não tinha ideia de onde estava. Parecia algum tipo de jardim.

Uma rápida pancada de chuva deixou tudo alagado, mas Maeve permaneceu intocada. A água começou a evaporar, e foi assim que ela soube que não estava mais na Inglaterra. O céu já escurecia.

Sentou-se no chão e começou a chorar.

Maeve Livingstone, pare com isso agora mesmo, pensou, ralhando consigo mesma.

Mas o choro só piorou.

— Quer um lenço? — perguntou alguém.

Maeve olhou para cima. Um velho de bigode fino usando um chapéu verde lhe oferecia um lenço de papel.

Ela assentiu.

— Mas não deve adiantar. Não vou conseguir tocá-lo.

Ele sorriu com simpatia e lhe entregou o lenço. O papel não passou através de seus dedos. Então Maeve assoou o nariz e secou as lágrimas.

— Obrigada. Desculpe. Isso é um pouco demais para mim.

— Não há de quê. — Ele a olhou de cima a baixo, avaliando-a. — O que você é? Um *duppy*?

— Não — respondeu Maeve. — Acho que não... O que é um *duppy*?

— Um fantasma.

O homem de bigodinho fino a fazia lembrar de Cab Calloway ou Don Ameche, um desses galãs que envelheceram mas nunca deixaram de ser galãs. Aquele homem ainda era um galã, não importava quem fosse.

— Ah. Certo. Sim. Eu sou isso. Hã... e você?

— Mais ou menos. De qualquer modo, estou morto.

— Ah. Você se importaria de me dizer onde estou?

— Estamos na Flórida. Em um cemitério. Foi bom você ter me encontrado por aqui, já estava saindo para dar uma volta. Quer vir junto?

— Você não devia estar na sepultura? — perguntou Maeve, hesitante.

— Fiquei entediado. Pensei que um passeio cairia bem. Quem sabe pescar um pouco.

Ela hesitou, então assentiu. Era bom ter alguém com quem conversar.

— Quer ouvir uma história?

— Na verdade, não — admitiu Maeve.

O velho a ajudou a se levantar, e os dois saíram caminhando do Memorial Jardim do Repouso.

— Tudo bem. Então serei breve. Não vou me alongar demais. Sabe, posso fazer as histórias durarem semanas. Está tudo nos detalhes: o que incluir e o que deixar de fora. Quer dizer, se deixar de lado o clima e o que as pessoas estão vestindo, pode acabar pulando metade da história. Já contei uma sobre...

— Olha, se você vai contar uma história, conte logo.

Já era bem ruim ter que andar pela beira da estrada ao anoitecer. Até que se lembrou de que não podia ser atropelada, mas isso não a deixou muito mais tranquila.

O velho começou a falar em uma voz doce e melodiosa.

— Quando digo “Tigre”, você precisa entender que não estou falando do felino listrado, da Índia. É só um jeito de se referir aos grandes felinos: os pumas, os lince, as onças e todos os outros. Entendeu?

— Mas é claro.

— Bom. Então... Há muito, muito tempo, o Tigre era dono das histórias. Todas as histórias eram histórias do Tigre, todas as canções eram canções do Tigre, e eu até diria que todas as piadas eram piadas do Tigre, mas ninguém contava piadas nos tempos do Tigre. Nessas histórias, tudo o que importava era a força de seus dentes e sua habilidade ao caçar e matar. Não há gentileza nas histórias do Tigre, nem astúcia ou paz.

Maeve tentou imaginar que tipo de história um grande felino poderia contar.

— Então elas eram violentas?

— Às vezes. Mas na maioria das vezes eram más. Era uma época ruim para todos, quando as histórias e canções pertenciam ao Tigre. As pessoas tomam a forma das canções e das histórias que as cercam, ainda mais quando não têm sua própria canção. E, na época do Tigre, todas as canções eram sombrias. Elas começavam com lágrimas e terminavam em sangue, e eram as únicas histórias que as pessoas deste mundo conheciam.

“E é aí que Anansi surge. Agora, acho que você já sabe tudo sobre Anansi...”

— Não sei, não — interrompeu Maeve.

— Bem, se eu começasse a explicar como Anansi era inteligente, bonito, charmoso e esperto, só terminaria na próxima quinta-feira.

— Então nem comece. Vou considerar que o que você disse é verdade. O que esse Anansi fez?

— Bem, Anansi ganhou as histórias. Ganhou, não. Ele as *conquistou*. Anansi as tirou do Tigre, e deu um jeito para que o Tigre não pudesse mais entrar no mundo real. Não em carne e osso. As histórias que as pessoas contavam passaram a ser histórias de Anansi. Isso foi há o quê? Dez, quinze mil anos.

“Bem, as histórias de Anansi têm inteligência, astúcia e sabedoria. Agora as pessoas do mundo inteiro não pensam mais só em caçar e serem caçadas. Estão começando a *pensar* em soluções para os problemas, o que, às vezes, só cria problemas ainda maiores. Elas ainda precisam encher a barriga, mas agora tentam dar um jeito de fazer isso sem precisar trabalhar, e é aí que começam a usar a cabeça. Tem gente que pensa que as primeiras ferramentas foram as armas, mas estão erradas. Primeiro as pessoas

descobriram as ferramentas. A bengala vem sempre antes da clava. Porque agora todos estão contando histórias de Anansi, e passaram a pensar em como ganhar um beijo ou conseguir algo de graça sendo mais espertas ou engraçadas. É aí que elas começam a criar o mundo.”

— Isso é só folclore — retruca Maeve. — Para começar, foram as pessoas que inventaram as histórias.

— E isso muda alguma coisa? — perguntou o velho. — Talvez Anansi seja só um sujeito de uma história inventada lá na África, na aurora do mundo, por algum menino com a perna coberta de mordidas de borrachudo, arrastando uma bengala na terra para desenhar a história que inventou sobre um homem feito de piche. Isso muda alguma coisa? As pessoas reagem às histórias. Elas as contam, as histórias se espalham e, conforme são contadas, mudam os contadores. E quem nunca tinha pensado em nada além de fugir dos leões e se aproximar com cautela dos rios para não virar comida de crocodilo agora começa a sonhar em morar em um lugar diferente. O mundo pode ser o mesmo, mas o cenário mudou. Entende? As pessoas ainda têm a mesma história, em que nascem, fazem coisas e morrem, mas agora a história tem um significado diferente do que tinha antes.

— Você está dizendo que antes das histórias de Anansi o mundo era mau e selvagem?

— É. Basicamente.

Ela pensou naquilo. Então concluiu, animada:

— Bem, então não tenho dúvidas de que é bom que as histórias agora sejam de Anansi.

O velho assentiu.

— E o Tigre não as quer de volta?

Ele assentiu outra vez.

— Ele as quer de volta há dez mil anos.

— Mas ele não vai conseguir, vai?

O velho não respondeu. Só olhou para o horizonte. Então deu de ombros.

— Seria ruim se ele conseguisse.

— E o que aconteceu com Anansi?

— Anansi morreu. E não tem muita coisa que um *duppy* possa fazer.

— Eu, que sou um *duppy*, me ressinto disso.

— Bem, fantasmas não podem tocar nos vivos. Lembra?

Ela pensou naquilo por um instante.

— Então no que *podemos* tocar?

A expressão que passou pelo rosto envelhecido dele era ao mesmo tempo astuta e maliciosa.

— Bem, você pode me tocar.

— Acho bom avisar que sou uma mulher casada.

O sorriso dele só aumentou. Era um sorriso doce e simpático, tão caloroso quanto perigoso.

— Esse tipo de contrato costuma terminar com *até que a morte nos separe*. — Maeve não ficou impressionada. — A questão é que você é uma garota imaterial. Só pode tocar coisas imateriais. Como eu. E, bem, podemos sair para dançar, se você quiser. Tem um lugar bem aqui, nesta rua. Ninguém vai perceber um casal de *duppies* na pista de dança.

Maeve pensou na ideia. Fazia muito tempo desde a última vez em que ela saíra para dançar.

— Você dança bem? — perguntou.

— Nunca recebi nenhuma reclamação — respondeu o velho.

— Eu quero encontrar um homem, um homem vivo, chamado Grahame Coats. Você pode me ajudar?

— Com certeza posso colocá-la na direção certa — disse ele. — Então, quer dançar comigo?

Um sorriso surgiu nos cantos dos lábios dela.

— Isso é um convite?

★ ★ ★

As correntes que mantinham Spider preso se soltaram. A dor, que era causticante e contínua como uma dor de dente e se espalhava por todo o corpo, começou a passar.

Spider deu um passo à frente.

Diante dele havia o que parecia ser uma fenda no céu, e ele caminhou na direção dela.

À sua frente, via uma ilha com uma pequena montanha no centro. Via um céu de puro azul, palmeiras balançando ao vento e uma gaivota voando alto. Mas, mesmo enquanto observava, aquele mundo parecia se afastar. Era como se estivesse olhando pelo lado errado do telescópio. O mundo encolhia e fugia, e quanto mais Spider corria em sua direção, mais longe ele parecia ficar.

A ilha tornou-se um reflexo em uma poça. Depois, o nada.

Estava em uma caverna. As bordas eram ásperas, mais ásperas e afiadas que em qualquer outro lugar que Spider estivera. Aquele era um tipo diferente de lugar.

Ela estava de pé na entrada da caverna, entre ele e a saída. Spider a conhecia. Aquela mulher sentara-se à sua frente em um restaurante grego em South London, e aves saíram de sua boca.

— Sabe, sou obrigado a dizer que você tem noções muito estranhas de hospitalidade. Se viesse ao meu mundo, eu prepararia um jantar, abriria uma

garrafa de vinho, colocaria uma música suave e lhe proporcionaria uma noite inesquecível — comentou Spider.

O rosto dela estava impassível, como se esculpido em rocha negra. O vento agitava a barra de sua capa de chuva marrom. Ela, então, falou. A voz, aguda e solitária, pareceu o chamado de uma gaivota ao longe.

— Peguei você. E agora você vai atraí-lo para cá.

— Atraí-lo? Atrair quem?

— Você vai berrar. Vai chorar. Seu medo vai provocá-lo.

— Spider não chora.

Ele não sabia muito bem se isso era verdade.

Olhos tão negros e brilhantes quanto lascas de obsidiana encaravam profundamente os olhos de Spider. Eram como buracos negros: não deixavam escapar nada, nem mesmo informação.

— Se me matar, minha maldição cairá sobre você — ameaçou Spider.

Ele se perguntou se tinha mesmo uma maldição. Era bem provável, mas mesmo que não tivesse, com certeza podia fingir que sim.

— Não vou ser eu quem vai matar você.

A mulher levantou a mão, que na verdade era a pata de uma ave de rapina. Ela golpeou seu rosto e atacou seu peito, e as garras cruéis afundaram na carne, rasgaram a pele.

Não doeu, apesar de Spider saber que em breve doeria muito.

Gotas de sangue escorreram por seu peito e brotaram em seu rosto. Os olhos ardiam. O sangue tocou seus lábios. Ele pôde sentir seu gosto e cheiro ferroso.

— Agora você começa a morrer — anunciou a mulher, com o grito de aves distantes.

— Nós somos entidades razoáveis. Deixe-me sugerir uma alternativa que pode ser mais exequível e que possivelmente trará benefícios para ambas as partes. — Ele disse isso com um sorrisinho, de maneira bem convincente.

— Você fala demais — retrucou ela, e balançou a cabeça. — Chega de conversa.

Ela enfiou as garras afiadas na boca dele e, com um giro e um puxão violentos, arrancou sua língua.

— Pronto. — Então pareceu ficar com pena dele, pois tocou o rosto de Spider de um jeito quase bondoso e disse: — Durma.

Ele dormiu.

★ ★ ★

A mãe de Rosie, agora de banho tomado, reapareceu refrescada, revigorada e, sem dúvida, radiante.

— Antes de pegarem a carona para Williamstown, gostariam de dar uma olhada na casa? — perguntou Grahame Coats.

— Precisamos voltar para o navio, mas obrigada mesmo assim — respondeu Rosie, que não tinha conseguido se convencer de que queria tomar banho na casa de Grahame Coats.

A mãe conferiu o relógio.

— Ainda temos noventa minutos — disse. — Não vai levar nem quinze para chegarmos ao porto. Não seja mal-educada, Rosie. Adorariamos conhecer a casa.

Então Grahame Coats mostrou a elas a sala de estar, o estúdio, a biblioteca, a sala de televisão, a sala de jantar, a cozinha e a piscina. Abriu uma porta embaixo das escadas da cozinha que parecia levar a um armário de vassouras e conduziu as convidadas por degraus de madeira que levavam a uma adega de vinhos com paredes de pedra. Mostrou os vinhos — a maioria viera com a casa, quando ele a comprara. Grahame as acompanhou até os fundos do cômodo, onde ficava a despensa que, na época anterior à refrigeração, servira para armazenar carnes. Lá era sempre frio, e correntes pesadas pendiam do teto, os ganchos vazios nas extremidades mostrando onde carcaças inteiras ficavam penduradas, muito tempo antes. Grahame Coats segurou a pesada porta de ferro aberta com educação para as duas mulheres entrarem. Então comentou, muito prestativo:

— Sabem, acabei de lembrar que o interruptor fica perto da escada. Esperem um segundo.

Então bateu a porta atrás de si e trancou as duas lá.

Grahame Coats pegou uma garrafa empoeirada de Chablis 1995 Premier Cru em uma das estantes.

Subiu os degraus, animado, e informou aos três empregados que teriam a semana de folga.

Sentiu, ao subir as escadas para o escritório, a presença de algo se movendo atrás dele sem fazer barulho, mas quando se virou para investigar, não havia nada. Estranhamente, achou isso reconfortante. Encontrou um saca-rolhas, abriu a garrafa e serviu-se de uma taça de vinho branco. Bebeu e, apesar de nunca ter tido preferência por vinhos tintos, percebeu que desejava beber algo mais encorpado e escuro. *Tinha que ser da cor do sangue*, pensou.

Ao terminar a segunda taça de Chablis, percebeu que estava culpando a pessoa errada por seu infortúnio. Maeve Livingstone era apenas uma vítima. Não, era óbvio e inegável que a culpa era de Fat Charlie. Sem sua intromissão, sem sua invasão criminosa aos sistemas de computador do escritório de Grahame Coats, ele não estaria ali, exilado, como um Napoleão loiro em uma Elba tropical e ensolarada. Ele não estaria na situação infeliz de ter duas mulheres aprisionadas em sua despensa de carnes. *Se Fat Charlie estivesse aqui*, pensou, *eu rasgaria a garganta dele com os dentes*.

Aquela ideia o deixou chocado, mas, ao mesmo tempo, animado. Mexer com Grahame Coats era um erro imperdoável.

Ao cair da noite, Grahame olhou pela janela e viu o *Baía dos Gases* passar deslizando por sua casa no penhasco, na direção do pôr do sol. Ele se perguntou quanto tempo levariam para notar a falta de duas passageiras. E até acenou.

CAPÍTULO

DOZE

NO QUAL
FAT CHARLIE
FAZ VÁRIAS
COISAS PELA
PRIMEIRA VEZ

O HOTEL DOLPHIN tinha um concierge. Era um jovem de óculos que lia um romance com uma rosa e uma pistola na capa.

— Estou procurando uma pessoa — explicou Fat Charlie. — Ela está aqui na ilha.

— Quem?

— Uma senhora chamada Callyanne Higgler. Ela veio da Flórida. É uma velha amiga da família.

O rapaz fechou o livro, pensativo, então estreitou os olhos e encarou Fat Charlie. Quando as pessoas fazem isso em romances baratos, dá a impressão inquietante de alerta e perigo, mas na verdade aquilo só fazia parecer que o rapaz lutava contra o sono. Então ele perguntou:

— Você é o cara que tem um limão?

— O quê?

— O cara que tem um limão?

— Sim, acho que sou sim.

— Ah, posso dar uma olhada?

— No meu limão?

O rapaz assentiu, muito sério.

— Não, não pode. Está no meu quarto.

— Mas você é o cara que tem um limão.

— Você pode me ajudar a encontrar a sra. Higgler? Existe algum Higgler aqui na ilha? O hotel tem alguma lista telefônica que eu possa consultar? Eu esperava encontrar um catálogo telefônico no quarto.

— É um sobrenome meio comum, sabe? — explicou o rapaz. — A lista telefônica não vai ajudar.

— Mas é tão comum assim?

— Bem... Por exemplo, eu me chamo Benjamin Higgler. Está vendo aquela moça na recepção? O nome dela é Amelia Higgler.

— Ah. Certo. Muitos Higglers na ilha. Entendi.

— Ela veio para o festival de música?

— O quê?

— Vai durar a semana toda.

O homem lhe ofereceu um folheto, informando que Willie Nelson (CANCELADO) seria a principal atração do Festival de Música de Saint Andrews.

— Por que ele cancelou?

— Pelo mesmo motivo de Garth Brooks. Eles nem sabem que o festival existe, para começo de conversa.

— Acho que ela não veio para o festival. Preciso muito encontrá-la. Estou atrás de uma coisa que está com ela. Bem, se você fosse eu, como a procuraria por aqui?

Benjamin Higgler abriu uma gaveta no balcão e pegou um mapa da ilha.

— Estamos aqui, ao sul de Williamstown... — começou, marcando o papel com uma caneta hidrográfica.

A partir do ponto inicial, traçou um plano de exploração para Fat Charlie: dividiu a ilha em segmentos que um homem de bicicleta poderia cobrir sem dificuldade em um dia, marcou cada café e cada bar típico da região com pequenas cruces. Fez uma bolinha ao lado das atrações turísticas.

Depois alugou uma bicicleta para Fat Charlie.

E ele saiu pedalando rumo ao sul.

Havia uma rede de informações em Saint Andrews que Fat Charlie — que, de certa forma, acreditava que coqueiros e celulares eram mutuamente exclusivos — não esperara encontrar. Não parecia fazer muita diferença com quem ele falava. Podiam ser os velhos jogando damas na sombra; as mulheres de seios do tamanho de melancias, bundas do tamanho de poltronas e risadas de tordo; a moça simpática na agência de turismo; ou o rastafári barbudo usando uma boina de crochê verde, vermelha e amarela e o que parecia ser uma minissaia de lã: todos reagiam do mesmo jeito.

— Você é o cara que tem um limão?

— Acho que sim.

— Mostre o limão.

— Está no hotel. Olha, estou procurando Callyanne Higgler. Ela deve ter uns sessenta anos. Americana. Sempre tem uma enorme caneca de café na mão.

— Nunca ouvi falar.

Fat Charlie logo descobriu que andar de bicicleta pela ilha tinha seus perigos. O principal meio de transporte ali eram as vans. Clandestinas, inseguras e sempre superlotadas, elas corriam pela ilha como loucas, buzinando e rangendo os freios, entrando nas curvas tão depressa que o

carro ficava sobre duas rodas, mas confiavam no peso dos passageiros para garantir que não capotassem. Fat Charlie teria morrido umas dez vezes logo na primeira manhã, não fosse a batida do baixo e da bateria que todas tocavam no máximo. Podia senti-la na boca do estômago antes mesmo de escutar os motores, e tinha tempo o bastante para desviar a bicicleta para o acostamento.

Embora nenhuma das pessoas com quem falou foi bem o que se pode chamar de prestativa, todas foram extremamente simpáticas. Fat Charlie parou várias vezes durante a expedição daquele dia, para o sul, e encheu a garrafa de água. Parava em cafeterias e em casas particulares. Todos ficavam muito satisfeitos ao vê-lo, mesmo que não tivessem qualquer informação sobre a sra. Higgler. Ele voltou ao hotel Dolphin a tempo do jantar.

No dia seguinte, foi para o norte. No fim da tarde, quando voltava para Williamstown, parou no topo de um penhasco, desmontou da bicicleta e foi com ela até o portão de uma casa luxuosa que se erguia solitária acima da baía. Apertou o botão do interfone e tentou falar, mas ninguém respondeu. Um carro preto e grande estava parado na entrada. Fat Charlie pensou na possibilidade de o lugar estar deserto, mas viu alguém mexer na cortina em um dos quartos do segundo andar.

Apertou o botão outra vez.

— Alô — disse. — Eu só queria saber se posso encher minha garrafa de água aqui.

Ninguém respondeu. Talvez tivesse apenas imaginado que alguém estivesse na janela. Parecia muito propenso a imaginar coisas naquele lugar: começou a sentir que era observado, mas não por alguém na casa, e sim por alguém ou alguma coisa nos arbustos que margeavam a estrada.

— Desculpe o incômodo — anunciou para o interfone e montou outra vez na bicicleta. Era só descida dali até Williamstown. Tinha certeza de que passaria por uma ou duas lanchonetes no caminho, ou por alguma casa mais amistosa.

Estava descendo a estrada — os penhascos haviam se transformado em uma colina íngreme até o mar — quando um carro preto se aproximou por trás e acelerou, rugindo. Fat Charlie percebeu tarde demais que não fora visto pelo motorista, pois o veículo passou raspando no guidom, e ele desabou morro abaixo com a bicicleta. O carro preto seguiu em frente.

Fat Charlie conseguiu se recuperar na metade da descida.

— Nossa, podia ter sido um acidente feio — comentou em voz alta.

O guidom estava torto. Ele empurrou a bicicleta morro acima, de volta para a estrada. A vibração grave e surda de um baixo o alertou da aproximação de uma van, e Fat Charlie fez sinal para que ela parasse.

— Posso botar a bicicleta lá atrás?

— Não tem espaço — retrucou o motorista, mas puxou algumas cordas de debaixo do assento para prender a bicicleta no teto do carro. Em seguida,

sorriu.

— Você deve ser o inglês que tem um limão.

— Não está comigo. Deixei no hotel.

Fat Charlie se apertou dentro da van, onde o som estrondoso do baixo conseguiu se transformar, contra todas as probabilidades, em “Smoke on the Water”, do Deep Purple. Ele se apertou ao lado de uma mulher gorda carregando uma galinha no colo. Atrás deles, duas garotas brancas conversavam sobre as festas que tinham ido na noite anterior e os defeitos dos namorados de verão que tinham acumulado durante as férias.

Fat Charlie reparou no carro preto — um Mercedes — que voltava pela estrada. Tinha um grande arranhão na lateral. Sentiu-se culpado e torceu para que a bicicleta não tivesse estragado demais a pintura. Os vidros eram tão escuros que o carro podia até não ter motorista...

Aí uma das garotas deu um tapinha no ombro de Fat Charlie e perguntou se ele sabia de alguma festa boa na ilha, naquela noite. Quando ele respondeu que não, a menina começou a contar sobre uma festa que acontecera em uma caverna, duas noites antes, com piscina, luzes, DJ e tudo mais. Por causa disso, Fat Charlie sequer reparou que o Mercedes preto agora seguia a van até Williamstown, e que o carro só se afastou depois de Fat Charlie tirar a bicicleta do teto da van (“Na próxima vez, traga o limão!”) e entrar com ela no saguão do hotel.

Foi só então que o carro voltou para a casa no alto do penhasco.

Benjamin, o concierge, examinou a bicicleta e disse a Fat Charlie que não se preocupasse, pois a consertariam e a deixariam como nova até o dia seguinte.

Fat Charlie voltou para o quarto de hotel, que tinha paredes da cor da água do mar, onde estava seu limão, apoiado no aparador como um pequeno Buda verde.

— Você não ajuda em nada — reclamou para o limão.

O que foi injusto. Ele era apenas um limão. Não havia nada remotamente especial nele. Ele estava fazendo o melhor que podia.

★ ★ ★

Histórias são como teias, conectadas fio a fio, e cada uma segue até o centro, porque o centro é o fim. Cada pessoa é um fio da história.

Veja Daisy, por exemplo.

Daisy não teria durado tanto na polícia sem ter um lado mais ajuizado por natureza, que era quase tudo o que as pessoas viam. Respeitava as leis e respeitava as regras. Entendia que muitas dessas regras eram bastante arbitrárias — como decisões sobre onde se pode estacionar ou até que horas as lojas têm autorização para funcionar —, mas sabia também que até elas

ajudavam no quadro geral. Mantinham a sociedade segura. Mantinham as coisas seguras.

Sua colega de apartamento, Carol, achou que ela estava louca.

— Você não pode simplesmente anunciar que vai sair de férias. As coisas não funcionam assim. Você não é uma policial de seriado de TV, sabia? Não pode sair viajando pelo mundo só para seguir uma pista.

— Então não estou fazendo isso — retrucara Daisy, sem um pinga de sinceridade. — Estou só tirando umas férias.

Ela disse aquilo de modo tão convincente que a policial sensata que vivia em sua cabeça ficou quieta, em choque. Mas logo começou a explicar exatamente o que ela estava fazendo de errado, começando por observar que Daisy estava prestes a tirar uma licença sem qualquer autorização — o que era equivalente, murmurou a tira sensata, à negligência profissional — e continuando o discurso a partir daí.

A tira sensata dentro dela continuou falando a caminho do aeroporto e também enquanto atravessava o Atlântico. Observou que, mesmo que Daisy conseguisse evitar uma marca negativa permanente em sua ficha, isso sem falar na chance de ser expulsa da polícia, mesmo que ela encontrasse Grahame Coats, não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso. A força policial de Sua Majestade não via com bons olhos o rapto de criminosos em países estrangeiros, muito menos sua apreensão, e a tira sensata duvidava muito que Daisy pudesse convencê-lo a voltar ao Reino Unido por vontade própria.

Foi só quando desembarcou do pequeno avião vindo da Jamaica e sentiu o ar de Saint Andrews — terroso, picante, úmido, quase adocicado —, que a tira sensata parou de comentar como ela estava agindo de forma louca e irracional. Isso porque ela foi abafada por outra voz. “Malfeitores, cuidado!”, exclamava a voz, “Cuidado! Fiquem atentos, malfeitores de todos os cantos!”, e Daisy ia marchando no ritmo. Grahame Coats assassinara uma mulher em seu escritório, em Aldwych, e escapara ileso. E fizera aquilo praticamente debaixo do nariz de Daisy.

Ela balançou a cabeça, pegou a mala, foi muito simpática ao informar ao funcionário da imigração que estava ali de férias e foi para a fila de táxis.

— Gostaria de um hotel não muito caro, mas que não seja nojento, por favor — disse ao motorista.

— Sei onde fica o lugar certo para você, querida — respondeu ele. — Entre.

★ ★ ★

Spider abriu os olhos e descobriu que estava deitado no chão, de bruços, com os braços amarrados a uma grande estaca cravada na terra. Não podia

mover as pernas ou girar o pescoço o bastante para olhar para trás, mas podia apostar que suas pernas também estavam imobilizadas de modo parecido. O movimento que fez ao tentar se erguer para olhar para trás fez suas feridas arderem.

Abriu a boca, e sangue escuro escorreu para a terra, umedecendo-a.

Ouviu um som e virou a cabeça o máximo que pôde. Uma mulher branca olhava para ele com muita curiosidade.

— Você está bem? Que pergunta boba. Olhe só para você. Imagino que seja outro *duppy*. Acertei?

Spider pensou no assunto. Não achava que fosse um fantasma. Então balançou a cabeça.

— Se for, não há nada do que se envergonhar. Pelo que parece, eu mesma sou um desses *duppies*. Nunca tinha ouvido o termo, mas conheci um senhor encantador no caminho para cá, e ele me contou tudo sobre o assunto. Deixe-me ver se posso ajudar em alguma coisa.

Ela se agachou ao lado de Spider e esticou os braços para tentar soltar as amarras.

A mão dela atravessou seu corpo. Spider pôde sentir os dedos roçando sua pele de leve, como finos fios de névoa.

— Infelizmente, parece que não consigo tocar em você — comentou ela. — Mas isso significa que você ainda não está morto. Então, anime-se.

Spider torceu para que a mulher fantasma fosse embora logo. Não estava conseguindo pensar direito.

— Enfim, depois que compreendi o que estava acontecendo, resolvi permanecer neste plano até conseguir me vingar do meu assassino. Expliquei isso para Morris, que apareceu em uma tela de televisão na Selfridges. Ele respondeu que acreditava que eu não tinha entendido direito o sentido de ter desencarnado. Mas se estão achando que eu vou dar a outra face, vão ver só. Há vários precedentes. E tenho certeza de que posso fazer igual a Banquo, naquele banquete, se tiver chance. Você consegue falar?

Spider balançou a cabeça, e sangue escorreu da testa para os olhos. Ardeu. Ele se perguntou quanto tempo levaria para crescer uma língua nova. Prometeu conseguira fazer um fígado novo crescer a cada dia, e Spider tinha quase certeza de que um fígado devia dar muito mais trabalho que uma língua. Fígados faziam reações químicas — bilirrubina, ureia, enzimas, essas coisas. Eles metabolizam o álcool, e só isso já devia dar um trabalhão. Tudo o que as línguas faziam era falar. Bem, isso e *lamber*, é claro...

— Não posso ficar aqui batendo papo — anunciou a senhora fantasma de cabelo loiro. — Acho que tenho um longo caminho pela frente.

Ela começou a se afastar, e desaparecia enquanto caminhava. Spider levantou a cabeça e a observou passar de uma realidade para outra, como uma fotografia desbotando à luz do sol. Tentou chamá-la de volta, mas os

únicos ruídos que conseguia produzir saíam abafados e sem sentido. Sem língua.

Em algum lugar ao longe, ouviu o pio de uma ave.

Testou as amarras. Elas resistiram.

Acabou pensando mais uma vez na história que Rosie contara sobre o corvo que salvou um homem de um puma. Aquilo ficava incomodando no fundo da mente, era pior que os cortes no rosto e no peito. *Concentre-se*. O homem estava deitado no chão, lendo ou tomando um banho de sol. O corvo grasnou em cima da árvore. Havia um grande felino nos arbustos densos...

E então a história se reformulou, e ele conseguiu entender tudo. Era só uma questão de como examinar os fatores.

E se, pensou, a ave não estivesse fazendo barulho para avisar o homem sobre o grande felino à espreita? E se, na verdade, ela estivesse avisando o puma sobre o homem no chão — morto, dormindo ou morrendo. Avisar que tudo o que o grande felino precisava fazer era dar o bote. E então o corvo se banquetearia com o que sobrasse...

Spider abriu a boca para gemer, e seu sangue escorreu e empoçou sobre o barro seco.

A realidade se diluiu. Naquele lugar, o tempo passou.

Spider, sem língua e furioso, ergueu e virou a cabeça para olhar as aves fantasmas que voavam ao seu redor, gritando.

Ele ficou se perguntando onde estava. Aquele não era o universo cor de cobre da mulher-pássaro, nem a caverna dela, mas também não era o lugar que ele costumava chamar de mundo real. Só que estava mais perto do mundo real do que de qualquer outro, perto o suficiente para que quase pudesse sentir seu gosto — ou melhor, até teria sentido seu gosto se pudesse sentir o gosto de qualquer coisa além do amargor férreo de sangue. Tão perto que, se não estivesse preso a estacas no chão, poderia tocá-lo.

Se não tivesse certeza absoluta da própria sanidade, uma certeza em um nível que só costuma ser vista em pessoas que chegaram à conclusão de que sem dúvida alguma são Júlio César e foram enviados para salvar o mundo, poderia até pensar que estava louco. Primeiro viu uma loira que dizia ser um *duppy*, agora estava ouvindo vozes. Bem, uma voz, pelo menos: a de Rosie.

— Eu não sei — dizia ela. — Achei que seria uma viagem de férias. Mas ver todas essas crianças carentes é de partir o coração. Elas precisam de tanta coisa... — E então, quando Spider tentava compreender o significado daquilo, ela acrescentou: — Eu me pergunto se ela ainda vai demorar muito no banho. Que bom que o senhor tem bastante água quente aqui.

Spider ficou pensando se as palavras de Rosie tinham alguma importância, se detinham a chave para escapar daquela situação. Achava improvável. Mas, mesmo assim, ouviu com mais atenção, pensando se o

vento traria mais palavras de um mundo para outro. Não ouvia qualquer coisa além do som das ondas quebrando na arrebentação às suas costas, longe e muito abaixo. Apenas silêncio. Mas era um tipo específico de silêncio. Fat Charlie já imaginara, certa vez, que havia vários tipos de silêncio. Sepulturas têm um silêncio próprio, assim como o espaço e o cume das montanhas. Aquele era o silêncio da caçada. O silêncio da espreita. Naquele silêncio, algo se movia sobre patas aveludadas, os músculos parecendo molas de aço tensionadas sob a pelagem macia. Algo da cor das sombras na relva alta, algo que iria se certificar de que ninguém ouviria qualquer som que não tivesse sido feito com a intenção de ser ouvido. Era um silêncio que se movia, lenta e implacavelmente, de um lado a outro à frente de Spider, chegando cada vez mais perto.

Spider escutou aquilo no silêncio, e os pelos de sua nuca se eriçaram. Ele cuspiu sangue na terra perto de seu rosto e esperou.

★ ★ ★

Grahame Coats andava de um lado para outro em sua casa, no alto do penhasco. Ia do quarto para o escritório, depois descia as escadas até a cozinha e subia de volta até a biblioteca, e de lá andava de volta para o quarto. Estava com raiva de si mesmo: como podia ter sido tão burro a ponto de pensar que a visita de Rosie fora pura coincidência?

Percebeu a verdade quando tocaram a campainha e pôde ver o rosto idiota de Fat Charlie no monitor do circuito interno de TV. Não havia dúvida. *Era uma conspiração.*

Agira como um tigre, pegando o carro, seguro de que seria fácil atropelá-lo e fugir. Se encontrassem um ciclista estropiado na estrada, colocariam a culpa em uma das vans. Infelizmente, ele não contara com a possibilidade de Fat Charlie pedalar tão perto da encosta. Não quisera levar o carro mais perto da beira da estrada, e agora estava arrependido. Não, Fat Charlie é que enviara as mulheres que agora estavam na despensa de carnes. Elas eram espiãs. Tinham se infiltrado na casa de Grahame Coats. Era uma sorte ele ter descoberto o plano. Sabia que havia algo de errado com elas.

Enquanto pensava nas mulheres, lembrou que ainda não as alimentara. Devia dar algo para elas comerem. E um balde. Era provável que elas precisassem de um balde, depois de vinte e quatro horas. Ninguém ia poder dizer que ele era um animal.

Tinha comprado uma pistola em Williamstown, na semana anterior. Era muito fácil comprar armas em Saint Andrews. Era esse tipo de ilha. Mas a maioria das pessoas não tinha interesse em comprar armas de fogo. Também era esse tipo de ilha. Ele pegou a arma na gaveta da mesa de cabeceira e desceu até a cozinha. Pegou um balde de plástico embaixo da pia e jogou lá

dentro alguns tomates, um inhame cru, um pedaço meio comido de queijo cheddar e uma caixa de suco de laranja. Então, satisfeito consigo mesmo por lembrar, pegou um rolo de papel higiênico.

Desceu até a adega. Não havia ruído vindo do interior da despensa de carnes.

— Tenho uma arma e não tenho medo de usá-la. Vou abrir a porta. Por favor, sigam até o fundo, virem-se de costas e apoiem as mãos na parede. Trouxe comida. Se colaborarem, ambas serão liberadas ilesas. Se colaborarem, ninguém vai se machucar. O que significa que não quero nenhuma gracinha — enfatizou, feliz ao notar que era capaz de utilizar um batalhão inteiro de clichês que até então nunca pensara que se aplicariam à sua situação.

Ele acendeu as luzes do cômodo e abriu as trancas. As paredes eram de pedra e tijolo. Correntes enferrujadas pendiam do teto.

As duas estavam encostadas na parede do fundo. Rosie olhava para a pedra. A mãe dela olhava por cima do ombro, encarando-o como uma ratazana encurralada, furiosa e cheia de ódio.

Grahame Coats colocou o balde no chão. Mas continuou segurando a arma.

— Um rango de primeira — comentou. — E, antes tarde do que nunca, um balde. Vejo que estavam usando aquele canto. Também trouxe papel higiênico. Não digam que nunca fiz nada por vocês.

Rosie interveio:

— Você vai nos matar, não vai?

— Não o provoque, menina idiota — reclamou a mãe. Depois, abrindo uma espécie de sorriso, continuou: — Agradecemos pela comida.

— É claro que não vou matar vocês — retrucou Grahame Coats. Só quando ouviu as palavras saírem de sua boca é que ele admitiu para si mesmo que sim, é claro, teria que matá-las. Havia outra opção? — Vocês não me contaram que Fat Charlie as mandou aqui.

— Viemos em um cruzeiro — respondeu Rosie. — Deveríamos estar em Barbados hoje à noite, comendo peixe frito. Fat Charlie está na Inglaterra. Acho que ele nem sabe que estamos aqui. Eu não contei para ele.

— Não importa o que você diz — retrucou Grahame Coats. — Eu tenho a arma.

Ele fechou a porta e depois a trancou. Do outro lado, pôde ouvir a mãe de Rosie resmungando:

— E aquele bicho. Por que não perguntou a ele sobre o bicho?

— Porque você está imaginando coisas, mãe. Já falei milhões de vezes que não tem bicho nenhum aqui dentro. Enfim, ele está doido. Acho que era até capaz de concordar com você. Talvez ele também veja tigres invisíveis.

Irritado com aquilo, Grahame Coats apagou as luzes da despensa de carnes, pegou uma garrafa de vinho tinto, subiu a escada e bateu a porta da adega ao sair.

No escuro do subsolo da casa, Rosie dividiu o pedaço de queijo em quatro partes e comeu uma delas o mais devagar que conseguiu.

— O que ele quis dizer com aquela história sobre Fat Charlie? — perguntou à mãe, depois que o queijo se dissolveu na boca.

— Aquele seu Fat Charlie idiota. Eu não quero saber de Fat Charlie — resmungou a mãe. — É por causa dele que estamos aqui.

— Não, estamos aqui porque aquele cara é doido de pedra. É só um maluco armado. Não é culpa de Fat Charlie.

Rosie tinha tentado não pensar no ex-noivo, porque aquilo sempre a fazia pensar em Spider...

— Ele voltou — anunciou a mãe. — O bicho voltou. Estou sentindo o cheiro dele.

— Claro, mamãe — concordou Rosie.

Sentou-se no chão de concreto e pensou em Spider. Sentia saudades. Resolveu que tentaria localizá-lo assim que Grahame Coats caísse em si e as libertasse. Tentaria descobrir se havia chance para um novo começo. Sabia que não passava de um devaneio, mas era um pensamento agradável e reconfortante.

Ficou se perguntando se Grahame Coats as mataria no dia seguinte.

★ ★ ★

Spider estava preso ao chão, a distância da chama de uma vela, ao alcance da fera.

A tarde chegava ao fim, e o sol já estava baixo às suas costas.

O nariz, os lábios e a boca de Spider estavam pressionados contra algo que já tinha sido terra seca, antes que a saliva e o sangue da sua boca a deixassem ensopada. Agora era uma bola de lama, uma bolota grosseira de barro avermelhado. Ele moldara a terra em uma forma mais ou menos esférica. Agora tentava movê-la, passando o nariz por baixo dela e jogando a cabeça para cima. Nada acontecia, assim como nada acontecera nas... Quantas vezes já tentara, vinte? Cem? Não estava contando. Só continuava tentando. Afundava o rosto mais fundo na terra, empurrava o nariz mais para baixo da bola de barro, impulsionando a cabeça para cima e para frente...

Nada acontecia. Nada iria acontecer.

Precisava abordar a situação de outra forma.

Envolveu a bola com os lábios. Inspirou o mais fundo que pôde. Em seguida, expeliu o ar pela boca. A bola saltou de seus lábios fazendo um

barulho semelhante ao de uma rolha de champanhe e aterrissou a cerca de cinquenta centímetros dali.

Então moveu a mão direita. O pulso estava amarrado, a corda puxava com força na direção da estaca. Ele esticou a mão e os dedos. Tentou alcançar o pedaço de lama ensanguentada, mas não conseguiu.

Estava tão perto...

Spider respirou fundo outra vez, mas engasgou com a poeira seca e começou a tossir. Tentou de novo, virando a cabeça para o lado para encher os pulmões. Depois a virou para o outro lado e começou a soprar na direção da bola, expelindo o ar com toda a força que tinha.

A bola de barro se deslocou pouco mais de um centímetro, mas era o suficiente. Ele se esticou e conseguiu segurar o barro entre os dedos. Moldou a argila entre o polegar e o indicador, criando uma pequena ponta, depois girou a bola na mão e repetiu o processo. Fez isso oito vezes.

Repetiu tudo, dessa vez afinando mais as saliências na bola de argila. Uma delas caiu no chão, mas as outras ficaram firmes. No fim, segurava algo que parecia uma pequena bola de barro com sete pontas, como uma escultura do sol feita por uma criança.

Olhou para sua obra com orgulho: dadas as circunstâncias, sentia tanto orgulho daquilo quanto uma criança poderia sentir de algo que fez na escola.

Mas a palavra seria a parte mais difícil. Fazer uma aranha ou qualquer coisa bem parecida a partir de sangue, cuspe e barro era fácil. Era algo que todos os deuses, até os deuses menores e travessos, como Spider, sabiam fazer. Mas a parte final da Criação seria a mais difícil. É preciso uma palavra para dar vida a alguma coisa. É preciso nomeá-la.

Ele abriu a boca.

— Hrrrrrrrrrr — disse, sem língua.

Nada aconteceu.

Ele tentou outra vez.

— Hrrrrrrrrrr!

O barro continuava a ser uma forma inerte em sua mão.

Deixou o rosto cair outra vez na terra. Estava exausto. Cada movimento reabria as feridas no rosto e no peito. Elas gotejavam, ardiam e — pior ainda — coçavam. *Pense!*, disse a si mesmo. Deve haver um jeito de fazer isso... De falar sem a língua...

Ainda havia uma camada de barro em seus lábios. Ele os puxou para dentro da boca, umedecendo-os da melhor forma possível sem a língua.

Respirou fundo e forçou o ar a sair pelos lábios contraídos, fazendo o possível para controlá-lo o melhor possível, enunciando uma palavra com tanta certeza que nem o universo poderia argumentar. Descreveu a coisa em sua mão e depois disse o próprio nome, que era a magia mais poderosa que conhecia.

— Aaah-ua-nha.

E em sua mão, onde havia uma bola de lama ensanguentada, surgiu uma aranha cor de barro vermelho com sete patas longas e delgadas.

Me ajude, pensou Spider. *Vá buscar ajuda*.

A aranha o encarou com os olhos brilhando ao sol. Então saltou da mão dele para a terra e foi mancando capim adentro, dando passos bambos e desequilibrados.

Spider ficou olhando até ela sumir de vista, depois apoiou a cabeça na terra e fechou os olhos.

Então o vento mudou, e deu para sentir no ar o leve cheiro de amônia dos felinos machos. A fera tinha marcado seu território...

Lá no alto, no céu, ele pôde ouvir as aves grasnarem em triunfo.

★ ★ ★

Fat Charlie sentiu a barriga roncar. Se ainda tivesse algum dinheiro, teria jantado em outro lugar, só para conseguir se afastar do hotel, mas estava sem um tostão, e o jantar já estava incluído no preço da diária. Era por isso que, assim que o relógio marcou sete horas, ele desceu para o restaurante.

A maîtresse tinha um sorriso fantástico, e disse a ele que levaria mais alguns minutos para abrir o restaurante. A banda precisava de mais um tempinho para a passagem de som. Então ela o encarou. Fat Charlie estava começando a reconhecer aquele olhar.

— Você...? — começou ela.

— Sim — respondeu, resignado. — Até trouxe ele comigo.

Ele tirou o limão do bolso e o mostrou a ela.

— É muito bonito — comentou a moça. — Sem dúvidas, é um limão. Eu já ia perguntar, o senhor quer o cardápio à la carte ou vai preferir o bufê?

— O bufê.

O bufê estava incluído na diária. Ele ficou parado em frente ao restaurante, segurando o limão.

— Espere só um instante — pediu a maîtresse.

Uma pequena mulher passou pelo corredor por trás de Fat Charlie. Ela sorriu para a maîtresse e perguntou:

— O restaurante já está aberto? Estou morrendo de fome.

Ouviu-se um *tu-du-dum* final do baixo e um *plink* do piano elétrico. A banda largou os instrumentos e acenou para a maîtresse.

— Estamos abertos — respondeu ela. — Entrem.

A pequena mulher olhou para Fat Charlie com uma expressão de surpresa e cautela.

— Olá, Fat Charlie. Por que está com esse limão?

— É uma longa história.

— Bem, temos todo o jantar à frente. Por que não me conta? — sugeriu Daisy.

★ ★ ★

Rosie se perguntou se loucura era contagiosa. Naquela escuridão cegante do subsolo da casa no penhasco, sentiu algo roçar nela ao passar. Algo macio e ágil. Algo grande. Algo que rosnava baixinho enquanto rodeava as duas.

— Você também ouviu isso? — perguntou.

— Claro que ouvi, sua idiota — respondeu a mãe. Então disse: — Sobrou um pouco de suco de laranja?

Rosie tateou na escuridão e passou a caixa de suco para sua mãe. Ouviu o som de alguém bebendo.

— Não é esse bicho que vai nos matar. É *ele* — disse a mãe.

— Grahame Coats. É.

— Ele é um homem mau. Está sendo controlado por alguma coisa, como se fosse um cavalo selado. Mas um cavalo mau, já que ele é um homem mau.

Rosie estendeu o braço e segurou a mão ossuda da mãe. Não respondeu. Não havia muito a dizer.

Após um tempo, a mãe voltou a falar:

— Sabe, tenho muito orgulho de você. Você foi uma boa filha.

— Ah.

A ideia de não ser uma decepção para a mãe era novidade, algo que ela não tinha certeza se acreditava.

— Talvez você devesse ter se casado com Fat Charlie. Aí não estaríamos aqui.

— Nada disso — respondeu Rosie. — Eu não deveria ter me casado com Fat Charlie. Eu não o amo. Então, você não estava de todo errada.

Eles ouviram uma porta bater lá em cima.

— Ele saiu — comentou Rosie. — Rápido, comece a cavar um túnel.

Primeiro, ela deu risada. Depois começou a chorar.

★ ★ ★

Fat Charlie tentava entender o que Daisy estava fazendo na ilha. Ela fazia o mesmo esforço para tentar entender o que ele estava fazendo ali. Nenhum dos dois parecia ter muito sucesso com isso. No pequeno palco ao fundo do salão, uma cantora — que era boa demais para a Sexta Musical do restaurante de um hotel tão pequeno — com um vestido longo, justo e vermelho, cantava “I’ve Got You Under My Skin”.

Daisy se pronunciou:

— Então você está procurando a senhora de quem era vizinho durante a infância, porque pode ser que ela possa ajudá-lo a encontrar seu irmão.

— Eu recebi uma pena. Se a sra. Higgler ainda estiver com ela, talvez eu consiga trocá-la pelo meu irmão. Vale a tentativa.

Ela piscou devagar, pensativa, nem um pouco impressionada, e comeu um pouquinho da salada. Fat Charlie retrucou:

— Bem, e você está aqui porque acredita que Grahame Coats fugiu para cá depois de matar Maeve Livingstone. Mas não veio a serviço da polícia. Está aqui por conta própria, com base apenas na suposição de que ele está nessa ilha. E, se isso for verdade, não há absolutamente nada que você possa fazer.

Daisy lambeu uma semente de tomate do canto dos lábios e pareceu desconfortável.

— Não vim aqui a serviço da polícia — repetiu. — Vim como turista.

— Mas você largou o trabalho e veio para cá atrás dele. Acho que devem poder prender você por causa disso, ou coisa do tipo.

Daisy foi seca ao responder:

— Então é bom que Saint Andrews não tenha tratado de extradição, não é mesmo?

— Meu Deus.

Fat Charlie tinha murmurado aquilo porque a cantora saía do palco e começara a andar pelo restaurante com um microfone sem fio. Naquele instante, estava perguntando a dois turistas alemães de onde eles eram.

— Por que ele viria para cá? — perguntou Fat Charlie.

— Contas bancárias secretas. Imóveis baratos. Sem tratados de extradição. E talvez ele goste muito de frutas cítricas.

— Passei dois anos morrendo de medo daquele homem — comentou ele. — Vou pegar mais daquele peixe com banana verde. Você vem?

— Estou satisfeita — respondeu Daisy. — E quero deixar espaço para a sobremesa.

Fat Charlie foi até o bufê, fazendo a volta e pegando o caminho mais longo para evitar o olhar da cantora. Era mesmo muito bonita, com o vestido vermelho coberto de lantejoulas que refletiam a luz, brilhando sempre que ela se mexia. Ela era bem melhor que a banda. Fat Charlie torceu para que a mulher parasse de interagir com os clientes, voltasse ao palco e continuasse a cantar as músicas de sempre — tinha gostado da interpretação dela de “Night and Day”, e também da versão especialmente emocionante de “Spoonful of Sugar”. Ou, pelo menos, que parasse de falar com as pessoas do lado do salão onde ele estava.

Montou um prato com uma pilha alta das coisas que gostara de comer da primeira vez. *Andar de bicicleta pela ilha abria mesmo o apetite*, pensou.

Quando voltou para a mesa, viu Grahame Coats, com algo que lembrava vagamente o início de uma barba no rosto, sentado ao lado de Daisy. Ele sorria como uma fuinha doidona sob efeito de metanfetamina.

— Fat Charlie — anunciou Grahame Coats e deu uma risada que pareceu desconfortável. — Impressionante, não é mesmo? Venho até aqui procurando você, para a gente bater um papinho, e o que encontro de bônus? Esta policialzinha glamorosa. Por favor, sente-se. Tente não fazer uma cena.

Fat Charlie ficou parado, igualzinho a um boneco de cera.

— Sente-se — repetiu Grahame Coats. — Estou apontando uma arma para a barriga da srta. Day.

Daisy lançou um olhar suplicante para Fat Charlie e assentiu. Estava com as mãos espalmadas sobre a toalha de mesa.

Fat Charlie sentou-se.

— Deixe essas mãos onde eu possa vê-las. Em cima da mesa, igualzinho às dela.

Fat Charlie obedeceu.

Grahame Coats fungou.

— Sempre soube que você era um policial disfarçado, Nancy. Um *agent provocateur*, não é mesmo? Entra no meu escritório, arma uma para cima de mim e rouba até minhas calças.

— Eu nunca... — começou Fat Charlie, mas viu a expressão nos olhos de Grahame Coats e calou a boca.

— Vocês pensaram que eram tão espertos... Pensaram que eu ia cair nessa. Por isso mandaram as outras duas, não é? As que estão lá em casa? Achavam mesmo que eu ia acreditar que elas vieram de cruzeiro? Vocês ainda precisam fazer muito mais do que isso para conseguir me enganar, sabiam? Para quem mais abriram o bico? Quem mais sabe disso?

Daisy respondeu:

— Não entendi muito bem do que você está falando, Grahame.

A cantora estava terminando “Some of These Days”. Ela tinha a voz profunda e cantava com a alma, envolvendo a todos como um cachecol de veludo.

*Some of these days
You're going to miss me honey
Some of these days
You're gonna be so lonely
You'll miss my huggin'
You'll miss my kissin'...*

— Você vai pagar a conta — anunciou Grahame. — Depois vou acompanhá-lo, junto com esta moça, até o carro. Então vamos para minha casa, onde teremos uma conversa de verdade. Se eu vir alguma gracinha, mato os dois. *Capiche?*

Fat Charlie *capichou*. E também *capichou* quem estava dirigindo o Mercedes preto naquela tarde e como quase morrera naquele dia. Agora começava a *capichar* como Grahame Coats era doido de pedra, além de como ele e Daisy tinham poucas chances de escapar vivos.

A cantora terminou a música. As outras pessoas no restaurante aplaudiram. Fat Charlie manteve as mãos espalmadas na mesa. Seu olhar foi além de Grahame Coats, chegando até a cantora, e, com o olho que estava fora do campo de visão de Grahame Coats, piscou para ela. A mulher estava cansada das pessoas evitando seus olhares, e a piscadela de Fat Charlie foi muito bem-vinda.

Daisy interveio:

— Grahame, é óbvio que vim aqui por sua causa, mas Charlie só... — Ela parou de falar e fez o tipo de expressão que só dá para fazer ao sentir o cano de uma arma ser pressionado ainda mais na barriga.

— Escutem aqui — retrucou Grahame Coats. — Para todas as pessoas inocentes aqui reunidas, somos bons amigos. Vou botar a arma no bolso, mas ela ainda estará apontada para você. Vamos nos levantar. Depois vamos para o meu carro, aí eu vou...

Ele parou de falar. Uma mulher de vestido vermelho cintilante, segurando um microfone, caminhava para a mesa deles com um enorme sorriso no rosto. Avançava na direção de Fat Charlie.

— Qual é o seu nome, querido?

Então aproximou o microfone do rosto dele.

— Charlie Nancy — A voz dele saiu engasgada, vacilante.

— E de onde você é, Charlie?

— Da Inglaterra. Eu e meus amigos. Somos todos de lá.

— E o que você faz, Charlie?

Tudo pareceu ficar mais lento. Era como mergulhar de um penhasco direto para o oceano. Era a única saída. Ele respirou fundo e respondeu:

— No momento estou sem emprego, mas, na verdade, sou cantor. Eu canto. Assim como você.

— Como eu? E que tipo de músicas você canta?

Fat Charlie engoliu em seco.

— O que você tem no seu repertório?

Ela virou para as outras pessoas na mesa.

— Vocês acham que tem problema fazê-lo cantar para nós? — perguntou, gesticulando com o microfone.

— Hã. Acho que não. Não. Claro que de jeito nenhum, fora de questão — respondeu Grahame Coats.

Daisy deu de ombros, as mãos espalmadas sobre a mesa.

A mulher de vestido vermelho virou para o restante do salão e perguntou ao público:

— E aí?

Houve uma farfalhar de aplausos das pessoas que jantavam nas outras mesas, e aplausos um pouco mais entusiasmados do pessoal que trabalhava lá.

— Cante para nós! — exclamou o barman.

A cantora se inclinou mais para perto de Fat Charlie, cobriu o microfone e disse:

— É melhor ser alguma coisa que os rapazes da banda conheçam.

— Eles conhecem “Under the Boardwalk”?

A mulher assentiu, anunciou a música e entregou o microfone a ele.

A banda começou a tocar. A cantora conduziu Fat Charlie até o palquinho. Ele sentia o coração acelerado no peito.

Fat Charlie começou a cantar, e o público começou a ouvir.

Tudo o que ele queria era ganhar tempo, mas se sentia muito bem. Ninguém estava jogando coisas nele. Parecia haver bastante espaço em sua cabeça para pensar. Estava consciente de todos no salão: os turistas, os funcionários e as pessoas no bar. Podia ver tudo: tanto o barman medindo doses para um coquetel, quanto uma velha senhora no fundo do salão, enchendo uma grande caneca de plástico com café. Ainda estava aterrorizado, mas pegou todo o medo e toda a raiva que sentia e os jogou na música, deixando tudo aquilo virar uma canção sobre amor e tranquilidade. Enquanto cantava, pensava:

O que Spider faria? O que meu pai faria?

Ele cantou. Durante a música, disse a todos o que planejava fazer com sua amada, e a maior parte de seus planos envolvia fazer amor.

A cantora de vestido vermelho sorria, estalava os dedos e balançava o corpo no ritmo da música. Ela se debruçou sobre o microfone do tecladista e começou a acompanhá-lo.

Eu estou mesmo cantando diante de uma plateia, pensou Fat Charlie. *Não acredito.*

Manteve os olhos fixos em Grahame Coats.

Quando chegou ao último refrão, ele começou a bater palmas acima da cabeça, e logo todo o salão batia palmas com ele, os clientes, garçons e chefs. Todo mundo menos Grahame Coats, cujas mãos estavam embaixo da toalha de mesa, e Daisy, cujas mãos estavam espalmadas sobre a mesa. Daisy o encarava não só como se achasse que ele fosse doido de pedra, mas também como se tivesse escolhido um momento bastante bizarro para descobrir seu talento para o canto.

O público aplaudiu, e Fat Charlie sorriu e cantou. Enquanto cantava, soube, sem sombra de dúvida, que tudo ficaria bem. Todos ficariam bem: ele, Spider, Daisy e até Rosie, onde quer que ela estivesse, ficariam bem.

Sabia o que fazer: era algo tolo e improvável, uma atitude digna de um idiota, mas funcionaria. E, quando as últimas notas da canção terminaram, ele disse:

— Tem uma jovem na mesa em que eu estava sentado. O nome dela é Daisy Day. Ela também é da Inglaterra. Daisy, pode dar um tchauzinho para todos?

Ela o encarou com um olhar desesperado, mas levantou uma das mãos e acenou.

— Eu queria dizer uma coisa para Daisy, e ela não sabe o que é. — *Se isso não funcionar*, sussurrou uma vizinha, no fundo de sua cabeça, *ela vai morrer. Sabia?* — Mas vamos torcer para que ela diga sim. Daisy? Quer casar comigo?

O salão ficou em silêncio. Fat Charlie manteve o olhar fixo na policial, torcendo para ela entender e entrar na onda.

Daisy assentiu.

Os frequentadores do restaurante aplaudiram. *Aquilo* sim é que era um show de verdade. A cantora, a maîtresse e várias garçonetes foram até a mesa, fizeram Daisy se levantar e a arrastaram até a pista de dança. Elas a levaram até Fat Charlie, que passou o braço pela cintura dela logo que a banda começou a tocar “I Just Called to Say I Love You”.

— Você trouxe um anel para ela? — perguntou a cantora.

Ele enfiou a mão no bolso. Então se virou para Daisy:

— Aqui, isso é para você.

Ele a abraçou e beijou. *Se alguém for levar um tiro*, pensou, *a hora é agora*. Então o beijo terminou, e as pessoas começaram a apertar sua mão e a abraçá-lo. Um homem, que dizia estar na cidade para o festival de música, insistiu em dar seu cartão a Fat Charlie. Daisy, com uma expressão muito estranha no rosto, segurava o limão que ele lhe entregara. Quando olhou para trás, para a mesa onde estavam sentados, Fat Charlie viu que Grahame Coats tinha ido embora.

CAPÍTULO

TREZE

QUE ACABA SENDO DESAVORÁVEL PARA ALGUNS

AS AVES ESTAVAM bem animadas. Grasnavam, gritavam e chilreavam no topo das árvores. *É agora*, pensou Spider. Então, começou a praguejar. Estava exausto, acabado. Não tinha mais forças. Não sentia qualquer coisa além de fadiga e exaustão.

Considerou ficar deitado no chão e se deixar ser devorado. Concluiu que, no geral, seria uma maneira horrível de morrer. Sequer tinha certeza de que seria capaz de fazer um fígado crescer outra vez. No entanto, tinha bastante certeza de que não faria muita diferença, já que, não importava o que fosse, a coisa à espreita não tinha planos de pegar só o fígado.

Começou a tentar derrubar a estaca. Contava até três e puxava a corda como dava, fazendo o máximo de força que podia para tentar mover a estaca, então contava até três e repetia tudo de novo.

Obteria quase o mesmo efeito se tentasse arrastar uma montanha para o outro lado da estrada. Um, dois, três... *puxa*. E *puxa*. E *puxa*.

Queria saber se a fera chegaria logo.

Um, dois, três... *puxa*. Um, dois, três... *puxa*.

Em algum lugar, alguém cantava. Dava para ouvir. E a canção fez Spider abrir um sorriso. Pensou em como ainda queria ter a língua: ia mostrá-la para o Tigre, quando ele finalmente desse o ar da graça. A ideia lhe deu forças.

Um, dois, três... *puxa*.

A estaca cedeu e balançou um pouco.

Mais um puxão, e ela saiu do solo com a mesma facilidade que uma espada é tirada de uma pedra.

Ele puxou as cordas e trouxe a estaca para as mãos. Tinha cerca de um metro de comprimento, e uma das extremidades fora afiada para que pudesse ser cravada na terra. Ele a deslizou para fora do enlace da corda com as mãos dormentes, e o nó que prendia seus pulsos ficou pendurado, agora inútil. Ergueu a estaca com a mão direita. Daria para o gasto. Então notou que era observado: algo o vigiava havia um tempo, como um gato à espreita na toca de um rato.

A fera aproximou-se dele em silêncio — ou quase —, insinuando-se em sua direção como uma sombra se movendo durante o dia. O único movimento que o olho conseguia perceber era o da cauda, que se agitava com impaciência. Não fosse isso, poderia muito bem ser uma estátua ou até um monte de areia que, devido a alguns reflexos da luz, acabava parecendo um pouco com uma fera monstruosa. A pelagem tinha cor de areia, e os olhos, vidrados, eram verdes como o mar de inverno. O rosto era o mesmo rosto largo e cruel de uma pantera. Nas ilhas, qualquer felino de grande porte era chamado de Tigre, e aquele era todos os grandes felinos que já existiram — só que maior, mais perverso e mais perigoso.

Os tornozelos de Spider ainda estavam presos, e ele mal conseguia andar. As mãos e os pés formigavam. Ele pulava de uma perna para outra e tentava passar a impressão de que o fazia de propósito, que era alguma espécie de dança intimidadora, e não porque doía ficar parado.

Queria se abaixar e desamarrear os tornozelos, mas não ousava tirar os olhos da fera.

A estaca era pesada e grossa — curta demais para servir de lança, só que malfeita e grande demais para ser qualquer outra coisa. Spider a segurava pela extremidade mais fina e afiada e olhava para o mar, ignorando o animal de propósito, confiando na visão periférica.

O que mais ela disse? *Você vai berrar. Vai chorar. Seu medo vai provocá-lo.*

Spider começou a chorar. Depois berrou como um bezerro ferido, perdido, succulento e solitário.

Houve um vislumbre de movimento cor de areia. Mal deu tempo de registrar os borrões de dentes e garras movendo-se em sua direção. Spider girou a estaca como um bastão de beisebol, golpeando com toda a força. Sentiu-a acertar o focinho da fera com um baque surdo muito agradável.

O Tigre parou, olhou fixo para ele, como se não conseguisse acreditar no que via, e soltou um rosnado gutural, um som lamurioso. Depois se virou e voltou para os arbustos de onde viera, o andar tenso, como se tivesse um compromisso que quisesse evitar. Olhou para Spider por cima do ombro, ressentido. Era uma fera ferida, e seu olhar era o de um animal que já planejava o retorno.

Spider o observou ir embora.

Então se sentou e desamarrou os tornozelos.

Caminhou um pouco trôpego ao longo da borda do penhasco, acompanhando o declive suave. Logo um riacho cruzou seu caminho, despencando da beira do precipício em uma cachoeira reluzente. Spider se ajoelhou, uniu as mãos em concha e bebeu a água fresca.

Então começou a coletar pedras. Pedras boas, do tamanho de um punho. Ele as empilhou como se fossem bolas de neve.

★ ★ ★

— Você quase não comeu — comentou Rosie.

— *Você* é que tem que comer. Precisa ficar forte — respondeu a mãe. — Comi um pouco daquele queijo. Foi o suficiente.

Era frio na despensa de carnes, e escuro. Mas não o tipo de escuro ao qual os olhos se acostumam. Não havia luz. Rosie dera uma volta no local, passando os dedos pelas paredes de cal, pedra e tijolos bem velhos, procurando algo que pudesse ajudar, mas não havia qualquer coisa útil.

— Antes você comia — comentou Rosie. — Quando papai era vivo.

— Seu pai também costumava comer. E veja só o resultado: um ataque cardíaco com quarenta e um anos. Em que mundo vivemos?

— Mas ele amava comida.

— Ele amava tudo — respondeu a mãe, amargurada. — Amava comida, amava pessoas, amava a filha. Amava cozinhar. Me amava. E qual foi o resultado? Só acabou indo mais cedo para o túmulo. Não dá para sair por aí amando as coisas desse jeito. Já lhe disse isso.

— É. Acho que já disse mesmo. — Caminhou na direção do som da voz da mãe, a mão erguida diante do rosto para evitar bater em uma das correntes de metal que pendiam do teto. Encontrou o ombro ossudo e passou o braço em volta dele. — Não estou com medo — declarou, no escuro.

— Então você é doida.

Rosie soltou a mãe e voltou para o centro da despensa de carnes. De repente, algo rangeu. Poeira e pó de gesso caíram do teto.

— Rosie? O que você está fazendo? — perguntou a mãe.

— Balançando na corrente.

— Tome cuidado, menina. Se essa corrente ceder, você vai acabar caindo no chão e quebrando a cabeça antes mesmo de conseguir explicar o que está fazendo. — A filha não respondeu. A sra. Noah insistiu: — Eu já disse. Você está doida.

— Não, não estou. Só não estou mais com medo.

Acima deles, dentro da casa, a porta da frente bateu.

— Barba Azul voltou para casa — comentou a mãe de Rosie.

— Eu sei. Eu ouvi. Mesmo assim, não estou com medo.

★ ★ ★

As pessoas não paravam de dar tapinhas nas costas de Fat Charlie e de lhe pagar bebidas que vinham com enfeites de miniguarda-chuvas. Além disso, já tinha recebido cinco cartões de pessoas que trabalhavam no meio musical e que estavam na ilha para o festival.

Por todo o salão, as pessoas sorriam para ele. Mantinha um braço em volta de Daisy, podia senti-la tremendo. Ela levou os lábios até seu ouvido e falou:

— Você é doido de pedra, sabia?

— Funcionou, não foi?

Daisy olhou para ele.

— Você é cheio de surpresas.

— Vamos lá, ainda não acabou.

Ele chamou a maîtresse.

— Com licença... Enquanto eu cantava apareceu uma senhora. Ela entrou e encheu a caneca de café na cafeteira lá atrás, perto do bar. Para onde ela foi?

A maîtresse piscou e deu de ombros.

— Não sei...

— Sabe, sim — retrucou Fat Charlie. Sentia-se seguro e astuto. Sabia que em breve voltaria a se sentir como ele mesmo, mas cantara para uma plateia e gostara disso. Cantara para salvar a vida de Daisy e a própria, e conseguira. — Vamos conversar lá fora.

Era a canção. Enquanto cantava, tudo ficara perfeitamente claro. Ainda estava claro. Foi para o corredor, e Daisy e a maîtresse o seguiram.

— Qual o seu nome? — perguntou à maîtresse.

— Clarissa.

— Olá, Clarissa. Qual é o seu sobrenome?

Daisy interrompeu:

— Charlie, não é melhor chamar a polícia?

— Daqui a pouquinho. Clarissa de quê?

— Higgler.

— E qual é a sua relação com Benjamin? O concierge?

— Ele é meu irmão.

— E qual é exatamente a relação entre vocês e a sra. Higgler? Callyanne Higgler?

— Eles são minha sobrinha e sobrinho, Fat Charlie — respondeu a sra. Higgler, na porta. — Agora, acho que seria melhor você ouvir essa sua noiva e chamar a polícia. Não é mesmo?

★ ★ ★

Spider estava parado à margem do riacho no topo do penhasco, sentado de costas para a encosta e com uma pilha de pedras para arremessar à frente. Foi quando apareceu um homem cortando caminho pelo capim alto. O homem estava nu, exceto por uma faixa de pele cor de areia ao redor da cintura, com uma cauda pendendo na parte de trás. Usava um colar de dentes pontudos, brancos e afiados. O cabelo era negro e comprido. Ele caminhou com naturalidade na direção de Spider, como se tivesse apenas saído para uma caminhada matinal rotineira e ver o outro ali sentado fosse uma surpresa agradável.

Spider pegou uma pedra do tamanho de uma toranja e a equilibrou na mão.

— Olá, filho de Anansi — cumprimentou o estranho. — Eu estava só de passagem e vi você, então fiquei pensando se podia fazer alguma coisa para ajudar. — O nariz dele parecia meio quebrado e inchado.

Spider balançou a cabeça. Sentia falta da língua.

— Quando vi você por lá, fiquei pensando: *coitadinho do filho de Anansi, deve estar com tanta fome*. — O estranho abriu um sorriso grande demais. — Aqui. Tenho comida o suficiente para dividir.

Ele carregava um saco no ombro. Abriu-o, enfiou a mão direita lá dentro e tirou um cordeiro recém-abatido. Segurava a carcaça pelo pescoço, e a cabeça balançava.

— Seu pai e eu compartilhamos diversas refeições. Por que nós dois não poderíamos fazer o mesmo? Você vai acendendo o fogo, e eu limpo o carneiro e preparo um espeto para nós dois. Não dá para quase sentir o gosto?

Spider estava com tanta fome que não conseguia nem pensar. Se ainda tivesse sua língua, talvez teria dito *sim*, confiante em sua habilidade de se livrar de problemas com a conversa. Mas não tinha mais língua. Então pegou uma segunda pedra com a mão esquerda.

— Vamos nos banquetear e ser amigos. E que não haja mais mal-entendidos entre nós — sugeriu o estranho.

E aí o abutre e o corvo limparão meus ossos, pensou Spider.

O estranho deu outro passo em sua direção, e Spider decidiu que aquela era sua deixa para atirar a primeira pedra. Tinha uma boa mira e uma tacada excelente, e a pedra atingiu bem onde ele queria: no braço direito do estranho. O homem deixou o carneiro cair. A pedra seguinte o atingiu na lateral da cabeça — Spider estava mirando em um ponto bem entre os olhos afastados demais do homem, mas ele desviou.

Então o estranho saiu correndo a passos largos, a cauda estendida às costas. Enquanto corria, às vezes parecia homem, às vezes, animal.

Quando o sujeito sumiu, Spider foi pegar o cordeiro onde ele caíra. Ao se aproximar da carcaça, viu que ela se mexia, e, por um instante, achou que o bicho estivesse vivo. Então viu que a carne estava infestada de

vermes. Fedia muito, e o fedor do cadáver o ajudou a esquecer o quanto estava com fome por um tempo.

Spider carregou a carcaça com os braços estendidos até a beira do precipício e o atirou no mar lá embaixo. Então lavou as mãos no riacho.

Não sabia há quanto tempo estava naquele lugar. Lá, o tempo se estendia e encolhia. O sol estava baixo no horizonte.

Depois do pôr do sol, mas antes do nascer da lua, pensou Spider. É nessa hora que a fera vai voltar.

★ ★ ★

O representante da Polícia de Saint Andrews, um sujeito de alegria inabalável, sentou-se no escritório da administração do hotel com Daisy e Fat Charlie e ouviu tudo o que cada um deles tinha a dizer com o rosto largo congelado em um sorriso plácido, embora inexpressivo. Às vezes, erguia um dedo para coçar o bigode.

Eles contaram ao policial que um fugitivo da justiça chamado Grahame Coats os abordara enquanto jantavam e ameaçara Daisy com uma arma. O que, também foram forçados a admitir, ninguém além de Daisy chegara a ver de fato. Então Fat Charlie contou sobre o incidente com o Mercedes preto e a bicicleta, e não, ele não chegara a ver quem estava dirigindo o veículo. Mas sabia de onde o carro viera. Contou ao policial sobre a casa no alto do penhasco.

O homem tocou o bigode grisalho, pensativo.

— É verdade, tem mesmo uma casa onde você está falando. Só que não pertence a esse homem, Coats. Longe disso. O senhor está falando da casa de Basil Finnegan, um sujeito bastante distinto. Por muitos anos, o sr. Finnegan demonstrou interesse saudável na lei e na ordem. Doou dinheiro para escolas, mas, o que é mais importante, contribuiu com uma soma considerável para a construção de uma nova delegacia policial.

— Ele apontou uma arma para a minha barriga — retrucou Daisy. — E disse que, a não ser que o acompanhássemos, ia atirar.

— Se esse fosse mesmo o sr. Finnegan, mocinha, tenho certeza de que haveria uma explicação muito simples. — O policial abriu uma maleta e retirou um grosso maço de papéis. — Aqui vai uma sugestão: pensem no assunto. Reflitam durante a noite. Se, de manhã, ainda estiverem convencidos de que foi mais do que um exagero, uma coisa do momento, basta preencher esse formulário e deixar as três vias na delegacia. Perguntem onde fica a nova delegacia, nos fundos da praça da cidade. Todo mundo sabe onde é.

Ele apertou a mão dos dois e seguiu seu caminho.

— Você devia ter contado que também é policial — sugeriu Fat Charlie.
— Talvez ele nos levasse mais a sério.
— Acho que não teria ajudado. Qualquer um que chama uma mulher de “mocinha” já a excluiu do grupo de pessoas a quem vale a pena ouvir.
Eles foram até a recepção do hotel.
— Aonde ela foi? — perguntou Fat Charlie.
Benjamin Higgler respondeu:
— Tia Callyanne? Está esperando vocês na sala de reuniões.

★ ★ ★

— Pronto — disse Rosie. — Sabia que ia conseguir. Era só continuar me balançando.
— Ele vai matar você.
— Ele vai nos matar de qualquer jeito.
— Não vai funcionar.
— Mãe. Você tem uma ideia melhor?
— Ele vai ver você.
— Mãe. Pode parar de ser tão negativa? Se tem alguma sugestão que possa ajudar, por favor, diga. Se não tiver, nem se dê ao trabalho. Está bem?
Silêncio.
— Eu podia mostrar o traseiro para ele.
— O quê? — indagou Rosie.
— Você me ouviu.
— Hum. Em vez de?
— Além de.
Silêncio. Então Rosie comentou:
— Bem, mal não pode fazer.

★ ★ ★

— Olá, sra. Higgler — cumprimentou Fat Charlie. — Eu quero aquela pena de volta.
— E por que você acha que estou com a sua pena? — perguntou ela, os braços cruzados sobre os seios fartos.
— A sra. Dunwiddy me contou.
Pela primeira vez, a sra. Higgler pareceu surpresa.
— Então Louella disse que a pena está comigo?
— Sim, ela disse que a pena está com a senhora.
— Eu só estou tentando descobrir se é seguro falar. — A sra. Higgler gesticulou com a caneca de café, indicando Daisy. — Você não acha que eu

vou abrir o bico na frente dela, né? Nem sei quem ela é.

— Essa é Daisy. Pode dizer a ela qualquer coisa que diria a mim.

— É a sua noiva — comentou a sra. Higgler. — Ouvi falar.

Fat Charlie sentiu o rosto esquentar.

— Ela não é minha... Na verdade, não somos. Eu precisava falar alguma coisa para livrá-la do cara que estava armado. Parecia a coisa mais simples a dizer.

A sra. Higgler o encarou. Por trás dos óculos grossos, os olhos dela começaram a brilhar.

— Fiquei sabendo que foi no meio de uma canção. Diante de um monte de gente. — Ela balançou a cabeça, de um jeito que velhos fazem quando refletem sobre a tolice dos jovens. Ela abriu a bolsa preta, tirou um envelope de dentro e o entregou a Fat Charlie. — Prometi a Louella que a manteria em segurança.

Fat Charlie pegou a pena do envelope, que estava um pouco esmagada no lugar onde ele a apertara na noite do ritual mágico.

— Certo. A pena. Excelente. — Então se virou para a sra. Higgler: — E agora, o que eu faço com ela?

— Você não sabe?

A mãe de Fat Charlie o ensinara, quando pequeno, a contar até dez antes de perder a paciência. Ele contou, em silêncio e sem pressa, e logo em seguida perdeu a paciência.

— É claro que eu não sei o que fazer com ela, sua velha idiota! Nessas duas últimas semanas fui preso, perdi minha noiva e meu emprego, vi meu irmão meio imaginário ser devorado por uma muralha de aves em Piccadilly Circus e voei de um lado a outro do Atlântico como uma bola de pingue-pongue. E hoje ainda subi diante de uma plateia e... E *cantei*. Tudo porque meu ex-patrão psicopata estava apontando uma arma para a barriga da garota que estava jantando comigo. Só estou tentando resolver a confusão em que minha vida se transformou desde que *a senhora* pensou que talvez eu fosse querer falar com meu irmão. Então, não: não sei o que fazer com essa maldita pena. É para queimá-la? Picá-la e comê-la? Fazer um ninho com ela? Segurá-la à minha frente e pular da janela?

A sra. Higgler parecia irritada.

— Você precisa perguntar a Louella Dunwiddy.

— Não tenho certeza se dá para fazer isso. Ela não parecia muito bem da última vez em que a vi. E não temos muito tempo.

Daisy interveio:

— Ótimo, você conseguiu a pena de volta. Agora podemos, por favor, falar sobre Grahame Coats?

— Isso não é só uma pena. É a pena que ganhei em troca do meu irmão.

— Então a troque de volta e vamos seguir em frente. Precisamos fazer alguma coisa.

— Não é tão simples — respondeu Fat Charlie. Então parou e pensou no que dissera e no que Daisy respondera. Olhou admirado para a mulher.
— Meu deus, como você é esperta!

— Eu me esforço. O que foi que eu falei?

Não tinham quatro velhinhas, mas tinham a sra. Higglar, Benjamin e Daisy. O jantar estava quase terminando, então Clarissa, a maîtresse, pareceu muito feliz em se juntar a eles. Não tinham as terras de quatro cores, mas havia areia branca da praia atrás do hotel, terra preta do canteiro de flores à frente, lama vermelha da lateral e a areia multicolorida que vinha em tubos de ensaio vendidos na loja de lembranças. As velas que pegaram no bar da piscina eram pequenas e brancas, não altas e negras. A sra. Higglar garantiu que dava para encontrar todas as ervas de que precisavam ali na ilha, mas Fat Charlie pediu a Clarissa para trazer um ramo de *bouquet garni* da cozinha.

— Acho que é tudo uma questão de confiança — explicou Fat Charlie.
— A coisa mais importante não são os detalhes. É a atmosfera mágica.

A atmosfera mágica, no caso, não se intensificou com a tendência de Benjamin Higglar de olhar ao redor da mesa e ter um ataque de risadinhas, nem com o fato de Daisy não parar de comentar que tudo aquilo era bem idiota.

A sra. Higglar jogou o *bouquet garni* em uma tigela com um resto de vinho branco.

Ela começou a cantarolar. Ergueu as mãos para encorajá-los, e os outros se juntaram a ela, parecendo abelhas bêbadas. Fat Charlie ficou esperando alguma coisa acontecer.

Nada aconteceu.

— Fat Charlie, cante você também — mandou a sra. Higglar.

Ele engoliu em seco. *Não há nada a temer*, disse a si mesmo. Já tinha cantado diante de um salão cheio de gente e pedido uma mulher que mal conhecia em casamento diante de uma plateia. Cantarolar era moleza.

Identificou a nota que a sra. Higglar entoava e a deixou vibrar em sua garganta...

Segurou a pena. Cantou e se concentrou.

Benjamin parou de dar risadinhas. Arregalou os olhos. Seu rosto parecia alarmado, e Fat Charlie ia parar de cantar para perguntar por que ele estava incomodado, mas a canção agora estava dentro dele, e as velas tremeluziam...

— Olhe só para ele! — exclamou Benjamin. — Ele está...

E Fat Charlie teria se perguntado o que estava, exatamente, mas era tarde demais.

A neblina se dissipou.

Fat Charlie caminhava por uma ponte, uma passarela longa e branca que cruzava uma grande extensão de água cinzenta. Um pouco à frente, no meio da ponte, havia um homem sentado em uma cadeira de madeira.

Estava pescando. Usava um chapéu fedora verde cobrindo os olhos. Parecia cochilar, e não se moveu quando Fat Charlie se aproximou.

Fat Charlie reconheceu o homem e pôs a mão em seu ombro.

— Sabia que era fingimento. Não acreditei que estivesse morto de verdade.

O homem na cadeira não se mexeu, mas sorriu.

— Isso mostra que você não sabe nada. Estou mortinho da silva. — Ele se espreguiçou de um jeito exagerado, puxou uma cigarrilha preta de trás da orelha e a acendeu com um fósforo. — É, estou morto. E acho que vou ficar assim por um tempo. Se a pessoa não morre de vez em quando, começam a achar que ela sempre vai estar lá.

— Mas...

Anansi levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio. Ele pegou a vara de pescar e começou a enrolar a linha. Apontou para uma pequena rede, que Fat Charlie pegou e segurou estendida enquanto o pai levava até ela um peixe prateado e comprido que não parava de se debater. Então tirou o anzol da boca do peixe e o jogou em um balde branco.

— Pronto. O jantar de hoje está garantido.

Pela primeira vez, Fat Charlie percebeu que era noite quando se sentou à mesa com Daisy e os Higglers, embora, onde ele estava agora, o sol ainda ia baixo no céu, mas ainda não tinha se posto.

O pai dobrou a cadeira e a entregou junto com o balde a Fat Charlie, para que ele carregasse. Os dois saíram andando pela ponte. O sr. Nancy começou a falar:

— Sabe, sempre pensei que explicaria como tudo funciona, caso algum dia você viesse falar comigo. Mas parece que você está indo muito bem por conta própria. Então, o que o trouxe aqui?

— Não sei direito. Estava procurando a mulher-pássaro. Quero devolver a pena dela.

— Você não devia se meter com esse tipo de gente — comentou o pai, displicente. — Nunca dá em nada de bom. Aquela lá é um balaio de ressentimentos. Mas é covarde.

— Foi Spider... — retrucou Fat Charlie.

— O que é culpa sua. Não devia ter deixado aquela velha intrometida mandar metade de você embora...

— Eu era só uma criança. Por que *você* não fez alguma coisa?

Anansi afundou o chapéu na cabeça.

— A velha Dunwiddy não podia fazer nada que você não deixasse. Afinal de contas, você é *meu* filho.

Fat Charlie pensou naquilo, então respondeu:

— Mas por que você não *me* contou?

— Você está indo bem, está descobrindo tudo sozinho. Descobriu as canções, não foi?

Fat Charlie se sentiu ainda mais desajeitado, gordo e decepcionante para o pai, mas não respondeu que “não”. Em vez disso, falou:

— O que você acha?

— Acho que você está quase lá. O mais importante sobre as canções é que elas são como as histórias: não valem droga nenhuma, a menos que alguém as escute.

Estavam se aproximando do fim da ponte. Fat Charlie sabia, sem que lhe dissessem, que aquela era a última chance que os dois teriam de conversar. Havia tantas coisas que precisava descobrir, tantas coisas que queria saber.

— Pai, quando eu era criança... Por que você me humilhava?

O velho franziu a testa.

— Humilhava? Eu amava você.

— Você me fez ir à escola fantasiado de presidente Taft. É isso que chama de amor?

O velho soltou um som parecido com um ganido que podia muito bem ser uma risada, depois tragou a cigarrilha. A fumaça escapou de seus lábios, e mais parecia um balão de diálogos fantasmagórico.

— Sua mãe ficou me perturbando por causa disso — comentou. — Não temos muito tempo, Charlie. Quer mesmo ficar discutindo durante o pouco que nos resta?

Fat Charlie balançou a cabeça.

— Melhor não.

Eles chegaram ao fim da ponte.

— Bem, quando encontrar seu irmão, quero que entregue uma coisa a ele, em meu nome.

— O quê?

O pai ergueu a mão, baixou a cabeça de Fat Charlie e beijou sua testa de leve.

— Isso.

Fat Charlie se endireitou. O pai o encarava com uma expressão que, se estivesse no rosto de qualquer outra pessoa no mundo, ele teria pensado que era orgulho.

— Me deixe ver essa pena.

Fat Charlie enfiou a mão no bolso. A pena estava lá, parecendo ainda mais amassada e destorcida do que antes.

O pai estalou a língua e ergueu a pena contra a luz.

— É uma bela pena — comentou. — Não é bom deixá-la toda amassada. Ela não vai aceitá-la de volta neste estado. — O sr. Nancy passou a mão pela pena, que ficou como nova outra vez. Então ficou olhando para ela com o cenho franzido. — E aí você vai deixá-la toda amassada de novo. — Ele bafejou sobre as unhas e as poliu no paletó. Então pareceu se decidir. Tirou o chapéu fedora da cabeça e enfiou a pena na fita que o envolvia. —

Pronto. E, de quebra, você vai ficar bem com um chapéu bacana desses. — Ele enfiou o chapéu na cabeça do filho. — Ficou ótimo.

Fat Charlie deu um suspiro.

— Pai, eu não uso chapéu. Vou ficar ridículo. Vou ficar com cara de idiota. Por que você sempre tenta me fazer passar vergonha?

Sob a luz que ia se acabando, o pai olhou para o filho.

— Acha mesmo que eu mentiria para você? Filho, para usar chapéu basta ter atitude. E você tem. Acha mesmo que eu diria que ficou bom se não tivesse ficado? Ficou muito elegante. Não acredita em mim?

— Na verdade, não.

— Então olhe ali — sugeriu o pai, apontando para a murada da ponte.

A água abaixo deles estava imóvel, lisa como um espelho, e o homem que o encarava de volta parecia mesmo elegante, com seu novo chapéu verde.

Fat Charlie ergueu os olhos para explicar que talvez estivesse enganado, mas o pai já tinha desaparecido.

Saiu da ponte, entrando na noite.

★ ★ ★

— Muito bem, quero saber exatamente onde ele está. Aonde ele foi? O que fez com ele?

— Eu não fiz nada. Meu Deus, garota — respondeu a sra. Higgler. — Isso não aconteceu da última vez.

— Pareceu que ele foi teleportado de volta para a nave mãe — comentou Benjamin. — Irado. Efeitos especiais na vida real.

— Quero que a senhora traga Fat Charlie de volta — exigiu Daisy, enfática. — Traga ele aqui *agora mesmo*.

— Mas eu nem sei onde ele está — retrucou a sra. Higgler. — E eu não o mandei para lá. Ele fez isso sozinho.

— Mas e se ele estiver lá fazendo o que tem que fazer e nós o trouxermos de volta? Podemos estragar tudo — interveio Clarissa.

— Exatamente — concordou Benjamin. — Seria como teleportar de volta a equipe de exploração bem no meio da missão.

Daisy pensou naquilo por alguns instantes e ficou muito irritada ao perceber que fazia sentido. Bem, tanto sentido quanto qualquer outra coisa naqueles dias.

Clarissa se pronunciou outra vez:

— Se vocês não precisarem mais de mim, tenho que voltar para o restaurante. Para ver se está tudo bem.

A sra. Higgler bebericou o café.

— Pode ir — anunciou.

Daisy deu um tapa na mesa.

— Ora, por favor! Temos um assassino à solta, e Fat Charlie foi teleportado para a nave mestra.

— Nave mãe — corrigiu Benjamin.

A sra. Higgler piscou. Então concordou:

— Está bem, temos que fazer alguma coisa. Qual é a sua sugestão?

— Não sei — admitiu Daisy, e se odiou por isso. — Passar o tempo, acho.

Ela pegou o exemplar do jornal *Williamstown Courier* que a sra. Higgler estava lendo mais cedo e começou a folheá-lo.

A história sobre as turistas desaparecidas, as mulheres que não tinham voltado para o navio, estava em uma coluna na página três. *As que estão lá em casa*, repetiu Grahame Coats, em sua cabeça. *Achavam mesmo que eu ia acreditar que elas vieram de cruzeiro?*

Ora, Daisy era policial, afinal de contas.

— Preciso de um telefone — disse.

— Vai ligar para quem?

— Acho que vou começar com o ministro do turismo e o delegado e vou continuar a partir daí.

★ ★ ★

O sol carmesim encolhia no horizonte. Se não fosse quem era, Spider estaria desesperado. Naquele lugar, na ilha, havia uma linha bem distinta entre dia e noite, e Spider assistiu à última migalha vermelha de sol ser engolida pelo mar. Tinha as pedras e as duas estacas.

Queria muito ter uma fogueira.

Ficou tentando descobrir quando a lua apareceria. Quando ela surgisse, Spider talvez tivesse uma chance.

O sol se pôs — os últimos traços de vermelho afundaram no mar escuro —, e veio a noite.

Ouviu-se uma voz na escuridão.

— Filho de Anansi, em breve, eu me alimentarei. Você não saberá onde estou até sentir minha respiração quente na nuca. Fiquei ao lado do seu corpo preso em estacas, disposto para mim. Poderia ter esmagado seu pescoço ali mesmo, mas reconsiderei. Matá-lo dormindo não teria me dado prazer algum. Quero sentir você morrer. Quero que saiba por que tirei sua vida.

Spider jogou uma pedra na direção de onde achou que a voz vinha, mas a ouviu bater no mato, inofensiva.

A voz continuou:

— Você tem dedos, mas eu tenho garras mais afiadas que facas. Você tem duas pernas, mas eu tenho quatro patas que nunca se cansam, que podem correr dez vezes mais rápido que você pode pensar em correr e ainda continuar avançando. Seus dentes podem comer carne, mas só se o fogo a tiver deixado macia e sem gosto, porque são dentes pequenos de macaco, bons para mastigar frutas macias e insetos rastejantes. Mas eu tenho dentes que podem rasgar e arrancar a carne ainda viva dos ossos, e posso engoli-la enquanto o sangue da presa ainda jorra para os céus.

Então Spider fez um ruído. Era o tipo de ruído que podia ser feito sem língua, sem nem mesmo abrir os lábios. Era meio que um “hmph” de ironia e desprezo. Parecia dizer: *Você pode até ser tudo isso, Tigre, mas e daí? Todas as histórias que já foram contadas são de Anansi. Ninguém conta histórias do Tigre.*

Ouviru-se um rugido na escuridão, um rugido de frustração e fúria.

Spider começou a cantarolar a melodia de “Tiger Rag”. É uma canção antiga, boa para provocar os tigres. “Pegue aquele tigre”, “Onde foi parar o tigre?”, diz a letra.

Da próxima vez que a voz surgiu em meio às trevas, estava mais perto.

— Estou com sua mulher, filho de Anansi. Quando acabar com você, vou rasgar a carne dela. Aposto que a carne dela é mais doce que a sua.

Spider soltou um “hmph!”, comum às pessoas que sabem que estão mentindo para elas.

— O nome dela é Rosie.

Então Spider fez um ruído involuntário.

Na escuridão, alguém deu risada.

— E sobre seus olhos — prosseguiu a voz —, você tem olhos que, quando muito, veem o óbvio, e só em plena luz do dia. Mas meu povo tem olhos que podem ver os pelos se arrepiarem em seus braços enquanto falo, o terror em seu rosto. E veem tudo isso quando é noite. Tenha medo de mim, filho de Anansi. E se tiver que fazer alguma prece, faça agora.

Spider não tinha preces, mas tinha pedras, e podia jogá-las. Talvez desse sorte e uma delas acertasse alguma coisa no escuro. Ele sabia que seria um milagre se isso acontecesse, mas passara a vida inteira confiando em milagres.

Estendeu a mão para pegar outra pedra.

Algo roçou as costas de sua mão.

Olá, cumprimentou a pequena aranha de barro, em sua mente.

Olá, pensou Spider. *Olha, estou um pouco ocupado aqui, tentando não ser devorado, então se você puder ficar quietinha por um tempinho...*

Mas eu as trouxe, pensou a aranha. *Como você pediu.*

Como eu pedi?

Você não me mandou buscar ajuda? Eu as trouxe comigo. Elas seguiram o fio da minha teia. Não há aranhas neste universo, então escapei para o outro. Teci uma teia de lá até aqui e daqui para lá. Trouxe as guerreiras. Trouxe as corajosas.

— Em que está pensando? — indagou a voz do grande felino, na escuridão. E então completou, com humor um tanto refinado: — Qual é o problema? O gato comeu sua língua?

Uma única aranha é silenciosa. Elas cultivam o silêncio. Mesmo as que fazem ruídos tentam permanecer o mais imóvel possível, à espera. O que as aranhas mais fazem é esperar.

Bem lentamente, a noite foi se enchendo de um farfalhar baixinho.

Spider pensou na gratidão e no orgulho que sentia pela pequena aranha de sete patas que criara de sangue, saliva e terra. Ela escalou depressa das costas de sua mão até o ombro.

Ele não podia vê-las, mas sabia que estavam todas ali: as aranhas grandes e as pequenas, as aranhas venenosas e as que apenas picavam, as aranhas grandes e peludas e as elegantes e quitinosas. Seus olhos captavam toda a luz disponível, mas enxergavam pelas pernas, e a partir das vibrações construía uma imagem virtual do mundo ao redor.

Eram um exército.

O Tigre falou outra vez, em meio à escuridão:

— Quando você estiver morto, filho de Anansi, quando toda a sua linhagem estiver morta, as histórias serão minhas. As pessoas voltarão a contar as histórias do Tigre. Vão se reunir e louvar minha inteligência e minha força, minha crueldade e minha alegria. Todas as histórias serão minhas. Todas as canções serão minhas. O mundo voltará a ser como antes: um lugar difícil. Sombrio.

Spider escutou o farfalhar de seu exército.

Estava sentado à beira do precipício por um motivo. Embora não oferecesse lugar para onde recuar, também significava que o Tigre não poderia vir correndo para cima dele, teria que se aproximar bem lentamente.

Spider começou a rir.

— Do que você está rindo, filho de Anansi? Perdeu o juízo?

Spider deu uma risada ainda mais alta e mais longa.

Um uivo percorreu a escuridão. O Tigre encontrara seu exército.

Existem muitos tipos de veneno de aranha. Às vezes demora bastante para uma picada fazer efeito. Biólogos passaram anos estudando isso: há aranhas cujo veneno pode fazer o local afetado necrosar e morrer, o que às vezes pode acontecer mais de um ano após a picada. E por que as aranhas fazem isso? É simples: porque acham engraçado. E porque não querem que você se esqueça delas.

Viúvas-negras picaram o focinho machucado do Tigre, e tarântulas atacaram as orelhas: em instantes, os pontos sensíveis de seu corpo começaram a arder e latejar, a inchar e coçar. O Tigre não entendia o que estava acontecendo, só sabia que, de repente, seu corpo ardia e doía — e que estava com medo.

Spider deu uma risada mais alta e mais longa, e ouviu o que parecia um animal enorme correndo para dentro da mata, rugindo de agonia e medo.

Então se sentou e esperou. O Tigre voltaria. Spider não tinha dúvidas. O assunto ainda não estava resolvido.

Ele pegou a aranha de sete patas do ombro e a acariciou, passando os dedos pelo corpo largo.

Um pouco mais abaixo, na encosta, algo brilhava com uma luz verde fria, tremeluzindo como as luzes de uma pequena cidade, acendendo e apagando na noite. E vinha em sua direção.

O pisca-pisca se revelou ser uma nuvem de cem mil vaga-lumes. Havia uma silhueta iluminada no centro daquela luz tremeluzente, uma figura escura em forma de homem. Caminhava morro acima, determinada.

Spider ergueu uma pedra e preparou mentalmente as tropas de aranhas para mais um ataque. Então parou. Havia algo familiar na figura que brilhava à luz dos vaga-lumes: ela usava um chapéu fedora verde.

★ ★ ★

Grahame Coats tinha bebido quase toda a meia garrafa de rum que encontrara na cozinha. Tinha aberto o rum porque não queria descer até a adega e porque achou que aquilo fosse deixá-lo bêbado mais rápido que o vinho. Infelizmente, não foi o caso. A bebida não parecia estar fazendo efeito, muito menos fornecendo a sensação de se estar desconectado emocionalmente que ele julgava precisar. Caminhou pela casa com a garrafa em uma das mãos e um copo meio cheio na outra, tomando ora um gole de um, ora de outro. Captou um vislumbre do próprio reflexo no espelho, todo suado e acabado.

— Ânimo — disse em voz alta. — As linhas são tortas mesmo. Tem que ver o lado bom das coisas. Quebrar os ovos da omelete. O apressado come cru. Depois da tempestade...

O rum estava quase acabando.

Ele voltou para a cozinha. Abriu vários armários, até que encontrou uma garrafa de licor escondida. Pegou-a e aninhou-a nos braços, agradecido, como se ela fosse uma velha amiga bem pequenininha que tivesse acabado de voltar depois de muitos anos no mar.

Desatarraxou a tampa da garrafa. Era licor para cozinhar, mas ele bebeu como se fosse limonada.

Grahame Coats percebeu outras coisas enquanto procurava álcool na cozinha. Havia, por exemplo, facas. Algumas eram bem afiadas. Em uma das gavetas, tinha até uma pequena serra de aço inoxidável. Grahame Coats achou isso ótimo. Seria uma solução bem simples para o problema do porão.

— *Habeas corpus* — disse. — Ou *habeas delicti*. Um desses. Se não há corpo, não há crime. *Ergo. Quod erat demonstrandum*.

Ele tirou a arma do bolso do paletó e a colocou sobre a mesa da cozinha. Arrumou as facas em volta dela, formando um padrão parecido com os raios de uma roda.

Então falou, no mesmo tom que usava para convencer boy bands inocentes de que era hora de assinar o primeiro contrato com ele e abraçar a fama, ou melhor, a fortuna:

— Bem, antes tarde do que nunca.

Prendeu três facas no cinto com a lâmina para baixo, guardou a serra no bolso do paletó e, com a arma na mão, desceu a escada da adega. Acendeu as luzes, piscou para as garrafas de vinho ali ao lado — cada uma em um suporte, todas cobertas por uma fina camada de poeira —, e parou ao lado da porta de ferro da despensa de carnes. Então gritou:

— Muito bem! Para sorte de vocês, não quero fazer mal a ninguém. Vou deixar as duas saírem. Foi só um mal-entendido. Mesmo assim, sem ressentimentos. Não adianta chorar pelo leite derramado. Vão para a parede dos fundos. Fiquem em posição. Nada de gracinhas.

A quantidade de dichês existentes para pessoas armadas é meio reconfortante, pensou, enquanto abria as trancas. Aquilo o fazia sentir-se membro de uma irmandade: Bogart estava ao seu lado, junto com Cagney e todas as outras pessoas que gritavam com as outras em seriados policiais.

Acendeu a luz e abriu a porta. A mãe de Rosie estava parada de costas, perto da parede dos fundos. Quando Grahame Coats entrou, ela levantou a saia e sacudi a bunda morena surpreendentemente magra.

Grahame Coats ficou de queixo caído. Foi nesse momento que Rosie golpeou seu pulso com um pedaço de corrente enferrujada, jogando a arma para o outro lado da despensa.

Com o entusiasmo e a precisão de uma mulher muito mais jovem, a mãe de Rosie deu um chute em seu saco. Quando ele botou as mãos na virilha e caiu de joelhos, emitindo ruídos em uma frequência que só cães e gatos poderiam ouvir, Rosie e a mãe fugiram, aos trancos e barrancos.

Elas bateram a porta, e Rosie virou uma das trancas. As duas se abraçaram.

Ainda estavam na adega quando todas as luzes se apagaram.

— Deve ter sido um fusível queimado — disse Rosie, tentando tranquilizar a mãe.

Não estava muito certa daquilo, mas não havia outra explicação.

— Você devia ter virado as duas trancas — comentou a mãe.

Em seguida gritou um “Ai!” ao tropeçar em alguma coisa e soltou um palavrão.

— Veja pelo lado bom — retrucou Rosie. — *Ele também não consegue enxergar no escuro. Segure minha mão, acho que a escada é por aqui.*

Quando a luz se apagou, Grahame Coats estava de quatro no chão de concreto da despensa de carnes, já no escuro. Algo quente escorria por sua perna. Por um momento desagradável, achou que tivesse molhado as calças, até que percebeu que a lâmina de uma das facas presas em seu cinto fizera um corte fundo no alto da perna.

Parou de se mover e deitou-se no chão. Chegou à conclusão de que beber tanto fora uma atitude muito sensata: era praticamente um anestésico. Resolveu dormir.

Mas não estava sozinho ali dentro. Havia alguém ali com ele. Algo que se movia em quatro patas.

Ouviu um rosnado:

— Levante-se.

— Não consigo. Estou ferido. Quero a minha cama.

— Você é uma criatura desprezível, destrói tudo que toca. Agora se levante.

Grahame Coats retrucou, naquele tom razoável de bêbado:

— Eu adoraria, mas não posso. Vou ficar deitado aqui no chão só um pouquinho. Mas, de qualquer jeito, ela trancou a porta. Eu ouvi.

Ele ouviu um som meio arranhado do outro lado da porta, como uma tranca abrindo bem devagar.

— A porta está aberta. Se você ficar aqui, vai morrer. — Ouviu um farfalhar impaciente, o ruído furtivo de uma cauda e um rugido meio abafado no fundo da garganta. — Me dê a mão e jure obediência. Convide-me para entrar em você.

— Eu não enten...

— Me dê a mão ou vai sangrar até a morte.

No escuro da despensa de carnes, Grahame Coats estendeu a mão. Alguém — ou alguma coisa — a segurou firmemente, o que foi meio reconfortante.

— E então, algum problema em eu entrar?

Grahame Coats foi tomado por um instante de fria sobriedade. Já fora longe demais. Nada do que fizesse pioraria a situação.

— Claro que de jeito nenhum — murmurou.

Ao dizer aquilo, começou a se transformar. Via no escuro como se fosse dia. Por apenas um instante, pensou ter visto algo ao seu lado, algo maior que um homem e com dentes muito, muito afiados. Mas a coisa desapareceu de repente, e Grahame Coats sentia-se fantástico. Sua perna não sangrava mais.

Conseguia ver muito bem naquela escuridão. Tirou as facas do cinto e as largou no chão. Também arrancou os sapatos. Havia uma arma no chão, mas ele a deixou lá. Armas eram para macacos, corvos e fracotes. Ele não era um macaco.

Era um caçador.

Ergueu-se nas mãos e nos joelhos, então caminhou de quatro na direção da adega.

Conseguia ver as mulheres. Elas tinham encontrado a escada que levava à casa e estavam subindo às cegas, de mãos dadas na escuridão.

Uma delas era velha, a carne já dura. A outra era jovem e tenra. Sentiu a boca salivar, a boca de alguém que era apenas em parte Grahame Coats.

★ ★ ★

Fat Charlie saiu da ponte e adentrou o lusco-fusco, o chapéu fedora verde do pai enfiado na cabeça. Avançou pela praia rochosa, subindo o declive, escorregando nas pedras e chapinhando em poças. Então pisou em algo que se movia. Perdeu o equilíbrio e tirou depressa o pé.

A coisa se ergueu, e continuou a se erguer. Seja lá o que fosse, era enorme. A princípio, Fat Charlie pensou que ela tivesse o tamanho de um elefante, mas a coisa continuou a crescer.

Luz, pensou Fat Charlie. Cantou em voz alta, e todos os vaga-lumes daquele lugar se agruparam ao seu redor, exibindo a luzinha verde e tremeluzente. Sob a luz deles, Fat Charlie pôde ver que dois olhos maiores que pratos o encaravam, grudados em um rosto reptiliano e presunçoso.

Ele os encarou de volta.

— Boa noite — cumprimentou, animado.

A voz da criatura era macia como uma almofada de seda.

— Olá. Ora, ora. Você tem a cara do meu jantar.

— Sou Charlie Nancy — disse Charlie Nancy. — Quem é você?

— Sou o Dragão. E vou mastigar você inteirinho, homenzinho de chapéu.

Charlie piscou.

O que meu pai faria? O que Spider faria? Não fazia ideia. Vamos lá! Spider é meio que parte de mim, afinal. Posso fazer tudo o que ele faz.

— Hã. Você está cansado de conversar comigo e vai me deixar passar sem ser perturbado — disse ao Dragão, com o máximo de convicção que conseguiu reunir.

— Nossa. Boa tentativa. Mas, infelizmente, não estou cansado de conversar — retrucou o Dragão, animado. — Na verdade, vou devorar você.

— Por acaso você tem medo de limões? — perguntou Charlie, antes de lembrar que dera o limão para Daisy.

A criatura deu uma risada de escárnio.

— Há. Nada me dá medo.

— Nada?

— Nada.

Então Charlie perguntou:

— Tem certeza de que nada *mata você de medo*?

— É. Nada me mata de medo — admitiu o dragão.

— Sabe, tem um monte de nada nos meus bolsos. Quer ver?

— Não mesmo — respondeu o Dragão, parecendo se sentir desconfortável.

Ele bateu asas, fazendo um barulho semelhante ao de velas de navio ao vento, e Fat Charlie ficou sozinho na praia.

— Isso foi fácil demais — comentou.

Continuou a andar. Criou uma canção para a caminhada. Charlie sempre teve vontade de criar canções, mas nunca o fizera, ainda mais porque acreditava que, se fizesse uma, alguém pediria para cantá-la — o que não teria sido muito bom, assim como morrer enforcado não teria sido muito bom. Mas agora ligava cada vez menos, e cantou a canção para os vaga-lumes, que o seguiram morro acima. Era uma canção sobre encontrar a mulher-pássaro e recuperar o irmão. Torcia para que os vaga-lumes estivessem gostando. A luz deles parecia pulsar e piscar no ritmo da música.

A mulher-pássaro esperava por ele no alto do morro.

Charlie tirou o chapéu e sacou a pena da faixa.

— Aqui. Acredito que isso seja seu.

Ela não fez menção de pegá-la.

— Nosso trato está acabado — insistiu Charlie. — Eu trouxe a pena. Quero meu irmão. Você o levou. Quero ele de volta. A linhagem de Anansi não era minha, para eu poder dar a alguém.

— E se eu não estiver mais com seu irmão?

Era difícil dizer, à luz dos vaga-lumes, mas Charlie achou que os lábios dela não tinham se movido. No entanto, as palavras o envolviam, com o canto dos noitibós e os pios das corujas.

— Quero meu irmão de volta. E são e salvo. E quero agora. Ou o que quer que tenha acontecido entre você e meu pai terá sido apenas o início. Entendeu? Só o começo.

Charlie nunca ameaçara outra pessoa. Não tinha ideia de como levaria aquilo adiante — mas tinha certeza de que o faria.

— Seu irmão estava comigo, mas arranquei a língua dele e o larguei no mundo do Tigre. Não posso fazer mal à linhagem de seu pai. Mas o Tigre pode, basta arranjar coragem — respondeu ela, naquele trovejar amargo e distante.

Fez-se silêncio. Os sapos e as aves noturnos ficaram absolutamente quietos. Ela o encarou, impassível. Seu rosto era quase parte das sombras. A mulher-pássaro enfiou a mão no bolso da capa de chuva.

— Me dê a pena.

Charlie colocou a pena na mão dela.

Então se sentiu mais leve, como se tivesse se livrado de mais do que uma pena velha...

Foi quando a mulher colocou uma coisa em sua mão. Era fria e úmida. Parecia um pedaço de carne, e Charlie teve que reprimir a vontade de atirá-lo longe.

— Devolva isso a ele — explicou a mulher-pássaro, com a voz da noite.
— Ele não precisa mais se vingar de mim.

— Como vou levar isso ao mundo do Tigre?

— Como você chegou aqui? — perguntou ela, parecendo achar graça, e Charlie viu que estava sozinho na colina.

Abriu a mão e olhou para o pedaço de carne que havia ali, mole e com bordas irregulares. Parecia uma língua, e Charlie sabia de quem ela devia ser.

Estou colocando o chapéu de pensar, disse a si mesmo, enquanto enfiava o chapéu fedora de volta na cabeça.

Em seus pensamentos, aquilo não pareceu tão ridículo. Não era um chapéu de pensar, mas era o tipo de chapéu usado por alguém que não só pensava, mas que também chegava a conclusões importantes e vitais.

Imaginou que os mundos fossem como uma teia. A imagem reluzia em sua mente, conectando-o com todos que conhecia. O fio que o ligava a Spider era forte e brilhante, cintilando com uma luz fria, como um vaga-lume ou uma estrela.

Spider já fora parte dele. Charlie se agarrou a esse pensamento e deixou que a teia preenchesse sua mente. Além disso, estava com a língua do irmão nas mãos, algo que fora parte de Spider até pouco tempo e que desejava com todas as forças ser parte dele outra vez. As coisas vivas tinham memória.

A fortíssima luz da teia brilhava ao seu redor. Tudo o que Charlie precisava era segui-la.

Ele a seguiu, e os vaga-lumes se aglomeraram ao seu redor e viajaram junto com ele.

— Ei. Sou eu.

Spider respondeu com um grunhido baixo e terrível.

Sob o brilho da luz dos vaga-lumes, Charlie viu que o irmão estava com um aspecto horrível: parecia um animal machucado. Crostas de feridas marcavam seu rosto e peito.

— Acho que isso é seu — comentou.

Spider pegou a língua com o irmão e fez um gesto exagerado de agradecimento. Então a enfiou na boca, endireitou no lugar e apertou. Charlie ficou olhando e esperando. Spider logo pareceu ficar satisfeito. Experimentou alguns movimentos com a língua, levando-a de um lado a outro como se lambesse os beiços, depois abriu bem a boca e mexeu a

língua lá dentro. Então a fechou e se levantou. Finalmente, com a voz ainda meio trêmula, disse:

— Chapéu legal.

★ ★ ★

Rosie conseguiu chegar primeiro no topo da escada, então abriu a porta da adega. Entrou na casa aos tropeços e esperou a mãe passar. Em seguida, trancou a porta da adega. A casa estava sem luz, mas a lua estava alta e quase cheia no céu, e, depois de toda aquela escuridão, o luar pálido que entrava pelas janelas da cozinha parecia até um holofote.

Criancinhas, venham brincar, pensou Rosie, lembrando-se de uma velha cantiga. *Hoje o sol é o luar...*

— Ligue para a polícia — mandou a mãe.

— Onde fica o telefone?

— Como é que eu vou saber onde fica o telefone? Ele ainda está lá embaixo.

— Certo — respondeu Rosie, pensando se devia encontrar um telefone e ligar para a polícia ou só dar o fora daquela casa. Mas, antes de chegar a uma decisão, era tarde demais.

Houve um estrondo tão alto que seus ouvidos doeram, e a porta da adega foi arrombada.

Uma sombra saiu de lá.

Era real. Rosie sabia que era real. Estava olhando para ela. Mas era impossível: era a sombra de um grande felino, peludo e enorme. Porém, por mais estranho que fosse, a sombra pareceu ficar *mais escura* quando a luz do luar a atingiu. Rosie não conseguia ver os olhos da criatura, mas sabia que ela a observava. E sabia que ela estava com fome.

Aquilo ia matá-la. Tudo terminaria ali mesmo.

A mãe anunciou:

— Ela quer você, Rosie.

— Eu sei.

Ela pegou a maior coisa que tinha ali por perto: um bloco de madeira que servia para guardar facas, mas que não tinha nenhuma, e o jogou na sombra com toda a força. Então, sem esperar para ver se acertara, saiu da cozinha correndo o mais rápido que podia e entrou no corredor. Sabia onde ficava a porta da frente...

A coisa escura e de quatro patas se moveu mais rápido. Saltou por cima da cabeça de Rosie e aterrissou diante dela quase sem fazer barulho.

Rosie recuou contra a parede, sentindo a boca seca.

A fera estava posicionada entre elas e a porta da frente, e avançava lenta e silenciosamente na direção de Rosie, como se tivesse todo o tempo do

mundo.

Foi então que a mãe saiu correndo da cozinha, passou por Rosie e continuou correndo pelo corredor enluarado na direção da enorme sombra, agitando os braços. Com os punhos magros, socou a criatura nas costelas. Houve uma pausa, como se o mundo estivesse prendendo a respiração, e a fera reagiu. Com um movimento borrado, a mãe de Rosie foi jogada no chão, e a sombra começou a sacudi-la como um cachorro faria com uma boneca de pano entre os dentes.

A campainha tocou.

Rosie queria pedir ajuda, mas, em vez disso, começou a gritar bem alto, sem parar. Quando encontrava uma aranha na banheira, gritava como uma atriz de filme de terror B em seu primeiro encontro com um homem fantasiado de monstro. Mas agora estava em uma casa escura com um tigre feito de sombra e um assassino em potencial. Sendo que pelo menos uma, mas talvez duas dessas entidades, tinha acabado de atacar sua mãe. Pensou em algumas possíveis atitudes a tomar (*a arma*: a arma estava lá na despensa. Precisava descer e pegar a arma. Ou *a porta*: podia tentar desviar da mãe e da sombra e destrancar a porta da frente), mas seus pulmões e sua boca apenas gritavam.

Algo bateu com força na porta da frente.

Estão tentando arrombar, pensou. Não vão conseguir entrar por aquela porta. Ela é bem resistente.

A mãe estava jogada no chão sob um feixe de luar, e a sombra estava abaixada sobre ela. A criatura jogou a cabeça para trás e deu um rugido profundo e gorgolejante, que era ao mesmo tempo de medo, desafio e posse.

Estou tendo alucinações, pensou Rosie, com uma certeza perturbadora. Fiquei trancada no subsolo por dois dias, e agora estou tendo alucinações. Não tem tigre nenhum aqui.

Pelo mesmo motivo, tinha certeza de que não havia uma mulher pálida ao luar, apesar de poder vê-la caminhando pelo corredor. Uma mulher loira com as pernas longas e os quadris estreitos de uma dançarina. Ela parou ao alcançar a sombra do tigre. Então disse:

— Olá, Grahame.

A sombra-fera ergueu a cabeça enorme e rosnou.

— Não vá pensando que pode se esconder de mim nessa fantasia boba de tigre — retrucou a mulher. Ela não parecia muito feliz.

Rosie percebeu que dava para ver a janela através da parte superior do corpo dela. Então recuou até ficar com as costas contra a parede.

A fera rugiu de novo, dessa vez com um pouco mais de hesitação.

A mulher respondeu:

— Não acredito em fantasmas, Grahame. Passei a vida inteira sem acreditar em fantasmas. Aí conheci você. Você fez a carreira de Morris ir

por água abaixo. Nos roubou. Me matou. E, para piorar, me obrigou a acreditar em fantasmas.

A sombra em forma de grande felino agora gemia e recuava pelo corredor.

— Não pense que vai conseguir fugir de mim assim, seu homenzinho inútil. Pode fingir ser um tigre o quanto quiser. Você não é um tigre. É um rato. Não, isso é um insulto a um sem-fim de nobres roedores. Você é menos que um rato. É um hamster. É uma fuinha.

Rosie disparou pelo corredor. Passou pela sombra, passou pela mãe caída, passou correndo *através* da mulher pálida — sentiu que atravessava um nevoeiro. Chegou à porta da frente e começou a procurar a tranca.

Não sabia se era apenas em sua cabeça ou se vozes de verdade discutiam. Rosie ouviu alguém dizendo:

“Não dê atenção a ela, seu idiota. Ela não vai conseguir encostar em você. É só um fantasma. Quase nem é real. Pegue a garota! Detenha a garota!”

E outra pessoa respondia:

“Você com certeza tem um argumento válido, mas não estou convencido de que considerou todas as circunstâncias em relação a... Bem, ser prudente... Hã, a melhor das qualidades. Está me entendendo?”

“Eu digo o que fazer. Você obedece.”

“Mas...”

— O que eu quero saber é quão fantasma você é, nesse momento. Sabe, não posso tocar nas pessoas. Na verdade, não posso nem tocar nas coisas. Mas *posso* tocar em fantasmas — comentou a mulher pálida.

Ela mirou um chute bem forte na cara da fera. O gato-sombra rosnou e recuou um passo, e o pé o errou por pouco mais de um centímetro.

O chute seguinte acertou, o que fez a fera urrar de dor. Mais um chute onde deveria ser o focinho do felino-sombra. A criatura soltou um ruído de gato sendo lavado com xampu, um uivo solitário de pavor e ultraje, vergonha e derrota.

O corredor se encheu com o som do riso de uma mulher morta, um riso de prazer e exultação.

— Fuinha — anunciou a voz da mulher pálida, mais uma vez. — Grahame, você é uma fuinha.

Um vento frio soprou pela casa.

Rosie abriu a última trava e girou a tranca. A porta se abriu. Fachos de lanternas fortes e cegantes iluminaram tudo. Pessoas. Carros. Uma voz feminina disse:

— É uma das turistas desaparecidas. — Então completou: — Meu Deus.

Rosie se virou.

Sob o facho da lanterna, pôde ver a mãe jogada no chão de lajotas. Ao lado dela, descalço, inconsciente e inconfundivelmente humano,

encontrava-se Grahame Coats. Um líquido vermelho estava espalhado ao redor deles, parecendo tinta escarlate. Por um instante, Rosie não conseguiu entender o que era.

Uma mulher falava com ela.

— Você é Rosie Noah. Meu nome é Daisy. Vamos encontrar um lugar para você sentar. Quer se sentar?

Alguém devia ter encontrado o painel de disjuntores, pois as luzes se acenderam em toda a casa.

Um homem grande, usando o uniforme da polícia, estava agachado junto aos corpos.

— Sem dúvida é o sr. Finnegan. E não está respirando.

— Sim, por favor, estou com muita vontade de me sentar — disse Rosie.

★ ★ ★

Charlie se sentou ao lado de Spider, na beira do penhasco enluarado, as pernas balançando na borda.

— Sabe, você era parte de mim. Quando éramos criança.

Spider inclinou a cabeça para o lado.

— É mesmo?

— Acho que sim.

— Bem, isso explica algumas coisas. — Ele estendeu a mão: uma aranha de barro com sete patas estava parada em seus dedos, sentindo o ar. — Mas, e agora? Você vai me incorporar de volta ou algo do tipo?

Charlie franziu a testa.

— Acho que você se saiu bem melhor do que se ainda fosse parte de mim. E se divertiu muito mais.

Spider mudou de assunto:

— Rosie. O Tigre sabe sobre Rosie. Precisamos fazer alguma coisa.

— Claro que sim — concordou Charlie.

Era como contabilidade, pensou. Basta inserir números em uma coluna e os tirar de outra. Se tudo fosse feito da maneira correta, acabaria dando certo no fim da página. Ele pegou a mão do irmão.

Eles levantaram e deram um passo à frente, para além do penhasco...

... E tudo ficou brilhante...

Um vento frio soprava entre os mundos.

Charlie perguntou:

— Sabia que você não é a parte mágica de mim?

— Não sou?

Spider deu mais um passo. Estrelas cadentes passavam às dezenas, riscando o céu escuro. Alguém, em algum lugar, tocava uma música alta e

aguda em uma flauta.

Mais um passo, e agora ouviam o barulho de sirenes ao longe.

— Não, não é. Imagino que a sra. Dunwiddy achava que era. Ela nos dividiu, mas nunca entendeu direito o que estava fazendo. Somos mais como duas metades de uma estrela-do-mar. Você cresceu e se transformou em uma pessoa por inteiro. — Então completou, percebendo que era verdade enquanto dizia: — E eu também.

Eles estavam parados na beira do precipício ao amanhecer. Uma ambulância subia o morro, as luzes piscando, e outra vinha atrás dela. Elas estacionaram ao lado da estrada, junto de um grupo de carros da polícia.

Daisy parecia estar dando ordens a todos.

— Não há muito o que possamos fazer aqui. Não agora — comentou Charlie. — Vamos.

O último vaga-lume o deixou, piscando a caminho do sono.

Eles pegaram a primeira van da manhã de volta para Williamstown.

★ ★ ★

Maeve Livingstone estava sentada no andar de cima, na biblioteca da casa de Grahame Coats, cercada pelas obras de arte, os livros e os DVDs do antigo agente do seu marido. Ela olhou pela janela. Lá embaixo, os paramédicos do serviço de emergência da ilha colocavam Rosie e a mãe em uma ambulância, e Grahame Coats em outra.

Tinha sido muito bom chutar o misto de coisa e fera que Grahame Coats se tornara. Foi a coisa mais satisfatória que fizera desde que fora assassinada — mas, se fosse honesta consigo mesma, teria que admitir que dançar com o sr. Nancy era o segundo lugar apenas por pouco. O homem era muito ágil e tinha pés bem leves.

Ela estava cansada.

— Maeve?

— Morris? — Ela olhou ao redor, mas o aposento estava vazio.

— Eu não queria incomodar, caso você ainda estivesse ocupada, querida.

— Isso é muito gentil da sua parte, mas acho que já terminei.

As paredes da biblioteca começavam a desaparecer. Estavam perdendo a cor e a forma. O mundo por trás delas começava a surgir. Sob a luz dele, Maeve viu uma figura pequena esperando por ela.

Sua mão deslizou para a do marido, e ela perguntou:

— Aonde vamos, Morris?

Ele explicou.

— Ah. Bem, vai ser uma mudança agradável. Sempre quis ir para lá.

E, de mãos dadas, eles foram.

CAPÍTULO

CATORZE

QUE CHEGA A VÁRIAS CONCLUSÕES

CHARLIE ACORDOU COM alguém batendo à porta. Desorientado, olhou ao redor: estava em um quarto de hotel. Vários acontecimentos improváveis se amontoavam em sua cabeça como mariposas ao redor de uma lâmpada, e, enquanto tentava compreendê-los, deixou que os pés o conduzissem até a porta do quarto. Piscou para o diagrama que informava aonde ir em caso de incêndio, tentando lembrar o que acontecera na noite anterior. Então destrancou a porta e a abriu.

Daisy olhou para ele e perguntou:

— Você dormiu de chapéu?

Charlie ergueu a mão e tocou a cabeça. Estava mesmo de chapéu.

— É — respondeu. — Acho que sim.

— Nossa. Bem, pelo menos tirou os sapatos. Sabia que você perdeu toda a ação ontem à noite?

— Perdi?

— Escove os dentes — sugeriu, solícita. — E troque a camisa. É, perdeu. Enquanto você estava... — Ela hesitou. Pensando bem, parecia bem improvável que ele tivesse desaparecido por causa de um ritual de magia. Essas coisas não acontecem. Não no mundo real. — Enquanto você estava fora, consegui levar o delegado até a casa de Grahame Coats. Ele sequestrou aquelas turistas.

— Turistas...?

— Foi o que ele disse no jantar, alguma coisa sobre termos mandado duas pessoas até lá, as duas mulheres que estavam na casa dele. Eram sua noiva e a mãe dela. Ele as trancou no porão.

— Elas estão bem?

— Estão no hospital.

— Ah.

— O estado da mãe é pior. Acho que sua noiva vai ficar bem.

— Quer parar de chamá-la assim? Rosie não é mais minha noiva. Ela terminou o noivado.

— Sim. Mas você não, não é?

— Ela não me ama — explicou Charlie. — Bem, vou escovar os dentes e trocar de camisa, e preciso de um pouco de privacidade.

— Você também devia tomar um banho. E esse chapéu fede a charuto.

— É uma herança de família.

Ele foi para o banheiro e trancou a porta.

★ ★ ★

O hospital ficava a uma caminhada de dez minutos do hotel, e Spider estava sentado na sala de espera segurando um exemplar antigo da *Entertainment Weekly* como se estivesse realmente interessado na revista.

Charlie deu um tapinha no ombro dele, e Spider levou um susto. Ele ergueu os olhos, desconfiado, mas relaxou um pouco ao ver o irmão.

— Eles disseram que preciso esperar aqui fora. Já que não sou da família nem nada.

Charlie ficou intrigado.

— Ora, por que você não *disse* que era da família? Ou um médico?

Spider pareceu desconfortável.

— Bem, é fácil fazer essas coisas quando você não *se importa*. Se não faz diferença eu entrar ou não, aí fica fácil. Mas agora que importa, eu odiaria atrapalhar ou fazer alguma coisa errada. E se, sei lá, eu tentasse e eles negassem, e aí... Do que você está rindo?

— Nada, na verdade. É que isso me parece um pouco familiar. Venha. Vamos encontrar Rosie. — Então se virou para Daisy, quando pegaram um corredor qualquer. — Sabe, há duas maneiras de circular por um hospital. Ou você se passa por alguém que tem todo o direito de estar aqui... Ali, Spider. Vista o jaleco branco atrás da porta, é do seu tamanho... Ou tem que se destacar tanto que ninguém vai reclamar. Vão deixar o problema para outra pessoa.

Ele começou a cantarolar.

— Que música é essa? — perguntou Daisy.

— Chama-se “Yellow Bird” — respondeu Spider.

Charlie enfiou o chapéu na cabeça, e eles entraram no quarto de Rosie.

Ela estava sentada na cama, lendo uma revista com cara de preocupada. Quando viu os três entrarem, pareceu ainda mais preocupada. Rosie olhou de Spider para Charlie, e então de volta para Spider.

— Vocês dois estão muito longe de casa.

— Todos estamos — retrucou Charlie. — Bem, você já conhece o Spider. Esta é Daisy. Ela é da polícia.

— Não tenho certeza se ainda sou — retrucou Daisy. — Devo estar bem encrencada.

— Foi você que apareceu lá, ontem à noite, não foi? Você que levou a polícia da ilha até a casa? — Rosie hesitou. — Alguma notícia de Grahame Coats?

— Ele está na UTI, assim como sua mãe.

— Bem, se mamãe acordar antes dele, espero que mate aquele safado. Eles não me contam nada sobre o estado dela, só falam que é muito sério e que vão me informar assim que tiverem alguma novidade. — Ela olhou para Charlie, parecendo sincera ao acrescentar: — Sabe, ela não é tão má quanto parece. É só dar um tempo para conhecê-la. Nós tivemos muito tempo para conversar, trancadas no escuro. Ela é legal. — Rosie assoou o nariz. — Eles acham que ela não vai resistir. Não disseram com essas palavras, mas meio que deixaram subentendido. É engraçado. Achei que ela sobreviveria a qualquer coisa.

— Eu também — concordou Charlie. — Achava até que, se houvesse uma guerra nuclear, ainda restariam baratas radioativas e sua mãe.

Daisy pisou no pé dele.

— Eles descobriram mais alguma coisa sobre o que a feriu?

— Eu contei a eles. Havia alguma espécie de animal na casa. Talvez fosse só Grahame Coats. Quer dizer, era meio que ele, mas também outra pessoa. Ele estava atrás de mim, mas mamãe o distraiu, e ele foi atrás dela...

Rosie tinha contado o que acontecera com todos os detalhes possíveis para a polícia da ilha naquela manhã. Decidira não falar sobre a loira fantasma. Às vezes as pessoas surtam sobre pressão, e achou melhor não deixar que ninguém soubesse que ela tinha surtado.

Ela parou de falar de repente. Estava encarando Spider como se tivesse acabado de lembrar quem ele era.

— Eu ainda odeio você, sabia? — Spider não respondeu, mas seu rosto foi tomado por uma expressão de extrema tristeza. Ele não parecia mais um médico, e sim um homem que tinha roubado um jaleco de atrás de uma porta e estava preocupado que alguém descobrisse. Um tom onírico surgiu na voz dela. — Só que, quando eu estava no escuro, achei que você estava me ajudando. Que estava mantendo o animal afastado. O que aconteceu com seu rosto? Está todo arranhado.

— Foi um bicho — disse Spider.

— Sabe, agora que estou vendo os dois juntos, vocês não são nada parecidos — comentou Rosie.

— Eu sou mais bonito — disse Charlie, e o pé de Daisy encontrou seus dedos pela segunda vez.

— Ainda bem — murmurou Daisy. E em seguida, um pouco mais alto: — Charlie? Precisamos ir lá fora conversar sobre uma coisa. Agora.

Eles saíram para o corredor, deixando Spider no quarto.

— O quê? — perguntou Charlie.
— O que o quê? — indagou Daisy.
— O que nós temos para conversar?
— Nada.

— Então o que estamos fazendo aqui? Você ouviu. Ela o odeia. Nós não devíamos deixá-los sozinhos. A essa altura, Rosie já o matou.

Daisy olhou para ele com o tipo de expressão que Jesus faria para um fiel que tivesse acabado de explicar que era alérgico a pão e peixes, então será que Ele poderia preparar uma saladinha de frango? Havia pena na expressão, misturada a uma compaixão quase infinita.

Ela levou o indicador aos lábios e o puxou de volta na direção da porta. Charlie olhou para o interior do quarto de hospital: Rosie não parecia estar matando Spider. Muito pelo contrário, aliás.

— Ah.

Eles estavam se beijando. Dizendo assim, daria até para perdoar alguém que pensasse que foi um beijo normal, só lábios, pele e talvez até um pouco de língua. Mas essa descrição deixa de fora a forma como Spider sorria, como seus olhos brilhavam. E, depois, quando se separaram, como suas costas estavam eretas, igualzinho as de um homem que acabara de descobrir a arte de ficar de pé e aprendera a fazê-lo melhor do que qualquer um.

Quando Charlie voltou a atenção para o corredor, viu Daisy conversando com vários médicos e o policial que tinham encontrado na noite anterior.

— Bem, sempre achamos que ele fosse um homem mau — disse o policial para Daisy. — Quer dizer, francamente, só se vê esse tipo de comportamento em estrangeiros. As pessoas da ilha nunca fariam esse tipo de coisa.

— É óbvio que não — concordou Daisy.

— Estamos muito, muito agradecidos. — O delegado deu tapinhas no ombro dela, o que fez Daisy trincar os dentes. — Esta moça salvou a vida daquela mulher — disse a Charlie, dando tapinhas condescendentes em seu ombro também, antes de sair com os médicos pelo corredor.

— Então, o que está acontecendo? — perguntou Charlie.

— Bem, Grahame Coats morreu — respondeu ela. — Mais ou menos. E eles acham que as chances da mãe de Rosie não são nada boas.

— Sei. — Pensou um pouco naquilo. Quando chegou a uma conclusão, disse: — Você se importa se eu falar um pouco com meu irmão? Acho que nós dois precisamos ter uma conversinha.

— Vou voltar para o hotel, de qualquer jeito. Quero conferir meus e-mails. Acho que terei que dar mil desculpas pelo telefone. Descobrir se ainda tenho um emprego.

— Mas você é uma heroína, não é?

— Não acho que era para isso que estavam me pagando — comentou ela, desanimada. — Encontre-me no hotel quando terminar.

Spider e Charlie caminharam pela rua principal de Williamstown sob o sol da manhã.

— Sabe, esse chapéu é mesmo muito legal — disse Spider.

— Acha mesmo?

— Acho. Posso experimentar?

Charlie deu o fedora verde para o irmão, que o botou e olhou para seu reflexo na vitrine de uma loja. Ele fez uma careta e devolveu o chapéu para Charlie.

— Toma — disse, decepcionado. — Fica melhor em você.

Charlie colocou o fedora. Alguns chapéus só podem ser usados se você estiver disposto a ser ousado, a incliná-los em determinado ângulo e caminhar com um andar afetado, quase como se estivesse gingando. Eles exigem muito de você. Aquele chapéu era desse tipo, e Charlie estava à altura dele.

— A mãe de Rosie está morrendo — contou.

— É.

— Eu, na verdade, não gostava nada, *nada* dela.

— Eu não a conheci tão bem quanto você. Mas com o tempo, tenho certeza de que eu também não teria gostado nada, nada dela.

— Temos que tentar salvar a vida dela, não é? — perguntou Charlie, sem entusiasmo, como alguém observando que estava na hora de fazer uma visita ao dentista.

— Acho que não conseguimos fazer esse tipo de coisa.

— Nosso pai fez algo assim pela mamãe. Ele conseguiu fazê-la melhorar por um tempo.

— Mas isso era ele. Eu não sei como a gente faria isso.

— O lugar no fim do mundo. O das cavernas.

— O início do mundo, não o fim. O que tem ele?

— Nós podemos ir até lá? Sem toda aquela parafernália de velas e ervas?

Spider ficou quieto. Então assentiu.

— Acho que sim.

Eles se viraram juntos, em uma direção que normalmente não existia, e caminharam para longe da rua principal de Williamstown.

Agora o sol estava alto no céu, e Charlie e Spider caminhavam por uma praia cheia de crânios. Não eram crânios exatamente humanos, e cobriam a praia como seixos amarelos. Charlie os evitava quando podia, enquanto Spider os esmagava ao passar. No fim da praia, pegaram uma entrada à esquerda — que era à esquerda de absolutamente tudo —, e as montanhas do início do mundo se assomaram acima deles, e os penhascos, abaixo.

Charlie lembrou-se da última vez que estivera ali. Parecia fazer mil anos.

— Onde está todo mundo? — perguntou em voz alta, e sua voz ecoou nas rochas e voltou até ele, que disse mais alto: — Olá?

E lá estavam eles, observando-o. Agora pareciam maiores, mais animais do que humanos, *mais selvagens*. Ele percebeu que os vira como pessoas da última vez porque esperara encontrar pessoas. Mas eles não eram gente. Enfileirados na rocha acima de Charlie e Spider estavam o Leão e o Elefante, o Crocodilo e a Cobra, o Coelho e o Escorpião, e o restante deles, centenas, que o encaravam com olhares sérios: animais que reconhecia e animais que ninguém vivo conseguiria identificar. Todos os animais que já existiram em histórias e com os quais as pessoas já sonharam, que adoraram ou que domesticaram.

Charlie viu todos eles.

Uma coisa é cantar para salvar a própria pele em um salão cheio de gente jantando, no calor do momento, com o cano de uma arma na barriga da garota que você...

Que você...

Ah. Bem, pensou Charlie. Posso me preocupar com isso depois.

Naquele momento, ele se segurava para não hiperventilar e nem sair correndo.

— Deve haver centenas deles — comentou Spider, e havia assombro em sua voz.

Perceberam um movimento no ar sobre uma rocha próxima, que se mostrou ser a mulher-pássaro. Ela cruzou os braços e os encarou.

— Seja lá o que você vai fazer — disse Spider ao irmão —, é melhor começar logo. Eles não vão ficar esperando para sempre.

A boca de Charlie estava seca.

— Certo.

— Então. Hã. O que exatamente vamos fazer agora?

— Vamos cantar para eles.

— O quê?

— Só assim poderemos consertar as coisas. Eu descobri. Nós vamos cantar tudo o que aconteceu, você e eu.

— Eu não entendo. *Cantar o quê?*

— *A canção* — disse Charlie. — Você canta a canção, você conserta as coisas. — Agora ele soava desesperado. — *A canção.*

Os olhos de Spider pareciam poças de chuva, e Charlie viu neles coisas que não tinha visto antes: afeição, talvez, e confusão, mas principalmente arrependimento.

— Não sei do que você está falando.

O Leão olhou para eles pela borda de uma saliência na rocha. O Macaco os observava do alto de uma árvore. E o Tigre...

Charlie viu o Tigre. Ele andava devagar sobre as quatro patas. A cara estava inchada e machucada, mas havia um brilho em seus olhos, e ele parecia que ficaria mais do que feliz em dar o troco nos dois.

Charlie abriu a boca, mas tudo que conseguiu emitir foi um coaxar rouco, como se ele tivesse acabado de engolir uma rã bem nervosa.

— Não adianta — sussurrou para Spider. — Essa foi uma ideia idiota, não foi?

— Foi.

— Acha que podemos simplesmente ir embora de novo?

O olhar nervoso de Charlie varreu a encosta e as cavernas, assimilando cada uma das centenas de criaturas, totens anteriores à criação do mundo. Havia uma figura que ele não vira da última vez: um homem pequeno com luvas cor de lima, um bigode fino e sem o chapéu fedora para cobrir o cabelo rareando.

Quando seus olhares se encontraram, o velho piscou.

Não era muito, mas era o suficiente.

Charlie encheu os pulmões e começou a cantar.

— Eu sou Charlie — cantou. — Sou filho de Anansi. Ouçam enquanto canto minha canção. Ouçam enquanto canto minha vida.

E ele cantou a canção de um menino que era metade deus e que foi dividido em dois por uma velha com raiva. Cantou sobre o pai, e cantou sobre a mãe.

Cantou sobre nomes e palavras, sobre os alicerces da realidade, os mundos que formam mundos, as verdades por trás de como as coisas são. Cantou sobre destinos adequados e conclusões justas para aqueles que teriam ferido a ele e aos seus.

Ele cantou o mundo.

Era uma canção boa, e era sua canção. Às vezes tinha palavras, às vezes não se ouvia palavra alguma.

Enquanto cantava, todas as criaturas presentes começaram a acompanhar batendo as mãos e os pés e cantarolando. Charlie se sentiu como o fio condutor de uma canção maior que englobava a todos. Cantou sobre as aves, sobre a magia de olhar para o alto e vê-las em voo, sobre o brilho de uma pena ao sol da manhã.

Os totens agora dançavam as danças de suas espécies. A mulher-pássaro dançava a dança giratória das aves, exibindo as penas da cauda e jogando o bico para trás.

Apenas uma criatura não dançava na encosta.

O Tigre agitava a cauda. Ele não batia palmas, cantava ou dançava. Estava com o rosto cheio de hematomas e o corpo coberto de ferimentos e marcas de picadas. Tinha descido pelas rochas sem fazer barulho, um passo de cada vez, até chegar perto de Charlie.

— As canções não pertencem a você — rosnou.

Charlie olhou para ele e cantou sobre o Tigre, sobre Grahame Coats e sobre aqueles que se aproveitavam de inocentes. Ele se virou: Spider encarava o irmão com admiração. O Tigre rugiu de raiva, e Charlie pegou

o rugido e teceu a canção ao redor dele. Então ele mesmo soltou um rugido igual ao do Tigre. Bem, o rugido começou igual ao do Tigre, mas aí Charlie o mudou e o transformou em uma espécie de rugido engraçado, e todas as criaturas que observavam das rochas começaram a rir. Não conseguiram evitar. Charlie fez o rugido pateta de novo. Como toda imitação, como toda caricatura perfeita, teve o efeito de tornar aquilo do qual se fazia graça intrinsecamente ridículo. Ninguém jamais ouviria o rugido do Tigre outra vez sem lembrar da imitação de Charlie. “Mas que rugido pateta”, diriam.

O Tigre deu as costas para Charlie. Ele saiu desabalado pelo meio da multidão, rugindo enquanto corria, o que só fez todos rirem ainda mais. O Tigre voltou para sua caverna, irritadíssimo.

Spider fez um movimento rápido com a mão.

Houve um estrondo, e a entrada da caverna do Tigre desmoronou e ficou coberta de rochas. Spider pareceu satisfeito. Charlie continuou a cantar.

Ele cantou a canção de Rosie Noah e a canção da mãe de Rosie: cantou uma vida longa para a sra. Noah e toda a felicidade que ela merecia.

Cantou sobre sua vida, sobre a vida de todos. Na canção, imaginou o padrão daquelas vidas como uma teia com uma mosca presa. Então envolveu a mosca com sua canção, assegurou-se de que ela não poderia escapar e remendou a teia com novos fios.

E agora a canção estava chegando ao fim.

Charlie percebeu, com grande surpresa, que gostava de cantar para os outros, e descobriu naquele momento que era isso que queria passar o resto da vida fazendo. Iria cantar: não canções grandes e mágicas que criavam mundos ou recriavam a existência. Apenas pequenas canções que fariam as pessoas felizes: que as fariam dançar e, por algum tempo, se esquecer de seus problemas. E soube que sempre sentiria medo antes de se apresentar, o medo do palco nunca desapareceria, mas também entendeu que seria como pular em uma piscina, o desconforto da água fria só duraria alguns segundos, depois se sentiria bem...

Mas nunca *tão bem assim*. Nunca bem daquele jeito outra vez. Mas bem o suficiente.

E então, a canção terminou. Charlie baixou a cabeça. As criaturas no alto do penhasco ecoaram as últimas notas, pararam de bater os pés, pararam de bater palmas, pararam de dançar. Charlie tirou o chapéu fedora verde do pai e abanou o rosto com ele.

— Isso foi incrível — murmurou Spider.

— Você também podia ter feito a mesma coisa — afirmou Charlie.

— Acho que não. O que aconteceu no fim? Eu senti você fazendo *alguma coisa*, mas não consegui entender exatamente o que era.

— Eu resolvi as coisas para nós — disse Charlie. — Eu acho. Não tenho muita certeza... — E não tinha mesmo. Agora que a canção terminara, seu conteúdo começara a desaparecer como um sonho pela manhã.

Ele apontou para a entrada da caverna que estava bloqueada pelas rochas.

— Você fez isso?

— Sim — disse Spider. — Era o mínimo que eu podia fazer. Mas o Tigre vai acabar cavando uma saída. Para ser sincero, eu queria ter feito algo pior do que só bater a porta na cara dele.

— Não precisa se preocupar — disse Charlie. — Eu fiz algo muito pior.

Ele observou os animais se dispersarem. O pai deles não estava em nenhum lugar à vista, o que não o surpreendeu.

— Vamos — disse a Spider. — Temos que voltar.

★ ★ ★

Spider voltou para ver Rosie no horário de visita. Levava uma grande caixa de chocolates, a maior que a lojinha do hospital tinha.

— Para você — disse.

— Obrigada. Os médicos falaram que acham que minha mãe vai se recuperar. Parece que ela acordou e pediu mingau. Dizem que é um milagre.

— É. Sua mãe pedir comida. Para mim, parece mesmo um milagre.

Rosie deu um tapinha no braço dele, em seguida deixou a mão repousando ali. Após algum tempo, disse:

— Sabe, você vai achar bobagem, mas quando eu estava no escuro com minha mãe, achei que você estava me ajudando. Senti que você mantinha a fera afastada. Que se você não estivesse lá, ela teria nos matado.

— Hum, eu provavelmente ajudei.

— Sério?

— Não sei. Acho que sim. Eu também estava encrencado, e pensei em você.

— Você estava muito encrencado?

— Bastante. Sim.

— Pode me servir um copo d'água, por favor?

Ele serviu.

— Spider, o que você faz?

— Faço?

— Seu trabalho.

— Qualquer coisa que me dê vontade.

— Talvez eu fique na ilha por um tempo — disse Rosie. — As enfermeiras me disseram que estão precisando muito de professores aqui. Eu gostaria de saber que estou fazendo a diferença.

— Isso pode ser divertido.
— E o que você faria, se eu ficasse?
— Ah. Bem, se você ficasse aqui, eu com certeza poderia arranjar alguma coisa para me ocupar.
Seus dedos se entrelaçaram, apertados como um nó de marinheiro.
— Acha que podemos fazer isso funcionar? — perguntou ela.
— Acho que sim — respondeu Spider, sério. — E se ficar entediado com você, eu simplesmente vou embora e faço outra coisa. Por isso, não se preocupe.
— Ah, não estou nem um pouco preocupada.
E não estava mesmo. Havia determinação em sua voz, por baixo da ternura. Dava para perceber de onde a mãe de Rosie tirara a dela.

★ ★ ★

Charlie encontrou Daisy em uma espreguiçadeira na praia. Pensou que ela tivesse dormido pegando sol. Quando sua sombra a tocou, ela disse, sem abrir os olhos:

— Oi, Charlie.
— Como você soube que era eu?
— Seu chapéu fede a charuto. Quando vai se livrar dele?
— Não vou — respondeu Charlie. — Já disse. É uma herança de família. Pretendo usá-lo até morrer, depois deixá-lo para meus filhos. Então, você ainda tem um emprego na polícia?
— Mais ou menos. Meu chefe disse que concluíram que eu estava estressada devido ao excesso de trabalho, e estou de licença médica até me sentir bem o suficiente para voltar.
— Ah, e quando vai ser isso? — indagou Charlie.
— Não tenho certeza. Você pode me passar o bronzeador?
Charlie trazia uma caixinha no bolso. Ele a pegou e a pôs sobre o braço da espreguiçadeira.
— Só um minutinho. Hã. — Ele fez uma pausa. — Sabe, nós já passamos por essa grande situação embaraçosa uma vez sob a mira de uma arma. — Ele abriu a caixa. — Mas quero lhe dar isso. Bem, Rosie o devolveu para mim. E podemos trocar por um de que você goste. Um diferente. Esse provavelmente nem vai caber. Mas é seu. Se você quiser. E, bem, me quiser.
Ela estendeu a mão e pegou o anel de noivado.
— Humph. Está bem. Desde que você não esteja fazendo isso só para pegar seu limão de volta.

O Tigre estava à espreita. A cauda balançava de um lado para outro com irritação enquanto andava para cima e para baixo na entrada de sua caverna. Seus olhos ardiam como tochas cor de esmeralda nas sombras.

— O mundo inteiro e todas as coisas me pertenciam — disse o Tigre. — A lua, as estrelas, o sol e as histórias. Eu possuía todos eles.

— Sinto que é meu dever lhe informar que você já disse isso — observou uma vozinha no fundo da caverna.

O Tigre parou de andar, virou-se e adentrou mais a caverna, eriçando o pelo como um tapete de pele sobre molas hidráulicas. Ele caminhou em silêncio até o fundo, até chegar à carcaça de um boi, e disse, em voz baixa:

— Como é?

Ele ouviu um arranhar no interior da carcaça. A ponta de um focinho projetou-se para fora da caixa torácica.

— Na verdade, eu estava, por assim dizer, concordando com você. Era isso o que eu estava fazendo.

Pequenas mãos brancas arrancaram uma tira fina de carne ressecada de entre duas costelas, revelando um animalzinho da cor de neve suja. Podia ser um mangusto albino ou talvez alguma espécie de fuinha particularmente astuta em sua pelagem de inverno. Tinha olhos de bicho carniceiro.

— O mundo inteiro e todas as coisas me pertenciam. A lua, as estrelas, o sol e as histórias. Eu possuía tudo — imitou a fuinha. Então acrescentou: — E tudo teria sido meu de novo.

O Tigre encarou o pequeno animal. Sem aviso, uma pata enorme desceu sobre o boi morto destroçando as costelas, quebrando a carcaça em fragmentos fedorentos, prendendo a fuinha contra o chão. O animalzinho se debateu e contorceu, mas não conseguiu escapar.

— Você está aqui porque eu permito — disse o Tigre, com a cabeça enorme a poucos centímetros da cabecinha do animal pálido. — Entendeu? Da próxima vez que disser algo irritante, vou arrancar sua cabeça.

— Uhummph — falou a coisa que parecia uma fuinha.

— Você não ia gostar se eu arrancasse seu couro, ia?

— *Nghão* — respondeu o animalzinho. Os olhos dele eram de um azul pálido, como lascas de gelo, e brilhavam enquanto ele se contorcia sob o peso da enorme pata.

— Então você promete que vai se comportar e ficar quieto? — rosnou o Tigre.

Ele ergueu um pouco a pata para permitir que o animal respondesse.

— Sem dúvida — disse a coisa branca e pequena, com muita educação.

Então, com um movimento traiçoeiro, ele girou a cabeça e afundou os dentinhos afiados na pata do Tigre. A fera berrou de dor, puxou a pata e

arremessou o animalzinho pelo ar. O bichinho quicou no teto de pedra, caiu em uma saliência e disparou, como um raio esbranquiçado, bem para o fundo da caverna, onde o teto era mais baixo e havia muitos esconderijos para um animal pequeno, lugares que um animal maior não podia alcançar.

O Tigre avançou o máximo que pôde para o fundo da caverna.

— Acha que não posso esperar? — perguntou. — Cedo ou tarde, você vai ter que sair, e eu não vou a lugar algum.

O Tigre se deitou. Fechou os olhos e logo começou a fazer ruídos de ronco bem convincentes.

Após cerca de meia hora de roncos do Tigre, o animal pálido saiu das rochas sem fazer barulho e deslizou de sombra em sombra, tentando alcançar um osso grande que ainda tinha bastante carne boa, bastava ignorar o fedor, e ele ignorava. Mesmo assim, para isso, o pequeno animal teria que passar pela grande fera. Ele se escondeu nas sombras, então arriscou sair com as patinhas silenciosas.

Ao passar pelo bicho adormecido, uma das patas dianteiras do Tigre se projetou e as garras fincaram a cauda da criatura no chão. A outra pata o segurou pelo pescoço. O grande felino abriu os olhos.

— Pelo jeito, parece que estamos presos um ao outro. Por isso, tudo o que peço é que você faça um esforço. Nós dois podemos fazer um esforço. Duvido muito que fiquemos amigos um dia, mas talvez possamos aprender a nos tolerar.

— Entendo o que quer dizer — retrucou a fuinha. — Nada como um dia após o outro.

— Isso é um exemplo do que estou falando — explicou o Tigre. — Você só precisa aprender a calar a boca.

— Em boca fechada não entra mosca — concordou o animalzinho.

— Agora você está me irritando de novo — avisou o Tigre. — Estou lhe avisando: se me irritar, arranco seu couro.

— Você insiste em falar “arrancar meu couro”. Agora, quando diz “arrancar meu couro”, imagino que isso, na verdade, seja alguma espécie de metáfora, sugerindo que você vá gritar comigo, talvez com muita raiva, não?

— Vou arrancar seu couro. Depois mastigá-lo. Depois engoli-lo — explicou o Tigre. — Nenhum de nós pode sair até o filho de Anansi esquecer que estamos aqui. Do jeito que aquele desgraçado parece ter armado as coisas, mesmo se eu matar você pela manhã, provavelmente vai ter reencarnado de volta nesta maldita caverna no fim da tarde. Por isso, não me irrite.

O pequeno animal albino disse:

— Ah, bem, cada macaco...

— Se você falar “no seu galho” — interrompeu o Tigre —, vou ficar irritado, e haverá graves consequências. Não. Diga. Nada. Irritante.

Consegue fazer isso?

Houve um breve silêncio na caverna no fim do mundo. Ele foi rompido por uma vozinha de fuinha dizendo:

— Claro que de jeito nenhum.

A fuinha começou a dizer “Aiiii!”, mas o ruído foi silenciado de um jeito bem repentino e eficiente.

Em seguida, na caverna, ouvia-se apenas o som de mastigação.

★ ★ ★

Se há uma coisa que os livros não contam sobre caixões — porque, francamente, não é um grande argumento de venda para as pessoas que vão comprá-lo — é o quão confortáveis eles são.

O sr. Nancy estava muito satisfeito com seu caixão. Agora que toda a animação terminara, ele voltara ao caixão e cochilava confortavelmente. De vez em quando, acordava e lembrava onde estava, então rolava para o lado e voltava a dormir.

Como dizia o poeta, a cova é um belo recanto, sem mencionar íntimo, e por isso um ótimo local para descansar. Sete palmos abaixo da terra, o melhor lugar que existe. Anansi achava que só teria que começar a pensar em acordar em uns vinte anos, mais ou menos.

Ele abriu um olho quando o funeral começou.

Podia ouvi-los na superfície: Callyanne Higgler, a sra. Bustamonte e a outra, a magra, além de uma pequena horda de netos, bisnetos e tataranetos, todos suspirando, lamentando e se debulhando em lágrimas pela falecida sra. Dunwiddy.

O sr. Nancy pensou em enfiar uma mão para fora da terra e agarrar o tornozelo de Callyanne Higgler. Era algo que tinha vontade de fazer desde que vira *Carrie, a Estranha* em um cinema drive-in, trinta anos antes, mas, agora que a oportunidade se apresentava, conseguiu resistir à tentação. Na verdade, não queria se dar ao trabalho. Ela iria gritar, ter um ataque cardíaco e morrer, e então o maldito Memorial Jardim do Repouso ficaria ainda mais cheio do que já era.

Além disso, daria muito trabalho. Havia bons sonhos para serem sonhados no mundo sob a terra. *Vinte anos*, pensou. *Talvez vinte e cinco*. A essa altura, ele talvez até tivesse netos. É sempre interessante saber que cara têm os netos.

Podia ouvir Callyanne Higgler chorando copiosamente acima dele. Então ela parou de soluçar por tempo suficiente para anunciar:

— Bem, não é que ela não tenha vivido uma vida longa e boa. A mulher tinha cento e três anos quando morreu.

— Cento e quatro! — exclamou uma voz irritada, vinda de debaixo da terra, ao lado dele.

O sr. Nancy estendeu um braço imaterial e bateu com força no exterior do caixão novo.

— Fale mais baixo, mulher — reclamou. — Tem gente aqui querendo dormir.

★ ★ ★

Rosie deixou bem claro para Spider que esperava que ele arranjasse um emprego fixo, do tipo que envolvia acordar de manhã e ir para algum lugar.

Por isso, certa manhã, um dia antes de Rosie receber alta do hospital, Spider acordou cedo e foi até a biblioteca da cidade. Acessou o computador do lugar, conectou-se à internet e, com muito cuidado, limpou todas as contas bancárias restantes de Grahame Coats. Aquelas que as polícias de vários continentes ainda não tinham conseguido encontrar. Ele vendeu o haras na Argentina, comprou uma pequena empresa já existente, aplicou o dinheiro nela e deu entrada no pedido para transformá-la em uma organização de caridade. Enviou um e-mail, em nome de Roger Bronstein, contratando um advogado para administrar os negócios da fundação e sugeriu a ele que talvez fosse uma ótima ideia entrar em contato com a srta. Rosie Noah, nativa de Londres, que atualmente residia em Saint Andrews, e contratá-la para a parte filantrópica.

Rosie foi contratada. Sua primeira tarefa foi procurar um escritório.

Depois disso, Spider passou quatro dias inteiros caminhando (e, à noite, dormindo) na praia que circundava a maior parte da ilha, provando a comida de todos os restaurantes que encontrava pelo caminho, até chegar à Barraquinha de Peixe do Dawson. Ele experimentou o peixe-voador frito, os figos verdes cozidos, o frango grelhado e a torta de coco, depois visitou a cozinha e conheceu o chef, que era também o proprietário, e lhe ofereceu um monte de dinheiro pela sociedade e por aulas de culinária.

A Barraquinha de Peixe do Dawson virou um restaurante, e o sr. Dawson se aposentou. Às vezes, Spider fica no salão do restaurante, às vezes na cozinha: se for lá procurar por ele, você vai encontrá-lo. A comida é a melhor da ilha. Ele está mais gordo do que antes, apesar de não tão gordo quanto ficará se continuar a provar tudo o que cozinha.

Não que Rosie se importe.

Ela dá aulas, faz trabalho voluntário e muita caridade e, se às vezes sente falta de Londres, não demonstra. A mãe de Rosie, por outro lado, sente falta de Londres o tempo todo e reclama bastante, mas interpreta toda sugestão de voltar para lá como uma tentativa de afastá-la de seus netos ainda não nascidos (e, por sinal, ainda não concebidos).

Nada daria a este autor maior prazer do que poder garantir ao leitor que, após seu retorno do vale da sombra da morte, a mãe de Rosie tivesse se tornado uma nova pessoa, uma mulher alegre e gentil com todos, cujo apetite recém-adquirido por comida só fosse igualado ao apetite pela vida e tudo o que ela tivesse para oferecer. Mas o respeito pela verdade me obriga a ser honesto, e a verdade é que, quando recebeu alta do hospital, a mãe de Rosie ainda era ela mesma, desconfiada e egoísta como sempre, apesar de significativamente mais frágil e dada a dormir com a luz acesa.

Ela anunciou que iria vender o apartamento em Londres e se mudar para qualquer lugar no mundo onde Rosie e Spider fossem, para ficar perto dos netos. E, com o passar do tempo, ela começou a soltar comentários ácidos sobre a ausência de netos, a quantidade e qualidade dos espermatozoides de Spider, a frequência e as posições das relações sexuais dos dois e a facilidade da fertilização *in vitro* hoje em dia, que nem era um procedimento tão caro assim. Chegou ao ponto de Spider considerar seriamente não ir mais para a cama com Rosie só para irritar a mãe dela. Ele pensou sobre isso por uns onze segundos na tarde em que a mãe de Rosie entregou a eles fotocópias do artigo de uma revista qualquer que sugeria que Rosie devia plantar bananeira por meia hora depois do sexo. Spider chegou a mencionar a ideia para Rosie na mesma noite, mas ela riu e disse que a mãe não tinha permissão de entrar no quarto deles, e que ela não ia plantar bananeira depois de fazer amor por nada neste mundo.

A sra. Noah tem um apartamento em Williamstown, perto da casa de Rosie e Spider. Duas vezes por semana, uma das muitas sobrinhas de Callyanne vai até a casa para ver como ela está, passa o aspirador, tira o pó das frutas de vidro (as de cera derretiam com o calor da ilha), prepara um pouco de comida e a deixa na geladeira. Às vezes a mãe de Rosie come, outras vezes, não.

★ ★ ★

Charlie é cantor hoje em dia. Ele perdeu bastante peso, e agora é um homem magro cuja marca registrada é um chapéu fedora. Ele tem vários fedoras em cores variadas, mas seu favorito é o verde.

Charlie tem um filho. O nome dele é Marcus. O menino tem quatro anos e meio e possui aquele tipo de seriedade e sisudez que apenas crianças pequenas e gorilas conseguiram dominar.

Ninguém mais chama Charlie de “Fat Charlie”, e, honestamente, às vezes ele sente falta disso.

Era uma manhã de verão, e já estava claro lá fora. Podia ouvir barulhos vindos do quarto ao lado. Charlie deixou Daisy dormir. Levantou da cama em silêncio, pegou uma camiseta e uns shorts e foi até a porta ao lado para

encontrar o filho pelado no chão, brincando com um trenzinho de madeira. Juntos, colocaram as camisetas, os shorts e os chinelos. Charlie botou um chapéu, e os dois caminharam até a praia.

— Papai? — O rosto do menino estava sério, e ele parecia refletindo muito sobre alguma coisa.

— O que foi, Marcus?

— Quem foi menos presidente?

— Você quer dizer o pior?

— Não. Em dias. Quem ficou menos tempo?

— Harrison. Ele pegou pneumonia no dia da posse e morreu. Foi presidente por quarenta e poucos dias, e passou a maior parte deles morrendo.

— E quem ficou mais tempo?

— Franklin Delano Roosevelt. Ele cumpriu três mandatos completos. Morreu no cargo durante o quarto. Vamos deixar nossos chinelos aqui.

Eles colocaram os chinelos em uma pedra e continuaram andando na direção das ondas, com os pés afundando na areia molhada.

— Como você sabe tanto sobre presidentes?

— Porque, quando eu era pequeno, meu pai achou que seria bom eu aprender sobre eles.

— Ah.

Eles entraram no mar e foram caminhando na direção de uma rocha que só ficava descoberta durante a maré baixa. Após um tempo, Charlie pegou o menino no colo e o colocou nos ombros.

— Papai?

— O que foi, Marcus?

— Petúnia disse que você é famoso.

— E quem é Petúnia?

— Da escolinha. Ela disse que a mãe dela tem todos os seus CDs. E que adora ouvir você cantando.

— Ah.

— Você é famoso?

— Na verdade, não. Só um pouquinho. — Ele tirou Marcus dos ombros e o pôs em cima da rocha antes de subir nela também. — Está bem. Pronto para cantar?

— Estou.

— O que você quer cantar?

— Minha música favorita.

— Não sei se ela vai gostar dessa.

— Vai, sim.

Marcus tinha uma certeza inabalável.

— Está bem. Um, dois, três...

Eles cantaram “Yellow Bird” juntos, que era a música favorita de Marcus naquela semana, e depois cantaram “Zombie Jamboree”, que era a segunda favorita, e “She’ll Be Coming Round the Mountain”, a terceira favorita. Marcus, que tinha olhos melhores do que os de Charlie, avistou-a quando cantavam os estrofes finais de “She’ll Be Coming Round the Mountain” e começou a acenar.

— Olha ela lá, pai.

— Tem certeza?

A névoa da manhã transformava o mar e o céu no mesmo borrão pálido, e Charlie apertou os olhos para o horizonte.

— Não vejo nada.

— Ela mergulhou. Já, já vai estar aqui.

Charlie ouviu um barulho na água, e ela emergiu logo abaixo deles. Com um impulso, um giro e uma sacudidela, sentou-se na rocha ao lado dos dois; a cauda prateada ainda mergulhada no Atlântico, e as gotas de água nas escamas brilhando ao sol. Ela tinha o cabelo acobreado e comprido.

Então, os três cantaram juntos: o homem, o menino e a sereia. Eles cantaram “The Lady Is a Tramp” e “Yellow Submarine”, e depois Marcus ensinou à sereia a letra da canção de abertura dos Flintstones.

— Ele parece você quando era pequeno — comentou a sereia, com Charlie.

— Você me conheceu nessa época?

Ela sorriu.

— Antigamente, você e seu pai costumavam caminhar pela praia. Ele era um cavalheiro, sempre muito gentil. — Ela suspirou. As sereias suspiram melhor que qualquer um. — Vocês deviam voltar. A maré está subindo.

Ela jogou o cabelo comprido para trás e mergulhou no oceano. Ergueu a cabeça acima das ondas, levou a ponta dos dedos aos lábios e mandou um beijo para Marcus, antes de desaparecer sob as águas.

Charlie colocou o filho nos ombros e caminhou de volta à praia, onde o menino desceu para a areia. Ele tirou o velho chapéu fedora e o pôs na cabeça do filho. Era grande demais para o menino, mas mesmo assim ele sorriu.

— Ei, quer ver uma coisa legal? — perguntou Charlie.

— Tudo bem. Mas quero tomar café da manhã. Panquecas. Não, quero mingau de aveia. Não, quero panquecas.

— Preste atenção.

Charlie começou a dançar com os pés descalços uma espécie de sapateado arrastado pela areia.

— Eu também consigo fazer isso — disse Marcus.

— É mesmo?

— Olhe só, papai.

Ele também conseguia.

Juntos, o homem e o menino dançaram pela areia até chegarem em casa, cantando uma canção sem letra que inventaram pelo caminho. Ela permaneceu no ar mesmo depois que os dois entraram para tomar o café da manhã.



UMA CENA CORTADA
E
DUAS QUESTÕES

Pense nisto como uma dessas cenas estranhas que normalmente aparecem como extras nos DVDs. São cenas de que todo mundo gostou, mas que, cortadas, faziam o filme fluir melhor. Esta é uma delas.

Eu realmente gostei de escrevê-la, e minha editora na Headline, a formidável Jane Morpeth, ficou triste quando lhe contei que iria cortá-la, porque gostou dela. Por falar nisso, eu também gostei, só que ela estava atrapalhando o ritmo do capítulo, e depois que cerrei os dentes e a tirei da história, tudo funcionou muito melhor.

Acredito de verdade que cenas cortadas devem permanecer cortadas.

Mesmo assim, esta cena tinha Spider fazendo o que faz melhor. Também tinha pássaros. E, na minha cabeça, era o trecho do livro que parecia muito um desenho da Warner Brother's.

Então, quando Jane perguntou se eu estaria disposto a permitir que ela aparecesse, só dessa vez, no fim da edição britânica de Os filhos de Anansi, eu me peguei, para minha surpresa, aceitando. E agora ela também está neste livro.

Ela entrava no meio de uma versão inicial da cena que ainda está no livro, no fim do capítulo onze. (Esta cena seria do capítulo onze, dividida em dois ou três segmentos, e aconteceria entre a chegada de Fat Charlie ao hotel e o fim do capítulo.)

— Neil

AS AVENTURAS DE SPIDER

SPIDER IMAGINAVA ESTAR em outro lugar. Repassava em sua mente os lugares que conhecia, lembrava ou inventava, desejando estar neles. Nada aconteceu. Ele permaneceu exatamente onde estava, preso pelas correntes de ossos em sua cela forrada de penas.

Resolveu tentar de outra maneira. Pensou em uma pessoa e tentou estar com ela. Na maioria das vezes, esse costumava ser um método de viagem pouco confiável: Spider tinha problemas com pessoas. Tinha dificuldade de lembrar seus rostos, nomes ou, às vezes, até mesmo se elas existiam ou não.

Pensou em Fat Charlie. Pensou nas antigas namoradas, mas essas lembranças pareceram especialmente falsas, se reconfigurando em uma coleção de seios, lábios, pele e sorrisos, e evaporaram de sua mente. Por último, pensou em Rosie. Pensou em seus olhos, seu calor, no formato de seu nariz, no cheiro de seu cabelo.

(E em um cruzeiro, cochilando à beira da piscina, Rosie se remexeu, inquieta.)

Bem, pensou Spider, *se não consigo sair de um jeito, terei que pensar em outro*. Havia mais de uma maneira de resolver um problema, afinal de contas.

Ele tentou mudar de forma, sem resultado. Tentou gritar. Tentou gritar mais alto.

Ouviu um farfalhar. Havia dois grous parados à sua frente, olhando para ele com curiosidade.

Não é impossível ser como Spider. Tudo de que você precisa é uma certeza total e absoluta de que tudo vai dar certo; uma confiança arrogante que beira a psicose; a convicção de ser um sujeito bastante esperto e de que o universo sempre pode dar uma mãozinha.

— Sabe — disse Spider para as aves —, não quero atrapalhar, mas estas correntes estão um pouco frouxas. Um puxão mais forte e eu posso cair.

Talvez os pássaros tenham ficado preocupados. Spider não conseguiu ter certeza. É difícil saber com as aves.

— São muito malfeitas — disse Spider. — Quem quer que tenha criado estas correntes deveria ficar envergonhado. Na verdade, eu poderia sair daqui em poucos minutos, e imaginem a encrenca em que vocês estariam se eu simplesmente caísse delas e saísse andando. Um péssimo trabalho.

Os grou se entreolharam. Um deles caminhou para trás na direção da parede. Spider o observou dar um passo para a direita, depois esticar o bico até a parede e tocar uma pena específica, mais clara que as demais. E então desaparecer.

— Quer saber? — disse Spider para o grou remanescente. — Vamos apenas fingir que eu não falei nada. Eu odiaria criar qualquer problema para vocês.

Ouviu um farfalhar, e então o espaço se encheu com grandes corvos, que pousaram nas correntes de ossos e começaram a andar por elas como engenheiros examinando o trabalho de uma construtora concorrente, que deixou a cidade sem terminar a obra. Eles crocitavam e grasnavam no que Spider tinha certeza de ser o equivalente corvídeo para: “Quem foi o responsável por montar este negócio, afinal?”

Com uma ordem do líder, as correntes se cobriram de corvos, bicando e mexendo nos ossos com as patas, enfiando e batendo os bicos negros nos ossos. Um grasnar alto, e as correntes desmontaram. Os ossos desmoronaram no chão, e Spider desabou com eles. O chão estava coberto de gravetos e pequenas penas salpicados e manchados de cocô de pássaro.

Spider se levantou e notou, pela primeira vez, os gansos. Havia cinco deles, e eles o cercaram, grasnando, sibilando e bicando, para garantir que Spider ficasse no meio do grupo. Um ganso irritado e com o pescoço abaixado consegue intimidar um cachorro com um grasnido, e aqueles eram gansos infernais.

Spider sorriu para eles.

Sob os bicos inteligentes dos corvos, as correntes de ossos foram remontadas com habilidade. Os gansos começaram a baixar os pescoços outra vez, grasnando e sibilando, empurrando Spider na direção das correntes, à espera.

— Ei — disse para os gansos. — Me deem um pouco de espaço para respirar. Eu vou voltar, está bem?

Ele se virou para onde as correntes pendiam, contou até três e disparou para a parede em que o grou havia desaparecido. Sob a luz fraca, ele se lançou na direção de uma pena mais pálida que as outras e esperou.

A parede começou a se desfazer até ficar translúcida, e ele a atravessou, triunfante, com gansos raivosos bicando seus calcanhares, e percebeu, ao fazer isso, que podia ter cometido um pequeno erro.

Por algum motivo, ele tinha imaginado que a cela ficava nas profundezas da terra, afinal de contas, é onde as pessoas costumam construir celas. Mas, em geral, as aves não gostam do subterrâneo. A árvore era enorme, mais alta que uma sequoia gigante, e estava tomada por uma grande quantidade de ninhos, incluindo, logo acima dele, o ninho do qual escapara. Abaixo, se aproximando na velocidade de um carro esportivo desgovernado, estava o chão.

— Sem problema — disse Spider para si mesmo.

Ele tentou se transportar para algum lugar outra vez, sem mais sorte ou sucesso que antes. Tentou mudar de forma de novo — uma aranha pequena poderia planar nas correntes de ar. Nada aconteceu. O chão ficava cada vez mais próximo.

Ainda assim, pensou, se não pudesse se transportar nem se transformar, a probabilidade era que, onde quer que estivesse, aquele lugar não fosse real. Era feito de ideias, não de matéria. Enquanto acreditasse que aquilo era Maya — uma ilusão —, ele ficaria bem. O ar frio passou por ele. Ele abriu os braços e as pernas. O ar frio passou por ele.

Então Spider atingiu o solo.

Não é real, pensou quando perdeu o fôlego com o impacto, e, por um momento, tudo ficou escuro.

★ ★ ★

Spider se levantou. Sentia dor no corpo inteiro, mas nada parecia estar quebrado.

Ele se perguntou se tinha seu próprio universo de bolso por aí, um lugar cheio de teias e aranhas ágeis e habilidosas que gostavam de contar histórias. Ele não sabia ao certo onde procurá-lo, se é que tinha mesmo um. Seu pai saberia, é claro...

O céu era cor de cobre, e a terra, arenosa e cinza, e tudo cheirava a canela e noz-moscada. Tinha que haver uma saída. Isso era óbvio. Tudo que entra, sai. Ele escolheu uma direção, mas não correu. Em vez disso, caminhou, cobrindo muita distância mesmo assim. Spider caminhava como muita gente corria.

Em um arbusto, havia uma ave enorme olhando para ele.

— Você sabe que nunca vai escapar daqui, não sabe? — disse ela.

— Aposto tudo o que tenho que vou — respondeu Spider. — E você vai me ajudar.

Pássaros não conseguem sorrir com escárnio, eles não têm como fazer isso, mas aquele quase conseguiu.

— Tudo o que você tem?

— Tudo, se você não me mostrar a saída. Então, por favor, como saio deste lugar?

— Nunca vou contar — disse a ave.

— Feche os olhos — pediu Spider — e conte até dez. Prometo que, quando você terminar de contar, terá me mostrado o caminho.

A ave fechou os olhos.

— Um — começou ela. — Dois. Três. Quatro.

Com um movimento rápido, Spider quebrou o pescoço da ave, que parou de contar.

— Mesmo assim, não quero que você ache que sou mentiroso — disse Spider.

Ele depenou o pássaro, separou as penas em um canto, depois acendeu uma pequena fogueira na terra, assou e comeu a carne, limpou os ossos e, por fim, jogou-os na areia.

Eles caíram em várias direções. Spider os reuniu de novo.

— Lembre-se — disse ele. — Você não pode mentir quando está morto. — Dessa vez, quando ele jogou os ossos, eles apontaram claramente para uma direção. — É assim que eu gosto. Alguém que honra suas dívidas.

Ele vestiu as penas da ave e caminhou até o alto de um morro. À sua frente, havia uma fenda no céu, um pequeno corte no tecido acobreado daquele mundo. Através dela, podia ver escuridão, e, por trás da escuridão, as estrelas. Spider não se importava mais se correr era deselegante. Ele correu.

Quando chegou ao pé do morro, muitas aves surgiram a sua volta.

— Pare! — gritaram.

Spider parou.

— Eu sou uma ave — disse Spider. — Igual a vocês.

Ele estava certo de que, até no universo da mulher-pássaro, ter convicção suficiente podia tornar verdadeiras as palavras que dizia para aqueles dispostos a ouvi-las.

— Que tipo de ave você é? — perguntou uma garça, intrigada. — Uma ema? Um avestruz? Um moa?

— É. Claro. Algo assim — respondeu Spider. — Ei, algum de vocês viu Spider por aí? Ouvi dizer que ele fugiu. Me mandaram vigiar a saída.

— Nós também estamos procurando por ele — disse uma águia. — Mas não o vimos. Na verdade, achamos que você fosse ele quando o vimos vindo para cá.

— Não, não acharam — afirmou Spider. — Vocês pensaram que eu era só mais uma ave.

— Ah. Isso. Foi isso o que pensamos — concordou a garça.

— Esperem aqui e vigiem a saída. Vou dar uma espiadinha lá fora para ter certeza de que ele não chegou aqui antes de nós.

Spider atravessou a fenda no céu.

À sua frente, via uma ilha com uma pequena montanha no centro. Via um céu de puro azul, palmeiras balançando ao vento e uma gaivota voando alto. Mas, mesmo enquanto observava, aquele mundo parecia se afastar. Era como se estivesse olhando pelo lado errado do telescópio. O mundo encolhia e fugia, e quanto mais Spider corria em sua direção, mais longe ele parecia ficar.

A ilha tornou-se um reflexo em uma poça. Depois, o nada.

Estava em uma caverna. As bordas eram ásperas, mais ásperas e afiadas que em qualquer outro lugar que Spider estivera. Aquele era um tipo diferente de lugar. A pena que usara caiu no solo rochoso. Ele se virou para a luz.

Ela estava de pé na entrada da caverna, entre ele e a saída. Aquela mulher sentara-se à sua frente em um restaurante grego em South London, e aves saíram de sua boca.

— Sabe, eu acabei de sair do seu mundo. E sou obrigado a dizer que você tem noções muito estranhas de hospitalidade. Se viesse ao meu mundo, eu prepararia um jantar, abriria uma garrafa de vinho, colocaria uma música suave e lhe proporcionaria uma noite inesquecível — comentou Spider.

O rosto dela estava impassível, como se esculpido em rocha negra. O vento agitava a barra de sua capa de chuva marrom. Ela, então, falou. A voz, aguda e solitária, pareceu o chamado de uma gaivota ao longe.

— Peguei você. Agora você vai atraí-lo para cá.

— Atraí-lo? Atrair quem?

— Você vai berrar. Vai chorar. Seu medo vai provocá-lo.

— Spider não chora.

Ele não sabia muito bem se isso era verdade.

Olhos tão negros e brilhantes quanto lascas de obsidiana encaravam profundamente os olhos de Spider. Eram como buracos negros: não deixavam escapar nada, nem mesmo informação.

— Se me matar, minha maldição cairá sobre você — ameaçou Spider.

Ele se perguntou se tinha mesmo uma maldição. Provavelmente sim.

— Não vou ser eu quem vai matar você.

A mulher levantou a mão, que na verdade era a pata de uma ave de rapina. Ela golpeou seu rosto e atacou seu peito, e as garras cruéis afundaram na carne, rasgaram a pele.

Não doeu, apesar de Spider saber que em breve doeria muito.

Gotas de sangue escorreram por seu peito e brotaram em seu rosto. Os olhos ardiam. O sangue tocou seus lábios. Ele pôde sentir seu gosto e cheiro ferroso.

— Agora você começa a morrer — anunciou a mulher, com o grito de aves distantes.

— Nós somos entidades razoáveis. Deixe-me sugerir uma alternativa que pode ser mais exequível e que possivelmente trará benefícios para ambas as partes. — Ele disse isso com um sorrisinho, de maneira bem convincente.

— Você fala demais — retrucou ela. Enfiou as garras afiadas na boca dele e, com um giro e um puxão violentos, arrancou sua língua. — Pronto. Durma.

COMO VOCÊ OUSA?

Por Neil Gaiman

NINGUÉM ATÉ AGORA fez a pergunta que eu temo, a pergunta que, espero, ninguém fará. Então eu mesmo vou perguntá-la e tentar respondê-la.

E a pergunta é: Como você ousa?

Ou em sua versão completa: Como você ousa, um inglês, escrever um livro sobre os Estados Unidos, sobre os mitos e a alma americanos? Como você ousa escrever sobre o que torna os Estados Unidos especiais como país, como nação, como ideia?

E, como inglês, meu impulso imediato é dar de ombros e prometer que isso não vai acontecer de novo.

Mas eu ousei em *Deuses americanos*, e foi necessário um tipo estranho de ousadia para escrever esse livro.

Quando era mais jovem, escrevi uma história em quadrinhos sobre sonhos e histórias chamada *Sandman* (agora compilada em dez *graphic novels*, e se você ainda não leu, deveria). Na época, sempre me faziam a mesma pergunta: “Como você consegue ambientar tanto dessa história nos Estados Unidos se mora na Inglaterra?”

E eu respondia que, em termos de mídia, o Reino Unido era praticamente um anexo dos Estados Unidos. Nós assistimos a filmes e seriados americanos. “Posso não descrever uma Seattle que vá satisfazer um morador”, eu costumava dizer, “mas vou descrevê-la tão bem quanto um nova-iorquino que nunca foi a Seattle.”

Eu estava errado, é claro. Não fazia nada disso. Na verdade, eu fazia uma coisa muito mais interessante: criava um Estados Unidos imaginário, no qual as histórias de *Sandman* poderiam acontecer. Um local delirante e improvável muito além dos limites do real.

E isso me satisfaz até que me mudei para os Estados Unidos, oito anos atrás.

Aos poucos, fui percebendo que os Estados Unidos sobre o qual escrevia era totalmente ficcional, e que os Estados Unidos real, aquele sob a superfície das aparências, era muito mais interessante que a ficção.

Acredito que a experiência do imigrante seja universal (mesmo que você seja o tipo de imigrante que, como eu, se agarra de modo quase

supersticioso à sua cidadania original). De um lado, está você, e do outro, estão os Estados Unidos. O país é bem maior que você. Então você tenta entendê-lo. Tenta compreendê-lo, algo que, às vezes, não é bem recebido. Os Estados Unidos é grande o suficiente, e contém contradições suficientes, para ficar bem satisfeito em não ser compreendido. Como escritor, tudo o que eu podia fazer era descrever uma pequena parte do todo.

E mesmo assim ela era grande demais.

Eu não sabia que tipo de livro queria escrever até o verão de 1998, quando estava em Reykjavik, na Islândia. Foi então que fragmentos da trama, uma enorme quantidade de personagens e algo semelhante a uma estrutura surgiram em minha mente. O livro começou a tomar forma. Ele seria um thriller e falaria sobre um mistério envolvendo um assassinato, um romance e uma viagem. Falaria sobre a experiência do imigrante, sobre o que as pessoas acreditavam quando foram para os Estados Unidos e sobre o que aconteceu com as coisas em que elas acreditavam.

Eu queria escrever sobre os Estados Unidos como um lugar mítico.

E resolvi que, apesar de haver muitas coisas no livro que eu já sabia, descobriria ainda mais se caísse na estrada e visse o que mais podia encontrar. Então peguei o carro e dirigi até me deparar com um canto para escrever, e aí, pulei de um lugar para outro, às vezes em casa, às vezes não, por quase dois anos. Botei uma palavra atrás da outra até criar um livro sobre um homem chamado Shadow e o misterioso emprego que lhe oferecem quando ele sai da prisão. Sobre a história de uma pequena cidade do Meio-Oeste e os desaparecimentos que ocorrem por lá todo o inverno. Ao escrevê-lo, descobri por que as atrações de beira de estrada são os locais mais sagrados dos Estados Unidos. Descobri muitos outros detalhes e momentos assustadores, deliciosos e, às vezes, apenas esquisitos.

Quando estava quase terminando, quando tudo o que restava era juntar os fios soltos, deixei outra vez o país, me enfurnei em uma casa grande, velha e fria na Irlanda e digitei tudo o que faltava digitar, tremendo, com um aquecedor ao lado.

Então o livro ficou pronto, e eu parei. Ao olhar para trás, noto que não tive ousadia nenhuma. Na verdade, eu não tive escolha.

DE ONDE VOCÊ TIRA SUAS IDEIAS?

Por Neil Gaiman

TODA PROFISSÃO TEM suas armadilhas. Aos médicos, por exemplo, são pedidas consultas gratuitas, aos advogados, aconselhamento jurídico, e aos agentes funerários comentam que aquela profissão deve ser muito interessante, e logo mudam de assunto. E aos escritores perguntam de onde tiramos nossas ideias.

No início, eu costumava dar às pessoas respostas sem graça e diretas: “Do Clube da Ideia do Mês”, “De uma lojinha de ideias na Bognor Regis”, “De um livro velho e empoeirado cheio de ideias que tenho no porão” ou até mesmo “De Pete Atkins”. (Essa última é um pouco difícil de entender sem uma pequena explicação. Pete Atkins é um roteirista de cinema e romancista de quem sou muito amigo, e há algum tempo resolvemos que, quando nos fizessem essa pergunta, eu diria que tirava minhas ideias dele, e ele, de mim. Na época, pareceu fazer sentido.)

Então me cansei das respostas sem humor e agora conto a verdade às pessoas. “Eu as invento”, digo a elas. “Na minha cabeça.”

Elas não gostam dessa resposta. Não sei por quê. Ficam infelizes, como se eu estivesse querendo me livrar delas. Como se houvesse um grande segredo e, por razões pessoais, eu não estivesse contando a elas como se faz.

E claro que não estou. Em primeiro lugar, porque eu mesmo não sei de onde as ideias vêm, o que as faz surgir e se um dia elas vão desaparecer. Em segundo, duvido que quem fez a pergunta realmente deseje uma palestra de três horas sobre o processo criativo. E em terceiro, as ideias não são tão importantes. É verdade, não são. Todo mundo tem uma ideia para um livro, um filme, uma história, uma série de TV.

Já aconteceu com todo autor publicado: as pessoas vão falar com você e dizem que Têm Uma Ideia. E nossa, como ela é genial. É tão genial que querem que você Participe. A proposta é sempre a mesma: elas vão contar a ideia que tiveram (a parte difícil), você a transforma em um livro (a parte fácil), e vocês dois dividem o dinheiro meio a meio.

Eu sou até bastante simpático com essas pessoas. Digo, com muita honestidade, que na verdade tenho ideias demais e tempo de menos. E que desejo a elas toda a sorte do mundo.

As ideias não são a parte difícil. Elas são um pequeno componente do todo. Criar personagens verossímeis que façam mais o menos o que você as manda fazer é muito pior. E, de longe, a parte mais difícil é simplesmente sentar e botar uma palavra atrás da outra para montar o que quer que você esteja querendo construir e torná-lo interessante, inovador.

Mas, ainda assim, é isso o que as pessoas querem saber. No meu caso, elas também perguntam se eu tiro as ideias dos meus sonhos. (Resposta: não. A lógica dos sonhos não é a mesma das histórias. Transcreva um sonho e você vai ver. Ou melhor ainda, conte a alguém um sonho importante — “Bem, eu estava nessa casa que também era minha escola antiga, e havia uma enfermeira, que na verdade era uma bruxa velha, e então ela foi embora, mas havia uma folha, e eu não conseguia olhar para ela, mas sabia que, se a tocasse, alguma coisa terrível ia acontecer...” — e veja a pessoa perder o interesse na mesma hora.) E eu não dou respostas diretas. Até recentemente.

Minha filha, Holly, na época com sete anos, me convenceu a ir a sua escola fazer uma palestra para a turma. A professora ficou muito empolgada (“As crianças recentemente fizeram os próprios livros, por isso talvez você pudesse vir e contar a elas sobre como é a vida de um escritor profissional. E conte várias histórias. Eles adoram histórias.”), e lá fui eu.

Elas sentaram no chão, eu tinha uma cadeira, cinquenta olhos de crianças de sete anos vidrados em mim.

“Quando eu tinha a idade de vocês, as pessoas me diziam para não inventar coisas”, eu disse a eles. “Hoje em dia, ganho dinheiro fazendo isso.” Eu falei por vinte minutos, depois eles fizeram perguntas.

E, após algum tempo, um deles acabou perguntando:

“De onde você tira suas ideias?”

E eu percebi que devia uma resposta a eles. Aquelas crianças não tinham idade suficiente para saber a resposta. E é uma pergunta absolutamente razoável se não lhe perguntam isso toda a semana.

Foi isto o que respondi a eles:

Você tem ideias quando fantasia. Tem ideias quando fica entediado. Tem ideias o tempo todo. A única diferença entre escritores e as outras pessoas é que percebemos quando estamos fazendo isso.

Você tem ideias quando faz a si mesmo perguntas simples. A pergunta mais importante de todas é apenas: “E se?”

(E se você acordasse com asas? E se sua irmã virasse um camundongo? E se todos aqui descobrissem que a professora está planejando devorar um de vocês no final do semestre, mas não soubessem quem?)

Outra pergunta importante é: “O que aconteceria?” (O que aconteceria se a vida real fosse como os musicais de Hollywood? O que aconteceria se eu pudesse encolher e ficar do tamanho de um botão? O que aconteceria se um fantasma fizesse minha lição de casa?)

E depois há as outras: “O que será que...” (O que será que ela faz quando está sozinha?); e “Se isso continuar” (Se isso continuar, os telefones vão começar a falar uns com os outros e acabar com o intermediário...) e “Não seria interessante...” (Não seria interessante se o mundo antigamente fosse governado por gatos?).

Essas perguntas, e outras como elas, e as perguntas que elas, por sua vez, geram (“Bem, se os gatos governavam o mundo antigamente, por que não governam mais? E como eles se sentem em relação a isso?”) são um dos lugares de onde as ideias vêm.

Uma ideia não precisa ser uma trama completa, só um ponto para começar a criar. Tramas costumam se gerar sozinhas quando se começa a fazer perguntas sobre qualquer que seja esse ponto de partida.

Às vezes a ideia é uma pessoa (“Tem um garoto que quer aprender sobre magia”). Às vezes é um lugar (“Tem um castelo no fim do tempo, que é o único lugar que existe...”). Às vezes é uma imagem (“Uma mulher caminhando por um quarto escuro cheio de rostos vazios”).

Muitas vezes as ideias surgem de duas coisas separadas que acabam se juntando (“Se uma pessoa mordida por um lobisomem vira um lobo, o que aconteceria se um peixinho dourado fosse mordido por um lobisomem? O que aconteceria se uma cadeira fosse mordida por um lobisomem?”).

Toda ficção é um processo de imaginação: o que quer que você escreva, em qualquer gênero ou meio, sua tarefa é inventar algo convincente, interessante e inovador.

E quando você tem uma ideia, que é, no fim, apenas algo no qual se basear, o que fazer depois?

Bem, aí você escreve. Põe uma palavra atrás da outra até terminar, seja lá o que for.

Às vezes não vai funcionar, ou pelo menos não do jeito que você imaginou. Às vezes não funciona de jeito nenhum. Às vezes é preciso jogar fora e começar de novo.

Lembro de ter tido uma ideia perfeita para uma história de *Sandman* há alguns anos. Era sobre um súcubo que dava a escritores, artistas e compositores ideias em troca de anos de suas vidas. Eu a chamei de “Sexo e violetas”.

Parecia uma história simples, mas, quando fui escrevê-la, descobri que era como tentar tapar o sol com uma peneira: sempre que achava ter encontrado a solução, ela me escapava por entre os dedos e desaparecia.

Escrevi isto na época:

Comecei essa história duas vezes, e cheguei mais ou menos à metade em ambas, só para vê-la morrer na tela.

Sandman é, às vezes, um quadrinho de terror. Mas nada que escrevi até hoje jamais me deixou tão arrepiado quanto essa história, que devo acabar abandonando (o prazo de entrega já venceu há tempos). Provavelmente por

ela me afetar de modo tão íntimo. São as ideias, e a habilidade de botá-las no papel e transformá-las em histórias, que fazem de mim um escritor. Isso significa que não tenho que acordar cedo, sentar em um trem com pessoas que não conheço e ir para um emprego que desprezo.

Minha ideia de inferno é uma folha de papel em branco. Ou uma tela em branco. E eu olhando fixamente para ela, incapaz de pensar em nada digno para escrever, um personagem verossímil ou uma história que não tenha sido contada antes.

Olhar para uma folha de papel em branco.

Para sempre.

Mas consegui sair dessa escrevendo. Fiquei desesperado (essa é outra das respostas verdadeiras e diretas que dou para quem pergunta onde arranjo minhas ideias: “Desespero.” Ele está no topo da lista, ao lado de “Tédio” e “Prazos”. E todas essas respostas são verdadeiras). Tomei meu próprio terror, e a ideia central, e criei uma história chamada *Calíope*, que explica, acho que de modo bem definitivo, de onde os escritores tiram suas ideias. Está em um livro chamado *Terra dos Sonhos*. Você pode lê-la, se quiser. E, enquanto escrevia essa história, parei de ter medo de as ideias desaparecerem.

De onde eu tiro minhas ideias?

Eu as invento.

Na minha cabeça.

AGRADECIMENTOS

PARA COMEÇAR, UM enorme buquê de flores para Nalo Hopkinson, que teve um cuidado especial com os diálogos caribenhos e não só me mostrou o que eu precisava alterar como também sugeriu maneiras de consertá-los. E mais outro para Lenworth Henry, que estava presente no dia em que inventei esta história, e cuja voz eu ouvia lá no fundinho da cabeça enquanto a escrevia (é por isso que adorei saber que ele iria narrar o audiolivro em inglês).

Como no meu último romance adulto, *Deuses americanos*, tive dois esconderijos para escrever *Os filhos de Anansi*. Comecei a escrevê-lo na casa de veraneio de Tori, na Irlanda, onde também o terminei. Ela é uma anfitriã muito simpática. Em determinado momento, quando os furacões permitiram, trabalhei na casa de praia de Jonathan e Jane, na Flórida. É uma boa coisa ter amigos com mais casas do que corpos, especialmente se eles gostam de partilhá-las. O restante eu escrevi na cafeteria perto de casa, e bebi xícaras e mais xícaras de um chá horroroso em uma demonstração bem patética de esperança superando a experiência.

Roger Forsdick e Graeme Baker me ofereceram seu tempo para responder minhas dúvidas sobre polícia, fraudes e tratados de extradição. Roger também me mostrou as celas, me convidou para jantar e leu o manuscrito final. Sou muito grato aos dois.

Sharon Stiteler esteve sempre atenta e garantiu que as aves corretas entrassem no livro, além de responder todas as minhas perguntas avícolas. Pam Noles foi a primeira a ler qualquer linha desta história, e suas reações me estimularam a seguir adiante. Uma pequena multidão me emprestou seus olhos, mentes e opiniões, entre elas Olga Nunes, Colin Greenland, Giorgia Grilli, Anne Bobby, Peter Straub, John M. Ford, Anne Murphy, Paul Kinkaid, Bill Stiteler e Dan e Michael Johnson. Qualquer fato ou opinião incorretos são de minha responsabilidade, e somente minha.

Agradeço também a Ellie Wylie; a Thea Gilmore; às sras. de Lakeside; à srta. Holly Gaiman, que aparecia para ajudar sempre que achava que eu precisava de uma filha sensata por perto; aos Petes da Hill House Publishers; a Michael Morrison, Lisa Gallagher, Jack Womack, Julia Bannon e Dave McKean.

Jennifer Brehl, minha editora na Morrow, foi a pessoa que me convenceu que a história que contei para ela durante um almoço daria um bom romance. Na época, eu não tinha muita certeza sobre o que seria meu próximo livro, e ela ouviu pacientemente quando liguei para ela uma noite e li o primeiro terço do livro. Só por essas coisas ela já devia ser canonizada. Jane Morpeth, da Headline, é o tipo de editora que os escritores torcem para conseguir se forem bonzinhos e comerem todas as verduras. Merrilee Heifetz, da Writers House, e sua assistente, Ginger Clark, e, no Reino Unido, Dorie Simmonds, são minhas agentes literárias. Tenho sorte por tê-las ao meu lado, e tenho consciência disso.

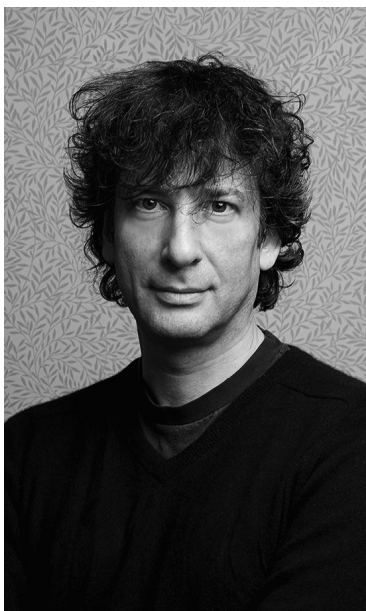
John Levin me mantém atualizado sobre o mundo do cinema. Minha assistente, Lorraine, me ajudou a continuar escrevendo e fez excelentes xícaras de chá.

Não acho que eu poderia ter escrito sobre Fat Charlie sem ter um ótimo e embaraçoso pai, além de ótimos e embaraçosos filhos. Um viva às famílias.

E um agradecimento final a algo que não existia quando escrevi *Deuses americanos*: aos leitores do site www.neilgaiman.com, que sempre estiveram presentes quando eu precisava de alguma informação e que, até onde sei, juntando todos ali, sabem tudo o que há para saber.

— Neil Gaiman,
junho de 2005

SOBRE O AUTOR



© Kimberly Butler

Neil Gaiman foi citado no *Dicionário de biografia literária* como um dos dez maiores escritores pós-modernos vivos, tem mais de vinte livros publicados para leitores de todas as idades e já foi agraciado com inúmeros prêmios literários, incluindo o Hugo, o Bram Stoker e a Newbery Medal. Começou a carreira como jornalista, mas logo seu talento para construir tramas e universos únicos foi levado para o mundo dos quadrinhos, com a aclamada série *Sandman*, e, depois, para a ficção adulta e a literatura infantojuvenil. Alguns de seus livros foram adaptados para o cinema e para a tevê.

Os três livros reunidos no box — *Deuses americanos*, *Lugar Nenhum* e *Os filhos de Anansi* —, algumas das obras mais icônicas do premiado autor, são um exemplo de sua escrita perspicaz e versátil, apresentada em edições especiais com textos exclusivos e capítulos expandidos. Pela Intrínseca, Gaiman publicou também *Coraline*, *Mitologia nórdica*, *Alerta de risco*, *O oceano no fim do caminho*, *Faça boa arte*, *A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras* e *João & Maria*.

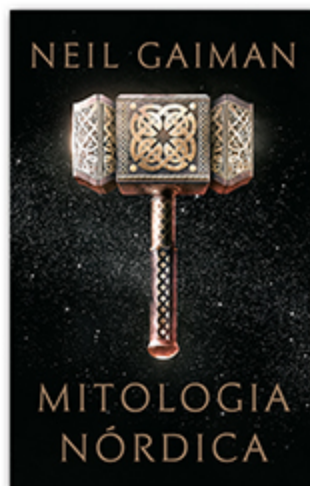
Junte-se aos mais de três milhões de seguidores de Neil Gaiman no Twitter ([@neilhimself](https://twitter.com/neilhimself)) e no Facebook ([Facebook.com/NeilGaiman](https://facebook.com/NeilGaiman)) ou

visite seu site: www.neilgaiman.com.

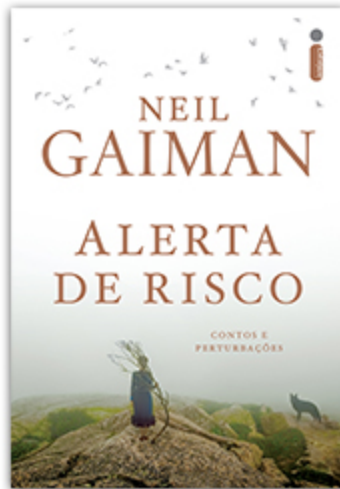
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Coraline



Mitologia nórdica



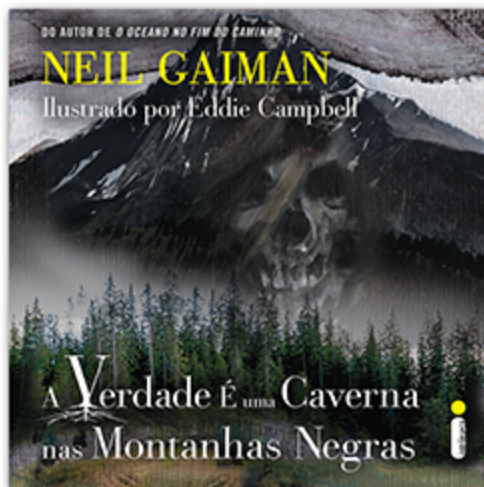
Alerta de risco



O oceano no fim do caminho



Faça boa arte



A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras



João & Maria

LEIA TAMBÉM



Serpentário
Felipe Castilho



Recursão
Blake Crouch



Mundo em caos
Patrick Ness